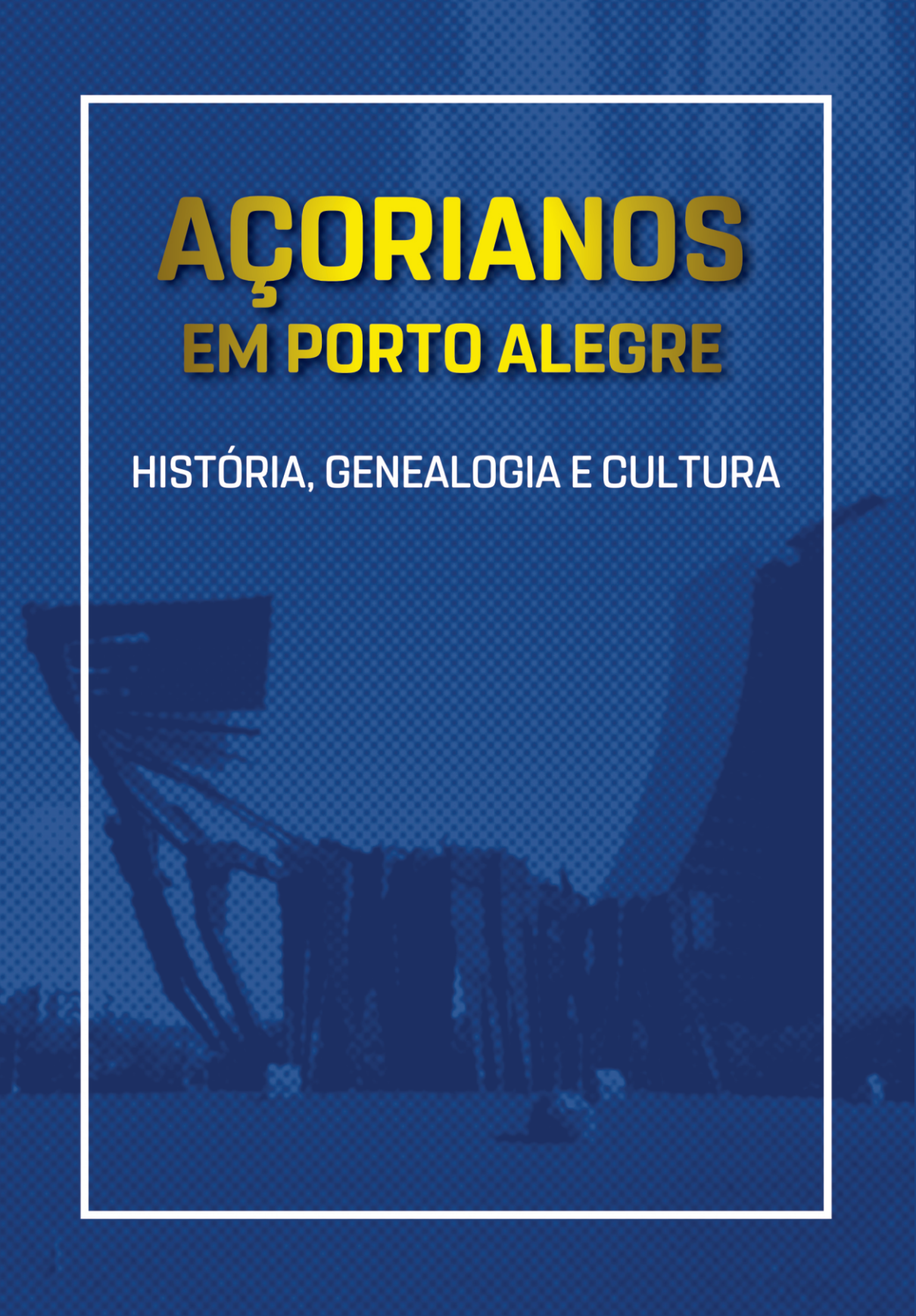
AÇORIANOS
EM PORTO ALEGRE

HISTÓRIA, GENEALOGIA E CULTURA



CASA DOS AÇORES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
E
CENTRO HISTÓRICO-CULTURAL SANTA CASA DE PORTO ALEGRE

CELEBRAM OS

600 ANOS DA DESCOBERTA DOS AÇORES
E
50 ANOS DA AUTONOMIA DOS AÇORES

600 anos descoberta dos Açores
1427 - 2027

50 ANOS 1976-2026
AUTONOMIA AÇORES

APOIO

GOVERNO DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES/PORTUGAL
SECRETARIA REGIONAL DE ASSUNTOS PARLAMENTARES E COMUNIDADES
DIREÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES

GOVERNO DOS AÇORES

CAERGS Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul

CHC CENTRO HISTÓRICO CULTURAL SANTA CASA PORTO ALEGRE

VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO
DIEGO DE LEÃO PUFAL
ERNANI RAUPP MANGANELLI
Organizadores

AÇORIANOS
EM PORTO ALEGRE
HISTÓRIA, GENEALOGIA E CULTURA

EDITORA Evangraf LTDA.

Porto Alegre, 2026

Copyright
dos autores

2ª edição: 2026

Direitos reservados desta edição
Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul

Créditos das imagens
dos autores

Revisão textual
dos autores e organizadores

Produção gráfica e Impressão
Evangraf

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

A185

Açorianos em Porto Alegre: história, genealogia e cultura / Organização de Véra Lucia Maciel Barroso, Diego de Leão Pufal, Ernani Raupp Manganelli; Prefácio de Paulo Estêvão. – 2. ed. – Porto Alegre: Evangraf, 2026.

632 p., il., fotos.; 16 X 23 cm

ISBN 978-65-5699-515-1

1. Açorianos - Porto Alegre/RS - História. 2. Açorianos - Genealogia - Rio Grande do Sul. 3. Açorianos - Cultura - Rio Grande do Sul. 4. Imigração açoriana - Rio Grande do Sul. I. Barroso, Véra Lucia Maciel (Organizadora). II. Pufal, Diego de Leão (Organizador). III. Manganelli, Ernani Raupp (Organizador). IV. Estêvão, Paulo (Prefácio). V. Título.

CDD 981.65

Índice para catálogo sistemático
I. Açorianos - Porto Alegre/RS - História

SUMÁRIO

Preâmbulo
Paulo Estevão 7

Testemunho
José Andrade 13

Apresentação da 1ª edição
Véra Lucia Maciel Barroso, Diego de Leão Pufal, Ernani Raupp Manganelli e Gilson Justino da Rosa (In memoriam) 15

Apresentação da 2ª edição
Véra Lucia Maciel Barroso, Diego de Leão Pufal e Ernani Raupp Manganelli 23

I PARTE – A HISTORIOGRAFIA AÇORIANA ACERCA DA DIÁSPORA PARA O EXTREMO-SUL DO BRASIL: O ESTADO DA ARTE

Açorianos no Brasil do sul de setecentos: os números, as causas, as características e os destinos
Avelino de Freitas de Meneses 27

II PARTE – A HISTORIOGRAFIA SUL-RIO-GRANDENSE DA DIÁSPORA AÇORIANA PARA O EXTREMO-SUL DO BRASIL "REVISITADA": O CONTEXTO DO TEMPO DA CHEGADA (SÉCULO XVIII)

O Rio Grande do Sul nos séculos XVII e XVIII: um cenário de desafios para os açorianos
Paulo Estivalet Flores Pinto 57

O Rio Grande do Sul entre 1777 e 1801: os açorianos - entre acomodação e revezes
Luiz Carlos Tau Golin 73

Gentes das ilhas em Porto Alegre colonial: presença, inserção e trajetórias familiares (1772-1822)
Ana Silvia Volpi Scott 127

A presença dos açorianos e seus descendentes na construção de Porto Alegre
Luiz Fernando Rhoden 147

"De uma das [ilhas] dos Açores": diásporas transatlânticas e as vicissitudes biográficas de dois açorianos escravistas (Porto Alegre, RS, século XIX)
Paulo Roberto Staudt Moreira 165

Açorianos nos *Autos de Habilitação Matrimonial*: apontamentos (1753-1763)
Vanessa Gomes de Campos 207

III PARTE – GENEALOGIA: AÇORIANOS EM PORTO ALEGRE E SUA MOVIMENTAÇÃO

Intróito ao "Intróito"
Jorge Forjaz 229

Famílias açorianas em Porto Alegre (1772-1822)
Diego de Leão Pufal, Ernani Raupp Manganelli e Gilson Justino da Rosa (In memoriam) 233

Um nobre açoriano e sua descendência no Rio Grande do Sul: o 1º Visconde de Castro
Miguel Antônio de Oliveira Duarte 555

IV PARTE – VISIBILIDADES CULTURAIS AÇORIANAS EM PORTO ALEGRE

Os Impérios de Porto Alegre
Günter Weimer 579

Os açorianos em Porto Alegre: cultura material e imaterial
Luiz Fernando Rhoden 595

Legado cultural da culinária açoriana em Porto Alegre
Carla Marques Gomes 611

Açorianos ao sul: a criação de um imaginário
Luiz Antonio de Assis Brasil 619

A geração que ensinou os gaúchos a dançar o *pezinho*
Carlos Tomé 627

PREÂMBULO

O que é que significa, verdadeiramente, uma obra como esta? Significa conhecimento. Significa memória. Significa resgate. Mas também significa justiça. Justiça histórica.

Porque é disso que estamos a falar. Estamos a falar de fazer justiça a milhares de açorianos que atravessaram o Atlântico, deixaram para trás as suas ilhas, as suas famílias, os seus campos e tudo aquilo que conheciam. Partiram para construir uma nova vida num território distante, muitas vezes desconhecido, em condições extremamente difíceis. Homens e mulheres que ajudaram a construir o Brasil meridional, que povoaram territórios, trabalharam a terra, defenderam fronteiras, criaram famílias e deixaram uma marca profunda na História do Rio Grande do Sul.

Durante demasiado tempo, uma parte importante dessa História permaneceu dispersa, esquecida ou reduzida a algumas ideias feitas, repetidas de geração em geração, como se o decorrer dos séculos e os milhares de quilómetros que separam os Açores do Rio Grande do Sul tivessem apagado aquilo que esses açorianos fizeram.

A verdade é que não apagaram. A presença açoriana continua na terra, nas famílias, nos apelidos, nas tradições, na religiosidade, no culto do Divino Espírito Santo, nas formas de povoamento, na cultura material e imaterial e, sobretudo, na consciência dos descendentes. Muitos nunca estiveram nos Açores. Muitos nunca viram as ilhas de onde partiram os seus antepassados. Mas sabem que uma parte essencial daquilo que são começou no arquipélago dos Açores.

Este livro demonstra-o. Demonstra-o através dos documentos, da investigação, das genealogias, dos números, dos nomes e dos percursos familiares. E isto é muito importante.

Açorianos em Porto Alegre: História, Genealogia e Cultura nasceu no contexto da comemoração dos 270 anos do povoamento açoriano do Rio Grande do Sul e dos 250 anos de Porto Alegre. É uma obra que permanece para além da efeméride que lhe deu origem. É um livro que reúne conhecimento, que organiza informação, que recupera memórias e que combate, com a força dos factos e da investigação, algumas ideias que durante demasiado tempo empobreceram a compreensão da presença açoriana no Sul do Brasil.

O seu propósito é estudar a presença dos açorianos em Porto Alegre através da História, da Genealogia e da Cultura. E a sua estrutura permite-nos compreender a dimensão e a complexidade desse processo.

A primeira parte oferece-nos o enquadramento indispensável. Avelino de Freitas de Meneses analisa os números, as causas, as características e os destinos da diáspora açoriana para o Brasil meridional. Os açorianos não partiram apenas porque as ilhas eram pobres, porque faltavam terras ou porque as crises de subsistência tornavam a vida muito difícil nos Açores. Tudo isso é verdade. Mas não explica tudo.

Os açorianos partiram também porque a Coroa portuguesa precisava deles. Precisava de famílias que povoassem, que cultivassem, que produzissem e que defendessem territórios disputados. Estamos a falar de uma política de povoamento, mas também de uma política de defesa e de afirmação territorial do Império Português no Sul do Brasil. Os colonos eram agricultores. Mas eram também soldados. Povoavam o território e, ao povoá-lo, garantiam a soberania portuguesa.

A segunda parte coloca esses homens e essas mulheres no mundo concreto que encontraram. E que mundo era esse? Era um território de fronteira, marcado pela rivalidade entre os impérios português e espanhol, pelas guerras, pelos tratados, pelas invasões, pelos recuos e pelos avanços. Era um território já habitado por povos indígenas. Era também uma sociedade colonial assente na escravatura e profundamente marcada pelas desigualdades do seu tempo.

O percurso açoriano não foi simples. Não foi linear. Não foi tranquilo. Houve promessas incumpridas, deslocações forçadas, famílias separadas, longas esperas pela terra prometida, abandono por parte das autoridades, guerras, invasões, pobreza e sofrimento. Mas houve também adaptação, resistência, mobilidade, trabalho, integração e capacidade para construir uma nova vida.

Este é um dos grandes méritos desta obra. Não constrói uma narrativa artificialmente gloriosa. Não transforma todos os açorianos em heróis perfeitos, porque os homens e as mulheres reais nunca o são. Mostram-nos que esses açorianos foram agricultores, militares, pequenos proprietários, vítimas do abandono das autoridades coloniais, homens e mulheres que sofreram, que trabalharam, que combateram, que se deslocaram, que tiveram filhos e que ajudaram a construir uma sociedade nova.

A terceira parte, dedicada à Genealogia, é verdadeiramente monumental. Durante décadas repetiu-se a ideia de que sessenta casais açorianos teriam fundado Porto Alegre. A investigação realizada pelos diversos estudiosos que colaboraram neste livro demonstra que a realidade foi muito mais ampla, muito mais complexa e, na verdade, muito mais importante.

Estamos a falar de 326 casais e/ou indivíduos açorianos de primeira geração ligados a Porto Alegre entre 1772 e 1822. Vieram das nove ilhas dos Açores. Não chegaram todos ao mesmo tempo. Não seguiram todos o mesmo caminho. Não permaneceram todos no mesmo lugar. Circularam por Santa Catarina, Rio

Grande, Viamão, Triunfo, Taquari, Rio Pardo, Gravataí e por outras localidades. Deslocaram-se em função das guerras, da distribuição das terras, do serviço militar, dos casamentos e das oportunidades que foram encontrando.

Os açorianos não fundaram, sozinhos, Porto Alegre. Já ali viviam outras populações, e a criação administrativa da cidade não resultou de um único ato fundador praticado por um grupo de colonos. Mas os açorianos povoaram Porto Alegre. Deram-lhe densidade humana. Trabalharam a terra. Construíram casas, edifícios e estruturas públicas. Participaram na vida religiosa e civil. Formaram famílias. E ajudaram a transformar o antigo Porto dos Casais na grande cidade que hoje conhecemos.

O livro não diminui a importância dos açorianos quando corrige o mito dos sessenta casais. Pelo contrário. Substitui uma fórmula pobre, repetida durante décadas, por uma realidade muito maior, mais rica, mais complexa e cientificamente sustentada.

E isto é muito importante. A investigação não destrói a memória. A investigação torna a memória mais verdadeira.

As genealogias revelam igualmente uma extraordinária mobilidade e uma vasta teia de parentesco que, ao fim de poucas gerações, se estendeu por todo o Rio Grande do Sul. Uma mesma família podia ter filhos nascidos em várias localidades, genros e noras provenientes de outros territórios e netos espalhados por diferentes pontos do Estado.

A importância deste trabalho reside, sobretudo, na recuperação de milhares de vidas comuns. Porque a História não é feita apenas por governadores, militares, presidentes ou grandes proprietários. É feita por homens e mulheres que trabalharam, que constituíram famílias, que transmitiram costumes e que, muitas vezes, não deixaram outro registo para além de um batismo, de um casamento, de um inventário ou de um apelido.

A quarta parte mostra-nos aquilo que permaneceu. O culto do Divino Espírito Santo, os Impérios, as irmandades, as construções, os moinhos e as azenhas, as práticas agrícolas, a culinária, a música, a dança e a memória.

A cultura açoriana não desapareceu. Misturou-se, adaptou-se e passou a integrar uma identidade gaúcha mais vasta. E a sua aparente invisibilidade não resulta da ausência. Resulta, em grande medida, do sucesso da sua integração. Os açorianos não formaram apenas uma comunidade colocada ao lado das outras. Participaram na construção da própria sociedade sul-rio-grandense.

Tive a oportunidade de estar, por três vezes, no Rio Grande do Sul. Conheço, por isso, esta realidade não apenas através dos livros, dos documentos ou dos trabalhos de investigação. Conheço-a também pelo contacto direto com as pessoas, com as instituições e com as comunidades.

E o que é que encontrei nessas três deslocações? Encontrei uma identidade fortíssima. Encontrei descendentes de açorianos que sabem de que ilha, de que concelho ou mesmo de que freguesia partiram os seus antepassados. Encontrei pessoas que nunca estiveram nos Açores, mas que continuam a olhar para o arquipélago como parte essencial daquilo que são. Encontrei famílias que investigam as suas origens, comunidades que preservam tradições e municípios cuja História está profundamente ligada à presença açoriana.

Não estamos perante uma memória artificial, construída apenas para uma celebração. Estamos perante uma identidade vivida. Uma identidade que atravessou o Atlântico, que resistiu ao tempo e que continua a ser transmitida de geração em geração.

Conheço igualmente o extraordinário trabalho realizado pela Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul e pelo Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre. É preciso reconhecer e celebrar esse trabalho imenso.

A Casa dos Açores não se limitou a organizar eventos ou a preservar uma memória afetiva. Investigou, reuniu, mobilizou, publicou, aproximou investigadores e descendentes, promoveu encontros e criou um verdadeiro movimento de resgate histórico. Conheço a energia, a vitalidade e o empenho dos seus dirigentes e colaboradores. Estamos perante uma instituição extremamente organizada, extremamente eficaz e profundamente dedicada à recuperação da História dos açorianos no Rio Grande do Sul.

A recente publicação de uma nova obra dedicada à História dos Açores demonstra que este trabalho não terminou. Pelo contrário. Continua, cresce e ganha novas dimensões. Estamos perante décadas de investigação, de mobilização e de recuperação de uma memória que poderia ter-se perdido, mas que não se perdeu porque houve pessoas e instituições que se recusaram a deixá-la desaparecer.

É igualmente justo reconhecer o trabalho dos organizadores Véra Lucia Maciel Barroso, Diego de Leão Pufal, Ernani Raupp Manganelli e Gilson Justino da Rosa (In Memoriam), bem como o contributo de todos os autores desta obra. Historiadores, genealogistas, arquitetos, investigadores e escritores uniram conhecimentos diferentes para construir um trabalho comum.

E é essa conjugação que dá força ao livro. A História explica os processos. A Genealogia devolve-nos os nomes, as famílias e os percursos. Os estudos sobre a arquitetura e a cultura identificam as marcas que permaneceram. E o conjunto permite-nos compreender a verdadeira dimensão da presença açoriana em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul.

Estamos perante um grande, grande trabalho coletivo. Esta obra adquire agora uma importância ainda maior. Estamos prestes a iniciar as comemorações dos seiscentos anos da Descoberta dos Açores. E o que é que vamos comemorar?

Vamos comemorar seis séculos de povoamento, de construção, de adaptação, de mobilidade e de presença açoriana no mundo. Vamos comemorar os que ficaram e os que partiram. Vamos comemorar as ilhas e a diáspora. Vamos comemorar uma identidade que foi capaz de ultrapassar o mar, a distância e o tempo.

Quando falamos da identidade açoriana, não podemos falar apenas dos habitantes que vivem hoje nas nove ilhas. Nós somos muito mais. Somos também os milhões de descendentes de açorianos que vivem no Brasil, nos Estados Unidos, no Canadá, nas Bermudas, no Uruguai, no Havai, no Alasca, nas Canárias, na Venezuela, na Argentina, em Cabo Verde, nas Caraíbas, na Austrália, em Portugal continental e em tantos outros lugares. A História dos Açores não cabe apenas nos Açores.

O Rio Grande do Sul ocupa um lugar central nessa História da presença açoriana no mundo. Aqui, a presença dos açorianos não foi episódica. Foi uma presença estruturadora. Está nas famílias, nos apelidos, nas tradições, no culto do Divino Espírito Santo, na cultura e na memória coletiva. Está na fundação e no povoamento de localidades. Está, sobretudo, na consciência daqueles que sabem que uma parte da sua História começou nas nossas ilhas.

Por isso, este livro deve ser lido, divulgado e estudado. Deve chegar às escolas, às universidades, às Casas dos Açores, às bibliotecas, às famílias e, sobretudo, aos descendentes daqueles que um dia atravessaram o Atlântico sem saberem exatamente o que os esperava.

É um livro sobre o passado, mas é também um livro sobre o futuro. Porque uma comunidade que conhece a sua História compreende melhor aquilo que é, valoriza mais aquilo que recebeu e está mais preparada para decidir aquilo que quer ser.

Há seiscentos anos, os Açores foram descobertos. Depois, os açorianos integraram as caravelas e naus portuguesas que uniram o mundo. Povoaram territórios, fundaram comunidades, defenderam fronteiras e ajudaram a construir novas sociedades.

O Rio Grande do Sul é uma das maiores expressões dessa História. Este livro prova-o. E, ao prová-lo, presta justiça aos que partiram, aos que ficaram e aos seus descendentes, que continuam a saber que uma parte essencial da sua História e dos seus traços identitários começou nos Açores.

Paulo Estêvão
Secretário Regional dos Assuntos Parlamentares e Comunidades
Governo dos Açores

TESTEMUNHO

Uma nota prévia de caráter pessoal para justificar a ousadia de aceitar com o coração o surpreendente e honroso convite para este testemunho, tão modesto quanto sentido, desta obra monumental da nossa história comum, além da inerente condição atual de Diretor Regional das Comunidades do Governo dos Açores.

Sempre tive pelo Brasil um fascínio inexplicável ou decorrente do sangue brasileiro que me corre nas veias açorianas, pois que a minha bisavó materna nasceu no Estado de Mato Grosso e emigrou para a ilha de São Miguel, em contramão, por força de um casamento transatlântico.

E desde há muito que me sinto afetivamente ligado em especial ao Brasil meridional, mercê da saga cativante do seu povoamento açoriano - primeiro em Santa Catarina, depois no Rio Grande do Sul - como comigo aconteceu volvidos 250 anos da mesma rota histórica e heróica dos nossos antepassados comuns.

Foi marcante a primeira visita à capital gaúcha, acompanhando o Presidente do Governo dos Açores em 1996, e foi gratificante a denominação de uma "Rua Cidade de Porto Alegre" na maior urbe açoriana, enquanto presidente da Comissão Municipal de Toponímia de Ponta Delgada, em 2003.

Mas a ligação inata fez-se vitalícia no ano evocativo de 2022, com o privilégio de acompanhar e testemunhar as comemorações entusiásticas dos 270 anos do povoamento açoriano do Rio Grande do Sul e dos 250 anos da progressiva fundação da capital gaúcha, também de influência açórica.

Do primitivo Porto dos Casais - afinal, bastante mais do que os lendários sessenta, como aqui se comprova - até à contemporânea Porto Alegre, estamos perante a maior cidade do mundo impulsionada por açorianos e esse orgulho é tão grande que não cabe nas nove ilhas.

Este feito pedia e merecia um livro assim – Açorianos em Porto Alegre: História, Genealogia e Cultura – que confere o devido enquadramento científico, e até o interesse acrescido de novas descobertas, às comemorações estaduais, regionais, municipais e associativas, e que as projeta muito para além de 31 de dezembro de 2022, com a perenidade da palavra escrita.

Agora que o livro digital passa também a livro impresso, graças ao Secretário Regional dos Assuntos Parlamentares e Comunidades, Paulo Estêvão, esta obra celebra igualmente os 50 anos da consagração constitucional da Autonomia dos Açores, em 2026, e os 600 anos da descoberta inicial do Arquipélago dos Açores, em 2027.

Ganha assim o estatuto concreto de livro convencional, no quadro alargado de celebrações bilaterais, e valoriza ainda mais os importantes conteúdos que dão futuro ao nosso passado.

Estão por isso de parabéns as dinâmicas entidades promotoras – a Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul e o Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre – bem como as prestigiadas personalidades organizadoras: Véra Lúcia Maciel Barroso, Diego de Leão Pufal, Ernani Raupp Manganelli e Gilson Justino da Rosa (In memoriam).

A estes se juntam outros autores de reconhecida valia, como o historiador Avelino de Freitas de Meneses, o genealogista Jorge Forjaz ou o escritor Luiz Antônio de Assis Brasil, congregando as três temáticas e as duas geografias numa obra que honra o passado com sentido de futuro.

De Santa Maria, São Miguel, Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico, Faial, Flores e Corvo para Viamão, Santo Antônio da Patrulha, Rio Pardo, Rio Grande, Triunfo ou Porto Alegre, a História reuniu e o Divino abençoou os povos-irmãos açoriano e gaúcho.

Que assim seja para sempre!

José Andrade
Diretor Regional das Comunidades
Governo dos Açores

APRESENTAÇÃO DA 1ª EDIÇÃO

1752 – 2022: 270 anos do povoamento açoriano no Rio Grande do Sul.

1772 – 2022: 250 anos da fundação de Porto Alegre.

Duas efemérides para celebrar!

Como perenizar esta celebração?

Através de uma obra que expresse conhecimento dos legados das trajetórias em comemoração.

Para tanto, a Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul e o Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre projetaram editar um livro, reunindo as temáticas das duas celebrações. Ou seja, focar os açorianos em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, através da história, genealogia e cultura.

O ano é propício e motivador, não só para celebrar, como também para "descobrir" o véu que encobre a real fisionomia formadora da sociedade porto-alegrense.

Por muito tempo foram ditas afirmações de que Porto Alegre não era açoriana, que os ilhéus não teriam nela permanecido, e que não há marcas identitárias que vislumbrem sua presença na constituição populacional do município. Por outro lado, os poucos trabalhos publicados, até recentemente, não contemplam com profundidade sobre a dimensão da presença insular na capital do Estado.

Reunindo as motivações, e o desafio posto, foi tomada a decisão de convidar autores brasileiros e açorianos para comporem este livro, ora em apresentação.

Três eixos conformam esta publicação, como já enunciado – história, genealogia e cultura –, com o firme propósito de demonstrar a forte presença açoriana em Porto Alegre.

Para a certificação desta tese, os textos estão reunidos em quatro partes.

A primeira parte contempla a historiografia açoriana sobre a diáspora dirigida ao extremo-sul do Brasil no século XVIII, tratando das levas, das motivações e dos destinos. O autor Avelino de Freitas Menezes, da Universidade dos Açores, apresenta um amplo panorama do enfoque, a partir de fontes documentais que embasam a movimentação articulada pela coroa portuguesa, na relação dos Açores com Santa Catarina e o Rio Grande do Sul. O texto contextualiza o estado da arte da temática, pano de fundo para a compreensão do recorte da análise dirigida aos açorianos em Porto Alegre.

Na segunda parte, seis autores – Paulo Estivalet Flores Pinto, Luiz Carlos Tau Golin, Ana Sílvia Volpi Scott, Luiz Fernando Rhoden, Paulo Roberto Staudt

Moreira e Vanessa Gomes de Campos – estão reunidos para revisitar a historiografia sul-rio-grandense com o intento de apresentar o cenário e as condições da recepção dos açorianos no Rio Grande do Sul, com destaque para Porto Alegre, nos 1700, revisando o conhecimento exposto até então. Sem dúvida, os autores inovam a historiografia sobre o tema, trazendo fontes que estavam adormecidas, apresentando informações elucidativas e fazendo análises pontuais para outra percepção que desnuda o esquecimento que por longo tempo pairou sobre o papel dos açorianos no Porto dos Casais.

Na sequência, a terceira parte está centrada na Genealogia. E aqui cabe destacar a sua relevância para a demonstração da tese em defesa, para o que se demora mais nesta apresentação. Chama-se a atenção que esta parte contempla dois trabalhos: o primeiro realizado pelos genealogistas Diego de Leão Pufal, Ernani Raupp Manganelli e Gilson Justino da Rosa; e o segundo pelo arquiteto e pesquisador Miguel Antônio de Oliveira Duarte. Inicialmente, apresentam-se considerações sobre o primeiro dos trabalhos.

Infelizmente, para muitos, a Genealogia, ainda é vista como um ramo da História – que busca, grosso modo, estabelecer a origem de um indivíduo ou de uma família. Contudo, a Genealogia cada vez mais está ganhando sua devida importância, justamente por não ficar limitada necessariamente a uma família, a um sobrenome, mas de forma literal recontando a história de um bairro, de uma cidade, de um estado, de um país, de imigrações e emigrações, sem olvidar de conversar com outras ciências, em uma verdadeira simbiose.

Nada mais propício e salutar que, em se tratando dos 250 anos de Porto Alegre, houvesse um aprofundado estudo genealógico desses casais açorianos, tidos fundadores da capital gaúcha. O resultado deste trabalho genealógico feito a seis mãos – por Diego de Leão Pufal, Ernani Raupp Manganelli e Gilson Justino da Rosa –, transcendeu o objetivo inicial; trouxe novos contornos para a história porto-alegrense e gaúcha; revelou a grande mobilidade durante todo o período estudado (1772-1822) dos açorianos e seus descendentes, entre as então capitanias, freguesias e vilas brasileiras; demonstrou que o povoamento de Porto Alegre – e não a fundação propriamente dita – não foi exclusivo dos açorianos, mas de muitos portugueses do continente, africanos e pessoas vindas de diversas capitanias (hoje estados); citou algumas personalidades entre esses pioneiros e seus descendentes, além de muitas outras conclusões que o próprio leitor pode extrair.

Eis que a presença do proeminente genealogista açoriano Jorge Forjaz, ao analisar e destacar o trabalho de Genealogia, aqui apresentado por Diego de Leão Pufal, Ernani Raupp Manganelli e Gilson Justino da Rosa, agiganta a im-

portância da pesquisa realizada por seus autores. Por sua larga experiência e conhecimento nesta ciência, sua palavra de reconhecimento dirigida a eles é um verdadeiro ato de fé à tese que comprovaram. Agora são quatro os genealogistas, que em abraço homenageiam os açorianos que fizeram Porto Alegre ser melhor.

Seguindo, algumas questões merecem destaque nesta exposição, a fim de aguçar a curiosidade e também demonstrar de plano alguns mitos que se perpetuaram na historiografia, agora trazidas à luz por estas *Famílias Açorianas em Porto Alegre: 1772-1822.*

Inicia-se pela "lenda" de que sessenta casais açorianos fundaram Porto Alegre, quando na realidade esse número era utilizado de maneira genérica pela coroa portuguesa como um algoritmo para assentar imigrantes em todas as localidades em que houvesse terras devolutas, isto é, terras públicas sem destinação.

O número de casais imigrantes de primeira geração (houve algumas pessoas solteiras), estabelecidos em Porto Alegre no período estudado (1772-1822) foi de 326 e não somente 60. Eles não fundaram a capital gaúcha, que na verdade nasceu por força política, sem a convocação da população para colher sua sugestão, como parece ser quando se utiliza equivocadamente o termo fundar. Em última análise, quando os açorianos chegaram a Porto Alegre, já existia uma diminuta população (com os sesmeiros Jeronimo de Ornellas, Sebastião Francisco Chaves, Dionísio Mendes, Sebastião F. Peixoto e Clemente Francisco Manoel – suas famílias, agregados e escravos), e eles povoaram a região, ao lado de migrantes vindos de Santa Catarina, Rio de Janeiro, São Paulo, além de outras províncias, sem esquecer de alguns espanhóis, uruguaios e portugueses da ilha da Madeira e do Continente, como também dos africanos e dos indígenas.

Foram encontrados na pesquisa açorianos vindos de todas as nove ilhas do Arquipélago dos Açores que se radicaram em Porto Alegre. Despontam imigrantes saídos das ilhas do Faial, Terceira e São Jorge, seguidos por aqueles vindos do Pico e São Miguel, e mais timidamente e correspondente com a extensão territorial, representados por pessoas vindas das ilhas de Santa Maria, Graciosa, Flores e Corvo. A tímida migração interna que houve entre as ilhas, durante séculos, foi compensada com o encontro de ilhéus, representados por todo o Arquipélago dos Açores, no Rio Grande do Sul, aqui com destaque para Porto Alegre.

Ao chegarem ao Brasil, como mencionado, a mobilidade desses açorianos foi considerável. Alguns de fato chegaram a Rio Grande e depois se destinaram a Porto Alegre, mas muitos desembarcaram no Desterro, hoje Florianópolis, no Rio de Janeiro, por exemplo, e depois migraram para Porto Alegre. Necessariamente não se transferiram de imediato ao Continente de Rio Grande de São Pedro – como era chamado o Rio Grande do Sul à época. Tiveram filhos e às vezes

até netos naquelas capitanias e foram aos poucos migrando de freguesia a freguesia, até chegarem a Porto Alegre. Foi uma construção paulatina, desenhada pela necessidade e muitas vezes imposta pelo contexto histórico.

No atual estado do Rio Grande do Sul, esses imigrantes estabeleceram-se nas freguesias então existentes, povoadas antes de 1772, como Viamão, Santo Antônio da Patrulha, Rio Pardo, Rio Grande, Triunfo e depois chegaram à capital gaúcha. Contudo, esta permanência nem sempre era definitiva. Voltavam a migrar para outras freguesias, alguns pela necessidade histórica que se impunha, quando não retornavam para Porto Alegre – se não os imigrantes, seus filhos, netos ou bisnetos. Essas idas e vindas refletem na trajetória familiar, comum a vários núcleos familiares, e no início do povoamento de muitos municípios gaúchos. Além disso, essas trajetórias caminham ao lado da própria história regional, algumas vezes justificada pela questão de defesa do território, outras por razões próprias dos imigrantes de buscarem melhores oportunidades.

Nada mais interessante ilustrar esses percursos com uma breve análise do trajeto de uma família aleatória citada no trabalho, graças aos registros genealógicos vitais (assentos de batismo, casamento e óbito). Passa-se a ele: Manuel Rodrigues Pimentel e Francisca Antônia, ambos nascidos na ilha Terceira, imigraram com seus pais e chegaram no Desterro (Florianópolis/SC) em fins da década de 1740. Ali se casaram na década de 1750, onde nasceu a filha Catarina, antes de 1759. Nos anos de 1759 e 1762 nasceram, em Rio Grande, respectivamente, Francisco e José, filhos do casal. Com a invasão espanhola dirigida a Rio Grande em 1763, a família se refugiou em Viamão, onde nasceu a quarta filha Antônia em 1765. Já no ano de 1773, a filha Francisca casou-se no Desterro, ano em que o seu pai faleceu em Porto Alegre; no ano seguinte, em 1774, já nascia em Porto Alegre uma filha de Francisca, neta de Manuel e Francisca. Em 1778, outra neta do casal nasceu em Rio Pardo e, em 1782 o filho Francisco casou-se em Taquari, voltando após para Porto Alegre, onde nasceu sua primeira filha em 1783. Entre 1780 e 1782, outros dois netos de Manuel e Francisca nasceram em Porto Alegre, seguidos por um neto nascido em Rio Pardo em 1787, e por outra nascida em 1788 em Porto Alegre. No mesmo ano de 1788, o filho José casou-se em Gravataí e, no seguinte, 1789, Manuel faleceu em Porto Alegre, quando a filha Catarina se mudou para Rio Pardo. Enquanto isso, o filho Francisco foi para Taquari, mas seus filhos acabaram voltando tempos depois para Porto Alegre. Essa breve análise demonstra que, em apenas três gerações, a família passou, no mínimo, por Florianópolis/SC, Rio Grande, Viamão, Gravataí, Porto Alegre, Taquari e Rio Pardo, localidades do Rio Grande do Sul.

Em consequência, o povoamento açoriano em Porto Alegre se estendeu

para além e refletiu também nos atuais municípios da região metropolitana e nos mais longínquos e fronteiriços. Se não alguns desses casais, seus filhos e/ou netos migraram para grande parte dos municípios gaúchos e, assim, formou-se uma grande teia genealógica, com relações de parentesco muitas vezes surpreendentes entre pessoas que nasceram em Porto Alegre e São Borja. A título de exemplo, tem-se o caso do parentesco ente os políticos gaúchos Luís Carlos Prestes, Arthur da Costa e Silva e João Belchior Marques Goulart (Jango), todos descendentes do casal açoriano João da Silveira Goulart e Josefa Jacinta da Silveira, que passou por Porto Alegre, radicando-se após na região de Rio Pardo.

No mesmo sentido, outros nomes de personalidades ou de pessoas folclóricas que se destacaram no cenário gaúcho e brasileiro podem ser extraídos das genealogias. Têm-se vários exemplos, dos quais ora destacam-se alguns: Joaquim Antônio de Barcelos, filho de açoriano, patriarca da conhecida família Chaves Barcelos; Antônio Paraíso Mariano, açoriano, um dos primeiros professores e atores de teatro de Porto Alegre; José Inácio Lourenço, açoriano, primeiro Imperador da Irmandade do Divino Espírito Santo e pertencente à Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre; Joaquim de Faria Corrêa, filho de açoriano e antepassado de diversas figuras ilustres: Dr. Alexandre Cassiano do Nascimento, advogado, magistrado, senador e ministro; Dr. Sylvio de Faria Corrêa, advogado, jornalista, poeta e teatrólogo; Manoel Joaquim de Faria Corrêa, coronel do Exército, médico, poeta, sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do RS e membro da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras; Otávio Augusto de Faria Corrêa, escritor e professor, sócio fundador do mesmo Instituto Histórico e da Academia de Letras. São lembrados, também: David Canabarro, que fez a Revolução Farroupilha e outras campanhas, neto de açorianos; José Joaquim de Campos Leão, o Qorpo-Santo, dramaturgo, poeta e jornalista, neto de açorianos; Érico Veríssimo, escritor; José Antônio Flores da Cunha, general, advogado, Interventor Federal no RS (Governador) e seu senador; Luís Carlos Prestes, político; Getúlio Dornelles Vargas, João Belchior Marques Goulart e Arthur da Costa e Silva, os três últimos Presidentes do Brasil; e Tomé Luís de Souza, padre, professor de latim e Vigário-Geral da Província do RS. Outros conhecidos nomes contemporâneos, descendentes de açorianos são citados no trabalho realizado para esta obra.

Essas genealogias revelam a gênese da póvoa porto-alegrense e demonstram o verdadeiro emaranhado entre as diversas famílias, o que refletiu em todo o Rio Grande do Sul, em virtude das constantes migrações e casamentos consanguíneos.

Em razão disso, lança-se o desafio, aos leitores, para fazer a sua genealogia.

Muito possivelmente, se você for descendente de portugueses, encontrará relação e subsídios nessas genealogias, descobrindo pormenores desses desbravadores e parentescos inesperados.

A genealogia de açorianos de primeira geração trazida aqui (não foram contemplados os das gerações seguintes), que soma 326 títulos, incluindo casais e pessoas solteiras, no período de 1772-1822, desfaz o mito do reduzido número de 60 casais povoadores de Porto Alegre. Portanto, doravante não se pode mais perpetuar uma afirmação insustentável. O número, agora, é bem superior àquele perpetuado na historiografia, superando em muito os "60 casais", que se ligam inicialmente à capital do Rio Grande do Sul.

Como dito, o segundo trabalho de genealogia, trazido por Miguel Duarte se mostra também muito interessante, ao tratar de um nobre açoriano com descendência no Rio Grande do Sul, da qual o próprio autor descende. Trata-se do 1º Visconde de Castro.

Por último, não menos importante, a quarta parte contempla visibilidades culturais açorianas em Porto Alegre. Desfilam manifestações que avivam a memória da cultura material e imaterial, destacando-se as festas do Divino e as construções erigidas sob o comando de mestre de obras açoriano apresentadas por Luiz Fernando Rhoden. Günter Weimer trata do Império situado ao lado da antiga Igreja da Matriz de Porto Alegre, suas mudanças construtivas até sua demolição, e a construção da atual edificação consagrada ao Divino Espírito Santo, localizada no bairro Bonfim. A culinária que evoca traços açorianos em Porto Alegre é registrada através de entrevistas feitas por Carla Marques Gomes com antigos proprietários e funcionários dos dois mais antigos restaurantes da cidade, situados no Mercado Público: o Gambrinus e o Naval. E para enfeixar, dois escritores, unindo as duas pontas separadas pelo oceano – Assis Brasil, de Porto Alegre/RS, e Carlos Tomé, de Ponta Delgada/São Miguel – escrevem para romper, de vez, o silêncio da presença açoriana "no Porto que foi e segue dos casais" que pairava no imaginário social, nas bandas de cá, e que do lado de lá foi tocado pela sensibilidade de um açoriano micaelense que traz no coração um amor enorme por esta cidade. Aos dois escritores se deve o empenho para nominar Porto Alegre, uma das ruas de Ponta Delgada. Ambos nutrem afeto e reconhecimento aos antepassados que atravessaram o mar para na terra prometida trabalhar, ajudando a se firmar como polo de desenvolvimento regional, tendo como alicerce a base açoriana no seu povoamento.

Que esta obra com as contribuições trazidas por seus autores promova justiça e reconhecimento aos mais de 6.000 açorianos que vieram no século XVIII, para o Rio Grande do Sul – agora não mais na "Terra dos esquecidos".

Registra-se, aqui, o pedido para disseminar o conhecimento que esta obra contempla, para que o papel dos açorianos na formação de Porto Alegre, e por extensão no Rio Grande do Sul, ganhe o respeito e o devido lugar na historiografia regional.

Aos autores, gratidão pelo esforço empreendido para em tempo hábil apresentarem suas contribuições, e assim enfeixar o ano de 2022 com chave de ouro, brindando as efemérides que demarcam as trajetórias de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

Finalmente, é preciso destacar que esta publicação vem à luz, pela sensibilidade e senso de justiça histórica do Diretor Regional das Comunidades do Governo da Região Autônoma dos Açores/Portugal – Dr. José Andrade –, para com o Rio Grande do Sul. Ao viabilizar esta obra – em ano tão significativo de celebrações que estreitam laços entre o Rio Grande do Sul e os Açores – registra-se gratidão, em nome da diretoria da Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul, por sua valorização ao trabalho que tem sido empreendido para reconhecer o papel que os açorianos desempenharam, sobretudo no século XVIII, em defesa do território do extremo sul brasileiro e de suas gentes.

Véra Lucia Maciel Barroso
Diego de Leão Pufal
Ernani Raupp Manganelli
Gilson Justino da Rosa *(In memoriam)*
Organizadores

APRESENTAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO

2026 - 50 anos da Autonomia dos Açores
2027 - 600 anos da Descoberta dos Açores

Duas efemérides para celebrar e motivar aproximações e entrelaçamentos, como também promover conhecimento, reconhecimento e sentido de pertença.

Este livro é a expressão materializada de registros das marcas do tempo, da memória, da história, da cultura, e de lugares interligados por elos familiares que a distância apartada pelo mar não rompeu seus vínculos identitários, ainda que transcorridos quase três séculos.

Esta publicação é um presente da Secretaria Regional dos Assuntos Parlamentares e Comunidades do Governo dos Açores, Portugal, fruto da sensibilidade histórica do seu dedicado Secretário Dr. Paulo Estevão, que vem dando mostras da significativa importância das comunidades açorianas criadas no mundo, a partir de diásporas irradiadas das suas nove ilhas que conformam o arquipélago, descoberto há seis séculos.

E uma delas, aqui em especial, é a nossa Porto Alegre "dos Casais", que se alia às comemorações da Autonomia e da Descoberta, brindando os Açores, através da produção do conhecimento, como ação afirmativa da sua larga identidade açoriana que balizou o alicerce da sua formação sócio-histórica.

Em 2022, quando das celebrações dos 250 anos da fundação de Porto Alegre/RS (Brasil) e dos 270 anos do povoamento açoriano no Rio Grande do Sul, esta obra na modalidade e-book foi publicada, a partir da parceria da Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul (CAERGS) com a equipe do Arquivo do Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre (CHC). Naquele ano, sua concretização também foi possível graças ao apoio do Governo da Região Autônoma dos Açores, por meio da Direção Regional das Comunidades, que prontamente acolheu a iniciativa, liderada por seu devotado Diretor, Dr. José Andrade.

A repercussão que o livro teve revela sua potencialidade, quer nos âmbitos da História, da Genealogia e da Cultura, dirigidas a Porto Alegre, capital do estado, situado na extremadura meridional do Brasil.

Na apresentação da 1ª edição, foram destacadas as partes da obra, seus temas e seus autores, que formatam singularidades que reorientam a historiografia açoriana dirigida a Porto Alegre. Sobretudo, pelos resultados da acurada pesquisa que os genealogistas Diego de Leão Pufal, Ernani Raupp Manganelli e Gilson Justino da Rosa apresentaram. Dos 60 casais que deveriam constituir cada povoação a ser criada no Rio Grande do Sul, conforme orientação régia, para

Porto Alegre, ainda que a pesquisa deva ser ampliada, seu número foi deveras aumentado, pois foram encontrados 326 núcleos familiares, compreendo casais e pessoas solteiras nos primeiros 50 anos da fundação de Porto Alegre (1772-1822). Tal número, surpreendente para muitos, comprova o que nos Açores se afirma: Porto Alegre é a cidade mais açoriana do mundo na sua formação.

Eis a relevância deste livro, que ora vem à luz, na sua 2ª edição, no suporte papel - um brinde pelos 50 anos da Autonomia dos Açores e os 600 anos da sua descoberta -, com saudação comemorativa aqui na cidade Porto Alegre, quando do seu lançamento na 72ª Feira do Livro da capital gaúcha, no mês de novembro do ano em curso.

Para esta publicação os autores e organizadores fizeram a revisão dos seus textos, para ofertarem aos seus leitores os resultados das suas pesquisas e escritas com maior precisão, inclusive trazendo mais informações.

A concretização do sonho - a publicação deste livro físico - ora está materializado!

Gratidão é a expressão maior da Diretoria da Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul e da equipe do Arquivo do Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Porto Alegre ao Secretário Dr. Paulo Estevão, como ao Dr. José Andrade, pelo cuidado generoso para com o estado do Rio Grande do Sul, especialmente com o "Porto dos Casais".

Bem haja!

Véra Lucia Maciel Barroso
Diego de Leão Pufal
Ernani Raupp Manganelli
Organizadores

I PARTE

A HISTORIOGRAFIA AÇORIANA ACERCA DA DIÁSPORA PARA O EXTREMO-SUL DO BRASIL: O ESTADO DA ARTE

AÇORIANOS NO BRASIL DO SUL DE SETECENTOS: OS NÚMEROS, AS CAUSAS, AS CARACTERÍSTICAS E OS DESTINOS

Avelino de Freitas de Meneses[1]

1 GENERALIDADES

1.1 O GIRO DAS GENTES

Na dimensão social, e no respeitante à mobilidade das gentes, a história dos Açores divide-se muito simplesmente em dois períodos.

Um período inicial e curto, que abrange o século XV, porventura também uma parte substancial do século XVI, sobretudo nas ilhas do grupo ocidental, equivalente à época do povoamento, caracterizada pelo ingresso de população, principalmente reinóis, alguns madeirenses, diversos estrangeiros e ainda membros de certas minorias, por exemplo, mouriscos, judeus, escravos e degredados.

Um período final e longo, que decorre de meados do século XVI até à atualidade, caracterizado pela saída de habitantes. Alguns retornam ao Reino, ora movidos por projetos de colonização interna, caso do intento de adequada ocupação do Alentejo da 2ª metade do século XVIII, ao tempo da administração do intendente Pina Manique, ora seduzidos pelo bulício comercial e pela concentração administrativa das grandes cidades, particularmente Lisboa. Porém, a maioria dos indivíduos e das famílias prefere a transferência para o Ultramar. Primeiro, acedem às principais frentes da expansão portuguesa, no Norte de África, na Índia e no Novo Mundo. Depois, na decorrência das revoluções ocidentais e atlânticas do último quartel do século XVIII e da 1ª metade do século XIX, donde brota o movimento das nacionalidades, que origina o desmoronamento dos impérios europeus, afluem ao Brasil, aos Estados Unidos e ao Canadá, isto é, aos novos e prósperos países americanos.

1 Professor Catedrático de História Moderna e Contemporânea. Universidade dos Açores, CHAM e FCSH. Ponta Delgada/São Miguel-Açores/Portugal.

Vejamos alguns exemplos! Ainda na 1ª metade do século XVI, as praças de Marrocos e as feitorias do Oriente atraem muitos açorianos. Na generalidade, são agentes da religião, da guerra e da administração, no cumprimento de missões oficiais, ou então degredados, no cumprimento de penas judiciais. Na generalidade, é uma população masculina que não elege a fixação por objetivo capital (RODRIGUES, 1993, p. 160-161). A partir de meados do século XVI, a revelação de potencialidades económicas, a perturbação do comércio da Índia e a ameaça dos estrangeiros acrescem o interesse pelo Brasil, que a prazo se converte na principal colónia de Portugal, quiçá da própria Europa, no Ultramar. A ocupação brasileira suscita o ingresso de muitos portugueses, sobretudo metropolitanos, mas também insulanos. No Reino, a transferência de gente para a América do Sul gera repercussões demográficas consideráveis. Por isso, de 1527 a 1766, isto é, em cerca de 250 anos, o País não logra a duplicação dos seus habitantes (GODINHO, 1978, p. 8-9). Nas ilhas, a ocupação do Brasil motiva a alteração do caráter e do volume da emigração/colonização açoriana. Em vez da debandada dos agentes mais singulares do passado, que promovem o governo, a defesa e a evangelização, assistimos, a partir de agora, e para todo o sempre, à saída de famílias de populares, que trocam a dura penúria insular pela utopia da prosperidade brasileira, quando precisamente ecoa a fama das frotas, primeiro, do açúcar, depois, do ouro, que sustentam a independência e o prestígio de Portugal.

1.2 EMIGRAÇÃO *VERSUS* COLONIZAÇÃO

O êxodo da população, vulgo emigração, é uma característica estrutural da sociedade portuguesa e, por consequência, açoriana. Porém, na análise da diáspora lusitana, Joel Serrão distingue entre colonização e emigração, considerando a riqueza do Brasil do começo do século XVIII como fator de separação (SERRÃO, 1977, p. 105-107). O colonizador cumpre desígnios monárquicos, que normalmente não implicam o atropelo da própria vontade. O emigrante persegue objetivos exclusivamente pessoais, por vezes, até antagónicos das políticas oficiais. Assim, o povoamento das ilhas do Atlântico nos séculos XV e XVI e o alargamento do domínio brasileiro no século XVII respeitam a processos de colonização, que amparam a construção do império, sob apertado controlo da coroa. Pelo contrário, a transcendência do Brasil no mundo português, que decorre da descoberta do ouro, suscita a ação individual, que supera as estratégias do rei, ditando a emergência da emigração moderna.

Esta distinção entre colonização e emigração adquire plena propriedade na teoria. Todavia, levanta dificuldades de delimitação na prática, que obrigam à observação de muitas exceções. Ainda antes da expansão brasileira de setecen-

tos, os colonos portugueses já transportam para o Além-Mar uma expetativa de fortuna que talvez exceda a consciência do cumprimento de um arbítrio superior. Do mesmo modo, durante o século XVIII, também identificamos o transporte de gentes para o Ultramar em condições muito próximas dos processos de colonização. A comprová-lo, entre 1747 e 1756, citemos o exemplo dos casais açorianos e madeirenses, que rumam ao Brasil do Sul para defesa e alargamento da jurisdição de Portugal contra um idêntico estratagema de Espanha.

2 A OCUPAÇÃO DO BRASIL

No império colonial português, a construção do Brasil enfrenta as dificuldades da arroteia, a resistência dos indígenas e a cobiça dos estrangeiros. Além disso, na falta de potencialidades do Reino, a ocupação do Brasil exige um esforço de colonização, que supera os encargos do povoamento das ilhas do Atlântico, do domínio da costa de África e da organização do Estado da Índia e que ultrapassa em muito o esforço das demais potências coloniais europeias, por exemplo, a vizinha Espanha.

No Brasil, há motivações económicas e políticas que suscitam o ingresso das gentes. Entre as causas económicas, avultam a prosperidade da agricultura, designadamente as produções de açúcar e de tabaco, o incremento da mineração, sobretudo do ouro e dos diamantes, e a correspondência com as possessões espanholas. Entre as causas políticas, ressalta a necessidade da defesa, da fixação e do alargamento das fronteiras do Norte e do Sul, também do interior, contra os concorrentes europeus, os holandeses, os franceses, acima de tudo, os espanhóis.

2.1 A PRIORIDADE DO BRASIL DO SUL DE SETECENTOS

No século XVIII, no Brasil, a coroa define por prioridade o alargamento para sul da jurisdição portuguesa. De concreto, o rio da Prata constitui, na ótica de Lisboa, o limite mais natural. Este entendimento já motivara mesmo a fundação da Colónia do Sacramento em 1680, gerando de pronto a firme repulsa dos vizinhos espanhóis (CORTESÃO, 1954; ALMEIDA, 1957; 1973). Assim, a fixação de colonos, abaixo do Rio de Janeiro até à vista de Buenos Aires, constitui a melhor das estratégias. Nos Açores, particularmente no grupo central, a constância das crises de subsistência e a eventualidade das calamidades sísmicas e vulcânicas convertem os moradores em candidatos à travessia atlântica. A dificuldade reside, entretanto, no embaraço dos transportes e das comunicações, que a prazo obrigará a monarquia à organização de um sistema de comboio entre as ilhas e as costas meridionais brasileiras. No entanto, a ânsia do aproveitamento da predisposição viajante das gentes conduz de imediato ao estabelecimento de

correspondência entre a outorga de privilégios comerciais nas carreiras sul-americanas e a obrigatoriedade da condução anual de um certo número de casais.[2]

2.1.1 Do Pico à Colónia do Sacramento na década de 1720

Em 1709, sob o estafado pretexto do sobrepovoamento, o emissário régio António Couto Castelo Branco aconselha o transporte de casais do Pico para o ermo Brasil.[3] Cerca de uma década depois, em 1718, os próprios picoenses suplicam a transferência para a América Meridional, forçados pelo alastramento da miséria, uma consequência das erupções vulcânicas na montanha, vertidas em escorrências de lava, que devastam os campos de cultivo das Bandeiras e de Santa Luzia, a norte, e de S. João, a sul.[4] Na sequência do clamor popular, os poderes públicos, concretamente a câmara das Lajes, remetem um emissário à corte, João Machado Goulart, que solicita a realização do transporte a expensas da fazenda real e a concessão de privilégios no destino, a saber, a distribuição de terras e a cedência de alfaias e sementes. Sob o compromisso da prévia elaboração de um minucioso alistamento dos voluntários, o monarca suplanta as expetativas camarárias, acrescendo ao rol das regalias a garantia da alimentação dos novos colonos por um período de seis meses e a disponibilização de meios de defesa.[5] No entanto, a aquiescência régia implicava uma contrapartida, relativa à fixação das gentes, bem longe dos procurados centros da mineração, obrigatoriamente nos territórios sulistas alvo de pendência entre Portugal e Espanha, à cabeça a Colónia do Sacramento, também todo o litoral entre o Rio de Janeiro e o estuário do Prata, com destaque para a ilha de Santa Catarina e o Rio Grande de São Pedro. Reconhecidos pelo amparo da realeza, os poderes públicos, que de antemão aceitaram a imposição dos destinos, depois capricharem na publicidade das excelências das terras prometidas, mais adequadas à vivência dos açorianos, considerando o tempero do clima, muito análogo à ambiência dos Açores e do Reino.[6]

2 Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro (B.P.A.R.L.S.R.) / (Angra do Heroísmo), *Capitania Geral*, Livro de Registo Geral da Provedoria da Fazenda de Angra (1700-74), fls. 249v-250.v, alvará de concessão ao contrato do tabaco do privilégio de envio anual de um barco de comércio ao Brasil, Lisboa, 27 de junho de 1744.

3 "Carta a El Rey Nosso Senhor em que lhe faz relação António Couto das seis ilhas baixas e da Terceira, anno de 1709", *in Arquivo dos Açores*, XII, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1983, p. 470.

4 "Vulcanismo nos Açores. XX. Anno de 1718. Erupção na Ilha do Pico", *in Arquivo dos Açores*, III, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1981, pp. 497-506.

5 Arquivo Histórico Ultramarino (A.H.U.), *Açores*, cx.2, nº 33, carta do corregedor ao rei, Angra, 6 de agosto de 1720; nº 40, consulta do Conselho Ultramarino sobre transporte de picoenses para o Brasil, s/l, s/d, (anterior a agosto de 1723).

6 Uma consulta do Conselho Ultramarino alude a uma sugestão do próprio João Machado Goulart para a remessa dos colonos açorianos "[...] para as terras da Nova Collonia do Sacramento, e as mais adjacentes a ella que correm desde a boca do Rio da Prata athe o Rio de Janeiro por serem as lavouras das ditas terras em munta parte mais semelhantes às que se praticão na cultura da Europa [...]" (Cf. A.H.U., Açores, cx.2, nº 40, já cit.).

Sob a superintendência do corregedor, o alistamento ocorre no Pico com a cooperação dos poderes locais, tanto dos agentes camarários como dos graduados das ordenanças, jamais dispensando o empenhamento da hierarquia eclesiástica, muito melhor disseminada por todos os espaços, dos mais centrais aos mais recônditos. Após a conclusão da diligência, no verão de 1720, o emissário João Machado Goulart procede à entrega das pautas na corte, com o registo da matrícula de mais de 1700 pessoas, correspondentes a cerca de 300 casais.[7] Porém, na sucessão do tempo, os rumores do esmorecimento popular e o risco de um dispêndio infrutífero movem a realeza à refletida repetição do arrolamento, considerando também as inconformidades das listas de voluntários, amiúde desprovidas das assinaturas de mais de metade dos pretendentes.[8] Supostamente com maior critério e maior vigilância, a nova operação de assentamento de candidatos à deriva brasileira decorre em novembro de 1722, resultando num mais circunstanciado rol entregue em Lisboa em fevereiro de 1723, a mando do provedor da Fazenda Real, e por intermédio do passageiro Pedro Miranda, procedente da cidade de Angra. Averiguados os números, sobressai a redução drástica e expetável dos arrolados, agora cingidos à diminuta cifra de 315 indivíduos, incapaz de por si só garantir um sustentável processo de transporte, porque ainda sujeita a maior contração do bando, tanto por influência do arrependimento na hora do embarque como por ação da mortandade no decurso da viagem (MENESES, 1999, p. 259-261).[9]

Inconformado com a inconstância do alistamento e com a descrença da coroa, o emissário picoense João Machado Goulart identifica culpas e culpados. À cabeça, e por referência às erupções vulcânicas de 1718, lamenta a dilação do transporte, que propicia a circulação das piores referências sobre as terras brasileiras de promissão, gerando por entre as gentes o desânimo, a debandada, inclusivamente a eventualidade da morte, por agravamento da indigência (MENESES, 1999, p. 260-261). Mesmo assim, ainda em 1723, anota o improvável alistamento de 1900 voluntários, que depois superariam o montante dos dois milhares, acrescidos da sua própria família e de muitos outros pretendentes, persuadidos pela requerida realização das primeiras viagens.[10] Na posse de

7 A.H.U., *Açores*, cx. 2, nºs 33 e 40, já cits.

8 A.H.U., *Açores*, cx. 2, nº 37, carta do provedor da Fazenda Real ao capitão-mor do Faial, Angra, 11 de novembro de 1722.

9 Em ilhas circunvizinhas, por exemplo, em S. Jorge e na Terceira, também identificamos a verve migratória, justamente com os mesmos cambiantes. De início, na análise demográfica, a proclamação de um terço de excedentários, depois, no cômputo das saídas, tudo vertido em curtos alistamentos, que geram propostas de embarque coercivo de presos e marginais (Cf. A.H.U., *Açores*, cx. 2, nº 33 já cit.; nº 34, alistamento de colonos para o Sacramento, Topo, 22 de agosto de 1722; nº, 35, carta da Câmara de Angra ao rei, Angra, 22 de agosto de 1722).

10 A.H.U., *Açores*, cx. 2, nº 40, já cit.

informação mais segura, após uma fundada desconfiança, o rei decide a desistência do projeto, por inviabilidade financeira da travessia, fruto da dificuldade da contração em Lisboa de um empréstimo a juro inferior aos 6%, mesmo que assegurado pelos carregamentos das rotas do Brasil.[11] Nestas circunstâncias, no crepúsculo de 1723, o anúncio da reapreciação de todo o processo possui o caráter de um autêntico dobre de finados.[12]

No termo da década de 1720, ganha novo alento a possibilidade de deslocação de insulanos, do Pico e do Faial, para paragens brasileiras do sul. Em 1728, uma tal conveniência fora alvitrada em Lisboa, junto de círculos da corte, pelo pároco da circunscrição catarinense de Nossa Senhora do Desterro, que evidencia o interesse colonial (CABRAL, 1950, p. 511). Em 1729, uma violenta crise sísmica no Faial-Pico, ao deixar por terra parte do edificado e muitas vítimas, constitui a razão bastante, que desperta a vontade açoriana (MENESES, 1999, p. 262-263). Uma vez mais, a câmara picoense das Lajes solicita a retirada de moradores, à razão de 500 de cada uma das ilhas, considerando o dilema do sobrepovoamento, quiçá uma decorrência do agravamento da miséria, motivado pela calamidade dos sismos.[13] Uma vez mais, a coroa demonstra concordância, caso o transporte das famílias possuísse por destino o Rio Grande de São Pedro ou Santa Catarina.[14] Todavia, na falta de mais informação, admitimos a dilação ou o fracasso do empreendimento.

Mesmo que de todo gorado, o projeto da década de 1720 de transferência de gente das ilhas do grupo central dos Açores para o sul do Brasil constitui um ensaio das levas bem-sucedidas de meados de setecentos. Mas, de ambas as vezes, a síndrome do sobrepovoamento jamais possui correspondência numa infinidade de partidas, porque resultante da flutuação das subsistências, muito dependente dos caprichos da natureza. Mas, de ambas as vezes, se admite a troca do voluntariado pelo constrangimento no processo de recrutamento de novos migrantes, um artifício útil na ótica açoriana, duvidoso na perspetiva brasileira. De resto, apesar da ignorância dos povos, a preponderância da geopolítica sobre a economia na definição dos destinos gera óbvias resistências, pois a circulação das informações, mesmo que escassa, reduz os entusiasmos.

Apesar de tudo, nos anos vinte de setecentos, alguns açorianos acedem a paragens sulistas, em prenúncio da maior afluência, que sucede a partir de meados

11 A.H.U., *Açores*, cx. 2, nº 41, consulta do Conselho Ultramarino sobre a contração de empréstimo para custear o transporte de colonos dos Açores para o Brasil, Lisboa, 20 de outubro de 1723.

12 A.H.U., *Açores*, cx. 2, nº 45, revisão de consulta do Conselho Ultramarino sobre o transporte de colonos dos Açores para o Brasil, 30 de outubro de 1723.

13 A.H.U., *Açores*, cx. 2, nº 46, carta da Câmara das Lajes do Pico, solicitando o transporte de picoenses para o Brasil, Lajes, 30 de outubro de 1729.

14 A.H.U., *Açores*, cx.2, nº 46, já cit.

do século. De concreto, aludimos a umas dezenas de ilhéus, que desembarcam no Rio de Janeiro à margem dos regulamentos da coroa. Em vez da imposição do retorno, a punição da tramoia consiste no seu encaminhamento para os disputados e perigosos territórios do Sul, particularmente para a Colónia do Sacramento.

2.1.2. O edital de 31 de agosto de 1746 e a diáspora açoriana

Na diáspora açoriana, possui muito significado o edital de 31 de agosto de 1746, que gera de uma assentada a maior transferência de açorianos para o Brasil.[15] Com efeito, são cerca de 6000 indivíduos, que vão para a ilha de Santa Catarina, donde divergem para o Rio Grande do Sul, atingindo também a Colónia do Sacramento, inclusivamente a embocadura do rio da Prata. Este surto migratório de açorianos para terras brasileiras, que principia logo em 1747, constitui em simultâneo um marco da continuada dispersão dos insulanos e um meio de estruturação dos estados meridionais do Brasil, que demanda uma permanente ponderação. Nesta matéria, o pioneirismo dos estudiosos brasileiros procedeu à fixação dos limites do êxodo açórico entre os anos de 1748, data da chegada a Santa Catarina das primeiras embarcações com colonos açorianos, e de 1756, data do naufrágio no litoral da Baía da nau *Nossa Senhora da Conceição e Porto Seguro* com a última leva de madeirenses (PIAZZA, 1992, p. 354). Já na perspetiva açoriana, a colonização catarinense e rio-grandense de meados do século XVIII foi um movimento mais rápido, de outubro de 1747 a novembro de 1753.

No estudo da transferência de açorianos para o Brasil do Sul em meados do século XVIII, queremos colocar e, se possível, responder a quatro questões, sendo elas:

- Quantos foram? Numa incursão pelos números.
- Porque foram? Numa avaliação das causas.
- Quem foram? Num exercício de caracterização social.
- Para onde foram? Numa identificação dos destinos.

2.1.2.1 Os números

O edital de 31 de agosto de 1746 prevê a transferência de 4000 casais de voluntários da Madeira e dos Açores para o Brasil, concretamente para a ilha de Santa Catarina. Nos Açores, efetua-se o alistamento de 8000 indivíduos e a partida de cerca de 6000 (MENESES, 2014, p. 65-67). Dos alistados, 99% procede

15 Biblioteca, Arquivo e Museu da Universidade dos Açores, *Edital do alistamento de casais para o Brasil* [na sequência de resolução régia de 31 de agosto de 1746]. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças*, caixa 407, doc. s/nº, consulta do Conselho Ultramarino sobre pedido açoriano de transporte para o Brasil, Lisboa, 8 de agosto de 1746.

do grupo central, isto é, de S. Jorge, da Graciosa, do Pico, do Faial e da Terceira. Aliás, S. Jorge regista a maior percentagem de alistamentos, de quase 25% dos moradores, enquanto a Graciosa, o Pico e o Faial arrolam cerca de 10% dos habitantes e a Terceira aproximadamente 4%. No grupo oriental, o alistamento é pouco mais de residual, de somente 1% no caso de S. Miguel. No grupo ocidental, não há referências à matrícula de colonos, fruto da maior rarefação populacional e do maior afastamento geográfico.[16] Várias são as razões da preponderância dos migrantes do grupo central. Por exemplo, o registo de um contingente demográfico superior, de 56% do total do arquipélago, contra 40% e 4% dos grupos oriental e ocidental, respetivamente (MENESES, 2013, p. 180-185). Por exemplo, a maior densidade da população, casos da Graciosa, com 128 habitantes por Km², e do Faial, com 92 habitantes por Km², muito à frente de S. Miguel, que possuía 72 habitantes por Km², em 3º lugar (MENESES, 2013, p. 185-187). Por exemplo, a maior incidência das crises cerealíferas em S. Jorge e no Pico, por menor aptidão agrícola dos solos, na Graciosa e no Faial, por maior aglomeração das gentes (MENESES, 2013, p. 188-190). Por exemplo, a maior proximidade do burgo angrense, por ser residência do corregedor, que procede à coordenação do alistamento, e porto de centralização do embarque, contra o propósito inicial da saída de todas as ilhas, a favor da concentração das partidas em Angra, por vezes na Horta, por sinal, os portos açorianos com condições naturais mais propícias (MENESES, 2014, p. 70-73).

Os ritmos da saída dos colonos foram muito variáveis, desde o primeiro embarque, em outubro de 1747, até à última partida, em novembro de 1753. Ao princípio, a abundância de candidatos obriga à disciplina dos procedimentos de embarque e demonstra a insuficiência dos transportes. No fim, a falta de candidatos provoca a deslocação forçada de marginais. Diversas são as razões que explicam a diferenciação dos ritmos. Internamente, a revelação da falta de gente, que contraria a tese do sobrepovoamento (MENESES, 2000, p. 126-128), também a pressão dos poderes locais eclesiástico e municipal.[17] Externamente, as dificuldades da colonização brasileira, casos da perigosidade dos transportes, que causam a doença e a morte, e dos problemas de adaptação, particularmente difíceis numa terra selvagem, e o incumprimento das promessas régias, que motiva a redução dos benefícios (MENESES, 2001(a), p. 233-247; MENESES, 2001-02, p. 43-59). Do foro privado, anotamos ainda a instabilidade psicológica, que origina a saudade e o arrependimento, suscitando maior apego à terra natal na

16 A.H.U., *Açores*, cx. 3, nº 20, alistamento de voluntários para o Brasil, s/l, 1747.
17 A.H.U., *Açores*, cx.3, nº 45, carta de Diogo Mendonça Corte Real ao bispo de Angra, Lisboa, 29 de maio de 1751; nº 63, carta do corregedor ao rei, Angra, 15 de novembro de 1753.

impossibilidade do transporte de todos os haveres.[18] Nestas circunstâncias, a coroa reforça a propaganda, aludindo à uberdade das terras brasileiras, e acresce os privilégios, que agora incluem o transporte e a manutenção gratuitos, desde a residência, e com inclusão dos percursos e das esperas insulares, até à fixação no Brasil.[19] Porém, na falta de melhor êxito, a solução consiste no recrutamento forçado (MENESES, 2014, p. 76-78).

2.1.2.2 As causas

As causas da colonização açoriana de meados do século XVIII são essencialmente duas. Por um lado, o clamor insular, resultante das adversidades do quotidiano. Por outro lado, a conjuntura colonial, designadamente o plano de ocupação do Brasil meridional, então corporizado pelo brigadeiro Silva Paes, visando a união do Rio de Janeiro ao rio da Prata. Entre os pretextos insulares, figuram o flagelo da pobreza, donde germina o ideal da prosperidade, a influência da demografia e a ação das calamidades sismo-vulcânicas. Entre os fundamentos coloniais, inequivocamente mais determinantes, anotamos a preponderância dos objetivos político-militares, as vantagens económicas da arroteia e a persuasão e os privilégios monárquicos, nomeadamente, o incitamento dos colonos e o estímulo das dádivas.

2.1.2.2.1 A súplica açoriana

A principiar, falemos dos pretextos insulares. Antes de mais, do flagelo da pobreza, donde brota o ideal da prosperidade. Na análise da saída dos açorianos para o Brasil Meridional, a tradição assinala a penúria insular, que gera a utopia da riqueza colonial. Esta convicção radica na identificação dos processos de colonização/emigração com intentos individuais e coletivos de melhoria das condições de vida. De facto, nos Açores da década de 1740, identificamos contrariedades climáticas, que provocam o decréscimo da produção de cereais. Os maus anos agrícolas sucedem logo em 1740 e 1741 e registam agravamento entre 1744 e 1748. A crise atinge as ilhas Terceira e S. Miguel, mas sobretudo as parcelas mais periféricas do grupo central, onde ocorre a partida de mais gente (MENESES, 1995, p. 40-42 e 49-50). No entanto, as perdas são muito idênticas a quebras de colheitas do passado, originárias de ruturas do abastecimento público, sem consequência no êxodo das populações. Ademais, essas perturbações ficam muito aquém das futuras contrariedades agrícolas de 1756-1758, que provocam a fome, a revolta das gentes

18 A.H.U., *Açores*, cx. 3, nº 71, informação do Conselho Ultramarino sobre transporte de casais e comércio com o Brasil, Lisboa, 22 de outubro de 1755.

19 A.H.U., *Açores*, cx. 3, nº 28, carta do corregedor ao rei, Angra, 18 de setembro de 1748; nº 63, já cit.

e a repressão régia, sem qualquer recurso ao expediente migratório (MENESES, 2000, p. 124-125). Todavia, a documentação, sobretudo a camarária, desenvolve uma argumentação miserabilista, que ressalta a influência da falta de víveres e da difusão da miséria na debandada dos povos. Contudo, este discurso oficial equivale a um estratagema comum e antigo, que visa a obtenção de propósitos contraditórios, o sossego dos povos, através da reserva dos cereais indispensáveis ao abastecimento público, e o proveito dos poderosos, por intermédio do acréscimo dos preços e da margem de lucro (MENESES, 2000, p. 124-126).

Em suma, reconhecemos nos Açores de setecentos indícios de miséria, em tudo condizentes com os padrões de vida das sociedades de Antigo Regime. Assim, a paupérie constitui um pretexto da busca de novas paragens, que depende da força das conjunturas. Por outras palavras, em 1746, a premência da consolidação do domínio português em partes da América descobre nas adversidades insulares a possibilidade da organização de uma corrente migratória que, em vez de resolver um constrangimento ilhéu, corresponde antes a uma carência do Brasil, consoante a hierarquia das prioridades da realeza.

De seguida, passemos à influência da demografia. Nos Açores, a quantificação das gentes ressente-se da falta de estatísticas até à criação da Capitania Geral dos Açores em 1766. Assim, avulta até a dificuldade de avaliar a abundância ou a escassez de gente porque a sociedade do Antigo Regime assenta num equilíbrio precário, que obriga à harmonização do número de habitantes com as reservas alimentares das localidades. Em tempos de fartura, sobressai a impressão da adequação ou mesmo da falta de braços. Em épocas de penúria, ressalta a síndrome do sobrepovoamento, que aconselha ao expediente migratório (MENESES, 2013, p. 168-174). Todavia, entre os séculos XV e XVIII, há um contínuo acréscimo da população, mais acentuado na 1ª metade de setecentos, quando avulta a concentração das gentes no centro do arquipélago, onde encontramos a maior parte da população, as densidades mais elevadas, na Graciosa e no Faial, e o mais alto índice de urbanização, ainda pertença da cidade de Angra.[20] Este quadro demográfico condiz com a cronologia e com a geografia da colonização açoriana do Brasil Meridional. Em relação à cronologia, as saídas ocorrem a partir de 1747 quando é maior o índice de multiplicação dos povos. Em relação à geografia, o maior alistamento e a maioria das partidas acontecem nas ilhas do grupo central, mais atreitas às crises de subsistência e às adversidades da natureza, que ocasionam a deterioração das condições de sobrevivência e o sentido da profusão dos moradores.[21]

20 A.H.U., *Açores*, cx. 3, nº 20, já cit.; cx. 11, nº 49, mapa da população dos Açores de 1776; cx. 24, nº 17, mapa da população dos Açores de 1795.

21 A.H.U., *Açores*, cx. 3, nº 20, já cit.; nº 33, relação de alistados, transportados e por transportar das ilhas do grupo central, Angra, 1749.

A variante demográfica não constitui, entretanto, uma causa decisiva do transporte de casais açorianos para o Brasil do Sul. Aliás, não acreditamos muito no sobrepovoamento insular porque também são muitos os indícios da falta de moradores. Logo no princípio da década de 1750, após a realização dos primeiros embarques, anotamos a escassez de candidatos, um facto que obriga ao abandono do voluntariado e ao recrutamento compulsivo de marginais.[22] Depois, em 1758, a lei dos passaportes, que dita a proibição de deslocações sem justa causa, mesmo que conivente com a demanda sul-americana dos insulanos, sempre constitui uma prevenção contra a relativa rarefação dos homens (LEITE, 1988, p. 89-92). Por último, em 1766, os textos de suporte das reformas pombalinas aludem à necessidade do crescimento da população açórica para garantia do desenvolvimento da economia (LEITE, 1988, p. 143).

Na generalidade, o excedente ou a impressão do excedente de habitantes constitui mais um pretexto da busca do Ultramar. No entanto, depende muito da ação dos estímulos, tanto os internos, por exemplo, a generalização da penúria, como os externos, sobretudo os imperativos da colonização ultramarina.

Entre os pretextos do êxodo açoriano para paragens meridionais brasileiras por meados de setecentos, atentemos ainda na ação das calamidades sismo-vulcânicas. No entanto, o vulcanismo e a sismicidade não possuem, desta vez, influência na colonização catarinense e rio-grandense com famílias dos Açores. Com efeito, entre 1746 e 1756, não registamos eventos sísmicos e vulcânicos, à exceção de uma réplica do terramoto de Lisboa de 1755, que não causa demasiado transtorno e que sucede já depois da transferência das levas de açorenses para a América do Sul, cronologicamente situada entre os anos de 1747 e de 1753.[23] Além disso, logo depois, em 1757, ocorre em S. Jorge o mais violento tremor de terra da história dos Açores, que provoca cerca de 1000 mortes, que causa a desorganização do quotidiano, sobretudo na Calheta e no Topo, que possui consequências nas ilhas vizinhas, concretamente na Terceira, no Pico e no Faial, e que regista coincidência com uma gravíssima crise cerealífera. Apesar de tudo isto, não origina qualquer surto migratório (MENESES, 2000, p. 128-129).

Mesmo assim, as manifestações sísmicas e vulcânicas constituem um

22 A.H.U., *Açores*, cx. 3, nº 50, carta do corregedor ao rei, Angra, 18 de fevereiro de 1752; nº 61, carta do corregedor ao rei, Angra, 13 de novembro de 1753; nº 63, já cit.; nº 66, informação do Conselho Ultramarino sobre dificuldade de recrutamento de casais açorianos, Lisboa, 17 de maio de 1754; nº 67, informação do Conselho Ultramarino sobre dificuldade de recrutamento de casais açorianos, Lisboa, 8 de janeiro de 1754.

23 "Vulcanismo nos Açores, XXIII Anno de 1755. Efeitos do Terramoto de Lisboa nos Açores" e "Vulcanismo nos Açores, XL Anno de 1755", *in Arquivo dos Açores*, IV, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1981, p. 350 e *Arquivo dos Açores*, IX, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1982, p. 434.

pretexto da deslocação de famílias açorianas para o Brasil, sobretudo na Modernidade, muitas das vezes por diligência régia, e para a América do Norte, já na Contemporaneidade, não raramente por interesse ou compaixão dos estrangeiros. Contudo, tais manifestações sismo-vulcânicas, em vez de corresponderem a um condicionalismo constante de todas as migrações, significam tão somente um estímulo episódico, dependente da imprevisibilidade da natureza.

Averiguados os factos, reconhecemos que os pretextos insulares não são os mais determinantes na transferência de casais dos Açores para o Brasil do Sul em meados do século XVIII.

2.1.2.2.2 A demanda brasileira

A terminar, falemos dos fundamentos coloniais. Comecemos pela preponderância dos objetivos político-militares. À data da negociação do tratado dos Limites, a ocupação dos confins do Brasil, contra a ameaça dos espanhóis, equivale ao primeiro propósito da colonização açoriana, convertida em fator de segurança, que depois propicia o desenvolvimento. Assim, os açorianos são os agentes de uma estratégia da coroa portuguesa na América do Sul, cuja definição ocorre na 2ª metade do século XVII, na sequência das implicações do movimento da Restauração, e que possui por corolário a edificação da Colónia do Sacramento em 1680, motivada eventualmente pela riqueza da pecuária, pela crise do açúcar e pela miragem do ouro, mas sobretudo determinada pela correspondência com o império espanhol em virtude da "febre" da prata (ALMEIDA, 1957; MARCADÉ, 1991, p. 47-52; PUNTONI, 2004, p. 307-309).

Na década de 1740, no processo de estruturação do Brasil Meridional, então protagonizado pelo brigadeiro Silva Paes, avulta a necessidade da ocupação e da defesa da ilha de Santa Catarina, estrategicamente situada entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires, os dois principais polos sul-americanos de influência ibérica. A ilha de Santa Catarina era a melhor atalaia portuguesa no Brasil Meridional, logo indispensável no projeto de expansão colonial, por combinar o privilegiado posicionamento geográfico com a excelência do ancoradouro e a eventual prática da agricultura. De facto, desde há muito, o fundeadouro catarinense era a mais importante escala marítima a sul do Rio de Janeiro, demandada por comerciantes, piratas e estudiosos, que aí procediam à reparação de avarias, ao reabastecimento de víveres e à compilação de informações. Por isso, todos certificam a indispensabilidade da ilha na extensão do domínio português até partes meridionais, por exemplo, no povoamento do Rio Grande, na defesa da Colónia do Sacramento e no alcance do Rio da Prata. Assim, o estruturador Silva Paes

afirma perentoriamente que, sem ela, não se manteria "[...] couza algua do que temos no rio da Prata, e principalmente o Rio Grande de S. Pedro".[24]

A perspicácia de Silva Paes depressa evidencia a necessidade de complemento da fortificação catarinense com um programa de povoamento, para propiciar o aproveitamento agropecuário, indispensável à multiplicação dos povos e, por consequência, ao recrutamento e à manutenção dos presídios. No entanto, os custos e as dificuldades da transferência de brasileiros para as terras sulistas movem o brigadeiro ao alvitre da cooperação dos açorianos. Uma conjunção de conveniências das autoridades coloniais, avessas à prestação de uma solidariedade penosa, e das instâncias da corte, necessitadas de suporte nas negociações luso-espanholas sobre as demarcações fronteiriças sul-americanas, conferiu um tanto inusitadamente concretização ao projeto. Aliás, as levas de insulanos acedem à América do Sul por altura da assinatura do tratado dos Limites de 1750, que consagra o Brasil moderno, para além da delimitação de Tordesilhas, mas aquém da fronteira do Prata, que até obriga à perda da Colónia do Sacramento. Mesmo assim, muito releva o contributo açórico, de extrema utilidade na arroteia dos extensos e dos desabitados sertões de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, então convertidos em freio do ímpeto espanhol (MENESES, 2000, p. 131-133).

No transporte dos açorianos para o Brasil Meridional, a organização dos cabeças de casal em companhias de ordenanças também demonstra o objetivo político-militar de tal colonização. De facto, os homens são agrupados em companhias de 50 elementos, sob um comando superior, composto por capitão, alferes e sargento, em tudo idêntico à chefia das milícias de todas as localidades.[25] Assim, à chegada a terras brasileiras sulistas, os açorianos possuem um estatuto duplo e vantajoso de colonos e de milicianos, indispensável na ocupação e na defesa dos sertões mais fecundos e mais vulneráveis.

De resto, à margem da saída de muitos casais, nos Açores de 1748, a tentativa de recrutamento de um corpo expedicionário para defesa de Santa Catarina comprova a preponderância de imperativos coloniais de natureza político-militar no transporte dos insulanos para o Brasil Meridional (CABRAL, 1950, p. 546-547).

---

24 Arquivo do Estado da Baía, *Ordens Régias*, vol. 34, nº 33, carta de André Mello de Castro ao secretário de estado António Guedes Pereira, Baía, 23 de maio de 1738 (citado por Walter F. Piazza, *O Brigadeiro José Silva, Paes. Estruturador do Brasil Meridional*, Florianópolis, Editora da UFSC/Editora da furg/FCC Edições, 1988, p. 124).

25 Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (B.P.A.R.P.D.), *Câmara de Ponta Delgada*, Livro de Registo (1719-95), fl. 216.v, representação do corregedor e carta régia sobre transporte de casais açorianos para o Brasil, 1746. Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça (B.P.A.R.J.J.G) / (Horta), *Câmara da Horta*, Vereações (1747-51), acórdão de 10 de maio de 1747. B.P.A.R.L.S.R., *Câmara de Angra*, Livro de Registo (1735-52), fls. 207.v-210, carta da Câmara de Angra ao corregedor, Angra, 21 de junho de 1747.

De seguida, consideremos as vantagens económicas da arroteia. A preferência pela deslocação de famílias jovens e numerosas, acrescida pela concessão de um benefício de 2$400 às mulheres em idade de procriação, certifica o objetivo da rápida multiplicação das gentes, que incrementa a colonização.[26] Ademais, o incentivo ao transporte de sementes e plantas demonstra uma motivação económica, muito semelhante à ocorrida noutras partes do Brasil, que crescem a coberto da exploração do açúcar, do tabaco, do ouro e dos diamantes.[27] Aliás, em 1746, o Conselho Ultramarino menospreza um tanto o avultado investimento em transportes, por acreditar no acréscimo dos direitos reais de produção e de comércio, gerados pelo labor das novas comunidades. Com efeito, nos campos meridionais brasileiros, e sobretudo nas planuras do Rio Grande, a criação de gado constitui um fator de sedentarização, cujo valor reside no provimento regular das praças-fortes e na salvaguarda da especialização das regiões da mineração (MENESES, 2000, p. 130-131).

Por último, uma referência à persuasão e aos privilégios monárquicos, que decerto muito influem na decisão das famílias, que trocam as contrariedades insulares pelas expetativas brasileiras, favorecendo os propósitos geopolíticos de Portugal. Na verdade, a realeza define uma prática de civilidade, que promove a animação das gentes. Nos Açores, o alistamento efetua-se na base do voluntariado, que até admite a desistência. No Brasil, a fixação faz-se após a prévia definição das condições, que evita o constrangimento dos colonos. Todavia, a distribuição de terras e a repartição de gado, alfaias e sementes, contra a obrigatoriedade do cultivo dos solos, constituem os principais incentivos à deslocação de cultivadores há muito cansados de uma labuta desafortunada em terra alheia. A repartição de víveres e de armas também concorre para demover os receios da instalação. Com efeito, pelo período de um ano, a coroa garante o fornecimento dos comestíveis básicos, designadamente a farinha e o peixe. Do mesmo modo, procede-se à concessão de armas de fogo, indispensáveis para enfrentar as adversidades da natureza e as incursões militares. Além disso, a compensação monetária fomenta a participação dos colonos mais jovens e dos artífices mais competentes, todos eles necessários no processo de estruturação e de desenvolvimento das novas comunidades. Ainda uma alusão à influência das isenções, tanto as fiscais, que por cinco anos determinam a desobriga do pagamento de impostos, à exceção dos dízimos, como as militares, mormente, a dispensa de serviço nas tropas regulares, outorgada aos povoadores que providenciassem a fixação no prazo de dois anos (MENESES, 1997, p. 91-94).

26 B.P.A.R.P.D., *Câmara de Ponta Delgada*, Livro de Registo (1719-95), fl. 216.v, já cit.
27 A.H.U., *Açores*, cx. 3, nº 33, proposta de João José Chamberlin sobre transporte de casais açorianos para o Brasil, Lisboa, 1749.

No seu conjunto, os fundamentos coloniais são evidentemente os mais determinantes na transferência de casais dos Açores para o Brasil do Sul em meados do século XVIII.

2.1.2.3 As características

O edital de 31 de agosto de 1746 estabelece o transporte de famílias jovens e numerosas, cujos homens não ultrapassem os 40 anos, cujas mulheres não ultrapassem os 30 anos. Só excecionalmente se admite a saída de idosos, desde que integrados em agregados numerosos, para que os velhos nunca constituam um embaraço para a realização dos novos nem um encargo para a própria coroa. No propósito do transporte de famílias numerosas, permite-se um tanto excecionalmente o indulto de criminosos de pequenos delitos com processos sentenciados e a dispensa de soldados de pé de castelo.

Na aceção profissional, sai uma mão-de-obra não especializada, composta por homens habituados ao amanho da terra e por mulheres dedicadas à lida da casa, tudo de acordo com o ordenamento da sociedade do Antigo Regime. A falta de artífices já calculada em previsão do Conselho Ultramarino de 1746 implica a admissão de estrangeiros, caso fossem católicos, contra o pagamento de ajudas de custo (MENESES, 2001(b), p. 97-109).

Quanto à condição social, partem essencialmente pobres, mas ainda dotados de capacidade de utopia, que mentalmente transforma os sertões inóspitos do Brasil em herdades fecundas, à semelhança dos modelos e das produções da agricultura insular. Vejamos alguns exemplos! Em 1747, a Câmara da Horta considera o surto migratório brasileiro um meio de alívio da miséria suscetível de propiciar a prosperidade dos voluntários migrantes e a melhoria da existência dos residentes, por intermédio da melhor gestão dos recursos da terra.[28] Também em 1747, o corregedor propõe o embarque de colonos à vista das vilas jorgenses de Calheta e Topo, dada a incapacidade financeira dos pretendentes, que dificulta a realização de transbordo prévio para Angra.[29]

O Conselho Ultramarino incita, entretanto, ao alistamento de indivíduos com "exercício de cultura". Todavia, a prevalência de necessitados motiva também a falta de candidatos letrados, indispensáveis ao desempenho de funções no governo local, e sem os quais se avolumam os embaraços da estruturação político-administrativa das novas comunidades (MENESES, 2001(b), p. 102).

28 B.P.A.R.J.J.G., *Câmara da Horta*, Livro de Registo (1716-51), fls. 248-249, carta da Câmara ao rei, Horta, 14 de janeiro de 1747.

29 A.H.U., *Açores*, cx. 3, nº 36, carta do corregedor ao rei, Angra, 17 de setembro de 1747.

No começo, a miragem da prosperidade origina o entusiasmo dos nobres, que intentam a ocupação de cargos na milícia e que creem no incentivo do comércio. Porém, a dureza da arroteia, que não permite o enriquecimento fácil, motiva a desistência dos homens de condição, por condizer melhor com os hábitos de trabalho dos mais pobres não propriamente com os padrões de comportamento da nobreza. Há, entretanto, uma questão que se impõe! Que tipologia de nobres busca o destino ultramarino? Essencialmente filhos segundos, arredados da administração da riqueza ou insolventes em procura de novas oportunidades. A comprová-lo, cerca de 1753, após a morte do pai, Francisco Machado Coelho interpõe um pedido de autorização para a venda de parcos haveres, visando a sua instalação no Brasil, longe da terra natal e dos irmãos. Para tanto, alega que "[...] não chega o rendimento da sua legítima para se sustentar alem da nobreza como seu pai".[30] Do mesmo modo, em 1748, o lavrador terceirense Francisco Fraga Coelho, possuidor de 100 moios de trigo de renda anual, estando inclusivamente fugitivo em Lisboa, devido a uma grave insolvência, pela alegada ocorrência de esterilidades agrícolas, requer autorização de partida para o Brasil, após o pagamento de todas as dívidas efetuado por familiares, que também seguiram para a América do Sul.[31]

Por fim, dos Açores para o Brasil, seguem marginais recrutados à força numa ação de expurgo social, benéfica para o quotidiano insular, maléfica para a colonização brasileira (MENESES, 2001(b), p. 101-102). Em suma, a sucessão do tempo origina a depreciação das condições socioeconómicas dos transportados. Com efeito, à recusa dos nobres, sucede a resistência dos pobres e dos remediados, restando o recurso compulsivo à participação dos delinquentes.

2.1.2.4 Os destinos

A coroa define as regiões de instalação dos casais açorianos, consoante as prioridades de defesa do Brasil. Na verdade, logo em agosto de 1746, o Conselho Ultramarino aconselha a ocupação das partes que suscitem maior cuidado. Para o efeito, o próprio rei demanda a colaboração das autoridades coloniais, que sugerem sempre o povoamento e a guarnição das fronteiras sob maior disputa. Uma vez mais, releva a prevalência dos fatores políticos sobre as motivações económicas na determinação das principais frentes da colonização insular. Por meados do século XVIII, sobressai o propósito de contenção dos espanhóis,

30 A.N.T.T., *Chancelaria de D. José I*, Livro 67, fls. 347.v-348, provisão de confirmação de compra de terras e casas na Terceira, Lisboa, 2 de julho de 1757.

31 A.H.U., *Açores*, cx. 3, nº 24, consulta do Conselho Ultramarino sobre transporte de açorianos para o Brasil, [Lisboa], 27 de julho de 1748.

através do estabelecimento sistemático de populações nos limites brasileiros, embora com adequada cautela, para obstar à repulsa da corte madrilena. Na exata identificação das precedências, o resguardo da bacia do Amazonas e dos confins do Mato Grosso, a norte e no interior, cedem a vez à estratégia sulista de confirmação da soberania portuguesa no estuário do Prata, antes de mais, pelo exercício de um domínio territorial contínuo até à Colónia do Sacramento.[32] Aliás, como se disse atrás, interpretando corretamente os desígnios da monarquia, na sequência dos estragos do vulcanismo no Pico de 1718, já as autoridades concelhias solicitam a transferência dos sinistrados para os espaços mais cobiçados pelos estrangeiros, desde a capital brasileira até à região platina (MENESES, 1999, p. 256-257).

A ilha de Santa Catarina constitui a principal prioridade da colonização açoriana. Nesta opção, reconhecemos a relevância estratégica do território, localizado à beira da costa, entre o Rio de Janeiro e a embocadura do Prata, funcionando simultaneamente como atalaia do domínio português e estímulo da cobiça dos estrangeiros. Todavia, o povoamento açórico abrange também o litoral e o sertão do continente fronteiro, desde o rio de S. Francisco até ao serro de S. Miguel (MENESES, 2001-02, p. 45). Porém, o propósito de aproximação da efetiva ocupação do espaço até às imediações da Colónia do Sacramento motiva a eleição do Rio Grande do Sul por extensão do arroteamento catarinense (SANTOS, 1995, p. 376; FRANZEN, 2003, 124). Neste caso, relevam também os agentes económicos, à cabeça, a riqueza da pecuária, suscetível de garantir o provimento de outras partes do Brasil, que desenvolvem atividades de especialização.

As autoridades coloniais providenciam a distribuição dos novos colonos pelos locais demarcados, ressaltando no imediato a preferência de Santa Catarina e a secundarização do Rio Grande. Aliás, este procedimento respeita as ordens régias e destaca as dificuldades da realização de nova viagem para os campos do sul, que resulta de obstáculos logísticos e da repulsa das famílias, receosas das tormentas da vida a bordo (MENESES, 2001(a), p. 233-247). Nestas circunstâncias, a transferência de ilhéus para a região rio-grandense acarreta a coação e a resistência, suscitando até a intervenção monárquica, que no propósito da salvaguarda da continuidade do fluxo migratório proíbe a prática do constrangimento (WIEDERSPAHN, 1979, p. 36-37; SANTOS, 1995, p. 381; MACEDO, 2002, p. 203). Mesmo assim, a partir de 1752, ou já um pouco antes, do território catarinense passam para as planuras rio-grandenses cerca de 2000 a 2500 açorianos, equivalentes a aproximadamente 40%

32 A.N.T.T., *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças*, cx. 407, doc. s/nº, consulta do Conselho Ultramarino [...], já cit.

da totalidade das levas de colonos (SANTOS, 1984, p. 21; KUHN, 2002, p. 58-62; MATOS e SOUSA, 2008, p. 540-541). No entanto, a prática da civilidade na correspondência com os migrantes apregoada pelo rei jamais faculta um regime de liberdade de movimento aos novos povoadores, que ameace o cumprimento dos planos oficiais. Na realidade, individualizamos um sistema de interdição de saídas das novas zonas de habitação, que persiste muito para além da caducidade da autorização joanina sobre o transporte de insulanos para o Brasil Meridional. Com efeito, em 1764, a passagem do açoriano Eusébio José de Santa Catarina para o Rio Grande ainda carece de apresentação de fiança, que assegura o prejuízo de uma eventual fuga para outras paragens menos necessitadas de presença humana. Na altura, a desobrigação do fiador impõe, obviamente, o requerimento da certidão de residência no destino (GHISLENI, 1991, p. 13). Este controlo demonstra à saciedade um importante motivo da fixação dos insulanos nos confins sul-americanos, mormente a impossibilidade de redistribuição dos naturais, que apenas afluem aos centros de maior bulício económico. Na verdade, o Conselho Ultramarino salienta este comportamento logo em agosto de 1746, referindo que os brasileiros escolhem o território à luz de conveniências pessoais, jamais de utilidades públicas.[33]

2.1.3 Os açorianos no Rio Grande do Sul na 2ª metade do século XVIII

Na tentativa portuguesa de ocupação do litoral e do interior da longa faixa de territórios a sul do Rio de Janeiro e até à embocadura do Prata, identificamos três etapas principais: a instituição da Colónia do Sacramento em 1680, e já no século XVIII, primeiro, a ocupação de Santa Catarina, depois, o domínio do Rio Grande do Sul, convertido em guarda avançada do poder de Portugal na América Meridional, desde o Tratado dos Limites de 1750. A diáspora açoriana comprova de todo este entendimento. Com efeito, os insulanos, em menor número, acedem antes ao Sacramento, em maior abundância, chegam posteriormente a paragens catarinenses e rio-grandenses. Ademais, durante a longa conquista espanhola, de 1763 no Rio Grande, de 1777 em Santa Catarina, muitos casais das ilhas são sujeitos a uma deslocação forçada para a região platina. Restabelecida a paz, alguns retornam à procedência, outros optam pela continuidade, suscitando a perpetuação da influência açoriana, ainda hoje percetível no atual Uruguai (FRANZEN, 2005-2006, p. 149).

33 Em consulta de 8 de agosto de 1746, o Conselho Ultramarino confirma que "[...] os filhos do mesmo Brazil se estabelecem sem ordem nem regularidade em os citios que se lhes offresem sem atenção algua ao que convem ao Real Serviço de V. Magestade [...]" (A.N.T.T., *Arquivo Histórico do Ministério das Finanças*, cx. 407, doc. s/nº, consulta do Conselho Ultramarino [...], já cit.).

Se descontada a entrada dos jesuítas ainda no século XVII, em 1737, sob a direção do brigadeiro Silva Paes, verdadeiro estruturador de todo o Brasil Meridional, a construção da fortaleza litorânea de Jesus, Maria José origina a criação da vila do Rio Grande, primeiro povoado português em território rio-grandense, responsável pelo alargamento da colonização às partes circundantes (GUTFREIND, 2002, p. 493). Neste contexto, alguns açorianos acorrem de imediato ao novo povoado, procedentes da Colónia do Sacramento, então sujeita a um apertado cerco castelhano (FRANZEN, 2003, p. 123). No entanto, o maior afluxo dos açóricos aguarda cerca de uma década pela chegada dos casais, transportados a expensas da coroa, mesmo em tempo de restrições à mobilidade, por alegada rarefação das gentes, entretanto de todo justificada pelo imperativo de domínio do Brasil Meridional. Forçados a sair de Santa Catarina, muito menos por força da alegada penúria alimentar, muito mais por força da ostensiva geopolítica régia, as primeiras famílias açorenses desembarcam no Rio Grande em 1751, quiçá ainda em 1750, com maior cadência a partir de 1752 (FRANZEN, 2004, p. 124; ESPÍRITO SANTO, 2002, p. 186-187). Por muitos anos, a profunda miséria constituiu o principal traço da vivência dos insulanos no rincão rio-grandense, até porque o território das Missões, pelo tratado de Madrid atribuído a Portugal e aos casais destinado, permaneceu sempre ocupado e tenazmente defendido, deixando os nossos pretendentes "sem eira nem beira" (PINTO, 2002, p. 308). Por isso, vítimas da maior penúria, os novos colonos das ilhas nem garantiam o pagamento das taxas eclesiásticas devidas pelo matrimónio. Por isso, para conter a prática do amancebamento, a hierarquia religiosa condescende mesmo na substituição do dinheiro por correspondentes dias de trabalho (FRANZEN, 2004, p. 15). Por acréscimo, perante a invasão espanhola de 1763, alguns dos agregados familiares açorianos empreenderam uma marcha de recuo até o solo catarinense, obrigando as autoridades à improvisação de meios de acolhimento (FRANZEN, 2003, p. 129). De facto, só à entrada da década de 1770, cerca de vinte anos depois do acesso dos ilhéus ao território, e após ameaças e atos de revolta, se intenta o cumprimento das promessas reais de terra, animais, alfaias e armamento, quando se busca assentamento também para índios, e talvez com prioridade para que acedessem à troca do domínio espanhol pela tutela portuguesa (ESPÍRITO SANTO, 2002, p. 188; PINTO, 2002, p. 310; FRANZEN, 2003, p. 129 e 134). Assim, a constituição das primeiras fortunas aguarda pela sucessão do tempo, ainda pela trégua militar, e só deriva de um trabalho persistente e metódico. Por isso, só nos alvores de oitocentos, surpreendemos os açordescendentes no lançamento de projetos sociais, que requerem a prévia consecução de algum desafogo económico. De consideração, é o caso de Joaquim Francisco do

Livramento, sucessor de um casal de faialenses, que assume responsabilidades na fundação das Misericórdias do Desterro, em Santa Catarina, e de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (BARROSO, 2002, p. 378). De resto, a prazo, muitos dos sucessores daqueles que por décadas mal garantiam a sobrevivência, pela qualificada participação no estabelecimento e na consolidação do novo departamento rio-grandense, lograram a ascensão à sua elite política e económica (PINTO, 2002, p. 318).

Na 2ª metade do século XVIII, no contributo açoriano para a estruturação do Rio Grande do Sul, mais do que os civis, imperam os militares, dada a premência das por vezes longas e quase sempre constantes querelas com os espanhóis. De resto, e para as autoridades coloniais, os soldados ilhéus eram igualmente os preferidos, menos atreitos à deserção para as minas, mais persistentes na vigilância e no combate, mesmo que destituídos do melhor armamento (GUTFREIND, 2002, p. 481). Aliás, em 1774, até a zarpa de Angra para o Rio de Janeiro, donde segue para o litoral rio-grandense, o 2º Regimento do Porto, que em 1766, por altura da instituição da Capitania Geral dos Açores, chegara do Reino para servir de modelo à constituição de um abortado Regimento Insulano, supostamente mais competente do que as ordenanças tradicionais (MENESES, 1993, p. 384-389). Além disso, na última metade de setecentos, as fontes indiciam o recrutamento para o Brasil, sobretudo para partes meridionais, de cerca de 3800 mancebos açóricos, uma cifra quiçá superior à da emigração oficial então registada (CORDEIRO; MADEIRA, 2003, p. 112-113). O fenómeno gera inclusivamente graves consequências económicas e sociais, muito sentidas na ilha de S. Miguel, mais atingida pelas forçadas incorporações na tropa. Entre elas, a quebra da produção agrícola, por escassez de mão de obra, e a estagnação, mesmo algum decréscimo, da população, por manifesta falta de reprodutores (CORDEIRO; MADEIRA, 2003, p. 113; RODRIGUES, 2002, p. 245).

Na 2ª metade de setecentos, a pressão dos recrutamentos e as restrições migratórias diminuíram o fluxo das famílias açorianas para o Brasil, um processo que só evidencia alguma retoma na aproximação do século XIX (ROCHA; RODRIGUES; MADEIRA; MONTEIRO, 2005-2006, p. 119). A certificá-lo, já em 1811 e 1813, avisos oficiais demandam o alistamento em todas as ilhas de casais para o Novo Mundo, avultando por destinos S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul (CORDEIRO; MADEIRA, 2003, p. 116). Nesse tempo, os descendentes dos primitivos insulanos pugnavam vivamente pelo alargamento das fronteiras brasileiras sulistas. A título de exemplo, acompanhados por padres, também originários das comunidades insulares, e incumbidos do necessário acompanhamento espiritual, os açordescendentes ocupam o território das Missões, há muito prometi-

do aos seus ascendentes, mas somente conquistado pelos portugueses em 1801 (FRANZEN, 2003, p. 134; PINTO, 2002, p. 314). Depois, terão ainda seguido a última incursão portuguesa na região do Prata, que culmina em 1821 com a criação da Província Cisplatina, uma herança do Brasil independente do ano seguinte, mantida até ao reconhecimento da sua secessão em 1828, na condição de República Oriental do Uruguai.

A regular sucessão do tempo, que suscita a perda da memória, e a contida prática da miscigenação, que atrofia as identidades específicas em benefício da conformação geral, não obstam à individualização no sul do Brasil de uma viva herança cultural açoriana. Do passado, das caraterísticas dos açóricos, chega a individualização de duas qualidades: bons soldados, mas um tanto avessos à vida militar, e excelentes agricultores, consoante à tradição insular. Por acréscimo, da averiguação do caráter, sobressaem a resignação e a humildade, que não excluem o recurso à violência perante a injustiça, por exemplo, resultante do abandono e do incumprimento das promessas régias, igualmente da destruição e da míngua da guerra. Nestas circunstâncias, apesar da reconhecida iliteracia, a generalidade dos historiadores rio-grandenses traça um perfil relativamente favorável do colono açoriano, donde sobressalta a honra, a bravura, o amor à terra, a crença e a moral (FRANZEN, 2003, p. 125 e 128). Ademais, todos creem na influência do açoriano na definição do gaúcho, nativo do Rio Grande do Sul, e também herdeiro da influência espanhola, que evolui de errante ladrão de gado para um tipo muito mais sublime, em simultâneo altivo e belicoso, generoso e hospitaleiro (NEIS, 1975). Certo é que as vicissitudes históricas determinam o comportamento dos povos, caracterizado por sensíveis variações. Vem isto a propósito do labéu da traição que impende sobre os açorianos, no contexto da invasão espanhola do Rio Grande do Sul nos decénios de 1760 e 1770 (MONTEIRO, 1979, p. 380). Porém, face à antevisão da derrota, também devida ao desamparo das autoridades portuguesas, e ainda antes da revelação do patriotismo moderno, donde brota a convicção de pertença a unidades políticas independentes, por entre o povo, não causa espanto o artifício da deserção, bem como todas as atitudes eventualmente suscetíveis da preservação de vidas e de haveres.

Na identidade do Rio Grande do Sul muito influi o peso da geografia, a saber, a dificuldade da costa, desprovida de portos, e a proximidade da região platina, potenciada pelos negócios, por vezes suspeitos, do gado e da prata. Assim, na sempre intentada progressão para sul, a terra sobrepõe-se ao mar, facultando a interação dos povos, donde brota uma sociedade diversa, constantemente beneficiada pelo progresso da economia, fruto da organização, do esforço e da fertilidade. Ademais, às agruras de outrora sucedem as venturas de agora, vertidas

numa unidade política peculiar pela autossuficiência, num género de "mundo à parte", donde não raras vezes brota um ímpeto separatista, simplesmente alimentado pela maior prosperidade (VARELLA, 1897, p. 30; ASSIS BRASIL, 1982, p. IX).

3 CONCLUSÃO

A história evidencia o contributo dos Açores na apropriação do Além-Mar. Com efeito, os açorianos participam na conquista, exploração e defesa do Norte de África e da Índia, mas ressalta a sua dispersão pelo Novo Mundo, de início no Brasil e depois na América do Norte. Aliás, o desafio da ocupação ultramarina move inclusivamente a coroa ao incentivo da migração, considerando a ineficácia do direito histórico na conservação do império, em conjunturas de concorrência e de conflitualidade.

No Brasil do século XVIII, afora a premência da mineração no interior, a coroa confere primazia à extensão das fronteiras para o sul, de preferência até à embocadura do rio da Prata. Seduzidos pelo Novo Mundo, os açorianos enfrentavam o embaraço da travessia atlântica por imperativos logísticos e financeiros. Por isso, contra a oferta da viagem e a promessa de terra, acedem ao exercício da função de cobaias do projeto imperial português na América Meridional. Embora malograda, e quiçá por opção própria, logo nos anos vinte, os picoenses e outros mais admitem uma transição para a Colónia do Sacramento, uma autêntica fronteira de guerra, mas preferível à generalização local da pobreza, acentuada pela calamidade, que origina a síndrome do sobrepovoamento.

Com maior consistência, um edital de D. João V de 1746 autoriza o transporte de 4000 casais de insulanos para o Brasil do Sul. Apesar do entusiasmo dos povos, o surto migratório não atinge, entretanto, tal montante. De facto, nos Açores, identificamos o alistamento de aproximadamente 8000 indivíduos, dos quais zarpam cerca de 6000 para a ilha de Santa Catarina, donde depois irradiam para paragens continentais sulistas, do Rio Grande à embocadura do rio da Prata. De início, a profusão de candidatos contrasta com a falta de embarcações. De seguida, sobrevêm a escassez de pretendentes, que suscita o desrespeito pelo voluntariado da operação.

Entre as causas do êxodo açoriano rumo à América do Sul, reconhecemos o ajustamento entre pretensões insulares e objetivos coloniais, designadamente, a justaposição de requerimentos locais de transferência para terras brasileiras com a política régia de alargamento do domínio português a sul do Rio de Janeiro. No entanto, sobrepomos as causas de procedência sul-americana às motivações de origem açoriana. Assim, avulta a necessidade de efetiva ocupação do

Brasil Meridional, por razões militares resultantes da ameaça espanhola, sobre as contrariedades açorianas, por exemplo, a persistente miséria, a síndrome do sobrepovoamento e a ação dos cataclismos. Neste contexto, em lugar de solução de um problema dos Açores, a deslocação de famílias para os sertões catarinense e rio-grandense significa sobretudo uma diligência de alívio de uma inquietação ultramarina, em nítida consonância com a hierarquia de prioridades da coroa. De facto, só este propósito justifica o empenho da realeza, que estimula a iniciativa dos povos, através da persuasão e dos privilégios.

Na caracterização das sucessivas levas de colonos, reconhecemos particularidades bem expressivas, no domínio das procedências geográfica e social. Assim, predominam os naturais das ilhas do grupo central, sujeitas à eclosão de crises cerealíferas e portadoras de elevadas taxas de densidade populacional. Do mesmo modo, prevalecem os pobres, que ambicionam a garantia da subsistência. Todavia, nesta dimensão, ainda identificamos oscilações bem sensíveis. No princípio, os incentivos régios e a ilusão da prosperidade movem a partida de muitos nobres, sobretudo filhos segundos, arredados da fruição do património familiar. No fim, a descrença na primitiva miragem da riqueza colonial motiva a rarefação dos pretendentes e, por consequência, o embarque, mesmo coercivo, de vadios e indigentes.

Por meados do século XVIII, a monarquia define os destinos da colonização açoriana no Brasil, elegendo as regiões mais expostas à ameaça dos estrangeiros, que não suscitam atração sobre os naturais, movidos pelas oportunidades da economia, jamais pelas premissas da soberania. Nestas circunstâncias, avultam as extensões do sul, cuja ocupação faculta a almejada aproximação à embocadura do Prata, que provoca a oposição e a investida dos espanhóis. Primeiro, ressalta a prioridade do povoamento da ilha de Santa Catarina, considerando as vantagens da estratégia. Depois, sobrevêm o proveito geoeconómico da apropriação do Rio Grande, que defronta as dificuldades do prolongamento da longa viagem, mormente, os embaraços da logística e a resistência das famílias.

Na 2ª metade do século XVIII, os açorianos contribuem decisivamente para a estruturação e o crescimento do Rio Grande do Sul, precariamente criado pouco antes, em 1737. Aliás, no início da colonização, os insulanos constituem o principal e mais decisivo contingente de povoadores (FORTES, 1932, p. 127). De facto, afluem de todas as partes, do sul, procedentes da Colónia do Sacramento, dada a insustentabilidade do quotidiano, do norte, provindos de Santa Catarina, mais por interesse da coroa do que por efeito da miséria. E dos próprios Açores, em vez de casais, chegam agora essencialmente militares, recrutados à força e com prejuízo do equilíbrio social e da base económica insulares, mas indispensá-

veis na fronteira sul-americana, permanentemente sujeita às correrias bélicas, por consequência aos avanços e aos recuos territoriais. Por muitos anos, os açóricos enfrentam todas as contrariedades, fruto de uma grande desorganização, constantemente acrescida pelo curso da guerra, que também dificulta o cumprimento das promessas régias de distribuição de terras, víveres e artefactos. Ao cabo de quase três séculos, apesar da regular sucessão do tempo e da contida prática da miscigenação, que geram o esquecimento e a indiferenciação, permanece viva a herança cultural açoriana no rincão rio-grandense, decerto que contribuinte da gestação do povo gaúcho.

Referências

ALMEIDA, Luís Ferrand de. *A Diplomacia Portuguesa e os Limites do Brasil*, I. (1493-1700). Coimbra, 1957.

ALMEIDA, Luís Ferrand de. *A Colónia do Sacramento na época da sucessão de Espanha*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1973.

ASSIS BRASIL, Joaquim Francisco de. *História da República Rio-Grandense*. Porto Alegre: Cia. União de Seguros Gerais, 1982.

BARROSO, Véra Lucia Maciel. Portugueses – Continentais e Ilhéus na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (1850-1900). In: BARROSO, Véra Lucia Maciel (Org.). *Açorianos no Brasil*: História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2022, p. 378-478.

CABRAL, Oswaldo R. Os Açorianos: contribuição ao estudo do povoamento e da evolução económica e social de Santa Catarina. *Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense*, II, Florianópolis, Imprensa Oficial, 1950, p. 503-608.

"Carta a El Rey Nosso Senhor em que lhe faz relação António Couto das seis ilhas baixas e da Terceira, anno de 1709. In: *Arquivo dos Açores*, XII, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1983, p. 470.

O Códice 529 – Açores do Arquivo Histórico Ultramarino. A Capitania-Geral dos Açores durante o Consulado Pombalino: introdução e fixação do texto por José Guilherme Reis Leite, s/l, Secretaria Regional da Educação e Cultura/Universidade dos Açores, Coleção de Fontes para a História dos Açores, 1988.

CORDEIRO, Carlos; MADEIRA, Artur Boavida. A Emigração Açoriana para o Brasil (1541-1820): uma leitura em torno de interesses e vontades. In: *Arquipélago-história*, Revista da Universidade dos Açores, 2ª série, VII, Ponta Delgada, p. 99-122, 2003.

CORTESÃO, Jaime. *Tratado de Madrid:* antecedentes – Colónia do Sacramento (1669-1749). Rio de Janeiro, 1954.

ESPÍRITO SANTO, Miguel Frederico do. Os casais de número e as formalidades da Real Mercê. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel. *Açorianos no Brasil*: História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre, EST, 2002, p. 178-188.

FORTES, João Borges. *Casaes – História*. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1932.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. Açorianos no Rio Grande do Sul. In: *Arquipélago-história*, Revista da Universidade dos Açores, 2ª série, VII, Ponta Delgada, p. 123-142, 2003.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. Mulheres açorianas na formação do Rio Grande do Sul. *Arquipélago-história*, Revista da Universidade dos Açores, 2ª série, VIII, Ponta Delgada, p. 11-19, 2004.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. A Presença Portuguesa na Região Platina. *Arquipélago-história*, Revista da Universidade dos Açores, 2ª série, IX-X, Ponta Delgada, p. 141-152, 2005-2006.

GHISLENI, Maria Helena Pena. *Açorianos no Rio Grande do Sul:* documentos interessantes, Porto Alegre: Caravela, 1991.

GODINHO, Vitorino Magalhães. L'Émigration Portugaise (XV-XX siècles): une constante structurale et les réponses aux changements du monde. In: *Revista de História Económica e Social*, 1, Lisboa, Sá da Costa, p. 5-32, 1978.

GUTFREIND, Ieda. A construção da história do Rio Grande do Sul – matrizes luso-açoriana e hispânica. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel. (Org.). *Açorianos no Brasil*: História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002, p. 479-501.

KUHN, Fábio. *Breve História do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

MACEDO, Francisco Riopardense de. Açorianos para o Sul do Brasil. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel (Org.) *Açorianos no Brasil*: História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002, p. 189-210.

MARCADÉ, Jacques. O quadro internacional e imperial. In: SERRÃO, Joel; OLIVEIRA MARQUES, A. H. (Dir.) *Nova História da Expansão Portuguesa*: *o Império Luso-Brasileiro (1620-1750)*. Lisboa: Estampa, 1991, p. 17-90. (Coord. Frédéric Mauro).

MATOS, Paulo Lopes; SOUSA, Paulo Silveira e. População e movimentos migratórios: a atração do Brasil. In: MATOS, Artur Teodoro de; MENESES, Avelino de Freitas de; LEITE, José Guilherme Reis. *História dos Açores:* do descobrimento ao século XX. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2008, p. 535-577.

MENESES, Avelino de Freitas de. *Os Açores nas encruzilhadas de Setecentos (1740-1770)*, I. Poderes e Instituições. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1993.

MENESES, Avelino de Freitas de. *Os Açores nas encruzilhadas de Setecentos (1740-1770)*, II. Economia. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1995.

MENESES, Avelino de Freitas de. *Gentes dos Açores:* o número e a mobilidade em meados do século XVIII. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1997. (policopiado).

MENESES, Avelino de Freitas de. Os Ilhéus na Colonização do Brasil: o caso das gentes do Pico na década de 1720. In: *Arquipélago-história*, 2ª série, III, Revista da Universidade dos Açores, Ponta Delgada, p.251-264, 1999. (*)

MENESES, Avelino de Freitas de. Dos Açores aos confins do Brasil: as motivações da colonização açoriana de Santa Catarina em meados de Setecentos. In: *Ler História*, 39, Lisboa, ISCTE, 2000, p. 115-140. (*)

MENESES, Avelino de Freitas de. Entre os Açores e o Brasil em meados do século XVIII: as condições de transporte de casais açorianos para a ilha de Santa Catarina. In: SILVA,

Maria Beatriz Nizza da (Coord.). *Sexualidade, Família e Religião na Colonização do Brasil*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001 (a), p. 233-247. (*)

MENESES, Avelino de Freitas de. Em torno da condição social da colonização setecentista açoriana do Brasil Meridional. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza da Silva (Coord.). *De Cabral a Pedro I:* aspetos da colonização portuguesa no Brasil. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2001 (b), p. 97-109. (*)

MENESES, Avelino de Freitas de. Os Açorianos na Colonização Setecentista do Brasil Meridional: destinos, acomodação e resultados. *Stvdia*, 58-59, Lisboa: IICT/Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, p. 43-59, 2001-02, (*)

MENESES, Avelino de Freitas de. A População dos Açores em Meados do Século XVIII. In: SANTOS, *A Demografia das Sociedades Insulares Portuguesas. Séculos XV a XXI*, coordenação de Carlota Santos e Paulo Teodoro de Matos, Braga: CITCEM, 2013, p. 167-199. (*)

MENESES, Avelino de Freitas de. Os Açorianos na estruturação do Brasil do Sul: as levas de meados do século XVIII. In: SCOTT, Ana Sílvia Volpi; BERUTE, Gabriel Santos; MATOS, Paulo Teodoro de. (Org.). *Gentes das Ilhas:* trajetórias transatlânticas dos Açores ao Rio Grande de São Pedro entre as décadas de 1740 e 1790. São Leopoldo: Oikos, 2014, p. 60-81. (*)

MONTEIRO, Jônathas da Costa Rego. Dominação Espanhola no Rio Grande do Sul – 1763-1777. In: *Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776-1976)*, 4° v., Rio de Janeiro: IHGB/IGHMB, 1979.

NEIS, Ruben. *Guarda Velha de Viamão*. Porto Alegre: EST, 1975.

PIAZZA, Walter F.. *O Brigadeiro José da Silva Paes:* estruturador do Brasil Meridional. Florianópolis: Ed. da UFSC/FCC; Ed. da FURG, 1988.

PIAZZA, Walter F.. *A Epopeia Açórico-Madeirense. 1748-1756*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Lunardelli, 1992.

PINTO, Paulo Estivalet Flores. A Saga Açoriana na Conquista das Missões. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel (Org.). *Açorianos no Brasil*: História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002, p. 307- 320.

PUNTONI, Pedro. Lutas no sul do Brasil (1680-1777). In: BARATA, Manuel Themudo; TEXEIRA, Nuno Severiano; HESPANHA, Antônio Manuel. (Dir.). *Nova História Militar de Portugal*, v. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, 2004, p. 307-316.

ROCHA, Gilberta; RODRIGUES, José Damião; MADEIRA, Artur Boavida; MONTEIRO, Albertino. O Arquipélago dos Açores como Região de Fronteira, In: *Arquipélago-História*, Revista da Universidade dos Açores, 2ª série, IX-X, Ponta Delgada, p. 105-140, 2005-2006.

RODRIGUES, José Damião. Os Açores e a Expansão: bens e gentes no espaço colonial português (séculos XV-XVIII). In: *Insulana*, XLIX, Ponta Delgada: Instituto Cultural, 1993.

(*) Estudo incluído em Avelino de Freitas de Meneses. *Antigamente Era Assim! Ensaios de História dos Açores*. 2. ed. rev. e aum. Ponta Delgada: Letras Lavadas edições, 2018.

RODRIGUES, José Damião. Entre Duas Margens: a circulação atlântica dos açorianos nos séculos XVII e XVIII. *Arquipélago-História*, Revista da Universidade dos Açores, 2ª série, VI, Ponta Delgada, p. 225-245, 2002.

SANTOS, Eugénio dos. Os açorianos no povoamento e defesa do extremo meridional do Brasil: o caso do Rio Grande do Sul. *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX*, Atas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e Pico de 10 a 13 de maio de 1993, Horta, Núcleo Cultural, p. 373-385, 1995.

SANTOS, Porcino Medeiros dos. *Economia e Sociedade do Rio Grande do Sul (século XVIII)*, Brasília: Companhia Editora Nacional, 1984.

SERRÃO, Joel. *A Emigração Portuguesa:* sondagem histórica. Lisboa: Livros Horizonte, 1977. (Coleção Horizonte, 12).

VARELLA, Alfredo. *Rio Grande do Sul:* descrição física, histórica e económica. Porto Alegre: Echenique&Irmão; Livraria Universal, 1897.

Vulcanismo nos Açores. XX. Anno de 1718. Erupção na Ilha do Pico. In: *Arquivo dos Açores*, III, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, p. 497-506, 1981.

Vulcanismo nos Açores. XXIII. Anno de 1755. Efeitos do Terramoto de Lisboa nos Açores. In: *Arquivo dos Açores*, IV, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, p.350, 1981.

Vulcanismo nos Açores. XL Anno de 1755. In: *Arquivo dos Açores*, IX, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, p. 434, 1982.

WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. *A Colonização Açoriana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Instituto Cultural Português, 1979.

Fontes documentais

Arquivo do Estado da Baía. *Ordens Régias*, v. 34.

Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa). *Açores*, cxs. 2, 3, 11 e 24.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa).

Arquivo Histórico do Ministério das Finanças (integrado), cx. 407. Chancelaria de D. José I, Livro 67.

Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça (Horta). *Câmara da Horta*, Livro de Registo (1716-51); Vereações (1747-51).

Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro (Angra do Heroísmo). *Câmara de Angra*, Livro de Registo (1735-52); *Capitania Geral*, Livro de Registo Geral da Provedoria da Fazenda de Angra (1700-74).

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. *Câmara de Ponta Delgada*, Livro de Registo (1719-95).

II PARTE

A HISTORIOGRAFIA SUL-RIO-GRANDENSE DA DIÁSPORA AÇORIANA PARA O EXTREMO-SUL DO BRASIL "REVISITADA": O CONTEXTO DO TEMPO DA CHEGADA (SÉCULO XVIII)

O RIO GRANDE DO SUL NOS SÉCULOS XVII E XVIII: UM CENÁRIO DE DESAFIOS PARA OS AÇORIANOS

Paulo Estivalet Flores Pinto[1]

"Será quase impossível que exista algum rio-grandense
de origem lusitana, nos dias de hoje, que não tenha
em suas veias sangue de açorianos."
Moacyr Domingues

Em 7 de junho de 1494, os reis ibéricos estabeleceram em Tordesilhas a imaginária linha vertical, traçada de polo a polo, linha esta que ficou, desde o seu nascimento, submetida ao vai e vem, ligado à conjuntura política europeia. O indefinido ponto inicial na bacia Amazônica, ao norte, e da bacia do Rio da Prata, ao sul, provocou, desde o início, a confusão do meridiano divisor das terras castelhanas e das do Brasil português. O tempo passou e a diplomacia não resolveu questões fundamentais que não foram detalhadas no Tratado, tais como: qual seria a medida de cada légua marítima e de que ponto do arquipélago de Cabo Verde seria iniciada a contagem das trezentas e setenta léguas. Para os espanhóis, a linha imaginária de Tordesilhas passava na foz do rio Amazonas, ao norte, e findava, ao sul, no rio Cananéia, onde atualmente está localizada a cidade de Iguape, no litoral paulista. Já para os portugueses, num primeiro momento, a linha divisória, ao sul, terminava em Baia Blanca, hoje território argentino, cerca de duzentos quilômetros ao sul da foz do Rio da Prata. Mais tarde, ao adotar o sistema de Capitanias Hereditárias, Portugal retrocedeu e passou a admitir que a linha divisória findava em Laguna. O tratado vai perdurar até 1750, quando Fernando VI, de Espanha, e João V, de Portugal, assinaram o Tratado de Madri ou Tratado de Permuta para os espanhóis.

Em 1580, em virtude do desaparecimento de Dom Sebastião, rei de Portugal, nos conflitos do norte da África, não deixando herdeiros, Felipe II da Espa-

1 Pesquisador, membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, autor de trabalhos relacionados ao Rio Grande do Sul, séculos XVIII e XIX. Porto Alegre/Rio Grande do Sul-Brasil.

nha, por ligação de parentesco, toma o trono português, unindo as duas coroas, dando início à União Ibérica (período Filipino). Nesse período, Portugal aproveita a circunstância das fronteiras terem se afrouxado, quase se extinguindo, para intensificar o livre comércio praticado na região do Prata com base em Buenos Aires. Esta situação acaba em 1640, após custosíssima luta, quando os lusitanos repõem no trono um rei de sua própria estirpe, dando fim à União Ibérica. Os conflitos ainda perduraram até 13 de fevereiro de 1668, cessando com um tratado de paz. Neste momento, os portugueses estão excluídos do lucrativo comércio de Buenos Aires que envolvia o contrabando de metais preciosos vindos de Potosi, e principalmente de escravos, comércio este em que os portugueses participaram ativamente entre 1585 e 1640.

Os portugueses já tinham avançado sobre o limite meridional do Tratado de Tordesilhas com a fundação de Laguna, alegando ser ali e não Cananéia o limite do Tratado. A pressão dos comerciantes para restabelecer suas atividades levam os portugueses a fundar a Colônia do Santíssimo Sacramento à margem esquerda do Rio da Prata, em 20 de janeiro de 1680, em frente a Buenos Aires, desafiando os espanhóis com o propósito de legitimar o avanço português em direção ao Prata e restabelecer o rico comércio do qual haviam sido alijados desde 1640. Neste mesmo ano, em agosto, os espanhóis comandando três mil guaranis acompanhados pelos jesuítas, sedentos de vingança devido às pilhagens que os paulistas haviam feito no Guairá, anos antes, invadem e saqueiam a Colônia. Em maio de 1681, a Colônia é devolvida aos portugueses. No total, a Colônia foi invadida e devolvida aos portugueses seis vezes.

"A fundação da Colônia, com o avanço português às margens do Prata, foi alicerçada pela bula Romani Pontificis, de 22 de novembro de 1676, quando a prelazia do Rio de Janeiro foi erigida em bispado, estabelecendo o Rio da Prata como limite meridional" (ESPIRITO SANTO, 2002, p. 16). Quando os portugueses fundam a Colônia, os jesuítas espanhóis correm para reocupar as terras orientais do alto Uruguai que haviam abandonado há mais de quarenta anos, como resposta ao avanço português. Os jesuítas espanhóis abandonaram a região missioneira, onde haviam se estabelecido desde 1626, quando foram expulsos pelos bandeirantes paulistas, deixando o gado que haviam introduzido em 1634. O gado abandonado e livre se prolifera numa progressão geométrica e forma imensos rebanhos – as Vacarias do Mar e dos Pinhais –, que vão despertar o interesse dos lagunenses e outros aventureiros, dando início ao chamado "Ciclo do Couro". O gado começa a ser caçado, mas somente o couro e o sebo são aproveitados, levados para a Colônia e contrabandeados; o restante era abandonado.

Em 1705, a Colônia é novamente tomada pelos espanhóis, e somente é devolvida aos portugueses em 1715, com a assinatura do Tratado de Utreque (Utrecht em Neerlandês). Neste período, a atividade coureira segue em franca atividade praticada por desertores de navios estrangeiros, índios fugidos das Missões, castelhanos renegados, devedores da justiça; eram os "changadores". O Conselho Ultramarino, neste momento, prioriza a necessidade de ocupar a região que se estendia da margem oriental do Rio da Prata até Santa Catarina. O Tratado de Utreque, que estabelecia a devolução da Colônia em 1715, estava longe de dar fim à disputa pela posse da Colônia, mas apenas "no lo más que um pacto de enemigos que hartos de luchar acuerdam um reparo del botin, para não seguir golpeando-se" (ARANA, 1937, v. 1, p. 330. Respeitada a grafia da época). A devolução da Colônia fora uma concessão que a Coroa espanhola empenhar-se-ia em reaver sempre que lhe surgisse a ocasião, pois a sua entrega comprometia seu domínio no Prata, e também o domínio colonial da América.

Em 1718, sessenta casais de transmontanos chegam à Colônia. Neste mesmo ano, entre primeiro e quinze de fevereiro, acontece um terremoto na ilha do Pico com imensa erupção de lava, agitando seus habitantes, que vão pleitear o seu transporte para o Brasil; a coroa autorizou tal migração.

As duas primeiras décadas do século dezoito foram de imensa atividade sísmica nas ilhas açorianas, desencadeando na população do arquipélago um movimento migratório, após um período de fome causada pelo constante fracasso das colheitas. Há, então, um efetivo alistamento na ilha do Pico, de mil quatrocentas e trinta pessoas, para "irem povoar as conquistas que lhe fossem determinadas pelo real Arbítrio" (PIAZZA, 1992, p. 34). Tal alistamento ensejou na ilha Terceira, um movimento tendente à emigração, porquanto advogaram os seus "homens bons que dali se podem extrair o mesmo número, ou mais, por se achar opulenta de gente, sem bens, nem razão que possa dificultar seu embarque" (PIAZZA, 1992, p. 34).

Em 1722 foram mandados para Colônia trinta ilhéus que haviam chegado no Rio de Janeiro sem autorização. Em vez de fazê-los retornar a Portugal, como determinava a lei, o governador resolveu remetê-los à Colônia do Sacramento, que naquele momento, vivia um raro período de calma até o início do novo cerco (1735). Em 1728, outra leva de ilhéus chegava à Colônia, também enviados pelo governador do Rio de Janeiro que haviam ali chegados sem autorização para emigrar. Em seis de outubro de 1730, o Conselho Ultramarino aprecia matéria opinando sobre os benefícios do povoamento das "Capitanias do Brasil", especialmente o "sitio do Rio Grande de São Pedro, antes que seja ocupado por outra

Nação". Começa aqui um vigoroso fluxo migratório do arquipélago dos Açores em direção à América Meridional, que vai perdurar até fins do século dezoito.

Os lagunistas, que também participavam ativamente da atividade coureira, vislumbram a possibilidade de levar gado em pé para o norte. De Laguna, que já era vila em 1714, comandado por Francisco de Brito Peixoto, em 1725, rumo ao sul, desloca-se um grupo de aproximadamente trinta componentes – genros de Brito Peixoto, escravos, mamelucos e índios carijós –, "gente armada em guerra", que viera em caráter militar, e era liderada por seu genro João de Magalhães; os historiadores chamam de "Frota de João de Magalhães". Tinha a missão de garantir a passagem das tropas de gado vindas do sul pelo canal, onde hoje é a cidade de Rio Grande, desembocadura da Lagoa dos Patos no Oceano, dando proteção aos constantes ataques dos índios e dos castelhanos.

"Essa ocupação, verdadeiro ato inicial da fundação do Rio Grande do Sul realizou-se em novembro de 1725" (CORTESÃO, 2001, p. 303).

Muitos componentes da Frota, e o próprio Magalhães serão os primeiros povoadores dos Campos de Viamão. A Frota retorna à Laguna em 1727. Muitos já vão tomando posse nos Campos de Viamão, formando as "estâncias" que davam apoio e proteção ao trânsito das tropas que seguiam para Laguna. Mais tarde, estas estâncias foram objeto de fixação dos tropeiros que as recebiam como sesmarias. O Visconde de São Leopoldo, emérito historiador rio-grandense diz: "ir deixando seus companheiros se aposentando pelas campanhas" (FERNANDES PINHEIRO, 1978, p. 65). A permanência da Frota por dois anos na barra do Rio Grande vai definindo o local, onde mais tarde serão fundados em 1737, o Presídio e o Forte Jesus Maria e José.

A inconformidade dos espanhóis com o avanço português aumenta por volta de 1730, motivada pela expansão das atividades portuguesas na Colônia, que tomava rumo inaceitável para os espanhóis, devido à dilatação das estâncias, o aumento considerável da atividade no campo, e o esvaziamento dos rebanhos bovinos que, já sistematicamente, eram levados para o Brasil. Ao mesmo tempo, a participação da praça no comércio platino aumentava consideravelmente. O clima belicoso, os conflitos permanentes e o avanço português levaram os espanhóis a tentarem conter definitivamente a expansão territorial, fazendo valer o limite estabelecido anteriormente dos domínios portugueses, a distância de um "tiro de canhão", desde os muros da cidadela e proibir qualquer comércio entre a praça e os domínios espanhóis. Em 1735, como estas medidas não surtiram efeito e diante da evidência de que os portugueses não estavam dispostos a se sujeitarem às suas condições, desistindo do projeto de expansão no Prata, a coroa espanhola, tendo um bom pretexto no

estado de tensão criado entre as duas metrópoles na Europa, em virtude de um incidente diplomático, enviou ordem ao governador de Buenos Aires para que: "Sin esperar que formalmente se declare la guerra com Portugueses, y solo em virtude de esta orden, se sorprenda, tome y ataque la Ciudad y Colônia del Sacramento" (QUEIROZ, 1987, p. 38).

O ataque inicia em 28 de novembro de 1735 e só termina em 1737. Neste período, a Colônia sofreu um bloqueio que ocasionou todo tipo de restrição. Ela foi constantemente bombardeada pelos espanhóis, ajudados por grande contingente de índios missioneiros, comandados por jesuítas. A fome levou os colonistas a consumirem todos os tipos de animais, como cães e gatos que não se salvaram. As doenças e o escorbuto dizimavam a população. O restrito socorro de abastecimento só chegava por mar e os alimentos chegados, mal podiam ser preparados pela falta de lenha; toda madeira das residências foi usada, desde portas e janelas. A paz só chega em primeiro de setembro de 1737, paz esta provisória. A relação conturbada entre portugueses e espanhóis, ainda vai perdurar por muitos anos.

Foi nesta ocasião que o Brigadeiro José da Silva Paes, depois de constatar ser impossível manter posição, onde hoje se ergue a capital da República Oriental do Uruguai, desembarcou em 19 de fevereiro de 1737, nas proximidades da barra do Rio Grande, local já identificado por Cristóvão Pereira de Abreu. Cristóvão, português, natural da Vila de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo, muito jovem iniciou sua participação nos primórdios da ocupação da América Meridional pelos portugueses, como contratador de couros na Colônia do Sacramento, por volta de 1700, representando o interesse de comerciantes do Rio de Janeiro que detinham o contrato.

Futuramente vai participar de quase todos os eventos que envolvem a primeira ocupação do território do Rio Grande de São Pedro, desde a chegada de Silva Paes a Rio Grande ao estabelecimento definitivo do caminho das tropas rumo ao norte. Sua participação perdura até a chegada dos açorianos, quando auxiliou a Coroa na primeira acomodação no seu desembarque no Porto do Dorneles em 1752. É considerado o "precursor do Rio Grande do Sul".

"El año de 1737 verá nacer em el Atlántico la plaza fuerte de San Pedro del Rio Grande, primera fundación colonizadora que los luso-brasileños ejecutan em el Rio Grande español en contestación a San Felipe y Santiago de Montevideo" (SANGUINET, 1999, p. 13).

Nos primeiros anos, as dificuldades eram enormes, como relata o SJ padre Melchor Strasser, náufrago que aporta em Rio Grande em 1744, citado por Manoelito de Ornellas (1947, p. 100).

> A comarca em que eles vivem atualmente era, ainda há sete anos uma selva horrível e emaranhada na qual se refugiavam, além de inumeráveis papagaios, muitos tigres ferozes... Em cada casa é fácil encontrar uma ou duas peles de tigres, que colocam em cadeiras e assentos. As casas, escreve ele: são miseráveis, tanto o palácio do Governador como nossa capela são cobertas de palha. Os infelizes vizinhos não estão seguros por serem sepultados pela quantidade de areia que o vento muito forte acumula nos arredores.

Muitos colonistas foram atraídos pela posição muito mais segura de Rio Grande, do que Colônia, que era constantemente importunada pelos espanhóis, e também pela oportunidade de adquirir terras e gado que eram ofertadas.

> São sem número os moradores que querem vir estabelecer-se neste Rio Grande e aqui me segura um Domingos Martins, que saiu da Colônia e levado a sua família para esta cidade, a vai buscar para aqui e alguns mais, porém espera que lhe dê terreno para começar suas searas, e algum gado como é costume: para principiar eu lhe segurei que daria a cada casal dez ou doze cabeças [...] terreno para fabricarem [...] e parece-me se lhe deve fazer por ora todo o bom partido e sem dúvida concorrerá muita gente para o povoar. (Carta de Silva Paes a Gomes Freire. QUEIROZ, 1987, p. 58).

Em 13 ou 14 de janeiro de 1750, os reis ibéricos D. João V, de Portugal, e D. Fernando Vl, da Espanha, firmavam o Tratado de Madri ou de Permuta para os espanhóis, que fixava novos limites entre Espanha e Portugal. Ele substitui e anula a Bula do Papa Alexandre Vl, de 1493, o de Tordesilhas, de 1494, o de Zaragoza de 1519, o de Lisboa de 1681 e a paz de Utreque de 1715.

A nova linha divisória tentava solucionar, entre outros, o problema da Colônia do Santíssimo Sacramento, motivo de infindáveis disputas entre as coroas. A Colônia tornara-se um poderoso entreposto comercial, superando economicamente Buenos Aires. Este novo tratado, entre seus artigos, estabelecia a permuta da Colônia pelos Sete Povos das Missões Orientais. "La entrega del território ocupado por los Siete Pueblos, previsto nos artigos 14 e16 do Tratado de Madri, constituyó el período más dramático y controvertido de la historia de Rio de la Plata en el siglo XVIII" (ARTEAGA, 1999, p. 143).

Para a execução do Tratado de Madri, por determinação das cortes de Espanha e Portugal, em janeiro de 1752, deslocam-se para a região platina Gomes Freire de Andrade (futuro conde de Bobadela), e o Marquês de Valdelirios. Depois de muita pompa, iniciam por Castilhos Grande (Rocha, Uruguay) a demarcação da nova linha, demarcação esta que nunca foi concluída. A inconformidade dos índios missioneiros e dos jesuítas seus protetores, em relação ao cumprimen-

to do Tratado, levou os exércitos coligados de Espanha e Portugal a declararem guerra (Guerras Guaraníticas, de 1753 a 1756) às Missões e praticamente destruí-las. A Guerra Guaranítica termina em 10 de fevereiro de 1756, com a Batalha de Caiboaté, onde mais de mil índios, inclusive o comandante Sepé Tiarajú, foram trucidados pelos exércitos ibéricos.

Logo depois de estabelecido o Tratado de Madri, o Conselho Ultramarino imediatamente determina dar continuidade ao seu projeto de ocupar o território missioneiro, com "gentes das ilhas", que ora devia estar sendo desocupado e entregue aos portugueses. Neste momento, Gomes Freire de Andrade, determina a Manoel Escudeiro, governador de Santa Catarina, sustar a distribuição de mais colonos em Santa Catarina, e a expedir para o Rio Grande a quase totalidade dos casais que chegaram no ano de 1752, e o fluxo migratório dos Açores para a ilha de Santa Catarina passou a ser prolongado para o Rio Grande de São Pedro, quando levas de colonos foram trazidos de lá para a Vila de Rio Grande.

Tudo começa com a decisão de D. João V, rei de Portugal, e a ordem a Gomes Freire de Andrade "[...] se mandasse transportar até 4000 Casais para as partes que fosse mais preciso e conveniente povoarem-se logo" (CORTESÃO, 2001, v. II, p. 253). Compreendia-se "Casal", o marido e a mulher, os filhos, que quase sempre eram muitos, e também parentes próximos, chegando ao número de 10 pessoas.

Os autores riograndenses e catarinenses que tratam da ocupação da América Meridional pelos colonos açorianos, nunca chegaram a um consenso sobre o número de casais que vieram do Arquipélago para o sul do Brasil. Os casais desembarcados no Desterro e transferidos para o Rio Grande de São Pedro eram transportados em pequenos grupos por embarcações menores, dificultando a exatidão da contagem. Outro fator determinante para a dificuldade na contagem dos casais, foi a política de sigilo adotada pelos portugueses, que não tinham o menor interesse na divulgação de números. A política de sigilo, já exitosa anteriormente em outras ocupações, como a de Rio Grande por Silva Paes, foi uma estratégia para encobrir as reais intenções da Coroa Portuguesa no avanço da ocupação do Continente.

Iniciava aqui a via-crúcis dos ilhéus, que seduzidos pelos editais do reino, concitando a todos os interessados para serem transportados e instalados no Brasil, com promessa de terras, animais, ferramentas e sementes, passassem a ocupar os espaços conquistados na América Meridional. Após se desfazerem das suas propriedades e animais, pagarem suas dívidas e se alistarem no programa, chegavam a aguardar meses e até anos para serem embarcados, padecendo de abrigo e fome até o efetivo embarque. A penosa viagem durava de dois a três

meses, dependendo dos ventos. A viagem era feita em pequenos navios mercantes, daquela época – as galeras –, que não eram próprias para o transporte de passageiros, sem acomodações e superlotados, e ainda tinham que se submeter a rigoroso regulamento.

> Regimento q. se ha de observar no transporte das ilhas para o Brasil. D. João e por ser conveniente acautelar as desordés que costumam suceder em viagés largas particularmente por navios em 'q, se transportam mulheres e ser justo 'q. os 'q levão neles suas famílias tenhão a consolação de ver 'q. se dão todas as providencias necessárias pa. que elas sejão conduzidas com toda a honestidade e recato, houve por bem, em consulta do meu Cons Ultram de 11 de junho do presente anno pa. a condução dos casais 'q tenho mandado das ilhas da Madeira e Açores para o Brasil se formasse esse regimento pa. ser observado por todos os 'q. forem nos navios em 'q. se fizer este transporte e pelas mais pessoas a quem estiver encarregado o cuidado dele nas partes 'q. lhe tocar, na maneira seguinte (PIAZZA,1992, p. 166. Respeitada a grafia da época).

Seguem 16 artigos constantes no regimento, onde chama atenção o nono, o décimo e o décimo quarto artigos.

> Dentro das câmaras das mulheres não entrará homem algum salvo em caso de doença, o Sirurgião, ou o capelão, quando for preciso administrar os sacramentos a alguma enferma. Os meninos até sete anos irão nas câmaras das mulheres.
>
> Não falará homem algum com as mulheres, salvo marido a sua mulher, filho a sua mãe, ou irmão a sua irmã, e para isso precederá licença do cap. ou mestre do navio, e do mandante, os quais irão abrir o postigo e estarão presentes enquanto se conservar aberta; e o mesmo farão à hora em q. for necessário levar-se as mulheres comida e agoa (PIAZZA, 1992, p. 168).
>
> Nenhum elemento povoador do Rio Grande do Sul teve que experimentar as dificuldades enfrentadas pelos açorianos para se fixar, desde a penosa viagem que demorava, então, entre dois a três meses, onde eram tratados pior que os escravos, já que estes eram carga valiosa e recebiam alguns cuidados, enquanto os açorianos eram empilhados nos navios com suas trouxas, mal podendo se mover. Confinados, mal alimentados e com água racionada, logo apareciam as enfermidades, o escorbuto e as infecções intestinais. A mortandade era muito grande durante a travessia. Ao armador, que recebia por casal embarcado, interessava apenas o lucro; convinha-lhe, então durante a viagem libertar-se ao máximo daquele peso humano. O Conselho Ultramarino, a fim de reduzir o número de mortes durante a viagem, propunha que

> metade do preço fosse pago no ato do embarque e a outra somente na chegada ao destino, após contados os vivos. O armador não teria assim interesse que a maioria morresse durante a viagem.

Manoel Escudeiro em carta ao rei descreve as agruras sofridas durante a viagem, e após o desembarque de três navios vindos do arquipélago:

> Agora que voltão todos os três em conserva para as ilhas exponho a real notícia à V. Magestade que logo ao desembarcar daquela gente expirarão algumas pessoas, e se recolherão a dous Hospitaes cento e trinta enfermos de hu e outro sexo, de Malignas, e erupções escorbúticas; a que se acodio com todo o cuidado possível: Sacramentando-se por Viático (extrema-unção) em um só dia mais de cem, que se acharão deplorados; e desde então athé hoje falecerão dez: por cujo motivo ficarão muitos órfãos de pay e may, e não poucas veuvas sumariamente desamparadas: vendo-me obrigado a representar a V. Magestade que a infecção, e a mortandade que houve neste Navio, procedeo do excessivo número de gente, qual foy o de seiscentas, e oitenta e seis pessoas, que delle embarcou, além de sincoenta homens da sua tripulação: não sendo possível que hun navio acharruado de popa fechada, tenha capacidade para acomodar o tal número, nem ainda uma tersa parte menor; julgando por mais conveniente ao serviço de V. Magestade; e bem dos mesmos transportados, virem Galeras de popa aberta, de bons cômodos, e de quarenta athé sincoenta cazaes; poes exedendo este numero, tudo he dezordem e confuzão qual se pode considerar aonde falta comodidade, limpeza e arrumação (PIAZZA, 1992, p. 284-285. Respeitada a grafia da época).

Ainda nesta correspondência, Manoel Escudeiro relata: "Tambem veio muita gente velha, e inútil, sem outro fim que de sustentar-se a expensas regias; cuja esmola, quando V. Magestade assim houvesse por bem nas mesmas ilhas a poderião conseguir da su Real clemencia, sem a despesa do transporte."

Comenta também sobre nobres empobrecidos:

> Para esta ilha (Santa Catarina) tem vindo muitas famílias nobres; como taes, não sabem, nem podem trabalhar; e pela sua muita pobreza, menos tem com que comprem escravos, ou paguem a trabalhadores, que rossem, e rompão as terras, que V. Magestade lhes dá: pelo que todos os da referida natureza... e justamente se consideram perdidos neste paiz; que presentemente só hé útil para os que se criarão com Fouce, e Machado nas mãos (PIAZZA, 1992, p. 285. Respeitada a grafia da época).

A total desorganização em relação à logística do transporte dos casais fica evidenciada em outra comunicação do mesmo Escudeiro:

> Transportarão estes Navios trezentos e onze Cazaes, que comprehendem mil sete centos e quarenta e seis pessoas; e como se não fez aviso para lhes preparar a sua chegada; o que me obrigou a despedir logo a Sumaca do serviço para o Rio de Janeiro em busca de mantimentos por ter certeza de não haver já Farinhas no de São Francisco, e em Paranaguá (PIAZZA, 1992, p. 280. Respeitada a grafia da época).

Porém o território missioneiro, destino final dos casais açorianos, estava muito longe de ser desocupado.

Em 12 de fevereiro de 1761 foi firmado o tratado de "El Pardo", entre D. José I, rei de Portugal, e D. Carlos III, rei de Espanha, que cancelava tudo que fora anteriormente estipulado em 1750. O tratado, em um dos seus artigos, determina: "cancelados, cassados como se nunca houvessem existido". Por força do "Pacto de Família", Portugal, aliado da Inglaterra foi levado à guerra contra Espanha.

Em fins de agosto de 1762, Pedro de Cevallos, governador de Buenos Aires, ataca a Colônia, que se rende em 25 de outubro seguinte. Segue o avanço e em 19 de abril de 1763 está chegando ao forte de Santa Tereza que os portugueses haviam iniciado a construção, entre o oceano e a Laguna Negra ou Laguna de Los Defuntos, tomando o forte que capitula sem luta.

Em 24 de abril de 1763, a vanguarda espanhola tomou a Vila do Rio Grande, sem resistência e praticamente todas as posições portuguesas; o governador Elói de Madureira fugiu para Viamão. A incursão de Cevallos sobre o Rio Grande do Sul deixou os portugueses reduzidos à Fortaleza de Rio Pardo, Viamão e suas cercanias.

Nesse ano de 1763 havia um grande número de casais em torno da Vila do Rio Grande, outros grupos em Triunfo, em Santo Amaro e no Porto do Dorneles, todos instalados de maneira precária. Nada do que constou nos editais da Coroa (1746-1747), concitando os ilhéus a se transladarem ao sul do Brasil, foi cumprido. As promessas de que receberiam terras, animais, armas, ferramentas, sementes e garantia de sustento até a primeira colheita, não se concretizaram. Um dos problemas do assentamento é que o território já era ocupado por poucos proprietários de grandes glebas.

Acrescentando mais dificuldades, após o término das Guerras Guaraníticas, com a devastação das Missões e a tomada de Rio Grande pelos espanhóis, Gomes Freire de Andrade, por orientação de Pombal, retornou trazendo consigo um enorme contingente de índios, procurando atraí-los para o abrigo de Portugal. Foram levados para a Aldeia de São Nicolau (atual Cachoeira do Sul), Fazenda Real (entre São Simão-Palmares-Mostardas), Aldeia dos Anjos (atual Gravataí), Aldeia Velha (Santo Antônio da Patrulha), e, principalmente, Rio Pardo. Segundo

José Custódio Sá e Faria, passava de três mil almas, aumentando, assim, significativamente a população a ser assentada (GOLIN, 1998, p. 533).

Quando Ceballos toma a Vila de Rio Grande, por lá permanecendo algum tempo depois de ocupada, a desolação imperava aumentada pela sua resolução em retirar da vila e das redondezas, o elemento português, substituindo por espanhóis. Arrebanha os colonos açorianos que em suas incipientes plantações iniciavam a suprir Rio Grande e não conseguiram ou não quiseram fugir, localizados na vila e no Povo Novo da Torotama. Ceballos, impiedosamente, ordenou o seu deslocamento para fundar perto de Maldonado um povoado, que denominou São Carlos, homenageando o rei espanhol Carlos III.

> Las famílias que trae Ceballos, fueram concentradas primero em Santa Tereza, y de ali marcharam a lo que seria San Carlos, em tropas de carretas... Las famílias procediam de las Islas Azores: Graciosa, Tercera, Del Pico, Del Fayal y San Miguel... Los colonos portugueses que poblaban los territórios tomados por Ceballos em 1763 habian sido traídos desde las Islas Azores pocos años antes de 1748 y 1753, como elemento indispensable para radicacíon del poderio lusitano em el território. Estas famílias de inmigrantes llamados casais... sufriram toda classe de misérias y privaciones al tener que dejar sus tierras, sus parientes, sus amigos em el por entonces super poblado archipielogo azoriano y transladarse em uma riesgosa travessia oceânica para aclimatarse finalmente al nuevo mundo... Tuvieram novamente que abandonar sus chacras, em aras de um nuevo destino: el de crear una población, y uma población espanhola, sendo como eran súditos del monarca portugués. Estas famílias, com sus carretas, ganados, útiles de labranza y todos aquelles bienes materiales de que podian disponer, se tranladaran desde Rio Grande, veniendo a estabelecerse en la nasciente Villa de São Carlos 1763 (GUERRA, 1988, p. 214. Respeitada a grafia da época).

A ocupação do Continente pelos espanhóis, por mais de dez anos, aumentou mais ainda o sofrimento "das gentes das ilhas", provocando deslocamentos, migrações e uma enorme pressão através da presença nas margens dos rios (Jacuí e afluentes) até a débil fronteira de Rio Pardo.

Após o término das Guerras Guaraníticas, o caos se estabelece. A população de ilhéus e a massa dos índios trazidos por Gomes Freire de Andrade para o território português causaram inquietude, pois atos de invasões, roubos e depredações chegam a acontecer. A resignação, característica deste povo, esgotava-se com as promessas não cumpridas do governo. Cansados, abandonados, sem nenhuma assistência e sem as terras prometidas chegaram a ser tratados como "brutos homens das ilhas" (Carta de Francisco Xavier Furtado ao Conde da Cunha, em 18 de março de 1767, citado por FORTES, 1978).

O processo de acomodação dos casais açorianos foi prejudicado, também, pela preferência dada aos colonistas e aos índios, conforme orientação dada pelo Marquês do Pombal a Gomes Freire de Andrade, em uma das cartas secretíssimas trocadas entre ambos:

> [...] além dos reinóis, insulares e americanos, deve convidar também os mesmos índios fronteiriços daquelas regiões que no sul são os índios tapes ou guaranis. Deve convidá-los concedendo, e mesmo excedendo, as vantagens que lhes dão os missionários de Espanha, para que tenham interesse em passar à coroa de Portugal (Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, v. 50, p. 191, apud. BRUXEL, 1965).

E também pela carta de Gomes Freire ao Mestre de Campo Manoel Botelho de Lacerda, governador da Colônia do Sacramento: "[...] as famílias colonesas que quiserem passar àquela parte e donde acharão casas, igrejas e terras cultivadas certas que na repartição delas os não preferirão nem as famílias que S. M. tem ao presente na ilha de Santa Catarina tirados das ilhas a povoar seus antigos e novos domínios [...]" (FORTES, 1978, p. 90).

Ficavam, então, os ilhéus em terceiro lugar na ordem de preferência para a solução dos assentamentos. A situação começou a melhorar com a chegada, em 1769, de José Marcelino de Figueiredo (Manoel Jorge Gomes de Sepúlveda) e seu braço direito, o capitão engenheiro Alexandre José Montanha, com o firme propósito de assentar os colonos, dando execução aos projetos deixados pelo seu antecessor José Custódio de Sá e Faria. A partir de então (1769), começou um período de estabilização. As atividades agrícolas e pastoris começam a ser desenvolvidas de forma mais sistematizada, como é comprovado pelo censo de 1784-1785.

Em primeiro de abril de 1776, o exército luso brasileiro, comandado pelo tenente-general João Henrique Böehm a serviço de Portugal, desde 1767, após longa preparação, ataca e expulsa os espanhóis que haviam tomado a Vila de Rio Grande em 1763. A invasão castelhana no sul do Brasil teve grande importância na vinda de açorianos para o Rio Grande do Sul, não mais aos casais, mas aos soldados que vieram para a defesa do território. "No período de 1766 a 1798 foram recrutados no arquipélago um total de 3815 homens enviados para o Brasil. São Miguel, Flores e Terceira foram as ilhas que cederam o maior número de recrutas" (FRANZEN, 2003 p. 137). Do total muitos vieram para o sul. Em setembro de 1776, foram enviados para Santa Catarina 276 novos recrutas, 180 para o Rio Grande. Em carta do Marquês do Pombal dirigida ao Marquês do Lavradio, vice-rei do Brasil, em 9 de julho de 1774:

> [...] manda agora o dito senhor (o rei) transportar o regimento de infantaria paga que se acha na ilha Terceira e dois regimentos igualmente pagos na guarnição da Baía a essa cidade do Rio de Janeiro: para que, sem diminuir o número de regimentos da atual guarnição dela, haja V. Exa. de fazer passar imediatamente para o referido exército do Rio Grande de São Pedro [...] (CARNAXIDE, 1940, p. 263).

No Rio Grande do Sul, pouco ou nada se fala desses indivíduos. Porém, muitos deles deverão ter se integrado na nova sociedade que surgia. Era esta, inclusive, a intenção do governo metropolitano para que eles, também, viessem a contribuir com o povoamento da região, unindo-se à população local. Os voluntários deveriam servir à tropa, durante oito anos, e depois estavam livres para desligar-se do serviço militar. Nesta altura, a maioria já estaria casada com filhos. Regressar aos Açores, dificilmente ocorreria" (FRANZEN, 2003, p. 138). Com a expulsão dos espanhóis em 1776 e a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, e a anulação dos tratados anteriores, uma nova fronteira se estabeleceu. Sesmarias foram distribuídas dentro dos novos limites. Os açorianos que até este momento só recebiam datas, alguns passaram a receber sesmarias também.

Depois da vitória sobre os espanhóis, todo o território ao sul do rio Jacuí foi ocupado pelos portugueses até aos limites determinados, em 1777, pelo Tratado de Santo Ildefonso. Foram distribuídas sesmarias em toda esta área. Formaram-se as grandes estâncias, com as quais foram contemplados civis e militares, portugueses, paulistas, lagunistas e, também numerosos açorianos, que assim se tornaram, de pequenos agricultores, em grandes estancieiros. Nos livros de "Registro Geral" guardados no Arquivo Público (hoje estão custodiados no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul), e onde estão anotadas todas as concessões de terras, constata-se, que de 1780 a 1800, mais de cem açorianos se localizaram com grandes estâncias até a fronteira, isto é, nos atuais municípios de Rio Pardo, Cachoeira, São Sepé, São Gabriel, Caçapava, Encruzilhada, São Jerônimo, Camaquã, Tapes, Piratini e Bagé, nas novas terras que passaram ao domínio português. "É certo que o número de açorianos aí localizados seria muito maior do que nós conseguimos identificar" (Carta do Gen. José de Araújo Fabrício, em 12-9-1961, em resposta à consulta feita por Moysés Vellinho, e citada pelo mesmo em 1970).

Em que pese todas as adversidades enfrentadas, açorianos conseguiram passar de simples e pobres colonos a importantes proprietários de grandes glebas, atingindo este patamar em menos de meio século, ocupando significativa extensão do território conquistado.

A partir de 1801, as Missões foram tomadas por uma pequena força comandada, principalmente, por Manoel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, descendentes de açorianos. Expulsos os espanhóis definitivamente, se estabe-

lece um maciço movimento em direção ao território desocupado. Os filhos e os netos dos açorianos chegados há 50 anos, iniciam uma nova jornada rumo ao Sete Povos, espaço que havia sido destinado aos seus avós e pais.

> [...] os açorianos acompanharam na linha de frente o avanço de nossas fronteiras, tanto se fixando nas novas terras com suas estâncias de criação de gado, como integrando as forças militares que as conquistaram e defenderam. Eles tomaram parte na reconquista do Rio Grande e seus filhos e netos, como soldados e oficiais, alguns já em altos postos, fizeram todas as Campanhas do Prata, a conquista das Missões Orientais e a Revolução Farroupilha (Trecho da carta do Gen. José de Araújo Fabrício, apud. VELLINHO, 1970, p. 182).

Considerações finais

O propósito deste texto foi, sobretudo, o de oferecer um panorama sobre as origens da formação do Rio Grande do Sul, para contextualizar o cenário de desafios que os açorianos tiveram que enfrentar quando chegaram ao seu território.

A disputa entre as coroas ibéricas pelo domínio do extremo-sul da América, demarcada por guerras e tratados, foi fator extremamente desfavorável aos ilhéus que emigraram em busca de melhores condições de vida.

Que a narrativa apresentada possa contribuir para a compreensão de um capítulo muito importante da história dos açorianos dirigidos ao extremo-sul da América, com destaque para o Rio Grande do Sul.

Referências

ARTEAGA, Juan José. *Las Consequencias del Tratado de Madrid em la desarticulación de la frontera demográfica de la Banda Oriental (1750-1761).* Montevieo: Archivo General de la Nación; Centro de Difusion del Libro, 1999.

BARROSO, Véra Lucia Maciel (Org.). *Açorianos no Brasil:* História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002.

BIBLIOTECA RIOGRANDENSE. Devassa sobre a entrega da Villa do Rio Grande às tropas castelhanas (1764). Rio Grande: Biblioteca Riograndense, 1937.

CABRAL, Osvaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Plano Nacional de Educação; Secretaria de Educação e Cultura SC, 1952.

CARNAXIDE, Antônio de Souza Pedroso. *O Brasil na administração Pombalina*. Rio de Janeiro: Companhia Ed. Nacional, 1940, v. 192.

CIDADE, Francisco de Paula. *Lutas ao Sul do Brasil com espanhóis e seus descendentes* (1680-1828). Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1948.

CORTESÃO, Jaime. *O Tratado de Madrid.* Brasília: Ed. Senado Federal, 2001.

DOMINGUES, Moacyr. *A Colônia do Sacramento e o Sul do Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 1973.

FORTES, João Borges. *Os casais açorianos*: presença lusa na formação sul-rio-grandense. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978.

FORTES, João Borges. *Troncos seculares*: o povoamento do Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998.

FORTES, João Borges. *Rio Grande São Pedro*: povoamento e conquista. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2001.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. *Jesuítas portugueses e espanhóis no sul do Brasil e Paraguai coloniais*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2005.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. Açorianos no Rio Grande do Sul: a identidade açoriana nas obras de cronistas, viajantes e historiadores sul-rio-grandenses. *Revista da Universidade dos Açores,* Ponta Delgada, 2ª série, v. VII, p. 132-142, 2003.

GOLIN, Tau. *A Fronteira (1763-1778).* Passo Fundo: Méritos 2015, v. III.

GUERRA, Maria A. Diaz de Guerra. *História de Maldonado*. Maldonado: Intendência de Maldonado, tomo 1.

MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. *A Colônia do Sacramento (1680-1777)*. Porto Alegre: Globo, 1937.

MONTEIRO, Jonathas da Costa Rego. A Dominação Espanhola no Rio Grande do Sul (1763-1776). *Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande do Sul (1776-1976)*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1979, v. IV.

NEIS, Ruben. *Guarda Velha de Viamão*: no Rio Grande do Sul miscigenado nasce Santo Antônio da Patrulha. Porto Alegre: Sulina; EST, 1975.

ORNELLAS, Manoelito de. *Gaúchos e Beduínos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

PIAZZA, Walter Fernando. *A Colonização de Santa Catarina*. Florianópolis: BRDE, 1982.

PIAZZA, Walter Fernando. *Santa Catarina:* sua história. Florianópolis: Ed. da UFSC; Lunardelli, 1983.

PIAZZA, Walter Fernando. *A epopeia açórico-madeirense (1748-1756).* Florianópolis: Lunardelli, 1992.

PINHEIRO, José Feliciano Fernandes (Visconde de São Leopoldo). *Anais da Província de São Pedro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

PINTO, Felipe Flores. *O período pombalino (1750 -1777) e os tratados de limites:* Madri, El Pardo, Paris e Santo Ildefonso. Brasília, Dissertação (Mestrado em Diplomacia) – Instituto Rio Branco, 2003.

PRADO, Fabrício. *Colônia do Sacramento*: o extremo sul da América Portuguesa. Porto Alegre: F. P. Prado, 2002.

QUEIROZ, Maria Luiza Bertuline de. *A Vila de Rio de São Pedro (1737-1822).* Rio Grande: Ed. da FURG, 1987.

Fontes documentais

Arquivo dos Açores. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2001, v. 2, 2ª série.

O RIO GRANDE DO SUL ENTRE 1750 E 1801: OS AÇORIANOS - ENTRE ACOMODAÇÃO E REVEZES

Tau Golin[1]

Culturalmente, no senso comum, predomina uma representação do açoriano como parte de certa transposição para o Rio Grande do Sul do modo de vida tradicional do ilhéu do século XVIII. Não é difícil encontrar essa representação na historiografia. Nela, reconhece aqueles indivíduos circunscritos à herança da freguesia, referenciada no modo de vida, negócios e instituições da vila, na pequena e média propriedade, ampliada no módulo territorial da *data* concedida pela autoridade colonial. Sustenta-se um imaginário de lembrança às antigas comunidades dos Açores. Assim, empurra-se para a secundariedade aqueles indivíduos que se desgarraram desses espaços, como conquistadores, navegadores, arreadores, soldados, gaúchos malfeitores, donos de empórios, empresas ou beneficiados por sesmarias na fronteira. A práxis desvinculada do modo de vida e cultura de ilhéus, por suposto, enuveou-lhe a memória e retirou-lhe a consciência da participação real na tumultuada época geopolítica e social da segunda metade do Setecentos e das primeiras décadas do século XIX.

A partir da década de 1750, no Rio Grande do Sul, o açoriano representa a dualidade entre a tensão da fronteira e a pretensa tranquilidade da comunidade interiorana formada pela duplicidade do lote rural e da vila regional, adstrita à fidelidade ao poder da metrópole.

No translado ultramarino dos açorianos encontra-se o sentido da introdução no Sul brasileiro de núcleos geopoliticamente confiáveis com a intenção governamental de alterar o nexo vigente do povoamento através do módulo rural concedido da sesmaria latifundiária e escravocrata. Os bandos liderados por caudilhos concentradores de terras seriam combinados com famílias de casais, as quais cultivariam o seu próprio lote de assentamento. Constituiriam a sociabilidade da freguesia, com compromissos mais elevados de alteridades em seus

1 Jornalista, professor e doutor em História. Passo Fundo/Rio Grande do Sul-Brasil.

destinos, diferente do ajuntamento pecuarista, de baixa densidade demográfica, de fronteiras abertas, suscetíveis aos perigos "externos".

A concepção de povoamento que ganhou expressão na década de 1740, associada às tentativas de soluções internas no arquipélago, teve a sua oportunidade histórica na execução do Tratado de Madri, de 1750, quando Portugal, em troca da Colônia do Sacramento, receberia da Espanha sete Povos de Indígenas missioneiros da Banda Oriental do rio Uruguai, amplo território que correspondia em torno de 3/5 do atual Rio Grande do Sul e o Norte/nordeste da República Oriental do Uruguai. Eram sete cidades esplêndidas, com suas estâncias, lavouras, rios navegáveis, terras aráveis, matas robustas, fornecedoras de madeiras e espaços para a coleta, ervais a serem explorados para participar do mercado da erva-mate, produto de largo consumo também nos Açores.

Todavia, centenas de caciques das reduções levantaram-se contra a entrega de suas terras e cidades. As "células" do corpo português, representadas pelos açorianos, que colonizariam as Missões a serem recebidas, tiveram que se deter no caminho, na estreita nesga litorânea da planície costeira atlântica até às margens das lagoas Mirim e dos Patos, assim como do Rio Guaíba. Organizados inicialmente em redutos, os açorianos ficaram aguardando na vila de Rio Grande e seu entorno. Aqueles que já tinham atravessado o canal para o norte e percorrido o caminho do litoral, juntaram-se no litoral e na costa leste da lagoa dos Patos e do Rio Guaíba. Essa última ocupação, que pretendia ser provisória, foi identificada como "porto dos casais". Casais açorianos em marcha para a colonização do extremo oeste.

Longa espera. Sobrevivência difícil. Veio a Guerra Guaranítica (1753-1756), com a sublevação indígena missioneira, em aliança com alguns grupos de caciques pampeanos, a morosidade do longo inquérito espanhol para incriminar culpados, o trabalho final dos demarcadores, com divergências inconciliáveis nos limites da conexão rio Negro e rio Ibicuí, já em uma conjuntura internacional de Guerra dos Sete Anos (1756-1763), em que os ibéricos, até então aliados, ficariam em campos opostos. Em 1761, o Tratado de Madri foi anulado pelo Tratado do Pardo. A terra prometida das Missões para os açorianos já não seria mais possível. Centenas de casais entraram em desgraça. A situação agravou-se com a guerra e conflitos de fronteira que se prolongaram de 1763 a 1777. Nesse interim, apesar do início da distribuição de lotes a partir de 1764, muitos já haviam se desgarrado do projeto colonizador de ocupação territorial mediante o módulo rural da "data", quando o Estado pretendia associar às sesmarias de 13.000 hectares concedidas, a média propriedade de 270 hectares aos casais de ilhéus.

Em 1777, depois da ocupação militar espanhola de Santa Catarina e Colônia do Sacramento, os reinos ibéricos negociaram nova fronteira. Agora, os luso-brasileiros, com a concordância espanhola, tomariam os territórios dos indígenas missioneiros e das aldeias tradicionais, até as nascentes orientais da bacia do Uruguai, especialmente às origens dos rios Negro, Quaraí, Ibicuí, Piratini, Ijuí, onde demarcariam a nova fronteira. Entretanto, os intrusos sequer aguardaram a fixação oficial de limites. Seus bandos passaram o Jacuí, o Guaíba, as lagoas dos Patos e Mirim, apossando-se dos territórios dos povos originários, fossem cristianizados ou "infiéis", preconceito para imergi-los em uma natureza de barbárie e feitiçarias. Nesse momento, expressivo número de açorianos já não eram mais parte daqueles casais "pacatos" de freguesias comunitárias. Haviam sido atraídos pelo modo de vida da fronteira, dos horizontes largos, da intrusão e suas aventuras.

Quando as comissões de limites concluíram seu longo e penoso trabalho, que havia começado em 1784, antes que as cortes chancelassem as demarcações e julgassem as divergências dos comissários, os luso-brasileiros invadiram as Missões em 1801 (no nexo da Guerra das Laranjas, na Península Ibérica), e tomaram pelas armas o que era colonialmente da Espanha até o leito principal do rio Uruguai. Inúmeros açorianos já estavam ambientados nessas razias e ocupações, participando das novas conquistas, apropriando terras indígenas, com suas estâncias povoadas de gados, ervais, diversas culturas agrícolas aclimatadas, sementes de gêneros alimentícios típicos da longa experiência americana, como mandiocas, batatas, abóboras, feijões, milhos etc.; acrescente-se a adaptabilidade de culturas trazidas de outras partes do globo pelos jesuítas; considere-se a milenar experiência nativa da coleta: frutas, pinhão, mel; a caça e a pesca, com suas formas de preparo, notadamente o assado, etc.

Entretanto, a cada movimento geopolítico determinado pela fronteira, internamente, as autoridades procuravam, de alguma forma, manter o projeto original das comunidades de casais açorianos. Nesses momentos, espaços territoriais foram criando e mantendo ambientes sociais e culturais que se convencionou denominar de "açoriano", como se dele decorresse a adaptabilidade de um "ethos" de ilhéus, mesmo que desde a chegada não encontrassem território receptivo, naturalmente tranquilo. As primeiras levas de colonizadores açorianos, com seus filhos e netos, já imergiram no espectro das fricções de fronteira, no conturbado processo de um projeto de povoamento inserido na fixação dos limites entre as coroas ibéricas na América Meridional. Até a expansão derradeira dos limites conquistados, os açorianos envolveram-se na Guerra Guaranítica (1753-1756), no conflito decorrente da ocupação castelhana do Rio Grande do

Sul e na Guerra da Reconquista (1763-1776), na extraordinária invasão motivada pelo Tratado de Santo Ildefonso (1777), na guerra da conquista das Missões (1801) e seu conturbado período bélico e de violências até 1828, com o delicado momento da Independência e suas ações armadas decorrentes.

Aportando em território conflagrado

Os primeiros casais de açorianos que começaram a chegar no Continente do Rio Grande de São Pedro, sob uma governança militar, estavam supostamente amparados em legislação específica. Aportaram em uma conjuntura de fricção fronteiriça bélica, sem a normalidade necessária para o efetivo trabalho de demarcação e assentamento nos lotes. Entraram em território de "grande instabilidade"[2], espalhando-se entre a lagoa dos Patos e o Atlântico. Em Rio Grande e Porto do Dorneles aguardaram em acampamentos o desdobrar dos acontecimentos demarcatórios. Muitos desgarraram-se da simetria projetada pelo governo e também buscaram subsistência indo para o Sul, em direção a Castillos Grande.

Os primeiros beneficiados com as cotas de lotes de *datas* e outros auxílios ainda teriam que aguardar 12 anos, quando um gradual e lento processo começaria a mover a sua morosa engrenagem em 1764. Estavam inseridos em um panorama histórico de assentamento oscilante entre ocupação entrópica e colonização.

Juntamente com as companhias da Comissão de Demarcação do Tratado de Madri e as tropas arregimentadas para a Guerra Guaranítica, os casais açorianos, ao irem desembarcando, inseriam-se no longo processo de conquista, ocupação e povoamento, iniciado pelo Estado português ainda em 1737. Ilhéus também haviam sido incorporados aos contingentes militares juntamente com patrícios europeus e de todas as regiões do Brasil. Esse involucramento formou a brasilidade, fazendo da fronteira e da guerra o evento fundante da sociedade sulina.

Já não se tratava mais daquela "conjuntura do Tratado de Utrech (1715)", quando "o Conselho Ultramarino estabeleceu a política de casais para povoar

2 Ver a publicação: SCOTT, Ana Silvia Volpi; SCOTT, Dario. Casais d'El Rei no Rio Grande de São Pedro setecentista: um olhar através dos registros Paroquiais. *XXVII Simpósio Nacional de História*. Anpuh. Natal, RN, 22 a 26 de julho de 2013. A instabilidade fez dos açorianos posseiros adstritos a glebas que conseguiam se estabelecer. As "datas' não se caracterizavam como módulos de tamanho regular. E o assentamento dependia das condições reais de cada época. Estiveram inseridos em três processos entrópicos, em que se assentaram, tanto mediante processos governamentais como através de movimentos de conquistas no que tange à ocupação da terra, mas grande parte deles tiveram também que se associar a proprietários, como meeiros, ou vendendo sua força de trabalho, além de empregarem-se em muitas outras atividades.

a região meridional do Brasil e consolidar a presença lusitana.[3] Pela mão do Estado, açorianos e madeirenses, com demais portugueses, já faziam parte do enclave da Colônia do Sacramento, instalada em 1680 na margem do Rio da Prata. A colonização por casais também foi implantada no Rio de Janeiro a partir de 1716. Considerada altamente positiva por lusitanistas como Borges Fortes e Dante de Laytano, devido ao seu núcleo de "marido e mulher". Acreditava-se que eles estavam no nexo "de prolongar a pátria lusitana".[4] Não mais por degredados e aventureiros, mas por "células" de lar organizado, a família pronta, com constituição de bases decentes, sólidas, cristãs, etc. Esse modelo foi representado pelos casais, com seu sentido altamente "confortador na história do povoamento brasileiro." Laytano faz eco consensual com a historiografia que percebe a implicação geopolítica da colonização açoriana combinada com "o abastecimento, produção, ocupação e expansão"[5] territorial dos domínios lusitanos. Conforme Piazza, essa ocupação, inicialmente nucleada em Santa Catarina, começara em 1721. Dois anos depois, a Corte patrocinou o translado de 1.700 pessoas da Ilha do Pico para o Brasil.[6]

O acréscimo territorial costeiro para o Sul até o Chuí desafiou Portugal a povoar mais de 800 km de extensão, por variada largura de aproximadamente 6 a 100 km. Em muitos pontos a Leste das lagoas dos Patos e Mirim, os povoadores também adentraram suas águas em diferentes distâncias, compartilhando novas embarcações às faluas, sumacas, caícos, dos pioneiros desde 1737, e às canoas e balsas indígenas, cujos ancestrais já estavam na região há milhares de anos. Seus sítios arqueológicos alcançam datações de 2.500 anos.[7]

Quando Silva Paes entrou no canal do Rio Grande para fundar o enclave de comando para a conquista, em 1737, o novo domínio português já podia contar com a conexão de açorianos na costa e na Ilha de Santa Catarina. Especialmente em Laguna, que se expandia desde 1684, com sesmeiros e posseiros instalados até Viamão, comprovadamente na década de 1720. Fluxos de comitivas lagunenses trilhavam a rota litorânea, adentrando nas vacarias e arreando gados dos Guenoa-Minuanos e das estâncias missioneiras.

Afora esses desbravadores espontâneos, a operação estatal portuguesa con-

3 PINTO, Paulo Estivalet Flores. A saga açoriana na conquista das Missões. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel. (Org.). *Açorianos no Brasil*. História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002, p. 307.

4 FORTES, Borges. *Casaes*. Rio de Janeiro: Edição do Centenário Farroupilha, 1932, p. 15.

5 LAYTANO, Dante de. Colonização açoriana no Rio Grande do Sul. *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História* – ANPUH. Porto Alegre, setembro 1967, p. 393, 409.

6 PIAZZA, Walter. *A epopéia açórico-madeirense*: 1748-1756. Florianópolis: UFSC; Lunardelli, 1992, p. 52-57.

7 SCHMITZ, P. I. *Sítios de Pesca lacustre em Rio Grande*, RS, Brasil. 1976. 280 f. Tese (Livre Docência) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

sumada em 1737, engendrada por Gomes Freire de Andrada, governador do Rio de Janeiro e Minas Gerais, tinha como artífices o contratador de gados Cristóvão Pereira de Abreu e o brigadeiro José da Silva Paes, que navegava no Rio da Prata com a missão de socorrer a Colônia do Sacramento, bloqueada por tropas espanholas.

Em 19 de fevereiro de 1737, a flotilha do brigadeiro Pais entrou na barra dando continuidade ao longo processo de ocupação espontânea e semioficial. No total, 410 pessoas[8] ingressaram no canal nas galeras *Leão Dourado* e *Bonita*, no bergantim *Bichacadella* e na balandra de *El-Rei*. Fundearam na margem meridional e desembarcaram na costa do rancheirio e fortim de Cristóvão Pereira. Oficialmente, "254 homens, além de cinco marinheiros, algumas pessoas e escravos" ficaram em terra. Na relação, o contingente inaugural de implantação estava formado por um comissário de Mostras, um tesoureiro da Real Fazenda e seu ajudante, três capitães, três alferes, sete sargentos, 90 soldados infantes do Rio de Janeiro, 56 soldados infantes da Bahia, 37 soldados dragões, 37 soldados artilheiros e diversos praças.[9]

Ato contínuo, com o núcleo de poder estabelecido, iniciaram-se as edificações e a transferência para o novo enclave de mais tropas militares e povoadores. Além do uso de embarcações trilhavam o caminho da costa. De imediato, Silva Paes estabeleceu a Guarda do Chuí com cavalarianos e edificou o forte de São Miguel, na costa meridional do arroio homônimo, estabelecendo os limites do Brasil sulino, que, após expansões e refluxos, por fim, consagrou a fronteira definitiva em 1851, entre dois países soberanos – o Império do Brasil e a República Oriental do Uruguai.

Desde a origem da presença estatal, diversos documentos chancelam a presença de açorianos nas tropas e nos povoadores espontâneos, animados com os encantamentos da nova fronteira, a fartura de terras, o dinheiro fácil das arreadas nas manadas chimarronas e nos rebanhos dos indígenas pampeanos e das Missões. O enclave se constituía basicamente de uma fortificação militar para garantir a conquista, uma burocracia de funcionários públicos para prover as taxas destinadas à Coroa, e uma estrutura urbana de vila. Tratava-se de um complexo privilegiado, pois possuía o seu porto, com navegação em águas inter-

8 Carta de Silva Paes a Gomes Freire de Andrada, governador do Rio de Janeiro. Rio Grande de São Pedro, 12 de abril de 1737. "Trouxe para o Rio Grande 410". *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1869, tomo XXXII, parte primeira, p. 104. Obs.: foi mantida a grafia de época dos documentos citados.

9 HOMEM DE MELLO, F. I. M. Índice cronológico dos fatos mais notáveis da história da capitania, depois província, de São Pedro do Rio Grande do Sul. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil.* Rio de Janeiro: Tipografia de Pinheiro, 1879, tomo XLII, parte dois, p. 115-116. Citações transcritas em A Fronteira 3, p. 30.

nas e conexões oceânicas. Assim, a comandância do Rio Grande de São Pedro passara a ser considerada como órgão de poder de um continente de topografia espetacular, cujas posses privadas eram concedidas através das cartas de sesmaria de campo, módulos rurais de 13.000 hectares. Progressivamente, como uma onda emanada do centro de poder, os grupos, formados por famílias ou líderes de bandos, credenciavam-se para a posse da terra, desde que, por conta e risco, ocupassem os espaços, instalassem alguma produção, com lavoura ou gados. Assegurado o território para a metrópole, o posseiro se credenciava a requerer à autoridade uma carta de sesmaria. Se atendido, certificava a sua propriedade.

O sistema possuía uma contradição insolúvel. A privatização da terra partilhada por latifúndios resultava em baixíssima demografia. Em um primeiro momento enfraquecia os argumentos na esfera diplomática, onde os tratados de fronteira consideravam o *uti possidetis*, o reconhecimento da ocupação, previsto no direito internacional. Foi com esse cuidado estratégico que Silva Paes implantou a fronteira do Chuí-São Miguel. Sabia que as negociações sobre soberania, assim que viesse o fim das ações bélicas, considerariam a situação das ocupações dos povoadores e das tropas em situações de guerra quando o documento oficial do armistício chegasse ao território beligerante. Três semanas depois que a sua expedição ingressou na barra do Rio Grande, os ministros plenipotenciários das coroas ibéricas assinaram a paz em Paris, no dia 6 de março de 1737. Enquanto o documento diplomático não chegava, ele consolidou as defesas que seriam relevadas no Tratado de Madri (1750), ampliando o território ainda mais para o Sul, em Castillos Grande, no litoral, e aumentando da "serra de São Miguel" para as nascentes da Coxilha Grande, com a incorporação de toda a bacia da lagoa Mirim.[10]

População, portanto, era a chave para conquistar e manter territórios.

Ainda no início da conquista, Santa Catarina e o Continente do Rio Grande foram integrados em uma unidade administrativa sob a denominação de Capitania d'Del Rey (Ordem Régia de 11 de fevereiro de 1738). Na verdade, funcionaria ainda por muito tempo como uma "comandância militar", típico gerenciamento de territórios ocupados. Coincidia com a decisão recente de enviar navios de casais de açorianos anualmente na frota que circulava nos períodos de singradura entre a Europa e o Brasil, passando pela rota do arquipélago. Com repercussão direta nos trabalhos demarcatórios do Tratado de Madri, no período 1747-1750, encontram-se nos cadastros de embarque em torno de 4.000 pessoas.

10 Sobre o tema, ver: GOLIN, Tau. *A Fronteira*: 1763 - 1778 - história da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional. Passo Fundo: Méritos, 2015, v. 3, p. 40-44; GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica*: o levante indígena que desafiou Portugal e Espanha. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

Entretanto, a política de colonização por casais açorianos, em 1752 foi articulada com a transferência para o Sul do general Gomes Freire de Andrada, governador do Rio de Janeiro e comissário principal português da demarcação do Tratado de Madri. A chegada do conde de Bobadela no canal do Rio Grande coincidiu com a presença oficial de 181 famílias, perfazendo 833 pessoas. Nova fronteira e ilhéus para povoar as Missões são temas correlatos e indissociáveis. No ano seguinte, mais 278 famílias,[11] intensificando-se os translados ainda até o próximo ano, quando ficou evidenciado o levante dos caciques rebeldes das Missões, que na prática e no imaginário representava a terra da promissão.[12]

Enquanto durou a perspectiva de viabilidade da colonização das Missões até 1761, não se implementou a distribuição de módulos territoriais para os açorianos aportados. Foi preciso a revogação do Tratado de Madri pelo do Pardo, a ocupação litorânea de Santa Teresa à Ponta Rasa em 1763, pela expedição de Pedro de Cevallos, governador de Buenos Aires, para, no ano seguinte, iniciar a morosa distribuição de lotes. Mas para isso foi necessário acrescer-se uma tragédia ainda maior. O saque dos casais pelos dragões rio-grandenses e o socorro castelhano, ofertando terras em suas possessões.

"Data": módulo territorial de 272 hectares

O regramento da colonização açoriana foi disciplinado pela Provisão Régia proclamada em 9 de agosto de 1747. Inicialmente calculou em quatro mil casais para a jurisdição do Rio de Janeiro, à qual Santa Catarina e Rio Grande faziam parte. A decisão previa além de açorianos e madeirenses, também casais católicos de outras procedências. O arrematador do transporte desembarcaria os casais em Santa Catarina, cabendo a Silva Paes, responsável pelo seu governo, os encaminhamentos para assentá-los no Sul.

A reordenação da provisão em temas é bastante didática. Quem fosse artífice receberia uma ajuda de custo de até 1.200 réis. Os destinados à ilha

11 FORTES, João Borges. *Os casais açorianos:* presença lusa na formação sul-rio-grandense. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978, p. 61.

12 Enfoques sobre essa conexão encontram-se em diversos trabalhos, a exemplo do organizado por Véra Lucia Maciel Barroso, que tem por título *Açorianos no Brasil*: História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002, com destaque para os textos de Espírito Santo (O Conselho Ultramarino trata junto ao rei sobre o transporte dos casais das ilhas para o Presídio de São Pedro do Rio Grande) e Paulo Estivalet Flores Pinto (A saga açoriana na conquista das Missões), além da obra de Maria Luiza Bertulini Queiroz (*A Vila do Rio Grande de São Pedro*. Rio Grande: FURG, 1987). Os açorianos inseridos no processo de demarcação, Guerra Guaranítica e rompimento da aliança ibérica, também foi sistematizado por Luiz Henrique Torres no trabalho intitulado: A colonização açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63). *Biblos*, Rio Grande, 16, p. 177-189, 2004.

e ao continente, com idade a partir dos 14 anos, receberiam ração durante um ano por conta do Estado, orientado pela corte a providenciar estoques de alimentos, nos quais previa inclusive reservas de peixes. A extensa área para assentamento correspondia a Ilha de Santa Cataria e a terra firme, desde São Francisco do Sul até o serro de São Miguel, onde, em 1737, Silva Paes edificou o forte fronteiriço homônimo. Nessa questão, o governador precisaria tomar cuidado para que os espanhóis não considerassem o assentamento uma invasão.

Trata-se de uma extensão extraordinária de território. O seu tamanho costeiro, considerando da barra atlântica de São Francisco do Sul ao ponto mais extremo do arroio Chuí, na mesma latitude relativa da serra de São Miguel, no departamento de Rocha, Uruguai, corresponde a 944 km.[13]

Lisboa aconselhou que se formassem núcleos de assentamentos com aproximadamente 60 casais. A partir dessas vilas centrais, os colonos receberiam os seus módulos rurais de "um quarto de légua em quadro", escriturado para o cabeça do casal. A concepção da centralidade urbana do assentamento era uma particularidade que fazia do colonizador em núcleo familiar na dimensão da socialidade de convivência combinado com a propriedade rural.

Por essa razão, o Estado idealizou o processo do recrutamento até o assentamento definitivo. Realizada a viagem, ao chegar no Sul do Brasil, para recebê-lo, a autoridade deveria preparar uma vila, centralizada por uma praça em quadrado de 500 palmos de lado. Em um deles ficaria a igreja. Nas ruas de seu entorno e demais estariam as moradias em ordem regular, com espaços suficientes entre elas para que tivessem quintas.

Ao chegarem, enquanto não recebessem a casa, lote e data, eram abrigados em moradias provisórias especialmente construídas. E em um mecanismo contínuo, o assentado era obrigado a preparar as mesmas acomodações para os vizinhos que iam chegando. Sob orientação do governo, passavam a "armar choupanas e taipas nos lugares que lhe ficarem mais vizinhos para se acomodarem os casais, que depois deles chegarem, os quais sucessivamente irão preparando os cômodos para os que lhes seguirem e, de sorte que os moradores de cada lugar sejam obrigados a armar para os doutro lugar vizinho, o mesmo cômodo que a eles se lhes preparou".

Além desses benefícios, os casais eram sustentados durante um ano pelo Estado. Nesse período previa-se que receberiam "farinha, peixe, e as cabeças de gado necessárias para o seu sustento".

13 Coordenadas: Barra de São Francisco do Sul: 26°10'16.43"S / 48°34'4.23"O / Arroio Chuí: extremo Sul do Brasil: 33°45'3.19"S / 53°23'40.32"O = 944001.241 metros.

A provisão ordenava ao brigadeiro:

> A cada um dos casais mandará dar logo que estiverem assentados duas vacas e uma égua, que se tirarão das Estâncias Reais. Em cada lugar em comum, quatro touros e dois cavalos, também mandará dar a cada um casal no tempo oportuno, para fazerem as suas sementeiras, dois alqueires de sementes conduzidos aos mesmos lugares, para neles se repartirem.

Também receberiam espingardas, ferramentas, animais de cria e tração, sementes e implementos de trabalho. Previa-se que cada casal assentado seria agraciado com "uma espingarda, uma foice roçadora, e as mais ferramentas", ficando proibidos de vendê-las.

Na concepção do governo, a colonização açoriana era mais que tudo uma ocupação de garantia das conquistas e, particularmente, a defesa do território e sua "segurança" interna. Por consequência, os núcleos de assentamentos deveriam formar Companhias de Ordenanças. "Todos os moradores casados e solteiros" eram alistados. Quando não existissem na jurisdição oficiais regulares para comandá-las, seriam nomeados entre os recrutados. Teriam formação e disciplina conforme as praticadas em outros lugares do Reino.

Para todas as unidades se previa "juiz" conforme as leis da Corte.

Tema sensível era a questão da religião católica, sempre parte das ações do Estado.

> O primeiro cuidado que deve ter-se é que todos os ditos Colonos sejam assistidos de pasto espiritual e do Sacramento. Em cada um dos ditos lugares fará logo o dito brigadeiro levantar uma Igreja da estatura que basta para este primeiro estabelecimento; e para o seu fornecimento, e exercício do culto divino se remeta em cada navio o preciso, calculando para 60 casais o que tocar para uma Igreja.

Em todo ato do Estado previa-se o lugar da Igreja. Outro aspecto relevante da colonização açoriana foi a amplitude de paróquias proprietárias de terras, algo comum durante a Colônia, como muitos padres transformando-se em senhores rurais. Para eles, passar do acúmulo da *data* à *sesmaria* era sempre uma possibilidade. A Provisão de 1747 é esclarecedora. Como as terras do Sul estavam sob a jurisdição religiosa do bispo de São Paulo coube a ele providenciar que todos os núcleos de colonização possuíssem um vigário. As condições eram atrativas. No primeiro ano recebiam sustento e mais as vantagens dadas aos colonos. Tinham ainda 60.000 réis de côngrua. Para manutenção, cada igreja provia do Estado mais "10.000 réis por ano" através dos dízimos.

Precavendo-se da possível falta de sacerdotes, coube aos bispados de Funchal e Angra do Heroísmo a convocação de clérigos para acompanharem os casais. "A estes sacerdotes se darão à sua chegada dez mil réis a cada um de ajuda de custo". Cada vigário também recebia "uma *data* de um quarto de légua em quadro para [...] sua Igreja, e a todas as despesas que ocorrem na execução do que fica dito farei acudir (o Governador) dessa Provedoria do Rio de Janeiro [...]". Ainda como parte do expansionismo português, o rei solicitou ao provincial da Companhia de Jesus que enviasse missionários às terras previstas para o assentamento açoriano. À Provedoria do Rio de Janeiro coube a tarefa de pagar "as côngruas dos vigários, igrejas e missionários".

Depois de promulgada, a provisão ainda teve regulamentação, com esclarecimentos detalhados para a convocação da população através de edital divulgado no arquipélago dos Açores. Desse modo, atraía à inscrição os colonos. Deixava clara as facilidades de transporte até os lugares de assentamentos. Dos casais interessados, os homens não poderiam ter mais de 40 anos e as mulheres 30. Enfatizava-se as condições de que ao "desembarcar no Brasil, a cada mulher de mais de doze anos, e de menos de vinte e cinco, casada ou solteira, se darão 2.400 réis de ajuda de custo; e aos casais que levarem filhos se lhes darão para ajuda de os vestir 1.000 réis por cada filho."

Especificava-se que ao "chegarem aos sítios que hão de habitar se dará a cada casal uma espingarda, duas enxadas, um machado, uma enxó, um martelo, um facão, duas facas, duas tesouras, duas verrumas e uma serra com sua lima e travadoura." Para sustento,

> dois alqueires de sementes, duas vacas e uma égua, e no primeiro ano se lhes dará farinha que se entender baste para o sustento, que são três quartas de alqueire da terra por mês para cada pessoa, mas não às crianças que não tiverem sete anos, e aos que os tiverem até aos quatorze se lhes dará quarta e meia para cada mês.

Proposta atrativa era também a isenção de serviço militar até dois anos depois de assentado. Os homens não poderiam ser recrutados, por garantia do rei. Causa do desmantelamento de muitas famílias, a proposta caía no agrado dos ilhéus. Assim como a possibilidade de serem agraciados com mais terras quando a família aumentasse e mais braços pudessem cultivá-las. No futuro, doações de datas foram realmente feitas a filhos de cabeça de casais transportados ao Brasil. Como muitos, no assentamento tardio, por conta dos conflitos de fronteira, receberam lotes menores ou mesmo não foram agraciados. Na divulgação do edital nos Açores, enfatizava-se que "um quarto de légua em quadro" era para

"principiar a sua cultura, sem que se lhes levem direitos, nem salário algum" pela terra recebida.[14]

No conjunto, o Reino procurava enfrentar a questão complexa da fronteira e a situação interna dos Açores, com "superpopulação, pouca produção de alimentos, constantes abalos sísmicos e ao mesmo tempo dava proteção às suas posses" fronteiriças na América meridional.[15] O destino principal passou a ser as Missões a partir do Tratado de Madri (1750), que previa o recebimento dos Sete Povos das reduções, compreendido o território da margem direita do leito principal do Ibicuí e esquerda do rio Uruguai. Na perspectiva missioneira, para fins de assentamento, pelo Norte, entendia-se como a área de influência de Santo Ângelo e a bacia do Ijuí. Em contrapartida, Lisboa entregaria à Espanha a Colônia do Santíssimo Sacramento, na banda oriental do Rio da Prata. Há praticamente uma unanimidade da historiografia luso-brasileira sobre vínculo da colonização açoriana ao fenômeno diplomático, em que Portugal pretendeu que "o território missioneiro tivesse o domínio certo pela gente portuguesa."

As questões da pobreza dos casais, excesso de população e falta de terras no arquipélago, são relativizadas contemporaneamente em diversos estudos. Assim como a classificação de "gentes das ilhas", ou "ilhéus", podem iludir com a interpretação da uniformidade, como se no arquipélago existissem apenas comunidades niveladas socialmente, e não uma sociedade portuguesa, com suas extremas diferenças e desigualdades.[16]

Frustração e desgraça

Tudo parece bem quando se faz uma travessia navegando com a ilusão. A terra prometida estava além-mar. Suportava-se as péssimas condições das embarcações, as doenças e mortes, a atracagem em Santa Catarina, o translado para o canal do Rio Grande e sua barra diabólica. E mesmo, quando não desse para continuar a viagem, desembarcar em Araçatuba, na costa catarinense, e seguir pelo caminho do litoral. A movimentação dos demarcadores, a presença de tropas, os casais povoadores davam à pequena vila da península um ritmo jamais

14 Provisão e Edital transcritos em LAYTANO, Dante de. Colonização açoriana no Rio Grande do Sul. *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História* – ANPUH. Porto Alegre, setembro 1967. Cópia do edital e provisão, na obra: FORTES, João Borges. *Os casais açorianos:* presença lusa na formação sul-rio-grandense. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978, p. 28-35.

15 PINTO, Paulo Estivalet Flores. A saga açoriana na conquista das Missões. In: BARROSO, Vera Lucia Maciel. *Açorianos no Brasil*. (Org.). História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002, p. 308.

16 Ver a publicação: SCOTT, Ana Silvia Volpi; SCOTT, Dario. Casais d'El Rei no Rio Grande de São Pedro setecentista: um olhar através dos registros paroquiais. *XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, RN, 22 a 26 de julho 2013.

visto. Alguns dos primeiros agrupamentos de colonizadores improvisados no seu entorno, já seguiam para a margem do Rio Guaíba, quando correu a notícia que as comissões de limites que partiram de Castillos Grande pela Coxilha Grande, ao chegar na estância missioneira de Santa Tecla, nas cabeceiras do rio Negro, foram bloqueadas pelas tropas indígenas de San Miguel, comandadas por um "capitão valoroso" chamado Sepé Tiaraju. Sem contingente e ordens para atacá-los, recuaram para a Colônia do Sacramento, Arraial de Veras e Buenos Aires.

Estavam em 1753. Um primeiro assombro invadiu a esperança dos migrantes. Logo, soube-se que os sertanistas de São Paulo e os dragões que haviam se adiantado Guaíba e Jacuí acima, para edificar um forte na foz do rio Pardo, nas terras da redução de São Luiz, foram atacados por tropas da redução auxiliadas por outras doutrinas. As três comissões demarcadoras reuniram-se no Rio da Prata, enquanto a Companhia de Jesus tentava convencer os povos indígenas a entregarem seus territórios, apesar da contrariedade de alguns jesuítas. Nas reduções, mais caciques rebeldes insurgiam-se contra o tratado. Ato contínuo, os governadores Gomes Freire de Andrada (Rio de Janeiro) e José de Antonaegui (Buenos Aires) decidiram levar a guerra às Missões, remover as suas populações indígenas, estimadas em 30 mil pessoas, e consumar a permuta de territórios entre as coroas ibéricas. Em 1754, os missioneiros atacaram novamente o forte do Rio Pardo, por onde também deveriam passar os casais rumo às Missões. Alguns foram feitos prisioneiros, embarcados em uma falua e remetidos a Rio Grande, para onde se transladou Gomes Freire para organizar o exército português e atacar os missioneiros, justamente pela estância de São Luiz, cuja extensão ia do Araricá (Vacacaí Mirim) ao rio Taquari.

Desde a costa, os casais assistiam as manobras das tropas. Muitos ingressaram naquele fluxo frenético contra o inimigo, que ameaçava a dádiva da esperança de possuir uma propriedade de dimensão considerável. Alguns aventuravam-se em oportunidades, executando serviços e pequenos negócios. Tudo indicava que ocupariam o território indígena quando a cavalaria, dezenas de carretas e gado de abate partiram de Rio Grande, transladando o canal para a Guarda do Norte, e marchou pelo caminho do litoral até Viamão. Dali para o seu porto no Guaíba, onde o acampamento de casais tomava parte de sua costa. Ao olharem para o Sul viram chegando a majestosa esquadra de sumacas e faluas, com os canhões, morteiros, munições, armamentos, e os regimentos de artilharia, infantaria e granadeiros de Portugal.

Ficaram sabendo que o exército Espanhol estava subindo o rio Uruguai, com cavalaria pela margem, milhares de cavalos para remonte e uma manada espetacular de gados para alimentação. Cavalgavam a soldo de charqueadores,

estancieiros e negociantes companhias particulares de blandengues, formadas pelos temíveis e sanguinários gaudérios, nome regionalizado para o que os jesuítas denominavam de "gáudios", vagabundos, ladrões, saqueadores. Todos a serviço dos reis ibéricos e dos investidores particulares, pois os generais haviam proclamado o "direito de saque" nos bens dos inimigos.

Em 1754, um primeiro susto aos esperançados ilhéus. Soube-se que o exército espanhol entrou em combate com os missioneiros, fizera prisioneiros, mas as enchentes do período de chuvas haviam reduzido os pastos para a cavalhada e o gado. Famintos, comiam a grama tóxica mio-mio, implicando em estupenda mortandade.

Enquanto isso, o exército português se mantinha estacionário no Passo do Jacuí, confrontado na margem direita pelas tropas missioneiras e alguns caciques pampeanos. Uma extraordinária enchente em outubro alcançou as tropas. Mas, assim que chegou ali a notícia sobre a situação espanhola e a proposta de Andonaegui para os dois exércitos ibéricos se unirem em Santa Tecla (cabeceiras do rio Negro), Gomes Freire assinou um convênio com os cabildos das reduções, estabelecendo uma fronteira entre as partes. Entre eles, a linha limítrofe passou a ser o leito do Baixo Jacuí.

Quando o exército português refluiu para Rio Grande, a desesperança percorreu os acampamentos de açorianos da costa. Faluas e sumacas ancoraram no Guaíba. Granadeiros, infantes e artilheiros desembarcaram. Ao unirem-se com a cavalaria e carreteiros, um exército em retirada gerava sentimento de derrota nos povoadores, provisórios em "choupanas" improvisadas, muitos ainda marcados pelas "febres malignas", desdentados pelo escorbuto da "longa travessia marítima".[17] Quando as tropas seguiram viagem, aumentou o sentimento de desamparo, estimulado igualmente pela irregularidade ou falta de entrega dos subsídios prometidos, a precariedade dos ranchos que deveriam ser provisórios, mas que, ao passar do tempo, marcavam a estagnação. Passou também o verão e quase todo o ano de 1755 e as tropas permaneciam estáticas na vila de Rio Grande. Alguma notícia sobre a chegada de mais contingentes e os trabalhos da construção de um novo forte na costa de um arroio afluente do rio Piratini, que tinha barra no sangradouro da lagoa Mirim.

Por fim, correu a notícia de que os dois poderosos exércitos ibéricos se moveram. O português, de Rio Grande, rumo ao novo forte dedicado a São Gonçalo. Dali seguiria para as cabeceiras do rio Negro, onde se juntaria às tropas espanholas, que marchavam desde Montevidéu e Arraial de Veras. Aos casais

17 FORTES, João Borges. *Os casais açorianos:* presença lusa na formação sul-rio-grandense. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978, p. 61.

diretamente interessados na guerra chegavam informações fragmentadas, muitos boatos, invenções e mentiras. Por fim, ficaram sabendo que os dois exércitos estavam marchando unidos pelo caminho das Missões. Em fevereiro de 1756 executaram Sepé Tiaraju e depois venceram centenas de indígenas em Caiboaté.

Em progressivo avanço, chegaram às sete cidades missioneiras no meio do ano, cujos planos arquitetônicos impressionaram os conquistadores. Logo se instalou inquérito para punir os culpados do levante. Tropas espanholas tentaram retirar os indígenas para a margem direita do Uruguai e esquerda do Ibicuí. Tais impasses, no entanto, já recebiam ventos adversos da Europa, pois também em 1756 iniciara a Guerra dos Sete Anos, em que os Estados europeus se dividiram em duas esferas geopolíticas, com Portugal e Espanha em lados diferentes.

Ainda aguardando um destino, 124 batismos de crianças dos casais açorianos foram lavrados.[18]

A desesperança açoriana com as Missões

Na nova conjuntura, enquanto seguia o impasse na remoção de mais de 30 mil missioneiros, chegou à América a notícia da guerra na Europa, polarizada pela Inglaterra e França, com tensões entre os aliados ibéricos. Ao mesmo tempo que eles tinham entrado nas sete principais cidades reducionais, as quais deveriam servir de base material aos assentamentos dos casais açorianos, a Guerra dos Sete Anos tomava proporções mundiais.

As comissões demarcadoras retomaram os trabalhos, mas divergiram inconciliavelmente quanto à fronteira seca entre as nascentes principais dos rios Negro e Ibicuí. O próprio governador de Buenos Aires, José de Andonaegui foi destituído. Assumiu em seu lugar Pedro de Cevallos, em 1757. Ele não acreditava que o Tratado de Madri (1750) trouxesse a paz entre as Coroas. Via aquela harmonia como falsa. No seu entendimento, os portugueses usavam os períodos pacíficos para "conquistas e roubos." Dedicava-se mais aos projetos de "reconquistas" e "reparações." Sua convicção aumentou depois de manter conversações com Gomes Freire nas Missões.

Em 1757, Freire reafirmou que a evacuação indígena das reduções era uma tarefa espanhola. Desse modo, após residir alguns meses em Santo Ângelo, se retirou para Rio Pardo. Aguardaria ali a remoção indígena para receber o território destinado aos açorianos, sem o que não permutaria a Colônia do Sacramento. Como parte da manobra, Gomes Freire vinha negociando com os caciques de

18 VIEIRA, Euripedes Falcão; RANGEL, Susana Regina Salum. *Rio Grande do Sul*: geografia da população. Porto Alegre: Sagra, 1985, p. 39.

Santo Ângelo a destinação de territórios para suas famílias extensas na jurisdição portuguesa, em grande parte nas antigas terras de São Luiz. Por conseguinte, com os acordos de 1754 e 1757, Freire incorporou territórios setentrionais do Baixo Jacuí (futuras áreas "açorianas"), e, juntamente com os caciques, foram transferidas para as posses portuguesas em torno de 700 famílias indígenas.[19] Esse povoamento interno tinha um contingente maior que o dos açorianos para serem assentados. Em seu corolário, o Reino, concomitante com a demarcação de territórios para aldeias, estâncias e lavouras, adotou uma competente política de vantagens aos soldados que se casassem com mulheres indígenas. Notadamente, muitos deles eram açorianos ou de descendência.

Como lembrei em outro trabalho, pela ação direta de Gomes Freire, o Continente ficara acrescido dos redutos de Santo Amaro e Rio Pardo, com comunicações pelo rio Jacuí. A essa penetração para o Oeste associou os baluartes instalados no canal do São Gonçalo e no rio Piratini, na conexão entre as lagoas Mirim e dos Patos, também outra via de penetração para o Oeste-Sudoeste, e seus fertilíssimos campos povoados de rebanhos. Associados às fortificações, com presença de tropas regulares em posição estática, ainda existia uma rede avançada de guardas fixas e patrulhas.

Entretanto, tais fatos fortaleceram a tese de Cevallos e seu partido ofensivista na Europa. Conforme o governador de Buenos Aires, a Espanha deveria atacar Portugal. Seu plano previa a expulsão dos luso-brasileiros do Rio Grande, a invasão da Ilha de Santa Catarina, dentro da perspectiva de domínio integral do Prata e dos portos para as rotas do Pacífico e do Índico. A conjuntura favorecia os ofensivistas com as mortes da rainha Maria Bárbara de Bragança e seu esposo Fernando VI. Na linha de sucessão, em 1759 foi coroado Carlos III, igualmente avesso ao tratado em demarcação.

Os acontecimentos desencadearam fatos assustadores para quem aguardava pelo seu destino a praticamente uma década. De imediato, Pedro de Cevallos ordenou o bloqueio da Colônia do Sacramento. Em 12 de fevereiro de 1761, o Tratado do Pardo[20] entre as cortes ibéricas anulou o de Madri (1750). Logo, a longa espera dos casais açorianos resultava inócua. Mas o pior ainda estava por vir.

19 GOLIN, Tau. General Gomes Freire em Santo Ângelo. In: PIPPI, Gladis Maria; MÜLLER, Nelci. (Org.). *300 anos da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio*. Santo Ângelo: EDIURI, 2007, v. 250, p. 151-168.

20 *1761. 12 de fevereiro. Pardo. Tratado celebrado entre o senhor rei d. José 1º e Carlos 2º [III] rei de Espanha, com três artigos; assinado pelos plenipotenciários d. José da Silva Pessanha, embaixador de Portugal na corte de Madrid e d. Ricardo Wall, primeiro secretário do rei de Espanha. Manuscrito*. Lisboa. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Os açorianos e a ocupação espanhola

Em janeiro de 1761, por previsão da Carta Régia de 9 de setembro de 1760, havia assumido o governo do Rio Grande o coronel Ignácio Eloy de Madureira, personagem completamente inepto para a conjuntura.

Em maio de 1761, o governador Cevallos marchou de São Borja para se juntar ao cerco da Colônia do Sacramento.

Em 15 de agosto, a Espanha assinou com a França o Pacto de Família, aliança defensiva e ofensiva de autoproteção das dinastias Bourbon (e seus parentes). Assim, Portugal, ao considerar a Inglaterra sua aliada principal e não ceder às pressões argumentadas no parentesco, também foi arrastado para a guerra.

Em dezembro e fevereiro de 1762, fragatas zarparam de Cádiz com armamentos e reforço de tropas para Buenos Aires. Concomitantemente, em 24 de fevereiro de 1762, Carlos III ordenou a invasão de Portugal, na Europa. A guerra, formalmente, teria prosseguimento na América. Em outubro de 1762, as tropas portuguesas da Colônia do Sacramento capitularam. No Brasil, a morte de Gomes Freire de Andrada, em 1º de janeiro de 1763, entusiasta do povoamento do Sul, impôs a necessidade de formar uma junta provisória para responder pelo governo do Rio de Janeiro, com autoridade sobre Santa Catarina e o Continente do Rio Grande. O órgão passou a ser coordenado pelo bispo da diocese e integrada por João Alberto de Castelo Branco e José Fernandes Pinto Alpoim.

De imediato, optaram pela formação de um conselho de quatro coronéis responsáveis pela questão da guerra: Pascoal de Azevedo, ex-governador rio-grandense, cargo exercido no período das demarcações do Sul; José Inácio de Almeida, ex-capitão de Dragões do Rio Grande, na Guerra Guaranítica; o genovês Miguel Ângelo de Blasco, ex-mestre-quartel-geral e diretor de mapas de Gomes Freire; e José Custódio de Sá e Faria, ajudante-geral e comissário substituto de Freire.

Conhecedores do território e das formas das guerras do Sul, os coronéis prescreveram diversas alternativas táticas. Em 16 de janeiro de 1763, as determinações foram enviadas ao coronel Thomás Luiz Osório, comandante dos Dragões e da fortaleza de Santa Teresa, e ao governador Madureira. Como apontei no terceiro volume do livro *A Fronteira*, por reconhecerem a superioridade do inimigo, em seu conjunto, adotaram uma estratégia de defesa, com táticas de guerra de movimento, prevendo o uso da guerra de posição somente para situações e lugares explícitos. Para Osório, posicionado no front, recomendaram que "procurasse saber, com antecipação, quais as forças de que dispunham os espanhóis e, se a elas se pudesse opor, tratasse de embaraçar-lhes a entrada no país." Todavia, se fossem "muito superiores" às luso-brasileiras, "fizesse recolher

a tempo a artilharia e as munições" para a vila de "Rio Grande, retirando-se toda a tropa", fustigando "o inimigo pelo caminho."

Caso tivesse que recuar, o coronel Osório deveria comandar operações de guerra de movimento. Ao chegar no canal do Rio Grande, encontraria "embarcações prontas para se transportar" as tropas em recuo, preparadas previamente pelo governador Madureira, segundo as *Instruções*. Na margem setentrional, garantido pelas águas e inclemência do canal, entrincheirar-se-ia com todos os contingentes e, em especial, com a artilharia, granadeiros e infantes. E, de nenhuma forma, poderia dar passo, permitir ao inimigo ultrapassar aquela trincheira natural, a qual, certamente, garantiria uma nova fronteira para os domínios portugueses, recuada em quase 300 km, é verdade, mas segura e possível de sustentar pelos homens ali arregimentados. O canal era uma muralha líquida intransponível na concepção do conselho de coronéis!

Tal plano de defesa estava combinado com as ordens endereçadas a Madureira. A junta avaliava que a vila de Rio Grande, por se encontrar em terreno aberto, não poderia ser defendida frente a inimigo tão poderoso. Por isso, o governador passaria para o "lado do Norte" do canal. Nesta margem, Madureira montaria todos os canhões e morteiros e organizaria trincheiras, destacaria companhias pelas praias, "para embaraçar qualquer desembarque que intentem fazer em algumas canoas; e essas peças devem estar montadas antecipadamente porque na próxima ocasião poderá não haver tempo para o fazer.[21]

Nesse momento, Rio Grande era uma vila densamente açoriana. Há onze anos haviam começado a chegar os casais para o assentamento nas Missões. Os dois reinos que chancelavam aquela operação geopolítica agora estavam em guerra. O armistício assinado na Europa ainda não tinha chegado no Rio da Prata, quando, em 19 de março de 1763, Cevallos zarpou para Maldonado. Ato contínuo, dali, por terra, no dia 8 de abril, a expedição de expulsão dos luso-brasileiros do Continente do Rio Grande colocou em marcha aproximadamente 3 mil homens para o norte, pela costa atlântica. A 16, estacionaram perto da fortaleza de Santa Teresa, comandada pelo coronel Osório. Após reunião do conselho de guerra, o ataque foi programado para três dias depois. Porém, um dia antes de sofrer o assalto, a guarnição luso-brasileira começou a desertar. Segundo Cevallos, após avistarem as tropas castelhanas, foram tomados pelo pânico,

21 Transcrito em BARRETO, Abeillard. Tentativas espanholas de domínio do Sul do Brasil. In: *História naval brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1979, v. 2, tomo II, p. 162.

iniciando a deserção. Não obedeciam aos oficiais.[22] À noite transformou-se em debandada do regimento de dragões, das companhias de paisanos e de outras de infantaria. Notas imprecisas calculam efetivos fugindo que chegariam a mil homens. Cevallos escreveu que se renderam a ele "300 dragões, com todos os oficiais, que eram 22, e o coronel-comandante Don Thomas Luis Osorio."[23]

Barreto reduziu para 150 os homens que permaneceram fiéis ao coronel Osório e com ele capitularam.[24] No comunicado oficial da Junta Governativa do Rio de Janeiro à Corte, os efetivos ali reunidos "passavam de mil homens", a "maior parte" do regimento de dragões do coronel Osório, das "companhias de paisanos e outras de infantaria". O alarme de Madureira à Junta do Rio de Janeiro, que transferiu seu conteúdo à Corte, acusou Osório de ter se entregado prisioneiro, com tropas que somavam "perto de setecentas pessoas, e todos os oficiais que o acompanharam." Osório tinha capitulado, entregando o estupendo arsenal que recebera para a defesa, notadamente de canhões de artilharia. Também não considerou a formação da linha de defesa no canal do Rio Grande, com sua muralha líquida. A capitulação de 19 de abril de 1763 entrou para os anais como o dia da vergonha.

Cevallos permaneceu em Santa Teresa, organizou guarnições para o baluarte recebido e para a região de Castillos Grande. Entregou o comando do avanço do exército para o coronel José de Molina, ordenando a marcha para o norte. Seus objetivos imediatos seriam o forte português de São Miguel e a vila de Rio Grande. Ao chegar no primeiro, seu comandante também capitulou. Duas outras colunas espanholas, com uma terceira de reserva, rumaram para a vila de Rio Grande. Ao mesmo tempo, os desertores eram perseguidos. Muitos foram aprisionados, outros mortos. Porém, o mais grave é que a debandada chegou na sede do governo em tamanho pânico, apavorando os residentes. O governador Eloy Madureira fugiu rumo a Viamão. Atravessou o canal, passou pela Guarda do Norte no atropelo, sem considerar as orientações de defesa do comitê de coronéis assessores militares do Rio de Janeiro.

Nesse momento, inusitada barbárie tomou conta da vila e região, especialmente contra os açorianos. Os militares, notadamente os dragões, associados

22 Carta de Pedro de Cevallos ao ministro Julián de Arriaga. Colônia do Sacramento, 24 de agosto de 1763. *Campaña del Brasil*. Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Buenos Aires: Kraft, 1941, tomo III, p. 48-50.

23 Carta de Pedro de Cevallos ao ministro Julián de Arriaga. Rio Grande de São Pedro, 24 de agosto de 1763. *Campaña del Brasil*. Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Buenos Aires: Kraft, 1941, tomo III, p. 51.

24 BARRETO, Abeillard. Tentativas espanholas de domínio do Sul do Brasil. In: *História naval brasileira*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1979, segundo volume, tomo II, p. 206; BENTO, Cláudio Moreira. *A guerra da restauração*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996, p. 23.

aos ladrões e gaudérios, saquearam a população, invadiram casas, estupraram, levaram o que puderam, inclusive tudo o que conseguiram recolher da igreja. No comunicado a Lisboa, a Junta responsabilizou os dragões: "Entraram na vila duzentos e tantos dragões que se retiraram da fortaleza, fazendo ainda maiores hostilidades do que poderia fazer o inimigo."[25]

Em texto anterior, descrevi o cenário dessa tragédia:

> Os casais açorianos foram as principais vítimas dessa barbárie. Na fuga desesperada, mais tarde considerada uma vergonha pelas autoridades lusitanas, deixaram grande parte das mulheres. Duas centenas delas, utilizando qualquer tipo de flutuante encontrado, transladaram o canal e, feito séquito de rejeitadas, com o pavor de cair nas mãos do invasor, pintado com as mais terríveis tintas da maldade, caminharam em torno de 350 quilômetros até Viamão; muitas ficaram em precários abrigos na planície litorânea.[26]

Para navegação em mar aberto estavam atracadas no porto de Rio Grande apenas duas embarcações. Elas foram desesperadamente disputadas. E carregadíssimas de gente chegaram à Ilha de Santa Catarina. As tropas castelhanas entraram na vila no dia 24 de abril de 1763, sob o comando do coronel José de Molina. Nenhuma resistência. Surpreso, ele informou Cevallos, em Santa Teresa: "fomos entrando sem resistência até o interior da cidade, a qual se viu desamparada da maior parte de seus habitantes, porém ficou grande número de famílias de ilhéus, as quais fiz logo juntar em bairro separado."[27]

Desgraças em terra e na água. Dos relatórios recebidos por Cevallos da vanguarda constava o panorama de histeria. Os militares, habitantes, mulheres, crianças e escravos agarravam-se aos objetos flutuantes, balsas, barcos e canoas para atravessar o canal, de expressiva largura, correnteza e ondas. "Muitos se afogaram, emborcando-se as embarcações".[28]

Na fuga, o coronel Madureira e seus comandados abandonaram o armamento, em torno de 1.800 quilos de pólvora intacta, sem danificá-la, bastando jogá-la na água, milhares de cabeças de gado e mais de 4.000 cavalos dos dragões e das

25 Ofício da Junta de Governo à Corte em Lisboa. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1763. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil.* Rio de Janeiro: Garnier, 1868, tomo, XXXI, parte primeira, p. 274.

26 GOLIN, Tau. *A Fronteira*: 1763-1778 - história da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional. Passo Fundo: Méritos, 2015, v. 3, p. 84.

27 Comunicado de José de Molina a Pedro de Cevallos. Rio Grande de São Pedro, 24 de abril de 1763. *Campaña del Brasil.* Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Buenos Aires: Kraft, 1941, tomo III, p. 54.

28 Carta de Pedro de Cevallos ao ministro Julián de Arriaga. Rio Grande de São Pedro, 24 de agosto de 1763. *Campaña del Brasil.* Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Buenos Aires: Kraft, 1941, tomo III, p. 51.

estâncias reiunas. O inventário descreveu um volume de armamento capaz de sustentar uma guerra, numerando canhões, balas, barris de pólvora, morteiros, bombas, granadas de mão, fuzis, chumbo, pedras de fuzis, pistolas, barricas de mecha, e demais equipamentos.[29]

Da população portuguesa, ficou na vila uma maioria de famílias açorianas, as quais tinham sofrido a sandice do saque e outras violências, inclusive estupros, das tropas luso-brasileiras em debandada. A situação obrigou que se fechassem em um grupo identitário de sobrevivência. Mais tarde, aceitaram a proposta espanhola para fundarem um povoado perto do canal São Gonçalo, ao qual foi dado o nome de Povo Novo, e se estabelecerem isoladamente. Outras famílias também se transferiram para San Carlos, povoamento em homenagem a Carlos III, rei que os "socorriam". Jamais se livrariam do estigma de traidores, mesmo que muitos deles tivessem fornecido informações preciosas para as autoridades luso-brasileiras e se posicionado a favor de Portugal em conflitos coloniais futuros.[30]

A "retirada com honra" até o canal do Rio Grande, onde os coronéis Osório e Madureira deveriam montar a resistência de artilharia, infantaria, com homens de terra e mar, em uma linha que ocupasse toda a margem esquerda, simplesmente não aconteceu, conforme orientação militar da Junta.[31] Abria-se o Sul brasileiro para o inimigo, com ameaças concretas até Santa Catarina, no Litoral, alcançando Minas Gerais, no sertão. Abandonada a costa do canal, as tropas castelhanas vadearam o que deveria ser a "muralha de águas" e avançaram até a Ponta Rasa, península da lagoa dos Patos, rumo a Viamão.

Pedro de Cevallos, que ficara em Santa Teresa organizando a conquista, em maio, moveu o restante do exército para a vila de Rio Grande, deixando guarnições em pontos estratégicos. Previa chegar em 10 de maio de 1763. A conjuntura internacional tinha mudado. Aportara no rio da Prata a fragata *Vênus* com a correspondência da corte. Um armistício fora assinado. As tropas precisariam ficar em suas posições até que a diplomacia resolvesse conforme as orientações

29 Inventario general de la artilleria, pertrechos y demas municiones de guerra que se han encontrado en la poblacion del Rio Grande de San Pedro. Vicente de Reyna Vazquez. Quartel general del Rio Grande de San Pedro, 31 de julho de 1763. *Campaña del Brasil*. Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Buenos Aires: Kraft, 1941, tomo III, p. 54-55. *Mappa da Artelheria e Munições de guerra que se achavão no Forte de Santa Tereza em Castilhos pertencentes a Sua Magestade Fidelissima na ocazião em que foi tomado pelas Tropas Hespanholas no anno de 1763*. Vila de São Pedro do Rio Grande, 17 de fevereiro de 1781. Assinado por Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil.

30 GOLIN, Tau. *A Fronteira*: 1763-1778 - história da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional. Passo Fundo: Méritos, 2015, v. 3, p. 84-85.

31 Ofício da Junta de Governo à Corte em Lisboa. Rio de Janeiro, 30 de julho de 1763. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil.* Rio de Janeiro: Garnier, 1868, tomo, XXXI, parte primeira, p. 273-274.

preliminares do Tratado de Paris.[32] Aquela vitória, realizada de 18 a 24 de abril de 1763, apagava-se diante das perdas franco-espanholas na Guerra dos Sete Anos. Como resultado das armas, a Inglaterra passara a aumentar e fortalecer a sua hegemonia.

A Espanha perdera dezenas de navios da frota e territórios, destacando-se a ilha de Cuba e dilatada extensão do Mississipi. As ordens de Cevallos ainda se fundamentavam no acordo preliminar de suspensão de armas.[33] A ele ainda não chegara o Tratado de Paris, de 10 de fevereiro de 1763. Ou seja, a expedição de expulsão dos luso-brasileiros ocorrera quando a paz já fora assinada. Mais tarde, para fugir dos artigos diplomáticos desfavoráveis, o governador de Buenos Aires sustentou o argumento de que se tratava de outra guerra.

Portugal não assinou o Tratado de Paris, mas foi integrado como parte no artigo terceiro dos anexados em separado:

> Ainda que o Rei de Portugal não tenha assinado o presente tratado definitivo, Suas Majestades Católicas [Espanha], Cristianíssima [França] e Britânica reconhecem, no entanto, que Sua Majestade Fidelíssima [Portugal] está formalmente compreendido nele como parte contratante e como se expressamente tenha assinado o dito tratado.[34]

Apesar de restituir a Colônia do Sacramento, Cevallos, com o apoio da Corte, manteve-se convicto que a nova fronteira era onde as tropas espanholas tinham estacionado a sua vanguarda na latitude da Ponta Rasa. Duas guardas representando os reinos ibéricos se estabeleceram no Rincão da Tratada / Tesoureiro, separadas por uma linha divisória que cortava da lagoa dos Patos ao Atlântico.

Para selar a trégua, as partes beligerantes assinaram uma *Convenção* em 6 de agosto de 1763.

Por orientação de Cevallos, a guarda espanhola deveria ter o máximo cuidado com as conexões entre os portugueses de Viamão e os que tinham ficado no território conquistado. Apesar dos socorros dados aos açorianos, Pedro de Cevallos considerava questão estratégica romper a comunicação entre eles, seus parentes e conhecidos, além das autoridades lusitanas. Por terra e pela navega-

32 Ofício de Pedro de Cevallos para o capitão José de Molina. Campo do Curral Alto, 9 de maio de 1763. *Campaña del Brasil*. Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Buenos Aires: Kraft, 1941, tomo III, p. 55.

33 Ordem de Pedro de Cevallos à Guarda do Norte. Rio Grande, 15 de maio de 1763. *Campaña del Brasil*. Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Buenos Aires: Kraft, 1941, tomo III, p. 56.

34 Tratado definitivo de paz entre los reyes de España y Francia por uma parte y el de la Gran Bretaña por outra; firmado el 10 de febrero de 1763; em cuya fecha accedio al mismo Tratado su majestad Fidelisima. Paris, 10 de febrero de 1763. *Campaña del Brasil*. Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Buenos Aires: Kraft, 1941, tomo III, p. 66-72.

ção praticada no Saco do Rincão fluíam "as notícias do que passa por aqui", isto é, o que os espanhóis faziam no longo território ocupado pela expedição, desde a Fortaleza de Santa Tereza até os limites das duas guardas adversárias. Que "nenhum destes ilhéus, ou portugueses, passe adiante, nem envie cartas aos de sua nação."[35] Essa comunicação era temerária porque, em 1763, "já havia um grande número de casais em torno da vila de Rio Grande, outros grupos em Triunfo, em Santo Amaro e no Porto de Viamão."[36] Estavam confinados em um território já ocupado, com latifúndios escriturados. Enquanto os açorianos tinham a desconfiança dos espanhóis, apesar dos danos sofridos durante os saques e estupros cometidos pelos dragões, infantaria, voluntários e gaudérios, depois da capitulação de Santa Teresa, também receberam duríssimas críticas dos portugueses, por grande parte deles terem aceitado a proposta de Cevallos para formarem dois projetos de colonização, nos territórios da costa do Sangradouro da Mirim e de Maldonado, que passaram a ser conhecidos como Povo Novo e San Carlos.

Dilema dos açorianos, tragédia geopolítica de Portugal. Juntamente com o imenso território perdido, nele ficou um porto estratégico na América Meridional. Os ineptos coronéis Osório e Madureira, simplesmente, sem resistência, entregaram enclave de tal importância.[37]

Feito prisioneiro, Tomás Luís Osório foi transferido para a Colônia do Sacramento. Com a paz, foi libertado por Cevallos dez meses depois. Nesse interim, o Brasil já tinha como vice-rei o conde da Cunha, que mandou instalar inquérito contra ele e Eloy Madureira. Mais de cinquenta testemunhas depuseram na devassa contra Osório, que foi preso na Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, e depois enviado para Lisboa.

> Foi encarcerado na cadeia do Limoeiro. Sebastião José de Carvalho e Melo rejeitou os "embargos e súplicas". Acolheu a denúncia de que o comandante lusitano tinha protegido dois jesuítas durante a invasão das tropas castelhanas. Sem direito à defesa, as autoridades lisboetas, a 21 de abril de 1768, condenaram Tomás Luís Osório "por se lhe provar haver cometido traição manifesta, entregando o seu forte aos espa-

35 Ordem de Pedro de Cevallos a Lucas Infante. Quartel-general de Rio Grande, 24 de junho de 1763. *Campaña del Brasil*. Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Buenos Aires: Kraft, 1941, tomo III, p. 57-58.

36 PINTO, Paulo Estivalet Flores. A saga açoriana na conquista das Missões. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel. (Org.). *Açorianos no Brasil*: História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002, p. 309.

37 Aviso que mandaram os senhores governadores interinos sobre a perda do Rio Grande para a Corte, pela Bahia e Pernambuco, em 22 de junho de 1763. Documento endereçado ao ministro Francisco Xavier de Mendonça Furtado por Frei Bispo do Rio de Janeiro, João Alberto de Castelbranco e José Fernandes Pinto Alpoim. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1763. *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil.* Rio de Janeiro: Garnier, 1869, tomo XXXII, parte 1ª, p. 300.

> nhóis sem combate"* [...]; "foi enforcado na Cruz dos Quatro Caminhos, sem lhe ser admitido que realizasse a sua própria defesa pessoal**".[38]

Eloy Madureira livrou-se do vexame do inquérito por ter morrido em consequência de seus "achaques". Por culpa desses dois militares, os povoadores açorianos foram divididos entre os domínios ibéricos. Durante 13 anos, as posições seriam mantidas, entre convivência fronteiriça, desavenças, escaramuças e combates. A nova fronteira seguia da Tratada pelo compartilhamento da lagoa dos Patos, Rio Guaíba e Baixo Jacuí. Justamente nas áreas desse limite de águas, a maioria dos casais dos Açores seriam assentados no futuro.

Os açorianos e o governador José Custódio de Sá e Faria

A perda de imenso território e o povoamento de açorianos pela Espanha provocou transformações estruturais no Brasil. Foi elevado à categoria de vice-reinado. O conde da Cunha assumiu como seu primeiro titular.[39] E nomeou como governador do Rio Grande, em 24 de fevereiro de 1764, o brilhante coronel, arquiteto, engenheiro e cartógrafo José Custódio de Sá e Faria. Fora comissário demarcador do Tratado de Madri, participou da Guerra Guaranítica e substituiu Gomes Freire no comando da expedição ao Sul. Nessas funções já tinha trilhado o território, navegado as principais bacias da América Meridional, durante nove anos. Sua missão agora seria organizar a bagunça deixada pelos coronéis Osório e Madureira. Teria como desafio estabelecer uma administração eficiente, edificar fortificações de artilharia, hierarquizar tropas capazes de defender o Continente e assentar os casais açorianos que estavam dispersos, acampados, vivendo como posseiros e desempenhando atividades diversas. Povoamento também oficial e não menos problemático era o dos indígenas missioneiros, cujo acordo efetuado em 1757 não tinha sido integralmente concretizado quanto às terras prometidas e ao abastecimento.

---

38 MENDES, Jeferson dos Santos. *Capitulações Portuguesas na América Meridional, 1762-1777:* histórias, julgamentos e punições das autoridades coloniais. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, p. 304 (Grifo meu).
(*) *Os portuguezes, em Africa, Asia, America e Occeania*, Obra classica, v. VII, Lisboa, Typ. de Borges, 1850, Anno de 1751 até 1769, p. 237; Frei Cláudio da Conceição, Gabinete Histórico, Lisboa, Impressão Régia, 1831, p. 233.
(**) António Carlos Duarte Fonseca, Memória metamórfica de um casarão amarelo. In: FONSECA, António Carlos Duarte et al.. *O Centro de Estudos Judiciários e o Limoeiro*. Lisboa: Almedina, 2007, p. 13-30.

39 GONÇALVES, Izabela Gomes. *A sombra e a penumbra:* o vice-reinado do Conde da Cunha e as relações entre centro e periferia no Império Português (1763-1767). 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Niterói; AIZEN, Mario. Rio de Janeiro: a cidade dos vice-reis (1763-1808). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Rio de Janeiro: IHGB, 2006, v. 432, p. 201-209.

José Custódio zarpou do Rio de Janeiro, desembarcou em Santa Catarina, cavalgou o caminho do litoral até Viamão. Em sessão solene da Câmara local, tomou posse no dia 6 de junho de 1764. Em seu primeiro relatório, descreveu que, com a invasão castelhana, grande parte dos moradores estavam "dispersos pelo Rio de Janeiro, Ilha de Santa Catarina e Laguna". Considerou gravíssima a situação dos casais "povoadores".

Sua primeira medida de defesa foi edificar na fronteira do Estreito/Ponta Rasa, em agosto de 1764, o forte de São Caetano da Barranca, ladeado de quartéis de tropas, vila e um porto no Saco do Rincão. Nomeou seu primeiro comandante o capitão Francisco Pinto Bandeira. De Rio Pardo fez o ponto estratégico na fronteira com as Missões, cujos domínios contornavam o Baixo Jacuí até o Guaíba e a lagoa dos Patos. Guardas e patrulhas encarregaram-se da defesa dos limites de águas. Rio Pardo e Santo Amaro eram seus polos principais.

No rio Taquari, antigo extremo-leste da estância missioneira de São Luiz até 1754, o governador planejou, desenhou e implantou a vila com o mesmo nome do afluente do Jacuí. Para defesa construiu o Forte do Taquari, com o poder de fogo de 30 canhões. O próprio governador escolheu o lugar da povoação, delineou-a, arruou-a e indicou os espaços das moradias. Todas essas ações somente eram possíveis devido aos caminhos das águas.

Essa determinação do governador José Custódio amenizou parte da desgraça dos casais açorianos ainda não assentados e espalhados pelo território. Dessa forma, com a ocupação do vale do Taquari, conjugou povoamento e abastecimento com defesa militar.[40]

Combinado com as fortificações, Sá e Faria organizou nas linhas de fronteiras corpos de Cavalaria Ligeira, com militares regulares, milicianos e paisanos; preparou uma flotilha, distribuída nos rios e lagoas. Fez manobras de "diversão" no território castelhano, atraindo seus efetivos para lugares distantes do canal do Rio Grande. Em todas as frentes encontravam-se açorianos desempenhando atividades, em especial nas embarcações e na cavalaria.

Com muito esforço, José Custódio organizou uma força militar de mil homens.

Em seu segundo ano de governo, recebeu o reforço de Manoel Jorge de Sepúlveda, mantido em anonimato com o nome de José Marcelino de Figueiredo,[41]

40 GOLIN, Tau. *A Fronteira*: 1763-1778 - história da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional. Passo Fundo: Méritos, 2015, v. 3, p. 101.

41 FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre*: guia histórico. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992, p. 389; BARRETO, Abeillard. *Bibliografia Sul-Riograndense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973, v. 1, p. 519-521; KÜHN, Fábio. De condenado a herói. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 13/01/2009.

cuja punição fora exigida pela Inglaterra por ele ter matado um de seus oficiais em duelo questionável. José Custódio deu-lhe o comando de São Caetano da Barranca. Quatro anos depois seria seu substituto, continuando com a política de assentamento e socorro aos casais de ilhéus. Sepúlveda se credenciara nas ações de reconquista.

Na conjuntura internacional, Portugal e Espanha retornaram a fazer movimentos de interesse comum.

Habilmente, o primeiro-ministro Sebastião José de Carvalho e Melo (conde de Oeiras e, a partir de 1770, marquês de Pombal), enquanto enfatizava os projetos geopolíticos comuns com a Espanha, começou a fortalecer militarmente o Sul do Brasil, buscando nos Açores o que denominava uma "gente sobeja e sem ocupação." Em março de 1766 e junho de 1767, dois contingentes perfazendo quatrocentos recrutas da ilha de São Miguel foram reunidos para os efetivos do Rio de Janeiro. E mandou incorporar mais duzentos em todo o arquipélago.[42] O translado de ilhéus também se inseria na estratégia de segurança colonial, com o objetivo de bloquear os levantes da população contra a nobreza e o Estado, eventos assustadores nos domínios espanhóis, que poderiam se transferir para o Brasil. Outro ministro, irmão de Sebastião, ponderou ao vice-rei: "os motins são como a peste que graça, e se comunica pelo ar de uns para outros países."[43]

Outro perigo era identificado na Companhia de Jesus, apontada por Oeiras como artífice dessas manobras, principalmente depois que conseguira de Roma autorização para obter "novos privilégios" através da catequese na América. Expulsos do Brasil em 1755, poderiam retornar agora, acusados de terem os mesmos "objetivos" de sublevações acusados na colônia espanhola. Com estratégias de desestabilização do poder colonial lusitano "pombalino", tais inimigos, mais partidários da nobreza conservadora e clerical, conforme outra carta ao conde da Cunha, de 25 de abril de 1767, já estavam entrando no território, "em hábitos disfarçados, não só clericais, como nos de outras religiões, e até nos de seculares, munidos de ordens, faculdades e instruções expedidas em nome do papa, e dadas pelo seu geral para as executarem nesta cidade [do Rio de Janeiro], e nos territórios do Brasil."[44]

Desde 1756, aos padres inacianos fora atribuída a culpa pelo levante dos indígenas missioneiros na Guerra Guaranítica. O reinado de José I os acusou

42 GOLIN, Tau. *A Fronteira*: 1763-1778 - história da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional. Passo Fundo: Méritos, 2015, v. 3, p. 125.

43 Carta do ministro Francisco Xavier de Mendonça Furtado ao vice-rei conde da Cunha. Palácio de Nossa Senhora da Ajuda, 22 de março de 1767. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1872, tomo, XXXV, parte primeira, p. 223-224.

44 *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: Garnier, 1870, tomo XXXIII, parte primeira, p. 252.

falsamente de um projeto teocrático alicerçado nas reduções da América Meridional, que encontrou na França adesão. A pressão de Portugal, com a aliança de outros governos e de antijesuítas espanhóis conseguira, ainda em 27 de fevereiro de 1767, que o rei Carlos III assinasse o decreto de expulsão, dado a conhecer somente a partir de 2 de abril. A tese da "camuflagem" inaciana em ações clandestinas manteve a pressão, continuou até o enclave da eleição do papa Clemente XIV (4 de junho de 1769), com o compromisso de suprimir a ordem, cuja extinção promulgou em 21 de julho de 1773.[45] Sua morte, em 22 de setembro de 1774, também foi atribuída a uma conjuração jesuítica.

Em conjuntura internacional de diversos e complicados arranjos entre os Estados, José Custódio de Sá e Faria assumiu uma independência localista, na linha de organizar a administração, assentar os casais açorianos, cumprir as promessas feitas por Gomes Freire aos indígenas missioneiros de Santo Ângelo (das quais participou), cujos cacicados ocupavam a Aldeia dos Anjos e outros territórios,[46] além de prever uma manobra sensacional de reconquista das terras tomadas pela expedição Cevallos (1763), que se converteram em uma unidade política de Buenos Aires, governada por José de Molina.

Além de uma plêiade de funcionários e militares, construtores navais na ribeira do Porto de Viamão, já conhecido como Porto dos Casais pelo crescimento atraído pelo núcleo açoriano, o centro operacional do poder tinha o triunvirato formado pelo governador José Custódio, o comandante de fronteira José Marcelino de Figueiredo e o capitão-engenheiro Alexandre José Montanha, extremamente operacional em fortificações e em campo, na medição dos lotes para assentar os ilhéus.

Muitas das embarcações construídas com mão de obra açoriana foram fundeadas no Porto de São Caetano da Barranca. Elas participaram da flotilha de invasão do forte, porto e vila de Rio Grande, em 1767, península há quatro anos ocupada pelos castelhanos. Diversos pontos estratégicos haviam sido informados por açorianos que ficaram no espaço meridional do canal.

A espetacular e confusa jornada está narrada no subcapítulo "A esquadra extraviada e a conquista da Guarda do Norte" em *A Fronteira 3*.[47] O fracasso da

45 A ordem se manteve somente onde não eram absolutas as resoluções do papado. A czarina Catarina, da Rússia, foi importante protetora dos jesuítas. Com eles implementou importante programa educacional e de difusão da ciência. A ordem foi restaurada pelo papa Pio VII, através de bula promulgada em 7 de agosto de 1814. COMPANHIA DE JESUS. Da supressão à restauração. *IHU – Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 458, ano XIV, 10/11/2014.

46 GOLIN, Tau. A guerra guaranítica. 1753-1756. A coligação colonial ibérica contra os índios missioneiros. In: GUNTER, Axt (Org.). *A guerra dos gaúchos*: história dos conflitos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Nova Prova, 2008, p. 54-55.

47 GOLIN, Tau. *A Fronteira*: 1763-1778 - história da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional. Passo Fundo: Méritos, 2015, v. 3, p. 112-114.

expedição deu-se, mais uma vez, pela "colaboração" dos dragões, sua inépcia em estratégias de operações combinadas e com articulações de movimentos entre armas diferentes. A concepção da ofensiva baseava-se em um ataque naval de surpresa durante a madrugada, combinado com a carga de cavalaria pela retaguarda do inimigo. Para os dragões da guarnição de Rio Pardo chegarem às costas dos espanhóis deveriam rumar para o Sul, "por dentro do Continente", em torno de 300 km. Por essa topografia, a tropa cavalariana atravessava o rio Jacuí, o Pantano Grande, as serras de Encruzilhada do Sul e Canguçu, o Morro Redondo, atual município de Pelotas, o sangradouro da lagoa Mirim (canal do São Gonçalo). Por esse itinerário penetrava na base sudoeste da península estratégica. A uma distância de 35 km, antes do estimado ataque pela retaguarda das tropas espanholas, o regimento de dragões passaria pelo Povo Novo, onde Pedro de Cevallos assentara os açorianos saqueados pelos seus próprios patrícios quatro anos antes. O governador José Custódio pretendia engrossar a coluna cavalariana com um bom número deles, pois ali se encontrava uma de suas fontes de informações.

O comandante dos dragões era o coronel José Casimiro Roncalhy (ou Roncally), que, anos depois, chegaria a brigadeiro. Em 28 de abril de 1767, o governador deu o primeiro lance, com a ordem para ele iniciar a marcha para a região de combate. Roncalhy teria um mês para se acercar do inimigo. Tempo mais que suficiente, pois os cavaleiros costumavam fazer o percurso em sete dias. Em "escoteiro" até em cinco. Entretanto, o coronel dos dragões, com tamanha folga, moveu-se quinze dias após a emissão da determinação superior. E só se aproximou do sangradouro da lagoa Mirim após dezoito dias de campanha, quando a tragédia da esquadra já havia se consumado.

Confiante que os dragões já estavam a postos na retaguarda inimiga, um mês depois de ordenar que se posicionasse, o governador José Custódio, em 28 de maio de 1767, autorizou que o coronel José Marcelino zarpasse às 13 horas do porto de São Caetano, no comando de 32 embarcações. A escolha do horário se devia ao cálculo de que precisaria navegar pelo canal da Várzea, e na madrugada atacar de surpresa. Era uma singradura de aproximadamente 30 milhas náuticas (55.56 km). Entretanto, durante a noite, o nevoeiro da lagoa dos Patos impediu a visualização entre as embarcações. Quando amanheceu, elas estavam dispersas e o ataque de surpresa já era impossível. José Marcelino e o conselho de oficiais decidiram manter a operação. Atacaram nos pontos determinados, companhias de infantes dos lanchões desembarcaram, mas devido ao fogo espanhol precisaram recuar novamente para o Forte de São Caetano.

Ao receber a notícia, José Custódio mudou os focos dos ataques para o forte da Guarda do Norte e para o território costeiro da margem setentrional do canal, guarnecidos por duzentos homens. Novamente comandado por José Marcelino de Figueiredo, o cerco ao forte começou em 5 de junho de 1767, com cavalarianos, infantes, artilheiros e dois saveiros artilhados. Na manhã seguinte, a guarnição espanhola se retirou para a margem direita. A partir do dia 6, a fronteira refluiu para a muralha líquida do canal. E ali ficaria até abril de 1776, demarcando acontecimentos extraordinários no Sul do Brasil.

Prosseguiu o domínio espanhol sobre o canal, com privilegiada posição de sua fortaleza da barra sul, a qual dominava a entrada da barra, e os seus fortes da costa o canal mais profundo, que ficava junto a sua margem. Desde o início da perda do território em 1763, vinha ocorrendo o despovoamento do Continente, com a população se retirando pelo caminho do litoral em direção a Laguna. Essa era uma profunda contradição com a política de conquista, que nas últimas décadas tinha na distribuição de módulos rurais e lotes/quintas nas vilas, aliado à militarização, os seus principais alicerces. Por isso, José Custódio sugeriu ao vice-rei a formação de mais núcleos populacionais no Porto dos Casais (atual Porto Alegre), seguindo com os projetos do Taquari e Baixo Jacuí.

Ao ser substituído por José Marcelino devido aos protestos da Espanha pelos ataques de 1767, o projeto estrutural de mudança da capital foi implementado. Viamão se transformara em sede do governo por uma demanda da ocupação castelhana, depois da rápida provisoriedade de Rio Pardo. O Continente era um território de águas, suas veias líquidas de rios e lagoas é que lhe davam vida. A mudança, em 1772, não se fez com pouca celeuma, mas vigorou a concepção geopolítica e administrativa.[48] Mesmo que tivesse mudado de nome com a emancipação à vila no ano seguinte (Nossa Senhora da Madre Deus de Porto Alegre), a provisoriedade do Porto dos Casais transformou-se no núcleo do poder, com os açorianos, agora, situados em sua centralidade, vinculando-se em todas as atividades, multiplicando os módulos de "datas" ao longo do Rio Guaíba e lagoa dos Patos.

Concomitantemente, contingentes de intrusos luso-brasileiros vinham vadeando os rios Jacuí, Guaíba e lagoa dos Patos, estabelecendo-se em domínio espanhol e missioneiro. Em 1773, uma extraordinária expedição comandada por Vertiz y Salcedo, governador de Buenos Aires, entrou pela bacia do rio Negro rumo a Rio Pardo, com a missão de expulsá-los. Diversas escaramuças se deram pelo caminho, além dos espanhóis terem praticamente perdido a cavalha-

48 Mudança da capital de Viamão para Porto Alegre, ver: FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre*: guia histórico. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992, p. 243.

da, obrigando-os a retirarem-se para Rio Grande. Assim que a notícia chegou a Lisboa, a Corte decidiu transferir e formar poderosas forças, constituindo o Exército do Sul e a Esquadra do Sul.

Os açorianos na Guerra da Reconquista

De fato, o Brasil inteiro se mobilizava no segundo semestre de 1774 para a reconquista do Sul e a expulsão dos espanhóis dos territórios ocupados ainda em 1763. Parte importante desse suporte, a Bahia seguia arregimentando contingentes para o seu território, para o Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande. No complexo processo dessa guerra, um número expressivo de portugueses, dentre eles açorianos, ingressaram no Sul. Os ilhéus estavam na Marinha, no Exército e nas companhias recrutadas. Uma quantidade difícil de estimar, ficou depois na capitania, porém fora da prescrição do projeto dos casais. Nas guerras de fronteira, principalmente quando resultavam anexações de territórios, um percentual importante das tropas permanecia em razão das vantagens oferecidas, seja como militares, funcionários, sesmeiros, "dateiros", chacareiros, marinheiros, contratadores, etc. A maioria agraciados por lotes rurais e terrenos nos espaços urbanos.

A quantidade de pessoas que chegaram ao Sul a partir de 1774 foi extraordinária. Somente a primeira formação da Esquadra do Sul, encarregada do Atlântico Sul, constituía uma força naval luso-brasileira formada por quatro naus e oito fragatas, armadas de 492 canhões. A marinharia embarcada era de 3.880 homens.[49]

Conforme os cálculos iniciais do conde de Oeiras (Pombal), a força a ser arregimentada em todo o reino era prevista em 8.106 homens. Às vésperas de zarparem para o Sul faltavam chegar ainda 1.419. Tinham sido passados em revista duas companhias de cavalaria do Rio de Janeiro, com 110 homens; os regimentos de Bragança, Moura e Estremoz, transferidos da Europa e Açores, com 821 homens cada; o primeiro e o segundo regimentos do Rio de Janeiro, também com 821 cada; o Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro, com efetivo de 749.[50] O *Plano de guerra* arrolou também o Regimento da Ilha de Santa Catarina, formado por 821 homens; o Regimento de Dragões do Rio Grande, 400; quatro

49 *Mapa geral das Naus e Fragatas de Guerra que se incorporaram na Esquadra do Sul no tempo em que surgiu na defesa do Porto da Ilha de Santa Catarina, com as entradas e saídas que ali fizeram. Verdadeiras figuras das embarcações da Esquadra do comando do chefe Roberto Macdouall.* Atribuído a José Custódio de Sá e Faria. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil.

50 POMBAL, Marquês de. Forças que tem, e terá o Rio de Janeiro, e Territórios a ele subordinados para se opporem aos ditos Castelhanos. Palácio da Nossa Senhora da Ajuda, 9 de julho de 1774. *Campaña del Brasil.* Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nación. Tomo III. Buenos Aires: Kraft, 1941, p. 295-296.

companhias ligeiras de auxiliares, sendo duas a cavalo e duas a pé, perfazendo 200 milicianos, quase, em sua integralidade, de filhos dos casais açorianos; quatro companhias de infantaria miliciana, com exercício de artilharia, totalizando 400; um Regimento de Cavalaria Auxiliar, com 500, e um Regimento da Colônia do Sacramento, com 821 homens. Destes, 2.573 militares eram deslocados diretamente do continente europeu; 2.391 do Rio de Janeiro e demais capitanias; e 3.142 pertenciam a Santa Catarina, Rio Grande e Colônia.

Desse jamais visto esforço de guerra na Colônia, um percentual aproximado de 66,54% formaria o Exército do Sul, a ser alojado no Continente do Rio Grande de São Pedro. Constata-se também uma pequena diferença de efetivos entre o *Plano de guerra* e o *Plano do exército que sua Majestade manda formar nas campanhas dos Rios Pardo e de São Pedro,* que não minimizam a impressionante mobilização luso-brasileira. O *Plano de guerra* considerava as seguintes cifras: Regimento de Dragões do Rio Grande, com 400 homens; o Regimento de Cavalaria Auxiliar, com 500; quatro companhias de tropas ligeiras auxiliares, que serviriam a cavalo e a pé", somando 200 homens; duas companhias de cavalaria da Guarda do Vice-rei, "de 55 cavalos cada uma" e 110 pessoas; "quatro companhias de infantaria pagas, com exercício na artilharia", mandadas arregimentar para constituírem as guarnições de São José do Norte, Viamão e Rio Pardo, 400; regimentos europeus (Bragança, Moura e Estremoz), 821 cada; "cinco companhias destacadas dos regimentos de artilharia" do reino "para servirem no Parque, nas brigadas", que fossem "necessário destacarem-se para que se levantem nas alturas, passos estreitos e passagens dos rios, contra os inimigos", 500; "sete companhias, que baixam de São Paulo, com cinquenta homens cada uma, recrutadas e incorporadas em um regimento sobre o mesmo pé dos outros de Portugal, para nele se estabelecerem a mesma formatura, as mesmas evoluções e a mesma disciplina", reunidas em um regimento de 821 combatentes.[51]

Para o translado oceânico de tropas, "cinco navios da Companhia de Pernambuco zarpavam do porto de Lisboa para a cidade de Angra do Heroísmo, no arquipélago dos Açores, a fim de embarcar e transportar para o Rio de Janeiro "o regimento de infantaria do qual era coronel Antônio Freire de Andrade."

51 POMBAL, Marquês de. Plano militar da guerra, com que devemos repelir a aleivosa invasão que os Castelhanos intentam fazer em todas as partes do Sul do Brasil, por eles já aleivosamente ocupadas. Manuscrito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In: Correspondência passiva do tenente-general João Henrique de Böhm. *Boletim do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos*. Rio Grande, 1, p. 13-14, out. 1939. In: *Campaña del Brasil*. Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nación. Tomo III. Buenos Aires: Kraft, 1941, p. 294-313. POMBAl, Marquês de. Instruções para o vice-rei do Brasil, marquês do Lavradio. Palácio da Nossa Senhora da Ajuda, 9 de julho de 1774. *Campaña del Brasil*. Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Tomo III. Buenos Aires: Kraft, 1941, p. 302-305; BOEHM, João Henrique. *Memória relativa à expedição ao Rio Grande*. Lisoba: Biblioteca Nacional de Portugal..

Agregou-se também a esse movimento a nau *Santo Antônio*, depois incorporada como capitânia da Esquadra do Sul. Após desembarcar Diniz Gregório de Mello de Castro no porto de Angra, como novo governador dos Açores, zarpou igualmente para o Brasil. Para iludir a vigilância espanhola, embarcações que saíam de Portugal com o pretexto de vigiar a costa e as ilhas do Atlântico, mudavam seus rumos para o Brasil, como parte do grande esforço de guerra, a exemplo da nau *Nossa Senhora de Belém* e as fragatas *Nossa Senhora da Graça* e *Princeza do Brasil*.[52]

O número de açorianos inseridos na arregimentação militar para a guerra e ocupação de territórios é de difícil cálculo. Foram arrebatados por um mecanismo que poderia assentá-los posteriormente, sem que tivessem partido de seus locais de origem em um projeto de colonização. Assim como em ambos os planos, os efetivos oscilaram e a procedência de seus componentes nem sempre foram documentadas. Somente em sua última formação, encontravam-se embarcados na Esquadra do Sul 770 homens.[53]

Nesse panorama, ainda é um mistério a marinharia da Flotilha da lagoa dos Patos, sob o comando do inglês Hardcastle, fundeada no canal do Rio Grande, junto ao Forte do Patrão-Mor (São José do Norte) e composta por 11 embarcações - corvetas, sumacas, bergantim e chalupas. Quem eram os artífices, carpinteiros navais e encarregados das atividades de marinheiros nos estaleiros (ribeiras) de Porto Alegre e São Caetano da Barranca?

No panorama geral, o cálculo oficial de tropas sempre foi problemático no Sul, pois muitos grupos armados eram independizados e combatiam por objetivos particulares, notadamente com interesses em saques e arreadas. Fustigavam o inimigo, mas estavam mais interessados em "fazerem a guerra aos animais", ironizava o general Boehm.

Em abril de 1776, o general João Henrique Boehm, comandante geral das tropas de terra e mar no Rio Grande de São Pedro, em uma manobra genial, usando jangadeiros, marinheiros, granadeiros, artilheiros e infantes, atravessou

52 GOLIN, Tau. *A Fronteira*: 1763-1778 - história da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional. Passo Fundo: Méritos, 2015, v. 3, p. 182-183.

53 "Mapa das embarcações que compuseram a armada naval, que saiu da Ilha de Santa Catarina no dia 6 de fevereiro de 1776 para o Rio Grande de São Pedro, dirigida e comandada por Roberto Mac Douall, chefe da Esquadra do Sul, e entraram no dia 19..."Anexo à "Relação e mapas em que se mostra toda a ordem, disposição e sucessos que houveram na tomada da terra da margem do sul do Rio Grande de São Pedro, desde o dia 6 de fevereiro do ano de 1776, em que partiu a armada naval de Portugal da Ilha de Santa Catarina, até 1° de abril do mesmo ano, em que se concluiu a dita tomada da terra. Escrita por Jozé Correia Lisboa, primeiro piloto na dita armada, embarcado na corveta *Nossa Senhora da Penha de França*. No Rio de Janeiro, ano de 1776." *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil.* Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1882, tomo XLV, parte um, p. 117.

o canal, ocupou a península, os fortes da margem direita, findando 13 anos de ocupação espanhola. Entretanto, a reconquista retomou o território até a fronteira fixada por Silva Paes, em 1737. Com isso, reintegrou também a costa da lagoa Mirim e seu sangradouro (atual canal do São Gonçalo). Nele encontrava-se o território do Povo Novo, onde Cevallos assentara os casais açorianos saqueados e abandonados pelas tropas luso-brasileiras.

Para sustentar a reconquista, o general Boehm estabeleceu um plano de defesa que combinava artilharia e infantaria nos espaços urbanos, unidades militares no território e povoamento. "O habitante mais afastado" morava "a menos de seis léguas" do canal do Rio Grande. "A maior parte" morava a duas. "Além destes limites, tudo" era "deserto. Para bem povoar esta região, bastante fértil", seria necessário, todavia, chegarem "novos colonos das ilhas",[54] isto é, do Arquipélago dos Açores.[55]

Múltiplas formas de intrusão açoriana

A integração dos açorianos em áreas além do espectro rural ficou evidente depois da guerra, com a reorganização administrativa. Após a derrota no Rio Grande, Carlos III contra-atacou com uma poderosa expedição naval, sob o comando de Cevallos, agora investido de vice-rei do Rio da Prata. A esquadra e tropas de terra da Espanha tomaram a Ilha de Santa Catarina e a Colônia do Santíssimo Sacramento, a partir de fevereiro de 1777. Com a concomitante morte de José I, a diplomacia da rainha D. Maria I solicitou conferências para a paz, consumada no Tratado de Santo Ildefonso, de 1° de outubro de 1777.[56] Os principais regimentos do Exército do Sul e embarcações necessárias em outros lugares, puderam se retirar do Sul gradativamente até 1779.

O general Boehm encarregou Sebastião Francisco Bettamio de realizar um amplo levantamento sobre a capitania que ficara em alerta e estado de guerra por longo tempo. A *Notícia particular do Continente do Rio Grande* foi entregue em 19 de janeiro de 1780 no Rio de Janeiro ao vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, substituto do marquês do Lavradio. Bettamio comprovou que a capitania

54 Carta do tenente-general Boehm ao vice-rei Lavradio. Vila de São Pedro, 29 de julho de 1776. BOEHM, João Henrique. Memória relativa à expedição ao Rio Grande, da qual fui encarregado pelo Rei D. José I, de dezembro de 1774 até o fim de 1779 e com minhas cartas (51) escritas ao marquês do Lavradio, vice-rei do Brasil. In: BENTO, Cláudio Moreira. *A guerra da restauração*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996, p. 107.

55 GOLIN, Tau. *A Fronteira*: 1763-1778 - história da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional. Passo Fundo: Méritos, 2015, v. 3, p. 538.

56 *Tratado Preliminar de Limites na América meridional* entre a rainha, a senhora d. Maria I e d. Carlos III, rei de Espanha, assinado em Santo Ildefonso, no 1° de outubro de 1777, e ratificado por parte de Portugal em 10, e pela de Espanha em 11 dos ditos mês e ano. Lisboa: Arquivo da Torre do Tombo.

arrecadava somente 20,30% de seu erário anual necessário de 67:149$043 (sessenta e sete contos, cento e quarenta e nove mil e quarenta e três réis). Previu cortes que reduziria de 79,30 para 66,87% a complementação da receita pela Corte. Mais que uma readequação orçamentária, Bettamio demonstrou onde se encontravam muitos açorianos. Formavam companhias do batalhão de infantaria.

O soldo do batalhão perfazia 7:696$945 (sete contos, seiscentos e noventa e seis mil, novecentos e quarenta e cinco réis) por ano; o gasto com farinha de mandioca, 1:517$760; a despesa com carne, 698$063.

> Este corpo de tropa, foi criado modernamente com os filhos de muitos casais [açorianos] no Continente que sentiram atraso nas suas lavouras pela falta dos filhos; e creio não haverá precisão de se conservar, ou pelo menos a conservar-se pode ser com grande diminuição. Haverá nestas companhias oficiais, e muitos soldados beneméritos que não queiram baixa; e me parece se podem uns passar para os Dragões; e de outros formar uns soldados de pé de castelo para guarnecer as fortalezas da Barra e Conceição; nomeando-se dos oficiais deste mesmo corpo para comandantes das ditas fortalezas, e mandando-se também para o Rio Pardo um destes oficiais para comandante da artilharia que ali estiver com alguns soldados para a manobrarem, e cuidarem dela.[57]

Estima-se também que os açorianos compunham a Companhia de Infantaria Ligeira do Continente. Por ano, o governo gastava com seus soldos, 912$150; com farinha de mandioca, 201$960; e carne, 93$075. A despesa anual do batalhão e da companhia, que Bettamio pretendia reduzir e distribuir parte da tropa por outras unidades, era de 11:119$953.

O que Bettamio fez na questão administrativa se complementa com Francisco João Roscio em dois trabalhos importantíssimos. Natural da ilha da Madeira, chegou ao Brasil em 1767. Ingressou na capitania como capitão-engenheiro e cartógrafo do Exército do Sul. Por ordem de Bohem produziu um *Compêndio noticioso* detalhadíssimo sobre o território.[58] Com a paz de 1777, também foi encarregado do trabalho cartográfico que antecedeu as demarcações. Essa primeira visão detalhadíssima do espaço ampliou ainda mais o conhecimento luso-brasileiro. Devido as suas qualidades, foi integrado na comissão de limites, de cujos

57 BETTAMIO, Sebastião Francisco. Notícia particular do Continente do Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, [1858], 1930, p. 219-270.

58 ROSCIO, Francisco João. *Compêndio noticioso do Continente do Rio Grande de S. Pedro até o Distrito do Governo de Santa Catarina, extraído dos meus diários, observações, e notícias que alcancei nas jornadas que fiz ao dito Continente nos anos de 1774, e 1775*. Lisboa, 21 de junho de 1781. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil.

trabalhos também deixou diários e cartas.[59] Quando faleceu em Porto Alegre, a 10 de outubro de 1805, no posto de brigadeiro, além de ter respondido como governador interino, foi realizado o inventário e recolhimento da extraordinária documentação em seu poder.[60]

Quando o general Bohem retornou ao Rio de Janeiro ainda ficara pendente a questão delicada quanto aos "açorianos" do Povo Novo, sobre a qual vinha discutindo com o vice-rei. A situação tinha sido submetida ao marquês do Lavradio para decidir. Eles permaneceriam ou seriam "dispersados, como estavam antes da invasão" de 1763? O tema associava-se a outro problema administrativo de difícil solução: o das "pessoas que abandonaram suas terras" há 13 anos, em razão da guerra. Elas seriam "readmitidas em sua posse, mesmo quando se estabeleceram em outro lugar, ou quando receberam *datas* de terra em forma de indenização?"

Em parte, o vácuo documental do povoamento açoriano no Rio Grande é suprido pelos estudos genealógicos e onomásticos, pois os indivíduos, nos mais diferentes processos, ao carregarem seus nomes, afloram do anonimato para a história.

Até o Tratado de Madri (1750), os campos sulinos pertenciam exclusivamente aos povos originários, ocupados autonomamente, ou associado à Companhia de Jesus. Estavam representados por três grandes grupos, os Pampeano, os Jê e os Guarani, cada qual com suas etnias, ou "nações". Tanto a linha divisória estabelecida por esse convênio como a do Tratado de Santo Ildefonso (1777), assinados geopoliticamente por Portugal e Espanha, cruzaram suas fronteiras pelo centro relativo desses territórios indígenas. Essas linhas limítrofes foram espaços de fricção interétnica, conflito com povoadores e lugares extremamente violentos devido às práticas de banditismo, roubo, extermínio e ocupação.

Durante as demarcações do Tratado de Madri (1752-1761), esse espaço encontrava-se partilhado por nações pampeanas, notadamente os Guenoa-Minuano, Yaro, Bohane, e os Guarani tradicionais e missioneiros, além de outras, associadas ao trânsito dos Charrua, nucleados predominantemente no entre rios Paraná-Uruguai. Os pampeanos marcavam suas posses através de aldeias de toldarias, ranchos de posteiros, e a área em que criavam seus rebanhos de ga-

59 *Mappas particulares extraídos da carta da Capitania do Rio Grande de São Pedro e suas circunvisinhanças athé o Rio da Prata. Construída por Francisco João Roscio, tenente-coronel de infantaria, com exercício de engenheiro, na forma de suas observaçoens feitas nos anos de 1774 athe 1778*. 11 mapas concluídos em 1783. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.

60 *Relação dos Planos, e Papeis respectivos ao Real Serviço, e de tudo o mais pertencente á Fazenda Beal, que se achava em poder do Brigadeiro do Real Corpo de Engenheiros Commissario de Limites na 1ª Divizão da Demarcação desta America Francisco João Roscio...* Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Brasil.

dos vacum, muar e cavalar. Em alguns lugares constituíam espécies de enclaves entre e nas estâncias missioneiras, que, desde o século XVII, começaram a se instalar desde o rio Uruguai até o Quaraí, Alto Rio Negro, Alto Camaquã e Jacuí. Todas eram mantidas por famílias extensas lideradas por caciques, dedicadas ao pastoreio, lavouras de milho, mandioca, batatas, cana-de-açúcar, hortaliças e pomares. Desenvolveram a produção de graxa, sebo, couros, utensílios de chifres, arreios e tecelagem de algodão e lã. As sedes dessas estâncias caracterizavam-se como povoados, os quais viriam a originar muitas cidades do Brasil. No conjunto, associado ao prédio da administração (onde se instalava periodicamente o padre ou irmãos visitadores e autoridades do cabildo, em suas inspeções), o espaço de uma estância era organizado por capelas, galpões, mangueiras, invernadas, postos, e os rancheirios, em alguns casos com mais de cem habitações de famílias nucleares.

A fronteira e a sinergia da conquista

A nova tentativa de pacificação dos territórios lindeiros entre Portugal e Espanha, em 1777, emulou um fenômeno extraordinário de apropriação dos territórios dos povos nativos. Em um primeiro momento, quase que instantaneamente, desencadeou a invasão espontânea de civis e militares, com apoio estatal, como uma razia de saques e, depois, apropriações de estâncias, vacarias, capelas, aldeias, povoados e ervais, até o leito principal do rio Ibicuí e Baixo Jacuí, incluído alguns afluentes meridionais do rio Pelotas. Grosso modo, ocuparam "na marra" os territórios supostos como seus pelos portugueses, os quais deveriam passar para domínio lusitano conforme os novos limites, todavia sem que ainda fosse realizada a demarcação, a troca formal de espaços entre os reinos, e estabelecido o critério de povoamento. Contava-se predominantemente com a concessão da "carta sesmaria de campo", em que cada beneficiado passava a ser dono de aproximadamente 13.000 hectares, ou espaços que pudesse se instalar como posseiro. Nessas razias também se encontravam açorianos.

Quando os demarcadores entraram em cena tardiamente, a partir de 1784, com suas escoltas militares e trânsito de tropas das duas coroas, os saqueadores tiveram certa contenção. Entretanto, a retirada militar dos espanhóis e milícias missioneiras para a bacia do Ibicuí, antes da conclusão da demarcação, abriu o território para "os povoadores", com proteção das autoridades de Rio Grande. A normalidade das "amenas e aprazíveis colinas, abundantes de aguadas", que formavam a campanha, "onde havia antigamente uma grande Estância dos Índios Tapes" pertencente aos missioneiros, "foi despovoada, e afugentada pelos contínuos roubos dos gauches, vagabundos do campo", referindo-se à estância

de Santa Bárbara, cuja tragédia se assemelhava a todas as demais até o leito principal do rio Ibicuí.[61]

O Tratado de Santo Ildefonso estabeleceu o critério de fronteira-faixa entre as terras banhadas pelas bacias hidrográficas que corriam para o Rio da Prata (as quais pertenceriam a Espanha) e as que seguiam para o Atlântico (reconhecidas genericamente como domínio português). Em sua concepção, a fronteira passou a ser formada por duas linhas divisórias paralelas, com áreas neutrais de diversas larguras entre elas, nas quais os súditos ibéricos não poderiam se estabelecer e nem transitar. A área de fronteira neutra partia da costa atlântica. Nessa planície litorânea, o limite do Norte era estabelecido pelo arroio Taim (sentido oeste-leste), a contar da lagoa Mirim. Da sua nascente partia uma linha reta (no sentido sudeste), passando pelo afluente nordeste da lagoa da Mangueira e chegava no Atlântico.

Representava a interdição para o Sul aos luso-brasileiros.

A linha Sul desse campo neutral percorria o leito do arroio Chuí. No ponto de latitude da nascente do arroio São Miguel, fazia um ângulo reto para o oeste; em uma reta percorria a fronteira seca. Ao alcançar a foz do São Miguel, a divisória ia pelo seu leito até a lagoa Mirim. Da divisória sul, os espanhóis não poderiam passar para o norte. Entre o Taim e o Chuí ficava um dos grandes espaços neutrais. Consequentemente, os açorianos e seus descendentes do Povo Novo transformaram-se em habitantes da fronteira. Em seus extremos relativos, esse território neutral tinha a dimensão de 156 (norte-sul) por 71 (leste-oeste) quilômetros.

Para as demais áreas fronteiriças, o Tratado Preliminar de Paz previa faixas neutrais com tamanho relativo de uma légua e meia. Motivo de profunda divergência entre os comissários, transformada em demanda para chancela posterior das Cortes, estava o litígio sobre a lagoa Mirim, com possibilidade de vir a ser considerada "neutral". Durante as demarcações, iniciadas em 1784, no acampamento do Chuí, os comissários divergiram sobre as linhas divisórias no Sul e no oeste da lagoa Mirim, além de seu traçado pelo afluente previsto no canal de São Gonçalo em um de seus afluentes de oeste, supostamente o rio Piratini. Nesse setor limítrofe encontravam-se historicamente os indígenas minuanos.

61 SALDANHA J. *Diário Rezumido, e Historico, ou Relação Geographica das Marchas, e Observaçoes Astronomicas, com Algumas Notas sobre a Historia Natural, do Paiz.* Primeira Divizão da Demarcação da America Meridional. Campanha 4ª de 1786 para 1787. Debaixo da Inspecção do Brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, Governador do Rio Grande de S. Pedro, e Principal Comissário. Por José de Saldanha. Bacharel em Philozophia, Formado em Mathematica, Geographo, e Astrónomo de Sua Magestade Fidelíssima, na 1ª Partida. Manuscrito. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional.

Por consequência, também ficaram *sob judice* todos os afluentes com seus territórios entre o arroio San Miguel e o rio Piratini, e todos os demais do sul e oeste da lagoa Mirim, incluindo parte de seu sangradouro. As divergências dos demarcadores imobilizaram a fixação dos limites, ao ficarem pendentes de nova resolução da diplomacia ibérica, ilustrada por notável cartografia, com sua delimitação pela lagoa Mirim e parte do canal, pelo leste. Pelo sul e oeste, abarcava desde as nascentes na Coxilha Grande e demais rios e arroios afluentes da lagoa Mirim, a exemplo do Sarandi, San Luis, arroio Pelotas, Cebollati, Tacuari, Jaguarão, (arroios Juncal, Arrombados, Arroio Grande, Canhada, Chasqueiro e Palmas), canal São Gonçalo e rio Piratini. Em 1784-1785, provisoriamente, para os comissários, enquanto as Cortes não decidissem as jurisdições, esse imenso território seria considerado neutral. Em uma figuração, seus limites contornavam o arroio Sarandi, a margem da lagoa Mirim, o canal do São Gonçalo até o Piratini, pelo Leste; rios e arroios desde a Coxilha Grande e demais cursos de águas da lagoa Mirim, pelo Sul; rio Piratini, cuja nascente prosseguia a divisória até a do rio Camaquã, pelo Norte; o traçado entre as origens do Camaquã e o rio Negro, fixava um dos setores da fronteira pelo Oeste.

Esse espaço de formato irregular, estimado em distância de 188 km de leste a oeste, e de 300 km de norte a sul, também foi intrusado pelos açorianos. Nele fizeram arreadas e, quando possível, se estabeleceram como posseiros, buscando a certificação das terras mais tarde.

Dos quatro espaços demarcatórios previstos no atual território sul-rio-grandense, de comum acordo, as comissões ibéricas demarcaram apenas dois. No primeiro, os marcos foram assentados somente no Taim, na costa nordeste da lagoa da Mangueira e no Chuí, em 1784, como se assinalou acima. No segundo, delimitaram da região de Santa Tecla ao Monte Grande (Bagé - Santa Maria), em 1787.[62] Essa fronteira-faixa foi demarcada com dez marcos, cinco nas nascentes meridionais do Ibicuí-Ibicuí Mirim; e mais cinco nas origens dos afluentes do Camaquã e Vacacaí. Esses dois setores realmente demarcados representavam, de fato, a concepção de "fronteira-faixa", com duas linhas divisórias paralelas, com um espaço neutral entre elas. Assim como o setor nucleado pela lagoa Mirim, os comissários divergiram inconciliavelmente sobre a divisória no Planalto-Norte e

62 SALDANHA J. *Diário Rezumido, e Historico, ou Relação Geographica das Marchas, e Observaçoes Astronomicas, com Algumas Notas sobre a Historia Natural, do Paiz.* Primeira Divizão da Demarcação da America Meridional. Campanha 4ª de 1786 para 1787. Debaixo da Inspecção do Brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, Governador do Rio Grande de S. Pedro, e Principal Comissário. Por José de Saldanha. Bacharel em Philozophia, Formado em Mathematica, Geographo, e Astrónomo de Sua Magestade Fidelíssima, na 1ª Partida. Manuscrito. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Publicado nos Anais da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1929, v. 51.

sua conexão com o rio Peperi-Guaçu, pois os espanhóis passaram a considerá-lo como sendo o atual Chapecó.

Para a área da lagoa Mirim, o comissário português Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, orientado pelo vice-rei, sustentou a tese sobre a "integralidade das águas" para uma única coroa, da qual os espanhóis se beneficiavam pela exclusividade conseguida no Rio da Prata e mantinham em seu poder a Colônia do Sacramento até então portuguesa. Para o Alto Jacuí, por sua vez, o comissário espanhol José Varela y Ulloa reivindicava os povoados e ervais dos Pueblos de Índios, pertencentes às Missões, o que implicava em alterar o traçado da fronteira para as nascentes da margem esquerda do Alto Jacuí.

Como se disse, a invasão dos territórios até o Ibicuí foi desencadeada quando chegou na América a notícia da assinatura do Tratado Preliminar de 1777. Em um primeiro momento, os luso-brasileiros não aguardaram os trâmites governamentais, os trabalhos demarcatórios e as permutas de territórios. Esse era um processo típico. Tal fenômeno já tinha acentuado as frentes de expansão após a fundação do enclave do Rio Grande de São Pedro, em 1737, da penetração na Serra de Tapes e no Baixo Jacuí, após o Tratado de Madri (1750-1761) e na Guerra da Reconquista (1763-1777).

Entretanto, jamais havia ocorrido nada similar ao anúncio do Tratado de Santo Ildefonso (1777). Com a linha divisória a ser ainda demarcada adiante da fronteira de águas em vigor desde a Guerra da Reconquista (1774-1776), formada pela lagoa Mirim, canal do São Gonçalo, lagoa dos Patos, Rio Guaíba e Baixo Jacuí, os vassalos de Portugal disputaram os territórios a serem cambiados no futuro. De 1777 a 1784, antes de começarem, de fato, as demarcações, os grupos de "intrusos" já tinham atravessado os limites líquidos das lagoas, canal e rios e adentrado diversos quilômetros, para onde acorriam com objetivos de saques e/ou povoamento dos territórios ainda a serem legalmente incorporados aos domínios de Portugal.

Nessa intrusão, os posseiros-povoadores e os aventureiros disputavam os territórios indígenas. Adentravam centenas de quilômetros "sem rédea", movidos pela violência e cobiça. Acrescendo-se as dimensões das águas da lagoa Mirim, a barbárie se reproduziu em maior área relativa 300 por 500 quilômetros, considerando somente dos contrafortes da Serra às cabeceiras do rio Negro e lagoa Mirim. Nesse panorama ingressavam também inumeráveis açorianos.

Como lembra o insuspeito Moisés Vellinho na defesa dos lusitanos:

> A fascinação que as novas terras exerciam sobre o espírito e a ambição dos pioneiros e a urgente necessidade de incrementar-lhes o povoamento e enchê-las de gado. Aqui entra o recurso às arreadas e ao inces-

> sante contrabando. Sem a desenvoltura dessas práticas não se consumaria a disseminação e implantação de estâncias, não se estenderiam os liames de vizinhança, não se estabeleceriam os nódulos de fixação social, indispensáveis à consolidação da conquista.[63]

O Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul possui acervo importante sobre o panorama da distribuição de terras para mais de seis centenas de beneficiados, manuscritos organizados e transcritos na publicação "Açorianos, proprietários de terras no Rio Grande do Sul, 1770-1800", coordenado por Véra Lucia Maciel Barroso, com colaboração de Suzana S. Brochado, Tatiani de Souza Tassoni e Tatiana Lunardelli.[64] Os registros de datas e mais doações são riquíssimos na descrição dos territórios e sobre os cotistas agraciados, possibilitando a perspectiva cartográfica da apropriação, abrangendo as localidades de Rio Grande (Rincão Bravo, Passo das Pedras, Povo Novo, Torotama/Tororotama); São José do Norte (Capão do Meio, (ao lado de Tororotama); Nossa Senhora da Conceição do Estreito, Rincão do Cristóvão Pereira; São Luís de Mostardas; Rincão do Mina; Pelotas (Rincão de Correntes, Rincão de Pelotas, Rincão de São Gonçalo), Cerrito (Jaguarão); Herval (Serra do Herval), Camaquã (entre o rio Camaquã e Santo Antônio); Porto Alegre (São Francisco dos Casais e Madre Deus: Estância de Itapuã, ilhas e margens, Vila Real de Santa Ana / Santa Ana do Morro Grande); Viamão (Capela de Viamão, Serra de Viamão, que pode ser Santo Antônio da Patrulha); Gravataí (Aldeia dos Anjos): rio Gravataí, entre o Passo da Miraguaia e o Passo Grande, fundo do Rio dos Sinos, Rio dos Sinos, à margem do Rio dos Sinos; Santo Antônio da Patrulha (Guarda Velha); Palmares; Nossa Senhora da Conceição do Arroio (Osório); Rio Mampituba; Jacuí / Rio Jacuí; Santo Amaro (General Câmara); Triunfo; Taquari; Cachoeira do Sul; Rio Pardo (Capão Grande, Cavalhada, Irapuã, Galhos do Irapuã, Serro de Irapuã, Pequeri, Ponta do Pequeri); outras localidades: Arroio Velhaco, Barro Vermelho, Capão do Tavares (Tavares no Litoral Norte), Estreito da Serra, Ilha da Ponta Rasa, Morro de Botucaraí (São Gabriel, entre Rio Pardo, Cachoeira e Soledade), Rincão das Alegrias, Rincão dos Barros, Serro Pelado, Rio Capivari.

Esse panorama representa um ciclo de escrituração particular do território até a Campanha. A conquista até o rio Uruguai, em 1801, impulsionaria novo processo de registros de privatização da terra no século XIX.

Deve-se aos demarcadores do Tratado de Santo Ildefonso grande conhecimento sobre a América Meridional. Fizeram levantamentos jamais vistos, elabo-

63 VELLINHO, Moysés. *Fronteira*. Porto Alegre: Globo; URGS, 1975, p. 136.
64 BARROSO, Véra Lucia Maciel. (Org.). *Açorianos no Brasil*: História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002, p. 503-1078.

raram cartografia detalhadíssima, produziram correspondências e diários riquíssimos em informações, mas também conduziram Portugal e Espanha a impasses insolúveis quanto aos direitos de um e outro reino sobre territórios. Tais postergações foram "superadas" no atual Rio Grande do Sul na conjuntura da Guerra das Laranjas, que teve como corolário a invasão e ocupação luso-brasileira das Missões em 1801, alargando seus limites até o rio Uruguai e o Ibicuí-Santa Maria; chegando ao Quaraí, em torno de 1810. De 1801 a 1828, os territórios dos Pueblos de Índios das Missões, agora sob domínio português e, depois, brasileiro, foram apropriados. A Guerra da Cisplatina trouxe o golpe definitivo nas últimas formas de domínio indígena com vestígios missioneiros, ao se iludirem com a promessa de Fructuoso Rivera para ocuparem territórios no norte-noroeste da República Oriental do Uruguai.

Findava ali o suspiro derradeiro de uma experiência civilizatória indígena, com as famílias extensas retornando exclusivamente ao modo de vida da aldeia tradicional. Pela miscigenação, inclusive com açorianos, compuseram o lastro populacional do Rio Grande do Sul. A conquista das Missões assumiu a forma de propriedade privada na partilha feita aos luso-brasileiros, entre eles igualmente aos açorianos e/ou indivíduos com origem nas ilhas do arquipélago.

Referências

AIZEN, Mario. Rio de Janeiro: a cidade dos vice-reis (1763-1808). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.* Rio de Janeiro: IHGB, v. 432, p. 201-209, 2006.

Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776-1976). Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, 1979, 4v.

BARRETO, Abeillard. *Bibliografia Sul-Riograndense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973, 2v.

BARROSO, Véra Lucia Maciel. (Org.). *Açorianos no Brasil*: História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002.

BARROSO, Véra Lucia Maciel. (Org.). *Presença açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1993.

BENTO, Cláudio Moreira. *A guerra da restauração*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

BETTAMIO, Sebastião Francisco. Notícia particular do Continente do Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil.* 2. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, [1858], 1930, p. 219-270.

CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. 2 ed. Rio de Janeiro: Laudes, 1968.

CAMARGO, Fernando da Silva. *O Malón de 1801*: a Guerra das Laranjas e suas implicações na América meridional. 2000. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Campaña del Brasil. Antecedentes coloniales. Archivo General de la Nacion. Buenos Aires: Kraft, 1941, tomo III.

CARUSO, Mariléa M. Leal; CARUSO, Raimundo C. *Mares e longínquos povos dos Açores*. Florianópolis: Editora Insular, 1995.

COMPANHIA DE JESUS. Da supressão à restauração. *IHU – Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 458, ano XIV, 10/11/2014.

FERNANDES, José Manuel. *Angra do Heroísmo*. Lisboa: Presença, 1989.

FORTES, Borges. *Casaes*. Rio de Janeiro: Edição do Centenário Farroupilha, 1932.

FORTES, João Borges. *Os casais açorianos:* presença lusa na formação sul-rio-grandense. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978.

FORTES, João Borges. *Rio Grande de São Pedro*: povoamento e conquista. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2001.

FORTES, João Borges. *Troncos seculares.* O povoamento do Rio Grande do Sul. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre*: guia histórico. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1992,

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. Açorianos no Rio Grande do Sul. A identidade açoriana nas obras de cronistas, viajantes e historiadores sul-rio-grandenses. *Arquipélago • História,* 2ª série, VII, 123-142, 2003.

GOLIN, Tau. *A Fronteira*: 1763-1778 - história da brava gente e miseráveis tropas de mar e terra que conquistaram o Brasil meridional. Passo Fundo: Méritos, 2015, v. 3.

GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica*: o levante indígena que desafiou Portugal e Espanha. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

GONÇALVES, Izabela Gomes. *A sombra e a penumbra:* o vice-reinado do conde da Cunha e as relações entre centro e periferia no Império Português (1763-1767). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Niterói.

SCOTTI, Ana Silvia Volpi Scott; SCOTT, Dario. Casais d'El Rei no Rio Grande de São Pedro setecentista: um olhar através dos registros Paroquiais. *XXVII Simpósio Nacional de História*. ANPUH. Natal, RN, 22 a 26 de julho de 2013.

GUNTER, Axt. (Org.) *A guerra dos gaúchos*: história dos conflitos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Nova Prova, 2008.

História naval brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1979, segundo volume, tomo II.

KÜHN, Fábio. De condenado a herói. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 13/01/2009.

LAYTANO, Dante de. Colonização açoriana no Rio Grande do Sul. *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História* – ANPUH. Porto Alegre, setembro 1967, p. 391-421.

MENDES, Jeferson dos Santos. *Capitulações Portuguesas na América Meridional, 1762-1777:* histórias, julgamentos e punições das autoridades coloniais. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa.

O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX. Horta: Núcleo Cultural da Horta, 1995 e 1997, 2v.

PIAZZA, Walter F. *A colonização de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1988.

PIAZZA, Walter F. *O Brigadeiro José da Silva Paes*: estruturador do Brasil Meridional. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.

PIAZZA, Walter. *A epopéia açórico-madeirense*: 1748-1756. Florianópolis: UFSC; Lunardelli, 1992.

PIPPI, Gladis Maria; MÜLLER, Nelci. (Org.). *300 anos da Redução Jesuítica de Santo Ângelo Custódio*. Santo Ângelo: EDIURI, 2007.

POSSAMAI, Paulo. (Org.). *Gente de guerra e fronteira*: estudos de história militar do Rio Grande do Sul. Pelotas: UFPel, 2010.

Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil. Rio de Janeiro: Garnier, 1869, tomo XXXII, parte primeira.

Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil. Rio de Janeiro: Garnier, 1872, tomo, XXXV, parte primeira.

Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil. Rio de Janeiro: Tipografia de Pinheiro, 1879, tomo XLII, parte dois.

Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1882, tomo XLV, parte um.

ROCCA, Luisa Durán. *Açorianos no Rio Grande do Sul*: antecedentes e formação do espaço urbano do século XVIII. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Propur, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ROCHA, Santa Inèze Domingues da. *Açorianos no Rio Grande do Sul, Brasil*. Porto Alegre: EST; Caravela, 2005.

ROSA, Letícia Vieira Braga da. Açorianos em San Carlos e a questão do outro. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 69-88, julho, 2019.

ROSA, Letícia Vieira Braga da; SCHEMES, Claudia. A colonização açoriana e a fundação de San Carlos. *Estudios Historicos*. CDHRPyB, año V, diciembre 2013, nº 11 – ISSN: 1688 – 5317. Uruguay.

SCHMITZ, P. I. *Sítios de pesca lacustre em Rio Grande*, RS, Brasil. 1976. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SCOTT, Ana Silvia Volpi; SCOTT, Dario. Casais d'El Rei no Rio Grande de São Pedro setecentista: um olhar através dos registros paroquiais. *XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, RN, 22 a 26 de julho 2013.

SCOTT, Dario. *A população do Rio Grande de São Pedro pelos mapas populacionais de 1780 a 1810. Revista Brasileira de Estudos da População,* Belo Horizonte, v. 34, n. 3, p. 617-633, set./dez. 2017.

TORRES, Luiz Henrique. *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63).* Biblos, Rio Grande, 16, p. 177-189, 2004.

VELLINHO, Moysés. *Fronteira*. Porto Alegre: Globo; URGS, 1975.

VIEIRA, Eurípedes Falcão; RANGEL, Susana Regina Salum. *Rio Grande do Sul*: geografia da população. Porto Alegre: Sagra, 1985.

Anexos

O Rio Grande do Sul entre 1750 e 1801 – Tau Golin



1749. *Mapa de los confines dell Brazil com las tierras de la Corona de España em la America Meridional.*

Detalhe do mapa adotado pelas Cortes no Tratado de Madri (1750), demonstrando os territórios ocupados pela Espanha e Portugal. A linha vermelha, projetada para os novos limites, iniciava em Castillos Grande, entre as nascentes da Coxilha Grande, cabeceiras do rio Negro, rio Ibicuí e rio Uruguai até o Peperi-Guaçu. Para parte do espaço das Missões, ao norte do rio Ibicuí, estava previsto o assentamento açoriano.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.



1767-1774. Panorama territorial desenhado por José Custódio de Sá e Faria, com a fronteira de 1767, no canal do Rio Grande, para o Exército do Sul, encarregado da expulsão dos espanhóis na Guerra da Reconquista.

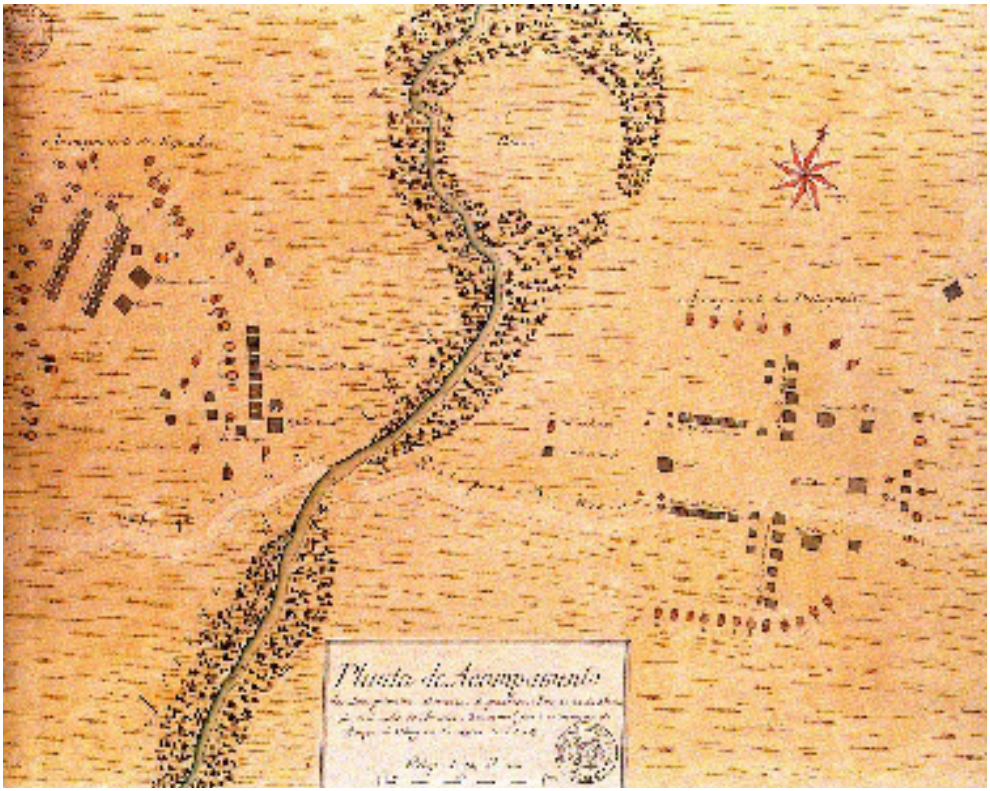
Exemplo Topographico da Costa que se compreende desde a Ilha de S. Catherina, thé o Cabo de S. Maria, Rio da Prata, thé a Praça Nova Colonia do Santíssimo Sacramento, com o terreno adjacente a mesma Costa.

AA. Terreno que pertence a Sua Majestade Fidelíssima [Portugal] que ocupam os Espanhoes desde o tempo da Guerra próxima passada, e deviam entregar em virtude do Tratado da Paz.

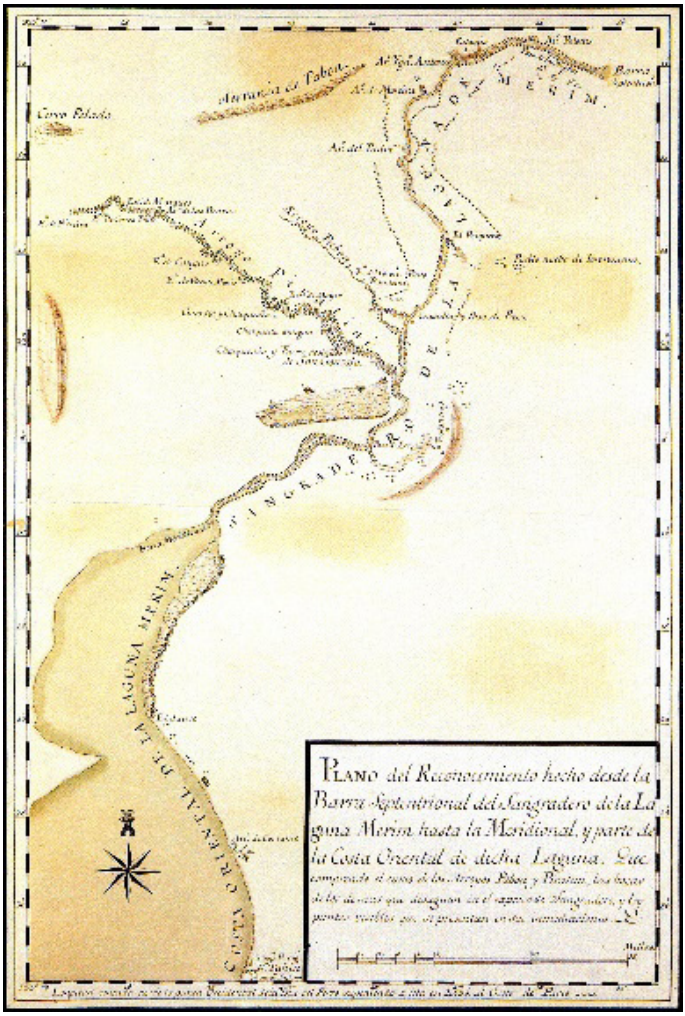
BB. Terreno a que se avançaram os Portugueses no tempo da mesma Guerra.

As linhas pontuadas de Carmim mostram os caminhos que se transitam em todo este Continente.

Elevado e desenhado pelo Brigadeiro José Custódio de Sá e Faria. Recorte. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.



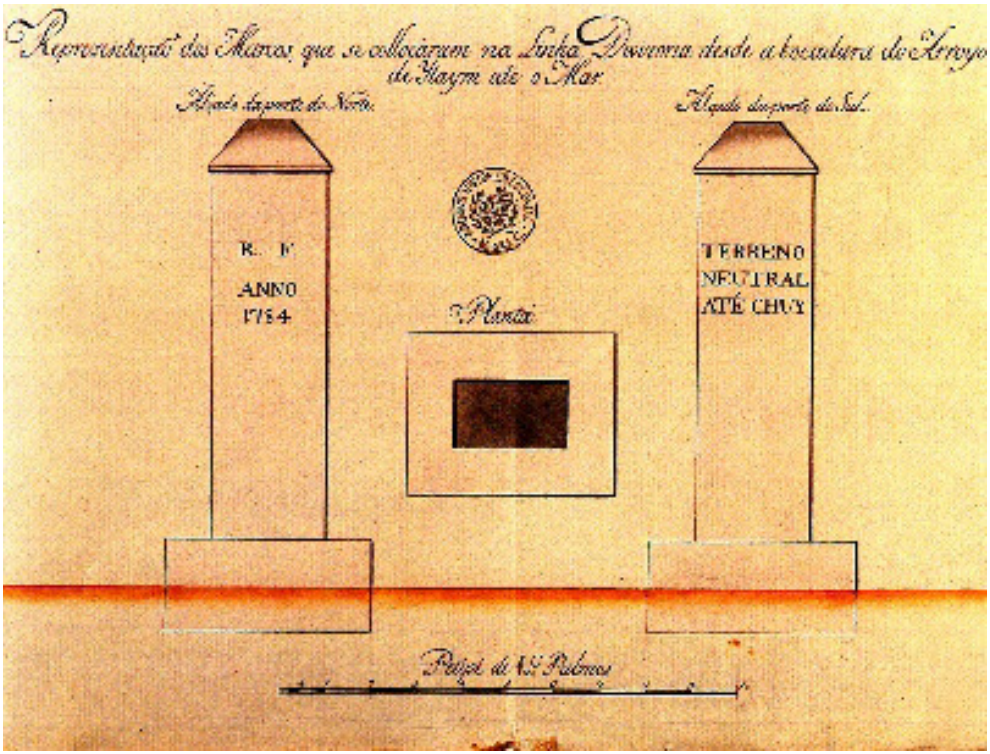
1784. *Planta do Acampamento das duas primeiras Divizoens Espanhola e Portugueza da Demarcação de Limites da America Meridional junto as margens do Arroyo de Chuy, em fevereiro de 1784.* Rio de Janeiro: Mapoteca do Itamaraty.



1784-1785. *Povo Novo de Tororetama*. Pueblo nuebo de Tororetama. Assentamento de casais de açorianos realizado pelos espanhóis após terem sido saqueados por militares das tropas luso-brasileiras.

Plano del reconocimiento hecho desde la Barra Septentrional del Sangradero de la Laguna Merim, hasta la Meridional, y parte de la Costa Oriental de dicha Laguna, que compreende el curso de los Arroyos Pabon y Piratini, las bocas de los demas que desaguan em el expressado Sangradero, y los puntos visibles que se presentan e sus inmediaciones. Demarcadores da comissão espanhola.

Library of Congress Geography and Map Division Washington, D.C.



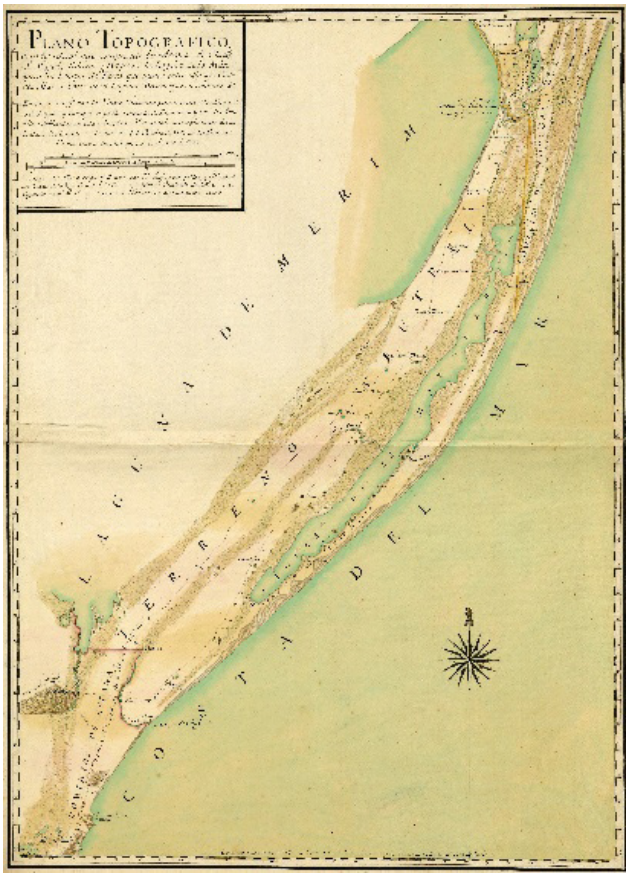
1784. *Representação dos Marcos, que se collocaram na Linha Divisoria desde a bocadura do Arroyo de Ytaym até o Mar.*

Alçado da parte do Norte. R. F. [Rei Fidelíssimo]. Anno 1784.

Planta

Alçado da parte do Sul. Terreno Neutral até Chuy.

Demarcadores portugueses. Rio de Janeiro: Mapoteca do Itamaraty.



1784. Campo Neutral entre os arroios Taim e Chuí.

Plano Topografico, e individual que compreende los Arroyos de Chuy, S. Miguel, Tahím, y Bayeta: la Laguna de la Manguera, la lengua de Tierra que media entre ella y la Costa del Mar, y parte de la Laguna Merim, y sus contornos.

Em que se manifiestan las Lineas Divisorias pertenecientes a los Dominios de España y Portugal, aquella marcada de Encarnado, y esta de Amarillo, estabelecidas em esta America Meridional em cumplimiento del Tratado Preliminar de Limites de 11 de Octubre de 1777, por los Primeros Comissarios de las dos Coronas em el Año de 1784.

Escala de 7 leguas de las que 17 ½ hacen um grado.

Es copia del Plano original firmado por Dn Josef Varela y Ulloa, y Dn Sebastian Xavier de la Veja Cabral de la Camera, el Primero Comisario de S.M.C., y el segundo de S.M.F., en la Primera Division de Demarcacion.

Library of Congress Geography and Map Division Washington, D.C.



1784-1788. Setor do *Plano* que compreende os levantamentos cartográficos para dirimir as divergências sobre a bacia da lagoa Mirim.

Plano Topografico que compreende la costa del mar desde la ensenada de Castilloss hasta el Rio Grande de Sn Pedro: el Arroyo del Chuy: la Laguna de la Manguera, y la de Merin, com todos los Arroyos, que desaguan em esta: el Piratini: las cabeceras del Rio Negro, y las del Ycabacuà: las vertientes que bajan de la Cuchilla general al Yacuy, y al Uruguay: los establecimientos y Misiones españolas del próprio Uruguay: los Establecimientos Portugueses mas inmediatos a dicha Misiones: y el curso de uma gran parte del Uruguay com la boca del Rio a que los Demarcadores passados dieron el nombre de Pepiri; expressando-se em el mismo Plano los terrenos ya demarcados, y los qu estan em disputa entre los Comisarios Principales de los dos Soberanos, por cuya orden se hizo este trabalho, que empezò el ano del 1784, y se concluyó em el de 1788.

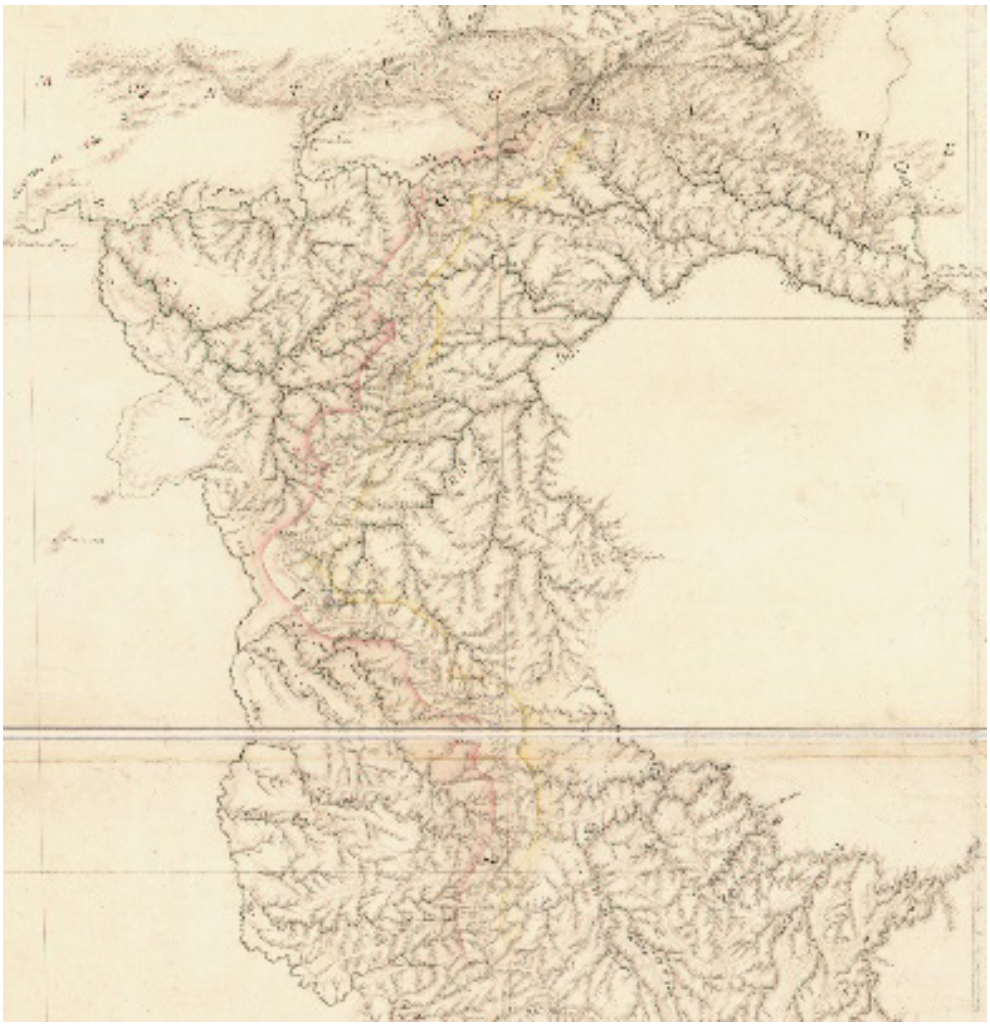
NOTA: Que el espacio que media entre los dos suavizados, amarillo, y encarnado, es el Terreno Neutral: el Encarnado, denota los domínios de España, y el Amarillo los de Portugal.

Escala de Millas

Escala de léguas españolas de a 17 y ½ em grado.

Josef Varela y Ulloa y Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara.

Library of Congress Geography and Map Division Washington, D.C.



1784-1788. Setor do *Plano* que abrange a demarcação de Santa Tecla (Bagé) ao Monte Grande (Santa Maria, com dez marcado, colocados paralelamente em 1787, formando a fronteira-faixa, com o campo neutral entre eles.

Plano Topografico que compreende



1784-1788. Setor do *Plano,* com o levantamento cartográfico do Monte Grande ao rio Uruguai, expressando as divergências dos comissários sobre a linha divisória. Os espanhóis mantiveram a posição que as benfeitorias e ervais dos Povos de Índios (Missões) deveriam permanecer sob jurisdição de Madri.

Plano Topografico que compreende...



1801. Mapa de José de Saldanha. Reproduz a conquista militar luso-brasileira das Missões, em 1801.

Mappa Corographico da Capitania de S. Pedro. Additado com o Territorio que posteriormente a ultima demarcação de Limites foi conquistado na Guerra de 1801. Com a projecção da costa ate Monte Video e com os Terrenos adjacentes dos Governos Limitrophes. Por José de Saldanha, Tenente Coronel Engenheiro, e Astronomo da Demarcação de Limites de 1777. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

GENTES DAS ILHAS EM PORTO ALEGRE COLONIAL: PRESENÇA, INSERÇÃO E TRAJETÓRIAS FAMILIARES (1772-1822)

Ana Silvia Volpi Scott[1]

Na terceira década do século 21, quando se completam 250 anos da fundação de Porto Alegre e 270 anos da diáspora açoriana no antigo território do Rio Grande de São Pedro, o tema da presença e inserção dos ilhéus permanece no horizonte de interesses de muitos estudiosos do extremo meridional luso-brasileiro. As efemérides citadas e o convite para participar do *II Encontro Internacional de História e Genealogia Açoriana* ensejaram a retomada de temas explorados no âmbito do projeto *Gentes das Ilhas: trajetórias transatlânticas dos Açores ao Rio Grande de São Pedro entre as décadas de 1740 a 1790,*[2] que propunha analisar o contingente populacional açoriano em seu percurso migratório para recuperar, além do perfil dos colonos que se deslocaram, trajetórias individuais e familiares de alguns integrantes do grupo.

As metodologias adotadas valeram-se tanto das análises agregadas de dados seriados (registros paroquiais), como análises que apostaram do cruzamento nominativo de fontes de diferentes localidades do continente do Rio Grande de São Pedro com documentação variada (nominativa ou não), disponíveis para os finais do século XVIII. Um dos resultados mais importantes foi a publicação de livro que contou com uma dezena de autores (brasileiros e portugueses), que analisaram o processo migratório açoriano que marcou de forma profunda a conformação da sociedade no extremo meridional sob o domínio luso na América (SCOTT et al, 2014).

1 Doutora em História e Civilização, pelo European University Institute (EUI), Florença/Itália. Professora do Departamento de Demografia, do Programa de Pós-Graduação em Demografia e do Programa de Pós-Graduação em História (IFCH) e Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População Elza Berquó (NEPO) /UNICAMP. Bolsista Produtividade 1C do CNPq. Graduada e Mestre em História pela Universidade de São Paulo (USP). Campinas/São Paulo-Brasil.

2 Programa Pesquisador Gaúcho – Edital FAPERGS/Edital PqG Nº 02/2011, Processo 11/918-7; Programa de Estágio Pós-Doutorado (PDJ-CNPq), Processo 500658/2012-9.

A intenção inicial era aprofundar o debate sobre o tema, a partir de uma interface entre a demografia histórica e a história social. Partia-se da hipótese de que, do ponto de vista da demografia, o passado brasileiro seria caracterizado pela coexistência e o inter-relacionamento de vários regimes (ou sistemas) demográficos, argumentando-se a favor da existência de um *regime demográfico restrito aos casais açorianos*, que haviam se estabelecido no sul do atual território brasileiro.[3] Considerando a política da coroa, que estimulou e organizou a vinda dos "casais", o grupo teria se caracterizado por formas de colonização peculiares, baseadas numa economia de regime familiar típica daquela vivenciada nas ilhas, reconstruídas na colônia a partir da migração direcionada para o extremo sul (SCOTT et al., 2014). Alguns dos resultados foram retomados recentemente e, à luz de trabalhos desenvolvidos e publicados desde então, me pareceu relevante problematizar a hipótese da colonização na lógica da economia de regime familiar e a própria possibilidade ou viabilidade de reconstruir no extremo sul da colônia, as estratégias de organização familiar e social que caracterizavam a população emigrada do arquipélago dos Açores (SCOTT, 2022).

Em linhas muitos gerais retomarei elementos dessa reflexão mais recente para analisar a experiência vivenciada por ilhéus na Porto Alegre das décadas finais do período colonial, a partir de quatro elementos que considero fundamentais.

O primeiro ponto é problematizar a ideia da uniformidade associada às ilhas açorianas, marcada implicitamente por uma homogeneidade intrínseca à noção de "arquipélago". Parece-me necessário reforçar a noção amplamente comprovada da diversidade interna do conjunto de ilhas que compunham o arquipélago. Há uma vasta literatura que revela a diversidade, tanto no plano econômico, quanto no aspecto demográfico que superavam, de longe, o fato de integrarem um mesmo arquipélago. Como já se afirmou, estudar os Açores (incluindo a demografia) "implica em observar nove realidades distintas" (ROCHA, 1988/89).

A questão da diversidade das ilhas remete ao segundo elemento importante ligado ao tema da identidade açoriana, que permaneceu forte na historiografia sul-rio-grandense até os inícios dos anos 2000, ancorada, em última análise, na ideia da homogeneidade e da coesão do grupo dos "açorianos", anterior ainda ao processo migratório para as terras sob o domínio luso na América. A historiografia recente fez uma revisão crítica dessa interpretação, que procurou mostrar que a "identidade açoriana" só poderia ter sido construída sob certas circunstâncias, como resultado dos condicionalismos e escolhas com as quais se

3 Para aprofundar a discussão sobre os regimes demográficos do passado brasileiro, veja-se: MARCÍLIO, 1984; NADALIN, 2004; 2014.

defrontaram os ilhéus ao aportarem nos territórios americanos. E, talvez mais importante, é a ideia de que essa "identidade" não seria, necessariamente, compartilhada de maneira homogênea por todos aqueles que haviam feito a travessia (HAMEISTER, 2005; MARQUES, 2011).

O terceiro elemento é a ideia de pobreza generalizada que teria caracterizado a população açoriana emigrada, argumento que contribuía para reforçar a "homogeneidade" do grupo, imagem que predominava na historiografia, ainda nos inícios dos anos 2000 (GRAEBIN, 2004; 2006). Creio que vários estudos mais recentes, incluindo os meus próprios, têm feito reflexões críticas em relação à esta assertiva.

Acoplada à ideia de "pobreza generalizada" está o quarto ponto, relacionado à questão da terra, tema que vem sendo abordado pela historiografia, desde os anos 1990, e que analisaram confronto dos vários interesses, no que diz respeito ao acesso à terra, que envolviam não apenas a Coroa, os estancieiros e grandes proprietários, como os próprios colonos açorianos (OSÓRIO, 1990).

Sem dúvida, havia interesses conflitantes entre os diferentes grupos que viviam naquele espaço estratégico, especialmente no contexto das disputas entre as metrópoles ibéricas no território americano. No entanto, é necessário discutir o apagamento implícito das diferenças internas quando se considera, como um grupo homogêneo, "os colonos açorianos", caracterizado por sua "pobreza".

É com base nesses elementos que proponho revisitar e problematizar "as gentes das ilhas" na Porto Alegre colonial, considerando o contexto socioeconômico e populacional em que se inseriram e viveram e, quando possível, estudar algumas trajetórias familiares, visando reforçar a diversidade de experiências dos ilhéus. Proponho estudar a inserção da população natural do arquipélago, destacando ainda as duas diferentes "facetas" de Porto Alegre no período.

A primeira das "facetas" está ligada à sua caracterização como uma área urbana, consolidada, já nos finais do século XVIII, como um importante vértice de ligação entre o litoral e o interior do continente do Rio Grande de São Pedro, a partir do porto fluvial, que demarcou sua relevância econômica, comercial, político-administrativa e populacional. De outra parte, deve ser considerada também a faceta composta por seus entornos rurais, situados fora dos muros que delimitavam o núcleo urbano que deu origem à vila e cidade.

Como os ilhéus se inseriram naqueles espaços? Como se integraram à sociedade escravista que, à partida, era tão diferente daquela da terra de origem? Até que ponto o projeto da coroa de "colonização por casais" foi desvirtuado, diante das condições concretas do território e da própria sociedade em que se inseriram?

Volto, neste ponto, à proposição teórica inicial de um sistema demográfico restrito aos casais açorianos, baseado numa economia de regime familiar, que se sustentava no plano metropolitano de formação de novos núcleos populacionais, estruturados em torno da pequena propriedade, distribuídas nas áreas que estrategicamente interessavam à coroa, para garantir a posse dos territórios do extremo sul, cobiçados pelos dois reinos ibéricos.

Por questões já amplamente discutidas pela historiografia, os planos originais do governo português foram frustrados, acarretando a dispersão dos ilhéus pelas plagas meridionais. No entanto, o ponto chave já levantado em vários trabalhos (OSÓRIO, 1990; COMISSOLI, 2002), é que os ilhéus acabaram por serem "estacionados" em localidades nas quais as terras já se encontravam povoadas, divididas e ocupadas por grandes proprietários, o que gerou tensões entre todas as partes envolvidas. Tal situação, à partida, coloca questões importantes que problematizam a ideia de um padrão demográfico e familiar "exclusivamente" açoriano. Como aponta Adriano Comissoli, tal hipótese só teria sentido em um cenário no qual os casais recebessem suas datas e fundassem novos povoados nas áreas previstas nos planos originais da coroa lusa (COMISSOLI, 2009).

As circunstâncias que frustraram os planos iniciais exigiram, portanto, uma *ação* do segmento populacional composto pelos naturais das ilhas, que haviam atendido ao chamamento da coroa para povoar e ocupar as terras do extremo sul. Este é o ponto fundamental que quero sublinhar: os ilhéus não ficaram à mercê do incumprimento do que havia sido prometido. Certamente, houve variação nas estratégias que lançaram mão, pois, como defendo aqui, não conformavam um grupo homogêneo, não só por conta das diferentes experiências de vida que tiveram nas ilhas de origem, como pelo fato de não conformarem um grupo socialmente "igualado na pobreza" (SCOTT, 2022).

O espaço meridional de acolhimento impôs às gentes das ilhas a lógica de mecanismos e valores intrínsecos à sociedade escravista na qual se inseriram e passaram a viver. Assim, cada indivíduo e família, de acordo com a disponibilidade de seus recursos materiais e imateriais, procuraram se adaptar à situação que era resultado do fracasso da política metropolitana de ocupar a região das Missões, originalmente destinada aos "casais".

Em outras palavras, a discussão sobre a hipótese relativa ao regime demográfico e ao sistema familiar deve levar em conta a *não concretização* daqueles planos, assim como os desdobramentos e as estratégias de inserção empregadas pelos ilhéus que, apesar de compartilharem uma origem geográfica comum, nem sempre, tiveram experiências de vida semelhantes.

O "palco" onde nossos atores e atrizes desempenharão seus papéis é, como mencionei, a Porto Alegre colonial. Para analisar a presença das gentes das ilhas e seus descendentes utilizo como fonte principal os assentos paroquiais da freguesia Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre, desmembrada em 1772, da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão.

Isso significa que há que se considerar o intervalo de um quarto de século entre os primeiros desembarques de açorianos, destinados a Santa Catarina e a instalação dos ilhéus e seus descendentes em Porto Alegre. Reforço aqui um traço importante mencionado em outras oportunidades, que diz respeito ao apagamento generalizado da identificação como "casal d'El Rei", "casal do número" nos assentos paroquiais de Porto Alegre, diferente do que ocorreu, por exemplo, nos assentos relativos a Viamão (SCOTT; BERUTE, 2014).

Nos registros paroquiais analisados é possível apenas identificar a *naturalidade* das pessoas envolvidas nos assentos, permitindo, por exemplo, a contabilização dos naturais do arquipélago, nas três séries (batizados, casamentos e óbitos) que integram o banco de dados NACAOB.[4] A partir dessa ampla base de dados nominativa, selecionando o intervalo temporal entre 1772 e 1822, acompanhei algumas trajetórias individuais e familiares que, quando possível foram cruzadas com outras fontes nominativas, transcritas ou publicadas. Destaco, entre elas, os registros de terras concedidas aos *casais do número*, especialmente o códice F1231, que arrolou 60 datas de terra concedidas aos casais no antigo Porto de São Francisco dos Casais,[5] documentação riquíssima que tive acesso através da publicação organizada por Véra Barroso (BARROSO, 2002). Também explorei as informações da Relação de Moradores,[6] conhecida fonte nominativa que vem sendo trabalhada por vários autores, nas últimas duas décadas.

A partir do conjunto de nomes ampliei a busca em outros conjuntos documentais, privilegiando especialmente os róis de confessados e comungados exis-

4 A base de dados foi constituída no *software* NACAOB que, através de trabalho colaborativo de vários pesquisadores, reúne registros paroquiais de várias localidades do Rio Grande do Sul e outras áreas do Brasil, integrando o Projeto Interinstitucional "Além do Centro-Sul: por uma história da população colonial nos extremos dos domínios portugueses na América (Fase 4)", financiado pelo CNPq e coordenado por Ana Silvia Volpi Scott. Para mais informações sobre o *software*, veja-se: SCOTT; SCOTT, 2009; NADALIN; SCOTT, 2017.

5 O local em que se assenta hoje a cidade de Porto Alegre teve uma ocupação que remonta aos anos 1730, quando o território era denominado Porto de Viamão. Poucos anos mais tarde, passou a ser denominado como Porto do Dorneles (1740) e, no início da década de 1770, passou a ser denominado Porto dos Casais ou São Francisco dos Casais (1772), quando o território foi desmembrado da Freguesia Nossa Senhora da Conceição de Viamão. No entanto, no ano de 1773, a invocação da nova freguesia foi alterada para Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre.

6 A transcrição dessas informações para Porto Alegre foi efetuada e disponibilizada por Denize Terezinha F. Leal, que integrou a equipe de estudantes que esteve vinculada aos vários projetos que coordenei na Unisinos, entre 2008 e 2015.

tentes para a Madre de Deus de Porto Alegre, assim como o cruzamento pontual com outras fontes nominativas. A mesma metodologia tem sido utilizada em diversos estudos, notadamente aqueles de Luciano Costa Gomes, que foram especialmente interessantes para as reflexões que seguem (GOMES, 2012; 2014a; 2014b). A diferença a nosso favor, é que, a partir do NACAOB, tenho acesso ao conjunto completo da população, a partir das três séries, incluindo a população livre e a escravizada nos cinquenta anos analisados.

Em estudo anterior, através dos registros paroquiais, utilizei procedimentos indiretos para mensurar a incidência da população natural das ilhas e de seus descendentes na Porto Alegre colonial (SCOTT, 2022), procurando estabelecer "ordens de grandeza" em relação aos demais habitantes livres daquela localidade, sem vincular, necessariamente ou exclusivamente, às levas de casais.[7]

A pretensão era construir uma estimativa da presença de pessoas naturais dos Açores e as gerações sucessivas que permaneceram naquela área, considerando que os assentos de Porto Alegre têm início mais de duas décadas depois da chegada das primeiras levas.

Especialmente interessantes para essa mensuração são os assentos de casamento. Analisando os matrimônios registrados na igreja Madre de Deus, entre 1772 e 1800, constatei que das noivas naturais de Portugal (Continental e Insular), as açorianas representavam nada menos do que 90%. A presença delas, entre os casamentos de pessoas livres realizados em Porto Alegre era marcante ainda nas duas primeiras décadas do século XIX, já que entre 1801 e 1822, somavam 75% das noivas, naturais do continente ou das ilhas que lá se casaram.

Tal constatação, para o final do século XVIII, está ligada à vinda dos casais do número, pois a política de colonização implementada implicava no maior equilíbrio entre os sexos, no conjunto da população que imigrou sob os auspícios da Coroa portuguesa. No entanto, os dados revelaram que, até o final do período colonial, mantinha-se fluxo regular de imigrantes oriundos das ilhas açorianas,[8] incluindo percentual considerável de mulheres, que superavam com folga, aquelas que eram naturais de Portugal Continental.

Entre os homens que se casaram na igreja da Madre de Deus, por outro lado, predominavam os naturais do Continente. Nas décadas finais do século XVIII, apenas 38% dos noivos eram oriundos do arquipélago dos Açores, percentual

7 Naquela oportunidade, chamei a atenção para a diversidade das formas de inserção da população natural dos Açores nos domínios lusos na América, além da colonização por casais, que incluía a migração espontânea, assim como as levas de soldados, que afluíam aos domínios americanos (SCOTT, 2022).

8 Sergio da Costa Franco, em estudo publicado no início dos anos 2000, já mencionava que havia se mantido um fluxo elevado de imigração açoriana para o Rio Grande do Sul, durante todo o final do século XVIII e primeiros anos do século XIX (FRANCO, 2002, p. 350).

que declinou mais nas décadas iniciais do século XIX, caindo para 20%. Outro dado interessante, para o período todo (1772-1822) é o da distribuição dos noivos, equilibrada para o conjunto das ilhas, ainda que tenha sido constatada alguma vantagem para os naturais do Faial. No caso das noivas, por outro lado, houve um predomínio nítido daquelas nascidas no Faial e na Terceira.

A análise dos batizados também mostrou que a ascendência açoriana entre as crianças nascidas em Porto Alegre, manteve significativa incidência. No último quartel do século XVIII, dos 720 pais de origem lusa, mais da metade, 404, eram naturais das ilhas açorianas (56,1%). Entre as 239 mães arroladas, nada menos que 219 (91,6%) eram dos Açores. Em relação aos avós das crianças batizadas, a ascendência açoriana mantinha altos patamares: avós maternas somavam 96,8%; avôs maternos eram 75,3%; do lado paterno, as avós eram 76,9%, e os avôs eram 67,5%. A análise dos assentos de óbito também apontou que entre os naturais da metrópole, os ilhéus (homens e mulheres) mantiveram percentual relevante até o final do período colonial. Os falecidos naturais das ilhas representavam quase 38% da população de origem lusa, enquanto as falecidas somavam cerca de 85%, quando consideramos o intervalo entre 1772 e 1822.

Em síntese, ainda que a população porto-alegrense tenha crescido muito no período analisado, atraindo muitos forasteiros, por conta da posição de maior relevância política, econômica e social que alcançou (como capital do Rio Grande de São Pedro e porto fluvial que fazia a integração com o interior do Continente), a presença açoriana continuou a ser considerável no conjunto dos portugueses.

Com isso quero demonstrar que, apesar de todas as adversidades enfrentadas e do fracasso da política da Coroa de trazer os açorianos para fortalecer o regime de trabalho familiar e da pequena propriedade, tanto os "casais", como aqueles que vieram de maneira espontânea ou através dos recrutamentos, para servir como soldado a serviço do rei, buscaram integrar-se à nova realidade, adequando-se aos mecanismos e valores da sociedade escravista em que se inseriram. Construíram, como veremos, múltiplas trajetórias individuais e familiares, algumas com mais sucesso do que outras. Portanto, a diversidade é a chave de análise privilegiada.

Um indicador das diferenças foi a análise das trajetórias das famílias de "casais do número", chefiadas por Antão Pereira Machado e Antônio Pereira Nunes, que receberam datas de terra e povoaram Porto Alegre, depois de viverem alguns anos em várias localidades do Rio Grande de São Pedro (SCOTT, 2022).

As duas trajetórias foram construídas, tendo em conta condições desiguais de acesso à terra, aos recursos e à mão de obra escravizada. Depois da chegada ao Continente de São Pedro, a instabilidade das fronteiras, as idas e vindas da

política metropolitana e dificuldades várias enfrentadas, forçaram a ação daqueles que haviam imigrado. Cada qual com seus recursos (materiais e imateriais) buscou encontrar seus espaços na nova terra, e alguns fragmentos de suas trajetórias puderam ser recompostos.

Procurarei ampliar e analisar o universo dos açorianos que se radicaram em Porto Alegre, trazendo elementos que evidenciam a diversidade das histórias de indivíduos e famílias, incluindo aqueles que desfrutavam de melhor posição na hierarquia social porto-alegrense, sem esquecer daqueles que tiveram uma vivência mais modesta naquele espaço, marcado pela vivência urbana e pelos entorno rurais, impulsionado pelo florescente porto fluvial, que teve papel decisivo para o desenvolvimento do antigo "Porto dos Casais".

Estas reflexões buscam dialogar com estudos recentes, especialmente as análises desenvolvidas por Luciano Costa Gomes, que aborda, com detalhes, a dupla "faceta" mencionada para Porto Alegre. Gomes aponta que, já na década de 1780 havia uma divisão espacial entre uma região urbanizada e outra rural e que, desde 1772, quando houve a distribuição das datas de terra e foi demarcado o perímetro urbanizado, que corresponde à parte do atual centro da capital gaúcha. Mais interessante é que, ao seu redor, Gomes menciona que houve a formação de um cinturão agrário, formado por diferentes propriedades de terra (GOMES, 2012, p. 60).

Além disso, vale mencionar que, na virada para o século XIX, Porto Alegre contava com um percentual muito significativo de escravizados, com uma média que girava em torno de 40% do total da população (GOMES, 2012; SCOTT, 2021); percentual semelhante às regiões mais dinâmicas da América lusa.

A delimitação entre o "urbano" e o "rural" com todos os cuidados que devem ser tomados para o período analisado, foi mapeado através do Rol de Confessados e Comungados de 1782, que apontava as áreas "fora do portão".

Cruzando as informações deste rol com os dados da Relação de Moradores de 1784, Gomes (2012) verificou que era "fora do portão" que se concentrava a quase totalidade dos "lavradores" de Porto Alegre, distribuídos entre propriedades de diferentes tipos, como as datas, os campos e as chácaras.[9] As datas foram as propriedades mais comumente encontradas na relação de moradores de 1784 (84%) e de 1797 (71%). Mais ainda, admite que, passados 30 anos depois

9 Os tipos de propriedades mais recorrentes eram as "datas de terra", os "campos" e as "chácaras". Datas eram pequenas propriedades de terras, em geral, concedidas a algumas famílias de açorianos, situadas próximas à antiga zona urbana da paróquia; os campos eram propriedades mais extensas, localizadas depois do arroio da Azenha e eram maiores que as datas dos açorianos; as chácaras eram pequenas porções de terra, menores do que as datas e não havia sinal de produção nestas propriedades, conforme GOMES, 2012b, p. 61.

da concessão das terras aos açorianos, a estrutura fundiária apresentava fortes sinais de estabilidade. Além disso, em Porto Alegre, a compra era a forma mais recorrente de acesso à terra, ficando em torno de 50%, diferente do restante da capitania, que bem ficava abaixo, com 35%, indicando se constituir já como "fronteira agrária fechada", acompanhada por uma acentuada concentração da riqueza, em termos de terra e escravizados (GOMES, 2012, p. 62). Proprietários de datas de terra totalizavam 85% dos chefes de fogo arrolados na Relação de Moradores de 1784, embora possuíssem apenas 25% do território agrário. Grandes proprietários, por sua vez eram 15% da população listada, mas possuíam 78% das terras.

Tais informações trazidas por Gomes são fundamentais, pois, como ele aponta, conflitam com a imagem frequentemente atribuída a Porto Alegre, caracterizada por um pequeno aglomerado urbano rodeado de propriedades familiares triticultoras. De fato, afirma que, 4/5 dos do território agrário estava nas mãos de algumas poucas famílias (GOMES, 2012b, p. 63).

Em relação à posse de mão de obra escravizada, é possível analisar a informação através do Rol de Confessados de 1782, que revelou que a média de escravos na área rural era de 4,7 cativos por unidade domiciliar.

Utilizando a mesma metodologia de Gomes, que buscou reconstituir as relações familiares de alguns lavradores, através do cruzamento nominativo de fontes variadas, como a Relação de Moradores de 1784, o Registro das Datas de Terras passadas aos casais e o Rol de Confessados de 1782, proponho aqui, a partir do quadro populacional mais alargado mencionado, analisar trajetórias de alguns açorianos.

Começo explorando a transcrição dos dados relacionados à distribuição das 60 datas de terra concedidas aos casais no antigo Porto de São Francisco dos Casais (BARROSO, 2002). Vale notar, à partida, que vários são os elementos atrelados aos nomes das pessoas que receberam os lotes que nos dão informações relevantes, a começar pelo sexo. Como esperado, esse dado revela o predomínio quase absoluto dos homens. Foram apenas duas as mulheres mencionadas: Maria Inácia, "filha de casal do número e um dos povoadores de Porto Alegre" e Beatriz da Luz, identificada apenas como "casal do número e um dos povoadores de Porto Alegre".

Além da variável sexo, as descrições, em si, têm também interesse. Naquela fonte fica evidenciada a variação na situação relativa à distribuição das datas aos "casais". Assim, há pessoas indicadas explicitamente como "casal do número", que compõem o grupo das menções mais recorrentes e que alcançaram 40 casos. De outra parte, encontram-se referências que mencionavam ser "casal

do número e um dos povoadores de Porto Alegre (uma menção a Porto dos Casais) 25 vezes". Foram arroladas também menções que simplesmente indicavam "casal que assiste em Porto Alegre", ou que era "filho" de casal ou ainda "casado com filha de casal". Ou seja, no momento da distribuição identificamos mais uma vez, enorme diversidade na condição das pessoas que receberam as datas. Também é importante mencionar o fato que, oriundos de uma sociedade geralmente iletrada, 16% tenham colocado sua assinatura pessoal.

Em relação à ilha de origem dos que receberam data, nove eram do Faial; um era das Flores; dois da Graciosa; um em que constava apenas "Ilhas Açorianas/ Ilhas dos Açores"; dois do Pico; dois de São Miguel. As ilhas mais representadas eram, por sua vez, São Jorge e Terceira com doze menções cada. Ou seja, temos a informação sobre a naturalidade apenas para 42 pessoas que receberam a data de terra, com predomínio das ilhas de São Jorge, Terceira e Faial.

No entanto, como mencionado, a população de origem açoriana que se fixou em Porto Alegre não era formada apenas ou exclusivamente pelos "casais" trazidos através da política de ocupação e povoamento praticada pela coroa. Havia o fluxo de ilhéus que chegavam ao território via imigração espontânea, contingente de difícil mensuração, que se somava ainda ao contingente ligado ao recrutamento de soldados. Estas várias situações, seguramente, repercutiram nas formas de inserção dessas pessoas.

A partir dessas constatações, uma das questões mais interessantes e desafiadoras é tentar recompor trajetórias migratórias dos Açores a Porto Alegre, entre o ano da fundação da freguesia Madre de Deus (1772) e as primeiras décadas do século XIX, tomando como marco temporal final a elevação da vila à condição de cidade, em 1822, que coincide com o final do período colonial.

Em estudo mencionado anteriormente (SCOTT, 2022), valendo-me do cruzamento nominativo das fontes citadas, analisei a trajetória de dois "casais do número", naturais da Ilha de São Jorge, *Antão Pereira Machado* e sua mulher Maria de Santo Antônio; *Antônio Pereira Nunes* e sua mulher Bárbara de São Tomé. A experiência vivenciada pelos dois casais e seus descendentes foi acompanhada através dos anos, mostrando que a travessia atlântica era apenas a etapa inicial de uma história marcada pelo deslocamento no interior do Continente do Rio Grande de São Pedro, até a definitiva fixação em Porto Alegre. O exemplo do périplo de Antão e sua família é revelador: em 1754 encontramos o registro do nascimento da primeira filha do lado de cá do Atlântico, em Rio Grande, mas na sequência registraram o batizado de filhos em Triunfo e Viamão. Ou seja, até o ano de 1772, quando recebeu a data de terra em Porto Alegre, haviam se passado 18 anos do nascimento da primeira filha, em Rio Grande. Ao fincar

raízes em Porto Alegre, os documentos mostraram que Antão Pereira Machado teve participação no mercado de compra e venda de terras, que possuía algumas dezenas de cabeças de gado, assim como escravizados. Viveu, até sua morte, entre 1793 e 1797,[10] nas proximidades dos filhos, especialmente Custódio que se casou com uma das filhas dos conterrâneos do pai, o casal Antônio Pereira Nunes e Bárbara de São Tomé. Ambos os casais conseguiram acesso à terra e à mão de obra escravizada, inserindo-se na lógica da sociedade escravista em que passaram a viver.

Partindo da análise dessas trajetórias, venho buscando coletar dados sobre outras famílias naturais do Açores (casais do número ou não), para aprofundar e documentar a discussão da hipótese da grande diversidade das trajetórias. É fundamental para esse aprofundamento o diálogo com trabalhos de colegas que seguem também estudando a Porto Alegre colonial.

Dentre esses, busco dialogar com os estudos de Luciano Gomes (2012a; 2012b), que visavam analisar a estrutura agrária e as redes familiares no "agro de Porto Alegre" entre 1769 e 1797. Em seus trabalhos identificou redes que incluíam casais açorianos que haviam recebido datas de terra, valendo-se do que ele define como uma lista "dos mais antigos" lavradores, composta a partir do cruzamento da Relação de Moradores (1784), do Registro de Datas de Terras e do Rol de Confessados de 1782. Tais indivíduos se mantiveram como agricultores e Gomes procurou acompanhar seus descendentes nos livros de batismos e casamentos.

Dessa maneira foram identificadas três redes, conformadas a partir dos casamentos dos filhos dos primeiros povoadores. A primeira era formada pelos irmãos Manuel de Ávila de Souza e Antônio de Ávila Machado, contando com nove participantes, incluindo casais açorianos que receberam datas de terra, como *Antônio Muniz Leite*, *Francisco José Flores* e *Manuel Gonçalves de Araújo*. Para mais, entre os integrantes da rede, quatro deles possuíam entre 5 e 8 cativos e dois estavam entre os maiores proprietários, somando 10 ou mais escravizados.[11] As outras duas redes identificadas por Gomes, apesar de serem menores, eram constituídas também por alguns casais açorianos: uma interligada e nucleada através de *Manuel de Souza Barros* e *Manuel Gomes da Rocha*; outra se estruturava por redes menores nucleadas por *Antônio Pereira Nunes*, *Antônio da Rosa* e *José Silveira Pereira*.

10 Não encontrei o seu assento de óbito nos registros da Madre de Deus de Porto Alegre.

11 Note-se que os açorianos mencionados, Antão Pereira Machado e Antônio Pereira Nunes, chegaram a possuir, respectivamente, 5 e 8 escravizados, quantidade significativa para o contexto e período estudado.

São sugestivas as considerações apresentadas por Gomes no estudo relativo à comunidade de lavradores de Porto Alegre. Partia da constatação de que havia uma significativa concentração de riqueza para os padrões de uma economia voltada para o mercado interno. Além disso, identificou os mecanismos pelos quais as famílias envolvidas naquelas redes utilizavam a riqueza (medida pela posse de escravos) para selecionar novos membros para integrar suas famílias, levando à formação de um grupo de lavradores socialmente destacados, já que seus filhos com frequência se casavam com filhos de outros escravistas, alguns dos quais também destacados lavradores (GOMES, 2012ª, p. 169).[12]

Não é possível, nos limites deste capítulo, analisar todos os indivíduos e famílias mencionadas. A opção adotada aqui foi a de buscar recompor as trajetórias de alguns dos açorianos apontados como integrantes das redes "garimpadas" por Gomes, que incluíam Manuel de Souza Barros, Antônio Muniz Leite, Francisco José Flores e Antônio Pereira Nunes, cuja trajetória foi analisada em estudo anterior (SCOTT, 2022). Nesta oportunidade, a história de Antônio Pereira Nunes não será incluída na análise, privilegiando aqui o trio formado por Manuel de Souza Barros, Antônio Muniz Leite e Francisco José Flores.

Manuel de Souza Barros, primeiro do trio selecionado, foi listado como "casal que assiste" em Porto Alegre. Ele era natural da Ilha de São Jorge e se fez presente em 57 assentos registrados na igreja da Madre de Deus de Porto Alegre no período analisado. Entre os "papéis" que desempenhou, encontrei Manuel, sobretudo, identificado nos assentos de seus descendentes, aparecendo como avô paterno e materno (27 registros), como pai (3) no assento de casamento de dois filhos, pai no óbito de um dos filhos, no assento de óbito de sua esposa. Como padrinho foi arrolado em apenas quatro oportunidades. Seu óbito foi registrado em 29 de novembro de 1802, enquanto o de sua esposa (Córdula Maria) foi assentado em 27 de junho de 1795.

Lavrador, Manuel de Souza Barros, residia fora do núcleo urbano. Era um importante proprietário de escravizados, como foi possível verificar através dos assentos paroquiais, uma vez que Manuel foi registrado como proprietário de escravizados em 21 oportunidades, sendo nomeado em 4 assentos de óbitos e

12 Gomes salientou, ainda, que, essa riqueza a qual nos referimos não diz respeito apenas aos recursos materiais, mas também aos sociais e simbólicos. Há um caso que sustenta esta última assertiva, que são as escolhas de cônjuges de dois filhos de Manuel de Ávila de Souza. Uma de suas filhas casou-se com um vizinho, o capitão José Rodrigues Martins, filho do sesmeiro Dionísio Rodrigues Mendes. Outro filho de Manuel de Ávila, por sua vez, casou-se com a filha de José Fernandes Petim, rico produtor rural, cujas terras ficavam do outro lado do lago Guaíba. Registre-se que José Fernandes era casado com a filha de Jerônimo de Ornelas, o proprietário original da sesmaria distribuída entre os casais açorianos (GOMES, 2012b, p. 66).

em 16 assentos de batizados. Essa informação foi confirmada através da Relação de Moradores (1797), quando ele declarou possuir 6 escravizados.

De acordo com Gomes (2012ª, p. 176), Manuel estava entre as três famílias de lavradores mais afortunadas de Porto Alegre, nos finais do XVIII, que possuíam mais de 10 cativos. Ao seu lado, situavam-se Manuel de Ávila de Souza e Alexandre da Costa Luís. Segundo Luciano Gomes, os três lavradores listados, acompanhados de seus genros e filhos, detinham um quarto dos escravizados, um terço das reses e um quinto dos bois listados. Pela relação de moradores de 1784, também foi designado como lavrador e, na oportunidade, era proprietário de quatro escravizados.

Ou seja, Manuel de Souza Barros recebeu data de terra, se firmou como importante lavrador e manteve descendência na localidade. Registre-se que Manuel recebeu sua data em 1774. Ali constava que havia sido demarcada e entregue a Manoel de Souza Barros, "uma área superficial de duzentas mil braças quadradas, compreendidas em figura de retângulo que tem de comprimento de norte ao sul oitocentas braças e de largura de leste a oeste duzentas e cinquenta, cujo terreno fica em um rincão, e como tal ainda que mais diminuto foi a seu contento, e para constar passei a presente assinada".

Manuel de Souza Barros, falecido em 1802, teve inventário aberto em 1803. Ali foram arrolados três escravizados: José, crioulo, 153$600; Antônio, crioulo, 153$600; Francisco, negro, da Costa, velho, 15$. Essa situação é bem diferente daquela mencionada por Luciano Gomes, que colocava Manuel, nos finais do século XVIII, como um dos principais lavradores na zona rural de Porto Alegre. Não é de se descartar que ele tivesse distribuído, em vida, seus bens para os filhos, mas faltam elementos para comprovar esta hipótese. Outros elementos importantes a serem mencionados em relação à sua trajetória em Porto Alegre são: o fato que deixou numerosa descendência, registrada através dos batizados de seus netos, assim como o fato significativo de que apesar de ser identificado como casal e como um importante escravista nas redes reconstruídas, tudo indica que as ligações alimentadas pelo parentesco espiritual ou fictício, constituídas através do compadrio foram pouco acionadas por Manuel de Souza Barros, que apadrinhou apenas quatro crianças, sendo que três delas foram batizadas em 1773, 1775 e 1782, ou seja, logo nos primeiros anos em que se estabeleceu em Porto Alegre, sendo registrado em 1794, o último batizado em que foi padrinho. Diferentemente da situação apontada em vários estudos, Manuel apadrinhou duas crianças escravizadas, cujas mães eram de sua propriedade. Os primeiros batizados em que apadrinhou (1773 e 1775) foram de crianças livres e legítimas, e uma delas (batizado realizado em 1773), além de padrinho, ele era o avô pater-

no, reforçando que o compadrio não foi usado para ampliar relações com outras famílias, açorianas ou não.

Antônio Muniz Leite, por sua vez, foi identificado entre os que receberam data de terra, identificado explicitamente como "*Casal do Número*". Ali se lê: "Diz Antônio Muniz Leite *casal do número* que por ordem do antecessor de Vossa Senhoria lhe demarcou e entregou o Capitão Engenheiro as terras que consta da Certidão junta e porque as quer possuir com título justo a ser um dos povoadores de Porto Alegre da freguesia da Nossa Senhora Madre de Deus, pede que seja servido mandar-lhe passar sua data de terra na forma das ordens de sua Magestade"; a carta foi passada nos mesmos moldes do açoriano Manuel de Souza Barros.

A exemplo desse conterrâneo açoriano, Antônio também foi identificado em 30 assentos paroquiais registrados na Madre de Deus. Antônio faleceu em Porto Alegre em 14 de dezembro de 1810, com a avançada idade declarada de 105 anos, dado como natural da Ilha de São Miguel, sendo enterrado no cemitério da Matriz. Na maioria dos registros em que Antônio foi mencionado, ele foi identificado como avô materno no batizado de seus netos, assim como no óbito de sua esposa, Francisca Fagundes de Oliveira (18 de junho de 1825).

Na Madre de Deus, no entanto, apadrinhou apenas uma vez, juntamente com sua esposa Francisca Fagundes, registrada como madrinha, apesar de ter vivido largos anos na localidade. Antônio foi padrinho da menina que recebeu o nome de *Francisca*, nascida em 20 de fevereiro de 1777, que integra a mesma rede identificada por Gomes.

O compadrio entre ambos foi consagrado nos primeiros anos após a sua fixação em Porto Alegre, no batismo realizado em quatro de julho de 1777, da filha do açoriano Francisco José Flores, natural da Ilha das Flores, casado com a também açoriana Luzia Jesus, da Ilha de São Jorge. Francisco também integra a rede mencionada por Gomes, e o parentesco espiritual foi acionado nesta única oportunidade para cimentar relações entre ambos.

Antônio Muniz Leite também foi registrado como proprietário de escravizados em nove oportunidades (quatro batizados, um casamento e quatro óbitos). Na relação de moradores de 1784, dizia que "vivia de suas lavouras". Mais tarde, em 1797, declarava que tinha uma casa, curral e arvoredo, contando desta feita com oito escravizados, possuindo ainda "gado, bois, cavalos, éguas e potros".

Seu compadre, Francisco José Flores, por sua vez, foi listado na distribuição de datas no registro subsequente ao de Antônio Muniz Leite (seriam vizinhos?) e, como ele, apresenta a certidão da data, expedida pelo antecessor do governador, identificado como "casal do número que assiste na Madre de Deus" e "casado com filha de casal" (Luzia Jesus).

Tal como os açorianos Manuel de Souza Barros e Antônio Muniz Leite, Francisco também pouco se interessou por acionar o parentesco espiritual como estratégia de inserção em Porto Alegre. Foi padrinho apenas em 1774 quando, juntamente com sua mulher, apadrinhou a pequena Francisca, filha legítima de Mateus Inácio de Oliveira (natural da Ilha de São Jorge) e de Margarida Josefa (natural do Rio Grande).

Francisco faleceu em Porto Alegre em 30 de novembro de 1782, com testamento, feito em 21 de outubro de 1782, sem declaração da idade ou causa do óbito. Era natural da Freguesia Nossa Senhora da Conceição, Ilha das Flores. Apesar de ter vivido apenas dez anos em Porto Alegre, foi registrado em 56 assentos paroquiais. Apareceu como pai em cinco batizados e dois óbitos, bem como no casamento de quatro filhos. Desses matrimônios é que surge a menção a Francisco José Flores, como avô materno em 21 batizados e mais 20 como avô paterno, comprovando que deixou larga descendência em Porto Alegre. Por ter falecido em 1782, não foi registrado na relação de moradores. No entanto, foi identificada uma viúva, Luzia Conceição, em data que lhe "cedeu o governador José Marcelino", onde havia criação (gado, bois, cavalos), e que tem grande chance de ser a esposa de Francisco José Flores. Ainda não foi possível fazer uma busca em relação aos seus filhos. De toda sorte, a consulta a alguns sites de genealogia indicou que Francisco teve pelo menos cinco filhos identificados (João José de Oliveira Flores, Ana Joaquina de Jesus, José Francisco Flores, Manoel José Flores, Francisco Jose Flores Filho) e quatro outros.

De outra parte, Francisco José Flores foi identificado como proprietário em três assentos de escravizados, um de batizado, um de casamento e um de óbito. Entretanto, recebeu um exposto à sua porta em 18 de dezembro de 1782, que foi apadrinhado por Antônio José Martins e por Bárbara Inácia Oliveira.

Além dos assentos paroquiais, da documentação relativa às datas e à relação de moradores, foi possível fazer o cruzamento nominativo com outra fonte produzida pela Igreja Católica, composta pelos róis de confessados, que têm extremo interesse, pois lista a população que residia na localidade, distribuída por "fogos", ou domicílios, que incluíam todas as pessoas que viviam, eventualmente, sob a autoridade do chefe, que poderiam incluir sua família, agregados e escravizados.

Infelizmente esta preciosa fonte está em muito mal estado de conservação, o que dificulta não apenas a leitura, mas a identificação das pessoas que viviam em Porto Alegre.

Desta rede, consegui localizar no conjunto dos róis, transcritos por Vanessa Gomes e Denize Freitas, até o momento, apenas Francisco José Flores, nos anos de 1779, 1780 e 1782. Ele e sua mulher, Luzia Maria de Jesus, foram registrados

no ano de 1779, acompanhados de oito filhos: João (16 anos), Ana (14), José (11), Maria (4), Manuel (9), Luiza (3), Francisco (6), Francisca (2), o que confirma o grande número de descendentes informado pela genealogia consultada.

No fogo chefiado por Francisco, em 1779, registraram-se cinco escravizados: Domingos (40 anos), Gregório (16), João (20), Josefa (30), Rita (16). No ano seguinte (1780), não houve variação na composição, ainda que em 1782 fosse registrada mudança na composição da escravaria, ao acrescentar a pequena Felipa, de nove meses. Pelos assentos de batizado, comprova-se que Rita era a mãe de Felipa, registrada como filha natural, que teve por padrinho o escravo Clemente, propriedade de Francisco Costa, nascida no dia primeiro de maio de 1781 e batizada poucos dias depois, em 12 de maio. Como grande parte das crianças escravizadas, a pequena Felipa não sobreviveu, tendo falecido em 26 de julho de 1782, sendo sepultada na "cova da fábrica" e identificada como "párvula".

O casamento dos escravizados de Francisco uniu o casal de sua propriedade, Domingos e Josefa, ambos "Gentios de Angola", cujo assento foi registrado em seis de outubro de 1777. Portanto, já eram casados quando foram registrados nas listas de confissão e comunhão analisadas, mas essa informação não foi assentada pelo pároco que redigiu aqueles róis.

Enfim, vale notar que Francisco, para os padrões das escravarias de Porto Alegre, naquela época, reuniu um patrimônio significativo, imobilizado nos cativos de sua propriedade. Pelo seu inventário, aberto no ano de 1783, verifica-se que tinha quatro escravizados: "Gregório, 25 anos mais ou menos, Angola, 80$; Domingos, 20 anos mais ou menos, Angola, 80$; Josefa, 40 anos, Benguela, 51$200; Rita, 20 anos mais ou menos, 75$. A escravaria, predominantemente de origem africana, indica que o açoriano "adaptou-se" à sociedade escravista em que foi inserido, a partir de sua chegada ao extremo sul. Em sites de genealogia disponíveis na Internet, está a informação de que Francisco nasceu em 1726, na freguesia de Santa Cruz, Ilha das Flores, filho de Francisco Valadão Borrego e Maria Furtado. Em etapas posteriores, buscarei recompor as trajetórias da sua prole.

Por fim, retorno à trajetória de Antônio Muniz Leite, que revelou detalhe muito importante a partir de genealogias disponíveis na internet, assim como através do estudo de Marta Ghezzi (2008).[13] Confirma-se, inicialmente, que Antônio era natural de São Miguel, nascido na freguesia de Santos Reis Magos, Fenais da Ajuda, no ano de 1708, reforçando que ele teria morrido "centenário". Sua mulher, Francisca Fagundes de Oliveira, por sua vez, era natural de Ribeirão

13 Agradeço a Marta Ghezzi pela disponibilização deste estudo, assim como outros dados sobre as datas de terra recebidas por seu antepassado, Antônio Muniz Leite.

do Carmo (Mariana), Minas Gerais, nascida em 18 de abril de 1724 e falecida em Porto Alegre em 1815, como também confirma o assento de óbito, aos 91 anos.

O casal teve larga descendência: Ana Joaquina, nascida em Ribeirão do Carmo (1741-1791); Jerônimo (1744-1818); Manuel (1747-1823); Vicente (1749-1813), nascidos no Rio de Janeiro; Maria Teresa (1751-1816); Josefa Maria de Jesus (1752-1813); Pedro (1754-1829); Francisca Clara dos Anjos (1756-1806); Helena Maria de Jesus (1757-1806); Antônio (1758); João (1761); Francisco (1762-1769), todos nascidos em Rio Grande; José Francisco, último gênito, batizado em Viamão (1764-1816), conforme indica Ghezzi (2008).

Embora haja alguma contradição em relação à trajetória anterior à chegada em Porto Alegre, afirma-se que Antônio "passou para o Brasil diretamente para Minas... como estas já estavam em decadência, não permanece muito tempo", tendo ali se casado com Francisca Fagundes de Oliveira, natural de Mariana, filha de Sebastião Fagundes Varela e de Clara dos Anjos. A mobilidade do lado de cá do Atlântico está clara, pois de Minas deslocou-se para o Rio de Janeiro e, só então, encaminhou-se para o sul, acompanhado de sua esposa e filhos. Viveram em Rio Grande por algum tempo, possivelmente até a invasão espanhola, deslocando-se, finalmente para Porto Alegre.

A consulta a varias fontes indicam outros fragmentos dessa trajetória, revelando que "Antônio Muniz e D. Francisca moraram em Marapicu, no Estado do Rio de Janeiro, até o ano de 1750 quando vieram residir na Vila de Rio Grande, onde ficaram até 1763 quando da invasão espanhola. Fugiram todos para Viamão e Porto Alegre, onde D. Francisca, que estava grávida, deu à luz aos 40 anos ao 13º e último filho José Francisco no dia 26 dezembro de 1764".[14] Um documento citado, relativo ao ano de 1796, afirma que "o casal veio para o Rio Grande do Sul há 46 anos atrás", portanto, em 1750, conforme também havia sido indicado em outras referências.

De acordo com o mesmo genealogista, "no *Almanak da Vila de Porto Alegre*, de Manoel Antônio de Magalhães, é feita referência a um *longevo* de Porto Alegre, ainda vivo em 1808, que vivia nos subúrbios dessa vila, chamado Antônio Muniz que me disse ter nascido no reinado do Senhor Dom João V e que ainda vive esse homem e sua mulher, tendo tido uma numerosíssima geração". No geral, os dados foram confirmados por Ghezzi.

Tal trajetória, cheia de peripécias e caracterizada por intensa mobilidade, me fez refletir sobre a informação arrolada nos livros de datas, em que Antônio se identifica como "casal do número", o que não confere com as informações relativas às suas andanças pelo Brasil, desde Minas, nos meados do século XVIII.

14 https://martin.romano.org/ps04/ps04_261.htm, acesso em maio de 2022.

Tudo indica que ele não teria vindo com as levas de casais que aportaram no extremo sul.

Esse fato aponta para a possibilidade de Antônio (e quem sabe, outros conterrâneos) terem falseado a realidade para aproveitar da oportunidade de receber as tão esperadas e desejadas terras prometidas pela coroa aos *casais do número*. Tal fato complica ainda mais o estudo dos "casais", como tem sido apontado por inúmeros pesquisadores. De toda forma, fica claro que era um capital simbólico valorizado e apreciado quase um quarto de século depois, e que foi usado de maneiras variadas por indivíduos e famílias que buscavam integração naquela localidade.

Tudo somado, essas trajetórias e outras que foram analisadas em outros estudos, revelam a enorme diversidade desse contingente de açorianos, que tinham em comum, sem dúvida, o fato de serem naturais do arquipélago, e talvez pouco mais do que isso.

Assim, é necessário, sem dúvida, problematizar a ideia de homogeneidade e de pobreza, destacando as origens e histórias bem diferentes, ainda que se possa apostar na ideia de que eles se integraram, sem muitos percalços e na medida de suas possibilidades e recursos materiais e imateriais, à sociedade escravista em que vieram se instalar.

Continua a ser um tema extremamente desafiador e estimulante, e que continua a merecer a atenção de historiadores e historiadoras, ainda que se complete 250 anos da fundação de Porto Alegre e 270 da diáspora açoriana. Analisar a diversidade de trajetórias e estratégias de integração, bem como o acesso à terra e sua inserção, tanto no espaço urbano, quanto nos arredores rurais de Porto Alegre, só endossa a riqueza e a diversidade de suas experiências migratórias. O desafio é valer-se de fontes e metodologias variadas, que façam emergir a complexidade das tramas tecidas por esses homens e mulheres que se deslocaram para o extremo sul. No caso analisado, vários acabaram por se instalar fora dos portões do povoado, muitos como lavradores escravistas, em área que mantinha características rurais, quando comparada ao núcleo urbano original que se constituiu na península.

Açorianos, que chegaram a Porto Alegre em tempos e de maneiras diferenciadas, quando puderam, valeram-se da aquisição e exploração de mão de obra escravizada, batizaram e casaram seus filhos (e escravizados) na igreja da Madre de Deus. No entanto, a partir das trajetórias aqui analisadas, podemos problematizar os diferentes mecanismos utilizados para inserção na comunidade de acolhimento. Sem dúvida, os matrimônios com outros açorianos e descendentes (casais do número ou não) foram estratégias recorrentemente utilizadas. Já o parentesco

espiritual não foi acionado com tanta intensidade, como se poderia esperar, pelo menos nos casos acompanhados. Assim, tal pista deverá ser seguida nas próximas etapas e o estudo deste tema poderá trazer novas contribuições para o debate, evidenciando as distintas formas de inserção na Porto Alegre colonial.

Referências

BARROSO, Véra Lucia Maciel (Org.). *Açorianos no Brasil*: História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002.

COMISSOLI, Adriano. *Casais de Sua Majestade que vão para as Missões*: a migração açoriana nos Campos de Viamão. Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2002.

COMISSOLI, Adriano. Do arquipélago ao continente: estratégias de sobrevivência e ascensão social na inserção açoriana nos Campos de Viamão (séc. XVIII). *Aedos*. Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, Porto Alegre, RS, v. 2, n. 3, p. 74-96, 2009.

FRANCO, Sérgio da Costa. Açorianos no Rio Grande do Sul no início do século XIX. In: BARROSO, Vera L. M. (Org.). In: *Açorianos no Brasil*: História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002, p. 350-357.

GHEZZI, Marta P. *A datta do Munis*. Porto Alegre: s/ed., 2008, 79 p.

GOMES, Luciano C. As estratégias das famílias de lavradores de Porto Alegre, em finais do século XVIII: alguns apontamentos. *Anais do XII Encontro Estadual de História ANPUH/RS*. São Leopoldo: ANPUH-RS, 2014a, 16 p.

GOMES, Luciano C. A atuação dos lavradores na belicosa fronteira do Rio Grande de São Pedro do Sul: apontamentos para pesquisa. *Anais II EIFI* - Encontro Internacional Fronteira e Identidades. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2014b.

GOMES, Luciano C. *Uma cidade negra*: escravidão, estrutura econômico-demográfica e diferenciação social na formação de Porto Alegre, 1772-1802. Porto Alegre, Dissertação (Mestrado em História) – UFRGS, 2012a.

GOMES, Luciano C. Estrutura agrária, redes familiares e reprodução social no agro de Porto Alegre (1769-1797). *Ci. Humanas e Soc. em Rev*., RJ, EDUR, v. 34, n.2, jul / dez, 57-71, 2012b.

GRAEBIN, Cleusa M. G. *Sonhos, desilusões e formas provisórias de existência*: os açorianos no Rio Grande de São Pedro. 2004. 324f. Tese (Doutorado em História) – UNISINOS, São Leopoldo.

GRAEBIN, Cleusa M. G. Vida cotidiana dos açorianos pelas freguesias e caminho. In: BOEIRA, N.; GOLIN, T. (Coord.). *História Geral do Rio Grande do Sul*: Colônia. Passo Fundo, RS: Méritos, 2006, p. 203-224, v. 1.

HAMEISTER, Martha D. Notas sobre a construção de uma "identidade açoriana" na colonização do sul do Brasil ao século XVIII. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p.53-101, 2005.

MARCÍLIO, Maria Luiza. Sistemas demográficos no Brasil do século XIX. In: MARCÍLIO, M. L. (Org.). *População e sociedade*: evolução das sociedades pré-industriais. Petrópolis: Vozes, 1984, p.193-207.

MARQUES, Rachel dos S. *Por cima da carne seca*: hierarquias e estratégias sociais no Rio Grande do Sul (c.1750-1820). 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

NADALIN, Sergio O. *História e demografia*: elementos para um diálogo. Campinas, SP: ABEP, 2004.

NADALIN, Sergio O. Questões referentes aos regimes demográficos no passado colonial brasileiro. In: SCOTT, A. S. V. et al. *Gentes das Ilhas*: trajetórias transatlânticas dos Açores ao Rio Grande de São Pedro entre as décadas de 1740 e 1790. São Leopoldo: Oikos, 2014, p.13-30.

NADALIN, Sergio O.; SCOTT, Dario. Além do Centro-Sul: por uma história da população colonial nos extremos dos domínios portugueses na América (projeto integrado). *Revista Brasileira de Estudos de População,* 2017, 34(3), p. 649–657. https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0026

OSÓRIO, Helen. *A apropriação da terra no Rio Grande de São Pedro e a formação do espaço platino*. 1990. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ROCHA, Gilberta P. N. Emigração e população açoriana. *Arquipélago*. Ciências Sociais, Açores, Portugal, n. 3-4, p. 29-43, 1988/89.

SCOTT, Ana Silvia V.; BERUTE, Gabriel S. 'Gentes das Ilhas': repensando a migração do Arquipélago dos Açores para a Capitania do Rio Grande de São Pedro no século XVIII. In: SCOTT, A. S. V. et al. *Gentes das Ilhas*: trajetórias transatlânticas dos Açores ao Rio Grande de São Pedro entre as décadas de 1740 e 1790. São Leopoldo: Oikos, 2014, p. 105-146.

SCOTT, Dario; SCOTT, Ana Silvia V. NACAOB: una opción informatizada para historiadores de la familia. In: Dora CELTON; Mónica GHIRARDI; Adrián CARBONETTI. (Org.). *Poblaciones históricas*: fuentes, métodos y líneas de investigación. Rio de Janeiro: ALAP Editor, 2009, p. 171-185.

SCOTT, Ana Silvia V. Gentes das Ilhas no Rio Grande de São Pedro: Porto Alegre no período colonial. In: KÜHN, Fábio; NEUMANN, Eduardo (Org.). *História do Extremo Sul:* a formação da fronteira meridional da América. Rio de Janeiro: Mauad X, 2022, p. 241-284.

SCOTT, Dario. *Livres e escravizados*: população e mortalidade na Madre de Deus de Porto Alegre, 1772-1872. São Leopoldo: Oikos, 2021.

A PRESENÇA DOS AÇORIANOS E SEUS DESCENDENTES NA CONSTRUÇÃO DE PORTO ALEGRE

Luiz Fernando Rhoden[1]

Introdução

Tem-se dito, com frequência, que historicamente a presença açoriana no cotidiano de Porto Alegre é percebida muito mais por seus aspectos imateriais do que pela sua materialidade, uma vez que não se reconhece, no contexto da cidade, uma arquitetura ou uma técnica construtiva tipicamente açoriana, que tenham permanecido, ou tenham sido registradas.

No entanto, isso não quer dizer que os açorianos e seus descendentes não tenham contribuído para a construção do Rio Grande do Sul e de Porto Alegre, em diversos momentos de sua evolução. Não se pode esquecer que a mão de obra, nos primórdios do povoamento de Porto Alegre, era essencialmente açoriana (civis) e genericamente portuguesa (principalmente militares), e que não foram poucos os prédios construídos nesse período, particulares, e, principalmente, aqueles que o governo da Capitania e a Câmara mandaram construir, para o exercício de suas atividades (palácio do governo da Capitania, erário público, matriz) e para seus rendimentos (açougue, banca do peixe, fontes e pontes).

Para esse trabalho, optou-se por fazer um recorte temporal entre os anos de 1772 e 1870, ou seja, aproximadamente, os cem primeiros anos da existência de Porto Alegre, período no qual a capital passou de freguesia (26 de março de 1772) à vila (7 de outubro de 1809, instalada em 1810) e à cidade (14 de novembro de 1822). Também contribuiu para essa escolha temporal, o acesso que se teve às pesquisas, à bibliografia e aos dados estatísticos sobre o período.

Esse texto visa, portanto, salientar a contribuição da mão de obra dos aço-

1 Arquiteto, mestre em História Ibero-Americana, doutor em Arquitetura e pós-doutor em História. Porto Alegre/Rio Grande do Sul-Brasil.

rianos, muitas vezes esquecida, mas que foi fundamental para o desenvolvimento de Porto Alegre, ao longo do período apontado e procura inserir-se nas comemorações em 2022, dos 250 anos da cidade e dos 270 anos da chegada dos primeiros casais açorianos ao Rio Grande do Sul.

O crescimento de Porto Alegre, nos primeiros tempos

Como se sabe, Porto Alegre não teve uma data de fundação formal, mas o povoado se desenvolveu a partir de um acampamento primitivo de casais imigrantes açorianos, estabelecidos entre 1752 e 1772, em local às margens do lago Guaíba, que passou a denominar-se Porto dos Casais. O objetivo final era povoar as missões jesuíticas, que seriam entregues para o domínio português, de acordo com o Tratado de Madri, firmado em 1750.

A vinda desses casais foi estabelecida pelo governo português em 1747, quando editou uma Provisão Régia, detalhando as condições que deveriam ser garantidas àqueles imigrantes, entre as quais a definição de povoados que receberiam 60 casais, cada um (RHODEN, 1999, p. 159).

Inicialmente os casais açorianos iriam se fixar "na ilha de Santa Catarina e em terra firme, desde o rio de São Francisco do Sul até o serro de São Miguel, e no sertão correspondente" (FORTES, 1978, p. 32). Ou seja, os açorianos deveriam se fixar em território que compreende os atuais Estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul até parte do território do atual Uruguai (serro de São Miguel).

Posteriormente, essa mesma provisão foi estendida às populações que iriam se fixar nos povoados, que seriam criados nas proximidades da fronteira, que estava sendo traçada, entre Espanha e Portugal, na América Meridional, como se lê, na primeira carta secretíssima enviada pelo Marquês do Pombal a Gomes Freire de Andrade, em 1751:

> [...] Semelhantemente é necessário que junto das mesmas fortalezas, ou nos lugares mais vizinhos delas, que couber no possível, procure V. Exa. fundar povoações como deixo acima indicado, atraindo os primeiros povoadores pelo meio dos privilégios, liberdades de direitos, e socorros para estabelecer-se, que foram concedidos aos povoadores da ilha de Santa Catarina, e do Mato Grosso na forma das provisões cuja cópia remeto a V. Exa. (RHODEN, 1999, p. 114).

Os entraves causados por jesuítas e índios guaranis desencadearam a chamada Guerra Guaranítica, que redundou na desistência da entrega das Missões aos portugueses, por parte dos espanhóis, e na posterior anulação do Tratado de Madri.

Esses fatos fizeram com que aquele primitivo acampamento dos açorianos no Porto dos Casais fosse, efetivamente, crescendo como um povoado mais organizado, com o incremento de sua população e, consequentemente, a melhoria de suas habitações em torno do pequeno oratório de São Francisco das Chagas, localizado na ponta da península.

O povoado foi elevado à freguesia em 1772, com a denominação de freguesia de São Francisco das Chagas e, um ano depois, com a nova invocação de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre, e à sede do governo em 1773, com a instalação do governador da Capitania de São Pedro do Rio Grande e da única Câmara existente, então, a da vila de Rio Grande, que tinha se instalado em Viamão após a invasão daquela vila, pelos espanhóis, em 1763. Portanto, Porto Alegre era uma freguesia onde se instalou o governo do Rio Grande de São Pedro (criado em 1760, separado do governo de Santa Catarina, mas subordinado ao do Rio de Janeiro) (FORTES; WAGNER, 1963, p. 27) e a Câmara de Rio Grande.

Segundo João Borges Fortes, a divisão das primeiras datas de terras aos casais açorianos estabelecidos na freguesia de Porto Alegre foi feita pelo Capitão Alexandre José Montanha, que teria dado, a cada casal, a metade de área estabelecida na Provisão Régia de 1747, em função da escassez de área na freguesia. Com esse expediente, Montanha proporcionava um duplo contingente de povoadores e condensava elementos para um rápido desenvolvimento da incipiente povoação (FORTES, 1978, p. 119).

Esse procedimento pode ser percebido nos registros das datas de terra concedidas, onde aparece seguidamente a descrição de terrenos menores do que aqueles que deveriam ser efetivamente dados, e a expressão "terreno que foi a seu contento ainda que mais diminuto." (BARROSO, 2002, p. 504).

Nesses termos, se considerarmos que a população inicial do Porto dos Casais era formada por 120 casais e, se cada casal tivesse três filhos, como estatisticamente se utiliza como padrão, deveríamos ter no início de seu povoamento, em torno de 800 pessoas, considerando ainda os militares portugueses que acompanhavam os casais.

Embora nesses primeiros tempos a população não fosse grande, o seu crescimento se deu de forma rápida. Segundo o governador da Capitania, Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara (NOAL FILHO; FRANCO, 2004, p. 23), em 1780, ou seja, apenas oito anos depois da criação da freguesia, sua população era de aproximadamente 1500 pessoas. Havia, portanto, crescido 187%, ou cerca de 27% ao ano. Em números absolutos, isso quer dizer que, entre 1772 e 1780, Porto Alegre recebia 216 novos habitantes por ano. Esses números não são relevantes para uma grande capital, mas para um povoado, com poucos anos de

existência, são muito importantes e demonstram que Porto Alegre era um porto seguro, numa Capitania envolta em constantes lutas pela posse definitiva do território meridional do Brasil. Tratava-se de defender a última conquista territorial do reino de Portugal, em todo o mundo.

Obviamente, que essa população demandava novas residências, comércio, serviços públicos e, por outro lado, parte dela compunha a mão de obra, para as obras necessárias na freguesia.

Sebastião Bettamio informava, em 1780, que "desde o ano de 1773 se trabalha ali, e se tem feito à custa da Fazenda Real alguns edifícios de valor, e os particulares também os têm feito, pela necessidade de acompanharem a Capital" (NOAL FILHO; FRANCO, 2004, p. 21).

Pode-se mesmo considerar que os primeiros 25 anos de existência da freguesia tenham sido de grande atividade construtiva, pois nesse período foram construídas as linhas de fortificações em volta do casario, duas fontes públicas, foi iniciado o palácio do governo, no alto da praia; a casa da real fazenda, ao lado do palácio; uma cadeia pública, na altura da atual Avenida Salgado Filho; a casa da ópera e foi iniciada a obra da Santa Casa de Misericórdia (OLIVEIRA, 1985, p. 38-40).

A Câmara, por sua vez, não tinha um prédio próprio e assim permaneceu por 32 anos, até 1805, vagando por 10 prédios alugados em diferentes locais da povoação, o que já demonstra que a freguesia tinha um primeiro arruamento delineado e um casario já desenvolvido (RHODEN, 2014, p. 74-76).

Como consequência dessa situação, a cadeia não ficava junto da Câmara, como era a tipologia tradicional das casas de câmara e cadeia no período colonial. Nesse tempo, também foi definido que os principais prédios administrativos e religiosos ficariam no alto da península, enquanto que junto ao porto se desenvolveriam as atividades comerciais, na tradicional implantação portuguesa encontrada em tantos exemplos (Lisboa, Porto, Salvador, Rio de Janeiro, Olinda, Luanda).

As Câmaras eram responsáveis por uma série de outros equipamentos que estavam a serviço de suas comunidades, como fontes, chafarizes, poços, cisternas, pontes e calçadas, cuja construção, reparação e manutenção eram de sua tradicional competência. Havia também os açougues, que eram propriedades das Câmaras, que os construíam, mantinham e tutelavam (RHODEN, 2014, p. 48).

Esses fatos, importantes na história de Porto Alegre, servem para demonstrar que tudo estava por fazer e muito foi feito, para dar as condições iniciais de funcionamento das instituições governamentais, para a organização espacial da

freguesia e para os rendimentos da Câmara, fundamentais para a continuidade da prestação de seus serviços à comunidade. E, para isso, utilizaram a mão de obra existente, composta por açorianos e portugueses, que aqui chegavam intermitentemente.

Certamente que o fato de a Câmara estar em casas alugadas dificultou a sua localização na praça central, junto aos demais poderes temporais e espirituais, como era comum. Temos de considerar, também, que em Porto Alegre, nesse período, havia a incerteza dos vereadores da Câmara quanto à legalidade de seus atos e à definição de sua autonomia. As atas da Câmara demonstram, em mais de uma oportunidade, que as decisões da Câmara foram atropeladas por outras autoridades: em 1773, o Governador ordenou que a Câmara se transferisse de Viamão para Porto Alegre; em 1780, o Governador da Capitania não concordou com as determinações da Câmara para a construção da fonte, que estava sendo construída; em 1797, o Provedor da Fazenda Real mandou demolir a banca do peixe que a Câmara havia construído, na Rua da Praia; em 1808, o arruador foi preso pelo Ouvidor da Comarca, por não querer se afastar do alinhamento da Rua Clara, que havia sido aprovado pela Câmara (RHODEN, 2014, p. 75).

Uma das atividades mais importantes desenvolvidas sob a responsabilidade e fiscalização das Câmaras eram os açougues. Destinados, no século XVI, em Portugal, para venda de carne, mas também aves, caça e peixe, foram, ao longo do tempo, se especializando para chegar ao século XVIII, vendendo somente carne e peixe (CAETANO, 2011, p. 847).

Em Porto Alegre, um assunto sempre presente na correspondência camarária do século XVIII era a condição precária de suas finanças. Segundo os oficiais da Câmara, a única entrada regular de que dispunha a instituição para arcar com todas as suas despesas era o dinheiro proveniente da arrematação dos açougues públicos e das bancas de peixe das freguesias do Continente. Não tinham chãos (terrenos) para aforarem, visto Porto Alegre não ser vila (COMISSOLI, 2006, p. 126).

Essa situação permaneceu precária até a criação da vila de Porto Alegre e a instalação oficial de sua Câmara, em 1810, embora suas primeiras posturas só tenham sido aprovadas em 1821 e não em 1831, como se tem repetido.

Não se tem muitas informações sobre a população da vila nesse período. Sabe-se que em 1803, a freguesia tinha uma população de 3927 almas (GAMA, *Mapa das freguesias*..., 1803), num crescimento de 262%, desde 1780, ou 11,4 % ao ano. Assim, em 23 anos, Porto Alegre recebia cerca de 171 novos habitantes por ano.

Em 1814, a população de Porto Alegre era de cerca de 6100 pessoas (SPALDING, 1967, p. 51), com 155% de crescimento, desde 1803, ou 14 % ao ano.

Em 1820, quando Auguste Saint Hilaire esteve em Porto Alegre, calculou a população da vila em cerca de 10 mil habitantes, ou seja, em 6 anos, a população da vila teria crescido 164 % ou 27 % ao ano, mais rápido que no período anterior e voltando ao ritmo de crescimento dos primeiros anos de existência da freguesia.

Por estes dados, percebe-se que o crescimento populacional de Porto Alegre teve um importante incremento nos primeiros anos, muito provavelmente pela chegada de novos imigrantes açorianos e portugueses vindos por terra de Santa Catarina e de outras localidades do Rio Grande do Sul. Embora tenha continuado seu crescimento, a velocidade do mesmo diminuiu entre 1780 e 1803 e voltou a crescer entre 1814 e 1820, quando as fronteiras da Capitania já estavam pacificadas e Porto Alegre já era uma vila.

Uma das explicações para o fluxo populacional de Porto Alegre pode ser a sua localização, mais central, longe das constantes beligerâncias fronteiriças e seu ativo porto que comerciava com o interior da Capitania, ao mesmo tempo que recebia mercadorias de outros portos brasileiros e internacionais. Por outro lado, à medida que Porto Alegre se consolidava como centro da administração da Capitania e como sede de município atraía uma população composta por funcionários públicos, militares e comerciantes, que também precisavam de novas habitações, locais de comércio e instalações públicas.

Certamente que, entre essa população recém-chegada e também entre aquela que já havia se fixado em Porto Alegre há mais tempo, havia profissionais voltados à construção civil, que contribuíram para um segundo crescimento da povoação, principalmente após a término da Revolução Farroupilha, como se verá a seguir.

A mão de obra nos primeiros tempos de Porto Alegre

Quando se fala da mão de obra dos primeiros tempos de Porto Alegre, se quer evidenciar a contribuição açoriana, não apenas dos poucos casais, que aqui aportaram no século XVIII e iniciaram seu povoamento. Queremos falar dos demais açorianos que chegaram posteriormente e dos descendentes daqueles primeiros casais.

Falamos também dos escravos e índios que trabalharam anonimamente nas obras civis da cidade. Falamos de toda uma comunidade, que contribuiu para seu crescimento, nos primeiros tempos da existência de Porto Alegre.

Essa população era formada basicamente por pequenos comerciantes e tra-

balhadores da terra. Porém, havia também uma parcela de artesãos, artífices, ferreiros, pedreiros, marceneiros, calceteiros e carpinteiros, que eram contratados para trabalharem nas obras públicas e particulares, que iam sendo construídas na povoação, no primeiro momento, sob as ordens de engenheiros militares, e, posteriormente, sob o comando dos engenheiros de obras públicas provinciais, constituídos depois do término da Revolução Farroupilha.

Os levantamentos de pacientes da Santa Casa de Misericórdia, do período de 1845 a 1873 (BARROSO, 2002, p. 378-478), mostram que das 32 internações de açorianos declarados, havia 1 carpinteiro, 1 serrador, 1 artesão (sem especificação) e 2 pedreiros, num total de 5 trabalhadores, ou seja, 15,6 % tinham profissões voltadas para a construção civil. No mesmo trabalho, pode-se verificar, através da relação de óbitos ocorridos naquela instituição hospitalar, de 1850 a 1873, a quantidade de trabalhadores nos mesmos misteres. Assim, tem-se que nesses 23 anos, de um universo de 829 óbitos de portugueses, 28 eram declaradamente açorianos. Ainda no mesmo universo havia 15 carpinteiros (um açoriano declarado), 6 pedreiros, 3 ferreiros, 2 canteiros e 1 marceneiro, num total de 27 trabalhadores portugueses voltados à construção civil, ou 3,26%.

Desta forma, no recorte temporal adotado de 28 anos tinha um total de 18,86 % de trabalhadores voltados para a construção civil, que passaram, de alguma maneira, pela Santa Casa de Misericórdia da cidade.

Outro detalhe interessante é que somente na década de 1860-1870 se percebe o aparecimento de profissões mais sofisticadas, como a de marceneiro e de canteiro (trabalhador especialista em corte de pedras). Essas profissões coincidem com o período de grandes obras na cidade, como a retomada do Theatro São Pedro, a Cadeia Pública, a nova casa de Câmara e a Bailante – casa de bailes –, que ficava na praça da matriz, além da ampliação da capela do Espírito Santo, ao lado da matriz.

Alguns profissionais se tornaram bem conhecidos como empreiteiros e tinham uma mão de obra particular, formada também por escravos, que desenvolveram diversos trabalhos importantes na cidade e se articulavam para trabalharem também em obras públicas, no interior.

Dois desses profissionais, um açoriano e outro descendente de açoriano, tiveram uma atuação destacada em Porto Alegre e no interior. São eles João Baptista Soares da Silveira e Souza e Manuel Fialho de Vargas Filho.

João Baptista chegou a Porto Alegre em 1813, com apenas 12 anos de idade. Era natural da ilha de São Jorge, nos Açores. Foi irmão da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, eleito em 1852, Juiz de Paz na Freguesia da Aldeia dos Anjos, onde tinha uma propriedade, e vereador em Porto Alegre entre 1853 e

1856. Em 1866 e 1867, ele aparece como proprietário de cerca de 20 prédios urbanos no centro de Porto Alegre, que possivelmente eram alugados para renderem lucros (GREGORY, 2019, p. 81).

Seu nome aparece já nas obras das fundações do Theatro São Pedro, iniciadas em 1835, autorizado pelo Presidente da Província, e que foram paralisadas quando iniciou a Revolução Farroupilha (WEIMER, 2004, p. 34).

Posteriormente constituiu a empresa Baptista & Fialho, para atuar na construção de obras públicas.

Manoel Fialho de Vargas Filho nasceu em 28 de agosto de 1825 e era filho do açoriano Manoel Fialho de Vargas, nascido no Faial, e que por sua vez era amigo da família de João Baptista Soares da Silveira e Souza. Ambos moravam na freguesia de Nossa Senhora dos Anjos da Aldeia e eram também vizinhos. Essa relação fez com que João Baptista fosse convidado para ser padrinho de batismo de dois filhos de Manoel, que foram Manoel Fialho de Vargas Filho e João Batista Fialho de Vargas (GREGORY, 2019, p. 71).

Apesar de Manoel Fialho de Vargas Filho ser mais jovem que seu padrinho, João Baptista, os dois constituíram a empresa Baptista & Fialho, possivelmente no final da década de 1840, para trabalharem em obras públicas na capital e no interior.

As fontes revelam uma atuação bastante dinâmica de Manoel Fialho de Vargas Filho, tanto nos negócios da empresa societária que mantinham, como na política provincial, uma vez que chegou a ser deputado na Assembleia Provincial, eleito em 4 de março de 1862, um ano antes de falecer, com apenas 38 anos (GREGORY, 2019, p. 78).

Segundo diversos relatórios dos Presidentes da Província, apresentados nas aberturas dos trabalhos da Assembleia Legislativa Provincial, Manoel Fialho aparece arrematando várias licitações da capital, como os alicerces do prédio que servia às sessões da Assembleia Provincial, o da Câmara Municipal e o do Tribunal de Jurados, para audiências e para repartições fiscais (relatório de 1850); a igreja da Aldeia dos Anjos (relatório de 1855); duas pontes na freguesia da Aldeia dos Anjos (Cachoeirinha) e uma no município de Santo Antônio da Patrulha (relatório de 1855). Para essas últimas obras, o nome de João Baptista não foi mencionado, mas acredita-se que estivesse envolvido, pois já era sócio de Manoel Fialho de Vargas Filho, como dito anteriormente (GREGORY, 2019, p. 74).

Os dois empreiteiros e o irmão de Manoel, Antônio Fialho de Vargas, formaram, em 1855, outra empresa denominada Baptista Fialho & Cia, que tinha como objetivo comprar e vender terras para os colonos que se fixaram no vale do Taquari (GREGORY, 2019, p. 83).

A empresa Baptista Fialho & Cia. era um prolongamento da Baptista & Fialho, que atuava na construção de obras públicas na capital, durante a década de 1850. O sócio Antônio Fialho de Vargas, além de possuir metade da empresa, também era gerente da mesma (GREGORY, 2019, p. 98).

Tudo indica que, para João Baptista e Manoel, a inversão realizada na colônia tenha sido uma forma de diversificar os investimentos e auxiliar um membro da família. Deste modo, também estariam contribuindo para intensificar a demanda por obras de infraestrutura, como pontes e estradas, necessárias para a exportação de alimentos produzidos pelos imigrantes, e interessantes para impulsionar o negócio dos sócios.

O trabalho que a empresa exercia na capital pode ter influenciado bastante na decisão de investir na criação de uma colônia. (GREGORY, 2019, p. 100)

A Baptista Fialho & Cia foi desfeita amigavelmente no dia 13 de abril de 1863, após oito anos de atuação, sendo que as terras que ainda não tinham sido vendidas foram divididas entre os sócios, assim como as dívidas que ainda precisavam ser cobradas. (GREGORY, 2019, p. 102)

Os sócios Manoel e João Baptista não deram continuidade no negócio das obras públicas, provavelmente porque Manoel faleceu logo após a dissolução da Baptista Fialho & Cia e João Baptista não estava bem de saúde, de acordo com as correspondências que enviava ao governo da Província, vindo a falecer em 1870. (GREGORY, 2019, p. 111).

A empresa Baptista & Fialho, portanto, existiu por aproximadamente 15 anos, até o falecimento de Manoel Fialho de Vargas Filho, porém a atuação de João Baptista Soares da Silveira e Souza nas obras públicas da cidade se deu por cerca de 35 anos, pois em 1835 seu nome já era citado nas obras do Theatro São Pedro.

Segundo a pesquisadora Júlia Gregory, alguns indícios apontam para uma relação de reciprocidade entre o governo imperial/provincial e os sócios. As obras públicas assumidas por ambos; o auxílio prestado à província quando da epidemia de cólera, disponibilizando as casas da capital para os enfermos; a contribuição para as despesas com a guerra do Paraguai; o recebimento de um título honorífico (Ordem da Rosa dada a João Baptista) e outro da Guarda Nacional (Manoel Fialho de Vargas Filho era Coronel da Guarda Nacional); apresentam uma relação de troca de favores, um auxílio mútuo (GREGORY, 2019, p. 84).

Tratavam-se, portanto, de dois empresários importantes, ligados às obras públicas, tanto na capital, como no interior, que atuaram também na compra e venda de terras para colonos, na região de Taquari e de Lageado.

Sobre as principais obras

A partir de 1840, João Baptista Soares da Silveira e Souza participou, segundo ele mesmo afirmou, da construção da estrada na serra do Mundo Novo (Taquara), do aterro do Mercado Público, das pontes do Riacho (Porto Alegre), do rio Botucaraí (Cachoeira do Sul), de Santo Antônio da Patrulha e da Aldeia dos Anjos (Gravataí). Também trabalhou na construção da igreja da Aldeia dos Anjos, da casa Bailante, do Theatro São Pedro e da cadeia nova, todas em Porto Alegre. Alguma destas obras, senão todas, foram feitas em sociedade com seu afilhado Manuel Fialho de Vargas Filho, como já se pode verificar.

Figura 1 – Ponte do rio Botucaraí em Cachoeira do Sul



Fonte: Foto de Renato Thomsen.

A ponte do rio Botucaraí, no atual município de Cachoeira do Sul, é parecida com a ponte dos açorianos de Porto Alegre, com três vãos em arco pleno e mais elevada que a da capital. Sua arrematação se deve a Manoel Fialho de Vargas Filho, que foi contratado para a execução daquela obra em 10 de janeiro de 1848 (não tinha completado 23 anos ainda), e concluída em outubro do mesmo ano. O projeto era do engenheiro Lopo de Almeida Botelho e Melo (RITZEL, 2020, p. 1).

A ponte do riacho ou ponte dos açorianos, como ficou conhecida em Porto Alegre, foi construída em alvenaria de pedra, tendo o construtor João Baptista Soares da Silveira e Sousa utilizado escravos como mão de obra, num custo de 980 contos. Trata-se de uma ponte com três arcos abatidos, que sustentam dois

lances em rampa e um tabuleiro central reto, do tipo tradicional de ponte romana. A obra demorou algum tempo para ser concluída, pois foi aberta ao público em 1848, ainda inacabada, e só foi terminada em 1854.

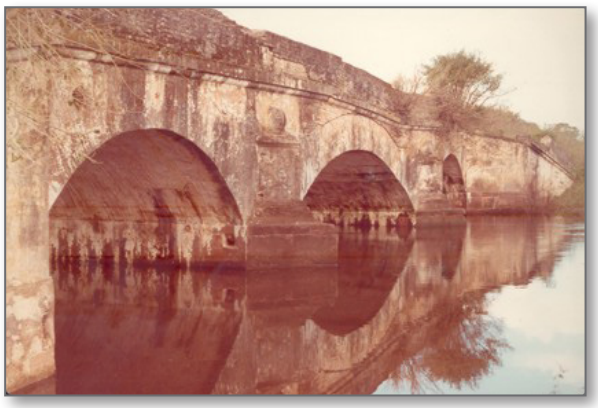
Figura 2 – Ponte dos açorianos em Porto Alegre



Fonte: Foto do autor.

A ponte de pedra de Santo Antônio da Patrulha localizava-se sobre o rio Palmares, então território daquele município, e atualmente município de Palmares do Sul. Foi rematada em 1855. É um bem tombado pelo Estado do Rio Grande do Sul, embora tenha desmoronado na década de 1980. Todas essas pontes são do tipo romano, com três vãos, em arco levemente abatido ou pleno, em pedra, com o vão central mais elevado que as laterais.

Figura 3 – Ponte de Palmares, hoje arruinada



Fonte: Foto do acervo do IPHAE/RS.

A casa de bailes, denominada Bailante era uma sociedade privada, que foi edificada na praça da matriz, no local onde hoje está a Assembleia Legislativa do Estado. Foi construída em meados do século XIX e "era um edifício de um só pavimento, tendo na frontaria seis janelas e uma porta ampla central, precedida de quatro degraus em semicírculo" (DUARTE, 2002, p. 361). Segundo vários autores, a obra teria sido construída por João Baptista Soares da Silveira e Souza, embora na época já estivesse constituída a sociedade de João Baptista com Manoel Fialho de Vargas Filho.

Figura 4 – A Bailante



Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo.
Foi demolida no início do século XX.

A história da construção do Theatro São Pedro inicia nos anos anteriores à Guerra dos Farrapos, quando o Presidente da Província autorizou João Baptista Soares da Silveira e Souza a iniciar a obra, num terreno que estava reservado para a Santa Casa. Quando as fundações estavam prontas iniciou a Guerra e as obras foram interrompidas.

Terminada a Guerra dos Farrapos, o governo provincial encarregou o engenheiro Phillip Von Normamn, para realizar novo projeto para o Theatro, que só foi concluído em 1858 (WEIMER, 2004, p. 34-35). Conforme Duarte, a "obra foi contratada com Silveira e Souza e sociedade" (DUARTE, 2002, p. 363). Portanto, por Baptista & Fialho.

Figura 5 – Theatro São Pedro em Porto Alegre



Fonte: Acervo Enciclopédia Itaú Cultural.

Essa parceria entre os dois empreiteiros também se efetivou na construção da cadeia de Porto Alegre, pois em 1853 o Engenheiro Provincial Fillippe de Normann, na qualidade de inspetor da casa de correção, dizia "que havia dado esclarecimentos necessários para o andamento da obra ao arrematante Manuel Fialho de Vargas Filho" (DUARTE, 2002, p. 368).

O projeto da cadeia de Porto Alegre, datado de 1850, era de autoria do arquiteto Friedrich Heydtmann e só foi concluído em 1865. Existiu por mais de 100 anos, ao lado do antigo gasômetro, pois foi demolida em 1967.

Figura 6 – Antigo presídio de Porto Alegre



Fonte: Acervo Vitor Minas. Foi demolido em 1967.

Uma das últimas obras de João Baptista Soares da Silveira e Souza foi o edifício Malakoff, situado no centro de Porto Alegre, no atual Largo Glênio Peres, onde hoje existe o edifício Delapieve.

A data provável do início de sua construção é 1865 (SPALDING, 1967, p.194-195) e foi concluído em 1868, dois anos antes da sua morte. Possivelmente essa obra tenha sido realizada com a ajuda do sobrinho de João Baptista, José Baptista Soares da Silveira e Souza, que o acompanhou no ramo das construções. José era natural da Ilha de São Jorge, nos Açores. O edifício Malakoff recebeu esse nome em homenagem à fortaleza da cidade de Sebastopol, na Rússia, que havia resistido, durante meses ao cerco das forças francesas e inglesas, na Guerra da Criméia, que aconteceu de 1854 a 1855.

O edifício Malakoff era

> [...] um sobrado de grandes proporções para a época, com quatro andares, tendo em seu andar térreo espaços comerciais. Ainda que considerado o primeiro edifício comercial da cidade, serviu de moradia às famílias de comerciantes do centro de Porto Alegre, até a década de 1950. Foi demolido no início da década de 1960. No relato dos viajantes que chegavam pelo porto ou nos escritos dos cronistas e poetas da cidade do início do século XX, encontram-se referências ao edifício como um marco de progresso da capital (ALMEIDA, 2004, p. 210).

Figura 7 – Antigo Edifício Malakoff em Porto Alegre



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo. Coleção Virgílio Calegari.
O edifício foi demolido em junho de 1957.

Não há informações sobre o autor do seu projeto, mas o prédio original tinha características da arquitetura neoclássica, com portas em arco pleno no térreo e janelas e portas rasgadas com verga reta, nos demais pavimentos. No alto, um frontão triangular, com um óculo central e platibanda lateral coroavam o Malakoff.

Em 1924, o prédio sofreu uma grande reforma que alterou profundamente sua fachada, com um frontão de curvas e contracurvas, eclético, e elementos decorativos acima das janelas, além de terem sido alteradas as vergas das portas do pavimento térreo, tornando-as todas retas. Segundo a historiadora Leonor Schwartsmann, descendente dos construtores do prédio, sua demolição ocorreu em junho de 1957.

Conclusão

Este texto teve o objetivo de demonstrar a participação dos açorianos, seus descendentes e demais portugueses na construção e no desenvolvimento do espaço urbano de Porto Alegre, nos primeiros 100 anos de sua existência, período de intensas transformações políticas, econômicas, demográficas e urbanas.

Nesse período, a freguesia foi elevada à vila, em 1809, e à cidade, em 1822, tornando-se efetivamente a capital da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, com a instalação de sua Câmara de Vereadores e da Assembleia Provincial. No mesmo período, o Brasil ficou independente de Portugal, tornando-se um império.

Também, nesse período, a freguesia, que era composta basicamente por casais açorianos e militares portugueses, adensou-se rapidamente e recebeu novas levas de imigrantes açorianos e alemães, que contribuíram para o aumento das demandas por novas obras públicas e demais serviços estatais.

Nesse período, finalmente, evidenciou-se a presença marcante de dois empresários das obras públicas, um açoriano e outro descendente de açorianos, no contexto da cidade, com ramificações na compra e venda de terras para colonos na região de Taquari e de Lageado.

Levantou-se importantes informações sobre João Baptista Soares da Silveira e Souza e Manoel Fialho de Vargas Filho, que apareciam individualmente em diversos documentos de arrematação de obras públicas, mostrando-se que, na realidade, tratava-se de uma única empresa – Baptista & Fialho, sendo os empresários citados sócios, além de terem um relacionamento de compadrio, pois João Baptista era padrinho de batismo de Manoel Fialho de Vargas Filho. A empresa existiu por cerca de 15 anos, até a morte de Manoel e foi responsável por inúmeras obras importantes na capital (Bailante, Casa de Correção, Theatro

São Pedro, ponte dos açorianos, entre outras) e no interior (pontes em Cachoeira do Sul, Santo Antônio da Patrulha e Aldeia dos Anjos) e igreja matriz da Aldeia dos Anjos, atual cidade de Gravataí.

Tratou-se, portanto, de evidenciar a presença de açorianos no contexto das obras públicas de Porto Alegre, que, como se viu, foi muito mais importante do que inicialmente se supunha.

Referências

ALMEIDA, Maria Soares de. *Transformações urbanas*: atos, normas, decretos, leis na administração da cidade. Porto Alegre 1937/1961. São Paulo: USP, 2004. Tese de doutorado não publicada.

BARROSO, Véra Lucia Maciel. Portugueses-continentais e ilhéus na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (1850-1900) In: BARROSO, Véra Lucia Maciel (Org.). *Açorianos no Brasil*: História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002.

CAETANO, Carlos Manuel Ferreira. *As casas da câmara dos Conselhos portugueses e a monumentalização do poder local* (séculos XIV a XVIII). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2011. Tese de doutoramento não publicada. Disponível em: <Unl.Pt/bitstream/10362/7299/1/Tese%20Casas%20da%20Camara%20Vol%201.pdf.>

COMISSOLI, Adriano. *Os homens bons e a Câmara de Porto Alegre* (1767-1808). Porto Alegre: Câmara Municipal de Porto Alegre, 2008.

DUARTE, Miguel A. de O. Um "empreiteiro de obras" açoriano em Porto Alegre. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel. *Açorianos no Brasil:* História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002, p. 358-377.

FORTES, Amyr Borges; WAGNER, João Baptista Santiago. *História Administrativa, Judiciária e Eclesiástica do Rio Grande do S*ul. Porto Alegre: Globo, 1963.

FORTES, João Borges. *Os casais açorianos*: presença lusa na formação sul-rio-grandense. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978.

GREGORY, Júlia Leite. *Terra, fortuna e família*: a atuação de Antônio Fialho de Vargas no mercado da terra. 2019. Dissertação (Mestrado em História Latino-americana) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Não publicada.

NOAL FILHO, Valter Antonio; FRANCO, Sérgio da Costa. *Os viajantes olham Porto Alegr*e: 1754-1800. Santa Maria: Anaterra, 2004.

OLIVEIRA, Clóvis Silveira de. *Porto Alegre a cidade e sua formaç*ão. Porto Alegre: Norma, 1985.

RHODEN, Luiz Fernando. *O processo de criação de vilas, as casas das câmaras, as cadeias e os açougues no Rio grande do Sul colonial*: contribuições para seu estudo. Porto Alegre: PUCRS, 2014. Dissertação (Pós-Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. (Não publicada).

RHODEN, Luiz Fernando. *Urbanismo no Rio Grande do Sul*: origens e evolução. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

RITZEL, Miriam. *História de Cachoeira do S*ul. Série: Cachoeira Bicentenária – primeira ponte. Cachoeira do Sul, 20 de julho de 2020.

SPALDING, Walter. *Pequena História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Sulina, 1967.

WEIMER, Günter. *Arquitetura erudita da imigração alemã no Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: EST, 2004.

Fontes documentais

POMBAL, Marquês do. *Primeira Carta Secretíssima na data de 21 de setembro de 1751 para servir de suplemento das instruções, que foram expedidas a Gomes Freire de Andrada*. Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino, Brasil. Rio de Janeiro (1751) – Limites do sul.

GAMA, Paulo José da Silva. *Mappa das freguesias que se devem anexar às quatro villas da Capitania do Rio Grande de São Pedro*. Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino, Rio Grande do Sul – Caixa 9, doc. 44, 1803.

Agradecimentos especiais às contribuições das historiadoras Miriam Ritzel, Véra Lucia Maciel Barroso e Leonor Carolina Baptista Schwartsmann.

"DE UMA DAS [ILHAS] DOS AÇORES": DIÁSPORAS TRANSATLÂNTICAS E AS VICISSITUDES BIOGRÁFICAS DE DOIS AÇORIANOS ESCRAVISTAS (PORTO ALEGRE, RS, SÉCULO XIX)

Paulo Roberto Staudt Moreira[1]

> [...] Pensamo-nos parentes das árvores, criaturas de um único chão. Desenhamos o nosso passado familiar e chamamos-lhe de "arvore genealógica". Não é uma árvore. Tudo em nós é feito de trocas, travessias e viagens. Fomo-nos dissolvendo nos outros, de tal modo, que existimos mais fora do que dentro de nós mesmos (COUTO, Mia. *O Mapeador de Ausências*, 2021. Posfácio, p. 4).

O termo diáspora é polissêmico, tendo sido usado de variadas maneiras e em diferentes contextos, respondendo a demandas histórico-políticas e étnico-raciais específicas. Sua etimologia remete ao texto bíblico, das traduções gregas, significando basicamente, *dispersão* (LOPES, 2004, p. 236; SILVA & XAVIER, 2018, p. 2), referindo-se, primeiramente, ao espraiamento – voluntário ou compulsório – do povo judaico.

> Para além do sentido religioso aonde ele foi usado para definir a migração dos judeus dispersos pelo mundo, depois do cativeiro da Babilônia, o termo também foi usado para designar migrações traumáticas. Em algumas publicações do século XX, este termo foi utilizado para se referir às diásporas gregas e armênias e seu sentido voltado para dispersões religiosas judaica e cristã. Na década de 1960, o termo passou a ter seu sentido ampliado, mais precisamente em 1965, quando George Shepperson reuniu, pela primeira vez, os termos "diáspora" "africana". Ao cunhar esta expressão, ele afirma que quis explicitamente fazer paralelo entre a diáspora judaica e a dispersão de africanos, como consequência do tráfico de escravos. Para Shepperson, esta conexão já era reconhecida, tanto pelos afro-americanos como por intelectuais

1 Doutor em História/UFRGS e pós-doutor/UFF. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. E-mail: moreirast@terra.com.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1286-2874. Porto Alegre/Rio Grande do Sul-Brasil.

> caribenhos que faziam conexões entre seu próprio povo no exílio e o dos judeus (SILVA; XAVIER, 2018, p. 2).

Assim, a afro-diáspora, por exemplo, remete primordialmente ao fenômeno do deslocamento forçado de milhões de africanos e africanas pela força do tráfico escravista, principalmente, mas não somente, transatlântico. "Posteriormente, diáspora também assumiu os sentidos de identificar, definir e caracterizar uma *identidade transnacional* aos povos de ascendência africana" (SILVA; REGINA, 2018, p. 4. Grifo meu).[2]

As diásporas transatlânticas são plurais e são causadas por motivações diversas, interesses pessoais e familiares, compulsoriedades, estratégias individuais e familiares, busca por oportunidades (frustradas ou satisfeitas), etc. Entretanto, por vezes percebemos certo senso comum que despreza a pluralidade desse fenômeno, atribuindo homogeneidade a específicos deslocamentos físicos e culturais.

Nossa intenção, neste texto, é densificar e analisar duas trajetórias de açorianos que se deslocaram para o continente de São Pedro, e que alcançaram positivas mobilidades sociais. Nossa ideia é perceber vicissitudes biográficas que conseguimos localizar sobre eles, em bases documentais diversas, notando as estratégias sociais que estiveram ao seu alcance. Daremos destaque ao contato desses açorianos com a população escravizada, seja através do comércio de seres humanos mercantilizados ou a exploração de escravizados e escravizadas em moldes diversos.

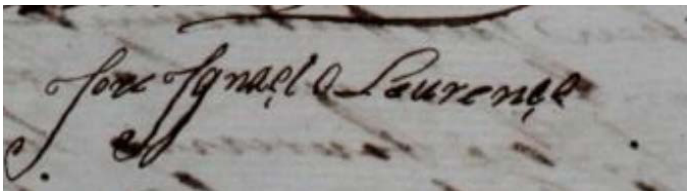
Da ilha de Santa Maria, freguesia de Nossa Senhora da Conceição, Bispado de Angra: José Inácio Lourenço

Vários são os documentos que nos permitem visualizar os traços deixados das trajetórias marcadas por deslocamentos transatlânticos e territoriais e, entre eles, destacamos as habilitações matrimoniais. Esses documentos emanam de processos eclesiásticos, onde os noivos comprovam estarem habilitados a receber o sacramento do matrimônio. Com o gradual sedentarismo da população, esses processos se tornaram cada vez mais sumários, mas antes disso, quando os noivos eram egressos de passagens por vários locais, sendo as trajetórias estruturadas por certo nomadismo, eles se constituíam de provas documentais e testemunhais de raro valor para a história social (COMISSOLI, 2008; RODRIGUES & MOREIRA, 2021).

2 James Sweet (2007, p. 15) destaca a escola revisionista composta de nomes como Paul Lovejoy, John Thornton, Colin Palmer e Michael Gomez que, "em concreto contribuíram para deslocar o ângulo de análise do estudo do fenômeno de 'crioulização' para uma atenção aos africanos e aos seus descendentes, que surgem nestas novas teorias, como eixos fundamentais das suas próprias histórias. Ao mesmo tempo, os revisionistas defendem que os estudiosos da diáspora devem evitar noções estáticas e homogêneas acerca de uma África essencializada".

Em 1817, o português José Inácio Lourenço deu início ao seu processo de habilitação, visando entreter laços matrimoniais com Mária Máxima de Carvalho.[3] Ele se apresentou para as autoridades eclesiásticas e comunidade católica de Porto Alegre como filho legítimo de Antônio José Lourenço e Rita Quitéria, nascido e batizado na ilha de Santa Maria, freguesia de Nossa Senhora da Conceição, Bispado de Angra. Ele contou que de sua *Pátria* saiu com a idade de 10 anos incompletos, deslocando-se para a cidade do Rio de Janeiro, "e logo embarcou para Lisboa e, no mesmo barco, veio para o Rio outra vez". Do Rio de Janeiro veio para Porto Alegre, "onde se acha de morada a perto de 15 anos" e "neste tempo tem feito algumas viagens ao Rio, a Bahia [...], mas nunca em nenhuma delas morou".

Figura 1 – Assinatura de José Ignacio Lourenço



Fonte: Habilitação matrimonial.

Visando comprovar as suas alegações, o justificante apresentou três testemunhas, todos descritos como *homens brancos*. O primeiro a depor é o também açoriano, da ilha do Faial, Manoel Inácio Rodrigues, casado, morador nesta vila de Porto Alegre, de 31 anos de idade e que vivia de seu negócio. Ele contou que conhecia *perfeitamente* o justificante, pois o seu irmão Agostinho José Lourenço era seu genro e sabe que ele saiu de sua *Pátria* "muito Criança e tem andado embarcado, como alega, e se acha girando com seu negócio há mais de 14 anos, sempre nesta vila, da qual tem feito algumas viagens a buscá-lo, mas a sua moradia é nesta Capital". A segunda testemunha, José Fernandes da Silva, trabalhava como porteiro da Alfândega de Porto Alegre, era solteiro, tinha 43 anos de idade e nasceu na Vila Nova de [Aveiro].[4] Ele conhecia "de vista" o justificante há 14 para 15 anos, o qual era "irmão do Guarda Mor da Alfândega", e sabia "que andou embarcado alguns anos". O último a depor foi Albino da Costa Moreira, também solteiro e empregado na Alfândega da ca-

3 AHCMPA – Habilitações Matrimoniais, a. 1817, n. 101, caixa 126. José Inácio Lourenço - Maria Máxima de Carvalho.

4 Encontramos o registro de provisões passadas para José Fernandes da Silva continuar a servir o ofício de Porteiro da Alfândega desta Capitania (a que andava anexo o de Conferente) em 09.09.1806, 07.09.1807 e 06.10.1809 (AHRS. Fazenda, F-1250, folhas 154v, 155, 201, 201v, 202, 266v, 267; F-1251, folhas 184 e 185).

pital da Capitania, com 36 anos e natural da vila catarinense de Laguna. Disse que conhecia o justificante há mais de 12 anos, sempre nesta capital, o qual é irmão do Guarda Mor da Alfândega.

Percebemos que um dos itens reincidentes das três testemunhas é a referência ao irmão do noivo açoriano, Agostinho, que atuava como Guarda Mor da Alfândega de Porto Alegre, ao qual retornaremos em breve. Esse irmão deve ter sido um ótimo ponto de apoio para José Inácio, sendo que sua atuação como funcionário público servia como elemento de confiança e prestígio social.

Configura-se que a trajetória de José Inácio Lourenço tem como um de seus pontos fortes a passagem pela cidade do Rio de Janeiro, onde construiu laços afetivos e mercantis, que lhe garantiram acesso a redes comerciais que ele continuou manejando, mesmo quando instalado em Porto Alegre.

A noiva, Maria Máxima de Carvalho, nasceu em Porto Alegre, em 10.06.1796, sendo batizada na Igreja da Madre Deus local, em 24 de junho do mesmo ano. Era filha legítima de Tomás Pereira de Carvalho e Ana Maria de Jesus. Seu pai Tomás nasceu na Ilha de Santa Catarina e era filho de Agostinho Fernandes de Carvalho (natural da Vila de Coivalleria ou Cavalleria, arcebispado de Braga) e de Joana Pereira de Jesus (natural da vila de Cananéia, no litoral de São Paulo). A mãe de Maria Máxima, Ana Maria de Jesus era também natural da Vila de Cananéia e filha de Antônio Pereira do Couto (natural de São Miguel, maior ilha dos Açores) e Maria Francisca (natural da Vila de Cananéia).[5]

A trajetória diaspórica de José Inácio Lourenço se encerrou no verão de 1852, aos 9 dias do mês de fevereiro, na cidade de Porto Alegre, na avançada idade, para o período, de 72 anos.[6] A causa da morte foi hepato-entero-cistite e seu cadáver repousou na catacumba nº 80 da 2ª ordem, no cemitério da Santa Casa de Porto Alegre. Maria Máxima sobreviveu ao marido por dez anos, sendo vitimada pela apoplexia em 15 de março de 1862.[7] Foi ela que encaminhou ao Juiz de Órfãos de Porto Alegre um requerimento pedindo a abertura do inventário post-mortem de seu falecido esposo, no mesmo mês e ano em que ele faleceu.[8] Ela relatou que seu marido deixara *solene testamento* e "porque há herdeiro ausente em lugar não sabido, e uma menor de 21 anos, se faz necessário que se nomeie a estes um curador, que seja citado para representar aquele e acompanhar esta menor". Os filhos do casal eram:

5 O padrinho do batismo de Maria Máxima foi Agostinho Rodrigues da Silva e o padre que ministrou o sacramento foi o Vigário José Inácio dos Santos.

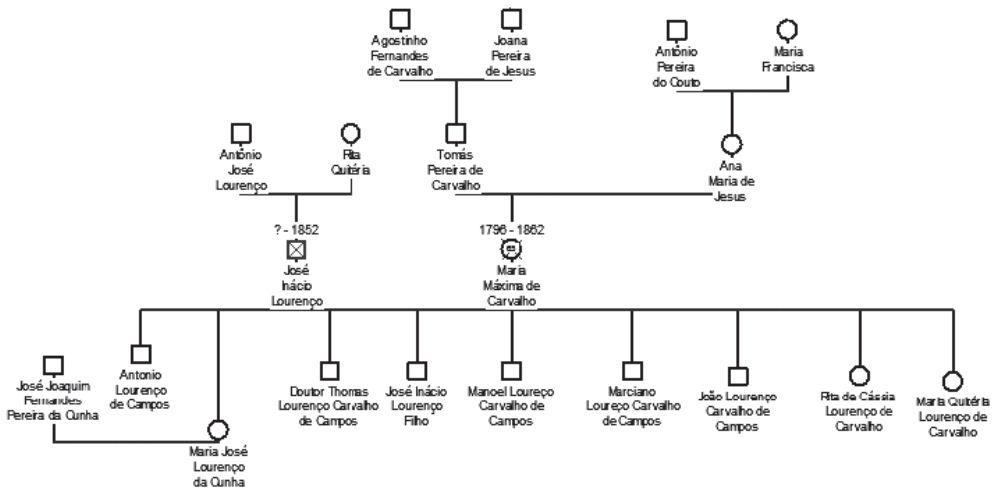
6 CHC-SCMPA. Livro nº 1 de Óbitos de Pessoas Livres da SCMPA, registro 1092.

7 CHC-SCMPA. Livro nº 5 de Óbitos de Livres da SCMPA. Maria Máxima Lourenço de Carvalho, branca, 64 anos, enterrada a 16.02.1862, na catacumba nº 31 da 3ª ordem (reg. 7630).

8 APERS. 2º Cartório de Órfãos de Porto Alegre, maço 5, processo nº 51. Inventariado: José Inácio Lourenço; Inventariante, Maria Máxima Lourenço de Carvalho, 1852.

1 – **Antônio Lourenço de Campos** – solteiro - ausente
2 – **Maria José Lourenço da Cunha** – casada com **José Joaquim Fernandes Pereira da Cunha** - presentes
3 – Doutor **Thomas Lourenço Carvalho de Campos** – solteiro - presente
4 – **José Inácio Lourenço Filho** – solteiro - presente
5 – **Manoel Lourenço Carvalho de Campos** – solteiro - presente
6 – **Marciano Lourenço Carvalho de Campos** – solteiro - presente
7 – **João Lourenço Carvalho de Campos** – solteiro - presente
8 – **Rita de Cássia Lourenço de Carvalho** – solteiro - presente
9 – **Maria Quitéria Lourenço de Carvalho** – idade 16 - solteiro – presente

Árvore genealógica da família de José Inácio Lourenço



Fonte: elaborada pelo autor.

O testamento do açoriano José Inácio Lourenço foi feito poucos meses antes de sua morte, em 17 de janeiro de 1852, certamente na expectativa que a sua doença não tivesse um bom desfecho. Ele estava doente, mas em seu perfeito juízo e claro entendimento, mas não escreveu ele mesmo as suas últimas vontades, mas delegou a redação ao tabelião Pedro Nolasco Pereira da Cunha. Ele repete os dados genealógicos, já dados na habilitação matrimonial, e acrescenta que do seu casamento com Maria Máxima existiam vivos os 9 filhos acima listados. Ele nomeia como seus testamenteiros sua mulher, o filho doutor Tomás e, por último, um outro filho, José Inácio. Pede que seu enterro seja feito "sem nenhuma pompa" e é parcimonioso com as missas que solicita, sendo apenas

cinco por alma de seu pai e o mesmo número para sua mãe, sogro e sogra e mais dez pela sua alma, "de esmola de costume". Quanto à sua terça, pede que metade fique com sua mulher e a outra parte para suas duas filhas ainda menores, Rita e Maria Quitéria.

Percebe-se neste texto com as últimas vontades de José Inácio Lourenço o apoio que ele e a esposa deram aos filhos, à medida que eles entravam no mundo adulto, procurando dotá-los de condições para cuidarem dos seus próprios sustentos. Ao filho Manoel deixou 100 mil réis, lembrando que ele devia 800 mil réis ao casal. A filha Maria recebera de dote de casamento "uma morada de casas cita na Rua de Bragança, nesta cidade, quase a sair ao Largo do Paraíso, e bem assim uma escrava crioula de nome Luiza, com uma cria pardinha de nome Francisca e um crioulinho de nome Augusto, filhos da mesma crioula, cujos valores deverão entrar em sua legítima na forma constantemente usada no Juízo de Órfãos, isto é com a metade por meu falecimento e a outra metade pelo falecimento de minha mulher". Do filho Doutor Tomás, o testamento informava que ele nada tinha a repor ao casal das despesas feitas com o curso de Medicina no Rio de Janeiro. O genro José Joaquim era devedor ao casal "dos aluguéis de uma casa de minha propriedade cita no Paraíso desta cidade, que nela rejeitou morar, recebendo os aluguéis da mesma, que deve repor". O mesmo genro também recebera "uma imagem do Senhor crucificado, guarnecida de prata". Já o filho Antônio Lourenço, que andava ausente, devia ao casal a quantia de 3 contos de réis.[9] José Inácio Lourenço nomeava e queria que sua esposa fosse tutora dos filhos do casal, "por reconhecer nela toda a capacidade e estar ao fato de todos os nossos negócios".

As residências dos Lourenço estavam muito bem supridas de móveis e objetos de prata, em número muito grande para que os citemos individualmente, mas destacam-se objetos em prata (castiçais, talheres) e muitos artefatos para a liturgia católica doméstica.

Quadro 1 – Bens dos Lourenço

Um oratório de jacarandá usado (12$)	Uma imagem do senhor com a prata (25$)
Nossa Srª das Dores, com a prata (25$)	Santo Antônio de madeira (6$)
São João, com a prata (10$)	Nossa Senhora da Madre de Deus (4$)
São José (4$)	Um presépio com vários bichos (6$)

Fonte: Testamento de José Inácio Lourenço.

9 O testador ainda deixou ao filho José Inácio a quantia de 200 mil réis em dinheiro e a uma menina órfã de nome Rita, de 4 anos de idade, "a qual existe em minha companhia", cem mil réis.

Os santos são todos listados juntos, e supondo que os avaliadores fossem relacionando e estipulando o preço dos objetos à medida que os fossem vendo na residência do casal, deveriam estar todos juntos no oratório de jacarandá usado, que se encontra mencionado antes das imagens santas. Essas avaliações são relativas ao estado e valor da estatuária religiosa, mas não consideravam o valor afetivo e devocional, que infelizmente não temos como estipular e quantificar. Os bens de raiz deste casal eram bem consistentes:[10]

Quadro 2 – Bens de raiz do inventário do açoriano José Inácio Lourenço (1852)

Descrição	Avaliação
1 morada de casas no Largo do Paraíso, 1 porta e 3 janelas	6:000$000
1 morada de casas no Paraíso,[10] com 3 portas na frente, um pouco enterradas e fora de alinhamento	2:800$000
1 terreno no Beco do Paraíso, com a frente ao sul, com 50 palmos pouco mais ou menos	1:000$000
1 terreno no mesmo Canto e Beco da Rua de Santa Catarina, canto da Rua de Santa Catarina, com um tellheiro velho, com 181 palmos, com a frente a Leste, e de fundos com 150 palmos	3:982$000
1 terreno no mesmo Beco do Paraíso, frente a rua de Santa Catarina, com a frente ao este, com 164 palmos de fundos para o beco, 167, mais ou menos	3:608$000
1 terreno na Rua da Praia, canto da do Senhor dos Passos¸ com a frente ao sul e fundos a entestar com uma casa, que já se acha feita, tendo na frente da Rua da Praia 113 palmos, pouco mais ou menos	2:825$000
1 terreno na Praça do Senhor dos Passos, em figura triangular	200$000
A casa da chácara de moradia do casal, casa de atafona, com suas pertenças, paiol e estrebaria	3:400$000
Pomar da mesma, tendo sido já [colhido]	300$000
As terras da mesma chacra, compreendendo lavouras, pomar e potreiros	4:000$000
A casa da chácara denominada dos Moinhos, com [olaria]	3:000$000
Pomar da mesma	120$000
As terras da mesma, compreendendo as do pomar, [...] e potreiro	120$000
Olaria com seu competente forno, casa do capataz e dos escravos	2:800$000
Potreiro da mesma chácara com frente para a estrada, compreendidos entre Landell e Dr. Vale, com 66 braças de fundo	2:600$000
Uma nesga de terras entre a estrada de Cima e a chácara de Rodrigo de Figueiredo Moreira	100$000

Fonte: Inventário de José Inácio Lourenço.

10 Em 1869, com a conclusão do novo Mercado e o encaminhamento do final da guerra do Paraguai, a denominação antiga de Praça do Paraíso foi substituída pela de Praça Conde d'Eu. A proclamação da República mandou para o exílio o marido da Princesa Isabel, passando o logradouro a chamar-se 15 de Novembro. Ali hoje encontra-se o Chalé da Praça 15 (FRANCO, 1983, p. 63).

Além destes bens existentes na cidade de Porto Alegre e seus arredores, dois avaliadores (João Álvares Ferraz d'Eilly e Patrício de Azambuja) examinaram a fazenda que aquele casal possuía no Passo do Rio dos Sinos. A fazenda do Rio dos Sinos era composta de campos e matos, currais, potreiro e horta (avaliados por 6 contos de réis), sendo a sede uma casa de sobrado com suas dependências (4 contos), mais as terras, arvoredo e rancho ("que foram de Chico-Torto, 600$) e a casa e arvoredo "que foi do Garcia" (100$).[11] Além de alguns móveis encontrados no sobrado (cadeiras, mesa de jacarandá, marquesas, cama de casal, etc.), os avaliadores encontraram um carretão com eixo de ferro (32$), uma carroça (40$)[12] e duas pedras de atafona (10$). Quanto aos animais ali existentes, os avaliadores encontraram 30 vacas mansas (360$), 20 bois mansos (240$), 180 reses de criar (1:304$), 38 éguas chucras (38$), 2 mulas chucras (16$), 3 potros muleiros (18$), 4 ditos capões (32$), 10 cavalos mansos (80$).

Do texto do testamento de José Inácio Lourenço transpira uma certa implicância dele com seu genro José Joaquim Fernandes Pereira da Cunha; afinal, atritos são normais em qualquer núcleo familiar. Aliás esses dissabores, mesmo quando não se estruturam como inimizades fidagais, podem trazer aos pesquisadores algumas informações valiosas.[13] O genro José Joaquim anexa alguns requerimentos rezingando sobre questões diversas do patrimônio de seus sogros. Num deles, ele reclamou justamente das depredações que estariam ocorrendo na Fazenda do Rio dos Sinos, pedindo que o Juiz de Órfãos notificasse a inventariante, insinuando que isso ocorreria com a sua autorização:

> [...] que constando [...] que aos matos da fazenda do Rio dos Sinos, se tem tirado agora e se continua a tirar lenhas, e madeiras, com quanta força se pode, sem se atender a destruição dos mesmos matos, bem como que se está vendendo gado da fazenda [...] seja notificada [a inventariante] para que não mande tirar, nem consinta jamais que se tirem lenhas ou madeiras dos referidos matos, bem como para que não venda, nem consinta que se venda, ou por qualquer modo se aliene gado pertencente ao casal e herança daquele finado, pois o suplicante quer que sua mulher seja aquinhoada na razão dos bens que ficaram e não na transformação que se fizer e protesta não consentir nesta e haver a indenização de qualquer dano que se lhe faça.

11 Anexo ao inventário existe um requerimento de Miguel Ferreira de Sampaio, reclamando de que entre os bens do falecido Lourenço foi listado "um sítio e terras citas no distrito do Rio dos Sinos" compradas ilegalmente da mãe do requerente, Dona Ursula Maria das Dores, "pois ao suplicante lhe coube em partilha que se procedeu por morte de seu pai Francisco José de Sampaio".

12 Em Porto Alegre foram listadas carroças, carretilhas e um carretão em bom uso, com eixo de ferro (40$).

13 A historiadora Andrea Reguera (2006) chama atenção dos "círculos de inimigos" dos indivíduos nos quais estamos interessados, sugerindo que eles sejam cuidadosamente observados.

A reclamação acima nos ajuda a entender que aquela fazenda vivia de múltiplas atividades, seja da pecuária, da extração de madeira, plantações, produção de farinha (CHRISTILINO, 2004; MOREIRA; MÜGGE & CARDOSO, 2019; PIRES, 2021). Aliás, descrita e avaliada entre os bens de Porto Alegre estava uma porção de madeiras aparelhadas ao valor de 80$000 réis. Voltaremos ao funcionamento desta fazenda, mas antes trataremos da escravaria que este açoriano possuía em meados do oitocentos.[141516]

Quadro 3 – Escravizados e escravizadas do inventário do açoriano José Inácio Lourenço (1852)

Nome	Origem	Profissão	Dados	Idade	Valor
1. Anastácio	Mina		Quebrado	80 anos	50$000
2. Cândido	Crioulo		Quebrado	30 anos	400$000
3. Cristóvão	Congo		Quebrado 2 vezes	50 anos	200$000
4. Domingos	Congo		Quebrado	50 anos	200$000
5. Duarte	Moçambique	Carpinteiro		46 anos	500$000
6. Fausta[14]	Crioula	Cozinheira		22 anos	650$000
7. Felipe	Congo	Pedreiro		36 anos	500$000
8. Felipe[15]	Congo	Roceiro		50 anos	300$000
9. Francisca			Parda	14 anos	300$000
10. Francisco	Moange		Doente de 1 braço	30 anos	300$000
11. Januário	Congo	Roceiro	Doente	50 anos	300$000
12. João	Congo			40 anos	500$000
13. Joaquina	Crioula			65 anos	100$000
14. José	Mina	Roceiro		80 anos	50$000
15. José França	Congo	Roceiro		40 anos	300$000
16. Laurindo		Sapateiro	Pardo	45 anos	400$000
17. Luciana[16]	Crioula	Costureira		23 anos	600$000
18. Luiza	Crioula	Cozinheira		34 anos	400$000
19. Manoel	Congo	Roceiro	Quebrado	45 anos	250$000
20. Maria	Conga	Quitandeira		50 anos	200$000

14 Fausta foi batizada em 11.05.1832 na Igreja da Madre de Deus, de Porto Alegre, nascida em 24.04.1831, do ventre africano da preta Cecília, apadrinhada por Lourenco Maria da Silva e Maria Tereza (AHCMPA. Livro 4 de Óbitos de Escravos da PNSMD, folhas 28).

15 O africano Felipe foi alforriado aos 60 anos de idade por sua senhora Maria Máxima Lourenco de Carvalho, em 03.08.1858, em razão dos bons serviços prestados e da avançada idade (APERS. 1° Tabelionato de Porto Alegre, Transmissões e Notas n° 16, folha 19v, 13/09/1858).

16 Esta Luciana amadrinhou Luiza, levando-a até a pia batismal em 24/06/1852, filha natural da nagô Joana, nascida em 30/03/1852. A mãe daquela criança era escravizada de Tristão José Monteiro e sua cria foi ainda apadrinhada pelo cativo Luiz (de Antônio de Azambuja Cidade Junior) (AHCMPA. Livro 1° de Batismos de Escravos da Paróquia de N. Sra. do Rosário, folha 165).

21. Miguel[17]	Congo	Roceiro	Quebrado	70 anos	50$000
22. Pascoal	Congo		Quebrado	50 anos	200$000
23. Paulo	Congo	Roceiro	Quebrado 2 vezes	40 anos	250$000
24. Simiana	Jinga			40 anos	400$000
25. Tomás	Crioulo		Cego	100 anos	Sem valor
26. Valentim	Angola		Quebrado	40 anos	300$000
27. Vicente	Congo	Roceiro		36 anos	400$000

Fonte: Inventário de José Inácio Lourenço.[17]

A escravaria de José Inácio Lourenço era respeitável, compreendendo um grupo de 27 indivíduos, distribuídos entre o espaço de Porto Alegre e a fazenda do Rio dos Sinos, sendo 7 mulheres (26%) e 20 homens (74%). É um grupo humano sem a presença de crianças, com a parda Francisca, de 14 anos, aparecendo como a mais jovem, e o crioulo Tomás (cego), descrito com 100 anos de idade. É uma escravaria bastante envelhecida, com 19 indivíduos com 40 anos ou mais de idade. Aquele coletivo era profundamente afro-diaspórico, com apenas 7 crioulos (muitos deles provavelmente fruto do ventre de mulheres africanas) e 20 africanos. Esse grupo afro-diaspórico pode sem dúvida ser considerado uma comunidade, pois esses homens e mulheres já estavam ladinizados e mesmo possuíam unidade étnico-cultural. Não era uma comunidade fechada, visto que alguns membros já se haviam alforriado e certamente as relações sociais desse grupo extrapolavam a senzala senhorial. Dezesseis eram oriundos da região Congo-Angola (sendo 13 congos, uma moange ou moianje, um angola e uma Jinga), um de Moçambique e 2 homens minas, da costa africana ocidental.

Como vários autores já afirmaram com plena razão, os inventários post-mortem são documentos imprescindíveis para a história social, mas apresentam quadros que gozam de certa fixidez (FRAGOSO, 2001; FARINATTI, 2008). A trajetória patrimonial, que comporta também ciclos biológicos e formações de laços familiares e de parentesco no que se refere à comunidade ali escravizada, aparece com pouca dinâmica. Ou seja, a escravaria do açoriano José Inácio Lourenço incluía muito mais seres humanos escravizados do que o quadro acima apresenta, e para isso o cruzamento com outros documentos é tática fecunda para a investigação.

17 No ano seguinte ao do inventário deste açoriano, em 1853, os congos Domingos e o preto velho Miguel ainda moravam nesta olaria dos Moinhos de Vento, onde deram couto a um escravizado fugido que acabou sendo suspeito de um roubo. Os envolvidos então foram em comitiva até a casa de outros dois africanos, o congo Sebastião Américo e a preta Catarina, onde foi feita a adivinhação da peneira para se descobrir a verdade (MOREIRA, 2016).

Quadro 4 – Óbitos de escravizados e escravizadas de José Inácio Lourenço

Data	Nome	Origem	Idade	Filiação	Causa morte
07.09.1815	Bento	Crioulo	1 mês	Não consta	Moléstia interior
01.11.1816	Maria	Angola	20 anos	Não consta	Moléstia interior
19.11.1816	Paulo	Angola	18 anos	Não consta	Repentinamente
16.02.1819	Maria	De nação	12 anos	Não consta	Moléstia interior
20.01.1831	Juliana	Crioula	1 anos	Cecília, Congo	Diarreia
07.11.1835	Simão	Crioulo	7 meses	Simeana (Cabinda)	Biliosa
04.07.1836	Gregório	África	60 anos		Moléstia interna
15.09.1837	Francisco	Benguela	100 anos		Moléstia interna
10.12.1837	Caetano	Moçambique	20 anos		Assassinado
07.08.1839	Luiz	Cabinda	30 anos		Moléstia interna
23.03.1841	Miguel	Crioulo	24 anos	Africana Cecília	Tifo

Fontes: AHCMPA. Livro 2, folhas 205, 226v, 227, 285; Livro 3, folhas 279; Livro 4 de Óbitos da Catedral, folhas 21, 34, 67, 79, 129; Livro 5, folha 32.

O quadro acima apresenta 11 óbitos de escravizados e escravizadas do açoriano de nosso interesse, sendo sete de africanos e 4 crioulos. Entre esses 4 crioulos, três morreram com até um ano de idade, sendo que dois deles eram frutos de ventres afro-diaspóricos. Aliás, o adulto Miguel, com 24 anos de idade, também era filho da africana Cecília, mulher negra a qual voltaremos em breve. Entre os sete africanos falecidos em degredo escravista, temos 4 da África Central (angolas, congo, cabinda e benguela), dois com descrição genérica de africanidade (de nação, da África) e um da África Oriental (Moçambique). Seja entre os indivíduos presos ao trabalho compulsório escravista descritos no inventário ou nos registros de óbito, percebemos a presença majoritária de africanos da região congo-angola, o que ressalta as relações e redes mercantis que esse açoriano mantinha com o Rio de Janeiro, local que, como sabemos, tinha contatos privilegiados com aquela região do continente africano (FLORENTINO, 1995 e 1997; FRAGOSO e FLORENTINO, 1993).

A Capitania, depois Província do Continente de São Pedro, não se nutria de escravos africanos e africanas escravizadas, na maioria dos casos, com acesso direto ao continente africano. Tratava-se de um território abastecido de mercadorias humanas através de outras praças mercantis, com acessos privilegiados a pontos da costa atlântica africana. Por vezes encontramos documentos que nos ajudam a visualizar as conexões dessas praças brasileiras atlânticas ao seu extremo mais meridional. Lembrando que o açoriano Lourenço tinha experiência de

andar *embarcado* e, portanto, conhecia pessoalmente vários destes indivíduos comerciantes-traficantes e suas casas comerciais, tanto aqui no continente meridional, como no Rio de Janeiro e mesmo Bahia.

No dia seguinte ao natal de 1844, José Inácio Lourenço providenciou o batismo católico de sete escravizados, todos homens, certamente recém-chegados, descritos genericamente como "todos de 25 a 30 anos de idade, pouco mais ou menos", apadrinhados por João Batista de Melo e amadrinhados por Josefina Maria de Araújo Catedral.[18] Cruzando os dados deste batismo de 26.12.1844 e do inventário de 1852, temos:

Quadro 5 – Dados de escravos de José Inácio Lourenço

Nome	Procedência				
	Batismo	Inventário	Profissão	Dados	Idade
Domingos	Congo	Congo		Quebrado	50 anos
Francisco	NC	Moange		Doente de 1 braço	30 anos
Januário	Congo	Congo	Roceiro	Doente	50 anos
Luiz	Congo				
Paulo	Congo	Congo	Roceiro	Quebrado 2 vezes	40 anos
Valentim	Angola	Angola		Quebrado	40 anos
Vicente	Congo	Congo	Roceiro		36 anos

Fonte: Batizados e Inventário de José Inácio Lourenço.

O cruzamento de fontes acima permite perceber que todos os batizados em 1844 eram provenientes da região Congo-Angola, e também o efeito que o trabalho escravizado fez no estado físico daqueles trabalhadores manuais, que em sua maioria estavam quebrados, doentes (BARBOSA, 2010; PIMENTA e GOMES, 2016). Apenas o Congo Luiz sumiu de nossas fontes, talvez falecido e registrado em outro município, ou vendido. Necessário lembrar que o tráfico transatlântico de africanos escravizados para o Brasil tinha sido proibido em 1831, portanto, a escravização desses sete homens africanos, além de imoral, era ilegal (RODRIGUES, 2000; MAMIGONIAN, 2017).

Sabemos que José Inácio Lourenço, em 1º de outubro de 1829, adquiriu de Francisco Pinto de Souza 8 *escravos novos*, ou seja, africanos escravizados recém chegados da diáspora transatlântica. Esse lote de trabalhadores custou 3 contos e 200 mil réis, quantia que seria paga ao vendedor em três parcelas, de 12, 18 e 24

18 AHCMPA. Livro 6 de Batismos de Escravos da PNSMD, folha 94.

meses. As duas primeiras parcelas foram pagas – 1:400 em 15.10.1831 e 1:000 réis em 02.01.1832 –, mas o açoriano Lourenço atrasou o ressarcimento dos 800 mil réis faltantes e acabou processado por Souza, em 1837.[19] Em função deste atraso é que temos a informação dessa participação de Lourenço na afro-diáspora transatlântica.

Francisco Pinto de Souza deveria ter uma boa casa comercial em Porto Alegre, pois localizamos vários processos nos quais ele acionava a Justiça para cobrar dívidas de clientes diversos, dando mostras de suas diversificadas atividades.[20]

Quadro 6 – Cobrança de dívidas de diversos clientes de Francisco Pinto de Souza

Nome do Devedor	Data	Razão da dívida
Francisco Antônio Sentena	1809	Devedor morador na Freguesia Nova – 123$060 réis de empréstimo em dinheiro (POA, 22.12.1808) e também a compra de 2 côvados de pelúcia preta a 1$600 cada.
Francisco Xavier Alvares	1811	Devedor morador na Freguesia Nova – 266$600 réis da compra de fazendas (POA, 31.07.1810)
Francisco Xavier Alvares	1811	Dívida de empréstimo em dinheiro. Diz que conseguiu sentença contra o seu devedor, o qual sabe que está escondido, vendendo "fantasticamente" uma porção de trigo e ocultando os seus bens.
José Pinto de Souza	1812	560$ réis da compra de fazendas (POA, 10.10.1811).
Francisco Antônio Calvet	1816	200$ réis que pediu a remessa para o RJ, a entregar a seu irmão João Antônio Calvet – "obrigando-se a pagar ao Suplicante logo que tivesse notícia de lá os ter recebido o seu irmão"; quantia mandada pelo *correspondente* do suplicante no Rio, Antônio Francisco Leite.
Domingos da Silva Paranhos	1818	251$933 réis que mandou dar, a ordem do réu, na cidade da Bahia.
Manoel Freire de Castro	1818	149$920 réis / compra de fazendas (POA, 04.06.1818).
Jose Francisco Gonçalves e sua mulher	1849	Venda de uma propriedade de casas na rua da Ponte, em frente à Praça do Palácio – sete contos de réis, "parte a vista, parte a pagamentos" – restam duas letras de 800$ cada.[20]

Fonte: elaborado pelo autor.

Francisco Pinto de Souza desposou Bernardina Eufrásia de Miranda aos 26 dias do mês de julho do ano de 1819, na Igreja Matriz da Madre de Deus, em Porto Ale-

19 APERS. 1° Cartório do Civil de Porto Alegre, Execução n° 1665, executado: Jose Ignacio Lourenço, Executante: Francisco Pinto de Souza, 1837.

20 Fonte: APERS. Juízo de Fora do Geral de Porto Alegre, Assinação de Dez Dias n° 4402, 1809; Juízo de Fora do Geral de Porto Alegre, Assinação de Dez Dias n° 4435, 1811; Juízo de Fora do Geral, Ação de Assinação de Dez Dias n° 4768, 1812; Juízo de Fora do Geral, Ação de Assinação de Dez Dias n° 4818, 1816; Juízo de Fora do Geral, Ação de Crédito para Assinação de Dez Dias n° 4842, 1818; Juízo de Direito do Civil de Porto Alegre, Assinação de dez dias n° 4751, 1849; 1° Cartório do Civil de Porto Alegre, Assinação de dez dias n° 4500, 1818; Juízo de Direito do Civil de Porto Alegre, Ação Execução n° 1356, 1811.

gre, pelas 4 horas da tarde, recebendo as bençãos do vigário geral Antônio Vieira da Soledade. Francisco nasceu e foi batizado na freguesia de Ancede, Bispado do Porto, em Portugal, filho legítimo de Luiz Pinto de Souza e Ana Luiza de Azevedo. Sua noiva Bernardina era natural e batizada nesta freguesia da Madre de Deus, filha legítima de Lourenço Antônio Pinto de Miranda e Vicência Eufrásia de Miranda.[21]

Nestes requerimentos de cobranças de dívidas, Francisco Pinto de Souza se apresenta como comerciante/negociante e proprietário instalado em Porto Alegre, e ao reivindicar os direitos que julgava ter, nos transmite as atividades em que estava envolvido. Percebemos que os seus lucros vinham de atividades plurais, como transferências de recursos do Brasil meridional para praças comerciais como Rio de Janeiro e Salvador (usando os seus *correspondentes*, contatos que tinha nessas praças, provavelmente comerciantes como ele), empréstimos a dinheiro, vendas de tecidos (além de outras mercadorias), comércio escravista. O seu inventário foi aberto em 1866 pela viúva Bernardina Eufrásia de Miranda e seu monte-mor de mais de 70 contos de réis abrangia móveis, imóveis (sendo o mais caro um sobrado na Rua dos Andradas, no centro de Porto Alegre) e doze cativos (sendo 4 homens africanos).[22]

No desenrolar do inventário de José Inácio Lourenço, em 1852, outros dois tópicos foram levados a discussão pelo genro José Joaquim Pereira da Cunha e sua esposa Maria José Lourença da Cunha, ambos envolvendo cativos daquela família senhorial. No primeiro requerimento, o genro implicava a respeito da crioula Luiza, que aparece como cozinheira na lista de 1852, recebida por ele como dote de casamento. Segundo ele, dias antes da morte de Lourenço, Luiza fugira buscando refúgio na casa daquele açoriano, conservando-se ali:

> [...] por muitos dias, dando-lhe ali asilo a sogra [...] D. Maria Máxima, e negando-se obstinadamente a entregá-la [...] que por intermédio de seu advogado, com a maior prudência e respeito, exigiu da inventariante a entrega da dita escrava, e ultimamente mandou a inventariante verbalmente dizer ao advogado do suplicante, que a dita escrava havia fugido da casa dela, e como a inventariante pelo mau procedimento que teve dando coito a escrava, e concorrendo para sua desobediência [...] e também facilitando-lhe assim a fuga, se torna responsável por esta, e deve dar [...] conta da escrava, restituindo-a, bem como indenizando-o do jornal correspondente ao serviço da escrava [...].

No testamento de Lourenço consta que o dote dado ao casal José Joaquim Pereira da Cunha e sua esposa Maria José era composto de Luiza e dois de seus

21 AHCMPA. Livro 3º de Casamentos da PNSMD, folha 18v.
22 APERS. 1ª Vara Civil e Crime de Porto Alegre, Caixa 004.0020, inventário nº 333, 1866.

filhos, a *pardinha* Francisca e um *crioulinho* chamado Augusto, os quais não são mencionados nesta troca de farpas entre o genro e a sua sogra. Não sabemos se a questão da maternidade estava também em jogo nessa escolha da senhora a quem servir, mas percebemos que as cativas e cativos também personalizavam seus afetos com relação à família senhorial.

Alguns meses depois, outro requerimento foi mandado pelo mesmo genro enfurecido com sua sogra. Ele contou ao Juiz de Órfãos que, aos 21 dias do mês de junho daquele ano de 1852, chegaram à sua casa os escravizados Pascoal, Francisco, João, Cândido e Valentim, todos eles listados no inventário do defunto açoriano,

> [...] os quais se achavam na fazenda do mesmo casal, sita no Rio dos Sinos, de onde se haviam retirado receosos de bárbaros castigos do capataz, que ali se acha fulano Bitancourt, que até quis sobre eles disparar armas de fogo, segundo dizem, e querendo [...] logo que eles lhe apareceram, enviá-los à inventariante sua sogra [...] os escravos a isso se recusaram, temendo serem de novo enviados ao capataz, que sobre eles exerceria a sua vingança. Na ausência de V. Sa. comunicou [...] o ocorrido ao Ilmo. Sr. Chefe de Polícia e subdelegado do 2º distrito, e agora constando [...] que a autoridade retornou, pede que resulta a questão, depositando os escravos evitando que voltem ao poder do capataz.

Em 13 de julho de 1852, os 5 escravizados foram depositados junto ao herdeiro Lourenço da Cunha, mas se percebermos na lista do inventário, justamente estes constam como doentes (com a exceção do congo João), lesões laborais provenientes das tarefas na fazenda, mas também dos maus tratos do capataz. O africano Pascoal, descrito com 50 anos e *quebrado* pelos peritos avaliadores, finalmente conseguiu a sua liberdade em 21.12.1853, pagando a quantia pelo qual foi avaliado, de 200 mil réis. A inventariante passou a carta de alforria dizendo que assim agia por ter sido *ordenado* pelo Juiz de Órfãos, e Pascoal ali naquele documento de liberdade aparecia com 70 anos de idade![23] A ordem do juiz deve ser decorrente do costume que havia de os escravizados poderem reivindicar a liberdade, caso tivessem em mãos as quantias de suas avaliações (costume que se tornaria lei em 28 de setembro de 1871).[24]

Apesar da avultada escravaria possuída por este açoriano escravista, percebemos que a *conceção* de alforrias não ocupava uma parte considerável de suas políticas senhoriais. Uma exceção foi a congo Cecília, a qual aparece em várias atuações sociais. Em 11.05.1832 ela batizou sua filha Fausta, nascida em 24.04

23 APERS. 1º Tabelionato de Porto Alegre. Registros Gerais nº 16, folha 97v, 09.07.1859.
24 Sobre a lei de 1871, ver: CHALHOUB, 1990; sobre costumes e leis: THOMPSON, 1997 e 1998.

do ano anterior, a qual vingou e na lista de 1852 aparece como cozinheira.[25] Mesma sorte não tiveram dois de seus filhos, Juliana e Miguel, arrolados no quadro de óbitos apresentado anteriormente. Em 21.04.1833, acompanhada do escravizado Joaquim (de João José Maria), ela amadrinhou a crioula Maria, filha de uma sua parceira de diáspora transatlântica, a moçambique Mariana.[26] Mesmo tendo a trajetória da congo Cecília uma dimensão diaspórica, sua vida não pode ser descrita pela anomia social, já que ela entreteve variados laços. Pelo menos uma de suas filhas – Fausta – ela pode acompanhar por vários anos, o que não nos permite concluir que ela viveu plenamente a sua maternidade, já que havia o jugo e o sempre potencial abuso e desmando senhorial.

Esta potente mulher negra, que não sabemos quantos anos viveu e sobreviveu em cativeiro afro-diaspórico, só conseguiu readquirir a sua liberdade natural em 26 de abril de 1840, quando os canhões da guerra civil Farroupilha troavam nos ares. Seu senhor José Inácio Lourenço verteu no papel uma espécie de justificativa e agradecimento, dizendo que ela merecia "muita consideração pelos benefícios que me tem prestado, ajudando-me a criar os meus filhos e por me haver solicitado a sua liberdade, dando-me a quantia" de 450 mil réis.[27] Sabemos dos riscos que corremos em fazer tal cálculo, mas procurando dar uma ideia do que valia aquela quantia despendida pela africana congo Cecília, provavelmente ajudada pelos seus coletivos familiares, étnicos, etc. que a ajudaram a economizar estes recursos, vejamos alguns bens do inventário de 1852. Doze anos depois daquela alforria, o preço pago pela liberdade por Cecília era equivalente a 38 vacas ou 56 cavalos mansos. Em vez de receber algum tipo de reparação por lhe roubarem seus filhos e filhas e se apropriarem de seu trabalho, cuidando da família senhorial, garantindo a sobrevivência dos filhos daquele núcleo que a escravizava, Cecília tinha que indenizar seus algozes com o valor necessário para que eles adquirissem outra cativa, não ficando desamparados do trabalho compulsório.[28]

O mano Agostinho José Lourenço

Como vimos anteriormente, o açoriano José Inácio tinha um irmão que também se instalou em Porto Alegre e que chegou nesta Capitania provavelmente anos antes, sendo certamente uma das fontes das informações que guiaram o

25 Foram padrinhos: Lourenco Maria da Silva e Maria Tereza (AHCMPA. Livro 4 de Óbitos de Escravos da PNSMD, folha 28).
26 AHCMPA. Livro 4 de Óbitos de Escravos da PNSMD, folha 60).
27 APERS. 1º Tabelionato de Porto Alegre. Registros Diversos nº 11, folha 168, 04.12.1841.
28 Outra que teve a *sorte* de ser alforriada pelo mesmo senhor açoriano foi a também congo Joana, de 24 anos de idade, que pagou 650 mil réis pela sua liberdade, "em atenção ao bem que me tem servido" (APERS. 1º Tabelionato de Porto Alegre, Transmissões e Notas nº 63, 145v, 29.05.48 – 13.08.53).

seu deslocamento. Como veremos, Agostinho José Lourenço foi recrutado pela coroa portuguesa como funcionário, atuando junto à alfândega, em Porto Alegre, o que indica que ele certamente gozava de uma boa cultura escrita e as relações sociais necessárias. Agostinho foi provisionado, em 12.09.1805, para ocupar o ofício de Guarda-mor da Alfândega da Capitania em Porto Alegre, "a que anda anexo o de Feitor da Marinha". No ano seguinte, nova Provisão, de 09.09.1806, o autorizou a continuar na serventia do mesmo ofício, por "tempo de um ano". Nos anos seguintes, por provisões de 14.09.1807 e 03.10.1809, ele foi autorizado a persistir neste ofício por períodos sempre de um ano de duração, estando anexo o cargo de Guarda Marinha. Em 07.08.1810 encontramos o registro de um Alvará pelo qual Sua Alteza Real confirma Agostinho José Lourenço "na serventia vitalícia do ofício de Guarda-mor da Alfândega" de Porto Alegre, sendo que em 25.06.1822 se manda dar-lhe os ordenados relativos a este cargo.[29]

O mano Agostinho casou duas vezes, primeiro com Ana Rosa da Conceição e, falecida esta, com Iria Francisca da Silva. A primeira era também lusitana e a segunda nasceu em Viamão, localidade fronteira a de Porto Alegre. Aos seis dias de setembro de 1815 faleceu de *consumpção,*[30] em Porto Alegre, recebendo "todos os sacramentos". Ana Rosa da Conceição, casada nesta mesma vila com o Guarda Mor Agostinho, era filha legítima de Manoel Inácio Rodrigues e Catarina Rosa da Conceição. Ana Rosa nascera em Lisboa, Portugal, e tinha trinta anos de idade, pouco mais ou menos, e o registro eclesiástico de seu passamento informava ainda que ela havia deixado um testamento com as suas últimas vontades.[31]

A lisboeta Ana Rosa da Conceição estava na casa de sua morada, na Praça do Palácio, centro da capital da capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, quando ditou o seu "instrumento de testamento e última vontade", em 7 de fevereiro de 1814, poucos meses antes de morrer. Ela deixou registrado que estava "bastantemente enferma" e que seria cristã "até exalar o último bocejo da vida". Ela era casada legalmente com Agostinho, com quem tinha três filhos homens: Joaquim, Agostinho e José.[32] Ao indicar as três pessoas que deveriam

29 AHRS. Fundo Fazenda, códices F-1250 (folhas 156, 156v, 157, 200v, 201, 267v, 268, 268v), F-1251 (folhas 182, 183, 184, 336), F-1252 (307v, 308). ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL, 1995.

30 Consumpção é uma destas *causas morte* indefinidas, que dialogam principalmente com sintomas comuns a várias doenças. Segundo o dicionário médico do Doutor Langaard: "Consiste este fenômeno na diminuição lenta das forças e carnes do doente; acompanha quase todas as moléstias crônicas, principalmente as diferentes moléstias do peito, tidas como tísica, laringite e bronquite crônica, moléstias do coração, ou muitas outras afecções antigas". (LANGGAARD, 1872, p. 520). Sobre saúde e doenças, ver: OLIVEIRA, 2018; SCOTT, 2020; FLORENTINO, 1997; PETIZ, 2007; SOUSA, 2003; ALBERTON, 2018; BRIZOLA, 2014.

31 AHCMPA. Livro 3º de Óbitos da PNSMD, folha 44v. Na margem do registro de óbito está anotado que fora expedida uma certidão em 26 de abril de 1817.

32 APERS. 1º Cartório de Órfãos de Porto Alegre, inventário nº 543. Inventariante: Agostinho José Lourenço; inventariada: Anna Rosa da Conceição, 1816.

gerenciar suas últimas vontades e a distribuição de seus bens, Ana Rosa aponta como primeiro testamenteiro seu marido, em segundo justamente o cunhado José Inácio Lourenço e, por último, seu pai Manoel Inácio Rodrigues. Quanto ao enterro, roga que seu corpo fosse amortalhado com as vestes de Nossa Senhora das Dores e sepultado na Igreja desta freguesia.[33]

O monte-mor dos bens do casal – 3:635$280 réis – apresenta um patrimônio médio, baseado majoritariamente em um único bem de raiz e sete escravizados, além de uns poucos móveis (mesas, baús, cadeiras, armário). A família do açoriano Agostinho e da lisboeta Ana Rosa devia sobreviver de seus soldos de funcionário público e da exploração do trabalho de alguns escravizados e escravizadas nos serviços de ganho ou aluguel. A casa de moradia, que ficava de frente para a Praça do Palácio, atual Deodoro da Fonseca, centro administrativo municipal, tinha 3 janelas e uma porta e foi avaliada em 2 contos e 400 mil réis, possuindo um terreno imediato à casa (100$), compondo 68% do total patrimonial do casal. O elevado investimento nesse imóvel se justifica por ser localizado próximo aos principais núcleos do poder paroquial, o palácio, a Casa da Câmara, a Igreja Matriz, proximidade benéfica para um funcionário público, que dependia dos humores governamentais para sua estabilidade profissional. Como dissemos, o casal tinha uma média escravaria, composta de sete indivíduos.

Quadro 7 – Escravizad@s do inventário de Ana Rosa da Conceição (1816)

Nomes	Dados	Avaliação
Inácio	Pardo	140$
José	Crioulo	150$
Joaquim	Mina	80$
José	Banguela	140$
Paulo	Angola	140$
Senhorinha	Parda	130$
Dionísia	Banguela	100$

APERS. 1° Cartório de Órfãos de Porto Alegre, inventário n° 543. Inventariante: Agostinho José Lourenço; inventariada: Anna Rosa da Conceição, 1816.

A escravaria acima dialoga com o que já se sabe sobre a pujante sociedade escravista que vicejava no extremo meridional da América portuguesa. Era uma sociedade suprida de trabalhadores e trabalhadoras que escoavam pelas vias

33 Sobre as irmandades no Rio Grande do Sul, ver: TAVARES, 2007; PACHECO; MOREIRA e HAACK, 2020; KUHN, 2010; MEIRELLES, 2021; NASCIMENTO, 2006; GRIGIO, 2016.

comerciais que ligavam as elites meridionais com seus parceiros mercantis de praças, como as do Rio de Janeiro, Salvador e Recife (BERUTE, 2006; FLORENTINO, 1997; FRAGOSO, 1998 e 1993; PETIZ, 2009; MATHEUS, 2021; FARINATTI, 2007). Se considerarmos, sujeitos a erro, que os pardos Inácio e Senhorinha fossem nascidos no Brasil, como o crioulo José, então teríamos uma escravaria com 57% de africanos, sendo um do litoral atlântico ocidental (mina) e o restante da região Congo-Angola (dois banguelas e um angola). Podemos ainda adensar a posse escrava de Agostinho José Lourenço, acessando os dados eclesiásticos relativos aos óbitos de cativos pertencentes ao seu casal:

Quadro 8 – Óbitos de escravizad@s do Guarda-mor Agostinho José Lourenço

Data	Nome	Origem	Dados	Filiação	Causa morte
05.10.1808	Manoel	Crioulo	Recém nascido	Não consta	Não consta
26.11.1812	Domingos	Crioula	13 meses	Não consta	Febre
04.12.1812	Felicidade	Crioula	3 meses	Não consta	Moléstia da Cabeça
13.11.1813	Miguel		12 anos, cor negra	Não consta	Febre
28.01.1815	João		16 anos, cor negra	Não consta	Diarreia
02.02.1815	Francisco	Crioulo	1 ano	Não consta	Febre
04.12.1818	Israel	Crioulo	2 meses	Maria (Congo)	Moléstia interna
19.11.1820	Rita	Crioula	1 mês	Senhorinha (parda)	Não consta
21.09.1825	Cândido	Crioulo	2 anos	Senhorinha (parda)	Moléstia interna
03.03.1828	Martinho	Moçambique	Cor preta	Não consta	Constipação

Fontes: AHCMPA. Óbitos de Escravos da Paróquia de NSMD de Porto Alegre, livro 2 (folhas 119v, 169v, 180v, 197, 279) e livro 3 (folhas 31v, 121v, 186v).

Como já dissemos anteriormente, após enviuvar de Ana Rosa da Conceição, o Guarda-mor Agostinho José dos Santos desposou, em segundas núpcias, Iria Francisca da Silva. Isso ocorreu às três horas da tarde do mês de abril de 1817, na Igreja Matriz da Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre, "depois de feitas as diligências de estilo e dispensados legitimamente do impedimento

espiritual da segunda espécie".[34] Agostinho era apenas descrito como viúvo e sua esposa como filha legítima de Domingos Martins Pereira e Ana Francisca da Silva, natural e batizada na Matriz de Viamão, "deste Bispado e Capitania".

Não encontramos o óbito de Agostinho, mas a sua viúva Iria Francisca da Silva oficiou em 1835 ao Juiz de Direito e Provedor interino, pedindo para "dar contas do testamento" do seu finado marido "para desonerar-se do encargo de testamenteira".[35] Na verdade, nesse documento custodiado pelo APERS, não temos o inventário post-mortem de Agostinho, mas o seu testamento, não constando o arrolamento e avaliação dos seus bens. Supomos que o açoriano Agostinho estava em seu sobrado, na Praça do Palácio, quando ditou suas últimas vontades ao Bacharel Manoel Gomes Coelho do Vale. Isso ocorreu no inverno de 1831, aos 13 dias do mês de julho, e Agostinho recorreu ao bacharel por não conseguir escrever e nem assinar, "em razão do grande tremor de mãos" e que estava "de cama por causa de uma inflamação no pé esquerdo".

Nas linhas iniciais de seu testamento, Agostinho legou-nos uma pequena autobiografia, deixando alguns vestígios de sua diáspora transatlântica. Relatou ser natural da ilha de Santa Maria, "uma das dos Açores", filho legítimo de Antônio José Lourenço e Rita Quitéria, "já falecidos". Casara com a já falecida Ana Rosa da Conceição e esse casal teve 5 filhos – Joaquim, Agostinho, José, Antônio e Lourenço. Casou em segundas núpcias com Iria, sem filhos "até agora". Agostinho aponta como seus testamenteiros, em primeiro lugar, sua segunda esposa, em segundo a José Fernandes da Silva e em terceiro a seu filho Agostinho José Lourenço.

Agostinho assumiu que pertencia à Irmandade das Dores, com cujo hábito queria que seu cadáver fosse amortalhado e o enterro feito a arbítrio de sua esposa, sendo rezadas as 50 missas "da esmola do costume", sendo 25 por sua alma e o restante pela de sua falecida esposa, seus pais e dos parentes falecidos. Ele avisa que já havia feito inventário, quando sua primeira esposa faleceu e que os seus filhos Joaquim e Agostinho "estão pagos e inteirados de suas legítimas e do mais", que José recebeu apenas 400 mil réis e Antônio e Lourenço nada receberam ainda. Ele deixou aos filhos Antônio e Lourenço, de sua terça, 200 mil réis a cada um, por nada terem recebido até agora e por não terem sido "contemplados no testamento de sua falecida mãe, por estarem no ventre quando ela fez". Deixou ainda 100 mil réis para a afilhada Joaquina, filha do compadre Joaquim

34 AHCMPA. Livro 2º de Matrimônios da PNSMD, folha 136. Constam as assinaturas do padre Antônio Vieira da Soledade e de Manoel José de Freitas Travassos, que provavelmente atuou como testemunha/padrinho.

35 APERS. Cartório da Provedoria de Porto Alegre, auto nº 1056. Testador: Agostinho José Lourenço; Testador: Anna Rosa da Conceição, 1835.

Francisco da Silva, "pelo amor que lhe tenho em razão de ter sido criada e educada em minha casa e companhia", e a mesma quantia para seu neto Agostinho, filho do filho homônimo. Dos remanescentes da herança, 50% ficará para seus filhos e a outra metade para sua segunda esposa, "em sinal da amizade que lhe tenho e do trabalho que ela tem comigo".

Não sabemos quantos escravizados o casal, naquele momento gerenciava, mas o testamento de Agostinho faz menção a um acerto de contas com a africana preta da costa da mina Maria, a qual se servisse bem a sua senhora como tinha servido até aquele momento, com a morte desta seria "forra e liberta", sendo metade de seu valor descontada da sua terça e "a outra metade aquinhoada à meação de minha mulher". A diligente Maria não quis continuar servindo à sua senhora e contar com a boa vontade senhorial, e propôs pagar a metade da sua avaliação no inventário, o que foi aceito. Ela desembolsou 175 mil réis à sua senhora Iria e obteve a sua carta de alforria, redigida em 5 de agosto e registrada em cartório em 20 de novembro daquele ano de 1835.[36]

Aos 90 anos de idade, faleceu em Porto Alegre, em 26 de junho de 1868, a viúva Iria Francisca da Silva, descrita como branca e natural desta província, sendo a causa da morte apontada como hipertrofia do coração. Ela foi sepultada em uma catacumba da Irmandade de São Miguel e Almas. Seu inventário foi feito alguns anos antes, em 28 de novembro de 1862 e as pessoas que ela identifica em seu testamento mostram que ela era cuidada, na velhice, por uma escravizada, pelos enteados Lourenço Maria da Silva e Antônio José Lourenço, e pela sobrinha Ana Esméria Lourença da Silva. Ela pede um enterro sem pompa alguma, duas missas pela alma de seu falecido marido, duas pela sua alma e igual número pelas almas do purgatório, "todas de esmolas de costume".

Iria naquele momento da vida tinha apenas dois bens: a escravizada Eva, de 54 anos de idade, e um lance de casas na Praça da Igreja Catedral de Porto Alegre, que ela dividia com o enteado Lourenço (e para quem ela deixa o usufruto). Para a cinquentenária Eva, ela lega uma alforria condicional, devendo ainda trabalhar 4 anos para os dois enteados e a sobrinha, citados anteriormente. A testamenteira e sobrinha Ana Esméria cumpriu estritamente as últimas vontades de sua tia, fazendo a já idosa Eva trabalhar ainda quatro anos para aquela família escravista. Eva recebeu a carta de alforria somente em 3 de agosto de 1872, portanto, aos 58 anos de idade.[37]

36 APERS. 2º Tabelionato de Porto Alegre. Livro 15 de Transmissões e Notas, folha 7. O documento de liberdade foi assinado por Iria e teve como testemunha Antônio José Lourenço.

37 CHC/SCMPA. Livro nº 7 de Óbitos de Pessoas Livres da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, registro 12422; APERS. Cartório da Provedoria de Porto Alegre, inventário nº 377. Inventariados: Iria Francisca da Silva e Lourenço Antônio Maria; inventariante: Ana Esméria Lourenço da Silva. APERS. 1º Tabelionato de Porto Alegre, Livro 21 de Registros Gerais, 06/08/72, folha 173.

Um último detalhe das vicissitudes biográficas desta família luso-açoriano-brasileira nos mostra como os seus fogos constituíam desiguais núcleos pluriétnicos. A historiadora Denize Freitas localizou o batismo, em Porto Alegre, em 6 de novembro de 1821, de Rita, filha natural da guarani Tereza, "agregada a Agostinho Jose Lourenço e cujo padrinho é Joze Lourenço, filho do dito" (FREITAS, 2017, p. 317). Segundo essa historiadora "A administração de índios já estava proibida pela legislação pombalina no século XVIII, entretanto ainda se fazia presente tal prática. Márcia Amantino percebe o 'índio administrado' como uma quarta condição social, ainda que a legislação portuguesa só reconhecesse os três tipos de categorias. Percebe-se que, em diferentes momentos, a população colonial desenvolveu, para se beneficiar da utilização da mão de obra indígena, uma outra categoria para se referir a um grupo específico de índios que estavam sob sua administração."[38]

Da Cidade de Angra, Freguesia de Santa Bárbara, da Ilha Terceira: Manoel Gonçalves de Carvalho

Às cinco horas da tarde do dia 15 do mês de setembro de 1817, na Igreja da Madre de Deus de Porto Alegre, receberam o sacramento do matrimônio os noivos Manoel Gonçalves de Carvalho e Luzia Joaquina de Jesus. A noiva era filha legítima de Antônio Leal Pimentel e Francisca Maria de Jesus, e provavelmente nunca tinha saído daquela cidade, já que era natural e batizada naquela mesma freguesia. Já o noivo atravessara o Atlântico, tendo nascido e recebido os santos óleos do batismo na freguesia de Santa Bárbara, da cidade de Angra, na ilha Terceira dos Açores. Era filho legítimo de Francisco Gonçalves e Josefa Mariana.[39]

Visando obter a autorização eclesiástica para o seu casamento, Manoel Gonçalves requereu a sua habilitação matrimonial, dando seus dados pessoais e acrescentando que saíra da cidade de Angra de menor idade, com cerca de 17 anos, indo para o Rio de Janeiro, onde permaneceu quatro para cinco anos e depois rumou para o Brasil meridional, instalando-se em Porto Alegre, "onde tem sido a sua verdadeira residência".

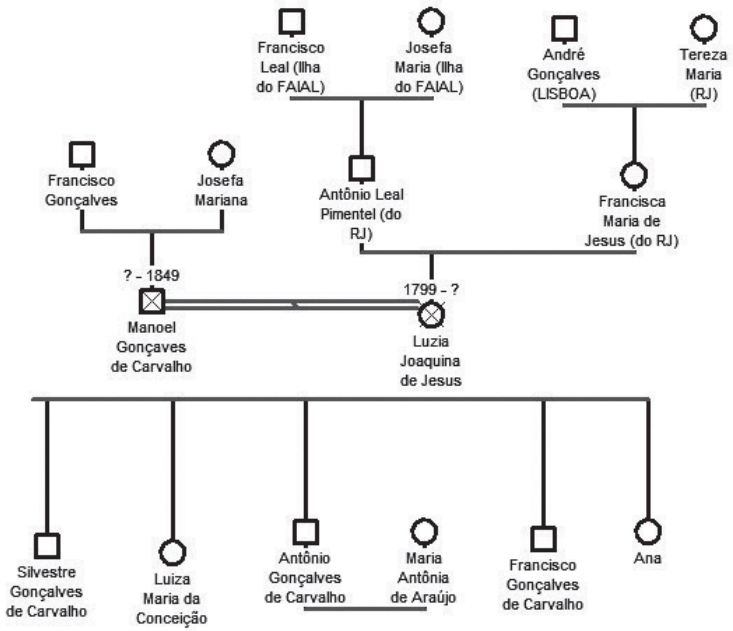
Como era praxe, o noivo indicou três homens, todos brancos, como testemunhas, que o conheciam há largos anos e podiam, assim, comprovar as suas alegações. O primeiro a depor foi o negociante de molhados, por atacado e varejo, Antônio Martins de Oliveira, solteiro, morador de Porto Alegre, com 37 anos de idade. Esse negociante também passara pela mesma diáspora do noivo Manoel

38 Ver: AMANTINO, 2014, p. 108.

39 AHCMPA. Habilitações matrimoniais, ano 1817, nº 132, caixa 1267. Noivo: Manuel Gonçalves de Carvalho, noiva: Luiza Joaquina de Jesus. Livro nº 2 de Casamentos da PNSMD, folha 14.

Gonçalves, sendo natural da ilha de São Miguel. Antônio Martins testemunhou que conhecia o noivo, o qual ele sabia ser "filho da ilha Terceira", de onde saiu para o Rio de Janeiro, com 16 para 18 anos, e de lá para esta vila. O segundo depoente chamava-se José Cardoso Velho. Era também solteiro, morava em Porto Alegre, vivia de seu negócio e tinha 34 anos. José Velho confirmou tudo o que foi alegado pelo noivo, pois era também natural da cidade de Angra, sendo vizinho do mesmo em sua *Pátria*. O último a depor foi José Francisco da Silva, casado, morador na mesma vila que os demais, com 34 anos de idade, que vivia de seu negócio e era natural do Bispado de Viseu, região central de Portugal continental. José confirmou as alegações do noivo, acrescentando que o conhecera no Rio de Janeiro.

Árvore genealógica da família de Manoel Gonçalves de Carvalho



Fonte: elaborada pelo autor.

A noiva e sua família tiveram que enfrentar bem menos burocracia, já que ela fora batizada na mesma Igreja em que estava desposando aquele açoriano, em 07.02.1799, tendo nascido em Porto Alegre em 30 de janeiro do mesmo ano. Era filha legítima de Antônio Leal Pimentel e Francisca Maria de Jesus, sendo seus pais naturais do Rio de Janeiro. Sua lusitanidade, entretanto, aparecia nos avós. Pela parte paterna, era neta de Francisco Leal e Josefa Maria, ambos natu-

rais da ilha do Faial. Pelo ramo materno era neta do lisboeta André Gonçalves e Tereza Maria, do Rio de Janeiro. Foram padrinhos no batismo de Luiza Joaquina, o alferes Domingos de Almeida Lemos e sua mulher Dona Luiza Joaquina da Silveira, sendo o nome daquela inocente uma homenagem à sua madrinha.

Manoel Gonçalves de Carvalho faleceu em 07.06.1849, em Porto Alegre, de hidropisia.[40] Praticamente dois anos antes, em 06.07.1847, ele ditou suas últimas vontades para Joaquim Teixeira do Vale, dizendo estar em seu perfeito juízo e claro entendimento, porém "adoentado há anos".[41] Ele nasceu, como já dissemos, em Angra, na ilha Terceira do arquipélago dos Açores, filho legítimo de Francisco Gonçalves Molles e Josefa Mariana, ambos já falecidos, na ocasião. Era casado com Dona Luiza Joaquina de Jesus, com quem teve 5 filhos, sendo "três machos e duas fêmeas".[42] Ele pedia para ser conduzido à Igreja em um esquife do Santíssimo Sacramento, irmandade de que era irmão, e pedia que no dia seguinte se diria uma missa, "por minha tenção, aplicada ao mesmo Santíssimo Sacramento" e dali será sepultado no cemitério, "não em catacumba, por ser assim minha vontade, e não quero a menor pompa". Pede uma missa também no sétimo dia, "sem mais ajuntamento ou assistência, além de minha família". Pede que a testamenteira mande rezar 20 missas pela alma de seus pais e de seu sogro e sogra.[43]

Quanto ao seu bem principal, provavelmente o seu armazém, declara "que o negócio que tenho, no qual tem interesse Francisco Pinto da Costa Freitas, minha testamenteira estará pelas contas que ele apresentar, pois confio em sua capacidade, que não dará um real de prejuízo a meus filhos". Ele deixou os remanescentes da sua terça para as suas filhas – Luiza e Ana – "e quero se verifique em um quarto de casas que tenho na Praça do Paraíso desta cidade; e caso a mais velha se case, e seu marido pretenda vender a sua parte, será obrigado a arrendá-la a outra pelo mesmo valor porque a recebeu no inventário a que se proceder". Acrescenta ainda que desejava que sua mulher fosse tutora das filhas menores.

Manoel Gonçalves de Carvalho era dono de um armazém localizado na Rua da Praia, nº 335, que funcionava em imóvel próprio, avaliado em 8 contos de réis. Sua residência, entretanto, era em um sobrado na Rua de Bragança. A soma de seus bens (monte-mor), de acordo com os peritos avaliadores, era

40 AHCMPA. Livro de Óbitos de Livres nº 7 da PNSMD, p. 217.

41 APERS. 1º Cartório de Órfãos de Porto Alegre, inventário nº 1652, maço 81. Inventariado: Manoel Gonçalves de Carvalho; inventariante: Luiza Joaquina de Jesus, 1849.

42 Herdeiros: Silvestre Gonçalves de Carvalho, solteiro, 27 anos; Luiza Maria da Conceição, solteira, 23 anos; Antônio Gonçalves de Carvalho, casado com Maria Antônia de Araújo; Francisco Gonçalves de Carvalho, solteiro, 19 anos; Ana, 9 anos de idade. A inventariante assina como Juaquina.

43 Ele aponta como seus testamenteiros: 1º sua esposa, 2º o senhor Francisco Silveira dos Santos, 3º João Ferreira de Assis.

de 47:550$575 réis, tendo em dinheiro a elevada quantia de 8:005$780 réis. O casal possuía bens em prata (461$600),[44] móveis finos de jacarandá e mogno (168$000),[45] dívidas ativas (4:974$167), etc. Os bens de raiz arrolados eram todos bem localizados no centro de Porto Alegre ou proximidades:

Quadro 9 – Bens de Manoel Gonçalves de Carvalho

Descrição	Avaliação (réis)
Morada de casas na Rua da Praia (onde era o armazém)	8:000$
Meia água no Beco do João Coelho	1:500$
Casa na Praça da Matriz	1:800$
Sobrado na Rua de Bragança, em frente à Praça do Mercado	3:500$
Casa no Caminho Novo	1:800$

Fonte: elaborado pelo autor.

O armazém da Rua da Praia certamente era um dos pontos centrais dos recursos daquele casal, sendo os bens avaliados daquela casa de negócio em 3:788$420 réis, compondo um estoque bastante variado que atendia, como veremos, não só a capital, mas outras partes da província. Pipas de vinho e vinagre de Lisboa (além de outros tipos), barris de azeite do Porto, dezenas de garrafas de vinho do Porto, barricas de açúcar de Pernambuco, chás, garrafas de cerveja, cera, sacas de pimenta da Índia, sacos de erva doce, garrafas de licor fino, rolhas, manteiga, nozes, amêndoas, genebra, potes de graxa, caixas de goiabada fina, ameixas francesas, velas de sebo, sabão, café em grãos, ponches de bichará, latas de sardinha, latas de ervilhas, alpiste, salsaparrilha, chocolates, copos de vidro, cuias de chifre, etc.

O açoriano Manoel Gonçalves tinha, quando de seu falecimento, uma escravaria considerável, composta de 21 indivíduos, sendo 9 homens (42,86%) e 12 mulheres (57,14%), dos quais, infelizmente, não sabemos a idade. Doze destes escravizados (57%) são citados explicitamente como africanos, sendo 2 cabindas, 2 moçambiques, 1 angola, 1 mina e 6 nagôs. Na avaliação de cinco dos homens dessa escravaria consta a profissão ou ofício, sendo 1 sapateiro, 1 marceneiro, 1 pedreiro e dois aprendizes de marceneiro.

44 Faqueiro de prata: 150$600; caixa do mesmo faqueiro: 6$000; um par de serpentinas: 172$400; bandeja e tesoura: 17$600 e dois pares de castiçais: 96$000.

45 Móveis: 18 cadeiras de jacarandá: 72$000; sofá de jacarandá: 16$000; 2 bancas de jacarandá: 20$; mesa de jacarandá de meio de sala: 16$; mesa de mogno, com mármore: 30$; espelho de cima da mesma mesa: 6$000 e dois espelhos de parede: 8$000.

Quadro 10 – Escravaria do açoriano Manoel Gonçalves Carvalho (1849)

Nome	Procedência	Ofício	Avaliação (réis)
Adão	Crioulo	Marceneiro	600$000
Balbina	Crioula		700$000
Carlos	Pardo		400$000
Catarina	Moçambique		400$000
Cecília	Crioula		750$000
Eva	Crioula		400$000
Felicidade	Nagô		550$000
Felisbino	Pardo	Marceneiro	600$000
Jacob	Nagô		600$000
José	Nagô	Pedreiro	900$000
Justina	-		Sem valor
Laurinda	Nagô		600$000
Manoel	Cabinda	Sapateiro	260$000
Marcelina	Nagô		250$000
Maria	Cabinda		600$000
Maria	Angola		700$000
Maximiana	Parda		600$000
Paulo	Moçambique		650$000
Silvino	Pardo	Aprendiz de marceneiro	600$000
Simão	Mina		150$000
Suzana	Nagô		500$000

Fonte: elaborado pelo autor.

No documento que registrou as últimas vontades de Manoel Gonçalves de Carvalho, não consta nenhuma alforria. Entretanto, nos cartórios da capital da província sulina foram registrados seis documentos de liberdade passados por esse açoriano. A sua política senhorial, pelo jeito, acompanhava seu ethos de comerciante, já que todos os seus escravizados, que obtiveram a liberdade mediante emissão de documento de liberdade, tiveram que indenizá-lo pecuniariamente:

Quadro 11 – Liberdade de escravos de Manoel Gonçalves de Carvalho

Nome	Dados	Data	Pagamento (réis)
Faustina	Mina	10.12.1825	128$ pagos pela escravizada
Luiza		22.10.1827	307$200 pagos pela escravizada
Luiza	Mina, preta	30.01.1834	435$200 pagos pela escravizada
Felisberta	Mina	13.02.1840	Pelo "preço e quantia entre nós convencionado"
Prisca	Crioula	25.12.1841	Pagamento, pela escrava, da "quantia entre nós contratada, que recebi ao fazer esta";
Marcolina	Crioula	11.12.1842	Pagamento, pela escrava, do valor acertado com seu senhor.[46]

Fonte: elaborado pelo autor.[46]

Percebemos que o quadro acima engloba unicamente mulheres, parecendo que aquela família senhorial orientava as suas preferências em termos de alforrias por um padrão rígido de gênero. Não temos as idades dessas mulheres, mas como não são citados os nomes das mães, pressupomos que eram adultas. Assim, provavelmente aquele núcleo senhorial premiava não só a exploração do trabalho dessas *fêmeas*, mas as *crias* que elas geraram (filhos e filhas que aumentaram o patrimônio senhorial) e os *cuidados* que elas despenderam, não só com a sua comunidade de senzala, mas, principalmente, com o casal senhorial e as crias dali provenientes (DAMASCENO, 2019).

Três das mulheres negras beneficiadas com cartas de alforrias eram minas (uma Luiza aparece como nagô nos óbitos), uma não consta a origem ou a etnia, e duas são descritas como crioulas. Três delas, a carta de alforria foi registrada em cartório pouco tempo depois de redigidas, o que indica que o pagamento pode ter sido feito à vista. Mas em duas delas houve um espaço grande entre a redação e o registro no cartório, sugerindo que pode ter havido um pagamento parcelado dos elevados valores que lhes foram exigidos. A carta de Luiza era de 22.10.1827, mas foi anotada em tabelionato apenas em 18.07.1829, quase dois anos depois. O documento de liberdade de Marcolina, o senhor escreveu em 11.12.1842, mas o tabelião anotou em seu livro apenas em 22.02.1845. Aliás, três dos seis documentos de liberdade foram expedidos durante a guerra civil Farroupilha, quando a capital da província foi sitiada pelos *anarquistas* farrou-

46 APERS. 1° Tabelionato de Porto Alegre, Registros Diversos Livro 8 (folha 112v, 15.12.1825), livro 9 (f. 69v, 18.07.1829), livro 11 (f. 91, 30.01.1834), livro 12 (f. 96, 14.02.1840); 2° Tabelionato de Porto Alegre, Registros Diversos Livro 12 (f. 128r, 29.12.1841), livro 15 (f. 60, 22.02.1845).

pilhas. Esse contexto deve ter prejudicado muito o funcionamento da casa de comércio daquele açoriano, e quiçá algumas das mulheres negras que o serviam não aproveitaram o momento para conquistar a liberdade, capitalizando o casal senhorial com suas economias duramente acumuladas? (SCHERER, 2008; PINTO; MOREIRA e AL-ALAM, 2020).

Temos 20 óbitos de escravizados deste senhor Manoel Gonçalves de Carvalho registrados em Porto Alegre, entre 1825 e 1848, sendo sete africanos e 13 crioulos. Dois africanos eram apenas mencionados pelo continente de origem, do restante um era benguela, um cabinda e três minas. Duas crioulas falecidas eram adultas, mas o restante dos escravizados nascidos no Brasil eram crianças, entre 18 dias e 6 anos de idade. Oito destes infantes crioulos tinham mães africanas: a benguela Maria perdeu dois filhos, as africanas Catarina e Rosa, um, cada uma delas: a mina Felisberta, um, a Moçambique Felisberta, também um, e a nagô Luiza, dois.[47] Mas nem só de luto se compunha a escravaria de Manoel Gonçalves de Carvalho. De 1831 a 1848, esse senhor batizou 11 escravizados, sendo 10 destes infantes nascidos de ventres diaspóricos: 2 da cabinda Rosa, 1 da conga Joaquina, 5 das Felisbertas citadas acima, 1 da angolana Maria e 1 da africana Laurinda.[48] O grau de africanidade da escravaria deste português/açoriano comprovaria ou indicaria ter sido ele um traficante de escravos? Seria o seu armazém um entreposto de mercadorias humanas, vendidas para senhores da capital e do interior da província?

Como vimos nos dados extraídos da habilitação matrimonial, Manoel Gonçalves de Carvalho saiu de Angra, nos Açores, com 17 anos de idade, indo para a Corte do Rio de Janeiro, onde ficou de 4 para 5 anos. Não sabemos com exatidão os anos em que ocorreram estes deslocamentos, mas um documento de 1808 nos ajuda a localizar esse açoriano, ainda no Rio de Janeiro. No mesmo ano da transferência da Corte portuguesa para o Brasil, Manoel Gonçalves de Carvalho ainda morava na cidade do Rio de Janeiro, na casa do comerciante José Gonçalves dos Santos. Provavelmente, Manoel e José Gonçalves tivessem algum tipo de parentesco e nosso açoriano tivesse encontrado nessa casa comercial, localizada na Corte, oportunidade de emprego e de inserção em redes sociais diversas, além da obtenção de informações sobre os locais para onde poderia se deslocar em busca de um empreendimento mercantil autônomo.

Nessa Ação de Execução de 1808, Manoel Gonçalves se apresenta como testamenteiro do falecido comerciante do Rio de Janeiro José Gonçalves dos Santos. Isso indica uma relação bastante íntima. Daí sugerimos a existência de parentesco,

47 AHCMPA. Registros de Óbitos de escravos da PNSMD, livro 3 (folhas 110, 170v, 277, 332v), livro 4 (f. 122, 48v, 66, 73, 77, 114) e livro 5 (f. 16, 169, 173v, 178, 189v, 189, 192, 193, 205v).

48 AHCMPA. Livros de registros de batismos da PNSMD: Livro 4 (folhas 10v, 99 e 139); Livro 5 (f. 24v) e Livro 6 (f. 146, 157, 170 e 195).

até pelo pouco tempo de chegada desse açoriano no Brasil e por ele morar na casa do falecido. O motivo da ação era a cobrança de uma dívida (1:408$594 réis), que José Antônio da Silva Monteiro contraíra com o falecido, decorrente da compra de fazendas. Monteiro apresentou para saldar a dívida o bergantim chamado Argelino, que estava no Rio de Janeiro, que o devedor alegava possuir em sociedade com o seu tio, o tenente Antônio Monteiro de Barros.[49]

Dois anos depois, em 1810, o açoriano Manoel Gonçalves processou outro morador de Porto Alegre, Pedro de Medeiros e Souza, ainda atuando como testamenteiro do falecido Capitão José Gonçalves dos Santos. Manoel Gonçalves de Carvalho se apresentava, naquela ação executiva de 1810, como "morador e negociante na Corte do Rio de Janeiro e vivendo em casa do falecido", o qual era "um dos negociantes da Praça do Rio de Janeiro, onde vendia fiado e à vista". O devedor Pedro foi ao Rio de Janeiro, quando o capitão ainda vivia, em 1801, e comprou fazendas no valor de 2:586$938 réis, conforme crédito de 20.03.1801.[50]

Cobranças como estas e outras que não deixaram vestígios documentais, além do funcionamento cotidiano da casa comercial do falecido Capitão José Gonçalves dos Santos, propiciaram a Manoel Gonçalves de Carvalho informações sobre as potencialidades do comércio no Brasil meridional. Certamente os laços sociais engendrados na Corte não se extinguiram com o seu deslocamento para o Rio Grande do Sul, e o casamento com uma nativa, em 1817, coroou o seu promissor enraizamento.

Alguns documentos do mesmo tipo nos permitem captar os tratos comerciais entretidos na casa de comercial ou armazém do açoriano Carvalho. Em 1820, ele acionou na Justiça o seu devedor Francisco José Pinto, que com ele tinha uma dívida de 90$640 réis. Pinto ofereceu em pagamento uma pipa de mil tanque, que o credor recusou por ser "gênero corruto e de nenhuma extração", e ainda alegou que o devedor tinha outros bens com os quais podia saldar o devido, "como é o próprio escravo de que procede a dívida".[51] Em 1819 Manoel Gonçalves cobrou na Justiça uma dívida de 179$200 réis de Antônio Viriato Carneiro da Fontoura, produzida de uma escrava por ele vendida por um crédito que deveria ser saldado em até 5 meses.[52]

49 APERS. 1° Cartório do Civil de Porto Alegre, ação de execução nº 1311. Autor: Manoel Gonçalves de Carvalho; executado: José Antônio da Silva Monteiro, 1808.

50 APERS. Juízo de Fora do Geral. Porto Alegre, nº 1175. Autor: Manoel Gonçalves de Carvalho; suplicante: Pedro de Medeiros e Souza, 1810.

51 APERS. 1° Cartório do Civil de Porto Alegre, ação de execução nº 1456, 1820.

52 APERS. Juízo de Fora do Geral de Porto Alegre, Ação de assinatura de dez dias nº 4857. Autor: Manoel Gonçalves de Carvalho. suplicado: Antônio Viriato Carneiro da Fontoura, 1819. O crédito, anexo ao processo, reconhecia a dívida "para cuja satisfação obrigo minha pessoa e bens móveis e de raiz, havidos e por haver, até o seu real embolso", e foi escrito por Francisco de Souza de Oliveira Pinto, que também assinou como testemunha em Porto Alegre, 23.12.1816.

No ano anterior, Carvalho havia processado João Marinho de Freitas por uma dívida elevada de 3:265$ réis, o qual ofereceu letras correntes existentes da Junta da Real Fazenda dessa Capitania, mas o devedor recusou "por serem bens de terceira espécie [...] uns bilhetes de alguns fazendeiros que dizem terem assistido com algumas reses para munício das tropas", que nem são ainda reconhecidos como verdadeiros.[53] Mas, como, além de comerciante, o açoriano em questão era proprietário, encontramos também uma ação de despejo direcionada contra Manoel Cristiano da Silveira, que envolvia também aluguéis em atraso (20 mil réis mensais).[54]

Mas uma Ação Executiva em especial chamou a atenção por explicitar as interiorizações de algumas casas comerciais e as formas usadas para que as dívidas fossem saldadas. O caso ocorreu no ano de 1838, quando ainda estava deflagrada a guerra civil Farroupilha, com ampla movimentação de grupos armados e o confisco de gado para alimentação das tropas. Tudo derivou da compra de mercadorias diversas por um sujeito morador na cidade do Alegrete, no oeste do Rio Grande do Sul, chamado José Antunes da Costa, o qual comunicou a seu credor Manoel Gonçalves de Carvalho que enviara 612 bois e 8 vacas para serem charqueadas "e os seus efeitos vendidos", na charqueada de Bernardino Martins de Menezes, em São Jerônimo. Esses *efeitos* pagariam a dívida que Costa tinha com esse comerciante e proprietário instalado em Porto Alegre, mas também outras que tinha com um indivíduo chamado Francisco Lopes da Costa Moreira.[55]

Na carta anexa à Ação de Execução, dirigida pelo devedor José Antunes para Manoel Gonçalves, esse dizia que o que mandava era "boiada muito boa", a qual seguiu para a charqueada de Bernardino Martins de Menezes – "para ele mandar beneficiar e Vossa Mercê dispor dos efeitos como cousa sua", valendo tudo cerca de 5:142$ réis. Costa rogava que com esses produtos fosse quitada a dívida que ele tinha com Carvalho e também outra com Moreira ("por antonomásia Chico do Pesqueiro"), sendo no mesmo negócio pago o custo de charquear e as despesas com o capataz e peões, "que conduzem a tropa, não sei quanto é porque não sei que dias gastarão". Na mesma missiva, Costa, confiante que sua dívida estaria paga, aproveita para pedir

53 APERS. 1º Cartório do Civil de Porto Alegre, ação de execução nº 1445, 1819. Em 1834 Antônio Bento da Silva foi processado por Gonçalves de Carvalho por uma dívida de 130$630 réis, a qual não sabemos, infelizmente, a origem (APERS – 1º Cartório do Civil de Porto Alegre, ação de execução nº 1628, 1834).

54 APERS. 1º Cartório do Civil de Porto Alegre, ação de execução nº 1766. Autor: Manoel Gonçalves de Carvalho; executado: Manoel Christiano da Silveira, 1846.

55 APERS. 2º Cartório do Civil de Porto Alegre, ação executiva nº 2563. Autor: Manoel Gonçalves de Carvalho executado: Francisco Lopes da Costa Moreira, 1838.

outras mercadorias, que solicita fossem mandadas por carretas – 30 barricas de farinha, 4 fardos de algodão grosso, dez sacas de arroz, 8 barricas de açúcar e 4 pipas de aguardente.

Em outra carta anexa ao processo, o charqueador Bernardino Martins de Menezes informava a Carvalho que existiam em seu estabelecimento vários itens (2.274 arrobas de charque, a 1$700 réis por arroba; 44 arrobas de sebo – 3$520 por arroba; 379 couros e 1081 chifres), dizendo que o beneficiamento feito na charqueada gerara uma dívida de 400 réis por arroba (em prata e ouro): "por isso lhe sirva de regra para quando mandar buscar o que aqui tem da conta de José Antunes da Costa. Sem que apareça dinheiro, nada se embarca e nem se admite fiança". Tudo parecia bem acertado, só que houve demora no transporte do charque e outros *efeitos* em função das chuvas, sendo "interrompida a navegação" pelo rio Jacuí, e aparentemente aproveitando-se disso o outro credor, Francisco Lopes recolheu, sem avisar ninguém, os produtos beneficiados na charqueada. O charque e sebo ele "embarcou e fez navegar para fora da província" e os couros e chifres ele vendeu a diferentes pessoas em Porto Alegre mesmo.[56] Isso gerou um longo processo judiciário que não nos interessa acompanhar, mas esse documento nos permite captar a complexidade dos negócios que se interiorizavam pela província, as malhas de relações interpessoais (e comerciais) que eles ensejavam e os riscos que envolviam.

A esposa do açoriano Manoel Gonçalves de Carvalho, Luiza Joaquina de Jesus, faleceu em 10 de dezembro de 1870, de lesão orgânica no coração, aos 68 anos de idade, em Porto Alegre, mesma cidade em que ela nasceu. Foi descrita pelos funcionários da Santa Casa local, como *branca* e sepultada em uma catacumba dos *contribuintes*, logo no dia seguinte.[57] Precavida como seu finado marido, Luiza nos legou um testamento, contendo as suas últimas vontades. Disse que estava adoentada, mas em seu perfeito juízo e insistiu que era acérrima devota da Igreja Católica Apostólica Romana. Contou que havia casado como Manoel Gonçalves de Carvalho há muitos anos e que tiveram 4 filhos: Francisco Gonçalves de Carvalho (ainda solteiro), Silvestre Gonçalves de Carvalho (viúvo), Antônio Gonçalves de Carvalho (casado com Dorotéia Perpétua da Conceição) e Ana Joaquina de Carvalho (casada e mãe de 3 filhos, todos menores). Ela deixa os filhos como herdeiros e a única filha mulher como usufrutuária de sua terça.

56 Em 1833, Manoel Gonçalves cobrou uma dívida de 862$110 réis de um sujeito morador na vila da Cachoeira, proveniente de vários gêneros adquiridos pelo mesmo, o qual havia prometido pagá-los em até sete meses (APERS. Cartório Civil e Crime, Porto Alegre, Processo judicial/assinação de 10 dias nº 1950. Réu: Manoel Alonso dos Santos Pessoa; autor: Manoel Gonçalves de Carvalho, 1833).

57 CHC/SCMPA. Livro de Óbitos de Livres, nº 8, registro 14015.

Sobre os bens, diz que todos são bem conhecidos e que depois de ter feito o inventário post-mortem de seu marido ainda tinha bens de raiz, móveis, escravos e objetos de prata, "mas não possui dinheiro algum disponível e apenas o necessário para a minha despesa proveniente do pouco rendimento dos meus bens". Ela havia recebido legados de suas irmãs falecidas Leocádia e Clara, os quais "empreguei a maior parte em bens de raiz e escravos e o restante tenho despendido em minhas necessidades".[58]

Dos quatro filhos da finada Luiza, apenas um deles, Antônio Gonçalves de Carvalho, residia fora da capital da província, na Capela de Viamão. A única filha mulher, Ana Joaquina, foi beneficiada no testamento por residir com sua mãe e provavelmente cuidando-a na ancianidade e doença. Ana Joaquina foi indicada pela mãe como a sua primeira testamenteira, e ela tentou assumir esse encargo, já que seu marido, José Luiz da Costa Júnior, a tinha abandonou há 4 anos, deixando-a "em companhia de sua mãe, com quem sempre viveu até o dia de seu falecimento". Mas o marido sumido reapareceu e requereu assumir a sua responsabilidade como cabeça de casal de sua esposa, já que "o suplicante ainda não foi julgado incapaz de reger seus bens e exercer o pátrio poder sobre os seus filhos". O advogado de Ana Joaquina, Rodrigues Fagundes, tentou contestar dizendo que era "público e notório" o abandono, e que ele durante anos esquecera "de que era casado e que tinha filhos", mas uma aliança entre o marido irresponsável e o irmão mais velho de Ana Joaquina, Silvestre, fez com que esse assumisse o cargo de inventariante. Silvestre reconhecia que sua mãe deixara em seu testamento sua irmã Ana Joaquina de Carvalho como testamenteira, mas este era um seu "direito regulado pela lei, independente da vontade do testador".

Como afirmou em seu testamento, Luiza tinha seu patrimônio concentrado em escravizados, bens de raiz e móveis (947 mil réis). Os seus cativos eram dois – Vicente (de nação, 55 anos, avaliado por 1 conto de réis) e a crioula Marciana (32 anos – 1:200$). Mesmo após o inventário de seu marido, Luiza possuía sete imóveis, bem localizados no centro de Porto Alegre.

58 Ela deixou verbas de dois contos de réis para duas pessoas: o neto Manoel, filho de Antônio, e para Maria Januária Alves de Souza, órfã de pai e mãe, criada e educada em sua casa, com 17 anos (que serviria como dote de seu casamento). APERS. Cartório da Provedoria de Porto Alegre, inventário nº 353. Inventariada: Luiza Joaquina de Jesus; inventariante: Anna Joaquina de Carvalho, 1871; APERS. Juízo Municipal de Porto Alegre, inventário nº 380, Inventariada: Luiza Joaquina de Jesus; inventariante: Silvestre Gonçalves de Carvalho, 1871.

Quadro 12 – Bens imóveis de Luíza Joaquina de Jesus

Descrição	Valor (réis)
Casa na rua da Praia, com armazém e moradia – com um pátio que tinha ao fundo o sobrado de Antônio Gonçalves Carneiro[59]	20:000$
Casa de sobrado na rua de Santa Catarina	14:500$
Dois lances de casas térreas nº 3 e 5, no Beco do João Coelho	800$
Casa de sobrado no Paraíso (Conde d'Eu)	5:000$
Casa térrea na rua da Ponte	4:800$
Casa na rua da Igreja	1:600$
Casa térrea na rua de Belas	4:000$

Fonte: elaborado pelo autor.[59]

A viúva Luiza Joaquina manteve a mesma regra de outorga de cartas de alforria de seu falecido marido, pelo menos é o que transparece nos dois documentos de liberdade passados por ela e registrados em cartórios de Porto Alegre. A parda Maximiana, avaliada por 600 mil réis no inventário de 1849 foi agraciada pela liberdade, mediante o seu pagamento de 850 mil réis para a senhora Luiza Joaquina de Jesus, em 30 de junho de 1866, "em razão dos bons serviços prestados". Ou seja, além de ter trabalhado mais 17 anos, compulsoriamente, o valor de sua liberdade aumentou em cerca de 42% de sua avaliação, quando da morte do senhor açoriano. Já para a mina-nagô Felicidade, a viúva expediu carta de alforria em 31 de maio de 1868, mediante o pagamento, de 900$. Dezenove anos haviam se passado desde que os avaliadores estabeleceram o preço de 550 mil réis por essa africana, e agora ela pagava perto de 63% a mais para alcançar a liberdade, certamente em uma idade avançada e fisicamente alquebrada por tudo que passou na sua trajetória afro-diaspórica.[60] Notemos que essas duas cartas de alforria envolvendo autocompras por parte das escravizadas Maximiana e Felicidade foram expedidas durante a vigência da Guerra do Paraguai, novamente um período bélico parecendo promissor para cativos obterem liberdade e os senhores se capitalizarem através de suas esperanças.

59 Sobre Antônio Gonçalves Carneiro, ver: MOREIRA, 2021.

60 APERS. 2º Tabelionato de Porto Alegre. Livro 18 de Registros Gerais, 12.07.1866, folha 122v; 1º Tabelionato de Porto Alegre, Livro 19 de Registros Diversos, 01/06/68, folha 134.

Considerações finais

De acordo com censo imperial de 1872, mesmo com várias imperfeições, é possível pensar sobre as nacionalidades dos que moravam na capital da província do Rio Grande do Sul. Para os estrangeiros residentes, têm-se os seguintes números:

Tabela 1 – Estrangeiros residentes em Porto Alegre (1872)

Nações	Nº	Nações	Nº
Africanos	1.608	Argentinos	58
Portugueses	*1.270*	*Belgas*	*45*
Alemães	936	Peruanos	37
Paraguaios	234	Bolivianos	22
Franceses	232	Dinamarqueses	22
Austríacos	170	Suíços	20
Italianos	154	Chineses	10
Sem informação	144	Persas	8
Orientais(uruguaios)	101	Húngaros	4
Espanhóis	98	Suecos	3
Ingleses	68	Gregos	3
Holandeses	65	Russos	2
Norte-americanos	60	Turcos	1
Total: 5.375			

Fonte: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v11_rs.pdf

A maior comunidade de estrangeiros na capital Porto Alegre era dos africanos, sendo 830 livres (51,62%) e 778 (48,38%) escravizados, seguida dos portugueses. Esse – segmento de interesse no presente texto –, se encontravam divididos em 1.166 homens (91,82%) e 104 mulheres (8,18%), apresentando uma disparidade sexual que evidencia tratar-se de uma imigração majoritariamente masculina. Mesmo com esse enorme desequilíbrio, o mercado matrimonial que envolvia essa comunidade não parece nada impeditivo, em termos de relacionamentos oficiais.

Tabela 2 – Portugueses residentes em Porto Alegre – gênero e estado civil (1872)

Portugueses	Homens			Mulheres		
	Solteiros	Casados	Viúvos	Solteiros	Casados	Viúvos
	636	485	45	37	55	12

Fonte: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v11_rs.pdf

Temos 597 indivíduos casados e viúvos e 673 solteiros, ou seja, 47% dos portugueses aqui residentes estavam (ou estiveram) envolvidos em relações consagradas na igreja, sejam matrimônios realizados aqui ou em suas terras de origem. Porém, aqueles imigrantes que não chegavam casados, como o nosso Macieira, podiam conseguir aqui uma companheira ou noiva brasileira, talvez descendente de lusitanos para cá vindos há mais anos.

Ao longo do texto procuramos expor aos leitores e leitoras documentos que nos permitissem visibilizar, sempre parcialmente, os dois indivíduos açorianos que selecionamos analisar. Trata-se, como obviamente se percebe, de açorianos com íntima relação com todos os tipos de relações escravistas; eles venderam, compraram, alforriaram e exploraram o trabalho de escravizados e escravizadas, comportamentos típicos de uma sociedade escravista:

> Não uma sociedade escravista aos moldes das plantations, em que enormes plantéis de escravos caracterizavam a paisagem social, mas uma sociedade onde a posse escrava estava disseminada por todos estratos sociais, em que a economia dependia, em grande medida, da mão de obra cativa e, tão ou mais importante, a aspiração ao posto de senhor de outros homens era algo difundido (MATHEUS, 2016, p. 19).

Talvez as trajetórias desses dois açorianos não possam ser consideradas padrões da média dos que vieram das mesmas *pátrias*, pelo avultado patrimônio que acumularam, mas suas vicissitudes biográficas os visibilizam o suficiente para percebermos como a passagem pelo Rio de Janeiro e a vida de *embarcado* deve ter sido importante.

Cronologicamente, as vidas destes dois açorianos correm paralelamente e com várias características comuns. Manoel sai da ilha Terceira aos 17 anos de idade e José Inácio da ilha de Santa Maria aos 10, ambos casando em Porto Alegre no mesmo ano de 1817, com mulheres nativas desta mesma cidade.

José Inácio, ao sair de sua *pátria* (uma referência à ilha de Santa Maria),[61] informa que inicialmente transitou (rapidamente ao que parece) entre Lisboa e Rio de Janeiro, mas, depois, mesmo instalado em Porto Alegre, andou *embarcado* viajando para o Rio e Bahia. Já Manoel permaneceu cinco anos na cidade do Rio de Janeiro, empregado em uma casa comercial de bom porte, a qual comercializava tecidos e outras mercadorias com o território colonial mais meridional. Esses detalhes configuram duas trajetórias marcadas pela inserção privilegiada em redes sócio mercantis, nas quais esses açorianos obtiveram informações essenciais dos locais de suas diásporas, além de contatos para os enraizamentos familiares e comerciais. Lembrando que José Inácio ainda contou com a presença de seu irmão, Agostinho José Lourenço, empregado na Alfândega de Porto Alegre.

Até os anos em que faleceram são próximos. José Inácio em 1852 e Manoel alguns anos antes, em 1849, sendo que ambos redigiram suas últimas vontades na forma de testamentos, legando aos herdeiros escravarias médias, de bom porte. José Inácio, o açoriano natural da ilha de Santa Maria, explorava 27 homens e mulheres. E no inventário post-mortem de Manoel, egresso da ilha Terceira, encontramos nomeados 21 escravizados e escravizadas. Enquanto no inventário do açoriano José Inácio temos uma presença africana majoritariamente banto, de origem congo-angola, no de Manoel percebemos uma certa superioridade dos minas (principalmente nagôs).

Os bens de ambos, destacando-se o consistente armazém na Rua da Praia, do açoriano Manoel, eram principalmente urbanos, mas José Inácio possuía uma diversificação, com a propriedade de uma fazenda no Rio dos Sinos, com plantações, gado e extração de madeira.

Outro dado que merece menção é sobre as políticas senhoriais verificadas nestes dois açorianos. Notamos poucos documentos de liberdade expedidos por esses núcleos familiares criados pela diáspora açoriana: duas cartas de alforria cartoriais passadas por José Inácio e seis por Manoel. As *agraciadas com a bondade senhorial* eram todas mulheres e nenhuma delas escapou de ter que pagar substancial indenização pela liberdade recebida. A sensibilidade e a política desses senhores escravistas açorianos parecem voltadas à recompensa pelo trabalho, cuidado e crias recebidas pelas suas escravizadas, mas sem se descuidar do retorno pecuniário. Eram comerciantes capitalizados pela exploração de suas escravizadas enquanto trabalhadoras e mães, e que ainda mercadejaram as suas libertações mediante reembolso em boas somas em réis.

61 Ver o capítulo 3 da tese de Martha Hameister (2006): "A construção de uma 'identidade açoriana' na colonização do Sul do Brasil ao século XVIII".

Interessante constatar que estes dois açorianos, que viveram variadas experiências sociais e diaspóricas comuns, não parecem ter estruturado vínculos consistentes em nenhum momento e de maneira alguma. Devem ter se cruzado pelas ruas de Porto Alegre, se visto nos cultos da Igreja Matriz, talvez até se cumprimentado, mas a sua origem açoriana não os estimulou a entreter relações de maior consistência e durabilidade, pelo menos que deixassem marcas documentais.

Abreviaturas

AHCMPA: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre
AHRS: Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul
APERS: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul
CHC/SCMPA: Centro Histórico-Cultural/Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre
PNSMD: Paróquia de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre

Referências

ALBERTON, Mirele. *"Das Providencias, que se tem dado a Respeito da Saude Publica"*: enfermidades e ações de combate na Porto Alegre do início do século XIX (1800-1835). 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

ALENCASTRO, Luís Felipe de. *O trato dos viventes.* São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Volume 11.* Porto Alegre: CORAG, 1995.

BARBOSA, Keith Valéria de Oliveira. *Doença e Cativeiro*: um estudo sobre mortalidade e sociabilidades escravas no Rio de Janeiro, 1809-1831. 2010. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em História) – Seropédica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BARCELLOS, Daisy Macedo de; CHAGAS, Miriam de F.; FERNANDES, Mariana B. et al.. *Comunidade Negra de Morro Alto*: historicidade, identidade, territorialidade. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

BERUTE, Gabriel Santos. *Dos escravos que partem para o porto do sul*: características do tráfico negreiro de São Pedro do Rio Grande do Sul, c. 1790- c. 1825. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2001.

CARVALHO, Daniela Vallandro de. *Entre a solidariedade e a animosidade*: as relações interétnicas populares (Santa Maria - 1885/1915). 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 7. ed., Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Itatiaia, 1988.

CASTRO, Hebe. *Das cores do silêncio*. Rio de Janeiro: Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa, 1995.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade*: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHRISTILINO, Cristiano Luís. *Estranhos em seu próprio chão*: o processo de apropriações e expropriações de terras na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: o Vale do Taquari no período de 1840-1889. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

COMISSOLI, Adriano. *A serviço de Sua Majestade:* administração, elite e poderes no extremo meridional brasileiro (1808c.-1831c.), Rio de Janeiro. 2011. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

COMISSOLI, Adriano. Certezas baseadas em rumores: o desafio metodológico da reconstrução de redes sociais por meio de processos de habilitação matrimonial (Rio Grande de São Pedro, séculos XVIII e XIX). *Anais do IX Encontro Estadual de História da Associação Nacional de História – Seção Rio Grande do Sul*. Vestígios do Passado – a história e suas fontes. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; ANPUH-RS, 2008.

COMISSOLI, Adriano. *Os "homens bons" e a Câmara de Porto Alegre (1767-1808)*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

CORRÊA, Mariza. *Os crimes da Paixão*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COSTA, Emília Viotti da. *Coroas de Glória, Lágrimas de Sangue*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

COUTO, Mia. *O Mapeador de Ausências*. São Paulo: Cia. das Letras, 2021.

COWLING. Camillia. *Concebendo a liberdade*: mulheres de cor, gênero e a abolição da escravidão nas cidades de Havana e Rio de Janeiro. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 2018.

DAMASCENO, Karine Teixeira. *Para serem donas de si*: mulheres negras lutando em família (Feira de Santana, Bahia,1871-1888). 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FARINATTI, Luís Augusto. Construção de séries e micro-análise: notas sobre o tratamento de fontes para a história social. *Anos 90*, Porto Alegre, UFRGS, v. 15, n. 28, p. 57-72, jul. 2008.

FARINATTI, Luiz Augusto Ebling. *Confins Meridionais*: famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865). 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras:* uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

FLORENTINO, Manolo. *A paz das senzalas*: famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, C. 1790-C. 1850. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FRAGOSO, João Luiz Ribeiro. *Homens de grossa aventura*: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FRAGOSO, João Luiz Ribeiro; FLORENTINO, Manolo Garcia. *O arcaísmo como projeto*: mercado atlântico, sociedade agrária e elite mercantil no Rio de Janeiro. 1790-1840. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

FRAGOSO, João. A nobreza vive em bandos: a economia política das melhores famílias da terra do Rio de Janeiro: século XVII. Algumas notas de pesquisa. *Tempo*. v. 8, nº 15, p. 21 a 24, Jul-dez 2003.

FRAGOSO, João. Alegrias e artimanhas de uma fonte seriada. In: *História quantitativa e serial no Brasil:* um balanço. Goiânia: ANPUH-MG. 2001.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre e seu comércio*. Porto Alegre: Associação Comercial de Porto Alegre, 1983.

FREITAS, Denize Terezinha Leal. *Para além do matrimônio*: formas de união, relações familiares e sociais na Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre (1772-1822). 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GONÇALVES, P. C. A Emigração como Força Civilizadora: portugueses nas colônias africanas e no Brasil independente. *Revista História (São Paulo)*, n. 177, p. 1-53, 2018.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. *Sonhos, desilusões e formas provisórias de existência*: os açorianos no Rio Grande de São Pedro. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Vida cotidiana dos açorianos pelas freguesias e caminhos. In: REICHEL, Heloisa et al. (Org.). *História Geral do Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Méritos, 2006.

GRIGIO, Enio. *No alvoroço da festa, não havia corrente de ferro que os prendessem, nem chibata que intimidasse*: a comunidade negra e sua Irmandade do Rosário (Santa Maria, 1873-1942). 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

HAACK, Marina Camilo. *Sobre silhuetas negras*: experiências e agências de mulheres escravizadas (Cachoeira, c. 1850-1888). 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

HAMEISTER, Martha Daisson. *Para dar calor à nova povoação*: estudo sobre estratégias sociais e familiares a partir dos registros batismais da Vila de Rio Grande (1738-1763). 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

KÜHN, Fabio. "Um corpo, ainda que particular": irmandades leigas e ordens terceiras no Rio Grande do Sul colonial. *Revista História Unisinos*, v. 14 (2), p. 121-134, 2010.

KUHN, Fabio. *Gente da fronteira*: família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa - século XVIII. 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

LANGAARD, Theodoro J. H. *Dicionário de Medicina Doméstica e Popular*. 2. ed, Rio de Janeiro: Laemmert & Cia., 1872, v. I, II, III.

LARA, Sílvia. *Campos da violência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LÉVI, Giovanni. *A Herança Imaterial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MAMIGONIAN, Beatriz G. *Africanos livres*: a abolição do tráfico de escravos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MATHEUS, Marcelo dos Santos. *A produção da diferença*: escravidão e desigualdade social ao sul do Império brasileiro (c.1820-1870). São Leopoldo: Oikos; IFRS, 2021.

MATHEUS, Marcelo Santos. *A produção da diferença:* escravidão e desigualdade social ao sul do Império brasileiro (Bagé, c.1820-1870). 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro.

MEIRELLES, Pedro von Mengden. *Os Filhos da Mãe Santíssima*: os Terceiros das Dores e os Irmãos da Misericórdia na Porto Alegre do século XIX (1800-1850). 2021. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MOREIRA, P. R. S.; MUGGE, Miquéias Henrique; CARDOSO, Raul Róis Schefer. "Gozam no mercado da fama de bem morigerados e obedientes": trajetórias mercantis no oitocentos (Barão de Guaíba / de Lisboa ao Brasil Meridional). In: CESAR, Tiago da Silva. *História, Cultura & Patrimônio*: experiências de pesquisa. 2. ed. Porto Alegre: Ed. FI, 2019, p. 161-196.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; TASSONI, Tatiani. *Que com seu trabalho nos sustenta:* as Cartas de Alforria de Porto Alegre (1748/1888). Porto Alegre: EST, 2007.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. "E se fazendo a adivinhação da peneira caíra no preto acusado": lideranças etnorreligiosas numa sociedade escravista. In: COSTA, Valéria; GOMES, Flávio. *Religiões negras no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2016, p. 150-168.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. "Por ser seu escravo e em consequência seu capital inimigo": tráfico, escravidão e criminalidade (RS, século XIX). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, v. 161, p. 13-51, 2021.

MÜLLER, Liane Susan. *As contas do meu rosário são balas de artilharia*. Porto Alegre: Pragmatha, 2013.

NASCIMENTO, Mara Regina do. *Irmandades Leigas em Porto Alegre*: práticas funerárias e experiência urbana (séculos XVIII-XIX). 2006. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

OLIVEIRA, Daniel. *"Os facultativos são obrigados a declarar [..] cor, [...] moléstia"*: mortalidade, atuação médica e pensamento racial em Porto Alegre, na segunda metade do século XIX. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre.

PACHECO, Henrique Melatti; MOREIRA, Paulo; HAACK, Marina. *Irmandade de Nossa Senhora do Rozario e São Benedito dos Pretos da Caxoeira (do Sul-RS)*: (in)visibilidade negra, devoção, memória e as artes da resistência. São Leopoldo: Oikos, 2020.

PASCHKES, M. L. N. de A. Notas sobre os imigrantes portugueses no Brasil (sécs. XIX e XX). *Revista Histórica*. USP, São Paulo, n. 123-124, p. 88-89, ago/jul., 1990/1991.

PETIZ, Silmei de Sant'Ana. *Caminhos cruzados*: famílias e estratégias escravas na Fronteira Oeste do Rio Grande de São Pedro (1750-1835). 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

PETIZ, Silmei de Sant'Ana. Enfermidades de escravos no Sul do Brasil. In: PORTO, Ângela (Org.). *Doenças e escravidão*: sistemas de saúde e práticas terapêuticas. Rio de Janeiro: Casa Osvaldo Cruz, 2007.

PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio (Org.). *Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil*. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

PINTO, Natália Garcia; MOREIRA, Paulo; AL-ALAM, Caiuá Cardoso. *Os Calhambolas do General Manoel Padeiro*: práticas quilombolas na Serra dos Tapes (RS, Pelotas, 1835). 2ª ed., rev. e ampl., e-book. São Leopoldo: Oikos, 2020.

PIRES, Karen Daniela. *Compadrio, parentesco e família*: escravizados, libertos e livres na paróquia de São José de Taquari/Rio Grande do Sul. 2021. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Taquari.

PRIORE, Mary Del (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. 7ª Ed., São Paulo: Contexto, 2004.

REGUERA, Andrea. *Patrón de estancias*: Ramón Santamarina: una biografía de fortuna y poder en la pampa. Buenos Aires: Eudeba, 2006.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além.* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

RODRIGUES, Jaime. *De Costa a Costa.* São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RODRIGUES, Jaime. *O infame comércio*: propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850). Campinas: Ed. UNICAMP, 2000.

RODRIGUES, L. F. M.; MOREIRA, P. R. S. "Com o Favor de Deus querem Casar": o processo de habilitação matrimonial na Igreja Católica como fonte de pesquisa histórica. *Sillogés*, v. 4, p. 396-424, 2021.

SANTOS, W. B. dos. Caminhos identitários: imigrantes portugueses em Pernambuco. *Revista História* (São Paulo), n.177, p. 1-33, 2018.

SCHERER, Jovani de Souza. *Experiências de busca da liberdade*: alforria e comunidade africana em Rio Grande, século XIX. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

SCOTT, A. S. V. Uma história de despedidas: a emigração portuguesa para o Brasil (1822-1910). *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis: EDUFSC, n. 27, p. 29-56, abr. de 2000.

SCOTT, Ana Sílvia Volpi; BERUTE, Gabriel Santos. Gentes das Ilhas: repensando a migração do Arquipélago dos Açores para a Capitania do Rio Grande de São Pedro no século XVIII. In: *Gentes das Ilhas.* São Leopoldo: Oikos, 2014, p. 105-146.

SCOTT, Dario. *Livres e escravos*: população e mortalidade na Madre de Deus de Porto Alegre (1772-1872). 2020. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SILVA, A. de M. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Tomo 1. Rio de Janeiro: Oficinas da S. A. Litho-Litotipographia Fluminense, 1922 (Edição fac-símile da 2ª edição, de 1813).

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Língua Portugueza*. Lisboa: Tipografia Lacérdina, 1813.

SLENES Robert. "Malungo ngoma vem!": África encoberta e descoberta no Brasil. *Revista USP*. 12, p. 48-67, 1991-92.

SOARES, Mariza. *Devotos da cor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOUSA, Jorge Prata de. Anotações a respeito de uma fonte: os registros de óbitos da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, século XIX. *Cadernos Saúde Coletiva*, v. XI, n. 1, p. 33-58, jan-jun 2003.

SOUZA, Marina de Mello e. Catolicismo negro no Brasil: Santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. *Afro-Ásia*, 28, p. 125-146, 2002.

SWEET, James H. *Recriar a África*: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770). Lisboa: Edições 70, 2007. (Lugar da História, 69)

TAVARES, Mauro Dillmann. *Irmandades Religiosas, Devoção e Ultramontanismo em Porto Alegre no Bispado de Dom Sebastião Dias Laranjeira (1861-1888)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

THOMPSON, Edward Palmer. *Senhores e caçadores*: a origem da Lei Negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THORNTON, John. *A África e os africanos na formação do mundo atlântico. 1400/1800*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. *Ideologia e Escravidão*. Petrópolis: Vozes, 1986.

AÇORIANOS NOS *AUTOS DE HABILITAÇÃO MATRIMONIAL*: APONTAMENTOS (1753-1763)

Vanessa Gomes de Campos[1]

Introdução

O texto apresenta a tipologia documental *Autos de Habilitação Matrimonial (AHM)*, tendo como objetivo explorar algumas das possibilidades de pesquisa, enquanto fonte histórica. Para tanto, foram selecionados os indivíduos declaradamente nascidos nas ilhas dos Açores, dentre os 191 documentos da primeira década de sua existência (1753-1763). Exemplificamos o conteúdo dos AHM, coletando dados e reproduzindo as informações que alguns indivíduos forneceram em seus depoimentos, ampliando, assim, a oportunidade de se acessar indícios que também contribuam no conhecimento de trajetórias humanas no deslocamento geográfico do período em direção ao território sul-rio-grandense.

Inicialmente, cabe informar que o Arquivo Histórico Monsenhor Ruben Neis (AHMRuN) integra o conjunto de órgãos da Cúria Diocesana que auxiliam o Bispo na gestão do território sob sua jurisdição. Fundado em 1853,[2] custodia a produção documental eclesiástica desde 1747 até os dias atuais.[3]

Antes de prosseguir, é importante ressaltar que a nomenclatura do Arquivo teve variações ao longo do século XX, tendo-se consolidado, no início dos anos 2000 como Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (AHCMPA). Como o dinamismo social atinge também o ato de nomear, a partir de 30 de novembro de 2021, o Arquivo passou a chamar-se *Arquivo Histórico Mon-*

1 Mestre em História. arquivista e historiógrafa no Arquivo Histórico Monsenhor Ruben Neis, da Arquidiocese de Porto Alegre. Porto Alegre/RS-Brasil.

2 Trata-se do ano de instalação da Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul.

3 A Diocese de São Pedro, erigida em 1848 e com sede em Porto Alegre, foi elevada à categoria de Arquidiocese em 1910, quando foram instituídas outras três Dioceses no estado (Pelotas, Santa Maria e Uruguaiana). Na Igreja Católica vigora o princípio da territorialidade, ou seja, sempre que instituída uma nova Diocese, os documentos relativos às paróquias da nova jurisdição são separados e encaminhados à nova sede.

senhor Ruben Neis, em homenagem ao último sacerdote que atuou no órgão, participou ativamente na constituição do acervo e contribuiu para a fixação da data de fundação da cidade de Porto Alegre.[4]

Dito isso, no presente trabalho, dentre os documentos custodiados pelo AHMRuN, vamos conhecer a Série *Autos de Habilitação Matrimonial* (AHM) como fonte para a pesquisa histórica. Nesse sentido, propomos destacar, de modo muito breve, parte de seu potencial, através da seleção de indivíduos declaradamente de naturalidade açoriana no período entre 1753 e 1763. A partir de tal seleção, que resultou em 81 documentos (dos 191 que existem), faremos uma pequena análise do conjunto e destacaremos as trajetórias de alguns indivíduos, como forma de evidenciar o conteúdo.[5] Os critérios que utilizamos para expor as trajetórias foram, por um lado, recolher os depoimentos que continham maiores informações e cujo suporte (papel) estava em melhores condições de conservação. Por outro, escolhemos as falas que continham eventos que mais se repetiram dentro do conjunto, embora mencionemos algumas que mais se diferenciaram da média.

O recorte temporal foi escolhido por tratar-se dos documentos mais antigos da Série. Agrega-se a isso, o ano de 1752 ser considerado um marco para o movimento colonizador empreendido pela coroa portuguesa: o deslocamento dos *Casais d'El Rey* para os Campos de Viamão e seu território.[6] Neis (1971) afirma que "os casais açorianos, remetidos para povoar o território das Missões, começaram a chegar ao porto do Dorneles nos últimos três meses de 1752".[7] Portanto, 1753 é também significativo como baliza inicial para o maior fluxo de açóricos na freguesia de Viamão.[8] Do mesmo modo, a partir de 1763, com a

4 Aconselhado por uma Comissão constituída por Vanessa Gomes de Campos (arquivista e historiógrafa do Arquivo), Caroline Zuchetti (museóloga da Arquidiocese), Pe. Luciano Massullo, Pe. Fabiano Glaeser dos Santos e um representante da Assessoria de Comunicação, o atual arcebispo acolheu a ideia de homenagear a relação de Neis com a capital sul-rio-grandense, nomeando o Arquivo onde este pesquisou e que salvaguardou por mais de 40 anos.

5 Devido à impossibilidade de se reproduzir todas as informações que podemos encontrar nos Autos, pois extrapolaríamos à proposta desta publicação, selecionamos o relato de algumas trajetórias para exemplificar o conteúdo.

6 Para o contexto geral do período ver, entre outros, Reichel (2006), Kühn (2011), Scott e Berute (2014), Hameister (2014).

7 Neis (1971) fez um levantamento quantitativo entre os registros de batismos, que envolveram os açorianos Casais d'El Rey: "Em 1752 (8 de dezembro) realizou-se na freguesia de Viamão, da qual fazia parte o Porto do Dorneles, o primeiro batizado de filho de açorianos. Em 1753 foram batizadas 28 crianças, filhas de açorianos; em 1754 foram 32". Porto do Dorneles é um dos nomes primitivos da atual cidade de Porto Alegre.

8 A igreja de Viamão foi criada em 1747, tendo como limites desde Mostardas até Santa Catarina, "incluindo o planalto de Vacaria e São Francisco de Paula, denominado 'Cimo da Serra de Viamão', e as regiões dos Rios dos Sinos, Caí e Taquari" (NEIS, 1978, p. 9). Com a criação da fortaleza de Rio Pardo em 1750, se instalou um capelão que dava auxílio religioso aos soldados e aos civis que ali residiam. Em 1757, foi instalada a igreja de Triunfo, sendo desmembrada da de Viamão.

tomada de Rio Grande pelos espanhóis, o fluxo populacional para as freguesias de Viamão, Triunfo, Taquari e a fronteiriça Rio Pardo intensificou-se e reflexos de acontecimentos podem ser observados nas histórias de algumas pessoas.

Autos de Habilitação Matrimonial

A Série AHM é composta por cerca de 20 mil processos que correspondiam à Comarca Eclesiástica de Viamão e de Porto Alegre.[9] Trata-se de um tipo documental que compreendia a preparação para o casamento entre duas pessoas. O objetivo era provar as condições básicas que as habilitavam a casar, como a inexistência de impedimento (graus de parentesco consanguíneo ou por afinidade, promessas de casamento a outras/os) e, sobretudo, o fato de serem "solteiros, livres e desimpedidos". Durava o tempo necessário para os noivos serem inquiridos, assim como as três testemunhas que confirmavam as alegações iniciais.

Além disso, era necessário que os noivos apresentassem as certidões de batismo e de "banhos", ou seja, os proclamas de seus locais de origem. Dadas as dificuldades da entrega das referidas certidões para serem juntadas aos AHM, e a fim de facilitar o andamento do processo preparatório, realizava-se a comprovação do estado de solteiro/a através da *Justificação de Solteiro* e, mais raramente, a de *Solteira*. Para tanto, valiam-se de testemunhas (que confirmavam as alegações do/a justificante) e, em alguns casos, ainda eram registrados fiadores e um prazo ficava estabelecido para a entrega das certidões. Dessa forma, valiam-se de testemunhas para procederem nos casos em que ainda restavam dúvidas, sobretudo quanto à idade e mobilidade masculina.

Na Justificação de Solteiro/a, as testemunhas confirmavam oralmente as alegações do/a justificante. De modo geral, como a moça vivia "sob o pátrio poder", raramente necessitava apresentar testemunhas, restando somente ao rapaz requerente a tarefa de trazê-las, para provar sua passagem em diversos lugares – freguesias –, o período em que permaneceu e suas relações com as testemunhas, as quais sempre eram "tidas como fidedignas e residentes" (FARIA, 1998, p. 58-59). Nos casos em que a pessoa era viúva, cujo estado também deveria ser comprovado (ou justificado), também se acionavam testemunhas, caso o falecimento não tivesse ocorrido na mesma freguesia de residência do/a viúvo/a.

Os procedimentos que geravam os AHM eram regulados pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, como podemos ver:

9 As freguesias, ou igrejas, subordinavam-se às Comarcas Eclesiásticas, administradas pelos Vigários da Vara ou Forâneos. A Comarca de Viamão foi instituída em 1750 e suprimida em 1773, quando passou a existir a Comarca de Porto Alegre.

> Os que pretenderem casar, o farão a saber a seu Parocho, antes de se celebrar o Matrimonio de presente, para os denunciar,[10] o qual, antes que faça as denunciações, se informará se há entre os contrahentes algum impedimento, e estando certo que não o há, fará as denunciações em tres Domingos, ou dias Santos de guarda continuos, à estação da Missa do dia, e as poderá fazer em todo o tempo do anno (n. 269).

A petição inicial que desencadeava o processo de habilitar-se ao matrimônio tinha a seguinte fórmula:

> Diz N. filho de N. e de N. naturais de tal terra moradores em tal parte e para efeito de se casar com N. filha de N. naturais de tal terra moradores em tal parte quer justificar a saída de sua terra e que não tem impedimento algum.

A petição era autuada na Justiça Eclesiástica e os noivos compareciam para prestarem depoimento, sob juramento, a respeito das suas informações. Quanto mais antigos os Autos, mais informações podem ser encontradas, pois é válido lembrar que a meados do século XVIII gente de todos os lados poderia se instalar no território em expansão do extremo sul do Brasil, apresentando trajetórias de vida bastante peculiares, às vezes.

Outro documento que ainda pode fazer parte de alguns AHM é a Justificação de Dispensa. A vigilância era severa e a importância da dispensa, significativa, uma vez que existiam impedimentos[11] entre os noivos que podiam ocasionar, inclusive, a invalidade do casamento.

Nos AHM nos deparamos com pessoas oriundas de diferentes locais, marcadas pelas suas histórias de vida. Para exemplificar o conteúdo que pode ser acessado nesta tipologia de documentos, selecionamos os *açorianos*.

Açorianos nos Autos de Habilitação Matrimonial

Entendemos por *açorianos* os indivíduos que declararam a naturalidade de nascimento em alguma das nove ilhas do Arquipélago dos Açores. Como mencionamos, anteriormente, no período entre 1753 e 1763 há 191 itens, dentre os quais em 81 AHM (ou 42%) ao menos um dos noivos é natural dos Aço-

10 Na atualidade é chamado *Proclamas* o procedimento de "denunciar" ou a "denunciação".

11 Os impedimentos podiam ser dirimentes e impedientes, havendo 14 tipos de pecados dirimentes: erro da pessoa, condição (se havia um escravo e o outro não sabia, antes do casamento), voto religioso, cognação, crime, disparidade de religião, força ou medo, ordem (subdiácono, diácono, sacerdote), ligame (casado com outro por palavras de presente, mesmo que não tenha consumado), pública honestidade, afinidade, impotência, rapto, ausência do pároco e das testemunhas. Esses impedimentos podiam considerar o matrimônio nulo, caso não fossem descobertos antes do enlace. Os impedimentos impedientes envolviam relações de parentesco consanguíneo.

res. Além disso, no montante dos *Autos* selecionados, foram encontrados 376 depoimentos de testemunhas, sendo que conseguimos extrair 74 nomes, todos masculinos,[12] de indivíduos naturais de alguma das ilhas do Arquipélago. Como privilegiamos os dados de cada indivíduo, optamos por evidenciar os nomes sem repetição, destacando a idade, o ofício, se pertencia ao grupo dos "Casais de Sua Majestade" e a ilha de origem, como consta no Quadro 1, ordenado pelo nome. Também buscamos evidenciar os *açorianos* natos, conforme as situações de sua chegada ao território, ou seja, os indivíduos que transitavam e se fixaram *espontaneamente* e aqueles identificados como filhos/as e agregados/as das famílias que vieram *contratadas* como *casal d'El Rey*.[13] [14][15]

Quadro 1 – Testemunhas (1753-1763)

Nome, idade, estado, ofício (quando informado)[14]	Ilha	Ref.[15]
André Gomes, 33 anos, casado, oficial de alfaiate, "dos casais que sua Majestade manda para as novas povoações Missões"	de São Miguel	1758/1
André Machado Soares, 37 anos, casado, vive de cirurgia, "dos casais d'El Rey"	de São Jorge	1761/4
André Machado, 25 anos, solteiro, "dos casais que sua Majestade manda para as novas povoações de Missões"	Terceira	1753/9
Antônio da Rocha Mendes, 56 anos, casado, "dos casais que sua Majestade manda para as novas povoações de Missões"	Terceira	1756/3
Antônio da Rosa, 23 anos, solteiro, vive de andar no mar	do Faial	1758/11
Antônio da Silveira de Ávila, 25 anos, casado, ferreiro	do Faial	1760/20
Antônio de Souza da Câmara, 36 anos	Graciosa	1757/13
Antônio de Souza dos Santos, 37 anos, solteiro, vive de seu negócio	do Pico	1755/17
Antônio de Souza Pereira, 30 anos, casado, sapateiro, "casal d'El Rey"	de São Jorge	1760/22
Antônio Gonçalves Barretos, 32 anos, casado em Viamão, vive de seu trabalho de roças	de São Miguel	1758/8
Antônio Jacinto, 28 anos, casado, vive de andar no mar	Terceira	1763/9
Antônio José, 25 anos, solteiro, marinheiro	do Faial	1754/5

12 Era raríssima a ocorrência de uma mulher como testemunha.

13 Nos documentos foram surgindo diferentes designações em relação aos *casais*, como: "casal de número", "casal d'El Rey", "casal de sua majestade", "casal que sua majestade manda para as novas povoações de Missões". Buscamos reproduzir exatamente como mencionado, apenas chamando a atenção para a atualização ortográfica das informações.

14 Após o ofício, quando designado, agregamos a informação de que integrou a política de povoamento do território através de uma das designações "dos casais" (vide nota anterior).

15 Referência do documento no AHMRuN, formada pelo ano/número.

Antônio Luís Fernandes, 49 anos, casado, carpinteiro	Terceira	1763/9
Antônio Luís, 33 anos, carpinteiro, "casado na expedição dos casais que sua majestade manda para Missões"	Terceira	1754/2
Antônio Nunes de Carvalho, 25 anos, solteiro, vive de seu trabalho de roça, "filho dos casais de número"	Terceira	1760/12
Antônio Rodrigues, 24 anos, casado em Viamão, marinheiro	de São Jorge	1756/3
Antônio Teixeira Quadros, 38 anos, vive de seu trabalho, "dos casais das Ilhas que veio para as novas Missões"	de São Jorge	1758/4
Antônio Teixeira, 29 anos, solteiro, vive de seu trabalho, filho de "casal de El Rey que sua majestade mandou para as novas povoações de Missões"	de São Jorge	1758/16
Bartolomeu Cardoso, 50 anos, casado, vive de seu trabalho de roças, "dos casais das Ilhas"	Terceira	1760/9
Cristóvão José da Câmara Pimentel, 31 anos, casado no Rio de Janeiro, vive de seu negócio,	de São Miguel	1760/19
Dom Antônio Agostinho Castelbranco, 33 anos, casado na Ilha Terceira	[corroído]	1759/5
Felipe Dutra Caldeira, [corroído] anos, casado, vive de seu trabalho	do Faial	1758/13
Francisco da Silveira Luz, 38 anos, casado em Itu/SP, carpinteiro	do Faial	1758/13
Francisco da Silveira Peixoto, 42 anos, casado, vive de seu trabalho de roças	do Faial	1758/3
Francisco de Couto, 23 anos, casado, marinheiro	Terceira	1757/11
Francisco Xavier dos Reis, 37 anos, casado em Viamão, vive de traficância	de São Miguel	1756/6
Henrique Ferreira, solteiro [corroídas as informações]	de São Miguel	1759/2
João da Costa, 31 anos, solteiro, soldado do regimento de Dragões	do Faial	1760/20
João da Silveira Jorge, 40 anos, casado, sargento, "dos casais que sua Majestade manda para as novas povoações de Missões"	do Faial	1753/20
João de Borba Machado, 30 anos, casado em Viamão, vive de seu trabalho	Terceira	1755/10
João de Souza, 50 anos, casado, vive de seu trabalho de roça, "dos casais para irem para as Missões"	do Pico	1760/14
João Dornellas, 50 anos, casado, "dos casais que sua Majestade manda para as Missões"	Terceira	1755/10
João Duarte França, [corroído] anos, casado na Ilha de São Jorge, alfaiate	[corroído]	1758/8
João Gracia Dutra, 44 anos, casado em Viamão, vive de suas fazendas de gado	do Faial	1753/10

João Teixeira de Menezes, 26 anos, casado, homem do mar	de São Jorge	1763/9
José Antônio, 22 anos, casado, vive de seu trabalho de roça, "casal de número"	do Faial	1758/16
José Corrêa Laurades, [corroído] anos, casado, lavrador, "dos casais de El Rey"	do Faial	1759/18
José da Costa, solteiro, vive de [corroído]	de São Miguel	1759/18
José da Rosa Francisco, 20 anos, solteiro, vive de seu trabalho no campo	do Faial	1759/23
José da Silva Peixoto, 32 anos, solteiro, vive de seu trabalho	do Faial	1758/6
José de Borba, 23 anos, casado, ferreiro	Terceira	1760/12
José Duarte, 26 anos, casado, "dos casais que sua majestade manda para as Missões"	de Santa Maria	1753/11
José Homem da Silva, 40 anos, casado, vive de seu trabalho de roças "dos que sua majestade foi servido mandar para as novas povoações de Missões"	de São Jorge	1758/4
José Machado Sequeira, 47 anos, casado, "dos casais que sua Majestade manda para Missões"	de São Jorge	1754/3
José Rodrigues Luiz, 40 anos, casado, vive de seu trabalho	do Faial	1758/13
José Rodrigues, 26 anos, casado, "dos casais que sua Majestade manda para Missões"	Terceira	1754/2
José Silveira, 30 anos, casado, vive de seu trabalho	do Faial	1758/13
Lourenço Machado, [corroído] anos, casado, vive de andar no campo, "veio no transporte dos casais"	de São Jorge	1760/22
Luís de Souza, 30 anos, casado, marinheiro, "da expedição dos casais que sua Majestade manda para as Missões"	Terceira	1754/5
Manoel Cardoso, 40 anos, viúvo, vive de seu trabalho na conduta dos casais	do Pico	1753/18
Manoel de Araújo, 30 anos, casado, vive de seu trabalho, "dos casais do número de El Rey"	de São Miguel	1760/23
Manoel de Barros Pereira, 46 anos, solteiro, vive de sua estância	de Santa Maria	1759/26
Manoel de Morais, 50 anos mais ou menos, casado, vive de sua agência, "dos casais que sua majestade mandou conduzir pera as povoações das Missões"	de Santa Maria	1753/11
Manoel dos Santos, 26 anos, solteiro, marinheiro	Terceira	1758/11
Manoel Duarte do Amaral, 48 anos, casado em Viamão, vive de trabalho de roça	do Faial	1758/13

Manoel Ferreira, 48 anos, casado, vive de seu trabalho de roça, "dos casais de número"	de São Jorge	1760/14
Manoel Francisco da Silva, 60 anos, casado, ourives, "da expedição dos casais que sua Majestade manda para as Missões"	do Faial	1754/5
Manoel Francisco de Souza, 25 anos, casado, vive de seu negócio de comprar e vender	Terceira	1760/15
Manoel Francisco, 25 anos, solteiro, vive de seu trabalho	Terceira	1754/6
Manoel Gomes, 20 anos, casado em Rio Pardo, vive de seu trabalho na roça, "vindo sujeito a seus pais que vinham por casal de El Rey"	de São Jorge	1759/23
Manoel Jacinto Machado, 39 anos, casado, carpinteiro	de São Jorge	1755/17
Manoel Machado Borba, 30 anos, casado, "que se acha nos casais da expedição que sua majestade manda para as Missões"	de São Jorge	1754/3
Manoel Pereira Soares, 36 anos, vive de seu trabalho de campo "dos casais que sua Majestade manda para as novas povoações Missões"	[corroído]	1758/4
Manoel Pereira, 30 anos, casado em Rio Pardo, vive de seu trabalho de roças, filho "dos casais que sua majestade manda para as novas povoações de Missões"	Terceira	1759/4
Manoel Pereira, 35 anos, casado, sapateiro, "casal d'El Rey"	de São Jorge	1760/11
Manoel Rodrigues, 24 anos, solteiro, vive de seu trabalho	do Faial	1759/4
Manoel Vicente, 22 anos, casado em Viamão, vive de andar no mar	do Faial	1755/8
Manoel Vieira de Mello, 24 anos, casado, vive de suas lavouras, "agregado a um casal do número"	Terceira	1760/15
Mateus de Andrade, 40 anos, solteiro, vive de seu trabalho	de Santa Maria	1757/15
Pe. Matheus da Silva, 47 anos, sacerdote do hábito de São Paulo	Terceira	1753/14
Pedro José, 30 anos, casado, vive de seu trabalho de roça, "dos casais que sua majestade foi servido mandar para as novas povoações de Missões"	Terceira	1760/9
Simão Dias, 37 anos, casado, "dos casais que sua Majestade manda para as novas povoações de Missões" (não consta o ofício)	Terceira	1753/20
Tomás Pereira, 40 anos, casado, vive de seu trabalho na conduta dos casais	do Faial	1753/18
Tomás Furtado, 26 anos, casado, "dos casais que sua majestade manda para as novas povoações de Missões"	Terceira	1753/9

Fonte: elaborado pela autora.

Como observamos, a maioria dos indivíduos era oriunda da ilha Terceira. Dos Açores, encontramos representantes de sete das nove ilhas que formam o Arquipélago:

Tabela 1 – Ilhas de origem das testemunhas

Ilha	Qtd.
Ilha Terceira	22
Ilha do Faial	20
Ilha de São Jorge	14
Ilha de São Miguel	7
Ilha de Santa Maria	4
Ilha do Pico	3
[corroída]	3
Ilha Graciosa	1

Fonte: elaborado pela autora.

Outra informação que podemos ressaltar é que, dos 74 nomes elencados, ao menos 36 (48,6%) se declarou explicitamente como "casal d'El Rey" ou outra expressão.

O carpinteiro Antônio Luís declarou (1754) ter-se casado na "expedição dos casais que sua majestade manda para Missões". Nascido na ilha Terceira, foi testemunha do noivo Caetano José, da ilha Graciosa, que conheceu "em casa de seus pais na ilha Terceira", onde

> [...] chegara o justificante [Caetano] muito criança que mostrava ter de idade seis para sete anos e [o acolheu] em sua casa o reverendo Pe. Domingos da Costa para servi-lo alguns mandatos e com o reverendo padre estivera três para quatro anos e daí se embarcara para o Brasil.

João Teixeira de Menezes, "homem do mar", da ilha de São Jorge, conheceu Manoel Joaquim em função do ofício (1763), havia "10 para 11 anos", ou seja, por volta de 1750, e "sempre andaram embarcados no serviço de El Rey". Quando se conheceram, Manoel Joaquim "teria 10 ou 11 anos de idade" e "se decidiu vir para o Brasil". Na realidade, eles se conheceram no Brasil e ele, testemunha, "tem amizade com vários patrícios do justificante com quem se comunicava e sabia que ele [Manoel Joaquim] viera fugido de seu padrasto e mãe" e também do "ofício de sapateiro, que um tio do dito justificante queria levar para Portugal". Nesse sentido, entendemos que a solução de Manoel Joaquim para não ir com o tio ao continente para ser sapateiro foi fugir, passando pelo Rio de Janeiro e depois para Rio Grande, onde residiu a testemunha.

A vida no mar, ao que parece, criou uma rede de relações entre diversos rapazes. Manoel Vicente, da ilha do Faial, conheceu Antônio Pereira, da ilha do Pico, nas mesmas circunstâncias (1755). Ao se referir como se conheceram, Manoel disse que,

> [...] estando em sua terra, aí fora uma fragata de guerra e lançando lancha a terra, nela fora o justificante [Antônio], que era de pouca idade e mostrava não ter mais de 11 anos, e aí tomara conhecimento dele. E depois, embarcando-se ele testemunha para o Brasil, no Rio de Janeiro se topou com o justificante e andaram de muitas viagens de camaradas no decurso de doze anos.

Sendo assim, histórias se repetem e vão se somando, nos abrindo pequenas janelas para um passado distante. É o que também apresentamos no Quadro 2, listando os nomes de 81 casais. Por outro lado, chamamos a atenção para Manoel de Barros Pereira, cujo documento se trata, na realidade, de uma declaração (não propriamente de um AHM). Nesta ele registrou serem os pais falecidos e que era "morador na freguesia de Viamão, continente da Vila de Rio Grande de São Pedro havia mais de 20 anos". Sendo a declaração de 1759, este açoriano da ilha de Santa Maria teria chegado ao território por volta de 1740.[16]

Na coluna "Idades" do Quadro 2, convém saber que a informação das idades sempre era complementada com a expressão "pouco mais ou menos". Ao analisarmos a faixa etária feminina, encontramos a mais nova com 12 anos e a mais velha, 33 anos, sendo que a maior ocorrência de casamentos estava na faixa dos 14 aos 18 anos.[17] No caso masculino, oscilam dos 15 aos 46 anos, com mais incidência para os rapazes entre 18 e 24 anos.

Quanto às naturalidades, colocamos em destaque as pessoas não oriundas das ilhas dos Açores.

Quadro 2 – Casais (1753-1763)

Casal	Idades		Naturalidades		Ref.
	Ele	Ela	Ele	Ela	
André da Silveira e Maria do Espírito Santo	20	22	Ilha de São Jorge	Ilha de São Jorge	1760/20
André Machado de Souza e Lucia Inácia (viúvos)	16	16	Ilha Terceira	Ilha Terceira	1755/10

16 Para mais informações a respeito de Manoel de Barros Pereira e sua relação com Santo Antônio da Patrulha (ou a Guarda Velha de Viamão), ver Neis (1975).

17 Não constam as idades em 21 mulheres e em 19 homens.

André Machado Ferreira e Águeda Rodrigues			Açores	Açores	1753/18
Antônio Cardoso da Silva e Maria de Brito	24	14	Ilha Terceira	Laguna	1757/19
Antônio Corrêa e Rozaura Maria de Azevedo (parda forra)	22	14	Ilha de São Miguel	Rio Grande	1758/1
Antônio de Oliveira Machado e Inácia Rosa de Jesus	27	14	Sorocaba	Ilha Faial	1755/7
Antônio de Souza dos Santos e Maria Santa de Belém	38	20	Ilha do Pico	Ilha do Faial	1756/16
Antônio de Vargas e Maria de Jesus (Guia de Matrícula)		17	Ilha do Faial	Ilha de São Jorge	1758/23
Antônio Fernandes da Costa e Maurícia dos Anjos	25	13	Rio de Janeiro	Ilha Terceira	1756/15
Antônio Jacinto e Mariana de São José	19	15	Ilha Terceira	Ilha do Faial	1758/26
Antônio José Moreira e Catarina da Silveira (viúva)		33	Itu	Ilha do Faial	1757/20
Antônio Machado Pereira e Maria de Jesus (Guia de Matrícula)			Ilha de São Jorge	Ilha do Faial	1758/25
Antônio Pereira e Juliana Dias da Silva	21	13	Ilha do Pico	Viamão	1758/7
Antônio Rodrigues e Elena Maria	24	16	Algarve	Ilha do Faial	1755/8
Antônio Rodrigues e Maria da Conceição (Guia de Matrícula)		14	Lagos	Ilha [corroído]	1757/24
Antônio Rodrigues e Vitória Rodrigues	18	13	Ilha de São Jorge	Viamão	1754/3
Antônio Severo e Rosa de Santa Clara	19	14	Ilha Terceira	Ilha Terceira	1759/4
Antônio Teixeira da Cunha e Mariana Josefa	26	14	Braga	Ilha Terceira	1753/14
Antônio Teixeira e Maria do Rosário (Guia de Matrícula)			Ilha de São Jorge	Açores	1758/24
Bartolomeu Bueno da Silva e Margarida da Silva	24	15	Guaratinguetá	Ilha do Faial	1753/12
Caetano José e Teresa de Jesus	15	16	Ilha Graciosa	Ilha Graciosa	1754/2

Cosme da Silveira de Ávila e Rita Josefa da Silveira			Ilha de São Jorge	Açores	1757/2
Custodio Leite Ferreira e Maria Santa de Belém	29		Braga	Ilha do Faial	1760/20
Diogo Trilho e Suzana do Rosário	36	15	Andaluzia	Ilha de São Jorge	1755/6
Domingos Francisco e Maria das Candeias		17	Lisboa	Ilha de São Jorge	1753/1
Francisco Antônio da Silva e Antônia Maria de Jesus	22	18	Ilha do Faial	Jacareí	1758/6
Francisco da Rosa e Teodósia da Silva	20	16	Ilha do Pico	Viamão	1759/5
Francisco de Oliveira Pinto e Antônia Maria do Nascimento	23	13	Macacu	Ilha do Faial	1759/15
Francisco Gonçalves de Carvalho e Francisca Rosa	18	15	Porto	Ilha do Pico	1759/25
Francisco José Gonçalves e Joana do Sacramento	23	15	Ilha de Santa Maria	Ilha de São Jorge	1763/13
Francisco Munhoz de Camargo e Maria de São Francisco	40	21	Cotia	Ilha Terceira	1753/4
Francisco Pacheco e Ludovina Barbosa Monteiro	32		Ilha do Faial	Açores	1760/15
Francisco Pereira da Silva e Luiza Rosa		18	Lisboa	Ilha do Pico	1755/1
Francisco Xavier de Assunção e Maria de Ávila (viúva)			Lisboa	Ilha de São Jorge	1755/18
Henrique Ferreira e Joana Maria	21	16	Ilha de São Miguel	Ilha de São Jorge	1759/18
Inácio Rodrigues Pais e Maria Tomásia	24		São Paulo	Ilha do Faial	1761/4
Jerônimo da Silveira Machado e Maria Santa	25		Ilha do Faial	Açores	1753/20
João Antunes e Vicência Inácia da Pureza	20	14	Colônia do Sacramento	Ilha Terceira	1756/13
João Caetano de Moraes e Quitéria de Brum	28	14	Braga	Ilha do Faial	1759/13

João de Borba Machado e Mariana Teresa de Jesus	25	14	Ilha Terceira	Ilha de São Jorge	1753/9
João Ferreira de Faria e Francisca Josefa	45		Lisboa	Ilha de São Jorge	1753/2
João Francisco de Almeida e Joana da Cruz	31		Coimbra	Ilha de São Jorge	1761/9
João Homem e Ana Maria	24		Ilha Terceira	Ilha Terceira	1757/11
João Jorge Chaves e Ana da Conceição	18	24	Rio São Francisco	Ilha de Santa Maria	1755/3
João Pedro de Barros e Luzia Rosa	25	16	Braga	Ilha do Pico	1755/2
João Pereira Forte e Eugênia Rosa (Guia de Matrícula)			Ilha de São Jorge	Ilha Terceira	1758/22
Jorge de Souza Nunes e Francisca dos Anjos	31	14	Ilha de São Jorge	Ilha de Santa Maria	1760/22
José Albernaz e Rosa Maria de Belém	22	15	Ilha do Faial	Ilha do Faial	1760/12
José Caetano e Francisca de Souza			Ilha de Santa Maria	Ilha de Santa Maria	1753/11
José da Costa e Maria dos Anjos	19	16	Ilha de São Miguel	Ilha Terceira	1759/2
José da Silveira Peixoto e Ana Maria da Silveira	29	15	Ilha do Faial	Ilha do Faial	1758/13
José de Borba e Maria do Espírito Santo	23	13	Ilha Terceira	Ilha Terceira	1760/9
José de Souza e Ana Pereira	19	19	Ilha de São Jorge	Ilha de São Jorge	1760/14
José Ferreira de Andrade e Rosa Maria de Jesus	30	22	Braga	Ilha do Faial	1753/10
José Inácio Medina e Teresa da Silveira	21	15	Corrientes	Ilha do Faial	1758/10
José Luiz e Teresa da Cruz Medeiros	19	16	Ilha do Pico	Viamão	1759/8
Luiz Ferreira da Silva e Maria Jacinta de Jesus	29	33	Minas Gerais	Ilha Terceira	1753/3
Luiz Pereira do Couto Brandão e Maria do Rosário	24	15	Rio de Janeiro	Ilha do Faial	1756/14

Manoel da Silva e Maria Vaz	17	15	Ilha de São Jorge	Laguna	1756/5
Manoel da Silveira de Quadros e Josefa de São Francisco (Guia de Matrícula)	19	22	Ilha de São Jorge	Ilha do Faial	1757/23
Manoel das Neves (índio) e Teresa Maria		27	Taubaté	Ilha do Faial	1757/16
Manoel de Barros Pereira	46		Ilha de Santa Maria	-	1759/28
Manoel de Bittencourt e Jacinta Rosa	21	21	Ilha Graciosa	Ilha do Faial	1759/24
Manoel de Freitas Teixeira e Maria do Nascimento	27	17	Ilha da Madeira	Ilha Terceira	1759/9
Manoel de Medeiros e Maria da Silveira (Guia de Matrícula)			Ilha do Faial	Ilha do Faial	1758/5
Manoel de Quadros (viúvo) e Quitéria Maria			Açores	Açores	1758/ 20
Manoel do Couto e Maria Josefa (Guia de Matrícula)			Ilha Terceira	Ilha Terceira	1758/21
Manoel Fernandes e Vitória da Conceição	23	15	Lamego	Ilha Terceira	1754/4
Manoel Ferreira Braga e Sebastiana das Candeias	32	16	Braga	Ilha Terceira	1760/13
Manoel Gomes Soares e Antônia Margarida	18	19	Ilha de São Jorge	Ilha Santa Maria	1758/4
Manoel Joaquim e Maria Josefa	24	14	Açores	Ilha Terceira	1763/9
Manoel Mendes e Maria de Jesus	15	15	Laguna	Ilha Terceira	1755/11
Manoel Vicente e Vitória Maria	21	20	Ilha do Faial	Ilha do Pico	1754/5
Mateus Pereira e Ana Maria	19		Ilha de São Jorge	Açores	1760/11
Mateus Soares e Teresa de Araújo	29	14	Ilha Terceira	Rio das Mortes	1758/16
Mathias de Andrade e Joana Correia	25	21	Ilha de Santa Maria	Laguna	1758/8

Miguel Afonso Leal e Teresa de Jesus			Açores	Ilha de São Jorge	1758/14
Narciso Pereira da Luz e Luiza Pereira (exposta, viúva)		18	Rio de Janeiro	Açores	1755/9
Pedro Machado e Ana Maria (Guia de Matrícula)			Ilha de São Jorge	Ilha do Faial	1759/23
Roque Goulart e Maria de Jesus (Guia de Matrícula)	18	12	Ilha do Pico	Ilha do Pico	1760/10
Vicente da Silva e Maria de São João	16	16	Ilha do Pico	Ilha de São Jorge	1755/17

Fonte: elaborado pela autora.

Algumas trajetórias exemplificam o contexto histórico do movimento colonial, como o caso de Antônio de Souza Santos (1756), Mathias de Andrade (1758) e Vicente da Silva (1755). Nenhum dos três homens era dos *casais d'El Rey*, nos permitindo acompanhar alguns fragmentos de suas vidas.

Começamos com Vicente da Silva, da ilha de São Jorge. Em seu depoimento, disse que "de idade de nove para dez anos deixara a companhia de seus pais e se passara para a ilha Terceira e aí estivera um ano e logo se embarcara para o Brasil aonde tem andado até o presente no serviço do rei". Em primeiro lugar, destacamos a mobilidade entre as ilhas, algo recorrente em diversos casos. Também era costumeiro que as andanças a serviço do rei fossem resultado de "andar embarcado". No caso de Vicente, já fazia "cinco para seis anos [andava embarcado] pelo Rio Grande, sem fazer demora considerável em parte alguma".

Antônio de Souza Santos, ao contar sua trajetória, disse que

> [...] de idade de 12 anos saíra de sua pátria na companhia de seus pais para o Brasil e chegado no Rio de Janeiro, logo se transportara para as Minas, na companhia dos mesmos pais, e sempre vivera ele no arraial e freguesia dos Carijós até a era de 1752, que viera para este Viamão aonde tem assistido.

Quanto a Mathias de Andrade,

> [...] na idade de 9 anos saíra da companhia de seus pais e fora embarcado para a cidade de Lisboa aonde assistiu pouco tempo, porque logo se embarcara em uma frota [corroído] no Rio de Janeiro aonde chegou a dar duas viagens e gastara a melhor de dois anos e na última que dera ficou na dita cidade aonde assistiu pouco tempo porque logo se passara às Minas do Rio das Mortes, freguesia de São João del Rey, e que na dita vila assistiu algum tempo, porque entra [corroído] com tratos com

> cavalos de dentro para fora do campo sem jamais ter domicilio certo, porém que nessa labutação andaria a melhor de três anos e logo viera para esta freguesia pelo sertão a donde está morador há 10 anos, assistindo em casa de Francisco de [corroído].

Destes casos selecionados, Mathias foi o único que se casou com uma moça que não vinha dos Açores. Maria de São João era de Laguna, de onde se deslocou para Viamão "de idade de cinco anos pouco mais ou menos", junto com a mãe, onde viviam havia 15 anos. Aproveitamos as falas de Mathias e de Maria para chamar a atenção na questão das idades. Se passarmos a calcular o tempo de suas trajetórias, ficamos defasados em relação aos anos de vida/atividades, posto ambos terem declarado ter "dezesseis anos pouco mais ou menos". De qualquer modo, Antônio de Souza Santos e Mathias de Andrade representam parte da população colonial que se dirigiu às Minas Gerais para a extração do ouro. Por outro lado, Mathias de Andrade representa o processo de exploração nas terras meridionais, ao mencionar os "tratos com cavalos de dentro para fora do campo", envolvido no comércio de animais procedentes do extremo sul em direção às Minas.

À medida que avançavam os anos 1750, as trajetórias passaram a contar com elementos militares relacionados à guerra guaranítica (1753-1756). José Luiz e Teresa da Cruz Medeiros realizaram os *Autos* em 1758. Teresa, dos *casais d'El Rey*, informou que "sempre esteve sujeita aos seus pais". José Luiz, por outro lado, contou que

> [...] da idade de 9 anos saiu da companhia de seus pais e veio em uma embarcação dos transportes para a Ilha de Santa Catarina e na dita Ilha habitou oito meses servindo a El Rey na dita Ilha, que por haver necessidade de gente é que andou trabalhando de tão pouca idade; da dita Ilha se transportou por mar para a vila do Rio Grande, ainda que estava despachado para vir por terra, e que na dita vila do Rio Grande habitou quatro anos, tratando de seu negócio de comprar e vender, e andou algum tempo pescando em uma canoa; na dita vila do Rio Grande assentou praça de soldado de meia pataca e andou acompanhando o Exército toda a campanha, indo à Colônia e a Missões até que se recolheram para a fortaleza de Rio Pardo, a donde está assistindo sem ser soldado a melhor de dois anos.

Seu depoimento segue, sendo indagado se fizera promessas a alguém, ao que respondeu que "anda um boato que ele depoente tem prometido casamento na vila do Rio Grande a uma moça, o que ele depoente nunca fez, sem embargo, tratando a moça com tratos ilícitos, porém que nunca lhe prometera casamento". Esses fragmentos do cotidiano, que adentram a vida das pessoas e lança focos de

luz nas relações, nos possibilitam dialogar com realidades distantes, pensar nos anseios de mulheres e homens do passado. Nesse sentido, concordamos com a historiadora francesa Arlette Farge (2009, p. 14) ao dizer que "o arquivo é uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado". Precisamos questionar o passado, olhar os documentos, entendendo que "o arquivo não escreve páginas de história" (FARGE, 2009, p. 14).

Outros exemplos do período da guerra guaranítica, podemos encontrar nos depoimentos de Jorge de Souza e de José Albernaz, ambos de 1760. Jorge de Souza disse que, quando tinha cerca de 20 anos,

> [...] por falecimento de seus pais, se embarcara nos transportes e veio para esta Ilha de Santa Catarina agregado a um casal, Antônio Alves de Souza, e que na dita Ilha assistira perto de quatro anos e que da dita Ilha veio em companhia do mesmo casal para a vila do Rio Grande e que logo, passados três meses, o prenderam para ser peão do rei, para onde foi por toda a campanha feito peão [...] até se recolher com o exército à fortaleza de Rio Pardo, e que na dita fortaleza lhe viera a dar baixa, passando isso cinco anos, desde a campanha.

Enquanto José Albernaz, faialense que emigrou com os pais, tinha 11 anos quando chegaram na Ilha de Santa Catarina, lá vivendo por pouco tempo, pois "logo se embarcaram para a vila do Rio Grande aonde assistiram um ano". Depois disso, ele teve que assentar praça de soldado, "feito peão do rei, e fora para a campanha de Missões". Rosa Maria de Belém, futura esposa de José, tinha 7 anos de idade quando chegou com os pais em Santa Catarina, por volta de 1752. No entanto, pouco ficaram por lá, "porque logo se embarcaram para a vila do Rio Grande de São Pedro aonde assistira um ano e nesse tempo vieram embarcados para o Porto dos Casais de Viamão", depois passando para Rio Pardo.

Para encerrar, um pouco da vida de Teresa da Silveira, natural da ilha do Faial e que aos 15 anos era noiva do correntino José Inácio Medina. Em 1758 ela informava que estava órfã de pai e mãe e pertencia aos "casais d'El Rei que vieram para Missões" e que, embora a induzissem a não se casar, ela aceitou a palavra de honra de José Inácio. Pela cronologia que nos aponta no depoimento, a família dela teria chegado a Santa Catarina por volta de 1749, lá permanecendo pouco tempo, pois foram embarcados para a vila do Rio Grande. Em Rio Grande ficaram por seis anos, depois passando aos Campos de Viamão, "assistindo na estância de José Antônio, no Arroio Tramandaí". Já na freguesia de Viamão, onde estavam havia quatro anos, os pais faleceram.

A partir do Quadro 2, tomando o critério da naturalidade[18], somam-se 38

18 Retiramos da contagem a declaração de Manoel de Barros Pereira, por não haver nome feminino.

casais em que ambos são açorianos, independente da modalidade da chegada ao território sul-rio-grandense. No caso de um dos noivos ser natural dos Açores, a proporção ficou em: (a) 32 casais – homem não é açoriano e (b) 10 casais – mulher não açoriana. Isoladamente, esses números nada significam, mas inserindo-os no contexto, é possível que a presença de mulheres no mercado dos casamentos tenha se inchado com as famílias açorianas que chegaram a partir de 1752, uma vez que a fronteira contava com o elemento militar para a proteção e conquista.

Considerações finais

Os "encontros com silhuetas desfalecidas ou sublimes" é o que nos instiga a mergulhar em documentos que remontam a séculos passados (FARGE, 2009, p. 49). Muitas vezes disponíveis nos arquivos, aguardam pacientemente o escrutínio silencioso e perspicaz do historiador a indagá-los. Vozes caladas, emudecidas pelo tempo, são capazes de falar de outros tempos a partir de fragmentos que, unidos a tantos outros, podem nos dar noções para conhecer a história de mulheres e homens que foram moldando nossa sociedade.

Nos *Autos de Habilitação Matrimonial*, muitos fragmentos podem ser encontrados. Poderíamos haver trazido inúmeras vozes, mas preferimos mostrar possibilidades com algumas delas. Os AHM são uma fonte seriada que pode ser questionada em diferentes ângulos. Neste breve texto, optamos por selecionar os indivíduos que se declararam naturais das ilhas dos Açores e fazê-los manifestar-se em suas trajetórias.

Porém, há muito a perguntar, inúmeros detalhes a serem analisados e muito sentido a atribuir ao passado.

Referências

CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS do Arcebispado da Bahia, feytas, e ordenadas pelo Sr. D. Sebastião Monteyro da Vide propostas e aceytas em o Synodo Diocesano, que o dito Senhor celebrou em 12 de junho de 1707. 2. ed. São Paulo: Typographia 2 de Dezembro, 1853.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo.* São Paulo: Edusp, 2009.

FARIA, Sheila de Castro. *A colônia em movimento:* fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Vida cotidiana dos açorianos pelas freguesias e caminhos. In: CAMARGO, Fernando; GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloísa. (Dir.). *História Geral do Rio Grande do Sul.* Colônia. v. 1. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 203-223.

HAMEISTER, Martha Daisson. O Continente e o Arquipélago: os povoadores da freguesia de São Pedro do Rio Grande e os nativos das ilhas dos Açores (séc. XVIII). In: SCOTT, Ana Silvia Volpi; BERUTE, Gabriel; MATOS, Paulo Teodoro de (Org.). *Gentes das Ilhas*: trajetórias transatlânticas dos Açores ao Rio Grande de São Pedro entre as décadas de 1740 e 1790. São Leopoldo: Oikos, 2014, p. 147-183.

KÜHN, Fábio. *Breve história do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Leitura XXI, 2011.

MARCILIO, Maria Luiza. Os registros paroquiais e a história do Brasil. *Varia Historia,* 31, p. 13-20, jan. 2004.

NEIS, Ruben. A fundação de Porto Alegre – II. *Correio do Povo,* Porto Alegre, p. 5, 27 mar. 1971.

NEIS, Ruben. *Guarda Velha de Viamão*: no Rio Grande miscigenado surge Santo Antônio da Patrulha. Porto Alegre: Sulina, 1975.

NEIS, Ruben. A Igreja no pastoreio do RGS luso-brasileiro. *Renovação,* Porto Alegre, n. 122, p. 09-14, nov. 1978.

OSÓRIO, Helen. *Apropriação da terra no Rio Grande de São Pedro e a formação do espaço platino*. 1990. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

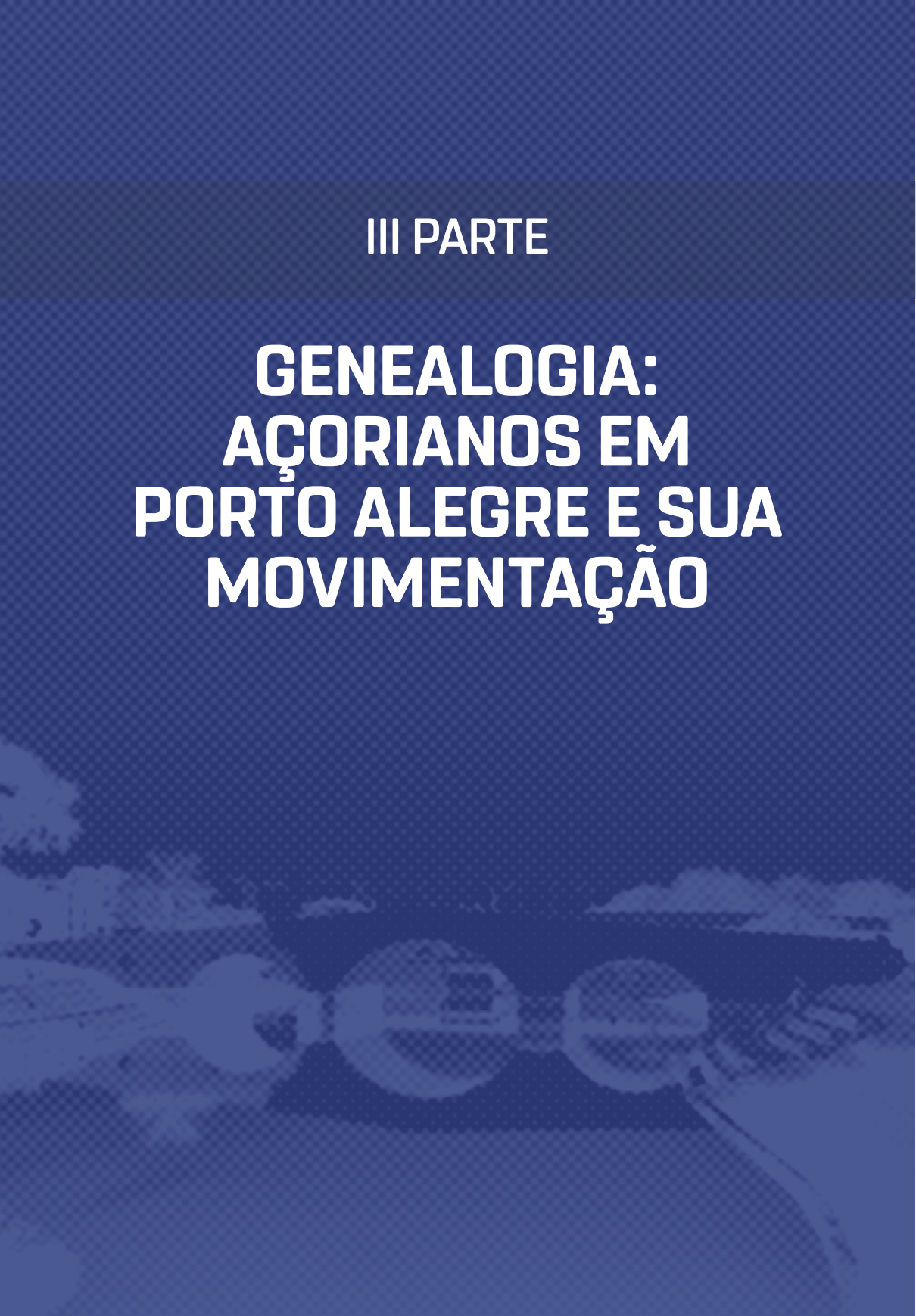
QUEIROZ, Maria Luiza Bertuline. *A Vila do Rio Grande de São Pedro:* 1737-1822. Rio Grande: FURG, 1987.

REICHEL, Heloisa Jochims. Fronteiras no espaço platino. In: CAMARGO, Fernando; GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloísa. (Dir.). *História Geral do Rio Grande do Sul.* Colônia. v. 1. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 43-63.

SCOTT, Ana Silvia Volpi; BERUTE, Gabriel. "Gentes das Ilhas": repensando a migração do Arquipélago dos Açores para a capitania do Rio Grande de São Pedro no século XVIII. In: SCOTT, Ana Silvia Volpi; BERUTE, Gabriel; MATOS, Paulo Teodoro de (Org.). *Gentes das Ilhas:* trajetórias transatlânticas dos Açores ao Rio Grande de São Pedro entre as décadas de 1740 e 1790. São Leopoldo: Oikos, 2014, p. 105-146.

III PARTE

GENEALOGIA: AÇORIANOS EM PORTO ALEGRE E SUA MOVIMENTAÇÃO



INTRÓITO AO "INTRÓITO"

Jorge Forjaz[1]

Recordo como se fora ontem do meu encontro em Lisboa com Carlos Rheingantz, o patriarca da genealogia brasileira, co-fundador e presidente do Colégio Brasileiro de Genealogia. Era eu aluno da Faculdade de Letras, onde, no rés-do-chão, havia um largo departamento chamado Centro de Cultura Brasileira, dirigido então pelo escritor Ruben Andresen Leitão, na sua qualidade de funcionário superior da Embaixada do Brasil em Lisboa, conhecido literariamente por Ruben A., e que fazia o favor de dar alguma atenção ao então jovem estudante que passava por ali com alguma regularidade – à vasta bibliografia disponível, somava-se uma boa coleção de revistas e jornais brasileiros, além da esfusiante simpatia do seu director, sempre de braços abertos a quem quisesse visitar aquele centro. Já então eu dava sinal de vida no mundo das genealogias, cujo vírus me picou ainda estava eu nos bancos do liceu – e Ruben A. sabia disso. Um dia, creio que no final do ano lectivo 1964/65, apresentou-me um visitante brasileiro, que aparentava uns 50 anos, e que, estando de visita a Portugal onde beneficiara de uma bolsa da Fundação Gulbenkian, fora ao Centro oferecer o seu último trabalho. «Tens aqui um mestre da genealogia! Aproveita!» disse-me Ruben A., apresentando-me o Engº Carlos Rheingantz que eu cumprimentei cerimoniosamente, ao que ele respondeu, num gesto que me impressionou porque ainda não conhecia a formal informalidade brasileira: «Trate-me de Carlos», e, acrescentou: «Se é assim apaixonado por genealogias, então vai ser o primeiro a ver o meu livro». Tratava-se daquela que viria a ser conhecida como a sua obra fundamental, as *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro (Séculos XVI e XVII),* ainda só o primeiro volume. E foi extasiado que o aprendiz de genealogista folheou essas listagens imensas de povoadores que aportaram a terras de Vera Cruz, entre os quais, aqui e ali, encontrei rasto da presença açoriana, ainda não tão

1 Genealogista. Angra do Heroísmo/Terceira-Açores/Portugal.

forte como se viria a verificar no séc. XIX, onde a emigração açoriana para o Rio disparou formidavelmente.

Vivendo, como vivo, em terra de povoamento, em que os meus antepassados desembarcaram sem vislumbrarem qualquer vestígio de presença humana, sempre me entusiasmou a ideia de estabelecer uma espécie de listagem dos primeiros que pisaram esta terra ignota. Fossem quem fossem, serão todos eles meus antepassados. O problema é que dessa data original não existem livros de registos paroquiais que permitissem estabelecer qualquer relação genealógica – ainda não tinha ocorrido o Concílio de Trento (1545-1563) que ordenou à Cristandade que organizasse livros de casamentos, baptismos e óbitos em cada paróquia, ignorando ainda que esses livros, sobretudo os do mundo católico, viriam a ser a mais importante de todas as fontes primárias subjacentes a qualquer investigação genealógica.

Ocorreu-me tudo isto ao ler o tão útil, quanto elucidativo, Intróito que Diego de Leão Pufal, Ernani Raupp Manganelli e Gilson Justino da Rosa (In memoriam) escreveram para as suas *Famílias açorianas em Porto Alegre: 1772-1822*, trabalho de referência obrigatória a partir desta data e que estará para o mundo gaúcho, como o trabalho de Rheingantz esteve, e está, para o mundo carioca. É fácil dizer que o sul do Brasil foi povoado por açorianos, talvez o mais representativo lote dos europeus que primeiro se instalaram no que viria a ser o Estado do Rio Grande do Sul. Difícil, mais difícil, por ausência de estudos globais, é definir quem foram efectivamente esses genearcas, antepassados de todos quantos mourejaram por esses infinitos territórios, tão vastos quanto o mar que rodeava as pequenas ilhas de onde saíram há mais de 250 anos esses grupos de denodados açorianos, em busca de maiores rendimentos, terras mais vastas e futuro assegurado.

E é fácil ainda encontrar na árvore genealógica de qualquer gaúcho, uma ou mais gotas, talvez mesmo litros, de sangue açoriano. Difícil é estabelecer, de uma vez por todas, a listagem desses tais que trocaram a terra conhecida, e bem pequena que era, pela terra ignota, e tão vasta que ela se apresentou. Mas a partir desta data, e no encalço do que vem sendo perseguido pelas Jornadas de Genealogia e História Açoriana, tão exemplarmente organizadas pelo Centro Cultural da Santa Casa de Porto Alegre, sob a batuta magistral da Profª Véra Barroso, alma, músculo e nervo do que por ali se realiza em prol da defesa da memória açoriana, a partir desta data, dizia, a historiografia gaúcha em particular e a historiografia brasileira em geral, passam a dispor de um guia fundamental para compreender e logo navegar nesse *mare magnum* de chegadas e partidas de gente vinda directamente dos Açores, de todas ou quase todas as ilhas, para

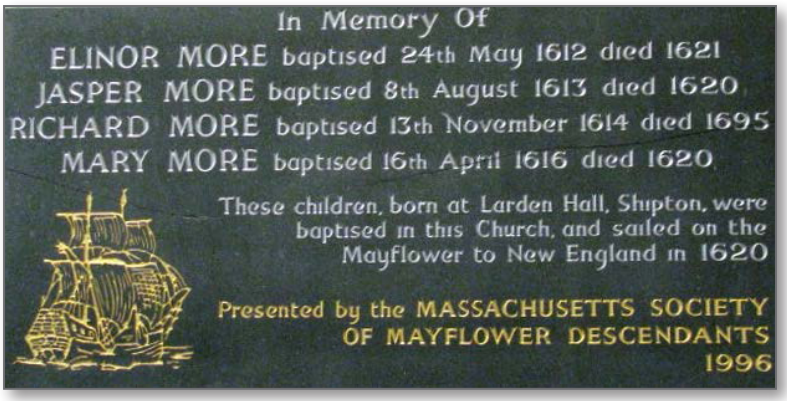
assegurarem com a sua presença no sul do Brasil, a própria presença de Portugal no contexto das turbulentas relações com a Espanha. E assim como houve os 7000 bravos que partiram dos Açores para o Mindelo, na costa portuguesa, para conquistar o território nacional dominado pelo governo miguelista; assim como há os 9000 e não sei quantos que acompanharam D. João VI no embarque para o Brasil para evitar que a coroa portuguesa caísse nas mãos do invasor napoleónico; assim, como há os 102 peregrinos que atravessaram o Atlântico a bordo do Mayflower e fundaram Plymouth na costa americana, ou os 50 casais que se estabeleceram no Vale das Furnas na Ilha de São Miguel e que foram tão minuciosamente estudados por Luís Miguel Rodrigues Martins nas suas *Famílias do Vale das Furnas (1671-2017)*, agora ficamos com um inventário precioso dos primeiros 326 títulos de açorianos – dentre chefes de família, pessoas solteiras ou grupo de irmãos – que aportaram ao sul do Brasil, no Porto do Dornelles, depois dos Casais, atual Porto Alegre, onde deixaram uma marca indelével na cultura, nos costumes, nas tradições, na culinária, na religiosidade, na toponímia, e, antes de mais e mais que tudo, na antroponímia.

Barcelos, Fagundes, Machado, Coelho, Rego, Menezes, Pamplona, Paim, são da Terceira; Câmara, Botelho, Quental, Bicudo, Medeiros, Carreiro, Raposo, Tavares, Arruda, são de São Miguel; Soares, Curvelo, Resendes, Cabral, são de Santa Maria; Picanço, Ávila, Espínola, Pestana, Medina, são da Graciosa; Silveira, Amorim, Cunha, Teixeira, são de São Jorge; Serpas, Macedo, Ávila, são do Pico; Amaral, Bulcão, Goulart, Dutra, Terra, Rosa, são do Faial; Mesquita, Pimentel, Furtado, Henriques, Mendonça, são das Flores; Avelar, Nascimento, são do Corvo. De todas as ilhas são os Bettencourt, talvez o nome mais comum a todos os arquipélagos atlânticos – Canárias, Madeira, Açores, Cabo Verde, e destes à América Latina e Brasil, numa profusão de grafias consoante o entendimento de cada portador face a um sobrenome estrangeiro.

Nós, por cá, pelas ilhas, somos um pouco disso tudo – cada açoriano está ligado pelo sangue à sua ilha natal e a mais alguma, mas, seguramente, não a todas. Ao invés, o gaúcho actual, descendente de todos aqueles açorianos que um dia zarparam para o Brasil, traz consigo sangue de todas as ilhas, fruto da mistura que num território único se celebrou entre gente proveniente de territórios dispersos. Será o caso de se dizer que mais açoriano que os açorianos são... os gaúchos. A lista dos «founding fathers» aí fica, pelo trabalho exemplar que Diego de Leão Pufal, Ernani Raupp Manganelli e Gilson Justino da Rosa (In memoriam) nos oferecem.

Verão de 2022, em Angra, escala universal do Mar Poente, por cujo cais partiram tantos dos nossos em direção ao Sul.

PS: A Diáspora é feita de partidas e chegadas. Este livro celebra as chegadas – mas para haver a chegada é preciso que alguém tenha partido. Na Igreja de St. James em Shipton, Shropshire, Inglaterra, há uma placa comemorativa lembrando que ali se baptizaram quatro irmãos que seguiram para a América a bordo do «Mayflower», dois dos quais terão morrido na viagem.



Quantas placas destas poderíamos nós colocar nos Açores, celebrando os que partiram, e depois chegaram, e cujos descendentes irão folhear este livro em busca das suas raízes?

FAMÍLIAS AÇORIANAS EM PORTO ALEGRE (1772-1822)

Diego de Leão Pufal[1]
Ernani Raupp Manganelli[2]
Gilson Justino da Rosa[3]

A diáspora açoriana para o Rio Grande do Sul vem sendo escrita, contada e forjada por muitos historiadores e genealogistas, desde décadas passadas. Há muitas obras produzidas a este respeito, explorando várias facetas desta imigração e de sua contribuição para a região sul, em especial a circunstância de os primeiros açorianos chegados ao estado terem sido desbravadores e colonizadores. O contexto histórico que encontraram no século XVIII não foi dos mais favoráveis, mas com o passar do tempo acabaram por se enraizando em terras gaúchas, criando vilas e expandindo as fronteiras.

O legado deixado por estes colonizadores foi se esmaecendo com o tempo, seus costumes, o falar, a cultura e outras características inevitavelmente se misturaram aos dos nativos e, mais tarde, com todo o modo de vida de outros migrantes e imigrantes, vindos tanto da África, como também de diferentes partes da Europa. Fruto do resgate histórico e do sentimento de pertença, muitos elos e questões afirmativas foram ressurgindo e resgatando um pouco desta memória afetiva e cultural que estavam adormecidas em alguns casos. Porém, o sangue açoriano sempre esteve presente em grande parte da população do Rio Grande do Sul; afinal a genética não se pode apagar.

Nesse sentido e em razão da grande importância destes primeiros açorianos para Porto Alegre, que acabaram por povoar a cidade, é que nasceu a ideia deste trabalho. Fruto dos 250 anos da fundação da capital dos gaúchos e instigados pela Professora Véra Lucia Maciel Barroso, foi que os três autores deste traba-

1 Genealogista e analista jurídico do TJSC. Autor do blog *Antigualhas, histórias e genealogias*. Sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Rio Grande do Sul (IHGRGS), do Colégio Brasileiro de Genealogia (CBG) e do Instituto de Genealogia de Santa Catarina (INGESC), Imbituba/SC.

2 Genealogista e arquiteto. Autor de artigos sobre genealogia e do livro História e Genealogia da família Raupp. Porto Alegre/RS.

3 Genealogista e analista de produção em informática. Autor de vários artigos voltados à genealogia e um livro sobre a imigração alemã no RS, São Francisco de Paula/RS.

lho, amigos e genealogistas de décadas, aceitaram o desafio de estudar e levantar as genealogias de todos aqueles açorianos que passaram por Porto Alegre em seus primeiros tempos.

Não se queria, contudo, permanecer nos propalados "sessenta" casais açorianos apenas, como se somente estes tivessem composto a póvoa porto-alegrense. A presença açoriana em Porto Alegre foi muito mais além. Serviu de trajeto para alguns casais, mesmo que ali não tenham permanecido, enquanto outros açorianos, às vezes avulsos, chegaram em Porto Alegre, vindos do Rio de Janeiro, Santa Catarina e Colônia do Sacramento, por exemplo. Migrações entre Capitanias, Vilas e Freguesias eram comuns e, diferente do que alguns envolvidos no tema pensavam, muitos persistiram e permaneceram em Porto Alegre. Não foi algo efêmero como bem demonstra a genealogia. Houve famílias que ficaram em Porto Alegre por gerações, alguns irmãos se desgarraram para outros locais, mas muitas vezes os filhos, netos ou bisnetos destes irmãos, retornaram, reiniciando um novo ciclo.

Com relação aos ditos *casais fundadores* de Porto Alegre, há que desmistificar uma verdadeira lenda, em alguns aspectos.

Com efeito, a data da fundação da capital gaúcha foi fruto da historiografia e não algo formal como se possa imaginar. Os então moradores de Porto Alegre não se reuniram em uma assembleia, ou em praça pública, ou o que valha e decidiram fundar a cidade. Os casais não foram, portanto, fundadores, cujo ato até lhes era desconhecido e alheio às suas vontades. A eles, os termos povoadores e colonizadores se adequam mais do que fundadores, propriamente dito, pois índios há muito ocupavam o espaço e, décadas antes de 1772, alguns sesmeiros e estancieiros.

Além disso, sequer é sabido se de fato foram sessenta casais, número utilizado genericamente pela coroa portuguesa para assentar imigrantes em todas as localidades em que houvesse terras devolutas – terras públicas sem destinação. Não há uma listagem oficial para o caso de Porto Alegre, mas algumas reconstruções baseadas em diversos fundos documentais.

Ademais, os padres de Viamão e Porto Alegre denominavam alguns casais como *casal de número* ou *casal de El-Rei*, enquanto outros não receberam esta nomenclatura. Essa diferenciação não foi despropositada.

Os ditos casais de números foram aqueles que, saídos dos Açores, seriam destinados à região das Missões, no Rio Grande do Sul, como consequência do Tratado de Madri (1750). O acordo entre Portugal e Espanha dizia com a troca da Colônia do Sacramento, no Uruguai, então possessão lusa, com o território das Missões Orientais, ocupado pelos espanhóis. Portanto, a vinda dos casais de El-Rei para o sul do Brasil tinha o objetivo de garantir a posse das Missões,

onde seriam alocados, não fossem as Guerras Guaraníticas travadas nos anos de 1750. Essa nova circunstância impediu que os casais de número prosseguissem seu roteiro e, assim, alguns permaneceram na atual Porto Alegre e em seus arredores.

Paralelo a isso, além desses casais, existiam outros e alguns imigrantes açorianos solteiros estabelecidos na capital gaúcha de hoje, muitos migrados de outros povoados e capitanias, como mencionado.

Com relação à pesquisa genealógica ora apresentada, especialmente pela questão do pouco tempo disponível para a elaboração do trabalho que se dispunha, definiu-se um marco temporal: 1772-1822. O ano de 1822 foi motivado por várias questões, por representar os primeiros 70 anos da imigração açoriana para o Rio Grande do Sul, os 50 anos da fundação de Porto Alegre e por ser o ano da Independência do Brasil. Além disso, estes 70 anos da diáspora açoriana em solo gaúcho representam, em muitos casos, cerca de quatro gerações de uma família, o que demonstra à satisfação o percurso adotado pelos açorianos, rotas destes desbravadores e os que permaneceram em Porto Alegre.

Nesse cenário da pesquisa genealógica e, consequentemente, histórica, é importante destacar que, em virtude do contexto encontrado pelos primeiros açorianos no Rio Grande do Sul, a mobilidade foi considerável. Transitavam de uma freguesia para outra, migravam de Santa Catarina para o Rio Grande do Sul, outros vinham via Rio de Janeiro, afora outros percursos. A ideia que passa é que, tentando melhorar de vida e buscando proteção de sua família, mudavam às vezes conforme as circunstâncias, por necessidade ou por imposição do cenário histórico que lhes era apresentado. Evidentemente que estas mudanças dificultam o estudo destas famílias e indivíduos, forçando com que a pesquisa ganhasse fronteiras não só na documentação relacionada a Porto Alegre.

A condição econômica, em razão dos conflitos entre Portugal e Espanha, era um ponto desfavorável a estes açorianos estabelecidos em Porto Alegre, pois grande parte era sumamente pobre, como os padres anotavam nos assentos de óbito. É sabido que moravam em arranchamentos, sem muita condição e perspectivas, o que somente melhorou com o fim daqueles conflitos e com o decorrer do tempo.

Nestes cinquenta primeiros anos de Porto Alegre, a pesquisa genealógica demonstrou que a sociabilidade entre os açorianos e descendentes era considerável. Relacionavam-se e casavam-se entre si. Há inúmeros casamentos entre parentes e a cada geração, uma família vai inevitavelmente se engalhando em outra, sugestionando que mais uma ou duas gerações, quase todas estas famílias terão alguma ligação entre si.

Além dessa, outras conclusões e constatações foram possíveis. Julgam-se as mais interessantes: a vinda de indivíduos dos Açores foi quase bem dizer ininterrupta, desde 1752 até 1822, o que não foi algo estanque; algumas famílias tinham melhores condições financeiras e destaque, como os Casados, mas a grande parte era gente desprovida de recursos; quase todos, pela documentação, eram brancos, mas encontramos ao menos um açoriano dado como *pardo forro*, Boaventura José Estrela, e um filho de uma escrava, Narciso José de Medeiros, ambos da ilha de São Miguel; as migrações entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul foram constantes, durante todo este período, agravadas com a invasão espanhola em Rio Grande no ano de 1763, e depois no Desterro (Florianópolis) em 1777, quando muitos açorianos perambularam entre estas capitanias; a já citada mobilidade dos açorianos e descendentes por boa parte do território gaúcho, em suas primeiras freguesias, e, por fim, a circunstância de que muitas famílias açorianas permaneceram ininterruptamente em Porto Alegre, desde o início da povoação, enquanto outras se deslocaram para outros locais, mas, como se referiu, alguns de seus descendentes retornaram à capital tempos depois.

A título de exemplo, citam-se alguns patriarcas, cujos descendentes permaneceram em Porto Alegre e em sua região metropolitana, inclusive até a atualidade: Antônio de Ávila Machado, Antônio Moniz Leite, Antônio Pereira do Couto, Francisco José Flores, Francisco Pires Casado, José Pereira Garcia, José Rodrigues Peixoto, Manuel Dias Ferreira, Manuel Lourenço Mariante, Manuel Silveira Gonçalves e Miguel José de Freitas.

O processo da pesquisa

O processo da pesquisa foi desafiador. Iniciaram-se as buscas em meio à pandemia, cada um de nós em uma cidade diferente, sem a possibilidade de encontros presenciais. Foram estipulados critérios para o trabalho, como a data limite, que casais ou indivíduos deveriam ou não entrar, nomenclatura, padronização de nomes e muitos outros. O tempo para a execução do trabalho muitas vezes se mostrou desesperador, tanto pela impossibilidade de se extraírem todos os dados dos registros vitais (batismos, casamentos e óbitos), no período que dispúnhamos, como por não se poder acessar fisicamente outras fontes de pesquisa, pois quase todos os arquivos estavam fechados. Assim, foram necessárias muitas reuniões por videoconferência, trocas de e-mails e mensagens para alinhavar as ideias e imprimir um ritmo de trabalho adequado. Evidentemente que a correção e revisão dos milhares de dados também foi outro desafio, dificultado sobremaneira pela existência de muitos homônimos, e por nem sempre os nomes dos indivíduos se mostrarem completos nos registros.

Metodologia/critérios

O critério adotado, em resumo, foi relacionar todo açoriano que passou por Porto Alegre e que deixou algum registro, mesmo antes da fundação oficial (1772). Assim, foram verificados os livros de registros da Igreja de Nª Srª da Conceição, de Viamão/RS, compilando-se os dados respectivos sempre que o padre tenha feito referência expressa que os pais eram moradores ou assistiam no Porto do Dorneles ou no Porto dos Casais, nomes primitivos de Porto Alegre, informação confrontada com a lista trazida pelo General Borges Fortes, em obra citada nas referências. Convém destacar que, antes da criação da igreja de Porto Alegre, o padre de Viamão era o responsável por atender os que ali residiam, a justificar aquela consulta.

Assim, além dos registros de batismos, casamentos e óbitos de Viamão de 1752-1772, a pesquisa foi feita nos assentos da Igreja de Nª Srª da Madre de Deus de Porto Alegre (catedral), desde o seu início, em 1772, até 1822, colhendo os dados sempre que houvesse referência expressa que os pais ou avós eram açorianos e/ou quando possível fazer a relação correspondente, isso nas gerações seguintes.

Findo este levantamento, foram analisadas quais destas famílias e indivíduos passaram por Porto Alegre. É que muitas vezes os avós de determinada criança eram açorianos, mas não foram para a capital gaúcha, apenas os filhos, já nascidos no Brasil. Em casos assim, de filhos de açorianos nascidos no Brasil, sem que os pais açorianos tenham passado para Porto Alegre, definiu-se por excluir a família. Porém, se um dos avós (açorianos) se casou ou faleceu ali, foi incluída a informação. Em outros casos, no entanto, foram agrupados em um só título um grupo de irmãos açorianos, mesmo que os pais não tenham vindo para o Brasil, tudo para facilitar a informação.

Definido cada casal e/ou indivíduo a integrar o trabalho, estruturou-se cada família com o máximo de informações encontradas, existentes nos citados registros de batismo, casamento e óbito.

Paralelo a isso, foram utilizados os bancos de dados de cada um dos autores, os quais contam com informações de vários outros genealogistas, livros e fontes de pesquisas variadas, citadas ao final. Também se buscou outras biografias para tentar trazer informações históricas a respeito de alguns destes indivíduos citados no trabalho, inclusive com a designação de descendentes que tiveram ou têm algum destaque regional ou nacional, e sempre que foi possível chegar à informação.

Não se pode esquecer, ainda, que foram pesquisados outros registros paroquiais de inúmeras igrejas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e até mesmo

dos Açores, muitas vezes para entendermos a trajetória familiar, outras para confirmar hipóteses, bem como para enriquecer o trabalho.

Conclui-se o trabalho com 326 títulos, compostos por casais patriarcas ou apenas por indivíduos, sem prejuízo de outros açorianos que foram citados nas famílias de seus sogros, sem que tenha sido aberto um novo título necessariamente.

Para a descrição de cada genealogia, partiu-se do casal patriarca, cujos nomes foram destacados. O nome de cada filho (a) é precedido pela letra "F." (de filho) e um número; este se refere à ordem cronológica nesta geração. Os netos do casal patriarca são precedidos por um "N.", os bisnetos por "Bn.", os trinetos por "Tn." e os quarto-netos por um "Qn.", e sempre acompanhados por um número. No caso dos netos, bisnetos, trinetos, etc., o número corresponde ao total deles em relação ao casal patriarca.

Cita-se um breve exemplo:

MANUEL RODRIGUES PIMENTEL *São Bento, Ilha Terceira e †18.4.1789, com 50 anos, Porto Alegre, f.º de João Rodrigues e Antônia Maria. Manuel ∞ **FRANCISCA ANTÔNIA**, *Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira, f.ª de Estevão da Costa (*Ilha Terceira e †13.10.1773, Porto Alegre, com 60 anos) e Beatriz de Santo Antônio. Pais de:

F.1 **Catarina Tomásia** *Florianópolis/SC (Desterro), onde a 25.12.1773 ∞ **João da Costa**, *São Sebastião, Ilha de São Miguel, f.º de **João da Costa** e **Josefa Maria**, ambos da mesma Ilha. Pais de:

N.1 **Mariana** *16.9.1774, Porto Alegre.
N.2 **João** *9.5.1776, Porto Alegre.
N.3 **Luísa** b. 25.8.1778, Rio Pardo.
N.4 **Vicente da Costa** *3.3.1780, Porto Alegre, ∞ **Rita Maria**, c/d em Rio Pardo.
N.5 **Pedro** *26.4.1782, Porto Alegre.
N.6 **Feliciana** b. 28.3.1785, Rio Pardo.
N.7 **José** *15.7.1787, Rio Pardo.
N.8 **Maria Úrsula** *8.11.1788, Porto Alegre, ∞ 1804, Rio Pardo, **Albano José Severo**.
N.9 **Antônio** *29.6.1792, Rio Pardo.
N.10 **Joaquim** b. 6.10.1794, Rio Pardo.
N.11 **Antônio** *19.6.1797, Rio Pardo.

F.2 **Francisco José Rodrigues** (**Pimentel**) *4.7.1759, Rio Grande, ∞ 16.5.1782, Taquari, **Isabel Maria da Conceição**, b. 31.8.1766, Taquari, f.ª de Manuel Rodrigues da Rosa Ruivo, de Salão, Ilha do Faial, e Bárbara Maria da Conceição, de Norte Grande, Ilha de São Jorge. Pais de:

N.12 **Maria Joaquina da Conceição** *18.11.1783, Porto Alegre, ∞ 16.2.1801, Taquari, (1x) **José Joaquim da Rosa**, *Laguna/SC, f.º de João Francisco da Rosa, da Ilha de São Jorge, e Rosa Maria de Jesus, de Imbituba/SC. Maria ∞ 7.8.1818, Porto Alegre, (2x) **Manuel Ferreira Cabral**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.º de Antônio Ferreira ou Manuel Ferreira Cabral e Jacinta Francisca Rosa.

Houve do 1º casamento:

Bn.1 **Ana** *23.12.1801, Porto Alegre.
Bn.2 **Inácio** *29.7.1806, Taquari
Bn.3 **Bonifácio** *9.12.1807, Taquari.
Bn.4 **Isabel** *4.6.1809, Taquari.
Bn.5 **Hipólita** *7.1.1811, Taquari.

No caso, Manuel Rodrigues Pimentel e sua esposa Francisca Antônia formam um título genealógico, tratando-se de um casal genearca, do qual citamos dois filhos (F.1 Catarina Tomásia e F.2 Francisco José Rodrigues). Os filhos da "F.1" são respectivamente aqueles precedidos por "N.1" a "N.11" e com recuo do parágrafo, para evidenciar que se trata de uma nova geração. Já aqueles precedidos por "Bn.1" a "Bn.5" são os bisnetos do casal patriarca, filhos do "N.12" Francisco José Rodrigues, neto do casal patriarca e que, por sua vez, é filho do "F.2" Francisco José Rodrigues.

Além disso, sempre que foi possível relacionar uma família com outra citada no trabalho, o leitor foi remetido ao título correspondente, com a expressão vide Fulano de Tal (v. Simão Teixeira, por exemplo).

Abreviaturas e símbolos

Foram utilizadas algumas abreviaturas e símbolos como forma de reduzir o tamanho do trabalho, em razão do volume de informações. Foram elas:

* para nascido(a); † para falecido(a); ∞ casou com; b. para batizado(a); c/d com descendência; f.º de para filho de; n.m. para neto(a) materno(a); n.p. para neto(a) paterno(a), e pv. para por volta de.

Já para as localidades citadas e que se situam no Rio Grande do Sul, apenas referiu-se o local, sem incluir a sigla do estado da Federação (RS), o que adotado, porém, para os outros estados, como exemplo: Florianópolis/SC, São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ. No caso de cidades maiores, que contam com mais de uma igreja, como Rio de Janeiro, Angra, Horta, p. ex., referiu-se entre parênteses o nome da respectiva igreja, p. ex.: Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita).

Para Portugal adotou-se a sigla PT ao final, enquanto para os locais nos Açores, citou-se sempre que possível a freguesia e a ilha correspondente.

Oportuno ressaltar que, a despeito de muitas então freguesias, vilas ou cidades tenham seus nomes alterados ao longo dos séculos, fez-se referência ao nome atual, para facilitar a compreensão, principalmente daqueles que não têm intimidade com a genealogia. Nesse sentido, citam-se alguns dos principais locais encontrados na pesquisa e que se encaixam à hipótese: Aldeia dos Anjos teve o nome modificado para Nª Srª dos Anjos de Gravataí em 1880 e, após, para

Gravataí; Angra, na Ilha Terceira, cujo nome perdurou até a década de 1830, pois passou a chamar-se Angra do Heroísmo; Azevedo que até 1951 era assim chamada, nome alterado para Capela de Santana; Desterro, em Santa Catarina, teve seu nome alterado para Florianópolis em 1894; São Francisco do Porto dos Casais, nome da cidade de Porto Alegre a partir de 1773; São Miguel da Terra Firme, atualmente o município de Biguaçu, e Vila Nova de Santana, em Santa Catarina, cujo nome perdurou até 1927, quando passou a denominar-se Imbituba.

Nomes e sobrenomes

Muitos nomes próprios ao longo dos séculos e a depender de quem os escreveu aparecem de diferentes modos: Manuel/Manoel, Ignácio/Inácio, Sophia/Sofia, etc. Assim, com raras exceções, todos os nomes foram padronizados nas genealogias, adotando-se as grafias atuais, como padrão.

Os sobrenomes sofreram o mesmo processo, lembrando que, muitas vezes, os padres flexionavam quando se tratava de mulher (Maria Coelha, Maria Machada, por ex.), enquanto outros patronímicos, como Bittencourt, Goulart, etc., aparecem das mais variadas formas.

Convém destacar, ainda, que em genealogia sempre a mulher deve constar com o nome de solteira, justamente para permitir que seja identificada a sua família e, em consequência, a sua origem. No entanto, os lusos e seus descendentes não seguiam necessariamente com o sobrenome paterno, pois além de as mulheres adotarem nomes de devoção que poderiam mudar ao longo da vida – de Jesus, do Espírito Santo, do Rosário, da Conceição –, muitos irmãos nem sempre tinham o mesmo sobrenome. Logo, não há que estranhar esta questão.

Os títulos genealógicos

Pedem-se escusas ao leitor pela ausência de um índice onomástico, tão importante em trabalhos genealógicos. Contudo, em virtude do parco tempo para a feitura do trabalho, como referido, não foi possível indexar. Assim, numa tentativa de facilitar o leitor de algum modo, elencam-se os títulos genealógicos, ou seja, o genearca de cada família, seja ele casado ou não, em ordem alfabética, e a mesma utilizada nas genealogias que seguem.

Alexandre da Costa Luís
Alexandre José da Rosa
Alexandre Pereira Cardoso
Alexandre Silveira
André da Costa Leite
André Martins
André Pereira de Matos/de Souza Matos
André Pereira Guimarães

Antão Coelho
Antão Pereira Machado
Antão Silveira
Antônio Agostinho de Castil-Branco
Antônio Álvares de Oliveira
Antônio Cabral
Antônio Caetano Tavares
Antônio Corrêa da Silva
Antônio da Cunha
Antônio da Cunha Viana
Antônio da Rosa (I)
Antônio da Rosa (II)
Antônio da Rosa de Medeiros
Antônio da Rosa Garcia
Antônio da Silva
Antônio da Silveira Pereira
Antônio de Ávila Machado/
Machado de Ávila
Antônio de Fraga
Antônio de Oliveira Lima
Antônio do Couto Silva
Antônio do Rego Chaves
Antônio Dutra Fialho
Antônio Ferreira
Antônio Francisco da Silveira
Antônio Francisco de Lima
Antônio Francisco do Amaral
Antônio Francisco Dutra
Antônio Francisco Gomes
Antônio Francisco Ramalho de Medeiros
Antônio Garcia (I)
Antônio Garcia (II)
Antônio Garcia do Amaral
Antônio Garcia dos Santos
Antônio Inácio Gonçalves
Antônio José da Silva Flores
Antônio José da Silveira
Antônio José de Carvalho
Antônio José de Matos
Antônio José de Souza
Antônio José Ferreira
Antônio José Lourenço
Antônio José Pereira (I)
Antônio José Pereira (II)
Antônio José Pereira do Couto
Antônio José Vieira
Antônio Machado
Antônio Machado de Aguiar
Antônio Machado de Azevedo
Antônio Machado Neto
Antônio Machado de Souza
Antônio Machado de Souza (Neto)
Antônio Machado Moreira
Antônio Marques Torres
Antônio Martins
Antônio Martins de Oliveira
Antônio Muniz Leite
Antônio Paraíso Mariano
Antônio Pereira de Moitoso/Moutoso
Antônio Pereira do Couto
Antônio Pereira Machado
Antônio Pereira Nunes
Antônio Pereira Teles
Antônio Pereira Vieira
Antônio Rodrigues
Antônio Rodrigues de Barcelos
Antônio Rodrigues de Castro
Antônio Silveira Ramos
Antônio Teixeira
Antônio Xavier da Silva
Bartolomeu Cardoso
Bartolomeu Ferreira Teles
Bernardo Pereira
Boaventura José Estrela ou
Ventura José Estrela
Boaventura Pimentel ou Ventura Pimentel
Caetano da Costa
Caetano de Souza
Caetano Francisco
Caetano Furtado de Souza
Caetano Garcia Fagundes
Cosme Leal
Diogo Inácio de Barcelos
Domingos de Souza Machado
Domingos Luís de Faria
Domingos Pereira Henriques
Faustino José de Melo
Felipe Furtado da Terra
Felipe José de Lima
Francisco Antônio da Silveira

Francisco de Arruda
Francisco de Faria Corrêa
Francisco de Morais
Francisco Dutra de Quadros
Francisco Fernandes Viana
Francisco Furtado Fanfa
Francisco Garcia Fontes
Francisco Joaquim/José da Silveira
Francisco José Flores
Francisco José Furtado
Francisco Machado de Borba
Francisco Machado de Oliveira
Francisco Machado de Quadros
Francisco Nunes da Costa
Francisco Pereira Fraga
Francisco Pereira Gomes
Francisco Pires Casado
Francisco Silveira de Souza
Francisco Vaz Teixeira
Gabriel Antônio de Andrade
Henrique Xavier de Mendonça
Inácio Antônio Cardoso
Inácio Antônio Duarte/dos Santos
Inácio Pedro
Jacinto Furtado
Jerônimo Francisco de Barros
João Alves dos Santos
João Antônio
João da Costa Ferreira
João da Cunha Pereira
João da Silva
João da Silveira Goulart
João de Freitas Leitão
João de Ornelas e Souza
João de Souza
João de Souza Dias Cardoso
João de Souza Machado (I)
João de Souza Machado (II)
João de Souza Machado (III)
João de Souza Machado (IV)
João de Vargas
João do Couto Machado
João Francisco de Souza
João Francisco Pereira
João Inácio Coelho (dos Passos)
João Inácio da Costa (I)
João Inácio da Costa (II)
João José de Souza (I)
João José de Souza (II)
João Maciel
João Nunes Coelho
João Pereira dos Santos
João Teixeira Machado
Joaquim Borges Bittencourt do Canto
Joaquim Bruno Labruge
Joaquim Coelho de Souza/
Paim Coelho de Souza
Joaquim Francisco Ramos
Joaquim Gonçalves dos Santos
Joaquim José Corrêa de Bittencourt
Joaquim José da Silva
Joaquim José de Azevedo/de Andrade
Joaquim José Rodrigues
Joaquim Veríssimo Vaz
Jorge Teixeira de Melo
José Álvares da Silva/da Silveira
José Antônio (I)
José Antônio (II)
José Antônio da Silva
José Antônio da Silveira
José Antônio de Lima
José Antônio Valadares
José Caetano Pereira
José Caetano Tavares
José Carvalho ou João Carvalho
José Coelho Machado
José da Câmara de Sá
José da Costa
José da Costa Homem
José da Fonseca
José da Rosa
José da Silveira (I)
José da Silveira (II)
José de Azevedo Araújo/Araújo Filgueira
José de Medeiros Albuquerque
José de Oliveira
José de Souza Machado
José Duarte
José Dutra da Silva
José Francisco da Rosa

José Francisco de Souza (I)
José Francisco de Souza (II)
José Francisco Gonçalves
José Francisco Inácio
José Francisco Pimentel (I)
José Francisco Pimentel (II)
José Francisco Rodrigues
José Furtado da Silveira
José Furtado da Terra
José Garcia (da Rosa)
José Garcia Gomes
José Gonçalves
José Gonçalves Caldas
José Inácio da Rosa
José Inácio da Silveira Sagaz
José Inácio de Matos
José Inácio Machado
José Machado de Sequeira
José Manuel Pereira
José Maria da Silveira (Viana)
José Martins
José Martins Faleiro
José Pereira Garcia
José Raposo
José Rodrigues da Silva
José Rodrigues Patrício
José Rodrigues Peixoto/Rodrigues da Silva
José Silveira de Alvernaz
José Silveira de Ávila
José Silveira de Azevedo Bittencourt
José Silveira de Faria
José Silveira Fernandes
José Silveira Peixoto/Silveira de Faria Peixoto
José Tomás de Bittencourt
José Vieira Barão de Matos
Leandro José da Costa
Luís Antônio da Rocha
Manuel Antônio Vieira
Manuel Caetano da Silva
Manuel Cardoso
Manuel Cardoso de Oliveira/
Cardoso Beirão de Oliveira
Manuel Cardoso Toste
Manuel Correia da Silva
Manuel Correia de Vargas
Manuel da Costa
Manuel da Cunha Freitas
Manuel da Ressurreição
Manuel da Rosa Pereira
Manuel da Rosa Silva
Manuel de Araújo
Manuel de Ávila de Souza
Manuel de Macedo Brum da Silveira
Manuel de Mattos
Manuel de Medeiros
Manuel de Medeiros e Melo
Manuel de Medeiros e Souza
Manuel de Mendonça Pereira
Manuel de Morais
Manuel de Oliveira
Manuel de Quadros Pereira
Manuel de Resende Cabeceira
Manuel de Souza Barros/Bairros
Manuel de Souza Machado
Manuel de Souza Pedroso/
de Azevedo Pedroso
Manuel Dias
Manuel Dias Ferreira
Manuel Dutra de Faria
Manuel do Couto Martins
Manuel Dutra do Souto/de Farias
Manuel Fernandes da Cunha
Manuel Francisco de Souza
Manuel Furtado da Terra
Manuel Garcia Tavares
Manuel Gaspar Mancebo
Manuel Gomes da Rocha
Manuel Gonçalves
Manuel Inácio Flores
Manuel Inácio Rodrigues
Manuel Jacinto da Luz Pereira
Manuel Joaquim
Manuel Joaquim de Souza
Manuel José
Manuel José de Oliveira
Manuel José Rodrigues
Manuel Lourenço Mariante/
Lourenço Duro
Manuel Machado de Borba
Manuel Machado de Souza

Manuel Machado Fagundes da Silveira
Manuel Machado Leão
Manuel Machado Ribeiro
Manuel Machado Teixeira (I)
Manuel Machado Teixeira (II)
Manuel Martins de Aguiar
Manuel Pereira da Luz/Pereira Machado
Manuel Pereira de Ávila
Manuel Pereira Pinheiro
Manuel Pereira Soares
Manuel Pinheiro
Manuel Rodrigues da Silva
Manuel Rodrigues Pimentel
Manuel Sebastião
Manuel Silveira Gonçalves
Manuel Teixeira Afonso
Manuel Teixeira Pereira
Martinho da Costa Buenavides
Martinho José de Souza
Mateus de Oliveira
Mateus de Souza
Mateus Ferreira dos Santos
Mateus José Inácio
Mateus Vieira de Ávila
Matias Garcia da Rosa
Matias Vieira de Souza
Maurício José de Vargas
Miguel Antônio
Miguel Inácio do Canto
Miguel dos Anjos Maciel
Miguel José de Freitas
Miguel Rodrigues de Sá
Narciso José de Medeiros
Narciso Pires Cerveira
Pedro Inácio Borges (Negri)
Pedro José Dias/Vieira
Pedro José Fernandes
Sebastião da Fonseca
Sebastião de Souza
Sebastião Ferreira de Carvalho
Sebastião Teixeira Machado
Simão Dias Gonçalves
Simão Teixeira
Teodoro Inácio da Silveira
Tomás Francisco Flores
Tomás José da Silveira
Tomás Pereira
Tomé da Rosa
Tomé Garcia
Tomé Machado Ourique
Valério José da Costa Machado
Ventura Pimentel ou
Boaventura Pimentel
Vicente Cardoso Soares
Vicente Ferreira da Costa

ALEXANDRE DA COSTA LUÍS *27.12.1717, Horta, Ilha do Faial e †9.6.1801, Porto Alegre, f.º de Manuel da Costa e Catarina de Souza Luís. Alexandre ∞ **JOSEFA MARIA DE SANTANA**, *22.7.1716, Horta (Conceição), Ilha do Faial e †22.2.1783, Porto Alegre, f.ª de Gaspar Garcia e Joana Pereira. Alexandre em 1784 possuía uma data de terras em Porto Alegre, onde vivia de suas lavouras. Pais de:

F.1 **José** *7.4.1742, Horta (Conceição), Ilha do Faial e † antes de sua mãe.
F.2 **Bernarda Rosa Ramos** *9.12.1743, Horta (Matriz), Ilha do Faial, ∞ **Luís da Silva Teixeira**, b. 29.8.1730, Rio de Janeiro/RJ, f.º de Tomé Teixeira de Azevedo e Micaela de Sampaio. Pais de:

N.1 **Luísa Joaquina do Nascimento** *Rio de Janeiro/RJ. A 26.4.1802, Porto Alegre, ∞ **Domingos José de Lima** (v. Felipe José de Lima, F.1).

N.2 **Inácio Teixeira de Sampaio** b. 7.4.1760, Rio Pardo, ∞ 19.11.1780, Rio Grande, **Rosa Maria de Jesus** (v. Simão Teixeira, F.4). C/d em Rio Grande.

N.3 **Francisco Teixeira** b. 23.5.1762, Rio Pardo, ∞ 1795, Rio Grande, **Leonarda da Conceição**.

N.4 **Luís** b. 20.10.1766, Viamão.
N.5 **Bonifácio** b. 8.1.1769, Viamão.
N.6 **Micaela Teixeira de Sampaio** b. 8.1.1771, Viamão, ∞ **Jacinto Ferreira da Rosa**, *1766, São Gonçalo/RJ e †27.5.1816, Porto Alegre, casado, f.º de Manuel Ferreira da Rosa e Maria Rosa do Espírito Santo, ambos da Ilha do Faial. Pais de:
Bn.1 **Alexandre** *25.1.1796, Porto Alegre.
Bn.2 **Luís** *1803, Porto Alegre, onde †22.8.1813.
Bn.3 **Cândida Maria da Conceição** *23.4.1808, Porto Alegre, onde a 11.10.1834 ∞ **Nazário Antônio de Vasconcelos**, *12.12.1801, Porto Alegre, f.º de José Félix de Vasconcelos e Ana Joaquina da Conceição.
N.7 **Tomásia**, b. 20.8.1774, Viamão.
N.8 **Januário** *3.10.1778, Rio Grande.
N.9 **Rafael** *21.9.1780, Rio Grande.

F.3 **Rita Bernarda do Espírito Santo** *2.6.1745, Horta (Matriz), Ilha do Faial e †26.1.1826, Porto Alegre. A 1.2.1761, Rio Grande, ∞ (1x) **Antônio Dias dos Santos** (v. Manuel Dias Ferreira, F.3). A 4.6.1780, Porto Alegre, ∞ (2x) **Manuel Garcia Tavares** (v. Manuel Garcia Tavares, F.3).

F.4 **Ana Felícia do Nascimento** *27.11.1746, Horta (Matriz), Ilha do Faial e †15.8.1818, Porto Alegre. A 22.7.1762, Rio Grande, ∞ **Diogo Inácio de Barcelos** (v. este nome).

F.5 **Inácia Rosa da Conceição** *10.3.1749, Horta (Matriz), Ilha do Faial e †4.2.1825, Porto Alegre, ∞ **Manuel da Silva Ferreira**, b. 30.3.1745, Rio Grande e †6.10.1813, Porto Alegre, f.º de João Ferreira e Josefa da Silva. Pais de:
N.10 **José da Silva Ferreira** b. 13.5.1770, Porto Alegre, onde †7.3.1822, e ali, a 3.7.1791, ∞ **Maria Joaquina da Porciúncula**, *Rio Pardo, f.ª de Miguel Pereira Fernandes e Francisca Josefa da Porciúncula. Pais de:
Bn.4 **Cândida** *13.10.1792, Porto Alegre e † antes de 1803.
Bn.5 **Cláudia** *17.7.1794, Porto Alegre, onde † antes de 1800.
Bn.6 **Eleutério** *12.5.1796, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.7 **Feliciano** *30.10.1798, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.8 **Cláudia** *24.11.1800, Porto Alegre.
Bn.9 **Cândida** *16.1.1803, Porto Alegre.
Bn.10 **Teodora** *25.4.1805, Porto Alegre.
Bn.11 **Florinda** *29.3.1807, Porto Alegre, onde †13.3.1808.
Bn.12 **Delfina Maria** *10.3.1809, Porto Alegre, onde †15.11.1819.
Bn.13 **Antônio** *25.10.1810, Porto Alegre.
Bn.14 **Francisca** *1.8.1812, Porto Alegre.
Bn.15 **Inácia** *26.9.1814, Porto Alegre.
Bn.16 **José** *21.7.1816, Porto Alegre.
N.11 **João** *3.3.1773, Porto Alegre.
N.12 **Ana Felícia do Nascimento** *6.4.1775, Porto Alegre, onde a 6.5.1796, ∞ (1x) **José Vieira Magalhães** (v. Simão Teixeira, N.15). Ana, em 1825, estava ∞ (2x) **Francisco Quadrado**.
N.13 **Josefa** b. 21.4.1777, Porto Alegre.

N.14 **Clemência Maria de Jesus** *27.5.1779, Porto Alegre. Ali, a 28.9.1799, ∞ **José Lourenço Cotta**, *Lisboa, PT, f.º de Antônio Cotta e Felipa Laureana. Clemência não foi citada no inventário materno.
N.15 **Cândida** *12.12.1781, Porto Alegre, onde †1.6.1783.
N.16 **Cândida** b. 11.1.1784, Porto Alegre, onde †23.1.1784.
N.17 **Cândido** b. 28.3.1785, Porto Alegre, onde †6.4.1808.
N.18 **Delfina Maria da Silva** *26.10.1787, Porto Alegre e †25.3.1845, com inventário autuado em Porto Alegre, solteira, deixando três filhos tidos naturais (ilegítimos):
Bn.17 **Maria**
Bn.18 **Antônio**
Bn.19 **Manuel Inácio da Silva**
N.19 **Antônio Inácio da Silva** *23.1.1790, Porto Alegre, onde † 25.1.1835. Em 1825 era quartel mestre de milícias. A 2.3.1825, Santo Antônio da Patrulha, ∞ **Leocádia Joaquina da Silva**, *Porto Alegre, f.ª de José Pereira da Silva e Cecília Maria de Oliveira. Pais de:
Bn.20 **Antônio**, *15.11.1819, Porto Alegre. Nasceu antes do casamento dos pais e depois reconhecido.
F.6 **Helena** *3.6.1751, Horta (Conceição), Ilha do Faial e † antes de sua mãe.
F.7 **Manuel Antônio da Costa** *Rio Grande. A 5.2.1771, Viamão, ∞ **Teresa Maria Nunes** ou **Teresa Maria de Jesus**, *Florianópolis/SC, f.ª de Manuel Alves (Belo) do Nascimento e Teresa Nunes (citados em Antônio Garcia dos Santos). Pais de:
N.20 **Ana Felícia do Nascimento** *20.3.1772, Viamão, ∞ 18.9.1788, Gravataí, **Manuel Dias de Vasconcelos**, tenente-coronel, *Baependi ou Aiuruoca/MG, f.º do Cel. Henrique Dias de Vasconcelos, de PT, e Maria de Almeida, de Mariana/MG. C/d em Rio Pardo e Gravataí.
N.21 **Quitéria** *10.1.1774, Porto Alegre.
N.22 **Quitéria Maria de Jesus** *11.7.1776, Porto Alegre. A 21.1.1798, Gravataí, ∞ **Constantino Joaquim de Oliveira**, b. 6.4.1775, Gravataí, f.º do Cap. José Joaquim de Oliveira e Ana Joaquina de Oliveira. Pais de:
Bn.21 **Joaquim** *25.11.1798, Gravataí.
Bn.22 **João** *25.6.1800, Gravataí.
Bn.23 **Constantino** *3.10.1802, Gravataí.
Bn.24 **Eufrásia** *16.2.1805, Gravataí.
Bn.25 **Rosaura** *5.1.1812, Porto Alegre.
Bn.26 **José** *22.4.1814, Porto Alegre.
Bn.27 **Inácio** b. 16.8.1816, Gravataí.
N.23 **Antônio Manuel da Costa** *26.5.1778, Porto Alegre. A 19.1.1801, Gravataí, ∞ **Florinda Inácia de Jesus**, *Mostardas, f.ª de Francisco Luís de Souza e Isabel Inácia de Jesus. Pais de:
Bn.28 **Felicidade Inácia de Jesus** ∞ 1.2.1845, Gravataí, **Miguel José de Oliveira**, f.º de Domingos José de Oliveira e Ana Joaquina de Jesus. Pais de:
Bn.29 **Feliciano** *24.1.1802, Gravataí.
Bn.30 **Francisco** b. 25.7.1803, Gravataí.
Bn.31 **Ana** *18.5.1805, Gravataí.
Bn.32 **Máximo Antônio da Costa** *Gravataí, ∞ **Luísa Maria de Jesus**, *Gravataí, f.ª de João de Souza de Oliveira e Zeferina Maria Inácia. C/d em Gravataí.

N.24 **Tomásia Joaquina de Jesus** ou **Tomásia Joaquina de Figueiredo** *1.7.1780, Porto Alegre. A 8.2.1797, Gravataí, ∞ **Maurício Antônio da Terra**, ali *, f.º de Antônio Silveira da Terra, da Ilha do Faial, e Catarina Josefa da Conceição, da Ilha Terceira. Pais de:

Bn.33 **Inácio Francisco Fernandes** *Gravataí, onde ∞ 24.7.1842 **Lucinda da Conceição**, *8.8.1816, Gravataí, f.ª de Vicente Fernandes de Lemos e Angélica Maria da Soledade (v. Antônio de Ávila Machado, Bn.3). C/d em Santa Cristina do Pinhal.

Bn.34 **Rafael** *31.08.1798, Gravataí.

Bn.35 **Escolástica Antônia Terra** *1800 e †26.3.1875, Gravataí.

Bn.36 **Antônio Manuel da Costa** b. 1.4.1803, Gravataí, ∞ **Maria Joaquina Garcês Cabeleira**, *28.8.1814, Gravataí, f.ª de Joaquim Francisco Homem e Mariana Inácia do Nascimento. C/d em Gravataí.

N.25 **Alexandre** *12.3.1784, Porto Alegre.

N.26 **Alexandre José da Costa** *22.12.1785, Porto Alegre. A 9.11.1807, Gravataí, ∞ **Maria Joaquina da Silva**, f.ª de Manuel Pereira Pinheiro e Rosa Maria da Silva. Pais de:

Bn.37 **Joaquina Deolinda da Silva** *Gravataí. A 21.6.1828, Porto Alegre, ∞ **Floriano José Alves**, *16.11.1802, Santo Antônio da Patrulha, f.º de Caetano José Alves e Inácia Maria de Conceição (v. Manuel Pereira Pinheiro, N.3).

N.27 **José** *24.3.1789, Gravataí.

F.8 **Domingos da Costa Viana** ou **Domingos da Costa Lopes** *5.2.1757, Rio Grande. A 5.9.1773, Porto Alegre, ∞ (1x) **Maria Angélica da Conceição de Jesus**, b. 29.10.1759, Rio Pardo e †9.12.1780, Porto Alegre (v. José Gonçalves Caldas, F.3). A 21.4.1786, Triunfo, ∞ (2x) **Maria Antônia de Jesus**, b. 25.12.1769, Triunfo, f.ª de Francisco Rodrigues Goulart e Maria Antônia de Jesus. Do 2° casamento c/d em Gravataí e Rio Pardo. Houve do 1° casamento:

N.28 **Eufrásia Angélica da Conceição** *18.11.1775, Porto Alegre. Em 29.6.1791, Gravataí, ∞ **Frutuoso José Velho**, *Pindamonhangaba/SP, f.º de Domingos Garcia Velho e Lucinda Maria do Espírito Santo. C/d em Gravataí e Capela de Santana.

F.9 **Antônio** *14.1.1762, Rio Grande e † antes de sua mãe.

ALEXANDRE JOSÉ DA ROSA *26.4.1747, Horta (S. Salvador), Ilha do Faial e †17.12.1805, Porto Alegre, f.º de Amaro da Rosa e Maria Francisca. A 1.11.1772, Enseada do Brito, Palhoça/SC ∞ **MARIA DE JESUS**, *Enseada de Brito, Palhoça/SC e †21.11.1834, Porto Alegre, f.ª de Miguel Francisco Garcia, da Lages, Ilha do Pico, e Francisca dos Anjos, do Cabo da Praia, Ilha Terceira. Pais de:

F.1 **Maria Rosa de Jesus** *Enseada do Brito, Palhoça/SC. A 3.5.1787, Porto Alegre, ∞ **João José de Freitas Lisboa**, *Florianópolis/SC, f.º de Gregório José de Freitas Lisboa e Maria de Oliveira. Pais de:

N.1 **João José de Freitas Lisboa** *27.1.1790, Porto Alegre, onde a 21.11.1812 ∞ **Alexandrina Joaquina**, b. Florianópolis/SC, f.ª de Matias de Souza Monteiro e Catarina Rosa. Pais de:

Bn.1 **Carolina** *3.8.1816, Porto Alegre.

Bn.2 **Manuel** *9.5.1818, Porto Alegre.
Bn.3 **Firmino** *25.9.1819. Porto Alegre, onde †8.5.1820.
N.2 **Pacífica** *4.1.1794, Porto Alegre, onde †19.10.1795.
N.3 **Ana Maria de Oliveira** *23.7.1796, Porto Alegre, onde ∞ 27.4.1816 **Inácio José de Andrade**, *1777, São Paulo/SP e †23.5.1822, Porto Alegre, f.º de Francisco Pedroso de Andrade e Joana Francisca do Carmo. C/d em Capela de Santana.
N.4 **Rosa** *7.4.1799, Porto Alegre.
N.5 **Teresa** *24.7.1801, Porto Alegre.
N.6 **Josué José de Freitas** *1.8.1807, Porto Alegre. A 16.4.1842, Capela de Santana, ∞ **Ana Maria da Conceição**, *Osório, f.ª de José Raimundo Luís e Silvana Rosa de Jesus. C/d em São Leopoldo.
N.7 **Severina Maria de Freitas** *1.10.1813. A 31.1.1831, Capela de Santana, ∞ **Brás de Oliveira**, *Lisboa, PT, f.º de Manuel Francisco e Maria Rosa de Jesus.
N.8 **Clara Rosa de Oliveira** *8.7.1810, Capela de Santana. A 12.7.1828, Porto Alegre ∞ **Antônio Joaquim de Souza**, *São Francisco do Sul/SC, f.º de Antônio Álvares de Souza e Ana Josefa.
N.9 **Gregório** *8.7.1810, Capela de Santana.

F.2 **Miguel José de Freitas** *Enseada do Brito, Palhoça/SC e †11.5.1834, com inventário autuado em Porto Alegre. Mestre de bordo em 1818. A 27.2.1797, Florianópolis/SC, ∞ (1x) **Ana Joaquina de Jesus**, ali * e † Rio de Janeiro/RJ, f.ª de Antônio Francisco de Vargas e Ana Maria da Encarnação. Miguel, a 15.9.1814, Porto Alegre ∞ (2x) **Maria Joaquina de Jesus**, *1792, Florianópolis/SC e †8.3.1818, Porto Alegre, f.ª de Matias de Souza Monteiro e Catarina Rosa. Miguel ∞ 29.6.1820, Porto Alegre (3x), **Angélica Rosa da Silva** (v. José Rodrigues Peixoto, N.33).

Houve do 1º casamento:

N.10 **Deolinda Joaquina de Jesus** *1.5.1803, Porto Alegre, onde a 4.4.1818 ∞ **Francisco José Correia**, *Vimieiro, Braga, Braga, PT, f.º de José Correia e Maria Teresa.
N.11 **Alexandrina Joaquina de Freitas** *pv. 1808, Porto Alegre, onde a 25.7.1835 ∞ **Antônio José Rodrigues**, *PT, f.º de Antônio Bento Rodrigues e Isabel Maria.

Houve do 2º casamento:

N.12 **Bernarda Joaquina de Freitas** (*antes do casamento dos pais) *26.9.1810, Porto Alegre, ∞ **Joaquim Antônio Maria dos Santos**.
N.13 **Inocência** (possível filha de Miguel, *antes do casamento dos pais) *16.10.1811, Porto Alegre, onde †15.7.1815.
N.14 **Antônio** *13.6.1814, Porto Alegre, onde †9.12.1818.
N.15 **Miguel** *1815, Porto Alegre, onde †24.5.1820.
N.16 **Maria** *5.3.1818, Porto Alegre e † antes de seu pai.

F.3 **Floriano José da Rosa** b. 17.10.1779, Enseada do Brito, Palhoça/SC. A 14.4.1806, Porto Alegre, ∞ **Felícia Joaquina de Freitas**, *Rio Pardo, f.ª de Manuel da Cunha Freitas e Maria do Rosário. Pais de:

N.17 **Serafim** *5.8.1807, Porto Alegre.
N.18 **Maria Joaquina de Freitas** *27.8.1809, Porto Alegre, onde †17.6.1852 e onde a 15.2.1827 ∞ **Antônio Pinto dos Reis**, *Campanhã, Porto, Porto, PT, f.º de Francisco Pinto dos Reis e Ana Maria Rosa.

N.19 **Serafim** *15.5.1811, Porto Alegre.
N.20 **Floriana Rosa de Freitas** *25.3.1813, Porto Alegre, onde a 27.8.1829 ∞ **Antônio Florêncio do Espírito Santo**, *BA, f.º de Cândido Maximiano e Silvéria de Santa Isabel.
N.21 **Francisco** *3.4.1815, Porto Alegre, onde †28.12.1815.
F.4 **Rosa** *6.10.1786, Porto Alegre.
F.5 **José** *6.2.1789, Porto Alegre.

ALEXANDRE PEREIRA CARDOSO *São Roque, Ilha do Pico, f.º de Manuel Dias de Lima e Maria da Conceição, ambos de São Roque. Alexandre, a 31.8.1738, Madalena, Ilha do Pico, ∞ (1x) **DOMINGAS DE SÃO JOSÉ**, *São Roque, Ilha do Pico, f.ª de Manuel Fialho do Amaral e Elvira do Amaral, ambos *Madalena. Alexandre, a 26.4.1751, Florianópolis/SC, ∞ (2x) **ANTÔNIA DA ROSA**, *Santa Cruz, Ilha Graciosa. Filhos do 1º casamento:

F.1 **Domingas** *26.9.1739, Madalena, Ilha do Pico.
F.2 **Luzia Antônia dos Santos** *2.11.1741, Madalena, Ilha do Pico. A 25.7.1757, Rio Grande ∞ **Manuel José Paes**, *Ilha Graciosa, e †2.9.1795 Florianópolis/SC, onde deixou descendência.
F.3 **Josefa Rosa de Jesus** *5.2.1744, Madalena, Ilha do Pico, ∞ 20.7.1760, Rio Grande, **Domingos Caetano**, *Guadalupe, Ilha Graciosa, f.º de Manuel Vaz da Fonseca e Maria de Espíndola. Pais de:
N.1 **José Domingos Caetano** *11.7.1771, Viamão. A 23.7.1795, Triunfo, ∞ **Isabel Maria da Conceição**, *20.1.1778, Taquari, f.ª de Antônio Machado Fagundes de Bitencourt e Ana Maria Nunes de Siqueira. C/d em Triunfo.
N.2 **Desidéria Maria Rosa** *25.2.1773, Porto Alegre, ∞ 10.5.1788, Osório, (1x) **Antônio Silveira de Menezes**, *Enseada de Brito, Palhoça/SC. Desidéria ∞ 13.9.1803, Osório, (2x) **Manuel Silveira de Souza**, *Laguna/SC, f.º de Simão Silveira de Souza e Bárbara de São Pedro. C/d em Viamão.
F.4 **Teresa Francisca de Jesus** *8.1.1746, Madalena, Ilha do Pico e †6.12.1821, com inventário autuado em Porto Alegre. A 23.1.1762, Rio Grande, ∞ **Francisco da Costa Santos**, *pv. 1723, Horta (Conceição), Ilha do Faial e †12.3.1803, Porto Alegre (v. Antônio da Rosa, F.1).

ALEXANDRE SILVEIRA *Santo Antônio, Ilha do Pico, f.º de pai incógnito e Florência da Ressurreição. Alexandre, a 12.1.1769, Santo Antônio, Ilha do Pico, ∞ (1x) **QUITÉRIA VICÊNCIA**, †1774. Alexandre, a 9.1.1775, Santo Antônio, Ilha do Pico, ∞ (2x) **BÁRBARA FRANCISCA DE SIMAS**, ali *, f.ª de Antônio Ferreira Fialho e Isabel da Conceição. *Houve do 2º casamento*:

F.1 **Isabel Francisca** *Santo Antônio, Ilha do Pico. A 6.5.1798, Porto Alegre ∞ **João José de Almeida**, *Porto, PT, f.º de Francisco José de Almeida e Custódia Maria. Pais de:
N.1 **Miguel Ferreira Gomes** *15.1.1799, Porto Alegre, onde a 4.11.1822 ∞ **Maria Cândida de Escovar**, *Porto Alegre.

ANDRÉ DA COSTA LEITE b. 1.12.1692, Ribeira Seca, Ribeira Grande, Ilha de São Miguel e † antes de 1781, f.º de Miguel da Costa e Bárbara Feijó. André ∞ 13.8.1719, Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, **CLARA MARIA DE SOUZA**, b. 12.4.1698, Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, f.ª de Manuel Salgado e Bárbara Velho. Pais de, afora outros:

F.1 **Manuel de Souza** *17.1.1724, Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, ∞ **Margarida do Anjos**, *Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, f.ª de Manuel Cabral e Ana de Melo. C/d em Rio Grande.
F.2 **Francisco da Costa Leite** *22.2.1730, Vila do Porto, Ilha de Santa Maria e †14.9.1813, Taquari, ∞ (1x) **Ana Maria da Conceição**, n. Ilha de Santa Maria, f.ª de José da Costa e Domingas de Souza. Francisco ∞ 23.5.1773, Porto Alegre, (2x) **Rita Maria da Conceição**, *Topo, Ilha de São Jorge, viúva de João Mendes da Silva, f.ª de Manuel Machado Lemos e Maria Santa.
Houve do 1º casamento:

N.1 **Inácia Maria de Jesus** *Porto Alegre e b. 8.9.1753, Viamão e †30.3.1829, Triunfo, ∞ 24.1.1768, Taquari, **Manuel Pereira da Luz**, *Norte Grande, Ilha de São Jorge, f.º de Manuel Pereira da Luz e Teresa Maria de Jesus.
N.2 **José** * e b. no forte de Santo Amaro do Sul a 10.4.1755 (registro em Viamão).
N.3 **Clara** b. 23.8.1761, Santo Amaro do Sul (registro em Triunfo) e †29.5.1782, Triunfo.
N.4 **Antônio da Costa Leite** *pv. 1763, sargento-mor, ∞ 27.9.1780, Taquari, **Juliana Maria de Jesus**, b. 7.6.1763, Taquari, f.ª de João Mendes da Silva e Rita Maria da Conceição.

Houve do 2º casamento: ao menos seis filhos nascidos a partir de 1774 em Taquari.
F.3 **Francisca de Souza** *Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, ∞ 1753, Viamão, **José Caetano de Andrade**, *Santa Bárbara, Ilha de Santa Maria, f.º de José de Melo e Maria de Souza. José e Francisca são dados como casal de El-Rei, c/d em Taquari.
F.4 **Inácio da Costa Leite** *14.10.1736, Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, ∞ 16.11.1761, Triunfo, **Antônia Maria**, *1749, São Mateus, Ilha do Pico, f.ª de Antônio Gonçalves Brandão e Teresa Maria de Jesus.
F.5 **Matias da Costa Leite** *Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, ∞ 12.6.1769, Taquari, **Maria Silveira**. *Castelo Branco, Ilha do Faial, f.ª de Inácio Silveira e Ana Silveira.
F.6 **João Pedro da Costa Leite,** b. 8.10.1742, Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, ∞ 19.8.1780, Taquari, **Ana Maria do Rosário de Jesus**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de Francisco Ferreira Peniche e Maria de Jesus.

ANDRÉ MARTINS *pv. 1710, Altares, Ilha Terceira, f.º de Manuel Nunes e Beatriz Gonçalves. A 18.1.1733, Agualva, Ilha Terceira, ∞ **BEATRIZ DA LUZ**, *1718, Agualva, f.ª de Domingos da Luz e Isabel da Conceição. Pais de:

F.1 **Antônio** (**da Cunha**) **Martins** ou **Antônio Martins de Oliveira** *1747, Agualva, Ilha Terceira e †17.4.1807, Porto Alegre, ∞ **Antônia Silveira** (v. Manuel da Rosa Pereira, F.3). Pais de:

N.1 **Manuel** b. 9.2.1767, Viamão.

N.2 **Domingos Martins de Oliveira** b. 9.2.1767, Viamão, ∞ 18.10.1795, Porto Alegre, **Maria Angélica**, ali *, f.ª de Bento Teixeira e Lucinda da Câmara.
N.3 **Silvestre Teixeira Pinto** b. 25.11.1768, Viamão, ∞ 30.10.1799, Herval (registrado em Rio Grande), **Luísa Pereira**, *Rio Grande, f.ª de Francisco Pereira das Neves e Inácia de Aguiar. C/d em Arroio Grande.
N.4 **Gertrudes Rosa da Conceição** b. 15.6.1770, Porto Alegre, onde a 30.8.1787 ∞ (1x) **José Garcia de Araújo**, *24.12.1755, São José do Norte, f.º de João Garcia de Araújo Velho e Antônia da Encarnação. Gertrudes, a 20.11.1809, Porto Alegre (2x), ∞ **João Garcia de Araújo**, b. 16.2.1752, Porto Alegre, f.º João Garcia de Araújo Velho e Antônia da Encarnação. Houve do 1º casamento:

Bn.1 **Albano José Garcia** *12.7.1789, Porto Alegre, onde a 9.6.1810 ∞ **Graciana Maria da Conceição** (v. Francisco Nunes da Costa, N.3). Pais de:

Tn.1 **Antônio** *10.6.1812, Porto Alegre.
Tn.2 **Apolinário** *9.1.1814, Porto Alegre.
Tn.3 **José** *17.6.1815, Porto Alegre.
Tn.4 **Bernardino** *11.5.1817, Porto Alegre.
Tn.5 **Maria** *16.2.1819, Porto Alegre.
Tn.6 **Balbina** *12.2.1820, Porto Alegre.
Tn.7 **Maria** *16.11.1821, Porto Alegre.

Bn.2 **Severo** *9.6.1791, Rio Grande, onde †10.6.1795.
Bn.3 **Senhorinha** *9.10.1795, Povo Novo, Rio Grande, onde † antes do pai.
Bn.4 **Nicolau** *22.10.1796, Rio Grande.

N.5 **Eufrásia Maria da Conceição** *15.11.1772, Porto Alegre, onde a 5.5.1790 ∞ (1x) **Manuel Álvares do Nascimento**, *23.12.1757, Iguape/SP e †25.5.1791, Porto Alegre, f.º de João Álvares da Silva e Vitória da Costa. Eufrásia ∞ 2.12.1800, Porto Alegre, (2x) **Matias Camilo Sandoval**, *Chile, f.º de José de Sandoval e Martinha Raquel.
Houve do 1º casamento:

Bn.5 **Escolástica Maria do Nascimento** *19.7.1790, Porto Alegre, onde a 9.5.1807 ∞ (1x) **Manuel Machado** Álvares (v. João do Couto Machado, N.6). Escolástica, a 8.2.1821, ∞ (2x) **Manuel Pedroso**, *Mogi das Cruzes/SP, f.º de Antônio Pedroso de Camargo e Maria do Rosário.
Bn.6 **Ana Eufrásia de Jesus** b. 9.2.1792, Porto Alegre, ∞ **João Ferreira Soares**, *11.6.1784, Viamão, f.º de Antônio Gomes Soares e Perpétua Rosa da Conceição (v. Manuel Cardoso de Oliveira, F.14).

Houve do 2º casamento:

Bn.7 **Firmiano** *20.9.1801, Triunfo.
Bn.8 **Antônio Matias** *5.6.1803, Triunfo, ∞ 1830, Santo Amaro do Sul, **Florinda Maria**.
Bn.9 **Antônia Maria** *6.7.1805, Porto Alegre, ∞ 1822, Triunfo, **João Batista da Silva**.
Bn.10 **Manuel** *7.8.1808, Porto Alegre.

F.2 **Francisco Martins** *pv. 1749, Agualva, Ilha Terceira e †6.11.1814, Porto Alegre, com 65 anos mais ou menos, ∞ **Marcelina Inácia**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de Antônio Rodrigues e Antônia Silveira, ambos de Cedros, Ilha do Faial. Pais de:

N.6 **Felisberto** *17.10.1771, Porto Alegre.

N.7 **Félix** *13.1.1776, Porto Alegre.
N.8 **Felizardo** *16.8.1778, Porto Alegre.
N.9 **Manuel** *7.3.1781, Porto Alegre.
N.10 **Antônia Margarida de Jesus** *7.5.1784, Porto Alegre, onde a 16.2.1822 ∞ **Nicolau José da Silveira** (v. José Antônio da Silveira, F.6).
N.11 **Senhorinha Inácia da Conceição** *8.5.1786, Porto Alegre, onde †27.4.1842 e onde a 20.7.1807 ∞ **Feliciano Silveira Gonçalves** (v. Manuel Silveira Gonçalves, N.8).
N.12 **Maria Joaquina do Nascimento** *10.11.1788, Porto Alegre, onde a 23.10.1807 ∞ **Joaquim José dos Santos**, *Cunha/SP, f.º de Manuel Ferreira de São Miguel e Ana Maria do Nascimento. Pais de:
Bn.11 **Joaquina** *8.6.1809, Porto Alegre.
N.13 **Dionísio José Rodrigues** *15.1.1791, Porto Alegre, ∞ 20.2.1813, Taim (registrado em Rio Grande), **Clarinda Maria Ribeiro**, *Rio Grande, f.ª de José Fonseca Abreu e Tomásia Maria Ribeiro.
N.14 **Francisco Martins** *5.11.1792, Porto Alegre, onde a 25.11.1816 ∞ **Leocádia Maria Rosa** (v. Antônio Pereira Nunes, Bn.2). Pais de:
Bn.12 **José** *15.9.1817, Porto Alegre.
Bn.13 **Alexandre** *13.7.1819, Porto Alegre.
N.15 **Ludovina Inácia de Jesus** *15.7.1796, Porto Alegre, onde a 28.8.1813 ∞ (1x) **Florêncio Silveira Gonçalves** (v. Manuel Silveira Gonçalves, N.10). Ludovina, a 5.5.1816, Viamão ∞ (2x) **Quintiliano Silveira da Rosa** (v. Manuel da Rosa Pereira, N.7). Houve do 2º casamento:
Bn.14 **Serafim** *11.12.1816, Porto Alegre.
Bn.15 **Porcina** *19.8.1818, Porto Alegre.

F.3 **Manuel Martins dos Santos** *Agualva, Ilha Terceira e com inventário autuado em 1844 em Porto Alegre. A 7.11.1779, Porto Alegre, ∞ **Maria Joana do Nascimento** (v. José Antônio da Silveira, F.2). Pais de:
N.16 **Joana Maria da Conceição** *24.6.1781, Porto Alegre, onde a 23.12.1796 ∞ (1x) **Antônio Silveira de Jesus**, b. 13.12.1754, Florianópolis/SC, f.º de Manuel Silveira Goulart e Catarina Antônia. Joana ∞ 23.6.1815, Rio Pardo, (2x) **Manuel Lopes de Bittencourt**, *Rio Pardo, f.º de Francisco de Souza da Silveira, do Topo, Ilha de São Jorge, e Genoveva Maria Teresa da Silveira, da Ilha do Pico. Houve do 1º casamento:
Bn.16 **Manuel Domírio** *pv. 1797, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 1817, Encruzilhada do Sul, **Maria Porfiria**.
Bn.17 **Joaquina Maria de Jesus** *pv. 1800, Caçapava do Sul, ∞ 1820, Encruzilhada do Sul, **Antônio Lopes de Carvalho**.
Bn.18 **Luciano Antônio da Silveira** *3.7.1801, Rio Pardo, ∞ 1823, Encruzilhada do Sul, **Florinda Maria da Conceição**.
Bn.19 **Zeferino** *10.7.1805, Porto Alegre.
Bn.20 **Firmina** b. 28.4.1807, Rio Pardo.
Bn.21 **João** *10.6.1808, Porto Alegre.
Bn.22 **Francisco** b. 21.1.1811, Rio Pardo.
N.17 **Manuel** †12.12.1779, inocente, Porto Alegre.
N.18 **Damiana** *10.8.1783, Porto Alegre e † pequena.

N.19 **Heduvirges das Dores** *17.6.1785, Porto Alegre.
N.20 **Antônia Maria dos Santos** *5.2.1787, Porto Alegre, onde a 2.8.1817 ∞ **Daniel Antônio da Silva**, *São José dos Pinhais/PR, f.º de Miguel da Veiga e Vitória Maria Arcângela. Pais de:
Bn.23 **Maria** *1.3.1818, Porto Alegre.
Bn.24 **Antônio** *24.8.1819, Porto Alegre.
Bn.25 **Ana** *10.9.1821, Porto Alegre.
N.21 **Damiana Maria da Conceição** *12.1.1789, Porto Alegre e † antes de seu pai.
N.22 **Máxima** *21.9.1790, Porto Alegre, onde †5.5.1791.
N.23 **Ana Maria das Dores** *15.2.1792, Porto Alegre, onde a 2.7.1810 ∞ **Faustino Luís Bernardes**, *21.9.1791, Viamão, f.º de João Bernardes dos Santos e Maria de Borba. Pais de:
Bn.26 **Manuel** *12.12.1817, Porto Alegre.
Bn.27 **Antônia** *21.12.1818, Porto Alegre.
N.24 **José Martins dos Santos** *11.8.1793, Porto Alegre e † antes de seu pai, ∞ **Estácia Escolástica**.
N.25 **Josefa** *13.12.1795, Porto Alegre.
N.26 **Maria Joana do Nascimento** *25.4.1798, Porto Alegre, onde a 7.9.1835 ∞ **Joaquim Francisco de Souza** (v. Manuel de Souza Barros, Bn.41).
N.27 **Prudência** *7.11.1799, Porto Alegre.
N.28 **Serafim** *12.6.1801, Porto Alegre.
F.4 **Leonarda da Conceição** *Agualva, Ilha Terceira e †01/01/1788, Porto Alegre, com 50 anos, onde a 23.1.1780 ∞ **José Antônio da Silveira** (v. este nome).

ANDRÉ PEREIRA DE MATOS ou **ANDRÉ PEREIRA DE SOUZA MATOS** *1716, Calheta, Ilha de São Jorge e †10.5.1776, Porto Alegre, f.º de Lucas Pereira de Matos e Maria Vieira. André, a 17.6.1740, Calheta, Ilha de São Jorge, ∞ **MARIA DE SÃO JOSÉ**, *Topo, Ilha de São Jorge e †25.5.1790, com 75 anos, sem testamento, por ser pobre, Porto Alegre, f.ª de João da Cunha Neto e Ana Silveira. Pais de:

F.1 **André Silveira** *1739, Topo, Ilha de São Jorge e †13.5.1819, Porto Alegre, ∞ **Rosa Inácia**, *4.10.1756, Rio Grande e †2.11.1811, Porto Alegre, f.ª de Manuel Garcia Tavares e Josefa Teresa de Jesus ou Josefa Maria da Boa Nova. Pais de:
N.1 **Ana Joaquina da Silva** *21.9.1773, Porto Alegre, onde a 11.6.1794 ∞ **Manuel Machado Lopes**, *1762, Florianópolis/SC e †11.2.1822, Porto Alegre, f.º de José Machado Lopes e Maria Santa. Pais de:
Bn.1 **Maria Joaquina da Silva** *24.9.1795, Porto Alegre, onde a 15.7.1822 ∞ **José Joaquim Rodrigues** (v. Antão Pereira Machado, Bn.32).
Bn.2 **Joaquina Maria de Jesus** *28.9.1796, Porto Alegre, onde a 2.7.1822 ∞ **João Inácio da Cunha**, *20.2.1803, Gravataí, f.º de Antônio Fernandes da Cunha e Inácia Maria de Jesus.
Bn.3 **Ana** *6.7.1798, Porto Alegre.
Bn.4 **José Machado Lopes** (neto) *9.6.1800, Porto Alegre, onde a 4.2.1832 ∞ **Margarida Francisca de Oliveira** (v. Antão Pereira Machado, Bn.33).

Bn.5 **Luísa** *3.6.1802, Porto Alegre.
Bn.6 **Rosa** *6.2.1804, Porto Alegre.
Bn.7 **Clarinda** *7.2.1806, Porto Alegre.
Bn.8 **Francisco** *22.9.1808, Porto Alegre.
Bn.9 **Manuel** *21.12.1810, Porto Alegre.
Bn.10 **Joaquim** *21.12.1810, Porto Alegre.
Bn.11 **Leocádia** *6.4.1814, Porto Alegre.
Bn.12 **Constâncio** *28.7.1816, Porto Alegre.
Bn.13 **Antônio** *4.6.1819, Porto Alegre.

N2. **Tomásia Maria do Nascimento** *12.8.1775, Porto Alegre, onde a 30.5.1804 ∞ **José Nunes Rodrigues**, *Biguaçu/SC, f.º de João Pereira e Jacinta Rosa. Pais de:

Bn.14 **Maria** *11.5.1805, Porto Alegre, onde †13.8.1806.
Bn.15 **Jacinta** *22.7.1806, Porto Alegre.
Bn.16 **Josefa** *10.3.1808, Porto Alegre, onde †11.4.1821.
Bn.17 **Joana** *18.9.1809, Porto Alegre.
Bn.18 **Maria Tomásia** * 24.11.1810, Porto Alegre, onde a 21.11.1829 ∞ **João Correia da Silva**, *Vila Nova de Famalicão, Braga, PT, f.º de Antônio Correia da Silva e Ana Maria da Rosa.
Bn.19 **Leocádia** *19.8.1812, Porto Alegre.
Bn.20 **Inácia Maria de Jesus** *10.6.1815, Porto Alegre, onde a 27.3.1830, ∞ **Antônio Joaquim Nunes**, *Macinhata da Seixa, Oliveira de Azeméis, Aveiro, PT, f.º de Antônio Nunes e Rosa Maria da Silva.
Bn.21 **João** *5.2.1817, Porto Alegre.

N.3 **Manuel Garcia** *24.7.1778, Porto Alegre, onde a 21.1.1802 ∞ **Ana Maria de Jesus**, *18.2.1787, Porto Alegre, f.ª de Manuel Antônio Dias e Mariana Antônia.
N.4 **Joaquina** *1.8.1780, Porto Alegre.
N.5 **Maria Tomásia do Nascimento** *6.8.1782, Porto Alegre, onde a 22.9.1800 ∞ **José Joaquim Dias** (v. Manuel Dias Ferreira, N.14).
N.6 **José** *19.6.1790, Porto Alegre.

F.2 **Maria Santa** *29.10.1741, Calheta, Ilha de São Jorge, e †3.3.1802, Porto Alegre, ∞ **Manuel Silveira Pereira** (v. Antônio da Silveira Pereira, F.3).
F.3 **Ana Rosa de Jesus** *Calheta, Ilha de São Jorge, ∞ 16.9.1764, Triunfo, **Antônio do Couto Machado**, *Biscoitos, Ilha Terceira, f.º de João do Couto Machado e Inês do Espírito Santo. C/d em Rio Pardo e Taquari.
F.4 **João** b. 3.3.1753, Rio Grande.
F.5 **Perpétua Rosa de Jesus** *6.2.1756, Rio Grande. A 1.10.1774, Porto Alegre, ∞ **José da Silva Cardoso**, soldado em 1777, *Florianópolis ou São José/SC, f.º de Francisco Cardoso Antunes e Maria Silveira, ambos da Ilha do Pico. Pais de:

N.7 **Maria Inácia da Silva** *21.7.1775, Porto Alegre, onde a 8.1.1792 ∞ (1x) **João Antônio Rodrigues**, *Lisboa (Santa Engrácia), Lisboa, PT e †10.3.1807, Porto Alegre, f.º de Antônio Rodrigues e Clara Maria. A 6.9.1807, Porto Alegre ∞ (2x) **Antônio Francisco Marques**, *São Martinho, Bispado do Porto, PT, f.º de Manuel Francisco Marques e Maria Teresa da Silva.

Houve do 1º casamento:

Bn.22 **Teodora** *7.1.1793, Porto Alegre e † antes de seu pai.

Bn.23 **Eva Maria de Jesus** *5.4.1799, Porto Alegre, ∞ 1815, Triunfo, **Antônio José de Sampaio**.

Bn.24 **Ana Amália da Silva** *10.7.1801, Porto Alegre, ∞ 22.11.1826, Triunfo, **Domingos José da Costa**, *Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, f.º de Romualdo José da Costa e Gertrudes Mariana.

Bn.25 **José** *7.3.1804, Porto Alegre, onde †11.7.1804.

Bn.26 **Inácia** *27.6.1805, Porto Alegre, onde †4.6.1806.

Bn.27 **Joana** * 20.3.1807, Porto Alegre, onde †7.4.1807.

Houve do 2º casamento:

Bn.28 **Josias** *15.10.1808, Porto Alegre.

Bn.29 **Luís** *7.9.1810, Porto Alegre.

Bn.30 **Manuel Antônio Marques** *9.6.1812, Triunfo.

Bn.31 **Francisca** *9.6.1814, Triunfo.

Bn.32 **Antônia** *12.6.1817, Rio Pardo.

N.8 **Desidéria Rosa** ou **Desidéria Maria Inácia** *18.7.1777, Estreito, São José do Norte e †5.8.1849, Porto Alegre.. A 18.11.1794, Porto Alegre ∞ **Antônio José Rodrigues** (v. José Rodrigues Peixoto, F.3).

N.9 **Ana Maria** *3.7.1779, Porto Alegre, onde †17.12.1844 e ali a 26.10.1794, ∞ **Jacinto José da Silva** (v. José Rodrigues Peixoto, F.6).

N.10 **Joaquina** *29.12.1780, Porto Alegre.

N.11 **Francisco Cardoso da Silva** *16.9.1782, Porto Alegre, onde a 12.12.1801 ∞ **Maria Joaquina do Nascimento** (v. Antônio da Rosa, N.21). Pais de:

Bn.33 **Jacinta Maria do Nascimento** ou **Jacinta Maria de Jesus** *2.12.1802, Porto Alegre, onde a 15.2.1817 ∞ **Manuel de Souza de Oliveira**, *São José, Ilha de São Miguel e †2.6.1825, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de José de Souza de Oliveira e Maria de Jesus. Pais de:

Tn.1 **Tiago** *3.12.1817, Porto Alegre e † antes de seu pai.

Tn.2 **Zeferino** *10.6.1821, Porto Alegre.

Tn.3 **Belmira**

Tn.4 **Manuel**

Bn.34 **Francisca** *14.4.1805, Porto Alegre.

Bn.35 **Rita Emília da Silva** *10.10.1806, Porto Alegre, onde a 13.6.1824 ∞ **Francisco José Dias** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.61).

Bn.36 **Antônio** *8.8.1808, Porto Alegre.

Bn.37 **João Cardoso da Silva** *6.1.1812, Porto Alegre, ∞ **Gertrudes Maria da Cunha**, c/d em São Jerônimo.

Bn.38 **Justina Maria da Silva**, *8.6.1814, *Porto Alegre.

Bn.39 **Manuel Cardoso da Silva** *15.12.1816, Porto Alegre, ∞ 24.4.1834, Triunfo, **Maria Madalena de Souza**.

Bn.40 **Epifânia Joaquina Conceição** *2.5.1819, Porto Alegre, ∞ 27.9.1834, Triunfo, **João Justino da Cruz**, *17.9.1817, Triunfo, f.º de Manuel Joaquim da Cruz e Bárbara Joaquina de Almeida.

N.12 **Joaquina Rosa** ou **Joaquina Inácia da Silva** *7.3.1789, Porto Alegre, onde †1.7.1829 e ali a 2.7.1806 ∞ **Urbano José Afonso**, *Cascais, Lisboa, PT, f.º de Manuel Afonso e Cândida Maria. Pais de:

Bn.41 **Cândida** *16.3.1808, Porto Alegre.
Bn.42 **Manuel** *21.7.1809, Porto Alegre.
Bn.43 **Francisco** *5.3.1811, Porto Alegre.
Bn.44 **Floriana Joaquina da Silva** *30.11.1812, Porto Alegre, onde a 10.7.1829 ∞ **Antônio José de Oliveira** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.57).
Bn.45 **Cândida** *7.1.1815, Porto Alegre.
Bn.46 **Urbana Joaquina Afonso** *25.1.1825, Triunfo e †7.8.1891, Porto Alegre, onde a 10.1.1859 ∞ **Gedeon Callao Désessard**, *França, f.º de Gedeon Désessard e Justine Andoress.
Bn.47 **Manuel** *22.1.1820, Santo Amaro do Sul.
N.13 **Francisca** *5.9.1792, Porto Alegre.
N.14 **João da Silva Cardoso** *23.6.1796, Porto Alegre, ∞ 29.11.1820, Triunfo, **Laurinda Maria do Nascimento**. C/d em Triunfo.

ANDRÉ PEREIRA GUIMARÃES *1769, Ilha do Faial e †3.6.1794, Porto Alegre, sem testamento por ser muito pobre, solteiro, f.º de Pedro José de Almeida.

ANTÃO COELHO *Vila do Corvo, Ilha do Corvo, f.º de Domingos Coelho e Maria Coelho. A 24.1.1724, Lajes, Ilha Terceira, ∞ **TERESA DE JESUS**, *Lajes, Ilha Terceira, f.ª de Manuel Gonçalves Areia ou Manuel Gonçalves Galego e Francisca Machado Fagundes. Pais de:

F.1 **Antônio Jacinto Coelho** *1.2.1745, Lajes, Ilha Terceira e †21.8.1779, Porto Alegre, ∞ **Ana Joaquina de Jesus**, *Biguaçu/SC, depois casada com Antão de Souza (v. Manuel Silveira Gonçalves, F.4), f.ª de João Silveira de Ávila e Maria de Santo Antônio. Pais de:
N.1 **Teodósia Maria** ou **Teodora Maria** *Biguaçu/SC. A 26.11.1792, Porto Alegre, ∞ **José Mateus de Mendonça**, *Florianópolis/SC ou Ilha Terceira, f.º de Francisco Xavier e Rosa Caetana. Pais de:
Bn.1 **Matilde Rosa da Conceição** *28.8.1794, Triunfo, onde ∞ 24.02.1813, **Antônio Pereira Leal**, f.º de Faustino Pereira Leal e Margarida Franco.
Bn.2 **Custódia da Conceição** *18.7.1796, Porto Alegre, ∞ **Luís Inácio da Silva**.
Bn.3 **Florêncio** b. 13.7.1798, Triunfo.
Bn.4 **Claudina Rosa da Conceição** *1.9.1800, Porto Alegre, ∞ 10.5.815, Triunfo, **Luís José Pereira**, f.º de José Machado Pereira e Perpétua Inácia de Borba.
Bn.5 **Felipe** *13.9.1802, Triunfo.
Bn.6 **Teresa** *15.10.1806, Capela de Santana.
Bn.7 **Faustina Maria da Conceição** *19.12.1808, Capela de Santana, ∞ 1.7.1830, São Leopoldo, **Antônio Lopes de Souza**.
Bn.8 **Joaquim José de Mendonça** *10.8.1812, Capela de Santana.
Bn.9 **Custódia Maria** *Capela de Santana, ∞ **Luís Inácio de Souza**, *Porto Alegre, f.º de Ricardo José da Silva e Isabel Barreto de Oliveira Leme. C/d em Capela de Santana.
N.2 **Vitorino Antônio da Silva** *Biguaçu/SC. A 7.1.1795, Triunfo, ∞ **Feliciana Inácia**, b. 26.9.1780, Santo Antônio da Patrulha, f.ª de Francisco de Souza e Antônia Maria da Conceição. Pais de:

Bn.10 **Custódio Vitorino da Silva** *29.5.1796, Triunfo, ∞ **Ludovina Maria do Rosário**, f.ª de Joaquim José Martins e Bárbara Maria Fagundes. C/d em Taquari.

N.3 **José Antônio da Silva** *12.3.1778, Porto Alegre, ∞21.1.1802, Triunfo, **Bibiana Inácia de Jesus**, b. 21.1.1781, Triunfo, fª Francisco Lopes de Souza e Ana Inácia de Jesus. C/d em Triunfo.

F.2 **José Coelho Severino** *1746, Lajes, Ilha Terceira e †8.12.1804, Porto Alegre, ∞ **Maria Teresa de Jesus** (v. Mateus de Oliveira, N.1). Pais de:

N.4 **Severina Inácia de Oliveira** *18.3.1773, Porto Alegre, onde †15.2.1811, e ali a 3.7.1795 ∞ **Manuel Inácio de Souza Cabral**, *Vila do Porto (Matriz), Ilha de Santa Maria e †22.8.1842, Capela de Santana, f.º de Manuel José de Souza e Isabel Batista. Pais de:

Bn.11 **Manuel Inácio de Souza Oliveira** *2.11.1796, Porto Alegre, ∞ 27.1.1818, Capela de Santana (1x) **Brígida Maria da Conceição**, *20.5.1797, Porto Alegre, f.ª de José Francisco Flores e Maria Angélica de Oliveira. **Manuel Inácio de Souza Oliveira** ∞ 4.2.1830, Capela de Santana, (2x) **Antônia Bernardina de Oliveira,** f.ª de Antônio José de Oliveira Flores e Maria Bernardina de Oliveira. C/d em Capela de Santana e São Leopoldo.

Bn.12 **Teresa Inácia de Oliveira** *14.5.1798, Triunfo, ∞ 24.5.1824, Capela de Santana, **Custódio da Silva Barreto**, *1.4.1784, Gravataí, f.º de André da Silva Barreto, de N. Sra. da Conceição, Ilha de São Miguel e Ana Garcez de Morais, de Rio Pardo. C/d em Capela de Santana.

Bn.13 **Vicência Inácia de Oliveira** *2.6.1800, Triunfo, ∞ 10.6.1821, Capela de Santana, **Manuel Machado de Souza**, f.º de Antônio Machado de Souza e Ana Joaquina de Oliveira, esta f.ª de Francisco José Flores e Luísa de Jesus, c/d em Capela de Santana.

Bn.14 **Anastácia** *30.7.1802, Porto Alegre e † antes de 1835, sem sucessão.

Bn.15 **Fortunata Perpétua de Oliveira** *16.5.1807, Capela de Santana, e †24.8.1835, solteira.

Bn.16 **Maria Teresa de Oliveira**, solteira em 1842.

N.5 **José Ramos de Oliveira** *18.4.1775, Porto Alegre, onde †12.6.1829, ∞ 26.1.1803, Triunfo, **Isabel Maria de Jesus** (v. Francisco José Flores, N.16). Pais de:

Bn.17 **Maria Aldina de Oliveira** *29.6.1805, Porto Alegre.

Bn.18 **José Ramos de Oliveira Filho** *20.8.1806, Capela de Santana. A 21.4.1828, Taquari, ∞ **Bernardina Delfina de Oliveira**, ali *6.10.1810, f.ª de Joaquim Ferreira dos Passos e Ângela Maria de Oliveira. C/d em Capela de Santana.

Bn.19 **Desidéria Angélica de Oliveira** *12.10.1808, Capela de Santana, onde a 23.8.1832 ∞ **Ludwig Carl Bohnstadt**, f.º de Georg Bohnstadt e Maria Friederica Possel. C/d em Capela de Santana.

Bn.20 **Florisbela** *2.5.1815, Capela de Santana.

Bn.21 **Joaquim** *5.11.1816, Capela de Santana.

Bn.22 **Senhorinha** *11.4.1821, Capela de Santana.

Bn.23 **Constantina** b. 9.9.1822 Capela de Santana.

Bn.24 **Antônio Urbano de Oliveira** b. 11.7.1824, Capela de Santana. A 18.6.1846, São Leopoldo, ∞ **Maria Amabília da Silva**, f.ª de Felisberto Antônio de Carvalho e Francisca Bernardina da Silva

Bn.25 **Isabel** * 5.4.1827, Capela de Santana.
Bn.26 **Desidério** *18.2.1829, Capela de Santana.
Bn.27 **Ana Severina de Oliveira** *Triunfo, ∞ **Luís Rodrigues da Rosa**, f.º de Pedro Rodrigues da Rosa e Tomásia Maria Joaquina. C/d em Capela de Santana. Deste casal descende Othelo Rosa (1889-1956), historiador, jurista, jornalista, escritor e poeta.

N.6 **Teresa Angélica de Oliveira** *2711.1776, Porto Alegre, ∞ **Luís Antônio da Silveira**, b. 30.12.1763, Viamão, viúvo de Maria Antônia, f.º de Antônio Silveira Dutra, de Lajes, Ilha do Pico, e Maria de Jesus, da Ilha Terceira. Pais de:
Bn.28 **Luís** *15.4.1807, Capela de Santana.
Bn.29 **Francisca** *17.4.1808, Capela de Santana.
Bn.30 **Olivério** *21.3.1809, Rio Pardo.
Bn.31 **Cipriano** *11.10.1810, Rio Pardo.
Bn.32 **Firmino** *11.10.1810, Rio Pardo.
Bn.33 **Florisbela** *10.3.1812, Rio Pardo.
Bn.34 **Zeferino** *15.12.1813, Rio Pardo.
Bn.35 **Maria** *17.8.1815, Rio Pardo.
Bn.36 **Guilhermina** *9.8.1818, Rio Pardo.

N.7 **Ana** *31.1.1779, Porto Alegre, onde †4.1.1784.

N.8 **Bárbara** †20.6.1780, Porto Alegre e † antes de sua mãe.

N.9 **João Ramos de Oliveira** *24.6.1781, Porto Alegre, ∞ 5.6.1815, Santo Amaro do Sul, **Antônia Maria da Conceição**, f.ª de Matias José de Souza e Joaquina Rosa de Jesus. Pais de:
Bn.37 **Maria** * 18.6.1816, Santo Amaro do Sul.
Bn.38 **João** *10.6.1821, Santo Amaro do Sul.
Bn.39 **Joaquim** *23.5.1824, Santo Amaro do Sul.
Bn.40 **Rita** *4.9.1828, Santo Amaro do Sul.

N.10 **Antônio Coelho de Oliveira** *7.7.1783, Porto Alegre e †19.11.1825, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ **Máxima Maria da Trindade**, *Triunfo, f.ª de Antônio Machado de Souza e Ana Joaquina de Oliveira (v. Francisco José Flores, N.19). Pais de:
Bn.41 **Hipólita** *10.8.1807, Capela de Santana e † antes de seu pai.
Bn.42 **Felicidade Perpétua de Oliveira** *1.12.1808, Capela de Santana.
Bn.43 **Cândida** *2.9.1810, Capela de Santana.
Bn.44 **José** *8.3.1813, Triunfo e † antes de 1815.
Bn.45 **José** *25.9.1815, Capela de Santana.
Bn.46 **Ana** *1.7.1817, Capela de Santana e † antes de seu pai.
Bn.47 **João** *6.5.1819, Capela de Santana.
Bn.48 **Isabel** b. 8.4.1821, Capela de Santana.
Bn.49 **Fausta** b. 11.8.1823, Capela de Santana.

N.11 **Jacinto José de Oliveira** b. 29.5.1785, Porto Alegre, soldado Dragão em 1804.

N.12 **Francisco Coelho de Oliveira** *11.12.1786, Porto Alegre.

N.13 **Constantino José de Oliveira** *11.12.1788, Porto Alegre, ∞ 24.1.1809, Rio Pardo, **Perpétua Maria de Jesus**, b. 10.9.1790, Rio Pardo e †1.4.1883, Santa Maria, f.ª de Antônio Lopes de Carvalho e Antônia Maria de Jesus, ambos de Rio Pardo. C/d em Rio Pardo e Santo Amaro do Sul.

N.14 **Joaquim Coelho de Oliveira** *29.3.1791, Porto Alegre.

N.15 **Veríssimo José Coelho de Oliveira** *22.2.1798, Triunfo, ∞ **Maria Teresa de Bitencourt**, *Ilha Graciosa, f.ª de Miguel de Espíndola e Rosa Maria Joaquina. C/d em Capela de Santana.

ANTÃO PEREIRA MACHADO *17.1.1722, Topo, Ilha de São Jorge e †22.6.1793, Porto Alegre, f.º de Brás de Souza Machado e Maria Álvares, ∞ **MARIA DE SANTO ANTÔNIO** (v. Manuel Machado Leão, F.1). Pais de:

F.1 **Maria Antônia do Nascimento** *27.9.1754, Rio Grande. A 8.7.1769, Triunfo, ∞ (1x) **Antônio de Souza Cardoso** (v. Manuel Cardoso Toste, F.3). A 11.5.1775, Triunfo, ∞ (2x) **José Caetano Pereira**, *Florianópolis/SC, f.º de André Machado Ferreira e Maria Tomásia de Santo Antônio.

Houve do 1º casamento:

N.1 **Ana Maria da Conceição** b. 30.8.1770, Triunfo, e †28.5.1865, Viamão, ∞ **Antônio Nunes Machado**, b. 21.6.1764, Viamão, onde †15.6.1828, f.º de José Nunes Vieira e Antônia da Jesus. C/d em Viamão.

N.2 **Maria Antônia do Nascimento ∞ Francisco Gonçalves de Magalhães**, *7.7.1780, Triunfo, f.º de Plácido Gonçalves de Magalhães e Antônia Maria de Jesus.

Houve do 2º casamento:

N.3 **Joaquina Maria do Nascimento** b. 6.2.1777, Gravataí e † antes de 1844. A 21.5.1793, Porto Alegre, ∞ **Manuel de Souza Enes**, *1772, Biscoitos, Ilha Terceira e †5.8.1852, Boqueirão, São Jerônimo, f.º de João de Souza Enes, de Manadas, Ilha de São Jorge, e Mariana Luísa do Nascimento, de Angra do Heroísmo, Ilha Terceira. Pais de:

Bn.1 **Maria Joaquina do Nascimento** *28.5.1794, Porto Alegre, onde a 24.7.1813 ∞ **Antônio José Lopes**, *Encruzilhada do Sul, f.º de Antônio José Lopes e Maria de Jesus. Pais de:

Tn.1 **Carlos** *6.4.1814, Porto Alegre.
Tn.2 **Eufrásio José Lopes** *30.11.1816, Porto Alegre.
Tn.3 **Brígida** *8.10.1818, Porto Alegre.
Tn.4 **Maria Antônia da Conceição** *4.7.1819, Porto Alegre, onde ∞ **Manuel Ventura da Rocha** (v. Ventura Pimentel, N.23).
Tn.5 **Manuel José Lopes** *13.10.1822, Porto Alegre, ∞ 18.9.1847, Alegrete, **Teodora Dias de Almeida**.
Tn.6 **Antônio Goudré** *2.11.1824, Porto Alegre.
Tn.7 **José** *19.3.1829, Gravataí.
Tn.8 **Maria do Carmo** *24.5.1831, Porto Alegre.
Tn.9 **Angélica** *12.6.1833, São Leopoldo.
Tn.10 **David** *18.11.1834, São Leopoldo.
Tn.11 **Inácia** *6.2.1837, Porto Alegre.
Tn.12 **Antônio Maria Lopes**
Tn.13 **Ana Lopes**
Tn.14 **Maria do Espírito Santo**

Bn.2 **João de Souza Enes** ou **João Enes de Souza** *18.9.1795, Triunfo, onde a 12.11.1819 ∞ (1x) **Inácia Maria da Conceição**, b. 21.10.1802, São Lourenço do Sul (registrado em Rio Grande) e †5.11.1822, Porto Alegre, f.ª de José Francisco de Ávila e Faustina Maria da Conceição. João ∞7.10.1826, Triunfo, (2x) **Joaquina Helena da Fonseca**, *Triunfo, f.ª de José Antônio da Fonseca e Maria Angélica de Oliveira. C/d em Triunfo.

Bn.3 **Onofre** *13.10.1796, Porto Alegre, onde †2.4.1812.

Bn.4 **José de Souza Ennes** *3.9.1801, Guaíba, ∞ **Delfina Joaquina de Oliveira**, *9.1.1809, Viamão, f.ª de Antônio Inácio dos Santos, de Laguna/SC, e Isabel Fernandes do Nascimento, de Viamão. C/d em Triunfo e São Jerônimo.

Bn.5 **Salvador** *19.10.1803, Porto Alegre.

Bn.6 **Inácia Maria de Souza** *1.8.1806, Porto Alegre, ∞ 19.1.1829, Triunfo, **Clemente Carlos Soares**. C/d em São Jerônimo.

Bn.7 **Clara** *13.4.1808, Porto Alegre.

Bn.8 **Isabel Maria da Conceição** *Triunfo, onde a 24.10.1823 ∞ **Francisco José Leão** (v. Manuel Machado Leão, Bn.2). C/d em Triunfo.

Bn.9 **Faustina** *30.7.1812, Guaíba.

Bn.10 **Antônio** *1.3.1817, Guaíba, b. Porto Alegre.

N.4 **Francisco** *23.7.1780, Porto Alegre.

N.5 **Antônio** *3.11.1784, Porto Alegre.

F.2 **Antônio José Pereira** *3.8.1756, Rio Grande, ∞ 5.5.1773, Triunfo, **Maria de Jesus**, b. 4.12.1758, Viamão, f.ª de Antônio de Souza e Joana Maria. Pais de:

N.6 **Joaquina Maria da Conceição** b. 20.10.1776, Triunfo, onde a 27.2.1794 ∞ **Antônio Pereira Nunes** (v. Antônio Pereira Nunes, F.11)

F.3 **Custódio Pereira Machado** ou **Custódio José Machado** *5.11.1759, Rio Grande e †8.6.1826, ∞ 15.2.1779, Taquari, (1x) **Maria da Conceição**, *Triunfo, f.ª de ... Dutra e Ana Maria. Custódio ∞ 10.1.1781, Porto Alegre, (2x) **Maria Joaquina da Conceição** (v. Antônio Pereira Nunes, F.3).

Houve do 1º casamento:

N.7 **Jacinta** *2.1.1780, Taquari e †21.4.1780, Porto Alegre.

Houve do 2º casamento:

N.8 **Ana** 20.12.1781, Porto Alegre, onde †22.2.1782.

N.9 **Antônio José Machado** *30.11.1782, Porto Alegre, ∞ **Ana Maria de Jesus**, *12.9.1786, Viamão e †24.12.1861, São Leopoldo, f.ª de Silvestre de Andrade e Maria Joaquina da Conceição. Pais de:

Bn.11 **Silvério Antônio Machado** *17.6.1802, Viamão. A 21.6.1825, Porto Alegre, ∞ **Ana Cláudia da Fonseca**, *Viamão, f.ª de Vicente José da Fonseca e Sebastiana Joaquina da Conceição. Pais de:

Tn.5 **Silvéria** b. 10.7.1826, Porto Alegre.

Tn.6 **Bernardino Antônio Machado** *1.8.1828, Porto Alegre. A 1.2.1854, Capela de Santana ∞ **Domiciana Amália da Silva**, f.ª de Manuel José Raimundo ou Manuel Raimundo da Silva Flores e Inocência Maria de Souza.

Bn.12 **Íria Joaquina da Conceição** *2.7.1804, Viamão e †22.3.1883, São Leopoldo, ∞ **Miguel Dutra da Silveira**, *29.9.1802, Gravataí, f.º de Francisco da Rosa Goulart e Rosa Maria da Silveira. C/d em Gravataí e São Leopoldo.

Bn.13 **José** *14.2.1808, Porto Alegre, onde †26.4.1810.

Bn.14 **Felizarda Maria de Jesus** *20.11.1809, Porto Alegre, ∞ **Serafim José da Silveira**, *1796, Porto Alegre e †27.4.1886, São Leopoldo, f.º de Antônio José Silveira e Inácia Maria. C/d em São Leopoldo.

Bn.15 **Bernardina** *13.3.1812, Porto Alegre, onde †7.7.1814.

Bn.16 **Bernardina Joaquina da Conceição** *2.10.1814, Porto Alegre e †7.8.1836, São Leopoldo, ∞ **Custódio Rodrigues da Rosa**, *23.3.1811, f.º de Antônio Goulart da Rosa e Ana Maria de Mesquita. C/d em São Leopoldo.

Bn.17 **Maria** *15.8.1817, Porto Alegre.

Bn.18 **Joaquina Maria da Conceição** ∞ 11.5.1842, São Leopoldo, **Silvério Fernandes da Cunha**, *Gravataí, f.º de José Fernandes da Cunha e Maria Laureana de Jesus. C/d em São Leopoldo.

Bn.19 **Ricardo Antônio Machado** *Porto Alegre. A 6.6.1852, São Leopoldo ∞ **Maria Joaquina Dias**, *Porto Alegre, f.ª de José Antônio Dias e Maria Joaquina da Conceição. C/d em São Leopoldo.

N.10 **José Nunes Duarte** *28.9.1786, Porto Alegre. A 9.1.1807, Garopaba/SC ∞ **Jacinta Rosa de Jesus**, *Florianópolis/SC, f.ª de Salvador de Andrade e Francisca Clara de Jesus. C/d em Osório, Torres e Garopaba.

N.11 **Vitoriano José Machado** *27.10.1787, Porto Alegre. A 27.6.1807, Viamão ∞ **Joaquina Inácia de Jesus**, ali nascida em set/1788. Pais de:

Bn.20 **Maria Joaquina da Conceição** *22.4.1808, Porto Alegre, ∞ **Francisco Furtado Fanfa Filho** (v. Francisco Furtado Fanfa, F.7).

Bn.21 **Mariana** *1.10.1809, Viamão e b. 4.10.1809, Porto Alegre, onde †11.4.1810.

Bn.22 **Mariana** *18.4.1811, Porto Alegre.

N.12 **Feliciano José Machado** *8.4.1789, Porto Alegre, ∞ **Ana Maria de Jesus**, *Porto Alegre, f.ª de Isidoro Vicente e Maria da Conceição. Pais de:

Bn.23 **Antônia** *15.6.1833, São Leopoldo.

N.13 **Luciano José Machado** *27.11.1790, Porto Alegre, onde a 2.6.1811 ∞ (1x) **Maria Joaquina da Conceição**, *14.2.1796, Porto Alegre, f.ª de Manuel Dutra do Souto e Josefa Antônia da Silveira. Luciano ∞ (2x) **Senhorinha Maria de Jesus**.

Houve do 1º casamento:

Bn.24 **José** *7.7.1812, Porto Alegre, onde †14.7.1812.

Bn.25 **José Luciano Machado** *23.8.1813, Porto Alegre, onde a 14.2.1835 ∞ **Felisberta Inácia de Jesus**, *Porto Alegre, f.ª de Manuel José Viana e Sebastiana Inácia de Jesus.

Bn.26 **Justina Maria da Conceição** *20.1.1816, onde a 22.9.1834 ∞ **Joaquim Antônio Rodrigues**, *Porto Alegre, f.º de Floriano Machado e Ana Maria da Conceição.

Bn.27 **Joaquina Maria da Conceição** *7.4.1818, Porto Alegre, ∞ **Hermenegildo Carlos Ramires**.

Bn.28 **Manuel Luciano Machado** ∞7.5.1870, São Leopoldo **Maria Teresa da Silva** (v. Matias Garcia da Rosa, N.8).

N.14 **Ana Maria da Conceição** *8.3.1795, Porto Alegre, onde a 9.10.1814 ∞ **José Silveira Moitoso** (v. Antônio Pereira Moitoso, N.13).
N.15 **Desidério José Machado** *16.4.1797, Porto Alegre, ∞ **Claudina Rosa da Silveira**, *23.6.1804, Gravataí (v. Jacinto Furtado, N.2). Pais de:
Bn.29 **Domingos** *15.5.1820, Porto Alegre, onde †17.6.1820.
Bn.30 **Cândida** *10.4.1822, Porto Alegre, onde †5.5.1822.
N.16 **Vitorino José Machado** *16.12.1798, Porto Alegre, ∞ **Ana Maria da Silveira**, *14.12.1804, Gravataí, f.ª de Francisco da Rosa Goulart e Maria da Silveira. C/d em São Leopoldo.
N.17 **Jacinta Maria de Jesus** *26.8.1800, Porto Alegre, onde a 13.4.1826 ∞ **Jacinto da Cunha de Ávila**, b. 8.6.1793, Santo Antônio da Patrulha, f.º de Antônio da Cunha de Ávila e Mariana Inácia de Jesus.
N.18 **Joaquina Maria da Conceição** *17.8.1803, Porto Alegre, ∞ **Laurindo Ramos**.
F.4 **José Joaquim Pereira** *23.1.1762, Rio Grande, † antes de 1815, ∞ 9.1.1800, Porto Alegre, **Andresa Maria de Jesus**, *parda forra*.
F.5 **Maria** *3.12.1763, Triunfo, onde †4.12.1763.
F.6 **Joaquina** *9.12.1764, Viamão e † antes de sua mãe.
F.7 **Manuel Joaquim Pereira** b. 16.2.1767, Triunfo e †1833, Lages/SC, ∞ 7.6.1791, Lapa/PR, **Francisca Rodrigues de Paula**.
F.8 **Joaquim** *26.3.1769, Triunfo, onde †1771.
F.9 **João Pereira Machado** b. 4.2.1771, Triunfo. A 29.11.1788, Porto Alegre, ∞ **Joana Maria de Jesus** (v. José Antônio da Silva, F.2). Pais de:
N.19 **Ana Maria da Conceição**, *30.8.1789, Porto Alegre, e †6.11.1831, com inventário autuado em Porto Alegre, onde 17.2.1803 ∞ **Floriano Rodrigues**, *Rio de Janeiro, f.º de Pedro Rodrigues e Caetana Maria dos Reis, Pais de:
Bn.31 **Domingos** *12.1.1804, Porto Alegre, onde †24.12.1804.
Bn.32 **José Joaquim Rodrigues** *10.8.1805, Porto Alegre, onde a 15.7.1822 ∞ **Maria Joaquina da Silva** (v. André Pereira de Matos, Bn.1).
Bn.33 **Margarida Francisca de Oliveira** *13.4.1808, Porto Alegre, onde a 4.2.1832 ∞ **José Machado Lopes** (v. André Pereira de Matos, Bn.4).
Bn.34 **Carolina** *22.5.1811, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
Bn.35 **Joaquina** *21.7.1815, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
Bn.36 **Joaquim Antônio Rodrigues** *18.12.1816, Porto Alegre.
Bn.37 **Jesuína Maria da Conceição** *2.1.1820. Porto Alegre.

ANTÃO SILVEIRA *Topo, Ilha de São Jorge e †17.6.1782, Porto Alegre, f.º de Francisco Pereira e Rosa Silveira, ∞ **RITA MARIA DA CONCEIÇÃO**, *Norte Grande, Ilha de São Jorge (v. Manuel Machado Leão, F.6). Pais de:

F.1 **Maria Joaquina do Nascimento** ou **Maria Antônia do Sacramento** *5.2.1769, Viamão. A 30.11.1782, Porto Alegre, ∞ **Francisco de Morais** (v. este nome).
F.2 **Joana Maria de Jesus** *15.12.1772, Porto Alegre, onde a 21.7.1790 ∞ **Vitorino José de Santa Ana**, b. 12.9.1769, Florianópolis/SC (Desterro), f.º de Antônio José de Santa Ana, de São Pedro, Ilha da Madeira, PT, e Teresa Joaquina de Jesus, do Rio de Janeiro/RJ

(Candelária), ∞ 11/1767 em Florianópolis/SC (Desterro), n.p. de Francisco Xavier Serrão e Maria de Jesus, ambos de São Pedro, Ilha da Madeira e n.m. de Pedro da Costa Cardoso, de Santo André da Vila Real, Lisboa, PT e Joana Antônia de Santa Rosa, de Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira. Pais de:

N.1 **Francisca** *1.2.1792, Porto Alegre.
N.2 **José** *3.5.1795, Porto Alegre.

ANTÔNIO AGOSTINHO DE CASTIL-BRANCO (Dom) (no Brasil: **CASTELO BRANCO**), *10.6.1724, Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira e †8.11.1760, Viamão, assassinado por José Raimundo Dorneles, filho de Jerônimo de Ornelas Menezes e Vasconcelos. Antônio foi f.º de D. Francisco Munhoz de Castil-Branco e d. Luísa Margarida[4] de Castil-Branco. Antônio a 8.10.1745, Angra (Conceição) ∞ **ROSA LEONARDA PAIM**, *11.1.1726, Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira, f.ª de José da Silva e Custódia da Boa-Nova. Antônio e Rosa residiam em 1759 em Porto Alegre e são dados como casal de El-Rei. Pais de:

F.1 **Francisco** (Dom) *10.4.1749, Angra (Conceição).
F.2 **José** b. 18.2.1752, Rio Grande.
F.3 **Ana** *Porto Alegre e b. 12.8.1759, Viamão, onde †8.7.1768.

ANTÔNIO ÁLVARES DE OLIVEIRA *Ilha de São Jorge, onde ∞ **CATARINA MARIA CARDOSO**, *Ilha de São Jorge. Pais de:

F.1 **Francisca Josefa do Espírito Santo** *Topo, Ilha de São Jorge, ∞ 1753, Viamão, **João Ferreira de Faria Torres**, *Lisboa (Monte Sinai), PT, soldado dragão, f.º de Gaspar Ferreira Lima e Antônia de Jesus. Francisca e João são dados como casal de El-Rei e residiram inicialmente em Porto Alegre e depois se radicaram em Santo Amaro do Sul e Taquari. Pais de:

N.1 **Antônio** *Porto Alegre e b. 17.12.1753 (reg. Viamão).
N.2 **Catarina** b. 19.3.1756, Santo Amaro do Sul (reg. Viamão).
N.3 **Eugênia** b. 27.11.1758, Santo Amaro do Sul.
N.4 **Vicente** b. 8.2.1761, Santo Amaro do Sul.
N.5 **João Ferreira de Oliveira** b. 30.6.1766, Taquari.
N.6 **Manuel** b. 6.8.1769, Taquari.
N.7 **Maria Antônia** *Viamão.

ANTÔNIO CABRAL *1766, Ilha de São Miguel e †20.3.1816, com 50 anos, solteiro, em Porto Alegre, f.º de Manuel Cabral e Maria Francisca. Não encontramos outros parentes em Porto Alegre.

4 Mais dados em: MENDES, Antônio Ornelas; FORJAZ, Jorge. *Genealogias da Ilha Terceira*. Lisboa: Dislivro, 2007, v. 2, p. 123.

ANTÔNIO CAETANO TAVARES *São Miguel de Vila Franca, Ilha de São Miguel, f.º de José Inácio e Margarida Josefa, ∞ 30.11.1821, Porto Alegre, **VICÊNCIA ROSA DE JESUS**, *1.1.1803, Porto Alegre, f.ª de Antônio José Leal e Maria Joaquina de Jesus, ambos de Enseada de Brito, Palhoça/SC. Pais, dentre outros, de:

F.1 **Maria Antônia de Jesus**, *Porto Alegre, ∞ **Joaquim Inácio da Silveira** (v. João de Vargas, Bn.18).
F.2 **Ana** *25.2.1831, Porto Alegre.

ANTÔNIO CORRÊA DA SILVA *1731, Vila da Praia (sic), Ilha Graciosa e †23.8.1821, Porto Alegre, f.º de Antônio Correia Baleeiro e Maria de São Mateus. ∞ (1x) **FRANCISCA DAS CHAGAS**, b. 28.1.1753, Viamão, onde †22.1.1806, f.ª de José Carlos de Miranda, de Santos/SP, e Antônia. Antônio ∞ 7.5.1808, Santo Antônio da Patrulha, (2x) **ROSA JOAQUINA**, *pv. 1760, Feteira, Ilha do Faial e †29.1.1821, Santo Antônio da Patrulha, f.ª de Manuel Pereira de Souza e Ana Maria. Rosa Joaquina ∞ (1x) a 7.6.1784, Feteira, Ilha do Faial, Antônio da Silveira Machado, *Feteira, Ilha do Faial. Antônio e Francisca foram pais de:

F.1 **Rodrigo** b. 28.2.1771, Viamão e † pequeno.

ANTÔNIO DA CUNHA *Ilha Graciosa, f.º de José da Cunha e Quitéria Maria, ∞ **ANA MARIA**, *Ilha Graciosa, f.ª de Joaquim da Cunha e Maria Clara. Pais de:

F.1 **Rita** *22.11.1819, Porto Alegre.

ANTÔNIO DA CUNHA VIANA *Luz, Ilha Graciosa, f.º de Antônio da Cunha Viana e Catarina Rosa de Jesus. Antônio ∞ 7.1.1808, Porto Alegre, (1x) **ELISÍA ROSA DA CONCEIÇÃO** (v. Teodoro Inácio da Silveira, F.2). A 19.4.1823, Porto Alegre, ∞ (2x) **MARIANA INÁCIA DE JESUS** (v. João da Cunha Pereira, N.25). Houve do 1º casamento:

F.1 **Eufrasina** *23.1.1810, Porto Alegre.
F.2 **Teodósia** *27.1.1811, Porto Alegre.
F.3 **Senhorinha** *22.4.1812, Porto Alegre, onde †19.1.1814.
F.4 **Escolástica** *25.5.1814, Porto Alegre, onde †27.9.1815.
F.5 **Mariana** *28.2.1817, Porto Alegre.

ANTÔNIO DA ROSA (I) *8.6.1734, Cedros, Ilha do Faial e †25.7.1795, Porto Alegre, sem testamento, por ser pobre, f.º de Manuel Pereira e Bárbara de Medeiros. Antônio ∞ **MARIANA DE JESUS**, *Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †24.4.1782, em Porto Alegre, f.ª de Francisco de Souza e Maria de Souza. Com a invasão espanhola em Rio Grande, Antônio, Mariana e filhos foram para Viamão. Pais de:

F.1 **Francisco** b. 14.7.1753, Florianópolis/SC.
F.2 **Maria de Jesus** *22.5.1759, Rio Grande, b. Fortaleza de São Miguel e †9.10.1840, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ **Antônio Silveira Pereira** (v. Antônio da Silveira Pereira, F.5).
F.3 **Miguel Antônio de Araújo** ou **Miguel Antônio de Oliveira** ou, ainda, **Miguel Antônio dos Santos** *20.9.1761, Rio Grande. A 9.1.1782, Porto Alegre, ∞ (1x) **Genoveva Rosa de Jesus** (v. José Pereira Garcia, F.5). A 8.5.1800, Porto Alegre, Miguel ∞ (2x) **Inácia Maria da Conceição** (v. Antônio José de Matos, F.6).
Houve do 1º casamento:

N.1 **Inácio Antônio** *12.10.1782, Porto Alegre.
N.2 **Antônio Inácio de Oliveira** ou **Antônio Inácio dos Santos**, soldado dragão, *7.9.1784, Porto Alegre e †1866, Santo Antônio da Patrulha, onde em 11.1803 ∞ **Maria Leonarda da Trindade** ou **Maria Leonarda de Jesus**, *17.5.1788, Santo Antônio da Patrulha, f.ª de Antônio Silveira de Azevedo e Maria da Silva da Assunção. Pais de:

Bn.1 **Zeferino Antônio de Oliveira**, capitão, *12.8.1804, Santo Antônio da Patrulha. A 10.4.1822, Porto Alegre, ∞ **Maria Leonarda de Jesus**, *26.2.1804, Florianópolis/SC, f.ª de José Antônio dos Santos e Leonarda Maria de Jesus.
Bn.2 **Felisberto Antônio dos Santos** ou **Felisberto Inácio de Oliveira** *13.9.1809, Taquari e †28.2.1863, Osório, ∞ 21.5.1829, Porto Alegre, **Felicidade Joaquina de Jesus**, *1815, Santo Antônio da Patrulha, f.ª da Antônio Machado Teixeira e Joaquina Maria de Jesus.

N.3 **Cipriana Maria do Nascimento** *4.12.1786, Porto Alegre, onde a 1.9.1803 ∞ **Manuel Antônio de Matos** (v. Antônio José de Matos, F.5).
N.4 **Teresa Maria de Jesus** *4.10.1788, Porto Alegre, onde a 4.8.1808 ∞ **José Pereira Maciel**, *11.10.1788, Porto Alegre, f.º do guarda-mor André Pereira Maciel e Antônia Maria Torres Quintanilha. Pais de:

Bn.3 **André** *11.8.1810, Porto Alegre.
Bn.4 **Maria Josefa Pereira Maciel** *15.10.1812, Porto Alegre, que deve ser a mesma †22.7.1816, com 3 anos, em Porto Alegre.
Bn.5 **Genoveva Pereira Maciel** *16.1.1815, Porto Alegre, ∞ **Onofre Pires da Silveira Canto** (Coronel Farrapo) (v. Francisco Silveira Casado, Bn.22).
Bn.6 **Maria Pereira Maciel** *8.10.1816, Porto Alegre.
Bn.7 **Rafaela** *2.11.1818 e †28.12.1819, com 1 ano, em Porto Alegre.
Bn.8 **André Pereira Maciel** *1818, ∞ **Josefina Maria da Silva**, *2.12.1820, Triunfo, f.ª de José Rodrigues da Silva e Luísa do Nascimento.
Bn.9 **Manuel** *9.9.1820, Porto Alegre, onde †12.9.1820.
Bn.10 **Josefa Pereira Maciel** b. 7.5.1822, Capela de Santana.
Bn.11 **Rafaela Pereira Maciel** *10.1.1825, Porto Alegre.
Bn.12 **Francisca Pereira Maciel** *17.11.1826, Porto Alegre.
Bn.13 **Manuel Pereira Maciel** *19.5.1828, Porto Alegre.
Bn.14 **Joaquina Pereira Maciel** *4.6.1829, onde a 12.11.1846 ∞ **João Machado de Medeiros** (v. Narciso José de Medeiros, N.14).
Bn.15 **José Pereira Maciel** *11.3.1832, São Leopoldo, ∞ **Dorotéia Joaquina de Jesus**, *17.10.1831, Santo Antônio da Patrulha, f.ª de Antônio Silvestre de Vargas e Ana Joaquina de Jesus. C/d em São Leopoldo.

Bn.16 **Francisca Rosa Macedo** *1833.
Bn.17 **Ana Maria Pereira Maciel** *11.6.1834, São Leopoldo.
Bn.18 **Maria Angélica Pereira Maciel** *1836, ∞ **Manuel Antônio de Medeiros** (v. Narciso José de Medeiros, N.13).
N.5 **Manuel Antônio** *1.7.1790 (sic), Porto Alegre.
N.6 **Antônio** *22.4.1790 (sic), Porto Alegre.
N.7 **Joaquina Antônia da Conceição** *22.12.1792, Porto Alegre.
N.8 **Laureano** *6.2.1796, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
N.9 **Fidélis** *7.11.1798, Porto Alegre, onde †15.11.1798.
Houve do 2º casamento:
N.11 **Agostinho** *30.7.1801, Porto Alegre, onde †25.4.1810.
N.12 **Maria** *25.6.1802, Porto Alegre.
N.13 Íria *19.8.1803, Porto Alegre.
N.14 **Ana** *7.8.1804, Porto Alegre.
N.15 **Luís** *17.1.1806, Porto Alegre.
N.16 **Francisco** *10.7.1807, Porto Alegre.
N.17 **Joaquim** *21.5.1809, Porto Alegre.
N.18 **David** *6.2.1811, Porto Alegre.
N.19 **Agostinho** *11.9.1812, Porto Alegre, onde †28.6.1814.
N.20 **Engrácia**, *7.2.1814, Porto Alegre.
F.4 **Manuel** *10.11.1763, Viamão.
F.5 **José Francisco da Rosa** b. 19.1.1766, Viamão e †20.5.1799, Porto Alegre, de febre podre, onde a 25.11.1783 ∞ **Ana Felícia do Nascimento** ou **Ana Felícia da Encarnação** (v. Manuel Garcia Tavares, F.7). Pais de:
N.21 **Maria Joaquina do Nascimento** *6.5.1786, Porto Alegre e †5.2.1858. Em Porto Alegre, a 12.12.1801, ∞ **Francisco Cardoso da Silva** (v. André Pereira de Matos, N.21).
N.22 **Joaquim da Rosa** *26.11.1788, Porto Alegre, ∞ **Iria**.
N.23 **Antônio Francisco da Rosa** *3.7.1791, Porto Alegre, onde a 11.11.1817 ∞ **Jesuína Maria de Jesus** (v. Francisco Gonçalves de Borba, F.11). Pais de:
Bn.19 **Carolina** *31.12.1817, Porto Alegre.
Bn.20 **Fidélis** *1.2.1819, Porto Alegre.
Bn.21 **Carolina** *20.5.1821, Porto Alegre.

ANTÔNIO DA ROSA (II) *Horta (Matriz), Ilha do Faial, onde ∞ **TERESA FRANCISCA DE JESUS**, *Horta (Conceição), Ilha do Faial e †29.10.1753, Rio Grande, no parto, muito pobre. O casal não foi para Porto Alegre, mas ao menos alguns de seus filhos, que seguem:

F.1 **Francisco da Costa Santos** *pv. 1723, Horta (N. Sra. Conceição), Ilha do Faial e †12.3.1803, Porto Alegre. A 23.1.1762, Rio Grande, ∞ **Teresa Francisca de Jesus** (v. Alexandre Pereira Cardoso, F.4). Pais de:
N.1 **Joaquina Maria** *9.12.1762, Rio Grande.
N.2 **José da Costa** b. 19.3.1765, Florianópolis/SC.

N.3 **Maria Francisca da Conceição** b. 29.3.1770, Viamão. A 16.8.1788, Porto Alegre, ∞ **José Pereira Machado**, *Horta, Ilha do Faial e †20.9.1791, Viamão, f.º de José Pereira da Luz e Josefa Clara. Maria Francisca, quando do inventário da mãe, estava ∞ **Domingos José de Brito**. Houve do 1º casamento:

Bn.1 **Desidério** *23.5.1789, Porto Alegre.

Bn.2 **Boaventura dos Santos Pereira** *11.7.1791, Porto Alegre, onde a 12.6.1824 ∞ **Rosaura Cândida de Menezes**, *Enseada do Brito, Palhoça/SC, f.ª de pais incógnitos.

N.4 **Joaquim da Costa Santos** *23.2.1775, Porto Alegre e †2.1.1835, com inventário autuado em Porto Alegre, solteiro, deixando quatro filhos naturais de **Joaquina da Costa**:

Bn.3 **Catarina Francisca da Costa** ∞ **Manuel Joaquim**.

Bn.4 **Antônio Moisés**

Bn.5 **Josué da Costa**

Bn.6 **Manuel Jacinto da Costa Santos**, casado em 1835.

N.5 **Vicência Maria do Nascimento** *22.1.1777, Porto Alegre, onde a 30.5.1793 ∞ **Manuel Caetano dos Santos**, *Sandim, Terra de Feira, PT, f.º de José Caetano dos Santos e Ana Maria da Silva. Em 1821 Vicência residia no Rio de Janeiro/RJ.

N.6 **Francisco da Costa Santos** que, em 1821, era casado.

F.2 **Inácia Maria de Jesus** *11.2.1736, Horta (S. Salvador), Ilha do Faial e †18.2.1809, Porto Alegre, ∞ **Manuel Cabral de Melo**, *1734, N. Sra. da Assunção, Ilha de Santa Maria e †12.10.1796, Porto Alegre, f.º de Manuel Cabral de Melo e Isabel de Rezende. Pais de:

N.7 **Maria** *12.6.1755, Rio Grande.

N.8 **Antônio Cabral de Melo** *19.9.1756, Rio Grande, cirurgião-mor, ∞ 24.9.1785, Porto Alegre, **Maria Angélica de Figueiredo**, *Rio de Janeiro/RJ (São José) e †18.11.1799, Porto Alegre, f.ª de Simão da Silva Guimarães e Teresa de Figueiredo. Pais de:

Bn.7 **Américo Cabral de Melo** *22.7.1786, Porto Alegre.

N.9 **Rosália** ou **Rosaura Maria de Jesus**, *12.1.1759, Rio Grande, ∞ 1.5.1798, Porto Alegre, **Luís Inácio Pereira de Abreu**, *Melgaço, PT, f.º de Luís Inácio Pereira e Francisca de Abreu.

N.10 **Florinda Cândida de Jesus** *4.4.1761, Rio Grande e †3.9.1828, Porto Alegre, onde a 12.1.1786 ∞ **José Francisco de Faria da Costa**, tenente, b. 15.3.1757, Florianópolis/SC (Desterro) e †5.9.1811, Porto Alegre, f.º de Tomás Francisco da Costa e D. Mariana Jacinta Vitória, ambos da Ilha do Faial. Pais de:

Bn.8 **Francisco José Cabral da Costa** *3.12.1788, Porto Alegre.

Bn.9 **Inácio José Cabral e Costa** *1.1.1791, Porto Alegre. Sargento-mor. A 4.5.1825, Porto Alegre, ∞ sua prima **Felisberta Cabral da Silva Bandeira**, *Rio Pardo, f.ª de Felisberto Pinto Bandeira e Ana Lemes da Silva.

Bn.10 **Bernardina Cândida Severina e Costa** *9.1.1793, Porto Alegre.

Bn.11 **José** *7.3.1795, Porto Alegre e † antes de sua mãe.

Bn.12 **Inácia** *17.11.1796, Porto Alegre, onde †10.5.1799, de bexigas.

Bn.13 **João José Cabral e Costa** *21.1.1801, Porto Alegre, onde a 20.9.1824 ∞ **Genoveva Bela da Silva**, ali * e †2.3.1843, com inventário autuado em Porto Alegre, exposta em casa de José Francisco de Faria e Costa. Pais de:

Tn.1 **Florisbela**
Tn.2 **Elind**
Tn.3 **Abind**
Tn.4 **Minabade**
Tn.5 **João**
Tn.6 **Maria**

N.11 **Vitorino** b. 11.8.1763, Florianópolis/SC (Desterro).
N.12 **Vitorino Cabral** b. 3.2.1766, Florianópolis/SC (Desterro) e †21.11.1777, Porto Alegre.

F.3 **Antônio** *28.3.1737, Horta (Conceição), Ilha do Faial.
F.4 **Simão** *14.5.1744, Horta (Conceição), Ilha do Faial.
F.5 **João** *3.7.1747, Horta (Conceição), Ilha do Faial.
F.6 **Genoveva Damásia dos Santos** *1751, Horta (Conceição), Ilha do Faial e †11.6.1787, aos 36 anos, Viamão, ∞ 29.7.1780, Porto Alegre, **Manuel Rodrigues Fontes**, *pv. 1720, Vila Nova de Paiva, Viseu, PT, oficial de sapateiro, f.º de José Rodrigues das Fontes e Maria Aparícia. Pais de:

N.13 **Ana Maria Aparícia** *18.5.1781, Viamão e †3.2.1819, Porto Alegre, solteira.
N.14 **Laura Damásia dos Santos** *27.7.1782, Viamão, ∞ 9.11.1811, Porto Alegre, **Lauriano José de Oliveira**, *Ilha de São Sebastião/SP, f.º de José de Oliveira Matos e Maria da Silva Cruz. Pais de:

Bn.14 **Antônia** *13.6.1813, Porto Alegre.
Bn.15 **Tristão** *9.1.1816, Porto Alegre.

N.15 **José** *14.12.1783, Porto Alegre.
N.16 **Tristão Rodrigues da Costa** *2.8.1785, Viamão.
N.17 **Manuel Américo da Costa** *10.6.1787, Viamão, ∞ 1823, Porto Alegre, **Joana Cândida da Silva**.

ANTÔNIO DA ROSA DE MEDEIROS *Horta, Ilha do Faial, f.º de João da Rosa e Mariana da Conceição. Antônio ∞ 9.11.1761, Feteira, Ilha do Faial, (1x) **MARIANA ROSA DA CONCEIÇÃO**, ali *, f.ª de Manuel Dutra de Mendonça e Violante do Rosário. Antônio ∞ 8.2.1773, Feteira, (2x) **MARIA TERESA DE JESUS**, *Feteira ou Horta, Ilha do Faial, f.ª de João Garcia Pereira e Maria de Santo Antônio. Houve do 2º casamento:

F.1 **João Antônio de Medeiros** *Horta, Ilha do Faial, ∞ **Inácia Maria de Oliveira**, b. 27.5.1783, Viamão e †1.7.1837, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de José Inácio de Oliveira e Maria da Conceição. Pais de:

N.1 **Eleutério Antônio de Medeiros** *7.3.1803, Porto Alegre e †4.10.1836, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 6.11.1833 ∞ **Margarida Joaquina de Souza**, *27.8.1803, f.ª de Felisberto José de Souza e Maria Joaquina de Jesus. Pais de:

Bn.1 **Eleutério Antônio de Medeiros** (f.º de Margarida).
Bn.2 **Inácia de Medeiros** (f.ª de mãe incógnita).

N.2 **Feliciano Antônio de Medeiros** *11.11.1805, Porto Alegre.
N.3 **Eufrásia** *19.5.1809, Porto Alegre e † antes de seu pai.

N.4 **Fidélis** *11.12.1811, Porto Alegre, onde †13.8.1813.
N.5 **Fidélis Inácio de Medeiros** *7.11.1814, Porto Alegre e †16.5.1886, Alegrete.
N.6 **José Antônio de Medeiros** *20.1.1817, Porto Alegre.
N.7 **Maria Leopoldina de Medeiros**

F.2 **Ana Maria de Jesus** *Horta, Ilha do Faial e †8.9.1835, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ **Antônio Inácio de Oliveira** ou **Antônio José de Oliveira** (v. Caetano de Souza, F.2).

F.3 **José Antônio de Medeiros** *Ilha do Faial, ∞ **Laureana Francisca de Jesus**, b. 25.4.1778, Santo Antônio da Patrulha e †28.8.1826, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de Manuel Francisco de Souza e Antônia Maria da Conceição. C/d em Triunfo, Taquari e Capela de Santana (1796-1815). O casal teve 12 filhos e, em Porto Alegre, nasceram:

N.8 **Bernardina** *7.3.1817, Porto Alegre.
N.9 **Teresa** *29.4.1819, Porto Alegre.
N.10 **Inocência** *25.3.1821, Porto Alegre.

F.4 **Mariana Joaquina de Jesus** *Ilha do Faial, ∞ **Constantino Pedroso de Moraes**, *Santo Antônio da Patrulha, onde †15.9.1848, f.º de Inácio Pedroso de Moraes, de São Paulo, e Maria Francisca de Almeida, de Santo Antônio da Patrulha. Pais de sete filhos nascidos em Santo Antônio da Patrulha (DOMINGUES, 1993, p. 123) e de, ao menos, outros nascidos em Porto Alegre:

N.11 **Joaquim** *27.9.1819, Porto Alegre.

ANTÔNIO DA ROSA GARCIA *16.10.1762, São Mateus, Ilha do Pico e †11.1.1835, Porto Alegre, f.º de Manuel da Rosa Garcia ou Manuel Rosa Goulart Garcia e Esperança Rosa. Antônio ∞ (1x) **MARIA ROSA**, *9.1.1760, São Mateus, e †28.4.1786, f.ª de José Homem Ferreira e Teresa Maria de Jesus. Antônio ∞ 13.8.1786, São Mateus, Ilha do Pico, (2x) **ANA ROSA DE JESUS** ou **ANA ROSA DA CONCEIÇÃO**, ali *21.5.1769 e †25.12.1822, Porto Alegre, f.ª de Antônio Rodrigues Ferreira e Ana Rosa da Conceição. Houve do 2º casamento:

F.1. **Silvina Rosa de Jesus** *Rio de Janeiro/RJ. A 8.1.1804 ∞ **Antônio Furtado de Mendonça**, *Laguna/SC, f.º de Miguel Furtado de Mendonça, de São Sebastião, Ilha das Flores, e Antônia Bernarda de Jesus, da Horta (São Salvador), Ilha do Faial. Pais de:

N.1 **Cândido José da Rosa** b. 29.9.1806, Laguna/SC, ∞ 23.1.1834, Porto Alegre, **Floriana Maria da Conceição** (v. Narciso José de Medeiros, N.1).
N.2 **Leocádia** *13.11.1808, Porto Alegre, onde †18.12.1808.
N.3 **Corina** *13.11.1808, Porto Alegre, onde †31.10.1809.
N.4 **José** *12.7.1812, Porto Alegre.
N.5 **Ana** *17.3.1814, Porto Alegre, onde †29.12.1814.
N.6 **Ana Rosa de Jesus** *1.8.1815, Porto Alegre, ∞ **Antônio Jorge Coimbra**, *Porto, PT, f.º de Joaquim Jorge Coimbra e Antônia Maria do Espírito Santo.
N.7 **Pedro** *15.12.1816, Porto Alegre.
N.8 **Silvina** *18.2.1818, Porto Alegre.

F.2 **Manuel da Rosa Garcia** *Laguna/SC. A 10.11.1819, Gravataí, ∞ **Ana Joaquina de Jesus**, *Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.ª de Francisco Caetano Vieira e Rosa Joaquina de Jesus.
F.3 **Jerônimo da Rosa** *1793, Laguna/SC e †13.3.1803, Porto Alegre.
F.4 **José Rodrigues Garcia** *27.2.1805, Laguna/SC. A 10.5.1825, Porto Alegre, ∞ **Dorotéia Maria do Nascimento**, b. 6.1.1797, Viamão e †9.4.1835, Santo Antônio da Patrulha, f.ª de Manuel de Ávila de Souza e Rosa Maria da Conceição. Pais de:

N.9 **José Rodrigues Garcia** *24.10.1825, Porto Alegre, ∞ **Maria Leonarda dos Reis**, *9.12.1822, Santo Antônio da Patrulha, f.ª de Cândido Amador dos Reis e Maria Inácia de Jesus. C/d em Santo Antônio da Patrulha.

N.10 **Rodrigo José Garcia** ∞ 21.8.1851, Santo Antônio da Patrulha, **Ubaldina Leopoldina Rodrigues**, f.ª de José Pedro Rodrigues e Silvina Rosa de Jesus. C/d em Santo Antônio da Patrulha e São Francisco de Paula.

N.11 **Luís Rodrigues Garcia** *10.7.1830, Porto Alegre. A 24.7.1854, Santo Antônio da Patrulha ∞ **Maria Luísa Peixoto**, *25.4.1830, Gravataí, f.ª de Joaquim da Silveira Peixoto e Eugênia Inácia Soares. C/d em Santo Antônio da Patrulha.

N.12 **Teresa** *5.9.1832, Porto Alegre.

F.5 **Firmiana** b. 14.1.1807, Laguna/SC.
F.6 **Claudino** b. 14.1.1807, Laguna/SC.
F.7 **Cândida Rosa de Jesus** *Laguna/SC, ∞ 23.1.1811, Porto Alegre, **Francisco José de Freitas**, *pv. 1780, Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita) e †13.6.1820, Porto Alegre, com 40 anos mais ou menos, casado, f.º de Antônio José de Freitas e Maria Joaquina de Jesus, ambos dos Açores. Pais de:

N.13 **Antônio** *29.10.1812, Porto Alegre, onde †8.9.1813.

N.14 **Antônio** *8.10.1814, Porto Alegre.

N.15 **Maria Cândida de Freitas** b. 15.9.1816, com 19 dias, Taquari. A 6.11.1830, Porto Alegre, ∞ **Joseph Martin Kapp**, *Bad Mergentheim, Baden-Württemberg, Alemanha.

N.16 **João** *16.8.1817, Porto Alegre.

N.17 **Ana** b. 16.8.1819, Porto Alegre, onde †17.7.1821.

N.18 **Rita Cândida de Freitas** *pv. 1820, Porto Alegre, ∞ 4.11.1843, Alegrete, **Flaubiano José Saldanha**, b. 6.1.1815, Caçapava do Sul, f.º de José Joaquim Saldanha e Luciana Joaquina da Porciúncula.

ANTÔNIO DA SILVA *Arruda dos Pisões, Rio Maior, Santarém, PT, e †17.10.1791, Porto Alegre, f.º de Antônio Luís ou Manuel Luís e Maria Rosa. Antônio ∞ **INÁCIA XAVIER**, *Ponta Delgada (São Sebastião), Ilha de São Miguel, e †21.3.1789, aos 70 anos, em Porto Alegre, f.ª de Isidoro de Souza e Catarina de Souza. Pais de:

F.1 **Vicente da Silva** *16.8.1754, Rio Grande, ∞ 1777, Maldonado, Uruguai, **Rosa Pires**.
F.2 **Laureana Inácia de Jesus** *31.12.1755, Rio Grande, ∞ 7.1.1771, Viamão, (1x) **Sebastião José de Souza** (v. Manuel de Ávila de Souza, F.7) A 7.1.1796, Porto Alegre ∞ (2x) **João Antônio de Almeida Ataíde** (v. Manuel Machado Ribeiro, N.7).

F.3 **Antônio Joaquim da Silva** *6.10.1757, Rio Grande, e †8.6.1816, Rio Pardo, ∞ **Ana Joaquina dos Santos**, b. 7.2.1758, Viamão, e †12.8.1803, Rio Pardo, f.ª de Antônio dos Santos Robalo e Luzia Moreira Maciel. Pais de:

N.1 **Baltazar Joaquim da Silva** *11.12.1777, Viamão e †4.12.1848, Porto Alegre. A 9.12.1801 ∞ **Isabel Francisca do Nascimento** (v. Manuel Machado Ribeiro, N.12). Pais de:

Bn.1 **Cândida Bela da Silva** *17.12.1802, Porto Alegre, onde a 14.1.1822 ∞ **Antônio da Costa Fraga**, *Florianópolis/SC, f.º de Manuel da Costa Fraga e Genoveva Margarida da Silva.

Bn.2 **Joaquim** *14.7.1804, Porto Alegre.

Bn.3 **Maria** *3.6.1806, Porto Alegre, onde †15.6.1806.

Bn.4 **Rita Cândida da Silva** *21.12.1807, Porto Alegre, onde a 19.6.1830 ∞ **José Antônio de Santiago**, *São Martinho de Lordelo do Ouro, Porto, PT, f.º de João Antônio de Santiago e Teresa Bernarda Rosa.

Bn.5 **Sebastião** *10.6.1810, Porto Alegre.

Bn.6 **Baltazar** *22.7.1812, Rio Pardo.

Bn.7 **Ana Carolina da Silva** *22.10.1814, Porto Alegre, onde a 15.8.1832 ∞ **Norberto Joaquim Serrado**, *Funchal, Ilha da Madeira, f.º de Antônio Rodrigues Serrado e Simoa Francisca Rosa.

Bn.8 **Matildes** *14.9.1817, Porto Alegre.

Bn.9 **Cândida** *28.11.1821, Porto Alegre.

N.2 **José** *30.5.1779, Viamão.

F.4 **Maria** *25.2.1759, Rio Grande.

F.5 **Joana Joaquina de Souza** *6.6.1760, Rio Grande e †4.7.1823, Porto Alegre. A 12.7.1780, Porto Alegre, ∞ **Joaquim Inácio de Sá Silveira**, *Colônia, Uruguai, f.º de Gabriel Teodoro de Sá e Inácia da Silva Ferreira. Pais de:

N.3 **Próspero** *18.4.1800, Santo Antônio da Patrulha.

N.4 **Lamberto** b. 8.12.1801, Santo Antônio da Patrulha.

F.6 **Francisca Angélica de Jesus** ou **Francisca Luísa de Jesus** *26.2.1762, Rio Grande, e †29.6.1786, Porto Alegre. A 14.8.1781, Porto Alegre, ∞ **Luís Henriques de Carvalho**, *14.5.1746, Penamacor, Penamacor, Castelo Branco, PT, e †2.9.1802, Santo Antônio da Patrulha, f.º de Constantino de Carvalho e Leonor Henriques. Pais de:

N.5 **Mateus** *16.11.1782, Porto Alegre.

N.6 **Hipólita Leonor Rodrigues** *22.12.1783, Porto Alegre. A 15.9.1804, Santo Antônio da Patrulha, ∞ **Francisco de Paula Silveira**, b. 28.12.1788, Santo Antônio da Patrulha, f.º de José Silveira Goulart e Quitéria do Espírito Santo.

N.7 **Leonor Henriqueta de Carvalho** *1784, Porto Alegre.

N.8 **Domingos** *19.1.1785, Porto Alegre.

F.7 **Luís Joaquim da Silva**, capitão, *1763, Laguna/SC e †16.3.1818, Porto Alegre. A 2.11.1812, Porto Alegre, ∞ **Joana Rosa do Nascimento** (v. Manuel Teixeira Afonso, F.4). Pais de:

N.9 **Francisca Cândida de Jesus** *Porto Alegre, ∞ **Laureano Antônio Dias**, *Lisboa, Lisboa, PT, f.º de João Antônio Dias e Angélica Inês. Pais de:

Bn.10 **Luísa** *21.6.1818, Porto Alegre.

Bn.11 **José** *20.4.1820, Porto Alegre.

N.10 **João** *27.10.1812, Porto Alegre.

F.8 **Ana Maurícia da Silveira** b. 20.10.1766, Viamão. A 8.2.1787, Porto Alegre, ∞ **Antônio Monteiro de Barros**, tenente, *São Bartolomeu de Barqueiros, PT, f.º de Antônio de Azevedo Batista e Mariana Monteiro de Barros. Pais de:

N.11 **Maria Laura de Azevedo** *7.6.1788, Porto Alegre, onde a 12.2.1810 ∞ **Francisco Antônio Olinto de Carvalho**, *São Paulo/SP, f.º de Francisco Antônio Olinto de Carvalho e Ana Maria da Silva Coutinho.

N.12 **Felisberta** *21.10.1789, Porto Alegre.

N.13 **Antônio** *6.5.1791, Porto Alegre.

N.14 **Manuel Monteiro de Azevedo Barros** *28.8.1793, Porto Alegre, onde a 5.2.1820 ∞ **Ana Alves da Esperança**, *Porto Alegre, f.ª de Joaquim Francisco Álvares, de Lisboa, PT, e Antônia Mariana da Esperança. Pais de:

Bn.12 **Antônio** *18.12.1820, Porto Alegre.

N.15 **Sebastião** *23.5.1796, Porto Alegre, onde †4.7.1801.

N.16 **Luís** *7.10.1797, Porto Alegre, onde †3.2.1801.

N.17 **Inácia** *20.2.1799, Porto Alegre, onde †23.2.1801.

N.18 **José** *17.9.1800, Porto Alegre.

N.19 **Carlota Joaquina da Silveira** *4.11.1802, Porto Alegre, onde a 19.9.1829, ∞ **José Joaquim de Freitas Saldanha**, *Curitiba, f.º de José de Freitas Saldanha e Maria Rosa de Almeida.

N.20 **Henriqueta** *6.4.1804, Porto Alegre, onde †18.4.1804.

N.21 **João** *17.6.1806, Porto Alegre, onde †20.7.1808.

ANTÔNIO DA SILVEIRA PEREIRA *1710, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †5.2.1784, Porto Alegre, f.º de Mateus Vieira Pereira e Maria Machado de Oliveira. A 8.1.1731, Calheta, Ilha de São Jorge, ∞ **ANA DE SOUZA DE VALENÇA**, *1711, Calheta, Ilha de São Jorge, e †8.8.1801, Porto Alegre, de moléstia do peito, com 102 anos (sic), filha de João Leal e Maria Luís. Pais de:

F.1 **Bárbara de São Tomé** ou **Bárbara de São José** *1737, Calheta, Ilha de São Jorge e †14.9.1805, Porto Alegre, ∞ **Antônio Pereira Nunes** (v. este nome).

F.2 **José Silveira Pereira** *1742, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †29.5.1826, Porto Alegre. A 26.11.1765, Viamão, ∞ **Isabel de Souza de Santo Antônio** (v. Manuel Cardoso Toste, F.1). O cronista CORUJA (1996, p. 104) escreveu que José Silveira Pereira, de alcunha *O Velho Fumaça,* morava no Caminho do Meio (atual Av. Protásio Alves), *junto ao Capão da Fumaça*. Pais de:

N.1 **Manuel José da Silveira** b. 27.7.1767, Viamão e †18.2.1790, Porto Alegre. A 1.4.1788, Triunfo ∞ **Eugênia Maria do Nascimento**, b. 16.12.1770, Triunfo, f.ª de Pascoal de Souza Cardoso e Josefa Maria do Nascimento ou Josefa Maria da Conceição. Pais de:

Bn.1 **Maria Joaquina da Silveira** *13.5.1790, Porto Alegre, ∞ **José Silveira Cardoso**, seu primo (v. abaixo, Bn.37).

N.2 **Antônio José da Silveira** b. 9.2.1771, Porto Alegre, onde †23.8.1818 e ali, a 26.8.1790, ∞ **Inácia Joaquina de Araújo** (v. Manuel de Mendonça, N.8). Pais de:

Bn.2 **Constantino** *24.7.1791, Porto Alegre.

Bn.3 **Manuel** * 15.11.1792, Porto Alegre.
Bn.4 **José** *1.7.1794, Porto Alegre.
Bn.5 **José** *12.10.1795, Porto Alegre, onde †29.11.1813, com 15 anos (sic).
Bn.6 **Luís Antônio da Silveira** *1.1.1797, Porto Alegre. A 9.6.1821, Gravataí, ∞ **Teresa Maria de Jesus** (v. Manuel Fernandes da Cunha, N.9). C/d em São Leopoldo.
Bn.7 **Anastácio José da Silveira** *22.1.1799, Porto Alegre e †29.5.1880, São Leopoldo. A 28.11.1823 Porto Alegre ∞ **Maria Inácia da Silva**, *8.9.1805, Gravataí, f.ª de Antônio Fernandes da Cunha e Inácia Maria de Jesus. C/d em Gravataí e São Leopoldo.
Bn.8 **Antônio** *8.6.1800, Porto Alegre, onde †11.4.1807.
Bn.9 **Serafim** *15.11.1801, Porto Alegre.
Bn.10 **Domiciano Antônio José da Silveira** *27.7.1804, Porto Alegre, onde a 28.11.1835 ∞ **Cândida Joaquina de Jesus**, *15.5.1800, Gravataí, f.ª de José Rodrigues Pimentel (v. Manuel Rodrigues Pimentel, F.3) e Ana Joaquina.
Bn.11 **Alexandre José da Silveira** *12.4.1806, Porto Alegre, onde a 8.2.1835 ∞ **Ana Maria de Oliveira Flores** (v. Francisco José Flores, Bn.14).
Bn.12 **Rita** *16.1.1808, Porto Alegre.
Bn.13 **Joaquim** *19.8.1809, Porto Alegre.
Bn.14 **Ana Joaquina de Araújo** *26.11.1811, Porto Alegre, onde a 16.6.1838 ∞ **Gabriel José Flores** (v. Francisco José Flores, Bn.7).
Bn.15 **José** *15.11.1817, Porto Alegre, onde †20.8.1818.

N.3 **José** b. 26.7.1772, Viamão.

N.4 **Bernardo José da Silveira** *22.5.1774, Morro Grande, Viamão e †13.4.1836, Gravataí. A 21.7.1791, Porto Alegre, ∞ **Felisberta Rosa de Jesus** (v. José Pereira Garcia, F.11). Pais de:

Bn.16 **Maria Joaquina de Jesus** *29.4.1792, Porto Alegre e †antes de seu pai. Em Porto Alegre, a 9.12.1818, ∞ **Constantino José da Silveira**, *Florianópolis/SC, f.º de José Silveira Goulart e Rosa Maria. Pais de:
Tn.1 **Joaquina**
Tn.2 **Constantina Maria de Jesus** *Gravataí. ∞ **José Silvério dos Santos**, ali *.
Bn.17 **Ana Joaquina de Jesus** *26.5.1793, Porto Alegre, onde †17.12.1840 e onde a 29.1.1810 ∞ **Domingos José de Oliveira**, *Amarante, Braga, PT e † antes de 1840, f.º de Domingos José de Oliveira e Maria Joaquina. C/d em Gravataí e Triunfo.
Bn.18 **Tomásia Rosa de Jesus** *11.4.1795, Porto Alegre, onde a 12.11.1815 ∞ (1x) **Felisberto Silveira** (v. abaixo, N.8). Tomásia ∞ (2x) **José Bernardo da Silva**, f.º de José Bernardo da Silveira e Felisbina de Jesus. C/d em Gravataí.
Bn.19 **Manuel** *27.8.1796, Porto Alegre. Em 1836 era falecido e foi casado.
Bn.20 **Maria Antônia da Silva** *6.11.1798, Porto Alegre, ∞ **Cândido José Goulart** (v. abaixo, Tn.3). C/d em Gravataí.
Bn.21 **Libânia Rosa de Jesus** *6.9.1800, Porto Alegre, ∞ **José Silveira Goulart**, *SC, f.º de José Silveira Goulart e Rosa Maria. C/d em Gravataí, dentre eles:
Tn.3 **Cândido José Goulart** *Gravataí, ∞ sua tia **Maria Antônia da Silva** (v. acima, Bn.20).
Tn.4 **Maria** *2.8.1819, Porto Alegre.

Bn.22 **Lourenço José da Silveira** *6.7.1803, Porto Alegre, ∞ **Bernardina Maria da Conceição**, f.ª de João Antônio Furtado (v. Jacinto Furtado, F.6) e Maria Joaquina de Jesus.

Bn.23 **Antônio José da Silveira** *10.5.1805, Porto Alegre, onde a 30.4.1831 ∞ **Ana Maria da Silva**, *Florianópolis/SC, f.ª de José Silveira Goulart e Rosa Maria.

Bn.24 **Leonardo José da Silveira** *2.12.1806, Porto Alegre.

Bn.25 **Luís** *13.9.1808, Porto Alegre e † antes de 1836.

Bn.26 **Cândida Maria de Jesus** *5.10.1810, Porto Alegre, onde a 3.1.1828 ∞ **Constantino José da Silveira**, *Florianópolis/SC, f.º de José Silveira Goulart e Rosa Maria. C/d em Gravataí.

Bn.27 **Felicidade Rosa de Jesus**

Bn.28 **Inácio José da Silveira ∞ Ana Maria da Conceição**.

Bn.29 **José Pereira da Silveira**, † antes de 1836, foi casado, deixando dois filhos Teresa e José.

N.5 **Joaquim José de Souza** *28.12.1775, Porto Alegre, onde a 11.2.1795 ∞ **Rosa Francisca Inácia**, *Feteira, Ilha do Faial e †24.11.1802, Porto Alegre, f.ª de José Rodrigues e Rosa Maria da Conceição. Pais de:

Bn.30 **Constância Joaquina de Jesus** *20.11.1795, Porto Alegre, onde a 1.3.1824 ∞ **João Apolinário de Resende** (v. Manuel de Resende Cabeceira, N.3).

Bn.31 **Ana Joaquina de Souza** *4.4.1797, Porto Alegre, onde a 15.10.1821 ∞ **José Inácio Nunes** (v. Manuel Silveira Gonçalves, Bn.5).

Bn.32 **Manuel** *24.3.1799, Porto Alegre.

Bn.33 **Maria** *11.12.1800, Porto Alegre.

Bn.34 **Faustina** *23.3.1802, Porto Alegre.

Bn.35 **Constança** *1802, Porto Alegre, onde †23.2.1804.

N.6 **Francisco José da Silveira** (Chico Fumaça) *26.9.1777, Porto Alegre, ∞ **Maria da Conceição** ou **Maria Joaquina do Nascimento**, b. 2.2.1777, Triunfo, f.ª de Pascoal de Souza Cardoso e Josefa Maria do Nascimento. Pais de:

Bn.36 **Antônio Silveira Cardoso** *13.4.1797, Porto Alegre, onde a 18.2.1819 ∞ **Ana Rita Escobar Peixoto** (v. José Silveira Peixoto, N.3). Pais de:

Tn.5 **Senhorinha Maria de Jesus** *24.11.1819, Porto Alegre, onde a 11.4.1836 ∞ **Joaquim José Silveira**, seu tio (v. abaixo, Bn.45).

Tn.6 **Francisco** *31.1.1821, Porto Alegre.

Tn.7 **Maria** *4.12.1822, Porto Alegre

Tn.8 **Felicidade** *4.12.1822, Porto Alegre.

Bn.37 **José Silveira Cardoso** *23.11.1798, Porto Alegre, ∞ **Maria Joaquina da Silveira** (v. acima, Bn.1).

Bn.38 **Clemência Maria de Jesus** *15.10.1800, Porto Alegre, onde a 31.7.1817 ∞ **Felisberto Antônio Dias** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.15).

Bn.39 **Clara Maria de Jesus** *6.11.1802, Porto Alegre, onde a 10.1.1822 ∞ **Januário Antônio da Silveira** (v. abaixo, N.41).

Bn.40 **Serafim** *17.2.1805, Porto Alegre.

Bn.41 **Felicidade** *6.2.1807, Porto Alegre.

Bn.42 **Raquel** *13.12.1808, Porto Alegre.

Bn.43 **Justina Maria da Conceição** *7.9.1810, Porto Alegre, onde a 9.1.1831 ∞ **Joaquim de Souza Cardoso**, b. 21.10.1786, Triunfo, f.º de Pascoal de Souza Cardoso e Josefa Maria do Nascimento.

Bn.44 **Engrácia Maria de Jesus** *4.8.1812, Porto Alegre, onde a 11.1.1830 ∞ **Henrique Francisco Nunes** (v. abaixo, Bn.82).

Bn.45 **Joaquim José da Silveira** *21.5.1814, Porto Alegre, onde a 11.4.1836 ∞ **Senhorinha Maria de Jesus** (v. acima, Tn.5).

Bn.46 **Ana** *8.6.1816, Porto Alegre.

Bn.47 **João** *28.6.1818, Porto Alegre, onde †15.4.1819.

Bn.48 **Clarindo** *27.1.1821, Porto Alegre.

N.7 **Florinda Inácia de Jesus** *16.2.1779, Porto Alegre, onde a 9.5.1795 ∞ **Antônio Francisco Rodrigues**, *Feteira, Ilha do Faial e †13.6.1846, Gravataí, f.º de José Rodrigues e Rosa Maria da Conceição. Pais de:

Bn.49 **Ramão Francisco Rodrigues** ∞ 2.1859, Gravataí, **Elísia Paim de Andrade**.

Bn.50 **Maria Inácia de Jesus** *25.7.1796, Gravataí, ∞ **Antônio José Alves**, *25.11.1794, Gravataí, f.º de Manuel José Alves e Bernarda Gonçalves dos Santos. C/d em Gravataí.

Bn.51 **Joaquina Inácia de Jesus** *4.9.1797, Gravataí. A 6.11.1830, Porto Alegre, ∞ **Luís Pereira Pimentel** (v. Antônio Pereira de Moitoso, Bn.3).

Bn.52 **Inácia** *15.11.1799, Gravataí.

Bn.53 **Florência Antônia de Jesus** *4.3.1807, Gravataí e †13.1.1863, ∞ o Cel. **Felisbino Antônio Alves**, *20.7.1803, Gravataí e ali †16.10.1877, f.º de Manuel José Alves e Bernarda Gonçalves dos Santos. C/d em Gravataí.

N.8 **Felisberto Silveira** *4.10.1780, Porto Alegre, onde a 12.11.1815 ∞ **Tomásia Rosa de Jesus** (v. acima, Bn.18).

N.9 **Laureana Maria de Jesus** *6.3.1782, Porto Alegre e †23.4.1855, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ **Sebastião de Resende Pereira** (v. Manuel de Resende Cabeceira, F.1).

N.10 **Maria Angélica da Silva** *25.6.1784, Porto Alegre, onde †15.11.1830 e ali a a 20.11.1826 ∞ o cirurgião **Joaquim da Fonseca Barandas**, *Carapito, Guarda, PT e †30.8.1849, Porto Alegre, f.º de Diogo da Fonseca Barandas e Paula Jacinta de Figueiredo Loureiro (citados em Manuel Garcia Tavares, F.7).

N.11 **Caetano José da Silveira** *11.11.1785, Porto Alegre, ∞ 1812, Triunfo, **Maria Joaquina da Conceição**, *6.4.1792, Triunfo, f.ª da Salvador Rodrigues Lopes e Custódia Maria de Jesus.

N.12 **Alexandre** *9.6.1787, Porto Alegre, onde †9.6.1788.

F.3 **Manuel Silveira Pereira** *1745, Calheta, Ilha de São Jorge e †17.12.1816, Porto Alegre, ∞ 11.20.1763, Triunfo, (1x) **Maria Santa** (v. André Pereira de Matos, F.2). Manuel, a 14.5.1805, Mostardas, ∞ **Luísa Maria de Lemos**, ali *, f.ª de Antão Pereira Machado e Joana Maria de Souza.

Houve do 1º casamento:

N.13 **Joaquim** b. 20.10.1765, Viamão, onde †26.4.1767.

N.14 **Francisco Manuel da Silva** b. 22.9.1766, Viamão, ∞ 7.11.1804, Gravataí, **Reginalda Maria de Jesus**, *1760, Curitiba/PR, f.ª de José Pedroso de Moraes e Francisca Lourença de Jesus.

N.15 **Joaquim** 2.4.1768, Viamão e †7.2.1779, Porto Alegre.
N.16 **Maria da Conceição Silveira** *26.8.1769, Viamão, ∞ 7.2.1785, Porto Alegre, **João Soares de Souza**, *Ilha de Santa Maria e †7.1.1820, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Mateus de Souza e Maria da Ressurreição. Pais de:
Bn.54 **Manuel** *26.3.1786, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.55 **Joaquim** *6.6.1788, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.56 **Ana Maria Joaquina** *4.3.1796, Porto Alegre, onde a 9.4.1812 ∞ **Antônio José de Amorim**, *Santarém, PT, f.º de Leandro José de Amorim e Clara Perpétua. Pais de:
Tn.9 **Joaquina** *7.5.1813, Porto Alegre.
Tn.10 **Mariana** *14.4.1815, Porto Alegre.
Tn.11 **Gertrudes** *14.4.1815, Porto Alegre, onde †22.6.1815.
Tn.12 **Antônio** *9.9.1816, Porto Alegre, onde †30.5.1818.
Tn.13 **Margarida** *16.7.1818, Porto Alegre.
Tn.14 **Joana Maria da Conceição** *29.6.1820, Porto Alegre, onde a 28.4.1834 ∞ **Joaquim Antônio da Cunha**, *Porto Alegre, f.º de Hilário da Cunha e Ana Maria de Jesus.
Tn.15 **Maria** *27.5.1822, Porto Alegre.
Bn.57 **João Soares** *5.6.1803, Porto Alegre.
Bn.58 **Jacinto Soares** *12.10.1805, Porto Alegre.
N.17 **Antônio** *12.10.1771, Viamão.
N.18 **Inácia Maria de Jesus** *8.9.1774, Porto Alegre, onde a 24.1.1791 ∞ (1x) **José Fernandes Petim**, b. 13.6.1757, Triunfo e †9.1.1820, Porto Alegre, f.º de José Fernandes Petim e Clara Barbosa de Menezes. Inácia ∞ 22.8.1822, Porto Alegre, (2x) **João Pereira da Silva**, ali *16.6.1798, (v. Antônio Pereira Moitoso, Bn.6).
N.19 **Antônio Manuel da Silva** *25.1.1777, Porto Alegre e †5.6.1859, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 8.7.1801, Porto Alegre, **Feliciana Maria de Jesus** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.3). Pais de:
Bn.59 **Laurindo Antônio Dias** *26.5.1802, Porto Alegre, onde a 5.2.1825 ∞ **Francisca Maria de Jesus** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.39). Pais de:
Tn.16 **João** *6.1.1826, Porto Alegre.
Tn.17 **Laurinda** *26.9.1828, Porto Alegre.
Bn.60 **Jacinto Antônio Dias** 1.11.1803, Gravataí, ∞ 26.11.1821, Porto Alegre, **Maria Joaquina de Jesus** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.38). Pais de:
Tn.18 **Laurindo** *1.12.1822, Porto Alegre.
Bn.61 **Francisco Antônio Dias** *9.4.1806, Gravataí. A 18.7.1831, São Leopoldo, ∞ **Teresa Maria da Conceição** (v. Antônio Pereira de Moitoso, Bn.37). C/d em São Leopoldo.
Bn.62 **Teodósio** *2.1.1812, Porto Alegre.
Bn.63 **Bernardo Antônio Dias** *pv 1815, †4.7.1895, Gravataí, ∞ **Florisbela Maria da Conceição**, f.ª de João Pereira de Vargas e Maria Joaquina da Conceição.
Bn.64 **José Feliciano da Silva** *1817, Gravataí, ∞ **Maria Joaquina da Conceição**, *Gravataí, f.ª de João Pereira de Vargas e Maria Joaquina da Conceição. C/d em Gravataí.
Bn.65 **Ricarda** *6.10.1818, Porto Alegre.

Bn.66 **Felisbino Antônio Dias** *1819, Gravataí, ∞ (1x) **Joana Maria de Jesus** (v. abaixo, N.23), e ∞ (2x) **Justina Maria da Silva**, f.ª de Antônio Silveira e Joana Bernarda da Silva. C/d em São Leopoldo e Gravataí.

Bn.67 **Inácia Antônia da Silva** *1820, Gravataí, ∞ **Manuel Antônio de Souza** (v. abaixo, Bn.77).

Bn.68 **Serafim** *3.8.1822, Porto Alegre.

Bn.69 **Generosa Maria de Jesus** *1823, Gravataí, ∞ **João Antônio Soares,** *Porto Alegre, f.º de João Soares de Lima e Maria Antônia da Silva Soares. C/d em Gravataí.

Bn.70 **Maria Antônia da Silva**, *1827, Gravataí, ∞ **José Joaquim de Andrade**, *Gravataí, f.º de José Antônio de Vargas e Joaquina Maria da Silva. C/d em Gravataí.

Bn.71 **Maria Antônia da Silva** *1829. A 3.6.1855, Santo Antônio da Patrulha, ∞ **José Francisco Machado da Silveira**, *20.1.1833, Viamão, f.º de Jacinto Machado da Silveira e Francisca Maria de Jesus, ambos de Viamão.

Bn.72 **Antônio Manuel da Silva** *1832, Santo Antônio da Patrulha, onde a 30.4.1859 ∞ **Delfina Maria da Conceição**, ali *, f.ª de José Antônio da Silva Cravo e Ana Felícia de Jesus.

Bn.73 **Maria da Conceição da Silva** *Santo Antônio da Patrulha, onde a 4.2.1860 ∞ **Manuel Ferreira de Jesus**, ali *, f.º de Manuel Ferreira Penide e Verônica Maria de Jesus.

N.20 **Jacinto Manuel** *31.7.1778, Porto Alegre, onde a 2.2.1804 ∞ **Justina Soares**, *Rio Grande, f.ª de João Soares e Joaquina Maria da Encarnação.

N.21 **João Silveira Pereira** *24.6.1780, Porto Alegre. Soldado de Infantaria em 1802 e †6.10.1805, Porto Alegre, solteiro.

N.22 **José** *24.6.1783, Porto Alegre, onde †4.1.1784.

Houve do 2º casamento:

N.23 **Joana Maria de Jesus** *1809, ∞ seu primo 2º **Felisbino Antônio Dias** (v. acima, Bn.66).

N.24 **Maria** *1810.

N.25 **Ismênia** *1811.

N.26 **Florência** *1812.

N.27 **Antão** *1813.

N.28 **Joaquim** *1814.

N.29 **José** *1815.

N.30 **Inácia Maria** *15.2.1816, Porto Alegre, onde a 5.6.1830 ∞ **Manuel Francisco de Paula**, *Triunfo, f.º de Francisco de Paula e Mariana Ferreira da Silva.

F.4 **Maria Silveira** *1742, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge, e †21.5.1817, Porto Alegre, ∞ **Manuel Lourenço Mariante** (v. este nome). Deste casal descende Antônio Joaquim da Silva Mariante, que dá nome à Rua Mariante, em Porto Alegre.

F.5 **Antônio Silveira Pereira** *Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †28.9.1832, Porto Alegre, ∞ **Maria de Jesus** (v. Antônio da Rosa, F.2). Pais de:

N.31 **Joaquina Maria da Conceição** *4.1.1773, Porto Alegre, onde a 3.11.1791 ∞ **Antônio de Souza Ávila**, *Laguna/SC, f.º de Paulo Machado de Souza e Ana Maria. Pais de:

Bn.74 **José Antônio de Souza** *1.9.1792, Porto Alegre, ∞ **Bernardina Maria de Jesus**, *Gravataí, f.ª de Manuel Machado da Silva e Plácida Maria. C/d em Gravataí.
Bn.75 **Ana Maria da Conceição** *15.8.1794, Porto Alegre e †18.5.1876, Gravataí. A 12.5.1826, Porto Alegre ∞ **Leandro Rodrigues Fortes**, *Estado de São Paulo, f.º de Leandro Rodrigues Fortes e Arcângela Xavier da Rocha. C/d em Gravataí.
Bn.76 **Justino Antônio de Souza** *Gravataí, onde a 22.11.1841 ∞ **Joana Maria de Oliveira**, *16.5.1821, Gravataí, f.ª de João Paes de Oliveira e Joaquina Constância da Silva. C/d em São Leopoldo.
Bn.77 **Leonor Maria da Conceição ∞ Antônio de Vargas de Andrade**, *4.9.1802, Gravataí, f.º de José de Vargas de Andrade e Francisca Joaquina de Jesus. C/d em Gravataí.
Bn.78 **Manuel Antônio de Souza** *Gravataí, ∞ **Inácia Antônia da Silva** (v. acima, Bn.67). C/d em Gravataí.
Bn.79 **Maria Joaquina da Conceição ∞ João Pereira de Vargas**, *1.5.1796, Gravataí, f.º de Antônio Pereira de Vargas e Madalena Rosa de Jesus, ambos da Feteira, Ilha do Faial. C/d em Gravataí.

N.32 **Ana Maria de Jesus** *29.12.1774, Porto Alegre e †14.11.1833, com inventário autuado em Porto Alegre. A 14.11.1796, Viamão, ∞ **José Francisco Nunes**, *Viamão, f.º de Francisco Nunes Goulart e Mariana Antônia de Jesus. Pais de:
Bn.80 **Inácia Maria de Jesus** *3.4.1798, Viamão, onde a 25.11.1819 ∞ **José Ferreira Jardim**, *7.7.1798, Porto Alegre, f.º de Francisco Ferreira Jardim e Maria Joaquina. C/d em Viamão.
Bn.81 **Antônio Francisco Nunes** *14.6.1800, Viamão, ∞ **Fortunata Rosa da Conceição**.
Bn.82 **Vitoriano José Nunes** *6.5.1802, Viamão e † antes de sua mãe. Em Viamão, a 19.5.1821, ∞ **Ana Maria da Conceição**, *Viamão, f.ª de Inácio José Goulart e Maria da Conceição. Pais de:
Tn.19 **Francisco**
Bn.83 **Henrique Francisco Nunes** *30.8.1805, Viamão. A 11.1.1830, Porto Alegre ∞ **Engrácia Maria de Jesus** (v. acima, Bn.44).
Bn.84 **José** *30.7.1808, Viamão e † antes de sua mãe.
Bn.85 **Justina Maria de Jesus** *3.2.1811, Viamão, ∞ **Felisberto da Silveira**.
Bn.86 **Francisca Maria de Jesus**

N.33 **Inácia Maria de Jesus** *30.7.1777, Porto Alegre, onde a 13.1.1806 ∞ **Alexandre da Costa Luís** (neto) (v. Diogo Inácio de Barcelos, F.4).
N.34 **Maria** *28.10.1779, Porto Alegre, onde †3.8.1782.
N.35 **Leonor Joaquina de Jesus** *20.10.1781, onde a 4.10.1821 ∞ seu primo **Joaquim Manuel da Silva** (v. Manuel Lourenço Mariante, F.3).
N.36 **Antônio** *16.11.1783, Porto Alegre, onde †6.11.1784.
N.37 **José** *30.8.1785, Porto Alegre.
N.38 **Francisco da Silveira Pereir**a *13.2.1788, Porto Alegre, onde a 23.5.1808 ∞ **Delfina Inácia de Jesus**, *3.9.1792, Viamão, f.ª de Francisco Nunes Goulart e Mariana Antônia de Jesus. Pais de:
Bn.87 **Joaquina Francisca da Silva** *2.4.1809, Viamão.
Bn.88 **Felisberto** *4.11.1810, Porto Alegre.

N.39 **Maria Joaquina Francisca** *8.7.1790, Porto Alegre, onde a 28.5.1810 ∞ **José Domingues da Silva** (v. Manuel Silveira Gonçalves, N.18).
N.40 **Florinda Maria de Jesus** *11.3.1793, onde a 16.1.1822 ∞ **Agostinho Silveira Pastoriza**, *Laguna/SC, f.º de Manuel Pastoriza Rosales e Ana Rosa de Jesus. Pais de:
Bn.89 **Davi Pastoriza** *3.11.1823, Porto Alegre.
N. 41 **Januário Antônio da Silveira** *4.5.1795, Porto Alegre, onde a 10.1.1822 ∞ sua prima 2ª **Clara Maria de Jesus**, acima citada.
N.42 **José** * 4.8.1797, Porto Alegre, talvez seja o mesmo que †24.11.1798, Porto Alegre.
N.43 **Constância Maria de Jesus** *16.10.1799, Porto Alegre, onde a 16.1.1827 ∞ **Manuel Gonçalves Jardim** *Ilha da Madeira, f.º de Agostinho Gonçalves e Ana Bitencourt.
N.44 **Bernarda** *21.1.1803, Porto Alegre.

F.6 **João Silveira Pereira** ou **João Silveira Machado** *Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †11.1.1797, Porto Alegre, onde a 9.1.1784 ∞ **Maria Joaquina de Jesus** (v. Cosme Leal, N.11). Pais de:
N.45 **Manuel** *3.7.1786, Porto Alegre.
N.46 **Joaquina Maria de Lima** b. 31.1.1789, Porto Alegre e †2.9.1832, com inventário autuado em Porto Alegre, solteira e sem filhos.

ANTÔNIO DE ÁVILA MACHADO ou **ANTÔNIO MACHADO DE ÁVILA** *Velas, Ilha de São Jorge e †12.7.1795, Porto Alegre, f.º de Bento de Ávila Machado e Maria do Rosário e Souza Fagundes – pais também de Manuel de Ávila de Souza (v. este nome). Antônio ∞ 7.6.1740, Rosais, Ilha de São Jorge (1x) **MARIA DE ÁVILA**, *Topo, Ilha de São Jorge, f.ª de Amaro de Ávila Machado e Susana Teixeira. Antônio ∞ (2x) **MARIA DO ROSÁRIO**, *Ilha de São Jorge. Antônio ∞ (3x) **ANA MARIA DE JESUS**, *Rosais, Ilha de São Jorge e †27.7.1799, Porto Alegre, f.ª de Pedro de Souza de Quadros e Isabel Teixeira Maciel.
Houve do 1º casamento:

F.1 **Manuel de Ávila Machado** *1744, Topo, Ilha de São Jorge. Em 1768, Viamão, ∞ **Madalena de Santo Antônio**, *1748, Topo, Ilha de São Jorge, e †1.5.1803, Porto Alegre, f.ª de Pedro de Souza de Quadros e Isabel Teixeira Maciel. Em 1769 Manuel e família residiam nos campos de Sebastião Francisco Chaves, que se localizava do lado sul do arroio de Azenha, em Porto Alegre, cujas terras foram doadas a Manuel e filhos (BORGES FORTES, 1998, p. 56). Pais de:
N.1 **Manuel de Ávila Souza** b. 21.5.1769, Viamão, onde a 15.6.1789 ∞ **Rosa Maria da Conceição**, *1774, Viamão, f.ª de João Dias Pereira e Maria da Trindade. Pais de:
Bn.1 **Maria Joaquina da Conceição** *3.4.1790, Viamão, onde a 22.8.1808 ∞ **Francisco de Paula de Figueiredo Unhão**, *Vila do Príncipe, Mariana/MG, f.º de Antônio Moreira de Unhão, de Cartaxo, PT, e Custódia Angélica de Figueiredo, de MG. Pais de:
Tn.1 **Clarinda Angélica de Jesus** *26.6.1809, Porto Alegre, onde a 24.11.1823 ∞ **Antônio José da Graça**, *Santa Cruz, Ilha Graciosa, f.º de Francisco Pereira e Ana Maria de Jesus.
Tn.2 **Claudina** *30.7.1810, Porto Alegre.

Tn.3 **Antônio Madeira de Unhão** *3.8.1811, Porto Alegre, ∞ 12.3.1846, Bagé, **Maria Antônia Dorneles**, *Bagé, f.º de João de Souza Dorneles e Joana Maria da Conceição.
Tn.4 **José** *10.3.1814, Viamão.
Tn.5 **João** *4.9.1815, Viamão.
Tn.6 **José** *12.7.1817, Viamão.
Tn.7 **Leocádio** *27.11.1819, Porto Alegre.
Tn.8 **Carolina** *6.11.1821, Porto Alegre.
Tn.9 **Maria** *12.11.1822, Porto Alegre.
Tn.10 **José** *20.12.1823, Porto Alegre.
Tn.11 **Maurícia** *6.4.1825, Porto Alegre.
Tn.12 **José** *10.12.1826, Porto Alegre.
Tn.13 **Maria** *10.8.1828, Porto Alegre.
Tn.14 **Francisca Maria da Conceição** *10.10.1829, Porto Alegre, ∞ **Manuel Alves Pereira Vianna**.

Bn.2 **Constância Inácia de Souza** *9.7.1791, Viamão, onde a 8.6.1810 ∞ **Feliciano José Antônio**, *1.1.1788, Gravataí, f.º de Antônio Francisco dos Santos e Felícia Maria da Conceição.
Bn.3 **Angélica Maria da Soledade** *22.3.1793, Viamão, ∞ **Vicente Fernandes de Lemos**, *1786, Itapeva/SP, f.º de Baltazar Fernandes Leme e Ana Maria do Amaral. C/d em Gravataí e Parobé.
Bn.4 **Ana Maria de Souza** *10.2.1795, Viamão, ∞ (1x) **Georg Strick**, *Alemanha, f.º de Matheus Strick e Maria Mayer. Ana ∞ 10.2.1835, São Leopoldo, **Manuel Antônio de Souza**, *Laguna/SC, f.º de João Antônio de Souza e Inácia Francisca de Jesus. C/d em Gravataí.
Bn.5 **Dorotéia Maria do Nascimento** b. 6.1.1797, Viamão, ∞ 10.5.1825, Porto Alegre, **José Rodrigues Garcia** (v. Antônio da Rosa Garcia, F.4).
Bn.6 **Maurício** *7.12.1798, Viamão.
Bn.7 **Moisés Antônio de Souza** ou **Moisés de Ávila de Souza** *31.5.1800, Viamão, ∞ **Flora Maria de Jesus**, *1.4.1811, Viamão, f.ª de Antônio Ferreira Maciel e Angélica Maria da Conceição. C/d em São Leopoldo.
Bn.8 **João Dias de Souza Ávila** *11.9.1801, Capela Grande, Viamão, ∞ **Felisbina Maria de Jesus**, *Gravataí, f.ª de Cipriano José de Vargas e Violante Maria de Jesus. C/d em São Leopoldo.
Bn.9 **Helena** *20.3.1803, Viamão.
Bn.10 **Clemência Maria da Conceição** *pv. 1804, Capela Grande, Viamão, ∞ 13.1.1820, Porto Alegre, **José Joaquim Inácio da Silva**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.º de João Inácio da Silva Corrêa e Teresa Maria.
Bn.11 **Antônia Maria da Conceição** *pv. 1804, Porto Alegre, onde a 12.1.1820, ∞ **José Antônio de Souza**, *Porto Alegre (v. João Teixeira Machado, N.21).
Bn.12 **Rita Joaquina da Conceição** *6.9.1806, Gravataí, ∞ 1.3.1824, Porto Alegre, **Antônio Francisco da Rosa**, *Feteira, Ilha do Faial, f.º de Antônio Francisco Pereira e Maria Felícia de Jesus.
Bn.13 **Teresa** *12.1.1808, Viamão.
Bn.14 **Maria** *4.4.1809, Viamão.

Bn.15 **Manuel** *20.9.1810, Porto Alegre.
Bn.16 **Maria** b. 15.7.1812, Gravataí.
Bn.17 **Bercina** ou **Belcina Maria da Conceição** b. 23.11.1815, Gravataí, onde ∞ **Fermino José Constante**, ali *21.11.1808, f.º de Albino José Constante e Matildes Maria de Jesus.

N.2 **Francisco** b. 25.9.1770, Viamão e †27.2.1782, Porto Alegre.

N.3 **Maria Joana do Nascimento** ou **Maria Angélica do Nascimento** *20.8.1772, Porto Alegre, onde †15.1.1793. Aí, a 9.7.1791, ∞ **José Francisco de Ávila**, *Flamengos, Ilha do Faial, f.º de Antônio Francisco de Ávila e Ana Maria da Silveira. Pais de:

Bn.18 **José Machado de Ávila** ou **José de Ávila Pinheiro** *7.9.1792, Porto Alegre, onde a 22.12.1824 ∞ **Maria Josefa do Nascimento** (v. Antônio Garcia dos Santos, N.4).

N.4 **José** b. 10.12.1773, Porto Alegre, onde †2.3.1818.

N.5 **Ana Maria do Nascimento** *30.10.1775, Porto Alegre, onde †10.7.1820 e ali, a 12.5.1793, ∞ **Sebastião José de Carvalho**, *1760, Santa Cruz, Ilha Graciosa e †11.6.1815, Porto Alegre, com 55 anos mais ou menos, casado, f.º de Antônio José e Antônia Maria de São Francisco. Pais de:

Bn.19 **João** *27.12.1794, Porto Alegre, talvez seja o mesmo que †31.3.1804, com 8 anos (sic), em Porto Alegre.
Bn.20 **Francisca** *2.7.1796, Porto Alegre.
Bn.21 **Maria Angélica de Jesus** *28.10.1798, Porto Alegre, onde a 8.2.1821, ∞ **José Barbosa de Lima**, *Mogi das Cruzes/SP, f.º de Francisco Luís da Silva ou Francisco Luís Barbosa e Ana Francisca de Lima. Pais de:

Tn.15 **José** *4.1.1821, Porto Alegre, onde †26.9.1821.
Tn.16 **José** *15.2.1822, Porto Alegre.

Bn.22 **Josefa Joaquina da Cunha** *pv. 1799, Porto Alegre, onde a 6.6.1821 ∞ o soldado **José da Rocha Pereira**, *São Paulo/SP, f.º de Rosa Maria.
Bn.23 **Luís Antônio de Ávila** *19.8.1801, Porto Alegre, onde a 17.5.1823 ∞ **Ana Joaquina de Jesus** (v. Antônio Garcia dos Santos, N.8).
Bn.24 **Bernardina Maria de Jesus** *6.7.1808, Porto Alegre, onde a 6.2.1822 ∞ **Joaquim Pereira**, *Taubaté/SP, f.º de Francisco Pereira e Francisca Maria de Jesus.
Bn.25 **João José** *6.5.1811, Porto Alegre, talvez seja o mesmo †26.5.1813, Porto Alegre.
Bn.26 **Agostinho José** *28.3.1813, Porto Alegre.
Bn.27 **Felicidade** *10.10.1814, Porto Alegre.
Bn.28 **Manuel José de Carvalho** *23.12.1815, Porto Alegre, onde a 8.1.1834 ∞ **Maria Joaquina da Conceição** (v. Antônio José de Matos, N.16).

N.6 **Joana Maria do Nascimento** *24.4.1777, Porto Alegre, onde †30.4.1807. Em Porto Alegre, a 6.10.1800, ∞ **Luís José da Silva**, *1770, São Romão, Vila Nova de Berves (sic), Porto, PT e †15.7.1810, Porto Alegre, f.º de Custódio José Soares e Clara Maria de Souza. Pais de:

Bn.29 **Manuel** *1.2.1802 e † no mesmo dia, em Porto Alegre.
Bn.30 **Manuel** *9.6.1805 (sic), Porto Alegre, onde †1.7.1805, com 20 dias.

Bn.31 **Urbano** *4.7.1805 (sic), Porto Alegre.

Bn.32 **Manuel** *28.10.1806, Porto Alegre, onde †7.4.1807.

N.7 **Quitéria** *31.8.1778, Porto Alegre.

N.8 **Joaquina** *9.5.1780, Porto Alegre, onde †31.5.1799, solteira, com 18 anos, entrevada.

N.9 **Joaquim** *9.10.1781, Porto Alegre.

N.10 **Rita Maria de Jesus** *7.8.1783, Porto Alegre, onde †12.4.1841. Em Porto Alegre, a 21.10.1818, ∞ (1x) **Manuel Antônio Dias**, cirurgião-mor, *1768, Rio dos Moinhos (Santa Eulália), Arcos de Valdevez, Viana do Castelo, PT e †29.10.1818, Porto Alegre, f.º de João Dias Soares e Francisca Luísa Pereira. Rita ∞ 4.8.1827, Porto Alegre, (2x) **Joaquim Francisco de Morais**, sargento-mor (v. Francisco de Morais, F.2). Houve do 1º casamento:

Bn.33 **Manuela Antônia Dias** * antes de 1818, Porto Alegre, ∞ **Manuel Corrêa de Oliveira**, *Tapes, f.º de José Corrêa Sarafana e Rosa Maria de Jesus. C/d em Tapes.

Houve do 2º casamento:

F.2 **João de Souza de Ávila** *pv. 1750, Imbituba/SC e †12.5.1792, Porto Alegre, ∞ 9.8.1774, Triunfo, **Teresa Maria de Jesus**, *15.10.1756, Rio Grande, f.ª de Manuel Ferreira da Costa e Águeda da Rosa ou Águeda de Nazaré, ambos da Ilha do Pico. Pais de:

N.11 **Ana** *5.8.1775, Porto Alegre, onde †7.11.1782.

N.12 **Manuel Inácio de Souza** ou **Manuel Inácio de Souza Teles** ou **Manuel de Souza de Ávila** *14.12.1777, Porto Alegre, onde a 10.9.1808 ∞ **Rosa Teresa de Jesus,** *Rio de Janeiro/RJ (Sé), f.ª de Valério Ferreira, da Ilha da Madeira, e Úrsula Maria da Conceição, do Rio de Janeiro/RJ. Pais de:

Bn.34 **Manuel Inácio de Souza Fialho** *18.11.1808, Porto Alegre, onde a 3.10.1829 ∞ **Delfina Cândida da Silva** (v. Antônio José de Silva Flores, F.8).

Bn.35 **João** *11.5.1810, Porto Alegre.

Bn.36 **Luís** *27.4.1812, Porto Alegre.

Bn.37 **Leocádia** *2.10.1813, Porto Alegre.

Bn.38 **Jesuína** *2.10.1814, Porto Alegre.

Bn.39 **Rita** *10.4.1816, Porto Alegre.

Bn.40 **Francisca** *22.7.1817, Porto Alegre.

Bn.41 **Manuela** *22.12.1818, Porto Alegre.

Bn.42 **Antônio** *2.2.1820, Porto Alegre.

Bn.43 **Manuela** *2.5.1821, Porto Alegre.

Bn.44 **Francisco** *25.7.1823, Porto Alegre.

Bn.45 **José** *6.10.1826, Porto Alegre.

N.13 **Maria** *10.5.1781, Porto Alegre, onde †30.11.1782.

N.14 **Joaquim de Souza Marques** *8.5.1784, Porto Alegre, onde †16.2.1818, ∞ 8.8.1808, Viamão, **Carolina Joaquina do Nascimento**, b. 8.6.1792, Viamão, f.ª de Manuel de Souza Feijó e Inácia Fel**ícia d**e Santa Clara. Pais de:

Bn.46 **Inácia Joaquina Marques** *2.11.1809, Viamão, ∞ 25.8.1832, Porto Alegre, **Florentino Machado de Espíndola**, *Florianópolis/SC, f.º de Francisco Machado de Espíndola e Silvana Joaquina.

Bn.47 **Antônio Marques** *6.1.1811, Porto Alegre.

Bn.48 **Laurindo de Souza Marques** *8.1.1814, Porto Alegre.

Bn.49 **Joaquim de Souza Marques** *15.8.1815, Porto Alegre.

Bn.50 **Cândida de Souza Marques** *7.3.1817, Porto Alegre e †1896, Carovi, São Francisco de Assis, ∞ 28.4.1832, Porto Alegre, **Manuel Francisco Barbosa Júnior**, *Florianópolis/SC, f.º de Manuel Francisco Barbosa e Eufrásia Joaquina da Rosa. C/d em Itaqui, São Francisco de Assis e arredores, dentre eles Felipe Massa, corredor de F-1.

Bn.51 **Manuel Marques de Souza** *7.11.1818, Capela de Santana, ∞ 1842, Torres, **Aurélia da Silva**.

N.15 **Brígida Joaquina de Jesus** *3.5.1789, Porto Alegre, onde a 19.5.1810 ∞ **Manuel da Cunha Roriz**, *Roriz (São Pedro), Santo Tirso, Porto, PT, f.º de Francisco da Cunha e Maria Martins.

F.3 **Ana Joaquina de Jesus** ou **Ana Maria de Jesus** *pv. 1754, Laguna/SC, onde a 17.7.1774, Porto Alegre, ∞ **João do Prado Lima**, *São Paulo/SP (Santo Amaro do Sul), soldado dragão, f.º de José do Prado da Cunha e Ana Barbosa de Lima. C/d em Rio Pardo, Alegrete, General Câmara e Cachoeira do Sul.

Houve do 3º casamento:

F.4 **Maria Joana do Nascimento** ou **Maria Joana da Piedade** b. 29.10.1765, Viamão, ∞ 28.11.1783, Porto Alegre, (1x) **Antônio de Carvalho Botelho**, *N. Sra. do Rosário, Ilha de São Miguel, Açores e †12.2.1795, Porto Alegre, sem testamento, por ser muito pobre, f.º de Antônio de Souza Carvalho e Maria Botelho. Maria ∞ 10.11.1795, Porto Alegre, (2x) **João Gonçalves de Andrade**, *Paranaguá/PR, f.º de João Antônio de Andrade e Esperança Gonçalves.

Houve do 1º casamento:

N.16 **José Antônio de Carvalho** *15.5.1785, Santo Antônio da Patrulha e †16.5.1819, Porto Alegre. Em 30.11.1810, Triunfo, ∞ **Maria Joaquina do Nascimento**, *Triunfo ou Porto Alegre, f.ª ilegítima de Manuel Rodrigues da Veiga, de Curitiba/PR, e Mônica Francisca, de Triunfo. Pais de:

Bn.52 **Rita Maria da Conceição** *22.10.1811, Porto Alegre, ∞ 1832, Rio Grande, **João Tomdich**.

Bn.53 **José** *1.10.1813, Porto Alegre.

Bn.54 **Justino** *16.10.1815, Porto Alegre.

Bn.55 **Manuel** *11.4.1818, Porto Alegre.

N.17 **Manuel Antônio de Carvalho** *15.4.1787, Porto Alegre, onde †28.9.1827, ∞ 6.4.1806, Triunfo, **Constança Maria de Jesus** ou **Constança Maria Severina**, *20.7.1790, Viamão, f.ª de Tomás Silveira Goulart e Maurícia Francisca Severina (citados em João de Souza Machado I, F.3). Pais de:

Bn.56 **Josefa Rosa de Carvalho** *12.5.1807, Porto Alegre, onde a 2.11.1833 ∞ **Rufino José Pinto**, *Penafiel, PT, f.º de Antônio José Pinto e Maria Joaquina da Lapa.

Bn.57 **Maria** *26.10.1808, Porto Alegre.

Bn.58 **José** *23.2.1810, Porto Alegre.

Bn.59 **Laureana** *15.2.1812, Triunfo, onde †9.2.1815.

Bn.60 **Rosa Francisca de Carvalho** *3.9.1813, Porto Alegre, onde a 1.5.1833 ∞ **José Francisco Leal**, *Lisboa, PT, f.º de Domingos Francisco Casaleiro e Maria Rosa da Conceição.

Bn.61 **Balbino** *30.5.1815, Porto Alegre, onde †18.4.1816.
Bn.62 **Pedro** *28.8.1816, Porto Alegre, onde †14.9.1818.
Bn.63 **Laureana** *29.4.1818, Porto Alegre.
Bn.64 **Domingos** *26.5.1820, Porto Alegre, onde †14.1.1822.
Bn.65 **Teodora** *5.1.1821, Porto Alegre.

N.18 **Ana Maria do Nascimento** *15.4.1787, Porto Alegre, onde a 16.1.1804 ∞ **Manuel José da Silva**, *Lajes, Ilha Terceira, f.º de Manuel Ferreira de Barros e Ana de São José. Pais de:

Bn.66 **Luísa** *17.1.1805, Porto Alegre, onde †18.3.1805.
Bn.67 **Manuel** *28.10.1807, Porto Alegre, onde †31.10.1807.
Bn.68 **Teodora** *1.4.1810, Triunfo.
Bn.69 **Eva** *28.6.1811, Porto Alegre, onde †20.6.1812.
Bn.70 **Florêncio** *19.9.1815, Porto Alegre.

Houve do 2º casamento:

N.19 **João** *19.12.1796, Porto Alegre.

F.5 **José de Ávila Cristal e Souza** ou **José de Ávila Cristal** b. 22.10.1766, Viamão e †6.9.1858, Cachoeira do Sul, ∞ 15.6.1793, Porto Alegre, **Francisca Matilde de Oliveira** (v. Francisco José Flores, F.9). José de Ávila Cristal residia em Porto Alegre, no lugar denominado Cristal, dando nome ao bairro atual. Pais de:

N.20 **Maria Máxima de Oliveira** *23.5.1795, Porto Alegre, ∞ **Januário José de Miranda**, *São Francisco do Sul/SC, viúvo de Joaquina Felizarda de Miranda (v. Joaquim de Bruno Labruge, F.2), f.º do capitão Amaro de Miranda Coutinho e Margarida Tavares de Siqueira. C/d em Capela de Santa, Cachoeira do Sul e em Porto Alegre. Em Porto Alegre, até 1822 nasceram os filhos:

Bn.71 **Joaquina** *17.5.1820, Porto Alegre.
Bn.72 **Joaquina Emília de Miranda** *18.5.1821, Porto Alegre, ∞ **José Borges do Canto**, major.
Bn.73 **Amaro José de Miranda** *12.10.1822, Porto Alegre.

N.21 **Leandro José de Ávila** *26.1.1797, Porto Alegre.

N.22 **Sebastiana Angélica** *13.9.1798, Porto Alegre, onde a 30.6.1821 ∞ Capitão **João Tristão da Silva Lima**, *8.2.1797, Porto Alegre, f.º de João da Silva Ribeiro Lima e Úrsula Clara da Trindade.

N.23 **Ricardo José de Ávila** *14.4.1800, Porto Alegre, ∞ **Emerenciana Gomes de Oliveira**, *17.11.1816, Cachoeira do Sul, f.ª ilegítima de José Gomes de Oliveira e Marcelina Josefa da Silva.

N.24 **Francisca Matilde de Oliveira** *13.7.1801, Triunfo, ∞ **Joaquim Manuel de Oliveira**, *São Paulo/SP, f.º de Simão de Godói e Maria Joaquina de Jesus.

N.25 **Constança Matildes de Oliveira** *6.2.1803, Triunfo, ∞ 31.1.1842, Porto Alegre, **Luís Antônio da Silva**.

N.26 **João** *23.11.1806, Capela de Santana, onde †13.12.1806.

N.27 **Daniel José de Ávila** *25.6.1808, Capela de Santana.

N.28 **Alexandrina** *13.10.1810, Capela de Santana, onde †20.2.1817.

N.29 **Carolina Amélia de Oliveira** b. 15.6.1822, Capela de Santana, ∞ **Sebastião Xavier do Amaral Mena**.

ANTÔNIO DE FRAGA *Piedade, Ilha do Pico, f.º de Antônio de Fraga e Margarida do Espírito Santo. A 17.7.1759, Enseada do Brito, Palhoça/SC, ∞ **MARIA ROSA DE JESUS**, *Santa Luzia, Ilha do Pico, f.ª de Domingos Pereira de Menezes e Marta de Jesus. Pais de:

F.1 **Luís Inácio de Fraga** *Florianópolis/SC, ∞ 30.9.1794, Laguna/SC, **Ana Genoveva de Santiago**, *Florianópolis ou Biguaçu/SC, f.ª de José Francisco de Medeiros e Isabel Martins. Pais de:
N.1 **Antônio** *10.3.1795, Gravataí.
N.2 **Margarida Rosa dos Serafins** *20.7.1797, Porto Alegre, onde a 8.1.1816 ∞ **José Dutra da Silveira** (v. Manuel Dutra do Souto, F.2).
N.3 **Caetano** *7.8.1799, Porto Alegre.
N.4 **Florêncio** *7.11.1802, Porto Alegre.
N.5 **Mariana Luísa de Jesus** *22.8.1808, Gravataí ∞ **José Antônio Duarte**, b. 1.1.1810, Santo Antônio da Patrulha, f.º de Eleutério José Duarte e Maria Antônia de Jesus. C/d em São Leopoldo.
F.2 **Ana de Jesus** *Enseada do Brito, Palhoça/SC, onde a 16.2.1789 ∞ **Vicente Álvares da Silveira**, *13.5.1752, Capelo, Ilha do Faial, f.º de Manuel Alves Furtado e Luzia Silveira. C/d em Enseada do Brito.

ANTÔNIO DE OLIVEIRA LIMA *1761, Capelas, Ilha de São Miguel e †23.6.1809, Porto Alegre, f.º de José de Oliveira Lima e Luzia da Conceição, ∞ 28.7.1803, Rio Pardo, **PERPÉTUA TERESA DE JESUS**, *Rio Pardo, f.ª de José Machado e Teresa de Jesus. Pais de:

F.1 **Joaquim** *11.1.1805, Porto Alegre.
F.2 **Antônio Joaquim de Oliveira Lima** *25.4.1808, Porto Alegre, onde a 13.6.1835 ∞ **Maria Gonçalves Ferreira**, *11.11.1817, Santo Antônio da Patrulha, f.ª de José Mendes Ferreira, de Miro, Aveiro, PT, e Josefa Gonçalves, de Curitiba/PR.

ANTÔNIO DO COUTO SILVA, alferes e depois tenente de dragões, *17.5.1751, Horta (Matriz), Ilha do Faial, f.º de Antônio Nunes Garcia (*Madalena, Ilha do Pico e †26.5.1765, Horta (Matriz), e Maria do Couto (†28.4.1775, Horta (Matriz). Antônio ∞ 2.12.1779, Porto Alegre, **ANA MATILDES DE OLIVEIRA**, *Viamão ou Triunfo, viúva de Joaquim José da Costa (índio, *Gravataí e †20.9.1774, Viamão). Ana foi f.ª de Antônio de Souza de Oliveira, da Colônia do Sacramento, e Maria Nunes de Brito, de São João del Rei/MG, n.p. de Antônio de Souza Fernando e Apolônia de Oliveira e n.m. de Manuel Nunes de Brito, índio da Bahia, e Maria de Lara de Moraes, índia, de Guaratinguetá/SP. Pais de:

F.1 **Cândida** *5.3.1782, Porto Alegre.
F.2 **Antônio** *25.11.1783, Porto Alegre, onde †24.6.1784.
F.3 **Florisbela Máxima da Silva** *12.4.1785, Porto Alegre, ∞ 22.2.1814, Rio Pardo, **Antônio Máximo dos Reis Carneiro**, ajudante de milícias, *Guarda, PT, f.º de Sebastião José dos Reis Carneiro, de Azibreira, PT, e d. Maria Angélica de Figueiredo e Osório, de Guarda, PT. Pais de:
N.1 **Sebastião** *19.7.1820, Porto Alegre.
N.2 **Joaquim Silvano** b. 22.9.1822, Porto Alegre.

ANTÔNIO DO REGO CHAVES *1766, Açores e †7.2.1819, Porto Alegre, com 53 anos, solteiro. Não conseguimos estabelecer relação com eventuais parentes em Porto Alegre.

ANTÔNIO DUTRA FIALHO *17.7.1718, São Mateus, Ilha do Pico, f.º de Manuel Dutra Fialho e Águeda Rodrigues. Antônio a 7.7.1749, São Mateus, ∞ **ANA MARIA FERREIRA** ou **ANA MARIA DE SANTO ANTÔNIO**, *27.2.1719, São Mateus, Ilha do Pico, f.ª de Francisco Ferreira Frade e Maria Ana Gularte. Antônio e Ana Maria eram moradores em Porto Alegre em 1754 e dados como casal de El-Rei. Já em 1756 estavam em Santo Amaro do Sul e Triunfo. Uma sobrinha ao menos de Antônio, Teresa Maria de Jesus ∞ Antônio Gonçalves Brandão também imigrou para o RS, estabelecendo-se em Viamão e depois em Taquari. Pais de:

F.1 **Ana** *27.5.1750 em São Mateus, Ilha do Pico.
F.2 **Antônio Dutra Fialho Filho** *Porto Alegre e b. 7.1.1754, Viamão, ∞ **Maria de Jesus**, c/d em Taquari.
F.3 **José Dutra da Silva** *Santo Amaro do Sul e b. 23.3.1756, Viamão, ∞ 2.5.1773, Rio Pardo, **Isabel Francisca de Vargas**, c/d em Taquari.
F.4 **Ana Maria do Rosário** b. 20.10.1757, Taquari, ∞ **João de Mello** e, após, com **Antônio José Nunes.**
F.5 **Grácia** b. 24.1.1761, Triunfo.
F.6 **Manuel Dutra Fialho** b. 10.8.1763, Triunfo, ∞ 2.7.1792, Cachoeira do Sul, **Maria Pedroso de Moraes**.

ANTÔNIO FERREIRA *Calheta, Ilha Terceira, f.º de Domingos Ferreira e Maria da Encarnação, ∞7.4.1796, Porto Alegre, **RITA QUINTILIANA**, *Lajes/SC, f.º de Marcelino Pereira do Lago e Rita Moreira da Trindade (v. DOMINGUES, 1993, p. 158).

ANTÔNIO FRANCISCO DA SILVEIRA, marinheiro real, *Flamengos, Ilha do Faial e †7.10.1768, Viamão, f.º de Antônio Silveira e Maria da Trindade. A 17.10.1756, Rio Grande, ∞ **ANTÔNIA MARIA DE JESUS** (v. João Francisco Pereira, F.3). Pais de:

F.1 **José** *30.12.1759, Rio Grande e † antes de seu pai.
F.2 **Maria** *28.1.1761, Rio Grande.
F.3 **Vicente** *Porto Alegre e b. 28.11.1763, Viamão.
F.4 **Ana** *9.5.1766, Viamão.
F.5 **Francisca Antônia da Silveira** ou **Francisca Maria de Jesus** ou, ainda, **Francisca Antônia de Jesus** *23.12.1768, Viamão e †14.2.1808, Porto Alegre. A 22.7.1784, Porto Alegre, ∞ **José Carlos de Oliveira**, alferes, *Aracati/CE (v. Manuel de Ávila de Souza, N.41), f.º do Dr. José Baltazar Augeri, de Saboia, França, e Jacinta Maria da Assunção, de Aracati/CE. Pais de:

N.1 **Maria** *20.5.1785, Porto Alegre, onde †20.7.1788.

N.2 **Eufrásia Antônia de Oliveira** *6.1.1788, Porto Alegre, onde a 14.7.1803, ∞ **Antônio Peixoto do Prado**, *1771, Rio de Janeiro/RJ (Sé) e †18.10.1816, Porto Alegre, f.º de João Peixoto do Prado e Rosa Maria da Encarnação. Pais de:

Bn.1 **Antônio Peixoto do Prado** *20.10.1804, Porto Alegre. Em 1843 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre e †16.3.1857, São Leopoldo.

Bn.2 **Rosa** *10.2.1806, Porto Alegre.

Bn.3 **João** *17.4.1807, Porto Alegre.

Bn.4 **Francisca Carolina do Prado** *27.10.1808, Porto Alegre, onde a 20.1.1827, ∞ **Paulino Gomes de Seixas Filho**, *Rio Grande, f.º de Paulino Gomes de Seixas e Matildes Rosa de Barros.

Bn.5 **Inácio** *2.11.1809, Porto Alegre.

Bn.6 **Eufrásia** *4.3.1811, Porto Alegre.

Bn.7 **Maria Henriqueta do Prado** *25.10.1812, Porto Alegre, onde a 13.7.1861, ∞ **João Frederico Caldwell**, general, *1801, Santarém, PT, e †1873, f.º do tenente-general Frederico Caldwell e Louisa Vaughan. O tenente-general Caldwell comandou a 3ª Região Militar, incluindo o RS, num total de onze anos. Ocupou a pasta da Guerra no Império e todos os postos da carreira militar. Viveu tempos em Rio Grande e tempos em Jaguarão. Atuou na Revolução Farroupilha, na guerra contra Oribe e Rosas, na Guerra do Paraguai e na rendição de Uruguaiana (BENTO, 1976, p. 189/195). Dá nome a uma rua no bairro da Azenha, em Porto Alegre.

Bn.8 **Ana** *10.10.1813, Porto Alegre, onde †23.10.1813.

Bn.9 **Justino** *8.1.1815, Porto Alegre.

Bn.10 **Luís** *17.12.1815, Porto Alegre.

N.3 **José** *281.1790, Porto Alegre.

N.4 **Carlos José de Oliveira** *25.6.1791, Porto Alegre, onde †24.1.1816 e ali, a 1.7.1814, ∞ **Catarina Maria de Jesus**, *3.6.1798, Triunfo, f.ª de Antônio José Lopes e Maria de Jesus.

N.5 **Donária** *2.5.1793, Porto Alegre.

N.6 **Luís Carlos de Oliveira** *23.11.1797, Porto Alegre. A 31.12.1820, Santo Antônio da Patrulha, ∞ **Joaquina Rosa de Jesus**, ali b. 16.8.1801, f.ª do Cap. Nicolau Antônio de Jesus e Clemência Rosa de Jesus. Luís em 1826 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando era ajudante e disse viver de seu negócio. Foi procurador entre 1847-1849 em São Leopoldo. C/d em Alegrete, mas em Porto Alegre nasceu:

Bn.11 **João** *5.4.1822, Porto Alegre.

N.7 **Francisco José de Oliveira** ou **Francisco Carlos de Oliveira** *9.10.1799, Porto Alegre, onde a 26.6.1819, ∞ **Ana Maria da Conceição** (v. Manuel Pereira da Luz, Bn.7). Pais de:

Bn.12 **Jeremias** *6.3.1820, Porto Alegre.

Bn.13 **Francisca** *2.3.1822, Porto Alegre.

N.8 **Eufrásio José de Oliveira** *28.1.1801, Porto Alegre, onde a 9.2.1856, ∞ **Dorotéia Fausta de Abreu**, *15.4.1796, Viamão, f.ª de Inácio dos Santos Abreu e Francisca Perpétua de Jesus (v. Manuel Cardoso de Oliveira, N.26).

N.9 **Antônio** *15.1.1804, Porto Alegre.

N.10 **Antônia Carlota de Oliveira** *12.8.1806, Porto Alegre.

ANTÔNIO FRANCISCO DE LIMA *Ilha do Pico, onde ∞ **MARIANA JACINTA**, ali *. Pais ao menos de:

F.1 **Jerônima Inácia de Jesus** *Santo Antônio, Ilha do Pico, ∞ 21.1.1781, Rio Grande, **Jerônimo Fernandes de Brito**, *Viamão, f.º de Gaspar Fernandes Ramos e Maria de Brito. C/d em Rio Grande e Erval.
F.2 **Maria de Jesus** ou **Maria Francisca** *Santo Antônio, Ilha do Pico, ∞ 6.8.1783, Rio Grande, **Bento Gonçalves**, *Florianópolis/SC (Santo Antônio de Lisboa), f.º de Joaquim Gonçalves e Antônia da Anunciada. C/d em Rio Grande.
F.3 **Luísa Francisca de Lima**, *Açores, possivelmente na Ilha do Pico. Foi casada, cujo nome do marido não conseguimos descobrir, o qual se ausentou e, neste estado, Luísa teve os filhos:

N.1 **Firmiana** *2.9.1789, Gravataí, cujo pai não foi mencionado no registro.
N.2 **Desidério** *16.8.1791, Porto Alegre, cujo pai não foi dado no registro.
N.3 **José** *26.6.1793, Porto Alegre, cujo pai foi dado como sendo Desidério Antônio Ferreira Alves, de Viamão.
N.4 **Constantino** *28.7.1797, Porto Alegre, cujo pai não foi dado no registro.

ANTÔNIO FRANCISCO DO AMARAL *pv. 1775 nas Ilhas e †10.5.1810, Porto Alegre, solteiro, com 35 anos mais ou menos.

ANTÔNIO FRANCISCO DUTRA *1788, Flamengos, Ilha do Faial e †13.9.1820, com 32 anos, solteiro, em Porto Alegre, f.º de Antônio José Dutra e Francisca Inácia. Sem mais dados para que pudéssemos relacioná-lo a eventuais parentes em Porto Alegre.

ANTÔNIO FRANCISCO GOMES *3.4.1730, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial e †22.5.1783, Porto Alegre, f.º de Francisco Ferreira Gomes ou Francisco Gomes Ferreira, da Praia do Almoxarife, Ilha do Faial, onde †23.11.1743, e ali a ∞ 8.11.1723, e Margarida Silveira, ali *14.1.1704 e †3.6.1746, n.p. Baltazar Gomes e Águeda Ferreira e n.m. Manuel Dutra de Andrade e Catarina Silveira. Antônio ∞ **JOSEFA MARIA FAGUNDES** ou **JOSEFA MARIA DE JESUS** (v. Antônio Muniz Leite, F.6). Pais de:

F.1 **Manuel** b. 15.6.1770, Porto Alegre.
F.2 **Feliciano** *25.9.1772, Porto Alegre.
F.3 **Joaquim Francisco Gomes** *20.7.1774, Porto Alegre, ∞ 1.11.1794, Rio Grande, **Anacleta Joaquina da Conceição**, *Triunfo, f.ª de José Antônio da Fonseca e Maria do Nascimento.
F.4 **Ana Maurícia de Oliveira** *5.2.1780, Porto Alegre e †2.12.1825, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 9.5.1807 ∞ (1x) **João Luís Rodrigues (de Carvalho)**, *1767, Britelo (São Martinho), Ponte da Barca, Viana do Castelo, PT e †1.11.1820, Porto Alegre, f.º de Domingos Rodrigues de Carvalho e Teresa Martins de Lameiro. Ana ∞ 12.1.1824, Porto Alegre, (2x) **Antônio Lopes Pereira**, *Pedroso (São Pedro), Vila Nova de Gaia, Porto, PT, f.º de José Lopes Pereira e Ana Pereira. Houve do 1º casamento:

N.1 **José** *2.1808, Porto Alegre, onde †14.10.1808.
N.2 **José** *10.12.1808, Porto Alegre e † antes de 1809.
N.3 **José** *25.12.1809, Porto Alegre, onde †30.1.1816.
N.4 **João Rodrigues Fagundes** *2.2.1811, Porto Alegre, onde †21.4.1883, ∞ **Maria Emília de Alcântara Machado**.
N.5 **Joaquim Rodrigues Fagundes** *21.1.1813, Porto Alegre.
N.6 **Jônia Angélica Fagundes** *9.4.1814, Porto Alegre, onde †19.7.1882. Em Osório ∞ 3.3.1830 (1x) **Joaquim Ferreira Prestes** e, ∞ (2x) **Francisco José do Nascimento**. C/d em Porto Alegre.

F.5 **Joaquina Maria Fagundes** *13.6.1782, Porto Alegre, onde a 28.11.1795, ∞ **Manuel José Flores** (v. Francisco José Flores, F.5).

ANTÔNIO FRANCISCO RAMALHO DE MEDEIROS *Ilha de São Miguel e †21.6.1813, Povo Novo, Rio Grande, com cerca de 112 anos (sic). Casou na Ilha de São Miguel ∞ **LEONOR TAVARES DE MEDEIROS**, dona, ali * e †9.5.1806, com cerca de 60 anos, em Povo Novo, Rio Grande. Pais de oito filhos, mas ao menos um passou por Porto Alegre:

F.1 **Teresa Jacinta de Medeiros**, dona, *Ilha de São Miguel, ∞ 31.5.1788, Rio Grande, **Carlos José de Barros**, *Colônia, Uruguai, f.º do capitão José de Barros Coelho, de Viana do Castelo, PT, e d. Matilde Lopes Correia, da Colônia, Uruguai. Pais de:
N.1 **Matilde** *14.9.1789, Rio Grande.
N.2 **Carlota** *18.9.1794, Porto Alegre.

ANTÔNIO GARCIA (I) *1764, Ilha do Faial e †25.7.1794, Porto Alegre, marinheiro, sem testamento, por ser muito pobre, ∞ **EUGÊNIA MARIA DE JESUS**.

ANTÔNIO GARCIA (II) *1789, Feteira, Ilha do Faial e †31.3.1819, Porto Alegre, com 30 anos, solteiro, f.º de Antônio Gonçalves e Ana da Conceição.

ANTÔNIO GARCIA DO AMARAL *Horta (Conceição), Ilha do Faial e †16.8.1792, Porto Alegre, com testamento, f.º de Antônio Garcia do Amaral e Rosa Maria Margarida, ∞ **ÁGUEDA ROSA**. Sem filhos.

ANTÔNIO GARCIA DOS SANTOS *13.6.1735, Horta (Conceição), Ilha do Faial e †31.5.1814, Porto Alegre, f.º de Pedro Garcia e Teresa Dutra, ambos de Pedro Miguel, Ilha do Faial. Em 4.7.1755, Enseada do Brito, Palhoça/SC, ∞ (1x) **FRANCISCA INÁCIA DE JESUS**, *Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †1.6.1792, Porto Alegre, f.ª de Manuel Alves (Belo) do Nascimento e Teresa Nunes, ambos da Ribeira Seca (citados em Alexandre da Costa Luís, F.7). Antônio ∞ 1.9.1794, Porto Alegre, (2x) **RITA SOARES DE JESUS**, viúva de Antônio José Machado. Houve do 1º casamento:

F.1 **Quitéria Maria de Jesus** *Enseada do Brito, Palhoça/SC. A 27.7.1781, Porto Alegre, ∞ **Alexandre José Dias** (v. Manuel Dias Ferreira, N.1).
F.2 **Catarina Inácia de Jesus** *29.8.1766, Florianópolis/SC. A 9.6.1787, Viamão, ∞ **José Martins Sebastião** ou **José Martins Rabelo**, ali b. 7.11.1767 e †28.5.1832, Porto Alegre, f.º de Francisco Martins Sebastião, de Lagoaça, Termo de Mogadouro, Ponte de Moncorvo, Braga, PT, e Maria Josefa, da Vila de São Sebastião, Ilha Terceira. Pais de:

N.1 **Cesária Maria da Conceição** ou **Cesária Inácia de Jesus** *4.7.1793, Porto Alegre, onde a 17.4.1810 ∞ **João Pereira Nunes** (v. Antônio Pereira Nunes, N.8).

N.2 **Constâncio Martins Rabelo** *21.4.1795, Porto Alegre, onde a 1.9.1815 ∞ **Maria Joaquina da Conceição** (v. José Pereira Garcia, F.9). Pais de:

Bn.1 **Januário** *23.8.1816, Porto Alegre.
Bn.2 **Silvéria** *1.7.1818, Viamão.
Bn.3 **Constância** *26.12.1819, Porto Alegre, onde †10.11.1820.
Bn.4 **Isabel** *3.5.1822, Porto Alegre.
Bn.5 **Cesária Maria da Conceição** *Porto Alegre, ∞ **João Antônio de Oliveira**, *Gravataí.

N.3 **Rita Inácia de Jesus** *11.11.1796, Gravataí. A 23.2.1813, Porto Alegre, ∞ **Demétrio de São Romão**, f.º de Manuel de São Romão, do bispado de Astorga, Espanha, e Maria Joaquina de Jesus, de Viamão. Pais de:

Bn.6 **Maria** *2.1.1816, Porto Alegre.

N.4 **Maria Josefa do Nascimento** *17.12.1800, Porto Alegre, onde a 22.12.1824 ∞ **José de Ávila Machado** ou **José de Ávila Pinheiro** ou **José Machado de Ávila** (v. Antônio Machado de Ávila, Bn.18).

N.5 **Silvestre** *2.1803, Porto Alegre.

N.6 **Eleutério** *24.12.1804, Porto Alegre.

N.7 **Justino** *22.10.1806, Porto Alegre.

N.8 **Ana Joaquina de Jesus** *19.1.1809, Porto Alegre, onde a 17.5.1823 ∞ **Luís Antônio de Ávila** (v. Antônio Machado de Ávila, Bn.23).

F.3 **Mariana Antônia** *Florianópolis/SC e †16.7.1842, Porto Alegre, ∞ **Manuel Antônio Dias** (v. Manuel Dias Ferreira, N.2).
F.4 **Genoveva Maria de Jesus** *pv. 1769, Imbituba/SC. A 14.1.1794, Porto Alegre, ∞ **José Joaquim da Silveira** (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, Bn.5).
F.5 **Maria Antônia dos Santos** ou **Maria Antônia Garcia** b. 14.11.1770, Viamão e †3.6.1804, Porto Alegre, ∞ **José Francisco da Silva**, b. 20.8.1764, Viamão, f.º de Domingos Martins Pereira, do Porto, PT e Ana Francisca da Silva, do Rio de Janeiro/RJ. Pais de:

N.9 **Francisca** 20.12.1791, Porto Alegre.

N.10 **Claudina Maria de Jesus** Porto Alegre, ∞ **José Inácio da Rosa**, *Viamão, f.º de José Inácio da Rosa e Rosa Maria, ambos de Viamão. Pais de:

Bn.7 **Inácio** *9.8.1809, Porto Alegre.

N.11 **Antero** *17.2.1795, Porto Alegre.

N.12 **Francisca** *30.1.1796, Porto Alegre.

N.13 **Ismael** *4.4.1799, Porto Alegre.

N.14 **João Francisco da Silva** *1.10.1800, Porto Alegre, ∞ 29.1.1825, Santo Amaro do Sul, **Teresa Maria Mazuí**, *23.11.1805, Santo Amaro do Sul, f.ª de Santiago Mazuhy (Masui), de Liége, Bélgica, e Maria Francisca Rosa da Silva, de Triunfo.

N.15 **Inácio** *25.5.1804, Porto Alegre.
F.6 **José** *8.10.1772, Viamão e † antes de sua mãe.
F.7 **Leocádia Maria da Conceição** *20.10.1774, Viamão. A 9.11.1793, Porto Alegre, ∞ **Antônio Dias dos Santos** (v. Manuel Dias Ferreira, N.5).
F.8 **Manuel** *22.9.1777, Viamão e †23.3.1792, Porto Alegre.
F.9 **Joana Maria dos Santos** *10.8.1779, Viamão. A 19.1.1795, Porto Alegre, ∞ **Manuel João Pinto da Mota**, ali *11.9.1772, f.º de Manuel João Pinto, de Porto, PT, e Laureana Rosa de Jesus, de SC. Pais de:
N.16 **Hermenegildo** *16.10.1796, Porto Alegre.
N.17 **Tomásia** *12.01.1799, Porto Alegre.
N.18 **Cândido** *17.7.1801, Viamão.
N.19 **Ana Maria de Jesus** *10.11.1804, Porto Alegre, onde a 21.11.1825, ∞ **João Antônio Machado** (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, Bn.11).
N.20 **Maria** *15.3.1806, Porto Alegre, onde †15.8.1810.
N.21 **Agostinho** *4.1.1808, Porto Alegre.
N.22 **Cândido** *21.1.1810, Porto Alegre.
N.23 **Leocádia** *14.12.1811, Porto Alegre.
N.24 **Joaquim** *1.10.1814, Porto Alegre.
F.10 **Inácio Antônio dos Santos** *18.5.1781, Viamão, ∞ 26.1.1799, Porto Alegre, **Joana Margarida de Jesus** (v. João Francisco Pereira, N.7).
F.11 **Ana** *18.6.1783, Viamão e †7.8.1798, Porto Alegre.

ANTÔNIO INÁCIO GONÇALVES *17.12.1776, Horta (Conceição), Ilha do Faial, f.º de José Inácio Basílio ou Brasil, da Horta, Ilha do Faial, e Clara Tomásia, da Madalena, Ilha do Pico, ∞ **TOMÁSIA LUÍSA**, *10.11.1781, Horta (Conceição), Ilha do Faial, f.ª de Sebastião Inácio, da Horta, Ilha do Faial, e Maria de São José, de Bandeiras, Ilha do Pico. Pais de:

F.1 **José** *5.12.1797, Horta (Conceição), Ilha do Faial.
F.2 **Maria** *6.1.1800, Horta (Conceição), Ilha do Faial.
F.3 **Ana** *1.4.1801, Horta (Conceição), Ilha do Faial, onde †15.4.1801.
F.4 **Maria** *3.10.1810, Porto Alegre.
F.5 **Antônio** *29.10.1813, Porto Alegre, onde †13.11.1813.

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA FLORES *1755, Ilha das Flores e †24.5.1833, Porto Alegre, f.º do alferes Sebastião Pereira da Silveira e Catariana Inácia, ambos da Ilha das Flores, ∞ **FRANCISCA JOAQUINA GERALDINA**, *3.5.1769, Horta (Conceição), Ilha do Faial e †9.9.1812, Porto Alegre, f.ª de Manuel Pereira da Terra ou Manuel Pereira Galinha e Maria Jacinta, ambos da Ilha do Faial, citados em João Inácio da Costa. Pais de:

F.1 **João José da Silva Flores** *pv. 1790-1794, Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita). A 20.7.1814, Porto Alegre, ∞ **Josefa Maria de Azevedo**, ali *4.10.1791, f.ª do Cap. José Borges Pinto

de Azevedo, de Barqueiros, Porto, PT, e Inocência Josefa de Souza, da Colônia, Uruguai. Pais de:

N.1 **Emília Matildes da Silva** *27.8.1815, Porto Alegre, onde a 5.1.1834, ∞ **João Gomes Cardia**, *Foz do Douro, Porto, PT, f.º de Manuel Gomes Cardia e Gertrudes Maria de Souza.

N.2 **Martiniana** *4.4.1817, Porto Alegre, onde †13.9.1822, *de febre nervosa*.

N.3 **Francisca Joaquina da Silva Flores** *26.7.1820, Porto Alegre, onde ∞ 7.2.1835 **Francisco Rodrigues da Silva**, *São Julião, Coimbra, PT, f.º de Roque Rodrigues da Silva e Mariana Amaral.

N.4 **Manuel** *1.1821, Porto Alegre, onde †10.6.1821.

F.2 **Brígida Delfina Generosa Flores** *pv. 1795, Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita), ∞ 26.4.1813, Porto Alegre, **Manuel José Fróis da Silva**, *Lisboa (Santíssimo Sacramento), Lisboa, PT, f.º de Francisco José Fróes e Sebastiana Maria da Conceição.

F.3 **José** *20.3.1798, Porto Alegre, onde † antes de 1804.

F.4 **Angélica Francisca da Silva** *6.3.1799, Porto Alegre, onde a 21.10.1824, ∞ **José Gonçalves**, *Santo Estêvão de Gedeão, Bispado do Porto, PT, f.º de Gregório Gonçalves e Maria Josefa.

F.5 **Domingos José da Silva Flores** *14.4.1801, Porto Alegre.

F.6 **José** *22.11.1802, Porto Alegre, onde †14.12.1802.

F.7 **José da Silva Flores** *29.7.1804, Porto Alegre, onde †11.1.1851 e a 24.2.1838 ∞ **Laurinda Leopoldina de Almeida Araújo** (v. Inácio Antônio Cardoso, Bn.7). C/d em Porto Alegre.

F.8 **Delfina Cândida da Silva** *27.10.1807, Porto Alegre, onde †10.9.1871 e ali a 3.10.1829, ∞ **Manuel Inácio de Souza Fialho** (v. Antônio Machado de Ávila, Bn.34).

F.9 **Laura** *5.4.1810, Porto Alegre, onde †8.8.1810.

F.10 **Maria** *28.5.1811 Porto Alegre.

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVEIRA *1745, Ilha do Pico e †18.11.1812, Porto Alegre, viúvo, ∞ **CATARINA CLARA DE JESUS**, cujo casal não conseguimos identificar e/ou relacionar com outros.

ANTÔNIO JOSÉ DE CARVALHO *pv. 1732, Madalena, Ilha do Pico e †15.2.1812, com mais de 80 anos em Porto Alegre, ∞ **JOSEFA TERESA DO AMARAL**, *pv. 1752, Ilha do Pico e †14.5.1812, com 60 anos mais ou menos, em Porto Alegre, f.ª de Antônio Garcia do Amaral e Beatriz Garcia do Amaral. Pais de:

F.1 **Francisco Antônio de Carvalho** *pv. 1770, Congonhas/MG. Em 1812 estava casado e ausente.

F.2 **Maria Joaquina de Jesus** *pv. 1771, São João del-Rei/MG, ∞ **Francisco Luís do Couto**.

F.3 **João Garcia da Cruz** *pv. 1772, capela de N. Sra. da Piedade, São João del-Rei/MG. Em 1812 estava ausente.

F.4 **Antônio José** *pv. 1772, Rio Bonito/RJ. Em 1812 estava ausente.

ANTÔNIO JOSÉ DE MATOS *Flamengos, Ilha do Faial e †9.6.1827, Porto Alegre, f.º da José Garcia e Maria dos Santos, ∞ **RITA MARIA DE JESUS**, *1741, Horta (Conceição), Ilha do Faial e †10.9.1821, Porto Alegre, f.ª da Francisco Nunes e Maria Josefa. Pais de:

F.1 **Quitéria** *19.2.1764, Horta (Conceição), Ilha do Faial.
F.2 **Eufrásia Joaquina de Jesus** *23.2.1766, Horta (Conceição), Ilha do Faial. A 19.2.1791, Porto Alegre ∞ **Domingos Martins Sebastião** ou **Domingos Martins Pereira**, *5.9.1772, Viamão e †26.3.1833, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Francisco Martins Sebastião e Maria Josefa. Pais de:

N.1 **Matildes Joaquina de Jesus** *29.1.1792, Viamão. A 28.5.1810, Porto Alegre, ∞ **Joaquim dos Anjos Maciel** (v. Miguel dos Anjos Maciel, F.6).
N.2 **Luciano Martins Pereira** *5.11.1793, Porto Alegre, onde a 5.3.1821 ∞ **Mariana de Lemos Maciel** (v. Miguel dos Anjos Maciel, F.7).
N.3 **José Martins** *25.8.1795, Porto Alegre, onde †6.4.1810.
N.4 **Laureana Joaquina da Conceição** *26.4.1797, Porto Alegre, onde em 1823 ∞ **Demétrio de São Ramão.**
N.5 **Inácio Martins Pereira** *7.4.1799, Porto Alegre, onde a 14.4.1823 ∞ sua prima **Maria Joaquina da Conceição**, abaixo citada.
N.6 **Alexandre Domingos Martins** *10.1.1801, Porto Alegre, onde a 28.11.1829 ∞ (1x) **Bernardina Joaquina da Soledade** (v. Miguel dos Anjos Maciel, F.12). A 2.3.1835, Alexandre ∞ (2x) **Justina Faustina de Souza** (v. Manuel de Souza Barros, Bn.42).
N.7 **Eleutério** *12.1801, Porto Alegre, onde †13.2.1803, com 2 meses.
N.8 **Eleutério** *5.12.1802, Porto Alegre e † antes de seu pai.

F.3 **Quitéria Joaquina** *25.11.1768, Horta (Conceição), Ilha do Faial. A 4.2.1799, Porto Alegre, ∞ **José Pereira de Azevedo** (v. Simão Teixeira, N.7).
F.4 **José da Silva Pereira** *27.2.1771, Horta (Conceição), Ilha do Faial. A 8.10.1794, Porto Alegre, ∞ **Joaquina Maria da Conceição** (v. Francisco Nunes da Costa, N.10). Pais de:

N.9 **Claudina Maria da Conceição** *10.9.1797, Porto Alegre, onde a 11.1.1825 ∞ seu tio **Francisco Antônio de Matos**, abaixo citado (F.8).
N.10 **Maria Joaquina de Jesus** *7.2.1800, Porto Alegre, onde a 21.9.1829 ∞ **Joaquim Nunes da Costa** (v. Francisco Nunes da Costa, N.10).
N.11 **Mariana Joaquina da Silva** *7.8.1801, Porto Alegre, onde †22.7.1828 e ali a 26.11.1825 ∞ seu primo **Desidério Antônio de Azevedo** (v. Simão Teixeira, Bn.10).
N.12 **Florentino** *23.5.1803, Porto Alegre, onde †30.12.1806.
N.13 **Luísa** *5.4.1805, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
N.14 **Francisco** *10.5.1806, Porto Alegre, onde †10.4.1813.
N.15 **Teresa Joaquina de Jesus** *2.4.1809, Porto Alegre.
N.16 **Florentino José de Matos** *6.12.1810, Porto Alegre.
N.17 **Ana Joaquina da Silva** ∞ 30.5.1831, **Aurélio Antônio de Azevedo** (v. Simão Teixeira, Bn.12).
N.18 **Leocádia** *2.4.1813, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
N.19 **Firmiano José da Silva** *29.5.1814, Porto Alegre.
N.20 **Ricarda Joaquina da Conceição** *20.6.1818, Porto Alegre, onde a ∞17.7.1843 ∞ **José Garcia de Araújo**, f.º de Albano José Garcia e Graciana Maria da Conceição.
N.21 **Antônia Joaquina da Silva** *6.9.1821, Porto Alegre, onde a 19.6.1841 ∞ **Antônio Francisco de Souza,** viúvo de Margarida de Jesus.

F.5 **Manuel Antônio de Matos** ou **Manuel Antônio da Silva**, *27.4.1776, Horta (Conceição), Ilha do Faial. A 1.9.1803, Porto Alegre, ∞ **Cipriana Maria do Nascimento** (v. Antônio da Rosa, N.3). Pais de:

N.22 **Maria Joaquina da Conceição** *25.12.1804, Porto Alegre, onde a 14.4.1823 ∞ seu primo **Inácio Martins**, *7.4.1799, Porto Alegre, f.º de Domingos Martins Sebastião ou Domingos Martins Pereira e Eufrásia Joaquina de Jesus.
N.23 **João** *26.2.1806, Porto Alegre.
N.24 **Rita** *25.3.1808, Porto Alegre.
N.25 **Leolinda** *16.1.1810, Porto Alegre.
N.26 **Jerônimo** *26.8.1811, Porto Alegre.
N.27 **Joaquim** *6.3.1813, Porto Alegre.
N.28 **José** *30.7.1814, Porto Alegre.
N.29 **Firmino**, *21.1.1816, Porto Alegre.
N.30 **Porfíria** *2.4.1817, Porto Alegre.
N.31 **Januária** *22.8.1818, Porto Alegre.

F.6 **Inácia Maria da Conceição** *1.10.1778, Horta (Conceição), Ilha do Faial. A 8.5.1800, Porto Alegre, ∞ **Miguel Antônio de Araújo** (v. Antônio da Rosa, F.3).
F.7 **Margarida** *26.2.1781, Horta (Conceição), Ilha do Faial, onde †22.3.1782.
F.8 **Francisco Antônio de Matos** *Horta (Conceição), Ilha do Faial. A 11.1.1825, Porto Alegre, ∞ sua sobrinha **Claudina Maria da Conceição** (acima citada, N.9).

ANTÔNIO JOSÉ DE SOUZA *Ilha de São Jorge e †13.2.1827, no Cerro do Roque, São Jerônimo, f.º de Francisco de Souza e Apolônia de Jesus, ∞ (1x) **MARIA DE ARAÚJO**, *12.8.1758, Rio Grande e †7.3.1797, com 40 anos, em Triunfo, f.ª de Pedro de Araújo Lopes, da Ilha de São Miguel, e Águeda de Nazaré, da Ilha do Pico. Após, Antônio ∞ 1.9.1797, Santo Amaro do Sul, **FELÍCIA MARIA DO NASCIMENTO**, ali *9.7.1773, f.ª de Vicente José da Silva e Maria de São João, com quem teve mais nove filhos. Antônio ∞ 16.2.1814, Encruzilhada do Sul, (3x) **INÁCIA MARIA ANGÉLICA**, *7.9.1782, Rio Pardo, f.ª de Pedro José Lopes e Ana Maria de Jesus, com quem teve mais 3 filhos. Do 1º casamento houve:

F.1 **Tomás** *9.8.1776, Porto Alegre.
F.2 **Ana** *17.2.1778, Porto Alegre.

ANTÔNIO JOSÉ FERREIRA *10.5.1763, Pedro Miguel, Ilha do Faial e †17.6.1845, Porto Alegre, f.º de Antônio José Ferreira e Clara Jacinta. A 23.8.1789, Pedro Miguel, ∞ (1x) **TERESA DA TRINDADE**, *3.4.1763, Pedro Miguel, Ilha do Faial, e †31.7.1835, Porto Alegre, f.ª de Joaquim de Faria e Ana da Trindade. Antônio ∞ (2x) **FELICIANA MARIA DE JESUS**, *1805, Viamão, f.ª de José da Ressurreição e Josefa Inácia da Conceição.
Houve do 1º casamento:

F.1 **Ana Teresa de Jesus** *5.6.1790, Pedro Miguel, Ilha do Faial e †2.4.1866, Taquari. A 1.5.1811, Porto Alegre, ∞ **Antônio Inácio da Costa** (v. João Inácio da Costa, F.5).

F.2 **José Antônio Ferreira** *15.3.1792, Pedro Miguel, Ilha do Faial. Em 1836 estava ausente.
F.3 **Jacinto Antônio Ferreira** *28.2.1794, Pedro Miguel, Ilha do Faial e † antes de 1845 em Buenos Aires, Argentina.
F.4 **Antônio José Ferreira Filho**, tenente, *9.6.1796, Pedro Miguel, Ilha do Faial e †25.4.1864, Porto Alegre. Foi ∞ **Severa Maria Joaquina da Silva**, *14.5.1808, Viamão, f.ª de Henrique Manuel da Silva e Domenciana Maria Joaquina. C/d em Porto Alegre.
F.5 **Manuel Antônio da Silva** *1.1.1799, Pedro Miguel, Ilha do Faial, ∞ **Constância Clara Rodrigues**, *Caçapava do Sul, f.ª de Manuel Rodrigues de Alfama e Ana Joaquina. Manuel e Constância residiam em Caçapava do Sul, onde deixaram descendência.
Houve do 2º casamento:
F.6 **Feliciano** *1.1.1838, Viamão.
F.7 **Manuel** *22.2.1840, Viamão.

ANTÔNIO JOSÉ LOURENÇO *Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, ∞ **RITA QUITÉRIA**, *Vila do Porto, Ilha de Santa Maria. Pais de:

F.1 **José Inácio Lourenço** * Ponta Delgada (Conceição), Ilha de São Miguel ou Vila do Porto, Ilha de Santa Maria e †9.2.1852, Porto Alegre, onde a 12.7.1817 ∞ **Maria Máxima de Carvalho**, *10.4.1796, Porto Alegre e aí †16.3.1862 (v. Antônio Pereira do Couto, N.11). José Inácio Lourenço foi o primeiro Imperador da Irmandade do Divino Espírito Santo quando de sua fundação (1821). Em 1830 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando disse viver de seu negócio. Pais de:

N.1 **Maria** *2.4.1818, Porto Alegre, onde †24.4.1819.
N.2 **Antônio Lourenço de Campos**, tenente, *29.11.1819, Porto Alegre.
N.3 **José** *30.03.1821, Porto Alegre, onde †16.8.1821.
N.4 **Maria José Lourenço** * 29.7.1822, Porto Alegre, onde †26.10.1893 e aí, a 14.11.1840, ∞ **José Joaquim Fernandes Pinheiro Cunha**, *Santos/SP, f.º de José Joaquim da Cunha e Bárbara Emília Adelaide.
N.5 **Tomás Lourenço de Carvalho Campos**, doutor, médico, *22.7.1823, Porto Alegre, onde a 23.12.1865 ∞ **Balbina Palmeiro**, viúva de Bibiano José Carneiro da Fontoura e f.ª de João José Palmeiro e Maria Josefa da Fontoura.
N.6 **José Inácio Lourenço de Campos** *5.9.1824, Porto Alegre, onde †1.11.1869 e aí, a 7.2.1859, ∞ **Angélica Francisca da Silva** (v. Manuel de Souza Bairros, Tn.7).
N.7 **Manuel Lourenço de Carvalho Campos** *26.5.1826, Porto Alegre, onde a 19.12.1855, ∞ **Carlinda Gonçalves de Morais**, *20.6.1836, Porto Alegre, f.ª de Tristão Jeremias de Morais e Felicidade Perpétua da Anunciação.
N.8 **Marciano Lourenço Carvalho Campos** *2.7.1827, Porto Alegre e †29.6.1865, solteiro, sem filhos.
N.9 **Rita** *5.8.1828, Porto Alegre, onde †25.10.1829.
N.10 **João Lourenço de Carvalho Campos** *15.9.1829, Porto Alegre, onde a 25.7.1864, ∞ **Manuela Antônia Pires**, f.ª de Antônio José Pires e Antônia Joana de Menezes, ambos de Porto Alegre.

N.11 **Rita de Cássia Lourenço de Carvalho** *10.2.1831, Porto Alegre, onde a 10.6.1854, ∞ **Joaquim de Almeida Gama Lobo D'Eça,** *SC, f.º de Joaquim de Almeida Coelho e Maria Isabel de Almeida Gama.
N.12 **Maria** *23.12.1833, Porto Alegre, onde †13.8.1834.
N.13 **Maria Quitéria Lourenço de Carvalho** *12.4.1835, Porto Alegre.

F.2 **Agostinho José Lourenço**, guarda-mor da alfândega, *1759, Ilha de Santa Maria e †15.8.1831, Porto Alegre. A 2.9.1811, Porto Alegre, ∞ (1x) **Ana Rosa da Conceição** (v. Manuel Inácio Rodrigues, F.1). Agostinho a 30.4.1817, Porto Alegre, ∞ (2x) Íria Francisca da Silva, *10.4.1778, Viamão, f.ª de Domingos Martins Pereira, do Porto, PT e Ana Francisca da Silva, do Rio de Janeiro/RJ. Agostinho e Ana viveram maritalmente e casaram em 1811, tendo havido filhos antes disso:

N.15 **Agostinho José Lourenço de Campos Júnior** *22.5.1805, Porto Alegre e †1.2.1890 em Júlio de Castilhos, antes Vila Rica, ∞ 20.5.1844, Santa Maria, **Flaubiana Pereira Carpes**.
N.16 **José Lourenço da Silva** *8.8.1807, Porto Alegre, onde † antes de 1815.
N.17 **Lourenço** *15.3.1811, Porto Alegre, onde †29.12.1812.
N.18 **Lourenço** *9.7.1814, Porto Alegre, onde † antes de 1815.
N.19 **Antônio José Lourenço** *9.7.1814, Porto Alegre, onde a 4.8.1838 ∞ **Joaquina Lourença da Silva**, *18.10.1814, Porto Alegre, f.ª de Joaquim Francisco da Silva, de Viamão, e Ana Rodrigues, de Rio Pardo. Antônio em 1838 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando disse ser empregado público.
N.14 **Joaquim José Lourenço** ∞ 5.9.1832, Porto Alegre, **Antônia Josefa dos Santos**, f.ª de Laureano José de Oliveira, de São Paulo, e Laura Damásia dos Santos, de Viamão. Joaquim em 1838 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando disse ser empregado público.
N.15 **João Lourenço** *Porto Alegre.

ANTÔNIO JOSÉ PEREIRA (I) *31.5.1739, São Mateus, Ilha Graciosa e † antes de sua esposa, f.º de Manuel Machado Novais e Maria de Quadros, ∞ **MARIANA VITÓRIA DE MIRANDA**, b. 12.8.1752, Florianópolis/SC (Desterro), onde †16.8.1814, f.ª do capitão Antônio de Miranda Jordão, de Lisboa/PT, e Francisca das Chagas, de Santos/SP. Pais de:

F.1 **Luís** *25.8.1775, Porto Alegre.

ANTÔNIO JOSÉ PEREIRA (II) *1767, Ilha de São Jorge e †8.12.1817, Porto Alegre, com 50 anos. No registro de óbito não há indicação de seu estado civil e/ou de outro elemento que permitisse relacioná-lo a eventuais filhos ou parentes.

ANTÔNIO JOSÉ PEREIRA DO COUTO *1767, Ilha de São Miguel e †25.11.1787, Porto Alegre, solteiro.

ANTÔNIO JOSÉ VIEIRA *22.8.1767, Horta (Conceição), Ilha do Faial, f.º de Manuel José Vieira e Catarina de São José. No Faial ∞ **FELÍCIA LUÍSA DE JESUS** ou **FELÍCIA NARCISA DE JESUS**, *Horta (Conceição), Ilha do Faial, f.ª de Antônio José de Andrade e Ana Felícia. Felícia em 1817 ∞ (2x) Joaquim Francisco Ramos (v. este nome). Antônio, em 7.1809, estava na Bahia com sua família e pediu autorização ao Governo para passar ao Rio Grande do Sul, o que foi acolhido. Estava com sua esposa e três filhos, Vitorino, Jerônimo José e Manuel José e duas filhas de nomes Luísa do Nascimento e Maria, além de uma escrava de nome Maria, de nação mina (AHRS, Requerimentos). Antônio e Felícia foram pais de:

F.1 **Luísa do Nascimento** *19.12.1790, Horta (Conceição), Ilha do Faial, ∞ **José Rodrigues da Silva** (v. este nome).
F.2 **Vitorino José Vieira** ou **Vitorino José Dias** *25.5.1792, Horta (Conceição), Ilha do Faial. A 7.1.1814, Porto Alegre, ∞ **Isabel Joaquina da Silva** ou **Isabel Maria**, *26.3.1798, Porto Alegre (v. João da Cunha Pereira, N.8). Vitorino ∞ 11.6.1826, Porto Alegre (2x), **Maria da Anunciação**, *Curitiba/PR, f.ª de José Rodrigues do Couto e Maria Teixeira de Andrade. Houve do 1º casamento:
N.1 **José** *5.8.1815, Porto Alegre.
N.2 **Vitorino** *1.2.1817, Porto Alegre.
N.3 **Genésia** *21.9.1818, Porto Alegre.
N.4 **Antônio** *15.4.1820, Triunfo.
N.5 **Isabel** *20.10.1821, Triunfo.
F.3 **José** *4.4.1795, Horta (Conceição), Ilha do Faial.
F.4 **Maria**
F.5 **Jerônimo José**

ANTÔNIO MACHADO *Ilha Terceira, ∞ **MARIA ISABEL**, índia. Pais de:

F.1 **Antônio** *18.5.1813, Porto Alegre.

ANTÔNIO MACHADO DE AGUIAR *Ribeirinha, Ilha Terceira e † antes de 1785, f.º de Antônio de Aguiar e Maria Cardoso. Antônio ∞ 6.2.1745, Ribeirinha, **MARIA LEONARDA**, ali * e † antes de 1785, f.ª de Matias da Rocha e Ágada Evangelho. Antônio e Maria imigraram para Florianópolis/SC e foram pais ao menos de dez filhos, sendo que, no mínimo, três migraram para Porto Alegre. Pais de:

F.1 **Antônio Joaquim de Aguiar** *22.9.1745, Ribeirinha, Ilha Terceira, ∞ 25.4.1774, Porto Alegre, **Vicência Maria Henriques**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de José Manuel Henriques, do Rio de Janeiro/RJ, e Catarina Mariana, da Ilha Terceira.
F.2 **Manuel Machado de Aguiar** *Florianópolis/SC (Santo Antônio de Lisboa) e † Rio Pardo, ∞ 16.12.1773, Porto Alegre, **Joaquina Maria Guerreiro**, b. 13.6.1757, Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de Antônio Guerreiro de Alpoim e Rita Leonarda da Silveira.
F.3 **Joaquina Rosa do Nascimento** ∞ 6.8.1785, Gravataí (1x) **Florêncio dos Santos Barbosa**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.º de José dos Santos Barbosa e Eugênia de Figueire-

do Maciel. Joaquina ∞ 14.11.1796, Gravataí (2x) **João Rodrigues da Silva**, *Triunfo, f.º de Manuel da Silva Ramos e Gertrudes Maria de Jesus. Pais de:

N.1 **Luís** *9.4.1800, Porto Alegre.

N.2 **Francisco** *23.12.1801, Porto Alegre.

N.3 **Manuel** *16.6.1805, Gravataí.

ANTÔNIO MACHADO DE AZEVEDO *4.7.1744, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †14.12.1812, Cachoeira do Sul, em consequência de uma queda de cavalo, f.º de Manuel Machado de Azevedo e Maria da Assunção. Antônio ∞ 24.7.1762, Topo, Ilha de São Jorge, (1x) **MARIA DE SÃO PEDRO**, *Topo, Ilha de São Jorge, f.ª do alferes Antão Silveira Machado e Maria de Souza. Antônio ∞ (2x) **JOSEFA MARIA DO NASCIMENTO**, *parda* liberta, escrava que foi de Teresa Francisca de Jesus, viúva de Inácio da Costa. *Houve do 1º casamento*:

F.1 **Francisco Machado de Azevedo** *Topo, Ilha de São Jorge, ∞ 1.12.1787, Porto Alegre, **Maria Antônia da Anunciação**, *Rio Pardo, ora dada como f.ª de Antônio Pimenta de Sampaio, de PT, ora como de Antônio de Azevedo Machado e Antônia da Anunciação, de Rio Pardo. Pais de:

N.1 **Ana Maria da Anunciação** *2.11.1788, Porto Alegre, ∞ 1814, Cachoeira do Sul, **José Antônio de Oliveira**.

N.2 **Ricardo José Machado** *4.8.1790, Porto Alegre, e †29.6.1845, São Borja, ∞ **Margarida Constância da Silva Moraes**. C/d em Cachoeira do Sul, Santo Ângelo, São Miguel das Missões e São Luiz Gonzaga.

N.3 **Felicidade Maria da Anunciação** ou **Felicidade Maria do Rosário** (e às vezes Feliciana Machado) *20.7.1792, Santo Amaro do Sul e †19.7.1851, Cachoeira do Sul, onde a 11.6.1809 ∞ **Antônio Gomes de Escovar**. C/d em Cachoeira, São Borja, Alegrete, Quaraí e São Gabriel.

N.4 **Francisca** *8.3.1794, Santo Amaro do Sul.

N.5 **Jesuína Maria da Anunciação** *28.6.1803, Cachoeira do Sul, onde †1.3.1864 e ali ∞ **Carlos José Torres** ou **Carlos Vicente Torres**.

N.6 **Serafim Machado de Azevedo** b. 28.9.1811, Cachoeira do Sul, onde ∞ **Lucrécia Maria da Silva**.

F.2 **Tomé Machado de Azevedo** *Topo, Ilha de São Jorge, ∞ 5.6.1787, Porto Alegre, **Rosa Inácia de Jesus** ou **Rosa Maria de Jesus**, *Vila da Praia, Ilha Terceira, f.ª de Manuel Vieira e Rosa do Espírito Santo. Pais de:

N.7 **José Machado de Azevedo** *12.5.1788, Porto Alegre, ∞ 15.6.1813, Rio Pardo, **Francisca Inês de Jesus**, ali *4.6.1797, f.ª de Gregório da Silveira e Ana Inês Francisca. C/d em Santo Amaro do Sul.

N.8 **Emerenciana Rosa de Jesus** *3.12.1791, Santo Amaro do Sul. A 19.11.1809, Triunfo, ∞ **Severino José da Silva**, *Florianópolis/SC, f.º de João Vieira da Silva e Leonarda Rosa da Encarnação. C/d em Taquari e Santo Amaro do Sul.

N.9 **Maria Joaquina** *1.7.1793, Santo Amaro do Sul, ∞ **José Vieira da Silva**, *Florianópolis/SC (Santo Antônio de Lisboa), f.º de João Vieira da Silva e Leonarda Rosa da Encarnação. C/d em Taquari.

F.3 **Maria Inácia do Coração de Jesus** *Triunfo, ∞ 27.5.1790, Taquari, **Tomás da Rosa Garcia**, b. 21.4.1765, Triunfo, f.º de Francisco da Rosa Silveira e Maria Rosa Garcia, ambos de Cedros, Ilha do Faial.

ANTÔNIO MACHADO NETO *1720, Cabo da Praia, Ilha Terceira, e †12.11.1790, Porto Alegre, f.º de Francisco Ferreira Neto e Catarina Nunes, ∞ 13.10.1732, Vila da Praia, **MARIA ANTÔNIA**, *Vila da Praia e †19.10.1795, com 90 anos, Porto Alegre, f.ª de Antônio Gonçalves Franco e Inês ou Maria Vieira. Antônio e Maria são tidos como casal de El-Rei. Pais de:

F.1 **Umbelina Jacinta Rosa** ou **Belina Jacinta Rosa** *Cabo da Praia, Ilha Terceira, ∞ **Francisco Furtado**, *Horta (Angústias), Ilha do Faial e †18.3.1792, com mais de 60 anos, Porto Alegre, f.º de Francisco da Silveira e Ana Duarte. Pais de:

N.1 **Francisca da Conceição** ou **Francisca Rosa Joaquina** *28.2.1754, Rio Grande e †19.12.1822, Porto Alegre, ∞ (1x) **Francisco Cardoso** (v. Bartolomeu Cardoso, F.1). Francisca a 7.2.1785, Porto Alegre, ∞ (2x) **Aurélio José de Souza** (v. Manuel de Souza Barros, F.7).

N.2 **Joaquim** *14.4.1756, Rio Grande, onde †23.1.1760.

N.3 **José Francisco Furtado** *Porto Alegre e b. 28.11.1763, Viamão e †6.9.1790, Porto Alegre, solteiro.

N.4 **Francisco** b. 15.4.1766, Viamão.

N.5 **Josefa** b. 21.5.1769, Viamão.

N.6 **Josefa Joaquina da Conceição** *Porto Alegre e b. 3.6.1771, Viamão, ∞ 19.10.1789, Porto Alegre, **José Álvares Pereira**, *Rio de Janeiro/RJ, f.º de Francisco Quintino e Teresa Maria de Jesus. Pais de:

Bn.1 **Porcina Joaquina de Jesus** *25.8.1791, Porto Alegre, onde ∞ 10.1.1808 **Joaquim Quirino dos Santos**, *Porto Alegre, f.º de Antônio José de Souza e Vicência Maria de Jesus. Pais de:

Tn.1 **Aldina Maria de Jesus** *30.11.1808, Porto Alegre, ∞ 1828, Osório, **José Bernardo da Rocha**.

Tn.2 **Joaquim** *17.9.1810, Porto Alegre.

Tn.3 **Maria** *30.8.1811, Porto Alegre.

Tn.4 **Faustina** *28.2.1813, Porto Alegre.

Bn.2 **José** *13.4.1794, Porto Alegre, onde †8.3.1795.

Bn.3 **José** *17.7.1797, Porto Alegre.

Bn.4 **Joaquim** *7.9.1799, Porto Alegre.

Bn.5 **Ana** *6.12.1803, Porto Alegre.

Bn.6 **Antônio Álvares Pereira** *12.2.1807, Porto Alegre, ∞ 1828, Osório, **Maria Inácia de Jesus**.

F.2 **Francisco Vieira Neto** *5.8.1735, Cabo da Praia, Ilha Terceira e †4.1764, Viamão, ∞ 7.12.1761, Rio Grande, **Antônia Maria do Livramento**, b. 8.12.1745, Rio Grande e †27.8.1764, Viamão, f.ª de João Gomes de Oliveira e Apolônia da Silva. Pais de:

N.7 **Francisca** *6.10.1762, Rio Grande.

F.3 **Antônia Maria** *11.9.1738, Cabo da Praia, Ilha Terceira, e †18.8.1773, Porto Alegre, ∞ **Manuel Jacinto da Luz Pereira** (v. este nome).
F.4 **José** *19.3.1741, Cabo da Praia, Ilha Terceira.
F.5 **Jacinta Rosa de Jesus** *4.1.1744, Cabo da Praia, Ilha Terceira e †9.4.1781, Porto Alegre, onde a 17.4.1780 ∞ **Joaquim de Souza Rego**, *Rio de Janeiro/RJ (São Gonçalo), exposto na casa de Antônio de Souza Rego
F.6 **João Rodrigues de Azevedo** ou **João Rodrigues Machado** ou, ainda, **João Machado Neto** *26.3.1746, Cabo da Praia, Ilha Terceira e †22.2.1838, Porto Alegre, ∞ 1770/1771, Viamão, (1x) **Maria Antônia Soares**, *26.11.1754, Rio Grande e †2.5.1812, Porto Alegre, f.ª de Antônio Rodrigues Ferreira, de Braga (São Vitor), Braga, PT, e Ana Soares Henriques, da Colônia, Uruguai. João ∞ 5.7.1812, Porto Alegre, (2x) **Luzia Ferreira**, *São Francisco do Sul/SC, f.ª de Joaquim Ferreira, de São Francisco do Sul/SC, e Isabel Maria de Godoy, de Curitiba/PR.
Houve do 1º casamento:
N.8 **Joaquim José Rodrigues** (Joaquim José Machado no batismo da B.12) *23.3.1772, Viamão e †20.12.1833, Porto Alegre, onde ∞ 11.12.1790 **Mariana Rosa de Jesus** (v. José Rodrigues Patrício, F.1). Pais de:
Bn.7 **Rufina** b. 4.2.1792, Porto Alegre e não mencionada no inventário paterno.
Bn.8 **João Rodrigues de Azevedo** *19.6.1794, Porto Alegre, com inventário autuado em 1844 em Porto Alegre, onde a 26.6.1815 ∞ sua prima **Luísa Maria de Jesus** (abaixo citados, B.24). Pais de:
Tn.5 **Felicidade** *5.6.1817, Porto Alegre, onde †14.6.1818.
Tn.6 **Antônio Rodrigues de Azevedo** *16.10.1818, Porto Alegre, onde a 31.5.1835 ∞ **Euflávia Domilita de Lima**, *Porto Alegre, f.ª de Bento Soares Lima e Felizarda Maria de Jesus (v. Manuel Cardoso de Oliveira, N.23).
Tn.7 **Manuel Rodrigues de Azevedo** *5.3.1820, Porto Alegre, ∞ **Luísa Jerônima Rodrigues**.
Bn.9 **Josefa** *15.3.1796, Porto Alegre e não mencionada no inventário paterno.
Bn.10 **Florisbina** *11.9.1797, Porto Alegre, onde †30.12.1798.
Bn.11 **Francisca** *4.7.1799, Porto Alegre e não mencionada no inventário paterno.
Bn.12 **Rosa** *1.4.1801, Porto Alegre e não mencionada no inventário paterno.
N.9 **Ana** *30.6.1774, Porto Alegre.
N.10 **Rosa Maria de Jesus** *Taquari, ∞ 17.10.1795, Porto Alegre, **Joaquim José Inácio** (v. Manuel Dias Ferreira, N.9).
N.11 **Jerônimo Rodrigues de Azevedo** b. 20.4.1777, Taquari, e †2.9.1838, Porto Alegre ∞ (1x) **Prudência Maria de Jesus**, ali *, f.ª de André Machado Álvares ou André do Couto Machado, de Biscoitos, Ilha Terceira, e de Ana Maria de São Francisco, do Rio de Janeiro (v. Caetano Garcia Tavares, F.2). Jerônimo ∞ 11.12.1808, Porto Alegre, (2x) **Clemência Angélica de Jesus** (v. Antônio Pereira Nunes, N.7).
Houve do 1º casamento:
Bn.13 **Prudêncio** *28.4.1808, Porto Alegre.
Houve do 2º casamento:
Bn.14 **Jacinto** *20.5.1810, Porto Alegre, onde †29.5.1810.

Bn.15 **Adão** *14.4.1812, Porto Alegre.
Bn.16 **Joana** *25.9.1813, Porto Alegre, onde †2.10.1813.
Bn.17 **Firmino** *11.9.1814, Porto Alegre, onde †8.12.1816.
Bn.18 **João** *17.1.1817, Porto Alegre.
Bn.19 **Leocádia Jerônima de Azevedo** *2.2.1818, Porto Alegre, onde a 13.2.1832 ∞ **José Estevão de Araújo**.
Bn.20 **Luísa** *24.6.1819, Porto Alegre.
Bn.21 **José** *26.7.1821, Porto Alegre.

N.12 **Joana Maria de Jesus** *2.5.1782, Taquari, ∞ 7.1.1798, Porto Alegre, **José Esteves de Araújo**, *Ganfei (São Salvador), Valença, Viana do Castelo, PT e † 2.9.1836, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de João Esteves e Isabel de Araújo. Pais de:

Bn.22 **José Esteves de Araújo** *31.10.1798, Porto Alegre, ∞ 10.5.1823, Triunfo, **Cândida Soares de Lima**, *Viamão, f.ª de Bento Soares Lima e Felizarda Maria de Jesus.
Bn.23 **Claudiano José Esteves** *17.7.1800, Porto Alegre, onde a 26.9.1822 ∞ **Joaquina Inácia da Conceição** (v. José de Oliveira, Bn.23).
Bn.24 **Luísa Maria de Jesus** *11.8.1802, Porto Alegre, onde a 26.6.1815 ∞ (1x) seu primo **João Rodrigues de Azevedo** (acima citados, B.8). Luísa ∞ (2x) **Antônio Teixeira de Campos**.
Bn.25 **Joana Maria de Jesus** *15.6.1805, Porto Alegre, onde a 10.5.1830 ∞ **Graciano José Ribeiro**, *1.8.1807, Santo Amaro do Sul, f.º de Antônio José Ribeiro e Ludovina Maria de Jesus.
Bn.26 **Felicidade Maria da Conceição** *26.6.1807, Porto Alegre, onde a 1.12.1832 ∞ **José da Silva Santos**, *Porto, PT, f.º de João da Silva Santos e Rosa Maria da Silva.
Bn.27 **Antônio Esteves de Araújo** *Porto Alegre, onde a 21.3.1830 ∞ **Claudina Maria do Nascimento**, *Encruzilhada do Sul, f.ª de Manuel Francisco Moreira e Eufrásia Maria de Jesus.
Bn.28 **Bernardino** ou **Bernardo José Esteves** *6.12.1811, Porto Alegre.
Bn.29 **Manuel** *1.1.1814, Porto Alegre, onde †22.7.1815.
Bn.30 **João José Esteves** *11.6.1816, Porto Alegre.
Bn.31 **Manuel José Esteves** *1.10.1818, Porto Alegre.
Bn.32 **Joaquim José Esteves** *5.2.1822, Porto Alegre.

N.13 **Manuel Rodrigues de Azevedo** *13.7.1785, Porto Alegre, onde a 1.5.1802 ∞ **Helena Maria de Jesus** (v. Manuel de Mendonça Pereira, N.10). Pais de:

Bn.33 **Joaquim Rodrigues de Azevedo Machado** *8.12.1803, Porto Alegre, onde a 3.7.1854 ∞ sua sobrinha **Francisca Engrácia de Azevedo**, *Porto Alegre, f.ª de Antônio Rodrigues de Azevedo Machado e Engrácia.
Bn.34 **Manuel** *20.3.1805, Porto Alegre.
Bn.35 **José** *17.7.1806, Porto Alegre.
Bn.36 **Antônio Rodrigues de Azevedo Machado** *16.11.1808, Porto Alegre, onde †2.8.1852 e ali, a 26.7.1830, ∞ **Engrácia Cândida do Nascimento** (v. Manuel Teixeira Afonso, N.12).
Bn.37 **Manuel** *3.7.1810, Porto Alegre.
Bn.38 **Ana** *8.2.1813, Porto Alegre, onde †18.2.1813.

Bn.39 **Faustino** *7.11.1814, Porto Alegre, onde †20.12.1817.
Bn.40 **Bibiano** *8.12.1816, Porto Alegre.
Bn.41 **Maria** *20.6.1818, Porto Alegre.
Bn.42 **Maria** *12.2.1821, Porto Alegre.

N.14 **José Rodrigues de Azevedo** *14.5.1787, Porto Alegre e †25.2.1825, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 22.4.1807 ∞ **Vicência Rosa do Sacramento**, *Rio de Janeiro/RJ, f.ª de Antônio Fernandes, de Porto, PT, e Rita Maria do Sacramento, da Ilha do Faial. Pais de:

Bn.43 **Antônio José Rodrigues** *1.5.1808, Porto Alegre, onde a 6.6.1830 ∞ **Matildes Joaquina do Nascimento** (v. José Rodrigues Peixoto, F.3).
Bn.44 **Francisca** *22.10.1810, Porto Alegre, onde †30.5.1812.
Bn.45 **José Rodrigues** *17.3.1813, Porto Alegre.
Bn.46 **Maria** *22.6.1815, Porto Alegre.
Bn.47 **Bernardo** *8.6.1817, Porto Alegre.
Bn.48 **Israel** *21.9.1819, Porto Alegre.
Bn.49 **Rita** *13.8.1821, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.50 **Vitorino Rodrigues**

N.15 **Eva** *11.7.1797, Porto Alegre, onde †10.12.1797.

Houve do 2º casamento:

N.16 **Senhorinha Ferreira** *10.12.1813, Porto Alegre, onde a 19.8.1826 ∞ **Rodrigo Antônio Xavier Prates**, *15.4.1791, Gravataí, f.º de Rodrigo Antônio da Costa Prates e Josefa Maria.
N.17 **Francisco** *12.8.1815, Porto Alegre.
N.18 **Henriqueta** *8.2.1818, Porto Alegre.
N.19 **Leandro** *14.10.1820, Porto Alegre.

F.7 **Antônio** *12.6.1754, Rio Grande, onde †27.12.1762.

F.8 **Jerônimo Francisco da Silva Machado** *14.1.1757, Rio Grande, ∞ 25.8.1779, Rio Pardo, **Rosa Joaquina**, f.ª de José Pereira Garcia e Teresa Maria de Jesus, ambos da Feteira, Ilha do Faial. C/d em Rio Pardo, Parobé, Santo Antônio da Patrulha, Porto Alegre.

ANTÔNIO MACHADO DE SOUZA *4.6.1717, Urzelina, Ilha de São Jorge e †28.5.1787, Taquari, f.º de Manuel Machado de Souza e Maria Vieira Machado, ∞ 18.8.1737, Urzelina, Ilha de São Jorge, **FELIPA DA CONCEIÇÃO** ou **FELIPA DA CUNHA**, b. 1.5.1718, Santo Amaro, Ilha de São Jorge e †20.4.1794, Taquari, f.ª de Antônio de Quadros Santiago ou Antônio de Quadros da Assunção e Ana Luísa da Conceição. Felipa teve um meio-irmão, Manuel Teixeira de Quadros, filho do segundo casamento de seu pai com Maria Cardoso de Siqueira, também imigrado com a esposa, Mariana de Jesus, com três filhos, passando por Rio Grande, Viamão e Santo Amaro do Sul. O casal de Manuel e Mariana era tido também como de El-Rei. Antônio e Felipa foram pais de:

F.1 **Manuel Machado de Souza** *10.8.1746, Urzelina, Ilha de São Jorge, ∞ 3.5.1771, Taquari, **Escolástica Maria do Rosário**, *26.12.1757, Triunfo, f.ª de José Rodrigues e Mariana Luísa, ambos de São Mateus, Ilha Terceira. C/d em Santo Amaro do Sul.

F.2 **José de Souza Valadão** *pv. 1750, Urzelina, Ilha de São Jorge, ∞ 4.4.1760, Triunfo, **Ana Maria Pereira** ou **Ana Maria da Conceição**, *28.10.1739, Norte Grande, Ilha de São Jorge e †3.5.1825, Alegrete, f.ª de Manuel Ferreira Álvares Dias, de Ribeiras, Ilha do Pico e Antônia Pereira, de Norte Grande, Ilha de São Jorge. Antepassados de Tarso Fernando Herz Genro, jurista e político brasileiro, foi Governador do RS.
F.3 **Patrício José Santiago** *Porto Alegre e b. 25.8.1753, Viamão, ∞ 1.11.1773, Taquari, **Teresa de Jesus**, *Florianópolis (Desterro), fª de Antônio Guerreiro de Aboim e Rita Leonarda.
F.4 **Antônio Machado de Souza** *Santo Amaro do Sul e b. 20.10.1757, Triunfo e †30.1.1819, ∞ 11.1.1781, Porto Alegre, **Ana Joaquina de Oliveira** (v. Francisco José Flores, F.3). Pais de:

N.1 **João** *3.12.1781, Porto Alegre, onde †28.7.1782.
N.2 **Isabel Maria de Jesus** b. 5.5.1784, Porto Alegre e †22.9.1842, Capela de Santana, ∞ 26.1.1803, Triunfo, **José Ramos de Oliveira** (v. Antão Coelho, N.5).
N.3 **João Machado Flores** *27.12.1785, Porto Alegre, ∞ 20.9.1808, Triunfo, **Maria Angélica Meireles**, b. 24.4.1785, Triunfo, f.ª de Francisco Gonçalves Meireles e Josefa Maria de Jesus. C/d em Triunfo e Capela de Santana.
N.4 **Custódio José Machado** b. 8.10.1788, Triunfo, ∞ **Florisbela Rosa de Jesus** ou **Florisbela Maria de Jesus**, *Triunfo, f.ª de Manuel Lopes Duarte e Escolástica Rosa de Jesus.
N.5 **Máxima Maria da Trindade** *29.5.1790, Triunfo, ∞ **Antônio Coelho de Oliveira** (v. Antão Coelho, N.10).
N.6 **Leonor Perpétua de Jesus** *2.8.1792, Triunfo, ∞ **Manuel dos Santos Borges**, *Ilha de São Miguel, f.º de Manuel Soares e Rosa Francisca do Livramento. C/d em Capela de Santana.
N.7 **Maria** *19.4.1794, Porto Alegre e † antes de seu pai.
N.8 **José Francisco Flores** *8.2.1797, Porto Alegre, ∞ **Brígida Maria de Jesus**, *Triunfo, f.ª de Tomás Francisco Garcia e Ana Maria de Jesus.
N.9 **Manuel Machado de Souza** ou **Manuel José Machado Flores** *15.10.1800, Porto Alegre e †6.2.1844, Capela de Santana, onde a 10.6.1821 ∞ **Vicência Inácia de Oliveira** (v. Antão Coelho, Bn.13).
N.10 **Bernardina** b. 28.11.1802, Triunfo e †15.4.1809, Capela de Santana.
N.11 **Leocádia Fausta de Oliveira** *1804, Porto Alegre, e †21.8.1836, Capela de Santana, ∞ **João Pires Cerveira** (v. Narciso Pires Cerveira, N.2).
N.12 **Antônio Machado de Souza** *1.2.1808, Capela de Santana, onde ∞ 3.5.1830 **Bernardina Camila da Conceição**, f.ª de Pedro Rodrigues da Rosa e Tomásia Maria Joaquina de Jesus (v. Manuel Silveira Gonçalves, N.31).

F.5 **Ana Maria de Jesus** b. 7.6.1760, Triunfo, ∞ 14.7.1776, Taquari, **Jacinto Rodrigues Jacques** (v. Antônio Rodrigues, F.2).
F.6 **Gabriel Machado de Oliveira** ou **Gabriel de Souza Santiago,** capitão, b. 26.12.1763, Triunfo, ∞ **Maria Rosa de Jesus**, *Castelo Branco, Ilha do Faial, f.ª de Francisco Silveira Luís e Teresa Maria de Jesus. C/d em Rio Pardo, Alegrete, São Gabriel, Porto Alegre e outras cidades.

ANTÔNIO MACHADO DE SOUZA ou **ANTÔNIO MACHADO DE SOUZA NETO** *Topo, Ilha de São Jorge e †2.6.1803, Gravataí, f.º de João Machado Cardoso e Maria Goulart, ∞ **RITA MARIA DO ROSÁRIO** ou **RITA MARIA DE SOUZA**, *Topo, Ilha de São Jorge e †23.3.1810, Gravataí, f.ª de Francisco Pereira e Rosa Silveira. Pais de:

F.1 **José Machado de Souza** *Topo, Ilha de São Jorge, ∞ 9.11.1778, Taquari, **Joana Maria do Rosário**, ali b. 26.7.1760, f.ª de Francisco Dutra da Costa e Águeda Maria de São José, ambos da Praia do Almoxarife, Ilha do Faial. Pais de:

N.1 **Severino** *7.6.1780, Porto Alegre.

N.2 **Ana** *16.3.1782, Porto Alegre.

N.3 **Ana Joaquina de Jesus** *13.11.1783, Porto Alegre, ∞ 27.4.1800, Gravataí, **Francisco Luís da Fonseca**, ali *, f.º de Ângelo da Fonseca Velho e Rosa Maria da Encarnação.

N.4 **Zeferina Antônia de Jesus** *8.10.1785, Porto Alegre e †1.6.1856, ∞ 29.7.1799, Gravataí, **José Ângelo da Fonseca**, b. 30.3.1776, Santo Antônio da Patrulha e †1.2.1844, Gravataí, f.º de Ângelo da Fonseca Velho e Rosa Maria da Encarnação. C/d em Gravataí.

N.5 **Mariana Inácia do Nascimento** b. 25.5.1787, Porto Alegre (b. Gravataí), ∞ 25.7.1805, Gravataí, **Joaquim Francisco Homem**, tenente, *20.2.1778, Viamão, f.º de Manuel Joaquim Homem e Mariana Eufrásia Torres de Quintanilha. C/d em Gravataí.

N.6 **Joaquina** b. 16.11.1788, Gravataí.

N.7 **Felicidade** *6.8.1790, Gravataí.

N.8 **Vitor** *15.6.1795, Gravataí.

F.2 **Ana Maria do Rosário** *9.5.1756, Rio Grande, ∞ 26.11.1772, Porto Alegre, **José Pereira Luís**, *Lajes, Ilha Terceira, f.º de Manuel Pereira Godinho e Ângela de Freitas. Pais de:

N.9 **Francisco** *18.9.1772, Porto Alegre (antes do ∞ dos pais) e † antes de 1778.

N.10 **Inácio José Luís** *25.5.1775, Porto Alegre e † antes de 1815, ∞ 13.2.1791, Taquari, Úrsula Maria Jacinta de Bittencourt, ali *26.3.1773, f.ª de Mateus Teixeira Fagundes, do Topo, Ilha de São Jorge, e Francisca Maria de Bittencourt, de Laguna/SC. C/d em Rio Pardo e São Francisco de Assis.

N.11 **Francisco Pereira Luís** *18.10.1778, Taquari, onde ∞ 1798 **Maurícia Maria da Silva**, *31.1.1782, Taquari, f.ª de Eleutério Nunes da Silva, de Lisboa, PT, e Francisca Maria de São José, de Triunfo. Pais de:

Bn.1 **Manuel**, *9.4.1816, Porto Alegre.

N.12 **Manuel Pereira Luís** *18.10.1778, Taquari e †10.2.1828, Bom Jesus da Cachoeira, Caçapava do Sul, ∞ **Maria Joaquina de Jesus**, b. 13.10.1799, Cachoeira do Sul, f.ª de José Teixeira de Quadros e Maria Joaquina de São José.

N.13 **Laureano Pereira Luís** *3.8.1780, Taquari, ∞ 31.8.1802, Rio Pardo, **Lauriana Maria do Nascimento**, f.ª de José Teixeira de Quadros e Maria Joaquina de São José.

N.14 **Severina Maria de Jesus** *10.11.1781, Taquari, onde ∞ 1798 **Antônio José de Vargas**.

F.3 **Maria Inácia de Jesus** *10.5.1758, Rio Grande, ∞ 29.5.1775, Porto Alegre, **Inácio José Rodrigues**, b. 10.8.1755, Rio Pardo, f.º de José Rodrigues e Maria Luísa, ambos da Ilha Terceira. Pais de:

N.15 **Inácia Joaquina da Conceição** ou **Inácia Rosa de Jesus** *2.10.1775, Porto Alegre, ∞ 20.6.1795, Rio Pardo, **João José Brazeiro**, *São Paulo/SP, Cabo de Dragões, f.º de Antônio José Brazeiro e Ana Francisca de Oliveira. C/d em Rio Pardo.

N.16 **Maria Silvana da Mota** b. 15.4.1779, Rio Pardo e †7.12.1839, Alegrete, ∞ 28.5.1795, Rio Pardo, **João José de Valença**, ali *12/1772, f.º de João de Souza Coelho e Eugênia Maria de Valença.
N.17 **José Inácio Rodrigues** *20.12.1780, Porto Alegre, ∞ 1801, Rio Pardo, **Maria Joaquina**.
N.18 **Teresa Inácia** *20.3.1783, Rio Pardo, onde ∞ 1801, **Joaquim dos Santos**.
N.19 **Máximo** b. 1.6.1785, Rio Pardo.
N.20 **Pedro Rodrigues** b. 26.5.1787, Rio Pardo.
N.21 **Plácido José Rodrigues** *Rio Pardo, ∞ **Rosa Maria**.
N.22 **Antônio** *30.7.1797, Rio Pardo.
N.23 **Tristão** *14.8.1800, Rio Pardo.
N.24 **Servando** *5.9.1802, Rio Pardo.

F.4 **Francisco** *28.5.1760, Rio Grande.
F.5 **Bárbara Clara** *18.2.1762, Rio Grande, ∞ 2.9.1784, Porto Alegre, **Antônio Luís Coelho da Silva**, *Parati/RJ, f.º de Castro Coelho e Maria Rodrigues. C/d em Gravataí e Rio Pardo.
F.6 **Rosa Maria do Rosário** b. 31.12.1763, Viamão, ∞ 8.2.1782, Porto Alegre, (1x) **Plácido José Rodrigues**, b. 26.12.1759, Triunfo, f.º de José Rodrigues e Mariana Lopes. Rosa ∞ 30.9.1801, Rio Pardo, (2x) **Manuel Lopes dos Santos**, b. 14.6.1762, Rio Grande, f.º de João Pereira Guimarães e Marcelina Joana do Nascimento. C/d em Rio Pardo.
F.7 **Manuel** b. 1.12.1765, Santo Amaro do Sul.
F.8 **Francisco** *1.1766 e †25.2.1766, Viamão.
F.9 **Vitória** *1.2.1768, Viamão.
F.10 **Joaquina** *Porto Alegre e b. 27.7.1769, Viamão.
F.11 **Josefa** *2.11.1771, Viamão.

ANTÔNIO MACHADO MOREIRA *Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira, f.º de João Martins e Francisca Tomásia. Em 24.7.1768, Santa Luzia, Ilha Terceira, ∞ **GENOVEVA BERNARDA**, ali *, f.ª de Manuel da Rocha Compasso e Francisca Josefa. Antônio e Genoveva não imigraram possivelmente para o Brasil, mas ao menos dois de seus filhos:

F.1 **Lourenço Machado** *1786, Ilha Terceira e †17.6.1839, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 12.1.1813, ∞ **Maurícia do Nascimento** (v. Narciso José de Medeiros, F.6). Em 1826 Lourenço ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre. Pais de:
N.1 **Floriana Maria da Conceição** *12.1.1814, Porto Alegre, onde a 23.1.1834 ∞ **Cândido José da Rosa** (v. Antônio da Rosa Garcia, N.1).
N.2 **João Machado Moreira**, alferes, *28.7.1816, Porto Alegre, onde a 20.7.1839 ∞ **Maria Delfina da Rosa** (v. Mateus de Oliveira, Bn.33). Em 1847 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando era tenente-coronel.
N.3 **João** *3.5.1819, Porto Alegre, onde †27.8.1819.
N.4 **Lourenço**
N.5 **Maria**

F.2 **Manuel Machado** *Santa Luzia, Ilha Terceira, ∞ 23.11.1822, Porto Alegre, **Antônia Joaquina de Vasconcelos**, *10.5.1802, Porto Alegre, f.ª de Miguel Félix de Vasconcelos e Leocádia Maria da Fonseca.

ANTÔNIO MARQUES TORRES *Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira e † antes de 1810, f.º do cap. Antônio Marques Torres e Joana de São Boaventura, ∞ 14.2.1751, Florianópolis/SC (Desterro), **FRANCISCA DE SANTA RITA**, *21.1.1735, Pedro Miguel, Ilha do Faial, f.ª de Francisco Luís Terra e Francisca Maria de Jesus. Antônio ∞ (2x) **TERESA MARIA JOAQUINA**, *1740, Horta (Conceição), Ilha do Faial e †9.4.1810, Porto Alegre, f.ª de João Nunes e Maria de São José. Houve do 2º casamento:

F.1 **Feliciana** b. 25.12.1762, Florianópolis/SC (Desterro).
F.2 **Ana Marques de Assunção** *Laguna/SC e †11.11.1838, cujo inventário de seus bens foi autuado em Porto Alegre. Em Laguna/SC, a 9.3.1801, ∞ **Henrique da Silva Loureiro**, *1764, Recife/PE e †13.11.1832, f.º de Sebastião da Silva Loureiro, de Ribeira Grande, Ilha de São Miguel, e Rita da Silva de Jesus, de Recife/PE. Pais de:

N.1 **Feliciana Pereira da Silva** *Laguna/SC, ∞ 13.6.1818, Porto Alegre, **Antônio José de Castro Guimarães**, *Cepães, Fafe, Braga, PT, f.º de Luís Antônio da Silva Fraga e Luísa da Fonseca.

N.2 **Henriqueta Marinha de Andrade e Silva** *18.7.1808, Porto Alegre, onde a 14.2.1825 ∞ (1x) **Joaquim Francisco de Oliveira**, *Florianópolis/SC, f.º do sargento-mor Elias Antônio de Oliveira e Mariana Jacinta. Henriqueta ∞ 12.6.1828, Porto Alegre, (2x) o sargento-mor **José Luís de Andrade**, *Santana de Parnaíba/SP, f.º do sargento-mor Antônio Francisco de Andrade e Catarina de Senna e Oliveira.

F.3 **Antônio José Marques** *Laguna/SC, ∞ 28.6.1806, Viamão, **Francisca Maria**, ali *20.1.1786, f.ª de Caetano de Borba e Maria Rodrigues (v. Francisco Machado de Borba, F.7).
F.4 **José** *1770 e †29.5.1777, Viamão.
F.5 **Florêncio José Marques** *21.1.1778, Viamão, ∞ 9.4.1799, Rio Pardo, **Ana Maria de Jesus**, *Sorocaba/SP, f.ª de Manuel Pereira Soares e Rita Maria de Jesus. Pais de:

N.3 **Florêncio** *29.1.1800, Rio Pardo.
N.4 **Joaquim** *7.8.1802, Porto Alegre.
N.5 **Maria** *21.10.1804, Rio Pardo.

ANTÔNIO MARTINS *pv. 1730, Ilha Terceira e †19.7.1810, de uma *fatalidade*, com 60 anos mais ou menos, viúvo, Porto Alegre, f.º de Silvestre Gonçalves Granada e Isabel do Nascimento, ∞ Florianópolis/SC **LUZIA FRANCISCA**, *4.12.1744, Santa Luzia, Ilha Terceira e † antes de 1810, f.º de Antônio Cardoso Delgado e Isabel de São João. Pais de:

F.1 **Gabriel José dos Santos** b. 27.8.1766, Florianópolis/SC (Desterro), ∞ 27.2.1786, Rio Pardo, **Joaquina Rosa de São Pedro**, *Rio Pardo, f.ª de Antônio Jacinto Pereira e Mariana de São José. C/d em Rio Pardo.
F.2 **Flores Estela** b. 18.10.1772, Florianópolis/SC (Desterro).

F.3 **Ana Joaquina** *Florianópolis/SC, ∞ **Antônio de Souza Baptista**, b. 7.3.1757, Florianópolis/SC (Lagoa da Conceição), f.º de João de Souza Baptista e Rita Maria, ambos do Topo, Ilha de São Jorge. Pais de:

N.1 **Bárbara Maria da Conceição** *Encruzilhada do Sul, ∞ 1.10.1810, Porto Alegre, **Manuel Antônio**, *Cachoeira do Sul, f.º de Tomé Cardoso e Gertrudes de Aranda.

N.2 **Faustina de Jesus** *1794, Encruzilhada do Sul, ∞ 25.11.1807, Porto Alegre, **Tomás da Silva**, *Paranaguá/PR, viúvo de Rosa Joaquina, f.º de Manuel Pacheco e Maria Joaquina. Pais de:

Bn.1 **Pedro** *6.5.1808, Porto Alegre.

Bn.2 **Inácia** *27.2.1810, Porto Alegre.

Bn.3 **Leandro** *24.3.1812, Porto Alegre.

Bn.4 **Vitorino** *2.11.1814, Porto Alegre.

N.3 **Evaristo** b. 1799, Encruzilhada do Sul.

N.4 **Jacinto** b. 3.8.1800, Encruzilhada do Sul.

N.5 **Joaquim** b. 10.1.1802, Encruzilhada do Sul.

N.6 **Maximiano** *30.9.1803, Porto Alegre.

N.7 **João** *4.12.1805, Porto Alegre.

N.8 **Maria** *18.6.1807, Porto Alegre.

N.9 **Luís** *18.5.1810, Porto Alegre.

N.10 **Veneranda** *11.2.1813, Porto Alegre.

ANTÔNIO MARTINS DE OLIVEIRA *Ilha de São Miguel, f.º de Antônio Martins e Jacinta Rosa. Teve de mãe incógnita:

F.1 **Jacinta** *2.5.1819, Porto Alegre.

ANTÔNIO MUNIZ LEITE ou **ANTÔNIO MONIZ LEITE** *26.2.1708, Fenais da Ajuda, Ilha de São Miguel e †14.12.1810, Porto Alegre, f.º de Antônio Leite Vieira e Anastácia de Medeiros Muniz, ∞ **FRANCISCA FAGUNDES DE OLIVEIRA**, b. 18.4.1724, Mariana/MG e †18.6.1815, Porto Alegre, f.ª de Sebastião Fagundes Varela e Clara dos Anjos, ambos do Rio de Janeiro/RJ. Antônio e Francisca residiam em Marapicu, bairro de Nova Iguaçu/RJ até o ano de 1750, quando passaram a Rio Grande e ali permaneceram até 1763, quando da invasão espanhola. Nessa época, se refugiaram em Porto Alegre e Viamão, onde a 26.12.1764 batizaram o filho José. Pais de:

F.1 **Ana de Medeiros** *pv. 1741, Ribeirão do Carmo, Mariana/MG e †20.5.1791, Rio Grande, onde a 25.6.1757 ∞ **João Pereira Duarte**, *10.1.1720, Castelo Branco, Ilha do Faial, f.º de José Pereira Duarte e Catarina Dutra Correia. Ana e João foram avós maternos do Visconde de Cerro Alegre, João da Silva Tavares, antepassados do Dr. Gustavo Py Gomes da Silveira, médico e genealogista.

F.2 **Manuel Muniz Leite** *pv. 1750, Marapicu, Nova Iguaçu/RJ, ∞ 17.11.1771, Rio Pardo, **Margarida Gonçalves de Aguiar**, b. 18.12.1753, Viamão, f.ª de José Pinto Ramires e Bernarda Gonçalves de Aguiar. C/d em Maldonado, Uruguai, e Rio Pardo.

F.3 **Vicente Muniz Leite** *Macacu/RJ, ∞ 1784, Rio Grande, **Dionísia Pereira Leal** ou **Dionísia Pereira da Assunção**. Vicente foi soldado Dragão e desertou, seguindo para os domínios espanhóis na leva de 17.10.1764 do alferes D. Miguel Gomes (DOMINGUES, 1994, p. 3). Citados em Antônio Rodrigues de Barcelos, F.6.
F.4 **Jerônimo Muniz Fagundes** *Marapicu, Nova Iguaçu/RJ, ∞ **Maria Antônia da Rocha**, b. 5.6.1754, Rio Grande, fª de Mateus da Rocha e Antônia do Carmo. Em 1777 o casal residia em Maldonado, no Uruguai, onde deixou descendência (DOMINGUES, 1994, p. 4).
F.5 **Maria Teresa Fagundes de Oliveira** b. 2.6.1751, Rio Grande e †21.10.1816, Encruzilhada do Sul, ∞ **José de Souza Pacheco** (v. Manuel de Ávila de Souza, F.1).
F.6 **Josefa Maria de Jesus** ou **Josefa Maria Fagundes** b. 10.12.1752, Rio Grande, ∞ (1x) **Antônio Francisco Gomes** (v. este nome). Josefa a 27.9.1786, Porto Alegre, ∞ (2x) **José Manuel Henriques**, *Rio de Janeiro/RJ e †6.6.1793, Porto Alegre, f.º de João Lobo de Macedo, de Viana do Castelo, PT, e Vicência Maria, da Ilha da Madeira. Houve do 2º casamento:

N.1 **Maria Vicência Henriques** *12.7.1791, Porto Alegre, onde a 29.2.1808 ∞ **Francisco Antunes Maciel**, *Rio Grande e †19.7.1828, Pelotas, f.º do tenente Bernardo Antunes Maciel e Maria Francisca do Nascimento. Pais de:

Bn.1 **Aníbal** *29.3.1809, Rio Grande.
Bn.2 **Eliseu** *1810.
Bn.3 **Maria** *1814.

F.7 **Pedro Muniz Fagundes**, capitão, *14.9.1754, Rio Grande e †11.10.1829, Rio Pardo, onde a 3.9.1784 ∞ (1x) **Antônia Joaquina de Jesus** ou **Antônia Joaquina de Oliveira**, *Laguna/SC, f.ª de Caetano Silveira de Matos, do Topo, Ilha de São Jorge, e Catarina Maria de Jesus, da Ribeira Seca, Ilha de São Jorge. Pedro ∞ 28.11.1807, Rio Grande (2x), **Anacleta Dutra**, *7.9.1789, Povo Novo, Rio Grande, f.ª de Manuel Dutra da Silveira, da Ilha do Faial, e Isabel Maria Teixeira, de Rio Grande. C/d em Santo Ângelo e Lapa/PR.
F.8 **Francisca Clara dos Anjos Fagundes** *19.3.1756, Rio Grande. Em 1816 era casada e estava ausente em Portugal.
F.9 **Helena Maria de Jesus** ou **Helena Francisca de Oliveira** *16.7.1757, Rio Grande, onde †7.4.1806, ∞ 18.9.1777, Porto Alegre, **Antônio dos Santos Coimbra**, *1751 em Santa Catarina do Monte Sinai ou São João do Louro, Aveiro, PT, f.º de Antônio dos Santos e Maria Teresa. Pais de:

N.2 **Manuel Antônio dos Santos Coimbra** *27.6.1778, Porto Alegre, e †1848, Pelotas, ∞ 1806, Rio Grande, **Ana Joaquina da Conceição**, *4.12.1787, Povo Novo, Rio Grande e †13.12.1863, Pelotas, f.ª de Jorge Pereira Cardoso e Maria Joaquina da Conceição. Antepassados de Roni de Vasconcelos Santos, médico e genealogista.
N.3 **Genoveva Maria Fagundes** *18.9.1779, Porto Alegre, ∞ **Antônio Pereira da Cruz**.
N.4 **Laureana** *21.8.1781, Porto Alegre, onde †4.2.1782.
N.5 **Luís dos Santos Fagundes** *15.11.1783, Porto Alegre, ∞ 4.5.1811, Caçapava do Sul, **Maria do Carmo**, *Encruzilhada do Sul, f.ª de Antônio de Souza Escoto, da Vila da Praia, Ilha Terceira, e Genoveva Maria de Jesus, de Rio Pardo.

N.6 **Francisca Fagundes de Oliveira** *18.6.1786, Rio Grande, ∞ **Agostinho Moreira**.
N.7 **José** *28.2.1788, Rio Grande e † antes de 1828.
N.8 **Pedro** *17.9.1789, Rio Grande e † antes de 1828.
N.9 **Luísa Francisca de Oliveira** *8.4.1791, Rio Grande, onde ∞ 1809 **João das Neves**.
N.10 **Joaquim** *30.3.1793, Rio Grande, solteiro em 1828.
N.11 **Antônio** b. 7.7.1795, Pelotas e † antes de 1828.
N.12 **Agostinho** *22.4.1797, Pelotas e † antes de 1828.
N.13 **Felipe** *pv. 1798 e, em 1828, solteiro e ausente.

F.10 **Antônio** *10.12.1758, Rio Grande.
F.11 **João** *22.3.1761, Rio Grande.
F.12 **Francisco** *27.12.1762, Rio Grande e †31.3.1769, Viamão.
F.13 **José Francisco Muniz Fagundes** b. 26.12.1764, Viamão, ∞ 29.2.1797, Encruzilhada do Sul, **Joaquina Tomásia do Nascimento**, b. 15.3.1775, Rio Pardo, f.ª de Antônio de Souza Escoto, da Vila da Praia, Ilha Terceira, e Genoveva Maria de Jesus, de Rio Pardo.

ANTÔNIO PARAÍSO MARIANO *16.8.1782, Horta (Matriz), Ilha do Faial e †18.5.1820, Porto Alegre, f.º de José Francisco Vieira e Felipa Rosa da Silveira, ∞ 31.1.1818, Porto Alegre, **MATILDE MARIA DA CONCEIÇÃO**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de pais incógnitos. Sem filhos. O cronista CORUJA (1996, p. 14) escreveu que Antônio Paraíso Mariano tinha uma escola na rua da Ponte (atual Rua Riachuelo) em Porto Alegre, onde ministrava suas aulas durante o dia, pois à noite representava no teatro Manoel Mendes, o Dr. Sovina e o Esganarelo.

ANTÔNIO PEREIRA DE MOITOSO ou **MOUTOSO** *pv. 1710-1715, Capelo, Ilha do Faial, ∞ **LUZIA SILVEIRA**, *Capelo, Ilha do Faial. Provavelmente este casal não emigrou para o Brasil, mas, de seus sete filhos, os dois filhos que seguem.

F.1 **Antônio Francisco da Silveira Pereira Moitoso** ou apenas **Antônio Francisco da Silveira** *1741, Capelo, Ilha do Faial e †19.3.1791, Porto Alegre, sem testamento por ser pobre. Em Capelo, a 10.2.1771, ∞ **Rita Inácia de Escobar**, *25.11.1745, Cedros, Ilha do Faial, com inventário autuado em 1819 em Porto Alegre, f.ª de Francisco Pereira Pinheiro e Maria Pereira Jorge. Pais de:

N.1 **Eusébia Maria de Escobar** *22.11.1771, Capelo, Ilha do Faial. A 3.9.1789, Porto Alegre, ∞ **José Pereira Pimentel**, *1764, Faial da Terra, Ilha de São Miguel e †17.7.1819, Porto Alegre, f.º de Manuel Pereira Pimentel e Bárbara Pacheco (Manuel e Bárbara foram pais ainda de Manuel Pereira Pimentel, †11.11.1813, Porto Alegre, com 46 anos, solteiro). Eusébia e José foram pais de:

Bn.1 **Rosa Maria da Silva** *12.7.1790, Porto Alegre, onde 4.6.1824 ∞ **Joaquim Pereira de Freitas**, *Mozelos, Santa Maria da Feira, Aveiro, PT.
Bn.2 **Mariana Maria de Escobar** *21.3.1792, Porto Alegre, onde †20.7.1819.
Bn.3 **Luís Pereira Pimentel** *8.9.1793, Porto Alegre, onde a 6.11.1830 ∞ **Joaquina Inácia de Jesus** (v. Antônio da Silveira Pereira, Bn.51).

Bn.4 **Antônio** *27.5.1795, Porto Alegre.
Bn.5 **José** *30.8.1796, Porto Alegre.
Bn.6 **João Pereira da Silva** *16.6.1798, Porto Alegre, onde a 22.8.1822 ∞ **Inácia Maria de Jesus** (v. Antônio da Silveira Pereira, N.18).
Bn.7 **Rita** *16.4.1800, Porto Alegre.
Bn.8 **Francisco Pereira da Silva** *20.2.1802, Porto Alegre, ∞ **Ana Joaquina da Silva**, f.ª de José Pereira da Silva e Joana Maria de Jesus.
Bn.9 **Teodoro** *22.9.1803, Porto Alegre.
Bn.10 **Maria** *1.5.1805, Porto Alegre.
Bn.11 **Felisberta** *24.7.1807, Porto Alegre, onde †30.7.1807.
Bn.12 **Cândida Vitorina da Silva** *4.8.1808, Porto Alegre, onde a 26.3.1831 ∞ **João Batista de Souza**, *freguesia de São Jerônimo, arc. de Braga, PT, f.º de Jerônimo Batista e Josefa Teresa.
Bn.13 **Marcelino** *5.4.1811, Porto Alegre.
Bn.14 **Delfina** *11.8.1718, Porto Alegre.
Bn.15 **Joaquina** *21.1.1816, Porto Alegre.

N.2 **Bárbara Maria de Escobar** *4.12.1773, Cedros, Ilha do Faial e †24.5.1810, Porto Alegre. A 14.5.1792 ∞ **José Silveira Peixoto** (v. José Silveira Peixoto, F.6).
N.3 **Antônio** *25.3.1776, Cedros, Ilha do Faial. Em 1804 era carpinteiro da Ribeira no Rio de Janeiro/RJ. Não figura no inventário materno.
N.4 **Ana Rita de Escobar** *26.7.1778, Cedros, Ilha do Faial e †3.3.1806, Porto Alegre, onde a 10.1.1804 ∞ **Antônio José Machado**, *São José/SC, f.º de José Machado Neto e Ana Joaquina. Ana não figura no inventário materno.
N.5 **Maria Rita de Escobar** *16.11.1780, Cedros, Ilha do Faial. A 28.9.1794, Porto Alegre ∞ **João Manuel da Cunha**, *Vilar das Almas, Ponte de Lima, Viana do Castelo, PT, viúvo de Caetana Vieira de Oliveira Fortunata, f.º de José da Cunha e Ana Álvares. Pais de:

Bn.16 **Pio** *21.12.1795, Porto Alegre.
Bn.17 **Gil Basileo da Cunha** *23.5.1798, Porto Alegre e †8.4.1867, Alegrete, onde a 19.11.1842 ∞ **Esmênia Gomes de Escobar**.
Bn.18 **José Manuel da Cunha** *10.2.1801, Porto Alegre, onde a 21.10.1832, ∞ **Mariana Rosa da Conceição** (v. José Silveira Peixoto, N.4).
Bn.19 **Antônio** *1.6.1803, Porto Alegre.
Bn.20 **Mariana** *1.6.1803, Porto Alegre, onde †4.5.1804.
Bn.21 **Felisberta Joaquina** *29.11.1806, Porto Alegre, ∞ **José Antônio dos Santos**, *Gravataí, f.º de Manuel Antônio de Jesus e Juliana Felícia da Encarnação.
Bn.22 **Serafim** *6.11.1812, Porto Alegre.
Bn.23 **Bernardo** ou **Bernardino** *12.6.1816, Porto Alegre, onde †8.4.1818.
Bn.24 **Cândido** *2.6.1820, Porto Alegre.

N.6 **Rosa** *5.4.1783, Cedros, Ilha do Faial e † antes de seu pai.
N.7 **Alexandre Francisco da Silva** *7.7.1788, Porto Alegre, onde a 26.10.1807, ∞ **Ana Maria** (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, Bn.12).

F.2 **João Silveira Moitoso** *20.6.1745, Capelo, Ilha do Faial e †26.10.1834, com inventário autuado em Porto Alegre. No Capelo, Ilha do Faial, a 16.10.1774, ∞ **Brígida Inácia** ou **Brígida Maria da Conceição** (v. José Silveira Peixoto, F.1). Pais de:

N.8 **Antônio** *8.2.1781, Capelo, Ilha do Faial e † antes de sua mãe.
N.9 **Ana** *24.12.1782, Capelo, Ilha do Faial e †1.7.1806, Porto Alegre.
N.10 **Maria Inácia da Conceição** ou **Maria Joaquina de Jesus** *15.2.1785, Capelo, Ilha do Faial e †25.3.1830, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ **Manuel José de Santana** (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, Tn.1).
N.11 **João Silveira Peixoto** ou **João da Silveira Matoso** *4.3.1788, Porto Alegre e †23.12.1855, São Leopoldo, ∞ 19.10.1807, Porto Alegre, **Albina Maria da Silveira** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.5). Pais de:

Bn.25 **Maria** *28.12.1808, Porto Alegre.
Bn.26 **Leocádia Maria de Jesus** *7.7.1810, Porto Alegre, onde a 4.11.1830 ∞ **Justino José de Oliveira**, *Mostardas, f.º de Manuel Vicente Garcia e Ana Joaquina de Oliveira.
Bn.27 **José Pereira Peixoto** b. 22.12.1811, Porto Alegre, onde a 30.10.1833 ∞ **Leopoldina Joaquina da Silva**, *Porto Alegre, f.ª de José Antônio da Santos e Raquel Joaquina da Silva. C/d em Gravataí e São Leopoldo.
Bn.28 **Ana**, *2.9.1813, Gravataí.
Bn.29 **João Silveira Peixoto** *Gravataí, ∞ **Belmira Maria Joaquina**, *Gravataí, f.ª de José Antônio da Santos e Raquel Joaquina da Silva.
Bn.30 **Manuel Silveira Peixoto** *17.1.1821, Gravataí. A 14.6.1847, São Leopoldo, ∞ **Claudina Pacheco**, ali *, f.ª de Francisco José Pacheco e Florisbela Maria da Conceição.
Bn.31 **Felizardo Silveira Peixoto** ∞ 16.8.1849, São Leopoldo, **Ana Bernardina Soares**, f.ª de José Joaquim Soares e Senhorinha Constância de Jesus.
Bn.32 **Aldina Maria da Silva** *Porto Alegre. A 13.6.1846, São Leopoldo, ∞ **João da Silva Fróes**, *Rio Grande, f.º de José Antônio Machado e Maria Francisca da Conceição.
Bn.33 **Cândida Maria de Jesus** ∞ 19.9.1846, São Leopoldo, **José Vicente Pereira**, f.º de José Vicente Pereira e Ana Felisberta de Castro.
Bn.34 **Delfina Maria da Silveira** *21.1.1828, São Leopoldo, ∞ (1x) **Luís Antônio Ribeiro**, *1820 e †18.11.1856, São Leopoldo, f.º de Manuel Antônio Ribeiro e Francisca Dorotéia de Jesus. A 29.7.1865, São Leopoldo, ∞ (2x) **Fulgêncio Tavares Freire**, *Gravataí, f.º de Antônio Tavares Freire e Joaquina Maria de Jesus.
Bn.35 **Francisca Maria da Silva** *26.10.1829, Gravataí. A 5.9.1848, São Leopoldo, ∞ **Luís Antônio da Cunha**, f.º de Antônio Fernandes da Cunha e Cristina Maria do Nascimento.
Bn.36 **Alexandra Maria da Conceição ∞ Antônio Fernandes Lemos**, *1826 e †9.5.1886, São Leopoldo, f.º de Vicente Fernandes de Lemos e Angélica Maria da Soledade.

N.12 **Teresa Maria da Trindade** *17.5.1790, Porto Alegre e †27.1.1878, São Leopoldo. A 18.7.1814, Porto Alegre, ∞ **Inácio Antônio Nunes** (v. Antônio Pereira Nunes, N.15).
N.13 **José Silveira Moitoso** ou **José Silveira Matoso** *25.3.1794, Porto Alegre e †8.9.1868, São Leopoldo. A 9.10.1814, Porto Alegre, ∞ **Ana Maria da Conceição** (v. Antão Pereira Machado, N.14). Pais de:

Bn.37 **Teresa Maria da Conceição** *10.7.1815, Porto Alegre. A 18.7.1831, São Leopoldo, ∞ **Francisco Antônio Dias** (v. Antônio da Silveira Pereira, Bn.61).
Bn.38 **Feliciano** *12.10.1816, Porto Alegre.
Bn.39 **Maria Rufina da Silveira** *29.7.1818, Porto Alegre e †29.9.1888, São Leopoldo, ∞ **Porfírio José Leal** (v. Antônio Pereira Nunes, N.36).
Bn.40 **Antônio** *6.6.1820, Porto Alegre.
Bn.41 **Antônio** *4.1821, Porto Alegre, onde †21.7.1821.
Bn.42 **Jacinto José da Silveira** *18.7.1821, Porto Alegre, ∞ 3.10.1846, São Leopoldo, **Maria Inácia da Conceição** (v. Antônio Pereira Nunes, Bn.45).
Bn.43 **Firmina** *22.3.1826, Porto Alegre.
Bn.44 **Antônio***15.9.1828, Porto Alegre.
Bn.45 **Antônio José da Silveira** *10.3.1831, Porto Alegre. A 13.12.1856, São Leopoldo, ∞ **Margarida Antônia do Nascimento** (v. José Silveira Peixoto, Bn.3).
Bn.46 **Silvina Maria da Trindade** ∞ 5.2.1853, São Leopoldo, **João da Costa Carvalho**, *Porto Alegre, f.º de João Pedro da Costa Carvalho e Francisca Gomes de Jesus.
Bn.47 **Felisbina** *30.6.1833, São Leopoldo.
Bn.48 **Brígida Maria da Silveira** *17.9.1834, São Leopoldo, onde a 30.7.1859, ∞ Ângelo José da Silveira (v. abaixo, Bn.50).

N.14 **Felizardo José da Silveira** *4.10.1796, Porto Alegre, onde †3.1.1855 e ali a 4.6.1832 ∞ **Francisca Maria de Jesus** (v. José Silveira Peixoto, N.8). Pais de:
Bn.49 **Francisca Maria da Silveira**
Bn.50 Ângelo José da Silveira ∞ 30.7.1859, São Leopoldo, **Brígida Maria da Silveira** (v. acima, Bn.48).

ANTÔNIO PEREIRA DO COUTO *São Pedro, Ilha de São Miguel e †19.7.1819, talvez em Porto Alegre, imigrado em 1750, f.º de Tomé Pereira do Couto e Maria de Souza, ∞ **MARIA FRANCISCA DAS DORES**, *1745, Cananéia/SP e †20.3.1809, Porto Alegre, f.ª de Antônio Monteiro e Maria Palhano de Sobral. Pais de:

F.1 **Úrsula Maria de Jesus** *Cananéia/SP e †27.2.1852, com inventário autuado em Porto Alegre. A 9.7.1791, Porto Alegre, ∞ **Francisco José de Sampaio**, *1762, Horta (Conceição), Ilha do Faial, e †14.2.1817, Porto Alegre, f.º de André de Sampaio e de Josefa Maria. Pais de:

N.1 **Maria Angélica de Sampaio** *28.4.1792, Porto Alegre, onde a 4.3.1810, ∞ **Diogo Arouche de Morais Lara**, tenente-coronel, †1821, em campanha. Segundo Cláudio Moreira Bento em *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul,* Diogo Arouche de Moraes Lara era paulista, descendente de franceses, e parente do Marechal Arouche de Toledo Rendon. Diogo integrou a Infantaria da Legião de Voluntários Reais de São Paulo, que foi enviada ao Rio Grande do Sul em 1816 para lutar contra Artigas. Diogo deixou um livro intitulado *Memória de Campanha de 1816,* na qual descreve em minúcias as operações contra Artigas. Pais de:

Bn.1 **Rodrigo** * 29.12.1810, Porto Alegre, onde †16.2.1813.
Bn.2 **Maria Arouche de Morais** *15.3.1814, Porto Alegre e †29.5.1883, São Leopoldo. A 4.10.1828, Porto Alegre, ∞ **Francisco de Azambuja Cidade**, aí *23.5.1809,

f.º de José de Bitencourt Cidade, de Florianópolis/SC, e Angélica da Fontoura Azambuja, de Taquari. C/d em Porto Alegre e Triunfo.

Bn.3 **Francisca Arouche de Morais** *7.5.1815, Porto Alegre.

Bn.4 **Joana Arouche de Moraes** *24.10.1816, Porto Alegre.

Bn.5 **Úrsula Arouche de Morais** *1.10.1819, Porto Alegre.

N.2 **Miguel Ferreira de Sampaio** *16.2.1794, Porto Alegre.

N.3 **Emerenciana** *13.6.1796, Porto Alegre, onde †8.10.1798.

N.4 **Luciana** *1.6.1798, Porto Alegre, onde †17.6.1801, de bexigas.

N.5 **Joana** *27.6.1800, Porto Alegre, onde †20.6.1801, de bexigas.

N.6 **Joana Carolina de Sampaio** *3.6.1802, Porto Alegre e †10.9.1855, Alegrete. Em Porto Alegre, a 26.5.1822, ∞ **Francisco Maria da Silva Saldanha**, *1801, Rio Pardo e †29.12.1838, Alegrete, f.º de José Maria da Silva e Maria Joaquina Saldanha. C/d em Alegrete.

N.7 **Manuel de Sampaio** *14.8.1805, Porto Alegre e † após a sua mãe.

N.8 **Francisca Joaquina Sampaio** *3.11.1807, Porto Alegre. A 18.12.1829, Rio Pardo, ∞ **Francisco Pereira de Macedo** (v. Manuel de Macedo Brum da Silveira, F.7).

N.9 **Antônio Manuel de Sampaio** *15.10.1810, Porto Alegre e † após a sua mãe.

F.2 **Ana Maria das Dores** *1772, Cananéia/SP e †13.7.1822, Porto Alegre. A 6.2.1794, Porto Alegre, ∞ **Tomás Pereira de Carvalho**, *1761, São José/SC e †6.1.1821, Porto Alegre, f.º de Agostinho Fernandes de Carvalho, de Carvalhosa, Porto, PT e de Joana Pereira de Jesus, de Cananéia/SP. Pais de:

N.10 **Antônio** *2.2.1795, Porto Alegre, onde †1.7.1801, de bexigas.

N.11 **Maria Máxima de Carvalho** *10.4.1796 e †16.3.1862, Porto Alegre, onde a 12.7.1817 ∞ **José Inácio Lourenço** (v. Antônio José Lourenço, F.1).

N.12 **Feliciana Pereira de Carvalho** *2.8.1797, Porto Alegre, onde a 8.5.1824, ∞ **Francisco José Moreira**, *Vila Nova da Telha, Maia, Porto, PT, f.º de José de Oliveira e de Maria Francisca Gonçalves.

N.13 **Serafim de Carvalho** 1.11.1798, Porto Alegre.

N.14 **Emerenciana Pereira de Carvalho** *22.9.1801, Porto Alegre, onde a 30.9.1826, ∞ **Antônio da Cunha Guimarães**, *PT, f.º de Domingos Francisco e de Felícia Maria Gomes. Pais de:

Bn.6 **Francisca Pereira** ∞ **Modesto Rodrigues de Barcelos**, *2.7.1831, Viamão, f.º Francisco Rodrigues de Barcelos e Claudina Marcolina da Silva, ambos de Viamão.

Bn.7 **Antônio** *22.8.1827, Porto Alegre.

Bn.8 **Domingos** *22.1.1829, Porto Alegre.

Bn.9 **Maria Ramos da Cunha** *3.4.1830, Porto Alegre.

Bn.10 **Domingos** *15.12.1831, Porto Alegre.

Bn.11**Tomás** *26.2.1833, Porto Alegre.

Bn.12 **Francisco da Cunha Guimarães** *20.10.1834, Porto Alegre.

N.15 **Antônio** *22.8.1802, Porto Alegre.

N.16 **Tomásia** *19.10.1803, Porto Alegre, onde †14.12.1803.

N.17 **Maria** *1803 (sic), Porto Alegre, onde †14.8.1806, com 3 anos.

N.18 **Rosa Joaquina Pereira de Carvalho** *18.12.1805 e †30.12.1886, Porto Alegre, onde a 9.9.1821, ∞ (1x) **Galdino Joaquim de Souza**, *18.4.1799, Porto Alegre, f.º de Manuel Joaquim de Souza, de Setúbal, PT e de Rosa Maria, de Viamão. A 4.6.1831,

Porto Alegre, ∞ (2x) Dr. **Robert Landell**, *1802, Endrew, Edimburgo, Escócia e †12.1.1879, Porto Alegre, f.º de Wilhelm Landell e Elisabeth Mason.

Houve do 1º casamento:

Bn.13 **Manuel Joaquim de Carvalho Souza** *26.7.1822, Porto Alegre, onde †17.8.1872. C/d.

Houve do 2º casamento:

Bn.14 **Sarah Mariana Landell** *24.3.1832, Porto Alegre, onde †11.8.1926 e aí, a 4.12.1855 ∞ **Inácio José Ferreira de Moura**, *1831, Rio Grande ou Rio Pardo, e †10.2.1904, Porto Alegre, f.º da Luís Inácio de Moura, de PE, e Inácia Maria de Jesus, de Rio Grande. Pais, entre outros, de:

Tn.1 **Roberto Landell de Moura**, padre, *21.1.1861, Porto Alegre e †24.8.1908. Considerado o inventor do telégrafo sem fio.

Bn.15 **Isabel Maria Landell** *1839. A 6.11.1888, †Porto Alegre. ∞ **Joaquim Antônio Maria dos Santos Filho**.

Bn.16 **José Jayme Landell** *27.5.1843, Porto Alegre, onde †14.8.1919, ∞ (1x) **Ana Teresa Vilanova,** ∞ (2x) **Libânia Gomes da Silva,** ∞ (3x) **Isolina Ana Cardoso**, *1851, Viamão.

Bn.17 **Tomás Landell** *1850, Porto Alegre.

Bn.18 **Ana Rosa Landell** *10.11.1852, Porto Alegre, onde a 10.11.1877, ∞ **Joaquim Antônio Maria dos Santos Neto**, *1854 e †31.12.1907, Porto Alegre.

N.19 **João** *27.12.1806, Porto Alegre.

N.20 **Agostinho** *17.2.1808, Porto Alegre, onde †23.2.1808.

N.21 **Agostinho Pereira de Carvalho** *18.4.1809, Porto Alegre. A 14.2.1831, Capela de Santana, ∞ (1x) **Maria Delfina Azevedo**, *16.4.1812, Porto Alegre, f.ª do Cel. Joaquim Anacleto de Azevedo, da Colônia, Uruguai, e de Constância Joaquina de Oliveira, de Triunfo. Agostinho ∞ (2x) 12.10.1834, Porto Alegre, **Rita de Cássia** (v. abaixo, N.32). Agostinho em 1831 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando declarou viver de seu negócio.

N.22 **José** *1809 (sic), Porto Alegre, onde †26.3.1815.

N.23 **Tomásia** *30.11.1810, Porto Alegre, onde †26.1.1811.

N.24 **Narciso** *29.10.1812, Porto Alegre, onde †16.1.1813.

F.3 **Rita Maria da Dores** *1785, Cananéia/SP e †29.10.1811, Porto Alegre, ∞ 10.1.1801, Porto Alegre, **Joaquim José de Azevedo**, *Santa Marinha, Vila Nova de Gaia, Porto, PT, e †13.12.1829, Porto Alegre, f.º de José Francisco de Vila Nova e Domingas Maria de Jesus. Joaquim ∞ (2x) Joaquina Eufrásia dos Santos Guterres, com quem teve 5 filhos. Rita e Joaquim tiveram os filhos:

N.25 **Joaquina Maria de Jesus** *22.4.1803, Porto Alegre, onde a 14.5.1818, ∞ **João Batista Franco**, *Lisboa, PT ou freg. dos Morais, patriarcado de Lisboa, f.º de José Gomes Franco e Genoveva Maria da Assunção. Pais de:

Bn.19 **João** *20.3.1822, Porto Alegre.

N.26 **João Francisco Vilanova** *25.5.1804, Porto Alegre.

N.27 **Manuela** *20.6.1810, Porto Alegre, onde †28.6.1810.

N.28 **Joaquim** *3.1815, Porto Alegre, onde †4.10.1816.

F.4 **Joaquim Pereira do Couto** *Cananéia/SP. A 23.9.1816, Porto Alegre, ∞ **Francisca Romana de Macedo** (v. Manuel de Macedo Brum da Silveira, F.1). Pais de:

N.29 **Ana Bárbara de Macedo** *7.5.1819, Porto Alegre.

N.30 **José** *25.10.1820, Porto Alegre.

N.31 **Maria José de Macedo Couto** *1822, Porto Alegre, ∞ **João Evangelista Negreiros de Sayão Lobato**, Visconde de Sabará, *16.8.1817, Cidade do Cerro/MG e †20.4.1894, Rio de Janeiro, f.º de João Evangelista de Faria Lobato e Maria Isabel Manso Sayão.

F.5 **Manuel Joaquim do Couto** *Cananéia/SP, ∞ 22.1.1804, Caçapava do Sul, **Potenciana Joaquina de Menezes**, b. 14.7.1779, Rio Pardo, f.ª de Pedro José Correia de Melo, de São Mateus, Ilha Graciosa e de Genoveva de Jesus, de Rio Grande. Pais de:

N.32 **Rita de Cássia** ∞ **Agostinho Pereira de Carvalho** (v. acima, N.21).

N.33 **José** *25.4.1810, Porto Alegre.

N.34 **Manuel** b. 7.7.1811, Rio Pardo.

F.6 **Ana Maria de Jesus** *Cananéia/SP, ∞ 10.1.1801, Porto Alegre, **Joaquim dos Anjos**, *Lisboa (N. Sra. das Mercês), Lisboa, PT, f.º da Basílio José e Luísa Joaquina.

F.7 **José Joaquim do Couto**, era morador na vila do Prado ou Caravelas, na Bahia, e por ocasião do inventário paterno alegou que não constou como herdeiro.

ANTÔNIO PEREIRA MACHADO *Ilha de São Jorge, ∞ **FRANCISCA MARIA DA CONCEIÇÃO**, *Ilha de São Jorge. Pais de:

F.1 **Maria Francisca da Conceição** *26.8.1798, Porto Alegre, onde a 22.5.1816 ∞ **Antônio José Martins**, *São José/SC, f.º de Antônio Martins de Lima e Marta Mariana. Pais de:

N.1 **Firmina** *20.8.1817, Porto Alegre.

N.2 **Antônio** *10.4.1819, Porto Alegre.

ANTÔNIO PEREIRA NUNES *7.5.1731, Calheta, Ilha de São Jorge, e †28.6.1816, Viamão, f.º de Francisco Pereira Nunes e Catarina Leal, ∞ (1x) **BÁRBARA DE SÃO TOMÉ** ou **BÁRBARA DE SÃO JOSÉ** (v. Antônio da Silveira Pereira, F.1). Antônio ∞ (2x) 1.5.1807, Porto Alegre, **MARIANA INÁCIA DE JESUS**, *13.1.1785, Viamão, f.ª de Matias Pereira Dias ou Matias Pereira de Souza, do Topo, Ilha de São Jorge, e de Maria Rodrigues Moreira, de Laguna/SC.
Houve do 1º casamento:

F.1 **Maria** *7.6.1756, Rio Grande.

F.2 **Manuel Pereira Nunes** *2.9.1757, Rio Grande e †9.4.1826, Porto Alegre, onde a 12.9.1772, ∞ **Angélica Rosa da Conceição** (v. José Pereira Garcia, F.1). Pais de:

N.1 **Maria Joaquina da Conceição** *8.5.1775, Porto Alegre, onde a 8.5.1794, ∞ **Francisco Ferreira Jardim**, *Estreito, São José do Norte, f.º de Francisco Ferreira Jardim e Ana do Sacramento. Pais de:

Bn.1 **Manuel** *15.2.1795, Porto Alegre.

Bn.2 **Leocádia Maria Rosa** *7.5.1796, Estreito, São José do Norte. Em 25.11.1816, Porto Alegre, ∞ **Francisco Martins** (v. André Martins, N.14).

Bn.3 **José Ferreira Jardim** ou **José Francisco Jardim** *7.7.1798, Porto Alegre, ∞ 25.11.1819, Viamão, **Inácia Maria Ferreira** (v. Antônio da Silveira Pereira, Bn.79). C/d em Viamão.
Bn.4 **Ana** *27.7.1800, Porto Alegre.
Bn.5 **Antônio** *1.7.1802, Porto Alegre, onde †21.7.1804.
Bn.6 **Alexandre** *1.7.1804, Porto Alegre.
Bn.7 **Manuel** *18.8.1806, Porto Alegre.
Bn.8 **Francisco Ferreira Jardim** *26.8.1808, Porto Alegre, ∞ **Maria Alves de Borba**, c/d em Alegrete.
Bn.9 **Leonor** *3.8.1810, Porto Alegre.
Bn.10 **Luís** *26.11.1812, Porto Alegre.
N.2 **Inácio** *30.4.1777, Porto Alegre, onde †24.6.1780.
N.3 **Ana Maria** ou **Ana Francisca** *1.6.1779, Porto Alegre, onde a 16.1.1801, ∞ **Antônio José da Silveira**, *Estreito, São José do Norte, f.º de Mateus José da Silveira e Isabel Maria. C/d em Viamão.
N.4 **Maurício Pereira Nunes** *20.9.1781, Porto Alegre, onde a 7.8.1819 ∞ **Laurinda Maria da Anunciação**, exposta em casa de Ana Maria de São José. Pais de:
Bn.11 **Alexandre** *20.7.1822, Porto Alegre.
N.5 **Quitéria Angélica de Jesus** *4.1.1784, Porto Alegre, onde a 14.4.1801, ∞ **Manuel Francisco Cardoso** (v. Bartolomeu Cardoso, N.5).
N.6 **Bernardino Pereira Nunes** *11.4.1786, Porto Alegre, onde †14.8.1849 e ali a 2.6.1803 ∞ (1x) **Ana Rosa de Jesus** (v. Manuel Teixeira Afonso, F.7). Bernardino ∞ 5.5.1828, Viamão, (2x) **Antônia Clara de Jesus**, *Osório, f.ª de Manuel Corrêa da Silveira e Isabel Vicência de Jesus. Houve do 1º casamento:
Bn.12 **Margarida Bernardina da Silva** b. 24.1.1808, Porto Alegre, onde a 11.9.1826, ∞ **Manuel José de Siqueira Porto** (v. Manuel Teixeira Afonso, N.18). Deste casal descende a genealogista Viviane Wiedemann Velloso.
Bn.13 **Antônio** * 20.3.1810, Viamão.
N.7 **Clemência Angélica de Jesus** *1.4.1788, Porto Alegre, onde a 11.12.1808, ∞ **Jerônimo Rodrigues de Azevedo** (v. Antônio Machado Neto, N.11).
N.8 **João Pereira Nunes** *11.2.1791, Porto Alegre, onde a 17.4.1810 ∞ **Cesária Maria da Conceição** (v. Antônio Garcia dos Santos, N.1). Pais de:
Bn.14 **Serafim Pereira Nunes** *18.3.1811, Porto Alegre, onde a 11.8.1832 ∞ **Lina Cláudia de Jesus** (v. José de Oliveira, Bn.25).
Bn.15 **Porcina Maria Nunes** *30.6.1813, Porto Alegre, onde a 23.1.1837, ∞ **Geraldo José Furtado** (v. Manuel Furtado da Terra, F.5).
Bn.16 **Bernardino** *2.4.1815, Porto Alegre.
Bn.17 **Antônio** *23.1.1817, Porto Alegre.
Bn.18 **Firmino** *10.10.1818, Porto Alegre.
Bn.19 **Henriques** *15.7.1820, Porto Alegre.
Bn.20 **Luciana** *15.2.1822, Porto Alegre.
N.9 **Leocádia** *26.12.1793, Porto Alegre.
N.10 **Fabiano Pereira Nunes** *20.9.1795, Porto Alegre. A 12.6.1817, Viamão, ∞ **Ana Luísa de Jesus**, *Osório e †9.1838, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de

Manuel Correia da Silveira, de Florianópolis/SC e de Isabel Vicência de Jesus, de Rio Grande. Pais de:

Bn.21 **Firmina Maria Nunes** *17.4.1818, Porto Alegre, ∞ **Constantino José Silveira**.

Bn.22 **Cipriano Pereira Nunes** *3.1.1820, Porto Alegre.

Bn.23 **Sezefredo Pereira Nunes** *3.2.1823, Porto Alegre.

Bn.24 **Antônio Pereira Nunes**

Bn.25 **Diolinda Maria Nunes** *1828, Viamão.

Bn.26 **Zeferino Pereira Nunes**

Bn.27 **Francisco Pereira Nunes**

N.11 **Joaquina Pereira Nunes** *20.6.1798, Porto Alegre, onde a 16.8.1827 ∞ **Francisco Pereira de Abreu**, *Flamengos, Ilha do Faial, f.º de Antônio Pereira de Abreu e Clara Rosa.

N.12 **Apolinário** *15.7.1800, Porto Alegre.

F.3 **Maria Joaquina da Conceição** *20.1.1760, Rio Grande e †15.9.1846. A 10.1.1781, Porto Alegre, ∞ **Custódio Pereira Machado** ou **Custódio José Machado** (v. Antão Pereira Machado, F.3).

F.4 **Ana Maria Joaquina de Jesus** b. 18.2.1762, Rio Grande e †9.7.1838, Porto Alegre. A 6.4.1779, Porto Alegre, ∞ **José Machado da Silveira**, *12.3.1763, Rio Grande e †3.11.1840, Viamão, f.º de Manuel Caetano de Souza e Inês de São José (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, N.1). Deste casal descende, afora outros, Paulo Afonso Girardi Feijó, Vice-Governador do RS.

F.5 **Isidoro Antônio Nunes**, alferes, b. 5.5.1764, Triunfo. A 27.6.1784, Porto Alegre ∞ **Antônia Maria de Jesus** (v. Manuel Rodrigues Pimentel, F.4). Pais de:

N.13 **Manuel Antônio Nunes** *3.6.1788, Porto Alegre. ∞ 25.5.1808, Triunfo, **Silvéria Maria das Chagas**, *Taquari, f.ª de Joaquim Silveira de Medeiros, de Enseada do Brito, Palhoça/SC e de Maria do Rosário, de Taquari. Pais de:

Bn.28 **Felisbina** *18.4.1809, Porto Alegre.

Bn.29 **Joaquim** *22.11.1811, Porto Alegre.

Bn.30 **Inácio** *3.8.1813, Porto Alegre.

Bn.31 **João** *5.7.1815, Porto Alegre.

Bn.32 **Maria** *1.5.1818, Porto Alegre, onde †10.11.1821.

Bn.33 **David***16.2.1820, Porto Alegre.

Bn.34 **Delfina** *10.1821, Porto Alegre, onde †4.4.1822.

N.14 **David de Campos Nunes**, *24.6.1790, Porto Alegre, onde a 12.11.1807 ∞ **Margarida Angélica de Jesus** (v. Manuel Teixeira Afonso, F.10). Pais de:

Bn.35 **Bernardina** *1809 e †31.7.1819, Porto Alegre.

Bn.36 **Maria** *5.5.1810, Porto Alegre, onde †13.5.1810.

Bn.37 **Ana** *1.10.1811, Porto Alegre.

Bn.38 **Evaristo Rodrigues Campos** *16.3.1813, Porto Alegre, onde a 14.10.1831 ∞ **Carlota Clementina Barreto**, *Porto Alegre, f.ª de Tristão Barreto Pereira Pinto e Eufrásia.

Bn.39 **Silvina** *9.10.1814, Porto Alegre.

Bn.40 **Antônia** *23.2.1816, Porto Alegre.

Bn.41 **Inácio** *8.8.1817, Porto Alegre.

Bn.42 **Inácia** *22.1.1818, Porto Alegre.
Bn.43 **Carlota** *6.2.1820, Porto Alegre.
Bn.44 **Isidoro** *6.1821, Porto Alegre, onde †21.2.1822.

N.15 **Inácio Antônio Nunes** *23.8.1795, Porto Alegre, onde a 18.7.1814 ∞ **Teresa Maria da Trindade** (v. Antônio Pereira de Moitoso, N.12). Pais de:
Bn.45 **Maria Inácia da Conceição** ∞ **Jacinto José da Silveira** (v. Antônio Pereira Moitoso, Bn.42).

N.16 **Emerenciana Antônia do Nascimento** *15.2.1795, Porto Alegre e †17.2.1833, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 13.8.1811, ∞ **José Silveira Peixoto** (v. José Silveira Peixoto, N.1).

N.17 **Silvério Antônio Nunes** *6.1.1797, Porto Alegre, onde a 7.11.1814 ∞ **Delfina Joaquina de Figueiredo**, *Gravataí, f.ª de Luís Antônio Dias e Tomásia Joaquina de Figueiredo.

N.18 **Antônio Pereira Nunes**, major, *20.6.1798, Porto Alegre, onde a 6.2.1823 ∞ **Maria Rita Escobar** (v. José Silveira Peixoto, N.5). C/d em Porto Alegre e Alegrete e citados em Manuel Machado Fagundes da Silveira, Qn.18.

N.19 **Florisbela Antônia do Nascimento** *29.3.1800, Porto Alegre, onde †28.8.1836 e ali a 21.2.1819 ∞ **Antônio Rodrigues Paes**, *Santo Antônio da Patrulha, f.º de Manuel Rodrigues Paes e Brígida Joaquina. Pais de:
Bn.46 **Serafino** *9.1.1821, Santo Antônio da Patrulha.

F.6 **José** b. 4.4.1766, Viamão.

F.7 **Jerônimo Joaquim da Silva** *2.4.1768, Viamão, ∞ 25.1.1780, Laguna/SC, (1x) **Juliana Brígida da Silva**, ali *, f.ª de José Vicente da Silva e Joana Rodrigues Viana. Jerônimo ∞ 26.7.1786, Lapa/PR, (2x) **Ana Maria da Conceição**, *Curitiba/PR, f.ª de José da Silva Barros e Inácia Cardoso dos Mártires.

F.8 **Catarina Maria de Jesus** b. 13.5.1770, Porto Alegre, onde †6.8.1800, de postema inferior. A 12.1.1789, Porto Alegre, ∞ **Antônio Machado Luís**, *Porto Judeu, Ilha Terceira, f.º de Francisco Machado Luís e Antônia Maria.

F.9 **Joaquina Rosa da Conceição** *10.3.1772, Porto Alegre, onde a 29.10.1789, ∞ **Francisco Manuel de Souza**, b. 24.8.1771, Viamão, f.º de Manuel Caetano de Souza, da Ribeira Seca, e Inês de São José, de Santa Bárbara, Ilha Terceira.

F.10 **José Joaquim da Silva** *23.9.1773, Porto Alegre, onde a 17.2.1791 ∞ **Antônia Maria de Jesus** (v. José Pereira Garcia, F.6). Pais de:

N.20 **Geralda Maria de Jesus** *1.8.1801, Porto Alegre, onde †31.7.1833 e ali a 20.5.1821 ∞ **Fidélis José de Oliveira** (v. Francisco Machado de Oliveira, N.18).

N.21 **Isabel Maria de Jesus** *19.1.1803, Porto Alegre, onde †8.6.1825. A 20.9.1819, Viamão ∞ **João Silveira Gonçalves** (v. Manuel Silveira Gonçalves, N.23).

N.22 **Fortunata** *10.1.1807, Viamão.

N.23 **Luís Joaquim da Silva** *10.1.1810, Viamão e †27.6.1891, Porto Alegre, ∞ **Felisbina Joaquina da Silva**.

F.11 **Antônio Pereira Nunes** *23.8.1776, Porto Alegre. A 27.2.1794, Triunfo, ∞ **Joaquina Maria da Conceição** (v. Antão Pereira Machado, N.6). Pais de:

N.24 **Cristina Maria** *8.12.1795, Triunfo, onde em 1808 ∞ **Francisco de Paula**.

N.25 **Américo** *6.5.1797, Porto Alegre, onde †7.7.1815.

N.26 **Luciana** *9.2.1799, Porto Alegre, onde †3.7.1799.
N.27 **Luciana Maria Nunes** *27.51800, Porto Alegre, onde a 25.1.1816 ∞ **Antônio Luís da Fonseca**, *Freguesia de São Miguel, Bispado de Viseu e †6.1.1822, Osório, f.º de Miguel Pais e Maria da Costa. C/d em Osório.
N.28 **Serafim Antônio da Silva** *1.9.1801, Porto Alegre, onde em 25.7.1819, Guaíba (registrado em Porto Alegre) ∞ **Cândida Felícia**, f.º de João Batista de Carvalho e Maria Felícia.
N.29 **Felisbino Antônio** ou **Felisbino Pereira Nunes** *21.5.1803, Porto Alegre, onde em 25.7.1819, Guaíba (registrado em Porto Alegre) ∞ **Felicidade Felícia** ou **Felicidade Maria Perpétua**, *Porto Alegre, f.ª de João Batista de Carvalho, de Chaves, PT, e Maria Felícia, de São Paulo. Pais de:
Bn.47 **Antônio** *20.9.1820, Porto Alegre.
N.30 **Brígida Maria da Conceição** *10.5.1805, Triunfo. Teve filhos com **Cândido Francisco de Castro** em Guaíba.
N.31 **Antônia Maria de Jesus** *20.3.1807, Triunfo e †11.2.1830, Porto Alegre, onde a 1.12.1821 ∞ **José Alves de Souza "Coruja"**, b. 8.9.1799, Viamão, f.º de Pedro José Alves de Souza Guimarães e de Felícia Maria da Silva.
N.32 **Evaristo** *20.7.1810, Triunfo.
N.33 **Eufrásia** *2.10.1811, Triunfo.
N.34 **Ana Maria de Jesus** *4.6.1817, Triunfo e †3.8.1885, Montenegro, ∞ **Vasques Francisco de Ávila**, *Capela de Santana, f.º de José Francisco de Ávila, *PT e Faustina Maria da Conceição, *Triunfo. C/d em Capela de Santana e Triunfo.

F.12 **Isabel Joaquina da Conceição** *7.2.1778, Porto Alegre e †7.11.1831, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 15.1.1801 ∞ (1x) **Antônio Machado Luís**, *Porto Judeu, Ilha Terceira, f.º de Francisco Machado Luís e Antônia Maria. Isabel ∞ 20.7.1814, Porto Alegre (2x) **Alexandre José Leal**, *Ilha do Pico, f.º de Alexandre Leal e Maria da Conceição, ambos da Ilha do Pico.
Houve do 1º casamento:
N.35 **Alexandre** *23.11.1815, Porto Alegre, onde †21.12.1818.
N.36 **Porfírio José Leal** *26.4.1817, Porto Alegre.
N.37 **Teodoro José Leal** *11.9.1818, Porto Alegre.
N.38 **Alexandre José Leal** *29.12.1819, Porto Alegre.
N.39 **Elias** *20.7.1821, Porto Alegre, onde †27.7.1821.
Houve do 2º casamento:
F.13 **Francisco Caetano Pereira Nunes**
F.14 **Custódio Pereira Nunes**

ANTÔNIO PEREIRA TELES *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, f.º de Sebastião Pereira da Rosa e Alexandrina Angélica de Jesus, ∞ 4.3.1810, **ÚRSULA MARIA DE SIQUEIRA**, *Triunfo, f.ª de Inácio Pais de Siqueira e Vicência Maria da Conceição. Pais de:

F.1 **Alexandrina** *15.1.1811, Porto Alegre, onde †28.4.1813.

ANTÔNIO PEREIRA VIEIRA *N. Sra. do Rosário, Ilha de São Jorge e †23.4.1792, Porto Alegre, com testamento, f.º de Manuel Pereira Vieira e Isabel Pereira, ∞ **MARIA DA CONCEIÇÃO**, *Ilha de São Jorge, f.ª ilegítima de João Teixeira Machado e Catarina Pereira. Maria da Conceição ∞ 25.7.1792, Porto Alegre, (2x) José Antônio Coelho. O casal Antônio e Maria não deixou filhos e morava em Porto Alegre.

ANTÔNIO RODRIGUES *1.1.1715, Cedros, Ilha do Faial, f.º de João Rodrigues e Bárbara Rodrigues, ∞ 16.8.1745, Cedros, **MARIA DA ROSA**, *Cedros, Ilha do Faial, f.ª de Manuel Rodrigues Vieira Centeio e Catarina Pereira. Antônio e Maria era casal de El-Rei e foram pais de:

F.1 **Manuel Antônio Rodrigues** *18.6.1746, Cedros, Ilha do Faial e †30.6.1830, Rio Pardo, ∞ 16.5.1776, Rio Pardo, **Ana Maria da Trindade**, b. 25.5.1758, Rio Pardo, f.ª de Antônio de Ávila Bica e Rita Maria, ambos de Madalena, Ilha do Pico. Antepassados de Getúlio Dornelles Vargas, Presidente do Brasil.
F.2 **Jacinto Rodrigues Jaques** *17.5.1749, Cedros, Ilha do Faial e †10.10.1834, Rio Pardo, ∞ 25.9.1772, Rio Pardo, (1x) **Teresa Maria da Trindade**, ali *, f.ª de Antônio de Ávila Bica e Rita Maria, ambos de Madalena, Ilha do Pico. Jacinto ∞ 14.7.1776, Taquari, (2x) **Ana Maria da Conceição** (v. Antônio Machado de Souza, F.5). C/d em Rio Pardo, Alegrete, São Francisco de Assis e arredores.
F.3 **Rosa** b. 13.6.1752, Rio Grande e †4.4.1753, Viamão.
F.4 **Ana Maria** *Porto Alegre e b. 3.3.1754, Viamão, ∞ 12.6.1767, Rio Pardo, **Francisco Silveira**, *Urzelina, Ilha de São Jorge, f.º de José Homem da Silveira e Maria do Rosário.

ANTÔNIO RODRIGUES DE BARCELOS *23.2.1731, São Mateus, Ilha do Pico, e †1.4.1819, Viamão, f.º de Sebastião Rodrigues Alvernaz e Teresa Maria da Silveira, ambos de São Mateus. A 16.1.1763, Rio Grande, ∞ **ROSA PERPÉTUA DE LIMA**, *1744, Nove Ribeiras, Ilha Terceira e †17.10.1835, Pelotas, filha de Diogo Pacheco Louro, de Nove Ribeiras, Ilha Terceira e †2.7.1790, Viamão, e Bárbara da Conceição, de Nove Ribeiras e †23.7.1794, Viamão. Pais de:

F.1 **Felizarda Rosa de Lima** *20.11.1763, Viamão e †12.6.1804, de sobre parto, Porto Alegre, onde a 3.6.1786, ∞ **Custódio Martins Braga**, *1736, Couto do Alentim, arc. de Braga, PT e †7.10.1806, Porto Alegre, viúvo de Luísa Maria, †Portugal, f.º de Antônio Martins e Esperança Lopes. Pais de:

N.1 **José Custódio Braga** *5.6.1787, Porto Alegre, onde a 14.5.1810 ∞ **Margarida Joaquina da Conceição** (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, Bn.8). Pais de:

Bn.1 **Prudência** *11.2.1811, Porto Alegre.
Bn.2 **Ana** *23.1.1813, Porto Alegre.
Bn.3 **Jacinto** *27.4.1815, Porto Alegre.
Bn.4 **José** *8.11.1817, Porto Alegre.
Bn.5 **Guilhermina** *18.3.1820, Porto Alegre.
Bn.6 **Serafim** *28.8.1822, Porto Alegre.

Bn.7 **Desidério** *28.8.1822, Porto Alegre.

N.2 **Ana Joaquina de Lima** *16.5.1788, Porto Alegre, onde a 28.11.1806 ∞ **Joaquim Antônio dos Santos**, *Laguna/SC, f.º de Bento Antônio de Camargo e Josefa Maria. Pais de:

Bn.8 **Jesuíno** *16.8.1807, Porto Alegre, onde †22.8.1807.

N.3 **João Rodrigues Braga** *26.9.1789, Porto Alegre, onde a 12.10.1807 ∞ **Senhorinha Joaquina da Silva** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.6). Pais de:

Bn.9 **Justino** *7.2.1809, Porto Alegre.

Bn.10 **Bernardino** *4.7.1811, Porto Alegre.

Bn.11 **Januária Joaquina da Silva** *15.2.1814, Porto Alegre, onde a 3.7.1833 ∞ **Baltazar de Oliveira Garcia**, *15.7.1809, Porto Alegre, f.º de Manuel Vicente Garcia e Ana Joaquina de Oliveira. C/d em Porto Alegre.

Bn.12 **João** * 16.8.1816, Porto Alegre.

Bn.13 **Maria** *24.9.1818, Porto Alegre.

Bn.14 **José** *11.10.1820, Porto Alegre.

Bn.15 **Joaquina** *25.12.1822, Porto Alegre.

Bn.16 **Francisco** *2.12.1824, Porto Alegre.

Bn.17 **Bernardo** *27.10.1826, Porto Alegre.

Bn.18 **Delfino** *17.9.1828, Porto Alegre.

Bn.19 **Antônio** *4.2.1831, Porto Alegre.

N.4 **Antônio Rodrigues Braga** *16.5.1791, Porto Alegre, onde †20.4.1868 e ali a 2.6.1810 ∞ **Rita Cândida de Jesus** (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, Tn.14).

N.5 **Custódio Martins Braga** *16.12.1792, Porto Alegre. Soldado de Infantaria em 1811 e 1816.

N.6 **Bernardina Rosa de Lima** *3.2.1796, Porto Alegre, onde a 19.8.1811 ∞ **Euquério José Dias** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.7).

N.7 **Desidério Rodrigues Braga** *16.4.1797, Porto Alegre.

N.8 **Francisco Rodrigues Braga** *26.2.1798, Porto Alegre.

N.9 **Cipriano Rodrigues Braga** *24.8.1799, Porto Alegre.

N.10 **Eufrásia Rosa de Braga** 22.6.1801, Porto Alegre, ∞ 1818, Piratini, **Augusto Nogueira Picanço**.

N.11 **Felizardo Rodrigues Braga** *14.6.1804 Porto Alegre.

F.2 **Joaquina Lima** *4.4.1765, Viamão.

F.3. **Bernardino Rodrigues de Barcelos** *31.3.1766, Porto Alegre e †12.8.1856, Pelotas. A 14.10.1804, Piratini, ∞ **Maria Francisca da Conceição**, *6.8.1789, Rio Grande e †14.8.1864, Pelotas, f.ª de Carlos Francisco Torma e Domingas Francisca. C/d em Rio Grande e Pelotas.

F.4 **José Maria Rodrigues de Barcelos**, comendador, *3.8.1767, Viamão e †22.3.1849, Pelotas. A 25.6.1799, Piratini, ∞ **Ana Bernarda da Cunha**, *2.8.1783, Rio Grande e †14.10.1870, Pelotas, f.ª de Joaquim da Cunha Barbosa e Ana Jacinta do Nascimento. C/d em Rio Grande e Piratini.

F.5 **Maria Angélica de Lima** *5.1.1769, Viamão. A 8.9.1791, Porto Alegre, ∞ **Manuel Coelho do Couto**, *Canelas, Vila Nova de Gaia, Porto, PT, f.º de José do Couto e Joana Coelho do Nascimento.

F.6 **Antônio Rodrigues de Barcelos Filho** *7.4.1770, Viamão. A 28.10.1799, Rio Grande, ∞ **Jacinta Balbina Fagundes**, f.ª de Vicente Muniz Leite e Dionísia Pereira Leal (v. Antônio Muniz Leite, F.3). C/d em Rio Grande, Piratini e Jaguarão.
F.7 **Inácio Rodrigues de Barcelos** *8.10.1771, Viamão e †1860. Em 1799, Rio Grande, ∞ **Emerenciana Manuela Teixeira**, ali *31.5.1781 e †26.12.1835, Pelotas, f.ª de João Teixeira Carneiro e Escolástica Maria de Jesus. C/d em Rio Grande e Pelotas.
F.8 **Manuel** *10.4.1773, Viamão.
F.9 **Laureana Barcelos de Lima** *6.7.1774, Viamão, onde a 9.5.1795 ∞ **Manuel Antônio da Costa**, *15.1.1760, Lajes, Ilha do Pico, f.º de Antônio Ferreira João e Micaela de Santo Antônio. Pais de:

N.12 **João** *12.4.1796, Porto Alegre, onde †18.3.1799, afogado num poço.
N.13 **Cláudio** *27.5.1797, Porto Alegre, onde †5.1.1798.
N.14 **Florisbela** *5.2.1802, Porto Alegre, onde †12.4.1802.
N.15 **Cipriano** *13.4.1804, Porto Alegre, onde †13.1.1805.
N.16 **Joaquim Antônio de Barcelos** *1.8.1805, Porto Alegre. A 26.11.1832, Pelotas, ∞ **Marcolina Amélia Chaves**, ali *11.9.1815, f.ª de Antônio José Gonçalves Chaves e Maria do Carmo da Cruz Secco. O casal de Joaquim e Marcolina deu origem à tradicional família porto-alegrense Chaves Barcelos, cujo mais conhecido representante é o filho:

Bn.20 **Antônio Chaves Barcelos**, comendador, *7.6.1835, Pelotas e †25.7.1915, Porto Alegre, onde a 26.4.1862 ∞ **Manuela Gonçalves da Silva**, *Jaguarão, f.º de Manuel Gonçalves da Silva (irmão de Bento Gonçalves da Silva, general farroupilha) e Eulina Márcia do Espírito Santo. C/d em Porto Alegre.

N.17 **Serafim Antônio da Costa** *27.6.1806, Porto Alegre.
N.18 **Polidoro Antônio da Costa** *9.4.1809, Porto Alegre, onde †18.5.1870. A 17.2.1838, Rio Grande, ∞ **Maria Joana Lopes**, ali *25.3.1817, f.ª de João Antônio Lopes e Maria Joaquina Correia Mirapalheta. C/d em Rio Grande.
N.19 **Carlota Barcelos de Lima**, 2.6.1813, Porto Alegre.
N.20 **Vicente** *Porto Alegre.
N.21 **Maria** *Porto Alegre.
N.22 **Geraldo Antônio da Costa** *5.12.1818, Porto Alegre.
N.23 **Anacleto Antônio da Costa** *1819, Porto Alegre.

F.10 **Francisco Rodrigues de Barcelos** *11.9.1775, Viamão, onde a 4.5.1816 ∞ **Claudina Joaquina do Nascimento**, *5.7.1799, Viamão e †28.7.1850, Porto Alegre, f.ª de Manuel de Souza Feijó e Inácia Felícia de Santa Clara. C/d em Viamão.
F.11 **Boaventura Rodrigues de Barcelos**, Comendador e Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial, *16.10.1776, Viamão e †17.12.1855, Pelotas. Em 1807, Rio Grande, ∞ (1x) **Cecília Rodrigues da Silva**, ali *8.1.1789 e †12.10.1821, Pelotas, f.ª de Bartolomeu Rodrigues da Silva e Ana Bernarda do Amaral. A 10.4.1822, Rio Grande, ∞ (2x) **Silvana Eulália de Azevedo**, ali *, f.ª do sargento-mor Francisco de Azevedo de Souza e Josefa Maria da Cunha. C/d em Pelotas e Rio Grande, dentre eles Miguel Rodrigues de Barcelos, Barão de Itapitocaí e médico da Santa Casa de Pelotas.
F.12 **Joaquim Rodrigues de Barcelos** *20.10.1777, Viamão e †12.9.1806, Rio Grande, onde a 30.7.1804 ∞ **Maria Prudência Pereira**, *28.4.1777, Maldonado, Uruguai, f.ª de João Batista Pereira Taveira e Maria Pereira das Neves.

F.13 **João Rodrigues de Lima Barcelos** *11.12.1778, Viamão, onde a 21.5.1810 ∞ **Maria Joaquina**, *21.1.1787, Viamão, f.ª de Faustino Luís Diniz e Ana Joaquina de Jesus.
F.14 **Cipriano** *24.2.1780, Viamão.
F.15 **Cipriano Rodrigues de Barcelos**, comendador, *3.4.1781, Viamão e †1869, Pelotas. A 18.12.1810, Rio Grande, ∞ **Rita Bernarda da Silva**, ali †28.5.1865, f.ª de Luís Pereira da Silva e Eugênia Ferreira da Conceição.
F.16 **Luís Rodrigues de Barcelos** *19.8.1782, Viamão. A 28.8.1819, Jaguarão, ∞ **Jacinta Joaquina do Amor Divino**, f.ª de Antônio Simões Pereira e Joaquina Maria Lopes.
F.17 **Ana Luísa Barcelos de Lima** *19.8.1782, Viamão, onde a 25.12.1811, ∞ **Serafim dos Santos Robalo**, *12.8.1774, Rio Pardo, f.º do tenente-coronel João dos Santos Robalo e Maria Marta da Conceição.
F.18 **Manuel Rodrigues de Barcelos** *1784, Viamão. A 12.8.1816, Pelotas, ∞ **Micaela Rodrigues da Silva**, *Rio Grande, f.ª de Bartolomeu Rodrigues da Silva e Ana Bernarda do Amaral.
F.19 **Simeana Barcelos de Lima** *29.6.1785, Viamão, onde a 24.10.1813, ∞ **Boaventura Inácio de Barcelos** (v. Diogo Inácio de Barcelos, F.8).

ANTÔNIO RODRIGUES DE CASTRO *Candelária, Ilha do Pico, f.º de Francisco Rodrigues de Castro e Mariana Teresa, ∞ 8.12.1801, Porto Alegre, **MARIA JOAQUINA DO AMOR DIVINO**, *Santo Antônio da Patrulha, f.ª de José Correia Guimarães e Inácia Joaquina de Jesus.

ANTÔNIO SILVEIRA RAMOS *20.10.1738, Ribeirinha, Ilha do Faial, onde †8.12.1792, f.º de Antônio Silveira Ramos e Rosa Maria do Nascimento. Na Ribeirinha, a 22.11.1773, ∞ **CATARINA TOMÁSIA DE JESUS**, ali *4.11.1751, f.ª de Vicente Silveira e Ana Teresa da Conceição. O casal teve ao menos cinco filhos, dos quais ao menos dois vieram para o Brasil:

F.1 **José Silveira da Rosa** *20.6.1779, Ribeirinha, Ilha do Faial, ∞ 19.5.1801, Viamão, **Maria Francisca da Conceição** (v. Francisco Machado de Oliveira, F.16). Pais de:
N.1 **Claudino José da Silva** *20.1.1803, Viamão, onde a 6.5.1819 ∞ **Tomásia Joaquina da Conceição**, *9.6.1800, Viamão, f.ª de Antônio Nunes Machado e Ana Maria da Conceição.
N.2 **Joaquina Antônia de Jesus** *14.6.1804, Porto Alegre. A 18.6.1820, Viamão, ∞ **Narciso Nunes Machado**, *16.11.1786, Viamão, f.º de Antônio Nunes Machado e Ana Maria da Conceição.
N.3 **Joaquim José da Silva** *20.12.1805, Porto Alegre.
N.4 **Fernando** *19.10.1807, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
N.5 **João José de Oliveira** *16.6.1809, Porto Alegre, ∞ **Laurentina Maria de Jesus**.
N.6 **Egídio** *21.10.1810, Porto Alegre e † antes de 1816.
N.7 **Luís José da Silva** *20.2.1813, Porto Alegre.
N.8 **Alexandre José da Silva** *29.9.1814, Porto Alegre.

N.9 **Egídio** *29.1.1816, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
N.10 **Isidoro Silveira da Rosa** † antes de sua mãe, ∞ **Zelinda Joaquina de Oliveira**. Pais de:
Bn.1 **Tomé**
Bn.2 **Eufrásia**

F.2 **Tomás Francisco Ramos** *3.2.1791, Ribeirinha, Ilha do Faial, ∞ 22.1.1818, Viamão, **Rosaura Maria da Conceição**, *17.9.1781, Viamão e †2.7.1829, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de Joaquim Inácio dos Santos, de Rio Grande, e Genoveva Maria da Conceição, de Viamão. Pais de:
N.11 **Vitorino** *2.6.1819, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
N.12 **Tomásia**
N.13 **Jacinto**

ANTÔNIO TEIXEIRA *Horta (Conceição), Ilha do Faial, f.º de Manuel José Teixeira e Quitéria Rosa, ∞ 22.4.1805, Porto Alegre, (1x) **FLORISBELA MACIEL DOS SANTOS**, *Porto Alegre, f.ª de Tomás dos Santos e Maria Justa. Antônio ∞ 6.7.1820, Porto Alegre, (2x) **ESCOLÁSTICA MARIA DA CONCEIÇÃO**, *Gravataí, f.ª de Miguel Antônio e Maria Micaela, índios.
Houve do 1º casamento:

F.1 **José** *15.6.1808, Porto Alegre.
Houve do 2º casamento:
F.2 **Joana** *24.6.1810, Porto Alegre.
F.3 **Américo** *25.7.1812, Porto Alegre.
F.4 **Delfina** *8.11.1813, Porto Alegre.

ANTÔNIO XAVIER DA SILVA *Ilha do Faial, ∞ **ANTÔNIA BRÍGIDA DA SILVA**, *Iguape/SP. Pais de:

F.1 **Maria Rita do Carmo** *Iguape/SP, ∞ 4.12.1811, Estreito, São José do Norte, **Bento Ribeiro da Fonseca**, *Salvador/BA (N. Sra. da Conceição), f.º de Bento Ribeiro e Teresa de Jesus.
F.2 **Francisca** *16.1.1805, Porto Alegre.

BARTOLOMEU CARDOSO *1711 na Ilha Terceira e †11.1.1781, Porto Alegre, f.º de Manuel Cardoso e Sebastiana de São José. A 24.2.1727, Santa Cruz da Vila da Praia, Terceira, ∞ **ÂNGELA DE SANTIAGO**, ali *, f.ª de Manuel Vieira Franco e Maria de São João. Pais de:

F.1 **Francisco Cardoso** *1730, Angra do Heroísmo (Conceição), Terceira, †24.2.1784, Porto Alegre, ∞ **Francisca da Conceição** ou **Francisca Rosa Joaquina** (v. Antônio Machado Neto, N.1). Pais de:

N.1 **Maria Francisca do Nascimento** *3.4.1773, Porto Alegre, onde a 27.4.1788 ∞ **José Rodrigues Serpa**, *1756, Lajes, Ilha do Pico e †22.8.1806, Porto Alegre, f.º de Lourenço José da Silveira e Maria Antônia. Pais de:

Bn.1 **Francisca Rosa Joaquina** *4.2.1791, Porto Alegre, onde a 9.2.1807 ∞ **José Joaquim de Oliveira** ou **José Inácio de Oliveira**, *17.8.1788, Porto Alegre, f.º de Joaquim José de Oliveira ou Joaquim José Inácio e Francisca Inácia Joaquina. Pais de:

Tn.1 **Manuel Inácio de Oliveira** ∞ 6.6.1828, Porto Alegre, **Flora Manuela do Nascimento**, *16.05.1809, Porto Alegre, f.º de Manuel Machado Álvares e Escolástica Maria do Nascimento.

Tn.2 **Domingos José de Oliveira** *4.5.1813, Porto Alegre, onde a 13.5.1833 ∞ **Maria do Rosário**, *Porto Alegre, f.ª de Manuel Machado Álvares e Escolástica Maria do Nascimento.

Tn.3 **Florentino** *8.3.1817, Porto Alegre, onde †31.3.1817.

Tn.4 **Emília** *14.8.1818, Porto Alegre.

Bn.2 **Inácia** *28.05.1794, Porto Alegre e † antes de seu pai.

Bn.3 **Joaquina Maria do Nascimento** b. 26.12.1795, Porto Alegre, onde a 4.9.1809 ∞ **João Francisco Fernandes** *Santa Marinha, Bispado de Tuí, Viana do Castelo, PT, f.º de Francisco Fernandes e Maria Benta Gonçalves.

Bn.4 **Genoveva** *3.10.1797, Porto Alegre.

Bn.5 **Bárbara** *1.10.1799, Porto Alegre

Bn.6 **Josefa** *13.12.1801, Porto Alegre, onde †19.10.1815.

N.2 **Joaquina** *25.3.1776, Porto Alegre e † antes de seu pai.

N.3 **Joaquim** *06.3.1778, Porto Alegre.

N.4 **Jacinta Rosa de Jesus** *10.5.1780, Porto Alegre, onde a 10.1.1796 ∞ **Francisco José da Cunha Rodrigues** (v. José Rodrigues Patrício, F.2).

N.5 **Manuel Francisco Cardoso** *28.6.1782, Porto Alegre, onde a 14.4.1805 ∞ **Quitéria Angélica de Jesus** *4.1.1784 Porto Alegre, f.ª de Manuel Pereira Nunes e Angélica Rosa da Conceição. Pais de:

Bn.7 **Francisca Angélica de Jesus** *11.3.1807, Porto Alegre, ∞ **Manuel dos Passos Machado** ou Manuel Vicente, f.º de Isidoro Vicente e Maria Rosa. C/d em Gravataí.

Bn.8 **Felicidade Perpétua do Nascimento** *16.3.1809, Porto Alegre, onde a 18.1.1832 ∞ **Jorge Wilson**, *Londres, f.º de Thomaz Wilson e Sara.

Bn.9 **Bernardino** *3.5.1811, Porto Alegre.

Bn.10 **Fermino** *30.8.1813, Porto Alegre.

Bn.11 **Manuel Francisco Cardoso** a 21.6.1845, Gravataí ∞ **Antônia Rosa dos Anjos**, f.ª de Miguel Duarte de Oliveira e Bibiana Eufrásia da Silva. C/d em Gravataí e São Francisco de Paula.

Bn.12 **José Francisco Cardoso** *Gravataí, ∞ **Laurinda Antônia de Jesus**, *Gravataí, f.ª de Antônio de Jesus e Silvéria Maria de Jesus. C/d em Gravataí.

F.2 **Vitória da Conceição** *Praia da Vitória, Terceira e †20.6.1806, talvez em Porto Alegre, ∞ **Manuel Fernandes**, *Alvoco das Várzeas (Santo André), Oliveira do Hospital, Coimbra, PT, f.º de João Fernandes e Joana Lopes. Pais de:

N.6 **Luís Fernandes Cardoso** b. 30.8.1760, Viamão. Teve ao menos um filho com **Rita Ribeiro**, *Triunfo, f.ª de Francisco José de Morais e Maria Inácia Ribeiro. Após, a

7.1.1795, Porto Alegre ∞ **Josefa Maria da Conceição**, *Triunfo, f.ª de Manuel Durães de Faria e Maria da Conceição. Pais de:

Bn.13 **Feliciano** (f.º de Rita), *5.9.1792, Gravataí e deve ter † antes de 1808.

Bn.14 **Manuel** (f.º de Josefa) *28.5.1797, Porto Alegre.

N.7 **Rosa Joaquina de Lima** b. 23.1.1763, Viamão e †16.6.1822, Porto Alegre. A 11.1.1781 ∞ **Antônio Pereira Fernandes**, *29.12.1747, Colônia, Uruguai, f.º de José Pereira Fernandes e Joana da Trindade. Pais de:

Bn.15 **Ana Maurícia da Conceição** *17.2.1782, Porto Alegre, onde a 12.9.1801 ∞ **Matias Fernandes de Amorim**, *São Salvador de Sobrada, bispado de Tuí, Galícia, Espanha, f.º de João Fernandes e Maria de Amorim.

Bn.16 **Delfina Eugênia da Conceição** *11.1.1784, onde a 21.7.1821 ∞ **Antônio Pinheiro de Almeida**, *Trofa, Águeda, Aveiro, PT, f.º de José Pereira Fernandes e Joana da Trindade.

N.8 **Antônio Fernandes de Lima** *Porto Alegre, b. 14.7.1866 Viamão. Em Porto Alegre ∞ **Inácia Joaquina de Andrade** †1844, Porto Alegre. Pais de:

Bn.17 **Manuel** *11.2.1794, Vacaria.

Bn.18 **Maria** *1796, Vacaria.

Bn.19 **Ana Jacinta de Lima ∞ Mâncio Ivo da Fonseca**, *1797, Vacaria, f.º Antônio Manuel da Fonseca e Ana Maria Pereira.

N.9 **Maurício** *26.8.1768, Viamão.

N.10 **Antônia Mariana de Lima** ou **Antônia Leonor de Jesus** b. 29.10.1770, Porto Alegre, onde a 15.8.1789 ∞ (2x) **Manuel da Silva Gradil**, *São Silvestre de Gradil, Torres Vedras, PT, f.º de José da Silva e Josefa Maria. Antônia ∞ 25.4.1808, Porto Alegre, (2x) **Bernardino José de Sena**, *Recife/PE, f.º de José Raposo e Teresa de Jesus.

N.11 **Manuel Fernandes Lima** *1.8.1773, Porto Alegre. Soldado em 1808, ausente.

N.12 **Inácio Francisco Fernandes** 1.8.1776, Porto Alegre. Solteiro em 1808.

N.13 **José Antônio Fernandes** *19.10.1778, Porto Alegre. Solteiro em 1808.

N.14 **Ana** *5.10.1781, Porto Alegre, onde †10.5.1782.

N.15 **Maurício Antônio Fernandes** *28.6.1783, Porto Alegre e †02.6.1866 Gravataí, onde a 21.1.1803 ∞ **Francisca Carvalho de Oliveira**, *Triunfo, f.ª de Luís Feliz da Silva e Petronilha Carvalho.

F.3 **Catarina Tomásia** *Praia da Vitória, Terceira, ∞ **Francisco Ferreira Evangelho**, *Lajes, Ilha do Pico, f.º de Francisco Ferreira Evangelho e Catarina Vieira. Pais de:

N.16 **Maria** b. 7.06.1753, Florianópolis/SC.

N.17 **Lauriana** b. 2.5.1754, Florianópolis/SC.

N.18 **Rosa Inácia** b. 3.9.1755, Viamão.

N.19 **Manuel** b. 29.10.1757, Viamão.

N.20 **Custódio** b. 21.10 1759, Viamão.

BARTOLOMEU FERREIRA TELES *1744, Santo Antônio, Ilha do Pico e †28.4.1794, Porto Alegre, muito pobre, f.º de Manuel Ferreira Teles e Maria da Rosa, ambos †1756, Santo Antônio, Ilha do Pico. Bartolomeu ∞ 18.4.1768, Santo Antônio, Ilha do Pico, **MARIA DO ESPÍRITO SANTO**, *Ilha do Pico, f.ª de Manuel Gonçalves Serpa e Maria Vieira. Pais de:

F.1 **Maria do Espírito Santo** *1769, Santo Antônio, Ilha do Pico, ∞ 2.12.1786, Rio Grande, **Inácio Rodrigues Martins**, *São José/SC, f.º de Salvador Rodrigues e Marcelina Martins.
F.2 **Ana Joaquina da Conceição** *1780, Tapacoró (Itaboraí/RJ) e †12.2.1817, Porto Alegre, onde, a 6.2.1792, ∞ **José Inácio da Silveira** (v. José de Oliveira, N.6).
F.3 **Gertrudes Maria da Conceição** ou **Gertrudes Maria do Espírito Santo** *14.11.1781, Estreito, São José do Norte, ∞ 18.6.1795, Porto Alegre, **Inácio Antônio da Silveira** (v. Manuel Pereira da Luz, N.6).
F.4 **Rosa** *4.7.1784, Rio Grande.
F.5 **Manuel Ferreira Teles** *24.2.1788, Estreito, São José do Norte, ∞ 17.9.1807, Porto Alegre, **Maria Angélica** (v. João da Cunha Pereira, N.6). Pais de:
N.1 **João** *21.7.1808, Porto Alegre.
N.2 **Ana** *15.3.1810, Porto Alegre.

BERNARDO PEREIRA *25.10.1710, Vila da Praia, Ilha Terceira e † antes de 1804, f.º de Brás Pereira e Margarida dos Santos. A 23.7.1731, Santa Cruz, Ilha Terceira ∞ **FRANCISCA ROSA**, ali *10.8.1710, Vila da Praia e †1.2.1804, Porto Alegre, f.ª de Martinho Barreto e Francisca de São José. Pais de:

F.1 **Inácia Rosa** *Vila da Praia, Ilha Terceira, ∞ **José Antônio de Seixas**. C/d em Rio Grande.
F.2 **Antônio Severo** *3.1.1737, Vila da Praia, Ilha Terceira, ∞ 28.4.1759, Rio Pardo, **Rosa Maria de Santa Clara**, *17.11.1734, Salão, Ilha do Faial, f.ª de Francisco Rodrigues e Catarina de São José. C/d em Rio Pardo.
F.3 **Teresa Maria de Jesus** *Vila da Praia, Ilha Terceira e †21.2.1801, Triunfo, ∞ **Manuel da Silva Ferrão**. C/d em Rio Pardo.
F.4 **Francisco José** *pv. 1738, Ilha Terceira, ∞ **Teresa Joaquina**. C/d em Viamão.
F.5 **Rosa Jacinta**, solteira em 1758.

BOAVENTURA JOSÉ ESTRELA ou **VENTURA JOSÉ ESTRELA** *Ilha de São Miguel, dado como *pardo forro*, sinalizando tratar-se de um ex-escravizado, ∞ **MARIA TERESA DE JESUS**, *Estreito, São José do Norte, dada como *parda livre*. Pais de:

F.1 **Manuel** *11.6.1794, Porto Alegre.
F.2 **Maria Rosa do Nascimento** *1.12.1795, Porto Alegre, ∞ **Domingos José Rodrigues**, *Porto Alegre, f.º de José Machado Rodrigues, de SC, e Brígida Maria de Jesus, índia guarani, de Gravataí. Pais de:
N.1 **Martiniana** *6.7.1818, Porto Alegre.
N.2 **Celestina** *18.5.1821, Porto Alegre.
F.3 **Francisco** *3.4.1798, Porto Alegre.
F.4 **José** *4.11.1800, Porto Alegre.

CAETANO DA COSTA *Lajes, Ilha Terceira e †6.4.1784, Porto Alegre, f.º de Daniel Gonçalves Pimentel e Maria da Costa, ∞ 24.11.1737, Lajes, Ilha Terceira, **MARIA DO ROSÁRIO**, *Horta (S. Salvador), Ilha do Faial e †19.10.1795, Porto Alegre, pobre, f.ª de José Correia e Leonor da Conceição. Pais de:

F.1 **Caetana de Jesus** *Lajes, Ilha Terceira, ∞ 9.7.1759, Rio Grande, **José Garcia** (v. este nome).
F.2 **Rosa Inácia de Jesus** *1740, Vila da Praia, Ilha Terceira e †21.6.1834, Santo Amaro do Sul, ∞ 28.11.1772, Triunfo, **Inácio Francisco de Melo**, *pv. 1733, Vila do Porto, Ilha de Santa Maria e †5.11.1811, Porto Alegre, f.º de Antônio Furtado e Clara de Melo. Inácio viveu em Porto Alegre até 1772, tendo adquirido a estância do Morro de Sant´Ana que pertenceu a Jerônimo de Ornelas Menezes e Vasconcelos, na década de 1760, a qual foi desapropriada, recebendo como indenização a Estância de Tarumã e uma data de terras em Porto Alegre. Em 1773 Inácio e família residiam no Arroio dos Ratos, à época pertencente a Triunfo, onde nasceram dez filhos (ARAÚJO FABRÍCIO, 1975, p. 112 e seguintes).

CAETANO DE SOUZA *pv. 1715, Topo ou Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †28.7.1797, Viamão, f.º de Marcos Cardoso e Maria da Trindade, ambos da Ilha de São Jorge. Caetano, a 6.1.1737, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge ∞ **ÁGUEDA TEIXEIRA**, ali *pv. 1718, e †28.06.1788, Viamão, f.ª de Manuel Machado Maciel e Isabel Teixeira, ambos da Ilha de São Jorge. Pais de:

F.1 **Manuel Caetano de Souza Teixeira** *pv. 1737, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †12.03.1811, Viamão. A 30.3.1761, Rio Grande, ∞ **Inês de São José** ou **Inês Silveira** (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, N.1). C/d em Viamão, Triunfo e Porto Alegre.
F.2 **José Caetano de Souza** *Rio Grande. Em 1771, Viamão, ∞ **Eulália Rodrigues Ferreira**, b. 6.5.1758, Viamão, f.ª de Antônio Rodrigues Ferreira, de Braga, PT, e Ana Soares Henriques, de Colônia, Uruguai. Pais de:

N.1 **Joaquina** *1.7.1773, Viamão.
N.2 **Ana de Souza ou Ana Rodrigues** *28.6.1775, Viamão, ∞ 8.11.1789, Porto Alegre, **Domingos Gomes Messias** (v. Manuel da Costa, N.2).
N.3 **Joaquim** *6.4.1778, Porto Alegre.
N.4 **Maria** * 19.1.1783, Porto Alegre.
N.5 **Delfim** *26.9.1785, Porto Alegre.
N.6 **Isidora** *16.12.1787, Porto Alegre.
N.7 **Manuel** *6.2.1789, Porto Alegre.
N.8 **Antônio** *18.4.1791, Porto Alegre.
N.9 **Vicente** *13.5.61793, Porto Alegre.
N.10 **Maria Joaquina de Jesus** *4.8.1795, Porto Alegre, onde a 22.10.1809 ∞ **João Antônio da Silva**, *Sorocaba/SP, viúvo de Maria Correia da Fonseca, f.º de José da Silva Chaves e Ana Lemos da Silva.
N.11 **Luísa** *3.9.1798, Porto Alegre.
N.12 **Ludovina** *28.8.1801, Porto Alegre.

F.3 **Maria da Conceição** *Rio Grande, ∞ **José Inácio de Oliveira**, *Bispado de Mariana/MG, f.º de Manuel Francisco dos Santos e Gertrudes de Oliveira. Pais de:

N.13 **Ana Joaquina de Oliveira** b. 3.2.1771, Viamão, onde a 25.11.1786, ∞ **Francisco Félix da Silva**, *Laguna/SC, f.º de Francisco Félix da Silva e Rita Nunes de Siqueira, ambos do estado de São Paulo. C/d em Santo Antônio da Patrulha.

N.14 **Joaquim** *12.11.1772, Viamão.

N.15 **Antônio Inácio de Oliveira** *9.12.1774, Viamão, ∞ **Ana Maria de Jesus** (v. Antônio da Rosa de Medeiros, F.2). Pais de:

Bn.1 **Serafim Antônio de Oliveira** *Viamão, onde a 25.9.1823 ∞ **Maria Felisberta de Oliveira**, b. 8.4.1799, Santo Antônio da Patrulha, f.ª de Boaventura José Corrêa e Ana Maria de Jesus.

Bn.2 **Francisco Antônio de Oliveira** *6.7.1800, Porto Alegre, ∞ **Cesária Engrácia da Conceição**, *5.5.1808, Viamão, f.ª de José Estácio da Cunha e Ana Maria de Jesus (v. Manuel de Souza Barros, N.5). C/d em Alegrete.

Bn.3 **João Antônio de Oliveira** *31.1.1802, Porto Alegre e †3.5.1869, Cruz Alta, ∞ 4.5.1822, Porto Alegre, **Hedwiges Antônia da Conceição**, *15.7.1807, Viamão, f.ª de Manuel Antônio Fagundes e Ana Maria de Jesus.

Bn.4 **Estêvão** *20.8.1803, Porto Alegre e † antes de sua mãe.

Bn.5 **Maria**, *30.12.1804, Porto Alegre, em 1835 já ∞ **Amâncio Gonçalves Vianna**.

Bn.6 **Antônio Inácio de Oliveira** *15.11.1806, Porto Alegre.

Bn.7 **Narciso Antônio de Oliveira** *4.7.1808, Porto Alegre, em 1835 já ∞ **Ana**.

Bn.8 **Bibiana** *14.9.1810, Porto Alegre.

Bn.9 **Manuel Antônio de Oliveira** *19.11.1812, Porto Alegre.

Bn.10 **Domingos de Almeida de Oliveira** *23.7.1814 Porto Alegre, em 1835 já ∞ **Joaquina Lopes**.

Bn.11 **Felicidade** *25.7.1816, Porto Alegre, em 1835 já ∞ com o cirurgião **Porfírio Joaquim de Macedo**.

Bn.12 **Ana** *1.5.1820, Porto Alegre.

Bn.13 **Francisca** *16.7.1822, Porto Alegre.

N.16 **Francisca** *13.1.1777, Viamão.

N.17 **Francisco** *19.11.1780, Viamão.

N.18 **Inácia Maria de Oliveira** b. 25.5.1783, Viamão, ∞ **João Antônio de Medeiros** (v. Antônio da Rosa de Medeiros, F.1).

N.19 **Manuel** *7.1.1787 Viamão.

CAETANO FRANCISCO *1747 nos Açores e †16.9.1817, Porto Alegre, viúvo, com 70 anos, do qual não conseguimos maiores elementos para relacionar a eventuais filhos ou parentes.

CAETANO FURTADO DE SOUZA *Lages, Ilha das Flores e †8.12.1784, Porto Alegre, ∞ **TERESA FRANCISCA DE SÃO JOSÉ**, *Ilha do Faial e †27.11.1799, Porto Alegre, f.ª de Pedro Fernandes Borges e Maria de Faria. Pais de:

F.1 **Jerônima Francisca** *Rio de Janeiro/RJ e †antes de 1799, ∞ 21.6.1760, Rio Grande, **Francisco de Oliveira Couto**, *Braga (São Vitor), Braga, PT, f.º de Francisco de Oliveira Couto e Jerônima Maria da Conceição.
F.2 **Gertrudes Tomásia do Sacramento** *Rio Grande e †14.5.1791, Porto Alegre, ∞ 14.8.1776, Rio Pardo, (1x) **Eugênio Ribeiro**, *Pereira de Palhacana, Alenquer, Lisboa, PT, f.º de Manuel dos Santos e Eugênia Maria. Gertrudes ∞ 26.8.1783, Porto Alegre, (2x) **Manuel Pereira Frade**, *14.8.1757, Rio Grande, f.º de Antônio Pereira Frade e Beatriz Rosa de Nazaré. Manuel ∞ 2x com Ana Leonarda da Conceição (v. José Pereira Garcia, F.9). Gertrudes foi mãe de:

N.1 **Laura** (f.ª de pai incógnito) *27.5.1783, Porto Alegre.

N.2 **Cândido de Souza Pereira** (f.º de Manuel) *7.11.1785, Porto Alegre. Foi soldado da Infantaria e Artilharia.

N.3 **Alexandre** *23.9.1788, Porto Alegre.

F.3 **João** *17.5.1755, Rio Grande †antes de 1799.
F.4 **Tomás** *12.10.1760, Fortaleza de São Miguel, Rio Grande e †antes de 1799.

CAETANO GARCIA FAGUNDES *1726, Ilha do Faial e †23.12.1786, Porto Alegre, ∞ **ANTÔNIA MARIA DA SILVEIRA** ou **ANTÔNIA MARIA DE JESUS**, *Ilha do Faial e † antes de 1786. Pais de:

F.1 **Maria Antônia da Conceição** ou **Antônia Maria da Conceição** *1751, Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita) e †25.3.1821, Porto Alegre, ∞ **Manuel Inácio de Oliveira** (v. José de Oliveira, F.2).
F.2 **Ana Maria de São Francisco** *Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita), ∞ **André Machado Álvares** (v. João do Couto Machado, F.2).

COSME LEAL *Ilha do Pico, onde ∞ **MARIA DE SÃO JOSÉ**, *Ilha do Pico, cujo casal não veio para o Brasil, mas ao menos dois de seus filhos:

F.1 **Francisco de Souza Leal** ou apenas **Francisco Leal** *1719, Lajes do Pico, Ilha do Pico e †19.2.1808, Porto Alegre, com 89 anos, ∞ **Josefa Maria**, *17.3.1727, Madalena, Ilha do Pico, e †16.7.1777, Porto Alegre, f.ª de Domingos da Rosa e Domingas Pereira. Pais de:

N.1 **Manuel** *17.12.1745, Madalena, Ilha do Pico.

N.2 **Antônio Leal Pimentel** *1748, Rio de Janeiro/RJ (Candelária) e †10.4.1819, Porto Alegre, onde a 11.11.1781 ∞ **Francisca Maria de Jesus** ou **Francisca Teresa de Jesus**, *Rio de Janeiro/RJ e †19.12.1843, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de André Gonçalves e Teresa Maria de Jesus. Pais de:

Bn.1 **Maria Joaquina de Jesus** *20.10.1782, Porto Alegre e †7.3.1832, Laguna/SC. Em Porto Alegre, a 5.6.1796, ∞ com o alferes **Joaquim José Nunes**, *1766, Velas, Ilha de São Jorge e †27.8.1821, Porto Alegre, f.º de José Francisco Nunes e Rita Maria de Jesus. Pais de:

Tn.1 **Francisco José Nunes** *Laguna/SC, ∞ 7.6.1820, Porto Alegre, com sua prima 3º, **Constança Maria Pires Cerveira** (v. Narciso Pires Cerveira, N.8).

Tn.2 **Antônio** *7.2.1800, Porto Alegre, onde †4.4.1806.
Tn.3 **João José Nunes** *10.6.1803, Porto Alegre, onde a 31.12.1857 ∞ **Felisberta Vitorina Pereira Coelho**, *23.6.1811, Porto Alegre, fª de Vitorino Pereira Coelho, sargento-mor, de PT, e de Maria Joaquina da Conceição, do Rio de Janeiro.
Tn.4 **Joaquina** *11.12.1813, Porto Alegre.
Tn.5 **Ana Joaquina Nunes** *Laguna/SC, onde a 11.11.1809 ∞ **Gaspar José Mendes Braga**.
Tn.6 **Maria Francisca Nunes** *Laguna/SC, onde a 13.1.1819 ∞ **Luís Martins Colaço.**

Bn.2 **Clara Joaquina de Jesus** b. 4.3.1784, Porto Alegre, ∞ 30.8.1801, Porto Alegre (1x) **Antônio Pereira de Brito** (v. Tomás Pereira, F.2). Clara, a 15.2.1802, Porto Alegre, ∞ (2x) **Agostinho de Borba**, *Rio Pardo, fº de José de Borba, de Cabo da Praia, Ilha Terceira e Maria de São Silvestre, de Altares, Ilha Terceira.
Bn.3 **Teresa Maria** *11.7.1785, Porto Alegre, onde †1.11.1801, solteira.
Bn.4 **João Leal** *7.3.1787, Porto Alegre. Em 1819 estava ausente em Pernambuco.
Bn.5 **Leocádia Maria de Jesus** *7.10.1788, Porto Alegre, onde a 10.5.1807 ∞ **Silvestre de Souza Teles**, *Salvador (São Pedro), Bahia, fº de Antônio de Souza Teles e Maria Josefa de Miranda.
Bn.6 **José** *11.7.1790, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.7 **Ana** *27.9.1792, Porto Alegre, onde †30.1.1795.
Bn.8 **Inocência Flávia de Jesus** *25.7.1794, Porto Alegre. Em 1819 era solteira.
Bn.9 **Antônio Leal Pimentel Júnior** *12.9.1797, Porto Alegre. Em 1819 estava ausente no Rio de Janeiro, como mestre do bergantim de Estácio Borges.
Bn.10 **Luísa Joaquina de Jesus** *30.1.1799, Porto Alegre, onde a 15.9.1817 ∞ **Manuel Gonçalves de Carvalho**, *1789, Santa Bárbara, Ilha Terceira e †7.6.1849, Porto Alegre, fº de Francisco Gonçalves e Josefa Mariana. Pais de:
Tn.7 **João**, *15.10.1818, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Tn.8 **Leocádia**, *24.3.1820, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Tn.9 **Ana Gonçalves de Carvalho** *17.9.1821, Porto Alegre.
Tn.10 **Silvestre Gonçalves de Carvalho**
Tn.11 **Luísa Maria da Conceição**
Tn.12 **Antônio Gonçalves de Carvalho ∞ Maria Antônia de Araújo**.
Tn.13 **Francisco Gonçalves de Carvalho**

Bn.11 **Júlia Maria de Jesus** *5.9.1800, Porto Alegre, onde a 11.6.1818 ∞ **Manuel de Jesus da Silveira**, *Lapa, Lisboa, PT, fº de Manuel Matias Feio e Maria Joaquina. Pais de:
Tn.14 **Carolina**, *24.4.1819, Porto Alegre.
Tn.15 **Júlia** *23.1.1821, Porto Alegre.
Bn.12 **Manuel** *15.6.1802, Porto Alegre, onde †26.2.1804.
Bn.13 **Américo Leal Pimentel** *23.10.1804, Porto Alegre. Em 1819 estava ausente na Bahia.

N.3 **Ana Maria de Jesus** b. 12.11.1750, Rio Grande, onde a 28.1.1769 ∞ **Bernardo Gonçalves**, *12.10.1726, Ilha Terceira. C/d em Rio Pardo.
N.4 **Teresa** b. 20.2.1753, Rio Grande.

N.5 **Madalena Maria de Jesus** *31.12.1755, Rio Grande e †28.11.1828, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ **Alexandre José da Costa**, *Braga (São Victor), Braga, PT, e †23.10.1789, Porto Alegre, sem testamento, por ser pobre, f.º de José da Costa e Úrsula Maria. Pais de:

Bn.14 **Margarida Joaquina do Nascimento** *25.12.1772, Porto Alegre, onde †26.2.1817 e ali a 9.5.1793 ∞ **João Antônio da Costa Garcia**, *Candelária, Ilha do Pico, f.º de Antônio da Costa Garcia e Ana Maria. Sem descendência.

Bn.15 **Rodrigo** *7.10.1775, Porto Alegre, onde †4.6.1782.

Bn.16 **Rosaura** *20.7.1778, Porto Alegre.

Bn.17 **Antônio José da Costa** *29.12.1780, Porto Alegre e †17.4.1840, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 3.6.1809 ∞ **Claudiana Joaquina do Nascimento**, *1770, Rio de Janeiro/RJ e †2.6.1840, Porto Alegre (v. Joaquim Veríssimo Vaz, F.1). Pais de:

Tn.16 **Antônio** *2.2.1817, Porto Alegre e † antes de seu pai.

Tn.17 **Rita Margarida da Costa** *15.7.1821, Porto Alegre.

Tn.18 **Joaquina Margarida da Costa**

Tn.19 **Margarida Joaquina da Costa**

Tn.20 **Maria José**

Bn.18 **Florêncio** †28.6.1783, Porto Alegre, inocente.

Bn.19 **Leocádia Úrsula do Nascimento** *10.12.1784, Porto Alegre e †8.3.1845, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 16.11.1803 ∞ (1x) **Severino José dos Santos**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.º de Antônio Pereira dos Santos e Maria da Conceição. Leocádia ∞ 19.3.1817, Porto Alegre, (2x) **Custódio de Almeida Castro**, *N. Sra. de Liveira (sic), Porto, PT, f.º de Miguel de Almeida e Maria Antônia. Pais de:

Tn.21 **Lina Graciliana dos Santos** *9.9.1804, Porto Alegre e † antes de sua mãe. Em Porto Alegre, a 18.9.1822, ∞ **João José Pinheiro**, *Avintes, Vila Nova de Gaia, Porto, PT e †2.11.1830, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Manuel José Pinheiro e Ana Severina de São José. Pais de:

Qn.1 **Margarida Deolinda dos Santos ∞ Custódio José Dias**.

Qn.2 **João José Pinheiro**

Qn.3 **Manuel José Pinheiro**

Qn.4 **Camila Deolinda dos Santos ∞ Vicente José de Carvalho**.

Qn.5 **Ana Deolinda dos Santos**

Tn.22 **Laurinda** *26.1.1806, Porto Alegre e † antes de sua mãe.

Tn.23 **João dos Santos Castro** *4.4.1807, Porto Alegre, onde a 28.6.1832 ∞ **Joaquina Maria de Barros**.

Tn.24 **Leocádio** *15.5.1809, Porto Alegre, onde †12.7.1810.

Tn.25 **Severino** *15.9.1810, Porto Alegre e † antes de sua mãe.

Bn.20 **Alexandre** *5.9.1787, Porto Alegre.

N.6 **Miguel** *25.6.1758, Rio Grande, onde †13.7.1759.

N.7 **André** *1.7.1761, Rio Grande.

N.8 **Vicente Leal** *1763/1764 em Laguna/SC e †9.10.1805, Porto Alegre, ∞ 7.1.1787, Viamão, **Leonor de Oliveira da Silva** ou **Leonor Joaquina da Silva**, ali b. 10.6.1771, f.ª de João Batista da Silva e Isabel Moreira. C/d em Viamão.

F.2 **Maria**, *1735, Lajes, Ilha do Pico.
F.3 **José Leal** *13.10.1739, Lajes do Pico, Ilha do Pico e † antes de 1834, ∞ 29.7.1759, Rio Grande, **Leandra Inácia de São José**, *1734, Vila da Praia, Ilha Terceira, e †23.8.1834, Porto Alegre, f.ª de Brás Vieira Jordão e Maria de São João. Pais de:

N.9 **Tomásia Joaquina de Jesus** *Florianópolis/SC (Desterro), ∞ 17.4.1780, Porto Alegre, **José de Almeida Barros** ou **José de Almeida Lara**, b. 12.12.1758, Viamão, f.º de Jerônimo Pais de Barros e Benta dos Santos Robalo, ambos de Sorocaba/SP. Pais de:

Bn.21 **Francisco** *22.3.1781, Porto Alegre, onde †4.5.1781.
Bn.22 **João de Almeida** b. 16.4.1783, Porto Alegre, ∞ **Dorotéia Rosa**, *Rio Pardo, f.ª de Manuel José Nunes e Jacinta Maria. Pais de:

Tn.26 **João** *13.11.1814, Porto Alegre.

Bn.23 **Leandra Tomásia de Almeida** ou **Leandra Tomásia Leal** *9.10.1785, Porto Alegre, onde †15.8.1811. Ali a 22.5.1800 ∞ **Alexandre Batista**, *1765, Colônia, Uruguai e †14.11.1800, Porto Alegre. Teve filhos com **José Apolinário Pereira de Moraes**.
Bn.24 **José** *25.12.1787, Porto Alegre.
Bn.25 **Antônio** *1.12.1803, Porto Alegre.

N.10 **Ludovina Leonor de Jesus** *18.6.1761, Rio Grande, ∞ 22.2.1775, Porto Alegre, **Antônio Gomes Pereira**, *1750, f.º de Antônio Gomes Pereira Pinto e Ana Maria. Pais de:

Bn.26 **Maria** *2.7.1776, Porto Alegre.

N.10 **Maria Joaquina de Jesus** b. 27.7.1767, Florianópolis/SC (Desterro), ∞ 9.1.1784, Porto Alegre, **João Silveira Pereira** (v. Antônio da Silveira Pereira, F.6).
N.12 **José** *2.7.1773, Porto Alegre.
N.13 **Clemência** *16.4.1776, Porto Alegre.

DIOGO INÁCIO DE BARCELOS *4.2.1740, Nove Ribeiras, Ilha Terceira e †28.07.1818, Porto Alegre, f.º de Diogo Pacheco Louro e Bárbara da Conceição. A 22.7.1862, Rio Grande, ∞ **ANA FELÍCIA DO NASCIMENTO** (v. Alexandre da Costa Luís, F.4). Pais de:

F.1 **Bernarda Joaquina do Nascimento** *1763, Enseada do Brito, Palhoça/SC. A 2.9.1784, Porto Alegre ∞ (1x) **Jacinto da Rocha e Souza**, *15.2.1753, Rio Grande e †27.1.1790, Porto Alegre, f.º de Luís da Rocha e Souza e Maria da Costa. Bernarda, a 18.12.1797, Viamão ∞ (2x) **Manuel da Silva Jorge**, *10.2.1743, Castelo Branco, Ilha do Faial, f.º de Inácio da Silveira e Ana da Silveira. Houve do primeiro casamento:

N.1 **Francisco da Rocha e Souza** *8.6.1785, Porto Alegre, ∞ **Juliana Maria da Silva**, *Taquari, f.ª Manuel da Silva Jorge e Antônia Maria de Bitencourt. C/d em Taquari.
N.2 **Ana Florisbela de Souza** *24.11.1786, Porto Alegre. A 10.6.1805, Taquari, ∞ **Antônio Teixeira Santiago**, *1788, Taquari e ali †22.01.1809, f.º de Manuel Teixeira Santiago e Isabel Maria Martins Coelho.
N.3 **Antônio da Rocha e Souza** *18.1.1788, Porto Alegre e †17.11.1869, Dom Pedrito, ∞ **Maria Antônia da Silva**, *18.9.1797, Cachoeira do Sul, f.ª de José Jacinto Pereira e Genoveva Maria de Bitencourt. C/d em Bagé.

N.4 **Ângela Maria de Jesus** *9.8.1789, Porto Alegre. A 7.11.1812, Taquari, ∞ **Manuel Marques da Rosa**, *Taquari, f.º de José Garcia da Rosa e Jerônima Teresa de São José. C/d em Taquari.

F.2 **Maximiano José Inácio de Barcelos** b. 20.10.1765, Viamão e †29.12.1809, Porto Alegre, onde a 7.1.1788 ∞ **Perpétua Rosa Guerreiro**, b. 27.3.1768, Florianópolis/SC, f.ª de Antônio Guerreiro de Alpoim e Rita Leonarda da Silveira. Pais de:

N.5 **Dionísio Inácio de Barcelos** *11.1.1789, Porto Alegre.

N.6 **José Rodrigues de Barcelos** *5.10.1790, Porto Alegre e †23.3.1826, Porto Alegre, ∞ **Flaubiana Maria Joaquina**, fª de Joaquim Machado Neto e Joaquina Antônia da Silveira.

N.7 **Ana** b. 15.8.1792, Viamão e †7.10.1806, Porto Alegre.

N.8 **Ludovico** *11.4.1794, Viamão e †7.10.1806, Porto Alegre.

N.9 **Senhorinha** *1.3.1796, Porto Alegre, onde †7.10.1806.

N.10 **Bernardina Felícia do Nascimento** *Porto Alegre, onde a 21.2.1819 ∞ **Veríssimo Rodrigues Ramos**, *São José do Norte, f.º de Felipe Rodrigues Ramos e Feliciana Maria da Conceição. Pais de:

Bn.1 **Feliciana** *13.4.1819, Porto Alegre.

Bn 2. **Israel** *1821 e †12.2.1822, Porto Alegre.

Bn.3 **Ana** *13.8.1822, Porto Alegre.

N.11 **Cândida** *1800, Porto Alegre, onde †10.10.1806.

N.12 **Maximiano** *25.3.1804, Porto Alegre, onde †25.5.1806.

N.13 **Maximiano José Inácio** *4.11.1806, Porto Alegre, **∞ Josefina Maria da Conceição** (exposta a 3.1.1827, em casa de Ana Joaquina de Azedias, em PT).

N.14 **Maria Felícia do Nascimento** *14.11.1800, Porto Alegre, onde a 1.11.1820 ∞ **José Cavalcante de Albuquerque**, *Recife/PE, f.º de Cosme Marinho Falcão e Francisca Maria do Sacramento. Pais de:

Bn.4 **Luís** *15.8.1821, Porto Alegre.

F.3 **Dionísio Inácio de Barcelos** *17.7.1767, Viamão. A 14.7.1802, Taquari, ∞ **Maria Angélica da Silva**, f.ª de Manuel da Silva Jorge e Antônia Maria de Bitencourt. C/d em Taquari.

F.4 **Alexandre da Costa Luís** (neto) *20.10.1769, Porto Alegre e ali †13.11.1858. A 13.1.1806, Porto Alegre ∞ **Inácia Maria**, *30.7.1777, ali *, f.ª de Antônio Silveira Pereira e Maria de Jesus. C/d em Viamão.

F.5 **Antônio Inácio de Barcelos** *20.1.1772, Viamão e †6.5.1863, Porto Alegre.

F.6 **Ana Felícia do Nascimento** *26.7.1774, Porto Alegre.

F.7 **Luís Inácio de Barcelos** *8.8.1775, Porto Alegre, ∞ (1x) **Catarina Maria Rodrigues**. A 2.7.1814, Santa Maria, ∞ (2x) **Felícia Antônia do Carmo** *Cachoeira do Sul, f.ª de Antônio Francisco Ferreira e Maria da Conceição.

F.8 **Boaventura Inácio de Barcelos** *20.8.1777, Porto Alegre e †2.3.1846, Pelotas. A 24.10.1813, Viamão, ∞ **Simeana Barcelos de Lima** (v. Antônio Rodrigues de Barcelos, F.19).

F.9 **Ana Laura do Nascimento** *5.9.1779, Porto Alegre. A 28.5.1803, Viamão, ∞ (1x) **Henrique Rabelo de Figueiredo**, *1775, Momenta da Beira, Vizeu, PT e †24.5.1807, Porto Alegre, f.º de Antônio Rabelo e Ana Teresa. Ana ∞ (2x) **Manuel Pinheiro da Anunciação**, *1782, Rio de Janeiro/RJ, f.º de Manuel Pinheiro do Nascimento e Clara de Souza Paixão. *Houve do 1º casamento*:

N.15 **Ana** *20.11.1805, Viamão.
N.16 **Senhorinha** 28.6.1807, Viamão e †16.10.1808, Porto Alegre.
Houve do 2º casamento:
N.17 **Cândido Pinheiro de Barcelos** *Porto Alegre e †19.7.1859, Gravataí. Em 15.9.1837, Viamão, ∞ **Fausta Cândida de Moraes Sarmento**, *1827, Gravataí e †15.12.1898, Porto Alegre. Pais de:
Bn.5 **Liduína** *2.10.1844, Gravataí.
Bn.6 **Liduína Cândida de Barcelos** b. 14.2.1847, Viamão. Em 27.8.1860, Viamão, ∞ **Manuel Martins de Oliveira Prates**, *12.3.1829, Gravataí, f.º de Inácio Martins de Ávila e Zeferina Cândida de Oliveira Prates.
Bn.7 **José Cândido Pinheiro de Barcelos** *26.2.1850, Viamão, ∞ **Castorina Cândida Corrêa**, *10.2.1854, Santo Antônio da Patrulha, f.ª de Antônio Correia de Souza e Felicidade Pedroso de Morais. Pais de:
Tn.1 **Felisberto Correia de Barcelos** *1878 e †13.11.1958, Porto Alegre. ∞ **Diumira Peracchi**, f.ª de Agostino Peracchi e Maria do Carmo das Chagas. Pais, entre outros, de:
Qn.1 **Walter Peracchi de Barcelos** *14.5.1907, Porto Alegre e ali †13.8.1986, ∞ **Stela Aloise**, *25.11.1909, Porto Alegre, f.ª de Pietro Aloíse e Josefina Di Napoli. Governador do Rio Grande do Sul, entre 1966 e 1971.
Tn.2 **Cândido Pinheiro de Barcelos Neto**
Tn.3 **José Cândido de Barcelos Júnior**
Tn.4 Álvaro *6.4.1889, Porto Alegre.
Bn.8 **Maria Cândida de Barcelos** *Viamão ∞ **Leopoldino Antunes Morem**, *1857, Viamão e †27.12.1889, Porto Alegre, f.º do Cap. Theodoro Antunes Morem e Josefina Belmira da Silva.
F.10 **Senhorinha Maria** *3.8.1782, Porto Alegre e ali †5.8.1818.
F.11 **Delfina Maria** *25.11.1784, Porto Alegre e ali †5.2.1785.
F.12 **José Inácio de Barcelos** *3.2.1786, Porto Alegre e ali †25.11.1849.
F.13 **Ângelo Inácio de Barcelos** *6.4.1788, Porto Alegre e †2.1838, Santo Antônio da Patrulha. A 2.3.1820, Viamão ∞ **Alexandrina Inácia de Jesus** (v. Manuel Lourenço Mariante, N.13). Pais de:
N.18 **Diogo** *27.1.1821, Viamão.
N.19 **Ângelo** *19.5.1822, Viamão.
N.20 **José Inácio de Barcelos** *22.8.1823, Viamão, ∞ **Maria Joaquina de Souza**.
N.21 **Patrício Inácio de Barcelos** *1.5.1826, Viamão.
N.22 **Ana Cândida de Barcelos** *24.9.1827, Viamão, ∞ **Cândido Antônio Lopes**, b. 6.5.1822, Rio Grande, f.º João Antônio Lopes e Maria Joaquina Correia Mirapalheta.
N.23 **Senhorinha da Silva Barcelos** *31.1.1829, Viamão, onde a 28.2.1849 ∞ Ângelo Lourenço Mariante, f.º de José Joaquim da Silva (v. Manuel Lourenço Mariante, F.12) e Bernardina Matilde.
N.24 **Alexandrina da Silva Barcelos** *5.7.1830, Viamão. A 16.3.1853, Porto Alegre, ∞ **Polidoro José de Souza Mariante**, ali *14.4.1827, f.º de Pedro José de Souza e Dometila Maria do Nascimento.

N.25 **Ângelo** *9.1.1832, Viamão.
N.26 **Ângelo Inácio de Barcelos** *9.9.1833, Viamão. A 29.9.1866, Porto Alegre, ∞ **Maria da Glória Teixeira de Paiva**, ali *18.12.1848, f.ª de José Inácio Teixeira Júnior e Margarida de Sene Paiva (esta foi homenageada com o nome da rua D. Margarida, no bairro Navegantes, Porto Alegre).
N.76 **Diogo Inácio de Barcelos** *16.3.1836, Viamão.
N.28 **Fausto** *15.9.1837, Viamão.

DOMINGOS DE SOUZA MACHADO *13.12.1754, Cedros, Ilha do Faial, f.º de Domingos Correia e Ana Maria, ∞ 4.3.1794, Porto Alegre, **JOAQUINA MARIA DA CONCEIÇÃO**, *Rio de Janeiro/RJ, f.ª ilegítima de João Caetano, da cidade de Braga, PT, e Maria de Souza, do Rio de Janeiro/RJ. Pais de:

F.1 **Maria** *19.2.1795, Porto Alegre.
F.2 **Custódia** *18.5.1796, Porto Alegre.
F.3 **Joaquim** *11.10.1797, Porto Alegre.
F.4 **Angélica** *1.10.1799, Porto Alegre.

DOMINGOS LUÍS DE FARIA ou apenas **DOMINGOS DE FARIA** *pv. 1750 em Pedro Miguel, Ilha do Faial, onde †1.1.1781, f.º de Antônio de Faria Almança e Maria Luís, ∞ 18.5.1776, Pedro Miguel, **TERESA INÁCIA DA CONCEIÇÃO** ou **TERESA INÁCIA DE JESUS**, ali *12.3.1751 e †21.7.1820, RS, com inventário autuado em Porto Alegre. Teresa ∞ (2x) com Felipe Furtado da Terra (v. este nome), f.ª de Manuel Correia Fraga e Maria do Nascimento. Pais de:

F.1 **Inácia Teresa de Jesus** *20.3.1776, Pedro Miguel (antes do ∞ dos pais) e †8.5.1862, RS, ∞ 21.3.1797, Porto Alegre, **Manuel Rodrigues da Terra** ou **Manuel Ferreira da Terra**, *Ilha do Faial, e fal. depois da esposa, dado como demente após o falecimento dela, f.º de José Rodrigues e Teresa Inácia ou Teresa Francisca. Pais de:
N.1 **Francisca** *23.8.1779, Porto Alegre.
N.2 **José** *27.12.1800, Porto Alegre.
N.3 **Inácia** *21.8.1802, Porto Alegre.
N.4 **Manuel** *18.10.1804, Porto Alegre e talvez seja o mesmo que †24.2.1807, Porto Alegre, com 2 anos.
N.5 **Domingos** *15.2.1806, Porto Alegre, onde †4.2.1828.
N.6 **Joaquina** *18.1.1808, Porto Alegre.
N.7 **Clemência** *18.12.1809, Porto Alegre.
N.8 **Teresa** *24.8.1814, Porto Alegre.
N.9 **Maria** *1.7.1817, Porto Alegre.
N.10 **Antônia** *10.10.1821, Porto Alegre, onde †23.10.1822.
F.2 **Teresa** *25.2.1778, Pedro Miguel, onde †3.5.1778.
F.3 **Teresa Inácia de Jesus** *22.7.1779, Pedro Miguel, ∞ 18.1.1801, Porto Alegre, **Felizardo Francisco da Mota** ou **Felizardo José da Mota** (v. Manuel de Souza Bairros, Bn.2).

DOMINGOS PEREIRA HENRIQUES *8.9.1720, Cedros, Ilha do Faial e †11.10.1793, Rio Pardo, f.º de João Pereira Henriques e Bárbara Pereira, ∞ 9.6.1740, Cedros, Ilha do Faial, **JUSTINA FURTADO**, *26.3.1721, Cedros, Ilha do Faial, f.ª de Antônio Furtado e Luzia Furtado. Domingos e Justina eram tidos como casal de El-Rei. Pais de:

F.1 **Maria de Jesus** *15.2.1743, Cedros, Ilha do Faial, ∞ 1758, Viamão, **Antônio Machado Pereira**, *Norte Grande, Ilha de São Jorge e †1780, Rio Pardo, f.º de Jorge Machado Soares e Antônia da Silveira.
F.2 **Antônio Pereira Henriques** *13.3.1746, Cedros, Ilha do Faial e †13.12.1833, Encruzilhada do Sul, ∞ 25.4.1768, Rio Pardo, **Severina Maria de Jesus**, *Viamão, f.ª de Mateus Dutra Machado e Catarina Francisca da Rosa, ambos de Cedros, Ilha do Faial.
F.3 **Jacinto** *18.10.1748, Cedros, Ilha do Faial.
F.4 **Jacinto Pereira Henriques** *Porto Alegre e b. 23.8.1753, Viamão e †24.6.1815, Santa Maria, ∞ 8.11.1783, Rio Pardo, **Vicência Maria de São Joaquim**, *1769, Rio Pardo, f.ª de Bento José Machado, da Ilha Terceira, e Ana Maria do Nascimento, de Viamão.
F.5 **Manuel Pereira Henriques** *12.1755, Rio Pardo, onde ∞ 13.9.1779 **Ana Maria de Jesus**, fª de Manuel Pereira e Joana Inácia.
F.6 **Ana Maria** b. 30.7.1758, Rio Pardo, onde ∞ 1778 **Manuel da Silveira Machado**.
F.7 **Francisca Maria do Nascimento** b. 7.7.1760, Rio Pardo, onde a 26.11.1781 ∞ **Manuel José de Oliveira**.
F.8 **João** b. 12.9.1762, Rio Pardo e † antes de seu pai.

FAUSTINO JOSÉ DE MELO *São Sebastião, Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, f.º de Lourenço de Melo e Antônia Batista de Carvalho, ∞ **TERESA MARIA DE JESUS**, *Alagoas (N. Sra. da Conceição), Maceió, f.ª de Francisco de Castro e Josefa Maria de Jesus, ambos de Alagoas. Pais de:

F.1 **Francisca Clara***19.2.1817, Porto Alegre, ∞ **Manuel Joaquim Pimenta Granja**, c/d em Rio Grande
F.2 **Vicente** b. 1.1.1820, Rio Grande.

FELIPE FURTADO DA TERRA *24.4.1752, Pedro Miguel, Ilha do Faial e †22.5.1838, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Antônio da Terra e Bárbara de Santo Antônio, onde ∞ 22.4.1782 **TERESA INÁCIA DA CONCEIÇÃO** ou **TERESA INÁCIA DE JESUS**, ali *12.3.1751 e †21.7.1820, Porto Alegre, viúva de Domingos Luís de Faria (v. este nome), f.ª de Manuel Correia Fraga e Maria do Nascimento. Pais de:

F.1 **Ana Maria de Jesus** *25.8.1783, Pedro Miguel, Ilha do Faial, ∞30.11.1805, Porto Alegre, José Antônio de Miranda, *Ilha Terceira, f.º de João de Miranda e Francisca Mariana. Pais de:

N.1 **Felizardo José de Miranda** *11.12.1806, Porto Alegre, onde a 16.8.1827 ∞ **Felicidade Perpétua da Conceição** b. 15.8.1808, Santo Antônio da Patrulha, f.ª de

João Teixeira Nunes, de Rio Grande, e Maria Joaquina da Conceição, de Imbituba/SC.
N.2 **José** *29.1.1818, Porto Alegre.
F.2 **Antônia Maria de Jesus** *13.3.1785 a bordo do bergantim São Macário, na viagem dos Açores para povoar o RS, b. 16.3.1785 em Rio Grande, ∞ 19.5.1803, Porto Alegre, **José Francisco de Souza** (v. Manuel de Souza Barros, N.27).
F.3 **Clemência Maria da Conceição** *22.3.1787, Porto Alegre, onde a 24.1.1803 ∞ **Francisco José Furtado** (v. este nome).
F.4 **Joaquina Marta de Jesus** *29.7.1788, Porto Alegre.
F.5 **Maria Francisca de Jesus** *17.9.1789, Porto Alegre, onde a 20.5.1815 ∞ **Manuel Francisco de Souza** (v. Manuel de Souza Barros, N.29).
F.6 **Antônio da Terra Pinto** *7.7.1791, Porto Alegre, onde a 16.5.1819 ∞ **Aurélia Joaquina de Jesus** (v. Manuel de Souza Barros, N.30). Pais de:
N.3 **Balbina** *13.3.1820, Porto Alegre.
N.4 **Leopoldina Joaquina de Jesus** *31.8.1821, Porto Alegre, onde ∞ **Francisco Silveira Dias**.
F.7 **José** *28.4.1793, Porto Alegre.
F.8 **Maria Angélica de Jesus** *3.5.1795, Porto Alegre e †7.4.1870, RS, ∞ (1x) **Manuel Francisco de Souza** e, após, a ∞ 24.5.1823, Porto Alegre, (2x) **José Inácio de Oliveira** (v. Mateus de Oliveira, Bn.43).
F.9 **Francisca Bernardina da Terra** *5.11.1796, Porto Alegre, onde a 5.12.1822 ∞ **Jacinto José de Oliveira** (v. Manuel Dias Ferreira, Tn.1).

FELIPE JOSÉ DE LIMA *1740, Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira e †8.8.1820, Porto Alegre, f.º de Antônio José Machado e Maria Jacinta, ∞ 27.5.1771, Angra do Heroísmo (Sé), **LUÍSA ROSA DE VITERBO**, *1758, Ilha do Pico e †24.7.1816, Porto Alegre, f.ª de Pedro Gregório e Maria Silveira. Pais de:

F.1 **Domingos José de Lima** *Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, ∞ 26.4.1802, Porto Alegre, **Luísa Joaquina do Nascimento**, *Rio de Janeiro/RJ, f.ª de Luís da Silva Teixeira e Bernarda Rosa Ramos. Pais de:
N.1 **Carlota Maria Joaquina** *20.4.1803, Porto Alegre, ∞ **Francisco Antônio da Silveira**, *Gravataí, f.º de Manuel Machado da Silveira e Bernarda Rosa de Jesus. C/d em Gravataí.
N.2 **Maria Clara da Silva Lima** *18.11.1804, Porto Alegre, ∞ **Francisco Antônio Coelho**, *Gravataí, f.º de Manuel Antônio Coelho e Escolástica Maria de Jesus. C/d em Gravataí, Porto Alegre e São Leopoldo.
N.3 **Urbana Constância da Silva Lima** *1º.10.1806, Capela de Santana, ∞ 10.6.1832, Porto Alegre, **Patrício José Correia**, *Gravataí, f.º de Joaquim José Pereira do Lago e Angélica de Medeiros Albuquerque.
N.4 **José** *2.3.1811, Triunfo.
N.5 **João** *3.1.1813, Porto Alegre.
N.6 **Antônio** *22.7.1814, Porto Alegre, onde †6.3.1819.
N.7 **José** *30.8..1816, Triunfo.
N.8 **Domingos** *16.4.1818, Porto Alegre.

N.9 **Florêncio Antônio da Silva** ∞ 14.1.1835, Porto Alegre, Custódia da Silva, *Porto Alegre, f.ª de Mariana Maria do Nascimento.

F.2 **Maria Angélica do Nascimento** *Angra (Santa Luzia), Ilha Terceira e † antes de 3.6.1830, ∞ 23.9.1814, Porto Alegre, **João Raimundo,** *Lisboa ou N. Sra. de Vildos, Braga, PT, f.º de Custódio Marques e Ana Maria. Pais de:

N.10 **Rita Raimunda da Soledade** *30.5.1818, Porto Alegre, onde ∞ **José Antônio Valverde**, *Lisboa, PT, f.º de Fernando Francisco Antônio Valverde e Guilhermina Matildes.

F.3 **Ana Cláudia Margarida Cardoso** ou **Ana Joaquina Margarida** *1784, Angra (Santa Luzia), Ilha Terceira e †29.3.1844, Porto Alegre, onde a 2.12.1796 ∞ (1x) **José Cardoso da Silva**, *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira e †30.7.1800, em Porto Alegre, viúvo de Rosa Joaquina. Ana ∞ 1802, Triunfo, (2x) **Agostinho José da Silva**, *Cananéia/SP e †7.10.1810, Porto Alegre, com 30 anos, f.º do Cap. Agostinho Rodrigues da Silva e Leonarda Maria Gago da Câmara. Agostinho e Ana Cláudia adquiriram uma loja e seus respectivos pertences de Antônio Gomes da Silva, em meados de 1802 em Porto Alegre, na qual comercializavam *gêneros de farinha e quinquilharias*, conforme uma escritura pública de 26.6.1802.

Houve do 1º casamento:

N.11. **José** *13.7.1797, Porto Alegre.

N.12 **Ana** *23.11.1798, Porto Alegre.

N.13 **Maria** *20.7.1800, Porto Alegre.

Houve do 2º casamento:

N.14 **Maria** *3.6.1804, Porto Alegre.

N.15 **Agostinho Elói da Silva** Câmara *30.3.1809, Porto Alegre, onde a 23.1.1833 ∞ **Maria Fausta de Meneses**, f.ª de Felisberto José de Oliveira Pinto e Rosaura Joaquina de Meneses. C/d em São Leopoldo.

F.4 **Antônio José Machado de Lima** *Rio de Janeiro/RJ (Sé) ∞ 6.5.1818 em Porto Alegre, **Beralda Felícia de Souza**, *3.10.1803, Santo Amaro do Sul, f.ª de Antônio José de Souza e Felícia Maria do Nascimento. Pais de:

N.16 **Guiomar** *27.1.1820, Porto Alegre.

F.5 **Bernarda Joaquina do Nascimento** *Viamão, ∞ 7.5.1796, Porto Alegre, **Pedro José Lopes**, b.21.2.1751, Viamão, viúvo de Ana Maria do Nascimento, f.º José Brás Lopes e Catarina Machado. C/d em Encruzilhada do Sul.

FRANCISCO ANTÔNIO DA SILVEIRA (Chico da Azenha) *1736, Horta (Conceição), Ilha do Faial e †25.11.1820, Porto Alegre, com 105 anos de idade (sic), f.º de Francisco Jorge da Silveira e Jacinta da Silveira, ∞ 25.11.1753, Viamão, **ANTÔNIA MARIA DE JESUS**, *1740, Jacareí/SP e †4.3.1824, Porto Alegre, f.ª de Antônio Monteiro Lobo e Maria Leme Barbosa. Pais de:

F.1 **Maria Antônia da Pureza de Jesus** ou **Maria Leme Rangel** *Viamão, ∞ 9.1.1774, Porto Alegre, (1x) **José Antônio Álvares**, *Florianópolis/SC e †23.7.1823, Rio Pardo, f.º de Francisco de Souza Álvares Teixeira e Bárbara de São Tomé, ambos da Ribeira Seca, Ilha de São Jorge. Maria ∞ (2x) **Luís Antônio Pereira da Silva**. Houve do 1º casamento um filho nascido em Porto Alegre, Joaquim, a 20.3.1776. Após, o casal mudou-se para Triunfo e depois Rio Grande.

F.2 **Francisca Maria de Jesus** *27.4.1761, Viamão e †1842, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 2.8.1779, Porto Alegre, com o sargento-mor **Custódio de Souza Salazar** ou **Custódio de Souza Oliveira**, *1747, Airão (Santa Maria), Guimarães, Braga, PT e †18.11.1817, Osório, f.º de Manuel da Silva e Souza e Quitéria Joaquina do Nascimento. Pais de:

N.1 **Felisberto de Souza Salazar** *17.7.1780, Porto Alegre e †10.4.1809, Osório, onde a 8.12.1804 ∞ **Laura Joaquina de Souza**, *Mostardas, f.ª de Tomás José Luís Osório e Rosa Inácia Joaquina Pereira de Souza.

N.2 **Silvana Custódia de Oliveira Salazar** *1781, Santo Antônio da Patrulha. Em Osório, a 17.2.1817, ∞ **Honório Antônio de Jesus**, b. 25.2.1796, Santo Antônio da Patrulha, f.º do capitão Nicolau Antônio de Jesus e Clemência Rosa de Jesus. C/d em Santo Antônio da Patrulha.

N.3 **Antônio Rodrigues de Souza** *27.9.1782, Porto Alegre, ∞ 12.91802, Osório, **Clara Rosa de Jesus**, b. 26.8.1764, Viamão e †9.4.1855, Osório, f.ª de José Gomes Jardim e Helena Rosa Maria de Jesus.

N.4 **Antônia Maria de Oliveira Salazar** *27.9.1783, Porto Alegre e † antes de 1842.

N.5 **Manuel Inácio de Souza Salazar**, capitão, *20.3.1785, Porto Alegre, ∞ 4.4.1815, Osório, **Dorotéia Joaquina do Nascimento**, ali *, f.ª de Domingos Fernandes Lima e Clara Rosa de Jesus. Manuel casou outras duas vezes, do 3º casamento com Leonor Bernardina Joaquina Dutra descende o compositor e cantor Gabriel, O Pensador.

N.6 **Custódio de Souza de Oliveira Salazar** *pv. 1786, ∞ 3.11.1805, Osório, **Francisca Angélica de Jesus**, f.ª de Domingos Fernandes Lima e Clara Rosa de Jesus.

N.7 **Ana de Oliveira Salazar** *26.2.1789, Porto Alegre e †9.4.1875, Taquari, ∞ 8.1.1814, Osório, com o capitão **Francisco Silvestre Ribeiro**, *1792, Caeté/MG, e †18.6.1848, Porto Alegre, f.º de Fernando Rodrigues Braga ou Reginaldo Silvestre Ribeiro e Ana Teresa de Jesus.

N.8 **Francisco Álvares de Oliveira Salazar** *Porto Alegre, ∞ 2.7.1821, Osório, **Joaquina Leocádia da Conceição**, ali *, f.ª de Domingos Fernandes Lima e Clara Rosa de Jesus.

N.9 **Francisca Custódia de Oliveira Salazar** *Osório, ∞ 30.11.1822, Porto Alegre, com seu primo **Antônio José da Silveira** ou também **Antônio José da Silva**, b. 2.1794, Viamão, f.º de Antônio Francisco da Silveira e Maria Joaquina do Nascimento, abaixo citados.

N.10 **José Custódio de Oliveira Salazar** *1801, Santo Antônio da Patrulha e †22.6.1876, Tapes, ∞ **Angélica Cândida Dutra**, *Gravataí, f.ª de Miguel Antônio Dutra e Angélica Francisca da Conceição.

N.11 **Maria Custódia de Oliveira Salazar** *1802, Osório e †11.6.1857, Camaquã, ∞ 2.8.1820, Porto Alegre, com o capitão **Bento Lopes Meireles**, *20.5.1793, Triunfo e †3.12.1863, Camaquã, f.º de Domingos Gonçalves Meireles e Ana Maria do Espírito Santo.

F.3 **Antônio Francisco da Silveira** *12.9.1762, Porto Alegre e †17.10.1843, ∞ **Maria Joaquina do Nascimento** *4.1.1767, Viamão e †10.6.1829, f.ª de Luís Ferreira Velho e Francisca Mariana, ambos de Nove Ribeiras, Ilha Terceira. C/d em Viamão e citados em Manuel Dias Ferreira, Bn.26.

F.4 **José Rodrigues da Silveira** b. 29.9.1764, Viamão e † antes de 1820.
F.5 **Francisco Antônio da Silveira** b. 1.2.1767, Viamão, ∞ 11.1.1789, Porto Alegre, **Cipriana Joaquina da Conceição**, b. 28.2.1771, Viamão, f.ª de José Lopes Pacheco, da Ilha Terceira, e Rosa Maria de Jesus, de Rio Grande. Pais de:

N.12 **José Antônio da Silveira** *15.8.1790, Porto Alegre, ∞ 23.7.1812, Santo Antônio da Patrulha, **Ana Pereira dos Santos**, ali *, f.ª de José Pereira dos Santos e Rosaura Francisca Vilaçã.

N.13 **Felicidade Teresa** *Santo Antônio da Patrulha, onde a 19.8.1816 ∞ **Leonardo José Nunes**, ali *, f.º de Antônio José Nunes e Matildes Antônia de Miranda.

N.14 **Francisco Antônio da Silveira** *20.3.1806, Santo Antônio da Patrulha.

N.15 **Antônia Maria de Jesus** *Santo Antônio da Patrulha, ∞ 7.5.1828, Porto Alegre, **José do Nascimento e Silva** (v. Manuel de Souza Barros, Bn.17).

N.16 **Felisberto Antônio da Silveira**, tenente, b. 6.1.1811, Santo Antônio da Patrulha, onde ∞ (1x) **Maria Inácia dos Santos**, f.ª de Joaquim Pereira dos Santos e Inácia Maria de Jesus. A 3.1.1857, Santo Antônio da Patrulha, ∞ (2x) **Sebastiana Inácia Boeira**, *Osório, f.ª de Boaventura Domingues Boeiras e Clara Maria da Conceição.

F.6 **Manuel Antônio da Silva** *8.9.1768, Viamão e † antes de 1823, ∞ **Luciana Antônia de Jesus**, b. 27.7.1773, Viamão, f.ª de José Lopes Pacheco, da Ilha Terceira, e Rosa Maria de Jesus, de Rio Grande. Pais de:

N.17 **Laurentina Antônia da Silva** *pv. 1800, ∞ 22.7.1818, Santo Antônio da Patrulha, **Custódio da Silva Bueno**, *Osório, f.º de Boaventura Domingues Boeiras e Clara Maria da Conceição.

N.18 **Laurentino Antônio da Silva** b. 30.3.1801, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 17.6.1826, Porto Alegre, sua prima **Angélica Maria da Silva**, abaixo citada.

N.19 **Maria Antônia da Silva** *16.7.1803, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 6.8.1820, Porto Alegre, **Antônio Inácio de Menezes** (v. Francisco José Flores, N.69).

N.20 **Umbelina Rosa do Amor Divino** b. 28.7.1805, Santo Antônio da Patrulha, ∞ **Policarpo José de Saldanha**, b. 11.3.1787, Santo Antônio da Patrulha, f.º de Francisco Ferreira Saldanha e Rosa Maria de Jesus.

N.21 **Emerenciana Antônia da Silva** *26.8.1810, Osório, ∞ seu cunhado **Custódio da Silva Bueno**.

N.22 **Felisberto** *28.2.1813, Santo Antônio da Patrulha.

F.7 **Feliciana Teresa de Jesus** b. 3.3.1771, Viamão e †19.5.1852, onde a 6.7.1786 ∞ **José de Souza Neves**, *Foz do Douro, Porto, PT e †4.12.1826, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Paulo João e Páscoa de Souza. Pais de:

N.23 **Jacinto de Souza Neves** *3.7.1787, Porto Alegre.

N.24 **José de Souza Neves** *4.5.1789, Porto Alegre.

N.25 **Francisco** *2.11.1790, Porto Alegre, onde † antes de 1794.

N.26 **Tristão de Souza Neves** *13.12.1792, Porto Alegre.

N.27 **Francisco de Souza Neves** *5.11.1794, Porto Alegre.

N.28 **Eleutério de Souza Neves** *26.5.1796, Porto Alegre.

N.29 **Antônio de Souza Neves** *31.7.1797, Porto Alegre.

N.30 **Serafim de Souza Neves** *31.7.1797, Porto Alegre.
N.31 **Angélica Francisca das Neves** *5.11.1798, Porto Alegre, onde ∞ 21.8.1819 o tenente-coronel e engenheiro **João Batista Alves Porto**, *Lisboa (Mercês), Lisboa, PT, f.º do coronel Lourenço Alves Porto e Ana Inácia dos Reis. Pais de:
Bn.1 **Ana** *13.8.1821, Porto Alegre.

F.8 **João Antônio** *8.1.1774, Porto Alegre e † antes de 1820.

F.9 **Tomás Antônio da Silva** *19.10.1776, Porto Alegre, ∞ 13.10.1805, Santo Antônio da Patrulha, **Maria Inácia Pereira**, *Povo Novo, Rio Grande, f.ª de Manuel Pereira e Maria do Rosário. C/d em Santo Antônio da Patrulha.

F.10 **Ana Joaquina de Jesus** *4.4.1779, Porto Alegre, onde a 7.1.1794 ∞ **Antônio José de Camargo e Moura**, *Sorocaba/SP, f.º de Leonardo Rodrigues de Camargo e Moura e Joana Maria de Camargo. Pais de:
N.32 **Felicidade** *9.12.1794, Porto Alegre.
N.33 **João** *8.7.1796, Porto Alegre.
N.34 **Luís** *18.8.1797, Porto Alegre.
N.35 **Teresa** *4.4.1799, Porto Alegre.
N.36 **Maria** *5.12.1800, Porto Alegre.
N.37 **Sebastiana** *20.1.1803, Porto Alegre.
N.38 **Tomás** *2.9.1804, Porto Alegre, onde †5.9.1804.
N.39 **Antônio** *26.5.1806, Porto Alegre.
N.40 **Fé** *4.5.1808, Porto Alegre.

F.11 **Bernardo José da Silva** *15.1.1781, Porto Alegre, onde †8.10.1841 ∞ 1.6.1803, Santo Antônio da Patrulha, **Matildes Maria Saldanha** ou **Matildes Maria de Jesus**, ali *20.3.1785, f.ª de Francisco Ferreira de Saldanha e Rosa Maria de Jesus. Pais de:
N.41 **Angélica Maria da Silva** *13.9.1804, Santo Antônio da Patrulha, ∞ seu primo **Laurentino Antônio da Silva**, acima citado.
N.42 **José** *10.9.1807, Santo Antônio da Patrulha.
N.43 **Ana** b. 22.1.1809, Santo Antônio da Patrulha.
N.44 **Francisco José Bernardes** b. 7.10.1810, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 23.6.1832, Porto Alegre, **Fermina Inácia da Silva** (v. Manuel Pereira da Luz, Bn.12).
N.45 **Maria** b. 11.12.1811, Santo Antônio da Patrulha.
N.46 **Antônia** *14.10.1814, Porto Alegre.
N.47 **Vitorino** *21.9.1816, Porto Alegre.
N.48 **Francisca** *13.8.1818, Santo Antônio da Patrulha.
N.49 **Felisberto** *2.10.1820, Porto Alegre.
N.50 **Domiciano** *22.12.1822, Porto Alegre.

F.12 **Joaquim Antônio da Silva** *12.9.1782, Porto Alegre, ∞ 8.11.1806, Viamão, **Inácia Joaquina do Nascimento**, *2.4.1789, Viamão, f.ª de Manuel de Souza Feijó, de São Roque, Ilha de São Miguel e Inácia Fel**ícia** de Santa Clara, de Viamão. Pais de:
N.51 **José Inácio da Silva Ourives** (Juca Ourives), coronel, *26.10.1806, Viamão e †9.2.1880, São Francisco de Paula. Fez a Revolução Farroupilha e foi político com grande atuação na região serrana do Rio Grande do Sul, onde deixou descendência.
N.52 **José** *2.6.1807, Viamão.
N.53 **Geraldo** *21.7.1809, Porto Alegre.

N.54 **Joaquina** *14.4.1811, Porto Alegre, onde †1.1.1812.
N.55 **Joaquina Inácia da Silva** *6.2.1813, Porto Alegre, onde a 6.2.1834 ∞ o alferes **Antônio da Silva Melo**, *1809, PT e †10.10.1849, Porto Alegre, f.º de Manuel Domingues da Silva e Ana Domingues da Silva.

F.13 **Rita Joaquina de Jesus** *24.3.1785, Porto Alegre, ∞ (1x) **Manuel Tomás de Seixas**, *1769, Porto (Sé), Porto, PT e †18.2.1813, Porto Alegre, f.º de Manuel Luís Cordeiro e Ana Maria de São José. Rita a 4.12.1813 ∞ (2x) **José Jacinto Pereira**, *São Paulo/SP, f.º de Joaquim Pereira dos Santos e Felisberta Furquim Pedroso.

Houve do 1º casamento:
N.56 **Manuel** *28.4.1801, Porto Alegre, onde †8.6.1801, de bexigas.
N.57 **Boaventura** *23.7.1802, Porto Alegre, onde †20.3.1803.
N.58 **Maria** Cândida da Conceição *30.12.1803, Porto Alegre.
N.59 **Antônio** *6.4.1806 em Santo Antônio da Patrulha.
N.60 **Constância** *1808 no RS.
N.61 **Francisco** *4.9.1810, Porto Alegre.
N.62 **Demétrio** *11.1812, Porto Alegre, onde †6.2.1813.
N.63 **Demétrio** *12.10.1813, Porto Alegre.

Houve do 2º casamento:
N.64 **José** *2.7.1815, Porto Alegre.

FRANCISCO DE ARRUDA *Ilha de São Miguel, ∞ **SEVERINA ROSA**, *Rio de Janeiro/RJ. Pais de:

F.1 **Maria** *4.12.1810, Porto Alegre.

FRANCISCO DE FARIA CORRÊA *4.2.1781, Feteira, Ilha do Faial e †8.11.1840, Montevidéu, Uruguai, f.º de José de Faria Correia e Antônia Francisca ou Antônia Felícia, ambos da Feteira, Ilha do Faial, onde ∞ 5.1766, n.p. José de Faria Correia e Maria Antônia e n.m. Manuel da Costa e Maria Silveira. Francisco ∞ 9.1.1805, Porto Alegre, (1x) **TERESA RODRIGUES DE JESUS**, *Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita) e †6.3.1815, Porto Alegre, f.ª de Antônio Fernandes, da cidade do Porto, PT, e Rita Maria do Sacramento ou Rita Margarida do Sacramento, da Ilha do Faial. Francisco ∞ 22.4.1821, Porto Alegre, (2x) **MARIA DOS ANJOS LOPES**, *Montevidéu (freg. São Felipe e Santiago), Uruguai, f.ª do capitão Bento Lopes de Leão, *1768, Taubaté/SP, e Eugênia Rosa Teixeira, *1775, Rio Grande, n.p. Manuel José Lopes de Leão e Clara Maria de Jesus e n.m. Antônio Teixeira Maciel, do Topo, Ilha de São Jorge, e Rosa Maria, dos Flamengos, Ilha do Faial.
Houve do 1º casamento:

F.1 **Antônio de Faria Corrêa** *28.3.1806, Porto Alegre, onde †2.10.1849. A 30.5.1830, São Gabriel, ∞ **Inácia Rodrigues Fernandes**, *Cachoeira do Sul, f.ª de Francisco Rodrigues Fernandes, o Vaqueiro, *1765, Colônia, Uruguai e Clara Maria de Oliveira, de Rio Pardo. C/d em São Gabriel. Antônio em 1842 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando declarou viver de seu negócio.

F.2 **Joaquim de Faria Corrêa**, tenente-coronel, *8.8.1808, Porto Alegre e †7.4.1875, São Gabriel. Foi proprietário e negociante em São Gabriel, com empresa que girava sob o nome Faria e Frazão. Compôs o primeiro quadro da Irmandade da Santa Casa de São Gabriel (FIGUEIREDO, 1998, p. 29), ∞ (1x) **Fortunata Rodrigues Fernandes** *São Gabriel, onde †21.5.1850, f.ª de Francisco Rodrigues Fernandes, o Vaqueiro, *1765, Colônia, Uruguai e Clara Maria de Oliveira, de Rio Pardo. Joaquim teve ao menos dois filhos com **Jacinta Oliveira Pinto**, *Jaguarão, f.ª de Silvestre Teixeira Pinto e Balbina Maria de Oliveira Bueno. Depois, Joaquim ∞ 14.11.1850, São Gabriel, (2x) **Ninfa Cândida Paiva**, *Santo Antônio da Patrulha, f.ª de João dos Santos Paiva e Felicidade Cândida Gomes. Joaquim teve 16 filhos de seus relacionamentos em São Gabriel, muitos descendentes foram militares e da área do Direito, alguns depois migrados para Porto Alegre. Dentre seus descendentes, destacamos alguns deles: Dr. Alexandre Cassiano do Nascimento, advogado, magistrado, senador e ministro no governo de Floriano Peixoto; Dr. Sylvio de Faria Corrêa, advogado, jornalista, poeta e teatrólogo; Geraldo de Faria Corrêa, médico e jornalista; Acácio de Faria Corrêa, tenente e que fez a Guerra do Paraguai; Manoel Joaquim de Faria Corrêa, coronel do Exército, formado em odontologia e medicina homeopática, poeta, teatrólogo e regionalista, sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do RS e membro da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras; Armando de Faria Corrêa, poeta, jornalista e fundador de vários jornais em São Gabriel e Rio Pardo; Otávio Augusto de Faria Corrêa, escritor e professor, sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico do RS, membro da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras e dá nome à Rua Otávio Faria, em Porto Alegre.

F.3 **Firmina de Faria Corrêa** *10.9.1812, Porto Alegre, onde †16.1.1813.

F.4 **Rita de Faria Corrêa** *15.5.1814, Porto Alegre, ∞ 14.5.1834, São Gabriel, **Antônio Rodrigues Fernandes Vaqueiro**, *São Francisco de Paula, f.º de Francisco Rodrigues Fernandes, o Vaqueiro, *1765, Colônia, Uruguai e Clara Maria de Oliveira, de Rio Pardo. C/d em São Gabriel.

Houve de uma relação enquanto viúvo:

F.5 **Baltazar** *1816, Porto Alegre, onde †13.9.1818.

FRANCISCO DE MORAIS *Ilha de Santa Maria e †3.8.1835, Porto Alegre, f.º de Manuel de Morais e Maria de São Mateus ou Margarida de Souza. Em 30.11.1782, Porto Alegre ∞ **MARIA JOAQUINA DO NASCIMENTO** ou **MARIA ANTÔNIA DO SACRAMENTO**, *5.2.1769, Viamão e †15.10.1829 (v. Antão Silveira, F.1). Pais de:

F.1 **Maria** †14.3.1784, Porto Alegre, inocente.

F.2 **Joaquim Francisco de Morais**, sargento-mor, *21.3.1785, Porto Alegre, onde a 4.8.1827 ∞ **Rita Maria de Jesus** (v. Antônio de Ávila Machado, N.10).

F.3 **Antônio Francisco de Morais** ou **Antônio José de Morais** *30.3.1786, Porto Alegre e †20.3.1876, Rio Pardo. Em Rio Pardo a 26.11.1810 ∞ **Ana Maria de Jesus**, *Rio Pardo, f.ª de Manuel Rodrigues Goulart e Cipriana Joaquina da Conceição. Pais de:

N.1 **Constância** *20.12.1816, Porto Alegre.

N.2 **Ângelo** *12.6.1820, Porto Alegre.

F.4 **José Francisco de Morais** *18.10.1790, Porto Alegre.
F.5 **Constantino de Morais** *29.8.1793, Porto Alegre, onde a 7.2.1821 ∞ **Ana Francisca de Jesus**, *12.7.1799, Porto Alegre, f.ª de Antônio Dias dos Santos e Leocádia Maria da Conceição.
F.6 **Francisco de Morais Filho** *29.8.1796, Porto Alegre.
F.7 **Josefa Maria do Nascimento** *29.8.1796, Porto Alegre, onde a 18.11.1818 ∞ **Francisco Martins Codorniz** *Biscoitos, Ilha Terceira, f.º de Lourenço Marques e Ana de São José, respectivamente de Porto Judeu e Ribeirinha, Ilha Terceira. C/d em Rio Pardo.

FRANCISCO DUTRA DE QUADROS *Castelo Branco, Ilha do Faial, f.º de Manuel Dutra de Quadros e Antônia Margarida da Trindade, ∞ 7.6.1820, Porto Alegre, **ANTÔNIA MARIA DE JESUS,** viúva de Jerônimo Garcia do Amaral, *1762, Madalena, Ilha do Pico e †15.1.1814, Porto Alegre, f.º de Antônio Garcia do Amaral e Maria Inácia. Antônia *Ilha do Pico e †6.4.1821, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de Manuel Francisco e Maria Rodrigues. Não houve filhos.

FRANCISCO FERNANDES VIANA †antes de 1816, ∞ **MARIA VITÓRIA**, *1768, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira e †4.12.1816, viúva, com 48 anos, em Porto Alegre. Não encontramos eventuais filhos ou parentes em Porto Alegre.

FRANCISCO FURTADO FANFA *8.9.1753, Praia da Vitória (Santa Cruz), Ilha Terceira e †29.3.1830, Porto Alegre, f.º de Antônio Furtado e Maria da Conceição, ∞ 29.11.1788, Porto Alegre, **INÁCIA DE JESUS** (v. Manuel Jacinto da Luz Pereira, F.7). Consta na habilitação de casamento de Francisco (AHCMPA) que ele era marinheiro, tendo saído aos 12 anos de sua pátria, *navegando para os portos da América*. Pais de:

F.1 **Claudiana Perpétua Fanfa** *1789/1790, Rio de Janeiro/RJ, ∞ 14.1.1822, Porto Alegre, **Raimundo José de Vasconcelos de Brito Souto Maior**, *Vila do Rio Tinto, PT, f.º de João Rodrigues de Vasconcelos de Brito Souto Maior e Caetana Maria de Araújo Velvi, de Lisboa, PT. Pais de:
N.1 **José** b. 6.10.1822, Porto Alegre.
F.2 **Manuel** *11.1790, Porto Alegre, onde †11.11.1790.
F.3 **Antônia Maria de Jesus** *15.1.1791, Porto Alegre, onde a 15.8.1812, ∞ **José Vitorino Caetano** ou **Vitorino José**, *São José/SC, f.º de Joaquim José e Joaquina Maria de Jesus. Pais de:
N.2 **Francisca Joaquina de Jesus** *9.5.1813, Porto Alegre, onde a 26.4.1834 ∞ **Manuel de Matos Simões** (v. Sebastião Ferreira de Carvalho, Bn.2).
N.3 **Joaquina** *19.6.1816, Porto Alegre.
F.4 **Florentina** *24.10.1793, Porto Alegre, onde †25.2.1795.
F.5 **João Furtado Fanfa** *17.5.1795, Porto Alegre, onde †21.5.1827, e ali ∞ 9.2.1823,

Flora Maria de Jesus, *Porto Alegre, f.ª de Teodósio da Silva de Vasconcelos e Quitéria Maria Alves.
F.6 **Manuel Furtado Fanfa** *12.6.1797, Porto Alegre, onde a 30.7.1816 ∞ **Joana Vicência de Ávila** (v. Manuel de Ávila de Souza, N.45). Pais de:
N.4 **Vicência** *27.10.1817, Porto Alegre.
N.5 **Francisca** *3.1.1819, Santo Antônio da Patrulha.
N.6 **Aldina** *29.3.1820, Santo Antônio da Patrulha.
N.7 **Joaquina** *20.7.1821, Porto Alegre.
F.7 **Francisco Furtado Fanfa** *8.3.1799, Porto Alegre, ∞ **Maria Joaquina da Conceição** (v. Antão Pereira Machado, Bn.20). Pais de:
N.8 **Francisco** *25.8.1823, Porto Alegre.
F.8 **Antônio Furtado Fanfa** *12.12.1800, Porto Alegre e †10.9.1868, Viamão. Em Porto Alegre, a 3.11.1821, ∞ **Comba Bernardina de Figueiró**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de José Vitorino Caetano e Francisca Bernardina de Figueiró. Pais de:
N.9 **Joaquina** *30.4.1823, Porto Alegre.
F.9 **Maria Joaquina da Conceição** *9.9.1802, Porto Alegre e †14.9.1868, Viamão. Em Porto Alegre, a 6.9.1819 ∞ **Miguel Silveira Gonçalves** (v. Manuel Silveira Gonçalves, N.45).
F.10 **José** *1.1.01804, Porto Alegre.
F.11 **Ana** *8.6.1806, Porto Alegre.
F.12 **Florentina Inácia de Jesus** *12.6.1808, Porto Alegre, onde a 20.1.1831 ∞ **José Marques**, *Gênova (igreja de São Tomé), Itália, f.º de Jerônimo Marques e Emília Savilhana.
F.13 **Inácio Furtado Fanfa** *1.1.1811, Porto Alegre, onde †4.1852. Ali a 18.1.1841 ∞ **Margarida Cândida de Oliveira** (v. Mateus de Oliveira, Bn.48). C/d em Porto Alegre.
F.14 **Jacinto Furtado Fanfa** *10.2.1813, Porto Alegre, ∞ **Eufrásia Carolina Guerreiro**, c/d em Rio Pardo.

FRANCISCO GARCIA FONTES *1768, São Mateus, Ilha do Pico e †23.11.1803, Porto Alegre, solteiro, com 35 anos, f.º de Francisco Garcia Fontes e Rita Silveira.

FRANCISCO JOAQUIM DA SILVEIRA ou **FRANCISCO JOSÉ DA SILVEIRA** *1.2.1761, Capelo, Ilha do Faial e † depois de 1806, f.º de Pedro Goulart Cardoso e Micaela Rosa Rodrigues. Francisco ∞ **MARIA GERALDA ROSA DE NAZARÉ**, *Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita) e †13.10.1806, Porto Alegre, com 35 anos mais ou menos, f.ª de Domingos de Andrade Torres, de São Vicente, Porto, PT, e Rosa Maria, da BA ou da Ilha Terceira. Pais de:

F.1 **Ana** *29.10.1796, Porto Alegre.
F.2 **Antônio Joaquim da Silva** *5.9.1799, Porto Alegre, onde a 28.2.1821 ∞ **Esméria Maria de Jesus**, *Taquari, f.ª de Lourenço Fernandes da Cunha e Isidora Maria do Espírito Santo. Pais de:

N.1 **Rita** *10.2.1822, Porto Alegre.

F.3 **José Inácio da Silva** ou **José Inácio da Costa** *11.4.1801, Gravataí, ∞ 13.4.1825, Porto Alegre, **Maria Cândida de Jesus** (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, Qn.21). Pais de:

N.2 **Fidélis** *Porto Alegre.
N.3 **Firmino** *Porto Alegre.
N.4 **Inácia** *Porto Alegre.
N.5 **Francisco** *Porto Alegre.
N.6 **Severo** *Porto Alegre.
N.7 **José** *Porto Alegre.
N.8 **Ana** *Porto Alegre.

F.4 **Joana** *13.3.1803, Porto Alegre.

FRANCISCO JOSÉ FLORES *22.10.1726, Santa Cruz, Ilha das Flores e †30.11.1782, Porto Alegre, f.º de Francisco Valadão e Maria Furtado, ∞ **LUZIA DE JESUS** ou **LUZIA DE SÃO JOSÉ** (v. Mateus de Oliveira, F.4). No inventário de Francisco consta um único bem de raiz, consistente em uma data e meia de terras, com duas moradas de casas de pau a pique, cobertas de capim, uma de moradia e a outra para fazer farinha, com cozinha e arvoredo frutíferos, em Porto Alegre. Pais de:

F.1 **Manuel** *15.4.1760, Rio Grande e †16.3.1768, Viamão.

F.2 **João José de Oliveira Flores** *5.5.1762, Rio Grande e †5.2.1843, Capela de Santana, ∞ 1783, Viamão, (1x) **Ana Joaquina de Araújo** (v. Manuel de Mendonça Pereira, N.6). João ∞ 24.5.1824, Capela de Santana, (2x) **Inocência Maria de Jesus**, *1795, Triunfo e †15.11.1833, Capela de Santana, f.ª de Maria Ferreira, de Triunfo, solteira. João ∞ 20.5.1834, Capela de Santana, (3x) **Francisca Rosa de Jesus**, *3.2.1799, Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de Francisco Manuel dos Passos e Antônia de Freitas.

Houve do 1º casamento:

N.1 **Manuel José Flores** ou **Manuel Flores Moço** *7.6.1784, Porto Alegre e †21.7.1845 em Capela de Santana, ∞ 23.6.1804, Triunfo (1x) **Maria Angélica de Oliveira** (v. Manuel Gaspar Mancebo, N.8). Manuel ∞ 6.6.1834, Capela de Santana (2x) com sua prima **Ana Flora de Oliveira**, abaixo citada.

Houve do 1º casamento:

Bn.1 **Antônio** *12.6.1804, Triunfo.

Bn.2 **Serafim José Flores** *25.12.1805, Porto Alegre, ∞ sua prima **Cândida Flora de Oliveira**, *Cachoeira do Sul, f.ª de Francisco José Flores e Constância Clara de Jesus, abaixo citados. C/d em Cachoeira.

Bn.3 **Onofre José Flores** *12.6.1807, Capela de Santana, onde †20.11.1875 e aí, a 30.8.1830, ∞ sua prima **Prudência Flora** ou **Prudência Maria de Oliveira**, abaixo citada.

Bn.4 **Manuel José Flores** *5.7.1810, Capela de Santana, onde a 12.6.1828 ∞ sua prima **Francisca Florisbela de Oliveira**, acima citados.

Bn.5 **João José Flores** *9.8.1812, Capela de Santana.

Houve do 2º casamento: nascidos em Capela de Santana de 1835-1845.

N.2 **Ana Joaquina de Araújo** ou **Ana Isabel de Oliveira** *10.7.1785, Porto Alegre, ∞ **João Jacinto Flores**, *Ilha de São Jorge, f.º de Manuel Jorge e Maria de Jesus. C/d em Capela de Santana.

N.3 **Antônio José de Oliveira Flores** *27.9.1786, Porto Alegre, e †15.10.1811 na campanha, como miliciano, ∞ sua prima **Maria Bernardina da Conceição**, abaixo citada. Pais de:

Bn.6 **Antônia Maria de Oliveira** *10.11.1811, Capela de Santana, onde a 4.2.1830 ∞ **Manuel Inácio de Souza Oliveira** (v. Antão Coelho, Bn.11).

N.4 **Gabriel José de Oliveira Flores** *25.3.1788, Porto Alegre, e †10.1844. A 18.10.1807, Porto Alegre, ∞ (1x) **Felicidade Maria de Jesus**, *3.3.1791, Viamão, f.ª de José Machado da Silveira e Ana Maria Joaquina de Jesus, ambos de Rio Grande. Gabriel ∞ 9.4.1834, Porto Alegre, (2x) **Vicência Maria Garcia**, *Mostardas, f.ª de Manuel Vicente Garcia e Ana Joaquina de Oliveira.

Houve do 1º casamento:

Bn.7 **Gabriel José Flores** *1810, Porto Alegre, ∞ 15.8.1830, Viamão, (1x) sua prima **Senhorinha Maria da Conceição**, *1.4.1807, Viamão, f.ª de Marcelino José Machado e Ana Maria Joaquina do Nascimento. Gabriel ∞ 16.6.1838, Porto Alegre, (2x) **Ana Joaquina de Araújo**, *26.11.1811, Porto Alegre, (v. Antônio da Silveira Pereira, Bn.14). Gabriel a 8.1.1860, São José do Hortêncio, ∞ (3x) sua sobrinha **Maria Josefa da Conceição**, f.ª de Manuel de Oliveira Flores e Ana Maria de Jesus. C/d do 2º ∞ em Porto Alegre.

Bn.8 **Manuel de Oliveira Flores** *3.12.1812, Porto Alegre, ∞ 10.2.1835, Viamão, com sua prima (1x) **Ana Maria de Jesus**, b. 6.6.1821, Capela de Santana, f.ª de Bernardino José Flores e Angélica Maria de Jesus, abaixo mencionados. Manuel ∞ 27.4.1857, Capela de Santana, (2x) **Maria Joaquina da Conceição**, f.ª de Joaquim José Pereira e Clementina Narcisa da Silva. C/d em São José do Hortêncio e Capela de Santana.

Bn.9 **Constância Maria de Jesus** ou **Constância Maria Flores** *24.4.1814, Porto Alegre, ∞ **João Pinto Soares**, abaixo mencionado. C/d em São Leopoldo.

Bn.10 **Maria Josefa da Conceição** *13.2.1816, Porto Alegre, ∞ 21.1.1833, Viamão, (1x) **Germano Antônio de Araújo**, após, ∞ (2x) **Felisberto Francisco Silveira**.

Bn.11 **Marcelino** *2.11.1817, Porto Alegre.

Bn.12 **Ana** *23.8.1818, Porto Alegre, onde †1.3.1819.

Bn.13 **José Gabriel Flores** *25.10.1819, Viamão e †31.5.1820, Porto Alegre.

Bn.14 **Ana Maria da Silva** ou **Ana Maria de Oliveira Flores** *15.11.1821, Porto Alegre, onde a 8.2.1835 ∞ **Alexandre José da Silveira** (v. Antônio da Silveira Pereira, Bn.11).

Bn.15 **Maria Angélica de Jesus** *11.11.1823, Porto Alegre.

Bn.16 **Maria** *8.11.1825, Viamão.

Bn.17 **Rita Maria de Jesus** ou **Rita Maria da Conceição** *23.6.1827, Viamão, ∞ 7.2.1850, Porto Alegre, com seu primo **Luís de Oliveira Flores**, b. 12.9.1828, Capela de Santana, f.º de Bernardino José Flores e Felícia Maria de Oliveira, abaixo citados.

Bn.18 **João Gabriel Flores** ou **João Machado Flores** *1.6.1829, Viamão, ∞ 30.6.1850, Capela de Santana, com sua prima **Claudina Flora de Oliveira**, f.ª de Alexandre José Flores e Delfina Maria de Jesus, abaixo mencionados.

Bn.19 **Antônio** *5.4.1831, Porto Alegre.

Houve do 2º casamento:

Bn.20 **Francisco de Oliveira Flores** *22.8.1834, Porto Alegre, onde a 27.11.1858 ∞ **Maria José de Oliveira Fraga**, *1840, f.ª de Manuel José da Silva Fraga e Ana Joaquina de Oliveira.

Bn.21 **Felicidade Flores** *28.12.1836, Porto Alegre, onde ∞ **Pierre Goyer**, *1834, França, f.º de François Goyer e Anne Marie.

Bn.22 **Baltazar de Oliveira Flores** *1.11.1837, Viamão.

Bn.23 **Joaquim** *7.7.1839, Porto Alegre.

Bn.24 **Maria de Oliveira Flores** *7.12.1840, Porto Alegre, ∞ **João Antônio da Silva**.

Bn.25 **Baltazar de Oliveira Flores** *7.12.1842, Porto Alegre, ∞ **Jesuína de Oliveira Garcia** e, após, **Manuela Antônia da Silva.**

Bn.26 **Gabriel de Oliveira Flores** *7.12.1843, Viamão e †5.7.1893, Porto Alegre, ∞ **Senhorinha Joaquina de Oliveira**.

Bn.27 **Francisco Flores** *6.6.1844, Viamão.

N.5 **Patrício José Flores** *5.12.1789, Porto Alegre e †7.9.1857, São Sebastião do Caí, ∞ **Leduvina** ou **Ludovina Flora de Oliveira**, *Taquari e †25.9.1856 em São Sebastião do Caí, f.ª de José Dias Ferreira e Gertrudes Maria de Ramos. C/d em Taquari e Capela de Santana. Pais de:

Bn.28 **Ana** *1.6.1815, Porto Alegre.

N.6 **José Francisco Flores** *16.3.1791, Porto Alegre.

N.7 **Constança** *15.3.1795, Triunfo.

N.8 **Bernardino José Flores** *10.5.1793, Porto Alegre, ∞ (1x) **Angélica Maria de Jesus**, *1798, Triunfo e †15.2.1827, Capela de Santana, f.ª de Tomás Francisco Garcia, de Bandeiras, Ilha do Pico, e Ana Maria de Jesus, de Viamão. Bernardino ∞ 31.10.1827, Porto Alegre, (2x) **Felícia Maria de Jesus**, b. 9.5.1791, Triunfo e †15.7.1832, Capela de Santana, f.ª de Luís Leite de Oliveira, de Viamão, e Teresa Francisca Lagoa, de Rio Grande. Bernardino ∞ 5.11.1832, Capela de Santana, com sua sobrinha-neta (3x) **Bernardina Flora de Oliveira**, f.ª de João Jacinto Flores e Ana Joaquina de Araújo, acima citados. C/d dos três casamentos em Capela de Santana. Do primeiro casamento de Bernardino com Angélica nasceu Francisco Flores da Cunha, avô materno do General José Antônio Flores da Cunha, advogado, general e político brasileiro, tendo sido Governador do Rio Grande do Sul.

N.9 **David José Flores** *10.6.1796, Triunfo, ∞ 14.9.1824, Taquari, **Ana Garcês de Morais**, *5.6.1806, Taquari e †1845, Cachoeira do Sul, f.ª de José Garcês de Morais e Jacinta Rosa de Santiago. C/d em Taquari.

N.10 **Maria Flora de Oliveira** b. 9.3.1798, Triunfo e †20.1.1832, Capela de Santana, onde ∞ 21.9.1824, **João Pinto Soares**, *Mafamude, Porto, PT, acima mencionado, f.º de Antônio Pinto Soares e Joaquina de Santa Ana. C/d em Capela de Santana.

N.11 **Alexandre José Flores** *3.5.1799, Triunfo, ∞ 25.5.1824, Capela de Santana, **Delfina Maria de Jesus**, *Gravataí, f.º de Felipe José Pereira e Ana Maria de Jesus. C/d em Capela de Santana.

N.12 **Constança Perpétua de Oliveira** *18.1.1803, Triunfo, ∞ 28.8.1824, Capela de Santana, **Julião José Flores**, *Taquari e †15.11.1869, Santa Maria, f.º de Manuel José de Souza Flores e Maria Joaquina do Rosário. C/d em Santa Maria.

N.13 **Desidéria Flora de Oliveira** *Porto Alegre, ∞ 19.2.1822, Capela de Santana, **Isac da Silva Pereira**, *Lisboa (Alcântara), Lisboa, PT, f.º de Domingos José da Silva e Eufrásia Maria de Jesus. C/d em Capela de Santana.

N.14 **Severina Flora de Oliveira** *2.8.1808, Capela de Santana, onde a 3.9.1834 ∞ **Francisco José Flores**, seu primo, abaixo citado.

Houve filhos do 2º e 3º casamentos em Capela de Santana de 1826-1837.

F.3 **Ana Joaquina de Oliveira** *Porto Alegre e b. 20.3.1765, Viamão, ∞ 11.1.1781, Porto Alegre, **Antônio Machado de Souza**, b. 20.10.1757, Triunfo, f.º de Antônio Machado de Souza e Felipa da Conceição, ambos da Ilha de São Jorge e dados como casal de El-Rei. Pais de:

N.15 **João** *3.12.1781, Porto Alegre, onde †28.7.1782.

N.16 **Isabel Maria de Jesus** b. 5.5.1784, Porto Alegre e †22.9.1842, Capela de Santana, ∞ 26.1.1803, Triunfo, **José Ramos de Oliveira** (v. Antão Coelho, N.5).

N.17 **João Machado Flores** *27.12.1785, Porto Alegre, ∞ 1808, Triunfo, **Maria Angélica Meireles**, ali *, f.ª de Francisco Gonçalves Meireles e Josefa Maria de Jesus. C/d em Triunfo.

N.18 **Custódio Pereira Machado** b. 8.10.1788, Triunfo, onde ∞ **Florisbela Rosa de Jesus**, ali *, f.ª de Manuel Lopes Duarte e Escolástica Rosa de Jesus.

N.19 **Máxima Maria da Trindade** *29.5.1790, Triunfo, ∞ **Antônio Coelho de Oliveira** (v. Antão Coelho, N.10).

N.20 **Leonor Perpétua de Jesus** *2.8.1792, Triunfo, ∞ **Manuel dos Santos Borges**, *Ilha de São Miguel, f.º de Manuel Soares e Rosa Francisca do Livramento. C/d em Capela de Santana.

N.21 **Maria** *19.4.1794, Porto Alegre e †pequena.

N.22 **José Machado Flores** *8.2.1797, Porto Alegre, ∞ Triunfo **Brígida Maria**.

N.23 **Manuel Machado de Souza** *15.10.1800, Porto Alegre, ∞ **Vicência Inácia de Oliveira**, f.ª de Manuel Inácio de Souza Cabral e Severina Inácia de Oliveira, acima citados.

N.24 **Bernarda** *6.11.1802, Porto Alegre, onde † pequena.

N.25 **Leocádia Joaquina de Oliveira** *1804, Triunfo e †21.8.1836, Capela de Santana, ∞ **João Pires Cerveira** (v. Narciso Pires Cerveira, N.2).

N.26 **Antônio Machado de Souza** *1.2.1808, Capela de Santana, onde a 3.5.1830 ∞ **Bernardina Camila da Conceição.**

F.4 **José Francisco Flores** *2.10.1767, Viamão, †18.6.1803, Porto Alegre, onde ∞ 1.2.1790 **Maria Angélica de Oliveira** (v. Manuel Gaspar Mancebo, N.8). Pais de:

N.27 **Maria Bernardina da Conceição** *7.4.1791, Porto Alegre, onde ∞ (1x) seu primo **Antônio José de Oliveira Flores**, acima citados. Maria ∞ 10.4.1813, Triunfo, (2x) **Manuel Inácio de Souza Cabral**, viúvo de Severina Inácia de Oliveira. Manuel *pv. 1772, N. Sra. da Assunção, Ilha de Santa Maria e †22.8.1842, Capela de Santana, f.º de Manuel José de Souza e Isabel Batista.

N.28 **Francisco José Flores** *4.9.1793, Porto Alegre, ∞ 3.9.1834, Capela de Santana, com sua prima **Severina Flora de Oliveira**, acima citada.

N.29 **Silvério Flores** *31.8.1795, Porto Alegre e † antes de 1803.
N.30 **Brígida Maria da Conceição** *20.5.1797, Porto Alegre, e †1.3.1829, Capela de Santana, onde a ∞ 27.1.1818, **Manuel Inácio de Souza Oliveira**, *2.11.1796, Porto Alegre, ∞ 27.1.1818, Capela de Santana, f.º de Manuel Inácio de Souza Cabral e Severina Inácia de Oliveira, acima citados.
N.31 **Nazário José Flores** *22.11.1799, Porto Alegre, ∞ 3.10.1820, Rio Pardo, **Maria Jacinto de Macedo**, *1.3.1801, Rio Pardo, f.ª de Jerônimo Jacinto da Silveira e Ana Rangel de Macedo. C/d em Rio Pardo.
N.32 **José Francisco Flores** *14.11.1802, Triunfo, ∞ 4.12.1827, Porto Alegre, **Isidora Antônia de Jesus**, *Biguaçu/SC, f.ª de Antônio Correia de Andrade e Teodora Francisca das Chagas.

F.5 **Manuel José de Oliveira Flores** ou **Manuel Flores Velho** b. 10.5.1770, Porto Alegre, onde ∞ 28.11.1795, **Joaquina Maria Fagundes** (v. Antônio Francisco Gomes, F.5). Pais de:

N.33 **Ana Florisbela de Jesus** *9.10.1796, Porto Alegre, ∞ 12.1.1822, Capela de Santana, **João Rodrigues de Moraes**, *Mondim de Basto, Mondim de Basto, Vila Real, PT, f.º de João Gonçalves Carvalho e Maria Rodrigues de Moraes. C/d em Capela de Santana e São Leopoldo.
N.34 **Jacinto** *21.5.1798, Porto Alegre, onde †6.8.1798.
N.35 **Antônio** *27.10.1799, Porto Alegre.
N.36 **Florisbelo** *22.7.1801, Porto Alegre.
N.37 **Joaquim Manuel Flores** *1.5.1803, Porto Alegre, ∞ sua prima **Inocência Flora de Oliveira**, abaixo citada. C/d em Capela de Santana.
N.38 **Maria Joaquina Fagundes** *24.1.1805, Porto Alegre, ∞ 2.6.1824, Capela de Santana, **Domingos Lopes dos Santos**, *Lisboa, PT, f.º de José Lopes dos Santos e Maria Joaquina. C/d em Capela de Santana.
N.39 **Januário** *28.11.1806, Porto Alegre e †10.4.1807, Capela de Santana.
N.40 **Francisca Florisbela de Oliveira** *15.2.1808, Capela de Santana, onde a 12.6.1826 ∞ seu primo **Manuel José Flores**, abaixo citado.
N.41 **Firmina Joaquina Fagundes** *5.1.1812, Porto Alegre, ∞ 23.4.1824, Capela de Santana, **Francisco Pereira Sarmento**, b. 24.6.1798, São José/SC, f.º de Francisco de Paula Sarmento e Ana Joaquina dos Serafins. C/d em Capela de Santana.
N.42 **Jacinta Maria Fagundes** *3.8.1813, Porto Alegre, ∞ 20.7.1829, Capela de Santana, **Lizardo José da Costa**, *Santa Cruz, Ilha Graciosa, f.º de Antônio José da Costa e Maria do Rosário. C/d em Capela de Santana.
N.43 **Pacífico** *25.12.1814, Porto Alegre.
N.44 **Cândida** *19.5.1816, Porto Alegre, onde †16.1.1817.
N.45 **Antônio** *23.8.1819, Capela de Santana.
N.46 **Bernardina** b. 24.6.1821, Capela de Santana.
N.47 **José Fagundes Flores** b. 27.12.1822, Capela de Santana, onde a 8.1.1850, ∞ **Rafaela Júlia de Azevedo**, f.ª de José Custódio de Azevedo e Henriqueta Júlia Pamplona Corte Real.
N.48 **Júlia** b. 7.11.1824, Capela de Santana.
N.49 **Júlio** b. 8.6.1826, Capela de Santana.

F.6 **Francisco José Flores** *15.9.1771, Viamão, ∞ 8.5.1800, Rio Pardo, **Constância Clara de Macedo** ou **Constância Clara de Jesus**, b. 12.1.1796, Rio Pardo, f.ª de Jerônimo Jacinto da Silveira e Ana Rangel de Macedo. C/d em Rio Pardo e Cachoeira do Sul.

F.7 **Maria Joaquina de Oliveira** *20.9.1773, Porto Alegre, ∞ **Maurício José de Souza**, b. 4.10.1767, Taquari, f.º de José de Souza Valadão e Ana Maria, ambos da Ilha de São Jorge. Pais de:

N.50 **Custódio Ferreira de Oliveira** b. 20.11.1787, Triunfo, ∞ 1808, Rio Pardo, **Margarida Eufrásia Joaquina**.

N.51 **Maria Bernarda de Oliveira** *18.1.1789, Taquari, ∞ 12.1.1806, Porto Alegre, **Manuel dos Reis**, *1774, Alcabideche, Cascais, Lisboa, PT, e †3.1.1827, Taquari, f.º de José dos Reis e Teresa Maria da Conceição. C/d em Triunfo, depois Santa Maria.

N.52 **Ana Matilde de Oliveira** *15.10.1790, Porto Alegre, ∞ 1808, Capela de Santana, **Alexandre José Coelho**.

N.53 **Manuel Francisco de Souza** *18.3.1793, Porto Alegre, ∞ 1812, Taquari, **Maria Joaquina da Conceição**.

F.8 **Luísa Joaquina de Oliveira** *16.5.1775, Porto Alegre, ∞ 27.11.1789, Triunfo, **Raimundo José da Silva** *1763, São José/SC e †27.12.1849, Capela de Santana, f.º de Manuel Henriques de Airos ou de Eiró, de Cananéia/SP, e Ana Maria das Candeias, da Ilha de São Jorge. Pais de:

N.54 **Felisberto José da Silva** *27.3.1791, Porto Alegre, ∞ 1809, Rio Pardo, **Joaquina Maria de Jesus**. C/d em Capela de Santana.

N.55 **Felicidade Perpétua da Silva** *30.8.1792, Porto Alegre, ∞ **Luís Antônio da Silva** ou **Luís Antônio dos Reis**, c/d em Capela de Santana.

N.56 **Jacinto José Flores** *3.7.1794, Triunfo, ∞ 5.2.1830, Capela de Santana, **Maria Custódia do Sacramento**.

N.57 **Ana Bernardina da Silva** *11.2.1796, Triunfo, ∞ 2.10.1830, Capela de Santana, **Francisco de Souza Chagas**.

N.58 **Manuel Raimundo da Silva Flores** ou **Manuel José Raimundo** *15.11.1797, Porto Alegre, ∞ 1821, Taquari, **Inocência Jacinta Amélia de Souza**.

N.59 **Maria Cândida da Silva** *24.5.1800, Porto Alegre, ∞ **Narciso Pires Cerveira** (v. Narciso Pires Cerveira, N.3).

N.60 **Tristão José da Silva** *20.3.1802, Porto Alegre, ∞ 16.1.1828, Capela de Santana **Maria Madalena de Oliveira**.

N.61 **Francisca Bernardina da Silva** ou **Francisca Cândida da Silva** *pv. 1803, ∞ 2.9.1823, Capela de Santana, **Felisberto Lopes de Carvalho.**

N.62 **Joaquim** *26.11.1805, Triunfo.

N.63 **Luís Antônio da Silva Flores** *8.4.1807, Capela de Santana, onde ∞ 1835 **Maria Bernardina da Silva**.

N.64 **Antônio** *1.4.1811, Capela de Santana.

N.65 **Joaquim** *4.11.1815, Capela de Santana, onde †4.5.1816.

N.66 **Raquel Delfina de Oliveira** *Capela de Santana, onde a 2.10.1832, ∞ **Inácio José Dias** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.14).

N.67 **Bernardina Leopoldina da Conceição** ∞ 1.11.1829, Capela de Santana, **José de Antunes de Oliveira**.

F.9 **Francisca Matilde de Oliveira** *20.2.1777, Porto Alegre, e †1.5.1860, Cachoeira do Sul, ∞ 15.6.1793, Porto Alegre, **José de Ávila Cristal e Souza** (v. Antônio Machado de Ávila, F.5).
F.10 **Bernarda Matilde de Oliveira** *5.8.1778, Porto Alegre e †22.6.1858. A 19.5.1793, Porto Alegre, ∞ **Jacinto José de Menezes**, *1766, Cascais, Lisboa, PT e †24.12.1816, Porto Alegre, f.º de Silvestre dos Reis e Maria Teresa. Pais de:

N.68 **Ana** *16.2.1794, Porto Alegre e † antes de seu pai.
N.69 **Antônio Inácio de Menezes** *30.8.1795, Porto Alegre, onde a 6.8.1820 ∞ **Maria Antônia da Silva**, *16.7.1803, Santo Antônio da Patrulha (v. Francisco Antônio da Silveira, N.19). Pais de:

Bn.29 **Balbina** *29.9.1821, Porto Alegre.

N.70 **Francisco José Flores** *4.11.1796, Porto Alegre, onde ∞ 7.5.1819 **Justina Maria de Jesus** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.13).
N.71 **Joaquina** *8.9.1798, Porto Alegre e † antes de seu pai.
N.72 **Dionísio Antônio de Oliveira** *7.10.1800, Porto Alegre, onde a 10.10.1827 ∞ **Georgiana Maria da Silva** (v. João Inácio Coelho de Passos, N.1).
N.73 **Maria Leopoldina de Menezes** ou **Maria Bernarda de Jesus** *18.3.1805, Porto Alegre, onde ∞ 18.2.1832 (1x) **Firmino Luís Gomes de Abreu** e, após, em 1844 ∞ (2x) **Lourenço Lopes Jardim**. Do primeiro casamento descende Carlos Candal dos Santos, Diretor da Faculdade de Medicina do RS (UFRGS).
N.74 **Inácio** *5.3.1807, Porto Alegre, onde †25.4.1809.
N.75 **Cândido José de Oliveira** *1.11.1808, Porto Alegre, onde a 7.8.1837 ∞ **Maria Joaquina das Neves** (v. José Manuel Pereira, F.7).
N.76 **Jacinto** *23.1.1811, Porto Alegre.
N.77 **Florinda** *10.6.1812, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
N.78 **Leopoldina** *28.7.1814, Porto Alegre.
N.79 **Leandra** *23.8.1816, Porto Alegre e † 1816.

F.11 **Agostinho**, †15.5.1780, inocente, Porto Alegre.
F.12 **Maria** †8.12.1781, inocente, Porto Alegre.

FRANCISCO JOSÉ FURTADO (Chico Combuta) *31.8.1775, Ribeirinha, Ilha do Faial e †27.1.1848, Porto Alegre, f.º de José Furtado de Mendonça, de Ribeirinha, Ilha do Faial, e Joana Teresa, de Pedro Miguel, Ilha do Faial e †19.4.1810, Porto Alegre, com 74 anos, viúva. Francisco ∞ 24.1.1803, Porto Alegre, **CLEMÊNCIA MARIA DA CONCEIÇÃO**, *22.3.1787, Porto Alegre (v. Felipe Furtado da Terra, F.3). O cronista CORUJA (1996, p. 22) escreveu que Francisco José Furtado foi tesoureiro da Irmandade de N. Sra. da Rosário, o qual promoveu a construção da igreja do Rosário em Porto Alegre. Integrou, ainda, a Irmandade do Divino Espírito Santo, tendo sido imperador festeiro em 1832. Em 1833 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando disse viver do rendimento de seus prédios e de seus negócios. Pais de:

F.1 **Rita** *2.5.1804, Porto Alegre.
F.2 **Francisco José Furtado** *22.10.1805, Porto Alegre, onde a 20.6.1835 ∞ **Simplícia Guilhermina da Silva Rosa**, *Porto Alegre, f.ª de Veríssimo da Silva Rosa e Simplícia Maria da Conceição Feijó. São avós de Murilo Furtado, músico, homenageado com nome de rua no bairro Petrópolis, em Porto Alegre.

F.3 **Gertrudes Francisca da Soledade** *25.2.1808, Porto Alegre, onde †9.3.1866, ∞ 20.3.1830, Porto Alegre, **José Manuel Felizardo**, *19.3.1803, Évora, PT, e †17.5.1887, Porto Alegre, f.º de José Manuel Felizardo e Maria do Carmo. Gertrudes e José Manuel foram pais de Joaquim José Felizardo, b. 22.7.1839 em Porto Alegre, onde ∞ Ermelinda Augusta Ferreira de Almeida. Estes, por sua vez, foram pais, além de outros, de: (a) Julieta Felizardo ∞ Dr. Sebastião Afonso de Leão, médico e historiador e que dá nome a uma rua em Porto Alegre; (b) Joaquim José Felizardo Júnior ∞ Ana Cristina Barcelos Schell e pais de um dos primeiros genealogistas gaúchos, Dr. Jorge Godofredo Felizardo e (c) Maria Leocádia de Almeida Felizardo ∞ Antônio Pereira Prestes, pais de Luís Carlos Prestes, político brasileiro. Também descende do casal Joaquim José Barcelos Felizardo, criador e primeiro titular da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre e dá nome ao Museu Municipal Joaquim José Felizardo, em Porto Alegre.
F.4 **Joaquina** *6.5.1811, Porto Alegre, onde †30.5.1813.
F.5 **Joaquim Francisco de Oliveira Furtado** *17.8.1813, Porto Alegre, onde a 26.5.1844, (1x) **Ana Amália Caldeira** e, após, ∞ 1853 (2x), **Isabel Virgínia Thier** (v. Manuel Garcia Tavares, Bn.16). Joaquim em 1849 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando disse viver do rendimento de seus bens e ordenado de seu emprego.
F.6 **Manuel** *23.8.1816, Porto Alegre, onde †30.8.1816.
F.7 **Maria** *8.11.1817, Porto Alegre.
F.8 **Cândida Francisca de Oliveira Furtado** *1824, Porto Alegre, onde †7.12.1898 e ali ∞ 13.9.1843, **Antônio da Silva Fróes**, *Porto Alegre, f.º de Gaspar Fróes da Silva e Felicidade Perpétua de Sá.
F.9 **Clemência** *18.3.1820, Porto Alegre.
F.10 **Antônio** *14.5.1822, Porto Alegre.

FRANCISCO MACHADO DE BORBA b. 8.3.1697 no Cabo da Praia, Ilha Terceira e †27.8.1792, com 107 anos (sic), Viamão, f.º de Domingos Machado Borba e Maria de Barcelos, onde ∞ 18.11.1726 **CATARINA DE JESUS**, *29.4.1702, Santa Cruz, Vila da Praia, Ilha Terceira e †12.9.1797, *para cima de cem anos*, em Viamão, f.ª de Manuel Fernandes Franco e Maria Carneiro. Francisco e Catarina eram casal de El-Rei e saíram dos Açores em 1748 com os filhos, permanecendo por cinco meses em Santa Catarina e depois foram mandados embarcar para Rio Grande, onde ficaram sete anos, como declarou José de Borba, filho de Francisco e Catarina, quando de sua habilitação de casamento. Francisco e Catarina foram pais de:

F.1 **Maria de Jesus Borba** *22.9.1727, Cabo da Praia, Ilha Terceira, ∞ 14.2.1760, Rio Grande, **Antônio Silveira Dutra**, *1729, Vila das Lajes, Ilha do Pico e †25.4.1793, Rio Pardo, f.º de João da Silveira e Clara Maria. C/d em Rio Grande, Viamão, Capela de Santana e Rio Pardo.
F.2 **Manuel de Borba** *21.10.1729, Cabo da Praia, Ilha Terceira e †8.7.1785, Viamão, ∞ **Francisca Antônia de Jesus**, *Belo Jardim, Ilha Terceira, f.ª de José Vieira Lopes e Águeda Maria da Conceição, ambos de Cabo da Praia, Ilha Terceira. C/d em Rio Pardo, Rio Grande, Porto Alegre e Viamão.

F.3 **Francisco Machado de Borba** *7.12.1731, Cabo da Praia, Ilha Terceira, ∞ 24.1.1761, Rio Grande, **Maria Rosa de Santana**, *Ilha Graciosa, f.ª de Antônio da Cunha de Ávila e Joana Rosa de São Francisco.

F.4 **José de Borba** *7.2.1734, Cabo da Praia, Ilha Terceira e †1.9.1787, Porto Alegre. Consta no processo de habilitação de casamento de José (AHCMPA) que ele chegou no Brasil em 1748 com os pais e irmãos em Santa Catarina. Por volta de 1749-1750 a família foi para Rio Grande, onde José ficou por três anos, até ingressar no Exército para a companhia de São Gonçalo. Em meados de 1755, José se recolheu à Fortaleza de Rio Pardo, onde morava ao se casar, ∞ 12.2.1760, Rio Pardo, **Maria da Conceição** ou **Maria de São Silvestre**, *30.12.1736, Altares, Ilha Terceira e †4.5.1815, Porto Alegre, f.ª de Antônio Nunes de Curvelo e Maria da Conceição de Melo. Pais de:

N.1 **Florência Rosa do Nascimento** b. 27.6.1762, Rio Pardo, onde a 12.6.1781 ∞ **Vicente Inácio da Fonseca**, *3.8.1756, Rio Grande, f.º de Antônio Francisco Xavier e Teresa Maria de Jesus. C/d em Rio Pardo e Taquari.

N.2 **Angélica Maria** *Rio Pardo, onde a 12.4.1779 ∞ **José Antônio Cardoso**, *São Francisco do Sul/SC, f.º de Antônio Cardoso e Maria Dias de Lima. C/d em Rio Pardo e Rio Grande.

N.3 **Maria Joaquina** *Rio Pardo, ∞4.2.1788, Porto Alegre, **João Francisco da Silva** ou **João Gomes da Silva**, *Laguna/SC, f.º de José Gomes da Silva, de Laguna/SC, e Francisca Perpétua de Jesus, da Ilha Terceira. Pais de:

Bn.1 **Júlia** *8.2.1789, Porto Alegre.

Bn.2 **Servando** *21.8.1791, Porto Alegre.

Bn.3 **Felisberto** b. 175.1795, Rio Pardo.

N.4 **Miguel Inácio de Borba** b. 6.10.1767, Taquari, ∞ 23.9.1793, Rio Grande, **Desidéria Pereira de Jesus**, *Estreito, São José do Norte, f.ª de Francisco Ferreira de Souza e Laureana Inácia Maria de Jesus. C/d em Canguçu.

N.5 **Felipa Eleutéria de Borbom**, dona, *Rio Pardo, ∞ 1.12.1798, Porto Alegre, (1x) **Domingos Martins Pereira**, *1737, Rio Douro, Cabeceiras de Basto, Braga, PT e †5.6.1819, Porto Alegre, f.º de Domingos Pereira e Inês Martins. Felipa ∞ 1.9.1819, Porto Alegre, (2x) **José Maria Dias**, *freg. São Tiago, bispado do Porto, PT, f.º de Manuel Moreira Dias e Custódia Monteiro. *Houve do 1º casamento:*

Bn.4 **Domingos** *19.10.1798, Porto Alegre, onde †23.8.1800, de *ar de pasmo*.

N.6 **Agostinho de Borba** *Rio Pardo, ∞ 15.2.1802, Porto Alegre, **Clara Joaquina de Jesus**, b. 4.3.1784, Porto Alegre, f.ª de Antônio Leal Pimentel e Francisca Maria de Jesus, ambos do Rio de Janeiro/RJ.

N.7 **Tomásia Maria** b. 10.3.1772, Viamão, ∞ 1.12.1787, Porto Alegre, **Manuel Pereira Lima**, *Santo Antônio, Ilha do Pico, f.º de José Pereira da Terra e Ana Teresa.

F.5 **Antônio Francisco Mendes** *7.3.1737, Cabo da Praia, Ilha Terceira, ∞ (1x) **Maria Santa de Jesus**, *Ilha de São Jorge, f.ª de Paschoal Silveira e Maria Inácia, ambos do Topo, Ilha de São Jorge. Antônio ∞ 13.11.1799, (2x) **Tomásia Maria da Silva**, *Encruzilhada do Sul, f.ª de Manuel Fernandes e Micaela Maria, ambos de Gravataí. C/d em Santo Amaro do Sul, Caçapava do Sul, Pelotas, São Gabriel e Canguçu.

F.6 **Tomásia** *16.12.1740, Cabo da Praia, Ilha Terceira.

F.7 **Caetano de Borba** *10.11.1742, Cabo da Praia, Ilha Terceira, ∞ **Maria Rodrigues**, *Salão, Ilha do Faial, f.ª de João Rodrigues de Medeiros e Catarina da Silveira. C/d em

Santo Antônio da Patrulha, Viamão e Rio Pardo – citados em Antônio Marques Torres, F.3.
F.8 **Joana Rosa da Trindade** *1743, Cabo da Praia, Ilha Terceira, ∞ 13.2.1763, Rio Grande, ∞ (1x) **Antônio Francisco de Mendonça**, *Praia do Almoxarife, Ilha do Faial, f.º de Francisco Pereira e Maria dos Reis. Joana ∞ 9.8.1780, Florianópolis/SC (Desterro), (2x) **José de Medeiros**, *1743, Horta, Ilha do Faial, e †17.12.1803, Florianópolis, f.º de José de Medeiros e Catarina Inácia.
F.9 **João** *5.6.1746, Cabo da Praia, Ilha Terceira.

FRANCISCO MACHADO DE OLIVEIRA *2.10.1717, Topo, Ilha de São Jorge e †31/12/1803, Viamão, f.º de João Machado de Oliveira Souto e Maria Silveira. A 17.1.1746, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge ∞ (1x) **FRANCISCA XAVIER DE JESUS**, *11.11.1724, Topo, Ilha de São Jorge e †16.9.1769, Viamão, f.ª de Manuel Pereira de Lemos e Siqueira e Brígida Machado de Souza. Francisco ∞ (2x) **MARIA DA CONCEIÇÃO** (v. Tomás Pereira, N.1). Houve 9 filhos do 1º ∞ e 11 filhos do 2º ∞, que seguem:
Filhos do 1º casamento:

F.1 **Antônio** *13.6.1746, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge. No inventário dos bens deixados por seu pai é dito que sumiu *desde a idade juvenil donde nunca se soube dele*.
F.2 **Joaquim** *15.9.1754, Rio Grande e † antes de 1760.
F.3 **José Machado de Oliveira** *30.1.1756, Rio Grande e †7.6.1821, Viamão, ∞ **Maria Moreira de Oliveira**, b. 11.1.1762, Viamão, f.ª de Manuel Brás Lopes e Francisca Moreira, ambos de Laguna/SC. C/d em Viamão.
F.4 **Maria Francisca de Jesus** *16.3.1758, Rio Grande, ∞ **Salvador Pereira**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.º de Domingos de Araújo e Joana da Costa. C/d em Viamão.
F.5 **Joaquim Inácio dos Santos** *17.10.1760, Rio Grande, ∞ **Genoveva Joaquina da Conceição**, b. 22.11.1764, Viamão e †16.12.1799, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de Manuel Caetano de Souza (*1730, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †12.3.1811, Viamão, ∞ 30.3.1761, Rio Grande) e Inês de São José (*1746, Santa Bárbara, Ilha Terceira e †10.7.1838, Porto Alegre), n.p. Caetano de Souza e Águeda Teixeira e n.m. do Capitão Manuel Machado Fagundes e Isabel Francisca da Silveira. C/d em Viamão, pais de 9 filhos.
F.6 **Antônio Inácio dos Santos** *1763/1765, Laguna/SC, ∞ **Isabel Fernandes do Nascimento**, b. 21.9.1796, Viamão, f.ª de João Fernandes de Deus e Marta Ribeiro. Pais de:

N.1 **José** b. 12.6.1784, Viamão.
N.2 **Silvério José dos Santos** *9.9.1789, Viamão, onde a 22.10.1807 ∞ **Lucrécia Joaquina de Jesus**, *Viamão, f.ª de Benedito Matias de Azevedo e Delfina Maria de Jesus.
N.3 **Joana Eufrásia de Oliveira** *3.10.1794, Viamão. A 22.8.1810, Porto Alegre, ∞ **José Joaquim Pereira** (v. Ventura Pimentel, N.6).
N.4 **Antônia** *21.11.1797, Viamão.
N.5 **Ricardo** *28.10.1800, Viamão.
N.6 **Mariano** b. 28.10.1804, Viamão.
N.7 **Delfina** *9.1.1809, Viamão.

F.7 **José Jacinto de Oliveira** *1763/1765, Laguna/SC, ∞ **Mariana Antônia da Conceição**, b. 24.4.1766, Viamão, f.ª de José Brás Lopes (*Laguna/SC) e Catarina Machado (*Calheta, Ilha de São Jorge).

N.8 **Francisca** *13.4.1783, Viamão, onde †11.5.1783.

N.9 **Francisca Joaquina da Conceição** b. 21.11.1784, Viamão. A 4.11.1807, Porto Alegre, ∞ **Eufrásio José Dias**, furriel de milícias, *21.8.1788, Porto Alegre, f.º de Laureano José Dias e Maria Teresa de Jesus (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.23).

N.10 **Boaventura José de Oliveira** b. 8.12.1786, Viamão, ∞ 29.8.1811, Porto Alegre, **Isabel Francisca de Andrade,** viúva de José Silveira de Andrade, f.ª de Antônio Pereira e Catarina dos Santos.

N.11 **João José de Oliveira** *6.10.1788, Viamão. A 31.7.1813, Porto Alegre, ∞ **Bernardina Maria de Jesus** (v. Manuel Gaspar Mancebo, Bn.16). C/d em Viamão.

N.12 **Leocádia Joaquina de Lima** *27.8.1790, Viamão, onde a 20.11.1809 ∞ **Luís Antônio Fagundes**, *Viamão, f.º de José Antônio Fagundes e Maria Inácia de Jesus.

N.13 **Joaquina Maria da Conceição** *23.11.1791, Viamão, onde a 20.7.1811 ∞ **Francisco Pereira Dias**, *Viamão, f.º de Matias Pereira Dias e Maria Rodrigues Moreira. Pais de ao menos 2 filhos nascidos em Porto Alegre e de outros sete em Viamão:

Bn.1 **Antônio Pereira Dias** *10.2.1817, Porto Alegre.

Bn.2 **Maria** *8.6.1818, Porto Alegre.

N.14 **Felisberto José de Oliveira** *25.5.1793, Viamão. A 1.8.1815, Porto Alegre, ∞ **Constância da Câmara e Sá**, *8.7.1796, Porto Alegre (v. José da Câmara de Sá, F.6). Pais de:

Bn.3 **Casemiro** *23.12.1816, Porto Alegre.

Bn.4 **Flora Constância da Câmara** *10.9.1818, Porto Alegre. Foi ∞ **José Antônio da Rosa**, *Santo Antônio da Patrulha, f.º de João da Rosa da Silva, de São José/SC e Maria Joaquina de Figueiró, de Santo Antônio da Patrulha.

Bn.5 **Teodoro** *9.9.1820, Porto Alegre.

Bn.6 **Estácio** *8.8.1822, Porto Alegre.

Bn.7 **Rita Maria da Câmara** *Porto Alegre, ∞ **Fernando Batista de Almeida**, *1816, Triunfo, f.º de João Batista de Almeida e Raquel Faustina de Meneses. C/d em Triunfo.

N.15 **Cipriano José de Oliveira** *13.9.1794, Viamão e † antes de seu pai.

N.16 **Aurélia** *18.3.1796, Viamão.

N.17 **Domingos José de Oliveira** *15.11.1798, Viamão.

N.18 **Fidélis José de Oliveira** *7.18.1800, Viamão, onde a 20.5.1821 ∞ **Geralda Maria de Jesus**, *1°.8.1801, Porto Alegre, f.ª de José Joaquim da Silva e Antônia Maria de Jesus.

N.19 **Florisbela Joaquina de Oliveira** *13.1.1802, Viamão, onde a 19.5.1820, ∞ **Joaquim José da Silva**, *Rio Pardo, f.º de José Antônio da Silva e Andreza Maria dos Santos.

N.20 **Duarte** *18.10.1803, Viamão.

N.21 **Bernarda** *13.2.1805, Viamão.

N.22 **Zelinda Cândida de Oliveira** *2.9.1807, Viamão.

N.23 **Maria** *6.9.1809, Porto Alegre.

F.8 **Mariana Francisca de Oliveira** b. 18.12.1766, Viamão e †23.4.1836. Foi ∞ **Antônio Gonçalves Meireles**, tenente, b. 10.2.1759, Triunfo e †29.10.1829, f.º de Manuel Gonçalves Meireles e Antônia da Costa Barbosa. Pais de 13 filhos, todos * em Triunfo, com exceção de:

N.24 **Francisca Joaquina Gonçalves Meireles** *19.4.1783, Porto Alegre. A 12.9.1802, Triunfo, ∞ **João Batista Gonçalves da Silva**, b. 25.2.1776, Triunfo, f.º do capitão Joaquim Gonçalves da Silva e Perpétua da Costa Meireles. C/d em Triunfo, Camaquã, Guaíba.

F.9 **Joana Eufrásia de Oliveira** b. 17.6.1769, Viamão. Em 8.1.1795, Triunfo ∞ **Bartolomeu Batista Diniz**, *Curitiba/PR, f.º de Salvador Batista Diniz e Escolástica Soares de Sampaio, ambos de Curitiba. C/d em Viamão.

Filhos do 2º casamento:

F.10 **Ana Maria da Conceição** *2.11.1771, Viamão, onde em 1795 ∞ **José Bernardo dos Santos**, *Biguaçu/SC, f.º de Bernardo José (*Ilha Graciosa) e Maria da Terra (*Ilha do Pico). Pais de:

N.25 **Policarpo** *1793 (sic) e †15.3.1801, Porto Alegre, de bexigas.
N.26 **José** *1797 e †18.3.1801, Porto Alegre, de bexigas.
N.27 **Vito** *6.6.1798, Porto Alegre, onde †9.7.1798.
N.28 **Francisco** *2.11.1799, Porto Alegre.
N.29 **João** *21.6.1801, Porto Alegre.
N.30 **Estevão** *12.8.1803, Porto Alegre, onde †3.2.1812.
N.31 **José** *29.8.1805, Porto Alegre.
N.32 **Joaquim** *19.8.1807, Porto Alegre.

F.11 **Caetano Machado de Oliveira** *2.5.1773, Viamão, ∞ **Inácia Maria**, *Rio Pardo, f.ª de Caetano de Barcelos Barreto e Teresa Maria Fernandes. C/d em Rio Pardo.

F.12 **Josefa Maria de Jesus** *25.4.1775, Viamão, onde a 20.5.1789 ∞ **João Pereira Garcia**, b. 11.9.1768, Viamão, f.º de José Pereira Garcia e Rita Leonarda (v. José Pereira Garcia).

F.13 **Joaquina** *26.1.1777, Viamão e † antes de 1790.

F.14 **Rafael Machado** *2.5.1778, Viamão, ∞ **Alexandrina Maria do Nascimento**, *Rio Pardo, f.ª de Manuel José de Azevedo e Cristina Maria do Nascimento. C/d em Rio Pardo.

F.15 **João Machado dos Santos** *11.8.1780, Porto Alegre. A 18.7.1802, Viamão, ∞ **Joaquina Angélica de Vargas**, *Osório, f.ª de Antônio Silveira Vargas (*1745, Castelo Branco, Ilha do Faial) e Josefa Maria de Jesus (*Cedros, Ilha do Faial). C/d em Viamão e Rio Pardo.

F.16 **Maria Francisca da Conceição** b. 11.1782, Viamão e †23.6.1841, com inventário autuado em Porto Alegre. Em Viamão, a 19.5.1801, ∞ **José Silveira da Rosa** (v. Antônio Silveira Ramos, F.1).

F.17 **Fabiana Maria** *18.12.1785, Viamão, onde em 1805 ∞ **Manuel Marcelino da Rosa**, *Rio Pardo, f.º de José da Rosa e Catarina Maria da Conceição. C/d em Viamão.

F.18 **Florentina de Jesus** *7.10.1788, Viamão, onde a 4.11.1807 ∞ **Eleutério José de Azevedo**, *31.7.1786, Viamão, f.º de Benedito Matias de Azevedo e Delfina Maria de Jesus. Pais de:

N.33 **Fermiano** *21.3.1810, Viamão.
N.34 **Alexandrina** *3.4.1812, Porto Alegre.

F.19 **Joaquina Francisca de Jesus** *25.8.1790, Viamão, ∞ **Antônio José Garcia**, *1784, Laguna/SC e †16.2.1819, Porto Alegre, f.º de José Garcia, da Espanha e Rosa Joaquina de Jesus, de Laguna/SC. Pais de:

N.35 **Serafim** *12.10.1806, Viamão.
N.36 **Agostinho** *28.7.1807, Porto Alegre.
N.37 **Bernardina** *26.10.1809, Porto Alegre.
N.38 **Eufrásia** *21.9.1810, Viamão.
N.39 **Dionísio** *9.10.1812, Porto Alegre.
N.40 **Antônio** *6.7.1814, Porto Alegre.
N.41 **Querino** *27.9.1815, Porto Alegre.
N.42 **Francisco José Garcia** *Porto Alegre, onde a 16.1.1837 ∞ **Antônia Joaquina da Conceição**, *Porto Alegre, f.ª de Policarpo José da Cunha e Ana Antônia de Figueiró.
N.43 **Boaventura** *3.1.1819, Porto Alegre.
F.20 **Quitéria** *30.8.1792, Viamão.

FRANCISCO MACHADO DE QUADROS *Ilha Terceira ou Ilha Graciosa, onde ∞ **CLARA ROSA DE JESUS**, *Ilha Graciosa ou Ilha Terceira. Pais de:

F.1 **Maria Joaquina de Souza** *Ilha Graciosa ou Ilha Terceira, ∞ 3.5.1810, Porto Alegre, **Francisco José da Silva**, *Laguna/SC e †27.8.1838, Porto Alegre, f.º do alferes Alexandre José da Silva, da Ilha de São Jorge, e de Josefa Joaquina de Jesus, de Laguna/SC. Pais de:
N.1 **Francisca Joaquina da Trindade** *25.1.1811 em Porto Alegre, ∞ **Joaquim José da Trindade**.
N.2 **José Francisco da Silva** n.13.8.1812 em Porto Alegre.
N.3 **Alexandre** *28.2.1814 em Porto Alegre e † antes de seu pai.
N.4 **Mariana Joaquina de Souza** *16.9.1815, Porto Alegre, onde a 9.5.1833 ∞ **Joaquim Rodrigues de Lima**, *Avintes, São Pedro, Porto, PT, f.º José Rodrigues de Lima e Joana Lopes da Cruz.
N.5 **Domingos José da Silva** *6.1817 em Porto Alegre.
N.6 **João** *26.11.1818 em Porto Alegre, onde †7.11.1819.
N.7 **João José da Silva** *7.2.1820 em Porto Alegre.
N.8 **Manuel José da Silva** *Porto Alegre.
N.9 **Joaquim da Silva** *24.1.1825, Porto Alegre e † antes de 1838.
N.10 **Rosa** b. 1.1.1827, Porto Alegre e † antes de 1838.
N.11 **Antônio José da Silva** *15.9.1828, Porto Alegre.
N.12 **Francisco José da Silva** *12.8.1830, Porto Alegre.

FRANCISCO NUNES DA COSTA *26.3.1721, Fonte do Bastardo, Ilha Terceira e †1º.7.1810, com mais de 100 anos, Porto Alegre, f.º de Francisco Nunes da Costa e Mariana de São José. A 18.6.1743, São Sebastião, Ilha Terceira, ∞ (1x) **ROSA DE SÃO JOSÉ**, *São Sebastião, f.ª de Manuel Machado Nunes e Marta Vieira. A 13.5.1747, Vila da Praia, Ilha Terceira, ∞ (2x) **VICÊNCIA CLARA DA CONCEIÇÃO**, *24.12.1727, São Sebastião, Ilha Terceira e †13.4.1805, Porto Alegre, f.ª ilegítima (natural) de João Gonçalves Coelho e Esperança Eufrásia da Conceição. Houve do 2º casamento:

F.1 **Maria Vicência da Conceição** *Ilha Terceira. A 7.10.1772, Porto Alegre, ∞ **Manuel Silveira Gonçalves** (v. Manuel Silveira Gonçalves, F.1).
F.2 **Rosa Inácia** *Enseada de Brito, Palhoça/SC, ∞ **Antônio de Azevedo** (v. Simão Teixeira, N.2).
F.3 **José Nunes** *1756 e †2.1.1778, Porto Alegre, solteiro.
F.4 **Manuel Nunes da Costa** *27.11.1757, Rio Grande e †20.12.1826, ∞ **Maria de Azevedo** ou **Maria da Conceição de Jesus** (v. Simão Teixeira, N.4). Pais de:

N.1 **Ludovina Maria da Conceição** *14.7.1785, Porto Alegre.
N.2 **Maria da Conceição de Jesus** *26.10.1786, Porto Alegre, onde a 20.1.1808 ∞ seu primo **Francisco Antônio de Vargas**, *15.8.1789, Gravataí, f.º de Antônio Pereira de Vargas e Madalena Rosa de Jesus, ambos da Feteira, Ilha do Faial. Pais de:

Bn.1 **Manuel Antônio de Jesus** *26.11.1808, Porto Alegre, ∞ **Clarinda Antônia da Silva**, c/d em Gravataí.
Bn.2 **José** *5.5.1811, Porto Alegre.
Bn.3 **Francisco** *20.4.1812, Porto Alegre.
Bn.4 **Serafim** *14.3.1814, Porto Alegre.
Bn.5 **Porfíria** *2.2.1817, Porto Alegre.

N.3 **Graciana Maria da Conceição** *9.2.1788, Porto Alegre, onde a 9.6.1810 ∞ **Albano José Garcia** (v. André Martins, Bn.1).
N.4 **José** *3.10.1789, Porto Alegre.
N.5 **Manuel Nunes da Costa** *30.7.1791, Porto Alegre e † antes de sua mãe, ∞ **Maria Bernarda**. Pais de:

Bn.6 **Felisbina**
Bn.7 **Manuela**

N.6 **Ana Maria de Jesus** ou **Ana Maria da Conceição** *6.6.1793, Porto Alegre, onde a 11.6.1814 ∞ **João de Souza Baptista**, b. 29.5.1792, Florianópolis/SC (Lagoa da Conceição), f.º de Francisco José Baptista e Vicência Rosa da Conceição ou Vicência Rosa de Jesus. Pais de:

Bn.8 **Firmiano** *11.9.1819, Porto Alegre.
Bn.9 **Leonarda** *12.7.1821, Porto Alegre.
Bn.10 **Laura Maria da Conceição** *1º.12.1826, Porto Alegre, onde ∞ **João Silveira Gonçalves**, (v. Manuel Silveira Gonçalves, Bn.122).

N.7 **Francisco Nunes da Costa** *25.2.1796, Porto Alegre, onde a 30.10.1822 ∞ **Felisbina da Conceição** (v. Manuel Silveira Gonçalves, Bn.16).
N.8 **Clemência Maria da Conceição** *4.2.1798, Porto Alegre, que, em 1842, estava viúva de **Salvador Antônio da Silva**.
N.9 **Inácia Maria da Conceição** b. 10.2.1800, Porto Alegre, onde a 10.6.1826 ∞ **Simão José da Silva** (v. Manuel Silveira Gonçalves, Bn.26).
N.10 **Joaquim Nunes da Costa** *1º.1.1804, Porto Alegre, onde a 21.9.1829 ∞ sua prima **Maria Joaquina de Jesus** (v. Antônio José de Matos, N.10).

F.5 **Laureana Antônia da Conceição** *28.6.1761, Rio Grande, ∞ 14.6.1778, Porto Alegre, **Inácio Cabral**, *Ponta Delgada (São Sebastião), Ilha de São Miguel e †12.7.1784, Porto Alegre, sumamente pobre, f.º de Martinho Cabral e Ana da Silva. Pais de:

N.11 **Joaquina Maria da Conceição** *6.6.1779, Porto Alegre, onde a 8.10.1794 ∞ **José da Silva Pereira**, acima citado (v. Antônio José de Matos, F.4).

N.12 **Maria Antônia da Conceição** *3.6.1782, Porto Alegre, onde a 20.2.1805 ∞ **João Silveira Goulart**, *12.6.1786, Viamão, f.º de Tomás Silveira Goulart e Maurícia Francisca Severina (v. João de Souza Machado I, F.3).

N.13 **José** *8.3.1784, Porto Alegre e † antes de 1802.

F.6 **Antônio Pereira** *1762/1763, Rio Grande, ∞ **Rosa Maria**, *Viamão, f.ª de pais incógnitos. C/d em Viamão.

F.7 **Perpétua Maria de Jesus** b.8.9.1764, Triunfo e †5.7.1796, Porto Alegre, onde a 4.11.1790 ∞ **José Pereira de Azevedo** (v. Simão Teixeira, N.7).

F.8 **Narcisa Inácia da Conceição** b. 14.6.1766, Viamão e †30.5.1854, ∞ 4.3.1783, Porto Alegre, **Vicente Silveira Gonçalves** (v. Manuel Silveira Gonçalves, F.5).

F.9 **Inácia Rosa da Conceição** b. 15.6.1770, Porto Alegre e †10.2.1813, Porto Alegre, onde a 18.10.1787 ∞ (1x) **Antônio de Oliveira Ramos,** *1766, Pigeiros, Santa Maria da Feira, Aveiro, PT e †18.5.1806, Porto Alegre, f.º de Domingos de Oliveira Ramos e Maria Henriques de Bastos. Inácia a 28.1.1808, Porto Alegre, ∞ (2x) **Manuel de Medeiros** (v. este nome).

Houve do 1º casamento de Inácia:

N.14 **Manuel** *8.8.1790, Porto Alegre.

N.15 **Antônio de Oliveira Ramos** *28.5.1792, Porto Alegre e †1832, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 26.8.1811 ∞ **Clemência Rosa de Jesus**, *10.7.1790, Porto Alegre e †22.12.1856 (v. Manuel Silveira Gonçalves, N.19). Pais de:

Bn.11 **Antônio** *23.7.1812, Porto Alegre, o qual não consta do inventário paterno.

Bn.12 **Angélica** *1813 e †21.1.1816, Porto Alegre, a qual não consta do inventário paterno.

Bn.13 **Maria Francisca** *3.11.1814, Porto Alegre e † antes de seu pai, ∞ **José de Tal**, com quem teve dois filhos:

Tn.1 **Eufrásia** ∞ **Pedro Linhak**

Tn.2 **Carolina**

Bn.14 **Manuel** *18.12.1815, Porto Alegre, o qual não consta do inventário paterno.

Bn.15 **Constança** (possível) *1817 e †3.2.1818, Porto Alegre.

Bn.16 **Joaquina** *22.5.1817, Porto Alegre, onde †31.1.1818.

Bn.17 **João** *27.11.1818, Porto Alegre, onde †28.9.1819.

Bn.18 **João** *13.1.1820, Porto Alegre, o qual não consta do inventário paterno.

Bn.19 **Firmiano** *13.1.1821, Porto Alegre, o qual não consta do inventário paterno.

Bn.20 **Jacinto** *18.8.1824, Porto Alegre, o qual não consta do inventário paterno.

Bn.21 **Domitila** ou **Demetilde Francisca de Oliveira Ramos** b. 20.3.1830, Capela de Santana, ∞ **João Sajous**.

Bn.22 **Cândido de Oliveira Ramos** b. 16.1.1831, Capela de Santana, ∞ **Generosa Mendes**.

Bn.23 **Leopoldina**

Bn.24 **Isabel**

N.16 **Constância Rosa do Nascimento** ou **Constança Rosa da Conceição** *12.8.1793, Porto Alegre, onde a 21.5.1807 ∞ **Luís Fernandes Franco**, *Santa Marta, Braga, PT, f.º de Manuel Fernandes do Rego e Josefa Gonçalves. Pais de:

Bn.25 **Ana** *31.7.1808, Porto Alegre, onde †30.4.1809.
Bn.26 **Francisco** *6.9.1814, Porto Alegre.
Bn.27 **Guiolinda** (f.ª de pai incógnito) *10.9.1821, Porto Alegre.
Bn.28 **Manuel** (f.º de pai incógnito) *3.12.1822, Porto Alegre.

N.17 **João de Oliveira Ramos** *28.4.1795, Porto Alegre, onde a 23.5.1822 ∞ **Joaquina Rosa da Assunção**, *Triunfo, f.ª de Antônio Domingues Monteiro e Maria Rosa da Assunção.

N.18 **Maria Rosa da Conceição** *4.12.1796, Porto Alegre, onde a 17.8.1814 ∞ **José Boaventura da Rocha** (v. Ventura Pimentel, N.18).

N.19 **Florência Rosa da Conceição** *4.10.1798, Porto Alegre, onde a 26.4.1813 ∞ **Manuel de Medeiros** *Santos-o-Velho, Lisboa, PT, f.º de Antônio de Medeiros e Genoveva Rosa, ambos da Ilha de São Miguel. Pais de:

Bn.29 **Constança** *16.1.1817, Porto Alegre.
Bn.30 **Antônio**, *16.12.1818, Porto Alegre.
Bn.31 **Constança** *24.2.1820, Porto Alegre.
Bn.32 **João** *1.6.1821, Porto Alegre.

N.20 **Luís de Oliveira** *16.5.1800, Porto Alegre, onde a 17.9.1820 ∞ **Geralda Rosa da Conceição** (v. Manuel Silveira Gonçalves, N.26).

N.21 **Januário** *29.3.1802, Porto Alegre.

N.22 **Matias de Oliveira Ramos** *17.6.1805, Porto Alegre, onde a 28.6.1830 ∞ **Ana Maria**, *Gravataí, f.ª de Caetano José da Rosa e Isabel Maria da Silva.

FRANCISCO PEREIRA FRAGA *4.10.1725, Cedros, Ilha do Faial, f.º de Manuel de Fraga e Maria Gomes Pereira. A 5.7.1742, Cedros, ∞ **MARIA FURTADO**, *26.9.1718, Cedros, Ilha do Faial, f.ª de Manuel Rodrigues (Cumbé) e Isabel Furtado. Maria Furtado teve um filho de pai incógnito antes de casar com Francisco. Viúva de Francisco, Maria casou-se (2x) Antônio Correia do Vale, *2.1696, Cedros, o qual era viúvo de Maria de Medeiros. Antônio teve sete filhos do primeiro casamento, dos quais ao menos três imigraram para o RS e, do segundo matrimônio, com Maria Furtado, mais dois. Maria Furtado teve os filhos seguintes:

F.1 **Antônio** (f.º de Maria Furtado e pai incógnito) *7.2.1746, Cedros, onde †13.2.1746.

F.2 **Rosa Joaquina da Silva** (f.ª de Maria e Francisco) *17.4.1749, Cedros, Ilha do Faial. A 3.3.1772, Florianópolis/SC (Desterro) ∞ **Joaquim Ferreira da Cruz**, *Florianópolis/SC (Desterro), soldado, f.º de Sebastião Ferreira e Ana da Cruz, ambos do Rio de Janeiro/RJ. Pais de:

N.1 **Marcelino** *6.7.1774, Porto Alegre.
N.2 **Luciana** *5.6.1778, Porto Alegre.
N.3 **Ana** *26.6.1779, Porto Alegre.
N.4 **Maria** *26.6.1779, Porto Alegre.
N.5 **Ana** *2.8.1780, Porto Alegre.
N.6 **José Ferreira dos Santos** *4.8.1782, Porto Alegre. A 12.9.1801, Triunfo, ∞ **Maria Nunes de Bitencourt**, *Triunfo, f.ª de Antônio Machado Fagundes de Bitencourt e Ana Maria Nunes de Siqueira.

N.7 **Mariana** *1.4.1786, Porto Alegre.
N.8 **Angélica** *9.4.1788, Porto Alegre.
N.9 **Matildes** *24.2.1791, Porto Alegre.
N.10 **Rosa** *30.12.1793, Porto Alegre.
N.11 **Joaquim** *28.10.1798, Porto Alegre.

F.3 **José Francisco de Souza** (f.º de Maria e Francisco) *16.5.1750, Cedros, Ilha do Faial, soldado em 1777. Em Triunfo a 21.5.1774 ∞ **Valentina Maria de Jesus Teixeira**, *22.4.1760, Rio Grande, f.ª de Miguel Teixeira de Carvalho (v. Jorge Teixeira de Melo, F.2) e Maria da Conceição. Pais de:

N.12 **Eugênia** *15.11.1778, Estreito.
N.13 **Maria Francisca de Jesus** *17.8.1780, Triunfo, onde em 1797 ∞ **Custódio José Fernandes**.
N.14 **Ana Maria de Jesus** *21.7.1782, Porto Alegre. Em 1803, Triunfo, ∞ **Francisco José de Souza**.
N.15 **Francisco** *29.1.1786, Gravataí.
N.16 **Helena Maria de Jesus** *16.5.1788, Porto Alegre. Em 1802, Triunfo, ∞ **Gabriel José de Jesus**.
N.17 **Luís Francisco de Sousa** *12.6.1790, Gravataí. Em 1814, Triunfo, ∞ **Marcelina Maria da Silva**.
N.18 **Josefa** *27.7.1792, Porto Alegre.
N.19 **Cláudio** *9.7.1794, Porto Alegre.
N.20 **Teresa** *10.6.1797, Triunfo.
N.21 **Justino Francisco de Souza** *17.9.1799, Triunfo.
N.22 **Antônio** *15.10.1802, Triunfo.
N.23 **Maria** *10.8.1805, Triunfo.

F.4 **Antônio** (f.º de Maria e Antônio) *6.2.1757, Rio Grande.
F.5 **Joaquina** (f.ª de Maria e Antônio) *2.8.1761, Rio Grande.

FRANCISCO PEREIRA GOMES *Castelo Branco, Ilha do Faial, f.º de Bartolomeu da Silveira e Maria da Assunção, também vindos para o Brasil, estabelecidos em Rio Pardo, depois Viamão e, após, em Triunfo e Santo Amaro do Sul. Francisco ∞ 22.2.1775, Porto Alegre, **QUITÉRIA MARIA BOTELHO** ou **QUITÉRIA MARIA DE JESUS**, *Rio Pardo, f.ª de José Botelho e Maria da Palma, índios de Gravataí. O casal após mudou-se para Triunfo.

FRANCISCO PIRES CASADO *1693, Horta (Conceição), Ilha do Faial e †29.7.1780, Santa Luzia, Ilha do Pico, f.º de Pedro Pires Casado (*1647, Santa Maria Maior, Viana do Castelo, PT) e Ana da Silveira (*Feteira, Ilha do Faial). A 28.9.1723, Feteira, ∞ **FELIPA ANTÔNIA DA SILVEIRA** *1703, Horta (Matriz), Ilha do Faial, f.ª de Diogo Costa Branco (*Castelo Branco, Ilha do Faial) e Maria de Santo Antônio (*Horta, Ilha do Faial). Pais de:

Figura 1 – Manuel José Francisco da Silveira Casado



Fonte: Acervo do CHC Santa Casa.

F.1 **Francisco Pires Casado**, capitão, *26.9.1726, Santa Luzia, Ilha do Pico. Foi ∞ **Mariana Eufrásia da Silveira**, *1732, Horta (S. Salvador), Ilha do Faial, f.ª do alferes Antônio Furtado de Mendonça e Isabel Francisca da Silveira. Francisco e Mariana imigraram para o Brasil no início dos 1750, passando pelo Rio de Janeiro, depois Rio Grande e Viamão, onde deixaram descendência. Foi juiz ordinário da Câmara de Viamão nas décadas de 1768-1770 e em 1782 foi nomeado como sargento-mor pela Câmara de Porto Alegre.

F.2 **Pedro Pires da Silveira**, padre, *15.1.1729, Santa Luzia, Ilha do Pico, tendo se ordenado na Ilha Terceira e †18.7.1791 em Porto Alegre.

F.3 **José Francisco da Silveira Casado**, sargento-mor e depois capitão-mor, *15.6.1734, Santa Luzia, Ilha do Pico e †16.1.1825, Porto Alegre, ∞ **Bibiana Josefa Bitencourt do Canto**, *2.12.1735, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, e †14.10.1805, Porto Alegre, f.ª de Diogo Belmonte Ursúa de Montojos e Luzia Josefa Bittencourt do Canto – pais também de Joaquim Borges Bittencourt do Canto (v. este nome). José Francisco foi depois capitão-mor, fundador da Capela do Senhor dos Passos da Santa Casa de Porto Alegre, onde foi o primeiro ali a ser sepultado. Foi *rico fazendeiro na outra margem do Guaíba [...], conforme o cronista Coruja, era conhecido pelo apelido de Conde da Cunha donde se derivou o toponímico do Arroio do Conde* (FRANCO, 2000, p. 29). Pais de:

N.1 **José Antônio da Silveira Casado**, coronel, b. 22.1.1766, Viamão e †26.12.1818, Porto Alegre, ∞ **Maria Eulália Velosa da Fontoura**, *19.12.1764, Rio Pardo e †15.6.1852, Porto Alegre, f.ª do alferes Jean Baptiste de Agan, de Saint Louis, Port Louis, França, e Maria Teresa Velosa da Fontoura, de Viamão. Pais de:

Bn.1 **Bibiano José Carneiro da Fontoura**, coronel, *4.8.1787, Porto Alegre, onde †28.7.1861. Ali a 10.11.1816, ∞ **Ana Bárbara de Macedo da Silveira**, *29.4.1801, Rio Pardo e †2.1.1856 (v. Manuel de Macedo Brum da Silveira, F.4). Pais de:

Tn.1 **José** *7.2.1819, Porto Alegre.
Tn.2 **Bibiana** *6.10.1826, Rio Pardo.
Tn.3 **Fausta** *18.10.1828, Rio Pardo.

Bn.2 **Isidoro** *4.3.1789, Porto Alegre.
Bn.3 **Antônio** *6.6.1793, Porto Alegre.
Bn.4 **Inácio José da Silveira Casado**, capitão, *10.6.1795, Porto Alegre, onde a 1º.10.1819 ∞ **Francisca Carlota Carneiro da Fontoura**, sua prima, *Rio Pardo, f.ª do coronel Alexandre de Souza Pereira da Fontoura e Teodora Clara de Oliveira. Pais de:

Tn.4 **Inácio** *23.8.1822, Porto Alegre.
Tn.5 **Antônio** *10.9.1829, Porto Alegre.
Tn.6 **Maria** *2.7.1831, Porto Alegre
Tn.7 **Bibiano** *9.6.1835, Porto Alegre.

Bn.5 **Gaspar** *21.6.1797, Porto Alegre, onde †27.7.1797.
Bn.6 **João** *5.9.1798, Porto Alegre.

Bn.7 **Fausta Velosa da Fontoura**, dona, *15.8.1800, Porto Alegre, onde a 26.5.1818 ∞ **Francisco Antônio Carneiro da Fontoura**, seu primo, *Rio Pardo, f.º do Alexandre de Souza Pereira da Fontoura e Teodora Clara de Oliveira. Pais de:

Tn.8 **José** *8.2.1819, Porto Alegre.
Tn.9 **Maria** *29.9.1824, Porto Alegre.
Tn.10 **Mariana** *11.2.1830, Porto Alegre.
Tn.11 **Ana** *17.12.1833, Porto Alegre.
Tn.12 **José** *11.7.1838, Porto Alegre.

N.2 **Francisco Borges do Canto** *2.4.1767, Viamão e †21.6.1796, afogado, solteiro.

N.3 **Ana Francisca Borges da Silveira** *13.11.1768, Viamão, e †20.5.1847. A 11.1.1790 em Porto Alegre ∞ **Vicente Ferreira Leitão**, capitão, b. 29.5.1763, Triunfo e †17.5.1845, Guaíba, f.º do capitão Antônio Ferreira Leitão, de Peniche, Lisboa, PT, e Maria Meireles de Menezes, de Rio Grande. Não houve descendência.

N.4 **Luísa Joaquina da Silveira** *25.8.1770, Viamão e †4.2.1833, Porto Alegre, onde ∞ 24.11.1799, **Domingos de Almeida Lemos Peixoto**, alferes, *Porto (Santo Ildefonso), Porto, PT, f.º de José de Lemos e Maria Joaquina. Domingos foi eleito vereador da Câmara de Porto Alegre em 1794. Pais de:

Bn.8 **Felicidade Perpétua de Almeida** *4.9.1791, Porto Alegre e † antes de seu pai. A 22.7.1809 em Porto Alegre ∞ **Antônio Bernardes Machado**, *Santo Ildefonso, Porto, PT, f.º de Manuel José Bernardes e Quitéria Rosa de Lima. Pais de:

Tn.13 **Domingos** *11.4.1810, Porto Alegre.
Tn.14 **Manuela** *22.6.1811, Porto Alegre.
Tn.15 **Luzia** *12.6.1812, Porto Alegre.
Tn.16 **Antônio** *27.5.1814, Porto Alegre.
Tn.17 **Rita** *7.7.1815, Porto Alegre.
Tn.18 **João** *7.9.1816, Porto Alegre, onde †12.3.1817.
Tn.19 **Felicidade** *10.2.1818, Porto Alegre.
Tn.20 **Ana** *23.6.1819, Porto Alegre.
Tn.21 **João** *5.8.1820, Porto Alegre.
Tn.22 **Francisco** *22.1.1821, Porto Alegre.

Bn.9 **Bibiana Joaquina de Almeida** *21.4.1794, Porto Alegre, e †17.11.1828. A 6.11.1808, Porto Alegre ∞ **Francisco Prestes de Paula Barreto**, *Rio de Janeiro/RJ (São José), f.º de João Prestes de Mello, provedor e comendador, de Lisboa (Santa Isabel), Lisboa, PT e Propícia Veloso da Fontoura. Pais de:

Tn.23 **Francisca Prestes de Almeida** *7.2.1812, Porto Alegre, ∞ o tenente **João José Pimentel**.
Tn.24 **Propícia** *30.5.1813, Porto Alegre e † pequena.
Tn.25 **Domingos Prestes de Almeida** *8.9.1814, Porto Alegre.
Tn.26 **Bibiana Prestes de Almeida** *6.2.1816, Porto Alegre.
Tn.27 **Ana** *1.5.1817, Porto Alegre, onde †9.12.1817.
Tn.28 **João Prestes de Almeida** *5.4.1819, Porto Alegre.
Tn.29 **Propícia Prestes de Almeida** *24.6.1821, Porto Alegre.

Bn.10 **Maria Joaquina de Almeida** *26.4.1797, Porto Alegre, onde a 23.4.1816 ∞ **Francisco Estácio Borges Bitencourt do Canto** (v. Joaquim Borges Bitencourt do Canto, N.2).

Bn.11 **José** *18.12.1798, Porto Alegre, onde †22.12.1798.
Bn.12 **José** *28.4.1800, Porto Alegre, onde †3.6.1801.
Bn.13 **Luísa** *14.10.1801, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.14 **Domingos** *19.8.1804, Porto Alegre, onde †16.6.1806.
Bn.15 **Rita** *10.7.1806, Porto Alegre, onde †11.10.1808.
Bn.16 **Antônio** *12.11.1809, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.17 **Bernardina** *2.9.1814, Porto Alegre, onde †26.9.1814.
Bn.18 **Antônio de Almeida Lemos** *12.11.1819, Porto Alegre, onde †17.6.1882. Ali a 16.10.1855 ∞ **Luísa Ferreira de Camargo** ou **Luísa Rosa de Jesus**, *1º.6.1817, Porto Alegre, f.ª de José Gonçalves de Camargo e Gertrudes Ferreira da Conceição. C/d em Porto Alegre.
Bn.19 **Luís Antônio de Almeida Lemos** *Porto Alegre e † antes de seu pai.

N.5 **Isabel** *3.11.1772, Viamão, onde †14.6.1780.
N.6 **Antônio** *4.5.1775, Viamão, onde †11.5.1775.
N.7 **Pedro Pires da Silveira Casado** *1776, Viamão e †8.12.1815, Porto Alegre, onde a 6.2.1793 ∞ **Ana Clara Barbosa**, *20.3.1780, Triunfo e †21.1.1825, Porto Alegre, f.ª de José Fernandes Petim e Clara Barbosa de Meneses. Pais de:

Bn.20 **Antônia Clara Barbosa de Meneses** *20.8.1795, Porto Alegre, onde a 25.4.1812 ∞ (1x) **Manuel Vicente Ferreira Ramos**, *14.10.1784, Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.º de Domingos Vieira Goulart e Francisca das Chagas de Jesus. Antônia ∞ 25.12.1868, Porto Alegre, (2x) **Manuel José de Campos** (v. Manuel de Mattos, N.4).
Bn.21 **Eduardo Pires da Silveira Casado** *7.9.1797, Porto Alegre, onde a 25.6.1832 ∞ **Maria Helena Gonçalves da Silva**, *1º.6.1820, Camaquã, f.ª de João Batista Gonçalves da Silva e Francisca Joaquina Gonçalves Meireles.
Bn.22 **Onofre Pires da Silveira Casado**, coronel que fez a guerra Contra Artigas (1816-1821), a guerra Cisplatina (1825-1828) e depois atuante na Revolução Farroupilha. Comandou as forças que iniciaram a Revolução Farroupilha em 19.9.1835 e, assim, propiciou a conquista de Porto Alegre no dia seguinte, pelo seu primo, o também coronel Bento Gonçalves da Silva. Onofre *25.9.1799, Porto Alegre e †3.3.1844, Santana do Livramento. A 2.12.1826, Porto Alegre, ∞ (1x) **Joaquina da Silva dos Santos**, *23.9.1811, Porto Alegre, f.ª de Inácio Antônio dos Santos Silva e Maria Angélica Gonçalves da Silva. Onofre ∞ (2x) **Genoveva Pereira Maciel** (v. Antônio da Rosa, Bn.5).
Bn.23 **Maria Clara Barbosa de Menezes** *26.10.1801, Porto Alegre, onde a 9.1.1819 ∞ **Joaquim Bitencourt Lemos Maciel Brum Corte Real**, *Calheta, Ilha de São Jorge, f.º do capitão Raulino da Terra Brum Silveira Corte Real e Luísa Delfina. Joaquim em 1826 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando declarou viver de seu negócio e †1846.
Bn.24 **Antônio José Pires** *8.10.1803, Porto Alegre. A 6.10.1827, Triunfo, ∞ **Antônia Joana de Menezes**, *29.11.1815, Porto Alegre, f.ª de João da Costa Souza e Ricarda Antônia de Meneses.
Bn.25 **Manuela** *2.1.1814, Porto Alegre.

N.8 **Manuel José Pires da Silveira Casado** b. 24.8.1778, Triunfo, onde a 7.1.1800 ∞ sua prima **Rita de Melo de Azeredo Coutinho** (v. Joaquim Borges Bitencourt do

Canto, N.1). O sargento-mor Manuel José foi o primeiro Alferes de Bandeira da Irmandade do Divino Espírito Santo, em Porto Alegre (1821-1822). Pais de:

Bn.26 **Estácio José Pires da Silveira Casado** *13.10.1800, Triunfo, ∞ **Maria José Pereira de Macedo**, b. 7.5.1812, Rio Pardo (v. Manuel de Macedo Brum da Silveira, F.9). C/d em Rio Pardo.

Bn.27 **Ana Pires da Silveira** b. 17.6.1802, Porto Alegre, onde a 30.9.1818 ∞ **Antônio José Fernandes Lima**, *1º.12.1794, Porto Alegre, f.º de José Antônio Fernandes de Lima e Joana Margarida de Lima. Pais de:

Tn.30 **Rita Augusta da Câmara Lima** *8.6.1820, Porto Alegre.

Tn.31 **Manuel** *23.8.1822, Porto Alegre.

Figura 2 – Manuel José Pires da Silveira Casado



Fonte: Acervo do CHC Santa Casa.

Bn.28 **Manuel José Pires da Silveira** *1º.1.1804, onde a 25.1.1825 ∞ **Rita Fausta Correia da Câmara**, *25.4.1808, Porto Alegre, f.ª de Pedro José Corrêa da Câmara e Eustáquia Fausta de Oliveira Bandeira. C/d.

Bn.29 **Agostinho José Pires da Silveira** *2.2.1806, Porto Alegre, onde a 12.8.1833 ∞ sua prima em 3º grau **Rita de Cássia Azevedo Coutinho**, *Porto Alegre, f.ª de Henriques de Azeredo Leão Coutinho e Engrácia Joaquina de Azeredo.

Bn.30 **Antônio José Pires da Silveira Casado** *31.10.1807, Porto Alegre, onde a 27.11.1833 ∞ **Maria Rodrigues de Oliveira**, b. 26.7.1813, Porto Alegre, f.ª de Evaristo Gonçalves de Ataíde e Humiliana Rodrigues.

Bn.31 **Bernarda Pires da Silveira Casado** *6.6.1809, Porto Alegre, ∞ **Manuel de Macedo Brum da Silveira**, alferes, *25.2.1803, Rio Pardo (v. Manuel de Macedo Brum da Silveira, F.5). C/d em Rio Pardo.

Bn.32 **Teresa** *20.11.1810, Porto Alegre, onde †24.7.1811.

Bn.33 **Francisco José Pires** *20.8.1812, Porto Alegre, ∞ **Ana Francisca Rodrigues Pereira**, f.ª de Antônio Alves Pereira e Ana Irene Barbosa.

Bn.34 **Antônia** *13.12.1814, Porto Alegre, onde †19.8.1818.

Bn.35 **Leopoldina Carolina Pires** *9.7.1818, Porto Alegre, onde a 7.1.1835 ∞ **Luís Antônio Silva Guimarães**, *Guimarães, Braga, PT, f.º de João Antônio Lopes da Silva e Joana Maria Felizarda.

Bn.36 **Manuela de Azevedo Pires** *29.12.1821, Porto Alegre, onde a 17.7.1841 ∞ **Estácio da Cunha Bittencourt**, *Porto Alegre, f.º de Manuel da Cunha Bittencourt e Maria Bernardina dos Santos Xavier.

N.9 **Antônio Pires da Silveira** *pv. 1783, Porto Alegre, cujos ossos foram sepultados em Porto Alegre a 9.10.1804, pois faleceu afogado no Rio Guaíba em 1802 e esteve sepultado nas praias do outro lado do rio. Foi ∞ **Joaquina Escolástica de Jesus**, *Rio Pardo, f.ª de Joaquim Manuel de Freitas, de Colônia, Uruguai, e Ana Freire de Jesus, do Rio de Janeiro/RJ. Pais de:

Bn.37 **Bibiana** *14.2.1803, Porto Alegre.

F.4 **Inácio Antônio Pires Casado** *1°.3.1737, Santa Luzia, Ilha do Pico, ∞ sua sobrinha **Maurícia Inácia da Silva**, *22.9.1758, Rio Grande e †16.12.1821, f.ª do capitão Francisco Pires Casado e Mariana Eufrásia da Silveira.
F5. **Felipe Neri da Silveira Casado**, alferes, *1°.12.1740, Santa Luzia, Ilha do Pico e †8.2.1817, Mostardas, ∞ **Isabel Joaquina Rodrigues de Lima**, *Rio Grande, f.ª de José Rodrigues Nicola e Inês de Lima. C/d em Estreito.

FRANCISCO SILVEIRA DE SOUZA *30.9.1696, Topo, Ilha de São Jorge, f.° de Bartolomeu Silveira da Cunha e Maria Simoa. A 20.2.1729 em Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, ∞ **CATARINA DA CONCEIÇÃO**, *Topo, Ilha de São Jorge, f.ª de Manuel Correia da Silveira e Apolônia Teixeira de Souza. Pais de:

F.1 **Rita Leonarda da Silveira** ou **Rita Rosa** *18.11.1729, São Pedro, Ilha Terceira e †14.5.1819, com 103 anos (sic), viúva, Porto Alegre, ∞ **Antônio Guerreiro de Alpoim/Alboim**, *1729, Serpa (São Salvador), Serpa, Beja, PT e †22.4.1795, Porto Alegre, f.° de Antônio Guerreiro e Violante da Conceição. Pais de:

N.1 **Teresa** b. 17.1.1753, Florianópolis/SC (Desterro).

N.2 **Escolástica de Santo Antônio** b. 22.2.1755, Florianópolis/SC (Desterro) e †20.8.1804, ∞ 20.10.1774, Porto Alegre, **Francisco Tomás Barreto Leme**, furriel, depois tenente, *pv. 1751, São João del Rei/MG e †9.6.1813, Porto Alegre, com 62 anos mais ou menos, f.° de Tomás Nunes Viegas e Isabel Barreto de Oliveira. Pais de:

Bn1. **Eleutéria** *12.8.1778, Estreito e † antes de 1786.

Bn.2 **Inácia** *17.9.1779, Porto Alegre, onde †4.8.1782.

Bn.3 **Isabel Barreto de Oliveira Leme** *19.11.1780, Porto Alegre, onde a 11.7.1793 ∞ (1x) **Ricardo José da Silva**, *Florianópolis/SC (Desterro) e †17.4.1809, Porto Alegre, com 33 anos, f.° de Henrique José da Silva e Ana Rosa Bernardina. Isabel ∞ (2x) **Joaquim Rodrigues Coelho**, *São Paulo/SP, f.° de Domingos Rodrigues Coelho e Maria Antônia.

Houve do 1° casamento:

Tn.1 **Luís Inácio de Souza** *Porto Alegre, ∞ **Custódia Maria**, *Capela de Santana, f.ª de José Mateus e Teodósia Maria. C/d em Capela de Santana.

Tn.2 **Luísa** *9.8.1795, Porto Alegre.

Tn.3 **José** *3.2.1798, Porto Alegre, onde †29.4.1799.

Tn.4 **José** *4.4.1800, Porto Alegre, onde †25.9.1800.

Tn.5 **Henrique** *22.11.1801, Porto Alegre, onde †23.1.1803.

Tn.6 **José** *25.12.1803, Porto Alegre.

Tn.7 **Ana Rosa Bernardina** *10.2.1806, Porto Alegre, onde a 15.2.1828 ∞ **Manuel Lopes da Cunha**, *Irajá/RJ, f.° de Manuel Lopes da Cunha e Maria Rosa da Conceição.

Tn.8 **João Inácio da Silva** *12.8.1808, Porto Alegre, onde a 9.1.1830 ∞ **Florinda Cândida da Conceição**, *Estreito, f.ª de Silvério Saraiva do Amaral e Felisberta Inácia da Silva.

Houve do 2° casamento:

Tn.9 **Joaquim** *pv. 1815 e †6.01.1817, Porto Alegre.

Tn.10 **Laureano** *7.7.1817, Porto Alegre.
Tn.11 **Maria** *16.2.1820, Porto Alegre.
Bn.4 **Bernardina Barreto de Oliveira Leme** *16.8.1782, Porto Alegre, onde a 8.1.1798 ∞ **José de Oliveira Gularte**, *São Paulo/SP (N. Sra. da Penha de França), f.º de José de Oliveira e Justina da Silveira Gularte.
Bn5. **Escolástica** *Porto Alegre, onde †24.7.1782, inocente.
Bn.6 **Eleutéria Barreto de Oliveira** *9.6.1786, Porto Alegre, onde a 12.11.1800 ∞ **Laureano José da Silva** (v. Manuel Pereira da Luz ou Manuel Pereira Machado, N.8).
Bn7. **João Tomás** *8.1.1788, Porto Alegre.

N.3 **Joaquina Maria Guerreiro** b. 13.6.1757, Florianópolis/SC (Desterro). A 16.12.1773, Porto Alegre ∞ (1x) **Manuel Machado de Aguiar**, *Florianópolis/SC (Santo Antônio de Lisboa), f.º de Antônio Machado de Aguiar e Maria Leonarda. Joaquina ∞ (2x) a 7.10.1778, Porto Alegre, **Marcelino Antônio dos Rios**, *Santo Domingo de Silos, Burgos, Espanha, f.º de Lourenço José dos Rios e Vitória da Costa. Houve do 2º casamento:

Bn.8 **Vicente** *15.12.1783, Porto Alegre.
Bn.9 **Antônio Rio Guerreiro**, tenente, *16.9.1785, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 18.10.1804 em Rio Pardo, **Ana Leonor Pereira de Morais**, *Rio Pardo, f.ª de Manuel Gonçalves Dias e Cecília Maria dos Anjos. C/d em Rio Pardo.
Bn.10 **Maria Joaquina Rios** *Porto Alegre. A 11.1.1796, Triunfo, ∞ **Francisco Fagundes de Sá**, *Bandeiras, Ilha do Pico, f.º de João Fagundes de Sá e Maria da Conceição.
Bn.11 **Benevenuta Maria Joaquina** *27.6.1787, Porto Alegre, ∞ **José Domingues de Mendonça**, tenente, *1771, Biguaçu/SC, f.º de José da Silva Porto de Menezes e Mariana Joaquina de Mendonça. Pais de:

Tn.12 **Florentina Maria de Mendonça** *29.4.1809, Porto Alegre, onde a 7.2.1835 ∞ **Francisco José de Almeida**, alferes, *Tavira, PT, f.º de João de Almeida, tenente, e Ana Rosa.
Tn.13 **Joaquim** *27.8.1812, Porto Alegre, onde †31.3.1818.
Tn.14 **Bernardina** *29.11.1813, Porto Alegre.
Tn.15 **Marcelino** *20.5.1815, Porto Alegre, onde †28.4.1816.
Tn.16 **Joaquina** *1.11.1816, Porto Alegre.
Tn.17 **Ana** *24.9.1818, Porto Alegre.
Tn.18 **Joaquim** *2.10.1820, Porto Alegre.
Tn.19 **Marcelino** *14.8.1822, Porto Alegre.

Bn.12 **Firmino Rios Guerreiro** *29.8.1788, Porto Alegre. A 28.10.1812 em Santo Amaro do Sul ∞ **Joaquina Antônia de Camargo**, *Santo Amaro do Sul, f.ª de Antônio Martins Ribeiro e Ana Florência de Camargo.
Bn.13 **Francisco** b. 24.10.1789, Santo Antônio da Patrulha.
Bn.14 **Policena** *30.4.1792, Porto Alegre.
Bn.15 **Ismael** *30.12.1793, Porto Alegre.
Bn.16 **Vicente** *20.1.1796, Triunfo e †9.4.1807, Porto Alegre.
Bn.17 **Jerônimo** *20.8.1800, Rio Pardo.

N.4 **Higino Guerreiro de Alpoim/Aboim**, cabo de Dragões, b. 3.2.1763, Florianópolis/SC (Desterro). A 13.11.1791, Porto Alegre, ∞ **Feliciana Rosa de Jesus** (v. José Rodrigues Peixoto, N.1). O casal de Higino viveu inicialmente em Porto Alegre e depois Rio

Pardo. Pais de:
Bn.18 **Eugênia**, *29.5.1794, Porto Alegre.
Bn.19 **João** *6.11.1795, Porto Alegre.
N.5 **Anastácia** b. 29.8.1765, Florianópolis/SC (Desterro).
N.6 **Perpétua Rosa Guerreiro** b. 27.3.1768, Florianópolis/SC (Desterro). A 7.1.1788, Porto Alegre, ∞ **Maximiano José Inácio de Barcelos** (v. Diogo Inácio de Barcelos, F.2).
N.7 **André** b. 7.5.1769, Florianópolis/SC (Desterro).

FRANCISCO VAZ TEIXEIRA *1791, Ribeirinha, Ilha Terceira e †16.5.1819, Porto Alegre, f.º de Francisco Vaz Teixeira e Catarina Rosa ou Teresa Rosa. A 11.7.1813, Porto Alegre, ∞ **SENHORINHA JOAQUINA DA CONCEIÇÃO**, *Porto Alegre, f.ª de pais ignorados, exposta em casa de Antônio Machado Luís. Pais de:

F.1 **Maria** *28.5.1814, Porto Alegre, onde †10.6.1816.
F.2 **Inácia Francisca de Jesus** *14.12.1815, Porto Alegre, onde a 12.12.1836 ∞ **Feliciano Machado de Souza**, *SC.
F.3 **Maria Francisca de Jesus** *pv. 1816, Porto Alegre, onde a 18.12.1830 ∞ **Luís Casimiro Alves**, *Lisboa (Ajuda), Lisboa, PT, f.º de José Alves e Maria Rosa.
F.4 **Florinda Joaquina da Conceição** *6.5.1817, Porto Alegre.
F.5 **Domingos** *25.11.1818, Porto Alegre.
F.6 **Luísa Joaquina da Conceição**, *1819/1820, Porto Alegre, onde a 18.11.1841, ∞ **Sebastião Afonso da Silva**, *20.1.1818, Porto Alegre, f.º de José Manuel Afonso e Raquel Eufrásia da Silva.

GABRIEL ANTÔNIO DE ANDRADE *São Pedro, Ilha de Santa Maria, f.º de Antônio José de Andrade e Rita Margarida da Conceição. A 13.10.1823, Porto Alegre, ∞ **CATARINA FORTUNA**, *Vila de Gonghall, Irlanda, f.ª de Nicolau Fortuna e Catarina.

HENRIQUE XAVIER DE MENDONÇA *1742, Rio de Janeiro/RJ (Sé) e †1.2.1804, Porto Alegre, f.º de Francisco Xavier de Mendonça e Josefa de São José, ambos da Ilha do Faial, ∞ **MARIANA DO ESPÍRITO SANTO**, *Rio de Janeiro/RJ e †23.8.1803, Porto Alegre, com 48 anos, viúva do capitão Antônio José de Medeiros, *Ilha do Faial, com quem teve uma filha de nome Antônia. Mariana foi f.ª de João Batista, de São João da Foz, PT, e Isabel Maria, da Ilha do Faial.
Mariana do Espírito Santo e Antônio José de Medeiros tiveram ao menos a filha:

F.1 **Antônia do Espírito Santo** *Rio de Janeiro/RJ (São José), ∞ 9.12.1803, Porto Alegre, **Francisco de Souza Vieira** (v. Manuel Francisco de Souza, F.4).
Henrique e Mariana foram pais de:
F.2 **Maria Antônia de Jesus**, *1780, Rio de Janeiro e †7.11.1846, Porto Alegre, solteira.
F.3 **Manuel Henrique Xavier** ou **Manuel Henrique de Mendonça** *2.9.1782, Porto Alegre, onde † solteiro, a 18.1.1806, com inventário autuado em 1808.
F.4 **Ana Maria Xavier** ou **Ana Henriques** *16.12.1783, Porto Alegre, onde †1.2.1807.

Em 29.11.1800, Porto Alegre, ∞ **Alexandre José da Silveira e Souza**, *Ilha do Pico, f.º de Manuel Pereira de Souza e Rosa Maria da Silveira. Pais de:

N.1 **Henriqueta** *24.5.1802, Porto Alegre, onde †25.12.1803.

F.5 **Joaquina** *6.11.1785, Porto Alegre, onde †22.2.1795.

F.6 **Maria Joaquina Xavier** *30.5.1787, Porto Alegre, onde a 4.9.1803 ∞ **Félix Joaquim do Lago e Matos,** *São Mamede de Quaios (sic), bispado de Coimbra, PT, f.º de Caetano dos Reis de Matos e Rosa Maria de Almeida. Pais de:

N.2 **Eufrásia** *16.5.1806, Porto Alegre.

N.3 **Caetano** *5.9.1807, Porto Alegre.

F.7 **Joaquim Henriques** *10.5.1789, Porto Alegre, onde a 1º.11.1808 ∞ **Damásia Maria da Conceição** (v. João da Cunha Pereira, N.14)

F.8 **Ana Maria Xavier** *10.6.1791, Porto Alegre, onde a 7.1.1806 ∞ **João Alexandre da Rosa** *São Francisco do Sul/SC, f.º do capitão André Vieira da Rosa, da Ilha do Faial, e Maria Joaquina Rosa, de SC. Pais de:

N.4 **Adriana** *4.2.1807, Porto Alegre.

N.5 **João** *14.11.1818, Pelotas.

F.9 **Rita** *9.10.1792, Porto Alegre e † antes de 1808.

F.10 **Josefa Joaquina Xavier** *8.1.1795, Porto Alegre e †16.6.1837, Viamão. A 10.5.1808, Porto Alegre, ∞ (1x) **Antônio José Vitorino Fróis**, *Covilhã, Covilhã, Castelo Branco, PT, f.º de José Fróis da Silva e Leonor Angélica. Josefa a 19.11.1831, Porto Alegre, ∞ (2x) **Francisco José de Castro Guimarães**, *Cessaens (sic), Braga, PT, f.º de João Antônio de Castro Guimarães e Luísa da Fonseca. Houve do 1º casamento:

N.6 **Januária** *19.9.1810, Porto Alegre.

N.7 **Ludovina** *21.4.1813, Porto Alegre.

N.8 **Leocádia** *27.2.1815, Porto Alegre.

N.9 **Josefa** *20.11.1817, Porto Alegre.

N.10 **Antônio** *29.7.1819, Porto Alegre.

F.11 **Cecília** *1º.4.1798, Porto Alegre.

INÁCIO ANTÔNIO CARDOSO *Ilha Terceira, onde ∞ **ANA JOSEFA**, ali *, cujo casal possivelmente não veio para o Brasil, mas ao menos quatro de seus filhos:

F.1 **José Jacinto de Almeida** *1749, Santa Luzia, Ilha Terceira e †11.12.1812, Porto Alegre, viúvo de **Rita Fernandes da Conceição**.

F.2 **Manuel de Almeida Cardoso** *1753, Ilha Terceira e †6.12.1818, Porto Alegre, ∞ (1x) **Luzia Delfina de Menezes** e, a 25.11.1811, Porto Alegre, (2x) **Genoveva Máxima da Silva** (v. João Inácio Coelho dos Passos, F.5).

F.3 **Francisco Leonardo Cardoso** *1766, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira e †15.1.1818, Porto Alegre, ∞ **Emerenciana Constância de Jesus** (v. João Teixeira Machado, F.6). Pais de:

N.1 **José** *24.5.1799, Porto Alegre.

N.2 **Eufrásia** *20.12.1800, Porto Alegre, onde †4.5.1801.

N.3 **Eufrásia** *30.3.1802, Porto Alegre, onde †24.6.1802.

N.4 **João** *22.5.1803, Porto Alegre, onde †26.11.1803.

N.5 **João** *30.10.1804, Porto Alegre.
N.6 **Francisca Leonarda de Almeida** *27.9.1806, Porto Alegre, onde ∞ 18.4.1826 **Patrício de Azambuja Cidade**.
N.7 **Francisco** †1.5.1810, com 4 anos, em Porto Alegre.
N.8 **Francisco** *14.4.1809, Porto Alegre.
N.9 **Maria** *23.4.1811, Porto Alegre, onde †24.3.1813.
N.10 **Maria Leonarda de Almeida** *18.9.1813, Porto Alegre, onde a 20.11.1836 ∞ seu primo **Leandro Pires Cerveira** (v. Narciso Pires Cerveira, N.10).
N.11 **Ana** *15.7.1817, Porto Alegre.

F.4 **Antônio de Almeida Cardoso** *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, ∞ **Genoveva Rosa**, *1763, Angra do Heroísmo, Terceira, †15.1.1814, Porto Alegre, f.ª de Francisco Caetano e Josefa Bernarda. A 29.9.1821, Porto Alegre, ∞ (2x) **Cipriana Maria da Conceição**, *Cabo Frio/RJ, f.ª de Mateus Carvalho Malta e Maria Antônia. Filhos do 1º casamento:

N.1 **Teodora Feliciana de Almeida** *Cachoeira/BA ∞ 13.4.1801, Porto Alegre, **Manuel João dos Santos**, *Porto, Porto, PT, f.º Pedro João dos Santos, da Ilha da Madeira, e Josefa Rosa dos Santos. Pais de:
Bn.1 **Silvéria** *1.1.1803, Porto Alegre, onde †26.12.1803.
Bn.2 **Silvéria** ou **Desidéria** *21.10.1804, Porto Alegre, onde †4.6.1807.
Bn.3 **Silvéria** *1.8.1807, Porto Alegre.
N.2 **Inês Vitória de Almeida** *1781, Vila dos Reis Magos/ES e †10.12.1811, Porto Alegre, casada. A 16.5.1804, Porto Alegre ∞ (1x) **José de Souza Barbosa**, *São João de Souza, Porto, PT, f.º de José de Souza e Maria João. A 10.9.1809, Porto Alegre ∞ (2x) **José Antônio do Vale**, *Santa Maria, Arcebispado de Braga, f.º de Gabriel Pereira e Angélica Maria. Sem filhos do 2º casamento.
N.3 **Inácia Joaquina de Almeida** *São Gonçalo/RJ. A 19.04.1812, Porto Alegre, ∞ (1x) seu cunhado **José Antônio do Vale**, *Santa Maria, Arcebispado de Braga e †2.2.1823, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Gabriel Pereira e Angélica Maria. Inácia ∞ 2.12.1826, Porto Alegre, (2x) **Justiniano José de Faria**, ali *, f.º de Vitoriano José de Faria e Cristina Joaquina de Jesus. Houve do 1º casamento:
Bn.4 **Angélica** *16.1.1813, Porto Alegre, onde †1.2.1814.
Bn.5 **José Antônio** *15.10.1822, Porto Alegre.
N.4 **Desidério Francisco de Almeida** *São Gonçalo/RJ, ∞ 7.1.1816, Porto Alegre, **Inácia Maria da Silva**, *12.3.1799, Porto Alegre (v. Manuel Lourenço Mariante, N.21). Pais de:
Bn.6 **Carolina** *19.7.1819, Porto Alegre.
N.5 **Rosa** *8.3.1796, Porto Alegre.
N.6 **Rosa Perpétua de Almeida** *2.4.1799, Porto Alegre, onde a 7.10.1817 ∞ **Tomé José de Araújo**, *21.12.1797, Porto Alegre, f.º de Manuel Luís de Araújo e Margarida Feliciana dos Santos. Pais de:
Bn.7 **Laurinda Leopoldina de Almeida Araújo** *17.11.1818, Porto Alegre, onde a 24.2.1838 ∞ **José da Silva Flores** (v. Antônio José da Silva Flores, F.7).
Bn.8 **Tomé José de Araújo Filho** *27.2.1820, Porto Alegre.
N.7 **Angélica** *6.1.1813, Porto Alegre.

INÁCIO ANTÔNIO DUARTE ou **INÁCIO ANTÔNIO DOS SANTOS** *8.11.1760, Feteira, Ilha do Faial e †11.10.1821, Porto Alegre, f.º de Manuel Duarte Garcia e Ana Maria. A 15.11.1784, Feteira, ∞ **ANTÔNIA FELÍCIA**, *1767, Feteira, Ilha do Faial e †3.9.1817, Porto Alegre, f.ª de Pedro de Ávila e Maria Silveira. O inventário de Antônia foi autuado em Porto Alegre em 1817, deixando dois lances de casas de tijolos, cobertas de telhas, na rua da Praia, onde residia. Pais de:

F.1 **José Inácio dos Santos Pereira** *29.8.1786, Feteira, Ilha do Faial. A 6.6.1805, Porto Alegre, ∞ **Maria Francisca da Conceição** (v. Manuel Silveira Gonçalves, N.16). Pais de:

N.1 **Serafim** *15.2.1806, Porto Alegre, onde †18.3.1806.

N.2 **Maria Inácia da Conceição** *17.2.1808, Porto Alegre, onde a 21.4.1827 ∞ **José Antônio de Fraga.**

N.3 **Florisbela** *24.11.1809, Porto Alegre, onde †24.1.1810.

N.4 **João** *7.4.1811, Porto Alegre.

N.5 **Inácio** *8.1818, Porto Alegre, onde †3.2.1819.

N.6 **Inácio** *2.1820, Porto Alegre, onde †29.5.1820.

F.2 **Delfina Rosa de Jesus** *28.2.1788, Feteira, Ilha do Faial, ∞ 4.6.1804, Porto Alegre, **Manuel Dutra de Faria** (v. este nome).

F.3 **Rosa** *18.12.1789, Feteira, Ilha do Faial.

F.4 **Maria Inácia de Jesus** *13.5.1791, Feteira, Ilha do Faial. A 6.12.1812, Porto Alegre, ∞ **Tomás Luís da Silva**, *Porto Alegre, exposto em casa de Manuel Álvares de Souza. Pais de:

N.7 **Ana** *5.8.1814, Porto Alegre, onde †23.9.1814.

N.8 **Bernardino Luís da Silva** *25.2.1816, Porto Alegre. Em 1834 era praça (guarda-civil) em Porto Alegre.

N.9 **Clara** *27.2.1820, Porto Alegre.

F.5 **Manuel** *5.8.1792, Feteira, Ilha do Faial.

F.6 **Rosa Felícia de Jesus** *27.1.1794, Feteira, Ilha do Faial. A 4.2.1815, Porto Alegre, ∞ **Manuel José de Bastos**, *Valga (sic) ou Pedroso, bispado do Porto, PT, f.º de Sebastião de Matos e Joana Bernarda de Pinho, ambos da cidade do Porto, PT. Pais de:

N.10 **Maria** *8.10.1817, Porto Alegre.

N.11 **Maria** *10.8.1822, Porto Alegre.

F.7 **Ana Felícia de Jesus** *30.9.1795, Feteira, Ilha do Faial. A 8.7.1813, Porto Alegre, ∞ **José Tomás de Bittencurt** (v. este nome).

F.8 **Teresa Antônia de Jesus** ou **Teresa Felícia** *3.3.1797, Feteira, Ilha do Faial e †16.7.1833, Porto Alegre, onde a 4.2.1815 ∞ **José dos Santos da Rosa**, *Lisboa, Lisboa, PT, f.º de Inácio da Rosa e Angélica Rosa. Em 1822 José e família residiam na rua do Riacho, atual Washington Luís, em Porto Alegre. Pais de:

N.12 **Belmira** *16.3.1816, Porto Alegre.

N.13 **Manuel** *1.9.1.1817, Porto Alegre, onde †9.9.1817.

N.14 **João** *4.12.1819, Porto Alegre.

N.15 **Francisco** *2.8.1821, Porto Alegre.

F.9 **João** *12.10.1798, Feteira, Ilha do Faial.

F.10 **Clara Maria da Conceição** *Rio de Janeiro/RJ (Sé). A 6.5.1819, Porto Alegre, ∞ **Francisco Antônio Gomes**, *Trancoso, Guarda, PT, f.º de Antônio Gomes e Maria Marcela.

INÁCIO PEDRO *Ilha do Faial, f.º de Antônio Silveira e Maria Helena, ∞ 27.1.1815, Porto Alegre, **FELIZARDA MARIA ROSA**, *Rio de Janeiro/RJ (Candelária), f.ª de Felipe Maria Coutinho e mãe não mencionada no registro de casamento.

JACINTO FURTADO *12.6.1752, Cedros, Ilha do Faial e †11.1841, RS, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Domingos Furtado Fialho e Maria de São José. A 26.4.1773, Cedros, ∞ **ROSA MARIA DE JESUS**, ali *, f.ª de Antônio Silveira Goulart e Maria Furtado. Pais de:

F.1 **Manuel Furtado** *19.8.1774, Cedros, Ilha do Faial. Em 1841 era viúvo.
F.2 **Maria Rosa da Conceição** ou **Maria Rosa de Jesus** *29.8.1776, Cedros, Ilha do Faial e †2.7.1853, Porto Alegre. A 7.2.1793, Gravataí, ∞ **Manuel Inácio de Souza**, *Topo, Ilha de São Jorge e †7.1840, RS, f.º de Manuel Silveira de Souza e Maria de Jesus. C/d em Gravataí e citados em José Pereira Garcia, N.4.
F.3 **Vicência Rosa de Jesus** *6.9.1778, Cedros, Ilha do Faial, ∞ (1x) **Felipe** ou **Félix Antônio**, *Madalena, Ilha do Pico e †2.9.1796, Porto Alegre, f.º de Antônio da Rosa de Ávila, da Ribeirinha, Ilha do Faial, e Josefa Maria, de Salão, Ilha do Faial. A 6.5.1801, Porto Alegre, Vicência ∞ (2x) **Antônio Silveira Nunes** (v. Manuel Pereira da Luz, F.4).
Houve do 1º casamento de Vicência:
N.1 **Maria** *21.9.1796, Porto Alegre.
F.4 **Helena Maria Rosa** *8.3.1781, Cedros, Ilha do Faial e †24.8.1836, com inventário autuado em Porto Alegre. A 14.1.1801, Gravataí, ∞ **Domingos Antônio da Silveira**, *24.4.1785, São José/SC, f.º de Antônio Francisco do Amaral e Florência Rosa. Pais de:
N.2 **Claudina Rosa da Silveira** *23.6.1804, Gravataí, ∞ **Desidério José Machado** (v. Antão Pereira Machado, N.15).
N.3 **Flora** *5.4.1807, Gravataí e †17.2.1811, Porto Alegre.
N.4 **Domingos** *1.2.1811, Porto Alegre, onde †10.2.1811.
N.5 **Bernardina Rosa da Silveira** *25.3.1815, Gravataí. A 5.9.1833, Porto Alegre, ∞ seu primo em 4º **Justino Pereira Gomes**, b. 28.11.1811, Santo Antônio da Patrulha, f.º de José Pereira Maciel e Maria Joaquina da Conceição.
N.6 **Cândida** *1817 e †21.2.1821, Porto Alegre.
N.7 **Clara Antônia** ou **Clara Joaquina da Silveira** *13.6.1819, Porto Alegre.
N.8 **Inácio Antônio da Silveira** *1.5.1822, Porto Alegre, ∞ **Maria Deolinda Gomes da Silva**, f.ª de José Pereira Gomes e Maria Cândida Silveira.
N.9 **Cesária Joaquina da Silveira** *Viamão. A 14.2.1835, Porto Alegre, ∞ **Joaquim Luís da Silva**, f.º de João Luís Gaia e Desidéria Antônia da Silva.
N.10 **Cândida Antônia** ou **Cândida Rosa da Silveira**
F.5 **Antônio Silveira Furtado** *2.10.1784, Cedros, Ilha do Faial. A 27.1.1806, Gravataí, ∞ (1x) **Joaquina Inácia de Jesus** (v. Manuel da Rosa Pereira, N.13). Antônio ∞ (2x) **Maria Joaquina de Jesus**, *Florianópolis/SC, f.º de José Silveira Goulart e Rosa Maria. C/d em Gravataí.
F.6 **Joaquina Rosa de Jesus** *30.1.1787, Gravataí, onde a ∞ 28.10.1805, **Francisco Alves de Faria**, *Vale (São Cosme), Vila Nova de Famalicão, Braga, PT, f.º de José Álvares de Faria e Maria de Souza. C/d em Gravataí.

F.7 **João Antônio Furtado** *25.9.1789, Gravataí, b. Porto Alegre. A 30.1.1808, Gravataí, ∞ **Maria Joaquina de Jesus**, *4.6.1791, Gravataí, f.ª de Antônio Pereira de Vargas e Madalena Rosa de Jesus. C/d em Gravataí.
F.8 **José Inácio Furtado** *9.7.1791, Gravataí. A 28.6.1810, Santo Antônio da Patrulha, ∞ **Teresa Maria de Jesus**, *3.11.1790, São José/SC, f.ª de Antônio de Faria Dutra e Clemência Rosa Maurícia. C/d em Gravataí, Parobé e São Leopoldo.
F.9 **Francisco** *30.12.1792, Gravataí e † antes de 1795.
F.10 **Francisco da Rosa** *12.12.1795, Gravataí. A 14.1.1828, Porto Alegre, ∞ **Inácia Maria**, b. 20.10.1798, Gravataí, f.ª de Antônio Pereira de Vargas e Madalena Rosa de Jesus, ambos da Feteira, Ilha do Faial.
F.11 **Joaquim José Furtado** *2.2.1798, Gravataí.

JERÔNIMO FRANCISCO DE BARROS *pv. 1741, Santo Espírito, Ilha de Santa Maria e †31.10.1811, Porto Alegre, solteiro, com 70 anos mais ou menos, f.º de Silvestre de Barros e Engrácia de Jesus.

JOÃO ALVES DOS SANTOS *pv. 1789 nos Açores e †2.4.1819, Porto Alegre, com 30 anos aparentemente. O registro de óbito não forneceu maiores detalhes para relacioná-lo a eventuais parentes em Porto Alegre.

JOÃO ANTÔNIO *1754, Ribeiras, Ilha do Pico e †6.4.1804, Porto Alegre, com 50 anos, mais ou menos, solteiro, f.º de Antônio Valim Frade e Rosa Maria.

JOÃO DA COSTA FERREIRA *Ilha de São Miguel, onde ∞ **ROSA MARIA TORRES**, *Ilha de São Miguel. Pais de:

F.1 **Manuel da Costa Ferreira** *1803, Ilha de São Miguel e †3.7.1853, Porto Alegre. A 11.2.1832, Porto Alegre, com sua prima em 3º grau **Cândida Maria de Nazaré** (v. Valério José da Costa Machado, F.1).

JOÃO DA CUNHA PEREIRA *Santo Amaro, Ilha de São Jorge e †7.11.1791, Porto Alegre, com mais de 70 anos, f.º de João da Cunha ou Manuel Vieira da Cunha e Catarina da Cunha. A 7.10.1742, Velas, Ilha de São Jorge ∞ **MARIA DE SOUZA**, *1731, Santo Amaro, Ilha de São Jorge, e †7.6.1801, Porto Alegre, de moléstia do peito (v. Manuel Gaspar Mancebo, F.2). Pais de:

F.1 **Maria do Rosário** *Santo Amaro, Ilha de São Jorge e †25.9.1802, Porto Alegre. A 1766, Viamão, ∞ **Manuel (Antônio) da Cunha Freitas** (v. este nome).
F.2 **João da Cunha** *Florianópolis/SC, ∞ 11.5.1784, Maldonado, Uruguai, **Maria Garcia**, ali *, f.ª de Tomás Antônio Garcia e Francisca do Espírito Santo. Pais de:
N.1 **Maria** *30.9.1793, Porto Alegre.

F.3 **José da Cunha** *São José/SC. A 28.1.1786, Porto Alegre, ∞ **Ana Joaquina Gomes** (v. Manuel Gomes da Rocha, F.4). Pais de:

N.2 **Antônio** *6.4.1786, Porto Alegre.

N.3 **Domingos** *15.3.1788, Porto Alegre.

N.4 **Clara Maria da Conceição** *1º.3.1789, Porto Alegre, onde a 22.5.1811, ∞ **José da Silva**, *Florianópolis/SC, f.º de Manuel da Silva e Ana Inácia. Pais de:

Bn.1 **Antônio** *13.4.1812, Porto Alegre, onde †14.8.1813.

Bn.2 **João** *10.3.1816, Porto Alegre, onde †16.3.1816.

Bn.3 **Iria** *19.2.1817, Porto Alegre.

Bn.4 **João** *25.12.1819, Porto Alegre.

N.5 **Iria da Conceição** *24.5.1791, Porto Alegre, onde a 13.9.1808 ∞ **José Joaquim**, *Vila Garcia, bispado de Braga, PT, f.º de Luís Gonçalves e Maria Joana.

N.6 **Maria Angélica** *30.9.1783, Porto Alegre, onde a 17.9.1807 ∞ **Manuel Ferreira Teles** (v. Bartolomeu Ferreira Teles, F.5).

N.7 **Ana** *18.12.1795, Porto Alegre.

N.8 **Isabel Joaquina da Cunha** *26.3.1798, Porto Alegre, onde a 7.1.1814 ∞ **Vitorino José Vieira** (v. Antônio José Vieira, F.2).

F.4 **José** *17.3.1755, Rio Grande, onde †25.7.1757.

F.5 **Cristóvão da Cunha** *28.1.1757, Rio Grande, ∞ **Genoveva Maria de Jesus**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de José Gonçalves de Souza e Caetana Maria. Pais de:

N.9 **José Ferreira da Cunha** *27.5.1779, Viamão. A 17.11.1809, Porto Alegre, ∞ **Ana Maria do Nascimento**, *Porto Alegre, f.ª de Antônio de Vargas e Maria Xavier de Jesus.

N.10 **Manuel** *20.8.1782, Porto Alegre.

N.11 **Domingos Borges da Cunha** *16.7.1784, Viamão. Em 1799, Triunfo, ∞ **Pulquéria Maria de Jesus**.

N.12 **Joaquim** *29.4.1786, Viamão.

N.13 **Joana Margarida** *4.8.1787, Viamão. A 1806, Porto Alegre, ∞ **Joaquim Maurício da Silva**, *N. Sra. do Vale, arc. de Braga, PT e †28.1.1808, f.º de José da Silva e Joana Maria da Cunha. Sem filhos.

N.14 **Damásia Maria da Conceição** *2.2.1789, Porto Alegre, onde a 1.11.1808 ∞ **Joaquim Henriques** (v. Henrique Xavier de Mendonça, F.7).

N.15 **João** *14.3.1791, Triunfo.

N.16 **Ana Maria da Conceição** *3.3.1793, Triunfo. A 23.8.1806, Porto Alegre, ∞ **Miguel Francisco Dutra**, *São José/SC, f.º de Antônio Dutra de Macedo e Isabel Maria.

N.17 **Vicente Ferreira da Cunha** *9.2.1795, Triunfo, onde em 1822 ∞ **Faustina Maria de Jesus**.

N.18 **Antônio Ferreira da Cunha** *22.4.1797, Triunfo. Em 1817, Encruzilhada do Sul, ∞ **Lina Maria Muniz da Câmara**.

N.19 **Dionísio** *21.10.1798, Triunfo.

F.6 **Hilário da Cunha** *25.2.1759, Rio Grande e †28.6.1822, com inventário autuado em Porto Alegre. A 9.8.1782, Porto Alegre, **Leonarda Inácia de Jesus** (v. Manuel Gomes da Rocha, F.8). Pais de:

N.20 **Bibiana Inácia de Jesus** *4.5.1784, Porto Alegre e † antes de sua mãe. Em Porto Alegre, a 5.7.1801, ∞ **Amaro Vicente de Araújo**, *Lisboa (Mercês), Lisboa, PT, f.º de Manuel de Araújo, de Minho, e Ana Maria, de Lisboa (N. Sra. da Encarnação). Pais de:

Bn.5 **Domingos** *9.11.1802, Porto Alegre e † antes de sua mãe.

Bn.6 **Amaro José Lisboa** *12.12.1804, Porto Alegre, onde a 17.8.1824 ∞ sua tia materna **Catarina Inácia**, abaixo citada.
Bn.7 **David José Lisboa** *15.10.1806, Porto Alegre, ∞ **Joaquina Maria de Jesus**.
Bn.8 **Augusta Inácia de Jesus** *22.12.1808, Porto Alegre, onde a 18.7.1829 ∞ **Ludwig Ahrens** *Braunschweig, Baixa Saxônia, Alemanha, f.º de August Ahrens e Christina Halberstadt.
Bn.9 **Maurícia** *1.1.1811, Porto Alegre, onde †5.1.1813.
Bn.10 **Antônio José Lisboa** *22.5.1813, Porto Alegre.
Bn.11 **Rita Maria de Jesus** *17.12.1815, Porto Alegre.
Bn.12 **Raquel Inácia** *12.1.1819, Porto Alegre, onde a 17.12.1833 ∞ **Gottlieb Leindecker**, *1813, Alemanha, f.º de Johann Nicolaus Leindecker e Maria Margaretha Wild.
Bn.13 **Lourenço** *15.7.1821, Porto Alegre.
Bn.14 **João José Lisboa** *8.4.1823, Porto Alegre.
Bn.15 **Francisco José Lisboa** *22.1.1825, Porto Alegre.
Bn.16 **Vasco José Lisboa** b. 2.6.1828, Porto Alegre.

N.21 **Antônio Hilário da Cunha** *10.7.1786, Porto Alegre e † antes de sua mãe. Em Porto Alegre, a 9.2.1806, ∞ **Ana Maria de Jesus** (v. Teodoro Inácio da Silveira, F.1). Pais de:
Bn.17 **Felicidade Maria de Jesus** *23.9.1809, Porto Alegre, ∞ **Antônio Victorino dos Santos**.
Bn.18 **Joaquim Antônio da Cunha** *6.12.1811, Porto Alegre.
Bn.19 **Francisco** *26.8.1820, Porto Alegre.
Bn.20 **Catarina**
Bn.21 **Albino**
Bn.22 **Maria**

N.22 **Maria Inácia de Jesus** *23.8.1788, Porto Alegre e †31.3.1833, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 7.5.1805 ∞ **Inácio Ferreira de Noronha**, *Rio de Janeiro/RJ, f.º de Antônio da Rosa Pimentel, da Ilha de São Miguel, e Catarina Maria de Jesus, de Maricá/RJ. Pais de:
Bn.23 **Rufina** *6.3.1806, Porto Alegre, onde †11.3.1806.
Bn.24 **Valentina Inácia de Jesus** *14.12.1807, Porto Alegre, onde a 6.6.1821 ∞ **Antônio Fernandes** *Paranhos, Porto, Porto, PT, f.º de José Fernandes Lisboa e Custódia de Jesus.
Bn.25 **Antônio Fragoso Pimentel** *15.2.1809, Porto Alegre, ∞ **Rosa Engrácia de Jesus**.
Bn.26 **Apolinária Inácia de Jesus** *23.7.1811, Porto Alegre e †9.4.1846, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 28.5.1828 ∞ (1x) **José Fernandes**, soldado da Cia. de artífices, *Lisboa (São Lourenço), Lisboa, PT. Apolinária ∞ (2x) **Severino José Inácio**, de quem não deixou filhos. Depois de viúva Apolinária teve dois filhos naturais, de pai incógnito:
Tn.1 **Francisco**
Tn.2 **José**
Bn.27 **Maria Inácia de Jesus** *2.5.1813, Porto Alegre, onde a 29.2.1832 ∞ **Joaquim Alves dos Santos**, *Santa Apolônia (sic), Braga, PT, f.º de Duarte Alves dos Santos e Josefa Rita.
Bn.28 **Joaquim da Rosa Pimentel** *28.3.1815, Porto Alegre.
Bn.29 **Marcos da Rosa Pimentel** *20.5.1817, Porto Alegre.
Bn.30 **Isidoro** *3.4.1820, Porto Alegre, onde †14.4.1820.

Bn.31 **Balbino** *31.3.1821, Porto Alegre, onde †18.8.1821.
Bn.32 **João** *3.8.1822, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
Bn.33 **Salustiana** *8.6.1825, Porto Alegre, onde †31.5.1826.
Bn.34 **Josefa** *19.3.1827, Porto Alegre, onde †27.11.1829.
Bn.35 **Manuel** *5.8.1830, Porto Alegre, onde †18.9.1832.
Bn.36 **Manuel da Rosa Pimentel** *2.8.1832, Porto Alegre, onde †11.4.1838.
N.23 **Joaquina** *20.8.1790, Porto Alegre e † antes de 1808.
N.24 **Inácio da Cunha** *21.1.1793, Porto Alegre, ∞ **Marcelina Rosa**, *São José/SC, f.ª de Vitorino José Vicente e Joaquina Rosa de Jesus. C/d em Gravataí.
N.25 **Mariana Inácia de Jesus** *16.2.1795, Porto Alegre, onde a 19.4.1823 ∞ **Antônio da Cunha Viana** (v. este nome).
N.26 **João de Acuña** *4.4.1797, Porto Alegre. A 10.11.1822 em Melo, Uruguai, ∞ **Emília Francisca Duarte** *Piratini, f.ª de Domingos Luís Duarte e Maurícia Francisca de Jesus.
N.27 **José da Cunha** *5.5.1799, Porto Alegre.
N.28 **Leocádia** *8.8.1801, Porto Alegre, onde †29.4.1812.
N.29 **Paulo da Cunha** *27.8.1803, Porto Alegre, ∞ **Rufina Maria da Conceição**.
N.30 **Catarina Inácia** *30.9.1805, Porto Alegre, onde ∞ seu sobrinho **Amaro José Lisboa**, acima citados.
N.31 **Joaquina** *3.1.1808, Porto Alegre.
N.32 **Claudina** *11.1.1812, Porto Alegre e † antes de seu pai.
F.7 **Isabel Francisca de Jesus** ou **Isabel Joaquina de Jesus** *5.5.1761, Rio Grande, ∞ **José Gomes Rocha** (v. Manuel Gomes da Rocha, F.3).

JOÃO DA SILVA *Feteira, Ilha do Faial, f.º de José da Silva e Maria Ferreira, ∞ 10.1.1751, Pedro Miguel, **JOSEFA TERESA DE SÃO JOSÉ**, *6.2.1730, Pedro Miguel, Ilha do Faial, f.ª de Antônio da Silveira e Maria de São José. João e Josefa são citados como casal de El-Rei. Pais de:

F.1 **Manuel** *4.2.1751, Pedro Miguel, Ilha do Faial.
F.2 **João** *Porto Alegre, b. 2.7.1753, Viamão.
F.3 **Maria Angélica da Silva** *Santo Amaro do Sul, General Câmara, b. 10.6.1757, Viamão, ∞ 18.10.1775, Taquari, **Antônio Pereira da Silva**, *Rio Grande, f.º de José Pereira Fagundes e Maria Silveira. C/d em Taquari.

JOÃO DA SILVEIRA GOULART *1.2.1721, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial, e †16.10.1794, Rio Pardo, f.º de Pedro Silveira e Catarina Silveira, ∞ 13.2.1749, Pedro Miguel, Ilha do Faial, **JOSEFA JACINTA DA SILVEIRA**, *pv. 1727, Pedro Miguel e †16.7.1795, Rio Pardo, f.ª de Manuel da Silveira Duarte e Isabel de Faria. João e Josefa são considerados casal de El-Rei e foram pais de:

F.1 **José** *28.4.1749, Pedro Miguel, Ilha do Faial.
F.2 **Angélica Rosa da Silveira** *11.5.1751, Pedro Miguel, Ilha do Faial e †5.10.1787, Rio Pardo, onde a 17.9.1764 ∞ **Simão Marques**, *1750, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge, e †27.7.1788, Rio Pardo, f.º de Manuel Marques de Valença e Isabel Nunes. Angélica e Si-

mão são antepassados do Dr. Jorge Godofredo Felizardo, um dos primeiros genealogistas gaúchos, e de Luís Carlos Prestes, político brasileiro.
F.3 **Ana Francisca da Silveira** *Porto Alegre e b. 12.12.1753, Viamão e †28.4.1806, Rio Pardo, onde a 10.10.1767 ∞ **Aleixo Correia Cabral**, *1730, Calheta, Ilha de São Jorge e †19.1.1810, Rio Pardo, f.º do alferes Manuel Machado Cabral e Ágada Pereira de Souza. Do casal descendem, p. ex., o historiador Getúlio Schilling e João Belchior Marques Goulart (Jango), político brasileiro e Presidente do Brasil.
F.4 **João Inácio da Silveira** b. 30.10.1755, Rio Pardo, onde †31.1.1801. Ali a 21.12.1771, ∞ (1x) **Ana Francisca de Menezes**, *1751, São Pedro, Ilha de Santa Maria, f.ª de Manuel de Souza Menezes de Moura e Antônia Teresa Alves de Rezende de Carvalho. João em 1795, Rio Pardo, ∞ (2x) **Genoveva Rosa de Loreto**, b. 18.3.1790, Cachoeira do Sul, onde †29.2.1844, f.ª de Francisco de Loreto, de Laguna/SC, e Rosa Luísa Gonçalves, de Angra do Heroísmo, Ilha Terceira.
F.5 **José da Silveira Gularte** b. 6.5.1757, Rio Pardo, onde †12.1.1807. Ali ∞ 30.4.1788 (1x) **Gertrudes Rosa Pereira Fortes**, ali b. 5.12.1762 e †11.10.1794, f.ª de João Pereira Fortes, do Topo, Ilha de São Jorge, e Eugênia Rosa, da Vila da Praia, Ilha Terceira. José ∞ 11.6.1796, Rio Pardo, (2x) **Anacleta Maria da Conceição**, ali b. 17.4.1781, f.ª do tenente Manuel José Machado da Picada e Maria Garcia de Jesus.
F.6 **Jerônimo Jacinto da Silveira** ou **Jerônimo Silveira Goularte** b. 20.7.1759, Rio Pardo, onde a 13.1.1776 ∞ (1x) **Ana Rosa de Souza**, ali *, f.ª de José Duarte de Souza e Rosa Maria da Conceição, ambos da Ilha de Santa Maria. Jerônimo ∞ 17.4.1779, Rio Pardo, (2x) **Ana Rangel de Macedo**, *Rio de Janeiro (Santa Rita), RJ, f.ª de Antônio Fernandes Moreira e Clara Josefa de Macedo.

JOÃO DE FREITAS LEITÃO *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira ou N. Sra. dos Remédios, Ilha de São Miguel. Nos Açores ∞ **FRANCISCA DE JESUS**, ali *. Pais de:

F.1 **Manuel de Freitas Leitão** *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira ou N. Sra. dos Remédios, Ilha de São Miguel. A 26.12.1822, Porto Alegre, ∞ **Ana Vieira da Cunha**, *12.5.1807, Porto Alegre, f.º de Manuel Vieira da Cunha, da cidade do Porto, PT, e Rita Maria de Jesus, de Taquari. C/d em Porto Alegre.

JOÃO DE ORNELAS E SOUZA *20.6.1709, Praia da Vitória, Ilha Terceira e †9.12.1773, Taquari, f.º de Lázaro Gonçalves e Isabel do Rosário de Ornelas, ∞ 18.11.1739, Vila da Praia, **CATARINA INÁCIA DE SOUZA**, *16.8.1711, Lajes, Ilha Terceira e †10.12.1773, Taquari, f.ª de Manuel de Souza do Rego e Catarina de Souza. Pais de:

F.1 **Maria do Rosário** *5.5.1740, Vila da Praia, Ilha Terceira, ∞ 5.2.1758, Triunfo, **Antônio Teixeira Fagundes**, *1738, Topo, Ilha de São Jorge, f.º de Amaro Dias da Cunha e Isabel Teixeira. Antepassados de Getúlio Dornelles Vargas, Presidente do Brasil.
F.2 **José Dorneles de Souza** *6.3.1744, Vila da Praia, Ilha Terceira e †12.1.1781, Santo Amaro do Sul, ∞ 18.5.1764, Triunfo, **Antônia Maria da Silveira**, *11.12.1748, Manadas, Ilha de São Jorge e †29.5.1819, Santo Amaro do Sul, f.ª de Manuel Nunes Fagundes e Maria da Silveira da Conceição.

F.3 **Antônio Dorneles de Souza** *1746, Vila da Praia, Ilha Terceira e †11.3.1784, Taquari, onde a 13.8.1769 ∞ **Maria do Rosário** (v. Manuel Machado de Borba, F.2).
F.4 **Gertrudes do Rosário Dorneles** *1751, Vila da Praia, Ilha Terceira, ∞ 11.11.1771, Taquari, **Antônio Francisco da Silveira**, *1742, Castelo Branco, Ilha do Faial, f.º de Manuel da Silveira Luís e Catarina da Silveira.
F.5 **Francisco Dorneles de Souza** *Porto Alegre e b. 24.9.1753, Viamão, ∞ 21.1.1782, Santo Amaro do Sul, **Beatriz das Neves da Purificação** (v. Manuel Machado de Borba, F.3). Antepassados de João Belchior Marques Goulart, Presidente do Brasil.
F.6 **Matias Dorneles de Souza** *Santo Amaro do Sul e b. 20.3.1756, Viamão, ∞ 3.11.1774, Taquari, **Joana Maria do Espírito Santo**, *23.5.1757, Rio Grande, f.ª de Antônio Machado de Oliveira e Mariana de Jesus, ambos de Urzelina, Ilha de São Jorge.

JOÃO DE SOUZA *pv. 1703, Ilha de São Miguel, e †10.6.1803, Porto Alegre, viúvo, com 100 anos mais ou menos, ∞ **VICÊNCIA ANTÔNIA**, cujo casal não obtivemos mais informações e se deixou descendência. Talvez seja o mesmo casal João Antônio de Souza e Vicência Antônia de Jesus, pais de Francisco de Paula e Souza e Alfama, citado em Manuel Teixeira Afonso.

JOÃO DE SOUZA DIAS CARDOSO *Vila de Rabo de Peixe, Ilha de São Miguel, f.º de José Cardoso e Ana de Souza, ∞ **TEODÓSIA DE JESUS DA PONTE** ou **TEODORA DA PONTE**, *Ribeira Grande, Ilha de São Miguel, f.ª de Miguel Lopes e Josefa da Ponte. Pais de:

F.1 **Manuel de Souza Dias Cardoso**, *pv. 1737, Ribeira Grande, Ilha de São Miguel, ∞ 1767, Rio Pardo, (1x) **Clara Maria do Nascimento**. Manuel ∞ 28.11.1784, Rio Pardo, (2x) **Joaquina Maria da Pacificação**.
F.2 **Ana Maria da Conceição** *Florianópolis/SC, ∞ 1767, Rio Pardo (1x) **Manuel Pereira**. Ana ∞ 1773, Rio Pardo, (2x) **Francisco Domingues Alves**.
F.3 **Eugênia Maria da Conceição** *Porto Alegre e b. 28.10.1753, Viamão, ∞ 30.11.1769, Rio Pardo, **Inácio Rodrigues da Silva**.
F.4 **João Manuel Cardoso**, doutor, b. 3.1.1756, Rio Pardo, onde a 7.4.1777 ∞ **Luzia Francisca de Lima**.
F.5 **Maria Francisca de Souza** b. 18.11.1758, Rio Pardo e †28.2.1784, Porto Alegre. Em Rio Pardo, a 1771 ∞ **Boaventura Cardoso de Araújo**. Maria ∞ 10.4.1782, Rio Grande, (2x) **Jerônimo Gonçalves Meireles**.

JOÃO DE SOUZA MACHADO (I) *20.10.1722, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †18.5.1782, Viamão, f.º de João de Souza Nunes de Bairros Vieira e Francisca Machado do Rosário. A 13.4.1754, Ribeira Seca, ∞ **LUZIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA** *Ribeira Seca e †12.6.1803, Porto Alegre, f.ª de João Pereira Mendes e Isabel Caetana Teixeira. Luzia ∞ (2x) Manuel Silveira da Assunção. João e Luzia foram pais de:

F.1 **Manuel** b. 23.4.1755, Florianópolis/SC (Lagoa da Conceição).
F.2 **Cipriana Inácia Joaquina** *15.1.1759, Rio Grande, ∞ **José de Souza Barros** (v. Manuel de Souza Barros, F.3). São antepassados também de Alfredo Augusto Azevedo, que foi Intendente de Porto Alegre (Prefeito) de 1892-1896 e dá nome a uma rua de Porto Alegre.
F.3 **Maurícia Francisca Severina** *15.5.1761, Rio Grande, ∞ **Tomás Silveira Goulart**, *6.9.1748, Pedro Miguel, Ilha do Faial, f.º de Antônio Silveira Goulart e Teresa Maria. C/d em Viamão e Gravataí e citados em Francisco Nunes da Costa, N.12 e Antônio de Ávila Machado, N.17.
F.4 **Josefa Maria Severina** *18.8.1764, Viamão, e †2.7.1843, Porto Alegre, onde a 28.10.1782 ∞ **João Gomes da Rocha** (v. Manuel Gomes da Rocha, F.1).

JOÃO DE SOUZA MACHADO (II) *São Mateus, Ilha Graciosa e †15.2.1835, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de João de Souza Machado e Maria Baleira de Jesus. A 26.7.1794, Porto Alegre, ∞ **JOSEFA BERNARDINA DE JESUS**, *22.10.1773, Viamão e †15.11.1837, com inventário autuado em Porto Alegre (v. Manuel Machado Ribeiro, Bn.2). Pais de:

F.1 **João de Souza Machado** *5.5.1795, Porto Alegre, ∞ **Ana Joaquina Dutra**, f.ª de Antônio Dutra de Medeiros e Mariana Inácia de Jesus, ambos da Feteira, Ilha do Faial.
F.2 **Inocência Maria da Conceição** *8.11.1796, Porto Alegre.
F.3 **Francisco** *1.10.1798, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
F.4 **Francisca Bernardina de Souza** ou **Francisca Bernardina de Jesus** *17.1.1800, Porto Alegre, onde a 27.2.1816, ∞ **José Francisco da Silva**, *Queirã, Vouzela, Viseu, PT, f.º de Antônio Francisco e Francisca Rodrigues. Pais de:
N.1 **Francisco** *2.12.1816, Porto Alegre.
N.2 **Antônio** *20.8.1818, Porto Alegre.
N.3 **Francisca** *7.10.1820, Porto Alegre.
F.5 **Tomás José de Souza** *16.9.1801, Porto Alegre e † antes de sua mãe, foi casado duas vezes, deixando filhos de ambos os casamentos. C/d em São Borja.
F.6 **José Machado de Souza** *17.10.1803, Porto Alegre, onde a 18.9.1819, ∞ **Ana Joaquina de Jesus**, *13.4.1805, Gravataí, f.º de José Antônio Dutra e Angélica Francisca do Sacramento.
F.7 **Alexandre José de Souza** *5.8.1805, Porto Alegre. Foi ∞ (1x) **Mariana Inácia da Conceição**, c/d em Gravataí a partir de 1832 e, após, ∞ (2x) **Maria dos Anjos**, c/d em Gravataí.
F.8 **Maria Cândida de Souza** *19.6.1807, Porto Alegre, onde a 26.5.1827, ∞ **Custódio José Pinto**, *Matosinhos, Porto, PT, f.º de Antônio Pinto e Adriana Rosa.
F.9 **Luísa Cândida de Jesus** *26.8.1809, Porto Alegre, onde a 18.9.1824 ∞ **Manuel José Teixeira**, alferes, *São João da Madeira, Aveiro, PT e †29.7.1850, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de João Teixeira e Joana Rosa Luísa. O casal teve oito filhos.
F.10 **Antônio** *26.8.1809, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
F.11 **Manuel** *13.5.1811, Porto Alegre, onde †22.5.1811.

F.12 **Rita Cândida de Souza** *25.8.1812, Porto Alegre. A 17.10.1831, Viamão, ∞ **Urbano José de Fraga**, b. 7.4.1807, Laguna/SC, f.º de Simão José de Fraga e Jacinta Clara do Sacramento.

JOÃO DE SOUZA MACHADO (III) *Angra do Heroísmo (Santa Luzia), Ilha Terceira, ∞ **ANTÔNIA MARIA DE JESUS**, *Ilha do Pico. Pais de:

F.1 **Maria Antônia Vicência** *Madalena, Ilha do Pico, ∞ **José Tomás de Almeida**, *Foz do Douro (São João), Porto, Porto, PT, f.º de Manuel Tomás de Almeida, de Lisboa, e Maria Tomásia de Macedo, do Rio de Janeiro/RJ (Candelária). Pais de:

N.1 **José Tomás de Almeida** *28.12.1798, Porto Alegre, onde a 19.10.1822 ∞ **Tomásia Maria da Conceição**, *18.9.1795, Porto Alegre (v. Ventura Pimentel, N.12).

N.2 **Vicente** *20.2.1802, Porto Alegre.

N.3 **Maria do Céu** *2.1.1803, Porto Alegre, onde a 10.10.1830 ∞ **Prudêncio José da Câmara e Sá** (v. José da Câmara de Sá, N.9).

JOÃO DE SOUZA MACHADO (IV) *Ilha de São Miguel e †6.12.1793 em Porto Alegre, *por se achar morto no riacho*, ∞ **ANA FRANCISCA**.

JOÃO DE VARGAS *8.4.1706, Cedros, Ilha do Faial, f.º de Manuel de Vargas e Maria Duarte. A 9.1.1735, Praia do Almoxarife, ∞ **CATARINA PEREIRA** *15.1.1710, Praia do Almoxarife, f.ª de Manuel Dias e Bárbara Pereira. Pais de 8 filhos, ao menos 3 vieram para o Brasil:

F.1 **Manuel de Vargas** *1.11.1735, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial e †13.9.1832, Porto Alegre. Foi ∞ **Joana Rosa**, *Horta (Conceição), Ilha do Faial e †31.5.1817, Gravataí, f.ª de Manuel Francisco e Teresa de Jesus. Pais de:

N.1 **Francisco de Vargas** *28.12.1763, Horta (Conceição), Ilha do Faial, ∞ **Maria Moreira da Silva**, b. 29.8.1773, Viamão, f.ª de Antônio Moreira da Silva, de Ilha Grande/RJ, e Isabel de Souza, de Florianópolis/SC. Pais de:

Bn.1 **Manuel Francisco de Vargas** *14.12.1788, Gravataí, ∞ **Francisca de Oliveira**, c/d em Rio Pardo.

Bn.2 **Marcelino** *3.4.1790, Gravataí.

Bn.3 **Salvador Francisco Moreira** *4.6.1793, Gravataí, ∞ **Maria Joaquina da Trindade**, c/d em Encruzilhada do Sul.

Bn.4 **Clara** *20.9.1796, Gravataí.

Bn.5 **Cesária** *2.6.1798, Gravataí.

Bn.6 **Faustina** b. 5.4.1801, Encruzilhada do Sul.

Bn.7 **Claudiana** b. 25.12.1802, Encruzilhada do Sul.

Bn.8 **José** *10.7.1805, Porto Alegre.

Bn.9 **Bernardina** *29.12.1806, Porto Alegre.

Bn.10 **Maria** *15.12.1809, Encruzilhada do Sul.

N.2 **Antônio de Vargas Escobar** *18.11.1768, Horta (Conceição), Ilha do Faial e †1/1856, São Leopoldo. A 3.10.1793, Gravataí, ∞ (1x) sua prima **Rita Joaquina de Jesus**, abaixo citada. A 27.9.1846, São Leopoldo, ∞ (2x) **Felizarda Maria do Nascimento**, f.ª de Manuel Fernandes e Ana Maria do Nascimento. C/d em Gravataí e São Leopoldo.

N.3 **Ana Joaquina** *6.3.1774, Horta (Conceição), Ilha do Faial, ∞ **José Rodrigues Pimentel**, *10.3.1762, Rio Grande, f.º de Manuel Rodrigues Pimentel, de São Bento, Ilha Terceira, e Francisca Antônia, de N. Sra. da Conceição, Ilha Terceira. C/d em Gravataí.

N.4 **Isabel Rosa Joaquina** *21.5.1775, Horta (Conceição), Ilha do Faial, ∞ seu tio **Joaquim Pereira de Escobar**, abaixo citado. Isabel teve, de pai incógnito, os filhos:

Bn.11 **Severino** *8.6.1814, Porto Alegre.

Bn.12 **Cândida** *24.8.1815, Porto Alegre.

N.5 **Rosa Joaquina de Jesus** *Horta (Conceição), Ilha do Faial e †30.10.1840, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ (1x) **José Dias Nunes**, *1755, Ilha do Faial e †9.10.1809, Porto Alegre, f.º de Manuel Dias Nunes e Teresa Inácia. Rosa ∞ 3.1.1810, Porto Alegre, **Luís Antônio da Silva**, *Rio de Janeiro/RJ (São José), f.º de José da Silva Nunes e Maria Teresa de Jesus. Houve do 1° casamento:

Bn.13 **Ana Joaquina de Jesus** *23.1.1803, Porto Alegre, onde a 24.9.1821, ∞ **José Narciso de Brum**, *Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, f.º de Francisco Xavier de Brum e Ana Vitorina.

N.6 **Teresa Joaquina de Jesus** *1793, Ilha do Faial. Teve ao menos um filho com **Joaquim José da Fonseca**, furriel da Legião de São Paulo. Pais de:

Bn.14 **João** *4.8.1818, Porto Alegre.

F.2 **Joaquim Pereira de Escobar** *19.3.1748, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial e †6.7.1811, Porto Alegre. Teve uma filha com (1x) **Vitória Francisca**, *Ilha do Faial, depois ∞ (2x) **Brígida Joaquina de Jesus**, *Horta (Conceição), Ilha do Faial e †5.9.1793, f.ª de André Garcia e Mariana Inácia. Joaquim ∞ 20.11.1797, Porto Alegre, (3x) sua sobrinha **Isabel Rosa Joaquina**, acima citada.

Filhos do 1° casamento:

N.7 **Francisca Joaquina de Jesus** *Horta (Conceição), Ilha do Faial, ∞ **José Goulart da Rosa**, *18.1.1759, Capelo, Ilha do Faial, f.º de Antônio Goulart e Ana da Rosa. C/d em Gravataí e São Leopoldo.

Filhos do 2° casamento:

N.8 **Florência** *10.11.1772, Horta (Conceição), Ilha do Faial.

N.9 **Rita Joaquina de Jesus** *Salvador/BA e † antes de 1847, ∞ seu primo **Antônio de Vargas Escobar**, acima referido.

N.10 **João** b. 26.8.1781, Taquara (reg. Gravataí) e †1781.

N.11 **João** b. 26.8.1782, Taquara e † antes de 1793.

N.12 **Antônio Pereira de Escobar** *20.1.1784, Gravataí. Em 1811 estava ausente no Rio de Janeiro.

N.13 **Silvério Pereira de Escobar** *1.6.1786, Gravataí. Em 1811 estava ausente em lugar incerto e não sabido.

N.14 **Leonardo Pereira de Escobar** *2.12.1789, Gravataí e †pv. 1813, solteiro.

Filhos do 3° casamento:

N.15 **Belarmino Pereira de Escobar** *28.7.1799, Gravataí. A 23.11.1829, Porto Alegre, ∞ **Maria Joaquina da Silva**, *8.12.1813, Porto Alegre (v. Matias Garcia da Rosa, N.4).
N.16 **Teresa** *17.6.1801, Gravataí.
N.17 **Polucena** *15.3.1807, Porto Alegre, onde †1.4.1807.
N.18 **Paulo** *10.1.1809, Porto Alegre, onde †19.5.1809.
N.19 **Anacleto** *13.7.1810, Porto Alegre.

F.3 **Maria Laureana de Jesus** (Maria Madalena de Jesus no casamento da N.23) *21.12.1750, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial e †22.6.1792, Horta (Matriz), Ilha do Faial, onde ∞ **Francisco Ribeiro Luís**, *Horta, Ilha do Faial e †27.10.1837, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Francisco Ribeiro Luís e Maria Pereira Garcia. Pais de:

N.20 **Maria Laureana de Jesus** *24.11.1781, Horta (Matriz), Ilha do Faial. A 29.5.1809, Porto Alegre, ∞ **José Fernandes da Cunha**, *Gravataí (v. Manuel Fernandes da Cunha, N.4).
N.21 **José Ribeiro Luís** *Horta, Ilha do Faial e †21.2.1844, São Leopoldo. A 10.5.1807, Gravataí, ∞ **Inácia Maria de Jesus**, *Gravataí, f.ª de Francisco da Rosa Goulart e Rosa Maria da Silveira, ambos de Capelo, Ilha do Faial.
N.22 **Ana Laureana de Jesus** *Horta, Ilha do Faial. A 10.4.1809, Porto Alegre, ∞ **João Inácio da Silveira**, *Ilha do Faial, f.º de Manuel Inácio da Silveira e Maria Francisca ou Inácia Francisca. Pais de:

Bn.15 **Manuel Inácio da Silveira** *14.1.1810, Porto Alegre.
Bn.16 **José** *16.6.1811, Porto Alegre.
Bn.17 **José** b. 24.1.1814, Porto Alegre.
Bn.18 **Joaquim Inácio da Silveira** *16.6.1815, Porto Alegre, ∞ **Maria Antônia de Jesus**, *Porto Alegre (v. Antônio Caetano Tavares, F.1). C/d em Gravataí.
Bn.19 **Maria** *7.6.1817, Porto Alegre.
Bn.20 **Ana Inácia da Silveira** *25.7.1819, Porto Alegre, ∞ 1845, São Leopoldo, **Francisco de Paula Timóteo**, alferes. C/d em São Leopoldo.
Bn.22 **Luís** *7.6.1821, Porto Alegre, onde †14.6.1821.
Bn.23 **Bárbara** *10.7.1822, Porto Alegre.
Bn.24 **João Inácio da Silveira** *21.8.1826, Porto Alegre, ∞ **Jesuína Maria de Jesus**, f.ª de Antônio Goulart da Rosa e Ana Maria de Mesquita. C/d em São Leopoldo.

N.23 **Rosa Laureana de Jesus** *S. Maria Madalena, Ilha do Pico e †2.1.1839, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ 13.9.1817, Porto Alegre, **João José Maria**, *Rio Tinto, PT, f.º de Antônio José Maria e Joana Teresa de Jesus. Pais de:

Bn.24 **José Maurício de Oliveira** *10.9.1821, Porto Alegre.
Bn.25 **Joaquim José de Oliveira**
Bn.26 **Francisco José de Oliveira**

JOÃO DO COUTO MACHADO ou **JOÃO RODRIGUES DO COUTO** *14.5.1701, Biscoitos, Ilha Terceira e †16.1.1781, Taquari, f.º de Manuel Rodrigues Couto e Francisca Machado. A 11.6.1725, Biscoitos, ∞ **INÊS DO ESPÍRITO SANTO**, *4.2.1707, Biscoitos, Ilha Terceira e †10.1800, Taquari, f.ª de Manuel Cardoso Jorge e Bárbara Gonçalves. Pais de:

F.1 **Francisco do Couto Machado** *Biscoitos, Ilha Terceira, ∞ **Maria de São Francisco**, *Ribeira Seca, Ilha de São Jorge (v. José Machado de Sequeira, F.1). C/d em Rio Pardo, Taquari e Santo Amaro do Sul.

F.2 **André Machado Álvares** ou **André do Couto Machado** *Biscoitos, Ilha Terceira. A 2.8.1773, Taquari, ∞ **Ana Maria de São Francisco** (v. Caetano Garcia Fagundes, F.2). Pais de:

N.1 **Angélica Maria do Rosário** *2.11.1774, Taquari, onde a 21.6.1793 ∞ (1x) **Mariano Lemes do Prado**, e a 1º.6.1796, Triunfo ∞ (2x) **Sebastião José de Carvalho**.

N.2 **José** *28.9.1776, Taquari.

N.3 **Antônia Maria de Jesus** *28.7.1779, Taquari. A 8.12.1802, Porto Alegre, ∞ **Francisco Rodrigues**, *26.3.1780, Porto Alegre, onde †5.12.1804, f.º de Pedro Rodrigues e Máxima Ribeiro. Pais de:

Bn.1 **Manuel** *11.3.1803, Porto Alegre.

Bn.2 **Maria** *6.5.1804, Porto Alegre.

N.4 **Francisco Machado Alves** ou **Francisco Machado Álvares** *10.1.1782, Porto Alegre, ∞ **Margarida de Aranda**, *Rio Pardo, f.ª de Tomé Cardoso de Sene e Gertrudes de Aranda. Pais de:

Bn.3 **Clarinda** *1º.7.1803, Porto Alegre, onde †11.2.1804.

Bn.4 **Francisco** *15.11.1804, Porto Alegre.

Bn.5 **Estevão José Rodrigues** *2.8.1806, Porto Alegre, onde a 8.3.1842 ∞ **Antônia Teixeira Madeira**.

Bn.6 **João** *14.8.1808, Porto Alegre.

Bn.7 **Teodora** *12.9.1815, Porto Alegre, onde †22.9.1815.

Bn.8 **José** *24.10.1816, Porto Alegre.

Bn.9 **Maria** *2.1.1820, Porto Alegre.

Bn.10 **Maria** *29.5.1821, Porto Alegre.

Bn.11 **Joaquina** *28.9.1822, Porto Alegre.

N.5 **Prudência Maria de Jesus** *Taquari, a 14.8.1809, Porto Alegre, ∞ (1x) **Jerônimo Rodrigues de Azevedo** (v. Antônio Machado Neto, N.11), ∞ (2x) **Manuel José da Câmara** (v. José da Câmara de Sá, F.2).

N.6 **Manuel Machado Álvares** *Taquari. A 9.5.1807, Porto Alegre, ∞ **Escolástica Álvares** ou **Escolástica Maria do Nascimento** (v. André Martins, Bn.5). Pais de:

Bn.12 **Flora Maria do Nascimento** *16.5.1809, Porto Alegre, onde a 6.6.1828 (1x) **Manuel Inácio de Oliveira** (v. Bartolomeu Cardoso, Tn.1 e José de Oliveira, Bn.28).

Bn.13 **Antônia Maria do Nascimento** *7.5.1811, Porto Alegre, onde a 24.5.1825 ∞ **Joaquim Barbosa**, *N. Sra. da Conceição, bispado de SP, f.º de Luís Barbosa e Maria da Conceição.

Bn.14 **Maria do Rosário**, *Porto Alegre, onde a 13.5.1833 ∞ **Domingos José de Oliveira** (v. Bartolomeu Cardoso, Tn.2 e José de Oliveira, Bn.29).

N.7 **Cândida Maria de São Francisco** *Taquari. A 14.10.1805, Porto Alegre, **Manuel Antônio de Moraes** (v. Jorge Teixeira de Melo, N.11).

F.3 **Antônio do Couto Machado** *Biscoitos, Ilha Terceira, ∞ 16.9.1764, Triunfo, (1x) **Ana Rosa de Jesus**, *Calheta, Ilha de São Jorge, f.ª de André Pereira de Matos (v. este nome) e Maria de São José, ∞ (2x) a 9.5.1788, Viamão, **Prudência Moreira Lopes**, *20.5.1767, Viamão, f.ª de Manuel Brás Lopes e Francisca Moreira.

JOÃO FRANCISCO DE SOUZA *Ilha de São Miguel, f.º de Antônio de Souza e Maria de Faria, ∞ **ANA FRANCISCA**, *Rio de Janeiro/RJ, f.ª de Castro Coelho e Maria Rodrigues ou Maria da Silva, ambos de Parati/RJ. Pais de:

F.1 **Vicente** *25.11.1793, Porto Alegre.
F.2 **Constância Maria de Jesus** *26.2.1796, Porto Alegre, ∞ 12.1.1810, Estreito, São José do Norte, **Antônio José Viana**, *Viana do Castelo (Santa Maria Maior), PT, viúvo de Joaquina Rosa de Jesus, f.º de Antônio dos Santos e Ana Maria.

JOÃO FRANCISCO PEREIRA *Lajes do Pico, Ilha do Pico, f.º de Francisco Pereira Tomás e Isabel de Oliveira, onde ∞ **JOSEFA DE JESUS**, ali *. O casal não imigrou para o Brasil, ao menos três de seus sete filhos:

F.1 **Leonarda Francisca de Jesus** *22.2.1733, São João, Ilha do Pico e †24.6.1783, Porto Alegre, ∞ **Alberto Soares Henriques**, *1729, Colônia, Uruguai, f.º de Timóteo Soares Henriques e Maria de Assunção. Pais de:
N.1 **Maria** *12.8.1757, Rio Grande.
N.2 **Maria Francisca** b. 31.10.1758, Rio Grande, ∞ 16.5.1773, Rio Pardo, **João dos Santos da Silva**.
N.3 **Francisca** *1759 e †7.12.1766, Viamão.
N.4 **José Soares Henriques** *26.12.1761, fortaleza de São Miguel, Rio Grande e talvez seja o mesmo José Soares que †28.6.1804, com 48 anos, casado, em Porto Alegre, ∞ 11.9.1792, Porto Alegre, **Ana Maria da Luz**, *25.7.1773, Viamão, f.ª de Simão Pereira da Luz e Catarina Bernarda de Jesus. Pais de:
Bn.1 **João** *9.12.1793, Porto Alegre.
Bn.2 **Felicidade** *3.9.1799, Porto Alegre.
Bn.3 **Eulália Maria Soares** *8.3.1802, Porto Alegre, ∞ 17.11.1816, Osório, **André Luís Alves Pereira**, *3.2.1796, Florianópolis/SC (Conceição da Lagoa), f.º de Antônio José Álvares e Luzia Clara da Conceição. André foi o patriarca da família Alves Pereira, antepassados dos genealogistas Isete Maria Koliver, Luiz Antônio Alves e Marco Antônio Velho Pereira.
N.5 **Joaquim** *20.12.1762, Rio Grande.
N.6 **Joaquim Soares Henriques** b. 21.9.1765, Gravataí, ∞ **Isidora Rosa do Nascimento**, *1763, São José/SC, f.ª de Luís da Silveira e Maria Rosa.
N.7 **Joana Margarida de Jesus** *2.9.1767, Viamão, ∞ 21.6.1780, Porto Alegre (1x) **Manuel de Souza Porto**, * bispado do Porto, PT, f.º de Antônio de Souza. Joana ∞ 26.1.1799, Porto Alegre (2x) **Inácio Antônio dos Santos** (v. Antônio Garcia dos Santos, F.10).
F.2 **José Francisco Pereira** *14.2.1736, Lajes, Ilha do Pico e †22.7.1819, São José do Norte, ∞ **Florência Antônia da Conceição**, b. 1.8.1750, Rio Grande, f.ª de Manuel Antônio da Fonseca e Josefa da Conceição. C/d em Mostardas e Viamão.
F.3 **Antônia Maria de Jesus** *28.11.1740, São João, Ilha do Pico e †21.5.1801, Porto Alegre, de *febre nervosa*, ∞ 17.10.1756, Rio Grande, **Antônio Francisco da Silveira** (v. este nome).

JOÃO INÁCIO COELHO (**DOS PASSOS**), doutor, *1740, Vila da Praia, Ilha Terceira e †21.1.1810, Porto Alegre, com 70 anos, f.º de Bárbara Inácia. A 15.10.1755, Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira, ∞ **ANTÔNIA VICÊNCIA JOAQUINA** (**DA SILVA**), dona, *Angra do Heroísmo (Santa Luzia), Ilha Terceira, f.º de André da Silva e Maria Vicência. Pais de:

F.1 **Aldina Bernarda da Silva** *Ilha Terceira, ∞ **Manuel Antônio de Albuquerque**, *Curitiba/PR, f.º de Salvador de Albuquerque e Rita Rodrigues Antunes. Pais de:
N.1 **Georgiana Maria da Silva** *27.6.1810, Porto Alegre, onde a 10.10.1827 ∞ **Dionísio Antônio de Oliveira** (v. Francisco José Flores, N.72).
N.2 **Maximiano** *1.9.1812, Porto Alegre, onde †1.3.1813.
N.3 **José** *14.9.1815, Porto Alegre.
F.2 **João Jacinto da Silva** *Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, ∞ 14.8.1791, Estreito, São José do Norte, **Eugênia Maria da Encarnação**, ali *, f.ª de Luís Antônio da Rosa e Narcisa Maria da Encarnação.
F.3 **Joaquina Narcisa** *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, ∞ 6.2.1811, Triunfo, **Francisco Gil da Silveira**, Florianópolis/SC, f.º de Carlos da Cunha Silveira e Maria de Santo Antônio, ambos da Ilha Graciosa.
F.4 **Maria Madalena da Silva** *Angra do Heroísmo (Sé), ∞ 3.11.1810, Porto Alegre, **João José Nogueira**, *Cotia/SP, viúvo de Francisca Maria da Conceição, f.º de Agostinho de Andrade Nogueira e Rosa Maria Domingues.
F.5 **Genoveva Máxima da Silva** *Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, ∞ 25.11.1811, Porto Alegre, **Manuel de Almeida Cardoso** (v. Inácio Antônio Cardoso, F.2).

JOÃO INÁCIO DA COSTA (I) *20.11.1756, Horta (Conceição), Ilha do Faial e †24.10.1827, Porto Alegre, f.º de Antônio da Costa e Teresa da Boa Nova, ∞ (1x) **CATARINA ANTÔNIA DE SANTA RITA**, *6.3.1760, Horta (Conceição), Ilha do Faial e †14.1.1809, Porto Alegre, f.ª de Manuel Pereira da Terra ou Manuel Pereira Galinha, da Horta, Ilha do Faial, e Maria Jacinta, de Cedros, Ilha do Faial e †26.9.1804, Porto Alegre, com mais de 80 anos, viúva - citados em Antônio José da Silva Flores. João a 30.4.1810, Porto Alegre, ∞ (2x) **FELÍCIA ROSA DE JESUS**, *Ilha do Faial e †26.7.1843, Porto Alegre, f.ª de José Furtado da Terra e Isabel Rosa de Jesus. Catarina ao falecer deixou uma morada de casas de pedra com tijolos e seu sótão, sitas na rua do Cotovelo (atual Riachuelo), em Porto Alegre. João deve ser o mesmo que residia na rua da Ponte em Porto Alegre em 1822 (FRANCO, 2000, p. 40).
Houve do 1º casamento os filhos:

F.1 **João** *13.11.1778, Horta (Conceição), Ilha do Faial, onde †25.7.1783.
F.2 **Francisco** *30.1.1781, Horta (Conceição), Ilha do Faial, onde †25.4.1783.
F.3 **Jacinta Mariana da Costa** ou **Jacinta Rosa de Jesus** *21.11.1782, Horta (Conceição), Ilha do Faial. A 29.7.1797, Porto Alegre, ∞ **Vicente Pereira do Nascimento** (v. João Pereira dos Santos, F.2).
F.4 **Francisca** *10.10.1784, Horta (Conceição), Ilha do Faial e † antes de 1801.

F.5 **Antônio Inácio da Costa** *pv. 1785, Magé/RJ e †28.4.1843, Taquari. A 1.5.1811, Porto Alegre, ∞ **Ana Teresa de Jesus**, *5.6.1790, Pedro Miguel, Ilha do Faial e †2.4.1866, Taquari, f.ª de Antônio José Ferreira (v. este nome) e Teresa da Trindade, ambos de Pedro Miguel, Ilha do Faial. Pais de:

N.1 **Jacinta** *1.12.1812, Porto Alegre, onde †14.7.1813.
N.2 **João Inácio da Costa** *12.5.1814, Porto Alegre e † entre 1843-1860.
N.3 **Felicidade Antônia da Silva** *1.12.1815, Porto Alegre e †Taquari.
N.4 **Inocência Antônia da Silva** *4.2.1818, Porto Alegre e †Taquari.
N.5 **Eleutério da Costa** *25.12.1819, Porto Alegre.
N.6 **Felisbina Antônia da Costa** *28.6.1825, Taquari e †1.3.1914, São Leopoldo. Viveu e depois a 14.11.1865, São Leopoldo, ∞ **Jean Charles Pompée Demoly,** *23.10.1807, Île d'Yeu, Vendée, Pays de Loire, França e †24.6.1866, Porto Alegre, f.º de Jean Demoly e Marie Rose Moiseau. C/d., antepassados de Diego de Leão Pufal.

F.6 **Teodora Maria da Conceição** ou **Teodora Joaquina** *Rio de Janeiro/RJ (Sé), ∞ 20.5.1799, Porto Alegre, (1x) **Manuel Rodrigues Peixoto**, *Vermoim, Vila Nova de Famalicão, Braga, PT, f.º de Manuel Rodrigues Machado e Custódia de Faria. Teodora ∞ (2x) **Manuel Henrique Pacheco** e ∞ (3x) ∞ **João José do Espírito Santo** ou **João José da Rocha**, *Rio de Janeiro/RJ, f.º de Pedro José da Rocha, de Lisboa, PT, e de Ana Joaquina de Almeida, do RJ. Do 3º casamento houve:

N.7 **José** *2.1.1815, Porto Alegre.
N.8 **João** *24.11.1816 e †23.4.1820, Porto Alegre.
N.9 **Severina do Espírito Santo** *25.9.1819, Porto Alegre.
N.10 **Francisco** b. 9.12.1821, Porto Alegre.
N.11 **Ana** *3.10.1823, Porto Alegre.
N.12 **Martiniana** *6.10.1825, Porto Alegre.

F.7 **Antônia Jacinta de Santa Rita** *Magé/RJ. A 18.5.1807, Porto Alegre, ∞ **José da Cunha dos Santos** ou **José Ferreira da Cunha Santos**, *Porto (N. Sra. da Vitória), Porto, PT, f.º de José da Cunha dos Santos e Maria Teresa de Oliveira. Pais de:

N.13 **Brígida** *10.2.1810, Porto Alegre, onde †8.12.1810.
N.14 **Bibiana** *28.5.1811, Porto Alegre.
N.15 **Antônio** *11.5.1812, Porto Alegre.
N.16 **Maria** *16.12.1813, Porto Alegre, onde †4.2.1814.
N.17 **José** *23.6.1815, Porto Alegre.
N.18 **Teodoro** *2.1.1817, Porto Alegre.
N.19 **Joaquim** (f.º de pai incógnito) *6.7.1821, Porto Alegre.

F.8 **Maria Jacinta da Costa** ou **Maria Jacinta de Santa Rita** *Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita). A 18.5.1809, Porto Alegre, ∞ (1x) **Manuel José Viana**, *Barcelos (Santa Maria Maior), Barcelos, Braga, PT, f.º de José da Costa e Josefa Peixoto. Após, Maria teve ao menos 2 filhos de pai desconhecido e outros 3 filhos com **Luís Rodrigues de Alfama** *Lisboa, Lisboa, PT, f.º de José Rodrigues Martins e Leonor da Cruz. Maria foi mãe de:

N.20 **Luísa** (f.ª do 1º casamento) *25.10.1810, Porto Alegre.
N.21 **Floriana** (f.ª ilegítima) *1.10.1820, Porto Alegre.
N.22 **Luísa** (f.ª ilegítima) *12.9.1821, Porto Alegre.
N.23 **Dorotéia** (f.ª de Luís) *17.11.1825, Porto Alegre.
N.24 **Delfina** (idem) *17.12.1826, Porto Alegre.

N.25 **Leôncio** (idem) *14.5.1830, Porto Alegre.
F.9 **Floriana Jacinta do Nascimento** ou **Floriana Angélica de Jesus** *Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita). A 10.1.1811, Porto Alegre, ∞ **Teodoro das Virgens Raposo** (v. José Raposo, F.3).
F.10 **Manuel** *21.10.1798, Porto Alegre, o qual deve ser o mesmo †10.6.1800, Porto Alegre, queimado em água, com 10 anos (sic).
F.11 **Luísa Rosa de Jesus** *20.2.1800, Porto Alegre, onde a 15.10.1814 ∞ **Vicente Ferreira Lima** (v. José Furtado da Terra, F.2).
F.12 **Francisca** *24.6.1801, Porto Alegre, onde †13.11.1801.
F.13 **Manuel** *6.8.1803, Porto Alegre, onde †17.5.1808.
Houve do 2º casamento os filhos:
F.14 **Isabel Inácia de Jesus** *24.7.1811, Porto Alegre, onde a 29.12.1831 ∞ **Tobias Antônio dos Santos Robalo**, *30.11.1805, Porto Alegre, f.º de Manuel da Silva Carvalho e Maria Plácida dos Santos.
F.15 **José** *22.10.1812, Porto Alegre, onde †7.7.1813.
F.16 **Constança Rosa de Jesus** *29.3.1814, Porto Alegre, onde a 21.5.1830 ∞ **João Batista Piemonte**, *Paris, França, f.º de François Robert Piemont e Rosaura. C/d em Porto Alegre.
F.17 **Domingos** *6.8.1815, Porto Alegre e †antes de seus pais.
F.18 **Claudina Ana de Jesus** *29.7.1817, Porto Alegre, onde a 28.11.1835 ∞ (1x) **Johannes Popp/Bopp**, *Alemanha e † antes de 26.9.1838, Porto Alegre. Pertenceu ao 28º Batalhão, tendo imigrado como *Mercenário do Imperador*, f.º de Lorenz Popp e Christina Margaretha. Claudina a 7.5.1842, Porto Alegre, ∞ (2x) **Antônio Rodrigues de Azevedo**.
F.19 **Francisco** *2.5.1819, Porto Alegre e †antes de seus pais.
F.20 **Laurinda Maria da Conceição** *18.6.1823, Porto Alegre, onde a 7.1.1843 ∞ **Antônio José Ferreira Cavalcante**, tenente, *Paraíba, f.º de Antônio José Ferreira, capitão, de Bragança, e Rosa Maria da Encarnação Cavalcante, de Paraíba. C/d em Porto Alegre.

JOÃO INÁCIO DA COSTA (II), alferes, *Feteira, Ilha do Faial, f.º de Estácio Dutra da Costa e Maria do Espírito Santo. A 2.6.1764, Rio de Janeiro/RJ (Candelária) ∞ **JOAQUINA MARIA DA CONCEIÇÃO**, *Horta (Angústias), Ilha do Faial, f.ª de Antônio da Costa Garcia e Josefa Maria. Não sabemos se João e esposa foram para Porto Alegre, mas ao menos os filhos:

F.1 **José Inácio da Costa** *1767, Rio de Janeiro/RJ (Candelária) e †24.3.1809, Porto Alegre, onde a 27.8.1800 ∞ (1x) **Mariana Cândida de Carvalho** (v. Sebastião Ferreira de Carvalho, N.2). José a 29.11.1804, Porto Alegre, ∞ (2x) **Guiomar Antônio de Oliveira Bandeira**, *19.2.1785, Rio Pardo, f.ª de Felisberto Pinto Bandeira, capitão, e Ana Clara do Espírito Santo.
Houve do 1º casamento:
N.1 **Rita** *15.12.1803, Porto Alegre, onde †9.4.1804.

Houve do 2º casamento:

N.2 **Rita Paulina de Oliveira** *25.10.1805, Porto Alegre, onde em 1828 ∞ **Francisco de Paula Nogueira de Melo e Gama**.

F.2 **Jacinto Inácio da Costa** *1781, Rio de Janeiro/RJ (Candelária) e †11.4.1821, Porto Alegre. A 9.4.1804, Porto Alegre, ∞ (1x) **Bernardina Cândida de Carvalho** (v. Sebastião Ferreira de Carvalho, N.3). Jacinto ∞ (2x) a 28.2.1808, Triunfo, **Ana Joaquina de Alencastro**, b. 6.7.1785, Triunfo e †14.5.1810, Porto Alegre, f.ª do capitão Manuel José de Alencastre, de São Paulo/SP, e Maria da Luz e Menezes, de Triunfo. Jacinto ∞ (3x) **Maurícia Godinho de Oliveira Valdez**, *29.4.1791, Rio Pardo, f.ª de Manuel Godinho Leitão de Aboim, brigadeiro, e Clara Antônia de Oliveira Pinto.

Filhos do 2º casamento:

N.3 **Antônio** *19.2.1809, Porto Alegre, onde †6.1.1810.

N.4 **Antônio** *16.4.1810, Porto Alegre.

Filhos do 3º casamento:

N.5 **Jacinto Inácio Godinho Costa** *10.11.1811, Porto Alegre. Em 1833, Rio Grande, ∞ **Maria Luísa Vieira**.

N.6 **Rafael Godinho Valdez**, alferes, *7.10.1814, Porto Alegre, onde a 17.8.1839, ∞ **Luísa Raquel Pereira Neves**, *Porto Alegre, f.ª de João Coelho Neves e Engrácia Raquel Pereira Pinto.

N.7 **Margarida Godinho de Oliveira** *31.12.1815, Porto Alegre, onde a 31.12.1832 ∞ **Vasco Fernandes Lima**, *12.8.1810, Porto Alegre, f.º de José Antônio Fernandes de Lima e Joana Margarida de Lima. C/d em Porto Alegre.

N.8 **João** *12.7.1817, Porto Alegre.

N.9 **Joaquim Inácio Godinho da Costa** *29.12.1819, Porto Alegre, ∞ 2.6.1845, Triunfo, **Ana Carolina de Freitas**, *Santo Amaro do Sul, f.ª de Inocêncio Casemiro de Freitas e Fabiana Maria do Nascimento. C/d em Triunfo.

JOÃO JOSÉ DE SOUZA (I) *Ilha de São Miguel, f.º de Antônio José de Souza e Joana Francisca, ∞ 22.6.1803, Triunfo, **EUFRÁSIA BARBOSA DA SILVA**, *Gravataí, f.ª ilegítima de Antônio Barbosa da Silva, de Rio Grande, e Ana Justa da Silva, de Triunfo. O casal teve uma filha (abaixo) em Porto Alegre e, ao menos, outros cinco em Triunfo. Pais de:

F.1 **Mariana** *22.4.1804, Porto Alegre.

JOÃO JOSÉ DE SOUZA (II) *Ilha das Flores e †14.11.1793, Porto Alegre, com testamento, solteiro, mestre de sumaca, f.º de José Francisco de Souza e Luzia Clara, † antes de 1793. Teve uma filha com **TERESA DE JESUS FORTUNATA**, solteira, que segue:

F.1 **Genoveva da Conceição** *1777, Buenos Aires, Argentina, ∞ 23.1.1796, Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita), **José Leite Pereira**, ali *, f.º do cap. Antônio Leite Pereira e Joana de Campos Sá.

JOÃO MACIEL *Urzelina, Ilha de São Jorge, f.º de Manuel Cardoso de Oliveira e Maria Maciel, ∞ **RITA MARIA DA CONCEIÇÃO**, *Candelária, Ilha do Pico ou da Ilha do Faial, f.ª de Manuel Pereira Garcia e Isabel Rodrigues. Pais de:

F.1 **Joaquina Rosa** *Florianópolis/SC, ∞ **Silvestre de Castro**, *Silvares, Guimarães, Braga, PT, f.º de João de Castro e Beatriz de Abreu. Pais de:
N.1 **Ana** *8.6.1774, Taquari.
N.2 **João** *8.7.1776, Porto Alegre.
N.3 **Josefa** *22.11.1778, Porto Alegre.
N.4 **Maria** *8.9.1780, Taquari.
F.2 **Tomásia Joaquina** b. 6.1.1771, Taquari, ∞ 17.7.1786, Santo Amaro do Sul, **José Burgeira**, *Barcelona, Espanha, f.º de Jerônimo Burgeira e Narcisa Majol.
F.3 **Bernarda de Jesus** *15.2.1773, Taquari, ∞ 16.5.1790, Santo Amaro do Sul, **João Ferreira da Cunha**, *28.6.1772, Viamão, f.º de Antônio Ferreira da Cunha e Helena do Rosário.
F.4 **Maria** *20.5.1778, Porto Alegre.

JOÃO NUNES COELHO *Fontinhas, Ilha Terceira e † antes de 1803, f.º de Silvestre Nunes e Ângela de São Francisco, ∞ 26.9.1757, Rio Grande, **JOANA ROSA DO ESPÍRITO SANTO**, *1733, Altares, Ilha Terceira e †1.4.1803, Porto Alegre, f.ª de Antônio Nunes e Águeda do Espírito Santo. Pais de:

F.1 **Manuel Nunes da Silva** *25.5.1758, Rio Grande, ∞ 9.1.1786, Porto Alegre, **Josefa Mariana** ou **Josefa Bernarda da Silva**, b. 10.4.1765, Viamão, f.ª de Vicente Cardoso da Silva, da Ilha Terceira, e Suzana Bernarda, da Ilha das Flores. Pais de:
N.1 **Serafim** *7.1.1787, Porto Alegre.
N.2 **Esméria Mariana** *23.11.1788, Gravataí, ∞ **Manuel Martins da Silva**, c/d em São Leopoldo.
F.2 **José Nunes da Silva** *25.7.1760, Rio Grande, ∞ 28.7.1795, Rio Pardo, **Maria Joaquina de Menezes**, *Rio Pardo, f.ª de Antônio Francisco de Menezes e Rosa dos Anjos.
F.3 **Vicência Joaquina da Encarnação** *15.6.1762, Rio Grande, ∞ 20.7.1791, Porto Alegre, **Inácio da Silva Nogueira**, *Santarém, PT, f.º de Nicolau da Silva Nogueira e Maria Marcelina. Vicência teve, de pai incógnito, os filhos:
N.3 **Mariana** *12.7.1775, Porto Alegre.
N.4 **Francisco** *13.5.1777, Porto Alegre.
N.5 **Manuel** *6.4.1784, Porto Alegre.
F.4 **Joaquina Mariana da Encarnação** b. 27.12.1764, Viamão e †1.8.1806, Porto Alegre, ∞ 30.10.1785, Rio Grande. **Manuel Cristóvão da Silva**, *termo de Tomar, Coimbra, PT, f.º de Manuel Cristóvão da Silva e Jacinta Maria, ambos de PT. Pais de:
N.6 **Manuel Casimiro** *3.3.1787, Porto Alegre.
F.5 **Joaquim** *15.4.1767, Viamão e † antes de 1807.
F.6 **Mariana Rosa** *1.8.1768, Viamão, ∞ 13.2.1786, Rio Pardo, **Francisco Cardoso de Barros**, *São Paulo/SP (Sé), f.º de Cipriano Cardoso de Barros Leme e Maria de Monserrate. C/d em Rio Pardo.

F.7 **João Nunes** b. 28.9.1770, Viamão, ∞ 8.8.1790, Gravataí, **Inácia Maria de Jesus**, *Porto Alegre, f.ª de Vicente Ferreira da Costa e Gertrudes Maria de Jesus.

JOÃO PEREIRA DOS SANTOS *pv. 1735, Topo, Ilha de São Jorge e †23.9.1787, com mais de 40 anos, Porto Alegre, f.º de Manuel Pereira Leal e Maria da Costa dos Santos. Foi ∞ **QUITÉRIA JOAQUINA DO NASCIMENTO**, *Rosais, Ilha de São Jorge e †24.8.1824, RS, f.ª de José Teixeira da Cunha e Mariana de Souza. Pais de:

F.1 **Moisés** *pv. 1768 e † antes de sua mãe.
F.2 **Vicente Pereira do Nascimento** *pv. 1775, Laguna/SC. A 29.7.1797, Porto Alegre, ∞ **Jacinta Mariana da Costa** (v. João Inácio da Costa, F.3). Pais de:
N.1 **Ana** *6.7.1798, Porto Alegre, onde †5.9.1798.
F.3 **Manuel Pereira dos Santos** *pv. 1775, Laguna/SC. Em 1802, Rio Grande, ∞ **Geralda Joaquina Garcia.**
F.4 **Ana Joaquina do Nascimento** *15.4.1778, Viamão. Em 1800, Rio Grande ∞ **Francisco Antônio de Medeiros**.
F.5 **Maria Joaquina do Nascimento** *15.4.1778, Viamão, ∞ **Antônio de Sá de Araújo**, *Vila Nova de Famalicão, Braga, PT, f.º de Manuel de Sá e Araújo e Maria Francisca de Araújo. C/d em Estreito e depois Porto Alegre.
F.6 **José Pereira dos Santos Norte** *27.9.1779, Viamão. Em 1804, São José do Norte ∞ **Luísa Lopes de Jesus**.
F.7 **Joaquim Pereira dos Santos** *23.4.1781, Viamão. Em 1803, Estreito, ∞ (1x) **Brígida Maria da Rocha** e, em 1808, ∞ (2x) **Maria Joaquina da Conceição**.
F.8 **Francisca Joaquina do Nascimento** *5.12.1782, Rio Grande. Foi ∞ **Francisco José Manuel José da Silva**, c/d em Estreito.
F.9 **Teresa Joaquina do Nascimento** *17.1.1785, Rio Grande, onde em 1803 ∞ **Apolinário Antônio de Medeiros**.
F.10 **Francisco** *18.1.1787, Rio Grande.

JOÃO TEIXEIRA MACHADO *23.11.1741, São Roque, Ilha do Pico e †22.5.1806, Porto Alegre, f.º de José Teixeira Machado, de Rosais, Ilha de São Jorge e †28.3.1767, Enseada de Brito, Palhoça/SC, e Luzia Silveira, de São Roque, Ilha do Pico, onde ∞ 3.11.1732, n.p. Antônio Vaz Teixeira e Maria Álvares Pereira e n.m. Antônio da Silveira Leal e Maria da Conceição. João ∞ 10.8.1763, Enseada do Brito, Palhoça/SC, **ANA MARIA DO ROSÁRIO** ou **ANA MARIA DE JESUS**, *Cedros, Ilha do Faial † depois de 1806., f.ª de Francisco Teixeira e Maria Josefa. Pais de:

F.1 **João** *1767, Enseada de Brito, Palhoça/SC.
F.2 **Manuel José Machado** *1769, Enseada de Brito, Palhoça/SC, onde a 25.11.1799 ∞ (1x) **Ana Antônia de Bittencourt**, ali * e †31.7.1811, f.ª do alferes Francisco Pereira Cabral, de Calheta, Ilha de São Jorge, e Joana Pereira da Conceição, de Enseada de Brito. Manuel ∞ (2x) **Emerenciana Rosa de Bittencourt**, *Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.ª do

alferes Manuel Vieira Fernandes, da Ilha Terceira, e Florência Rosa de Jesus ou Florência Marinho de Bittencourt, de Enseada de Brito.

Houve do 1º casamento:

N.1 **Fortunada Constância de Jesus** *Enseada de Brito, Palhoça/SC, ∞ **Elias Fernandes Vieira**, ali *1772, f.º do alferes Manuel Vieira Fernandes e Florência Marinho de Bittencourt ou Florência Rosa de Jesus, acima citados. C/d em Capela de Santana, São Leopoldo, São José do Hortêncio.

N.2 **Maria Constância de Jesus** *Enseada de Brito, Palhoça/SC, ∞ **Eleutério Martins Linhares**, ali *, f.º de José Martins Linhares e Ana do Rosário. C/d em Capela de Santana.

N.3 **Leocádia Constância de Jesus** *4.1.1805, Porto Alegre, ∞ **José Antônio da Silva**.

N.4 **Silvana** *16.7.1806, Capela de Santana.

N.5 **Felicidade Inácia de Bittencourt** *11.10.1809, Capela de Santana, ∞ **Manuel Martins do Nascimento**.

N.6 **Joana Bernardina Leopoldina** *31.7.1811, Capela de Santana, onde a 20.2.1830 ∞ **João Antônio Dutra**.

Houve do 2º casamento um filho nascido em Porto Alegre e ao menos cinco em Capela de Santana:

N.7 **João José Machado** *15.3.1815, Porto Alegre.

N.8 **Caetana** *9.4.1822, Porto Alegre.

F.3 **José Inácio Teixeira** *1770, Enseada de Brito, Palhoça/SC e †19.7.1837. A 25.2.1797, Enseada de Brito, ∞ **Severina Narcisa Cerveira** (v. Narciso Pires Cerveira, F.5). Pais de:

N.9 **Angélica Inácia Pires de Bittencourt** *4.12.1797, Porto Alegre, ∞ o capitão **Joaquim José Pereira**, *1785, Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.º de Antônio Pereira de Medeiros e Maria Francisca de Jesus. C/d em Capela de Santana.

N.10 **Severina Inácia Teixeira** *7.11.1799, Porto Alegre, onde a 15.10.1822 ∞ **José Luís Vicente da Costa**, *21.5.1788, Gravataí, f.º de Joaquim Luís Vicente da Costa e Maria Eufrásia Torres de Quintanilha, ambos de Florianópolis/SC. C/d em Porto Alegre.

N.11 **Felisberta** *25.5.1801, Porto Alegre.

N.12 **José** *12.8.1803, Porto Alegre.

N.13 **Maria José Teixeira** *15.3.1806, Porto Alegre, onde a 8.1.1832 ∞ **Baltazar Teixeira Guedes**, *São Adrião, Porto, PT, f.º de Diogo Pereira de Queirós e Joana Maria de Sampaio.

N.14 **Felisberta Teixeira de Bittencourt** *15.6.1808, Porto Alegre, ∞ o capitão **João Álvares Ferraz de Elly**, *Cachoeira do Sul, f.º de Manuel Álvares Ferraz, de PT, e Inocência Umbelina de Jesus, de Rio Pardo.

N.15 **Narcisa Inácia Teixeira** ou **Narcisa Inácia Pires de Bittencourt** *1.3.1810, Porto Alegre, onde a 27.5.1828 ∞ (1x) **Carl Gottfried von Ende**, médico, *1797, Saxônia, Alemanha e †16.2.1850, f.º de Carl Christian Guinther von Ende e Carolina Paulina. Narcisa ∞ 19.7.1850, Triunfo, (2x) **Ernst Hugo Doerr**, doutor, *Klingen, f.º de Ludwig Doerr e Wilhelmina Heurita (sic).

N.16 **Bernardina Inácia Teixeira** *20.3.1812, Porto Alegre, onde a 12.2.1831 ∞ **Inácio Venceslau de Azevedo**, *Vila Flor, Moncorvo, PT, f.º de João Caetano de Azevedo e Maria da Cruz.

N.17 **Caetana** *1.8.1814, Porto Alegre.
N.18 **Francisco** b. 4.9.1817, Capela de Santana.
N.19 **Francisco** b. 12.4.1819, Capela de Santana.

F.4 **Maria Constância de Jesus** *1772, Enseada de Brito, Palhoça/SC, onde a 7.6.1791 ∞ **Antônio de Souza Bittencourt**, ali * e † antes de 1832, f.º de Baltazar Teixeira de Souza Bittencourt, da Ilha de São Jorge, e Maria Josefa de Jesus, da Ilha Terceira. Pais de:

N.20 **Ana** *6.9.1798, Porto Alegre.
N.21 **José Antônio de Souza** *30.5.1801, Porto Alegre, onde a 12.1.1820 ∞ **Antônia Maria da Conceição** (v. Antônio de Ávila Machado, Bn.11).
N.22 **Eufrásia Bernardina de Souza** *1.10.1802, Triunfo, ∞ **João Antônio de Souza**, *Florianópolis/SC, f.º de Antônio Raposo de Carvalho, da Ilha de São Miguel, e Maira Joaquina de Bittencourt, de Florianópolis/SC.
N.23 **Israel de Souza Bittencourt**, capitão, *7.6.1809, Capela de Santana, onde a 10.8.1830 ∞ sua prima em 3º **Maria Bernardina de Bittencourt**, *Capela de Santana, f.ª de Antônio de Souza Bittencourt Carvalho e Ana Bernardina.

F.5 **Florinda Constância de Bittencourt** *1775, Enseada de Brito, Palhoça/SC, onde a 16.2.1791 ∞ **Manuel Pires Cerveira** (v. Narciso Pires Cerveira, F.3).

F.6 **Emerenciana Constância de Jesus** *1777, Enseada de Brito, Palhoça/SC, onde a 9.10.1796 ∞ **Francisco Leonardo Cardoso** (v. Inácio Antônio Cardoso, F.3).

F.7 **Antônio** *1.9.1778, Enseada de Brito, Palhoça/SC.

F.8 **Silvana** b. 21.1.1781, Enseada de Brito, Palhoça/SC.

JOAQUIM BORGES BITTENCOURT DO CANTO, capitão, *20.5.1732, Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira e † antes de 1812, f.º de Diogo Belmonte Ursua de Montojos e Luzia Josefa Bittencourt do Canto – pais também de Bibiana Josefa Bittencourt do Canto ∞ José Francisco da Silveira Casado (v. Francisco Pires Casado, F.3). Joaquim ∞ **ROSA LUÍSA DE JESUS**, *1725, São Mateus, Ilha do Pico e †19.7.1818, Porto Alegre, f.ª de José da Silva Matos e Domingas Goulart. Pais de:

F.1 **Estácio Borges Bittencourt do Canto**, capitão, b. 7.5.1757, Florianópolis/SC (Desterro) e †21.6.1822, Porto Alegre. Em Florianópolis/SC, a 21.5.1778, ∞ **Ana de Melo de Azeredo Coutinho**, *Florianópolis/SC e †25.4.1834, Porto Alegre, f.ª do capitão Miguel Gonçalves de Leão, de Cachoeira de Macacu/RJ, e Rita Maria do Espírito Santo, do Rio de Janeiro/RJ (Candelária). Pais de:

N.1 **Rita de Melo de Azeredo Coutinho** *Florianópolis/SC e †8.7.1848, Porto Alegre, ∞ 7.1.1800, Triunfo, seu primo o capitão **Manuel José Pires da Silveira Casado** (v. Francisco Pires Casado, N.8).
N.2 **Francisco Estácio Borges Bittencourt do Canto** *Florianópolis/SC e †15.1.1853, Porto Alegre, onde a 23.4.1816 ∞ sua prima **Maria Joaquina de Almeida** (v. Francisco Pires Casado, Bn.10). Em 1841 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre. Pais de:

Bn.1 **Ana** *24.9.1817, Porto Alegre, onde † antes de seu pai.
Bn.2 **Francisco** *3.8.1819, Porto Alegre, onde † antes de seu pai.
Bn.3 **Bernardo** *7.1.1821, Porto Alegre.

Bn.4 **Joaquim Estácio Borges do Nascimento** ∞ **Ana Caetana da Silva**.
Bn.5 **Francisca Joaquina**
Bn.6 **João Estácio Borges do Nascimento**
Bn.7 **José Estácio Borges**
Bn.8 **Luísa Joaquina da Silveira**

N.3 **Joaquim Estácio Borges Bittencourt do Canto** *Florianópolis/SC e †1.12.1863, RS, ∞ **Maria Aldina de Azambuja Cidade**, *10.3.1793, Triunfo, f.ª de Francisco José Cidade, de Florianópolis/SC, e Helena do Nascimento de Azambuja, de Triunfo. C/d em Porto Alegre e Tapes. Joaquim teve, em Porto Alegre, de mãe incógnita:

Bn.9 **Carlota** *2.3.1818, Porto Alegre.

N.4 **Maria de Mello Azevedo** ou **Maria Benedita de Azeredo Coutinho** *Florianópolis/SC, ∞ 7.1.1811, Porto Alegre, **João José Marques de Souza**, *Colônia, Uruguai, f.º de Antônio Marques de Souza e Eugênia Joaquina dos Santos.

N.5 **José** †20.10.1802, com 6 dias, Triunfo.

F.2 **José Francisco do Canto** b. 8.10.1758, Florianópolis/SC (Desterro) e †1.7.1838, na localidade de Cabeçuda, Laguna/SC, ∞ 29.9.1830, Laguna/SC, **Luísa Rosa de Jesus**. Sem filhos.
F.3 **Policena** b. 6.4.1760, Florianópolis/SC (Desterro).
F.4 **Francisco** b. 30.6.1762, Florianópolis/SC (Desterro).
F.5 **Francisca de Montojos Bittencourt do Canto** b. 24.9.1763, Florianópolis/SC (Desterro), ∞ o capitão **João Martins dos Santos**, *Feteira, Ilha do Faial e †12.2.1812, talvez no RS, pois seu inventário foi autuado em Porto Alegre, f.º de André Machado e Maria Santa. Sem filhos.
F.6 **Antônio** b. 22.6.1765, Florianópolis/SC (Desterro).

JOAQUIM BRUNO LABRUGE *Lisboa (N. Sra. dos Mártires), Lisboa, PT e †1.12.1805, Porto Alegre, f.º de Manuel Fernandes Labruge e Feliciana Maria da Conceição, ∞ (1x) **RITA MARIANA DE JESUS**, *Ilha do Pico e †16.8.1796, Porto Alegre. Joaquim ∞ 23.6.1799, Porto Alegre, (2x) **GERALDA MARIA DE JESUS**, *Porto Alegre e †16.2.1821, com inventário autuado em Porto Alegre (∞ 1x Valério José da Costa Machado, v. este nome), f.ª de Joaquim José Pinto e Maria Jacinta de Jesus.
Houve do 1º casamento:

F.1 **Margarida Perpétua de Jesus** *Rio de Janeiro/RJ, ∞ 11.2.1792, Porto Alegre, **Teodoro de Brito Freire**, *Rio de Janeiro/RJ (São José), f.º de Inácio de Brito Freire e Inácia Maria Pegado. Teodoro estava ausente em 1805 nos domínios da Espanha.
F.2 **Joaquina Felizarda** *1776, Rio de Janeiro/RJ e †13.12.1812, Porto Alegre, onde a 7.6.1801, **Januário José de Miranda**, *São Francisco do Sul/SC, f.º do capitão Amaro de Miranda Coutinho, de Paranaguá/PR, e Margarida Tavares de Siqueira, de São Francisco do Sul/SC. Januário ∞ 2x Maria Máxima de Oliveira (v. Manuel de Ávila Machado, N.20). Pais de:

N.1 **Rita** *18.10.1802, Porto Alegre, onde †9.3.1803.
N.2 **Bernardina** *3.3.1804, Porto Alegre.
N.3 **Prudência** *8.12.1805, Porto Alegre.
N.4 **Maria** *30.6.1808, Porto Alegre.

N.5 **Januário José de Miranda** *7.8.1811, Porto Alegre, ∞ **Maria Joaquina Pacheco**. C/d em Cachoeira do Sul.
N.6 **Francisco** *28.9.1812, Porto Alegre, onde †30.9.1812.
F.3 **Maria Alexandrina do Amor Divino** *pv. 1777, Rio de Janeiro/RJ, ∞ 7.8.1799, Porto Alegre, **Manuel José de Oliveira Guimarães**, *Arões, Fafe, Braga, PT, f.º de Manuel de Oliveira e Catarina da Silva. Pais de:
N.7 **João** *5.9.1801, Porto Alegre.
N.8 **Eufrásia** *8.12.1804, Porto Alegre.
N.9 **Bernardina** *5.6.1807, Porto Alegre.
N.10 **Claudina** *7.4.1809, Porto Alegre.
N.11 **Bernardina** *8.5.1812, Porto Alegre.
Houve do 2º casamento:
F.4 **Joaquim Labruge** *11.3.1801, Porto Alegre, onde †3.7.1801.

JOAQUIM COELHO DE SOUZA ou **JOAQUIM PAIM COELHO DE SOUZA** *12.12.1781, São Bartolomeu dos Regatos, Ilha Terceira e †1.6.1852, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º do alferes José Bernardo Coelho de Souza e Mariana Bernarda Laura Benedita – pais de outros filhos açorianos, radicados em Gravataí. Joaquim ∞ 28.9.1802, Laguna/SC, **ROSA TEODORA DO CARMO**, *Laguna/SC, f.ª de Joaquim dos Santos Roxo, da cidade do Porto (São Nicolau), PT, e Mariana Pereira da Silva, de Laguna/SC. Pais de:

F.1 **Rosa** *4.7.1805, Gravataí, a qual não figura no inventário paterno.
F.2 **Felisberto José Paim** *15.12.1812, Gravataí, onde ∞ **Maria Rosa Nunes**, ali c/d.
F.3 **Joaquim Honorato Paim** *18.3.1816, Porto Alegre.
F.4 **Pedro de Alcântara Paim** *19.10.1818, Porto Alegre, o qual não figura no inventário paterno.
F.5 **Antônio** *14.9.1820, Porto Alegre, o qual não figura no inventário paterno.
F.6 **Leopoldina Maria Seria** *Gravataí, onde ∞ seu sobrinho **Januário Gomes Paim**, abaixo citado.
F.7 **Pedro José Paim** *1822, Gravataí, onde †29.1.1872, ∞ **Maria Francisca de Jesus**, ali c/d.
F.8 **Damaso José Paim** *Gravataí, onde ∞ **Albina Maria Alves**, ali c/d.
F.9 **José Gomes Paim** † antes de seu pai, ∞ **Maria Inácia de Jesus**. Pais de:
N.1 **Januário Gomes Paim** ∞ sua tia **Leopoldina Maria Seria**, acima citada.
F.10 **Maria** *16.10.1825, Porto Alegre.

JOAQUIM FRANCISCO RAMOS *Ilha do Faial, f.º de Amaro Silveira e Brígida da Conceição, ∞ (1x) **MARIA JOSEFA DA CONCEIÇÃO** ou **MARIA ROSA DA CONCEIÇÃO**, *1763, Ilha do Pico e †14.7.1816, Porto Alegre, f.ª de José Garcia da Rosa, de Pedro Miguel, Ilha do Faial, e Maria Josefa da Conceição, da Piedade, Ilha do Pico – estabelecidos em Enseada de Brito, Palhoça/SC. Joaquim ∞ 11.2.1817, Porto Alegre, (2x) **FELÍCIA NARCISA DE JESUS** ou **FELÍCIA LUÍSA DE JESUS**, *Horta (Conceição), Ilha do Faial, viúva de Antônio José Vieira (v. este nome), f.ª de Antônio José de Andrade e Ana Felícia. Houve do 1º casamento:

F.1 **Joaquina Maria da Conceição** *Laguna/SC, ∞ 28.11.1804, Santo Amaro do Sul, **Manuel da Silva Maia**, *Sorocaba/SP, f.º de Manuel da Silva Maia e Gertrudes Domingues.
F.2 **Manuel Francisco Ramos** *Laguna/SC, ∞ 15.2.1817, Porto Alegre, (1x) **Maria Constança de Jesus**, *Gravataí e †Gravataí, f.ª de José de Vargas de Andrade e Jacinta Rosa de Jesus, ambos da Ilha do Faial. Manuel ∞ 13.7.1837, Porto Alegre, (2x) **Florinda dos Santos**, *Florianópolis/SC, f.ª de Laureano José dos Santos e Rosa Jacinta de Vargas.
F.3 **João** *23.9.1798, Santo Amaro do Sul.
F.4 **Angélica Maria da Conceição**, *12.1.1801, Santo Amaro do Sul, ∞ 13.11.1813, Porto Alegre, **Manuel Joaquim Teixeira** ou **Manuel Joaquim do Nascimento** ou **Manuel Francisco Teixeira** (v. Manuel Teixeira Afonso, F.11).

JOAQUIM GONÇALVES DOS SANTOS *Rio de Janeiro/RJ, ∞ **MARIA DA SILVA**, *Ilha Graciosa ou Ilha Grande/RJ e †4.9.1810, Porto Alegre, com 28 anos. Pais de:

F.1 **Joaquim** *1808 e †11.8.1810, Porto Alegre.
F.2 **Ana** *18.7.1810, Porto Alegre, onde †26.10.1810.

JOAQUIM JOSÉ CORRÊA DE BITTENCOURT, tenente, *Açores ou Madeira, f.º de Manuel Joaquim de Bittencourt e D. Feliciana Antônia de Moraes, ambos da Madeira, ∞ Dona **MARIA EMÍLIA DE BITTENCOURT**, *Açores ou Madeira, f.ª de Francisco Xavier do Socorro e D. Margarida das Mercês, ambos da Madeira. Pais de:

F.1 **Júlia** †25.2.1813, com 2 anos, em Porto Alegre.
F.2 **Antônio** *10.7.1814, Porto Alegre.
F.3 **Júlia** †7.11.1817, com 1 ano, Porto Alegre.
F.4 **Rosaura** *27.7.1817, Porto Alegre.

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA *Ilha Graciosa, f.º de Valentim Sodré de Vasconcelos e Maria Rosa, ∞ **MARIA ROSA JOAQUINA**, *Ilha Graciosa, f.ª de Bartolomeu José de Espíndola e Bárbara de Jesus. Pais de:

F.1 **Maria Rosa de Jesus** *Luz, Ilha Graciosa, ∞ 4.10.1819, Santo Antônio da Patrulha, **Manuel Alves da Silva**, c/d ali.
F.2 **Mariano Joaquim de Menezes** *Ilha Graciosa, ∞ (1x) 25.12.1831, São Leopoldo, **Maria Angélica da Conceição** e, após, a 23.6.1853, São Leopoldo (2x) **Emerenciana Maria da Conceição**.
F.3 **Antônio Joaquim da Silva** *Ilha Graciosa, ∞ 12.7.1847, São Leopoldo, **Cândida Maria da Conceição**.
F.4 **Francisca** *13.9.1818, Porto Alegre.
F.5 **Manuel Joaquim da Silva** *12.12.1820, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 29.5.1847, São Leopoldo, **Rita Luísa da Conceição**.
F.6 **Amaro José da Silva** *Santo Antônio da Patrulha, onde a 3.4.1851 ∞ **Maria Ana da Conceição**.

JOAQUIM JOSÉ DE AZEVEDO ou **JOAQUIM JOSÉ DE ANDRADE** *Biscoitos, Ilha Terceira, f.º de Lourenço José de Andrade e Mariana da Anunciação, ∞ 11.6.1792, Taquari, **CLARA MARIA DE JESUS**, *27.11.1778, Taquari, f.ª de Francisco da Costa Leite, da Ilha de Santa Maria, e Rita Maria da Conceição da Ilha de São Jorge. O casal residia em Taquari, onde teve outros filhos, mas em Porto Alegre ao menos nasceu um deles:

F.1 **Joaquina** *11.7.1815, Porto Alegre.

JOAQUIM JOSÉ RODRIGUES *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, f.º de Antônio Rodrigues e Isabel Maria, ∞ (1x) **CLARA MARIANA**, *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira. Joaquim ∞ 4.2.1811, Triunfo, (2x) **ANA GONÇALVES DA SILVA**, *Santo Amaro do Sul, viúva de Bernardo José Nogueira, f.ª de Francisco Gonçalves da Silva, de Lisboa, PT, e Francisca Antônia das Chagas ou Josefa Maria, do Rio de Janeiro/RJ.
Houve do 1º casamento:

F.1 **José Rodrigues de Santana** *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, ∞ 11.6.1810, Porto Alegre, **Ana Felisberta de Castro**, *1.4.1789, Porto Alegre, f.ª de André Lopes de Castro e Rosaura Bernarda Ferreira Porto.
Houve do 2º casamento:
F.2 **Manuel** *1.1.1813, Porto Alegre, onde †7.7.1813.
F.3 **Clara** *12.8.1817, Porto Alegre.

JOAQUIM VERÍSSIMO VAZ *Ilha Terceira, com inventário autuado em Porto Alegre, viúvo, f.º de José Martins Vaz e Caetana Rosa, ∞ **RITA FELICIANA DA CONCEIÇÃO** ou **RITA ARCANJA DA CONCEIÇÃO**, *Ilha do Faial, f.ª de Manuel Inácio de Souza e Arcângela Luísa. Pais de:

F.1 **Claudiana Joaquina do Nascimento**, *1796, Rio de Janeiro/RJ e †2.6.1840, Porto Alegre, onde a 3.6.1809 ∞ **Antônio José da Costa** (v. Cosme Leal, Bn.17).
F.2 **José** *24.12.1797, Porto Alegre, onde †26.12.1802.
F.3 **Leocádia Joaquina da Costa** *5.3.1800, Porto Alegre.
F.4 **Joaquina Maria Flora da Costa** *26.10.1802, Porto Alegre.
F.5 **Joaquim Vieira Veríssimo Vaz** *22.11.1806, Porto Alegre, ∞ 13.12.1832, Alegrete, **Leonor Maria dos Santos**, *Rio Pardo, f.ª de Inácio de Almeida Lara e Angélica Maria dos Santos.
F.6 **José** *15.9.1810, Porto Alegre.
F.7 **João** *26.12.1812, Porto Alegre.
F.8 **Lina Flora da Costa** *28.12.1814, Porto Alegre.

JORGE TEIXEIRA DE MELO *pv. 1695, Norte Grande, Ilha de São Jorge e †17.3.1767, Triunfo. Na Ilha de São Jorge onde ∞ **CATARINA MACHADO**, *pv. de 1700, Norte Grande, Ilha de São Jorge e †6.4.1772, Triunfo. Pais de:

F.1 **Manuel Teixeira de Mello** ou **Manuel Machado Teixeira** *9.2.1725, Norte Grande, Ilha de São Jorge e †RS. A 26.4.1751, Norte Grande, ∞ **Bárbara de Santo Antônio**, *24.8.1725, Norte Grande, f.ª de Silvestre Vieira e Teresa de Jesus. C/d em Rio Grande e no sul do RS.
F.2 **Miguel Teixeira de Carvalho** *1725, Norte Grande, Ilha de São Jorge e †20.8.1802, Taquari. Foi ∞ **Maria da Conceição**, *30.11.1732, Madalena, Ilha do Pico, f.ª de Antônio Ferreira e Isabel Garcia. C/d em Triunfo (FABRÍCIO, 1947, p. 333) e citados em Francisco Pereira Fraga, F.2; Manuel Machado Leão, N.1, N.6 e N.9 e Francisco Pereira Fraga, F.3).
F.3 **Rita Maria da Conceição** *1737, Norte Grande, Ilha de São Jorge e †7.5.1803, Triunfo. Foi ∞ (1x) **Francisco Pinto Cezimbra**, *1726, Sesimbra, Setúbal, PT e †1.10.1766, Triunfo, f.º de Francisco Pinto e Maria Rodrigues. Rita a 10.4.1768, Triunfo, ∞ (2x) **José de Souza**, *Ilha de São Jorge, f.º de Manuel de Souza e Ana de Jesus. C/d em Triunfo.
F.4 **José de Souza Machado** *1.6.1735, Norte Grande, Ilha de São Jorge e † antes de 1785. Foi ∞ **Ana Maria**, *Topo, Ilha de São Jorge, f.ª de Lourenço Teixeira Machado e Luzia Gonçalves. Com filhos em Laguna, Rio Grande e depois Estreito.
F.5 **Bartolomeu Antônio de Moraes** *18.8.1739, Norte Grande, Ilha de São Jorge e †26.7.1792, Porto Alegre. A 1.6.1761, Rio Grande, ∞ **Eusébia Joaquina da Silva**, b. 12.3.1749, Rio Grande e †2.5.1799, Porto Alegre, de quebradura, f.ª de Francisco da Silva Coutinho, soldado Dragão, do Rio de Janeiro/RJ (Candelária) e Maria de Assumpção, da Colônia, Uruguai. Pais de:

N.1 **Maria** *14.4.1762, Rio Grande.

N.2 **Caetano Antônio de Moraes** *1763 no acampamento São Caetano ao norte de Rio Grande e †21.1.1850, São Leopoldo. A 26.4.1786, Porto Alegre, ∞ (1x) **Inácia Teresa da Cunha**, *1765, Santo Ângelo e †23.7.1817, Porto Alegre (v. José da Rosa, N.7). Caetano ∞ (2x) **Polucena Joaquina de Jesus**, *Gravataí, f.ª de Antônio de Vargas Escobar, da Horta, Ilha do Faial, e de Rita Joaquina de Jesus, de Salvador/BA. Caetano e Polucena são citados em Manuel Furtado da Terra, Bn.1 e Bn.3 e Matias Garcia da Rosa, F.2.

Filhos do 1º casamento:

Bn.1 **Inácio Antônio de Moraes** *20.12.1786, Porto Alegre e †18.12.1856, São Leopoldo. A 14.6.1810, Porto Alegre, ∞ **Maria Inácia de Jesus**, *Gravataí, f.ª de Francisco Antônio de Jesus e Ana Jacinta. Pais de:

Tn.1 **Caetano** *19.12.1814, Porto Alegre.

Tn.2 **José** *18.9.1821, Porto Alegre.

Bn.2 **Teresa Inácia de Moraes** *1.12.1788, Porto Alegre, onde a 7.4.1832 ∞ **José Antônio de Souza Mattos**, *Esperança (São Bartolomeu), Póvoa de Lanhoso, Braga, PT, f.º de Francisco Xavier de Mattos e Antônia Joana da Silva.

Bn.3 **Leocádia Joaquina de Morais** *5.6.1790, Porto Alegre. Com filhos em 1822 em Capela de Santana.

Bn.4 **Eufrásia** *15.7.1792, Porto Alegre.

Bn.5 **José** *20.10.1793, Porto Alegre.

Bn.6 **José** *2.5.1797, Porto Alegre, onde †22.2.1798.

Bn.7 **Eufrásia** *25.1.1799, Porto Alegre.

Bn.8 **Eufrásia** *13.9.1800, Porto Alegre, onde †30.5.1801, de bexigas.

Bn.9 **Rita** *8.10.1802, Porto Alegre, onde †16.10.1802.

Bn.10 **Rita** *17.9.1803, Porto Alegre, onde †8.11.1806.
Bn.11 **José** *1.6.1806, Porto Alegre.
Bn.12 **Caetano Antônio de Moraes Cunha** *20.1.1809, Porto Alegre, tenente, ∞ **Isabel Maria da Conceição**, *Gravataí. C/d em São Leopoldo.

Filhos do 2º casamento: foram no mínimo dez filhos, nascidos em São Leopoldo de 1821-1849.

N.3 **Francisca** *21.3.1765, Estreito.
N.4 **João** *7.12.1768, Estreito.
N.5 **José Antunes** b. 1.7.1770, Porto Alegre. Em 12.11.1808, Arroio Grande, ∞ **Francisca Maria**, *9.10.1792, Porto Alegre, f.ª de Luís Pinto Teixeira e Emerenciana da Conceição.
N.6 **Felipe** *23.8.1777, Porto Alegre.
N.7 **Ana Maria da Silva** *21.10.1779, Porto Alegre. A 6.5.1800, Laguna/SC, ∞ **Florêncio Antônio da Silva** Câmara, *pv. 1775, Cananeia/SP, f.º do capitão Agostinho Rodrigues da Silva e Leonarda Maria Gago da Câmara. Pais de:

Bn.13 **Feliciana** *1799 (sic) e †10.8.1803, Porto Alegre.
Bn.14 **José da Silva Câmara** *10.8.1803, Porto Alegre.
Bn.15 **Florêncio da Silva Câmara** *30.5.1805, Porto Alegre.
Bn.16 **Agostinho Rodrigues da Silva Câmara** *23.9.1808, Gravataí.
Bn.17 **João Antônio da Silva Câmara** *30.7.1809, Gravataí
Bn.18 **Antônio da Silva Câmara**, *21.10.1810, Porto Alegre, ∞ 21.11.1835, Capela de Santana, **Leonor Constança do Nascimento**, ali *, f.ª de José Pio do Nascimento e Ana Rosa de Souza, ambos de São José/SC.
Bn.19 **Leonarda Maria Gago da Câmara** *23.9.1812, Gravataí.
Bn.20 **Maria das Dores Gaga da Câmara** *18.10.1814, Gravataí.
Bn.21 **Ana Maria das Dores** b. 11.1.1817, Capela de Santana.
Bn.22 **Mariano da Silva Câmara** *15.11.1818, Capela de Santana.
Bn.23 **Manuel da Silva Câmara** b. 15.11.1820, Capela de Santana.
Bn.24 **Joaquina da Silva Câmara** b. 14.7.1822, Capela de Santana.

N.8 **Maria** *2.4.1782, Porto Alegre, onde †7.6.1782.
N.9 **João** *11.10.1787, Porto Alegre.
N.10 **Manuel** *11.10.1787.
N.11 **Manuel Antônio de Moraes** *13.11.1788, Porto Alegre e †1.7.1859, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 14.10.1805 ∞ (1x) **Cândida Maria de São Francisco** (v. João do Couto Machado, N.7). Manuel ∞ (2x) **Justiniana Bella**.

Houve do 1º casamento:

Bn.25 **José** *25.7.1806, Porto Alegre, onde †9.10.1807.
Bn.26 **Joaquim** *28.7.1808, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.27 **Pedro Antônio de Morais** *4.2.1814, Porto Alegre e † antes de seu pai. Em Porto Alegre, a 25.7.1831, ∞ **Damiana Cláudia de Jesus** (v. José Rodrigues Peixoto, Bn.11). Pais de:

Tn.3 **Generosa Cláudia de Moraes**
Tn.4 **Rita Antônio de Moraes ∞ João Maria Marins Nogueira**.

Houve do 2º casamento:

Bn.28 **Manuel Antônio de Moraes Júnior**

Bn.29 **José Maria de Moraes**
Bn.30 **Manuel Paulino** ou **Paulino Manuel Antônio de Moraes**
Bn.31 **Rafaela Bella de Moraes**
N.12 **José** *23.3.1791, Porto Alegre.
N.13 **Alexandre Antônio de Moraes** *Porto Alegre, onde a 30.12.1829 ∞ **Bárbara da Silveira**, *Osório, f.ª de Manuel da Silveira e Souza e Desidéria Rosa de Jesus.
F.6 **João Teixeira Machado** *Norte Grande, Ilha de São Jorge, foi ∞ **Ana Maria de Jesus**, *Norte Grande, Ilha de São Jorge, f.ª de João Teixeira Gonçalves e Joana Pereira. C/d em Rio Grande.
F.7 **Catarina Maria** *Norte Grande, Ilha de São Jorge, ∞ (1x) **Francisco José da Guerra**, depois em 1761, Rio Grande, ∞ (2x) **Fernando de Brito de Oliveira** e teve filhos em Rio Grande com **Joaquim Rodrigues**. C/d em Rio Grande.

JOSÉ ÁLVARES DA SILVA ou **JOSÉ ÁLVARES DA SILVEIRA** ou **JOSÉ ALVES DA SILVEIRA BRILHANTE** *7.6.1756, Piedade, Ilha do Pico e †2.5.1839, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de João Quaresma Valim e Maria do Rosário ou Isabel do Rosário (F.8 e no b. de José), ∞ 22.2.1808, Mostardas, **INÁCIA DELFINA DE JESUS** ou **INÁCIA DELFINA DO VALE**, *7.4.1792, Mostardas, f.ª de Francisco Pereira da Rosa e Ludovina Emerenciana do Vale. Pais de:

F.1 **Vicência Delfina de Jesus***6.3.1809, Porto Alegre. Em 1839, solteira.
F.2 **Felisberta Delfina de Jesus** *21.1.1812, Porto Alegre, ∞ **Rufino José de Castro**.
F.3 **Eufrasinha** ou **Eufrásia Alves da Silva** *1.7.1813, Porto Alegre, ∞ **José Soares**.
F.4 **João Propício da Silva** *26.12.1814, Porto Alegre.
F.5 **Quirino José da Silva** *9.5.1816, Porto Alegre.
F.6 **Justino Alves da Silva** *3.10.1817, Porto Alegre.
F.7 **Tristão Alves da Silva***21.5.1819, Porto Alegre.
F.8 **Francisco José Alves da Silveira** *1.3.1821, Porto Alegre.
F.9 **José Alves da Silveira***29.4.1822, Porto Alegre.
F.10 **Cândido Alves da Silveira** *1.12.1823, Porto Alegre.
F.11 **Alexandre Alves da Silveira** *10.8.1825, Porto Alegre.
F.12 **Joaquim Alves da Silveira** b. 24.2.1828, Porto Alegre.
F.13 **Justino Alves da Silva** *25.12.1830, Porto Alegre, ∞18.7.1852, Santo Antônio da Patrulha, **Antônia Maria dos Reis**, ali *, f.ª de Pedro José e Maria Ricarda dos Reis.

JOSÉ ANTÔNIO (I) *1781, Ilha das Flores e †19.6.1803, Porto Alegre, solteiro, f.º de Francisco Antônio. Sem mais dados, não conseguimos estabelecer relação com eventual irmão/irmã em Porto Alegre.

JOSÉ ANTÔNIO (II) † antes de 1806, ∞ **MARIA DA CONCEIÇÃO**, *1734 nos Açores e †11.1.1806, Porto Alegre, viúva. Não conseguimos maiores detalhes sobre este casal.

JOSÉ ANTÔNIO DA SILVA *Horta (Conceição), Ilha do Faial e † antes de 1817, f.º de Manuel Garcia, da Ilha das Flores, e Margarida (Marques) de Belém, da Ilha do Faial, ∞ **ANTÔNIA MARIA DE JESUS**, *1737, Florianópolis/SC e †7.7.1817, Porto Alegre, f.ª de José Pessoa de Barros, de Coimbra, PT, e Felícia Maria de São José, do Porto, PT. Pais de:

F.1 **Manuel** b. 19.11.1763, Florianópolis/SC (Desterro) e † antes de sua mãe.
F.2 **Joana Maria de Jesus**, b. 21.5.1767, Florianópolis/SC (Desterro) e †4.7.1812, Porto Alegre, onde a 30.1.1782 ∞ (1x) **José Francisco de Oliveira**, *São José/SC, f.º de Mateus Francisco e Teresa de Jesus. Joana ∞ 29.11.1788, Porto Alegre, (2x) **João Pereira Machado** (v. Antão Pereira Machado, F.9). Houve do 1º casamento:
N.1 **Joaquim** *26.7.1783, Porto Alegre, onde †20.8.1783.
N.2 **Francisco José** *4.10.1784, Porto Alegre, onde †30.11.1813, solteiro.
N.3 **Joaquim Antônio de Oliveira** *2.3.1787, Porto Alegre.
F.3 **Domingos José da Silva**, padre, *Florianópolis/SC. Em 1817 estava ausente no Rio de Janeiro.
F.4 **Luzia** *12.12.1776, Porto Alegre.

JOSÉ ANTÔNIO DA SILVEIRA, de alcunha *o Careca*, *Ilha de São Jorge, f.º de José Silveira e Beatriz de São José e †6.1794, Porto Alegre, com mais de 55 anos, sem testamento por ser pobre. A 23.6.1755, Viamão, ∞ (1x) **LUZIA DE SÃO JOÃO**, *1738, Topo, Ilha de São Jorge e †14.1.1776, Porto Alegre, por volta de 30 anos, f.ª de Jorge Machado Correia e Isabel Pacheco Machado. José a 23.1.1780, Porto Alegre, ∞ (2x) **LEONARDA DA CONCEIÇÃO**, *Agualva, Ilha Terceira e †4.1.1788, com 50 anos, em Porto Alegre, f.ª de André Martins (v. este nome) e Beatriz da Luz. José e Luzia são dados como casal de El-Rei.
Filhos do 1º casamento:

F.1 **Maria** b. 29.9.1757, Viamão.
F.2 **Maria Joana do Nascimento** b. 2.9.1758, Viamão. A 5.11.1779, Porto Alegre, ∞ **Manuel Martins dos Santos**, *Guadalupe, Ilha Terceira, f.º de André Martins (v. este nome) e Beatriz da Luz.
F.3 **Emerenciana** b. 10.11.1762, Viamão, onde †20.4.1764.
F.4 **Felícia de Santo Antônio** ou **Felícia Rosa do Nascimento** b. 12.3.1765, Viamão, a 20.10.1787, Porto Alegre, ∞ (1x) **João Teixeira de Menezes** (v. Simão Teixeira, F.4). Felícia ∞ (2x) 16.2.1797, Porto Alegre, **Antônio Francisco Pacheco**, *Florianópolis/SC, f.º de Francisco Pacheco, da Ilha de São Miguel, e Bárbara Maria da Ressurreição, da Calheta, Ilha de São Jorge.
F.5 **Manuel José do Nascimento** *11.1.1767, Santana do Morro Grande, Viamão, e †7.5.1828, com inventário autuado em Porto Alegre. A 16.2.1792, Viamão, ∞ **Teodora Maria Bernardes**, *Santana do Morro Grande, Viamão, f.ª de Antônio José Bernardes, da Ilha de São Jorge, e Maria Genoveva do Rosário, de Rio Grande. Pais de:
N.1 **Bernardina** *20.6.1799, Viamão, onde † no mesmo dia.

N.2 **Bernardina** *16.3.1801, Viamão.
N.3 **Maria Bernarda do Nascimento** *10.3.1803, Porto Alegre, onde a 22.7.1826 ∞ **Domingos Gomes Ribeiro**, *25.7.1804, Viamão, f.º de Manuel Marcelino Pires Casado e Margarida Gomes de Lima, n.p. Francisco Pires Casado e Mariana Eufrásia da Silveira (v. Francisco Pires Casado, F.1).
N.4 **Alexandre José Bernardes** *20.12.1805, Porto Alegre.
N.5 **José** *8.10.1807, Porto Alegre e † antes de seu pai.
N.6 **Antônio José Bernardes** *20.8.1809, Porto Alegre.
N.7 **David José do Nascimento** *1.1.1811, Viamão.
N.8 **Tomásia** *2.6.1813, Viamão.
N.9 **Manuel** b. 8.12.1814, Viamão.
N.10 **Teodoro** *7.12.1816, Viamão.

Houve do 2º casamento:
F.6 **Nicolau José da Silveira** *11.11.1780, Porto Alegre, onde a 16.2.1822 ∞ **Antônia Margarida de Jesus**, *7.5.1784, Porto Alegre, f.ª de Francisco Martins e Marcelina Inácia (v. André Martins).
F.7 **José** *pv. de 1784 e vivia em 1794.
F.8 **Emerenciana** *8.10.1786, Porto Alegre e † antes de seu pai.

JOSÉ ANTÔNIO DE LIMA *19.3.1778, São Mateus, Ilha do Pico, f.º de Antônio de Lemos Maciel e Rosa Francisca, ∞ 21.9.1815, Porto Alegre, **TEOLINDA PEREIRA DE CARVALHO**, *1.10.1799, Porto Alegre e †2.2.1835, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de Guilherme Pereira de Carvalho, de São José/SC, e Matilde Inácia Pereira, de Morro Grande, Viamão. Pais de:

F.1 **Carlota Pereira de Lima** *13.9.1816, Porto Alegre, onde a 18.5.1834 ∞ **Firmiano Pereira Soares**, *Gravataí, f.º de Antônio Vieira Soares e Januária Inácia Joaquina.
F.2 **Inocência Pereira de Lima** *5.9.1818, Porto Alegre, ∞ **Domingos José Lopes**, *PT, f.º de Domingos Lopes Pereira Bastos e Rosa Maria de Jesus.
F.3 **José Antônio de Lima** *2.10.1820, Porto Alegre.
F.4 **Joaquim Pereira de Lima** *9.1.1823, Porto Alegre, onde deve ter † em seguida.
F.5 **Maria Pereira de Lima** *15.3.1825, Porto Alegre.
F.6 **Joaquim Pereira de Lima** *9.1.1825, Porto Alegre.
F.7 **Firmina Pereira de Lima** *16.5.1828, Porto Alegre.

JOSÉ ANTÔNIO VALADARES ou **JOSÉ ANTÔNIO DE SOUZA VALADARES** *Ilha das Flores, f.º de Francisco Antônio Valadares e Isabel Francisca, ∞ **MARIA ANGÉLICA DO AMOR DIVINO**, *Ilha do Faial, f.ª de José Bernardes de Souza e Inácia Francisca. Pais de:

F.1 **Maria José** *31.7.1817, Porto Alegre, onde ∞ 11.2.1834 **Basílio José Rodrigues**, *Vila do Conde, PT, f.º de José Rodrigues e Teresa Maria de Oliveira.

JOSÉ CAETANO PEREIRA *Ponta Delgada (São José), Ilha de São Miguel e † antes de 1782, Laguna/SC, f.º de João Botelho e Josefa do Canto, ∞ **EUGÊNIA MARIA FIGUEIREDO** ou **MARIA EUGÊNIA DE FIGUEIREDO**, *Lisboa (N. Sra. dos Mártires), Lisboa, PT e †1798, Laguna/SC, f.ª de João Lopes de Figueiredo e Isabel Maria. José e Eugênia não foram para Porto Alegre, mas três de seus nove filhos, que seguem:

F.1 **Maria Teresa de São José** ou **Maria Teresa de Figueiredo** *9.10.1734, Ponta Delgada (São José), Ilha de São Miguel, ∞ (1x) **Francisco da Silva Ribeiro**, ∞ 3.1.1763, Rio Grande, (2x) o alferes **Manuel Gomes Pereira**, *Ilha de São Sebastião/SP, f.º de Tomás Gomes Pereira e Tomásia da Silva de Morais. Do 2º casamento houve:

N.1 **Joaquim Gomes Pereira** *21.4.1777, Porto Alegre, ∞ **Luísa Joaquina da Natividade**, c/d em Cachoeira do Sul.

F.2 **Francisco Borges do Canto**, *São José, Ilha de São Miguel e †22.8.1809, Rio Pardo, ∞ (1x) **Eugênia Francisca de Souza**, b. 18.8.1758, Rio Grande, e †27.7.1797, Rio Pardo, f.ª de José da Costa Luís e Inocência Francisca Pereira. Francisco a 28.2.1801 ∞ (2x) **Feliciana Rosa de Jesus** (v. José Rodrigues Peixoto, N.1).

Houve do 1º casamento 13 filhos, dentre eles:

N.2 **José Borges do Canto** b. 18.2.1775, Rio Pardo e conquistador do território das Missões no RS.

Houve do 2º casamento:

N.3 **Alexandrina Rosa de Jesus** *18.10.1801, Rio Pardo, onde a 9.5.1821 ∞ **Bernardo José da Silveira** (v. José de Oliveira, Bn.14).

F.3 **Rosaura Francisca Pereira de Figueiredo** *10.3.1759, Rio Grande, ∞ 7.1.1775, Porto Alegre, o capitão **Manuel José Pereira Cardinal**, *Duas Igrejas, Penafiel, Porto, PT, f.º de Luís Pereira da Rocha e Iria Joaquina da Conceição. Pais de:

N.4 **José Pereira Cardinal** *11.10.1776, Porto Alegre, ∞ 8.4.1799, Rio Pardo, **Maria Cândida das Neves**, *Rio Pardo, f.ª de Laureano Pinto Cezimbra e Ana Maria. Pais de:

Bn.1 **Brígida** *24.1.1802, Rio Pardo.

Bn.2 **João** *10.12.1804, Porto Alegre.

Bn.3 **Antônio** b. 12.12.1803, com 7 dias, em Rio Pardo.

N.5 **Joaquim José Pereira Cardinal** *4.3.1778, Porto Alegre e †3.11.1832, São Borja, solteiro, mas deixou três filhos reconhecidos: Joaquina Francisca Perpétua de Figueiredo (∞ Manuel de Oliveira Paz), Manuel José Pereira Cardinal e José Joaquim Pereira Cardinal.

N.6 **Ana** *2.11.1780, Porto Alegre.

N.7 **Maria** *5.1.1783, Rio Pardo.

JOSÉ CAETANO TAVARES *pv. 1750, Rabo de Peixe, Ilha de São Miguel e †19.12.1790, Porto Alegre, com testamento, deixando seus bens à sua mãe, f.º de José da Silva e Maria Tavares de Brum, ∞ **JOANA ROSA DE VITERBO**, †Triunfo. Sem filhos.

JOSÉ CARVALHO ou **JOÃO CARVALHO** (o registro de óbito está rasurado) *pv. 1742, Ilha de São Miguel e †1.8.1802, Porto Alegre, casado, ∞ **ANA**. Encontramos um João Carvalho, da Ribeira Grande, Ilha de São Miguel, f.º de Pedro Carvalho e Maria de São João, ∞ 26.5.1782, Estreito, São José do Norte, Ana Rosa, *Rio Grande, f.ª de José Antônio de Seixas e Inácia Maria. Talvez seja o mesmo casal.

JOSÉ COELHO MACHADO *Altares, Ilha Terceira, f.º de Manuel Coelho Machado e Maria de São José, ∞ **ANA MACHADO** ou **ANA MICAELA**, *Topo, Ilha de São Jorge, f.ª de Mateus Luís Teixeira e Maria das Candeias. José e Ana era casal de El-Rei, residente em 1753 em Porto Alegre, depois passou para Rio Pardo e Taquari. Pais de:

F.1 **João Soares Coelho** *Porto Alegre e b. 16.9.1753, Viamão, ∞ 7.5.1773, Rio Pardo, **Ana Inês Francisca**, *28.10.1759, Rio Grande e †28.12.1835, Rio Pardo, f.ª de Manuel Dutra de Medeiros, de Cedros, Ilha do Faial, e Inês Francisca, de Pedro Miguel, Ilha do Faial. C/d em Rio Pardo. Ana Inês Francisca ∞ 7.7.1784, Rio Pardo (2x) Gregório Leite Ferreira ou Gregório Francisco da Silveira, b. 17.5.1761, Rio Pardo, onde †7.1.1821, f.º de Manuel Francisco da Silveira ou Manuel Silveira de Quadros, de Urzelina, Ilha de São Jorge, e Josefa Francisca de São Francisco, de Pedro Miguel, Ilha do Faial.

JOSÉ DA CÂMARA DE SÁ *15.4.1753, Vila da Praia, Ilha Terceira, e †25.12.1798, Porto Alegre, f.º de Lucas da Câmara e Sá Rocha e Joana Helena de Menezes Corte Real – pais ainda de Catarina Luciana Muniz da Câmara Corte Real (v. Miguel Inácio do Canto). A 3.4.1784, Angra do Heroísmo (Santa Luzia), Ilha Terceira, ∞ Dona **RITA ISABEL DE CANTO E CASTRO**, *Angra do Heroísmo (Santa Luzia), Ilha Terceira e †11.3.1812, com 48 anos pouco mais ou menos, Porto Alegre, f.ª de Jacinto do Canto e Castro e Rita Inácia (filha de D. Inácio de Castelo Branco). D. Rita casou a segunda vez com José Julião de Godoi. José imigrou em 1786 para o Brasil. Em 1797 morava em São Paulo, onde privava com o Cel. João Baptista de Castro do Canto e Mello, que o convidou para ser padrinho de sua filha Domitila, depois Marquesa de Santos (MENDES e FORJAZ, 2007, v. 8, p. 569). Pais de:

F.1 **Joana Helena de Sá** *28.3.1785, Angra do Heroísmo (Santa Luzia), Ilha Terceira. A 9.4.1804, Porto Alegre, ∞ **Antônio Joaquim dos Reis**, *Setúbal, PT, f.º de Antônio Luís e Bárbara Duarte. Pais de:

N.1 **Felicidade** *14.1.1805, Porto Alegre.
N.2 **Antônio** *29.6.1806, Porto Alegre.
N.3 **Leonor** *24.5.1808, Porto Alegre.
N.4 **Bernardo** *1.1811, Porto Alegre, onde †11.1.1813, Porto Alegre.
N.5 **Cândida** *4.9.1812, Porto Alegre.
N.6 **Maria** *7.8.1814, Porto Alegre.

F.2 **Manuel José da Câmara** *Cachoeira do Sul, cadete do Exército que, em 1805, promoveu uma justificação ao Governador do RS (AHRS) para comprovar sua nobreza. A 14.8.1809, Porto Alegre, ∞ **Prudência Maria de Jesus** (v. João do Couto Machado, N.5). Pais de:

N.7 **Fausta** *3.7.1810, Porto Alegre.
N.8 **Manuel** *8.9.1812, Porto Alegre.
N.9 **Prudêncio José da Câmara e Sá** a 10.10.1830, Porto Alegre, ∞ **Maria do Céu** (v. João de Souza Machado III, N.3).
F.3 **Maria** *26.8.1790, Porto Alegre.
F.4 **Ana Maria de Sá e Câmara** *1°.8.1791, Porto Alegre, onde a 13.2.1809 ∞ **Francisco Tomás Barreto Leme**, furriel, *São João del Rei/MG, f.° de Tomás Nunes Viegas e Isabel Barreto de Oliveira. Pais de:
N.10 **Francisco** *29.6.1811, Porto Alegre.
F.5 **Casemiro José da Câmara e Sá** *4.3.1794, Porto Alegre. Em 1811 era cadete do Batalhão de Infantaria e Artilharia do RS, em Maldonado, Uruguai e †19.12.1847, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ **Fausta da Câmara e Sá**, pais de:
N.11 **Casemiro José da Câmara e Sá**
F.6 **Constância da Câmara e Sá** *8.7.1796, Porto Alegre, onde a 1°.8.1815 ∞ **Felisberto José de Oliveira** (v. Francisco Machado de Oliveira, N.14).

JOSÉ DA COSTA *1746, Guadalupe, Ilha Graciosa e †22.6.1801, Porto Alegre, f.° de Maria do Rosário e pai incógnito. José ∞ 14.11.1770 em Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, **ANA MAURÍCIA**, *Vila da Praia, Ilha Terceira, f.ª de Francisco José e Caetana Leonarda. José faleceu com testamento feito em Porto Alegre cinco dias antes de falecer, no qual mencionou que a mulher e filhos estavam nos Açores. Deixou uma casa na rua do Cotovelo, cobertas de telhas, com seu quintal, em Porto Alegre. Pais de:

F.1 **Francisco**
F.2 **Teotônio**
F.3 **Leocádia**
F.4 **José**
F.5 **Inácio**
F.6 **João**

JOSÉ DA COSTA HOMEM *talvez na Ilha de São Miguel, onde se casou. Pais de:

F.1 **Felipe Muniz** *1751, Ilha de São Miguel e †21.8.1774, Porto Alegre, solteiro, Soldado Dragão, sem testamento por ser pobre.

JOSÉ DA FONSECA *4.12.1715, Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, f.° de Pedro da Fonseca e Joana Maria. A 19.11.1735, na Sé de Angra do Heroísmo, ∞ **MARGARIDA ANTÔNIA PAMPLONA**, *8.12.1714, Angra do Heroísmo (Sé) e †4.5.1793, aos 70 anos, em Viamão, f.ª de Francisco Pacheco e Maria da Assunção. Pais de:

F.1 **José da Fonseca** *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira; soldado em 1784, ∞ (1x) **Teodósia Maria de Jesus** *Rio Grande, f.ª de João Francisco de Araújo e Inácia Bueno de Ca-

margo. Houve do 1º casamento 6 filhos, nascidos em Estreito e Rio Grande, com exceção de José *12.9.1775, Porto Alegre. José ∞ (2x) 4.9.1786, Rio Pardo, **Francisca Antônia dos Santos**, *Rio Pardo, f.ª de João dos Santos Robalo e Maria Marta da Conceição, deixando 12 filhos lá nascidos.
F.2 **Rita Leonarda** *Ilha Terceira ou Água de Pau, Ilha de São Miguel. Em 1766, Viamão, ∞ **Luís Garcia** *Braga (Sé), Braga, PT, f.º de João Garcia e Maria Francisca. Rita e Luís tiveram ao menos 8 filhos, os três primeiros nascidos em Viamão, outros dois (abaixo) em Porto Alegre e os 3 últimos em Rio Pardo. Pais de:
N.1 **Manuel** *12.3.1776, Porto Alegre.
N.2 **Brígida** *29.1.1779, Porto Alegre.
F.3 **Maria do Rosário** *Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, ∞ **Manuel Martins dos Santos**, *Lajes, Ilha Terceira, f.º de André Machado e Maria Santa. Pais de 6 filhos, c/d em Santo Antônio da Patrulha, Viamão, Gravataí e Osório.
F.4 **Ana Maria de Jesus** b. 22.8.1752, Florianópolis/SC (Desterro), ∞ (1x) **Francisco Martins Soares**, *bispado de Mariana/MG, f.º de Antônio Fernandes Soares e Francisca Pais de Barros. A 8.10.1794, Viamão, Ana ∞ (2x) **Antônio Francisco de Oliveira**, *Ilha Terceira, f.º de João da Terra e Maria das Candeias. C/d em Viamão.
F.5 **Felícia Rosa Pamplona** *Florianópolis/SC (Desterro), ∞ **José Rodrigues da Silva**, *Cotia/SP, f.º de João Rodrigues Tenório e Isabel Lemes da Silva. C/d em Gravataí.
F.6 **Mariana Inácia do Carmo** *26.7.1757, Rio Grande, ∞ (1x) **Manuel Duarte Santarém**, *Rio Grande, f.º de Manuel Duarte Santarém. A 27.5.1804, Viamão, Mariana ∞ (2x) **João dos Santos Robalo**, tenente-coronel, f.º de Manuel dos Santos Robalo, capitão-mor, e Maria Moreira Maciel.

JOSÉ DA ROSA *5.2.1693, Pedro Miguel, Ilha do Faial, f.º de Domingos da Rosa e Maria de Crato. José ∞ 29.4.1715, Pedro Miguel, Ilha do Faial, **SERAFINA RODRIGUES**, ali b. 21.6.1695, f.ª de Antônio Machado Pereira e Maria Rodrigues. José teve um irmão de nome Antônio da Rosa, *23.7.1697, Pedro Miguel, onde ∞ 7.10.1726 com Águeda de Santo Antônio, ali *30.7.1698, irmã de Serafina, o qual imigrou para o Brasil com filhos, deixando descendência em Rio Pardo/RS e arredores. José e Serafina foram pais de ao menos oito filhos, nem todos passaram para Porto Alegre:

F.1 **Antônio da Rosa** *4.2.1719, Pedro Miguel, Ilha do Faial, onde a 26.1.1746 ∞ **Ana de Jesus**, *Feteira, Ilha do Faial, f.ª de Francisco Rodrigues e Maria Coelho. Antônio e Ana vieram para o Brasil, com filhos em Rio Grande de 1756-1762.
F.2 **Águeda Teresa de Jesus** *25.9.1721, Pedro Miguel, Ilha do Faial, onde a 16.10.1747, ∞ **João Álvares de Faria**, ali * e †1773, f.º de Manuel Álvares e Isabel de Faria. O casal imigrou para o Brasil entre 1751-1753, com 3 filhos, nascendo outros 7 em Rio Grande de 1753-1762. C/d em Rio Grande, Santo Antônio da Patrulha, Mostardas, Estreito e Viamão.
F.3 **José da Rosa** *12.2.1730, Pedro Miguel, Ilha do Faial.
F.4 **Teresa Inácia de Jesus** *17.6.1733, Pedro Miguel, Ilha do Faial, ∞ **José Luís da Cunha**, *Gião (Santo Estevão), Vila do Conde, Porto, PT e †Viamão, f.º de Antônio Luís da Cunha e Antônia Maria da Cunha. Pais de:

N.1 **Vicência Teresa de Jesus** *5.11.1753, Rio Grande, ∞ 23.11.1785, Gravataí, **Manuel Paim de Arruda**, *São Sebastião, Ilha Terceira, f.º de Antônio Paim de Arruda e Maria Teresa do Rosário. C/d em Gravataí.
N.2 **Mariana Inácia de Jesus** *18.3.1755, Rio Grande, ∞ **Luís de Souza**, *Seixezelo, Vila Nova de Gaia, Porto, PT, f.º de Gualter de Souza e Teresa Maria da Assunção. C/d em Gravataí.
N.3 **Ana Teresa das Chagas** *26.7.1756, Rio Grande, ∞ **Joaquim José da Rocha**, Soldado Dragão, *26.1.1744, Horta (S. Salvador), Ilha do Faial e †27.4.1819, Porto Alegre, f.º de Antônio Machado de Ávila e Maria Dutra. Pais de:

Bn.1 **Joaquim** b. 5.10.1775, Gravataí.
Bn.2 **Januário José da Rocha** b. 24.7.1777, Gravataí, ∞ 20.4.1804, Porto Alegre, **Maria Joaquina de Jesus**, b. 11.3.1783, Santo Antônio da Patrulha, f.ª de Francisco de Vargas Correia e Rosaura Jacinta da Luz, ambos da Feteira, Ilha do Faial. C/d em Gravataí.
Bn.3 **Joaquina** b. 25.7.1778, Gravataí.
Bn.4 **Domingos José da Rocha** b. 2.4.1780, Gravataí, ∞ **Helena Francisca Masuí**, ali *24.9.1790, f.ª de Santiago Massui e Maria Francisca da Silva ou Maria Joaquina Rosa da Silva.
Bn.5 **Inácio** b. 31.7.1781, Gravataí.
Bn.6 **Teresa Inácia de Jesus** b. 11.1.1783, Gravataí, ∞ 11.1.1804, Porto Alegre, **José Antônio dos Santos**, *São Pedro do Sul, Viseu, PT, f.º de Francisco Manuel e Rosaura Maria dos Santos.
Bn.7 **José** *17.4.1784, Gravataí.
Bn.8 **João** *8.4.1786, Gravataí.
Bn.9 **Feliciano** *27.8.1787, Gravataí.
Bn.10 **Bernarda** *2.10.1788, Gravataí.
Bn.11 **Antônio** *15.3.1790, Porto Alegre.
Bn.12 **José** *9.1.1792, Porto Alegre.
Bn.13 **Justiniano** *10.11.1793, Porto Alegre, onde †10.2.1795.
Bn.14 **Zeferina** *23.6.1796, Porto Alegre, onde †10.7.1796.
Bn.15 **Maria** *22.7.1797, Porto Alegre, onde †11.11.1798.
Bn.16 **Maria** *7.7.1799, Porto Alegre, onde †10.5.1806.

N.4 **Antônia** *23.11.1757, Rio Grande.
N.5 **Josefa Joaquina da Cunha** *25.7.1762, Rio Grande, ∞ **Antônio Inácio Rodrigues Córdova**, *Lugar do Carcão, bispado de Miranda do Douro, PT e †27.4.1791, Porto Alegre, com testamento feito em Florianópolis/SC, quando tenente do Batalhão de Infantaria do RS, f.º de José Rodrigues Córdova e Luzia Pires.
N.6 **Joana Inácia de Jesus** ou **Joana Eufrásia de Jesus** *25.7.1762, Rio Grande e †24.12.1802, ∞ 27.2.1791, Viamão, **Luís Domingues Pereira** *10.5.1755, Rio Grande e †2.6.1818, Viamão, f.º de Silvestre Domingues Pereira, de Árvore, Vila do Conde, Porto, PT, e Antônia Pereira de Souza, do Rio de Janeiro/RJ. C/d em Viamão.
N.7 **Inácia Teresa da Cunha** *1765, Santo Ângelo e †23.7.1817, Porto Alegre, onde a 26.4.1786 ∞ o capitão **Caetano Antônio de Moraes**, *1763, acampamento São Caetano, ao norte de Rio Grande e †21.1.1850, São Leopoldo (v. Jorge Teixeira de Melo, N.2).

N.8 **José Luís da Cunha** b. 6.1.1767, Viamão, ∞ 13.8.1788, Porto Alegre, **Vicência Rosa Joaquina**, *Rio Pardo (v. Manuel da Cunha Freitas, F.4). Pais de:

Bn.17 **Inácio** *17.7.1789, Porto Alegre.
Bn.18 **Isabel** *7.9.1790, Porto Alegre.
Bn.19 **José** *8.6.1792, Porto Alegre.
Bn.20 **Antônio** *30.7.1794, Porto Alegre.
Bn.21 **Florinda** *1.9.1795, Porto Alegre.

N.9 **Isabel Teresa da Cunha** b. 16.10.1768, Viamão e † antes de 1821, ∞ 10.11.1792, Porto Alegre, **José de Oliveira Cacilhas**, *Cacilhas, Almada, Setúbal, PT, †9.3.1821 na paragem do Erval, termo de Rio Pardo, f.º de Manuel de Oliveira e Tomásia Maria da Conceição. Sem filhos.

N.10 **Joaquim Luís da Cunha**, tenente de milícias, *Porto Alegre e b. 17.2.1771, Viamão, e †7.8.1817, na fazenda da Conceição, ∞ 28.10.1794, Porto Alegre, (1x) **Ana Maria de Jesus**, *15.8.1775, Viamão e †16.9.1814, Santa Maria, f.ª do major Florêncio Brás Lopes, de Laguna/SC, e Felícia Antônia do Nascimento, de Viamão. Joaquim ∞ 18.10.1815, Viamão, (2x) sua cunhada **Fabiana Maria de Jesus**, *14.2.1785, Porto Alegre.

Houve do 1º casamento:

Bn.22 **David Luís da Cunha**, capitão, *15.8.1795, Porto Alegre, ∞ (1x) **Betânia Mendes de Almeida**, *25.5.1806, Canguçu, f.ª de Francisco Mendes de Arruda e Leonarda Maria Gomes. C/d em Alegrete. David ∞ 16.4.1850, Alegrete, (2x) com sua sobrinha **Emília de Freitas Noronha**, f.ª de Manuel de Freitas Noronha e Leonarda Luísa da Cunha, abaixo citados.

Bn.23 **Miguel Luís da Cunha**, tenente, *26.8.1800, Porto Alegre e †27.7.1861, Santana do Livramento, ∞ 28.12.1830, Alegrete, **Úrsula Justina Martins**, b. 18.12.1816, Encruzilhada do Sul, e †6.7.1882, Santana do Livramento, f.ª de José Antônio Martins e Rosa Violante de Vasconcelos. Miguel e Úrsula são avós do General José Antônio Flores da Cunha. C/d em Alegrete.

Bn.24 **Leonarda Luísa da Cunha** *23.9.1802, Porto Alegre, onde a 5.10.1816 ∞ **Manuel de Freitas Noronha**, b. 27.6.1796, Santo Antônio da Patrulha, f.º de Policarpo de Freitas Noronha e Ana Joaquina Loureiro. C/d em Porto Alegre e depois Alegrete.

Bn.25 **Manuela** *6.5.1806, Porto Alegre, onde †21.9.1806.
Bn.26 **Ana Maria de Jesus** *22.6.1809, Porto Alegre, onde †28.2.1820.
Bn.27 **Francisca** b. 1814, Santa Maria e †18.7.1815, Porto Alegre.

Bn.28 **Manuel Luís da Cunha** b. 1815, Santa Maria, ∞ 9.5.1846, Alegrete, com sua sobrinha **Ana de Freitas Noronha**, f.ª de Manuel de Freitas Noronha e Leonarda Luísa da Cunha. C/d em Alegrete.

Houve do 2º casamento:

Bn.29 **Joaquim Luís da Cunha** *15.6.1817, Porto Alegre, onde †2.6.1818.

N.11 **João Luís da Cunha** *12.7.1772, Porto Alegre (registro em Viamão), ∞ 15.8.1793, Viamão, (1x) **Ana Joaquina da Conceição**, ali *, f.ª de Francisco Martins Soares, de Campanha do Rio Verde/MG, e Ana Maria de Jesus, de Florianópolis/SC (v. José da Fonseca, F.4). João ∞ 24.5.1803, Viamão, (2x) **Desidéria Maria da Conceição**, *17.3.1783, Viamão, f.ª de José Antônio da Silva, de Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, e Mariana Inácia de Jesus, das Velas, Ilha de São Jorge.

N.12 **Maria Teresa da Cunha** *4.3.1774, Porto Alegre, ∞ 4.2.1802 (Piratini), Rio Grande, o capitão **Ramão Garcia de Vasconcelos** ou **Romão Garcia de Vasconcelos**, *1.2.1781, Rio Grande, f.º de José Garcia de Vasconcelos, da Ilha do Pico, e Rita Gonçalves Coutinho, de Curitiba/PR. C/d em Piratini e Triunfo.

N.13 **Teresa** *16.6.1778, Porto Alegre.

F.5 **Joana Maria Rosa** *10.1.1738, Pedro Miguel, Ilha do Faial, ∞ 21.5.1759, Rio Grande (1x), **Manuel Pereira de Lemos de Sampaio**, *São Salvador de Moure (sic), Guimarães, PT, f.º de Jacinto de Lemos e Maria Pereira de Sampaio. Joana, a 11.7.1761, Rio Grande, ∞ (2x) **Luís de Queirós**, b. 8.6.1721, Rio de Janeiro/RJ (Candelária), f.º de Caetano de Queirós e Caetana Maria de Jesus.

F.6 **Josefa** *7.3.1740, Pedro Miguel, Ilha do Faial.

F.7 **Francisco da Rosa** *3.6.1743, Pedro Miguel, Ilha do Faial.

F.8 **Rosa Maria** *Pedro Miguel, Ilha do Faial, onde †9.7.1773 e ali ∞ 12.1.1750 **Antônio Francisco Coelho**, *Feteira e †16.1.1784, Pedro Miguel.

JOSÉ DA SILVEIRA (I) *Ilha do Faial e †3.7.1756, Viamão, ∞ **CATARINA DA SILVEIRA**, *1710, Ilha do Faial e †7.6.1790, Porto Alegre, sem testamento por ser pobre, casada. Catarina ∞ 27.12.1757, Viamão, Antônio José Moreira, *Itu/SP.

JOSÉ DA SILVEIRA (II) *1782, Ilha de São Jorge e †1.5.1819, Porto Alegre, com 37 anos, marinheiro. O registro de óbito não nos forneceu maiores detalhes para relacioná-lo a eventuais parentes em Porto Alegre.

JOSÉ DE AZEVEDO ARAÚJO ou **JOSÉ DE ARAÚJO FILGUEIRA** b. 17.2.1732, Câmara de Lobos (São Sebastião), Ilha da Madeira, PT e † antes de 1796, f.º de Manuel de Araújo e Guimar do Espírito Santo, ∞16.2.1765, Rio de Janeiro/RJ (N. Sra. do Desterro) **ISABEL INÁCIADE MEDEIROS**, *Ilha Terceira, f.ª de Manuel de Medeiros e Maria Francisca de Jesus. Pais, ao menos, de:

F.1 **Manuel Luís de Araújo** *Guapimirim/RJ e †5.4.1842. A 24.9.1796, Porto Alegre, ∞ **Margarida Feliciana dos Santos** *7.5.1781, Porto Alegre, onde †20.7.1850, f.ª de Manuel dos Santos Robalo Filho e Ana Alves da Porciúncula. Pais de:

N.1 **Tomé José de Araújo** *21.12.1797, Porto Alegre, onde a 7.10.1817 ∞ **Rosa Perpétua de Almeida**, *2.4.1799, Porto Alegre (v. Inácio Antônio Cardoso, N.6). Pais de:

Bn.1 **Laurinda Leopoldina de Almeida Araújo** *17.11.1818, Triunfo. A 24.2.1838, Porto Alegre ∞ **José da Silva Flores**, *29.7.1804, Porto Alegre, f.º de Antônio José da Silva Flores (v. este nome) e Francisca Joaquina Geraldina.

N.2 **Maria** *7.6.1799, Triunfo.

N.3 **Antônio** *8.7.1801, Triunfo.

N.4 **Simpliciana Carolina de Araújo** *2.1.1802, Triunfo, ∞ **José Gonçalves Coelho Mindello**.

N.5 **Manuel Luís de Araújo** *2.11.1803, Triunfo. A 17.11.1829, Porto Alegre, ∞ sua prima em 2º grau, **Mariana Guiomar da Silva**, *15.9.1802, Viamão, f.ª de Manuel da Silva Carvalho e Maria Plácida dos Santos.
N.6 **Ana** *17.6.1804, Porto Alegre.
N.7 **Plácida Carolina de Araújo** *4.2.1808, Triunfo. A 7.1.1832, Porto Alegre, ∞ **Ludovico Ennes Homem da Costa**, *Ilha do Faial, f.º de Francisco Xavier de Bitencourt e Maria Paulina da Silva.
N.8 **Francisca** *29.5.1809, Triunfo.
N.9 **Mariano Antônio de Araújo** *2.1.1811, Triunfo. A 15.7.1830, Porto Alegre, ∞ **Maria Rafaela da Conceição**, *Porto Alegre, f.ª **de** Jacinta Maria da Conceição.
N.10 **Margarida Carolina de Araújo** *22.8.1812, Triunfo. A 28.4.1838, Porto Alegre, ∞ **José Francisco dos Santos Pinto**, *Campanhã, Porto, Porto, PT, f.º de Manuel Francisco dos Santos e Rosa dos Santos.
N.11 **José** *30.1.1814, Triunfo.

F.2 **Joaquim José de Araújo** *Guapimirim/RJ. A 19.11.1796, Triunfo, ∞ **Ana Joaquina de Aviz**, *Triunfo, f.ª de Antônio José de Aviz e Apolônia Maria. C/d em Triunfo.

JOSÉ DE MEDEIROS ALBUQUERQUE, capitão, *1745, Ponta Delgada, Ilha de São Miguel e †24.10.1815, Porto Alegre, f.º de Sebastião de Arruda Coutinho de Albuquerque e Quitéria Leite de Mendonça, ∞ Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, (1x) **MARIANA ROSA NARCISA** ou **MARIANA DE SÃO PEDRO**, *pv. 1750, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira e †22.4.1808, Porto Alegre, f.ª de João José de Oliveira e Inês Maria de Mesquita. José ∞ 18.6.1808, Rio Pardo, (2x) **ANA CORRÊA DA CÂMARA**, *Rio Pardo, f.ª de Patrício José Corrêa da Câmara (Tenente-General e Visconde de Pelotas), e Joaquina Leocádia da Fontoura.
Houve do 1º casamento:

F.1 **Josefa Madalena** *pv. 1769, Conceição da Praia, bispado da Bahia e †29.1.1809, solteira, com cerca de 40 anos.
F.2 **Angélica de Medeiros Albuquerque**, viúva em 1808, que deve ser a mesma ∞ Joaquim José Pereira do Lago, abaixo citados.
F.3 **Teresa de Medeiros de Albuquerque**, *Salvador/BA e †20.11.1828, talvez em Gravataí, ∞ 8.1.1803, Viamão, **Felisberto Dias Pereira** ou **Felisberto Pereira Dias**, ali *24.10.1780, f.º de João Dias Pereira, da Ilha de São Jorge, e Maria da Trindade, de Viamão. C/d em Gravataí.
F.4 **Caetano de Medeiros** *1778.
F.5 **Clemente de Medeiros** *1784.
F.6 **João de Medeiros** *1788, casado em 1816.
F.7 **Manuel José de Medeiros Albuquerque** *1789, Bahia, ∞ **Inácia Maria de Jesus**, *Rio de Janeiro/RJ, f.ª de Joaquim José Pereira do Lago, de MG, e Angélica de Medeiros Albuquerque, acima citados. C/d em São Leopoldo e Gravataí. Em Porto Alegre, nasceu:
N.1 **Mariana** *8.8.1817, Porto Alegre.
N.2 **Feliciana** *29.5.1820, Porto Alegre.
Houve do 2º casamento:

F.8 **Sebastião José de Medeiros Albuquerque** *8.5.1809, São Nicolau, b. Rio Pardo.
F.9 **Francisco de Paula Medeiros Albuquerque** b. 25.11.1810, Rio Pardo.
F.10 **Gaspar** b. 27.11.1811, Rio Pardo e †11.12.1814, Porto Alegre.

JOSÉ DE OLIVEIRA *pv. de 1715, Vila da Praia, Ilha Terceira e †20.6.1782, Porto Alegre, f.º de Martinho Barreto e Francisca de São José. A 27.6.1740, Vila da Praia, ∞ **ISABEL INÁCIA DA CONCEIÇÃO**, ali * e †26.12.1793, Porto Alegre, sem testamento, por ser muito pobre, f.ª de Inácio Ferreira e Domingas de Borba. Pais de:

F.1 **Maurícia Inácia da Conceição** *Vila da Praia, Ilha Terceira. A 4.7.1762, Rio Grande, ∞ **João Dias Ferreira (**v. Manuel Dias Ferreira, F.4).
F.2 **Manuel Inácio de Oliveira** *15.3.1743, Vila da Praia, Ilha Terceira e †1.8.1795, Porto Alegre, sem testamento por ser pobre, ∞ **Maria Antônia da Conceição** (v. Caetano Garcia Fagundes, F.1). Pais de:
N.1 **Rosaura Maria Inácia de Jesus** *20.11.1777, Porto Alegre, onde a 24.9.1792, ∞ **José Álvares de Souza Tagarro**, *1769, São Sebastião, Ilha de São Miguel e †4.5.1817, Porto Alegre, f.º de Manuel Álvares de Souza e Bárbara de Souza. Pais de:
Bn.1 **José Álvares de Souza** *23.11.1794, Porto Alegre, ∞ **Venância Maria**, *Porto Alegre, f.ª da Caetano de Moraes e Florência Joaquina. Pais de:
Tn.1 **Luísa** *15.8.1822, Porto Alegre.
Bn.2 **Bernardina dos Santos** *27.1.1797, Porto Alegre, onde a 30.11.1811 ∞ **Manuel Lourenço da Silva**, *Ventura (sic), bispado de Viseu, PT, f.º de José Lourenço e Ana da Silva.
Bn.3 **Manuel** *20.11.1798, Porto Alegre.
Bn.4 **José** *20.7.1801, Porto Alegre.
Bn.5 **Antônia** *13.6.1803, Porto Alegre.
Bn.6 **Francisca** *28.3.1805, Porto Alegre.
Bn.7 **Jacinto** *3.6.1806, Porto Alegre.
Bn.8 **Teresa** *2.1808, Porto Alegre, onde †6.6.1808.
Bn.9 **Bárbara** *29.3.1811, Porto Alegre, onde †10.9.1817.
Bn.10 **Constantina** *28.8.1812, Porto Alegre.
Bn.11 **Constância** *6.8.1814, Porto Alegre, onde †19.1.1817.
Bn.12 **Vicente** *6.5.1816, Porto Alegre.
Bn.13 **Gabriel** *1817, Porto Alegre, onde †14.1.1819.
N.2 **Manuel** *24.4.1780, Porto Alegre, onde †23.1.1782.
N.3 **Ana Maria de São José** *17.10.1784, Porto Alegre, onde a 4.10.1800 ∞ **Faustino Luís,** *Paranaguá/PR, f.º de João Rodrigues de Macedo e Ana Maria Teixeira.
N.4 **Bernardina** *19.5.1786, Porto Alegre.
N.5 **Manuel** *5.8.1789, Porto Alegre.
F.3 **Maria da Conceição** *pv. 1751, Vila da Praia, Ilha Terceira e †25.7.1797, Porto Alegre. A 9.10.1759, Rio Grande, ∞ (1x) **José Rodrigues Peixoto** ou **José Rodrigues da Silva** (v. este nome). Maria a 29.10.1774, Porto Alegre, ∞ (2x) **Antônio Silveira Nunes**, b. 28.7.1753, Florianópolis/SC (Desterro) (v. Manuel Pereira da Luz, F.4).
F.4 **Rosaura** b. 9.4.1752, Florianópolis/SC (Desterro).
F.5 **Joaquina Rosa de Jesus** *18.6.1754, Rio Grande. A 23.10.1773, Porto Alegre, ∞ **An-**

tônio Silveira de Jesus, b. 13.12.1754, Florianópolis/SC (Desterro), f.º de Manuel Silveira Goulart e Catarina Antônia, ambos de Castelo Branco, Ilha do Faial. Pais de:

N.6 **José Inácio da Silveira** *8.8.1774, Porto Alegre, onde a 6.2.1792 ∞ (1x) **Ana Joaquina da Conceição (**v. Bartolomeu Ferreira Teles, F.2). José a 22.5.1817, Porto Alegre, ∞ (2x) sua prima em 2º **Feliciana Rosa de Jesus**, *16.6.1776, Porto Alegre, f.ª de Anastácio Rodrigues, de Florianópolis/SC, e Maria Feliciana de Jesus, de Rio Grande (v. José Rodrigues Peixoto, N.1).

Houve do 1º casamento:

Bn.14 **Bernardo José da Silveira** *11.6.1795, Porto Alegre. A 9.5.1821, Rio Pardo, ∞ **Alexandrina Rosa de Jesus**, f.ª de Francisco Borges do Canto e Feliciana Rosa de Jesus (v. Francisco Rodrigues Peixoto, N.1).

Bn.15 **Joaquina** *16.6.1797, Porto Alegre, onde †3.4.1799.

Bn.16 **Serafim** *1.2.1799, Porto Alegre.

Bn.17 **Joaquim** *4.5.1801, Porto Alegre, onde †14.2.1803.

Bn.18 **Joaquim** *2.10.1803, Porto Alegre, onde †11.10.1808.

Bn.19 **José** *2.3.1809, Porto Alegre.

Bn.20 **Cândida Joaquina da Silveira ∞ Teodoro José Leal**, f.º de Alexandre José Leal e Isabel Joaquina da Conceição. C/d em São Leopoldo.

N.7 **Procópio** *9.7.1776, Estreito.

N.8 **Ana** *19.11.1778, Porto Alegre, onde †26.12.1782.

N.9 **João** *29.8.1780, Porto Alegre, onde †15.8.1782.

N.10 **Manuel** *4.11.1781, Porto Alegre, onde †16.7.1782.

N.11 **Ana** *4.1.1783, Porto Alegre, onde †21.1.1783.

N.12 **Patrício** †10.12.1782, Porto Alegre, inocente.

N.13 **João Inácio da Silveira** *12.11.1783, Porto Alegre, onde a 6.7.1801 ∞ (1x) **Laureana Maria de Jesus**, *5.5.1785, Viamão e †28.9.1801, de maligna, f.ª de Manuel de Ávila de Quadros, de Rosais, Ilha de São Jorge, e Isabel de Jesus, do Topo, Ilha de São Jorge. João a 7.1.1802, Porto Alegre, ∞ (2x) **Angélica Rosa da Conceição** (v. Manuel Silveira Gonçalves, N.15). Do 2º casamento houve:

Bn.21 **João** *23.6.1804, Porto Alegre, onde †17.4.1806.

Bn.22 **José** *21.7.1805, Porto Alegre, onde †25.4.1806.

Bn.23 **Joaquina Inácia da Conceição** *11.10.1806, Porto Alegre, onde a 26.9.1822, ∞ **Claudiano José Esteves**, *17.7.1800, Porto Alegre (v. Antônio Machado Neto, Bn.23).

Bn.24 **Francisca Inácia da Conceição** *29.5.1808, Porto Alegre, onde a 16.1.1836 ∞ **Galdino Rodrigues de Mendonça** (v. Manuel Silveira Gonçalves, Bn.65).

Bn.25 **Lina Cláudia de Jesus** *22.2.1812, Porto Alegre, onde a 11.8.1832, ∞ **Serafim Pereira Nunes** (v. Antônio Pereira Nunes, Bn.14).

Bn.26 **João** *7.3.1816, Porto Alegre, onde †17.11.1817.

Bn.27 **Cândida** *10.7.1819, Porto Alegre.

F.6 **Joaquim José de Oliveira** ou **Joaquim José Inácio** *5.1.1757, Rio Grande. A 31.1.1789, Porto Alegre, ∞ **Francisca Inácia Joaquina** ou **Francisca Joaquina de Jesus** (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, Bn.3). Pais de:

N.14 **José Joaquim de Oliveira** ou **José Inácio de Oliveira** *17.8.1788, Porto Alegre, onde a 9.2.1807, ∞ **Francisca Rosa Joaquina** *4.2.1791, Porto Alegre (v. Bartolomeu Cardoso, Bn.1). Pais de:

Bn.28 **Manuel Inácio de Oliveira** *Porto Alegre, onde a 6.5.1828, ∞ **Flora Manuela do Nascimento** (v. João do Couto Machado, Bn.11).
Bn.29 **Domingos José de Oliveira** *4.5.1813, Porto Alegre, onde a 13.5.1833 ∞ **Maria do Rosário** (v. João do Couto Machado, Bn.13).
Bn.30 **Florentino** *8.3.1817, Porto Alegre
Bn.31 **Emília** *14.8.1818, Porto Alegre

N.15 **Maria Antônia de Jesus** ou Maria Feliciana ou Maria Joaquina *23.4.1791, Porto Alegre, onde a 11.9.1808 ∞ **Guilherme Antônio de Oliveira Camacho**, *São Francisco do Sul/SC, f.º de José Antônio de Oliveira Camacho e Maria Afonsa de Jesus. Pais de:
Bn.32 **Joaquim** *1.7.1809, Porto Alegre.
Bn.33 **Florentino** *28.5.1811, Porto Alegre.
Bn.34 **Rita** *3.1.1816, Porto Alegre.
Bn.35 **Florentino** *12.5.1817, Porto Alegre.
Bn.36 **Ana** *4.8.1818, Porto Alegre.
Bn.37 **Joaquina** *4.4.1821, Porto Alegre.

N.16 **Ana Joaquina de Jesus** *1793, ∞ 26.4.1813, Porto Alegre, **Manuel Coelho Lessa**.
N.17 **Rita** *24.6.1796, Porto Alegre.
N.18 **João** *10.7.1798, Porto Alegre.
N.19 **Joana Maria de Jesus** *1.9.1800, Porto Alegre, onde a 24.11.1813 ∞ **Jorge Antônio Marques**, *Portugal, f.º de Marcos Antônio e Francisca Maria. Pais de:
Bn.38 **Joaquina** *2.9.1817, Porto Alegre.
Bn.39 **Custódio** *30.10.1819, Porto Alegre.

N.20 **Manuel** *13.12.1803, Porto Alegre.

JOSÉ DE SOUZA MACHADO *talvez na Ilha Graciosa, onde ∞ (1x) **ROSA MARIA DE JESUS**, ali *1741 e †13.8.1821, Porto Alegre. A 24.10.1822, Porto Alegre, José ∞ (2x) **FRANCISCA JOSEFA DE MATOS** (v. José Vieira Barão de Matos, F.3). Houve do 1º casamento:

F.1 **Ana Joaquina de Souza** *São Mateus, Ilha Graciosa, ∞ 28.11.1812, Porto Alegre, **Luís da Silva**, *Crestuma, Porto, PT, f.º de Manuel da Silva e Maria Gonçalves.

JOSÉ DUARTE *Santa Bárbara, Ilha de Santa Maria e †30.10.1782, conforme inventário de seus bens autuado em Rio Pardo, f.º de Manuel Duarte e Maria de Matos. José ∞ (1x) **ROSA DE SOUZA**, *Ilha de Santa Maria e †14.9.1770, viúva de João Cabral, f.ª de Cristóvão Vaz e Maria de Souza. Casal de El-Rei. José ∞ 15.2.1773, Rio Pardo, (2x) **ROSA MARIA DA CONCEIÇÃO**, *Ilha de São Jorge, viúva de Gonçalo Pereira da Cunha, f.ª de Francisco Silveira e Rosa Maria da Conceição.
Houve do 1º casamento:

F.1 **Rita Maria de Jesus** *Ilha de Santa Maria, ∞ 15.1.1767, Rio Pardo, **José da Rosa Garcia**, *1747, Salão, Ilha do Faial, e †25.2.1807, Rio Pardo, f.º de José da Rosa Correia e Catarina Garcia. Rita ∞ 4.7.1808, Rio Pardo, (2x) ajudante **Pedro Inácio Borges**, *1724, Vila da Praia, Ilha Terceira, f.º de Tomás Francisco Negri e Josefa Leonarda.

F.2 **Laureano** *Porto Alegre e b. 14.9.1753, Viamão.
F.3 **Teodora Inácia de Souza** *Rio Pardo, onde ∞ 1769, **José Pereira Madruga**, após em 1778 com **Cláudio José de Moura** e, em 1785, Rio Pardo, com **João Pereira Borges**.
F.4 **Ana Rosa de Souza** b. 20.5.1761, Rio Pardo, onde ∞ 13.1.1776 **Jerônimo Jacinto da Silveira**.
Houve do 2º casamento:
F.5 **André** *1774, Rio Pardo e † antes de 1821.
F.6 **Jacinta Rosa da Conceição** *pv. 1775, Rio Pardo, onde a 14.1.1789 ∞ **Manuel Aleixo Correia**.
F.7 **Ana Francisca Duarte** b. 31.10.1777, Rio Pardo, onde em 1791 ∞ (1x) **Manuel Francisco de Mendonça** e, em 1808, Rio Pardo, ∞ (2x) **Dionísio Rodrigues Pais**.
F.8 **Benedita Rosa** b. 7.9.1779, Rio Pardo, onde em 1795 ∞ **José Inácio da Silveira**.
F.9 **Francisca Rosa da Conceição** b. 7.11.1781, Rio Pardo, onde em 1795 ∞ **José dos Santos de Morais**.

JOSÉ DUTRA DA SILVA *6.8.1749, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial e †18.9.1822, Cachoeira do Sul, f.º de Francisco Dutra da Costa e Águeda Maria de São José. José a ∞ 25.4.1774, Porto Alegre, **MARIA ROSA DE JESUS**, b. 19.2.1758, Triunfo, f.ª de Manuel Silveira Machado e Maria Rosa, ambos da Ilha do Pico. José ∞ 18.11.1779, Rio Pardo (2x), **ANA FRANCISCA DE JESUS**, *Rio Grande, f.ª de Pascoal Silveira e Teresa Maria. Do primeiro casamento houve uma filha nascida em Porto Alegre, depois o casal foi para Rio Pardo. Pais de:

F.1 **Rosa Maria da Silva** ou **Rosa Maria da Conceição** b. 23.11.1774, Porto Alegre, ∞ 2.3.1791, Rio Pardo, **João da Costa Leite**. C/d em Santa Maria e Caçapava do Sul.

JOSÉ FRANCISCO DA ROSA *1744, Ilha do Pico e †24.3.1819, Porto Alegre, ∞ **MARIA VICÊNCIA ROSA DE BITTENCOURT** *1744, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira e †28.8.1818, Porto Alegre, com testamento, f.ª de Manuel de Ávila Machado de Bittencourt e Maria da Conceição. Pais de:

F.1 **Antônio Ribeiro** que, em 1818, estava no Rio de Janeiro/RJ, como soldado pago.
F.2 **João José da Mata**, maior de 25 anos em 1818.

JOSÉ FRANCISCO DE SOUZA (I) *Ilha do Faial, f.º de Antônio Francisco, ∞ **JOAQUINA MARIA**, *Porto Alegre ou Triunfo, f.ª de João Francisco e Maria Rodrigues, ambos de São Paulo. Pais de:

F.1 **Mariana** *8.3.1815, Porto Alegre.
F.2 **Veríssimo** *25.6.1817, Porto Alegre.

JOSÉ FRANCISCO DE SOUZA (II) *Feteira, Ilha do Faial, f.º de Antônio Homem de Souza e Josefa dos Ramos, ∞ 17.11.1818, Viamão, **FELICIDADE JOAQUINA DA CONCEIÇÃO**, *2.3.1786, Viamão, f.ª de Joaquim Inácio dos Santos e Genoveva Inácia da Conceição, ambos de Viamão (citados em Francisco Machado de Oliveira, F.5). Pais de:

F.1 **Inácia** *1.9.1819, Viamão.
F.2 **Maria** *8.8.1820, Porto Alegre.

JOSÉ FRANCISCO GONÇALVES *Ilha Terceira, f.º de Francisco José Gonçalves e Ana Maria, ∞ **ANA FRANCISCA DA SILVEIRA**, *Parati/RJ, f.ª de Manuel José da Silveira, da Ilha do Faial, e Francisca Maria, de Parati/RJ. Pais de:

F.1 **Manuel** *11.4.1799, Rio Grande.
F.2 **Simeão** *19.10.1800, Rio Grande.
F.3 **Bento** *21.3.1802, Porto Alegre.

JOSÉ FRANCISCO INÁCIO *Santa Cruz, Ilha Graciosa, f.º de Manuel Inácio e Clara Maria do Sacramento, ∞ 29.5.1805, Encruzilhada do Sul, **LUDOVINA ROSA MARIA**, *Santo Amaro do Sul, f.ª de Francisco de Souza Cardoso e Rosa Maria de Jesus, ambos da Ilha do Faial. Pais de 10 filhos no mínimo, n. Encruzilhada do Sul e Triunfo, com exceção de:

F.1 **Justino** *2.8.1815, Porto Alegre.

JOSÉ FRANCISCO PIMENTEL (I) *Ilha do Pico, f.º de Matias Francisco Pimentel ou Matias Francisco de Melo e Joana Maria, ∞ **ANA MARIA DE JESUS**, *Rio de Janeiro/RJ e †20.11.1798, Porto Alegre, f.ª de Manuel do Espírito Santo e Inácia Maria de Jesus, ambos do Rio de Janeiro. Pais de:

F.1 **José** *5.8.1793, Porto Alegre.
F.2 **Francisco** *4.10.1796, Porto Alegre.

JOSÉ FRANCISCO PIMENTEL (II) *1769, Ilha de São Miguel e †29.10.1815, Porto Alegre, solteiro, com 46 anos. Por falta de outros elementos, não conseguimos identificar eventuais parentes em Porto Alegre.

JOSÉ FRANCISCO RODRIGUES *Açores, ∞ **MATILDE RODRIGUES**, *Porto Alegre, talvez seja a mesma Matildes Rodrigues que †30.7.1813, Porto Alegre, com 42 anos, que diziam ser casada. Pais de:

F.1 **Maria** *3.4.1812, Porto Alegre, onde †4.4.1812.

JOSÉ FURTADO DA SILVEIRA *Feteira, Ilha do Faial, f.º de José Furtado Vieira e Maria Silveira Furtado, ∞ **LEONARDA ANTÔNIA DA SILVEIRA**, dona, ali * e ambos † antes de 1793. Pais de:

F.1 **Inácia Arcângela Xavier Ramos**, *Feteira, Ilha do Faial e †4.5.1793, Porto Alegre, com testamento, ∞ (1x) **Francisco de Lemos da Silveira**, *Rio de Janeiro/RJ. Inácia ∞ 16.12.1760, Rio Grande, (2x) com o sargento-mor **José da Silveira Bittencourt**, *1.7.1718, Castelo Branco, Ilha do Faial e †18.12.1769, Viamão, f.º do capitão José da Silveira Bittencourt e Ana Silveira, dona. Não houve filhos dos dois casamentos de Inácia.

JOSÉ FURTADO DA TERRA *8.5.1760, Pedro Miguel, Ilha do Faial, f.º de Antônio Furtado e Maria de Jesus, os quais foram pais também de Manuel Furtado da Terra (v. este nome). José ∞ **ANA RITA DE JESUS** ou **ANA RITA DO SACRAMENTO**, *Praia do Almoxarife, Ilha do Faial, f.ª de Francisco José e Maria Francisca do Sacramento. Pais de:

F.1 **Manuel Furtado da Terra** *7.10.1788, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial e †14.9.1840, com inventário autuado em Porto Alegre. A 30.4.1808, Porto Alegre, ∞ **Isabel Maria da Trindade**, *16.7.1787, Porto Alegre e †2.4.1866, com inventário autuado em Porto Alegre (v. José Silveira Fernandes, F.5). Pais de:

N.1 **Justino José de Oliveira** *28.2.1809, Porto Alegre e † antes de sua mãe, ∞ **Rita Caetana**. Ao falecer, deixou 6 filhos.

N.2 **Felisbina Maria de Oliveira** *27.10.1810, Porto Alegre.

N.3 **Bernardina Maria de Oliveira** *3.9.1814, Viamão.

N.4 **Antônio Manuel de Oliveira Terra** *21.12.1815, Viamão e † antes de seu pai, ∞ **Marinha Joaquina Leal**, deixando a filha Marinha.

N.5 **Isabel Fausta de Oliveira** *6.8.1817, Porto Alegre.

N.6 **Venância Maria de Oliveira** *17.5.1819, Porto Alegre.

N.7 **Venceslau José de Oliveira Terra** *28.1.1821, Porto Alegre.

N.8 **Felicidade Maria de Oliveira** *1.8.1824, Porto Alegre ∞ **João da Silva Paiva**.

N.9 **João Manuel de Oliveira Furtado** b. 4.6.1826, Porto Alegre, ∞ 1852, Santo Antônio da Patrulha, **Clara Rabello de Bitencourt**, onde deixou descendência.

N.10 **Vicente Furtado de Oliveira** *1.9.1827, Porto Alegre. Em 1850, Santo Antônio da Patrulha, ∞ **Angélica Maria de São José**, deixando lá descendência.

N.11 **Venâncio José de Oliveira Terra ∞ Teresa Rodrigues.**

F.2 **Vicente Ferreira Lima** *17.11.1789, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial e †18.9.1818, Porto Alegre, onde, a 15.10.1814, ∞ **Luísa Rosa de Jesus** (v. João Inácio da Costa, F.11). Pais de:

N.12 **Constância** *19.9.1815, Porto Alegre.

N.13 **Porcina** *30.3.1817, Porto Alegre.

F.3 **Francisco** *23.4.1791, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial.

F.4 **Francisco** *6.7.1792, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial.

F.5 **Antônio Joaquim da Terra** *21.12.1793, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial. A 11.5.1828, Porto Alegre, ∞ sua prima em 2º **Maria Felícia de Jesus** (v. Manuel Furtado da Terra, F.1).

F.6 **Isabel** *8.5.1795, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial.
F.7 **Maria** *7.10.1797, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial.
F.8 **José Antônio da Terra** *7.3.1799, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial. A 11.5.1825, Porto Alegre, ∞ **Felicidade Maria Lopes**, *Santo Antônio da Patrulha, f.ª de João Antônio Gomes de Carvalho e Maria Lopes.
F.9 **Maria Rita de Lima** *16.11.1803, Porto Alegre, onde a 27.3.1824 ∞ **Antônio Inácio dos Santos**, *Santo Antônio da Patrulha, f.º de José Antônio dos Santos, de Florianópolis/SC, e de Leonarda Maria de Jesus, de Santo Antônio da Patrulha.
F.10 **Clemência Rosa de Jesus** *3.1.1807, Porto Alegre, onde a 15.2.1823 ∞ **Antônio Joaquim Domingues Claro**, *Caparica (N. Sra. do Monte), Almada, Setúbal, PT, f.º de André Domingues Claro e Teresa Maria de Jesus.

JOSÉ GARCIA (DA ROSA) *1735, Bandeiras, Ilha do Pico e †3.5.1812, Porto Alegre, f.º de Manuel Garcia e Maria Pereira. A 9.7.1759, Rio Grande, ∞ **CAETANA DE JESUS**, *1731, Lajes, Ilha Terceira e †18.6.1808, Porto Alegre, f.ª de Caetano da Costa (v. este nome) e Maria do Rosário. Caetana ao falecer deixou uma morada de casas com três quartos, forrados e assoalhados na rua da Praia, em Porto Alegre, e uma estância de campos e matos na margem do rio Caí. Pais de:

F.1 **Manuel José Garcia** *2.11.1760, Rio Grande e †5.7.1790, Triunfo, onde a 4.11.1782 ∞ **Maria da Conceição**, *Viamão, f.ª de Antônio Francisco de Abreu e Rita Maria da Conceição. C/d. em Triunfo.
F.2 **José** *5.12.1762, Rio Grande e †19.6.1764, Viamão.
F.3 **Inácia** b. 22.5.1765, Viamão e † antes de 1776.
F.4 **Maria** b. 16.11.1766, Viamão, onde †11.7.1767.
F.5 **Ana** *10.7.1768, Viamão e † antes de sua mãe.
F.6 **Inácio** *29.6.1771, Viamão e † solteiro antes de 1808.
F.7 **Maria Doroteia de Jesus** *29.3.1774, Porto Alegre, onde a 31.1.1789, ∞ **Antônio de Farias Santos**, tenente, *11.11.1766, Estreito, f.º de João de Farias Santos e Ana da Silveira. Pais de:
N.1 **Ana Leonor de Faria** *19.9.1791, Porto Alegre, ∞ **Domingos Martins dos Reis**, b. 24.1.1782, Triunfo, f.º de Jerônimo Martins Pereira e Lucrécia Justina de Menezes. Pais de:
Bn.1 **Bernardina**, *15.7.1813, Porto Alegre.
N.2 **Felisberto** *8.9.1794, Triunfo.
N.3 **Constância** *11.11.1797, Porto Alegre, onde †1.12.1798.
N.4 **Constância Perpétua de Farias** *5.10.1799, Triunfo. A 30.9.1819, Porto Alegre, ∞ **Francisco Ivo Fernandes**, *Laguna/SC e †13.6.1829, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Vicente Alves do Nascimento e Guiomar Rosa de Jesus. Pais de:
Bn.2 **Francisco** b. 30.4.1820, Porto Alegre, onde †17.6.1820.
Bn.3 **Constância Carlota Ivo Fernandes** *16.3.1822, Porto Alegre, onde ∞ seu primo **Januário José Fernandes**, abaixo citados.
Bn.4 **Antônio** *17.2.1829, Capela de Santana.
Bn.5 **Francisca**

N.5 **Manuel** *25.10.1802, Porto Alegre, onde †26.10.1802.

F.8 **Inácia Maria de Jesus** *1.11.1776, Porto Alegre, onde a 23.1.1792 ∞ **Manuel Fernandes Chaves**, *Travancas (São Bartolomeu), Chaves, Vila Real, PT, f.º de João Álvares Chaves e Isabel Fernandes. Pais de:

N.6 **Leocádia Joaquina** *31.10.1792, Porto Alegre, onde a 10.7.1813 ∞ **Vicente da Silva Lima** *1784, São Francisco, Colônia do Sacramento, Uruguai e †19.8.1856, f.º de José da Silva Lima e Ana Joaquina Teles. Vicente em 1842 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre. Pais de:

Bn.6 **Jacinto da Silva Lima** *6.4.1814, Porto Alegre. Em 1839 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando disse viver de suas letras, doutor e solteiro.

Bn.7 **João** *22.6.1816, Porto Alegre.

Bn.8 **Bernardina** *19.9.1817, Porto Alegre.

Bn.9 **Belmira** *24.9.1819, Porto Alegre.

Bn.10 **Antônio** *4.6.1822, Porto Alegre.

N.7 **Manuel** *5.1.1796, Porto Alegre.

N.8 **Antônio Fernandes Chaves** *28.5.1797, Porto Alegre.

N.9 **Constança Perpétua Fernandes Chaves** *pv. 1800, Porto Alegre, onde †11.11.1873, Porto Alegre e ali em 1818 ∞ **Antônio José de Moraes**, cirurgião-mor da Santa Casa de Porto Alegre, *1793, cidade do Porto ou Alfena, Valongo, Porto, PT, f.º de Custódio José de Andrade e Rosa Bernardina de Moraes, ambos da cidade do Porto. Pais de:

Bn.11 **Júlia**, *21.11.1818, Porto Alegre.

Bn.12 **Manuela** *1.9.1821, Porto Alegre.

N.10 **Januário José Fernandes** *15.9.1801, Porto Alegre, onde a 23.11.1835, ∞ **Constância Carlota Ivo Fernandes**, sua prima, acima mencionada.

N.11 **Maria Angélica Fernandes** *14.12.1803, Porto Alegre, onde a 3.3.1821 ∞ **Cristóvão José Leite**, *São Romão, arcebispado de Braga, PT, f.º de Manuel Leite e Ana Angélica da Silva.

N.12 **Rita Fernandes** *20.11.1806, Capela de Santana. A 3.3.1821, Porto Alegre, ∞ **Clementino Coelho Fragoso**, *Teixeró (Santa Maria), Baião, Porto, PT, f.º de Alexandre Coelho Fragoso, capitão, e Maria da Conceição.

N.13 **Francisca** *20.1.1809, Porto Alegre, onde †28.1.1809.

N.14 **Claudina**, *16.1.1812, Porto Alegre.

F.9 **Antônio** *1.9.1781, Porto Alegre, onde †30.3.1782.

JOSÉ GARCIA GOMES *pv. 1768, Ilha do Faial e †31.12.1808, com 40 anos mais ou menos, f.º de Francisco Garcia e Ana Maria. Solteiro e sem filhos.

JOSÉ GONÇALVES *1768, Ilha Terceira e †14.9.1818, Porto Alegre, com 50 anos, f.º de Pedro Gonçalves. Na falta de maiores elementos, não conseguimos relacioná-lo com eventuais filhos e/ou parentes.

JOSÉ GONÇALVES CALDAS *4.10.1735, Colônia do Sacramento, Uruguai, soldado dragão, f.º do sargento Antônio Gonçalves Caldas, de Miragaia, Porto, PT, e Mônica Teresa de Jesus, do Rio de Janeiro/RJ (Sé), ∞ **FRANCISCA DA CONCEIÇÃO**, *1730, Horta (Conceição), Ilha do Faial, e †22.5.1773, Porto Alegre. Pais de:

F.1 **Emerenciana Maria da Conceição** *9.3.1754, Rio Grande, ∞ **Francisco Soares Lima**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.º de João Soares Lima, de Porto, PT, e Francisca Mariana, da Ilha Terceira. Pais de:

N.1 **João Soares Lima** b. 16.6.1770, Porto Alegre (registro em Viamão) e †27.10.1825, com inventário em Porto Alegre, ∞ 22.1.1810, Gravataí, **Catarina Rosa do Sacramento**, f.ª de Miguel Antônio Dutra e Angélica Francisca da Conceição. Pais de:

Bn.1 **Manuel Soares de Lima ∞ Maria Querubina Ferreira**

Bn.2 **João Soares de Lima**

Bn.3 **Maria Fausta Soares de Lima** *Gravataí, ∞ **Claudino Francisco Pacheco**, c/d ali.

N.2 **Joaquina** *28.8.1774, Porto Alegre.

N.3 **José** *20.5.1777, Porto Alegre.

N.4 **Manuel** *20.5.1777, Porto Alegre.

N.5 **Inácio** *16.7.1781, Viamão.

N.6 **Antônio Soares Lima** b. 9.6.1783, Viamão, ∞ 8.9.1809, Gravataí, **Bárbara Maria da Conceição**, viúva de Manuel Martins Lemos.

N.7 **Ana** *19.9.1785, Viamão.

F.2 **Manuel** *28.12.1755, Rio Grande. Em 1773 era soldado dragão em Porto Alegre.

F.3 **Maria Angélica da Conceição** b. 29.10.1759, Rio Grande e †9.12.1780, Porto Alegre, onde a 5.9.1773 ∞ **Domingos da Costa Viana** ou **Domingos da Costa Lopes** (v. Alexandre da Costa Luís, F.8).

F.4 **Luís Gonçalves Caldas** b. 7.1.1762, Rio Pardo, ∞ 14.11.1788, Rio Grande, **Ana Maria Cavalheiro**, *Viamão, f.ª de Pedro Rodrigues ou Manuel José Cavalheiro e Hilária Maria da Conceição. C/d em Rio Grande e Triunfo.

F.5 **Joaquim Manuel da Silveira** *1.11.1762, Rio Grande, ∞ 21.4.1788, Estreito, São José do Norte, **Eugênia Francisca da Boaventura**, *Estreito, São José do Norte, f.ª de Salvador de Souza Pavão e Maria da Encarnação de Jesus. C/d em Mostardas e Rio Grande.

F.6 **Catarina Maria de Jesus** *2.5.1767, Viamão, ∞ 25.5.1788, Rio Pardo, **Salvador Marcos de Campos**, *Cotia/SP, f.º de Domingos Gonçalves Campos e Marta Campos de Camargo.

JOSÉ INÁCIO DA ROSA *Ilha do Faial, ∞ (1x) **ANA CLÁUDIA VITORINA**, ∞ 14.2.1816, Porto Alegre, (2x) **VITORINA MÁXIMA DA SILVA**, *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, viúva de Davi Joaquim Maria.

JOSÉ INÁCIO DA SILVEIRA SAGAZ *Horta (Conceição), Ilha do Faial, f.º de Manuel Silveira e Inácia Francisca, ∞ 6.1.1806, Estreito, Rio Grande, **CATARINA JOAQUINA DO NASCIMENTO**, *24.8.1779, Estreito, Rio Grande, f.ª da José Silveira Machado e Catarina Rosa, ambos da Ilha do Faial. Pais de:

F.1 **Maximiano** *15.9.1822, Porto Alegre.

JOSÉ INÁCIO DE MATOS *Horta (Matriz), Ilha do Faial, f.º de José de Matos e Rosa Francisca, ∞ 17.10.1804, Porto Alegre, **LUÍSA SEVERINA**, *Rio Pardo, f.ª de Antônio Lopes Simões e Isabel Maria, ambos da Ilha de São Jorge.

JOSÉ INÁCIO MACHADO *Ilha Terceira, f.º de Silvestre Nunes Machado, da Ilha de São Jorge, e Francisca Mariana do Rosário, da Ilha Terceira. José ∞ **EMERENCIANA LUÍSA**, *Ilha do Faial, f.ª de José Francisco de Serpa, da Ilha Terceira, e Ana Jacinta, da Ilha do Faial. Pais de:

F.1 **José** *5.11.1801, Porto Alegre, onde †19.11.1801, de moléstia incógnita.

JOSÉ MACHADO DE SEQUEIRA *Ribeira Seca, Ilha de São Jorge, f.º de Manuel Machado Teixeira e Catarina de Sequeira, ∞ **MARIA DA ASSUNÇÃO**, *Ilha de São Jorge, f.ª de Pedro Gregório Teixeira e Apolônia de Souza. Pais de:

F.1 **Maria de São Francisco** *Ribeira Seca, Ilha de São Jorge, ∞ **Francisco do Couto Machado** (v. João do Couto Machado, F.1).
F.2 **Luís** b. 1.5.1752, Rio Grande e †2.1.1753, Viamão.
F.3 **Onofre** *26.1.1754, Rio Grande.
F.4 **José Machado Pereira** *Porto Alegre e b. 3.6.1754, Viamão, ∞ 11.1.1789, Rio Pardo, **Perpétua Inácia da Silva**, *Viamão, f.ª de Manuel de Borba e Francisca Antônia de Jesus, ambos da Ilha Terceira.
F.5 **Ana Maria da Conceição** *Santo Amaro do Sul e b. 9.8.1756, Viamão, ∞ 26.9.1774, Taquari, **Antônio Machado de Oliveira**, *Calheta, Ilha de São Jorge, f.º de João Machado de Oliveira e Francisca Rosa.
F.6 **Luís Machado Teixeira**, alferes, b. 19.4.1761, Santo Amaro do Sul, ∞ 7.5.1787, Rio Pardo, **Joana Maria do Nascimento**, ali *, f.ª de Antônio da Silveira Ávila e Matos e Clara Maria Manso.

JOSÉ MANUEL PEREIRA *1785, Rabo de Peixe (Bom Jesus), Ilha de São Miguel e †19.10.1815, Porto Alegre, f.º de Jerônimo Tavares Pereira ou Ferreira e Angélica Maria da Silva, ∞ 30.9.1799, Gravataí, **ÚRSULA JOAQUINA DA SILVA**, b. 27.12.1781, Triunfo, f.ª de Antônio Moreira da Silva, da Ilha Grande/RJ, e Isabel de Souza, de Florianópolis/SC. Pais de:

F.1 **Maria** b. 22.9.1800, Encruzilhada do Sul e †26.11.1811, Porto Alegre.
F.2 **Manuel** *1804.
F.3 **José** *28.9.1805, Porto Alegre, onde †22.1.1806.
F.4 **Eleutério** *1.4.1807, Porto Alegre.
F.5 **Delfim** *23.9.1808, Porto Alegre, onde †7.4.1809.
F.6 **Delfim** *12.5.1810, Porto Alegre.
F.7 **Maria Joaquina das Neves** *21.5.1812, Porto Alegre, onde a 7.8.1837 ∞ **Cândido José de Oliveira** (v. Francisco José Flores, N.75).
F.8 **Florisbela** *11.5.1814, Porto Alegre.

JOSÉ MARIA DA SILVEIRA ou **JOSÉ MARIA DA SILVEIRA VIANA**, alferes, *Clérigos, Ilha do Faial, f.º de Matias Pereira e Genoveva Rosa, ∞ 24.7.1803 **ANTÔNIA ROSA ÚRSULA VIANA**, dona, *Porto Alegre e †17.9.1830, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª do capitão Francisco Soares Viana e Francisca Úrsula do Sacramento, ambos de MG. Em 3.6.1802 José adquiriu de José Joaquim Pereira e sua mulher Andreza Maria de Jesus um terreno na quadra terceira de n. 4, esquina do nordeste do mesmo quadro com 78 palmos de frente, em Porto Alegre. Pais de:

F.1 **Sebastião José Vianna** *14.5.1806, Porto Alegre.
F.2 **Francisco Soares Vianna** *9.8.1808, Porto Alegre.
F.3 **José Maria da Silveira Vianna** *21.7.1810, Porto Alegre.
F.4 **Maria** *2.2.1812, Porto Alegre, onde †23.1.1813.
F.5 **Praxedes** *21.7.1813, Porto Alegre, onde †14.9.1815.
F.6 **Praxedes Soares Vianna** *9.9.1815, Porto Alegre.
F.7 **Fernando Soares Vianna** *30.5.1817, Porto Alegre.
F.8 **João** *6.5.1822, Porto Alegre, onde †26.12.1822.

JOSÉ MARTINS *pv. 1733, Ilha Terceira, e †1.5.1803, Porto Alegre, com mais de 70 anos e *diz ser casado*, o qual não conseguimos identificar, em razão das poucas informações mencionadas no registro de óbito. É possível seja o mesmo José Martins Vaz ∞ Caetana Rosa, pais de Joaquim Vieira Veríssimo Vaz (v. este nome).

JOSÉ MARTINS FALEIRO *4.3.1716, Lajes, Ilha Terceira e †15.5.1783, Taquari, f.º de Antônio Gonçalves da Cunha e Margarida Martins, ∞ 27.5.1751, Lajes, **JACINTA ROSA**, *1731, Lajes, Ilha Terceira e †1.10.1791, Taquari, f.ª de João Martins Coelho e Maria da Conceição Correia, os quais imigraram para o Brasil. Pais de:

F.1 **Maria** b. 14.6.1752, Florianópolis/SC (Desterro).
F.2 **José Martins Coelho**, alferes, *Porto Alegre e b. 17.12.1753, Viamão e †2.4.1816, ∞ 26.9.1771, Taquari, (1x) **Maria Inácia de Jesus**, *15.12.1756, Rio Grande, f.ª de Manuel de Souza Machado e Maria da Trindade. José ∞ 5.11.1792, Taquari, (2x) **Mariana Inácia de Jesus**, *Florianópolis/SC, f.ª de Manuel Teodósio Ferreira e Perpétua Maria da Encar-

nação. Deste segundo casamento nasceu David José Martins ou David Canabarro, que fez as campanhas contra Artigas, a Guerra da Cisplatina e a Revolução Farroupilha, na qual chefiou os revoltosos e negociou a anistia ofertada pelo governo no ano de 1844.
F.3 **Maria** *Santo Amaro do Sul e b. 25.3.1756, Viamão.
F.4 **Isabel Maria Martins Coelho** b. 12.12.1758, Santo Amaro do Sul, ∞ **Manuel Teixeira Santiago**.
F.5 **Manuel Martins Coelho** b. 2.3.1759, Santo Amaro do Sul, ∞ 1780, Taquari, **Vicência Rosa de Jesus**.

JOSÉ PEREIRA GARCIA *1735-1737, Feteira, Ilha do Faial, e †7.8.1790, Porto Alegre, sem testamento, por ser muito pobre, f.º de Tomás Pereira e Maria de Faria. Foi ∞ **RITA LEONARDA**, *8.1.1741, Vila da Praia, Ilha Terceira e †1.1.1809, Porto Alegre, f.ª de Manuel de Oliveira e Rosa Maria. Rita Leonarda ∞ (2x), 3.5.1801, Porto Alegre, Vicente Cardoso. José e Rita em razão da invasão espanhola fugiram de Rio Grande para Viamão e foram pais de:

F.1 **Angélica Rosa da Conceição** *11.8.1757, Rio Grande e †27.1.1824, Porto Alegre. A 12.9.1772, Porto Alegre, ∞ **Manuel Pereira Nunes** (v. Antônio Pereira Nunes, F.2).
F.2 **Maria** *8.7.1759, Rio Grande.
F.3 **Domingas Francisca da Conceição** *9.9.1760, Rio Grande e †10.11.1830, Porto Alegre. A 7.1.1779, Porto Alegre, ∞ **Miguel Silveira Gonçalves** (v. Manuel Silveira Gonçalves, F.2).
F.4 **Manuel** b. 5.6.1763, Viamão.
F.5 **Genoveva Rosa de Jesus** b. 29.3.1765, Viamão e †15.3.1799, Porto Alegre, de maligna. A 9.1.1782, Porto Alegre, ∞ **Miguel Antônio de Araújo** ou **Miguel Antônio de Oliveira** ou **Miguel Antônio dos Santos** (v. Antônio da Rosa, F.3).
F.6 **Antônia Maria de Jesus** *4.3.1767, Viamão. A 17.2.1791, Porto Alegre, ∞ **José Joaquim da Silva** (v. Antônio Pereira Nunes, F.10).
F.7 **João Pereira Garcia** b. 9.9.1768, Viamão, onde a 20.5.1789 ∞ **Josefa Maria de Jesus**, *25.4.1775, Viamão (v. Francisco Machado de Oliveira, F.12). Pais de:
N.1 **José** *21.5.1791, Porto Alegre.
N.2 **Francisca Inácia da Conceição** *5.11.1792, Porto Alegre. A 2.7.1814, Viamão, ∞ seu primo **Januário Antônio de Souza**, abaixo citado, N.26.
N.3 **Clemência Joaquina de Jesus** *10.9.1794, Porto Alegre. A 13.6.1817, Viamão, ∞ **Fabrício Francisco de Souza**, *10.9.1797, Viamão, f.º de Francisco Furtado de Mendonça, do Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita) e Joaquina Maria da Conceição, de Viamão. Pais de:
Bn.1 **Manuel** *10.5.1814, Porto Alegre.
N.4 **Francisco Pereira Garcia** *27.11.1795, Viamão, ∞ **Joaquina Maria da Conceição**, *Gravataí, f.ª de Manuel Inácio de Souza e Maria Rosa da Conceição (v. Jacinto Furtado, F.2). C/d em Gravataí.
N.5 **Eufrásia** *10.1797, Viamão, onde †15.10.1797.
N.6 **Feliciano** *26.11.1798, Viamão.
N.7 **Zeferino** *11.9.1800, Viamão.

N.8 **Feliciana** *12.1.1804, Gravataí.
N.9 **Florinda Joaquina de Jesus** *29.4.1806, Viamão, ∞ **Ricardo Pereira de Macedo**, *Viamão, f.º de Antônio Pereira de Macedo e Maria Joaquina Nunes. C/d em Viamão.
N.10 **Antônia Maria da Conceição** *15.3.1808, Viamão. A 7.7.1832, Porto Alegre, ∞ **João José Machado Rolim**, b. 5.1808, Florianópolis/SC (Santo Antônio de Lisboa), f.º de Raulino José Machado e Sebastiana Rosa de Jesus. C/d em Viamão e Porto Alegre.
N.11 **Justino** *1.2.1810, Viamão.
N.12 **Reginaldo** *11.5.1812, Porto Alegre.
N.13 **Manuel** *10.5.1814, Viamão.
N.14 **Ana** *2.7.1821, Viamão.

F.8 **Manuel José dos Santos** b. 28.12.1769, Porto Alegre, onde a 26.10.1792, ∞ **Ana Joaquina de Jesus**, *Viamão, f.ª de Antônio de Souza Brasil, de Urzelina, Ilha de São Jorge, e Maria de Santo Antônio, de Rosais, Ilha de São Jorge, radicados em Viamão. C/d em Viamão, dentre eles Sérgio Moacyr Torres Nunes, desportista, atuou como goleiro do Grêmio na década de 1950 (v. José Silveira de Alvernaz, N.1 e em Manuel Silveira Gonçalves, Bn.61).

F.9 **Ana Leonarda da Conceição** b. 19.2.1771, Porto Alegre, onde a 16.3.1792 ∞ **Manuel Pereira Frade**, *14.8.1757, Rio Grande, f.º de Antônio Pereira Frade, de Piedade, Ilha do Pico, e Beatriz Rosa de São José, da Horta, Ilha do Faial. Manuel era viúvo de Gertrudes Tomásia do Sacramento (v. Caetano Furtado de Souza, F.1). Pais de:

N.15 **Joana Leonarda da Conceição** *27.2.1793, Porto Alegre, ∞ 12.8.1809, Praia Grande/SC, **João Antônio Calatre**, *Havana, Cuba, f.º de João Antônio Calatre e Maria Francisca Munhõz. Pais de:
Bn.2 **Rosa** *26.12.1811, Porto Alegre.
N.16 **Maria Joaquina da Conceição** *16.6.1796, Porto Alegre, onde a 1.9.1815 ∞ **Constâncio Martins Rabelo** (v. Antônio Garcia dos Santos, N.2).
N.17 **João Pereira Frade** *14.11.1797, Porto Alegre, onde †25.9.1819.
N.18 **José Pereira Frade** *18.1.01799, Porto Alegre, ∞ 13.2.1820, Viamão, **Comba Joaquina** (v. Manuel da Rosa Pereira, Bn.8).
N.19 **Antônio** *20.10.1801, Porto Alegre.
N.20 **Agostinho Pereira Fraga** ou **Frade** *10.11.1803, Porto Alegre, onde a 15.8.1835 ∞ **Ana Maria Joaquina** (v. Manuel da Rosa Pereira, Bn.9).
N.21 **Florisbela** *22.7.1805, Porto Alegre.
N.22 **Rita** *1.8.1807, Porto Alegre.
N.23 **Delfina** *19.4.1809, Porto Alegre.

F.10 **Joaquina Rosa da Conceição** *7.9.1772, Porto Alegre, onde a 12.2.1789 ∞ **Manuel de Souza Machado**, *Topo, Ilha de São Jorge, f.º de Brás de Souza Machado e Catarina Xavier. Pais de:

N.24 **Ana** *10.3.1790, Porto Alegre.
N.25 **Antônio** *25.12.1791, Porto Alegre.
N.26 **Januário Antônio de Souza** ou **Januário Antônio da Silva** *18.7.1794, Porto Alegre. A 2.7.1814, Viamão, ∞ sua prima **Francisca Maria da Conceição** ou **Francisca Maria de Jesus**, acima citada, N.2. Pais de:
Bn.3 **Laura** *14.5.1814, Viamão.

Bn.4 **Leopoldina** *26.8.1815, Porto Alegre.
Bn.5 **Vitorino** *15.3.1817, Porto Alegre.
Bn.6 **José** *27.7.1819, Porto Alegre.
Bn.7 **João Pereira de Souza**, *2.8.1821, Belém Velho, Porto Alegre.
Bn.8 **Américo** *6.2.1825, Viamão.

N.27 **José** *25.3.1796, Triunfo.
N.28 **Florinda** *29.7.1797, Porto Alegre.
N.29 **Maria Joaquina da Conceição** *24.5.1799, Viamão, ∞ **Francisco José Carneiro**, *21.2.1788, Santo Antônio da Patrulha, f.º de José Raimundo e Quitéria Carneiro. Pais de:

Bn.9 **Laura** *6.7.1815, Viamão.
Bn.10 **Alexandrina** *21.8.1817, Viamão.
Bn.11 **Florinda** *6.8.1819.

N.30 **Constantino** *2.7.1801, Viamão.
N.31 **Francisco** *2.5.1803, Porto Alegre.
N.32 **Isabel** b. 10.10.1805, Triunfo.
N.33 **Antônia** *1.9.1807, Triunfo.
N.34 **Bento** *15.11.1810, Taquari.
N.35 **Rosa Joaquina de Jesus** *16.5.1813, Taquari e †24.4.1878, Viamão, ∞ **José Martins de Ávila**, f.º de André Martins de Ávila e Maria Nunes Vieira. C/d em Viamão.

F.11 **Felisberta Rosa de Jesus** *1775 talvez em Porto Alegre, onde a 21.7.1791 ∞ **Bernardo José da Silveira** (v. Antônio da Silveira Pereira, N.4).
F.12 **Josefa Maria de Jesus** *2.1.1779, Porto Alegre, onde em 5.7.1804 ∞ **Estevão Álvares**, *1780, Vinhares de Outorga ou Estorva, Espanha, f.º de Lourenço Álvares e Catarina Rosa Rodrigues. C/d em Taquari e Triunfo.
F.13 **Flávia Maria de Jesus** *1780, Porto Alegre.
F.14 **Florentino Pereira Garcia** *7.2.1783, Porto Alegre, onde †4.5.1783.
F.15 **Florinda Rosa de Jesus** *27.6.1784, Porto Alegre, onde a 12.10.1799 ∞ **João Inácio da Silva**, *Taquari, f.º de José Inácio da Silva, de Triunfo, e Maria Escolástica Vidal, de Rio Grande. C/d em Triunfo e Viamão.
F.16 **Frutuoso José dos Santos** *Porto Alegre. A 21.5.1797, Triunfo, ∞ **Teresa Maria de Jesus**, *6.9.1773, Taquari, f.ª de José Inácio da Silva e Maria Escolástica de Jesus, ambos de Rio Grande.

JOSÉ RAPOSO *Ilha de São Miguel, ∞ **TERESA MARIA DE JESUS**, *Recife/PE e † antes de 6.1835, cujo casal veio para o RS. Pais de:

F.1 **José de Jesus Raposo** *PE, ∞ 25.2.1808, Triunfo, **Cristina Maria Leite**, *21.1.1790, Triunfo, f.ª de José de Barros Leite e Ana Maria da Conceição.
F.2 **Bernardino José de Sena** *Recife/PE, ∞ 25.4.1808, Porto Alegre, **Antônia Leonor de Jesus** (v. Bartolomeu Cardoso, N.10).
F.3 **Teodoro das Virgens Raposo** *PE, ∞ 10.1.1811, Porto Alegre, **Floriana Angélica de Jesus** (v. João Inácio da Costa, F.9). Pais de:

N.1 **José** *3.1.1815, Porto Alegre.
F.4 **Francisca de Paula** *Recife/PE (São Miguel), ∞ 17.6.1804, Porto Alegre, **José Outinho Rafael**, *Veneza ou Roma (São Nicolau), Itália, f.º de Antonio Otins e Francisca. Pais de:
N.2 **Alexandrina de Paula Otina** *28.3.1805, Porto Alegre, onde a 3.12.1819 ∞ **José Rodrigues**, *Marinha, Porto, PT, f.º de José Rodrigues e Rosa dos Reis.
F.5 **Maria** *1795, b. 24.11.1802, com 7 anos, em Porto Alegre.

JOSÉ RODRIGUES DA SILVA *Horta (Conceição), Ilha do Faial, f.º de José Rodrigues da Silva e Catarina de São José. Foi ∞ **LUÍSA DO NASCIMENTO**, *19.12.1790, Horta (Conceição), Ilha do Faial, f.ª de Antônio José Vieira (v. este nome) e Felícia Luísa de Jesus. Pais de:

F.1 **Antônio** *3.10.1810, Porto Alegre.
F.2 **Francisco** *25.4.1813, Porto Alegre, onde †30.7.1813.
F.3 **José Rodrigues da Silva** *25.7.1814, Porto Alegre. A 7.6.1834, São Leopoldo, ∞ **Maria Joaquina da Silva** (v. Manuel Dias Ferreira, Tn.8). C/d em São Leopoldo.
F.4 **Jerônimo** *1.10.1815, Porto Alegre.
F.5 **Lucinda** *4.5.1817, Porto Alegre, onde †13.1.1818.
F.6 **Maria** *9.2.1819, Porto Alegre.
F.7 **Josefina Maria da Silva** *2.12.1820, Triunfo, ∞ **André Pereira Maciel** (v. Antônio da Rosa I, Bn.8).
F.8 **Bernardo** *31.10.1821, Triunfo.
F.9 **Cândida** *28.7.1823, Triunfo.
F.10 **Engrácio José da Silva** *1828, foi ∞ **Guilhermina Maria da Conceição**, c/d em São Leopoldo e Sapucaia.
F.11 **Manuela Luísa da Silveira** *4.10.1830, São Leopoldo, ∞ **Zeferino Antônio da Rosa**.
F.12 **Fabiano José Rodrigues** *1832, ∞ 1856, Porto Alegre, **Heduviges Cândida da Rocha**.

JOSÉ RODRIGUES PATRÍCIO *Ilha Graciosa, onde ∞ **ANTÔNIA MARIA DE JESUS**, ali *1735 e †24.6.1816, com 81 anos, casada, Porto Alegre. Pais de:

F.1 **Mariana Rosa de Jesus** *Vila da Praia, Ilha Graciosa. A 11.12.1790, Porto Alegre, ∞ **Joaquim José Rodrigues** ou **Joaquim José Machado** (v. Antônio Machado Neto, N.8).
F.2 **Francisco José da Cunha Rodrigues** ou **Francisco José Rodrigues** *Ilha Graciosa ou Ilha do Faial e † antes de 1828. A 10.1.1796, Porto Alegre, ∞ **Jacinta Rosa de Jesus** (v. Bartolomeu Cardoso, N.4). Pais de:
N.1 **Leocádia** *24.6.1798, Porto Alegre, onde †19.9.1798.
N.2 **Florinda Joaquina de Jesus** *27.12.1799, Porto Alegre, onde a 23.5.1822 ∞ **Manuel José Ferreira**, *Santa Marinha, Arouca, PT, f.º de José Ferreira Torres e Maria Rosa.

N.3 **Jerônimo José Rodrigues** *27.7.1802, Porto Alegre, onde a 15.10.1833 ∞ **Manuela Elísia de Azambuja**.
N.4 **Jacinto** *21.7.1804, Porto Alegre, onde †30.6.1806.
N.5 **Rita Joaquina de Oliveira** *27.1.1807, Porto Alegre, onde a 24.9.1825, ∞ **João Batista Tubino**, *Gênova (São Pedro da Barca), Itália.
N.6 **Maria Joaquina de Jesus** *18.1.1811, Porto Alegre, onde a 20.12.1828 ∞ **Bernardo Jesus de Abreu**.
N.7 **Joaquina Maria de Oliveira** *30.7.1813, Porto Alegre, onde a 18.6.1828, ∞ **Domingos Massaferre**, *freguesia de São João Batista, cidade Final, bispado de Navona (sic), f.º de João Baptista Massaferre e Maria Morinel.
N.8 **Inocente José Rodrigues** *Porto Alegre.
N.9 **Joaquim** *17.9.1818, Porto Alegre.
N.10 **Francisca** *31.10.1823, Porto Alegre.

F.3 **Domingos José Rodrigues** *Vila da Praia, Ilha Graciosa. A 7.1.1802, Porto Alegre, ∞ **Inácia Maria Severina** (v. Manuel de Souza Barros, Bn.1). Pais de:
N.11 **Ana Maria Joaquina** *23.12.1802, Porto Alegre, onde a 30.6.1821 ∞ **Antônio José de Faria**, capitão, *São José/SC, f.º de Manuel José de Faria, das Velas, Ilha de São Jorge, e Ana Rosa do Nascimento, de Florianópolis/SC.
N.12 **Antônio** *11.6.1805, Porto Alegre.

F.4 **Rosa Joaquina de Jesus** *Vila da Praia, Ilha Graciosa. A 7.1.1798, Porto Alegre, ∞ (1x) **Francisco de Souza da Silva**, *Vila da Praia, Ilha Graciosa e †14.9.1811, Porto Alegre, f.º de Manuel de Souza e Silva e Faustina Rosa de Bitencourt. A 21.8.1823, Porto Alegre, ∞ (2x) **Lino José da Silva**, *1777, Laguna/SC, f.º do alferes Alexandre José da Silva, da Ilha de São Jorge, e Josefa de Jesus, de Laguna/SC. Em 1833 Lino ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando disse viver do ofício de calafate e de outros rendimentos. Houve do 1º casamento:
N.13 **Rita Joaquina de Jesus** *22.5.1801, Porto Alegre, onde a 7.1.1815, ∞ **Antônio Álvares da Silva**, *Porto, PT, f.º de Manuel Antônio e Josefa Maria. Pais de:
Bn.1 **Rita** *21.2.1816, Porto Alegre, onde †4.9.1817.
N.14 **Maria** *12.2.1803, Porto Alegre, onde †12.8.1803.
N.15 **Rosa** *19.10.1804, Porto Alegre, onde †26.4.1806.

F.5 **Josefa Rosa** *1767, Ilha Graciosa e †16.2.1789, Rio Grande, solteira.
F.6 **Matias José** †28.2.1816, Porto Alegre.

JOSÉ RODRIGUES PEIXOTO ou **JOSÉ RODRIGUES DA SILVA** *1732, Flamengos, Ilha do Faial e †23.11.1772, Porto Alegre, sem testamento, por ser pobre, f.º de Felipe Rodrigues, de Flamengos, e Maria das Candeias, da Vila da Praia, Ilha Terceira. A 9.10.1759, Rio Grande, ∞ **MARIA DA CONCEIÇÃO** (v. José de Oliveira, F.3) e Isabel Inácia da Conceição. Maria ∞ (2x) Antônio Silveira Nunes (v. Manuel Pereira da Luz, F.4). Pais de:

F.1 **Maria Feliciana de Jesus** *9.9.1760, Rio Grande e †1.7.1816, Porto Alegre. A 7.11.1774, Florianópolis/SC (Desterro) ∞ **Anastácio Rodrigues (de Jesus)**, *1753, Florianópolis/SC e †26.8.1801, Porto Alegre, f.º de Manuel Rodrigues Lamego, de São

Martinho de Mouros, Resende, Viseu, PT, e Vitória de Jesus, de Santa Cruz, Ilha Graciosa. Pais de:

N.1 **Feliciana Rosa de Jesus** *16.6.1776, Porto Alegre, onde a 13.11.1791 ∞ (1x) **Higino Guerreiro de Alpoim** (v. Francisco Silveira de Souza, N.4). A 28.2.1801, Rio Pardo, Feliciana ∞ (2x) **Francisco Borges do Canto** (v. José Caetano Pereira, F.2). Feliciana a 22.5.1817, Porto Alegre, ∞ (3x) **José Inácio da Silveira** (v. José de Oliveira, N.6)

N.2 **Maria Angélica de Jesus** b. 4.8.1778, Rio Pardo. A 7.1.1796, Porto Alegre, ∞ **Antônio da Silva Gomes**, *Alfena (São Vicente), Valongo, Porto, PT, f.º de **Félix Martins e Maria de Souza. Pais de:**

Bn.1 **Anastácio** *14.11.1796, Porto Alegre.

Bn.2 **Maurícia Inácia da Silva** *1.1.1800, Porto Alegre, onde em 1817 ∞ **Luís Francisco da Silva**, *bispado do Porto, PT, f.º de Antônio Francisco da Silva e Ana Francisca ou Matilde Rosa. Pais de:

Tn.1 **Manuel** *28.10.1818, Porto Alegre.

Tn.2 **Luís** *15.1.1820, Porto Alegre.

Tn.3 **Maria** *6.6.1821, Porto Alegre.

Tn.4 **Domingos** *9.10.1822, Porto Alegre.

Bn.3 **Silvério** *5.4.1803, Porto Alegre.

Bn.4 **Maria** *18.7.1806, Porto Alegre.

N.3 **Damiana Cláudia de Jesus** *12.11.1780, Porto Alegre, onde a 8.2.1797, ∞ **Patrício Gonçalves de Saibro**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.º de Bento Gonçalves de Saibro, de São João, Braga, PT, e Francisca Maria do Espírito Santo, de Florianópolis. Em 1822 Patrício e família residiam na rua do Riacho, atual Washington Luís, em Porto Alegre. Pais de:

Bn.5 **Adriana Cláudia de Jesus** *27.11.1797, Porto Alegre, onde a 3.5.1817 ∞ seu primo **Joaquim Gonçalves de Saibro**, *Florianópolis/SC, f.º de Antônio Gonçalves de Saibro e Catarina da Rosa, ambos de Florianópolis/SC, n.p. de Bento Gonçalves de Saibro e Francisca Maria do Espírito Santo. Em 1822 Joaquim e família residiam na rua do Arvoredo, atual Fenando Machado, em Porto Alegre. Pais de:

Tn.5 **Senhorinha Clara de Jesus** *9.7.1818, Porto Alegre.

Tn.6 **Carolina** *3.8.1820, Porto Alegre.

Tn.7 **Estácio Gonçalves de Saibro** *17.11.1822, Porto Alegre, ∞ **Isabel Maria Ventura** (v. Ventura Pimentel, Bn.29). C/d em Porto Alegre.

Bn.6 **Maria Feliciana de Jesus** *17.3.1799, Porto Alegre, onde a 30.7.1822, ∞ **João Antônio Rodrigues**, abaixo citado (N.8).

Bn.7 **Joana** *16.12.1800, Porto Alegre.

Bn.8 **Cândida** *13.11.1802, Porto Alegre, onde †8.7.1806.

Bn.9 **Patrício** *12.12.1804, Porto Alegre, onde †27.6.1806.

Bn.10 **Felisberto** *1.10.1806, Porto Alegre.

Bn.11 **Damiana Cláudia de Jesus** *29.9.1808, Porto Alegre, onde a 25.7.1831, ∞ **Pedro Antônio de Morais** (v. Jorge Teixeira de Melo, Bn.27).

Bn.12 **Valentim Gonçalves de Saibro** *11.9.1810, Porto Alegre, ∞ **Cristina Ferreira Guimarães**, c/d em Taquari.

Bn.13 **Joaquim** *9.9.1812, Porto Alegre.

Bn.14 **Ana** *5.2.1815, Porto Alegre, onde †3.1.1818.
Bn.15 **João Gonçalves de Saibro** *28.8.1818, Porto Alegre, onde a 23.9.1846 ∞ **Carlota Joaquina de Oliveira** (v. Manuel de Ávila de Souza, Bn.47).
Bn.16 **Carolina** *3.8.1820, Porto Alegre.
Bn.17 **Joana** *16.3.1821, Porto Alegre, onde †1.4.1821.

N.4 **Tomás Rodrigues de Jesus** b. 12.11.1783, Porto Alegre, onde a 14.2.1803 ∞ **Maria Joaquina do Nascimento** (v. José Silveira de Alvernaz, N.7). Pais de:
Bn.18 **Alexandrina** *26.11.1803, Porto Alegre, onde em 1823 ∞ **José Francisco**.
Bn.19 **Maria** *28.5.1805, Porto Alegre (gêmea).
Bn.20 **Feliciana** *28.5.1805, Porto Alegre (gêmea).
Bn.21 **Delfina** *2.6.1806, Porto Alegre (gêmea), onde †13.7.1806.
Bn.22 **Zeferina Rodrigues do Nascimento** (gêmea) *2.6.1806, Porto Alegre, onde a 4.11.1825 ∞ seu primo **Adriano José da Silva**, abaixo citado (N.39).
Bn.23 **Cecília Rodrigues do Nascimento** *12.6.1808, Porto Alegre, onde a 26.10.1826 ∞ **José Machado Pereira**, *Manadas, Ilha de São Jorge, f.º de José Machado Pereira e Bárbara Pereira.
Bn.24 **Silvestre** *1.1.1811, Porto Alegre, onde †20.7.1813.
Bn.25 **Matildes Joaquina do Nascimento** *13.3.1813, Porto Alegre, onde a 6.6.1830 ∞ **Antônio José Rodrigues** (v. Antônio Machado Neto, Bn.43).
Bn.26 **Ana** *1814, Porto Alegre, onde †29.11.1817.
Bn.27 **Inocência** *27.12.1814, Porto Alegre, onde †1.10.1815.
Bn.28 **Silvestre** *8.10.1818, Porto Alegre.
Bn.29 **Antônio** *14.11.1820, Porto Alegre.
Bn.30 **Inocência** *11.9.1822, Porto Alegre.

F.2 **Manuel** *27.3.1762, Rio Grande.

F.3 **Antônio José Rodrigues** b. 1.9.1765, Florianópolis/SC (Desterro). A 18.11.1794, Porto Alegre, ∞ **Desidéria Rosa** ou **Desidéria Maria Inácia** (v. André Pereira de Matos, N.8). Pais de:

N.5 **Maria Antônia da Encarnação** *24.11.1795, Porto Alegre, onde a 2.5.1810 ∞ **Manuel Nunes Pinto**, *Macinhata, Aveiro, PT, f.º de Antônio Nunes e Rosa da Silva**.** Pais de:
Bn.31 **Maria** *11.9.1811, Porto Alegre.
Bn.32 **Ana** *14.7.1813, Porto Alegre.
Bn.33 **Francisco** *2.7.1815, Porto Alegre.
Bn.34 **Antônia** *10.1.1818, Porto Alegre.
Bn.35 **Antônio** *28.2.1820, Porto Alegre.

N.6 **Antônio** *23.6.1797, Porto Alegre, onde †16.4.1806.
N.7 **Rosa** *6.7.1799, Porto Alegre, onde †4.5.1806.
N.8 **João Antônio Rodrigues** *22.7.1801, Porto Alegre, onde a 30.7.1822 ∞ sua prima **Maria Feliciana de Jesus**, acima citada (Bn.6).
N.9 **Manuel** *19.5.1803, Porto Alegre.
N.10 **José** *17.6.1805, Porto Alegre, onde †19.6.1806.
N.11 **Rosa Maria de Jesus** *6.3.1807, Porto Alegre, onde a 23.1.1827 ∞ **José Gomes da Silva**, *Matosinhos, Porto, PT, f.º de Domingos Gomes da Silva e Custódia Maria de Jesus.

N.12 **Antônia** *6.2.1809, Porto Alegre.
N.13 **Vitorino** *21.5.1812, Porto Alegre, onde †4.5.1813.
N.14 **Vitória** *11.8.1814, Porto Alegre.
N.15 **Manuel** *25.12.1816, Porto Alegre.
N.16 **Joana** *5.2.1819, Porto Alegre.

F.4 **Jerônimo José da Silva** *20.8.1767, Viamão. Foi ∞ **Rita Maria da Silva**, *Vila de Guarapiranga/MG, f.ª de Inácio da Silva Campos e Ana Maria de São José, ambos de MG. Pais de:

N.17 **Aldina** *4.5.1797, Porto Alegre.
N.18 **João** *19.10.1798, Porto Alegre.
N.19 **Aldina Maria da Silva** *30.8.1800, Porto Alegre, onde a 24.1.1816 ∞ **José Antônio Roberto,** *Ribeira Seca, Ilha de São Jorge, f.º de Raimundo Antônio Álvares e Ana Machado. Pais de:

Bn.36 **Manuel** *18.2.1820, Porto Alegre.

N.20 **Josefa Maria da Silva** *17.2.1803, Porto Alegre, onde a 26.2.1821 ∞ **Sebastião Fernandes Viana**, *Triunfo, f.º de Domingos Fernandes Viana e Jacinta Escolástica da Conceição.
N.21 **Jerônimo** *23.8.1806, Porto Alegre.
N.22 **Joaquina** *18.1.1807, Porto Alegre, onde †1.1.1808.
N.23 **Ana Maria da Silva** *17.9.1808, Porto Alegre, onde a 14.4.1828, ∞ **Antônio Henriques da Silva**, *Estado do RJ, f.º de Inácio da Silva Campos e Ana Maria de São José, ambos de MG.
N.24 **Luísa** *28.10.1810, Porto Alegre.
N.25 **Rita** *19.3.1813, Porto Alegre.
N.26 **Antônio** *1.11.1815, Porto Alegre, onde †4.1.1816.
N.27 **Henriqueta** *18.5.1817, Porto Alegre.
N.28 **Fausta** *31.8.1820, Porto Alegre.

F.5 **Floriana Rosa do Nascimento** ou **Floriana Maria** *1768, Florianópolis/SC (Santo Antônio de Lisboa) e †7.7.1828, Porto Alegre, onde a 27.7.1784 ∞ **Gaspar José da Silva**, *1755, Cartaxo, Santarém, PT e †13.3.1817, Porto Alegre, f.º de João Soares e Maria Teresa. Pais de:

N.29 **Gertrudes Antônia de Oliveira** *9.9.1785, Porto Alegre, onde a 7.1.1801 ∞ (1x) **Felipe José da Silveira**, *Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira, f.º de João Pimentel e Maria da Pureza. Gertrudes a 12.1.1815, Porto Alegre, ∞ (2x) **João Batista de Carvalho**, b. 29.12.1776, Rio Pardo, f.º de João Batista de Carvalho e Souza, sargento-mor, e Ana Maria de Souza.

Houve do 1º casamento:

Bn.37 **Delfina** *7.8.1803, Porto Alegre.

Houve do 2º casamento:

Bn.38 **Sebastião** *1.1.1815, Porto Alegre.
Bn.39 **João** *2.4.1816, Porto Alegre.
Bn.40 **Antônio** *11.10.1817, Porto Alegre.
Bn.41 **Gaspar** *27.11.1819, Porto Alegre.
Bn.42 **Cândida** *11.5.1822, Porto Alegre.

N.30 **José Rodrigues da Silva** *8.5.1787, Porto Alegre, ∞ **Maria Joaquina das Dores**, *Gravataí, f.ª de José Pereira da Silva e Cecília Maria de Oliveira. Pais de:

Bn.43 **Floriana** *22.4.1819, Porto Alegre, onde †6.5.1820.
Bn.44 **Guilhermina** *4.9.1821, Porto Alegre.
N.31 **Margarida Cláudia da Silva** *6.1.1789, Porto Alegre, onde a 8.2.1812 ∞ **Manuel Antônio da Costa**.
N.32 **João Rodrigues da Silva** *2.6.1790, Porto Alegre.
N.33 **Angélica Rosa da Silva**, *15.4.1792, Porto Alegre, onde a 29.6.1820 ∞ **Miguel José de Freitas** (v. Alexandre José da Rosa, F.2).
N.34 **Cândida** *26.5.1794, Porto Alegre, onde †3.5.1811.
N.35 **Patrício** *9.7.1795, Porto Alegre.
N.36 **Manuel Gomes da Silva** *16.5.1797, Porto Alegre, onde a 3.8.1821, ∞ **Maria Núncia de Oliveira**, *Osório, f.ª de Salvador Pinto de Mello ou Salvador Nunes de Mello, de Laguna/SC, **e Brígida Maria de Bitencourt**, de Osório. Pais de:
Bn.45 **Floriano** *4.11.1822, Porto Alegre.
N.37 **Sebastião** *7.10.1798, Porto Alegre, onde †22.4.1804.
N.38 **Joaquim** *24.8.1800, Porto Alegre, onde †5.5.1804.
N.39 **Adriano José da Silva** *18.3.1802, Porto Alegre, onde a 4.11.1802 ∞ sua prima **Zeferina Rodrigues do Nascimento**, acima citada (Bn.22).
N.40 **Francisca** *2.3.1804, Porto Alegre.
N.41 **Delfina Cândida da Silva** *25.11.1806, Porto Alegre, onde a 8.1.1831 ∞ **José Maria Ramalho**, *Amarante (São Gonçalo), Amarante, Porto, PT, f.º de Francisco José Ramalho e Ana Pinheiro da Conceição.

F.6 **Jacinto José da Silva** b. 20.9.1769, Porto Alegre, onde †9.12.1812 e aí, a 26.10.1794, ∞ **Ana Maria** (v. André Pereira de Matos, N.9). Pais de:
N.42 **Nazário** *28.7.1795, Porto Alegre, onde †25.10.1798.
N.43 **Maria** *3.9.1796, Porto Alegre, onde †24.10.1798.
N.44 **Gaudência Jacinta da Silva** *8.10.1797, Porto Alegre, onde a 19.2.1816 ∞ **Francisco Joaquim da Silva**, *Porto Alegre, f.º de Antônio José e Maria José, ambos de Chaves, PT. Pais de:
Bn.46 **Ana** *8.1.1817, Porto Alegre.
N.45 **Antônio** *16.1.1799, Porto Alegre.
N.46 **Maria** *16.3.1801, Porto Alegre, onde †5.4.1804.
N.47 **Felicidade** *7.2.1803, Porto Alegre, onde †31.3.1804.
N.48 **Felicidade** *8.1.1805, Porto Alegre, onde †1.6.1806.
N.49 **Felicidade Maria da Silva** *9.12.1806, Porto Alegre, onde a 14.1.1825 ∞ **Jacinto José Inácio** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.56).
N.50 **Manuel** *13.12.1808, Porto Alegre, onde †20.2.1811.
N.51 **Luísa** *2.11.1810, Porto Alegre.

F.7 **Maria** *10.8.1771, Viamão.

JOSÉ SILVEIRA DE ALVERNAZ *18.8.1718, São Roque, Ilha do Pico, f.º de Antônio Silveira Alvernaz e Cataria Pereira, onde ∞ 1.5.1741, **LEONARDA CAETANA DE JESUS**, ali * e que deve ser a mesma †23.8.1802, com 90 anos mais ou menos, em Porto Alegre, f.ª de Manuel Cabral Pinheiro. Pais de:

F.1 **João** *27.1.1742, São Roque, Ilha do Pico.
F.2 **Maria de Jesus** *Ilha do Pico, ∞ (1x) **Joaquim José** e ∞ 1.4.1788, Porto Alegre, (2x) **André Machado de Souza**, *Vila da Praia, Ilha Terceira e †3.8.1810, viúvo de Luzia Inácia de Jesus, f.º de Manuel Machado de Souza e Leonor do Rosário. Houve do 2º casamento:

N.1 **José Ilustre de Souza** *2.4.1789, Viamão, onde a 6.2.1810 ∞ **Joaquina Maria do Nascimento**, *27.9.1793, Viamão, f.ª de Manuel José dos Santos e Ana Joaquina de Jesus (v. José Pereira Garcia, F.8). C/d em Viamão.

F.3 **Clemência Maria de Jesus** *Florianópolis/SC (Desterro), ∞ 17.4.1777, Porto Alegre, (1x) **Manuel José Antônio**, *1747, Lisboa (Santa Catarina), Lisboa, PT, e †9.9.1783, Porto Alegre, f.º de José Romão da Costa e Teresa Maria de Jesus. Clemência, ∞ 26.11.1785, Porto Alegre, (2x) **Manuel José do Nascimento**, *Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita), f.º de Manuel do Nascimento e Ana Maria de Jesus.

Houve do 1º casamento:

N.2 **José Manuel de Moraes** *29.1.1778, Porto Alegre, onde a 4.2.1809 ∞ **Patrícia Inácia Veloso** ou **Patrícia Angélica de Menezes**, *1.10.1791, Porto Alegre e †19.4.1832, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de João da Costa Cardoso e Luísa Inácia Veloso. Pais de:

Bn.1 **José Manuel de Moraes** *31.5.1816, Porto Alegre.

N.3 **Nicolau** *14.10.1779, Porto Alegre.
N.4 **Inácio** *28.4.1781, Porto Alegre.
N.5 **Cecília** *22.4.1783, Porto Alegre, onde †25.12.1784.

Houve do 2º casamento:

N.6 **Esméria Maria da Conceição** *12.9.1786, Porto Alegre, onde a 14.7.1800 ∞ **Bento José Viana**, *Florianópolis/SC, f.º de Francisco Lemos e Antônia de Lima. Pais de:

Bn.2 **Inácio** *9.6.1811, Porto Alegre.
Bn.3 **Rocha** *24.5.1814, Porto Alegre.
Bn.4 **Antônio** *27.9.1816, Santo Amaro do Sul.

N.7 **Maria Joaquina do Nascimento** *12.9.1786, Porto Alegre, onde a 14.2.1803, ∞ **Tomás Rodrigues de Jesus** (v. José Rodrigues Peixoto, N.4).

N.8 **Manuel José do Nascimento** *31.5.1788, Porto Alegre, onde a 23.11.1806 ∞ **Pulquéria Inácia da Assunção**, *Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita), viúva de Manuel Paulo, f.ª de Antônio de Melo e Antônia da Assunção.

F.4 **Rita Maria** *São José/SC, ∞ 26.11.1767, Florianópolis/SC (Desterro), **Manuel do Rosário**, ali *, f.º de Manuel do Rosário, de Toledo, Espanha, e Maria de Souza, de Florianópolis/SC. C/d em Florianópolis e depois Santo Antônio da Patrulha.

JOSÉ SILVEIRA DE ÁVILA *Açores, f.º de João Silveira de Ávila e Maria de Jesus, ∞ **MARIA ANTÔNIA DE JESUS**, *Açores, f.ª de Manuel de Bittencourt e Antônia da Conceição. O casal de José e Maria teve filhos em Florianópolis, Osório, Taquari e uma em Porto Alegre:

F.1 **Joaquina Maria de Jesus** *21.10.1786, Porto Alegre, onde †29.7.1806. A 12.1.1803, Triunfo, ∞ **Antônio Ferreira Brandão**.

JOSÉ SILVEIRA DE AZEVEDO BITTENCOURT *5.4.1754, Horta (S. Salvador), Ilha do Faial e †4.3.1812, Porto Alegre, f.º de José Silveira e Isabel do Rosário. Na Ilha do Faial ∞ **RITA LUÍSA**, *Flamengos, Ilha do Faial e †11.4.1827, Porto Alegre, f.ª do capitão José de Azevedo e Joana Inácia. Pais de:

F.1 **José Silveira de Azevedo** *26.5.1792, Flamengos, Ilha do Faial, onde ∞ **Ana Clara** ou **Ana Maria de Jesus** *Ilha do Faial, f.ª de Antônio Pereira de Abreu e Clara Rosa (citados em v. Antônio Pereira Nunes, N.11). Imigração talvez posterior a 1822. Pais de:

N.1 **Clara Angélica de Jesus** *Ilha do Faial, a 12.10.1833, Porto Alegre, ∞ **Joaquim Antônio dos Santos**, *11.5.1799, Mostardas, f.º de Apolinário Antônio dos Santos, de Velas, Ilha de São Jorge, e Maria Irene do Livramento, de Estreito.

N.2 **Maria Clara de Jesus** a 19.10.1833, Porto Alegre, ∞ **Teodoro Antônio dos Santos**, *Mostardas, f.º de Apolinário Antônio dos Santos, de Velas, Ilha de São Jorge, e Maria Irene do Livramento, de Estreito.

N.3 **Manuel** *12.7.1822, Porto Alegre.

N.4 **José** *16.4.1824, Porto Alegre.

F.2 **Francisco Silveira de Azevedo** (Chico Ilhéu) *Ilha do Faial e †2.11.1873, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ (1x) **Luísa Maurícia**, *Ilha do Faial, f.ª de pais desconhecidos. Francisco ∞ (2x) **Maria Antônia dos Santos**. Houve do 1º casamento:

N.5 **Maria da Conceição ∞ José Patrício da Silveira Bittencourt**.

N.6 **Feliciana Luísa de Azevedo ∞ Antônio Pereira do Vale**.

N.7 **José Silveira de Azevedo Sobrinho**

N.8 **Ana Maria de Azevedo** *11.7.1822, Porto Alegre, ∞ **Francisco Joaquim Rabello**.

N.9 **Joana Luísa** † antes de seu pai, ∞ **Manuel Francisco de Azevedo**. Pais de:

Bn.1 **Luís**

Bn.2 **Manuel**

Bn.3 **João**

Bn.4 **Guilhermina**

Bn.5 **Josefina**

Bn.6 **Vitalina**

N.10 **Cândida Luísa Francisca de Azevedo** † antes de seu pai, ∞ **Luís Vicente Gomes Vianna**. Pais de:

Bn.7 **Liberato**

Bn.8 **Maria José**

Bn.9 **Josefina**

F.3 (homem) *depois do falecimento do pai.

JOSÉ SILVEIRA DE FARIA *1766, Castelo Branco, Ilha do Faial e †12.4.1804, Porto Alegre, com 38 anos, f.º de Manuel Silveira de Faria e Rosa Pereira. A 9.8.1795, Gravataí, ∞ **BRÍGIDA MARIA DA SILVA** ou **BRÍGIDA DA CONCEIÇÃO** *1779, Gravataí e †23.1.1819, Porto Alegre, f.º de Antônio Moreira da Silva, de Ilha Grande/RJ, e Isabel de Souza, de Florianópolis/SC. Pais de:

F.1 **Antônio José de Faria** *14.5.1796, Porto Alegre, onde a 25.1.1817 ∞ **Brígida Maria de Jesus**, *20.3.1801, Porto Alegre, (v. Manuel Dutra do Souto, F.6). Pais de:

N.1 **Inácio** *8.6.1817, Porto Alegre.
N.2 **Feliciana** *13.2.1820, Porto Alegre.
N.3 **Laureana** *11.7.1822, Porto Alegre.

F.2 **Delfina Maria de Jesus** *6.2.1799, Porto Alegre, onde †29.5.1821 e ali a 16.1.1819 ∞ **Agostinho Silveira Pastoriza**, *Laguna/SC, f.º de Manuel Pastoriza Rosales, de Galícia, Espanha, e de Ana Rosa de Jesus, de Enseada de Brito, Palhoça/SC (v. Manuel Silveira Gonçalves, N.20). Pais de:

N.4 **Laurindo Silveira Pastoriza** *11.12.1819, Porto Alegre, ∞ 21.8.1844, Viamão, **Rita de Souza Feijó**, ali *1.12.1827, f.ª de Manuel de Souza Feijó e Luísa Maria da Conceição, ambos de Viamão.

F.3 **Isabel Maria da Silva** *23.8.1800, Porto Alegre, onde a 31.8.1814 ∞ **Caetano José da Rosa**, *27.7.1794, Gravataí, f.º de Francisco José da Rosa, de Gravataí, e Ana Inácia de Jesus, de Mostardas. Pais de:

N.5 **Ana Rosa de Oliveira** *Porto Alegre, onde a 5.7.1830 ∞ **Matias de Oliveira Ramos**.
N.6 **Agostinho** (f.º de pai incógnito) *11.12.1820, Porto Alegre.
N.7 **Cândido** (f.º de pai incógnito) *3.10.1822, Porto Alegre.

F.4 **Margarida Maria da Silva** *21.9.1801, Porto Alegre, onde a 24.1.1816 ∞ **Luís Manuel da Silva**, *8.6.1796, Porto Alegre, f.º de Manuel Pastoriza Rosales, de Galícia, Espanha, e de Ana Rosa de Jesus, de Enseada de Brito, Palhoça/SC. Pais de:

N.8 **Bernardina Luísa da Silva** *28.6.1818, Porto Alegre, a qual teve ao menos duas filhas naturais em Triunfo, sendo uma delas Luísa Francisca da Silva, ∞ Manuel João Belém, pais do historiador, educador e jornalista gaúcho João da Silva Belém.
N.9 **Luísa** *16.12.1819, Porto Alegre.
N.10 **Francisco** *2.10.1821, Porto Alegre.
N.11 **Maria Luísa da Silva** ∞ 1847, Triunfo, **Olivério Antônio Ramos.**

F.5 **Ana** *3.2.1804, Porto Alegre, onde †21.7.1805.

JOSÉ SILVEIRA FERNANDES *pv. 1740, Salão, Ilha do Faial e †14.10.1825, Porto Alegre, com inventário aí autuado, f.º de Manuel ou José Silveira Fernandes e Maria Rosa de Santo Antônio. A 10.1.1780, Salão ∞ **ANA MARIA DA TRINDADE**, *23.5.1747, Salão, Ilha do Faial e †28.4.1838, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de Francisco Furtado de Mendonça e Bárbara de São José. Pais de:

F.1 **Maria Bárbara Fernandes** *10.6.1780, Salão, Ilha do Faial e solteira em 1838.

F.2 **Rosa Inácia da Conceição** ou **Rosa Maria da Trindade** *4.3.1782, Salão, Ilha do Faial. A 29.1.1798, Porto Alegre, ∞ **José Joaquim de Andrade**, *27.1.1768, Capelo, Ilha do Faial, f.º de Bartolomeu Dutra de Andrade e Ana Maria da Silveira, ambos de Capelo, n.p. Manuel Garcia de Andrade e Maria Goulart e n.m. Antônio Silveira de Faria e Luzia Silveira de Ávila. Pais de 9 filhos, c/d em Gravataí e São Leopoldo (v. José Silveira Peixoto, Bn.7).

F.3 **Manuel Silveira Fernandes** *27.3.1783, Salão, Ilha do Faial, onde ∞ **Vitorina Joaquina**, ali *, f.ª de Manuel Silveira e Vitória Joaquina.

F.4 **José Fernandes da Silva Mogango** ou **Mugango** ou **Bogango**, capitão, *4.1.1785, Salão, Ilha do Faial. O cronista CORUJA (1996, p. 104) escreveu que José era conhecido

como o velho *Bogango* e residia entre a estrada do Caminho do Meio (atual Av. Protásio Alves) e a estrada do Moinhos de Vento, e pai de um filho de nome José, conhecido como José Mulher. Em 1848 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando disse viver do rendimento de seus bens.
F.5 **Isabel Maria da Trindade** *16.7.1787, Porto Alegre, onde a 30.4.1808 ∞ **Manuel Furtado da Terra** (v. José Furtado da Terra, F.2).
F.6 **Francisco** *6.5.1789, Porto Alegre, onde †20.2.1795.
F.7 **Ana Margarida Fernandes** *27.11.1790, Porto Alegre e solteira em 1838.

JOSÉ SILVEIRA PEIXOTO ou **JOSÉ SILVEIRA DE FARIA PEIXOTO** *7.1.1721, Capelo, Ilha do Faial e † antes de 1808, f.º de Antônio Furtado de Mendonça e Josefa Antônia de Faria. A 14.4.1755, Capelo, ∞ **ROSA MARIA MICAELA DO NASCIMENTO**, ali *14.7.1730 e †21.5.1808, Porto Alegre, f.ª de Manuel Garcia de Menezes e Maria Furtado. O casal parece não veio para o Brasil, ao menos seus filhos:

F.1 **Brígida Inácia** *Capelo, Ilha do Faial, e †8.3.1801, Porto Alegre, de uma *mordedura de cobra*. No Capelo, a 16.10.1774, ∞ **João Silveira Moitoso** (v. Antônio Pereira Moitoso, F.2).
F.2 **Josefa Antônia da Silveira** *10.11.1760, Capelo, Ilha do Faial e †17.3.1823, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ 21.11.1791, Porto Alegre, **Manuel Dutra do Souto** (v. este nome).
F.3 **Antônio Silveira Peixoto** *20.2.1764, Capelo, onde a 25.11.1793, ∞ **Rosa Tomásia**, ali *21.2.1762, f.ª de José Garcia de Souza e Rosa Maria. O casal não imigrou para o Brasil, c/d no Capelo.
F.4 **Ana** *19.2.1767, Capelo.
F.5 **José** *19.2.1767, Capelo.
F.6 **José Silveira Peixoto** *25.1.1771, Capelo, Ilha do Faial e †6.6.1830, ∞ 14.5.1792, Porto Alegre, **Bárbara Maria de Escobar**, *4.12.1773, Cedros, Ilha do Faial (v. Antônio Pereira Moitoso, N.2). Pais de:

N.1 **José Silveira Peixoto** *15.5.1793, Porto Alegre, onde a 13.8.1811 ∞ (1x) **Emerenciana Antônia do Nascimento** (v. Antônio Pereira Nunes, N.16). A 25.2.1835, São Leopoldo, José ∞ (2x) **Ana Margarida de Andrade** *20.1.1810, Sapucaia do Sul, f.ª de José Joaquim de Andrade e Rosa Inácia da Conceição (v. José Silveira Fernandes, N.1).

Filhos do 1º casamento:

Bn.1 **José** (possível) *1812 e †16.1.1813, Porto Alegre.
Bn.2 **Inácio Pereira Nunes** *28.9.1813, Porto Alegre, onde a 4.6.1834, ∞ **Joaquina Eufrásia de Jesus**, *Porto Alegre, f.ª de Felisberto Francisco Nunes e Eufrásia Joaquina da Conceição.
Bn.3 **Margarida Antônia do Nascimento** *2.8.1815, Porto Alegre, onde a 12.4.1834 ∞ (1x) seu tio Ângelo José Peixoto, abaixo citado. Margarida em São Leopoldo a 13.12.1856 ∞ (2x) **Antônio José da Silveira**, c/d em São Leopoldo.
Bn.4 **José Silveira Peixoto** *20.9.1818, Porto Alegre.
Bn.5 **Zeferino** *20.6.1821, Porto Alegre e † antes de sua mãe.

Bn.6 **Manuel** *7.2.1823, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
Bn.7 **Zeferina Maria da Conceição** ∞ **Antônio Joaquim de Andrade**, f.º de José Joaquim de Andrade e Rosa Inácia da Conceição (v. José Silveira Fernandes, N.1).
Bn.8 **Bernardino Silveira Peixoto** *17.8.1828, Porto Alegre.
Bn.9 **Flacilia Maria da Silva** *3.2.1832, Porto Alegre, ∞ 16.1.1847, São Leopoldo, **Bernardino José da Rosa**, onde deixou descendência.
Bn.10 **Antônio Silveira Peixoto**
Bn.11 **Salustiano Silveira Peixoto**

Filhos do 2º casamento: houve ao menos cinco, nascidos entre 1836-1849 em São Leopoldo.
N.2 **Senhorinha Maria** *1.11.1794, Porto Alegre, onde †26.4.1819, solteira.
N.3 **Ana Rita Escobar Peixoto** *14.4.1796, Porto Alegre, onde †31.3.1825 e ali a 18.2.1819 ∞ **Antônio Silveira Cardoso** (v. Antônio da Silveira Pereira, Bn.36).
N.4 **Mariana Rosa da Conceição** *8.4.1800, Porto Alegre, onde a 21.10.1832 ∞ **José Manuel da Cunha**, *10.2.1801, Porto Alegre, f.º de João Manuel da Cunha e Maria Rita de Escobar.
N.5 **Maria Rita de Escobar** *1.2.1802, Porto Alegre, onde a 6.2.1823 ∞ **Antônio Pereira Nunes** (v. Antônio Pereira Nunes, N.18).
N.6 **Constância** *18.2.1804, Porto Alegre, onde †10.7.1806.
N.7 **Antônio Silveira Peixoto** *28.6.1805, Porto Alegre, ∞ **Maria Bernardina da Silva**, *12.11.1829, Gravataí, f.ª de José da Rosa Goulart e Maria Joaquina da Silva.
N.8 **Francisca Maria de Jesus** *27.12.1806, Porto Alegre, onde a 4.6.1832 ∞ **Felizardo José da Silveira** (v. Antônio Pereira Moitoso, N.14).
N.9 **Constância Maria de Jesus** *8.6.1808, Porto Alegre e † antes de 1830.
N.10 Ângelo José Peixoto *5.9.1809, Porto Alegre, onde a 12.4.1834, ∞ sua sobrinha **Margarida Antônia do Nascimento**, acima citado. C/d em São Leopoldo.

JOSÉ TOMÁS DE BITTENCOURT *Pedro Miguel, Ilha do Faial, f.º de Antônio José Bittencourt e Teresa Inácia. Na Ilha do Faial ∞ (1x) **ANTÔNIA TOMÁSIA DE BRUM**, *Ilha de São Miguel, f.ª de Paulo de Brum e Maria da Ponte Leite. José a 8.7.1813, Porto Alegre, ∞ (2x) **ANA FELÍCIA DE JESUS** (v. Inácio Antônio Duarte, F.7). Houve do 1º casamento:

F.1 **Ana Inácia de Jesus** *14.9.1794, Pedro Miguel, Ilha do Faial, ∞ **José Joaquim Moreira**, *Lagares, Penafiel, Porto, PT, f.º de Antônio Moreira e Ana de Oliveira ou Maria de Oliveira da Conceição. Pais de:
N.1 **Josefa** *2.2.1813, Rio Pardo.
N.2 **Antônio** *22.10.1814, Porto Alegre.
N.3 **Manuel** *25.8.1816, Triunfo.
F.2 **Antônio** *14.4.1796, Pedro Miguel, Ilha do Faial.
F.3 **Mateus** *15.2.1798, Pedro Miguel, Ilha do Faial.
F.4 **Felicidade dos Anjos Bitencourt** *2.10.1809, Porto Alegre, onde a 27.4.1830 ∞ **Antônio Gonçalves da Silva**, *Triunfo, f.º de Francisco Gonçalves da Silva e Maria Eufrásia Pires.
F.5 **Bibiano** *2.10.1809, Porto Alegre, onde †20.12.1812.

JOSÉ VIEIRA BARÃO DE MATOS *1756, Ilha do Pico e †28.3.1846, Porto Alegre, f.º de Manuel Vieira Barão e Maria Leal. Na Piedade, Ilha do Pico, ∞ **MARIA JOSEFA DE JESUS**, *1757, Piedade, Ilha do Pico, e †18.8.1815, Porto Alegre, f.ª de Carlos Vieira e Maria Leal. O casal teve 8 filhos e ao menos 4 vieram para o Brasil:

F.1 **Maria Felicidade Perpétua** *6.5.1782, Piedade, Ilha do Pico. A 7.1.1806, Porto Alegre, ∞ **Vicente José da Silveira**, *15.3.1772, Piedade, Ilha do Pico, f.º de José Antônio da Silveira, alferes, e Maria Ana de Bitencourt. Pais de:

N.1 **Maria** *2.12.1806, Porto Alegre, onde †21.1.1807.

F.2 **Antônio Vieira Barão** *9.12.1785, Piedade, Ilha do Pico. A 28.9.1808, Rio Grande, ∞ **Ana Joaquina de Jesus**, *Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.ª de José da Rosa Pereira e Francisca Maria de Jesus. C/d em Povo Novo.

F.3 **Francisca Josefa de Matos** *18.8.1787, Piedade, Ilha do Pico. A 24.10.1822, Porto Alegre, ∞ **José de Souza Machado** (v. este nome).

F.4 **Rosa Perpétua Felicidade** *4.11.1788, Piedade, Ilha do Pico. A 9.9.1804, Porto Alegre, ∞ **Joaquim José Vaz**, *Lisboa, Lisboa, PT, f.º de Domingos Rodrigues Vaz e Rita Maria Genoveva. Pais de:

N.2 **Rita** *24.2.1807, Porto Alegre.
N.3 **Joaquim** *22.9.1808, Porto Alegre.
N.4 **José** *8.1.1810, Porto Alegre.
N.5 **Domingos** *1.6.1812, Porto Alegre.
N.6 **Antônio** *22.11.1813, Porto Alegre.
N.7 **Manuel** b. 11.9.1815, Porto Alegre.
N.8 **João** *2.12.1816, Porto Alegre.

LEANDRO JOSÉ DA COSTA, sargento-mor, *São Pedro, Ilha de São Miguel e †21.5.1799, Porto Alegre, repentinamente, f.º de José Vieira Furtado ou João Vieira Jordão e Quitéria da Costa. A 18.6.1781, Florianópolis/SC (Desterro) ∞ **DAMÁSIA ROSA DE JESUS** ou **DAMÁSIA MACHADO OURIQUE** (v. Tomé Machado Ourique, F.6). Pais de:

F.1 **José** *27.3.1785, Porto Alegre, onde †25.4.1788.

F.2 **Ana Joaquina da Rosa** *15.7.1786, Porto Alegre, onde a 28.2.1808 ∞ **João Batista Lepeletier** ou **Pheletier**, *Paris, França e †5.1813, Florianópolis/SC, f.º de Antoine Lepeletier/Pheletier e Marie Fane Renier. Pais de:

N.1 **José Lepelethier** *3.5.1809, Porto Alegre.

F.3 **Leandro José da Costa** *25.8.1788, Porto Alegre. Foi embarcadiço e em 1811 estava casado em Paranaguá/PR.

F.4 **Manuel José Machado da Costa** *7.9.1792, Porto Alegre. Em 1809 era aprendiz de piloto. Foi ∞ **Matilde Rosa de Jesus**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de Inácio Duarte e Inácia Maria ou Inácia Rosa de Jesus, ambos de Florianópolis.

F.5 **Eugênia Rosa de Jesus** *25.10.1794, Porto Alegre e †25.11.1862, Rio Pardo. A 27.5.1810, Porto Alegre, ∞ (1x) **Francisco Inácio Jacques**, *1788, Florianópolis/SC e †28.10.1816, Porto Alegre, f.º de Jean Guilhaume Jacques, de Lille, França, e Antônia Joaquina do Rosário, de Florianópolis. Eugênia ∞ (2x) a 9.10.1820, Porto

Alegre, com seu primo **José Antônio Machado Ourique** (v. Tomé Machado Ourique, N.5).
Houve do 1º casamento:

N.2 **João Jacques da Costa Ouriques** *4.6.1811, Porto Alegre, ∞ **Feliciana**, e residiu em São Vicente do Sul.

N.3 **José Jacques da Costa Ouriques**, capitão, *20.1.1814, Porto Alegre e † antes de 1862, ∞ **Florinda Tamira**, *Rio de Janeiro/RJ, f.ª de Antônio José da Cunha, de Portugal, e Rosa Maria do Nascimento, do Rio de Janeiro/RJ. C/d em Porto Alegre.

N.4 **Francisca Jacques** *7.3.1816, Porto Alegre, onde †8.8.1816.

F.6 **Maria Rosa de Jesus** *3.10.1796, Porto Alegre, onde a 16.7.1810 ∞ **Joaquim José da Costa Campelo**, *Lisboa (São Nicolau), Lisboa, PT, f.º de Manuel da Costa Campelo e Teodora Margarida Rosa. Pais de:

N.5 **Manuel da Costa Campelo** *11.5.1811, Porto Alegre, onde †22.5.1811.

N.6 **Flora Joaquina da Costa Campelo** *1811, RS e †10.7.1897, Porto Alegre.

F.7 **Damásia Rosa de Jesus** ∞ 3.10.1816, Porto Alegre, **Antônio Joaquim da Silva Pinheiro**, *São Paulo (N. Sra. da Assunção), f.º de Manuel Joaquim da Silva e Gertrudes Pais Pedroso. Pais de:

N.7 **Ana** *6.7.1817, Porto Alegre.

LUÍS ANTÔNIO DA ROCHA *Torre de Moncorvo, PT e †14.2.1817, Horta (Matriz), Ilha do Faial, f.º de Caetano Pereira da Silveira e Vitória Luísa. A 10.5.1779, Horta (Matriz), Ilha do Faial, ∞ **JOANA VITÓRIA LUÍSA**, ali *17.11.1757 e onde †5.11.1799, f.ª de Manuel Luís de Fraga e Rosa Francisca. Ao menos 2 de seus filhos vieram para o Brasil

F.1 **José Luís da Rocha Fraga** *24.2.1787, Horta (Matriz), Ilha do Faial, ∞ 15.6.1818, Porto Alegre, ∞ **Clara Joaquina Ferreira da Costa**, *Santo Amaro do Sul, f.ª de pais incógnitos. Pais de:

N.1 **José** *18.4.1821, Porto Alegre.

F.2 **Antônio Luís da Rocha** *15.6.1788, Horta (Matriz), Ilha do Faial, ∞ 18.4.1814, Porto Alegre, **Francisca Inocência do Nascimento**, *Viamão, f.ª de pais incógnitos. Pais de:

N.2 **Francisca** *2.6.1816, Porto Alegre.

MANUEL ANTÔNIO VIEIRA *Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, f.º de Antônio Vieira Martins e Maria da Trindade, ∞ 23.12.1736 em Santa Luzia, Ilha Terceira, **MARIANA INÁCIA FRANCISCA** *Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, f.ª de Mateus Pereira e Isabel da Rosa. O casal de Manuel e Mariana imigrou para Florianópolis ao menos com um filho e no Desterro tiveram, no mínimo, mais sete filhos, sendo que dois vieram ou os seus netos para o RS. Pais de:

F.1 **Inácio Manuel Vieira**, tenente, b. 30.8.1757, Florianópolis/SC (Desterro) e †25.7.1807, Porto Alegre, onde a 22.1.1781 ∞ **Laureana Rosa de Jesus** (v. Manuel Jacinto da Luz Pereira, F.4). Pais de:

N.1 **Francisca Inácia de Deus** ou **Francisca Inácia de Jesus** *10.12.1781, Porto Alegre, onde a 26.7.1807 ∞ (1x) **Antônio Francisco da Silva Paranhos**, capitão, *Paranhos, Porto, Porto, PT, f.º de Manuel Francisco Lessa e Maria da Silva de Jesus. Francisca ∞ 12.11.1821, Porto Alegre, (2x) seu cunhado **Domingos da Silva Paranhos**, *Paranhos, Porto, Porto, PT.

Houve do 1º casamento:

Bn.1 **Manuel Antônio da Silva Paranhos** *Salvador/BA, ∞ 11.8.1833, Porto Alegre, **Francisca Maria Machado**, *20.10.1815, Viamão, f.ª de Antônio Ferreira Machado e Maria Francisca de Menezes.

Bn.2 **Antônio** *7.8.1807, Porto Alegre.

Bn.3 **Francisca da Silva Paranhos** *19.8.1808, Porto Alegre, onde a 27.10.1821 ∞ **Manuel Rodrigues Chaves**, *Barcelinhos, Barcelos, Braga, PT, f.º de Antônio Rodrigues Chaves e Joaquina Rosa do Vale.

Bn.4 **João da Silva Paranhos**, capitão, *10.4.1810, Porto Alegre, onde a 6.2.1837 ∞ **Maria Antônia Ribas**, *1810, f.ª de pais incógnitos. C/d em Porto Alegre.

N.2 **Joaquina Rosa Vieira** *22.9.1783, Porto Alegre, onde a 31.1.1808, **José de Freitas Paranhos**, *Paranhos, Porto, Porto, PT, f.º de Silvestre Luís de Freitas e Custódia Maria da Silva. Pais de:

Bn.5 **Silvestre** *26.5.1810, Porto Alegre.

Bn.6 **João** *4.3.1814, Porto Alegre.

Bn.7 **José** *9.9.1815, Porto Alegre.

Bn.8 **Antônio** *25.1.1818, Porto Alegre.

N.3 **Antônia Maria** *12.1.1786, Porto Alegre.

N.4 **Inácio Manuel Vieira** *10.1.1788, Porto Alegre, ∞ 23.4.1814, Santo Antônio da Patrulha, **Porfiria Antônia**, ali b. 4.1794, f.ª de Bento José Ribeiro dos Santos e Desidéria Antônia Peixoto. Pais de:

Bn.9 **Joaquina** *14.5.1817, Porto Alegre.

N.5 **Felicidade Perpétua Vieira** *16.2.1790, Porto Alegre, onde a 7.2.1813, ∞ **Martinho José Afonso Pereira**, *Braga, PT, enjeitado na roda de expostos da cidade de Braga. Pais de:

Bn.10 **José** *8.2.1814, Porto Alegre.

Bn.11 **Felicidade**, *30.10.1815, Porto Alegre.

Bn.12 **Martinho**, *19.9.1817, Porto Alegre, onde †16.1.1819.

Bn.13 **Constância** *8.5.1821, Porto Alegre.

N.6 **José Inácio Vieira** *28.4.1791, Porto Alegre. Em 1828 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando estava casado e disse viver do ensino das primeiras letras e †30.6.1828.

N.7 **Ana** *3.5.1793, Porto Alegre, onde †20.5.1801, aos 6 anos.

N.8 **Ana** *17.12.1794, Porto Alegre e † antes de sua mãe.

N.9 **Constância** *8.7.1797, Porto Alegre, onde †31.1.1798.

F.2 **Ana Inácia Francisca** *Florianópolis/SC (Desterro), onde a 28.5.1774 ∞ **José Cardoso Caldeira**, *1754, Florianópolis/SC (Desterro), onde †31.8.1794, f.º de José Cardoso Caldeira e Maria Josefa. Pais de:

N.10 **Joaquim Xavier Caldeira** *Florianópolis/SC (Lagoa da Conceição), ∞ 24.6.1837, Porto Alegre, **Maria Rosa da Silva**, *1.4.1794, Porto Alegre, onde †27.7.1837, f.ª de José Bernardes dos Santos, de SC, e Ana Rosa da Silva, de MG.

MANUEL CAETANO DA SILVA *Horta (Angústias), Ilha do Faial, f.º de Manuel Cardoso da Silva e Maria da Assunção, ∞ 24.9.1808, Porto Alegre, **MARIA ROSA DE JESUS**, *Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.ª de Manuel Pastoriza Rosales e Ana Rosa Joaquina. Pais de:

F.1 **Miguel** *3.12.1810, Porto Alegre.

MANUEL CARDOSO *São Mateus, Ilha Terceira, onde ∞ (1x) **JOSEFA MARIA**, ali * e dados como casal de El-Rei. Josefa †28.11.1752, Viamão, em consequência de *um pau que lhe caiu em cima estando o marido cortando o mesmo pau*. Manuel ∞ 1753 (2x), Viamão, **FRANCISCA MARIA**, *Pedro Miguel, Ilha do Faial e †23.8.1775, com mais de 50 anos, em Porto Alegre, sem testamento, por ser pobre, f.ª de Pedro de Ávila e Maria.

MANUEL CARDOSO DE OLIVEIRA ou **MANUEL CARDOSO BEIRÃO DE OLIVEIRA** *1702 nas Lajes, Ilha Terceira e †13.10.1782, Viamão, f.º de Antônio Alves de Oliveira e Catarina de Souza, onde pv. de 1728 ∞ **APOLÔNIA DE JESUS**, ali * e †12.1.1804, Viamão, f.ª de Domingos Soares e Maria de Jesus. Em 1765 Manuel, residente em Viamão, dizendo-se casal de número e dos pobres, requereu ao Governador assistência para os remédios de sua esposa, que se achava doente (GHISLENE, 1991, p. 17). Pais de:

F.1 **Rosa Maria Cardoso** *18.4.1729, Lajes, Ilha Terceira, ∞ 10.5.1759, Rio Grande, **João Rodrigues Peixoto**, *Fontinhas, Ilha Terceira, f.º de Bartolomeu Dias Rodrigues e Joana de São Francisco.
F.2 **Mariana Josefa** *29.10.1732, Lajes, Ilha Terceira, ∞ **Miguel de Souza Nunes**, *Topo, Ilha de São Jorge, f.º de José Neto de Souza e Mariana Santa de Almeida. C/d em Rio Grande.
F.3 **Tomás** *14.3.1735, Lajes, Ilha Terceira.
F.4 **Pedro** *2.5.1738, Lajes, Ilha Terceira.
F.5 **Isabel Inácia do Espírito Santo** *11.10.1740, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira e †3.3.1816, Rio Grande, onde a 2.2.1761 ∞ **Manuel Lucas**, *7.9.1731, Biscoitos, Ilha Terceira e †23.1.1802, Rio Grande, f.º de Gonçalo Lucas e Madalena de Assumpção. C/d em Povo Novo, mais tarde em Cruz Alta. São antepassados do escritor Érico Veríssimo.
F.6 **Josefa Mariana** *1741, Lajes, Ilha Terceira, ∞ 28.5.1759, Rio Grande, **Antônio Correia da Silva**, soldado Dragão, *Almargem do Bispo (São Pedro), Sintra, Lisboa, PT e † antes de 1807, f.º de Silvestre Correia e Maria Antunes. No batismo da filha Maria (1764) consta que os pais se refugiaram em Viamão em razão da invasão espanhola em Rio Grande. Pais de:

N.1 **Maria** *18.2.1760, Rio Grande.
N.2 **Antônio José da Silva** *3.3.1762, Rio Grande, ∞ 5.10.1795, Piratini, **Maria Justina da Rosa**, *Estreito, viúva de João Rodrigues de Medeiros, f.ª de José Silveira Machado e Maria Gomes. C/d em Rio Grande e Piratini.
N.3 **Maria Josefa** b. 20.1.1764, Viamão, ∞ 25.3.1789, Rio Grande, (1x) **Manuel Ferreira Teles**, *Santo Antônio, Ilha do Pico, f.º de Manuel Ferreira Teles e Leonarda

Maria. Maria Josefa, ∞ 30.6.1806, Rio Grande, (2x) **Gregório Franco**, *N. Sra. do Rosário do Paraná, f.º de Aleixo Franco e Isabel Arebano.

N.4 **Teodorico José da Silva** ou **Teodósio José da Silva**, tenente, *4.9.1767, Estreito, São José do Norte, ∞ 7.10.1807, Rio Grande, **Ana Firmiana Ferreira da Silva** *Rio Grande, f.ª do sargento-mor José Ferreira da Silva Santos e Ana Damásia de Barros. Pais de:

Bn.1 **Rita Maria Fermiana da Silva** *26.10.1808, Porto Alegre, onde a 17.2.1830 ∞ seu primo em 3º **Joaquim Lopes de Barros**, *19.11.1797, Porto Alegre, f.º do capitão Joaquim Lopes de Barros (este irmão de Ana Damásia de Barros, acima citada), da Colônia, Uruguai, e Francisca Pereira de Souza.

Bn.2 **Maria** *25.10.1810, Porto Alegre.

N.5 **Ana** *15.4.1769, Estreito, São José do Norte.

N.6 **Joana Josefa do Nascimento** *25.6.1770, Estreito, São José do Norte, ∞ 26.8.1793, Rio Grande, **Vicente Rodrigues de Azambuja**, *Estreito, f.º de Antônio Rodrigues de Azambuja e Inácia Genoveva. C/d em Pelotas e Canguçu.

N.7 **João Correia da Silva** *9.12.1772, Estreito, São José do Norte, ∞ 10.12.1810, Piratini, **Maria Francisca Pimentel**, f.ª de Tomás Antônio Pimentel de Melo e Maria Francisca da Rosa.

N.8 **Manuel Antônio de Oliveira** *9.4.1775, Estreito, São José do Norte, ∞ 16.11.1802, no oratório de Capão Grande, Rio Grande, **Antônia Maria da Silveira**, *Salão, Ilha do Faial, f.ª de Manuel da Rosa da Silveira e Rosa Maria da Silveira.

N.9 **Marcelino Antônio de Oliveira** *30.10.1778, Estreito, São José do Norte, ∞ **Antônia Maria da Silveira**, *Ilha do Faial, f.ª de Manuel da Rosa da Silveira e Rosa Maria da Silveira. C/d em Rio Grande.

N.10 **Manuel da Silva Ramos** *Rio Grande, ∞ 24.11.1808, Porto Alegre, **Eugênia Barbosa**, *15.8.1790, Rio Grande, f.ª de Antônio Barbosa do Espírito Santo ou Antônio Barbosa da Silva e Vicência Gomes. Pais de:

Bn.3 **Antônia** *29.8.1817, Porto Alegre.

F.7 **Manuel** *13.2.1743, Lajes, Ilha Terceira.

F.8 **Francisco** *Lajes, Ilha Terceira.

F.9 **Vicente** *1744, Lajes, Ilha Terceira.

F.10 **Joana Rosa do Nascimento** *20.7.1747, Lajes, Ilha Terceira, ∞ 1764, Viamão, **José Vieira de Brito**, *1738, São Mateus, Ilha Terceira, f.º de João Vieira de Brito e Maria da Conceição. Pais de:

N.11 **Maria Teresa de Jesus** b. 22.8.1765, Viamão, ∞ **Antônio Vieira Lopes**, *1753, Florianópolis/SC (Desterro), f.º de Antônio Vieira Cardoso e Maria Josefa Inácia de Jesus.

N.12 **Águeda** *29.9.1767, Viamão.

N.13 **João Vieira de Brito** b. 14.8.1769, Viamão, ∞ 31.5.1790, Mostardas, **Joana Rosa de Jesus**, ali *, f.ª de Simão Pereira da Silva, do Topo, Ilha de São Jorge, e Ana Maria, de Cedros, Ilha do Faial. C/d em Mostardas.

N.14 **Teresa Maria de Jesus** b. 4.6.1771, Viamão, onde a 22.2.1789 ∞ **Felizardo José da Cunha**, *Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita), f.º de Francisco José e Inácia Teresa de Jesus.

N.15 **Josefa Maria de Jesus** *14.7.1771, Viamão, onde a 6.9.1793 ∞ **João Francisco de Almeida**, *13.9.1761, Curitiba/PR, f.º de João Rodrigues Machado de Almeida e Maria Pedroso de Lima. C/d em Viamão.
N.16 **Joaquim Vieira de Brito** *26.7.1775, Viamão, ∞ 16.6.1796, Rio Pardo, **Maria Tomásia da Conceição**, *Rio Pardo, viúva de Domingos Machado do Couto, f.ª de José Pereira Garcia, da Madalena, Ilha do Pico, e Angélica Maria da Conceição, de Rio Grande. C/d em Rio Pardo e depois Triunfo.
N.17 **Tomás Vieira de Brito** *12.8.1777, Viamão, a 2.5.1804, Rio Grande, ∞ **Maria Inácia de Ávila**, *Rio Grande, f.º de Francisco de Ávila da Rosa e Maria Inácia Gomes.
N.18 **Angélica Maria de Jesus** *13.1.1779, Viamão, a 17.2.1796, Triunfo, ∞ **José Bernardino Barbosa**, *Mogi das Cruzes/SP, f.º de José Pedroso Barbosa e Francisca Xavier Pedroso.
N.19 **Escolástica Maria de Jesus** *10.10.1780, Viamão e †16.4.1847, Em Viamão, a 22.8.1796, ∞ **Manuel José da Maia**, *pv. 1785, São Francisco do Sul/SC e †12.10.1853, f.º de José da Maia da Costa e Clara Maria de Oliveira. Pais de:

Bn.4 **José Manuel da Maia** *1.7.1797, Porto Alegre, ∞ **Gertrudes Rodrigues Marques**, c/d em Triunfo.
Bn.5 **Clara Ricarda da Maia** *11.8.1799, Porto Alegre, ∞ 1820, Triunfo, **José Bernardino Barbosa**.
Bn.6 **Manuel Marques da Maia** *7.10.1800, Triunfo, ∞ **Rita Flora dos Reis**, c/d em Taquari.
Bn.7 **Maria Manuela de Maia** *10.6.1802, Triunfo, onde ∞ 31.7.1825, **Bernardo Ribeiro da Fonseca**, *Porto, PT, f.º de Carlos da Fonseca e Joaquina Esteves. C/d em Triunfo.
Bn.8 **Elias** *10.10.1803, Triunfo.
Bn.9 **Claudina** *9.6.1805, Triunfo.
Bn.10 **Felisberta Maria da Maia** b. 8.7.1809, Triunfo, onde a 28.11.1826 ∞ o cap. **Manuel Carneiro Duarte**, *27.10.1799, Triunfo, f.º de José Duarte do Amaral e Dorotéia Maria da Fontoura. C/d em Triunfo.
Bn.11 **Feliciano** *10.4.1811, Triunfo.
Bn.12 **Manuela Ricarda da Maia** *17.1.1813, Triunfo, onde a 10.8.1827 ∞ o cap. **Friedrich Wilhelm Julius Bormann**, *Hannover, Alemanha, f.º de Johann Paul Bormann e Elisabeth Droegen. O cap. Guilherme Bormann como ficou conhecido lutou no Passo do Rosário, ao comando de uma Companhia do 27º Batalhão de Caçadores dos alemães. C/d em Porto Alegre, pais de 10 filhos, dentre eles:

Tn.1 **José Bernardino Bormann**, Marechal do Exército, *24.9.1844, Porto Alegre e †2.6.1919, Rio de Janeiro/RJ. Foi o primeiro filho de um imigrante germânico a comandar a 3ª Região Militar, Chefe de Estado Maior do Exército e Ministro da Guerra, além de romancista e historiador. Foi ∞ sua sobrinha **Maria Benedita Bormann de Corrêa Lima**.

Bn.13 **Rosa** *9.9.1815, Triunfo.
Bn.14 **Listarda** *6.4.1817, Triunfo.
Bn.15 **Domingos** *4.8.1822, Triunfo.

N.20 **Justina Maria de Jesus** *30.12.1781, Viamão, ∞ 24.5.1808, Porto Alegre, **Manuel da Silva**, *Batalha (Exaltação da Santa Cruz), Leiria, PT, f.º de Domingos da Silva e Teresa Inácia.

N.21 **José** *31.12.1783, Viamão.

N.22 **Ana Matildes do Nascimento** *5.6.1785, Porto Alegre e †8.7.1814, Viamão, onde a 15.2.1806 ∞ (1x) **Mateus Rodrigues Vieira**, *Ilha das Flores, f.º de Domingos Rodrigues Vieira e Ana de São José. Ana a 6.2.1809, Porto Alegre, ∞ (2x) **José Lopes de Castro**, *Porto Alegre, f.º de André Lopes de Castro e Rosaura Bernarda. Houve do 2º ∞:

Bn.16 **Isabel** *20.11.1809, Porto Alegre.

Bn.17 **Eufrásia** *2.3.1811, Porto Alegre, onde †30.12.1811.

Bn.18 **Damásia** *1.5.1812, Porto Alegre.

Bn.19 **Orestes** *21.6.1813, Viamão.

Bn.20 **Hermenegilda** *18.6.1814, Viamão.

N.23 **Felizarda Maria de Jesus** *28.11.1788, Viamão, ∞ 19.12.1808, Porto Alegre, **Bento Soares de Lima**, *Curitiba/PR, f.º de Manuel Rodrigues Ferreira e Quitéria de Lima. C/d em Triunfo e citados em Antônio Machado Neto, Tn.6).

N.24 **Vicentina** *3.1.1795, Viamão.

F.11 **Teresa** *29.3.1749, Lajes, Ilha Terceira.

F.12 **Francisca Perpétua de Jesus** *Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, ∞ **José Gomes da Silva**, *1749, Laguna/SC e †6.2.1809, Viamão, f.º de José Gomes, de Lisboa, PT, e Maria de Jesus, do Rio de Janeiro/RJ. Pais de:

N.25 **João Francisco da Silva** *Laguna/SC, ∞ 4.2.1788, Porto Alegre, **Maria Joaquina**, *Rio Pardo, f.ª de José de Borba e Maria da Conceição ou Maria de São Silvestre, ambos da Ilha Terceira ou Ilha de São Miguel. Pais de:

Bn.21 **Júlia** *8.2.1789, Porto Alegre.

Bn.22 **Servando** *21.8.1791, Porto Alegre.

Bn.23 **Felisberto** b. 17.5.1795, Rio Pardo.

N.26 **Francisca Perpétua de Jesus** *Viamão e †23.10.1845. Em Viamão ∞ 1775 (1x) **Aniceto Cardoso da Silva** ou **Aniceto Antônio Cardoso**, b. 3.5.1762, Viamão, f.º de Antônio Cardoso da Silva, da Ilha Terceira, e Maria da Anunciação, de Laguna/SC ou Viamão. Francisca ∞ 24.8.1807 (2x) o Coronel **Inácio dos Santos Abreu**, b. 21.3.1761, Viamão, f.º de Manuel Abreu dos Santos, de Lisboa, PT, e Maria da Conceição de Araújo Vilela, de Rio Grande. C/d em Viamão (v. Antônio Francisco da Silveira, N.8).

N.27 **José Gomes da Silva** *Laguna/SC, ∞ 23.5.1789, Viamão, **Joaquina Rosa de Jesus**, b. 11.12.1769, Viamão, f.ª de João Inácio de Souza e Helena Maria.

N.28 **Maria Joaquina da Encarnação** *Laguna/SC ou Viamão, onde a 3.11.1789 ∞ (1x) **José Vieira de Faria**, *São Faustino, Guimarães, Braga, PT e †19.7.1794, Viamão, com mais de 50 anos, f.º de Antônio Vieira e Mariana de Faria. Maria ∞ 2.2.1795, Viamão, (2x) **Antônio Dias Manso**, *São Mamede, Porto, PT, f.º de Antônio Dias Manso e Ana Alves.

N.29 **Mariana Joaquina de Jesus** *22.9.1777, Viamão, onde a 7.6.1789 ∞ (1x) **Joaquim Martins Bastos**, *Rio de Janeiro/RJ (Candelária), f.º de Francisco Martins Bastos e Maria do Bonsucesso. Mariana ∞ (2x) a 24.5.1808, Viamão, **Feliciano**

Francisco Nunes, *Viamão, f.º de Francisco Nunes Goulart e Mariana Antônia de Jesus.

N.30 **Joaquina Perpétua de Jesus** *3.2.1780, Viamão, onde a 20.1.1794, ∞ **Antônio de Faria Miranda**, *São Salvador de Cerveiros (sic), arc. de Braga, PT, f.º de Manuel de Faria Miranda e Maria de Araújo. Pais de:

Bn.24 **Cipriano** *26.9.1795, Porto Alegre.

N.31 **Manuel Gomes da Silva** *1.6.1782, Viamão, onde a 6.1.1807, ∞ **Francisca dos Santos Guterres**, *Santo Antônio da Patrulha, f.ª de Francisco Guterres Peixoto e Maria Antônia de Jesus.

N.32 **Ana Maria da Conceição** *17.9.1785, Viamão, ∞ 7.11.1807, Porto Alegre, (1x) **João da Silva Aroso**, *Aldoar, Porto, PT, f.º de Manuel da Costa Lima e Josefa Maria da Silva Aroso. Ana ∞ 21.9.1808, Porto Alegre, (2x) **Francisco Duarte Santarém**, *20.6.1784, Viamão, f.º de Manuel Duarte Santarém e Mariana Inácia.

F.13 **Manuel** b. 23.8.1753, Rio Grande.

F.14 **Antônio Gomes Soares** *27.2.1756, Rio Grande e †16.7.1829, Viamão, ∞ **Perpétua Rosa da Conceição** *21.7.1762, Rio Grande e †1.7.1840, f.ª de Luís Ferreira Velho e Francisca Mariana Pacheco Louro. O casal teve 19 filhos, c/d em Viamão.

MANUEL CARDOSO TOSTE *28.12.1717, Santo Amaro, Ilha de São Jorge e †22.7.1795, Viamão, f.º de João da Cunha Toste e Isabel Cardoso, naturais da Ribeira da Almeida, em Santo Amaro, Ilha de São Jorge. Ali Manuel ∞ (1x) **SEBASTIANA ROSA DE SOUZA**, *1722, Santo Amaro, Ilha de São Jorge e †21.1.1792, com mais de 70 anos, em Viamão, f.ª de Jorge de Souza e Maria da Assunção. Manuel ∞ 8.2.1792, Porto Alegre (registrado em Viamão), (2x) **ROSA FRANCISCA LEONARDA**, *Biscoitos, Ilha Terceira, viúva de José Machado Lourenço. Houve do 1º casamento:

F.1 **Isabel de Souza de Santo Antônio** *1742, Santo Amaro, Ilha de São Jorge e †29.7.1820, Porto Alegre, ∞ 26.11.1765, Viamão, **José Silveira Pereira** (v. Antônio da Silveira Pereira, F.2).

F.2 **Maria Joana do Nascimento** *1749, Ilha de São Jorge e †19.9.1819, Triunfo, assassinada por um escravo, o qual foi o primeiro condenado e executado à morte em Porto Alegre. O cronista Antônio Álvares Pereira Coruja (1996, p. 20) ao tratar sobre o largo da Forca, escreveu: *O primeiro aí executado* [isto em 07/12/1821] *foi o preto Joaquim por ter assassinado sua senhora, a velha Leoa, do Triunfo: digo Triunfo, porque não havendo nesse tempo nem Dores, nem São João, nem São Jerônimo, onde apenas se conhecia o Passo do Triunfo, a Terra-Dura pertencia ao Triunfo* [...]. Maria ∞ **Francisco Machado Leão** (v. Manuel Machado Leão, F.3).

F.3 **Antônio de Souza Cardoso** *Velas, Ilha de São Jorge, ∞ 8.7.1769, Triunfo, **Maria Antônia do Nascimento**, *27.9.1754, Rio Grande (v. Antão Pereira Machado, F.1). C/d em Triunfo e Viamão.

F.4 **Ana Maria do Nascimento** *19.6.1756, Rio Grande, ∞ **Francisco Xavier de Souza**, *pv. 1730, Ilha de São Jorge, f.º de Antônio Álvares de Souza e Ana Maria da Piedade. C/d em Viamão e Santo Antônio da Patrulha.

F.5 **João de Souza Cardoso** *10.11.1758, Rio Grande e †11.3.1789, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 4.5.1777, Viamão, **Rosa Joaquina Goulart** ou **Rosa Maria de Jesus**, *Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.ª de Francisco José Goulart e Maria Rosa, ambos de Cedros, Ilha do Faial. C/d em Viamão e Santo Antônio da Patrulha.
F.6 **Vicente** *3.7.1761, Rio Grande, onde †12.9.1762.
F.7 **José de Souza** *1762. Em 1795 estava ausente em *terras de Espanha*, talvez Uruguai ou Argentina.
F.8 **Manuel de Souza Cardoso** b. 26.12.1763, Viamão, ∞ (1x) **Mariana Vicência da Conceição**, *20.10.1768, Santo Antônio da Patrulha, f.ª de Pedro de Oliveira Lopes e Catarina Maria Soares, ambos de Rosais, Ilha de São Jorge. Manuel a 3.7.1813, Santo Antônio da Patrulha, ∞ (2x) **Joaquina Maria** ali *, f.ª de Inácio Antônio de Menezes, de Rio Grande, e Rita Inácia de Jesus, de Flamengos, Ilha do Faial. C/d em Santo Antônio da Patrulha.

MANUEL CORREIA DA SILVA *Horta (Matriz), Ilha do Faial, f.º de Tomás da Silva e Ana Francisca, ∞ 24.11.1800, Porto Alegre, **MARIA PAULINA DA SILVEIRA**, *Horta (Matriz), Ilha do Faial, f.ª de João Silveira Vilalobos e Helena Rosa de Ataíde da Silveira.

MANUEL CORREIA DE VARGAS *Feteira, Ilha do Faial, onde † antes de 1755, f.º de Manuel de Vargas Correia e Isabel Rodrigues. A 21.6.1745, Feteira, ∞ **ANA SILVEIRA**, ali *, f.ª de Francisco Furtado de Mendonça e Leonarda da Silveira. Ana ∞ 13.7.1755, Feteira, Caetano Furtado. Manuel e Ana foram pais de:

F.1 **José Correia de Vargas** *1752, Feteira, Ilha do Faial e †24.5.1822, Porto Alegre. Na Feteira, a 20.8.1772, ∞ **Tomásia Rosa de Santo Antônio**, ali *1748 e †2.3.1808, Porto Alegre, f.º de Manuel Dutra de Faria e Rosa de Santo Antônio. José de Araújo Fabrício (1986, p.109) escreveu que José foi para o RS em meados de 1780, tendo, durante alguns anos residido em Santo Antônio da Patrulha e Gravataí, e depois em Porto Alegre. Residia em sua chácara, nos arredores da cidade, quando faleceu em 1822, com 70 anos. Pais de:

N.1 **Antônio Correia de Vargas** *pv. 1775, Ilha do Faial e †8.8.1825, com cerca de 50 anos, Taquari, solteiro.

N.2 **Felícia Rosa de São Jose** *Feteira, Ilha do Faial, ∞ 1.11.1790, Gravataí, **José Silveira dos Santos** *1768, Santo Antônio da Patrulha, f.º de Antônio Silveira, da Piedade, Ilha do Pico, e Maria da Silva Assumpção, de Laguna/SC. Pais de:

Bn.1 **Ana** *3.7.1791, Gravataí.

Bn.2 **Nazário José dos Santos** *16.2.1794, Porto Alegre, ∞ **Maria Joaquina de Jesus**, b. 11.3.1783, SAP, f.ª de Francisco de Vargas Correia e Rosaura Jacinta da Luz. Pais de:

Tn.1 **Antônio** *14.3.1821, Gravataí.

Bn.3 **José** *24.6.1796, Gravataí.
Bn.4 **Senhorinha** *1.12.1798, Porto Alegre.
Bn.5 **Feliciana** *13.6.1801, Porto Alegre.
Bn.6 **Vasco** *13.7.1804, Porto Alegre.

Bn.7 **Florinda** *6.9.1807, Taquari.
Bn.8 **Antônio** *4.11.1810, Porto Alegre.

N.3 **Ana de São José** ou **Ana Maria de Jesus** *Feteira, Ilha do Faial. Em 1791, Gravataí, ∞ **Manuel Pereira de Jesus** *Laguna/SC, f.º de Matias Pereira Dorneles, de Santa Luzia, Ilha do Pico, e Maria Inácia de Jesus, de Viamão. Pais de:

Bn.9 **Antônio** b. 27.11.1791, Santo Antônio da Patrulha.
Bn.10 **José** b. 26.4.1793, Santo Antônio da Patrulha.
Bn.11 **Antônio** *14.7.1798, Porto Alegre.
Bn.12 **Laureano** *31.3.1805, Porto Alegre.

N.4 **Mariana Rosa de Jesus** *Feteira, Ilha do Faial, ∞ 1.8.1796, Porto Alegre, **Antônio Dias da Silva**, *Feteira, Ilha do Faial, f.º de João Antônio Dutra e Bernarda Jacinta de Jesus.

N.5 **Bernarda Rosa** b. 11.11.1784, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 24.5.1802, Porto Alegre, **José de Macedo**, *Ribeirinha, Ilha do Faial e †11.1823, f.º de João Pereira de Macedo e Rosa Teresa de Jesus. Pais de:

Bn.13 **Bernarda** *1.4.1803, Porto Alegre.
Bn.14 **Tomásia** *1804, Porto Alegre.
Bn.15 **Leonor** *3.11.1806, Porto Alegre.
Bn.16 **Serafim** *6.5.1809, Taquari.
Bn.17 **Francisca** *13.9.1811, Taquari.
Bn.18 **Cesária** *10.3.1814, Taquari.
Bn.19 **Justino** *8.10.1815, Taquari.
Bn.20 **Justina** *24.4.1818, Taquari.
Bn.21 **Antônio** b. 1.11.1819, Taquari.

N.6 **Laureana Rosa** *30.12.1786, Gravataí, ∞ 21.6.1810, Taquari, **Manuel Soares Leite**, ali *, f.º de João Soares Leite, de Triunfo, e Matilde Maria Rodrigues, de Taquari. C/d em Taquari.

N.7 **Gertrudes** *4.11.1778, Gravataí.

N.8 **Maria Tomásia Rosa de Jesus** *9.12.1790, Gravataí, ∞ 1827, Porto Alegre, **José Pereira da Mota.**

F.2 **Antônio Corrêa de Vargas** *Feteira, Ilha do Faial e †1827, Gravataí, no lugar chamado Barro Vermelho. Na Feteira, a 28.7.1781 ∞ **Laureana Rosa de Jesus**, *Feteira, f.ª de Manuel Fialho, de Flamengos, Ilha do Faial, e Rosa Maria da Silveira, da Feteira. Pais de:

N.9 **Maria** *Ilha do Faial e † menor.

N.10 **Ana Joaquina de Jesus** *Ilha do Faial, ∞ **João Paim de Andrade**, *24.10.1789, Gravataí, f.º de Simão Paim de Arruda, da Ilha Terceira, e Rosa Joaquina de Andrade, de Florianópolis/SC. C/d em Gravataí.

N.11 **Maria Antônia de Jesus** *Feteira, Ilha do Faial e †26.8.1872, ∞ 3.7.1808, Gravataí, **Antônio Paim de Andrade**, ali *18.2.1787, f.º de Simão Paim de Arruda, da Ilha Terceira, e Rosa Joaquina de Andrade, de Florianópolis/SC. C/d em Gravataí.

N.12 **Manuel Fialho de Vargas** *1791, Ilha do Faial e †16.6.1859, Porto Alegre, ∞ **Maria Inácia de Jesus**, b. 25.11.1790, Gravataí e †21.5.1868, Taquari, f.ª de Antônio Dutra de Lemos e Ana Maria da Conceição, ambos da Feteira, Ilha do Faial. C/d em Gravataí, São Leopoldo e Taquari.

N.13 **Eugênia Antônia de Jesus** *Ilha do Faial, ∞ 7.2.1831, Capela de Santana, **José Antônio da Silva**, *Ilha Graciosa, viúvo de Leocádia Constância de Jesus.
N.14 **Antônio Dias Fialho** *Feteira, Ilha do Faial, ∞ 10.6.1825, Porto Alegre, **Mariana Antônia do Nascimento**, *13.9.1794, Gravataí, f.ª de Antônio Dutra de Lemos e Ana Maria da Conceição, acima mencionados. C/d em Gravataí.

F.3 **Maria Eugênia** *Feteira, Ilha do Faial, onde a 10.2.1782 ∞ **José Pereira Fialho**, ali *, f.º de Manuel Fialho e Rosa Maria da Silveira, acima referidos.

MANUEL DA COSTA *Vila Nova, Ilha Terceira, f.º de Francisco da Costa Alimão, de Biscoitos, Ilha Terceira, e Domingas Evangelho, de Vila Nova, Ilha Terceira. Manuel, a 11.5.1725, Biscoitos, ∞ (1x) **MARIA DE NAZARÉ**, ali *, f.ª de Manuel Ascenso e Faustina da Conceição. Manuel ∞ (2x) **LEONOR DOS ANJOS**, *Biscoitos, f.ª de João Rodrigues e Joana Lucas. Houve do 2º casamento:

F.1 **Esperança Engrácia de Jesus** *1729, Biscoitos, Ilha Terceira, e †19.6.1779, Porto Alegre, sem testamento, por ser pobre, ∞ **João Ribeiro**, *Esposende, Braga, PT, f.º de João dos Santos e Maria Ribeiro. Pais de:

N.1 **Francisco** *6.3.1762, Rio Grande.

F.2 **Mariana Inácia de Jesus** *pv. 1742, Biscoitos, Ilha Terceira e †31.8.1792, Mostardas, ∞ (1x) **Caetano Furtado de Faria**, *Lajes, Ilha do Pico, f.º de Silvestre Furtado e Bárbara de Faria. Mariana ∞ 9.10.1770, Viamão, (2x) **Inácio Joaquim de Seixas**, *Rio Grande, f.º de Francisco de Seixas e Josefa de Jesus. C/d em Rio Grande e Viamão.

F.3 **Vitória Joaquina** *1748, Biscoitos, Ilha Terceira e †8.1.1788, Porto Alegre, onde a 8.8.1779 ∞ **José Galvão**, *Penalva de Alva, Oliveira do Hospital, Coimbra, PT, f.º de Antônio Galvão e Maria das Neves. Vitória teve ao menos dois filhos naturais com **Domingos Gomes Mecias**, *Mafra, Lisboa, PT, f.º de José Gomes Mecias e Antônia da Silva:

N.2 **Domingos Gomes Messias** (Mexias) *2.6.1768, Viamão. A 8.11.1789, Porto Alegre, ∞ **Ana Rodrigues de Souza**, *28.6.1775, Viamão, f.ª da José Caetano de Souza e Eulália Rodrigues Ferreira, n.p. de Caetano de Souza e Águeda Teixeira, ambos da Ilha de São Jorge e n.m. Antônio Rodrigues Ferreira, de Portugal, e Ana Soares Henriques, da Colônia do Sacramento, Uruguai. Pais de:

Bn.1 **Porfírio** *13.1.1791, Porto Alegre.
Bn.2 **Manuel** *3.12.1794, Porto Alegre.
Bn.3 **João** *9.4.1797, Porto Alegre.
Bn.4 **Simoa** *2.5.18800, Porto Alegre.

N.3 **Ana** *24.11.1772, Porto Alegre.

F.4 **Antônio Francisco da Costa** *Biscoitos, Ilha Terceira, ∞ **Inês Inácia? do Espírito Santo**, *Ilha Graciosa, f.ª de Antônio Machado de Ávila e Maria Dutra, ambos da Horta (S. Salvador), Ilha do Faial. Pais de:

N.4 **Francisco** b. 24.7.1785, São José/SC.

MANUEL DA CUNHA FREITAS ou **MANUEL ANTÔNIO DA CUNHA FREITAS** *Santo Amaro, Ilha de São Jorge, f.º de Manuel da Cunha Neves, da Ilha de São Jorge e †25.2.1797, Maldonado, Uruguai, e de Luísa de Freitas, da Ilha de São Jorge, ∞ 1766, Viamão, **MARIA DO ROSÁRIO** *Santo Amaro, Ilha de São Jorge e †29.8.1802, Porto Alegre, com 67 anos (v. João da Cunha Pereira, F.1). Pais de:

F.1 **Joaquim Manuel de Freitas** *20.2.1767, Viamão. Em 7.1.1799, Rio Grande, ∞ **Gertrudes Mariana do Rosário**, *Estreito, São José do Norte, f.ª de João Pereira de Souza e Maria Laureana do Carmo. C/d em Arroio Grande.

F.2 **Francisco Manuel de Freitas** b. 30.4.1769, Viamão. A 25.7.1797, Triunfo, ∞ **Ana Joaquina da Conceição**, b. 19.9.1781, Triunfo, f.ª de Francisco de Oliveira Raposo e Angélica Maria Pereira de Souza. C/d em Triunfo.

F.3 **Mariana Antônia de Jesus** *Rio Pardo. A 30.5.1790, Porto Alegre, ∞ **José Francisco da Costa**, *São José/SC, f.º de Antônio Francisco da Costa, de São Pedro, Ilha Terceira, e Violante Maria, da Madalena, Ilha do Pico. Em 1817 a família de Mariana estava em domínios espanhóis. Pais de:

N.1 **Genoveva** *9.3.1791, Porto Alegre.

N.2 **Claudina** *15.1.1792, Porto Alegre.

F.4 **Vicência Rosa Joaquina**, *Rio Pardo. A 13.8.1788, Porto Alegre, ∞ **José Luís da Cunha** (v. José da Rosa, N.8).

F.5 **Felícia Joaquina de Freitas** *Rio Pardo. A 14.9.1793, Porto Alegre, ∞ (1x) **Antônio Martins Maia**, *Conceição, Ilha Terceira, f.º de Francisco Martins e Rosa Mariana. Felícia a 14.4.1806, Porto Alegre, ∞ (2x) **Floriano José da Rosa** (v. Alexandre José da Rosa, F.3).

F.6 **Joana Margarida** *12.6.1780, Viamão. A 30.10.1796, Porto Alegre, ∞ **José Joaquim Luís**, *Amorim, Póvoa de Varzim, Porto, PT, f.º de João Martins Santiago e Josefa Maria de Jesus. Em 1822 José e família residiam na rua do Arvoredo, atual Fenando Machado, em Porto Alegre. Pais de:

N.3 **Joaquim Luís da Cunha** *24.12.1798, Porto Alegre, onde a 3.2.1823 ∞ **Libânia Maria da Silva**, *22.11.1805, Triunfo, f.ª de Francisco da Silva Ferrão e Maria Inácia de Jesus.

N.4 **Miguel** *15.8.1800, Porto Alegre, onde †13.3.1801, de maligna.

N.5 **Miguel** *1.12.1801, Porto Alegre.

N.6 **Maria Joaquina da Conceição** *22.11.1804, Porto Alegre, onde a 17.10.1834 ∞ **Manuel Antônio Soares**, *arc. de Braga, PT, f.º de Francisco Soares e Rita Maria da Conceição.

N.7 **Brígida Margarida de Jesus** *9.5.1806, Porto Alegre, onde a 26.9.1825 ∞ **José Gonçalves de Figueiredo**, *Amorim, Póvoa de Varzim, Porto, PT, f.º de João José de Figueiredo e Maria Gonçalves.

N.8 **Ana** *16.8.1811, Porto Alegre, onde †30.12.1811.

N.9 **Josefa** *15.1.1814, Porto Alegre, onde †31.5.1816.

F.7 **Senhorinha Angélica do Espírito Santo** *11.11.1781, Viamão. A 21.2.1805, Porto Alegre, ∞ **Antônio José Maciel**, *Santo Antônio da Patrulha, f.º de Manuel José Maciel e Ana Maria da Trindade. Em 1817 a família estava em domínios espanhóis.

F.8 **Felisberto André de Freitas** *13.1.1784, Porto Alegre. A 6.2.1815, Canguçu, ∞ **Esméria Maria da Silva**, onde deixou descendência.
F.9 **Rafael** *30.5.1786, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
F.10 **Maria Joaquina do Espírito Santo** *9.8.1789, Porto Alegre, onde a 5.11.1804 ∞ **José Inácio da Silva Mineiro**, *Rio de Janeiro/RJ, f.º de Inácio da Silva Campos e Ana Maria de São José, ambos de MG. Pais de:

N.10 **Teodora** *9.11.1806, Porto Alegre, onde †25.5.1813.
N.11 **João Inácio da Silva** 23.6.1808, Porto Alegre, onde a 8.1.1834 ∞ **Cândida Carolina Pinheiro** ou **Cândida Carolina da Cunha**, f.ª de José da Cunha e Souza e Clara Carolina Pinheiro. C/d em Gravataí, São Leopoldo e Parobé.
N 12 **Manuel** *1.5.1810, Porto Alegre, onde †9.5.1810.
N.13 **Antônio** *26.7.1811, Porto Alegre, onde †4.5.1812.
N.14 **Antônio** *1.2.1813, Porto Alegre.
N.15 **Vitorino Inácio da Silva** *28.10.1814, Porto Alegre, ∞ **Constantina Maria de Jesus**, c/d em São Leopoldo.
N.16 **Firmiano Inácio da Silva** *13.2.1817, Porto Alegre, ∞ **Dorotéia Maria do Nascimento**, c/d em São Leopoldo.
N.17 **Francisca Maria de Jesus** ∞ **Laurindo José de Freitas**, c/d em Gravataí.

F.11 **João Antônio da Cunha** *pv. 1790, Porto Alegre e †2.6.1846 no Cerro da Raposo, São Jerônimo, ∞ 27.8.1815, Triunfo, ∞ **Joaquina Rosa de Jesus**, *1.3.1796, Santo Amaro do Sul, f.ª de José Gonçalves Pinheiro, dos Altares, Ilha Terceira, e Rosa Inácia de Jesus, da Ribeira Seca, Ilha de São Jorge. C/d em Triunfo.
F.12 **Joaquina Maria do Espírito Santo** *3.3.1792, Porto Alegre, onde a 14.1.1809 ∞ **Manuel Francisco dos Santos**, *Abrantes (São Vicente), Abrantes, Santarém, PT, f.º de João Francisco dos Santos e Joaquina Maria do Rosário ou Joaquina Maria da Conceição. Pais de:

N.18 **Joaquim** *18.12.1809, Porto Alegre.
N.19 **Francisco** *16.8.1811, Porto Alegre.
N.20 **Brígida** *6.1.1814, Porto Alegre.
N.21 **Tristão** *23.6.1816, Porto Alegre, onde †22.5.1818.
N.22 **Ana** *7.6.1818, Porto Alegre.

F.13 **José Joaquim da Cunha**, soldado da Legião em 1803, b. 24.10.1773, Rio Pardo, ∞ 30.9.1801, Rio Grande, **Ana Maria**, *Estreito, São José do Norte, f.ª de José Antônio Aires e Antônia Pereira. O casal teve filhos em Rio Grande, enquanto em 1815 estava em domínios espanhóis.

MANUEL DA RESSURREIÇÃO *Porto (Miragaia), Porto, PT e † antes de 1816, f.º de José de Barros de Andrade Pereira e Josefa Teresa do Espírito Santo, ∞ **INÁCIA MARIA DE JESUS**, *1733, Santo Amaro, Ilha de São Jorge e †31.8.1816, Porto Alegre, f.ª de Antônio Pereira Machado e Maria de Quadros ou Maria das Candeias. O casal teve dez filhos, três nascidos em Rio Grande de 1755-1761 e, os demais, em Viamão, a partir de 1764-1779. Em Porto Alegre, porém, encontramos apenas duas filhas com descendência, que seguem:

F.1 **Teresa Maria de Jesus** ou **Teresa Inocência do Nascimento** *29.6.1758, Rio Grande e †14.9.1853, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ **Custódio José Teixeira de Magalhães**, *Basto (São Clemente), Celorico de Basto, Braga, PT, f.º de José de Magalhães e Senhorinha Teixeira. Pais de:

N.1 **José Custódio Teixeira de Magalhães** *22.11.1789, Porto Alegre e † antes de sua mãe. Em Porto Alegre, a 8.11.1809, ∞ **Maria Angélica de Oliveira** (v. Mateus de Oliveira, Bn.8). Pais de:

Bn.1 **Senhorinha Teixeira de Oliveira** *22.10.1810, Porto Alegre, onde a 11.4.1825 ∞ **Antônio Gonçalves Pereira Duarte**, *Avintes, PT, f.º de João Duarte e Quitéria Francisca.

Bn.2 **Maria** *7.11.1812, Porto Alegre, onde †2.9.1813.

Bn.3 **Maria José de Oliveira** *9.3.1816, Porto Alegre.

Bn.4 **Manuel** *19.11.1817, Porto Alegre, onde †26.11.1817.

Bn.5 **Francisco de Paula Teixeira de Magalhães**

Bn.6 **Leopoldina Teixeira de Oliveira**

N.2 **José** †25.4.1788, Porto Alegre, inocente.

N.3 **Cândido** *17.11.1791, Porto Alegre e †antes da mãe, sem descendentes.

N.4 **Maria** †antes da mãe, sem descendentes.

F.2 **Inácia Joaquina de Jesus** b. 4.11.1764, Viamão e † antes de 7.1792, no Estreito, ∞ **Belchior Cardoso Osório**, *30.9.1752, Rio Grande, f.º do coronel Tomás Luís Osório (militar português e liderou nesta condição as tropas contra a invasão espanhola em Rio Grande na década de 1760. Foi acusado por ter favorecido a conquista espanhola e condenado à morte, tendo sido enforcado em Lisboa. Recebeu em 1758 terras às margens da Lagoa dos Patos, dando lugar à atual cidade de Pelotas) e Francisca Joaquina de Almeida Castelo Branco. Belchior ∞ (2x) a 23.7.1792, Rio Grande, Teresa Angélica Francisca Martins, *1774, Vacaria, f.ª do cap. José Rodrigues Martins e Maria Joana do Nascimento (v. Manuel de Ávila de Souza, N.21). Inácia e Belchior foram pais de:

N.4 **Isabel Eufrásia de Almeida** *14.11.1781, Porto Alegre, ∞ **Manuel Rodrigues Mendes**.

N.5 **Joaquina Inácia Osório ∞ Baltazar José Rodrigues**.

N.6 **Joaquim Cardoso Osório**

MANUEL DA ROSA PEREIRA *9.10.1701, Cedros, Ilha do Faial e †13.8.1767, Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.º de Manuel Pereira e Domingas Pereira. Manuel ∞ 28.7.1735, Cedros, Ilha do Faial, **MARIA SILVEIRA**, *20.6.1712, Cedros, Ilha do Faial e †18.9.1795, Enseada de Brito, f.ª de Amaro Luís da Silveira e Bárbara de Medeiros. Pais de:

F.1 **Manuel Silveira da Rosa** *26.5.1736, Cedros, ∞ 29.3.1761, Enseada de Brito, Palhoça/SC, (1x) **Luzia Silveira**, *6.3.1744, São Roque, Ilha do Pico, f.ª de José Teixeira Machado, de Rosais, Ilha de São Jorge, e Luzia Silveira, de São Roque, Ilha do Pico. Manuel ∞ (2x) **Clemência Maria do Nascimento** *Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de Manuel Martins do Nascimento, de Florianópolis/SC, e Bárbara Nunes da Conceição, de Velas, Ilha de São

Jorge. Manuel ∞ 31.1.1811, Porto Alegre, (3x) **Felicidade da Conceição**, *18.12.1793, Porto Alegre (v. Manuel Silveira Gonçalves, N.11).

Houve do 1º casamento:

N.1 **Antônio Silveira da Rosa** *1766, Enseada de Brito, Palhoça/SC e †10.7.1792, Viamão, onde a 20.9.1787 ∞ **Severa Maria Joaquina**, b. 15.11.1762, Viamão, onde †26.10.1796, f.ª de Manuel Soares Pinto, de Aveiro, PT, e Ana Maria de Guterres, de Laguna/SC. Pais de:

Bn.1 **João Silveira da Rosa** *15.7.1790, Viamão, ∞ 1808, São Carlos/SP, **Joaquina Maria do Amaral**.

Bn.2 **Domiciana Maria Joaquina** *24.1.1792, Viamão, onde a 12.5.1807 ∞ **Henrique Manuel da Silva**, *Estreito, São José do Norte, f.º de Joaquim Manuel da Silva e Ana Inácia de Jesus, ambos de Rio Grande. C/d e são bisavós de Norberto Jung, destacado automobilista, tendo sido um dos primeiros a iniciar competições no RS. Fundou a Escudeira Galgos Brancos, integrada pelos Irmãos Catarino e Júlio Andreatta, dentre outros.

N.2 **José Silveira da Rosa** *1769, Enseada de Brito, Palhoça/SC, ∞ 7.1.1794, Viamão, (1x) **Maria Teodora de Assumpção**, †24.5.1795, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª do cap. José da Fonseca Peixoto e Luzia de Brito Guterres, ambos de Laguna/SC. José ∞ 4.8.1798, Viamão, (2x) **Ana de Jesus**, *SC, f.ª de Antônio José de Santa Ana, de São Pedro, Ilha da Madeira, PT, e Teresa Joaquina de Jesus, do Rio de Janeiro/RJ (Candelária).

N.3 **João Silveira da Rosa** b. 29.8.1779, Enseada de Brito, Palhoça/SC, ∞ 16.11.1812, Porto Alegre, **Maria Gomes de Escovar**, ali *20.9.1795, f.ª de Dionísio Rodrigues da Silva ou Dionísio Rodrigues Machado e Joana Eufrásia Gomes de Escovar.

N.4 **Ana Rosa Joaquina** *1780, Enseada de Brito, Palhoça/SC e †24.4.1830, com inventário em Porto Alegre, ∞ 22.9.1796, Viamão, **Manuel Caetano Lopes**, *1751, Fontinhas, Ilha Terceira e †2.5.1811, Porto Alegre, f.º de Manuel Caetano Lopes e Francisca Mariana. Pais de:

Bn.3 **Maria** †30.7.1797, inocente, Porto Alegre.

Bn.4 **João** †14.8.1799, Viamão, inocente.

Bn.5 **José** *1.9.1800, Porto Alegre, onde †28.9.1800.

Bn.6 **Eufrásia** *21.9.1801, Porto Alegre e † 1801/1802.

Bn.7 **Eufrásia** *13.10.1802, Porto Alegre.

Bn.8 **Comba Joaquina** *7.10.1804, Triunfo, ∞ 13.2.1820, Viamão, **José Pereira Frade** (v. José Pereira Garcia, N.18).

Bn.9 **Ana Maria Joaquina** *1807, RS ∞ 5.10.1823, Viamão, (1x) **Felisberto Rodrigues Barbosa**, exposto em casa de Manuel Rodrigues Rangel, e † antes de 1830. Ana ∞ 15.8.1835, Porto Alegre (2x) **Agostinho Pereira Fraga/Frade** (v. José Pereira Garcia, N.20).

Bn.10 **Brígida** *1809, RS e † antes de 1830.

Bn.11 **Quitéria** *1810, RS e † antes de 1830.

Houve do 2º casamento:

N.5 **Mariana de Jesus** *Enseada de Brito, Palhoça/SC, ∞ 13.8.1807, Viamão, **Constantino Nunes Coelho**, *Viamão, soldado dragão, f.º de Feliciano Nunes Coelho e Ana Maria da Conceição. Pais de:

Bn.12 **Maria** b. 12.5.1808, Rio Pardo.
Bn.13 **Feliciano** *10.4.1809, Rio Pardo.
Bn.14 **Nazário** *15.5.1812, Porto Alegre.

N.6 **Luísa Maria do Nascimento** *9.3.1792, Enseada de Brito, Palhoça/SC, ∞ 25.4.1808, Viamão, **José Silveira Dutra**, *8.1.1772, Cedros, Ilha do Faial, f.º de Antônio Silveira Dutra e Francisca Rosa Dutra. C/d em Capela de Santana.

N.7 **Quintilhano Silveira da Rosa** *6.6.1795, Viamão, onde ∞ 5.5.1816 **Ludovina Inácia de Jesus** ou **Ludovina Inácia da Conceição** (v. André Martins, N.15). Pais de:

Bn.15 **Serafim** *11.12.1816, Porto Alegre.
Bn.16 **Porcina** *19.8.1818, Porto Alegre.
Bn.17 **Isidoro** *1.1.1821, Porto Alegre.

N.8 **Brígida** *21.7.1797, Viamão e † antes de sua mãe.
N.9 **Carlos** *11.8.1798, Viamão.
N.10 **Antônio** *pv. 1800, Viamão.
N.11 **Maria Joaquina de Jesus** *29.5.1802, Viamão, ∞ 25.4.1831, Porto Alegre, **José Joaquim Nunes Costa**, *Caparica, Almada, Lisboa, PT, f.º de Antônio José Dias e Luísa Rosa.
N.12 **Inácia** *20.5.1805, Viamão.

Houve do 3º casamento:

N.13 **José** *10.5.1814, Porto Alegre.

F.2 **Antônio da Rosa** *4.10.1738, Cedros, Ilha do Faial e †26.2.1798, Enseada de Brito, Palhoça/SC, onde ∞ 2.2.1761 **Cecília Rosa de Jesus**, *30.10.1739, Pedro Miguel, Ilha do Faial, f.ª de Francisco Dutra Ribeiro e Teresa Maria Pereira de Faria. C/d em Enseada de Brito.

F.3 **Antônia Silveira** *1739, Cedros, Ilha do Faial e †8.11.1799, Porto Alegre, de moléstia do peito, ∞ **Antônio da Cunha Martins** ou **Antônio Martins de Oliveira** (v. André Martins, F.1).

F.4 **Maria** *24.5.1741, Cedros, Ilha do Faial.

F.5 **José da Rosa Pereira** *2.5.1742, Cedros, Ilha do Faial, ∞ 8.1.1761, Enseada de Brito, Palhoça/SC (1x) **Ana Rosa**, *3.11.1742, Cedros, Ilha do Faial e † 7.4.1772, Enseada de Brito, f.ª de Domingos Pereira Pimentel e Catarina de Medeiros Pereira do Bom Despacho, ambos de Cedros, Ilha do Faial. José ∞ (2x) **Francisca Rosa de Jesus**, *Enseada de Brito, f.ª de André de Quadros, de Santo Amaro, Ilha de São Jorge, e Maria Francisca, de Manadas, Ilha de São Jorge. C/d em Enseada de Brito, Palhoça/SC.

F.6 **Maria Inácia de Jesus** *10.10.1744, Cedros, Ilha do Faial, ∞ (1x) **Manuel Fragoso**, ∞ 10.5.1779, Enseada de Brito, Palhoça/SC (2x) **Santiago Gonçalves** *Reino de Galiza, f.º de Baltazar Gonçalves e Quitéria Marques ou Quitéria Alves, ambos de Tui, Galícia, Espanha.

F.7 **Rosa** *29.10.1747, Cedros, Ilha do Faial.

F.8 **Francisca Maria de Jesus** *22.3.1750, Cedros, Ilha do Faial, ∞ 14.1.1773, Enseada de Brito, (1x) **Francisco Dutra Ribeiro**, *Pedro Miguel, Ilha do Faial, f.º de Francisco Dutra Ribeiro e Teresa Maria Pereira de Faria. Francisca ∞ 16.1.1789, Enseada de Brito, (2x) **Antônio Silveira Bitencourt**, f.º de Manuel Silveira de Bitencourt, de Lajes, Ilha do Pico, e Rita Inácia de Jesus, da Horta, Ilha do Faial. Pais de:

N.14 **Joaquina Inácia de Jesus** *29.9.1789, Enseada de Brito, ∞ 27.1.1806, Gravataí, **Antônio Silveira Furtado** (v. Jacinto Furtado, F.5).

F.9 **João Silveira da Rosa** *Enseada de Brito, Palhoça/SC, ∞ 23.9.1779, Estreito, São José do Norte, **Rosa Maria de Jesus** *12.9.1755, Rio Grande, f.ª de José Pereira da Rosa, de Candelária, Ilha do Pico, e Maria de São José, da Ribeira Seca, Ilha de São Jorge. C/d em São José do Norte e Jaguarão.

MANUEL DA ROSA SILVA *Ilha Graciosa e †2.1816, Porto Alegre, f.º de Manuel da Rosa Silva e Josefa Maria, ∞ **ANA TERESA DE JESUS,** *Rio de Janeiro/RJ, e †9.7.1837, Porto Alegre, com 65 anos, f.ª de Antônio José da Costa, da Ilha de Santa Maria, e Ana Maria dos Santos, do Rio de Janeiro/RJ. Pais de:

F.1 **Diolinda** *10.1.1812, Porto Alegre, onde †25.11.1814.
F.2 **Manuel**
F.3 **João**
F.4 **Senhorinha**

MANUEL DE ARAÚJO *Feteiras, Ilha de São Miguel e †27.1.1799, Porto Alegre, de *diarréia de sangue*, f.º de Manuel de Araújo e Ana de Souza, ∞ na Ilha de São Miguel **LUZIA DE SANTO ANDRÉ**, *Feteiras, Ilha de São Miguel e †3.2.1799, Porto Alegre, com mais de 80 anos, de *vômitos*, f.ª de Francisco Raposo de Carvalho e Ana Machado. Pais de:

F.1 **Maria dos Santos** *1753, Feteiras, Ilha de São Miguel ou Laguna/SC e †8.4.1806, Rio Pardo, ∞ 5.2.1767, Viamão (1x) **João Francisco Ilha**, *2.2.1743, Ponta Delgada (São Sebastião), Ilha de São Miguel e †10.7.1776, Porto Alegre, f.º de Francisco Borges de Souza ou Francisco Borges de Lima e Bárbara Caetana Tavares. C/d em Viamão, Pelotas, Rio Pardo, casal patriarca da família Ilha no RS. Maria ∞ 29.11.1777, Rio Pardo, (2x) **Antônio Cordeiro de Melo**, *Ponta Delgada (São José), Ilha de São Miguel, f.º de Manuel Cordeiro de Melo e Maria Francisca Ferreira. C/d em Rio Pardo.
F.2 **Inocência Antônia** *pv. 1758, Laguna/SC, ∞ **João dos Santos Souza**, *Viamão, f.º de André Machado de Souza e Luzia Inácia de Jesus, ambos da Vila da Praia, Ilha Terceira. C/d em Viamão.
F.3 **José Ramos de Araújo** *pv. 1760, Laguna/SC, ∞ 6.3.1780, Porto Alegre (1x), **Teodósia de Magalhães**, *Viamão, f.ª de João de Magalhães, O Velho, e Ana de Brito. José ∞ 4.4.1796, Porto Alegre (2x), **Ana Maria da Conceição**, *Imbituba/SC, f.ª de Manuel Pereira de Souza e Rosa Maria de Jesus, ambos de Norte Grande, Ilha de São Jorge.
F.4 **Florinda da Conceição** *Viamão, ∞ **Lázaro de Souza Ferreira**, *Velas, Ilha de São Jorge, f.º de Antônio Teixeira Ferreira e Ana de Jesus. C/d em Viamão e Cachoeira do Sul.
F.5 **Maria de Araújo da Luz** b. 2.2.1763, Viamão, ∞ **Bartolomeu Dias**, *São Gonçalo, Ilha da Madeira, PT, f.º de Francisco Dias e Quitéria Maria. Pais de:

N.1 **Ana Maria Joaquina** *22.9.1781, Viamão, ∞ 10.1.1801, Porto Alegre, **Isidoro Gomes de Oliveira**, *Lisboa (São Sebastião da Pedreira), Lisboa, PT, f.º de Isidoro Gomes de Oliveira e Antônia Maria do Espírito Santo. Em 1822 Isidoro e família residiam na rua do Riacho, atual Washington Luís, em Porto Alegre. Pais de:

Bn.1 **Silvéria Maria de Oliveira** *Porto Alegre, onde a 13.11.1817 ∞ **Francisco José de Melo**, *Florianópolis/SC, f.º de Antônio José de Mendonça e Bernarda Francisca Angélica.
Bn.2 **Emígdio** †30.5.1807, Porto Alegre.
Bn.3 **João** *28.6.1808, Porto Alegre, onde †17.12.1808.
Bn.4 **Bibiana** *2.12.1809, Porto Alegre.
Bn.5 **Júlia Maria de Oliveira** *18.12.1811, Porto Alegre, onde a 22.2.1832 ∞ **Joaquim dos Santos**, *Porto, PT, f.º de Custódio Ferreira dos Santos e Micaela Rosa.
Bn.6 **Teodósia** *3.11.1813, Porto Alegre.
Bn.7 **Isabel** *19.11.1815, Porto Alegre.
Bn.8 **Antônio** *2.1817, Porto Alegre, onde †10.3.1817.
Bn.9 **Maria** *10.4.1819, Porto Alegre.
Bn.10 **Firmiana** *1.3.1822, Porto Alegre.

N.2 **Custódia Maria da Conceição** *9.9.1785, Viamão, ∞ 27.6.1803, Porto Alegre, **Mariano José Lira**, *Buenos Aires, Argentina, f.º de Francisco José Lira e Ana Bonifácia da Conceição.
N.3 **Bernarda Dias** *27.10.1787, Viamão.
N.4 **Florentino** *16.10.1790, Viamão.
N.5 **Inocência** *7.8.1793, Porto Alegre.
N.6 **Antônia** *25.5.1796, Porto Alegre.
N.7 **Luís** *24.8.1800, Porto Alegre.
N.8 **Severina Maria da Luz** *2.12.1802, Porto Alegre, onde a 23.5.1818 ∞ **Francisco José Bernardes**, *20.9.1799, Florianópolis/SC (Lagoa da Conceição), f.º de Manuel de Ávila da Rocha e Teresa Francisca.

F.6 **Antônio de Araújo** *b. 4.12.1764, Porto Alegre, ∞ 27.7.1786, Rio Pardo, (1x) **Ana Maria dos Anjos**, f.ª de Antônio Gonçalves da Trindade, de Fontinhas, Ilha Terceira, e Maria Teresa de Jesus, de Rio Pardo. Antônio ∞ 8.5.1811, Caçapava do Sul (2x) **Ana Maria**, *Rio Pardo, f.ª de Antônio José da Rosa, de Pedro Miguel, Ilha do Faial, e Joana Maria, de Rio Pardo.

MANUEL DE ÁVILA DE SOUZA *1710, Velas ou Rosais, Ilha de São Jorge e †8.5.1807, Porto Alegre, f.º de Bento de Ávila Machado, de Rosais, Ilha de São Jorge, e Maria do Rosário e Souza, de Santo Amaro, Ilha de São Jorge (Bento e Maria foram pais ainda de Antônio de Ávila Machado, v. este nome). Manuel a 19.10.1743, Velas, Ilha de São Jorge, ∞ **CATARINA ISABEL DE SÃO FRANCISCO** *1715, Velas e †6.5.1798, Porto Alegre, f.ª de Manuel Pacheco da Costa e Ana de Quadros Franco. Manuel e Catarina são tidos como casal de El-Rei e foram pais de:

F.1 **José de Souza Pacheco** ou **José de Souza de Ávila** *17.8.1744, Velas, Ilha de São Jorge e †8.3.1807, Encruzilhada do Sul, ∞ **Maria Teresa Fagundes de Oliveira** (v. Antônio Muniz Leite, F.5). Pais de:

N.1 **Inácio de Souza Pacheco** *Rio Grande, onde a 5.8.1813 ∞ **Maria Pereira da Silva**, *20.10.1798, Rio Grande, f.ª de Francisco Pereira da Silva e Maria Inácia do Nascimento.

N.2 **Francisco** b. 13.5.1770, Viamão e †antes de 1807.
N.3 **José** *2.10.1771, Viamão e †25.3.1780, Porto Alegre.
N.4 **Clara Mariana de Oliveira** *12.9.1773, Porto Alegre, onde a 27.11.1790 ∞ **João Gonçalves Pereira**, *Vila Chã (São João Baptista), Ponte da Barca, Viana do Castelo, PT, f.º de Manuel Gonçalves Pereira e Maria Fernandes. Pais de:

Bn.1 **Maria** *9.2.1792, Porto Alegre.
Bn.2 **Eufrásia** *6.10.1793, Porto Alegre.
Bn.3 **José** *12.3.1795, Porto Alegre.
Bn.4 **Tomás** *3.4.1797, Porto Alegre.
Bn.5 **Matilde** *25.1.1799, Porto Alegre.
Bn.6 **Senhorinha** *15.5.1801, Porto Alegre.
Bn.7 **Zeferino** *20.8.1805, Canguçu.
Bn.8 **Leocádia Firmina Gonçalves** *9.12.1806, Canguçu, onde ∞ **João Antônio Ribeiro**.
Bn.9 **Praxedes** *20.7.1808, Canguçu.
Bn.10 **Cândida** *7.10.1814, Canguçu.

N.5 **Teresa Angélica de Oliveira** *28.4.1776, Porto Alegre, onde a 22.12.1792 ∞ (1x) **Francisco Pereira da Silva**, *1758, Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita) e †20.12.1801, f.º de André Francisco Velho e Francisca Mariana, ambos da Ilha Terceira. Teresa a 18.11.1804, Encruzilhada do Sul, ∞ (2x) **Timóteo José da Cunha**, *Braga (São José de São Lázaro), Braga, PT, f.º de Tomé José da Cunha e Antônia Maria Ferreira.
Filhos do 1º casamento:

Bn.11 **Januário Francisco de Oliveira Fagundes** *23.4.1794, Porto Alegre, e † antes de 1857. Em 1815, Encruzilhada do Sul, ∞ **Leocádia Laurinda da Rocha.**
Bn.12 **José Inácio Pereira da Silva** *11.8.1795, Pelotas. A 12.2.1830, Rio Pardo, ∞ sua prima em 4º **Maria do Nascimento,** f.ª de João do Prado Lima e Ana Joaquina de Jesus.
Bn.13 **Teodolino Francisco de Oliveira** *7.3.1797, Pelotas, ∞ 1824, São Gabriel, **Constantina Antônia do Carmo.**
Bn.14 **João Pereira Fagundes** ou **João Pereira de Souza** *12.8.1798, Arroio das Pedras (Rio Grande), ∞ em São Gabriel em 1820, **Luzia Maria Cabral**.
Bn.15 **Cândida** *13.6.1800, Triunfo e † antes do pai.

Filhos do 2º casamento: houve ao menos sete filhos, c/d em Rio Pardo e Encruzilhada do Sul.
N.6 **Januário Francisco Fagundes** *19.9.1777, Porto Alegre. Foi padre.
N.7 **Antônio** *19.2.1779, Porto Alegre e † antes de 1807.
N.8 **Jacinto Fagundes de Souza** ou **Jacinto Francisco Fagundes** *17.10.1780, Porto Alegre. A 28.7.1804, Encruzilhada do Sul, ∞ **Isabel Ferreira Bica**, b. 15.5.1782, Rio Pardo, f.ª de João Ferreira Bica e Florência do Sacramento. C/d em Encruzilhada.
N.9 **Pulquéria Francisca Fagundes** *6.10.1782, Porto Alegre e † antes de 1815. A 2.6.1809, Rio Grande, ∞ **José Joaquim Barbosa**, *Piratininga/SP, f.º de Simão Barbosa Franco, capitão, e Rosa Maria Leite de Sampaio.
N.10 **Zeferino Antônio Fagundes de Oliveira** *26.8.1784, Porto Alegre. A 8.1.1805, Encruzilhada do Sul, ∞ **Vicência Constância de Souza**, *20.11.1783, Rio Pardo e

†24.10.1853, Bagé, f.ª de Antônio de Souza Escoto e Genoveva Maria de Jesus. C/d em Caçapava do Sul e Canguçu.

N.11 **José Inácio Fagundes de Souza** *27.7.1786, Porto Alegre. A 6.3.1810, Encruzilhada do Sul, ∞ **Brígida Cândido de Carvalho**, *2.5.1789, Rio Pardo, f.ª de João Batista de Carvalho, capitão, e Clara Maria de Jesus. C/d em Encruzilhada.

N.12 **João Fagundes de Souza** ou **João Fagundes de Oliveira**, capitão, *6.6.1788, Porto Alegre, ∞ **Leonarda Florêncio Feijó** ou **Leonarda Lourenço de Sá**, b. 20.11.1796, Vacaria, f.ª de José Antônio dos Santos e Sá e Ana do Nascimento de Jesus e Feijó. C/d em Vacaria e São Francisco de Paula.

N.13 **Felisberta** *2.1.1790, Porto Alegre, onde † antes de 1807.

N.14 **Felisberto Fagundes de Souza**, tenente, *6.8.1791, Porto Alegre, onde a 26.4.1832 ∞ **Reginalda Cândida Ribeiro**, *1.5.1804, Porto Alegre, f.ª de Fernando Rodrigues Braga e Ana Teresa de Jesus.

N.15 **Francisco** *9.10.1792, Porto Alegre e † antes de 1807.

N.16 **Leandro** *27.2.1794, Porto Alegre e † antes de 1807.

N.17 **Maria Delfina de Oliveira** *21.6.1796, Porto Alegre. A 9.2.1811, Encruzilhada do Sul, ∞ **Patrício José Fernandes de Carvalho**, *2.11.1783, Rio Pardo, f.º de João Batista de Carvalho, capitão, e Clara Maria de Jesus.

F.2 **Maria Joana do Nascimento** *22.12.1747, Velas, Ilha de São Jorge e †26.1.1783, RS. A 7.11.1767, Viamão, ∞ **José Rodrigues Martins**, capitão, *Laguna/SC, f.º de Dionísio Rodrigues Mendes e Beatriz Barbosa Rangel. Pais de:

N.18 **Ana Joaquina Barbosa** *Rio Grande e b. 4.11.1770, Viamão. A 24.7.1790, Rio Grande, ∞ **Jerônimo Xavier de Azambuja**, coronel, *14.10.1743, Viamão, f.º de Francisco Xavier de Azambuja, capitão, e Rita de Menezes. C/d em Rio Grande e depois Porto Alegre.

N.19 **Maria Angélica Barbosa** *22.10.1772, Viamão. A 12.11.1789, Rio Grande ∞ **João Francisco Vieira Braga**, *Portugal, f.º de João Francisco Crisóstomo e Teresa Vieira de Oliveira. C/d em Piratini e Rio Grande, dentre eles João Francisco Vieira Braga, Conde de Piratini.

N.20 **José Bernardes Rodrigues**, capitão, *20.12.1773, Porto Alegre. A 4.5.1802, Rio Grande, ∞ **Maria Ludovina Rodrigues Soares**.

N.21 **Teresa Angélica Rodrigues Martins** *1775, Vacaria, ∞ 23.7.1792, Rio Grande, **Belchior Cardoso Osório**.

N.22 **Isabel** *3.7.1777, Porto Alegre, onde †3.6.1780.

N.23 **Joaquina Angélica Rodrigues** *6.1.1779, Porto Alegre, ∞ 1795, Rio Grande, **Manuel Ferreira Porto** ou **Manuel Ferreira Nunes**, f.º de Custódio Ferreira Nunes e Antônia Maria Rosa.

N.24 **Genoveva** *18.6.1780, Porto Alegre.

N.25 **Manuel** *23.1.1782, Rio Grande.

N.26 **Isabel Eufrásia Rodrigues** *19.8.1783, Rio Grande, onde ∞ 1799 (1x) **Manuel José de Oliveira Guimarães** e, após, (2x) **José Antônio de Oliveira Guimarães**.

N.27 **Joaquim** b. 15.3.1785, Canguçu.

N.28 **Eulália** *12.2.1788, Rio Pardo.

N.29 **Rosa Angélica do Nascimento** *8.6.1789, Rio Grande, onde ∞ 1805 (1x) **Antônio Gomes Rosa** e, após, (2x) **José Fernandes Pereira da Silva**.

N.30 **Joana** *15.10.1790, Rio Grande.

F.3 **Manuel Joaquim** *9.10.1749, Velas, Ilha de São Jorge e † solteiro.

F.4 **Manuel Inácio** b. 10.1.1752, Florianópolis/SC.

F.5 **Josefa Maria de Jesus** *1753, Viamão. A 17.2.1773, Triunfo, ∞ **Francisco Gonçalves Meireles**, *Triunfo, onde †27.5.1833, f.º de Manuel Gonçalves Meireles, de Mondim de Bastos, PT, e Antônia da Costa Barbosa, de Guaratinguetá/SP. C/d em Triunfo.

F.6 **Sebastião José de Souza** b. 17.4.1754, Viamão e †19.7.1776, Porto Alegre. A 7.1.1771, Viamão ∞ **Laureana Inácia de Jesus**, *31.12.1755, Rio Grande, f.ª de Antônio da Silva, de Santarém, PT, e Inácia Xavier, de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel. Pais de:

N.31 **Joaquim José de Souza** *28.5.1772, Viamão e †27.12.1797, Porto Alegre, solteiro.

N.32 **Maria Eufrásia de Jesus** *12.12.1774, Viamão e †4.6.1865, ∞ 27.9.1790, Porto Alegre, **Mateus José da Silva**, *Sarzedas, Castelo Branco, Castelo Branco, PT e †21.12.1812, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de pais incógnitos conforme constam em alguns registros – possível f.º de Antônio Ribeiro de Paiva e Joana Henriques. Pais de:

Bn.16 **Antônio** *20.12.1791, Porto Alegre.

Bn.17 **Maria Eufrásia de Jesus** *Porto Alegre, onde a 29.6.1817 ∞ **João Lopes de Morais e Magalhães**, *Samões (São Brás), Vila Flor, Bragança, PT, f.º de Diogo Lopes de Morais e Rosa Maria de Magalhães. C/d em Santo Antônio da Patrulha, mas tiveram em Porto Alegre:

Tn.1 **Teresa** *14.3.1821, Porto Alegre.

Bn.18 **Ana** *1.1.1794, Porto Alegre.

Bn.19 **Felisberta Henriques de Paiva** *18.10.1795, Porto Alegre, onde a 13.2.1814 ∞ **Casemiro de Vasconcelos Cirne**, *Rio de Janeiro/RJ (Candelária), f.º de João de Vasconcelos Cirne e Luísa Margarida de Faria. Pais de:

Tn.2 **João** *17.2.1816, Porto Alegre.

Tn.3 **Ana** *30.8.1819, Santo Antônio da Patrulha.

Bn.20 **Joaquim José Henriques de Paiva** *13.3.1802, Porto Alegre. Em 1828, Caçapava do Sul, ∞ **Delfina Maria de Andrade Rezende**.

Bn.21 **José** *30.6.1804, Porto Alegre e † antes de 1812.

Bn.22 **Rita** *30.5.1806, Porto Alegre e † antes de 1812.

Bn.23 **Estela Joaquina Henriques de Paiva** *7.10.1808, Porto Alegre e † antes de 1865.

Bn.24 **Cândida Justiniana da Silva** *29.12.1810, Porto Alegre, onde a 8.2.1825 ∞ **Carlos Evaristo Justiniano da Silva**, *Lisboa (São Nicolau), PT, f.º de José Antônio Hipólito da Silva e Catarina Paula de Sina.

Bn.25 **Francisco José Henriques** *25.11.1812, Porto Alegre.

N.33 **Inácia** *3.7.1776, Porto Alegre.

F.7 **Ana Joaquina** b. 29.6.1755, Viamão, ∞ **Tomás José da Costa e Souza**, *1747, Viamão, f.º de Francisco Manuel de Souza e Távora, furriel, e Teresa de Souza Oliveira. Pais de:

N.34 **Sebastião José de Figueiredo**, sargento-mor, *28.7.1774, Porto Alegre, ∞ **Maria Angélica Barbosa**, *Viamão, f.ª de Antônio Rodrigues Barbosa, tenente, e Teodora Maria de Jesus. C/d em Canguçu.

N.35 **Joana Matilde de Figueiredo e Souza** *6.5.1781, Porto Alegre, onde em 1798 ∞ **Francisco das Chagas Santos**, marechal, *17.9.1763, Rio de Janeiro/RJ, onde †12.10.1840, f.º de Antônio Manuel dos Santos e Maria Joaquina de Jesus. Pais de:

Bn.26 **Francisca Cândida das Chagas** *18.4.1800, Porto Alegre, ∞ Dr. **Manuel Felizardo de Souza Mello**.

Bn.27 **Francisco de Assis Chagas**, tenente, *10.8.1802, Porto Alegre, onde em 1844 ∞ **Ana Helena Xavier de Azambuja**.

Bn.28 **Maria José das Chagas** *15.1.1805, Porto Alegre, ∞ **Francisco Xavier Bomtempo**.

Bn.29 **Ana Matildes de Oliveira Chagas** *17.10.1806, Porto Alegre, ∞ Dr. **Cândido Batista de Oliveira**.

Bn.30 **Joaquina Matildes Fernandes ∞ João Hipólito de Lima**, *6.12.1808, Porto Alegre, f.º de José Antônio Fernandes de Lima e Joana Margarida de Lima.

Bn.31 **Sebastião Francisco de Oliveira Chagas**, capitão, *7.4.1814, São Borja.

N.36 **Francisco** *6.3.1794, Porto Alegre.

F.8 **Joaquim José de Souza** b. 8.12.1758, Viamão e †27.7.1792. A 21.2.1789, Porto Alegre, ∞ **Lucrécia Clara Barbosa**, b. 11.1.1772, Triunfo, f.ª de José Fernandes Petim e Clara Barbosa de Menezes. Pais de:

N.37 **Manuel Joaquim de Souza** *3.12.1789, Porto Alegre, onde a 3.10.1814, ∞ **Rosa Cristina de Jesus**, *21.3.1795, Triunfo, f.ª de Antônio Machado de Bitencourt e Cristina Maria de Jesus. C/d em Triunfo e Encruzilhada do Sul, mas em Porto Alegre nasceu:

Bn.32 **Maria** *15.6.1819, Porto Alegre.

N.38 **Maria Joaquina de Souza** *28.6.1791, Porto Alegre. Em 1815, Canguçu, ∞ **José Antônio Nunes**, b. 4.6.1785, Santo Amaro do Sul, f.º de Antônio Nunes de Curvelo, de Altares, Ilha Terceira, e Ana Maria do Nascimento, de Urzelina, Ilha de São Jorge.

F.9 **Isabel Joaquina dos Santos** *pv. 1759, Viamão, ∞ 28.11.1778, Triunfo, **Manuel Gonçalves Ribeiro**, b. 6.1.1748, Viamão, f° de Manoel Gonçalves Ribeiro, de Mondim de Basto, PT, e Antônia da Costa Barbosa, de Guaratinguetá/SP.

F.10 **Antônio José de Souza de Ávila** b. 31.1.1762, Viamão e †7.2.1812, Porto Alegre. A 26.7.1781, Porto Alegre, ∞ **Vicência Maria de Jesus** (v. Manuel Gaspar Mancebo, N.4). Pais de:

N.39 **Maria** *21.5.1782, Porto Alegre, onde †15.9.1784.

N.40 **Joaquim Quirino dos Santos** *28.10.1783, Porto Alegre, onde a 10.1.1808, ∞ (1x) **Porcina Joaquina da Assumpção**, *25.8.1791, Porto Alegre e †10.1.1825, Osório, f.ª de José Álvares Pereira e Josefa Joaquina da Assumpção. Joaquim a 9.10.1827, Osório, ∞ (2x) **Bernardina Joaquina de Jesus**, *24.5.1808, Osório, f.ª de Simplício Teixeira de Araújo e Joana Maria da Conceição.

Houve do 1° casamento:

Bn.33 **Aldoina Maria de Jesus** *30.8.1808, Porto Alegre. A 27.8.1828, Osório, ∞ **José Bernardo da Rocha**, onde deixou descendência.

Bn.34 **Joaquim Antônio dos Santos** *17.9.1810, Porto Alegre, foi casado.

Bn.35 **Maria de Assunção Jesus** *30.8.1811, Porto Alegre. A 18.2.1832, Osório, ∞ **Alexandre José Machado**, onde deixou descendência.

Bn.36 **Faustina Maria Joaquina** *28.2.1813, ∞ **José Antônio de Vargas**, c/d em São Leopoldo e Gravataí.

Bn.37 **José Quirino dos Santos**, foi casado.

Bn.38 **Porcina Joaquina de Jesus** *15.5.1816, Porto Alegre, ∞ **José Esteves da Silva**, c/d em Osório e Torres.

Bn.39 **Antônio Quirino dos Santos** *1.11.1817, Porto Alegre, ∞ **Justina Maria de Jesus**, c/d em Gravataí.

Bn.40 **Prudêncio Quirino dos Santos** *17.12.1818, Porto Alegre, ∞ **Maria Josefa da Conceição**, c/d em Gravataí.

Bn.41 **Maria Polucena de Jesus ∞ Manuel Antônio dos Santos**, c/d em Osório.

Bn.42 **João Quirino dos Santos** *Osório, onde a 12.2.1850 ∞ **Joaquina Leandra de Souza**.

Houve do 2º casamento: três filhos nascidos em Osório.

N.41 **Maria Angélica de Ávila e Souza** *20.10.1785, Porto Alegre, onde a 4.5.1808, ∞ Dr. **José Carlos de Oliveira**, *Aracati/CE (v. Antônio Francisco da Silveira, F.5), f.º do Dr. José Baltazar de Augeri e Jacinta Maria de Assumpção. Pais de:

Bn.43 **Antônia** *12.8.1806, Porto Alegre (dada como filha ilegítima de Maria Angélica).

Bn.44 **José** *28.4.1809, Porto Alegre, onde †23.12.1809.

Bn.45 **Antônio** *28.4.1809, Porto Alegre.

Bn.46 **Maria** *27.8.1810, Porto Alegre, onde †30.3.1812.

Bn.47 **Carlota Joaquina de Oliveira** *10.12.1811, Porto Alegre, onde a 18.12.1824 ∞ (1x) **Francisco José Garcia**, *Florianópolis/SC (Santo Antônio de Lisboa), f.º de Ponciano José Garcia e Jacinta Rosa de Jesus. A 23.9.1846, Porto Alegre, ∞ (2x) **João Gonçalves de Saibro** (v. José Rodrigues Peixoto, Bn.15).

Bn.48 **Antônia Benedita de Oliveira** *Porto Alegre, onde a 3.8.1839, ∞ o tenente-coronel **Julius Heinrich Knorr**, *1798, Hamburgo, Alemanha, f.º de Christian Heinrich Knorr e Ana Maria. C/d em Porto Alegre.

N.42 **Ana** *30.11.1787, Porto Alegre, onde †29.12.1787.

N.43 **Aldina Antônia de Ávila** *24.3.1791, Porto Alegre. A 14.12.1814, Santo Antônio da Patrulha, ∞ **João Amaro Alves da Silva e Castro**, *Lisboa (São José), Lisboa, PT, f.º do Dr. Caetano Alberto Alves da Silva ou Caetano Alberto Álvares de Castro e d. Maria Juliana Leonor de Castro. Pais de:

Bn.49 **João** *17.3.1821, Porto Alegre.

N.44 **Antônio Inácio de Ávila** *1.5.1794, Porto Alegre. Teve de mãe incógnita:

Bn.50 **Maria** *9.3.1822, Porto Alegre.

N.45 **Joana Vicência de Ávila** *24.6.1796, Porto Alegre, onde a 30.7.1816 ∞ **Manuel Furtado Fanfa** (v. Francisco Furtado Fanfa, F.6).

N.46 **Francisca Joaquina de Ávila** *13.8.1801, Porto Alegre. A 27.11.1819, Santo Antônio da Patrulha, ∞ **Joaquim Manuel Gusmão**, *Florianópolis/SC, f.º do capitão Manuel Joaquim de Gusmão e Cláudia Maria do Nascimento.

MANUEL DE MACEDO BRUM DA SILVEIRA *28.9.1763, Lajes do Pico, Ilha do Pico e †7.8.1816, Porto Alegre, capitão-mor em Rio Pardo, f.º de Manuel de Macedo Madruga e Maria de Brum de Macedo. Manuel ∞ 4.11.1790, Rio Pardo, **ANA MARIA DA ASSUNÇÃO**, *7.5.1777, Rio Pardo e †1.11.1816, Porto Alegre, f.ª de Raimundo Albernás e Maria Teresa de Assunção, ambos da Ilha do Pico. Pais de:

F.1 **Francisca Romana de Macedo** b. 26.1.1796, Rio Pardo e †11.8.1869, Porto Alegre, ∞ 23.9.1816, Porto Alegre, **Joaquim Pereira do Couto** (v. Antônio Pereira do Couto, F.4).
F.2 **Manuel** *12.4.1797, Rio Pardo.
F.3 **José** *10.2.1799, Rio Pardo.
F.4 **Ana Bárbara de Macedo da Silveira**, dona, *29.4.1801, Rio Pardo e †2.1.1856, ∞ 10.11.1816, Porto Alegre, **Bibiano José Carneiro da Fontoura** (v. Francisco Pires Casado, Bn.1).
F.5 **Manuel de Macedo Brum da Silveira**, alferes, b. 11.3.1803, com 15 dias, Rio Pardo, ∞ **Bernarda Pires da Silveira Casado** (v. Francisco Pires Casado, Bn.31).
F.6 **Antônio** *18.6.1804, Rio Pardo.
F.7 **Francisco Pereira de Macedo** b. 2.3.1806, Rio Pardo. Barão e Visconde de Cerro Formoso, ∞ **Francisca Joaquina de Sampaio** (v. Antônio Pereira do Couto, N.8).
F.8 **José Vieira de Macedo** *21.5.1808, Rio Pardo, ∞ **Matildes Pedroso**, c/d em Alegrete.
F.9 **Maria José Pereira de Macedo** b. 7.5.1812, Rio Pardo, ∞ **Estácio José Pires da Silveira Casado** (v. Francisco Pires Casado, Bn.26).
F.10 **Teresa** *8.7.1816, Porto Alegre.

MANUEL DE MATTOS *Ilha do Faial, Ilha do Pico ou Ilha Terceira, ∞ **MARIA JOAQUINA DO ESPÍRITO SANTO** *Ilha do Faial, Ilha do Pico ou Ilha Terceira. Pais de:

F.1 **Francisca Joaquina** ou **Francisca Maria de Jesus** *Horta (Conceição), Ilha do Faial, ∞ 29.11.1806, Porto Alegre, **Manuel José de Campos**, *cidade do Porto ou São Caetano, bisp. do Porto, ou Braga, PT, f.º de Francisco José de Campos e Josefa Maria Lopes. Pais de:

N.1 **Joaquina Francisca de Campos** *21.2.1808, Porto Alegre, onde a 16.8.1826 ∞ cirurgião de artilharia da Corte, **João Batista de Souza Cabral**, *Goitacazes/RJ, f.º de Batista de Souza Franco e Maria Luiza da Conceição.
N.2 **Angélica** *10.1.1810, Porto Alegre, onde †3.11.1811.
N.3 **Francisco** *27.10.1811, Porto Alegre.
N.4 **Manuel José de Campos** (Barão de Guaíba) *6.8.1814, Porto Alegre, onde †26.5.1902. Formou-se em Medicina pela faculdade do Rio de Janeiro em 1841, cirurgião, que vivia de sua clínica em 1840, ao ingressar na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre. Barão de Guaíba por Decreto Imperial de 14.6.1887. Em Porto Alegre, a 25.1.1845, ∞ **Antônia Clara Barbosa de Menezes**, ali *20.8.1795 e †26.12.1868, viúva do cap. Manuel Vicente Vieira Ramos (v. Francisco Pires da Silveira Casado, Bn.20).
N.5 **Antônio** *16.4.1815, Porto Alegre.
N.6 **Israel** *15.4.1818, Porto Alegre.
F.2 **Luísa** *12.7.1798, Porto Alegre.
F.3 **Joaquina** *12.3.1803, Porto Alegre.

MANUEL DE MEDEIROS *Ilha de São Miguel, f.º de Miguel de Frias e Bernarda de Medeiros, ∞ 28.1.1808, Porto Alegre, (1x) **INÁCIA ROSA DA CONCEIÇÃO** (v. Francisco Nunes da Costa, F.9). Manuel ∞ 21.5.1815, Porto Alegre, (2x) **ISABEL INÁCIA DA SILVA**, b. 11.8.1801, Santo Amaro do Sul, f.ª de Miguel Inácio da Silva, da Ilha de São Miguel, e Francisca Antônia de Jesus, de Taquari.
Houve do 1º casamento:

F.1 **Frederico** *10.1.1809, Porto Alegre, onde †12.9.1813.
F.2 **Carlota** *10.9.1810, Porto Alegre.
Houve do 2º casamento:
F.3 **Emília Matildes da Silva** *12.6.1815, Porto Alegre, onde a 1.12.1832 ∞ **Estevão Cândido de Carvalho** (v. Sebastião Ferreira de Carvalho, Bn.5).
F.4 **Bernardina** *9.4.1819, Porto Alegre.
F.5 **José** *22.1.1821, Porto Alegre.

MANUEL DE MEDEIROS E MELO *Ponta Garça, Vila Franca do Campo, Ilha de São Miguel e †12.5.1817, em Viamão, f.º de Felipe de Medeiros e Antônia de Melo, ∞ 4.5.1761, Rio Grande, **FRANCISCA QUITÉRIA DE MENEZES** ou **FRANCISCA JOSEFA DE MENEZES**, *15.1.1738, São Pedro, Ilha de Santa Maria e †22.9.1797, Porto Alegre, f.ª de Antônio Soares de Menezes e Bárbara da Encarnação. Pais de:

F.1 **Escolástica Joaquina de Menezes** *Rio de Janeiro/RJ e † antes de seu pai, ∞ 19.9.1785, Viamão, **Manuel Inácio Henrique** *Rio Grande e †3.5.1829, com inventário em Porto Alegre, f.º de Ana Maria da Ressurreição, da Ilha de São Jorge, Açores. Pais de 10 filhos, c/d em Viamão.
F.2 **Maria Francisca de Menezes** *Laguna/SC, ∞ 9.6.1794, Viamão, **Antônio Ferreira Machado**, *São Sebastião, Ilha Terceira e †15.1.1836, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Manoel Ferreira Machado e Maria do Nascimento. Pais de 10 filhos, uma nascida em Porto Alegre, pois após o casal se mudou para Viamão, onde nasceram mais filhos:
N.1 **Leonídia Cândida de Menezes** *18.2.1796, Porto Alegre.
F.3 **Francisco de Medeiros de Menezes** *Laguna/SC e † antes de seu pai, ∞ **Matilde Joaquina**, *Cachoeira do Sul, f.ª de Pedro Lino de Belmonte e Maria Inácia Trilha. Pais de 12 filhos, c/d em São Borja.
F.4 **Joaquim de Medeiros** *9.11.1777, Viamão.
F.5 **Rosaura Joaquina de Menezes** *23.6.1779, Viamão, onde a 5.12.1799 ∞ **Felisberto José de Oliveira Pinto**, *18.8.1777, Estância Grande, Viamão, f.º do cap. Antônio José Pinto e Felícia Maria de Oliveira. C/d em Gravataí.
F.6 **Manuel de Medeiros Menezes ∞ Ana Joaquina**, moradores em São Borja em 1817.
F.7 **José de Medeiros**, soldado dragão em 1817.

MANUEL DE MEDEIROS E SOUZA, alferes e, após, capitão, *27.7.1716, Ponta Delgada (São Pedro), Ilha de São Miguel e †2.5.1807, Porto Alegre, com 93 anos, f.º do capitão Afonso Anes de Medeiros e d. Francisca de Araújo, ∞ 7.7.1742, Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, d. **LUZIA FRANCISCA DA ASSUNÇÃO**, *pv. 1730, Ponta Delgada (São Pedro), Ilha de São Miguel e †29.11.1802, Porto Alegre, com 72 anos mais ou menos, f.ª de Bernardo de Souza e Rosa de Azevedo. Manuel e Luzia tiveram ao menos nove filhos, nascidos na Ilha de São Miguel e em Florianópolis/SC. Destes, porém, encontramos apenas um com filhos em Porto Alegre, que segue.

F.1 **Pedro de Medeiros e Souza Lima** ou apenas **Pedro de Medeiros e Souza**, alferes, b. 11.2.1762, Florianópolis/SC (Desterro), ∞ 5.3.1791, Porto Alegre, **Maria Tomásia Freire de Andrade**, *Santo Ângelo, f.ª de Tomás José da Costa e Ana Isabel Freire de Andrade. Pais de:

N.1 **Rita** *20.9.1800, Porto Alegre, onde †20.3.1804.

MANUEL DE MENDONÇA PEREIRA *1698, Santa Cruz ou Guadalupe, Ilha Graciosa e †10.1.1788, Porto Alegre, f.º de Francisco de Mendonça e Maria João de Aguiar, ∞ 10.6.1737, Santa Cruz, Ilha Graciosa, **ANTÔNIA DE SÃO JOSÉ**, ali * e †25.10.1778, Porto Alegre, f.ª de Francisco Martins e Maria de Ávila. Pais de:

F.1 **Maria Josefa de Jesus** *11.4.1741, Guadalupe, Ilha Graciosa e †10.7.1810, Porto Alegre, ∞ **Manuel Gonçalves de Araújo**, *1723, Louro, Vila Nova de Famalicão, Braga, PT e †30.1.1813, Porto Alegre, f.º de Manuel Gonçalves e Maria de Araújo. Pais de:

N.1 **Margarida Josefa de Araújo** *14.2.1756, Rio Grande e †15.7.1839, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ 6.1771, Viamão, **Mateus Inácio de Oliveira** (v. Mateus de Oliveira, F.5).

N.2 **Manuel Gonçalves de Araújo** *15.3.1759, Rio Grande, ∞ 29.10.1783, Porto Alegre, **Maria de Chaves**, *Curitiba/PR, f.ª de Sebastião de Barafigo ou Marafigo, de Gênova, Itália, e Juliana Chaves de Siqueira, de Curitiba/PR. Pais de:

Bn.1 **Manuel** b. 17.7.1785, Lapa/PR.

Bn.2 **Matildes Maria Chaves de Araújo** *pv. 1787, Porto Alegre, ∞ 9.6.1807, Lapa/PR, **Francisco Ferreira**.

Bn.3 **Manuel Gonçalves de Araújo Filho** *Porto Alegre.

N.3 **Antônio Gonçalves** *28.5.1762, Rio Grande, onde em 1803 ∞ **Leonarda Maria de Jesus**.

N.4 **Ana Joaquina de Araújo** b. 24.6.1765, Viamão e †8.10.1823, Capela de Santana, ∞ 1783, Viamão, **João José de Oliveira Flores** (v. Francisco José Flores, F.2).

N.5 **Anastácio Gonçalves de Araújo**, tenente, *1767, Porto Alegre e †8.2.1847, Lages/SC, ∞ **Maria Antônia Almeida e Silva**, *1790, São Francisco de Paula, f.ª de Bernardo Telles da Silva e Reginalda Maria Fogaça. Pais de:

Bn.4 **Reginalda** *17.11.1817, Vacaria.

Bn.5 **Maria** *6.6.1823, São Francisco de Paula.

Bn.6 **Tristão Gonçalves de Araújo** *12.6.1824, São Francisco de Paula, ∞ **Maria Amada do Espírito Santo**, *16.9.1821, São Francisco de Paula, f.ª de João Carvalho da Mota e Maria Jacinta do Espírito Santo.

Bn.7 **Manuel Gonçalves de Araújo** *1827, São Francisco de Paula, onde †6.4.1902 (Lageado) e ali a 31.3.1850 ∞ **Delfina Maria da Conceição**, f.ª de Bento Manuel Ribeiro, de Viamão, e Luciana Maria de Jesus, parda, escrava.

Bn.8 **Matilde Flores de Lima** ∞ 21.1.1851, São José do Hortêncio, **Paulino Pires Fernandes**, f.º de Francisco Pires Fernandes e Maria Inácia, ambos de Laguna/SC.

N.6 **Germano Antônio de Araújo** *30.11.1767, Viamão, onde ∞ 3.3.1794 (1x) **Genoveva Maria Bernardes**, f.ª do alferes Antônio José Bernardes, da Ilha de São Jorge, e Maria Genoveva do Rosário, de Rio Grande. Germano ∞ 21.1.1833, Viamão, (2x) **Maria Josefa da Conceição** (v. Francisco José Flores, Bn.10).

N.7 **Ludovina** b.11.8.1770, Viamão.

N.8 **Inácia Joaquina de Araújo** *25.7.1772, Porto Alegre e †22.4.1859, São Leopoldo. A 26.8.1790, Porto Alegre, ∞ **Antônio José da Silveira** (v. Antônio da Silveira Pereira, N.2). C/d em Viamão.

N.9 **Maria Joaquina de Araújo** *16.9.1777, Porto Alegre, onde a 29.6.1801 ∞ **Manuel Tavares da Silva**, *Muritiba/BA, f.º de José Borges e Ana Maria do Espírito Santo. Pais de:

Bn.9 **Ana** *9.5.1802, Porto Alegre, onde †7.6.1806.

Bn.10 **Antônio** *15.7.1804, Porto Alegre.

Bn.11 **Maria** *27.3.1806, Porto Alegre.

Bn.12 **José** *10.4.1808, Porto Alegre.

Bn.13 **Ana Carolina dos Santos** *3.11.1809, Porto Alegre, onde a 22.2.1829 ∞ **José Ferreira dos Santos**, *São Tiago de Questões, Porto, PT, f.º de Antônio Ferreira dos Santos e Rosa.

Bn.14 **Brígida** *27.2.1811, Porto Alegre.

Bn.15 **Josefa** *13.10.1813, Porto Alegre

Bn.16 **Maria José da Silva** ∞ 11.9.1834, Porto Alegre, **Antônio Joaquim Fernandes**, *Lisboa, PT, f.º de José Fernandes e Maria Joaquina da Conceição.

N.10 **Helena Maria de Jesus** *15.10.1779, Porto Alegre, onde 1.5.1802 ∞ **Manuel Rodrigues de Azevedo** (v. Antônio Machado Neto, N.13).

N.11 **José Gonçalves de Araújo** *19.3.1782, Porto Alegre, ∞ 9.1.1806, no Erval (registrado em Rio Grande), **Joana Rosa de Jesus**, *Rio Grande, f.ª de Francisco Pereira Machado e Juliana Rosa de Jesus. Pais de:

Bn.17 **Januário** *15.7.1809, Erval (registrado em Rio Grande).

Bn.18 **Maria** n. 9.11.1812, Porto Alegre.

F.2 **Francisco** *21.10.1745, Santa Cruz, Ilha Graciosa.

F.3 **Antônia de São Francisco** *pv. 1751, Ilha Graciosa e †20.3.1809, Porto Alegre, casada, com 58 anos mais ou menos, ∞ **Antônio Machado da Fagundes** ou **Antônio Machado da Silveira** (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, N.2).

F.4 **Joaquina Rosa** *1752, Rio Grande, ∞ **Jerônimo de Oliveira** (v. Mateus e Oliveira, F.2).

MANUEL DE MORAIS † antes de 1791, ∞ **ANTÔNIA MARIA**, *pv. 1701, Ilha do Faial e †31.5.1791, Porto Alegre, viúva, sem testamento por ser pobre.

MANUEL DE OLIVEIRA *Santa Cruz da Vila da Praia, Ilha Terceira, f.º de Manuel de Oliveira e Isabel da Conceição, ∞ 14.12.1727 **ROSA MARIA**, *pv. 1712, Santa Cruz da Vila da Praia e †2.10.1772, Porto Alegre, sem testamento, por ser pobre, casada, f.ª de Manuel Martins e Maria do Espírito Santo. Pais de:

F.1 **Francisco** *1.2.1729, Vila da Praia, Ilha Terceira.
F.2 **Catarina Tomásia** *Vila da Praia, Ilha Terceira, ∞ 16.12.1750, Florianópolis/SC (Desterro), **Manuel da Mota Maltez**, *Rio de Janeiro/RJ (Candelária) e †13.8.1780, com mais de 50 anos, Rio Grande, f.º de Clemente da Mota, de Vila de Tomar, Lisboa, PT, e Ana da Rosa, do Rio de Janeiro/RJ. Pais de:

N.1 **Laureana Rosa de Jesus** *1753, Florianópolis/SC (Desterro) e †18.10.1809, Porto Alegre, ∞ **Manuel João Pinto**, *Porto, PT, f.º de Manuel João Pinto e Maria Martins, ambos de São Cosme, Porto, PT. Pais de:

Bn.1 **Manuel João Pinto da Mota** *11.9.1772, Porto Alegre, onde a 19.1.1795 ∞ **Joana Maria dos Santos** (v. Antônio Garcia dos Santos, F.9). Pais de:

Tn.1 **Hermenegildo** *16.10.1796, Porto Alegre.
Tn.2 **Tomásia** *12.1.1799, Porto Alegre.
Tn.3 **Cândido** *17.7.1801, Porto Alegre.
Tn.4 **Ana Maria de Jesus** *10.11.1804, Porto Alegre, onde a 21.11.1825 ∞ **João Antônio Machado** (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, Bn.10).
Tn.5 **Maria** *15.3.1806, Porto Alegre.
Tn.6 **Agostinho** *4.1.1808, Porto Alegre.
Tn.7 **Cândido** *21.1.1810, Porto Alegre.
Tn.8 **Leocádia** *14.12.1811, Porto Alegre.
Tn.9 **Joaquim** *1.10.1814, Porto Alegre.
Tn.10 **Jacinto** *1814, Porto Alegre, onde †30.11.1817.

Bn.2 **José** *6.5.1775 em Porto Alegre, aí † 26.6.1780.

Bn.3 **Antônio Pinto de Almeida** *20.7.1777 em Porto Alegre, ∞ 30.1.1802, Gravataí, **Francisca Úrsula Nunes**, *Gravataí, f.ª Antônio Coelho, de PT e Bárbara Maria de Jesus, de Gravataí. Pais de:

Tn.11 **Galinda** *30.11.1802 em Gravataí.
Tn.12 **Zelinda Francisca de Almeida ∞ Porfírio Antônio de Jesus**, *20.1.1802, Gravataí, f.º de Manuel Antônio de Jesus, de Florianópolis/SC (Desterro) e Juliana Felícia da Encarnação, de Santo Antônio da Patrulha.
Tn.13 **Matias Pinto de Almeida** *Gravataí, ∞ 14.1.1833, São Leopoldo, **Lina Celestina de Jesus,** *1815, † 9.3.1881, São Leopoldo. Pais de 15 filhos em São Leopoldo.
Tn.14 **Pacífico Pinto de Almeida** ∞ 2.2.1845, Gravataí, **Joaquina Luiza da Costa**, f.ª de Antônio Luís Vicente da Costa de Gravataí, e Feliciana Rosa da Conceição, de Florianópolis/SC (Desterro). Pais de 11 filhos em Gravataí.
Tn.15 **José** *20.3.1814 em Gravataí.

Tn.16 **Joaquim Pinto de Almeida** *30.10.1816 em Gravataí.
Tn.17 **Maria Cândida de Almeida** *1817, † 14.8.1874, Gravataí, ∞ **João José de Vargas**, ali *, f.º de João José de Vargas e Josefa Felícia da Encarnação, ambos de Gravataí. C/d em Gravataí.
Tn.18 **Francisco** b.3.1.1819 em Gravataí.
Tn.19 **Porcina** *22.3.1821 em Gravataí.
Tn.20 **Joaquina Francisca Antônia de Jesus** *19.4.1824, Gravataí, ∞ **Eloio Antônio Pereira**, *1797 em Gravataí, f.º de Antônio Pereira da Silva e Maria Aurélia, viúvo de Joana Inácia de Souza. C/d em Gravataí e São Leopoldo.
Tn.21 **Ana** *14.5.1826 em Gravataí.
Tn.22 **Querubina Antônia Pinto de Almeida** *30.9.1828, Gravataí, onde a 31.5.1846 ∞ **Antônio Mendes da Silva**, ali *2.6.1821, f.º de Gabriel Mendes Pimentel, de Cotia/SP, e Alda Brandina, de Santo Antônio da Patrulha.
Tn.23 **Carolina Antônia de Almeida** *12.1.1833, Gravataí, ∞ 25.1.1854 **Manuel Eloio de Souza**, *1834, f.º de Eloio Antônio Pereira e Joana Inácia de Souza, acima citados. C/d em Gravataí e Parobé.

Bn.4 **Vicente Pinto de Almeida** *16.7.1779, Porto Alegre, ∞ **Ana Felícia**, f.ª Antônio Coelho, de PT, e Bárbara Maria de Jesus, de Gravataí. C/d em Gravataí.
Bn.5 **José Pinto da Mota** *10.9.1781, Porto Alegre, ∞ 24.5.1817, Santo Antônio da Patrulha, **Leonor Maria de Jesus,** *Florianópolis/SC, f.ª José Antônio Homem e Eulália Maria de Jesus, ambos de Laguna/SC. C/d em Gravataí.
Bn.6 **Rosa** *4.9.1783, Porto Alegre.
Bn.7 **Manuel** *22.6.1785, Porto Alegre.
Bn.8 **Domingos Pinto de Almeida** *14.8.1786, Porto Alegre, onde †23.1.1816, com 25 anos (sic), solteiro.
Bn.9 **Joaquim** *15.10.1789, Porto Alegre.
Bn.10 **Joaquim** *13.4.1791, Porto Alegre.
Bn.11 **Constância Rosa de Jesus** *14.6.1795, Porto Alegre, onde a 12.11.1807 ∞ **Domingos Soriano do Couto**, *Rio Grande, f.º de Francisco Luís do Couto e Maria Joaquina da Conceição.

N.2 **Joaquina Rosa de Jesus** *Florianópolis/SC, ∞ **Antônio José de Alencastro** *arc. de Braga, PT, f.º de José Bernardes de Carvalho e Catarina Felícia, ambos de PT. Pais de:

Bn.12 **Mariana Joaquina de Alencastro** *20.9.1771, Gravataí, ∞ 26.5.1787, Porto Alegre, **Inácio José da Silveira**, b. 17.3.1765, Viamão, f.º do cap. Mateus Inácio da Silveira e Antônia Maria da Silveira, ambos da Horta, Ilha do Faial. Pais de:
Tn.24 **Joaquina** *22.3.1788 em Porto Alegre.
Bn.13 **Inácio** *18.12.1772 em Gravataí.
Bn.14 **Maria Manuela de Alencastro** *2.7.1774, Viamão, ∞ 29.5.1791, Porto Alegre, **Felipe José dos Passos**, tenente, *24.3.1766, Florianópolis/SC (Desterro) e †23.2.1821, Porto Alegre, f.º de Francisco Manuel dos Passos, de Florianópolis/SC, e Rosa Joaquina Teodora, de Santa Cruz, Ilha das Flores. Pais de:
Tn.25 **Manuel** *1792, † 22.4.1792 em Porto Alegre.
Tn.26 **Felipe José dos Passos** *27.11.1793, Porto Alegre, ∞ **Faustina Cândida Centeno** *Triunfo, f.ª do cap. Vitoriano José Centeno e Cândida Antônia Barbosa. C/d em Rio Pardo.

Tn.27 **Florisbela** *28.4.1795 em Porto Alegre.
Bn.15 **Joana Joaquina de Alencastro** *Gravataí, ∞ 25.7.1792, Porto Alegre, **José Antônio Vieira**, *São Paio, arcebispado de Braga, PT, f.º do alferes Antônio José Vieira Barbosa e Maria Rabelo Pereira.
Bn.16 **Joaquina** *1781 e †22.3.1805, solteira, com 24 anos, em Porto Alegre.
Bn.17 **Sebastião** *11.9.1795 em Porto Alegre.
N.3 **Luís** b. 31.1.1756 em Florianópolis/SC (Desterro).
N.4 **Brites** b. 17.12.1760 em Florianópolis/SC (Desterro).
N.5 **Maria Tomásia** b. 14.8.1762 Florianópolis/SC (Desterro) ∞ **Apolinário Lopes Rodrigues**, f.º de José Lopes Rodrigues e Apolônia Pereira Gonçalves Barbosa, ambos de Florianópolis/SC (Desterro). Pais de:
Bn.18 **Joaquina** *22.10.1788, Porto Alegre.
N.6 **Eugênia** b. 30.4.1764 em Florianópolis/SC (Desterro).
N.7 **Servando da Mota Maltez** *São José/SC, ∞ 23.2.1786, Porto Alegre, **Esperança Maria de Jesus** (v. Ventura Pimentel, F.6). Pais de:
Bn.19 **João** *12.3.1787, Porto Alegre.
Bn.20 **Joaquina** *17.4.1789, Porto Alegre.
Bn.21 **André** *8.9.1790, Porto Alegre.
Bn.22 **Ana** *29.6.1792, Porto Alegre.
Bn.23 **Francisco José** b. 18.5.1794, Rio Pardo.
F.3 **Maria** *21.9.1732 (gêmea), Santa Cruz da Vila da Praia, Ilha Terceira.
F.4 **Inácia** *21.9.1732 (gêmea), Santa Cruz da Vila da Praia, Ilha Terceira.
F.5 **Beatriz Inácia** *Santa Cruz da Vila da Praia, Ilha Terceira e †14.9.1801, Florianópolis/SC (Desterro), onde a 24.10.1750 ∞ **José da Silva Santos**, *Santos/SP, f.º de Francisco Xavier, de Lisboa, PT e Teodósia da Silva, de Santos/SP. C/d em Florianópolis/SC.
F.6 **Gertrudes** *27.1.1735, Santa Cruz da Vila da Praia, Ilha Terceira.
F.7 **Frutuoso** *6.9.1737, Santa Cruz da Vila da Praia, Ilha Terceira.
F.8 **Rita Leonarda** *8.1.1741, Santa Cruz da Vila da Praia, Ilha Terceira e †1.1.1809, Porto Alegre, ∞ (1x) **José Pereira Garcia** (v. este nome). Rita ∞ 3.5.1801, Porto Alegre, (2x) **Vicente Cardoso**, *São Bartolomeu, Ilha Terceira, e †28.12.1802, RS, f.º de Francisco Cardoso e Luzia da Conceição, viúvo de Susana Bernarda.

MANUEL DE QUADROS PEREIRA *Ilha de São Jorge e †19.7.1754, Porto Alegre (registrado em Viamão), f.º de Manuel de Quadros Pereira e Maria de Ávila, ∞ **MARIA DE ÁVILA**, *Ilha de São Jorge, f.ª de pais incógnitos. Trata-se de casal de El-Rei. Maria depois ∞ 1755, Viamão, (2x) Francisco Xavier da Assunção. Pais de:

F.1 **Maria do Rosário** *Rosales, Ilha de São Jorge, ∞ 21.5.1764, Triunfo (1x), **Manuel Pereira Luís**. Maria ∞ (2x) **José Correia Barbosa**. C/d em Taquari e Santo Amaro do Sul.
F.2 **Miguel Martins Pereira** *Ilha de São Jorge, ∞ 7.1.1768, Triunfo, **Maria Fernandes de Aguiar**, f.ª de Miguel Fernandes e Maria Mendes. C/d em Triunfo e Rio Pardo.
F.3 **Ana Maria** *Ilha de São Jorge, ∞ 1772, Rio Pardo, **Tomás Silveira**.
F.4 **José** *Porto Alegre e b. 17.4.1754, Viamão.

MANUEL DE RESENDE CABECEIRA *Porto Formoso, Ilha de São Miguel e †26.1.1786, Porto Alegre, com testamento, f.º de João Ribeiro Cabeceira e Maria Páscoa. Manuel ∞ **MARIA DE RESENDE PEREIRA**, *Porto Formoso, Ilha de São Miguel. Pais de:

F.1 **Sebastião de Resende Pereira** *Porto Formoso, Ilha de São Miguel e †12.11.1817, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ 11.1.1801, Porto Alegre, **Laureana Maria de Jesus** (v. Antônio da Silveira Pereira, N.9). Pais de:

N.1 **Manuel Estevão de Resende** *2.8.1802, Porto Alegre, ∞ **Joaquina Flora de Oliveira**.

N.2 **Maria Joaquina de Jesus** *15.1.1804, Porto Alegre, onde a 1828 ∞ **Manuel José Pereira**.

N.3 **João Apolinário de Resende** *25.7.1805, Porto Alegre, onde a 1.3.1824 ∞ sua prima **Constância Joaquina de Jesus** (v. Antônio da Silveira Pereira, Bn.30).

N.4 **Francisco José de Resende** *17.10.1807, Porto Alegre e † antes de sua mãe, ∞ **Maria Angélica**. Pais de:

Bn.1 **Carlota Esteves Resende ∞ Gabriel Pinheiro de Aguiar**.

Bn.2 **Maria Francisca de Resende**

Bn.3 **Manuel Francisco de Resende**

N.5 **Isabel dos Anjos Pereira** *15.5.1809, Porto Alegre, ∞ **João Inácio de Vargas**, *26.8.1807, Santo Antônio da Patrulha e †6.5.1893, Sapucaia do Sul, f.º de Manuel Inácio de Abreu e Ana Maria de Vargas. C/d em São Leopoldo.

N.6 **Antônio José de Resende** *pv. 1810-1814, talvez em Porto Alegre e † antes de sua mãe, ∞ 7.1.1837, São Leopoldo, **Maria Joaquina da Silveira**, f.º de Manuel Joaquim da Silveira e Maria Joaquina de Alexandria. Teve 8 filhos e citados em Manuel Furtado da Terra, Bn.2.

N.7 **Constância dos Anjos Pereira** *13.12.1815, Porto Alegre, ∞ **Tomé Luís de Vargas**, b. 24.11.1811, Santo Antônio da Patrulha e †23.3.1883, São Leopoldo, f.º de Manuel Inácio de Abreu e Ana Maria de Vargas. C/d em São Leopoldo.

N.8 **Sebastiana** *8.3.1818, Porto Alegre.

N.9 **Joaquina Emília ∞ Felisberto Pinto de Azevedo**.

F.2 **José de Resende Novais**, eleito 2º testamenteiro de seu pai. Em 1786 estava no seminário no Rio de Janeiro/RJ. José padre colado da igreja de Santo Antônio da Patrulha, no primeiro tempo do império. Sobre ele, escreveu Arlindo Rubert (1998, p. 28): *que no dizer do visitador Soledade era pouco exato no cumprimento de seus deveres. O povo se queixava dele e ele vivia intrigado. Teve também divergências com o pároco de Gravataí por questão de limites de paróquia. [...] Nos últimos anos, o Pe. Rezende de Novaes, pela sua idade avançada, pouco atendeu a paróquia, que ficou nas mãos do coadjutor. Veio a falecer com mais de 90 anos a 9 de maio de 1849.*

MANUEL DE SOUZA BARROS ou **BAIRROS** *1708, Norte Grande, Ilha de São Jorge e †29.11.1802, em Porto Alegre, f.º de João Pereira de Barros/Bairros e Margarida de Souza, ambos de Norte Grande. Manuel ∞ 6.4.1739, Urzelina, Ilha de São Jorge, **CÓRDULA MARIA**, *Urzelina e †27.6.1795, Porto Alegre, com mais de 80 anos, f.ª de Manuel Pereira Fagundes e Ana de Souza. Pais de:

F.1 **Ana Maria de Souza** ou **Ana Maria de São José,** *7.4.1741, Urzelina, Ilha de São Jorge, e †4.3.1815, Porto Alegre, ∞ 1757, Viamão, (1x) **João Homem**, *Lajes, Ilha Terceira e †4.4.1768, nas barrancas do Norte, Rio Grande, f.º de Francisco Gonçalves e Margarida de Jesus. João e Ana são dados como casal de El-Rei, e desde 1758 residiam em Porto Alegre. Ana Maria ∞ (2x) **Antônio da Cunha de Almeida**, *Melres, Gondomar, Porto, PT e †28.9.1800, Porto Alegre, f.º de Manuel de Almeida e Catarina da Cunha, ambos de Melres.

Houve do 1º casamento:

N.1 **Maria de São José** ou **Maria da Conceição** *5.7.1758, Viamão e †18.8.1850, Porto Alegre, onde a 14.5.1772 ∞ **Bento José da Mota** *1748, Prado, Vila Verde, PT e †1.2.1838, Porto Alegre, f.º de André da Mota e Prudência Araújo. Pais de:

Bn.1 **Inácia Maria Severina** *19.4.1776, Porto Alegre, ∞ 7.1.1802 **Domingos José Rodrigues** (v. José Rodrigues Patrício, F.3).

Bn.2 **Felizardo Francisco da Mota** ou **Felizardo José da Mota** *26.3.1778, Porto Alegre, onde †10.7.1815 e ali, a 18.1.1801, ∞ **Teresa Inácia de Jesus**, *22.7.1779, Pedro Miguel, Ilha do Faial, f.ª de Domingos Luís de Faria e Teresa Inácia da Conceição. Pais de:

Tn.1 **Inácia Teresa** *1.1.1802, Porto Alegre, onde †16.1.1822, solteira.

Tn.2 **Esméria** *11.4.1803, Porto Alegre, onde †30.5.1804.

Tn.3 **Esméria Maria das Dores** *1.8.1808, Porto Alegre, onde a 4.11.1825 ∞ **Abel Álvares de Oliveira**, *14.10.1802, Santo Antônio da Patrulha e †11.10.1853, Porto Alegre, f.º de Rafael Álvares de Oliveira e Reginalda Maria de Jesus, ambos de Curitiba/PR.

Tn.4 **Flamino José da Mota** *3.8.1810, Porto Alegre, e †1.8.1885, Alegrete, onde ∞ **Antônia Nunes Pereira**. C/d em Alegrete.

Bn.3 **Antônio** *2.11.1780, Porto Alegre, onde †19.11.1780.

Bn.4 **Antônio José da Mota e Silva** *13.10.1781, Porto Alegre, ∞ **Constança Antônia da Silva**, f.ª de Raimundo da Silveira Santos e Inocência Maria de Bitencourt. Pais de:

Tn.5 **Raimundo José da Mota** *São Sepé/RS.

Bn.5 **Flamino** *7.2.1786, Porto Alegre.

Bn.6 **Ana Maria de São José** *25.1.1788, Porto Alegre, ∞ 18.1.1823, Viamão, **Manuel de Souza Feijó**, *19.5.1753, São Roque, Ilha de São Miguel e †3.9.1835, Viamão, f.º de João Feijó e Francisca do Nascimento.

Bn.7 **Francisco** *7.9.1790, Porto Alegre.

Bn.8 **Alexandre** *11.4.1792, Porto Alegre.

Bn.9 **Clara Mariana de Oliveira** *18.2.1793, Porto Alegre, onde a 7.6.1826 ∞ **Manuel Inácio Xavier**, *Rio de Janeiro/RJ, viúvo de Briana Francisca de Oliveira, f.º de Antônio dos Santos Xavier e Maria Antônia de Jesus.

Bn.10 **Leocádia Maria da Conceição** *24.9.1795, Porto Alegre, ∞ 25.7.1856, Viamão, **Manuel de Souza Feijó**, ali *20.10.1806, f.º de Manuel de Souza Feijó, acima citado, e sua primeira mulher Inácia Felícia de Santa Clara.

Bn.11**Maria** *20.5.1798, Porto Alegre, onde †1.1.1799.

Bn.12 **Domingos José da Mota** *4.11.1799, Porto Alegre, ∞ **Tomásia Clara**.

Bn.13 **Joaquim José da Mota** *10.11.1802, Porto Alegre, ∞ **Bernardina Joaquina**.

N.2 **Manuel** b. 18.5.11761, Viamão, onde †28.3.1764.

N.3 **Severina Maria de Jesus** b. 8.3.1766, Viamão, ∞ 28.10.1782, Porto Alegre, **Miguel dos Anjos Maciel** (v. este nome).

Houve do 2º casamento:

N.4 **Helena Rosa da Paixão** b. 4.3.1770, Porto Alegre, ∞ 7.1.1795, Viamão, **Manuel José de Godoy** *Santana de Parnaíba/SP, f.º de João Francisco Mendes e Sebastiana Pires Ribeiro. C/d em Viamão.

N.5 **José Estácio da Cunha** *20.2.1773, Porto Alegre, ∞ 26.1.1795, Viamão, **Ana Maria de Jesus**, *Mostardas e †25.11.1833, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de Antônio José de Campos, de Rio Grande, e Catarina Teresa de Jesus, de Estreito, São José do Norte. C/d em Viamão e Alegrete (citados em Caetano de Souza, Bn.2).

N.6 **Emerenciana Inácia da Conceição** *16.10.1775, Porto Alegre, ∞ 15.11.1795, Viamão, **José Manuel de Oliveira** *Pitangui, Castro/PR, f.º do tenente José Antônio de Oliveira, da Ilha do Faial ou RS, e Quitéria Ângela Maria. C/d em Santo Amaro do Sul, General Câmara.

N.7 **Joaquim José da Cunha** *21.1.1778, Porto Alegre, onde †29.4.1810, solteiro. Soldado da Cavalaria Ligeira em 1800.

N.8 **Francisca Maximiana da Cunha** *2.12.1779, Porto Alegre.

N.9 **Leocádia Maria** *9.12.1781, Porto Alegre.

F.2 **Manuel** *24.11.1744, Urzelina, Ilha de São Jorge.

F.3 **José de Souza Barros/Bairros** *13.12.1748, Urzelina, Ilha de São Jorge e †4.7.1815, Porto Alegre, ∞ **Cipriana Inácia Joaquina** (v. João de Souza Machado, F.2). Pais de:

N.10 **José** *8.10.1773, Porto Alegre.

N.11 **Laureana Rosa de Jesus** *10.4.1776, Porto Alegre e †24.6.1870, Montenegro, ∞ 28.5.1794, Triunfo, **João da Silva Machado**, b. 7.1.1776, Taquari, e †18.5.1844, Montenegro, f.º de José da Silva Machado e Francisca Maria da Conceição, ambos da Calheta, Ilha de São Jorge. Pais de:

Bn.14 **Josefa Camila da Conceição** b. 10.5.1798, Triunfo e †20.1.1874, Porto Alegre, onde a 13.7.1814 ∞ **Francisco José da Silva Coutinho**, *1790, Lisboa, PT, e †20.6.1830, Porto Alegre, f.º de Aleixo da Silva e Genoveva Rosa, ambos de Lisboa. Pais de:

Tn.6 **Genoveva Rosa da Silva** ou **Genoveva Rosa de Jesus** *3.4.1815, Triunfo, ∞ 19.6.1831, Porto Alegre, **Antônio Ribeiro Coelho**, *Lisboa, Lisboa, PT, f.º de Sebastião José Coelho e Lauriana Maria.

Tn.7 **Angélica Josefa** ou **Angélica Francisca da Silva** *30.8.1816, Triunfo e †1897, Porto Alegre, ∞ 13.2.1841, Porto Alegre, (1x) **Francisco de Souza Leal**, *19.11.1794, Porto (Vitória), Porto, PT e †22.3.1856, Porto Alegre, f.º de Francisco de Souza e Teresa Angélica de Jesus. Angélica ∞ 7.2.1859, Porto Alegre (2x) **José Inácio Lourenço de Campos** (v. Antônio José Lourenço, N.6).

Tn.8 **Josefa Francisca da Silva** *2.5.1821, Triunfo, ∞ com seu tio **Manuel da Silva Machado**, abaixo citado, Bn.20.

Tn.9 **Francisca Josefa da Silva** *15.7.1822, Porto Alegre, onde †19.10.1896 e ali, a 13.2.1841 ∞ **Manuel José da Silva Guimarães**, *1816, PT e †12.3.1894, Porto Alegre, f.º de Álvaro José da Silva e Maria Antônia Vieira. Sem filhos.

Tn.10 **Lauriana** *20.10.1823, Triunfo, e † antes de sua mãe.

Tn.11 **Maria Joaquina Coutinho** *25.5.1825, Porto Alegre, onde †9.10.1898, ∞ **João Antunes da Cunha Filho**.
Tn.12 **Francisco da Silva Coutinho** *1.10.1826, Triunfo, ∞ **Virgínia Machado da Silva**.
Tn.13 **Antônia Francisca Coutinho** *2.4.1828, Porto Alegre, ∞ **Lino José dos Santos Machado**.
Tn.14 **Eufrásia Francisca da Silva** *15.7.1829, Triunfo, ∞ **Manuel dos Santos Borges**.
Tn.15 **João da Silva Coutinho**, capitão, b. 7.1.1831 com 24 dias em Triunfo, ∞ (1x) **Leonor Pires da Silva**, ∞ (2x) **Angélica Abegail da Silva**.
Tn.16 **João dos Santos Borges Coutinho**
Tn.17 **Jerônima Rosa** *Triunfo, ∞ **Antônio Ribeiro**.

Bn.15 **Antônio Cândido da Silva** *19.1.1800, Triunfo, ∞ 4.8.1827, Porto Alegre, com sua tia **Camila Josefa de Souza**, abaixo citada.
Bn.16 **Ana Cláudia de Lima** *20.5.1802, Triunfo, e †2.11.1851, Cachoeira do Sul, ∞ 18.1.1820, Porto Alegre, **Antônio Pires de Almeida**, b. 10.4.1787, Triunfo e †25.12.1856, Cachoeira do Sul, f.º de Antônio de Almeida Taques ou Antônio Pires de Almeida, de Sorocaba/SP, e Desidéria Jacinta, de Triunfo, n.p. de Pascoal Delgado de Moraes e Inácia Pires de Almeida, ambos de São Paulo, e n.m. de Salvador Jacinto Antunes, de Paranaguá/PR, e Antônia de Souza Miranda, de Florianópolis/SC. C/d em Capela de Santana.
Bn.17 **José do Nascimento e Silva** *1.1.1804, Porto Alegre, onde a 7.5.1828 ∞ **Antônia Maria de Jesus**, *Santo Antônio da Patrulha (v. Francisco Antônio da Silveira, N.15). Pais de:

Tn.18 **Cipriana Antônia da Silva** *3.3.1829, Porto Alegre, onde †23.8.1899 e ali, a 26.2.1848, ∞ **Luís Manuel de Azevedo**, *17.10.1824, Porto Alegre, onde †1.10.1889, f.º do capitão Joaquim Manuel de Azevedo e Teresa Joaquina da Silva, ambos do Rio de Janeiro/RJ.

Bn.18 **Francisca Clara de Jesus** *pv. 1805, Triunfo, ∞ 22.1.1820, Porto Alegre, seu primo **José da Silva Machado**, *14.7.1790, Triunfo, f.º de Manuel da Silva Machado e Maria do Nascimento.
Bn.19 **Tristão Dionísio da Silva** *8.10.1807, Triunfo, ∞ 1.11.1828, Capela de Santana, **Constantina Bernardina Pires** (v. Narciso Pires Cerveira, N.9). C/d em Capela de Santana e Triunfo.
Bn.20 **Manuel da Silva Machado**, capitão, *19.5.1809, Triunfo, onde ∞ 17.1.1845 com sua sobrinha **Josefa Francisca da Silva**, acima citada, Tn.8.
Bn.21 **Bibiana Rosa de Jesus** *20.3.1811, Triunfo, onde a 27.6.1831 ∞ **Feliciano José de Magalhães**, major, *Osório, f.º de Francisco José de Magalhães Freire, e Mariana Rosa de Jesus.
Bn.22 **Eufrásia Rosa de Jesus** *20.7.1813, Triunfo, onde a 1.5.1834 ∞ com seu tio **Francisco de Souza Barros** (abaixo citado, N.23).
Bn.23 **Leonor Francisca da Silva** ou **Leonor Lemes da Silva** *20.4.1816, Porto Alegre, ∞ 3.2.1844, Cruz Alta, **Raimundo Fagundes de Bittencourt**, capitão, *12.3.1791, Taquari, f.º de Francisco Machado Fagundes Neto e Joana Maria de Jesus.

N.12 **Maurícia** *4.3.1778, Porto Alegre.
N.13 **Maria Josefa de Barros** ou **Maria Francisca de Jesus** *11.11.1779, Porto Alegre, onde a 7.9.1796 ∞ **Antônio Francisco da Silva** *Feteiras, Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, f.º de Pedro Francisco da Silva e Maria de Souza. C/d em Santo Amaro do Sul.
N.14 **Rosa** *23.1.1782, Porto Alegre, onde †29.11.1784.
N.15 **Eufrásia Maria de Jesus** ou **Eufrásia Maria da Conceição** b. 30.3.1784, Porto Alegre, onde a 6.7.1801 ∞ **José de Souza Bitencourt**, *1769, Enseada de Brito, Palhoça/SC e †3.2.1842, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de João de Souza Cabral e Rosa Maria de Souza, da Ilha de São Jorge. Pais de:
Bn.24 **Antônio** *7.5.1802, Porto Alegre, onde †1.5.1804.
Bn.25 **José de Souza Bittencourt** *16.3.1804, Porto Alegre.
Bn.26 **João** *2.2.1806, Porto Alegre, onde †11.2.1806.
Bn.27 **Florisbela Josefa de Jesus** *3.2.1807, Porto Alegre, ∞ **Antônio Francisco da Silveira**.
Bn.28 **Josefa** *19.3.1809, Porto Alegre.
Bn.29 **Bernardina Josefa de Souza** *10.6.1811, Porto Alegre, ∞ **José Marcelino da Silva**.
Bn.30 **Manuel** *4.7.1813, Porto Alegre, onde †11.7.1813.
Bn.31 **Laurindo de Souza** *27.7.1814, Porto Alegre.
Bn.32 **Manuel** *18.9.1816, Porto Alegre.
Bn.33 **Maria Tomásia Camila de Jesus** *21.1.1819, Porto Alegre, ∞ 12.9.1832, Viamão, **Antônio Gonçalves da Maia Filho**.
Bn.34 **Gertrudes Maria da Conceição** *11.6.1821, Porto Alegre, ∞ **Antônio Monteiro Lobo**, alferes.
Bn.35 **Boaventura de Souza**
N.16 **Felisberto** *29.12.1785, Porto Alegre, onde †27.6.1797.
N.17 **Bibiana Inácia** *13.12.1788, Porto Alegre, onde a 8.8.1808 ∞ **Felisberto José da Silva**, b. 13.7.1788, Rio Pardo, f.º de Manuel da Silva Machado e Maria do Nascimento.
N.18 **Camila Josefa de Souza** b. 12.3.1791, Porto Alegre, onde a 4.8.1827 ∞ seu sobrinho **Antônio Cândido da Silva**, acima citado.
N.19 **Manuel José de Souza** *24.4.1793, Porto Alegre, ∞ 26.2.1810, Triunfo, **Maria da Silva**, b. 7.8.1784, Rio Pardo, f.ª de Manuel da Silva Machado e Maria do Nascimento. C/d em Triunfo.
N.20 **Maria** *22.3.1795, Porto Alegre.
N.21 **Antônio** *12.3.1796, Porto Alegre.
N.22 **Américo** *21.02.1799, Porto Alegre, onde †13.7.1811.
N.23 **Francisco de Souza Barros** b. 9.1.1801, Porto Alegre, ∞ 1.5.1834, Triunfo, com sua sobrinha **Eufrásia Rosa de Jesus**, acima citada.
F.4 **Alexandre** b. 17.6.1752, Rio Grande, onde †16.6.1752.
F.5 **Leocádia** b. 27.10.1753, Viamão, onde †13.12.1753.
F.6 **Francisco de Souza Severino** *Porto Alegre, onde †2.6.1826 e ali a 27.8.1780 ∞ **Rosa Flora Ludovina** ou **Rosa Maria**, b. 2.2.1765, Viamão, f.ª de Pedro Gomes, de Valência, Espanha e †16.9.1787, com mais de 80 anos em Porto Alegre, e Maria Clara de Souza, da Ilha do Faial e †23.6.1808, com 80 anos, em Porto Alegre, n.p. Gaspar Velho e Beatriz Gomes e n.m. Antônio de Souza Cardoso e Engrácia de São Mateus. Pais de:

N.24 **Constância Rosa Severina** *7.4.1788, Porto Alegre, onde a 1.2.1808 ∞ (1x) **José da Silva Guilherme**, *1772, Ribeirinha, Ilha do Faial e †26.8.1812, Porto Alegre, f.º de Guilherme Silveira e Mariana Rosa. Constância ∞ 29.1.1814, Porto Alegre, (2x) **João Antunes da Cunha** *Guimarães, Braga, PT, f.º de João Antunes da Cunha, de Lisboa, PT e Joaquina Rita da Cunha, de Guimarães, PT. João em 1825 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando declarou viver de seu negócio.

Houve do 1º casamento:

Bn.36 **Rosa** *20.1.1813, Porto Alegre.

Houve do 2º casamento:

Bn.37 **Constância** *9.10.1817, Porto Alegre.

Bn.38 **Maria** *23.1.1821, Porto Alegre.

Bn.39 **João Antunes da Cunha** *1824, Porto Alegre. Em 1842 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando declarou viver de seu ofício de escrivão ajudante do Ofício de Órfãos.

N.25 **José Francisco de Souza Severino** *28.5.1803, Porto Alegre, ∞ **Isabel Tavares de Carvalho**, *11.12.1809, Triunfo, f.ª de José Tavares de Carvalho, da Ilha de São Miguel, e Joana Maria de Jesus, de Triunfo.

N.26 **Antônio Francisco Severino** *25.10.1806, Porto Alegre.

F.**7 Aurélio José de Souza** *21.6.1763, Viamão e †3.3.1816, Porto Alegre, onde a 7.2.1785 ∞ **Francisca da Conceição** ou **Francisca Rosa Joaquina** (v. Antônio Machado Neto, N.1). Pais de:

N.27 **José Francisco de Souza** *26.8.1787, Porto Alegre, onde a 19.5.1803 ∞ **Antônia Maria de Jesus** (v. Felipe Furtado da Terra, F.2). Pais de:

Bn.40 **Porcina** *30.03.1805, Porto Alegre.

Bn.41 **Joaquim Francisco de Souza** *12.1.1807, Porto Alegre, onde a 7.9.1835 ∞ **Maria Joana do Nascimento** (v. André Martins, N.26).

Bn.42 **Justina Faustina de Souza** *17.9.1810, Porto Alegre, onde a 2.3.1835 ∞ **Alexandre Domingos Martins** (v. Antônio José de Matos, N.6).

Bn.43 **Balbina** *14.7.1816, Porto Alegre.

Bn.44 **Manuel** * 8.8.1818, Porto Alegre.

Bn.45 **Antônio** *4.11.1820, Porto Alegre.

N.28 **Antônio Francisco de Souza** *27.3.1789, Porto Alegre, onde a 19.10.1807 ∞ **Margarida Joaquina de Jesus** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.4). Pais de:

Bn.46 **Leocádia** *14.1.1809, Porto Alegre.

Bn.47 **Aurélio** *3.1.1810, Porto Alegre.

Bn.48 **Jacinto** *9.8.1811, Porto Alegre.

Bn.49 **Leopoldina** *21.12.1812, Porto Alegre, onde †10.9.1813.

Bn.50 **Joaquim** *13.5.1814, Porto Alegre, onde †17.10.1815.

Bn.51 **Fidélis** *7.11.1816, Porto Alegre.

Bn.52 **Bernardino José de Oliveira** *29.1.1818, Porto Alegre, ∞ **Delfina Maria de Andrade Rezende**.

Bn.53 **Felisberto** *24.8.1819, Porto Alegre.

Bn.54 **Joaquim** *4.2.1821, Porto Alegre.

N.29 **Manuel Francisco de Souza** *15.11.1791, Porto Alegre e †23.1.1821, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 20.5.1815 ∞ **Maria Francisca de Jesus** (v. Felipe Furtado da Terra, F.5). Sem filhos.
N.30 **Aurélia Joaquina de Jesus** *20.5.1794, Porto Alegre, onde †4.5.1831 e ali, a 16.5.1819, ∞ **Antônio da Terra Pinto** (v. Felipe Furtado da Terra, F.6).
N.31 **João** *13.6.1796, Porto Alegre.
N.32 **João Aurélio de Souza** *19.1.1798, Porto Alegre, onde †12.8.1815.

MANUEL DE SOUZA MACHADO *Topo, Ilha de São Jorge, f.º de Manuel de Souza Machado e Paula de Santo Antônio, ∞ 16.8.1778, Porto Alegre, **MARIA FÉLIX DA SILVA**, *Triunfo, f.ª de Francisco Félix da Silva e Rita Nunes de Siqueira. Pais de 11 filhos, sendo que apenas um nasceu em Porto Alegre e, os demais, em Santo Antônio da Patrulha (v. DOMINGUES, 1993, p. 139). Pais de:

F.1 **Luís** *28.6.1778, Porto Alegre.
F.2 **Laureana Maria da Silva** *1795, Santo Antônio da Patrulha e †11.1.1828, Porto Alegre. Em Santo Antônio da Patrulha ∞ 2.11.1814 **Cândido Domingues de Matos**, *Cotia/SP, f.º de Francisco Domingues de Matos e Maria Luísa da Silva. Pais de:
N.1 **Floriano** *6.11.1816, Santo Antônio da Patrulha.
N.2 **Bernarda** *24.8.1818, Santo Antônio da Patrulha.
N.3 **Francisca** *15.11.1819, Porto Alegre.

MANUEL DE SOUZA PEDROSO ou **MANUEL DE AZEVEDO PEDROSO** *pv. 1700, Calheta, Ilha de São Jorge, f.º de Manuel Pedroso de Borba ou Manuel Pedroso de Souza e Bárbara de Toledo Maciel, ∞ 13.5.1720, Calheta, Ilha de São Jorge, **MARIA LEAL DE VALENÇA**, *pv. 1700, Calheta, f.ª de João Leal e Maria Luís. Não se sabe se Manuel e Maria vieram para o Brasil, mas ao menos quatro de seus filhos imigraram:

F.1 **Pedro de Souza Leal** *1729, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †4.4.1789, Curitiba/PR, onde a 10.2.1749 ∞ **Escolástica dos Santos Pereira**, *22.9.1734, Curitiba/PR, f.ª do capitão Sebastião dos Santos Pereira e Joana Garcia das Neves. C/d em Curitiba e no RS.
F.2 **Jorge de Souza Pedroso** *Calheta, Ilha de São Jorge, ∞ 13.2.1759, Curitiba/PR, **Maria Cardoso de Farias**, *20.1.1741, São José dos Pinhais/PR, f.ª de Domingos Cardoso de Leão e Inês Paes de Faria. C/d em Curitiba.
F.3 **Felipe de Souza Pedroso** *1732, Calheta, Ilha de São Jorge e †12.7.1802, Porto Alegre. A 8.11.1779, Taquari, ∞ **Maria Teresa de Jesus**, *Triunfo, f.ª de Caetano José Neto, de Guadalupe, Ilha Graciosa, e Teresa de Jesus, da Praia, Ilha Graciosa.

MANUEL DIAS *pv. 1778, Ilha do Pico e †6.5.1808, Porto Alegre, marinheiro e, ao que parece, solteiro, f.º de Manuel Dias e Antônia Francisca.

MANUEL DIAS FERREIRA *1.11.1706, Vila Nova, Ilha Terceira, f.º de João Dias Ferreira e Maria dos Remédios. Manuel ∞ 13.6.1729, Vila Nova, (1x) **MARIANA ANTÔNIA**, ali * e † antes de 1745, f.ª de Pedro Cardoso e Joana de Jesus. Manuel, ∞ 10.1.1745, Vila Nova, (2x) **MARIA DA CONCEIÇÃO**, *Piedade, Ilha do Pico, f.ª de João Vieira Gularte e Maria Pacheco. *Houve do 1º casamento:*

F.1 **Manuel Dias Ferreira** *14.10.1732, Vila Nova, Ilha Terceira e †11.5.1819, Taquari, ∞ **Catarina Perpétua de Jesus**, *1743, Vila Nova, Ilha Terceira, f.º de José Nunes Vieira e Margarida da Ressurreição. Com a invasão dos espanhóis em Rio Grande, Manuel refugiou-se em Triunfo. Em Rio Grande o casal teve cinco filhos e, após, mais nove em Taquari e Triunfo, onde deixou descendência.
F.2 **João** *23.3.1734, Vila Nova, Ilha Terceira.
F.3 **Antônio Dias dos Santos** *8.5.1735, Vila Nova, Ilha Terceira e †24.11.1774, Porto Alegre. A 1.2.1761, Rio Grande, ∞ **Rita Bernarda do Espírito Santo**, *2.6.1745, Horta, Ilha do Faial (v. Alexandre da Costa Luís, F.3). Pais de:

N.1 **Alexandre José Dias** *1760, Enseada de Brito, Palhoça/SC e †21.12.1814, Porto Alegre, onde a 27.7.1781 ∞ **Quitéria Maria de Jesus**, * Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.ª de Antônio Garcia dos Santos, da Horta (Conceição), Ilha do Faial, e Francisca Inácia de Jesus, da Ribeira Seca, Ilha de São Jorge. Pais de:

Bn.1 **Francisco** *23.5.1782, Porto Alegre, b. Viamão.
Bn.2 **Francisco José Dias** *12.1.1784, Porto Alegre, onde a 4.2.1801, ∞ **Maria Joaquina de Oliveira** (v. Mateus de Oliveira, N.29). Pais de:

Tn.1 **Jacinto José de Oliveira** *8.2.1802, Porto Alegre, onde a 5.12.1822, ∞ **Francisca Bernardina da Terra** (v. Felipe Furtado da Terra, F.9).
Tn.2 **Inocência Cândida de Oliveira** *24.11.1805, Porto Alegre e †11.4.1879, São Leopoldo, ∞ o major **Januário Antônio de Vargas**, *2.5.1800, Gravataí, f.º de Antônio Pereira de Vargas e Madalena Rosa de Jesus, ambos da Feteira, Ilha do Faial. C/d em São Leopoldo.
Tn.3 **Feliciana Genoveva**, c/d em São Leopoldo.

Bn.3 **Feliciana Maria de Jesus** *1.1.1786, Porto Alegre e †24.7.1826, Santo Antônio da Patrulha, ∞ **Antônio Manuel da Silva** (v. Antônio da Silveira Pereira, N.19).
Bn.4 **Margarida Joaquina de Jesus** *11.10.1787, Porto Alegre, onde a 19.10.1807 ∞ **Antônio Francisco de Souza** (v. Manuel de Souza Barros, N.28).
Bn.5 **Albina Maria da Silveira** *16.10.1789, Porto Alegre, onde a 19.10.1807 ∞ **João Silveira Peixoto** (v. Antônio Pereira de Moitoso, N.11). Antepassados de Nelson Coelho de Castro, músico e cantor porto-alegrense.
Bn.6 **Senhorinha Joaquina da Silva** *12.9.1791, Porto Alegre, onde a 12.10.1807, ∞ **João Rodrigues Braga** (v. Antônio Rodrigues de Barcelos, N.3).
Bn.7 **Euquério José Dias** *25.8.1793, Porto Alegre, onde a 19.8.1811, ∞ **Bernardina Rosa de Lima** (v. Antônio Rodrigues de Barcelos, N.6). Pais de:

Tn.4 **Cândida** *5.8.1816, Porto Alegre.
Tn.5 **Francisca** *9.9.1818, Porto Alegre.

Bn.8 **Raquel Joaquina da Silva** *23.10.1795, Porto Alegre, onde a 4.2.1815 ∞ **José Antônio dos Santos**, *Ilha do Faial, f.º de Antônio José de Farias e Leonarda Jacinta de Jesus. Pais de:

Tn.6 **Leopoldina Joaquina da Silva** *Porto Alegre, onde a 30.10.1833, ∞ seu primo **José Silveira Peixoto** (v. Antônio Pereira de Moitoso, Bn.27).
Tn.7 **João** *20.4.1818, Porto Alegre.
Tn.8 **Maria Joaquina da Silva** *14.6.1820, Porto Alegre, ∞ 7.6.1834, São Leopoldo, **José Rodrigues da Silva** (v. José Rodrigues da Silva, F.3).
Tn.9 **Iria** *20.10.1822, Porto Alegre.
Tn.10 **Belmira Maria Joaquina** *Gravataí, onde deve ter ∞ seu primo **João Silveira Peixoto** (v. Antônio Pereira de Moitoso, Bn.29).
Tn.11 **Jacinto** *9.10.1828, Porto Alegre.
Tn.12 **Damásio** *30.9.1833, Porto Alegre.

Bn.9 **Januária Maria de Jesus** *24.5.1797, Porto Alegre, onde a 21.7.1815, ∞ **Manuel Francisco Xavier**, *Laguna/SC, f.º de Bernardo Francisco Xavier, do Rio de Janeiro/RJ, e Ismênia Rosa da Encarnação, de SC. Pais de:
Tn.13 **José** *15.5.1816, Porto Alegre.
Tn.14 **Teodora** *11.9.1817, Porto Alegre.
Tn.15 **Bernardina** *7.9.1819, Porto Alegre.
Tn.16 **Generosa** *2.9.1821, Porto Alegre.

Bn.10 **Clara Maria de Jesus** *24.2.1799, Porto Alegre, onde a 24.1.1815, ∞ **Joaquim Antônio Xavier**, *Laguna/SC, f.º de Bernardo Francisco Xavier, do Rio de Janeiro/RJ, e Ismênia Rosa da Encarnação, de SC. Pais de:
Tn.17 **Florêncio** *20.2.1816, Porto Alegre.
Tn.18 **Inácio** *25.10.1819, Porto Alegre.
Tn.19 **Ana** *7.6.1821, Porto Alegre.

Bn.11 **Manuel** *21.1.1801, Porto Alegre.

Bn.12 **Maria do Carmo** *8.3.1803, Porto Alegre, onde a 16.7.1816, ∞ **José Ferreira Soares**, *Vila de Viana (sic), arc. de Braga, PT, f.º de Jacinto Ferreira Soares e Jerônima Maria da Rocha. Pais de:
Tn.20 **Inácia** *20.9.1817, Porto Alegre.
Tn.21 **Manuel** *13.5.1819, Porto Alegre.
Tn.22 **Maria** *7.5.1821, Porto Alegre.

Bn.13 **Justina Maria de Jesus** *18.11.1805, Porto Alegre, onde a 4.11.1796, ∞ **Francisco José Flores** (v. Francisco José Flores, N.70).

Bn.14 **Inácio José Dias** *17.7.1809, Porto Alegre. A 2.10.1832, Capela de Santana, ∞ **Raquel Delfina de Oliveira** (v. Francisco José Flores, N.66).

N.2 **Manuel Antônio Dias** *8.1.1762, Rio Grande e †3.1.1830, Porto Alegre, ∞ **Mariana Antônia**, *SC, f.ª de Antônio Garcia dos Santos e Francisca Inácia de Jesus. Pais de:

Bn.15 **Felisberto Antônio Dias** *7.10.1784, Porto Alegre, onde a 31.7.1817 ∞ **Clemência Maria de Jesus** (v. Antônio da Silveira Pereira, Bn.38). Pais de:
Tn.23 **Francisco** *26.7.1818, Porto Alegre.
Tn.24 **Joaquim** *18.3.1820, Porto Alegre, onde †30.8.1820.
Tn.25 **Januário** *22.3.1822, Porto Alegre.
Tn.26 **João Antônio Dias** *Porto Alegre, ∞ **Maria Paulina da Conceição**, c/d em São Leopoldo.

Bn.16 **Ana Maria de Jesus** *18.2.1787, Porto Alegre, onde a 21.1.1802, ∞ **Manuel Garcia** (v. André Pereira de Matos, N.3).

Bn.17 **Inácio Antônio Dias** *20.8.1789, Porto Alegre, ∞ 17.1.1811, Viamão, **Felicidade Joaquina da Conceição**, *Viamão, f.ª de Silvestre de Andrade, da Feteira, Ilha do Faial, e Maria Joaquina da Conceição, de Viamão. Pais de:

Tn.27 **Maria** *3.5.1812, Viamão.

Bn.18 **Maria** *17.6.1791, Porto Alegre.

Bn.19 **Luciano** *2.11.1793, Porto Alegre, onde †20.5.1800.

Bn.20 **João** *24.2.1796, Porto Alegre.

Bn.21 **Francisco** *27.9.1798, Porto Alegre.

N.3 **Laureano José Dias** b. 23.1.1766, Viamão e †1841, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ 18.5.1785, Porto Alegre, **Maria Teresa de Jesus** ou **Teresa Maria de Jesus** (v. Manuel Gaspar Mancebo, N.11). Pais de:

Bn.22 **Francisco** *21.8.1786, Porto Alegre e † antes de seu pai.

Bn.23 **Eufrásio José Dias**, *21.8.1788, Porto Alegre. Furriel de milícias. A 4.11.1807, Porto Alegre, ∞ **Francisca Joaquina da Conceição** (v. Francisco Machado de Oliveira, N.9). Pais de:

Tn.28 **Felisberto** *28.7.1808, Porto Alegre.

Tn.29 **Eufrásia Francisca Dias** *9.8.1809, Viamão e †12.11.1892 em Lomba Grande, Novo Hamburgo. Teve filhos com o Cel. **José Inácio da Silva Ourives**, Juca Ourives (v. Francisco Antônio da Silveira, N.51), e, após, com **Vitorino Caetano de Souza**, *pv. 1815, Florianópolis/SC (Lagoa da Conceição) e †16.11.1875 em Lomba Grande, f.º de Manuel Caetano de Souza e Luísa Clara de Jesus. Eufrásia a 6.5.1826, Viamão, ∞ **Luís de Souza Feijó** (no registro de óbito de Eufrásia, consta viúva de Antônio Feijó), *7.10.1796, Viamão, onde †24.3.1833, f.º de Manuel de Souza Feijó e Inácia Felícia de Santa Clara. C/d em Lomba Grande.

Tn.30 **Felisbina Joaquina da Silva** *20.5.1810, Viamão, onde ∞ **Luís Joaquim da Silva**, onde deixou descendência.

Tn.31 **Maria** *2.5.1812, Viamão.

Tn.32 **Leocádia** *1.12.1813, Viamão.

Tn.33 **Luís** *6.3.1815, Viamão.

Tn.34 **Fermiano** *9.4.1816, Viamão.

Tn.35 **Maria** b. 18.10.1821, Viamão.

Tn.36 **Justina** *22.10.1823, Viamão.

Tn.37 **Manuel** *19.9.1825, Viamão.

Bn.24 **Manuel** *5.1.1791, Porto Alegre e † antes de seu pai.

Bn.25 **Joaquim José Dias**, alferes, *17.1.1793, Porto Alegre.

Bn.26 **Bernardo José Dias** *7.7.1795, Porto Alegre, ∞ 19.10.1815, Viamão, **Isabel Felícia de Jesus**, *Viamão, f.ª de Antônio Francisco da Silveira (v. Francisco Antônio da Silveira, F.3) e Maria Joaquina do Nascimento. Pais de:

Tn.38 **Ângela** *10.5.1817, Viamão.

Tn.39 **Bernardina** *11.7.1819, Porto Alegre.

Tn.40 **João** *17.5.1821, Porto Alegre, onde †20.6.1821.

Tn.41 **João** *9.8.1822, Porto Alegre.

Bn.27 **Isabel Francisca de Jesus** ou **Isabel dos Santos** *21.8.1797, Porto Alegre, onde a 20.2.1819, ∞ **Antônio Pinto**, *Foz do Douro, Porto, Porto, PT, f.º de José Pinto e Lourença Francisca. Pais de:

Tn.42 **Maria** *8.5.1820, Porto Alegre.

Bn.28 **João** *29.1.1800, Porto Alegre, onde †6.2.1800.

Bn.29 **João** *7.5.1801, Porto Alegre, onde †10.4.1804.

Bn.30 **Francisca Joaquina de Jesus** *11.10.1803, Porto Alegre e † antes de seu pai, onde a 15.6.1822, ∞ **João Antônio da Silva**, *24.9.1793, Florianópolis/SC (Desterro), f.º de Inácio Pereira da Silva, do Rio de Janeiro (São José), e de Páscoa Maria da Conceição, de Florianópolis. Pais de:

Tn.43 **José Antônio da Silva**

Tn.44 **João Antônio da Silva**

Tn.45 **Francisco Antônio da Silva**

Bn.31 **Maria Joaquina da Conceição** *29.11.1805, Porto Alegre, onde a 4.2.1832, ∞ seu cunhado **João Antônio da Silva**, acima citado.

Bn.32 **Maria** †17.3.1809, com 27 dias, em Porto Alegre.

N.4 **José** *11.8.1767, Viamão e † antes de sua mãe.

N.5 **Antônio Dias dos Santos** b. 26.8.1769, Viamão, ∞ 9.11.1793, Porto Alegre, **Leocádia Maria da Conceição** (v. Antônio Garcia dos Santos, F.7). Pais de:

Bn.33 **Manuel** *22.3.1795, Porto Alegre.

Bn.34 **Manuel** *29.3.1796, Porto Alegre.

Bn.35 **Inácia Maria de Jesus** *28.10.1797, Porto Alegre, onde a 14.41826 ∞ **Manuel Garcia Tavares** (v. Manuel Garcia Tavares, F.3).

Bn.36 **Ana Francisca de Jesus** *12.7.1799, Porto Alegre, onde a 7.2.1821, ∞ **Constantino de Morais** (v. Francisco de Morais, F.5).

Bn.37 **Severino** *5.3.1801, Porto Alegre.

Bn.38 **Maria Joaquina de Jesus** *3.12.1802, Porto Alegre, onde a 26.11.1821 ∞ **Jacinto Antônio Dias** (v. Antônio da Silveira Pereira, Bn.60).

Bn.39 **Francisca Maria de Jesus** *15.3.1804, Porto Alegre, onde a 5.2.1825 ∞ seu primo **Laurindo Antônio Dias** (v. Antônio da Silveira Pereira, Bn.59).

Bn.40 **José** *10.11.1805, Porto Alegre.

Bn.41 **Rita Joaquina da Conceição** *27.3.1807, Porto Alegre, onde a 16.11.1829, ∞ **João Vicente Bartolomeu Círio** (Berto Círio), *Gênova, Itália e †3.1.1880, Capela de Santana, f.º de João Bartolomeu Círio e Joana Cazzalia. Pais de:

Tn.46 **José Berto Círio** ∞ 6.4.1857, Capela de Santana, **Carlota Joaquina von Ende**, ali *24.9.1836, f.ª de Carl Gottfried von Ende e Narcisa Inácia Teixeira.

Tn.47 **Maria** *23.1.1831, Porto Alegre.

Tn.48 **João** *4.2.1832, Porto Alegre.

Tn.49 **Francisco** b. 6.10.1833, Porto Alegre.

Tn.50 **Balbina** *2.4.1840, Porto Alegre.

Tn.51 **Carolina** *13.4.1842, Porto Alegre.

Bn.42 **Leocádia** *1.12.1808, Porto Alegre.

Bn.43 **Antônio** *8.4.1810, Porto Alegre.

Bn.44 **Balbina Leocádia da Conceição** *13.12.1812, Porto Alegre, onde a 9.12.1835 ∞ **Júlio Marabotto**, *Itália, f.º de André Marabotto e Catarina.

Bn.45 **Bernardina** *13.6.1814, Porto Alegre.

Bn.46 **João** *21.10.1816, Porto Alegre, onde †4.11.1816.

Bn.47 **Cândida** *13.11.1818, Porto Alegre.
Bn.48 **Francisco** †8.6.1821, com 16 meses, em Porto Alegre.
N.6 **Joaquina Maria do Nascimento** *18.10.1771, Viamão. A 24.11.1790, Porto Alegre, ∞ **Manuel de Faria Santos**, *4.1.1761, Rio Grande, f.º do tenente João de Farias Santos, de Fafe (Santa Eulália), Conselho de Fafe, Braga, PT, e de Ana da Silveira, de Pedro Miguel, Ilha do Faial. Pais de:
Bn.49 **Maria** *7.5.1792, Porto Alegre.
Bn.50 **Rita** *28.3.1794, Porto Alegre.
Bn.51 **Bento** *11.10.1802, Gravataí.
N.7 **Tomásia** *1.7.1775, Porto Alegre e † antes do pai.
N.8 **José** *11.2.1777, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
F.4 **João Dias Ferreira** *9.4.1738, Vila Nova, Ilha Terceira e †29.2.1780, Porto Alegre, ∞ 4.7.1762, Rio Grande, **Maurícia Inácia da Conceição** (v. José de Oliveira, F.1). Pais de:
N.9 **Joaquim José Inácio**, *Florianópolis/SC e †8.12.1815, Porto Alegre, com 45 anos mais ou menos, ∞ **Rosa Maria de Jesus** (v. Antônio Machado Neto, N.10). Pais de:
Bn.52 **Jacinto** *24.11.1796, Porto Alegre.
Bn.53 **Brígida Maria Rosa** ou **Brígida Maria de Jesus** *16.1.1799, Porto Alegre, onde a 13.2.1816, **José da Costa e Silva**, *Ilha de São Miguel e †20.5.1832, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Antônio da Costa e Ana Francisca. Pais de:
Tn.52 **Joaquim** *15.1.1817, Porto Alegre e † antes de 1819.
Tn.53 **Joaquim** *10.4.1819, Porto Alegre.
Tn.54 **Mariana** *21.4.1821, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Tn.55 **João** *13.10.1822, Porto Alegre.
Tn.56 **Antônio**
Tn.57 **Francisco**
Bn.54 **Rosa** *16.4.1801, Porto Alegre, onde †16.8.1802.
Bn.55 **Lourenço** *7.1.1803, Porto Alegre, onde †12.2.1804.
Bn.56 **Jacinto José Inácio** *1.3.1805, Porto Alegre, onde a 14.1.1825, ∞ **Felicidade Maria da Silva** (v. José Rodrigues Peixoto, N.49).
Bn.57 **Antônio José de Oliveira** *25.5.1808, Porto Alegre, onde a 10.7.1829, ∞ **Floriana Joaquina da Silva** (v. André Pereira de Matos, Bn.44).
Bn.58 **Maria Inácia da Conceição** *20.9.1810, Porto Alegre, onde a 6.7.1829 ∞ **João Manuel Guedes**, cadete, *Santo Antônio de Ruifo/PE, f.º de Francisco Guedes e Leandra Josefa da Costa.
Bn.59 **João** *13.2.1813, Porto Alegre, onde †3.3.1816.
N.10 **Francisco** *15.11.1767, Viamão.
N.11 **Francisco** b. 13.5.1770, Porto Alegre.
N.12 **João** *10.7.1772, Viamão.
N.13 **Manuel** *10.4.1774, Porto Alegre.
N.14 **José Joaquim Dias** *27.6.1778, Porto Alegre, onde a 22.9.1800, ∞ **Maria Tomásia do Nascimento** (v. André Pereira de Matos, N.5). Pais de:

Bn.60 **Constância Cláudia de Jesus** *18.9.1801, Porto Alegre, onde †17.7.1846. A 23.6.1817, Porto Alegre, ∞ (1x) **Agostinho Gonçalves Saibro**, f.º de Antônio Gonçalves Saibro e Catarina da Rosa, ambos de Florianópolis/SC. Constância ∞ 23.4.1829, Porto Alegre (2x), **João da Fonseca Barandas** (v. Miguel Garcia Tavares, N.10).
Bn.61 **Francisco José Dias** *3.7.1803, Porto Alegre, onde a 13.6.1824, ∞ **Rita Emília da Silva** (v. André Pereira de Matos, Bn.35).
Bn.62 **Custódio** *16.9.1805, Porto Alegre.
Bn.63 **Joaquim** *17.12.1807, Porto Alegre.
Bn.64 **João** *26.7.1810, Porto Alegre.
Bn.65 **Manuel** *17.2.1813, Porto Alegre, onde †2.9.1813.
Bn.66 **Maria** *17.2.1813, Porto Alegre.

N.15 **Antônia** *16.4.1780, Porto Alegre, onde †31.7.1782.

F.5 **Maria de Jesus** *11.10.1740, Vila Nova, Ilha Terceira, ∞ (1x) **Francisco Ferreira Peniche**, *Peniche, Leiria, PT, f.º de Leonardo Ferreira e Cipriana Figueira. Maria ∞ (2x) **Francisco José de Vargas**, *Pedro Miguel, Ilha do Faial, f.º de José de Vargas e Inês de Faria. C/d em Rio Grande e depois em Taquari.
F.6 **Francisco Dias** *27.10.1743, Vila Nova, Ilha Terceira.
Houve do 2º casamento:
F.7 **Catarina** *1.12.1745, Vila Nova, Ilha Terceira.
F.8 **José** *22.10.1747, Vila Nova, Ilha Terceira.
F.9 **João** *30.3.1750, Vila Nova, Ilha Terceira.
F.10 **Amaro** *15.1.1754, Rio Grande.
F.11 **Joaquim** *29.3.1756, Rio Grande.
F.12 **Joaquim** *14.5.1757, Rio Grande.
F.13 **André** *15.12.1761, Rio Grande.

MANUEL DUTRA DE FARIA *Feteira, Ilha do Faial, f.º de Francisco Dutra de Faria e Briolanja Rosa, ∞ 4.6.1804, Porto Alegre, **DELFINA ROSA DE JESUS**, *Feteira (v. Inácio Antônio Duarte, F.2). Pais de:

F.1 **Francisco** *3.1.1806, Porto Alegre.
F.2 **Maria** *16.4.1808, Porto Alegre, onde †11.6.1810.
F.3 **Zeferina** *5.4.1810, Porto Alegre.
F.4 **Manuel** *12.5.1812, Porto Alegre, onde †26.5.1812.
F.5 **Briolanja Francisca Dutra de Faria** *5.3.1814, Porto Alegre, onde a 1º.12.1838 ∞ **Carlos Valentim Roshing**, *Inglaterra, f.º de João Roshing e Sara.
F.6 **Inácio** *2.11.1815, Porto Alegre.
F.7 **João** *6.6.1817, Porto Alegre, onde †2.2.1818.
F.8 **Maria** *10.12.1818, Porto Alegre.
F.9 **Senhorinha** *30.9.1820, Porto Alegre.
F.10 **Genoveva** *24.10.1822, Porto Alegre.

MANUEL DO COUTO MARTINS *Altares, Ilha Terceira e †5.9.1811, Porto Alegre, f.º de Manuel do Couto Martins e Catarina da Assunção, ∞ **MARIA INÁCIA DE JESUS**, *1707 (sic), Altares, Ilha Terceira e †19.3.1817, com 110 anos, em Porto Alegre, f.ª de Manuel Martins Fagundes e Joana da Assunção. Pais de:

F.1 **Antônio** b. 14.8.1752, Rio Grande, onde †30.4.1756.
F.2 **Maria Inácia** *pv. 1764, Rio Pardo, onde a 14.6.1786 ∞ **João Rodrigues Cardoso**, viúvo de Efigênia Teresa.

MANUEL DUTRA DO SOUTO ou **MANUEL DUTRA DE FARIAS** *Castelo Branco, Ilha do Faial e †18.7.1827, RS, f.º de Antônio Dutra da Silva e Rosa Maria, ambos da Ilha do Faial, ∞ 21.11.1791, Porto Alegre, **JOSEFA ANTÔNIA DA SILVEIRA**, *10.11.1760, Capelo, Ilha do Faial (v. José Silveira Peixoto, F.2). Pais de:

F.1 **Alexandre** *1.9.1792, Porto Alegre, onde †6.9.1792.
F.2 **José Dutra da Silveira** *6.8.1793, Porto Alegre, onde a 8.1.1816, ∞ **Margarida Rosa dos Serafins**, *20.7.1797, Porto Alegre (v. Antônio de Fraga, N.2). Pais de:
N.1 **Luciana** *30.9.1816, Porto Alegre.
F.3 **Maria** *14.2.1796, Porto Alegre, onde deve ter † em seguida.
F.4 **Maria Joaquina da Conceição** *2.6.1797, Porto Alegre, onde a 2.6.1811, **Luciano José Machado** (v. Antã**o Pereira Machado, N.13**).
F.5 **Agostinho** *2.1800, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
F.6 **Brígida Maria de Jesus** *20.3.1801, Porto Alegre, onde a 25.1.1817, ∞ **Antônio José de Faria** (v. José Silveira de Faria, F.1).
F.7 **Antônio Dutra do Souto** *4.3.1804, Porto Alegre.
F.8 **Isabel Maria** *30.10.1806, Porto Alegre, onde a 28.2.1824, ∞ **Inácio Antônio**, *9.9.1800, Santo Antônio da Patrulha, f.º de Agostinho Antônio Pereira e Páscoa Maria. Citados em Narciso José de Medeiros, N.11.
F.9 **Alberto** *22.12.1809, Porto Alegre.

MANUEL FERNANDES DA CUNHA *Ilha Terceira, f.º de Manuel Fernandes e Luzia Maria da Conceição, ∞ **MARIA PACHECO** *Ilha Graciosa, f.ª de Antônio Teixeira e Maria da Conceição. Pais de:

F.1 **Manuel Fernandes da Cunha** *25.6.1754, Rio Grande, ∞ (1x) **Luísa Maria da Conceição**, *Rio Grande e † Gravataí, f.ª de Antônio Teixeira Cardoso e Maria do Rosário, ambos da Ilha Graciosa. Manuel ∞ (2x) 5.10.1828, Porto Alegre, **Mariana Brígida da Silva**, *Porto Alegre, f.ª de Manuel José de Santana e Maria Brígida da Conceição.
Houve do 1º casamento:
N.1 **Antônio Fernandes da Cunha** b. 8.4.1775, Gravataí e †19.9.1833, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ (1x) **Inácia Maria de Jesus**, ali *1775, f.ª de André

Machado Ferreira e Maria Tomásia de Santo Antônio. Antônio ∞ (2x) **Cristina Maria do Nascimento**. Antônio teve 9 filhos do 1° casamento e 3 do 2° casamento. C/d em Gravataí.

N.2 **Úrsula** b. 21.10.1781, Gravataí.

N.3 **Vicência** b. 15.1.1784, Gravataí.

N.4 **José Fernandes da Cunha** *16.9.1786, Gravataí, ∞ 29.5.1809, Porto Alegre, **Maria Laureana de Jesus** (v. João de Vargas, N.20) Pais de:

Bn.1 **Silvério Fernandes da Cunha** *4.1.1815, Porto Alegre, ∞ 11.5.1842, São Leopoldo, **Joaquina Maria da Conceição**.

Bn.2 **Antônio José Fernandes** *1825, Porto Alegre e †6.4.1880, Gravataí, onde a 25.1.1846, ∞ **Ana Maria do Rosário**.

N.5 **Ana Maria da Conceição** *Gravataí, onde em 1793 ∞ **Luís José Ribeiro.**

N.6 **Domingos** *16.7.1788, Gravataí.

N.7 **Luís Fernandes da Cunha** *13.1.1791, Gravataí, ∞ 27.11.1817, Porto Alegre, **Bárbara Maria de Jesus**, *31.10.1800, Horta (S. Salvador), Ilha do Faial, f.ª de Francisco Ribeiro Luís e Vicência Rosa. C/d em São Leopoldo, mas em Porto Alegre nasceu:

Bn.3 **Maria** *8.2.1820, Porto Alegre.

Bn4. **Luís** *1.1.1822, Porto Alegre.

N.8 **Francisco Luís Fernandes** *24.5.1793, Gravataí, ∞ **Cesária Maria de Jesus**, *Triunfo, f.º de Manuel de Souza e Maria do Rosário. C/d em São Leopoldo.

N.9 **Teresa Maria de Jesus** *14.10.1795, Gravataí, ∞ **Luís Antônio da Silveira** (v. Antônio da Silveira Pereira, Bn.6).

N.10 **Florêncio** *18.12.1797, Gravataí.

N.11 **João** *3.11.1799, Gravataí.

N.12 **Joaquim Fernandes da Cunha** *Gravataí, ∞ 11.11.1802, Enseada de Brito, Palhoça/SC, **Josefa Maria de Jesus**, ali *, f.ª de João Álvares Marinho, de Florianópolis/SC, e Mariana de Jesus, de Enseada de Brito. C/d em Enseada de Brito, depois São Leopoldo e Sapucaia do Sul.

Houve do 2° casamento:

N.13 **Maria Fernandes da Trindade** *7.9.1829, São Leopoldo, onde a 9.11.1850 ∞ o tenente **José Antônio Dias**, *Sapucaia do Sul, f.º de José Antônio Dias e Maria Joaquina da Conceição. C/d em São Leopoldo.

N.14 **José Fernandes da Cunha** *29.7.1831, São Leopoldo, ∞ **Maurícia Cândida Fernandes**, *Taquari, f.ª de Cornélio Cipriano Fernandes e Florisbela Cândida de Souza. C/d em São Leopoldo, Ivoti e Estância Velha.

N.15 **Justina Fernandes da Trindade** *4.4.1833, São Leopoldo, onde a 28.4.1862 ∞ **João Antônio Dias**, *Porto Alegre, f.º de José Antônio Dias e Maria Joaquina da Conceição. C/d em Sapucaia do Sul.

F.2 **Lourenço Fernandes da Cunha** *Santo Antônio da Patrulha. A 28.5.1792, Taquari, ∞ **Isidora Maria do Espírito Santo**, ali *, f.ª de Lourenço de Quadros Machado e Esperança Maria do Espírito Santo.

F.3 **Joaquim** b. 1.3.1779, Gravataí.

F.4 **Vicência** *15.1.1784, Gravataí.

MANUEL FRANCISCO DE SOUZA *1719, Lajes, Ilha Terceira e †17.2.1805, f.º de Manuel de Souza e Bárbara da Conceição, ∞ 1760, Viamão, (1x) **BÁRBARA MARIA DO SACRAMENTO**, *Lajes, Ilha Terceira e †31.5.1778, com cerca de 60 anos, em Porto Alegre, com testamento, instituindo como herdeira sua irmã Rita Joana da Conceição, residente em Florianópolis/SC. Disse, ainda, que tinha outros parentes. Bárbara foi f.ª de Manuel Pacheco da Costa e Ana de Quadros Franco, ambos das Velas, Ilha de São Jorge. Manuel ∞ 29.6.1779, Gravataí, (2x) **VITÓRIA INÁCIA DE JESUS**, *1748, Horta, Ilha do Faial e †17.11.1804, Porto Alegre, f.ª de Manuel Vieira Mercador, da Ilha de São Miguel e Mariana Teresa, da Ilha do Faial. Houve do 2º casamento:

F.1 **Laureana** *21.9.1780 em Porto Alegre, onde † 28.1.1781.
F.2 **Ana** †10.5.1782 em Porto Alegre.
F.3 **Antônio de Souza Vieira** b.11.2.1782 em Porto Alegre. Em 1805 ausente no Rio de Janeiro.
F.4 **Francisco de Souza Vieira** *26.3.1784 em Porto Alegre, aí ∞ 9.12.1803 com **Antônia do Espírito Santo**, *Rio de Janeiro/RJ (São José) e †12.1.1859, em São José do Norte, f.ª do cap. Antônio José de Medeiros e Mariana do Espírito Santo. Antônia ∞ 2x com Henrique Xavier de Mendonça *Rio de Janeiro, f.º de Francisco Xavier de Mendonça e Josefa de São José, ambos da Ilha do Faial, com sucessão em Porto Alegre). Francisco e Antônia foram pais de:

N.1 **Carlota** *20.1.1806 em Porto Alegre.
N.2 **José** † antes de 1859.
N.3 **Manuel** † antes de 1859.
N.4 **Adriana** † antes de 1859.
N.5 **Ana** † antes de 1859.

MANUEL FURTADO DA TERRA *29.3.1763, Pedro Miguel, Ilha Faial e †9.6.1814, em Porto Alegre, f.º de Antônio Furtado e Maria de Jesus, os quais foram pais de José Furtado da Terra (v. este nome). Manuel ∞ **ANA FELÍCIA DE JESUS**, *29.6.1756, Praia do Almoxarife, Ilha do Faial, f.ª de João Silveira da Rosa e Josefa Maria de Jesus. Ana Felícia casou a 17.11.1823, Porto Alegre, (2x) José Silveira Coelho (v. Manuel Silveira Gonçalves, F.3). Manuel e Ana foram pais de:

F.1 **Maria Felícia de Jesus** *freguesia de N. Sra. do Rosário, Camacu (sic), Bahia, ∞ 11.5.1828, Porto Alegre, com seu primo em 2º, **Antônio Joaquim da Terra** (v. José Furtado da Terra, F.5).
F.2 **Rosa Felícia de Jesus** *25.8.1807, Porto Alegre, onde a 26.10.1824 ∞ **José Antônio da Cunha Valle**, *Taquari, f.º de Antônio José da Cunha Valle, de PT, e Cecília Rosa do Sacramento, de Triunfo. Pais de:

N.1 **Constantina Rosa de Jesus** ∞ 16.9.1848 em São Leopoldo **Delfino Alves Marinho**, f.º de Marcelino Alves Marinho, de Enseada de Brito, Palhoça/SC e Fortunata Maria de Jesus, de Florianópolis/SC (Desterro).
N.2 **José Antônio da Cunha** ∞ 24.4.1847, **São Leopoldo**, **Ágata Pereira**, f.ª de João Pereira Chaves e Francisca Antônia das Chagas. Pais de:

Bn.1 **Maria Justina da Cunha** b.3.3.1848 em São Leopoldo, onde a 2.3.1867 ∞ **Liadorino Antônio de Moraes**, f.º de José Caetano de Moraes e Manuela Bernardina Pereira, n.p. de Caetano Antônio de Moraes (v. Jorge Teixeira de Melo, N.2) e Polucena Joaquina de Jesus.

Bn.2 **Manuel José da Cunha** b.1.11.1850 em São Leopoldo, onde ∞ (1x) 26.1.1874 **Maria Antônia da Silva Resende**, sem sucessão, f.ª de Antônio José de Resende (v. Manuel de Resende Cabeceira, N.6) e Maria Joaquina da Silveira. Manuel ∞ (2x) 20.12.1874 em São Leopoldo **Francisca Cândida Pereira**, f.ª de João Pereira Chaves e Francisca Cândida de Oliveira.

Bn.3 **Ana Maria da Cunha** *24.7.1852 em São Leopoldo, onde ∞ **João Caetano de Moraes**, *8.1.1852 em São Leopoldo, f.º de José Caetano de Moraes e Manuela Bernardina Pereira, n.p. de Caetano Antônio de Moraes (v. Jorge Teixeira de Melo, N.2) e Polucena Joaquina de Jesus.

N.3 **Manuel** *25.6.1842, São Leopoldo.

N.4 **Justino** *15.1.1845, São Leopoldo.

F.3 **Jacinto** *28.11.1808, Porto Alegre.

F.4 **Antônio** *26.7.1810, Porto Alegre.

F.5 **Geraldo José Furtado** *26.9.1812, Porto Alegre, onde a 23.1.1837 ∞ **Porcina Maria Nunes (**v. Antônio Pereira Nunes, Bn.15).

MANUEL GARCIA TAVARES *Bandeiras, Ilha do Pico e †3.5.1783, Porto Alegre, com 58 anos, f.º de Bento Garcia Tavares e Maria Camacho. Manuel ∞ **JOSEFA TERESA DE JESUS** ou **JOSEFA MARIA DA BOA NOVA**, *Bandeiras, Ilha do Pico e †3.3.1803, com 70 anos mais ou menos, Porto Alegre, f.ª de João Garcia Fialho e Ana Garcia. Pais de:

F.1 **Antônio Garcia Tavares** ou **Antônio Garcia do Amaral** *16.1.1754, Rio Grande e †14.11.1817, Porto Alegre, onde a 23.8.1779 ∞ **Juliana Antônia** (v. Manuel Gomes Rocha, F.7). Pais de:

N.1 **Maria Antônia** *2.8.1794, Porto Alegre, onde †15.11.1817 e aí, a 15.9.1808, ∞ **João Batista Gomes**, *São Nicolau, Porto, PT, f.º de Bernardo da Silva e Maria Rosa.

F.2 **Rosa Inácia** *4.10.1756, Rio Grande e †2.11.1811, Porto Alegre, ∞ **André Silveira** (v. André Pereira de Matos, F.1).

F.3 **Manuel Garcia Tavares** *20.5.1758, Rio Grande, ∞ 4.6.1780, Porto Alegre (1x) **Rita Bernarda do Espírito Santo** (v. Alexandre da Costa Luís, F.3). Manuel ∞ 14.4.1826, Porto Alegre (2x), **Inácia Maria de Jesus**, ali *, f.ª de Antônio Dias dos Santos e Leocádia Maria de Jesus. Houve do 1º casamento:

N.2 **Inácia Joaquina do Nascimento** *22.2.1781, Porto Alegre, onde a 29.10.1796 ∞ (1x) **Antônio Pereira da Silva**, *São Salvador, termo de Óbidos, Lisboa, PT, f.º de João Pereira e Josefa Caetana. Inácia ∞ 14.5.1830, Porto Alegre, (2x) **José Manuel da Silva**, *Cascais, Lisboa, f.º de José Justino de Miranda e Isabel Rosa da Silva. Houve do 1º casamento:

Bn.1 **Francisca Romana** *9.3.1798, Porto Alegre, onde a 5.2.1815 ∞ **Francisco Ferreira Bastos**, *Santa Maria de Tuns, Porto, PT, f.º de Manuel Ferreira Bastos e Josefa Maria. Pais de:

Tn.1 **Inocência** *7.11.1815, Porto Alegre.
Tn.2 **Delfina** *10.2.1817, Porto Alegre.
Tn.3 **Maria** *14.4.1818, Porto Alegre.
Tn.4 **Leopoldina** *5.9.1819, Porto Alegre.
Tn.5 **Antônio** *28.12.1820, Porto Alegre.
Tn.6 **Carolina** *21.5.1822, Porto Alegre.

Bn.2 **Alexandre** *28.3.1799, Porto Alegre, onde †15.4.1801.
Bn.3 **José** *26.7.1800 em Porto Alegre.
Bn.4 **Bibiana** *10.4.1802 em Porto Alegre, onde †21.1.1804.
Bn.5 **João** *28.1.1805 em Porto Alegre, onde †21.6.1806.
Bn.6 **Jacinto** *15.9.1806 em Porto Alegre.
Bn.7 **Américo** *23.10.1808 em Porto Alegre.
Bn.8 **Bibiana** *7.3.1811 em Porto Alegre, onde †9.4.1811.
Bn.9 **Maria Joaquina do Nascimento** *15.3.1812, Porto Alegre, onde a 14.7.1830 ∞ **Francisco Antônio dos Santos**, *15.8.1812, Santo Antônio da Patrulha, f.º de José Antônio dos Santos, de SC, e Leonarda Maria de Jesus, de Santo Antônio da Patrulha.
Bn.10 **Damásia** *11.12.1814 em Porto Alegre.
Bn.11 **Elóia** *1.12.1816 em Porto Alegre, onde †31.1.1818.
Bn.12 **Elóia Joaquina do Nascimento** *1.8.1818 em Porto Alegre, onde a 24.8.1833 ∞ **Custódio José Rodrigues**, *Cascais, Lisboa, PT, f.º de Manuel José Rodrigues e Teresa Maria de Jesus.
Bn.13 **Francisco** *1.12.1819 em Porto Alegre.

N.3 **Severino** *20.5.1782, Porto Alegre, onde †20.3.1785.
N.4 **Jacinto** *28.8.1783, Porto Alegre.
N.5 **João** *18.6.1785, Porto Alegre.

F.4 **Ana** *31.5.1761, Rio Grande.
F.5 **José** b.13.8.1765, Viamão.
F.6 **Miguel** *21.7.1768, Viamão.
F.7 **Ana Felícia do Nascimento** ou **Ana Felícia da Encarnação** b. 2.12.1770, Viamão e † 31.3.1826, Porto Alegre, onde a 25.11.1783 ∞ (1x) **José Francisco da Rosa** (v. Antônio da Rosa, F.5). Ana ∞ 29.11.1800, Porto Alegre, (2x) **Joaquim da Fonseca Barandas**, *Carapito, Guarda, PT, e †30.8.1849, Porto Alegre, onde foi cirurgião, f.º de Diogo da Fonseca Barandas e Paula Jacinta de Figueiredo Loureiro (v. Antônio da Silveira Pereira, N.10). Pais de:

N.6 **Carlota Joaquina da Fonseca Barandas** *14.5.1802, Porto Alegre, onde †8.9.1834 e a 1.6.1824 ∞ **Gabriel Thier**, *1804, Montpellier, França, negociante, f.º de Felipe Thier e Magdalene Brun. Pais de:

Bn.14 **Paulo Thier** *18.5.1827, Porto Alegre.
Bn.15 **Joaquim Thier** *27.2.1829, Porto Alegre.
Bn.16 **Isabel Virgínia Thier** *16.9.1830, Porto Alegre, ∞ 1853 **Joaquim Francisco de Oliveira Furtado**, viúvo de Ana Amália Caldeira, (v. Francisco José Furtado, F.5).
Bn.17 **Augusto Thier** *1.6.1834, Porto Alegre.

N.7 **Delfina da Fonseca Barandas** *8.10.1803, Porto Alegre, onde a 6.1.1828 ∞ **Antônio Horeau**, *16.5.1797, freguesia de Recobet, Pons, Charente-Maritime, França

e †7.6.1840, Porto Alegre, onde foi alfaiate, f.º de Jean Horeau e Therese Claire Sarrazim.
N.8 **José** *30.3.1805 em Porto Alegre.
N.9 **Ana Delmira da Fonseca Barandas** ou **Ana Eurydice Eufrosina de Barandas** *8.9.1806, Porto Alegre, onde a 21.3.1822 ∞ **José Joaquim Pena Penalta**, *São Cristóvão da Parada de Cunhos, Vila Real, PT, f.º de José Alves dos Santos e Josefa de Oliveira.
N.10 **João da Fonseca Barandas** *Porto Alegre, onde a 23.4.1829 ∞ **Constância Cláudia de Jesus** (v. Manuel Dias Ferreira, Bn.60).

MANUEL GASPAR MANCEBO *Velas, Ilha de São Jorge, f.º de Manuel Gaspar Diniz e Marta de Almeida, onde a 1.6.1716 ∞ **TERESA DE SOUZA LEMOS**, *Velas, Ilha de São Jorge, f.ª de Manuel Teixeira e Luzia de Souza. O casal não veio para o Brasil em princípio, ao menos os filhos:

F.1 **Isabel Maria de Jesus** *1726, Ilha de São Jorge e †4.6.1810, Porto Alegre, ∞ **Cristóvão Ferreira de Carvalho**, *1727, Funchal, Ilha da Madeira, PT e †13.1.1811, Porto Alegre, com 84 anos, f.º de Manuel Ferreira da Costa e Isabel de Freitas de São José. Pais de:
N.1 **Joaquim** b. 4.4.1754, Florianópolis/SC (Desterro).
N.2 **Genoveva** *23.1.1756, Rio Grande.
N.3 **Quitéria** *15.3.1758, Rio Grande.
N.4 **Vicência Maria de Jesus** *22.4.1760, Rio Grande e †7.2.1827, com inventário autuado em Porto Alegre. A 26.7.1781, Porto Alegre, ∞ **Antônio José de Souza de Ávila** (v. Manuel de Ávila de Souza, F.9).
N.5 **Isabel Francisca de Jesus** *28.11.1762, Rio Grande, ∞ 9.1.1784, Porto Alegre, **Nazário Antônio da Silva**, *Rio Grande, f.º de Antônio Machado Pereira, das Velas, Ilha de São Jorge, e Ana Maria da Silva, do Rio de Janeiro/RJ (Sé). Pais de:
Bn.1 **Brígida Antônia da Silva** *23.11.1786, Porto Alegre, onde a 27.7.1801 ∞ **José Teixeira de Matos**, *Abragão, Penafiel, Porto, PT, f.º de Luís Teixeira de Matos e Maria de Souza. Pais de:
Tn.1 **Maria** *22.10.1803, Porto Alegre.
Tn.2 **Isabel** *20.1.1806, Porto Alegre.
Tn.3 **Porfírio** *2.6.1808, Porto Alegre.
Bn.2 **Joana Antônia da Silva** *12.5.1790, Porto Alegre, ∞ 1815, Triunfo, **Bernardino da Silva**.
Bn.3 **Manuel** *2.8.1792, Porto Alegre.
Bn.4 **Antônio** *3.11.1795, Porto Alegre.
Bn.5 **Quitéria** *11.5.1798, Porto Alegre, onde †25.4.1799.
Bn.6 **Maria** *2.6.1800, Porto Alegre.
Bn.7 **Quitéria** *6.11.1804, Porto Alegre.
Bn.8 **Eufrásia** *3.9.1808, Porto Alegre.
N.6 **José Joaquim da Silva** b. 8.12.1765, Viamão e 9.11.1801, Porto Alegre, onde a 11.11.1793 ∞ **Ana Maria de Vasconcelos**. *Mostardas, f.ª de José da Silva Machado e Paula Maria de Vasconcelos, ambos de Rio Grande. Pais de:

Bn.9 **Joaquim** *25.9.1794, Porto Alegre.

N.7 **Bernardina Angélica da Conceição** *3.3.1768, Viamão e †24.10.1798, Porto Alegre, onde a 10.5.1791 ∞ **Antônio Prudêncio Pereira Passos**, *Salvador/BA (Santana do Sacramento), f.º de Desidério Pereira dos Passos e Felícia Maria. Pais de:

Bn.10 **José** *3.8.1793, Triunfo.

Bn.11 **Inocência** *4.9.1794, Porto Alegre.

N.8 **Maria Angélica de Oliveira** b. 9.9.1770, Viamão, ∞ 1.2.1790, Porto Alegre (1x) **José Francisco Flores** (v. Francisco José Flores, F.4). Maria ∞ 23.8.1804, Triunfo, (2x) **Manuel José Flores** (v. Francisco José Flores, N.1).

F.2 **Maria de Souza** *1731, Santo Amaro, Ilha de São Jorge, e †7.6.1801, Porto Alegre, de moléstia do peito, ∞ **João da Cunha Pereira** (v. este nome).

F.3 **Catarina dos Santos** *1732, Velas, Ilha de São Jorge e †25.6.1782, com 50 anos, em Viamão, ∞ **Antônio João** ou **Antônio Pereira** *Fajã da Ovelha (São João), Ilha da Madeira e †24.1.1803, Porto Alegre, com 90 e tantos anos, f.º de Manuel Pereira e Beatriz Correia, ambos da Fajã da Ovelha. Pais de:

N.9 **Maria (Joaquina) de Jesus** *20.9.1756, Rio Grande, ∞ **José Lopes de Barcelos**, *24.12.1753, Rio Grande, f.º de Bartolomeu Lourenço de Ávila e Antônia Vitória de São João, ambos da Ilha Terceira. C/d em Viamão.

N.10 **Antônia Maria dos Santos** *17.5.1759, Rio Grande, ∞ **Vitorino Moreira Lopes**, b. 16.6.1760, Viamão, f.º de Manuel Brás Lopes e Francisca Moreira, ambos de Laguna/SC. C/d em Viamão.

N.11 **Teresa Maria de Jesus** *25.7.1761, Rio Grande. A 18.5.1785, Porto Alegre, ∞ **Laureano José Dias** (v. Manuel Dias Ferreira, N.3).

N.12 **Inês de Santo Antônio** b. 9.4.1764, Florianópolis/SC, ∞ **Inácio José Moreira**, *Cádiz, Espanha, f.º de Diogo Moreira e Maria Ximenes, ambos de Cádiz. Pais de:

Bn.12 **Joaquina** *18.10.1780, Porto Alegre, onde †29.6.1781.

Bn.13 **Maurício** *30.8.1782, Porto Alegre.

Bn.14 **Bernardino** *18.8.1786, Porto Alegre.

N.13 **Ana Maria** ou **Ana Joaquina** b. 19.7.1766, Florianópolis/SC e †3.5.1801, Porto Alegre, ∞ **Francisco Inácio de Ávila**, *Ilha do Faial, f.º de Antônio de Ávila e Catarina Maria, ambos da Ilha do Faial. Pais de:

Bn.15 **Antônio** *23.12.1785, Porto Alegre.

Bn.16 **Bernardina Maria de Jesus** *9.8.1788, Porto Alegre, onde a 31.7.1813, ∞ **João José de Oliveira** (v. Francisco Machado de Oliveira, N.11).

Bn.17 Úrsula *10.7.1791, Porto Alegre.

Bn.18 **Teresa de Jesus** *1.1.1796, Porto Alegre, ∞ 20.9.1815, Triunfo, **Ricardo da Silva Lima**, *Gravataí, f.º de Inácio da Silva Lima e Plácida Maria.

Bn.19 **José** *24.5.1798, Porto Alegre.

Bn.20 **Manuel** *7.11.1800, Porto Alegre.

N.14 **Isabel Francisca** *15.1.1768, Viamão. A 7.1.1804, Porto Alegre, ∞ (1x) **José Silveira de Andrade**, *5.11.1758, Rio Grande e †8.8.1810, Viamão, viúvo de Maria Francisca Gomes de Escovar e Teresa Maria da Trindade, f.º de José Silveira de Andrade, de Castelo Branco, Ilha do Faial e Maria Silveira, de Flamengos, Ilha do Faial. Isabel ∞ 29.8.1811, Porto Alegre, (2x) **Boaventura José de Oliveira**, *30.11.1786, Viamão, f.º de José Jacinto de Oliveira e Mariana Antônia da Conceição. Houve do 1º casamento:

Bn.21 **Paula** *18.5.1805, Porto Alegre.
Bn.22 **Justina** *2.8.1808, Porto Alegre.

F.4 **Ana de São José** *1737, Velas, Ilha de São Jorge e †4.6.1783, Viamão. A 12.6.1747, Velas, ∞ **Jorge Pereira Maciel**, ali *1730 e †17.1.1780, Viamão, f.º de Manuel Pereira Maciel e Ana ou Maria Machado. C/d em Viamão.

MANUEL GOMES DA ROCHA *pv. 1732, Porto Judeu, Ilha Terceira e †24.8.1792, Porto Alegre, f.º de Manuel Gomes da Rocha, de São Sebastião, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, e Águeda da Conceição, de Porto Judeu, ∞ **MICAELA INÁCIA**, *pv. 1732, São Sebastião, Angra do Heroísmo e †17.2.1782, Porto Alegre, f.ª de Manuel de Castro e Catarina de Assunção ou Maria Rosa. Pais de:

F.1 **João Gomes da Rocha** b. 20.2.1753, Rio Grande, ∞ 28.10.1782, Porto Alegre, **Josefa Maria Severina**, b. 18.9.1764, Viamão, f.ª de João de Souza Machado e Luísa da Conceição Pereira. Pais de:

N.1 **Camila** *15.7.1784, Porto Alegre.

N.2 **Domingos Gomes Monteiro** *6.11.1785, Porto Alegre, ∞ 16.4.1806, Triunfo, **Laureana Maria**, ali *, f.ª de Antônio Pereira da Luz e Maria Silveira.

N.3 **Teresa Maria de Jesus** *10.1.1791, Porto Alegre, ∞ 28.5.1806, Triunfo, **Antônio Pereira da Silva**, *Ilha de São Jorge, f.º de José Pereira de Quadros e Bárbara Pereira de Jesus. C/d em Triunfo.

N.4 **Francisca Gomes de Jesus** *29.12.1793, Porto Alegre, onde a 29.6.1813 ∞ **João Pedro da Costa Carvalho**, *São João da Foz, Porto, PT, f.º de João da Costa Carvalho e Rosa Maria de Souza, ambos de **São João da Foz. P**ais de:

Bn.1 **João da Costa Carvalho** ∞ 5.2.1853, São Leopoldo, **Silvina Maria da Trindade** (v. Antônio Pereira Moitoso, Bn.46).
Bn.2 **Antônio** *28.4.1832 em São Leopoldo.

N.5 **José** *15.3.1799, Porto Alegre.

N.6 **Delfina Gomes de Jesus** *24.9.1801, Porto Alegre, onde a 20.3.1821 ∞ **Luís Tavares Freire**, capitão do Regimento de SC, *Florianópolis/SC (Desterro), viúvo de Maria Antônia da Encarnação, †São Borja. C/d em Triunfo.

N.7 **Jordão** *26.2.1804, Triunfo.

F.2 **Valentina** *14.4.1755, Rio Grande.

F.3 **José Gomes Rocha** *18.11.1757, Rio Grande, ∞ **Isabel Francisca de Jesus** ou **Isabel Joaquina de Jesus** (v. João da Cunha Pereira, F.7). Pais de:

N.8 **Leandro José Gomes** *22.7.1785, Porto Alegre, ∞ 5.7.1804, Triunfo, **Ana Joaquina Meireles**, *Triunfo, f.ª de Francisco Gonçalves Meireles e Josefa Maria de Jesus

N.9 **Angélica Gomes da Cunha** *13.7.1788, Triunfo, onde a 7.1.1808 ∞ **Bernardo Ribeiro da Fonseca**, *Porto (Santo Ildefonso), Porto, PT, f.º de Carlos da Fonseca e Joaquina Esteves. C/d em Triunfo.

N.10 **Ana Gomes da Cunha** *18.8.1789, Porto Alegre e †23.7.1858, São Jerônimo, ∞ 25.8.1808, Triunfo, **Antônio Francisco de Almeida**, *19.3.1783, General Câmara e †17.2.1857, São Jerônimo, f.º do tenente Jerônimo Francisco de Almeida e Jerônima de Santa Teresa de Jesus.

N.11 **Floriano** *22.4.1791, Triunfo.
N.12 **Joaquim** *6.5.1792, Triunfo.
N.13 **Antônio Gomes Rocha** *1.6.1794, Triunfo, onde a 1819 ∞ **Mariana Rosa**.
N.14 **Manuel Gomes Rocha** *22.11.1796, Triunfo, onde a 10.9.1821 ∞ **Ana Maria de Jesus**, ali *, f.ª de Inácio de Souza Ramos e Maria de Jesus.
N.15 **João** *6.4.1799, Triunfo.
N.16 **Maria Gomes da Cunha** *15.9.1801, Triunfo, onde a 20.5.1817 ∞ **José Joaquim Soares de Menezes**, *1.3.1785, Rio Pardo, f.º de Joaquim Soares de Menezes e Maria Joaquina de Belém.
N.17 **Cândido** *3.4.1803, Triunfo.
N.18 **Cândido** b. 5.5.1805, Triunfo.

F.4 **Ana Joaquina Gomes** *1758, Rio Grande, ∞ (1x) 9.7.1774, Porto Alegre, **José Correia Viegas,** b. 9.8.1755, São José/SC e †25.5.1783, Porto Alegre, f.º de Anacleto Correia Viegas e Ângela Pereira da Conceição, ambos de Paranaguá/PR. Ana ∞ (2x) 28.1.1786, Porto Alegre, **José da Cunha** (v. João da Cunha, F.3). Houve do 1º casamento:

N.19 **José** *27.7.1775, Porto Alegre, onde †14.10.1784.
N.20 **Maria** b. 4.3.1777, Rio Pardo.
N.21 **Margarida** *14.1.1780, Porto Alegre, onde †26.6.1783.
N.22 **Boaventura** *14.4.1782, Porto Alegre, onde †19.6.1783.

F.5 **Domingos** *2.5.1760, Rio Grande.
F.6 **Joaquim** *26.7.1762, Porto Alegre.
F.7 **Juliana Antônia** b. 14.10.1764, Triunfo, ∞ 23.8.1779, Porto Alegre, **Antônio Garcia Tavares** (v. Manuel Garcia Tavares, F.1).
F.8 **Leonarda Inácia de Jesus** b. 15.9.1766, Viamão e †1849, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ 9.8.1782, Porto Alegre, **Hilário da Cunha** (v. João da Cunha Pereira, F.6).
F.9 **Maria Inácia** *Porto Alegre e b. 9.7.1769, Viamão, ∞ 26.11.1783, Porto Alegre, **José Ventura** (v. Ventura Pimentel, F.5).
F.10 **Genoveva Inácia** *20.10.1771, Viamão, ∞ 20.8.1791, Porto Alegre, **Antônio Ventura** (v. Ventura Pimentel, F.4).
F.11 **Joana** *6.9.1773, Porto Alegre, onde † 23.12.1780.

MANUEL GONÇALVES *Angra do Heroísmo (São Pedro), Ilha Terceira, f.º de Luís Gonçalves e Beatriz Caetana, ∞ 25.1.1770, Angra do Heroísmo (Santa Luzia), **GERTRUDES MARIANA** ou **GENOVEVA MARIA**, ali *, f.ª de Manuel Vieira e Maria do Espírito Santo. Pais de:

F.1 **José Gonçalves Ramos** *1779, Angra do Heroísmo (Santa Luzia) e †23.10.1842, Porto Alegre, onde ∞ 18.9.1800 **Joaquina Inácia de Jesus**, *Rio Tinto, Gondomar, Porto, PT e †14.5.1823, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de Manuel da Costa e Genoveva Coelho, ambos da cidade do Porto, PT. Possivelmente após viúvo, José uniu-se com **Maria Vaz do Rosário**, com quem teve quatro filhos tidos naturais.
Filhos com Joaquina:

N.1 **José** *20.12.1802 em Porto Alegre, onde †27.5.1806.
N.2 **Rosa Bernardina Ramos** *Porto Alegre, onde a 9.5.1818 ∞ **José Domingues Vieira**, *N. Sra. da Saúde (sic), Ilha do Pico, f.º de Jerônimo Francisco e Margarida Teodósia. Pais de:
Bn.1 **Jacinto** *22.2.1819, Porto Alegre.
Bn.2 **Ana** *6.4.1822, Porto Alegre.
N.3 **Manuel Gonçalves Ramos** *3.10.1806, Porto Alegre, onde a 1.9.1827 ∞ **Joaquina Severo Fialho**, *Cachoeira do Sul, f.ª natural de Plácido José Fialho de Mendonça, de Cachoeira do Sul, e Rosaura Maria de Jesus, de Porto Alegre. C/d em Cachoeira do Sul.
N.4 **Florinda Bernardina Ramos** *12.4.1809, Porto Alegre.
N.5 **Joaquina Josefa** *24.10.1810 em Porto Alegre, onde a 28.1.1832 ∞ **José Pinto Gomes**, *Porto, Porto, PT, f.º de Antônio Pinto Gomes e Josefa Francisca.
N.6 **Domingos Gonçalves Ramos** *23.1.1813 em Porto Alegre. Em 1840 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando disse viver de sua clínica, doutor, solteiro.
N.7 **Francisco Gonçalves Ramos** *1.4.1815 em Porto Alegre.
N.8 **Maria** *3.6.1820, Porto Alegre, onde †9.9.1821.

Filhos com Maria:
N.9 **Joaquim Gonçalves Ramos**
N.10 **Paula Vaz do Rosário**
N.11 **Maria da Glória**
N.12 **Balbina Vaz do Rosário**

MANUEL INÁCIO FLORES *1768, Ilha das Flores e †12.8.1810, Porto Alegre, solteiro, com 42 anos mais ou menos, f.º de Domingos Furtado e Catarina Inácia.

MANUEL INÁCIO RODRIGUES *1759, Ilha do Faial e †6.3.1819, Porto Alegre, ∞ (1x) **CATARINA ROSA DA CONCEIÇÃO**, *Lisboa, Lisboa, PT. Manuel ∞ a 16.4.1798, Porto Alegre (2x), **ROSA JACINTA DA CONCEIÇÃO** *1767, Ilha de Santa Maria e †21.8.1817, Porto Alegre, f.ª de Sebastião José e Mariana Francisca. Houve do 1º casamento:

F.1 **Ana Rosa da Conceição**, *Lisboa, PT e †6.9.1815, Porto Alegre, onde a 2.9.1811 ∞ **Agostinho José Lourenço** (v. Antônio José Lourenço, F.2).
F.2 **João Inácio Rodrigues** que, em 1818, era casado e residente em Vitória/ES.

MANUEL JACINTO DA LUZ PEREIRA *1724, Funchal (Sé), Ilha da Madeira, PT e †14.12.1774, Porto Alegre, f.º de Jacinto Pereira e Luzia dos Santos, ∞ **ANTÔNIA MARIA** (v. Antônio Machado Neto, F.3). Pais de:

F.1 **Maria** *18.9.1762, Rio Grande e † antes de 1773.

F.2 **Jacinto Machado Neto** *Porto Alegre e b. 28.11.1763, Viamão, ∞ 8.10.1796, Rio Pardo, **Joaquina Antônia da Silveira**, f.ª de Francisco Gonçalves Dias e Laureana Antônia da Silveira.
F.3 **Manuel** b. 24.8.1765 em Viamão.
F.4 **Laureana Rosa de Jesus** *15.5.1767, Viamão e †4.4.1816, Porto Alegre, onde a 22.1.1781 ∞ **Inácio Manuel Vieira** (v. Manuel Antônio Vieira, F.1).
F.5 **Vicente Ferreira** *Porto Alegre e *3.5.1769, Viamão.
F.6 **José Jacinto da Luz** b. 7.4.1771, Viamão, ∞ 18.1.1790, Rio Pardo, **Mariana Teresa de Jesus**, ali *, f.ª de João Matias Pinto, da cidade do Porto (Sé), PT, e Luísa Inácia de Jesus, da Ilha do Faial. Pais de:

N.1 **Clara** *5.5.1791, Rio Pardo.
N.2 **Francisco** *19.5.1793, Porto Alegre, onde †2.2.1796.
N.3 **Cláudio** *10.8.1795, Porto Alegre.
N.4 **Manuel** *19.9.1796, Porto Alegre.
N.5 **Clara** *29.10.1799, Porto Alegre, onde †21.2.1800.
N.6 **Clara Inácia da Luz** ou **Clara Maria Perpétua da Luz** *Porto Alegre, ∞ 26.11.1819, Canguçu, **Joaquim da Silva Mota**, *17.4.1798, Rio Grande, f.º de Antônio Ledoíno da Silva Mota, de São Julião do Freixo, Braga, PT, e Lucinda Inácia Ferreira de Jesus, de Estreito, São José do Norte.
N.7 **Felicidade Perpétua da Luz** *1.1.1801, Porto Alegre e †11.5.1861, Canguçu, ∞ **Gregório da Silva Mota**, ali *28.5.1794, f.º de Antônio Ledoíno da Silva Mota, de São Julião do Freixo, Braga, PT, e Lucinda Inácia Ferreira de Jesus, de Estreito, São José do Norte.

F.7 **Inácia de Jesus** *20.8.1773, Porto Alegre e †4.3.1864, Viamão. Em Porto Alegre a 29.11.1788 ∞ **Francisco Furtado Fanfa** (v. este nome).

MANUEL JOAQUIM *pv. 1779, Ilha Terceira e †16.2.1809, com 30 anos mais ou menos, marinheiro. Sem mais informações.

MANUEL JOAQUIM DE SOUZA *1747, Ilha de São Miguel e †11.7.1777, Porto Alegre, ∞ **ROSA JOAQUINA**.

MANUEL JOSÉ † antes de 1803, ∞ **TERESA INÁCIA**, *1693, Ilha do Faial e †12.8.1803, com 110 anos de idade, viúva, em Porto Alegre. Não conseguimos identificar este casal e se deixou descendentes.

MANUEL JOSÉ DE OLIVEIRA *Estreito, São José do Norte, f.º de Gabriel José de Oliveira, de Laguna/SC, e Ana Maria, de Rio Grande, ∞ **ANA JOAQUINA DE JESUS**, *Topo, Ilha de São Jorge, f.ª de Antônio Simões Quadrado e Maria Santa ou Micaela Maria Leonardo. Pais de:

F1. **Floriano** *15.1.1799, Gravataí.
F.2 **Maria** *13.4.1801, Santo Antônio da Patrulha.
F.3 **Fausta** *15.7.1803, Gravataí.
F.4 **Serafim** *2.9.1805, Gravataí.
F.5 **Florentina** *5.5.1819, Porto Alegre.

MANUEL JOSÉ RODRIGUES *1771, Ilha de São Miguel e †23.3.1806, Porto Alegre, solteiro, f.º de Antônio Rodrigues e Úrsula de São José.

MANUEL LOURENÇO MARIANTE ou **MANUEL LOURENÇO DURO** *1731, Ponta Delgada, Ilha de São Miguel e †25.3.1791, Viamão, f.º de Antônio Lourenço Dias e Maria Lourença (Silveira), ∞ **MARIA SILVEIRA** (v. Antônio da Silveira Pereira, F.4). Pais de:

F.1 **Inês de Santo Antônio** *13.6.1757, Rio Grande, ∞ **Francisco Machado Pereira**, ali *, f.º de Francisco Machado e Maria de Jesus.
F.2 **Maria Joaquina** *12.6.1759, Rio Grande, ∞ **Florentino José Rodrigues Lima**. C/d em Rio Grande.
F.3 **Joaquim Manuel da Silva** *28.3.1761, Rio Grande e †20.6.1836, Porto Alegre, ∞ (1x) **Ana Inácia de Jesus**, *14.8.1762, Rio Grande e †14.4.1819, Porto Alegre, f.º de Antônio Pereira Machado e Francisca de Souza. Joaquim ∞ 4.10.1821, Porto Alegre, (2x) sua prima **Leonor Joaquina de Jesus** (v. Antônio da Silveira Pereira, N.35). Houve do 1º casamento:

N.1 **Joaquina Maria do Nascimento** *3.5.1780, Estreito, São José do Norte e †4.3.1815, Porto Alegre, onde a 10.1.1803 ∞ **Antônio dos Santos Maciel** (v. Miguel dos Anjos Maciel, F.1).
N.2 **Maria** *20.4.1782, Estreito, São José do Norte e † antes de sua mãe.
N.3 **Luís** *4.4.1784, Estreito, São José do Norte e † antes de sua mãe.
N.4 **Fermiano José da Silva** ou **Fermiano Lourenço da Silva** *pv. 1785, Estreito, São José do Norte, ∞ 15.2.1811, Viamão, **Inácia Maria de Jesus**, *Mostardas e †6.8.1863, com inventário autuado em Porto Alegre, f.ª de Antônio Pereira Machado e Francisca Maria da Conceição. Pais de:

Bn.1 **Roberto Lourenço da Silva** *30.1.1812, Porto Alegre e † antes de sua mãe, ∞ **Feliciana Constância da Silva**. Pais de:

Tn.1 **Roberto Lourenço da Silva**
Tn.2 **Idalina Amélia da Silva**
Tn.3 **Firmiano Lourenço da Silva**

Bn.2 **José** *13.3.1817, Porto Alegre e † antes de sua mãe.
Bn.3 **David** *24.6.1819, Porto Alegre e † antes de sua mãe.

N.5 **Henrique Manuel da Silva** *pv. 1787, Estreito, São José do Norte, ∞ 12.5.1807, Viamão, **Domiciana Maria Joaquina**, *24.1.1792, Viamão, f.ª de Antônio Silveira da Rosa e Severa Maria Joaquina. C/d em Viamão.
N.6 **Francisco Manuel da Silva** *17.8.1789, Estreito, São José do Norte.

N.7 **David Manuel da Silva** *5.7.1791, Viamão, ∞ 27.11.1815, Caçapava do Sul, **Damásia Joaquina** ou **Damásia Francisca Ilha**, *Cachoeira do Sul, f.ª de Joaquim Francisco Ilha e Eusébia Maria de Assunção. C/d em Viamão e Pelotas.
N.8 **Nazário Manuel da Silva** *24.3.1793, Viamão e † antes de sua mãe.
N.9 **José Joaquim da Silva** *7.3.1795, Viamão.
N.10 **Narciso** ou **Tarcísio Manuel da Silva** *31.3.1797, Viamão.
N.11 **Domitila Maria do Nascimento** *20.3.1799, Viamão, ∞ 3.8.1820, Porto Alegre, **Pedro José de Souza**, *Viamão, f.º de Felisberto José de Souza, de Florianópolis/SC, e Maria Joaquina de Jesus, de Viamão. Pais de:
Bn.4 **Pedro** *29.6.1822, Porto Alegre.
N.12 **Polidoro Manuel da Silva** *10.2.1801, Viamão.
N.13 **Alexandrina Inácia de Jesus** *23.6.1803, Viamão e †7.6.1868, Porto Alegre, ∞ 2.3.1820, Viamão, **Ângelo Inácio de Barcelos** (v. Diogo Inácio de Barcelos, F.13).
N.14 **Antônio** *5.3.1807, Viamão.
N.15 **Antônio Manuel da Silva** *27.3.1808, Viamão.

F.4 **Ana** b. 13.5.1763, Viamão.
F.5 **Manuel** *2.4.1766, Estreito, São José do Norte.
F.6 **Ana Josefa da Silveira** *9.2.1768, Estreito, São José do Norte, onde ∞ **David Francisco de Lima**, *9.2.1763, Rio Grande e †10.5.1804, São José do Norte, f.º de José Rodrigues Nicola e Inês de Lima; C/d no Estreito.
F.7 **Joana Maria da Silva** *1.6.1769, Estreito, São José do Norte, onde ∞ 23.5.1787, **Paulo José da Silva**, *Dois Portos, Torres Vedras, Lisboa, PT, f.º de José da Silva e Helena Maria. Pais de:
N.16 **José Paulo da Silva** *15.8.1788, Estreito, São José do Norte.
N.17 **Luís** *30.12.1790, Rio Grande, onde †11.6.1795.
N.18 **Antônio** *15.8.1794, Rio Grande e † antes de 1816.
N.19 **Luís** *4.9.1795, Rio Grande e † antes de 1816.
N.20 **Firmina Maria da Silva** *1798, Rio Grande, ∞ 26.4.1813, Porto Alegre, **Manuel do Nascimento Coelho**, *Lisboa, Lisboa, PT ou do lugar do Passo do Lumiar, Quintino, Lisboa, PT e †12.3.1849, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Antônio Francisco Coelho ou Antônio Franco e Rosa Maria Coelho. Manuel foi ∞ (1x) Micaela Rosa do Nascimento, (2x) Firmina e (3x) Maria Joaquina da Silva. Firmina e Manuel foram pais de:
Bn.5 **José Custódio do Nascimento** *17.6.1816, Porto Alegre.
Bn.6 **Jacinta Rosa do Nascimento** *12.9.1817, Porto Alegre.
Bn.7 **Florisbela** *13.11.1818, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.8 **Rosa** *3.3.1821, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.9 **Manuel** *24.5.1822, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.10 **Delfina Maria do Nascimento** que, em 1849, estava viúva.
Bn.11 **Maria Angélica do Nascimento ∞ Manuel Antônio** ou **Manuel Ricardo**.
Bn.12 **Belmira Maria do Nascimento ∞ José Vieira Fernandes**.
N.21 **Inácia Maria da Silva** *12.3.1799, Porto Alegre, ∞ **Desidério Francisco de Almeida** (v. Inácio Antônio Cardoso, N.4).

F.8 **Manuel Joaquim da Silva** *2.12.1770, Estreito, São José do Norte e †28.10.1832, ∞ 1.8.1791, Viamão, **Antônia Maria da Piedade**, *Laguna/SC, f.ª de Antônio Pereira dos Santos e Rita Alves da Costa. Pais de:

N.22 **Manuel** *24.5.1792, Viamão.
N.23 **Januário Manuel da Silva** b. 15.7.1793, Viamão.
N.24 **Américo Manuel da Silva** *18.7.1795, Viamão.
N.25 **Bernardino** *1.9.1797, Porto Alegre.
N.26 **Angélica** *20.9.1799, Rio Pardo.
N.27 **Hipólita Maria** *15.9.1800, Rio Pardo, onde ∞ **Francisco da Silva Barbosa**.
N.28 **Constantino** *15.3.1803, Rio Pardo.
N.29 **Maria** b. 26.6.1807, Rio Pardo, ∞ **Manuel Joaquim de Freitas**.
N.30 **José Joaquim** *7.10.1809, Rio Pardo.
N.31 **Joaquim** *31.12.1811, Rio Pardo.
N.32 **Joaquim** *5.7.1816, Rio Pardo.

F.9 **Laureana Maria da Silva** *22.8.1772, Estreito, São José do Norte, ∞ 20.10.1790, Viamão, **João Carlos Pacheco**, *25.2.1774, Viamão, f.º de Francisco Pacheco e Ludovina Leme Barbosa. C/d em Viamão.

F.10 **Josefa Maria do Rosário** *27.2.1774, Estreito, São José do Norte, ∞ 18.5.1791, Viamão, **José Antônio da Costa**, f.º de Antônio José da Costa e Eufrásia. C/d em Viamão.

F.11 **Antônio** *6.5.1775, Estreito, São José do Norte.

F.12 **José Joaquim da Silva** *24.1.1777, Estreito, São José do Norte, ∞ (1x) **Ana Joaquina de Oliveira**, *pv. 1786 Triunfo, f.ª de Antônio Correia Sarafana (neto), de Guarulhos/SP e Genoveva Leite de Oliveira, de Viamão. C/d em Viamão. José em 1822 ∞ (2x) **Bernardina Matilde** (citados em Diogo Inácio de Barcelos, N.23).

F.13 **Januária Maria do Nascimento** *19.9.1779, Estreito, São José do Norte, ∞ 7.11.1792, Viamão, **Joaquim Manuel da Rosa** ou **Joaquim Lopes da Rosa**, *5.8.1770, Estreito e †28.5.1860, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Manuel José Lopes e Rosa Maria de São José. Pais de:

N.33 **Manuel José Lopes** *26.12.1796, Estreito, São José do Norte, ∞ 9.7.1814, Viamão, **Angélica Joaquina de Jesus**, *Viamão, f.ª de Manuel Inácio de Souza e Joaquina Inácia de Jesus.
N.34 **Joaquina Maria Lopes** *2.11.1798, Estreito, São José do Norte, ∞ 21.1.1815, Viamão, **Vitoriano Inácio da Silva**, *18.7.1792, Viamão, f.º de Manuel Inácio de Souza e Joaquina Inácia de Jesus.
N.35 **Maria Joaquina da Silva** *Viamão, ∞ 19.10.1826, Porto Alegre, **Antônio Lopes Pereira**, *Pedroso, Vila Nova de Gaia, Porto, PT, f.º de José Lopes Pereira e Ana Pereira.
N.36 **Esméria** *24.7.1800, Viamão e † antes de 1802.
N.37 **Esméria** *16.12.1802, Viamão e † antes de seu pai.
N.38 **Francisca** *26.5.1805, Viamão e † antes de seu pai.
N.39 **Vasco** *20.2.1806, Viamão e †pequeno.
N.40 **Luís** *18.12.1809, Viamão e † antes de seu pai.
N.41 **Eufrásia Maria da Silva** b. 15.8.1811, Viamão e † antes de seu pai, ∞ 4.11.1826, Porto Alegre, **Manuel Barcelos Pinheiro**. O casal teve 13 filhos.
N.42 **Porfírio Lopes da Rosa** *22.6.1813, Viamão, ∞ **Maria da Silva**.
N.43 **Vasco Lopes da Rosa** *25.7.1815, Viamão, ∞ 25.4.1846, Capela de Santana, **Luísa Eulália da Silva**, f.º de Manuel José Raimundo ou Manuel Raimundo da Silva Flores e Inocência Maria ou Inocência Jacinta Amélia de Souza.

N.44 **Justino** *28.2.1817, Porto Alegre, onde †19.6.1817.
N.45 **Genoveva** *29.5.1818, Porto Alegre e † antes de seu pai.
N.46 **Joaquim Lopes da Rosa** *5.9.1821, Porto Alegre, ∞ **Úrsula da Silva**.
N.47 **Generosa Maria da Silva ∞ João Antônio Lopes**.
N.48 **Antônio Lopes da Rosa**

MANUEL MACHADO DE BORBA *1723, Calheta, Ilha de São Jorge, e †7.7.1798, Santo Amaro do Sul (General Câmara), f.º de Felipe de Borba da Cunha e Maria Machado Vieira, ∞ 9.1.1747, Norte Grande, Ilha de São Jorge, **CATARINA MACHADO DE SOUZA**, ali *1719 e †24.8.1809 em Santo Amaro do Sul, f.ª de Antônio Sanches Maciel ou Antônio Gomes Maciel e Maria Nunes. Manuel e Catarina são tidos casais de El-Rei e foram pais de:

F.1 **Rosa Maria de Borba** *29.8.1747, Norte Grande, Ilha de São Jorge e †10.11.1824, Lavras do Sul, ∞ 12.8.1769, Taquari, **José Dias Gonçalves** (v. Simão Dias Gonçalves, F.3).
F.2 **Maria do Rosário** *Porto Alegre, b. 15.8.1753, Viamão, ∞ 13.8.1769, Taquari, **Antônio Dorneles de Souza** (v. João de Ornelas e Souza, F.3).
F.3 **Beatriz das Neves da Purificação** b. 7.9.1755, Viamão e †31.3.1824, Rio Pardo, ∞ 21.1.1782, Santo Amaro do Sul, **Francisco Dorneles de Souza** (v. João de Ornelas e Souza, F.5).
F.4 **Manuel Machado de Borba** b. 2.11.1758, Triunfo e †1.2.1830, Santo Amaro do Sul, onde a 25.11.1778 ∞ **Maria Inácia do Espírito Santo** (v. Simão Dias Gonçalves, F.7). C/d em Santo Amaro do Sul.
F.5 **Francisco** †13.6.1761, com poucos dias, em Triunfo.

MANUEL MACHADO DE SOUZA b. 6.1.1666, Topo, Ilha de São Jorge e † antes de 1760, alferes, f.º de João Dias de Souza ou João Dias Gato, ∞ 28.11.1714, Topo, Ilha de São Jorge, com sua prima em 3º e 4º grau, **ANA DE SANTIAGO** ou **ANA DE SOUZA**, ali b. 27.7.1687 e †7.8.1760, com cerca de 90 anos, muito pobre, Rio Grande, f.ª de Pedro Teixeira de Souza e Isabel Dias de Souza. Pais de:

F.1 **Bárbara Maria** *1723, Topo, Ilha de São Jorge e †27.5.1803, Santo Antônio da Patrulha, ∞ **Mateus Marques**, *Topo, f.º de Manuel Marques e Ângela Pereira (citados por DOMINGUES, 1993, p. 173).
F.2 **Catarina Maria** *1727, Topo, Ilha de São Jorge e †15.6.1782, Porto Alegre, ∞ **Manuel José Aires**, soldado dragão, *Vila, Melgaço, Viana do Castelo, PT, f.º de Gregório Salgado e Mariana da Rosa. Pais de:

N.1 **Mariana Rosa** *28.9.1755, Rio Grande, ∞ 2.10.1779, Porto Alegre, **Francisco José de Magalhães Ferreira**, *Loivos, Chaves, Vila Real, PT, f.º de João Rodrigues de Moura Chaves e Maria Josefa de Magalhães Silveira. Pais de:

Bn.1 **José Antônio** *6.10.1784, Porto Alegre.

N.2 **Ana Cláudia de Lima** *8.8.1758, Rio Grande, ∞ 28.5.1773, Porto Alegre (1x) **Antônio Pimenta de Sampaio**, *Parada de Tibães, Braga, PT, f.º de Custódio Pimenta

de Sampaio e Úrsula Pereira. Ana ∞ 1.5.1802, Porto Alegre, (2x) **Miguel dos Santos Coutinho**, *Monte Sião, PT, f.º de José dos Santos Coutinho e Teodora Maria dos Santos.

N.3 **Jacinto** *31.12.1760, Rio Grande.

N.4 **Manuel José Aires** *Rio Grande ou Triunfo, onde †19.7.1819, ∞ **Clara Maria do Nascimento**, ali *, f.ª de Luís de Santiago e Maria Joaquina Soares de Araújo.

F.3 **Francisco Machado** *13.11.1728, Topo, Ilha de São Jorge, ∞ **Maria de Jesus**, *Topo, f.ª de Manuel Marques e Ângela Pereira (citados por DOMINGUES, 1993, p. 173).

MANUEL MACHADO FAGUNDES DA SILVEIRA *Lajes, Ilha do Pico, f.º de Manuel da Silveira Machado e Maria da Silveira, ambos da Ilha do Pico ou Ilha de São Jorge, ∞ **MARIA DO ROSÁRIO**, *Lajes, Ilha do Pico, f.ª de Antônio Francisco Furtado e Isabel de Serpa, ambos da Ilha do Pico. Pais de:

F.1 **Manuel Machado Fagundes**, capitão, depois sargento-mor, *1715, Ilha de São Jorge, ∞ **Isabel Francisca da Silveira**, *1720, Ilha do Pico e †23.1.1781, Viamão. Pais de:

N.1 **Inês de São José** *15.1.1746, Calheta, Ilha de São Jorge e †10.7.1838, Porto Alegre, ∞ 30.3.1761, Rio Grande, **Manuel Caetano de Souza** (v. Caetano de Souza, F.1 e Antônio Pereira Nunes, F.4).

N.2 **Antônio Machado Fagundes** ou **Antônio Machado da Silveira** *Calheta, Ilha de São Jorge e †23.11.1819, Porto Alegre, ∞ 2.2.1758, Rio Grande, **Antônia de São Francisco** (v. Manuel de Mendonça Pereira, F.3). Pais de:

Bn.1 **Maria** *18.12.1760, Rio Grande.

Bn.2 **Inácia Josefa** *12.3.1762, Rio Grande, ∞ **José Bernardes dos Santos**, *9.7.1757, Rio Grande, f.º de Bernardo Machado dos Santos e Maria Marta de Quadros, ambos da Calheta, Ilha de São Jorge. Pais de:

Tn.1 **Manuel José de Santana** (no b. da filha Brígida seu nome consta Manuel José dos Santos) *26.7.1781, Viamão, ∞ 15.5.1802, Porto Alegre, **Maria Inácia da Conceição** (v. Antônio Pereira Moitoso, N.10). Em 1822 Manuel e família residiam na rua do Riacho, atual Washington Luís, em Porto Alegre. Pais de:

Qn.1 **Ana** *4.3.1803, Porto Alegre, onde †9.7.1808.

Qn.2 **Mariana Brígida da Conceição** *1.5.1805, Porto Alegre, onde ∞ 5.10.1828, **Manuel Fernandes da Cunha**, *Rio Grande, viúvo de Luísa Maria da Conceição, f.º de Manuel Fernandes da Cunha e Maria Pacheco.

Qn.3 **Brígida Maria de Santana** *18.7.1807, Porto Alegre, ∞ **Manuel Gomes de Oliveira**, *Santo Antônio da Patrulha, f.º de Pedro Rodrigues Pereira, de São Paulo, e Florentina Maria da Assunção, de Santo Antônio da Lapa.

Qn.4 **Inácia** *10.9.1809, Porto Alegre.

Qn.5 **José Manuel de Santana** *28.7.1811, Porto Alegre.

Qn.6 **Justina Maria de Santana** *18.7.1813, Porto Alegre.

Qn.7 **Inácio Manuel de Santana** *9.8.1815, Porto Alegre, ∞ 28.7.1850, São Leopoldo, **Cândida Maria Constância**, f.ª de Miguel Antônio Espinosa, de Corrientes, Argentina, e Constância Maria de Jesus, de Gravataí.

Qn.8 **Ana** *8.8.1817, Porto Alegre.

Qn.9 **Joaquim Manuel de Santana** *2.3.1820, Porto Alegre, ∞ 19.5.1849, São Leopoldo, **Antônia Garcia da Silva** (v. Matias Garcia da Silva, N.7).

Qn.10 **João Manuel de Santana** *24.2.1822, Porto Alegre.

Qn.11 **Manuel Inácio de Santana** *26.6.1828, Porto Alegre e †22.12.1896, São Leopoldo, com 75 anos (sic), ∞ 23.10.1847, São Leopoldo (1x) **Inocência Maria da Conceição** (v. Narciso José de Medeiros, N.7). Manuel Inácio ∞ 16.3.1886, São Leopoldo, (2x) **Maria Francisca**, *Santana do Livramento, viúva de Alexandre José Coelho, f.ª de Francisco Soares e Florenciana Martins.

Tn.2 **Florêncio** *27.5.1783, Porto Alegre.

Tn.3 **Silvana** *6.7.1784, Porto Alegre, onde †8.3.1785.

Bn.3 **Francisca Joaquina de Jesus** ou **Francisca Inácia Joaquina** b.12.5.1765, Viamão, ∞ 31.1.1789, Porto Alegre, **Joaquim José Inácio** (v. José de Oliveira, F.6).

Bn.4 **Joana Margarida da Conceição** b.7.2.1767, Viamão, ∞ **José Garcia Pereira,** *Pernambuco, f.º de Antônio Garcia Pereira, da Ilha do Faial e Maria José de Jesus, de Pernambuco. Pais de:

Tn.4 **Manuel** *9.2.1784, Porto Alegre.

Tn.5 **Manuel Vicente Garcia** *15.9.1785, Porto Alegre, ∞ 9.10.1805, Mostardas, **Ana Joaquina de Oliveira**, *12.3.1782, Viamão, f.ª de João de Oliveira Prestes e Córdula Joaquina Dias. Pais de:

Qn.12 **Justino José de Oliveira** *Mostardas, ∞ 4.11.1830, Porto Alegre, **Leocádia Maria de Jesus** (v. Antônio Pereira Moitoso, Bn.26).

Qn.13 **Vicência Maria Garcia ∞ Gabriel José de Oliveira Flores**, viúvo de Felicidade Maria de Jesus (v. Francisco José Flores, N.3).

Qn.14 **José Manuel Pereira ∞ Maria Francisca de Jesus,** f.ª de José Francisco Lemos. C/d em Santo Antônio da Patrulha.

Qn.15 **Baltazar de Oliveira Garcia** *15.7.1809, Porto Alegre, onde a 3.7.1833 ∞ **Januária Joaquina da Silva**, *15.2.1814, Porto Alegre, f.ª de João Rodrigues Braga e Senhorinha Joaquina da Silva, ambos de Porto Alegre. Baltazar dá nome a uma avenida em Porto Alegre e também em Alvorada.

Qn.16 **Joaquina** *20.9.1811, Porto Alegre.

Qn.17 **Francisco de Oliveira Garcia** *26.6.1813, Porto Alegre, onde a 29.8.1835 ∞ **Francisca Cândida de Oliveira** (v. Mateus de Oliveira, Bn.22).

Qn.18 **Luís de Oliveira Garcia** *21.08.1824, Porto Alegre, onde a 2.4.1853, ∞ (1x) **Felisbina Maria Nunes**, *7.4.1826, Porto Alegre, f.ª de Antônio Pereira Nunes (v. Antônio Pereira Nunes, N.18) e Maria Rita de Escobar. Luís, a 19.12.1874, Porto Alegre, ∞ (2x) **Inácia Antônia Jardim**, f.ª de Antônio Ferreira Jardim e Maria Luísa de Amorim.

Qn.19 **Joana** *24.12.1825, Porto Alegre.

Qn.20 **Jesuína** *28.10.1829, Porto Alegre.

Tn.6 **Vitoriano** * 21.7.1787, Porto Alegre.

Tn.7 **Quirino** *7.8.1789, Porto Alegre

Tn.8 **Ana Maria de Jesus** *25.7.1791, Porto Alegre, onde a 13.9.1807 ∞ **Antônio José de Jesus**, *Caparica, Lisboa, PT e †5.5.1811, Porto Alegre, com 32 anos, viúvo de Rosa Angélica Maria (v. Manuel Teixeira Afonso, F.9), f.º de José Antônio e Felícia Rosa. Pais de:

Qn.21 **Maria Cândida de Jesus** *Porto Alegre, onde a 13.4.1825 ∞ **José Inácio da Silva** (v. Francisco Joaquim da Silveira, F.3).

Tn.9 **Nicolau** *11.9.1793, Porto Alegre.

Tn.10 **José** *28.7.1797, Porto Alegre, onde †18.3.1801.

Tn.11 **Baltazar** *11.2.1800, Porto Alegre.

Tn.12 **Florência** *6.11.1801, Porto Alegre, onde †17.1.1804.

Tn.13 **Inácio** * 31.7.1805, Porto Alegre, onde †9.7.1806.

Bn.5 **José Joaquim da Silveira** ou **José Joaquim dos Santos** *13.11.1771, Viamão, ∞ 14.1.1794, Porto Alegre, **Genoveva Maria de Jesus** (v. Antônio Garcia dos Santos, F.4). Pais de:

Tn.14 **Rita Cândida de Jesus** *8.2.1796, Porto Alegre, onde a 2.6.1810 ∞ **Antônio Rodrigues Braga**, *16.5.1791, Porto Alegre, f.º de Custódio Martins Braga e Felizarda Rosa de Lima.

Tn.15 **Ana** * 20.6.1799, Porto Alegre.

Tn.16 **Maria** *4.1.1806, Porto Alegre.

Tn.17 **Josué** *7.10.1807, Porto Alegre.

Bn.6 **Maria** *4.8.1776, Viamão.

Bn.7 **Inês Maria da Conceição** *23.1.1780, Viamão, ∞ 11.4.1809, Porto Alegre, **José Francisco da Silva,** b. 20.8.1764, Viamão, viúvo de Maria Antônia dos Santos, f.º de Domingos Martins Pereira e Ana Francisca da Silva. Pais de:

Tn.18 **Mariana** *24.10.1816, Porto Alegre.

Tn.19 **José** *22.9.1818, Porto Alegre.

Tn.20 **Ana** *15.4.1821, Porto Alegre.

Bn.8 **Margarida Joaquina da Conceição** *9.3.1782, Viamão, ∞ 14.5.1810, Porto Alegre, **José Custódio Braga** (v. Antônio Rodrigues de Barcelos, N.1).

Bn.9 **Maria** *12.6.1784, Viamão.

Bn.10 **Silvana** *25.2.1787, Porto Alegre.

Bn.11 **João Antônio Machado** *15.3.1789, Viamão, ∞ 21.11.1825, Porto Alegre, **Ana Maria de Jesus** (v. Antônio Garcia dos Santos, N.19). João Antônio Machado ou João Machado da Silveira teve, quando solteiro, com **Angélica Maria**, *Porto Alegre, f.ª da Francisco de Lima e Francisca Maria de Jesus, o filho:

Tn.21 **José** *19.10.1822, Porto Alegre.

Bn.12 **Ana Maria** *9.2.1792, Viamão, ∞ 26.10.1807, Porto Alegre, **Alexandre Francisco da Silva** (v. Antônio Pereira Moitoso, N.7).

N.3 **Manuel Machado da Silveira** *Ilha de S**ão Jorge, ∞ Ana Maria**, *Ilha de São Jorge, f.ª de João Nunes Machado e Maria Vieira. C/d em Viamão.

N.4 **Inácio** *16.9.1754, Rio Grande.

N.5 **José** *31.5.1756, Rio Grande, onde †23.10.1759.

F.2 **Rita Josefa da Silveira** ou **Rita Maria Joana da Silveira** *1721, Piedade, Ilha do Pico e †14.2.1799, Rio Pardo, ∞ (1x) o alferes **João Machado Fagundes de Bitencourt**, *11.5.1725, Santo Amaro, Ilha do Pico e †29.3.1757, Viamão, f.º de Francisco Machado Fagundes e Úrsula de São Pedro, ambos da Ilha de São Jorge. Rita ∞ (2x) **Cosme da Silveira Ávila**, b.4.4.1696, Topo, Ilha de São Jorge. Houve do 1º casamento:

N.6 **Genoveva Maria Teresa da Silveira** *1743, Ilha do Pico, ∞ 22.10.1763, Rio Pardo, **Francisco de Souza Lopes da Silveira**, f.º de Caetano de Souza Lopes e Maria de Souza, ambos de Topo, Ilha de São Jorge.

N.7 **José Machado da Silveira Bitencourt** b. 31.5.1753, Viamão, ∞ 12.6.1772, Rio Pardo, **Ana Branco da Fonseca Pinto**, *1752, Laguna/SC e †22.11.1818, Rio Pardo, f.ª de Manuel Caetano da Fonseca, da Ilha Terceira e Ana Branco Machado, de São Paulo.

F.3 **Francisco Machado Fagundes** (**da Silveira**), alferes, depois capitão de cavalos, *1723, Piedade, Ilha do Pico e †22.1.1778, Rio Pardo, ∞ **Rita Josefa de Bitencourt**, *6.5.1729, Santo Amaro, Ilha do Pico e †18.5.1792, Rio Pardo, f.ª de Francisco Machado Fagundes e Úrsula de São Pedro, ambos da Ilha de São Jorge. C/d em Rio Pardo.

MANUEL MACHADO LEÃO, *pv. 1710, Norte Grande, Ilha de São Jorge e †29.1.1762, Rio Grande, muito pobre, ∞ **LUZIA DE SÃO JOSÉ**, *pv. 1710, Norte Grande, Ilha de São Jorge, e †9/7/1793, Porto Alegre, sem testamento, por ser muito pobre. Pais de:

F.1 **Maria de Santo Antônio** *pv. 1725 (sic), Norte Grande, Ilha de São Jorge e †16.2.1815, Porto Alegre, com 90 anos mais ou menos ∞ **Antão Pereira Machado** (v. este nome).
F.2 **Josefa** *20.2.1736, Norte Grande, Ilha de São Jorge.
F.3 **Francisco Machado Leão** *1.12.1738, Norte Grande, Ilha de São Jorge, e †23.4.1801, Triunfo, ∞ 1768, Viamão, **Maria Joana do Nascimento** (v. Manuel Cardoso Toste, F.2). Pais de:

N.1 **Antônio José Machado Leão** b. 26.2.1769, Triunfo e †15.2.1836, Porto Alegre. A 9.12.1792, Triunfo, ∞ (1x) **Margarida Maria da Conceição**, b. 16.8.1772, Triunfo, onde †22.2.1812, f.ª de Pascoal de Souza Cardoso, de Norte Grande, Ilha de São Jorge, e de Josefa Maria da Conceição, de Rio Grande, n.p. Tomé Cardoso de Mendonça e Maria do Rosário Pereira e n.m. Miguel Teixeira de Carvalho (v. Jorge Teixeira de Melo, F.2) e Maria da Conceição. Antônio e Margarida tiveram sucessão em Triunfo. Antônio José ∞ 27.1.1817, Encruzilhada do Sul, (2x) **Brígida Maria de Jesus**, b. 5.11.1786, Triunfo, f.ª de Antônio Machado de Bittencourt e Juliana Maria de Jesus.

N.2 **Antônio José Machado dos Santos Leão** b. 7.8.1770, Triunfo, ∞ **Ana Maria Pinheiro** ou **Ana Maria da Conceição** (v. Manuel Pereira Pinheiro, F.2). Pais de:

Bn.1 **Ana Joaquina da Conceição** b. 27.9.1791, Triunfo, ∞ **Albino Pinto Carneiro**, c/d em São Jerônimo.

Bn.2 **Francisco José Leão** *4.9.1791, Porto Alegre, ∞ 24.10.1823, Triunfo, **Isabel Maria da Conceição** (v. Antão Pereira Machado). C/d em Triunfo.

Bn.3 **Antônio José Leão** *25.5.1793, Triunfo.

Bn.4 **Joaquina** *10.2.1795, Triunfo.

Bn.5 **Joaquina Maria da Conceição** *24.10.1796, Triunfo, onde ∞ 8.4.1812 **Francisco Ribeiro da Cunha**, ali *21.1.1788.
Bn.6 **Ana** *13.4.1799, Triunfo
Bn.7 **Inácio** *2.12.1801, Triunfo.

N.3 **João José Leão** b. 15.3.1772, Triunfo, onde †11.6.1773.

N.4 **Ana** b. 18.6.1773, Triunfo e †21.6.1780, Porto Alegre.

N.5 **Maria Leocádia da Conceição** *8.7.1775, Viamão, ∞ 2.4.1796, Triunfo, (1x) **Manuel Inácio da Silva**, *Ilha de São Jorge, f.º de Manuel da Silva Machado e Teresa Inácia de Jesus, ambos da Ilha de São Jorge. Maria ∞ 4.10.1803, Triunfo, (2x) **Manuel José Bernardino da Cunha**, *Mindelo, Vila do Conde, Porto, PT, f.º de José Bernardino da Cunha e Josefa Maria do Nascimento. C/d em Triunfo. Deste segundo casamento descende Arthur da Costa e Silva, Presidente do Brasil.

N.6 **Rita Maria de Jesus** *6.4.1777, Porto Alegre, ∞ 2.5.1792, Triunfo, (1x) **Inácio da Silva Guimarães**, b. 30.5.1772, Triunfo, f.º de Custódio da Silva Guimarães e Ana Maria da Conceição. Rita ∞ 22.8.1803, Triunfo, (2x) **Manuel José de Souza Cardoso**, b. 16.10.1784, Triunfo, f.º de Pascoal de Souza Cardoso, de Norte Grande, Ilha de São Jorge, e de Josefa Maria da Conceição, de Rio Grande, n.p. Tomé Cardoso de Mendonça e Maria do Rosário Pereira e n.m. Miguel Teixeira de Carvalho (v. Jorge Teixeira de Melo, F.2) e Maria da Conceição. C/d em Triunfo.

N.7 **Inácia Joaquina do Nascimento** *7.10.1778, Porto Alegre, ∞ 26.5.1798, Triunfo, **Joaquim José de Aviz**, b. 15.5.1768, Triunfo, onde †13.3.1820, f.º de Antônio José de Aviz, da Ilha Graciosa, e Apolônia Maria de Jesus, da Ilha de São Jorge. C/d em Triunfo.

N.8 **Francisco** *10.3.1780, Porto Alegre, onde †16.8.1783.

N.9 **Vicente José Machado Leão**, capitão, *19.7.1781, Porto Alegre e †7.12.1866, Guaíba, ∞ **Ana Maria do Nascimento**, b. 11.2.1775, Triunfo, f.ª de Pascoal de Souza Cardoso, de Norte Grande, Ilha de São Jorge, e de Josefa Maria da Conceição, de Rio Grande, n.p. Tomé Cardoso de Mendonça e Maria do Rosário Pereira e n.m. Miguel Teixeira de Carvalho (v. Jorge Teixeira de Melo, F.2) e Maria da Conceição. C/d em Triunfo.

N.10 **Ana** *5.11.1782, Porto Alegre.

N.11 **Francisco José Machado Leão** b.19.9.1784, Triunfo, onde †27.4.1820, ∞ **Prudenciana Maria da Silva**, *Caçapava do Sul.

N.12 **Felisberto** (**José**) **Machado Leão** b. 11.6.1786, Triunfo, ∞ 28.11.1810, Caçapava do Sul, **Maria Constantina da Silva**, *26.4.1788, Rio Pardo, f.ª de José Dutra da Silva, da Ilha do Faial, e Ana Francisca de Jesus, de Rio Grande.

N.13 **Joaquim Machado Leão** b. 24.5.1789, Triunfo, ∞ 26.1.1820, Porto Alegre, (1x) **Inácia Maria de Jesus**, b. 8.9.1778, Santo Amaro do Sul, viúva de Antônio Fernandes, f.ª de João Pereira da Luz e Ana Maria. Joaquim ∞ 2.12.1829, Caçapava do Sul, (2x) **Constância Maria de Jesus**, *Cachoeira do Sul, f.ª de João Machado Teixeira e Isabel Maria de Jesus.

N.14 **Clara Maria do Nascimento** b. 22.5.1791, Triunfo, ∞ 30.4.1832, Porto Alegre, **Joaquim Álvares Pereira**, *Serzedo, Vila Nova de Gaia, Porto, PT, f.º de José Álvares e Maria Domingues.

N.15 **Joaquina Maria do Nascimento** *1.6.1793, Porto Alegre, ∞ 31.4.1810, Triunfo, **Miguel José de Campos**, *1770, Florianópolis/SC, f.º do coronel Alexandre José de Campos, de PT, e Francisca Clara Luísa, dos Açores. Joaquina e Miguel foram pais de José Joaquim de Campos Leão, dramaturgo, poeta, jornalista e tipógrafo riograndense, conhecido como Qorpo Santo.

N.16 **Maria Joana do Nascimento** *Triunfo, ∞ 22.11.1820, Porto Alegre, (1x) **Jerônimo Francisco de Freitas**, *25.11.1801, Triunfo, f.º de Francisco Manuel de Freitas e Ana Joaquina da Conceição. Maria ∞ (2x) **Manuel Vieira Rabello**, *Florianópolis/SC, f.º de Manuel Vieira Lopes e Joana Antônia, ambos de Angra do Heroísmo, Ilha Terceira.

F.4 **Isabel Maria do Rosário** *Norte Grande, Ilha de São Jorge, ∞ **Tomé Cardoso de Mendonça**, *17.12.1715, Norte Grande, Ilha de São Jorge e †26.12.1793, Triunfo, f.º de João Furtado de Mendonça e Maria Vieira, viúvo de Maria do Rosário. Tomé foi fazendeiro em São Jerônimo. Pais de:

N.17 **Ana Maria do Nascimento** *24.2.1755, Rio Grande, ∞ **Manuel de Medeiros da Costa Reis**, *Santana de Parnaíba/SP e †7.12.1784, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Pedro Medeiros da Costa, da Ilha de São Miguel, e Isabel dos Reis, de Santana do Parnaíba/SP. Pais de:

Bn.8 **Manuel** *9.11.1772, Triunfo.
Bn.9 **Antônio** b. 14.6.1775, Triunfo
Bn.10 **Jerônimo** b. 4.9.1777, Triunfo.
Bn.11 **Jerônimo** *16.11.1780, Triunfo.
Bn.12 **Isabel** b. 23.11.1780, Triunfo.

F.5 **Antônia Maria** *23.2.1742, Norte Grande, Ilha de São Jorge, ∞ 16.4.1758, Rio Grande, **Manuel Ferreira**, soldado, *Bandeiras, Ilha do Pico, f.º de Manuel Ferreira e Ana Silveira.

F.6 **Rita Maria da Conceição** *1757, Norte Grande, Ilha de São Jorge e †17.12.1809, Porto Alegre ∞ **Antão Silveira** (v. este nome).

MANUEL MACHADO RIBEIRO *Santa Cruz, Ilha Graciosa, f.º do alferes João Batista Espínola e Maria de Melo, ∞ 3.7.1717, Santa Cruz, Ilha Graciosa, **TERESA DE ATAÍDE DE BITTENCOURT**, ali *, f.ª de Manuel de Melo e Maria de Bittencourt. Manuel e Teresa foram pais de 6 filhos, cuja descendência foi citada em DOMINGUES, 1993, p. 168. Destes filhos, ao menos uma foi para Porto Alegre, que segue:

F.1 **Ana Maria de Ataíde** ou **Ana Maria do Bonsucesso** *Santa Cruz, Ilha Graciosa, ∞ **Domingos Ferreira**, *São Sebastião, Ilha de São Miguel, f.º de Domingos Ferreira e Isabel da Costa. C/d em Rio Grande e Santo Antônio da Patrulha.

F.2 **Catarina Isabel de Ataíde** *1729, Santa Cruz, Ilha Graciosa e †17.6.1819, Porto Alegre, ∞ **José Tomás de Aquino**, soldado dragão, *Recife/PE e †23.6.1789, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de José Tomás de Aquino, de Setúbal, e Francisca Soares, de Recife/PE. Pais de:

N.1 **Tomásia Joaquina de Ataíde** ou **Tomásia Joaquina de Jesus** *30.12.1753, Rio Grande, ∞ 8.9.1770, Viamão, **Inácio José de Souza**, *1740, Évora, PT, e †21.7.1816, Porto Alegre, f.º de Matias Rodrigues de Sousa e Maria Eugênia. Pais de:

Bn.1 **Manuel Joaquim de Souza** *10.11.1771, Viamão. Em 1818, solteiro.
Bn.2 **Josefa Bernardina de Jesus** *22.10.1773, Viamão, ∞ 26.7.1794, Porto Alegre, **João de Souza Machado** (v. este nome).
Bn.3 **Alexandre** *2.2.1776, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.4 **José Alexandre de Souza** *30.7.1777, Porto Alegre, soldado dragão e †13.7.1858. A 1.4.1799, Porto Alegre, ∞ **Manuela Luísa de Oliveira**, *Buenos Aires, Argentina, f.º de João Francisco de Oliveira e Teresa Maria de Jesus. Pais de:
Tn.1 **Luís** *28.4.1799, Porto Alegre.
Tn.2 **Francisca** *14.3.1801, Porto Alegre.
Tn.3 **João José de Souza** *8.6.1803, Porto Alegre. Teve filhos em Porto Alegre com **Florisbela Maria da Conceição**.
Tn.4 **Maria** *1809, Porto Alegre, onde †16.4.1818.
Tn.5 **Ana** *14.12.1809, Porto Alegre.
Tn.6 **Joaquina** *28.9.1811, Porto Alegre.
Tn.7 **Inocêncio** *6.3.1814, Porto Alegre.
Tn.8 **Joaquina** *6.10.1816, Porto Alegre.
Tn.9 **Júlio** *27.6.1819, Porto Alegre.
Bn.5 **Inácio José de Souza** *10.5.1780, Porto Alegre. Em 1818, solteiro.
Bn.6 **Faustino José de Souza** *14.2.1783, Porto Alegre, ∞ 2.5.1805, Rio Pardo, **Joaquina Antônia de Souza**, *Triunfo, f.ª de João Pereira de Souza e Antônia de Souza Maciel. C/d em Rio Pardo.
Bn.7 **Antônio José de Souza** *17.9.1785, Porto Alegre. Em 1818, solteiro.
Bn.8 **Ana Eufrásia** *1.8.1788, Porto Alegre. Em 1818, solteira.
Bn.9 **Francisca Cândida de Souza** *23.5.1793, Porto Alegre, onde a 30.3.1826 ∞ o guarda-mor **Antônio José de Oliveira Guimarães**, *Souto, Guimarães, Braga, PT, f.º de Vicente de Oliveira e Maria Rosa Dias. Legitimaram três filhos quando do casamento: Inácia Cândida, João Vicente e Cândida Inácia.

N.2 **Joaquim José Tomás** *9.12.1755, Rio Grande e † antes de seu pai, ∞ 10.7.1779, Triunfo, **Inácia Antônia Gonçalves**, *Laguna/SC, f.ª de Inácio Gonçalves Lami e Isabel Fernandes. C/d em Triunfo e Santo Amaro do Sul.

N.3 **Ana Maria de Souza** *25.4.1757, Rio Grande, ∞ 7.1.1775, Porto Alegre, o tenente de infantaria, depois ajudante e sargento-mor **João Batista de Carvalho e Souza**, *pv. 1743, Bragança, PT e †15.4.1813, Porto Alegre, com 70 anos mais ou menos, casado, f.º de Bernardo José de Carvalho e Joana Teixeira de Moraes Martins. Pais de:
Bn.10 **João Batista de Carvalho** b. 29.12.1776, Rio Pardo, ∞ 12.1.1815, Porto Alegre, **Gertrudes Antônia de Oliveira**, ali *, f.ª de Gaspar José Flores e Floriana Rosa do Nascimento. Pais de:
Tn.10 **Sebastião** *1.1.1815, Porto Alegre.
Tn.11 **João** *2.4.1816, Porto Alegre.
Tn.12 **Antônio** *11.10.1817, Porto Alegre.
Tn.13 **Gaspar** *27.11.1819, Porto Alegre.
Bn.11 **Inácia Arcângela de Morais** *28.5.1778, Porto Alegre, onde a 3.3.1801 (1x) ∞ o tenente **João Fernandes Petim**, *Viamão e †18.11.1812, Maldonado, Uruguai, talvez em campanha, f.º de José Fernandes Petim e Clara Barbosa de Menezes. Inácia a 27.6.1813 ∞ (2x) o quartel-mestre da Legião de Cavalaria Ligeira **Antônio**

Joaquim da Silva Porto, *Braga (São Vitor), Braga, PT, f.º de Manuel da Silva Porto e Ana Joaquina.

Bn.12 **Sebastião Xavier de Carvalho** *6.6.1780, Porto Alegre, coronel, ∞ 24.6.1805, Rio Grande (1x), **Maria José Gomes de Melo**, *3.4.1788, Rio Grande, f.ª de José Gomes de Melo, de Rio Grande e Jacinta Maria Barbarinho, da Colônia do Sacramento. Sebastião ∞ 8.9.1833, Porto Alegre, (2x) **Cristina Soares da Silva**, *26.2.1804, Canguçu/RS, f.ª de José Soares da Silva e Guiomar Maria da Silva. C/d em Pelotas e Rio Grande.

Bn.13 **Cândida Arcângela de Morais** *9.5.1782, Porto Alegre, onde †9.9.1807, solteira.

Bn.14 **Antônio** *24.6.1784, Porto Alegre.

Bn.15 **Manuel** *25.12.1786, Porto Alegre.

Bn.16 **Francisca** *3.12.1788, Porto Alegre.

Bn.17 **Floriano** *2.3.1791, Rio Grande.

Bn.18 **Inácia Vitória** *27.10.1792, Porto Alegre, onde †15.7.1813, solteira.

Bn.19 **Teresa** *27.1.1796, Porto Alegre.

N.4 **José Tomás de Aquino** *21.7.1759, Rio Grande e †16.2.1805, Porto Alegre, ∞ 7.7.1797, Gravataí, **Maria Angélica da Conceição**, *Colônia, Uruguai, f.ª de José Félix Correia e Rita Inácia da Conceição. Pais de:

Bn.20 **José Tomás** *1798 e †18.7.1813, com 15 anos, em Porto Alegre.

Bn.21 **Delfino Luís de Aquino** *1802, RS, em 1849 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando declarou viver de seu negócio.

Bn.22 **Maria** †4.7.1805, com 14 meses, em Porto Alegre.

N.5 **Vicência Eufrásia** *2.9.1761, Rio Grande.

N.6 **Antônio Jacinto de Aquino** *pv. 1763, Florianópolis/SC e †solteiro a 19.1.1793, Porto Alegre.

N.7 **João Antônio de Almeida Ataíde**, soldado dragão, b. 11.6.1766, Viamão, ∞ 7.1.1796, Porto Alegre, **Laureana Inácia de Jesus**, *Viamão, viúva de Sebastião José de Souza, f.ª de Antônio da Silva e Inácia Xavier. Pais de:

Bn.23 **João Gualberto de Ataíde** *12.7.1797, Porto Alegre, ∞ 1.11.1819, Encruzilhada do Sul, **Joaquina Vicência da Silva**.

Bn.24 **Luís Antônio de Ataíde** *26.11.1798, Porto Alegre, ∞ 15.9.1823, Santo Amaro do Sul, **Ana Jorge de Morais**.

N.8 **André** *8.1.1769, Viamão e † antes de seu pai.

N.9 **Maria** b. 13.3.1770, Viamão e † antes de seu pai.

N.10 **Josefa** *18.3.1773, Viamão e † antes de seu pai.

N.11 **Domingos** *26.11.1775, Porto Alegre e † antes de seu pai.

N.12 **Isabel Francisca do Nascimento** *4.3.1778, Porto Alegre, onde a 9.12.1801 ∞ **Baltasar Joaquim da Silva**, *Viamão, f.º de Antônio Joaquim da Silva e Ana Joaquina dos Santos. Pais de:

Bn.25 **Cândida Bela da Silva** *17.12.1802, Porto Alegre, onde a 14.1.1822 ∞ o alferes **Antônio da Costa Fraga**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.º do tenente-coronel Manuel da Costa Fraga e Genoveva Margarida.

Bn.26 **Joaquim** *14.7.1804, Porto Alegre.

Bn.27 **Maria** *3.6.1806, Porto Alegre.
Bn.28 **Rita Cândida da Silva** *21.12.1807, Porto Alegre, onde a 19.6.1830 ∞ **José Antônio de Santiago**, *Portugal, f.º de João Antônio de Santiago e Teresa Bernarda Rosa.
Bn.29 **Sebastião** *10.6.1810, Porto Alegre.
Bn.30 **Baltasar** *22.7.1812, Rio Pardo.
Bn.31 **Ana** *22.10.1814, Porto Alegre.
Bn.32 **Matildes** *14.9.1817, Porto Alegre.

F.3 **Mariana de Bittencourt** *Santa Cruz, Ilha Graciosa, ∞ **Manuel Antônio de Bittencourt**, ali *, f.º de Manuel Pereira de Bittencourt e Catarina Espíndola de Bittencourt. C/d em Rio Pardo, Cachoeira do Sul, Santa Maria, Santo Antônio da Patrulha.
F.4 **Francisca Rosa de Bittencourt** *Santa Cruz, Ilha Graciosa, ∞ **João Lobão Botelho**, ali *, f.º de Manuel de Mendonça Pereira e Maria de Jesus. C/d em Rio Grande.
F.5 **João de Souza Correia** *Santa Cruz, Ilha Graciosa e †10.12.1775, Rio Pardo, onde a 21.4.1773 ∞ **Ana Maria de Jesus**, *Rio Grande, f.ª de Joaquim de Siqueira e Antônia Maria de Jesus.

MANUEL MACHADO TEIXEIRA (I) *Topo, Ilha de São Jorge, f.º de Antônio Teixeira e Maria Alves, ∞ **MARIA DO ROSÁRIO**, * Topo, Ilha de São Jorge, f.ª de João Fernandes e Ana Vieira. Casal de El-Rei. Pais de:

F.1 **Maria do Rosário** *Porto Alegre, b. 3.3.1754, Viamão, ∞ 25.9.1769, Viamão, (1x) **Francisco Pereira Soares** (v. Manuel Pereira Soares, F.1). Maria ∞ 14.9.1777, Rio Pardo, (2x) **Manuel Machado da Silveira**, *Rio Grande, f.º de Mateus Silveira de Faria e Ana Maria.
F.2 **João Machado da Silveira** *Rio Pardo, ∞ 30.9.1780, Rio Pardo, (1x) **Francisca da Encarnação,** *Rio Pardo, f.ª de Bernardo Cardoso, da Ilha Terceira e †2.8.1809, com 70 anos, Porto Alegre, e Catarina Ramires ou Catarina Gonçalves, de Laguna e †18.10.1804, com 55 anos, do outro lado do rio, em Porto Alegre. João, a 28.9.1811, Santo Antônio da Patrulha, ∞ (2x) **Isabel Lourenço de Melo**, ali b. 10.7.1792, f.ª de Manuel Lourenço de Melo, da Ilha Graciosa, e Josefa Tomásia de Jesus.
F.3 **Felipe de Santiago** *Santo Ângelo, Soldado Dragão, ∞ 2.6.1782, Osório, **Clara Maria da Ascenção**, b. 26.8.1766, Viamão, f.ª de Vicente Ferreira do Rego e Luzia Alves Passarinho.

MANUEL MACHADO TEIXEIRA (II), alferes, *pv. 1742, Calheta, Ilha de São Jorge e †29.3.1802, Porto Alegre, com mais de 60 anos, f.º de André Machado Teixeira e Rosa Maria, ∞ 1753, Viamão, **MARIA INÁCIA DE VALENÇA**, *Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †15.7.1811, Rio Pardo, f.ª de Pedro Gregório Machado ou Pedro Gregório Teixeira ou Pedro Gregório de Souza e Maria Vieira de Valença. O casal teve, ao menos, cinco filhos, nascidos em Rio Pardo.

MANUEL MARTINS DE AGUIAR *Ilha Terceira, f.º de Antônio Martins de Aguiar e Catarina de São João, ∞ **RITA MARIA DE OLIVEIRA**, *Florianópolis/SC, f.ª de Manuel Lopes de Oliveira e Rosa Maria de Jesus. Pais de:

F.1 **Miguel** *29.9.1813, Porto Alegre.

MANUEL PEREIRA DA LUZ ou **MANUEL PEREIRA MACHADO** *Rosais, Ilha de São Jorge, f.º de Jorge Gonçalves e Maria da Luz, ∞ 16.5.1735, Calheta, Ilha de São Jorge, **BÁRBARA DE SÃO PEDRO**, *23.6.1712, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge, f.ª de Antônio de Matos da Silveira e Maria Pereira. Pais de:

F.1 **Francisca Rosa das Chagas** *Ilha de São Jorge e †19.6.1806, Porto Alegre, ∞ **José Homem da Costa**, soldado, *São Mateus, Ilha do Pico, f.º de Sebastião Homem da Costa e Domingas do Espírito Santo. C/d em Florianópolis/SC e Viamão. Pais de:

N.1 **Francisco**, b. 5.9.1761, Florianópolis/SC (Desterro). Em 1806 estava ausente, em domínios espanhóis.

N.2 **Alexandre**, em 1806 estava ausente, em domínios espanhóis.

N.3 **João** b. 26.3.1764, Florianópolis/SC (Desterro) e † antes de 1806.

N.4 **Júlia** b. 15.5.1766, Florianópolis/SC (Desterro) e † antes de 1806.

N.5 **Antônio José Gomes** *30.9.1771, Viamão, ∞ 8.10.1796, Rio Pardo, **Maria Joaquina de Almeida**, *Ilha de São Jorge, f.ª de Francisco da Silveira Pacheco e Bárbara Micaela de Almeida. Pais de:

Bn.1 **Patrício** *3.1.1810, Encruzilhada do Sul.

Bn.2 **Cândida Gomes de Almeida** *13.11.1812, Encruzilhada do Sul e †25.10.1890, São Borja, onde a 30.6.1850 ∞ **Marcos Christino Fioravante,** médico, *1775-1779 na Ilha de Santa Maura, Veneza, Itália, com vasta descendência.

Bn.3 **Damaso** *20.3.1814, Encruzilhada do Sul.

Bn.4 **Beatriz Joaquina de Oliveira** *Encruzilhada do Sul, ∞ 18.9.1852, Alegrete, com seu primo **Cláudio José de Abreu**, abaixo citado.

F.2 **Ana de Jesus** *Ilha de São Jorge, ∞ **Manuel Silveira Cardoso**, *Pedro Miguel, Ilha do Faial, viúvo de Josefa Antônia de Jesus, f.º de João Silveira Cardoso e Maria de Faria. C/d em Florianópolis/SC.

F.3 **Josefa Maria de Santo Antônio** *Florianópolis/SC (Desterro), ∞ **José Moreira da Silva**, *1754, Parati/RJ, f.º de Lucas Moreira e Josefa da Silva, ambos de Parati/RJ.

F.4 **Antônio Silveira Nunes** *28.7.1753, Florianópolis/SC (Desterro) e †6.7.1811, Porto Alegre, onde a 29.10.1774 ∞ (1x) **Maria da Conceição**, *1752, Santa Cruz da Vila da Praia, Ilha Terceira e †25.7.1797, Porto Alegre, viúva de José Rodrigues Peixoto (v. este nome José de Oliveira). Antônio ∞ 6.5.1801, Porto Alegre, (2x) **Vicência Rosa de Jesus**, *6.9.1778, Cedros, Ilha do Faial, viúva de Félix Antônio (v. Jacinto Furtado, F.3).

Houve do 1º casamento:

N.6 **Inácio Antônio da Silveira** *31.7.1775, Estreito, São José do Norte e †1834, ∞ 18.6.1795, Porto Alegre, **Gertrudes Maria da Conceição** ou **Gertrudes Maria do Espírito Santo** (v. Bartolomeu Ferreira Teles, F.3). Pais de:

Bn.5 **Joaquim Inácio da Silva** *9.4.1798, Porto Alegre, onde a 15.1.1824 ∞ **Guiomar Francisca de Oliveira**, *1800, Triunfo, f.ª de Antero José de Vargas e Maria Francisca de Oliveira. C/d em Porto Alegre. Pais de:

Tn.1 **Maria José da Conceição** *1825, Porto Alegre e †27.4.1890, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 4.11.1854, Porto Alegre, **Carl Kinhlein (Kindlein),** *1826, Lichentenfels, Bayern, Alemanha e †23.11.1903, Santo Antônio da Patrulha/RS, f.º de Joseph Kinhlein e Elisabeth (Isabel) Maria.

Bn.6 **Cândida** *6.10.1800, Porto Alegre.

Bn.7 **Ana Maria da Conceição** *25.11.1801, Porto Alegre, onde a 26.6.1819 ∞ **Francisco José de Oliveira** (v. Antônio Francisco da Silveira, N.7).

Bn.8 **Maria Inácia da Conceição** *20.3.1804, Porto Alegre, onde a 11.2.1822 ∞ **Manuel Martins da Silva**, b.2.9.1792, Florianópolis/SC (Lagoa da Conceição), f.º de José Martins de Oliveira e Umbelina Clara de Jesus, ambos de Lagoa da Conceição.

Bn.9 **Joana** *10.5.1806, Porto Alegre.

Bn.10 **Francisco** *20.4.1808, Porto Alegre.

Bn.11 **Manuel** *8.4.1810, Porto Alegre.

Bn.12 **Fermina Inácia da Silva** *8.2.1812, Porto Alegre, onde a 23.6.1832 ∞ **Francisco José Bernardes** (v. Francisco Antônio da Silveira, N.44).

Bn.13 **Manuela** *22.6.1814, Porto Alegre, onde †9.4.1816.

Bn.14 **Lina Inácia da Conceição** *4.6.1815, Porto Alegre, onde a 9.5.1831 ∞ **José Correia de Bairos**, *São Pedro de Bairos, Porto, PT, f.º de Manuel Correia e Maria Josefa.

Bn.15 **Fausta** *17.5.1818, Porto Alegre.

Bn.16 **José** *26.10.1820, Porto Alegre.

Bn.17 **Inácia** *2.10.1822, Porto Alegre.

N.7 **Maria Feliciana da Silva** *20.9.1776, Porto Alegre, e †9.12.1836, Alegrete. Em Porto Alegre, a 20.7.1794, ∞ **José de Abreu**, marechal e Barão de Cerro Largo, *1777, Maldonado, Uruguai e †20.8.1827, Rosário do Sul, na batalha do Passo do Rosário, f.º de João de Abreu, de Guimarães, Braga, PT, e Ana Maria, de Rio Grande. Pais de:

Bn.18 **Cláudio José de Abreu**, tenente-coronel, *24.2.1795, Porto Alegre e †14.7.1870, Alegrete, ∞ no Uruguai (1x) **Manuela Funes**, ∞ 18.9.1852, Alegrete, (2x) com sua prima **Beatriz Joaquina de Oliveira,** acima citada.

Bn.19 **José Inácio da Silva e Abreu**, sargento-mor, *1.1.1797, Porto Alegre, onde a 29.10.1824 ∞ (1x) **Ana Josefina de Meneses Bastos**, *7.5.1807, Porto Alegre, f.ª do cap. Antônio José de Almeida Bastos e Bernardina Cândida de Meneses. José ∞ (2x) sua cunhada **Angélica Cândida de Meneses**, *19.9.1803, Porto Alegre.

Bn.20 **Ana** *29.8.1802, Rio Pardo.

Bn.21 **Cândido José de Abreu**, capitão, *1803 e †1873, ∞ **Guiomar Nunes Coelho**, b. 2.11.1800, Encruzilhada do Sul, f.ª de Felisberto Nunes Coelho, de Rio Pardo, e Ana Joaquina da Conceição, de Viamão.

Bn.22 **Manuel José de Abreu**, capitão, *1805, Santa Maria, onde †29.10.1893, ∞ (1x) **Maria Feliciana Prestes**, ∞ (2x), em Alegrete, a 2.1.1823, ∞ **Florisbela Maria**

Prates *Cachoeira do Sul, f.ª de Manuel Ferreira Prates e Antônia Maria. Manuel ∞ 30.11.1843, Alegrete, (3x) **Maria Zeferina de Salles**.

Bn.23 **Vasco José de Abreu** *1808, São Borja e †22.5.1858, Alegrete, onde a 20.4.1840 ∞ (1x) **Francisca Carolina de Lima** e, a 22.10.1844, (2x) **Maria Joaquina Ferreira**.

N.8 **Laureano José da Silva** *1.6.1778, Porto Alegre, onde a 12.11.1800 ∞ **Eleutéria Barreto de Oliveira Leme** (v. Francisco Silveira de Souza, Bn.6). Pais de:

Bn.24 **Teresa** *20.5.1803, Porto Alegre.

Bn.25 **Adão** *16.3.1808, Porto Alegre, onde †10.5.1808.

Bn.26 **Maria** *28.2.1809, Porto Alegre.

Bn.27 **José** *18.3.1810, Porto Alegre.

N.9 **Fidêncio Antônio da Silva** b. 4.12.1780, Rio Pardo, ∞ 28.7.1801, Porto Alegre, **Rita Maria**, *Rio de Janeiro/RJ (Santa Rita), f.ª de José Dias e Helena Maria, ambos do Rio de Janeiro. Pais de:

Bn.28 **Luís** *19.5.1802, Porto Alegre.

Bn.29 **Antero** *8.5.1804, Porto Alegre.

Bn.30 **Sebastião** *15.8.1806, Porto Alegre.

Bn.31 **João Antônio da Silva** *7.12.1808, Porto Alegre, onde a 7.10.1829 ∞ **Leonida Joaquina de Souza**, ali *7.12.1808, f.ª de João José de Souza e Ana Joaquina de Jesus.

Bn.32 **Manuel** *8.9.1812, Porto Alegre.

Bn.33 **Cândido** *10.6.1815, Porto Alegre.

Bn.34 **José** *10.3.1819, Porto Alegre.

Houve do 2º casamento:

N.10 **Florentina Maria de Jesus** *15.8.1802, Porto Alegre, onde a 23.5.1818 ∞ **Antônio de Proença Abreu Neto**, alferes, depois capitão, *Sorocaba/SP, f.º de Francisco de Proença e Abreu e Gertrudes de Almeida Falcão. Pais de:

Bn.35 **Florentino Proença de Abreu** *14.6.1819, Porto Alegre.

Bn.36 **Manuel Prudêncio de Abreu** *27.9.1820, Porto Alegre, ∞ **Felisbina Francisca de Jesus**.

Bn.37 **Cândido Aureliano de Proença Abreu** *1.1.1822, Porto Alegre, onde ∞ **Joana Maria Inácia de Oliveira**.

Bn.38 **Estevão Praxedes de Proença Abreu** *21.7.1823, Porto Alegre, onde ∞ **Guilhermina Maria Ricardo**.

Bn.39 **Maria de Abreu** *10.1.1825, Porto Alegre.

Bn.40 **Antônio Proença de Abreu** *31.5.1826, Porto Alegre.

N.11 **Áurea** (possível filha) *3.1804, Porto Alegre, onde †10.9.1807.

N.12 **Gertrudes Maria da Conceição** *Porto Alegre. Mãe de:

Bn.41 **Cândido** *28.3.1818, Porto Alegre.

N.13 **João de Deus e Silva** *Porto Alegre, onde a 27.9.1823 ∞ **Maria Inácia dos Reis**, *Gravataí, f.ª de José Ribeiro Luís, da Ilha do Faial, e Inácia Maria da Conceição, de Gravataí. C/d em Porto Alegre.

MANUEL PEREIRA DE ÁVILA *1701, Ribeiras, Ilha do Pico e †27.11.1746, Castelo Branco, Ilha do Faial, filho de Mateus Cabral e Maria de Ávila. Manuel a 4.6.1725, Santo Amaro, Ilha do Pico ∞ **MARIA DE SÃO JOSÉ DA CONCEIÇÃO**, *Santo Amaro, Ilha do Pico, onde †25.4.1777, filha de José Cardoso e Madalena Pereira. Foram pais de ao menos nove filhos, todos nascidos em Santo Amaro, Ilha do Pico, com exceção do último, nascido em Castelo Branco, Ilha do Faial. Ao menos uma filha imigrou para o RS, que segue:

F.1 **Margarida de São José** ou **Margarida da Conceição** b. 20.2.1726, Santo Amaro, Ilha do Pico e †26.3.1775, Porto Alegre, ∞ (1x) **Manuel da Silva**, *bispado de Coimbra, PT, soldado dragão, †10.8.1756, Rio Grande, muito pobre. Margarida ∞ 8.7.1757, Rio Grande, (2x) **Caetano de Carvalho**, *São João de Godois, bispado do Porto (sic), e †1774 em Porto Alegre, f.º de Antônio de Carvalho e Isabel Tomé. Sem filhos.

MANUEL PEREIRA PINHEIRO *Ribeirinha, Ilha do Faial e talvez seja o mesmo que †29.7.1822 em Porto Alegre, com 80 anos, casado com Rosa Maria de Jesus, muito pobre, na casa da filha Maria Joaquina da Silva, f.º de José Pereira e Joana do Rosário (estes ∞ 20.11.1724, Ribeirinha, Ilha do Faial), n.p. Antônio Pereira e Maria Rodrigues e n.m. Manuel Duarte Pinheiro e Águeda de Gouveia. Manuel Pereira Pinheiro ∞ 16.10.1770, Viamão, **ROSA JOAQUINA** ou **ROSA INÁCIA**, *8.1.1755. Rio Grande, f.ª de João Inácio e Helena Maria, ambos da Feteira, Ilha do Faial, imigrados e radicados em Rio Grande e, após, em Viamão. Pais de, no mínimo, 13 filhos. Em 1784 a família mudou-se para Mostardas; em 1788 para Santo Antônio da Patrulha e, em 1793, para Gravataí. Em Porto Alegre nasceram:

F.1 **Francisca Rosa Maria** *8.6.1773, Morro Grande, Viamão, ∞ 2.5.1803, Gravataí, **José Silveira Dutra**, *Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.º de Mateus Silveira de Macedo e Joana de Jesus, ambos da Candelária, Ilha do Pico.
F.2 **Ana Maria da Conceição** *Viamão ou Porto Alegre, ∞ **Antônio José Machado dos Santos Leão** (v. Manuel Machado Leão, N.2).
F.3 **Violante Maria de Jesus** *1.6.1777, Porto Alegre, ∞ 8.1.1797, Gravataí, **Cipriano José de Vargas**, *Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.º de José Francisco de Vargas e Maria de São José. O casal teve grande descendência em Gravataí. Em Porto Alegre, nasceu ao menos:

N.1 **Cipriano** *5.4.1819, Porto Alegre.
N.2 **Joaquina** *2.10.1820, Porto Alegre.

F.4 **Inácia Maria da Conceição** *10.6.1779, Porto Alegre, ∞ 10.1.1798, Gravataí, **Caetano José Alves** ou Álvares, *19.3.1779, Gravataí e †4.7.1829, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Antônio Machado Ferreira e Maria Tomásia de Santo Antônio. C/d em Santo Antônio da Patrulha e Triunfo, citados por DOMINGUES (1993, p. 95). Em Porto Alegre nasceram ao menos:

N.3 **Floriano José Alves**, *16.11.1802, Santo Antônio da Patrulha, ∞ **Joaquina Deolinda da Silva** (v. Alexandre da Costa Luís, Bn.36).
N.4 **Firmiana** *24.10.1809, Porto Alegre.

N.5 **Domiciana** *6.12.1811, Porto Alegre.
N.6 **Antônio** *6.1.1816, Porto Alegre.
N.7 **Maria** *12.7.1820, Porto Alegre.
F.5 **Joana Maria** *18.11.1780, Porto Alegre.
F.6 **José** *2.10.1782, Porto Alegre, onde †14.10.1783.
F.7 **Cipriano José da Silva** *Gravataí, ∞ **Ana Joaquina de Jesus**, b. 18.12.1792, São José/SC, f.ª de Antônio de Faria Dutra, da Ilha do Faial, e Clemência Rosa Maurícia. C/d em Torres.
F.8 **Francisco Pereira dos Santos** *18.10.1788, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 17.1.1808, Gravataí, **Maria Angélica da Assunção**, *Rio de Janeiro/RJ (Sé), f.ª de Manuel José Pereira e Ana Josefa, ambos da Ilha do Faial.
F.9 **Luciana Maria** b. 13.8.1791, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 25.1.1808, Gravataí, **José da Costa Leite**, *Taquari, f.º de Manuel da Costa Leite e Ana Maria.
F.10 **Teresa** *11.12.1797, Gravataí.
F.11 **Maria Joaquina da Silva** ∞9.11.1807, Gravataí, **Alexandre José da Costa**, *22.12.1785, Porto Alegre, f.º de Manuel Antônio da Costa e Teresa Maria Nunes.

MANUEL PEREIRA SOARES *Boa Nova, Bandeiras, Concelho de Madalena, Ilha do Pico, f.º de Mateus Soares e Maria Pereira, ∞ **MARIA FRANCISCA**, *20.6.1724, Pedro Miguel, Ilha do Faial, f.ª de João Rodrigues e Ana de Faria. Maria Francisca ∞ (2x) Antônio Vieira Nunes (v. Mateus Vieira de Ávila, F.1). Pais de:

F.1 **Francisco Pereira Soares** *1749, Bandeiras, Ilha do Pico, ∞ 25.9.1769, Viamão, **Maria do Rosário** (v. Manuel Machado Teixeira, F.1).
F.2 **Manuel Pereira Soares** *pv. 1750, Rio Grande e †18.4.1812, Rio Pardo, ∞ **Rita Maria de Jesus**, *Santos ou Itu/SP e †26.3.1820, Rio Pardo, f.ª de Manuel Pereira da Silva e Quitéria Borges.
F.3 **Ana** *Porto Alegre e b. 4.1.1754, Viamão.
F.4 **Antônio Pereira Soares** *23.6.1755, Rio Pardo, onde a 12.7.1775 ∞ **Eufrásia Maria**, *Triunfo, f.ª de Antônio Rodrigues Correia, de Santarém, PT, e Ângela Maria, da Ribeira Seca, Ilha de São Jorge.
F.5 **Aleixo** b. 5.12.1757, Rio Pardo.
F.6 **Joaquim** b. 4.1.1760, Rio Pardo.
F.7 **Felícia Maria de Jesus** b. 1.1.1763, Rio Pardo, onde †9.11.1853 e ali a 8.7.1776 ∞ o alferes **João Antônio Severo**, ali b. 4.12.1760, f.º de Antônio Severo, da Vila da Praia, Ilha Terceira, e Rosa Maria de Santa Clara, de Salão, Ilha do Faial.
F.8 **José Joaquim Pereira Soares** *pv. 1765, Rio Pardo, onde a 21.11.1785 ∞ **Ana Maria**, f.ª de Antão de Ávila e Luzia Maria Marques, ambos da Ribeira Seca, Ilha de São Jorge.
F.9 **João Pereira Soares** *Rio Pardo, onde a 2.9.1784 ∞ **Angélica Maria de Jesus**, *Rio Pardo, filha ilegítima (natural) de Manuel Lopes Valadão, da Ilha Terceira, e Petronilha Maria Cunhangatu, índia, de Santo Ângelo.
F.10 **Antônio José Soares** *Rio Pardo, onde ∞ **Felícia Maria de Freitas**, *Encruzilhada do Sul, f.ª de Antônio Rodrigues de Freitas e Joana Maria. C/d em Encruzilhada.

MANUEL PINHEIRO, capitão, *1725, Ilha Terceira e †19.3.1809, Porto Alegre, com 84 anos, casado, ∞ **MARIANA DE JESUS**, *1739, Açores e †24.2.1814, Porto Alegre. Pais de:

F.1 **Genoveva Maria de Jesus** *Imbituba/SC, ∞ 23.3.1814, Porto Alegre, **Fabiano José da Silveira**, *Viamão, f.º de Antônio Francisco da Silveira e Maria Joaquina do Nascimento.
F.2 **Antônio José Pinheiro** *Imbituba/SC, ∞ 30.4.1795, Rio Pardo, **Ana Joaquina de Moura** ou **Ana Joaquina de Menezes**, *Rio Pardo, f.º de Cláudio José de Moura, da Ilha de Santa Maria, e Teodora Inácia de Souza. C/d em Rio Pardo.

MANUEL RODRIGUES DA SILVA *Cedros, Ilha do Faial, f.º de João Rodrigues Cavador e Maria Silveira, ∞ 10.1.1762, Rio Grande, **ISABEL INÁCIA DA CONCEIÇÃO** ou **ISABEL INÁCIA DE SANTO ANTÔNIO**, *Velas, Ilha de São Jorge, f.ª de José Gomes Toste e Maria Pereira Machado. Manuel e Isabel tiveram 11 filhos, passando por Laguna, Santo Antônio da Patrulha, Viamão, Porto Alegre e Rio Pardo (v. DOMINGUES, 1993, p. 144). Em Porto Alegre nasceu uma única filha:

F.1 **Leocádia** *16.1.1775, Porto Alegre.

MANUEL RODRIGUES PIMENTEL *Angra do Heroísmo (São Bento), Ilha Terceira e †18.4.1789, com 50 anos, Porto Alegre, f.º de João Rodrigues e Antônia Maria. Manuel ∞ **FRANCISCA ANTÔNIA**, *Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira, f.ª de Estevão da Costa (*Ilha Terceira e †13.10.1773, Porto Alegre, com 60 anos) e Beatriz de Santo Antônio. Pais de:

F.1 **Catarina Tomásia** *Florianópolis/SC (Desterro), onde a 25.12.1773 ∞ **João da Costa**, *São Sebastião, Ilha de São Miguel, f.º de João da Costa e Josefa Maria, ambos da mesma Ilha. Pais de:

N.1 **Mariana** *16.9.1774, Porto Alegre.
N.2 **João** *9.5.1776, Porto Alegre.
N.3 **Luísa** b. 25.8.1778, Rio Pardo.
N.4 **Vicente da Costa** *3.3.1780, Porto Alegre, ∞ **Rita Maria**, c/d em Rio Pardo.
N.5 **Pedro** *26.4.1782, Porto Alegre.
N.6 **Feliciana** b. 28.3.1785, Rio Pardo.
N.7 **José** *15.7.1787, Rio Pardo.
N.8 **Maria Úrsula** *8.11.1788, Porto Alegre, ∞ 1804, Rio Pardo, **Albano José Severo**.
N.9 **Antônio** *29.6.1792, Rio Pardo.
N.10 **Joaquim** b. 6.10.1794, Rio Pardo.
N.11 **Antônio** *19.6.1797, Rio Pardo.

F.2 **Francisco José Rodrigues** (**Pimentel**) *4.7.1759, Rio Grande, ∞ 16.5.1782, Taquari, **Isabel Maria da Conceição**, b. 31.8.1766, Taquari, f.ª de Manuel Rodrigues da Rosa Ruivo, de Salão, Ilha do Faial, e Bárbara Maria da Conceição, de Norte Grande, Ilha de São Jorge. Pais de:

N.12 **Maria Joaquina da Conceição** *18.11.1783, Porto Alegre, ∞ 16.2.1801, Taquari, (1x) **José Joaquim da Rosa**, *Laguna/SC, f.º de João Francisco da Rosa, da Ilha São Jorge, e Rosa Maria de Jesus, de Imbituba/SC. Maria ∞ 7.8.1818, Porto Alegre, (2x) **Manuel Ferreira Cabral**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.º de Antônio Ferreira ou Manuel Ferreira Cabral e Jacinta Francisca Rosa.

Houve do 1º casamento:

Bn.1 **Ana** *23.12.1801, Porto Alegre.

Bn.2 **Inácio** *29.7.1806, Taquari

Bn.3 **Bonifácio** *9.12.1807, Taquari.

Bn.4 **Isabel** *4.6.1809, Taquari.

Bn.5 **Hipólita** *7.1.1811, Taquari.

Houve do 2º casamento:

Bn.6 **Jacinta** *15.8.1820, Taquari.

N.13 **Ana Joaquina da Conceição** *10.6.1785, Porto Alegre, onde †20.9.1816, mas moradora em Taquari, ∞ **Antônio Ferreira Brandão**, *Arouca, Arouca, Aveiro, PT, viúvo de Joaquina Maria de Jesus, f.º de Francisco Pereira Brandão e Maria da Encarnação. Pais de:

Bn.7 **Felisbina Joaquina da Conceição** *15.3.1809, Taquari, ∞ **Geraldo Caetano Pereira**.

Bn.8 **Auta** *12.9.1811, Taquari.

Bn.9 **João Ferreira Brandão** *20.7.1813, Taquari, onde ∞ 1846 **Maria Manuela de Andrade**.

Bn.10 **Rita** *21.4.1815, Taquari.

Bn.11 **Maria** *14.9.1816, Porto Alegre, onde †12.8.1817.

N.14 **Ricardo José Rodrigues** *3.4.1787, Porto Alegre, ∞ 16.8.1804, Taquari, **Narcisa Maria do Rosário**, *Taquari, f.ª de Clemente José da Costa e Ana Maria do Rosário de São José, ambos de Triunfo. Pais de:

Bn.12 **Fidélis José Rodrigues** *7.6.1806, Taquari, ∞ 1.12.1832, Capela de Santana, **Florisbela Rodrigues da Rosa**, aí *25.6.1806, fª de Pedro Rodrigues da Rosa, de Taquari, e Tomásia Maria Joaquina, de Porto Alegre, n.p. Manuel Rodrigues da Rosa e Bárbara da Conceição, acima citados.

Bn.13 **Felisberto** *29.4.1808, Taquari.

Bn.14 **Mafalda** *2.5.1810, Taquari.

Bn.15 **Rafael** *29.4.1814, Taquari.

Bn.16 **Maria** *20.10.1825, Triunfo.

Bn.17 **Manuel** *17.9.1827, Triunfo.

N.15 **Silvério José Rodrigues** *pv. 1788, Taquari, ∞ 11.6.1808, Triunfo, **Ana Joaquina**, *Taquari, f.ª de João Pereira Lopes e Isabel Maria. Pais de:

Bn.18 **Damásia** *23.5.1809, Taquari.

N.16 **Manuel Joaquim dos Santos**, capitão, *pv. 1790, Porto Alegre e †1861, Cruz Alta, ∞ 2.9.1811, Triunfo, **Mariana Joaquina do Nascimento**, *Taquari, f.ª de Clemente José da Costa e Ana Maria do Rosário de São José. C/d em Capela de Santana, depois Taquari e, após, em Cruz Alta.

N.17 **Custódio José Rodrigues** *pv. 1793, Taquari, ∞ 8.5.1813, Taquari, **Ana Maria do**

Rosário, f.ª de José Teixeira Machado e Emerenciana Maria do Rosário.
N.18 **Januário Rodrigues** *pv. 1800, Taquari, ∞ 15.4.1822, Triunfo, **Beatriz Faustina**, ali *, f.ª de Manuel da Silva Machado e Maria do Nascimento. C/d em Triunfo.
N.19 **Leocádia** b. 9.9.1806, Taquari.
N.20 **Mariano José Rodrigues** *26.10.1810, Taquari, ∞ **Bárbara Maria Rodrigues**, b. 6.4.1823, Capela de Santana, f.ª de Pedro Rodrigues da Rosa e Tomásia Maria Joaquina de Jesus. C/d em Capela de Santana.
F.3 **José Rodrigues Pimentel** *10.3.1762, Rio Grande, ∞ 1788, Gravataí, **Ana Joaquina**, *6.3.1774 na Horta (Conceição), Ilha do Faial (v. João de Vargas, N.3). C/d em Gravataí.
F.4 **Antônia Maria de Jesus** b. 10.6.1765, Viamão e †26.9.1835, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ 27.6.1784, Porto Alegre, **Isidoro Antônio Nunes** (v. Antônio Pereira Nunes, F.5).

MANUEL SEBASTIÃO *pv. 1760, nos Açores e †14.10.1800, repentinamente, em Porto Alegre, que mostrava ter 40 anos e nada mais se sabe por ser *homem mendicante*. Não descobrimos mais nada a seu respeito.

MANUEL SILVEIRA GONÇALVES *1723, Topo, Ilha de São Jorge e †20.2.1799, Porto Alegre, f.º de Manuel da Silveira Coelho e Maria Silveira de Matos Gonçalves, ∞ **MARIA DE JESUS** ou **MARIA DA CONCEIÇÃO**, *1724, Topo, Ilha de São Jorge e †11.7.1812, Porto Alegre, f.ª de Amaro de Souza Lima e Águeda Dias de Souza. Pais de:

F.1 **Manuel Silveira Gonçalves** *10.5.1754, Rio Grande, que talvez seja o mesmo Manuel Silveira que †3.5.1818, com 82 anos (sic), de Rio Grande, ∞ Maria Joaquina. Manuel ∞ 7.10.1772, Porto Alegre, **Maria da Conceição**, *São Sebastião, Ilha Terceira, f.ª de Francisco Nunes da Costa, de Fonte do Bastardo, Ilha Terceira e Vicência Clara, de São Sebastião, Ilha Terceira. Pais de:
N.1 **Manuel Silveira Nunes** *18.8.1773, Porto Alegre, ∞ 17.11.1790, Viamão, **Vicência Maria da Conceição**, aí *1.7.1773, f.ª de Tomás Luís, da Horta, Ilha do Faial e Maria de Jesus, da Ribeira Seca, Ilha de São Jorge. Pais de:
Bn.1 **Maria** *28.3.1793, Porto Alegre.
Bn.2 **Ana** *17.3.1794, Porto Alegre.
Bn.3 **José** *10.5.1796, Porto Alegre.
Bn.4 **Luísa Maria** *2.8.1797, Porto Alegre, onde †26.4.1820, com 20 anos (sic).
Bn.5 **José Inácio Nunes** *6.8.1800, Porto Alegre, onde a 15.10.1821 ∞ **Ana Joaquina de Souza** (v. Antônio Silveira Pereira, Bn.31). Pais de:
Tn.1 **Cândida** *7.7.1822, Porto Alegre.
Bn.6 **Maria** *1801 e †2.6.1815, Porto Alegre, com 14 anos.
Bn.6 **Josefa** *8.10.1802, Porto Alegre.
Bn.7 **Florisbela** *13.4.1805, Porto Alegre.
Bn.8 **Francisco** *12.7.1808, Porto Alegre.

Bn.9 **Severa** *5.11.1811, Porto Alegre.
Bn.10 **Francisco** *1813 e †29.4.1820, Porto Alegre.
Bn.11 **Joaquina** *5.8.1817, Porto Alegre.
Bn.12 **Núncia Maria da Conceição** *1819, Porto Alegre e †15.8.1873, São Leopoldo, ∞ 29.7.1835, Porto Alegre, **João Batista de Mattos**, *São Basílio do Leme, Braga, PT, f.º de José Luís de Mattos e Antônia Rita Antunes. Pais de ao menos 12 filhos, os dois primeiros nascidos em Porto Alegre e, os demais, em São Leopoldo e Sapucaia do Sul.
Bn.13 **Joaquim** *4.6.1820, Porto Alegre.

N.2 **José** *23.3.1775, Porto Alegre.

N.3 **Vitória da Conceição** *5.4.1777, Porto Alegre, onde a 17.9.1796 ∞ **Joaquim Ferreira de Moraes**, *Santa Cruz do Castelo, Lisboa, PT e †4.10.1826, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Manuel Ferreira de Moraes, de São João de Tarouca, Porto, PT e Rita da Conceição, de Santa Cruz do Castelo, Lisboa. Pais de:

Bn.14 **Felicidade** *14.7.1797, Porto Alegre e † antes de seu pai.
Bn.15 **Antônia** *3.4.1800, Porto Alegre, que deve ser a mesma †5.5.1813, com 11 anos, em Porto Alegre.
Bn.16 **Felisbina da Conceição** *25.5.1801, Porto Alegre, onde a 30.10.1822 ∞ **Francisco Nunes da Costa** (v. Francisco Nunes da Costa, N.7).
Bn.17 **Matilde Maria da Conceição** *15.9.1802, Porto Alegre, onde a 29.2.1824 ∞ seu primo **Joaquim Silveira Gonçalves**, abaixo citado.
Bn.18 **José Ferreira de Moraes** *10.11.1803, Porto Alegre.
Bn.19 **Leandra da Conceição** *22.10.1805, Porto Alegre, onde a 10.7.1824 ∞ o seu primo **Laureano Silveira Gonçalves**, abaixo citado.
Bn.20 **Constância Maria da Conceição** *9.7.1807, Porto Alegre, onde a 1.6.1828 ∞ **José da Silva**, *Chile, f.º de Manuel Antônio e Maria Joaquina da Conceição. Pais de pelo menos 15 filhos nascidos em Porto Alegre.
Bn.21 **Teodoro** *6.1.1809, Porto Alegre, onde †28.10.1821.
Bn.22 **Angélica Maria da Conceição** *4.3.1811, Porto Alegre, onde a 20.9.1828 ∞ **Marcos Antônio Pacheco**, *8.8.1803, Gravataí, f.º de Antônio Francisco Pacheco, de Florianópolis/SC, e Francisca Severina, de Viamão. Pais de:
Tn.2 **Francisco** *1.8.1831, Porto Alegre.
Tn.3 **Angélica** *5.8.1837, Viamão.
Bn.23 **Laurinda Maria da Conceição** *27.3.1818, Porto Alegre, onde a 11.2.1833 ∞ **Jacinto Antônio de Oliveira**, *Viamão, f.º de Antônio Lemos de Andrade, de Taubaté/SP, e Maria Josefa da Conceição, de Gravataí.

N.4 **Ana Maria da Conceição** *17.3.1779, Porto Alegre, onde †18.6.1822 e ali, a 8.1.1797, ∞ **Luís Pinto Teixeira,** *Rio de Janeiro/RJ (São José) e † antes de 1822, viúvo de Emerenciana Maria de Jesus, *Maldonado, Uruguai e †Porto Alegre, f.º de Antônio Francisco Sampaio e Guiomar Antônia, ambos do Rio de Janeiro. Pais de:

Bn.24 **Florisbela Maria do Nascimento** *28.7.1803, Porto Alegre, onde a 9.12.1820 ∞ **José Francisco Gomes**, sargento de infantaria, *Póvoa de Varzim, Porto, PT, f.º de José Francisco Gomes e Maria Joaquina de Jesus.

Bn.25 **Antônia** *28.11.1815, Porto Alegre.

N.5 **Inácia** *12.9.1781, Porto Alegre.

N.6 **Joaquina Inácia Gonçalves** (talvez seja a mesma Inácia) ∞ 27.1.1806, Porto Alegre, **João Manuel da Fonseca**, * Duque de Caxias/RJ, f.º de Manuel de Assunção Ramos e Helena Marques da Cruz. Pais de:

Bn.26 **Simão José da Silva** *28.12.1806, Porto Alegre, onde a 10.6.1826 ∞ **Inácia Maria da Conceição** (v. Francisco Nunes da Costa, N.9).

Bn.27 **Luís** *18.6.1808, Porto Alegre.

Bn.28 **Maria da Conceição** *9.8.1809, Porto Alegre, onde a 8.5.1824 ∞ com seu primo **Joaquim Domingues da Silveira**, abaixo citado.

Bn.29 **Francisco** *5.8.1811, Porto Alegre, onde †30.1.1819.

Bn.30 **José** *6.9.1813, Porto Alegre.

Bn.31 **Ana** *6.9.1815, Porto Alegre.

Bn.32 **Antônio** *8.7.1818, Porto Alegre.

N.7 **Silvana Maria da Conceição** *20.6.1783, Porto Alegre, onde a 15.8.1803 ∞ **Antônio da Silva Ferreira** *Viamão, viúvo de Delfina Rosa, f.º de Luís da Silva Ferreira, de MG, e Maria Jacinta de Jesus, da Ilha Terceira. Pais de:

Bn.33 **Antônio** *20.12.1805, Viamão.

Bn.34 **Ângelo** *1.10.1807, Viamão.

Bn.35 **Manuel** *3.11.1811, Porto Alegre.

Bn.36 **Esmerilda** *14.12.1813, Porto Alegre.

Bn.37 **Maurícia** *13.11.1817, Porto Alegre.

N.8 **Feliciano Silveira Gonçalves** *9.6.1785, Porto Alegre, onde ∞ **Senhorinha Inácia da Conceição** (v. André Martins, N.11). Pais de:

Bn.38 **Maria** *27.5.1808, Porto Alegre, onde †6.6.1808.

Bn.39 **Bernardino** *21.4.1809, Porto Alegre.

Bn.40 **Leonida Maria da Luz** *Viamão, ∞ 30.5.1839, Porto Alegre, **Hortêncio José de Oliveira**, alferes, *Pelotas, f.º de Felizarda Joaquina de Oliveira.

Bn.41 **Felicidade Maria da Conceição** *2.2.1816, Porto Alegre, onde a 20.8.1833 ∞ **Isidorio Correia Martins**, *Biguaçu/SC, f.º de João Correia Martins e Mariana Maria do Espírito Santo.

Bn.42 **Inácia** *11.3.1818, Porto Alegre.

N.9 **Rosa Maria da Conceição** *3.12.1788, Porto Alegre, onde a 10.9.1807 ∞ **João Antônio Justo** ou **João Antônio da Cruz**, *10.1.1784, Viamão, f.º de Antônio Justo da Cruz, da Espanha e Ana Maria de Jesus, de Viamão. C/d em Viamão. Em Porto Alegre nasceu:

Bn.43 **Clarinda** *1.10.1818, Porto Alegre.

N.10 **Florêncio Silveira Gonçalves** *8.6.1791, Porto Alegre, onde †11.4.1814 e ali, a 28.8.1813, ∞ **Ludovina Inácia de Jesus** (v. André Martins, N.15).

N.11 **Felicidade da Conceição** *18.12.1793, Porto Alegre, onde a 31.1.1811 ∞ **Manuel Silveira da Rosa** (v. Manuel da Rosa Pereira, F.1).

F.2 **Miguel Silveira Gonçalves** *28.9.1755, Rio Grande e †29.11.1843, Porto Alegre, onde ∞ 7.1.1779 **Domingas Francisca da Conceição** (v. José Pereira Garcia, F.3). Pais de:

N.12 **Jacinta Rosa de Jesus** *20.11.1779, Porto Alegre, onde a 26.4.1795 ∞ (1x) **Joaquim Manuel Correia**, b. 17.6.1778, Santo Antônio da Patrulha, f.º de Manuel

José Correia e Ana Maria de Jesus, ambos de Rio Grande. Jacinta ∞ 24.1.1796, Porto Alegre, (2x) **João Antônio Dutra**, *Feteira, Ilha do Faial, f.º de João Antônio Dutra e Bernarda Jacinta de Jesus; C/d em Porto Alegre e depois em Santo Amaro do Sul.

Houve do 1º casamento:

Bn.44 **Joaquina Rosa da Conceição** *28.3.1796, Porto Alegre, ∞ **José Antônio de Souza**, *Freguesia de Sapiãos, Chaves, PT, f.º de Mariana de Souza. C/d em Taquari.

Houve do 2º casamento:

Bn.45 **José** *2.3.1798, Porto Alegre.

Bn.46 **Francisco** *20.3.1800, Porto Alegre.

Bn.47 **Bernarda** *6.1.1802, Porto Alegre.

N.13 **Inácia Rosa da Conceição** *12.6.1781, Porto Alegre, onde a 27.1.1798 ∞ (1x) **Manuel Francisco de Oliveira**, *Sanguedo, Santa Maria da Feira, Aveiro, PT, f.º de José Francisco de Oliveira e Custódia Francisca. Inácia ∞ 1.5.1811, Porto Alegre, (2x) **Francisco José da Veiga** *Setúbal, PT, f.º de Joaquim José da Veiga e Maria Máxima Teixeira Cabral, ambos de Marmelete, Monchique, Algarve, PT.

Houve do 1º casamento:

Bn.48 **Ana** *23.7.1801, Porto Alegre.

Bn.49 **Florisbela** *15.7.1808, Porto Alegre.

Bn.50 **Rosa** *10.6.1810, Porto Alegre.

Houve do 2º casamento:

Bn.51 **Maria** *27.5.1816, Porto Alegre.

N.14 **Ana Maria da Conceição** *21.10.1782, Porto Alegre, onde a 15.2.1801 ∞ **Joaquim José da Silva Pinto**, *2.10.1782, Porto Alegre, f.º de Joaquim José Pinto, de Santos/SP, e Maria Jacinta de Jesus, de Rio Pardo. Pais de:

Bn.52 **Maria** *25.3.1802, Porto Alegre.

Bn.53 **Bernardo** *3.10.1803, Porto Alegre.

Bn.54 **Inácia** *18.11.1804, Porto Alegre.

Bn.55 **Bento** *21.9.1806, Porto Alegre, onde †11.1.1807.

Bn.56 **Ambrósio** *27.11.1807, Porto Alegre, onde †11.5.1812.

Bn.57 **Constantino** *3.2.1811, Porto Alegre.

Bn.58 **Manuel** *11.5.1814, Porto Alegre.

Bn.59 **Timóteo** *22.8.1815, Porto Alegre.

Bn.60 **Feliciana** *20.7.1818, Porto Alegre.

N.15 **Angélica Rosa da Conceição** *1.8.1784, Porto Alegre, onde a 7.1.1802 ∞ **João Inácio da Silveira** (v. José de Oliveira, N.13).

N.16 **Maria Francisca da Conceição** *23.4.1786, Porto Alegre, onde a 6.6.1805 ∞ **José Inácio dos Santos Pereira** (v. Inácio Antônio Duarte, F.1).

N.17 **Delfina Rosa da Conceição** *8.7.1787, Porto Alegre, onde a 20.1.1806 ∞ **Manuel de Mendonça**, *São Jorge, Ilha de São Miguel, f.º de Dionísio de Mendonça e Maria de Simas. Pais de:

Bn.61 **Maria Francisca da Conceição** *10.2.1807, Porto Alegre, onde a 30.10.1833 ∞ seu primo **Luís José dos Santos**, *6.5.1807, Viamão, f.º de Manuel José dos Santos (v. José Pereira Garcia, F.8) e Ana Joaquina de Jesus.

Bn.62 **Francisco** *24.8.1808, Porto Alegre, onde †5.1.1809.
Bn.63 **Joana Francisca da Conceição** *20.3.1810, Porto Alegre, onde a 25.2.1832 ∞ **Carl Wilhelm Neubauer**, *Prússia, f.º de Wilhelm Neubauer e Maria Margaretha Richter. Pais de:
Tn.4 **José Neubauer** *8.1.1835, Porto Alegre.
Tn.5 **Luísa Neubauer** *27.5.1836, Porto Alegre.
Tn.6 **Carlos Guilherme Neubauer** *23.8.1837, Porto Alegre, ∞ 15.9.1856, Rio Pardo, **Fermina Maria da Glória**, aí *, f.ª de Salvador Lopes de Carvalho e Joaquina Gonçalves da Trindade
Bn.64 **Clara** *13.8.1811, Porto Alegre, onde †25.11.1811.
Bn.65 **Galdino Rodrigues de Mendonça** *2.3.1813, Porto Alegre, onde a 16.1.1836 ∞ sua prima **Francisca Inácia da Conceição,** f.ª de Angélica Rosa da Conceição (acima citada) e João Inácio da Silveira.
Bn.66 **Constantino** *15.11.1814, Porto Alegre.
Bn.67 **Estevão** *2.8.1817, Porto Alegre.
Bn.68 **Brígida** *10.10.1818, Porto Alegre.
Bn.69 **Francisco Domingues de Mendonça** *pv. 1820, Porto Alegre, ∞ 21.7.1845, Santo Antônio da Patrulha, **Maria Bernarda**, aí *, f.ª de José Francisco de Souza e Bernarda Maria.
Bn.70 **Cândido** *5.10.1821, Porto Alegre, onde †8.12.1821.

N.18 **José Domingues da Silva** *28.12.1788, Porto Alegre, onde a 28.5.1810 ∞ **Maria Joaquina Francisca** (v. Antônio da Silveira Pereira, N.39). Pais de:
Bn.71 **Rita** *20.3.1811, Porto Alegre.
Bn.72 **Januário** *24.4.1812, Porto Alegre.
Bn.73 **Bernardina Antônia da Silva** *1.4.1814, Porto Alegre, ∞ 19.12.1835, Viamão, **Luís Gonçalves de Amorim**, *Santiago, Braga, PT, f.º de José Gonçalves de Amorim e Rosa Francisca.
Bn.74 **Maria** *2.4.1816, Porto Alegre.
Bn.75 **Leonor Antônia da Silva** *13.8.1818, Porto Alegre, onde a 12.4.1853 ∞ **Bernardino Ferreira Jardim**, *20.6.1820, Viamão, f.º de José Ferreira Jardim e Inácia Maria de Jesus.
Bn.76 **José** *14.2.1820, Porto Alegre.
Bn.77 **Leopoldina** *13.1.1821, Porto Alegre.

N.19 **Clemência Rosa de Jesus** *10.7.1790, Porto Alegre, onde a 26.8.1811 ∞ **Antônio de Oliveira Ramos** (v. Francisco Nunes da Costa, N.15).

N.20 **Severina Rosa da Conceição** *29.3.1792, Porto Alegre, onde †10.11.1816 e ∞ 26.8.1811 **Agostinho Silveira Pastoriza** *Laguna/SC, f.º de Manuel Pastoriza Rosales, de Galícia, Espanha, e Ana Rosa de Jesus, de Enseada de Brito, Palhoça/SC (v. José Silveira de Faria, F.2). Pais de:
Bn.78 **Severino da Silveira Pastoriza** *10.7.1812, Porto Alegre, ∞ **Belmira Ferreira Saldanha**, c/d em Viamão e Alvorada.
Bn.79 **Manuel Silveira Pastoriza** *21.8.1813, Porto Alegre, onde † antes de 1815.
Bn.80 **Manuel Silveira Pastoriza** *20.8.1815, Porto Alegre.
Bn.81 **José Silveira Pastoriza** *18.10.1816, Porto Alegre.

N.21 **Catarina Rosa da Conceição** *15.8.1793, Porto Alegre, onde a 9.8.1813 ∞ **Severino José dos Santos**, *Florianópolis/SC, f.º de José dos Santos e Maria Rosa, ambos da dita ilha. Pais de:

Bn.82 **Antônia** *10.8.1814, Porto Alegre.

Bn.83 **Regina** ou **Reginalda** *11.9.1815, Porto Alegre, onde †23.4.1817.

Bn.84 **Manuel** *20.3.1817, Porto Alegre, onde †27.3.1817.

Bn.85 **Joaquina** *1.9.1818, Porto Alegre.

Bn.86 **João dos Santos Leal** *22.3.1820, Porto Alegre, ∞ **Felicidade Inácia de Bitencourt**, f.ª de Marcelino Inácio de Bitencourt, de SC, e Justina Maria da Silva, de Gravataí. C/d em Gravataí, São Leopoldo e Sapucaia do Sul.

Bn.87 **José dos Santos Leal** *14.9.1821, Porto Alegre, ∞ **Isabela Flores da Silva** (v. Matias Garcia da Rosa, N.5). C/d em Sapucaia do Sul.

Bn.88 **Antônio dos Santos Leal** ∞ **Eufrásia Bernardina de Souza**, f.ª de Jerônimo de Souza Bitencourt e Joaquina Antônia Garcês. C/d em Gravataí.

N.22 **João Silveira Gonçalves** *11.4.1795, Porto Alegre, ∞ 20.9.1819, Viamão, sua prima **Isabel Maria de Jesus**. C/d em Viamão.

N.23 **Felisberto Silveira Gonçalves** *6.5.1797, Porto Alegre.

N.24 **Joaquim Domingues da Silveira** *13.10.1798, Porto Alegre, onde ∞ 8.5.1824 sua prima **Maria da Conceição**, acima citada. Pais de:

Bn.89 **Florentina** *8.2.1825, Porto Alegre.

N.25 **Florentina Maria da Conceição** *12.11.1800, Porto Alegre, onde a 20.10.1825 ∞ **Manuel Sérgio Guerra**, *Passo dos Arcos, Lisboa, PT, f.º de Francisco José e Maria Rita.

N.26 **Geralda Rosa da Conceição** *11.9.1802, Porto Alegre, onde a 17.9.1820 ∞ **Luís de Oliveira** (v. Francisco Nunes da Costa, N.20).

N.27 **Anastácia Rosa da Conceição** *2.8.1804, Porto Alegre, onde a 22.11.1823 ∞ **Antônio José Dias**, *Coimbra, PT, f.º de Domingos José Dias e Mariana Inácia da Silva. Pais de:

Bn.90 **Francisca** *1.9.1824, Porto Alegre.

Bn.91 **João** *7.5.1828, Porto Alegre.

Bn.92 **Francisco** *6.8.1829, Porto Alegre.

N.28 **Dionísio** *9.9.1807, Porto Alegre, onde †3.11.1807.

F.3 **José Silveira Coelho** *5.10.1757, Rio Grande, ∞ 1781, Porto Alegre, **Francisca Joaquina da Conceição**, †18.5.1808, com inventário autuado em Porto Alegre, deixando 8 filhos, f.ª de Luís José Viegas, da Ilha Graciosa, e Ana Teresa de São José, de Pedro Miguel, Ilha do Faial. C/d em Viamão. José ∞ 17.11.1823, Porto Alegre, (2x) **Ana Felícia de Jesus**, *Ilha do Faial, viúva Manuel Furtado da Terra (v. este nome). C/d em Viamão e Osório.

F.4 **Antão de Souza** *27.11.1759, Rio Grande, ∞ 1.11.1780, Porto Alegre, **Ana Joaquina de Jesus**, *1752, Biguaçu ou Florianópolis/SC e †29.6.1832, Capela de Santana, viúva de Antônio Jacinto Coelho (v. Antão Coelho, F.1). Pais de:

N.29 **Joaquim** *5.9.1781, Porto Alegre.

N.30 **Tomásia Maria Joaquina de Jesus** *31.8.1783, Porto Alegre, ∞ 25.8.1802, Triunfo, **Pedro Rodrigues da Rosa** *25.8.1783, Taquari, f.º de Manuel Rodrigues da Rosa, de Salão, Ilha do Faial, e Bárbara da Conceição, de Norte Grande, Ilha de São Jorge. C/d em Capela de Santana e São Leopoldo.

N.31 **Silvério Inácio de Souza** *28.6.1786, Porto Alegre, ∞ **Maria Joaquina de Jesus**, *Triunfo, f.ª de José Inácio da Silva e Maria Escolástica de Jesus, ambos de Rio Grande. C/d em Capela de Santana e citados em Antônio Machado de Souza, N.12).

N.32 **João Inácio de Souza** *30.8.1788, Porto Alegre, onde a 14.7.1821 ∞ **Francisca Maria Garcia**, *Triunfo, f.ª de Tomás Francisco Garcia, de Bandeiras, Ilha do Pico, e Ana Maria de Jesus, de Viamão. C/d em Capela de Santana.

N.33 **Eufrásia Maria** *14.6.1790, Porto Alegre, ∞ **Francisco Lopes de Souza** *Mostardas, f.º de Francisco Lopes de Souza e Ana Joaquina, ambos de Rio Grande. C/d em Capela de Santana e Santo Amaro do Sul.

N.34 **Eleutério** *2.5.1792, Triunfo.

N.35 **Feliciano Inácio de Souza** *2.5.1792, Triunfo, ∞ **Constança Rosa de Oliveira**, ali *22.9.1793, f.ª de Joaquim Ferreira dos Passos, de Itapetininga/SP, e Ângela Maria de Oliveira, de Capela de Santana. C/d em Capela de Santana.

N.36 **Isabel Joaquina** *20.5.1794, Porto Alegre, ∞ **Felisberto José de Simas**, c/d em Capela de Santana.

N.37 **Maria** *30.6.1796, Porto Alegre.

N.38 **Mariana Inácia de Oliveira** *Triunfo, ∞ **Felisberto Inácio da Silva**, *Triunfo, f.º de José Inácio da Silva e Maria Escolástica de Jesus, ambos de Rio Grande. C/d em Capela de Santana.

F.5 **Vicente Silveira Gonçalves** *20.12.1761, Rio Grande e †29.5.1840, Porto Alegre, onde a 4.3.1783 ∞ **Narcisa Inácia da Conceição** (v. Francisco Nunes da Costa, F.8). O cronista CORUJA (1996, p. 104) escreveu que Vicente era conhecido como *Vicente brabo* e residia nas proximidades do Caminho do Meio, atual Av. Protásio Alves, em Porto Alegre. Pais de:

N.39 **Quitéria Inácia** *7.6.1784, Porto Alegre, onde †19.9.1812 e aí a 13.4.1801 ∞ **José Ferreira Bastos**, *Fiães, Santa Maria da Feira, Aveiro, PT, f.º de Manuel de Bastos e Josefa Maria. Pais de:

Bn.93 **Desidéria Maria da Conceição** *11.12.1803, Porto Alegre, ∞ **Francisco Antônio Fernandes**, f.º de Manuel Antônio Fernandes e Joana Antônio. C/d em São Leopoldo.

Bn.94 **Angélica** *4.11.1805, Porto Alegre.

Bn.95 **Francisco** *4.10.1807, Porto Alegre, onde †13.8.1814.

Bn.96 **Leocádia Maria da Conceição** *8.12.1808, Porto Alegre, onde ∞ 1825 **Vitorino Álvares**.

Bn.97 **Manuel** *15.10.1810, Porto Alegre.

N.40 **José Silveira Gonçalves** *8.3.1786, Porto Alegre e †1.6.1858, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ 20.8.1807, Viamão, **Rita Maria da Purificação**, ali *14.4.1791, f.ª de Antônio Justo da Cruz, da Espanha e Ana Maria de Jesus. Pais de ao menos oito filhos, um nascido em Porto Alegre e os outros em Viamão.

Bn.98 **Clariano Silveira Gonçalves** *20.8.1808, Porto Alegre, onde ∞ sua prima **Maria Inácia da Conceição**, abaixo.

N.41 **Ana** *16.1.1788, Porto Alegre.

N.42 **Inácia Clara da Conceição** *6.5.1789, Porto Alegre, onde a 21.7.1806 ∞ **Xavier Francisco**, *São Pedro do Sul, Viseu, PT, f.º de Manuel Antônio e Maria Rodrigues. Pais de:

Bn.99 **Maria** *24.10.1819, Porto Alegre.

N.43 **Ana Maria da Conceição** * 25.11.1790, Porto Alegre, onde †17.12.1840 e ∞ 9.10.1809 **Domingos José de Oliveira**, *Pigeiros, Santa Maria da Feira, PT, f.º de Manuel da Silveira e Costa e Maria de Jesus, ambos de Porto, PT. Pais de:

Bn.100 **Maria** *4.9.1810, Porto Alegre.

Bn.101 **Manuel José de Oliveira** *23.11.1811, Porto Alegre e †12.6.1876 em Três Portos, Sapucaia do Sul, ∞ 21.3.1835, São Leopoldo, **Inácia Maria da Conceição**, *Capela Grande, Viamão, f.ª de Florêncio José Ramos e Senhorinha Joaquina do Espírito Santo. C/d em São Leopoldo e Gravataí.

Bn.102 **Mateus José de Oliveira** b. 5.2.1814, com 1 mês, Porto Alegre, ∞ 2.1.1859, Gravataí, **Florisbela Antônia dos Santos**, ali *24.9.1824, f.ª de Sátiro Antônio dos Santos e Rita Maria da Conceição, ambos de Florianópolis/SC. C/d em Parobé.

Bn.103 **Maria** *28.2.1816, Porto Alegre, onde †7.3.1816.

Bn.104 **Ana Maria da Conceição**, † antes de 12.11.1859, ∞ **Antônio Fernandes Ferreira de Souza**, *Triunfo, viúvo, f.º de Vicente Ferreira de Souza e Angélica Francisca da Cunha. C/d em São Leopoldo.

Bn.105 **Teresa Inácia da Conceição** *15.6.1817, Porto Alegre, † antes de 23.2.1841, ∞ 9.2.1833, Porto Alegre, **Bernardino José Coelho**, *São Tomé, Porto, PT, f.º de Manuel José Coelho e Maria do Rosário.

Bn.106 **Francisca Rosa de Oliveira** *5.1.1819, Porto Alegre, onde a 22.10.1834 ∞ **Miguel Caetano**, *3.12.1810, Porto Alegre, f.º de Manuel Caetano e Maria Rosa de Jesus.

Bn.107 **José** *8.2.1820, Porto Alegre.

Bn.108 **Pedro José de Oliveira** *26.3.1821, Porto Alegre, ∞ **Maria Antônia da Silva**, f.ª de João Antônio da Silva *Florianópolis/SC (Santo Antônio de Lisboa) e Ana Maria de Jesus, de Laguna/SC. C/d em São Leopoldo e Parobé.

Bn.109 **Clemente José de Oliveira** *3.7.1822, Porto Alegre, ∞ 22.6.1850, São Leopoldo, **Ana Maria da Conceição**, *1835, Gravataí e †1.1.1889, Sapiranga, f.ª de Cesário Luís de Carvalho ou Cesário Luís Ferreira e Ângela Maria da Conceição. C/d em São Leopoldo e Parobé.

Bn.110 **Bernardo** *17.11.1823, Porto Alegre.

Bn.111 **Felisberto** *9.6.1825, Porto Alegre.

Bn.112 **Evaristo** *21.9.1826, Porto Alegre.

Bn.113 **Justina Maria da Conceição** *4.12.1827, Porto Alegre, † antes de 8.5.1859, ∞ **Joaquim Hilário da Silva**, f.º de José Hilário da Cunha e Maria Feliciana da Silva. C/d em São Leopoldo.

Bn.114 **Ricardo** *13.4.1830, Porto Alegre.

Bn.115 **Helena Maria da Conceição** *19.12.1832, Porto Alegre e †14.3.1862, Santa Cristina do Pinhal, Parobé, ∞ 14.10.1861, São Leopoldo, **Prudêncio Ortis y Agüilar**, *Buenos Aires, Argentina, f.º de Paulino Ortis y Agüilar e Maria Gertrudes Esas.

N.44 **Silvana Maria de Jesus** *4.8.1792, Porto Alegre, onde a 5.7.1810 ∞ **Manuel Martins de Carvalho** *Porto, Porto, PT, f.º de Manuel Martins de Carvalho e Ana Francisca de Jesus. Pais de:

Bn.116 **Antônio** *30.8.1811, Porto Alegre.
Bn.117 **Joaquina Maria da Conceição** *14.6.1813, Porto Alegre, onde a 26.6.1829 ∞ **Xavier Francisco**, viúvo de Inácia Clara da Conceição, acima citado.
Bn.118 **Teresa Rosa da Conceição** *31.8.1814, Porto Alegre, onde ∞ 27.11.1830 **Christian Kaufmann**, *Antuérpia, Bélgica, f.º de Johann Christoph Kaufmann e Catharina Elisabeth Lindbauer (ou Lindbau). Pais de:
Tn.7 **Carlota Kaufmann** *14.9.1832, Porto Alegre.
Bn.119 **Maria Inácia da Conceição** *26.12.1816, Porto Alegre, onde a 4.2.1830 ∞ seu primo **Clariano Silveira Gonçalves**, acima citado.
Bn.120 **Francisca** *23.1.1819, Porto Alegre.

N.45 **Miguel Silveira Gonçalves** (Miguel Brabo) *23.3.1794, Porto Alegre, onde a 6.9.1819 ∞ **Maria Joaquina da Conceição** (v. Francisco Furtado Fanfa, F.9). Pais de:
Bn.121 **Cândida** *5.12.1820, Porto Alegre.
Bn.122 **João Silveira Gonçalves** *5.5.1822, Porto Alegre, ∞ **Laura Maria da Conceição** (v. Francisco Nunes da Costa, Bn.10).

N.46 **Rosa Maria da Conceição** *1.9.1795, Porto Alegre, onde a 30.10.1824 ∞ **Luís Antônio Francisco**, *Viamão, f.º de Antônio Francisco Pacheco, de Florianópolis/SC, e Francisca Severina, de Viamão.
N.47 **João Silveira Gonçalves** *11.4.1797, Porto Alegre, onde †16.8.1818.
N.48 **Joaquim Silveira Gonçalves** *1.10.1798, Porto Alegre, onde a 29.2.1824 ∞ sua prima **Matilde Maria da Conceição**, acima citada.
N.49 **Antônio** *9.7.1800, Porto Alegre, onde †26.4.1801.
N.50 **Maria** *1.3.1802, Porto Alegre.
N.51 **Laureano Silveira Gonçalves** *27.9.1803, Porto Alegre, onde a 10.7.1824 ∞ sua prima **Leandra da Conceição**, acima citada.
N.52 **Francisca** *10.10.1806, Porto Alegre.
N.53 **Francisca Inácia** *10.10.1808, Porto Alegre, onde a 5.6.1824 ∞ **Bartolomeu Fernando**, *Múrcia, Espanha, f.º de Bartolomeu Fernando e Antônia Garcia.
N.54 **Manuel** *2.8.1810, Porto Alegre.
N.55 **Bernardino** *20.4.1813, Porto Alegre.

F.6 **Ana Maria de Jesus** *16.10.1763, Triunfo, ∞ 9.6.1785, Viamão, (1x) **Francisco Luís Terra**, *Pedro Miguel, Ilha do Faial, viúvo de Mariana de Santo Antônio, f.º de Francisco Luís Terra e Francisca Maria de Jesus. C/d em Viamão. Ana ∞ 13.9.1792 (2x) **Manuel Gonçalves Guimarães**, *Guimarães, Braga, PT, f.º de Domingos Gonçalves e Maria de Jesus. C/d em Viamão.
F.7 **Bernarda** *23.6.1765, Triunfo e †24.3.1777, Porto Alegre.

MANUEL TEIXEIRA AFONSO *pv. 1732, Rabo do Peixe, Ilha de São Miguel e †21.7.1816, Porto Alegre, f.º de João de Souza Teixeira Afonso e Maria da Conceição, ∞ 21.7.1771, Florianópolis/SC (Desterro), **ROSA JOAQUINA DO NASCIMENTO** ou **ROSA MARIA DE JESUS**, *22.11.1753, Rio Grande e †17.5.1841, Porto Alegre, f.ª de Jorge Pereira Maciel e Ana de São José, ambos das Velas, Ilha de São Jorge. Pais de:

F.1 **Francisca Rosa do Nascimento** *21.7.1775, Viamão e †9.6.1849, Porto Alegre. Em Viamão, a 8.7.1792, ∞ **Francisco de Paula e Souza** (**e Alfama**), *Lisboa (S. Pedro de Alcântara), Lisboa, PT e †28.11.1850, Porto Alegre, f.º de João Antônio de Souza (talvez seja o mesmo João de Souza – v. este nome) e Vicência Antônia de Jesus. Pais de:

N.1 **Vicente Ferreira de Souza** *7.10.1794, Porto Alegre, ∞ 30.7.1815, Triunfo, **Angélica Francisca da Cunha**. C/d em Triunfo.

N.2 **Manuel** *30.3.1796, Porto Alegre.

N.3 **Maria Joaquina de Jesus** *28.7.1797, Porto Alegre, onde a 7.11.1812, **Antônio Boaventura da Rocha** (v. Ventura Pimentel, N.17).

N.4 **Luís** *20.3.1799, Porto Alegre.

N.5 **Ana** *1.10.1800, Porto Alegre.

N.6 **Antônio** *29.1.1801, Porto Alegre, onde †4.7.1806.

N.7 **Joaquim Francisco da Silva** *9.5.1803, Porto Alegre, ∞ 25.7.1824, Triunfo, **Firmiana Francisca de Freitas**. C/d em Triunfo.

N.8 **Rufina Laura de Jesus** *26.7.1807, Porto Alegre, onde a 6.11.1824 ∞ **José Antônio da Costa**, *São Brás de Guimarães, PT, f.º de Francisco Manuel e Teresa Maria da Costa.

N.9 **José** *29.1.1811, Porto Alegre.

N.10 **Francisca** *2.4.1812, Porto Alegre, onde †30.1.1813.

N.11 **Francisca** *1.2.1813, Porto Alegre.

N.12 **Engrácia Cândida do Nascimento** *20.10.1814, Porto Alegre, onde a 26.7.1830 ∞ **Antônio Rodrigues de Azevedo Machado** (v. Antônio Machado Neto, Bn.36).

N.13 **Eulália** *1.3.1818, Porto Alegre.

N.14 **Maria** *12.1818 ou 1.1819, Porto Alegre, onde †14.6.1819.

N.15 **Maria** *1.5.1820, Porto Alegre, onde †2.5.1820.

F.2 **Maria** *22.12.1776, Viamão.

F.3 **Antônio** b. 23.6.1778, Viamão.

F.4 **Joana Rosa do Nascimento** ou **Joana Rosa da Encarnação** *28.10.1779, Viamão, onde a 7.8.1796 ∞ (1x) **José Joaquim de Siqueira**, *pv. 1765, Guarapiranga/MG e †11.7.1805, Porto Alegre, f.º de Antônio de Siqueira Pinto e Quitéria Maria do Nascimento. Joana ∞ 2.11.1812, Porto Alegre, (2x) **Luís Joaquim da Silva**, capitão, *Laguna/SC e †23.3.1818, Porto Alegre, f.º de Antônio da Silva e Inácia Xavier.

Houve do 1º casamento:

N.16 **Joaquim** *20.7.1797, Porto Alegre.

N.17 **Vicência Angélica da Encarnação** ou **Vicência Rosa de Jesus** *19.3.1799, Porto Alegre, onde a 21.1.1813, ∞ **Domingos dos Santos Oliveira**, *Oeiras e São Julião da Barra, Oeiras, Lisboa, PT, f.º de José de Oliveira e Rita Antônia do Nascimento. Pais de:

Bn.1 **Francisca** *22.1.1817, Porto Alegre.

Bn.2 **Antônio** *28.3.1818, Porto Alegre.

Bn.3 **Joana** *2.1.1820, Porto Alegre, onde †16.2.1820.

Bn.4 **Manuel** *29.4.1821, Porto Alegre.

Bn.5 **Severo dos Santos Oliveira** *26.3.1833, Porto Alegre.

N.18 **Manuel José de Siqueira Porto** *1.1.1801, Porto Alegre, onde a 11.9.1826 ∞ **Margarida Bernardina da Silva** (v. Antônio Pereira Nunes, Bn.12).
N.19 **José** *12.11.1802, Porto Alegre.
N.20 **Ana Bela do Amor Divino** *21.7.1804, Porto Alegre, onde a 1819 ∞ **Mateus Tomás Filho**, *freg. Santa Maria, bispado de Leiria, PT, f.º de Mateus Tomás e Isabel Luísa ou Isabel Maria, naturais de Leiria, PT. Pais de:
Bn.6 **Balbina** *14.2.1820, Porto Alegre.
Bn.7 **Joaquina** *19.7.1821, Porto Alegre.
Houve do 2º casamento:
N.21 **Francisca Cândida de Jesus** *Porto Alegre, onde ∞ **Laureano Antônio Dias**, *Lisboa, Lisboa, PT, f.º de João Antônio Dias e Angélica Inês. Pais de:
Bn.8 **Estácio** *20.7.1816, Porto Alegre.
Bn.9 **Luísa** *21.6.1818, Porto Alegre.
Bn.10 **José** *20.4.1820, Porto Alegre.
N.22 **João** *27.10.1812, Porto Alegre.
F.5 **Antônio** *22.6.1781, Viamão.
F.6 **José** *17.8.1783, Viamão.
F.7 **Ana Rosa de Jesus** *26.10.1784, Viamão, ∞ 2.6.1803, Porto Alegre, **Bernardino Pereira Nunes** (v. Antônio Pereira Nunes, N.6).
F.8 **João** *5.9.1786, Viamão.
F.9 **Rosa Angélica Maria** *5.5.1788, Viamão e †16.1.1806, Porto Alegre, ∞ **Antônio José de Jesus**, *Caparica, Lisboa, PT e †5.5.1811, Porto Alegre, com 32 anos (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, Tn.8), f.º de José Antônio e Felícia Rosa. Pais de:
N.23 **Francisco** *24.6.1804, Porto Alegre.
N.24 **Francisco** *24.5.1805, Porto Alegre, onde †28.5.1806.
F.10 **Margarida Angélica de Jesus** b. 9.5.1790, Viamão, ∞ 12.11.1807, Porto Alegre, **David de Campos Nunes** (v. Antônio Pereira Nunes, N.14).
F.11 **Manuel Joaquim Teixeira** ou **Manuel Joaquim do Nascimento** ou **Manuel Francisco Teixeira** *18.12.1791, Viamão, ∞ 13.11.1813, Porto Alegre, **Angélica Maria da Conceição** (v. Joaquim Francisco Ramos, F.4). Pais de:
N.25 **João** *24.8.1814, Porto Alegre.
N.26 **Perpétua** b. 18.1.1816, Porto Alegre, onde †11.7.1817.
N.27 **Delfina** *14.2.1818, Porto Alegre.
N.28 **José** *13.2.1820, Porto Alegre.
N.29 **João Francisco Teixeira** *1821 (sic) e †18.1.1868, Sapucaia do Sul, ∞ 23.9.1835, São Leopoldo, **Saturnina Maurícia de Vargas** (v. Maurício José de Vargas, F.4).
N.30 **Cândida Angélica Maria da Conceição** *1823, ∞ 19.9.1844, São Leopoldo, (1x) **Vicente Batista Orsi**, *1826, f.º de João Batista Orsi e Francisca Bernarda de Jesus. Cândida ∞ 5.6.1884, São Leopoldo (2x), **Bernardino Joaquim da Silva**, f.º de Bernardino Joaquim da Silva e Maria da Conceição.
N.31 **Maria Angélica da Conceição** *1826 e †28.6.1891, Novo Hamburgo, ∞ **Manuel Bento Alves**, *1820, f.º do major Manuel Bento Alves e Luísa Bento Pires.
N.32 **Constantino Francisco Teixeira** *6.3.1829, Gravataí, ∞ 12.8.1863, São Leopoldo, **Constantina Paes de Oliveira**, b. 18.12.1831, Gravataí, f.ª de João Paes de Oliveira e Joaquina Constância da Silva.

N.33 **David Francisco Teixeira** *São Gabriel, ∞ 17.9.1863, Santa Cristina do Pinhal, Parobé, **Maria Fausta de Souza**, f.ª do cap. Israel de Souza Bittencourt e Maria Bernardina de Bittencourt.
N.34 **Antônio Francisco Teixeira** *1834/1836, Caçapava do Sul, ∞ 30.9.1861, São Leopoldo, **Maria Elisabeth Schmidt**, *12.6.1846, f.º de Henrique Jacob Schmidt e Maria Luísa Müller.
N.35 **Francisco José Teixeira** *1837/1839.
N.36 **Ana Angélica Teixeira** *1839/1841, ∞ 17.9.1863, Santa Cristina do Pinhal, Parobé, **Laurindo Antônio da Silva**, f.º de Johann Joachim Peters e Júlia Antônia da Silva.
N.37 **Cândido Francisco Teixeira** *1843/1845, São Leopoldo, ∞ 22.8.1874, Santa Cristina do Pinhal, Parobé, **Marcelina Inácia da Silva**, f.ª de Justino Inácio da Silva e Tomásia Maria de Oliveira.

MANUEL TEIXEIRA PEREIRA *Manadas, Ilha de São Jorge, f.º de Amaro Teixeira e Bárbara Pereira. Manuel ∞ 16.7.1724, Topo, Ilha de São Jorge, **ÁGUEDA DIAS DE SOUZA**, *Topo, Ilha de São Jorge, e ambos † antes de 1774, f.ª de José Machado Coelho e Maria de Souza. Pais de:

F.1 **José Teixeira**, *1744, Topo, Ilha de São Jorge e †23.2.1774, Porto Alegre, solteiro. Soldado da Cavalaria Escolhida. Faleceu com testamento feito a 12.2.1774 no Hospital Real da Vila de Porto Alegre. Elegeu como testamenteiro o cunhado João Ferreira da Silva Sardinha. Nomeou sua herdeira, a irmã Teresa de Jesus, e sua sobrinha, casada com Simão Pereira da Luz.
F.2 **Teresa de Jesus** *Topo, Ilha de São Jorge, e †24.6.1817, Gravataí, com testamento, ∞ **João Ferreira da Silva Sardinha**. Sem filhos.
F.3 Águeda Maria do Rosário *Topo, Ilha de São Jorge ou Ribeirinha, Ilha do Faial. Teve (1x) ao menos uma filha com **Nicolau Antônio de São Paio**, *Açores. Depois, Águeda ∞ 5.11.1757, Rio Grande, (2x) **Justo Pastor**, *freguesia de Santo Isidoro, Espanha, f.º ilegítimo de Inácio de Leão e Juliana Zaráte. Do 1º casamento houve:

N.1 **Catarina Bernarda de Jesus** *2.8.1754, Rio Grande, ∞ **Simão Pereira da Luz**, *São Paulo/SP (Sé), f.º de João Pereira Braga e Joana de Moura. C/d em Viamão e Porto Alegre.

MARTINHO DA COSTA BUENAVIDES *1735, Ponta Delgada (Matriz), Ilha de São Miguel e †20.4.1803, Porto Alegre, ∞ **ROSA INÁCIA**, † antes de 1803. Martinho teve vários filhos, mas ao tempo de seu testamento apenas dois existiam:

F.1 **Florência Rosa do Carmo** (f.ª natural de Martinho).
F.2 **Francisca Inácia de Bittencourt** (f.ª de Rosa), viúva em 1803.

MARTINHO JOSÉ DE SOUZA *Manadas, Ilha de São Jorge, Açores, f.º de João de Souza e Oliveira, ∞ 9.12.1818, Porto Alegre, **SENHORINHA DOS ANJOS E COSTA** *Freguesia de Macacu/RJ, f.ª de João Machado de Ávila e Rosa de São José, ambos da Ilha Terceira.

MATEUS DE OLIVEIRA *Rosais, Ilha de São Jorge e †2.11.1766, Viamão, onde ∞ **LUÍSA DE QUADROS**, *1702, Rosais, Ilha de São Jorge e †7.11.1772, Porto Alegre, sem testamento por ser pobre, e sepultada na Irmandade das Almas, em Viamão, por ser irmã. Pais de:

F.1 **José Silveira de Oliveira** *Rosais, Ilha de São Jorge, onde a 9.1.1752 ∞ **Teresa de Jesus**, ali * e †21.12.1792, Porto Alegre, f.ª de Antônio Álvares Sanches e Maria de Quadros Sarmento. Pais de:

N.1 **Maria Teresa de Jesus** *16.12.1755, Rio Grande e †18.2.1821, Porto Alegre, ∞ **José Coelho Severino** (v. Antão Coelho, F.2).

N.2 **Bárbara Inácia de Oliveira** *30.11.1757, Rio Grande, e †14.6.1802, Porto Alegre, ∞ cap. **Antônio José Martins Bastos**, *São Jorge de Abadim, Cabeceiras de Basto, Braga, PT, f.º de Bento Lopes de Castro e Francisca Martins de Almeida. Pais de:

Bn.1 **Inocência Martins de Oliveira** b. 6.2.1780, Santo Antônio da Patrulha, ∞ 8.1.1795, Porto Alegre, **José Antônio da Silva Neves**, tenente, *1764, Porto (N. Sra da Vitória), Porto, PT e †13.7.1820, Porto Alegre, f.º de Domingos José da Silva Barros e Ana Margarida de Jesus. Pais de:

Tn.1 **Bárbara** b. 9.2.1815, Porto Alegre, onde †24.3.1817.

Bn.2 **Ana** *18.5.1781, Porto Alegre, onde †11.3.1784.

Bn.3 **Antônio** *12.4.1783, Porto Alegre.

Bn.4 **Gabriel Martins Bastos** *10.5.1785, Porto Alegre. Em 1828 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando declarou viver de seu negócio e de seus bens.

Bn.5 **Maria** *2.10.1788, Porto Alegre.

Bn.6 **Ana Joaquina de Oliveira** *28.1.1791, Porto Alegre, onde †4.11.1806, ∞ **Francisco de Sá e Brito** *Magé/RJ e †21.10.1838, com inventário autuado em Porto Alegre, viúvo de Felícia Maria de Oliveira, f.º de José de Sá e Brito e Ana Maria de Jesus. Pais de:

Tn.2 **Francisca** *1.10.1805, Porto Alegre.

Tn.3 **Antônio de Sá e Brito** (de alcunha Botim) *15.2.1807, Porto Alegre, onde a 8.10.1831∞ **Clara Joaquina da Silva**, *24.8.1803, Piratini, f.ª de Manuel Rodrigues da Silva Candiota, de Florianópolis/SC, e Ludovina Antônia de Oliveira, de Porto Alegre. Em 1828 era escriturário da Junta Nacional.

Tn.4 **Francisco de Sá e Brito Júnior** *27.7.1808, Porto Alegre. Em 1827 estava na Universidade de São Paulo, diplomando-se em 1832, foi autor da obra *Memória sobre a Revolução de 20 de Setembro de 1835* e tinha o apelido de Bugio (CORUJA, 1996, p. 87), ∞ **Carlota de Souza Cambraia**. C/d em Alegrete.

Tn.5 **Ana Rafaela de Sá** *24.10.1810, Porto Alegre e †16.6.1840, com inventário autuado em Porto Alegre, onde ∞ 21.8.1830 (1x) **Juvêncio Vieira da**

Cunha, f.º de Manuel Vieira da Cunha, de Porto, PT e Rita Maria de Jesus, de Taquari. Em 1838 Ana estava ∞ (2x) **Prudêncio José da Câmara e Sá**. Houve um filho de cada casamento, respectivamente:

Qn.1 **Juvêncio Vieira da Cunha**

Qn.2 **Prudência**

Tn.6 **Maria Angélica de Sá** *27.2.1812, Porto Alegre, ∞ **Antônio José Pinheiro**.

Tn.7 **José de Sá e Brito** *16.7.1814, Porto Alegre.

Tn.8 **Angélica Eustáquia de Sá** *12.1815, Porto Alegre.

Tn.9 **Felício de Sá e Brito** *5.9.1819, Porto Alegre.

Bn.7 **Francisca Cândida de Oliveira** *29.7.1793, Porto Alegre, onde ∞ 25.4.1808 **José Joaquim da Silva Maia**, *1782, Porto (Santo Ildefonso), Porto, PT, f.º de Caetano José da Silva Maia e Clara Josefa Bernardina. Pais de:

Tn.10 **José** *27.11.1809, Porto Alegre.

Tn.11 **Antônio** *13.6.1811, Porto Alegre.

Tn.12 **Rafaela** *25.4.1813, Porto Alegre.

Tn.13 **Carlota** *29.10.1815, Triunfo.

Tn.14 **Cândido** *18.11.1818, Porto Alegre.

Bn.8 **Maria Angélica de Oliveira** *1.4.1795, Porto Alegre, onde ∞ 8.11.1809 **José Custódio Teixeira de Magalhães** (v. Manuel da Ressurreição, N.1).

Bn.9 **Bárbara** *7.5.1797, Porto Alegre, onde †16.11.1798.

Bn.10 **José** *10.4.1799, Porto Alegre, onde †20.6.1806.

Bn.11 **Bárbara** *28.3.1801, Porto Alegre.

Bn.12 **Rita** *14.6.1802, Porto Alegre.

Bn.13 **Manuel** *2.5.1805, Porto Alegre, onde †12.5.1805.

Bn.14 **Fernando** *7.1806, Porto Alegre, onde †14.3.1808.

Bn.15 **Fernando** *5.1810, Porto Alegre, onde †29.11.1811.

N.3 **Francisco** *24.12.1759, Rio Grande.

N.4 **Manuel Inácio da Silveira** *30.12.1761, Rio Grande, ∞ **Bernarda Francisca de Jesus**, b.11.11.1770, Viamão f.ª de Francisco da Silveira Peixoto e Ana Maria, ambos da Feteira, Ilha do Faial. C/d em Santo Antônio da Patrulha.

N.5 **Isabel** 20.7.1771, Viamão.

N.6 **Ana Joaquina de Oliveira** *Rio Pardo, ∞ 12.5.1784, Porto Alegre, **João Manuel Rodrigues**, *São Pedro de Formariz, Paredes de Coura, Portugal, f.º de Manuel Pereira e Francisca Rodrigues

F.2 **Jerônimo de Oliveira** *Rosais, Ilha de São Jorge, ∞ **Joaquina Rosa** (v. Manuel de Mendonça Pereira, F.4). Pais de:

N.7 **Rosa Maria** *Rio Grande, ∞ **João Gonçalves**, *Rio de Janeiro/RJ (Candelária), f.º de José Gonçalves e Rita da Conceição pais de:

Bn.16 **Simplício** *9.2.1785, Porto Alegre

N.8 **Inácia** b. 15.3.1770, Porto Alegre, onde †29.3.1790.

N.9 **Ana Maria de Oliveira** *1.8.1772, Viamão, ∞ 10.11.1804, Porto Alegre, **José Francisco Nunes**, *4.4.1755, Castelo Branco, Ilha do Faial, com inventário autuado em 26.11.1840 em Porto Alegre, f.º de José Pereira Nunes e Ana Maria da Silveira, ambos da Ilha do Faial. Pais de:

Bn.17 **Rita Fausta de Oliveira** *8.9.1805, Porto Alegre, onde a 13.4.1825 ∞ **Tomás Correia da Silva** *Biguaçu/SC, f.º de Manuel Correia da Silva e Ana Joaquina de Jesus.

Bn.18 **José** *2.4.1807, Porto Alegre e † antes de seu pai.

Bn.19 **Ana Joaquina de Oliveira Nunes** *16.6.1808, Porto Alegre, onde a 25.7.1827 ∞ **Francisco Manuel de Azevedo**, viúvo de Maria Balbina da Silva Rosa, f.º do cap. Manuel José de Azevedo, da Colônia, Uruguai, e Maria Teresa dos Santos, do Rio de Janeiro/RJ.

Bn.20 **Francisco José de Oliveira Nunes** *5.10.1810, Porto Alegre, onde a 28.6.1830 ∞ **Florinda Flora do Carmo**, *Encruzilhada do Sul, f.ª de José Antônio do Carmo e Custódia Maria da Conceição.

Bn.21 **Justino José de Oliveira Nunes** *25.2.1813, Porto Alegre.

Bn.22 **Francisca Cândida de Oliveira** *25.10.1814, Porto Alegre, onde a 29.8.1835 ∞ seu primo **Francisco de Oliveira Garcia**.

N.10 **Maria Joaquina de Oliveira** b. 22.4.1774, Santana do Morro Grande, Viamão, onde a 14.1.1796 ∞ **Manuel José da Rosa**, *1765, Santa Cruz, Ilha Graciosa e †6.4.1817, Porto Alegre, f.º de Antônio da Rosa e Maria do Rosário. Pais de:

Bn.23 **Manuel** *26.10.1796, Porto Alegre.

Bn.24 **Francisco José da Rosa** *28.3.1798, Triunfo, ∞ 2.2.1833, Porto Alegre, com sua prima em 2º **Francisca Cândida de Oliveira,** abaixo citada. Em 1826 Francisco ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando disse viver de seu negócio.

Bn.25 **Antônio** *28.10.1799, Porto Alegre.

Bn.26 **José** *28.8.1802, Porto Alegre.

Bn.27 **Inocência Inácia de Oliveira** *29.10.1803, Porto Alegre, onde a 19.1.1818 ∞ **Joaquim Rodrigues do Vale**, *2.2.1795, Porto Alegre, f.º de Manuel Rodrigues do Vale, do Rio de Janeiro/RJ, e Escolástica Rodrigues Ferreira, de Rio Grande. Pais de:

Tn.15 **Joaquim** *12.10.1818, Porto Alegre, onde †21.10.1818.

Tn.16 **Manuel** *28.5.1820, Porto Alegre.

Tn.17 **Maria** *24.2.1822, Porto Alegre.

Bn.28. **Joaquim** *4.3.1806, Porto Alegre.

Bn.29 **Ana Joaquina de Oliveira** *28.10.1807, Porto Alegre, onde a 11.9.1824 ∞ seu primo **José Inácio de Oliveira**, abaixo citado.

Bn.30 **Maria** *5.2.1809, Porto Alegre

Bn.31 **João José da Rosa** *28.10.1810, Porto Alegre, onde a 27.2.1833 ∞ **Listarda Barbosa da Silva**, *5.9.1795, Triunfo, viúva de José de Oliveira Lisboa, f.ª de Antônio Barbosa da Silva, de Rio Grande, e Quitéria Maria, de Triunfo.

Bn.32 **Francisca** *1.10.1816, Porto Alegre.

Bn.33 **Maria Delfina da Rosa** ∞ 20.7.1839, Porto Alegre, alferes **João Machado Moreira** (v. Antônio Machado Moreira, N.2).

N.11 **Jacinta** *2.2.1776, Porto Alegre.

N.12 **Francisca** *20.7.1777, Porto Alegre.

N.13 **José** *29.10.1779, Viamão, e †5.12.1782, Porto Alegre.

N.14 **Teresa** *8.9.1781, Viamão, e †20.12.1784, Porto Alegre.

N.15 **Francisco** †14.12.1782, Porto Alegre, inocente.

N.16 **Teresa Rosa de Jesus** ou **Teresa Maria de Oliveira** *27.9.1785, Porto Alegre, onde † 23.9.1811 e ali, a 15.9.1806, ∞ **José Antônio Leal**, *Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.º de Antônio José Leal e Maria Joaquina da Conceição. Pais de:

Bn.34 **Joaquim José Leal** *31.10.1807, Porto Alegre, ∞ **Maria Cândida do Nascimento**.

Bn.35 **Antônio** *2.9.1811, Porto Alegre.

F.3 **Antônio Silveira de Oliveira** *Velas ou Topo, Ilha de São Jorge, ∞ 4.2.1760, Rio Grande, **Joana Maria de Jesus** ou **Joana Maria de Quadros**, *Ilha de São Jorge, f.ª de João Nunes Pereira e Isabel de Quadros Madruga, ambos de Rosais, Ilha de São Jorge. Pais de:

N.17 **Joaquim** *30.10.1760, Rio Grande.

N.18 **Ana Maria de Jesus** *2.4.1762, Rio Grande, ∞ **Francisco Silveira Lourenço**.

N.19 **José Silveira de Oliveira** *22.8.1764, Estreito, São José do Norte, ∞ **Maria Silveira**, *20.2.1770, Estreito, f.ª de José Silveira de Andrade, de Castelo Branco, Ilha do Faial, e Maria Silveira, de Flamengos, Ilha do Faial. Pais de:

Bn.36 **Leonídia Rosa da Silveira** *Rio Grande, ∞ 20.5.1819, Pelotas, **Marcos Fernandes**, *Florianópolis/SC, f.º de Joaquim Fernandes e Maria Ana (ou Mariana) de Jesus, ambos de Florianópolis/SC.

N.20 **Maria do Nascimento** *6.8.1766, Estreito, ∞ **Luís Vaz**, *Refoios, Bragança, PT, f.º de Francisco Vaz e Maria. Pais de:

Bn.37 **Luísa Maria do Nascimento** *Estreito, ∞ 6.9.1801, Osório, **Francisco Machado Alves**, *Laguna/SC, f.º de Manuel Machado e Joana Maria de Jesus. C/d em Osório.

Bn.38 **Daniel** *20.02.1804, Osório.

N.21 **Francisco Silveira de Oliveira** *15.9.1768, Estreito, ∞ 1795, Rio Grande, **Luzia Rosa**.

N.22 **Rosa Inácia da Silveira** ou **Rosa Eufrásia da Silveira** *27.10.1770, Estreito, ∞ 6.12.1788, Estreito, **Manuel Gomes Moreira**, *Vila Nova de Gaia, Porto, PT, f.º de Antônio Moreira da Costa e Francisca Maria.

N.23 **Joana Maria de Oliveira** *Estreito, ∞ **Francisco Moreira da Silva**, *Mostardas, f.º de João Moreira da Silva, de São Mamede Vila Verde, Felgueiras, Porto, PT, e Florência Francisca de Jesus, de Rio Grande. Pais de:

Bn.39 **Manuel** *9.4.1798, Mostardas.

Bn.40 **Francisco** b. 1.11.1803, Mostardas.

N.24 **Felisberta Maria de Jesus** *9.1.1775, São José do Norte, onde † 12.5.1836, ∞ **Anastácio José da Rocha** *Rio de Janeiro/RJ, f.º de Francisco José da Rocha e Bernarda Maria da Mota. C/d em São José do Norte

F.4 **Luzia de Jesus** ou **Luzia de São José** *1736, Rosais ou Velas, Ilha de São Jorge e †9.1.1831, Capela de Santana, ∞ **Francisco José Flores** (v. este nome).

F.5 **Mateus Inácio de Oliveira** *21.8.1750, Rosais, Ilha de São Jorge e †24.12.1793, Porto Alegre, sem testamento por ser muito pobre, ∞ 1771, Viamão, **Margarida Josefa de Araújo** (v. Manuel de Mendonça Pereira, N.1). Pais de:

N.25 **Maria** *22.5.1772, Viamão e † antes de 1779.

N.26 **Francisca Inácia de Oliveira** *27.12.1774, Porto Alegre, onde a 12.6.1796 ∞ **Antônio Inácio de Benevides**, *N. Sra. da Ajuda, Ilha de São Miguel e †4.5.1810, Porto Alegre, casado, com 44 anos mais ou menos, f.º de João Inácio de Benevides e Antônia de Aguiar. Pais de:

Bn.41 **Antônio** *4.5.1797, Porto Alegre.
Bn.42 **Maria** *29.10.1800, Porto Alegre
Bn.43 **José Inácio de Oliveira** *28.9.1801, Porto Alegre, onde a 11.9.1824 ∞ sua prima em 3° **Ana Joaquina de Oliveira**, acima citada.
Bn.44 **Cândida** *29.9.1802, Porto Alegre.
Bn.45 **Francisca Cândida de Oliveira** *12.10.1808, Porto Alegre, onde a 2.2.1833 ∞ seu primo **Francisco José da Rosa**, acima citado.

N.27 **Ana** *26.7.1776, Porto Alegre, onde †9.6.1780.
N.28 **José** *27.11.1777, Porto Alegre, onde †5.6.1780.
N.29 **Maria Joaquina de Oliveira** *12.10.1779, Porto Alegre, onde a 4.2.1801 ∞ **Francisco José Dias**, *12.1.1784, Porto Alegre, f.º de Alexandre José Dias e Quitéria Maria de Jesus, ambos de Enseada de Brito, Palhoça/SC. Pais de:

Bn.46 **Jacinto José de Oliveira** *8.2.1802, Porto Alegre, onde a 5.12.1822 ∞ **Francisca Bernardina da Terra** (v. Felipe Furtado da Terra, F.9).
Bn.47 **Inocência Cândida de Oliveira** *24.11.1805, Porto Alegre e † 11.4.1879, São Leopoldo, ∞ **Januário Antônio de Vargas**, major, *2.5.1800, Gravataí, f.º de Antônio Pereira de Vargas e Madalena Rosa de Jesus. C/d em São Leopoldo.

N.30 **José Inácio de Oliveira** *8.9.1781, Porto Alegre e † 7.11.1839, com inventário autuado em Porto Alegre, onde, a 24.5.1823, ∞ **Maria Angélica de Jesus**, †7.4.1870, com inventário autuado em Porto Alegre, viúva de Manuel Francisco de Souza (v. Felipe Furtado da Terra, F.8). Pais de:

Bn.48 **Margarida Cândida de Oliveira** *Porto Alegre, onde a 18.1.1841 ∞ (1x) **Inácio Furtado Fanfa** (v. Francisco Furtado Fanfa, F.13). Margarida ∞ (2x) **Gabriel Rodrigues Braga**.
Bn.49 **Paulino Inácio de Oliveira ∞ Inácia Castorina da Silva**.
Bn.50 **Rita Cândida de Oliveira ∞ Henrique Pereira Nunes**.
Bn.51 **Desidério Inácio de Oliveira ∞ Maria Joaquina Motta**.
Bn.52 **Francelina Cândida de Oliveira**
Bn.53 **Maria José de Oliveira ∞ Manuel Inácio Rodrigues**.
Bn.54 **David Inácio de Oliveira ∞ Felisberta Joaquina Peixoto**.

N.31 **Ana Fausta de Oliveira** *9.7.1783, Porto Alegre.

F.6 **Manuel Silveira** *Velas, Ilha de São Jorge e † pv. de 1802 em São José do Norte, quando autuado o inventário de seus bens, ∞ **Maria Silveira**, *Velas, Ilha de São Jorge, f.ª de Baltazar Dias da Silveira e Jacinta Maria. Pais de:

N.32 **José** crismado no Estreito a 27.7.1770 e † antes de seu pai.
N.33 **João** *11.6.1756, Rio Grande e † antes de seu pai.
N.34 **Domingos Silveira** *8.8.1758, Rio Grande, ∞ **Ana Joaquina**.
N.35 **Manuel Silveira** *23.8.1760, Rio Grande, onde †13.12.1793, soldado da praça.

MATEUS DE SOUZA, cirurgião, *Ilha de São Miguel e †10.5.1790, Porto Alegre, f.º de Antônio de Souza e Joana Martins. Mateus ∞ 9.9.1760, Colônia do Sacramento, Uruguai, **JOSEFA MARIA**, *1.12.1741, Colônia do Sacramento, Uruguai e †10.4.1779, Porto Alegre f.ª de Domingos Dias Chaves, de Chaves, Braga, PT e Mariana de Jesus, de São Julião, Lisboa, PT. Pais de:

F.1 **Luísa Clara de Souza** *21.6.1761, Colônia, Uruguai e †14.1.1816, Porto Alegre, com 56 anos mais ou menos.
F.2 **Maria Ana** *6.7.1762, Colônia, Uruguai e † antes de 1775.
F.3 **Teresa Angélica de Jesus** *16.3.1765, Colônia, Uruguai e †18.9.1798, Porto Alegre, onde a 22.2.1789 ∞ seu primo **Francisco Rodrigues da Silva** *26.8.1749, Colônia, Uruguai e †22.7.1797, Porto Alegre, f.º do cap. Simão da Silva Guimarães, de São Vicente de Oleiros, Guimarães, PT, e Teresa de Figueiredo, da Colônia, Uruguai e †26.8.1799, Porto Alegre, com 60 anos, viúva. Pais de:

N.1 **Simão** *28.12.1789, Porto Alegre.
N.2 **Manuel** *28.2.1791, Porto Alegre.
N.3 **Sebastião** *21.11.1792, Porto Alegre.
N.4 **João** *23.10.1794, Porto Alegre, onde †2.3.1803.
N.5 **Sebastião** *18.1.1796, Porto Alegre.
N.6 **Inácio** *19.4.1797, Porto Alegre.

F.4 **Francisco Severo** *6.7.1767, Colônia, Uruguai e †13.5.1786, Porto Alegre.
F.5 **Tomé Luís de Souza** *21.12.1770, Colônia, Uruguai. Foi conhecido padre da igreja Matriz de Porto Alegre, onde †15.12.1858. Foi ordenado no Rio de Janeiro a 21.5.1796 por D. José Justiniano Mascarenhas Castelo Branco. Tomé foi professor de latim, cônego honorário, pároco de Porto Alegre, Vigário-Geral da Província do RS, sacerdote digníssimo, chamado de a *pérola do clero porto-alegrense* por RUBERT (1994, p. 93).
F.6 **Inocência Josefa de Souza** *9.1.1773, Colônia, Uruguai, ∞ 10.11.1789, Porto Alegre, cap. **José Borges Pinto de Azevedo** *Barqueiros, Porto, PT, f.º de Manuel Borges Pinto de Azevedo e Maria. Pais de:

N.7 **Josefa Maria de Azevedo** *4.10.1791, Porto Alegre, onde a 20.7.1814 ∞ **João José da Silva Flores** (v. Antônio José da Silva Flores, F.1).
N.8 **Maria Joaquina de Azevedo** *19.8.1793, Porto Alegre e †27.10.1826, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 23.6.1817 ∞ **Francisco Rabelo de Figueiredo** *Moimenta da Beira, Viseu, PT, f.º de Antônio Rabelo de Figueiredo e Ana Teresa Pimenta. Pais de:

Bn.1 **Francisco Rabelo de Figueiredo Júnior** *10.4.1818, Porto Alegre.
Bn.2 **Maria Inocência de Figueiredo** *24.9.1819, Porto Alegre.
Bn.3 **José Rabelo de Figueiredo** *16.2.1821, Porto Alegre.
Bn.4 **Antônio** *8.12.1822, Porto Alegre e † antes de sua mãe.

N.9 **Desidéria Maria de Souza** *28.2.1795, Porto Alegre.
N.10 **José Justiniano de Azevedo** *3.11.1796, Porto Alegre e †29.2.1832, com inventário autuado em Porto Alegre, solteiro e sem filhos.
N.11 **Sebastiana de Azevedo Souza** *24.8.1798, Porto Alegre, onde a 17.11.1826 ∞ **Francisco José de Souza** *Foz, Porto, PT, f.º de Luís de Souza e Maria Josefa Ferreira. Pais de:

Bn.5 **Josefa** *19.7.1835, Porto Alegre.
N.12 **Teresa** *29.4.1801, Porto Alegre, onde †29.1.1803.
N.13 **Teresa** *17.11.1803, Porto Alegre.
N.14 **Tomé** *18.12.1805, Porto Alegre.
N.15 **Rita** *27.3.1807, Porto Alegre, onde †19.7.1808.

F.7 **Mariana** *8.8.1775, Colônia, Uruguai, onde †24.7.1776.

F.8 **João José de Souza** *1778, Rio de Janeiro/RJ e †24.6.1800, aos 22 anos, solteiro, em Porto Alegre.

MATEUS FERREIRA DOS SANTOS *1743, Manadas, Ilha de São Jorge e †11.5.1793, Porto Alegre, aos 50 anos, sem testamento por ser pobre, solteiro, f.º de João de Souza Maciel e Justina da Conceição.

MATEUS JOSÉ INÁCIO *Ilha Terceira ou São Miguel, f.º de José Machado e Ana Maria de São Joaquim, ∞ 6.8.1764, Rio Pardo, **PETRONILHA TERESA DA CONCEIÇÃO**, *Ilha de São Miguel, f.ª de Antônio Francisco Xavier e Teresa Maria de Jesus. O casal, ao que parece, depois voltou para Rio Pardo e, em Porto Alegre, teve a filha:

F.1 **Dorotéia** *5.11.1774, Porto Alegre.

MATEUS VIEIRA DE ÁVILA *Lajes, Ilha Terceira, f.º de Mateus Nunes de Ávila e Maria Vieira, ∞ 9.11.1716, Vila Nova, Ilha Terceira, **JOANA DA CONCEIÇÃO**, *Lajes, Ilha Terceira, f.ª de Manuel Dias de Aguiar e Isabel Dias. Mateus e Joana aparecem como moradores em Porto Alegre no ano de 1754, assim como o filho:

F.1 **Antônio Vieira Nunes** *Vila Nova, Ilha Terceira, onde a 29.12.1743 ∞ (1x) **Mariana de Jesus**, *Vila da Praia, Ilha Terceira, f.ª de Sebastião Teixeira e Ângela Cardoso. Antônio a 7.1.1747 ∞ (2x) **Catarina Bernarda**, *Agualva, Ilha Terceira, f.ª de Domingos Martins Simões e Maria do Rosário. Antônio e Catarina foram moradores de Porto Alegre, dados como casal de El-Rei. Antônio ∞ 28.7.1782, Rio Pardo, (3x) **Maria Francisca**, *Pedro Miguel, Ilha do Faial, viúva de Manuel Pereira Soares (v. este nome), f.ª de José Rodrigues e Ana de Faria.

Houve do 2º casamento:

N.1 **Mariana do Rosário** *Porto Alegre, b. 3.3.1754, Viamão, ∞ 12.1.1767, Rio Pardo, **Mateus Pacheco de Souza**, *Urzelina, Ilha de São Jorge, f.º de Manuel de Souza Pereira e Luísa Pacheco.

N.2 **Eugênia Maria da Conceição** b. 1.11.1757, Rio Pardo, onde a 19.8.1771 ∞ **José Dutra Machado**, *Cedros, Ilha do Faial, f.º de Mateus Dutra Machado e Catarina Francisca da Rosa.

MATIAS GARCIA DA ROSA *20.2.1757, Capelo, Ilha do Faial, f.º de Manuel Garcia (Freitas) da Rosa, de Capelo, e Josefa da Conceição Dutra, de Cedros, Ilha do Faial, ∞ 11.1.1779, Capelo, **ANA MARIA DA SILVA**, *Capelo, Ilha do Faial e †29.9.1826, Porto Alegre, f.ª de João Pereira Gularte e Maria da Silva, ambos de Capelo. Pais de:

F.1 **José Pereira da Silva** *26.2.1780, Capelo, Ilha do Faial, ∞ 29.5.1796, Gravataí, **Ana Joaquina de Jesus**, *Florianópolis/SC (Santo Antônio de Lisboa), f.ª de José Antônio de Aguiar e Teodósia Maria, ambos de Florianópolis/SC. Pais de:

N.1 **Antônio José da Silva** *16.3.1797 em Gravataí, ∞ 29.11.1817, Porto Alegre, **Clara Joaquina de Alexandria**, *Taquari, f.ª de Antônio Machado Neto e Josefa Maria dos Santos. C/d em Taquari.

F.2 **Antônio Garcia da Silva** *26.2.1784, Capelo, Ilha do Faial e †25.12.1863, Sapucaia do Sul, ∞ (1x) 17.6.1800, Gravataí, **Maria Josefa de Jesus**, *Gravataí, f.ª de Manuel Souza Álvares e Josefa de Souza Flores. Antônio ∞ (2x) 6.10.1863 em Sapucaia do Sul, *no leito da morte* **Teresa Josefa de Moraes**, f.ª de Caetano Antônio de Moraes (v. Jorge Teixeira de Melo, N.2) e Polucena Joaquina de Jesus, com quem vivia maritalmente.

Houve do 1º casamento:

N.2 **Manuel** *5.9.1811 em Porto Alegre, onde †3.11.1811.

N.3 **Manuel** *21.12.1812, Porto Alegre, onde †28.12.1812.

N.4 **Maria Joaquina da Silva** *8.12.1813, Porto Alegre, onde a 23.11.1829 ∞ **Belarmino Pereira de Escobar** (v. João de Vargas, N.15).

N.5 **Isabela Flores da Silva** ou **Isabel Garcia da Silva** *6.9.1816 em Porto Alegre, ∞ **José dos Santos Leal** (v. Manuel Silveira Gonçalves, Bn.87).

N.6 **Faustina Garcia da Silva** *22.1.1821, Porto Alegre, ∞ 27.10.1858 em São Leopoldo **José Antônio de Barros** *PT, viúvo de Raquel Joaquina da Silva, f.º de Gaspar Barros e Custódia Maria da Cunha.

N.7 **Antônia Garcia da Silva** *4.5.1822, Porto Alegre, ∞ 19.5.1849 em São Leopoldo com **Joaquim Manuel de Santana** (v. Matias Garcia da Rosa, N.7).

N.8 **Vitoriano Garcia da Silva** *15.7.1824, Porto Alegre. C/d em Viamão.

Houve do 2º casamento:

N.8 **Maria Teresa da Silva** ∞ 7.5.1870, **São Leopoldo**, **Manuel Luciano Machado** (v. Antão Pereira Machado, Bn.28).

N.9 **Franquelino** *16.4.1848 em São Leopoldo.

N.10 **Guilhermina Antônia da Silva** *23.11.1854, Sapucaia do Sul, onde ∞ 18.4.1874 **Antônio da Silveira Gomes**, f.º de João Inácio Gomes e Justiniana Joaquina de Jesus.

N.11 **Isabela** *8.11.1863 em Sapucaia do Sul.

F.3 **Maria** *2.2.1788, Gravataí.

F.4 **Joaquim** *9.5.1791 em Gravataí.

F.5 **Joaquim José Garcia** *27.10.1793, Gravataí, ∞ 27.1.1813, Porto Alegre, **Maria Luísa da Conceição**, *3.6.1797 em Florianópolis/SC (Lagoa da Conceição), f.ª de Miguel Álvares de Souza e Luísa Rosa da Conceição, cujos antepassados todos eram açorianos. Pais de:

N.12 **Cláudia Maria da Conceição** *18.2.1815, Porto Alegre, onde a 27.7.1835 ∞ **Ricardo José de Freitas**, *Praia do Almoxarife, Ilha do Faial, viúvo de Ana Maria de Jesus, f.º de João Rodrigues Garaldo (sic) e Ana Joaquina.

N.13 **João** *16.5.1818 em Capela de Santana.

N.14 **Jerônima** *5.8.1820 em Capela de Santana.

N.15 **Angélica** b. 4.2.1828 em Capela de Santana.

N.16 **Bernardina** b. 25.6.1829 em Capela de Santana.

N.17 **Vitalina** b.10.10.1838 em Capela de Santana.

MATIAS VIEIRA DE SOUZA *Topo, Ilha de São Jorge, f.º de Pedro Vieira e Josefa de Jesus de Souza, ∞ 26.8.1772, Triunfo, **ANA RODRIGUES DE SOUZA**, dada como *gentio da terra* (índia), *Laguna/SC, f.ª de José de Souza de Brito, de São Francisco do Sul/SC, e Bárbara Bicudo, de Laguna/SC. O casal teve ao menos 7 filhos em Triunfo. Após, mudou-se para Gravataí e depois Porto Alegre, onde nasceram ou casaram as filhas seguintes:

F.1 **Vicência Vieira de Souza** b. 18.9.1786, Triunfo, ∞ 6.8.1816, Porto Alegre, **Antônio Pereira de Andrade**, *Flamengos, Ilha do Faial, f.º de Antônio Pereira de Andrade e Ana Rita ou Rita Inácia. Pais de:
N.1 **Antônio** *21.6.1817, Capela de Santana.
N.2 **Vicência** *16.9.1819, Porto Alegre.
N.3 **João** *24.1.1821, Porto Alegre.
N.4 **Rosa** *6.9.1822, Porto Alegre.
F.2 **Francisca Maria Vieira** *5.5.1797, Porto Alegre, ∞ **Sebastião de Souza**.

MAURÍCIO JOSÉ DE VARGAS *1789, Ilha do Faial e †11.1.1857, São Leopoldo, f.º de José de Vargas de Andrade e Jacinta Rosa de Jesus, ∞ **CLAUDINA ROSA DE JESUS**, *Florianópolis/SC, f.ª de Francisco Manuel dos Passos e Antônia Maria de Freitas. Pais de:

F.1 **Maria Claudina de Vargas** *11.8.1814, Santo Antônio da Patrulha e †27.4.1853, São Leopoldo. solteira.
F.2 **Saturnino** *29.11.1816, Porto Alegre.
F.3 **Manuel Maurício de Vargas** *12.4.1819, Porto Alegre, ∞ 18.1.1853, São Leopoldo, **Francisca de Menezes Soares**.
F.4 **Saturnina Maurícia de Vargas** *Porto Alegre, ∞ 23.9.1835, São Leopoldo, **João Francisco Teixeira** (v. Manuel Teixeira Afonso, N.29).
F.5 **Constança Maurícia de Vargas**
F.6 **Teodósia Maurícia de Vargas** *27.2.1821, Gravataí e †1.5.1852, São Leopoldo.
F.7 **Castorina** *5.2.1825, Gravataí.
F.8 **Clarinda Maurícia de Vargas** *3.4.1827, Gravataí, ∞ 10.10.1849, São Leopoldo, com seu primo **Manuel Inácio de Vargas**.
F.9 **José Maurício de Vargas** *Gravataí, ∞ 25.4.1857, São Leopoldo, **Sebastiana Luísa da Conceição**.

MIGUEL ANTÔNIO *Luz, Ilha Graciosa, f.º de Antônio da Cunha e Teresa de São José, ∞ 10.9.1792, Porto Alegre, **JOANA GOMES MACIEL**, *Rio de Janeiro/RJ (Sé), viúva de João Garcia Dutra, f.ª de Tomás de Souza Sardinha e Páscoa de Figueiredo Maciel.

MIGUEL INÁCIO DO CANTO ou **MIGUEL INÁCIO DO CANTO CASTELO BRANCO**, dom, *Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, f. º de Dom Inácio Antônio do Canto Castelo Branco e d. Joana Vicência de Bittencourt, ∞ 1.4.1787, Rio de Janeiro (São José)/RJ **CATARINA LUCIANA MUNIZ DA CÂMARA CORTE REAL**, *Angra do Heroísmo (Sé), f.ª do capitão Lucas da Câmara e Sá Rocha e d. Joana Helena de Menezes Corte Real – pais ainda de José da Câmara e Sá (v. este nome). Pais de:

F.1 **Francisco Muniz Barreto**, dom, *1789-1790 e †30.6.1818, Rio Pardo, solteiro.
F.2 **Antônia Francisca da Câmara** *1.5.1790, Porto Alegre, ∞ **Antônio José Landim**, c/d em Rio Pardo.
F.3 **José da Câmara do Canto Corte Real** *7.12.1791, Porto Alegre. C/g em Uruguaiana.
F.4 **Miguel** *24.9.1795, Porto Alegre.

MIGUEL DOS ANJOS MACIEL *1728, Ilha de São Jorge e †10.3.1814, Porto Alegre, f.º de Francisco Gonçalves de Borba e Maria de Lemos Maciel, casados em 1730 na Calheta, Ilha de São Jorge – pais também de Antônio dos Santos Maciel (v. Simão Teixeira, F.3). Miguel ∞ 28.10.1782, Porto Alegre, **SEVERINA MARIA DE JESUS** (v. Manuel de Souza Bairros, N.3). O cronista CORUJA (1996, p. 104) escreveu que Miguel morava no Caminho do Meio (atual Av. Protásio Alves em Porto Alegre), de apelido o *Quarto de Galinha,* cuja viúva lhe sobreviveu muitos anos, morrendo em avançada idade. Pais de:

F.1 **Antônio dos Santos Maciel** ou **Antônio dos Santos Pereira Maciel** *5.8.1783, Porto Alegre, onde a 10.1.1803 (1x) **Joaquina Maria do Nascimento**, *3.5.1780, Estreito e †4.3.1815, Porto Alegre (v. Manuel Lourenço Mariante, F.3). Antônio ∞ 25.6.1815, Triunfo, (2x) **Eufrásia Maria de Oliveira**, *8.5.1797, Rio Pardo, f.ª de João Gomes de Carvalho e Ana Joaquina do Rosário.
Houve do 1º casamento:
N.1 **Antônio** *16.10.1803, Porto Alegre.
N.2 **Luísa** *20.9.1805, Porto Alegre, onde † antes de sua mãe.
N.3 **João** *11.7.1807, Porto Alegre, onde † antes de sua mãe.
N.4 **Joaquim** *19.3.1809, Porto Alegre, onde † antes de sua mãe.
N.5 **Luís** *2.3.1811, Porto Alegre, onde †24.5.1811.
Houve do 2º casamento:
N.6 **Maria** b. 30.5.1816, com 1 mês, Capela de Santana.
N.7 **Joaquina** *17.8.1821, Capela de Santana.
F.2 **João dos Santos Maciel** *4.10.1785, Porto Alegre, onde a 19.10.1807 ∞ **Rosa Joaquina de Jesus**, *14.3.1788, Viamão, f.ª de Antônio José de Campos, de Rio Grande, e Catarina Teresa de Jesus, de Estreito.
F.3 **José dos Santos Maciel** *8.11.1787, Porto Alegre, ∞ 9.1.1808, Viamão, **Rosa Maria da Conceição**, *19.3.1794, Viamão, f.ª de Silvestre de Andrade e Maria Joaquina da Conceição. Pais de:
N.8 **Serafim** *20.2.1809, Viamão.
N.9 **Luciana Rosa dos Santos** *13.8.1810, Viamão, ∞ **Manuel Antônio Fagundes**.
N.10 **Francisco** *1.5.1814, Viamão.
N.11 **Carolina Rosa Maria da Conceição** *13.1.1816, Viamão, ∞ **Tomás José Constâncio**.
N.12 **Zeferina** *21.9.1817, Viamão.
N.13 **José** *3.4.1819, Viamão.
N.14 **Maria Joaquina dos Santos** *6.4.1822, Viamão, ∞ **Manuel Gomes Jardim**.
F.4 **Ana** *5.6.1789, Porto Alegre, onde †12.4.1790.
F.5 **Ana** *12.6.1791, Porto Alegre e † antes de seu pai.

F.6 **Joaquim dos Anjos Maciel** *23.9.1792, Porto Alegre, onde a 28.5.1810, ∞ **Matildes Joaquina de Jesus** (v. Antônio José de Matos, N.1). Pais de:

N.15 **Felicidade** *3.7.1811, Porto Alegre.

N.16 **Maria Joaquina da Conceição** *18.2.1815, Porto Alegre, onde a 8.1.1834, ∞ **Manuel José de Carvalho** (v. Antônio Machado de Ávila, Bn.28).

N.17 **Inácia** *19.1.1817, Porto Alegre.

N.18 **Antônio** *7.9.1818, Porto Alegre.

N.19 **Clara** *1.7.1820, Porto Alegre.

N.20 **Estácio** *28.12.1821, Porto Alegre.

F.7 **Mariana de Lemos Maciel** *2.9.1794, Porto Alegre, onde a 5.3.1821 ∞ **Luciano Martins Pereira** (v. Antônio José de Matos, N.2).

F.8 **Alexandre** *9.10.1796, Porto Alegre.

F.9 **Manuel** *18.7.1798, Porto Alegre, onde †16.1.1799.

F.10 **Jesuína** *22.11.1799, Porto Alegre, onde †14.5.1801.

F.11 **Jesuína Maria de Jesus** *22.11.1802, Porto Alegre, onde a 11.11.1817 ∞ **Antônio Francisco da Rosa** (v. Antônio da Rosa I, N.23).

F.12 **Bernardina Joaquina da Soledade** *20.7.1808, Porto Alegre, onde a 28.11.1829, ∞ **Alexandre Domingos Martins** (v. Antônio José de Matos, N.6).

MIGUEL JOSÉ DE FREITAS, capitão, *31.7.1747 em Vila Franca do Campo, Ilha de São Miguel e †29.11.1832, Porto Alegre, f.º de João da Rocha Freitas e Teresa de São Miguel, ambos da Ilha de São Miguel. Miguel ∞ 20.8.1776, Rio de Janeiro/RJ (Candelária) (1x) **ANA ROSA DE JESUS**, *1755, Rio de Janeiro/RJ (Candelária), f.ª de Antônio Rodrigues Cabral e Felícia Rosa de Melo. Miguel ∞ 1.5.1798, Rio Grande, (2x) **ANA JOAQUINA DO MONTE**, *6.11.1779, Rio Grande, f.ª de Tomé José do Monte, de Olivença, PT, e Ana Joaquina dos Santos, de Rio Grande. Em 1822 Miguel e família residiam na rua do Riacho, atual Washington Luís, em Porto Alegre

Houve do 1º casamento:

F.1 **Manuel José de Freitas Travassos**, capitão, *6.1.1782, Rio de Janeiro/RJ e †6.1.1851, Porto Alegre, onde a 3.11.1809 ∞ (1x) **Luísa Justiniana de Mascarenhas**, *1787, Rio Grande e †8.11.1820, Porto Alegre, f.ª de Carlos da Costa Torres, de Guimarães, Braga, PT, e Joaquina Luísa Rosa, da Ilha do Faial. Manuel ∞ 15.1.1841, Porto Alegre, (2x) **Maurícia Cândida da Fontoura**, *1809, Cachoeira do Sul e †1.1.1889, Porto Alegre, f.ª de Antônio Adolfo da Fontoura e Graciana Maria Pacheco, ambos de Cachoeira do Sul. Manuel teve dois filhos com **Bernardina Cândida dos Anjos**, de nomes João e Albino. Manuel José de Freitas Travassos foi um dos primeiros a integrar o quadro da Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, em 15.10.1825. Foi Comendador, fazendeiro e charqueador na região de Taquari, além de negociante, com comércio atacadista e armador.

Houve do 1º casamento:

N.1 **Joaquina Justiniana de Freitas** *27.6.1808, Rio de Janeiro/RJ (São José), nascida antes do casamento dos pais, ∞ 16.10.1825, Porto Alegre, **João Afonso Vieira do Amorim**, *São Paio de Mezedo, Viana, PT e †12.6.1861, f.º de João Afonso Vieira e Antônia Vieira de Amorim. C/d em Porto Alegre.

N.2 **Maria Justiniana de Freitas** *Rio de Janeiro/RJ e †31.7.1839, ∞ 15.1.1832, Porto Alegre, **Antônio José da Costa Barbosa**, *1804, Porto (São Mamede), Porto, PT, que foi Irmão da Santa Casa de Porto Alegre, f.º de José Martins da Costa e Marcelina Angélica dos Prazeres. Pais de:

Bn.1 **Antônio da Costa Barbosa** *1835 no RS e †19.3.1895, Porto Alegre.

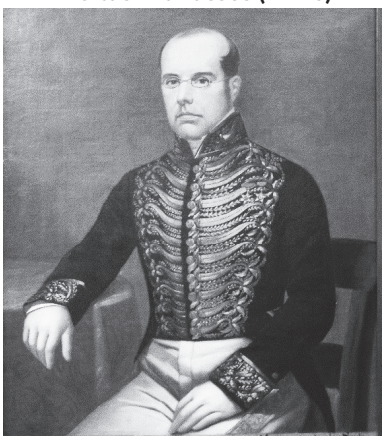
Bn.2 **Maria Joaquina de Freitas Barbosa** *23.7.1838, Porto Alegre

N.3 **Ana Joaquina Justiniana de Freitas** *3.7.1810, Porto Alegre, onde a 8.9.1825 ∞ **Domingos José Barbosa**, *Porto (São Mamede), Porto, PT, f.º de José Martins da Costa e Marcelina Angélica dos Prazeres. Domingos foi também Irmão da Santa Casa de Porto Alegre, ingresso em 23.5.1848, quando disse ser empregado público e viver do rendimento de seus bens. C/d em Porto Alegre.

N.4 **Domiciana Justiniana de Freitas** *7.7.1811, Porto Alegre, onde a 8.1.1835 ∞ o doutor **Manuel Gomes Coelho do Valle**, *Arouca, Aveiro, PT, e †12.10.1852, f.º de José Gomes Coelho e Maria Eufrásia do Valle. Manuel foi proprietário e advogado, bacharelando-se em Direito pela Universidade de Coimbra, tendo sido Juiz de Paz em São Leopoldo e Vice-Cônsul de PT em Porto Alegre. Foi Irmão da Santa Casa de Porto Alegre, ingresso a 24.4.1849.

N.5 Dr. **Manuel José de Freitas Travassos** *8.6.1812, Porto Alegre, onde a 30.4.1835 ∞ **Francisca de Assis Machado**, *10.9.1821, Rio Pardo, e †4.4.1883, Porto Alegre, f.ª do Cap. Manuel José Machado e Gertrudes Maria de Borba, ambos de Rio Pardo. Manuel Travassos foi bacharel em direito pela Faculdade de São Paulo em 1834, tendo sido moço da Imperial Câmara em 1845 e moço da Imperial Guarda-Roupa em 1861, Procurador da Coroa, Conselheiro, Presidente da Província do RJ e Interino do RS. Foi também Irmão da Santa Casa de Porto Alegre, prestando juramento em 22.12.1837 e, mais tarde, Desembargador do TJRS. É bisavô de Luís Carlos Prestes, político brasileiro.

Figura 3 - Manuel José de Freitas Travassos (Filho)



Fonte: Acervo do CHC Santa Casa

N.6 **Luísa Justiniana de Freitas** *20.6.1813, Porto Alegre, onde a 27.10.1827 ∞ (1x) o bacharel **Manuel Antônio Rocha de Faria**, *Goiana e †15.5.1835, Porto Alegre, f.º de Manuel Gonçalves de Faria e Maria da Conceição e Sá. Manuel foi Juiz de Direito em Porto Alegre. Luísa ∞ (2x) com o Desembargador **Joaquim Teixeira Peixoto de Abreu e Lima**, *PE.

N.7 **José** *25.9.1816, Porto Alegre, onde † antes de seu pai.

N.8 **Pedro** *29.6.1817, Porto Alegre, onde †30.6.1817.

N.9 **Luís** *22.6.1818 em Porto Alegre, onde †5.2.1819.

N.10 **Francisca Justiniana de Freitas** *23.2.1820 em Porto Alegre, ∞ **Pedro Antônio Telles Barreto de Menezes**.

Houve do 2º casamento de Manuel e Maurícia:

N.11 **Amabília de Freitas Travassos** *18.10.1832, Porto Alegre.

N.12 **Tristão de Freitas Travassos** *1.5.1834, Porto Alegre, onde †29.5.1860, solteiro.

N.13 **Benjamin de Freitas Travassos** *29.10.1835, Porto Alegre e † antes de seu pai.
N.14 **Manuel de Freitas Travassos** *14.9.1837, Porto Alegre, onde †14.11.1837.
N.15 **Amália de Freitas Travassos** *29.9.1838, Porto Alegre, ∞ José Machado de Almeida.
N.16 **Margarida Cândida da Fontoura de Freitas** *20.7.1840, Porto Alegre, onde †22.7.1916, e ∞ 21.8.1860 **Abel de Souza Leal**, *7.4.1837, Porto Alegre.
N.17 **Antônio de Freitas Travassos** *1.6.1841, Porto Alegre.
N.18 **Alzira Cândida da Fontoura Freitas** *23.11.1842, Porto Alegre, onde †4.1.1904, ∞ **Luís Henrique Moura de Azevedo**.
N.19 **Fernando de Freitas Travassos** *3.9.1844, Porto Alegre, onde †10.10.1913, ∞ **Luísa Fagundes do Nascimento.**
N.20 **Teresa** *17.4.1846, Porto Alegre, onde †4.10.1850.
N.21 **Cristina de Freitas Travassos** *22.7.1847, Porto Alegre e †27.8.1869, onde ∞ **Manuel Gomes Ribeiro.**

Manuel e Bernardina tiveram os filhos:

N.22 **João de Freitas Travassos** *24.6.1827, Porto Alegre e †14.7.1901, Niterói/RJ, ∞ 11.2.1856, Rio Pardo, com sua sobrinha **Gertrudes Machado de Freitas**, f.ª de Manuel José de Freitas Travassos e Francisca de Assis Machado.
N.23 **Albino deFreitas Travassos** *27.6.1829, Porto Alegre e †16.11.1905, Quaraí, ∞ **Maria Francisca de Oliveira**.

F.2 **Felícia** b. 6.4.1784, Rio de Janeiro.
F.3 **Domanciana** ou **Domiciana Rosa de Freitas** *Rio de Janeiro/RJ e †7.7.1869, Porto Alegre, ∞ **Francisco Luís da Costa Guimarães.**
F.4 **Ana Felícia Rosa de Freitas** *6/7/1790, Rio de Janeiro e †2/5/1843, Porto Alegre.
F.5 **Joaquina Rosa de Freitas** *Rio de Janeiro/RJ, ∞ **João Teixeira Magalhães**, *Porto, Porto, PT, f.º de Manuel Teixeira de Magalhães e Rosa Maria de São José.
F.6 **Bernardina Rosa de Freitas** *Rio de Janeiro ∞ o cap. **José Vaz de Souza**.
Houve do 2º casamento:
F.7 **Maria Angélica de Freitas**, *Magé/RJ, ∞ 16.1.1831, Porto Alegre, **Francisco de Sá e Brito,** *São Nicolau do Suruí/RJ e †21.10.1838, Porto Alegre, f.º de José de Sá e Brito e Ana Maria de Jesus, sendo este o quarto casamento de Francisco.
F.8 **Maria Umbelina de Freitas** *Rio de Janeiro/RJ, ∞ 24.12.1842, Porto Alegre, **Anton Smith,** *pv. 1805, Hamburgo, Alemanha e † Rio de Janeiro/RJ, negociante, f.º de David Anton Smith e Rachel ou Luise Maria.
F.9 **Diolinda Joaquina de Jesus** *1.5.1803, Porto Alegre, ∞ **Francisco José Corrêa.**
F.10 **Elisiana** ou **Elisiaria Joaquina de Freitas** *1806 e †28/9/1858 em Porto Alegre, solteira.
F.11 **Delfina Joaquina de Freitas** ∞ 21.2.1846 em Porto Alegre com **Miguel dos Reis**.
F.12 **Donanciana Joaquina de Freitas.**
F.13 **Miguel José da Rocha Freitas Travassos** *1819, Rio de Janeiro/RJ e †27.10.1878, RS, foi ∞, com filhos.
F.14 **Luísa Justiniana de Freitas** * Rio de Janeiro, ∞ 2.10.1841, Porto Alegre, **Antônio Soares da Rocha**.
F.15 **Francisca Joaquina de Freitas** ∞ 11.5.1861, Rio Grande, **Manuel Jorge Carlos**.

MIGUEL RODRIGUES DE SÁ *1738, Rio de Janeiro/RJ e †27.9.1798, Porto Alegre, f.º de Manuel da Assumpção e Guiomar de Campos, ∞ **ÁGUEDA FRANCISCA DA CONCEIÇÃO**, *1742, Ilha do Pico e †9.6.1802, Porto Alegre, f.ª de Joaquim de Bittencourt, de Piedade, Ilha do Pico e †29.9.1770, Viamão, e Josefa Joana da Boa Nova, de Bandeiras, Ilha do Pico e †20.10.1812, Viamão, n.p. Pedro João e Úrsula dos Santos e n.m. Francisco Garcia e Águeda da Conceição. O casal não deixou filhos.

NARCISO JOSÉ DE MEDEIROS *1746, Ponta Delgada, Ilha de São Miguel e †5.9.1816, Porto Alegre, alfaiate, f.º de Ana Maria Catarina de São José, escrava *de um fulano Muniz,* de Ponta Delgada, ∞ 31.1.1780, Mostardas, (1x) **ANA MARIA DE VASCONCELOS**, *1763, Estreito, São José do Norte e †27.7.1795, Porto Alegre, f.ª de João Félix de Vasconcelos e Ana Maria da Costa. Narciso ∞ 2.11.1799, Triunfo, (2x) **MARIA EUFRÁSIA FERREIRA PORTO**, *28.3.1760, Rio Grande e †3.1.1816, Porto Alegre, f.ª de Manuel Ferreira Porto, de Águas Santas, Maia, Porto, PT, e Antônia de Jesus, de Viamão. Narciso e Ana Maria foram pais de:

F.1 **Antônio** *1783, Porto Alegre, onde † 4.4.1787.
F.2 **Joaquim** *29.4.1784, Mostardas e † antes de sua mãe.
F.3 **Maria** *5.3.1786, Mostardas e † antes de sua mãe.
F.4 **Joaquina Maria de Vasconcelos** ou **Joaquina Maria do Nascimento** *6.6.1789,[5] Porto Alegre, onde a 8.1.1814 ∞ **Antônio de Souza Carvalho**, *Niterói/RJ, f.º de Manuel de Carvalho e Ana Maria da Conceição. Pais de:

N.1 **Antônio** *26.12.1814, Porto Alegre.
N.2 **Manuel** *17.11.1816, Porto Alegre.
N.3 **José** *13.3.1819, Porto Alegre.
N.4 **João** *13.4.1821, onde †23.11.1822.

F.5 **Antônio José de Medeiros** *14.3.1791, Porto Alegre, onde a 9.7.1810 ∞ **Maria Joaquina de Castro**, *Porto Alegre, f.ª de André Lopes de Castro e Rosaura Bernarda Ferreira Porto, acima referidos. Antônio foi alfaiate em São Leopoldo, ofício herdado do pai, seu nome constou na relação do censo 1847-1849 em São Leopoldo, como proprietário também de um escravo de nome Francisco, que também era alfaiate. Antônio José e Maria Joaquina foram pais de:

N.5 **Bernardina** *29.4.1811, Porto Alegre.
N.6 **Cândida Maria da Conceição** *7.11.1812, Porto Alegre, onde a 11.1.1830 ∞ **Francisco José da Silva**, *Santana do Sacramento, Bahia, f.º de Francisco Félix da Silva e Clara Maria da Conceição.
N.7 **Inocência Maria da Conceição** *7.11.1812, Porto Alegre e †10.2.1884, São Leopoldo, onde ∞ 23.10.1847 **Manuel Inácio de Santana,** *9.8.1815, Porto Alegre, f.º de Manuel José de Santana, de Viamão, e Maria Inácia da Conceição, da Horta, Ilha do Faial. (v. Manuel Machado Fagundes da Silveira, Qn.11). **Manuel Inácio** ∞ 16.3.1886, São Leopoldo, (2x) Maria Francisca *Santana do Livramento, viúva de Alexandre José Coelho.
N.8 **Antônio** *24.8.1814, Porto Alegre, onde †7.5.1817.

5 No registro de batismo consta Joaquim. Acreditamos tenha sido equívoco do padre.

N.9 **Manuel** *11.7.1816, Porto Alegre, onde †9.5.1821.
N.10 **Vicente** *29.9.1817, Porto Alegre, onde †2.2.1819.
N.11 **Lourenço Machado de Medeiros** *9.7.1819, Porto Alegre, ∞ 10.11.1845, São Leopoldo, **Josefa Maria de Jesus**, f.ª de Inácio Antônio, de Santo Antônio da Patrulha, e Isabel Maria, de Porto Alegre (v. Manuel Dutra do Souto, F.8), c/d em São Leopoldo.
N.12 **João** *16.6.1821, Porto Alegre.
N.13 **Manuel Antônio de Medeiros** *1824, Porto Alegre e † 20.6.1857, São Leopoldo, onde ∞ 31.8.1855 **Maria Angélica Pereira Maciel**, f.ª de José Pereira Maciel e Teresa Maria de Jesus, ambos de Porto Alegre.
N.14 **João Machado de Medeiros** *1830 e †6.1.1883, São Leopoldo, onde a 12.11.1846 ∞ **Joaquina Pereira Maciel**, *4.6.1827, São Leopoldo, f.ª de José Pereira Maciel e Teresa Maria de Jesus, acima citados. C/d em São Leopoldo.

F.6 **Maurícia do Nascimento** *3.10.1793, Porto Alegre e †4.5.1835, com inventário autuado em Porto Alegre, onde a 12.1.1813 ∞ **Lourenço Machado**, *Ilha Terceira, f.º de Antônio Machado e Genoveva Bernarda, ambos da Ilha Terceira. Pais de:
N.15 **Floriana Maria da Conceição** *12.1.1814, Porto Alegre, onde a 23.1.1834 ∞ **Cândido José da Rosa** (v. Antônio da Rosa Garcia, N.1).
N.16 **João** *28.7.1816, Porto Alegre.
N.17 **João Machado Moreira**, alferes, *3.5.1819, Porto Alegre, onde a 20.7.1839 ∞ **Maria Delfina da Rosa** (v. Mateus de Oliveira, Bn.33).

NARCISO PIRES CERVEIRA *10.2.1726, São Pedro da Torre, Valença, Viana do Castelo, PT e †15.8.1784, Enseada de Brito, Palhoça/SC, f.º de João Pires e Maria Afonso, ∞ **MARIA JOSEFA RAMOS**, *7.4.1736, Lajes do Pico, Ilha do Pico e †5.3.1816, Porto Alegre, f.ª de Manuel Ramos Cordeiro ou Manuel dos Ramos, de Lajes do Pico, Ilha do Pico e †2.1772, Enseada de Brito, e Francisca do Rosário Bittencourt, de Lajes do Pico e †2.1782, Enseada de Brito, Palhoça/SC. Pais de:

F.1 **Maria** b. 3.1.1760, Florianópolis/SC (Desterro).
F.2 **Maria Narcisa de Bitencourt** *Enseada de Brito, Palhoça/SC, onde ∞ **Antônio José de Souza**, ali *1772, f.º de João de Souza Cabral e Rosa Maria, ambos de Santo Amaro, Ilha de São Jorge. C/d em Enseada de Brito, Palhoça/SC.
F.3 **Manuel Pires Cerveira** *1764, Enseada de Brito, Palhoça/SC, onde a 16.2.1791 ∞ **Florinda Constância de Bittencourt** (v. João Teixeira Machado, F.5). Pais de:
N.1 **Maria Narcisa Pires Cerveira** *1788, Florianópolis/SC e †4.6.1852, Parobé, ∞ 25.2.1808, Triunfo, **José Martins Philereno/Filereno**, *29.10.1786, Florianópolis/SC (Lagoa da Conceição) e †27.7.1866, Parobé, f.º de Antônio Martins da Rosa e Isabel Machado da Conceição. C/d em Capela de Santana, Parobé e Taquara.
N.2 **João Pires Cerveira** *16.2.1792, Enseada de Brito, Palhoça/SC, ∞ **Leocádia Fausta de Oliveira** (v. Antônio Machado de Souza, N.11 e Francisco José Flores, N.25), c/d em Capela de Santana.
N.3 **Narciso Pires Cerveira** ∞ (1x) **Maria Cândida da Silva** (v. Francisco José Flores, N.59) e ∞ (2x) **Angélica Joaquina da Conceição**. C/d em Capela de Santana.

N.4 **José Pires Cerveira** *17.4.1797, Porto Alegre, e †25.6.1877, Parobé, ∞ 12.5.1829, Porto Alegre, com sua sobrinha **Maria Cândida Martins**, f.ª de José Martins Philereno e Maria Narcisa Pires Cerveira.
N.5 **João** *17.4.1799, Porto Alegre, onde †18.5.1799.
N.6 **Severina Pires Cerveira** *27.4.1800, Porto Alegre, ∞ 24.11.1828, Capela de Santana, **Antônio Joaquim da Cruz**, *Porto Alegre, f.º do cap. Antônio Joaquim da Cruz e Faustina Francisca de Almeida.
N.7 **Leandro** *2.3.1802, Porto Alegre.
N.8 **Constança Maria Pires Cerveira** *10.9.1803, Porto Alegre, onde a 7.6.1820 ∞ **Francisco José Nunes** (v. Cosme Leal, Tn.1).
N.9 **Constantina Bernardina Pires** *10.5.1805, Porto Alegre, ∞ 1.11.1828, Capela de Santana, **Tristão Dionísio da Silva** (v. Manuel de Souza Barros, Bn.19).
N.10 **Leandro Pires Cerveira** *6.12.1806, Capela de Santana, ∞ 20.11.1836, Porto Alegre, sua prima **Maria Leonarda de Almeida** (v. Inácio Antônio Cardoso, N.10).
N.11 **Manuel Pires Cerveira** *2.11.1808, Capela de Santana.

F.4 **Francisco** *1768, Enseada de Brito, Palhoça/SC.

F.5 **Severina Narcisa Cerveira** *1777, Enseada de Brito, Palhoça/SC, onde a 25.2.1797 ∞ **José Inácio Teixeira** (v. João Teixeira Machado, F.3).

PEDRO INÁCIO BORGES (**NEGRI**), ajudante, *31.01.1743, São Bartolomeu, Vila da Praia, Ilha Terceira e †12.11.1812, Rio Pardo, f.º de Tomás Francisco Negri ou Tomé Francisco Negri e Josefa Leonarda. A 12.12.1776, Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, ∞ (1x) **ANA EUFRÁSIA JOAQUINA**, *1757, Vila da Praia, Ilha Terceira, e †22.10.1807, Rio Pardo, f.ª do alferes José Coelho da Costa e Josefa Mariana Bernarda do Amor Divino. Pedro ∞ 4.7.1808, Rio Pardo (2x), **RITA MARIA DE JESUS**, *Ilha de Santa Maria, f.ª de José Duarte de Souza e Rosa de Souza. Houve do 1º casamento:

F.1 **Inácia Joaquina Perpétua** *27.10.1778, Angra do Heroísmo (**Sé**), Ilha Terceira, ∞ 29.7.1800, Rio Pardo, **Francisco José de Figueiredo**, *Rio Pardo, f.º de Francisco José de Carvalho e Maria Joaquina de Almeida. Pais de:
N.1 **Manuel** *26.5.1801, Rio Pardo.
N.2 **Domiciana** *11.9.1802, Rio Pardo.
N.3 **Florisbela** *4.2.1805, Porto Alegre.
N.4 **Custódio** *11.4.1807, Porto Alegre.
N.5 **Umbelina** *29.6.1808, Capela de Santana.
N.6 **Mariana** *11.4.1811, Porto Alegre, onde †4.5.1812.
N.7 **Antônio** *30.11.1812, Porto Alegre.
N.8 **Luísa** *15.9.1814, Porto Alegre.

F.2 **Antônio Joaquim Borges** *13.6.1780, Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira, ∞ **Maria Joaquina.** Cd. Rio Pardo.

F.3 **Inácio Joaquim Borges** *1783, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira.

F.4 **Miguel Joaquim Borges** *22.8.1784, Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira, ∞ 23.1.1809, Rio Pardo, **Teresa Maria de Jesus**, *Rio Pardo, f.ª de José da Rosa Garcia, da Horta, Ilha do Faial, e Rita Maria, da Ilha de Santa Maria. C/d em Rio Pardo.

F.5 **Alexandre José Coelho** *25.1.1787, Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira, ∞ 1808, Capela de Santana, **Ana Matildes de Oliveira**, ali *, f.ª de Maurício José de Souza e Maria Joaquina de Oliveira. C/d em Capela de Santana e Taquari.
F.6 **Margarida Eufrásia Joaquina** *11.7.1788, Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira, ∞ 6.9.1808, Rio Pardo, **Custódio Ferreira de Oliveira**, *Triunfo, f.º de Maurício José de Souza e Maria Joaquina de Oliveira. C/d em Taquari.
F.7 **Teresa** *15.10.1789, Angra do Heroísmo (Conceição), Ilha Terceira.
F.8 **Bernardo José Coelho** *2.2.1791, Rio Pardo.
F.9 **Mariano** *19.9.1792, Rio Pardo.
F.10 **Elias** *4.8.1794, Rio Pardo e † antes do pai.
F.11 **Francisco** *7.7.1796, Rio Pardo.
F.12 **Gertrudes** *18.9.1798, Rio Pardo.

PEDRO JOSÉ DIAS ou **PEDRO JOSÉ VIEIRA** *Ilha Graciosa, f.º de Manuel Vieira e Ana da Conceição ou Ana de Aviz, ∞ **MARIA DA CONCEIÇÃO**, *Povo das Víboras, Montevidéu, Uruguai, f.ª de Manuel Pacheco, da Ilha Terceira, e Clara da Conceição, do Rio de Janeiro/RJ. Pais de:

F.1 **José** *16.3.1796, Porto Alegre.
F.2 **Adão** *20.4.1798, Porto Alegre, onde †31.1.1804.
F.3 **Joaquina** *19.2.1804, Porto Alegre.
F.4 **Isaías**, b. 18.8.1809, Pelotas (b. Rio Grande).

PEDRO JOSÉ FERNANDES *2.6.1722, Lajes, Ilha Terceira, f.º de Gabriel Teixeira e Francisca da Conceição, ∞ **MARIA DA CONCEIÇÃO**, *Fontinhas, Ilha Terceira, f.ª de José Rodrigues ou José Machado e Joana do Espírito Santo. Pedro e Maria são tidos como casal de El-Rei e foram pais de:

F.1 **Luísa Maria da Trindade** b. 17.6.1753, Rio Grande, ∞ 21.4.1771, Rio Pardo, **Manuel José Nunes**, *Ilha do Faial, f.º de Francisco da Rosa Nunes e Catarina de São José.
F.2 **Ana Maria de Jesus** b. 3.11.1757, Rio Grande, ∞ 4.5.1777, Rio Pardo, **Manuel da Rosa**, ali *, f.º de João da Rosa e Maria de Jesus.
F.3 **Gabriel** b. 16.11.1760, Viamão.
F.4 **João José Fernandes** *Porto Alegre, b. 19.5.1762, Viamão, ∞ 6.2.1784, Rio Pardo, Ângela Maria, *Rio Pardo, f.ª de Manuel Pereira Linhares e Joana Inácia.
F.5 **Maurícia Rosa do Sacramento** b. 11.9.1766, Viamão, ∞ 30.10.1783, Rio Pardo, **Custódio Leite Ferreira**, b. 6.6.1762, Rio Pardo, f.º de Manuel de Bittencourt, de Santa Cruz, Ilha Graciosa, e Jacinta Rosa, de Pedro Miguel, Ilha do Faial.

SEBASTIÃO DA FONSECA *b.24.1.1697, Agualva, Ilha Terceira e † depois de 1783, f.º de Antônio Pires e Domingas da Costa, ∞ 18.10.1717, Agualva, Ilha Terceira, **MARIA ÚRSULA DO NASCIMENTO**, ali *, f.ª de Miguel Martins de Almeida e Paula Ferreira. Pais ao menos de:

F.1 **Miguel Luís da Fonseca** *2.9.1718, Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira e †17.7.1791, Porto Alegre, com 80 anos, solteiro, sem filhos e com testamento.
F.2 **Ângelo da Fonseca Velho** b. 21.2.1732, Rio de Janeiro/RJ (Candelária) e †20.7.1787, Gravataí, ∞ 23.8.1762, Rio Grande, **Rosa Maria da Encarnação**, *Madalena, Ilha do Pico e †8.8.1829, f.ª de Manuel Rodrigues Serpa Filho e Maria Rosa da Encarnação. C/d em Santo Antônio da Patrulha, Gravataí e Santo Amaro do Sul.

SEBASTIÃO DE SOUZA *Açores, ∞ **ANTÔNIA MARIA ALVES**, *Porto Alegre, f.ª de Paturnilha de Tal, *parda forra*. Pais de:

F.1 **Feliciana** *12.9.1818, Porto Alegre.

SEBASTIÃO FERREIRA DE CARVALHO *Prainha, Ilha do Pico, onde ∞ **ANA MARIA DE JESUS**, *Prainha, Ilha do Pico. Pais de:

F.1 **Timóteo José de Carvalho**, capitão, *Prainha, Ilha do Pico, ∞ 8.1.1780, Gravataí, **Ana Maria de Jesus Pinto**, *1764, Rio Grande e †27.7.1815, Porto Alegre, casada, f.ª de Antônio Pinto da Costa e Teodósia Maria de Jesus. Pais de:
N.1 **Maurícia Cândida de Carvalho** b. 20.10.1780, Gravataí, ∞ 7.1.1798, Porto Alegre, **Estevão Brocado de Matos**, *freg. Espírito Santo, Pernambuco, f.º do sargento-mor Manuel de Matos Simões, de Lisboa (Almada), Lisboa, PT, e Maria Inácia de Freitas, de PE. Pais de:
Bn.1 **Ana Bernardina Brocado de Matos** *14.6.1799, Porto Alegre, onde a 29.8.1813 ∞ **Joaquim José de Morais e Abreu**, tenente, *Porto Feliz/SP, f.º do capitão-mor Francisco Correia de Moraes Leite e Ana Francisca da Rocha de Abreu. Pais de:
Tn.1 **Ana** *16.11.1814, Porto Alegre.
Tn.2 **Joaquina** *18.9.1816, Porto Alegre.
Bn.2 **Manuel de Matos Simões** *24.7.1800, Porto Alegre, onde a 26.4.1834 ∞ **Francisca Joaquina de Jesus** (v. Francisco Furtado Fanfa, Bn.2). Manuel em 1834 era praça (guarda civil) em Porto Alegre e residia na Rua da Olaria, atual rua Lima e Silva.
Bn.3 **Maria** *13.2.1802, Porto Alegre, onde †5.3.1804.
Bn.4 **Estevão** *8.11.1803, Porto Alegre, onde †5.8.1804.
Bn.5 **Estevão** Cândido de Carvalho *8.9.1814, Porto Alegre, onde a 1.12.1832 ∞ **Emília Matildes da Silva** (v. Manuel de Medeiros, N.3).
N.2 **Mariana Cândida de Carvalho** b. 21.12.1781, Gravataí e †26.7.1804, Porto Alegre, onde a 27.8.1800 ∞ **José Inácio da Costa** (v. João Inácio da Costa, F.1).
N.3 **Bernardina Cândida de Carvalho Pinto** *8.3.1786, Gravataí, ∞ 9.4.1804, Porto Alegre, **Jacinto Inácio da Costa** (v. João Inácio da Costa, F.2).
F.2 **Manuel Joaquim de Carvalho** *1771, Prainha, Ilha do Pico e †21.2.1833, Porto Alegre, ∞ 19.9.1796, Gravataí, **Felipa Rosa de Jesus**, *1.5.1759, Rio Grande e †23.5.1837, Porto Alegre, f.ª de Francisco Martins e Francisca de Assunção, ambos da Ilha Terceira. Pais de:
N.4 **Antônio Joaquim de Carvalho**, capitão, *8.3.1798, Gravataí, ∞ 31.1.1818, Porto Alegre, **Catarina Bárbara de Sena**, *Lisboa, Lisboa, PT, f.ª de José Lopes da Cunha e Maria da Piedade e Oliveira. C/d em Porto Alegre, Gravataí e Santo Antônio da Patrulha. Antônio em 1835 ingressou na Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre, quando declarou viver de seu emprego como Administrador-Geral dos Correios.

F.3 **Maria Máxima da Soledade** *Velas, Ilha de São Jorge, ∞ 1794, Gravataí (1x), **Manuel de Oliveira Pinto**, *Gravataí e †30.7.1799, Porto Alegre, de diabetes, com 27 anos, f.º do tenente Francisco de Souza de Oliveira e Rosa Maria Séria. Maria ∞ 18.10.1801, Porto Alegre, (2x) **José Maria da Silveira**, *Oeiras, Lisboa, PT, f.º de Manuel Matias Feio e Maria Joaquina. Houve do 1º casamento:

N.5 **Francisco de Souza de Oliveira Pinto** *9.7.1796, Porto Alegre, onde a 18.9.1816 ∞ **Ana Teodora Carneiro da Fontoura**, *Rio Pardo, f.ª do tenente-coronel Alexandre de Souza Pereira da Fontoura e Teodora Clara de Oliveira Pinto.

N.6 **Apolônia Maria da Soledade** *23.4.1798, Gravataí e †7.2.1801, Porto Alegre.

SEBASTIÃO TEIXEIRA MACHADO *Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †30.8.1797 talvez em Triunfo, f.º de Manuel Teixeira de Oliveira e Águeda da Silveira, ∞ **LUZIA ANTÔNIA** ou **LUÍSA ANTÔNIA**, *1703, Topo, Ilha de São Jorge e †5.3.1808, Porto Alegre, com 105 anos (sic), f.ª de Marcos Cardoso e Maria Pereira. O casal teve oito filhos, dos quais não encontramos descendência em Porto Alegre:

F.1 **Manuel Teixeira de Brito** *25.12.1755, Rio Grande, ∞ **Eufrásia Maria Buenavides**, *1777, Lages/SC, f.ª de Manuel da Silva Ribeiro e Maria Bernarda do Espírito Santo. C/d em Lages/SC.
F.2 **José Teixeira** *1.2.1757, Rio Grande.
F.3 **João Luís Teixeira** *14.2.1759, Rio Grande, ∞ 26.11.1785, Santo Amaro do Sul, **Maria Jerônima**, *Maldonado, Uruguai, f.ª de Jerônimo Pereira e Maria Rosa. C/d em Santo Amaro do Sul.
F.4 **Francisca Antônia** *15.7.1760, Rio Grande, ∞ 1776, Santo Amaro do Sul, **Sotério Ferreira de Abreu**, *Sabará, Mariana/MG, f.º de Antônio de Abreu, do Porto, PT, e Rita Ferreira, da BA. C/d em Santo Amaro do Sul.
F.5 **Teodora** *1.7.1762, Rio Grande e † antes de 1797.
F.6 **Margarida Antônia** b. 22.12.1764, Triunfo, ∞ 29.10.1785, Santo Amaro do Sul, **Felipe José dos Santos**, *Rio Grande, f.º de José Jorge Fernandes e Helena de São José.
F.7 **Germano Teixeira** b. 29.11.1766, Triunfo, ∞ 27.9.1790, Santo Amaro do Sul, **Felícia Maria dos Santos**, *Santo Amaro do Sul, f.ª de Felipe José dos Santos e Maria Rosa. C/d em Santo Amaro do Sul.
F.8 **Maria Antônia Gomes** b. 4.9.1768, Triunfo, onde a 24.9.1790 ∞ **João Cardoso Lima**, *São José/SP, f.º de Francisco Ribeiro de Lima e Maria Cardoso de Siqueira.

SIMÃO DIAS GONÇALVES *1723, Fontinhas, Ilha Terceira e †22.1.1803 em Santo Amaro do Sul (General Câmara), f.º de João Gonçalves Granade e Catarina Martins, ∞ 13.11.1740, Horta, Ilha do Faial, **MARIA DO ROSÁRIO**, *1722, Cedros, Ilha do Faial e †15.8.1802, Santo Amaro do Sul, f.ª de João Rodrigues de Bem e Maria Rosa. O casal de Simão e Maria é tido como casal de El-Rei e gerou os filhos:

F.1 **Antônio Dias Gonçalves** *17.11.1741, Horta, Ilha do Faial e †1813, Rio Pardo, ∞ 27.9.1769, Taquari, **Maria do Nascimento**, *24.12.1754, Rio Grande, f.ª de Antônio Ma-

chado de Oliveira e Mariana de Jesus, ambos de Urzelina, Ilha de São Jorge. C/d em Taquari e Cachoeira do Sul.
F.2 **José** *9.12.1744, Horta (Matriz), Ilha de São Jorge.
F.3 **José Dias Gonçalves** ou **José de Souza Dias do Nascimento** *25.12.1747, Horta, Ilha do Faial e †12.10.1819, Caçapava do Sul, ∞ 12.8.1769, Taquari, **Rosa Maria de Borba** (v. Manuel Machado de Borba, F.1). C/d em Caçapava do Sul.
F.4 **Vicente** *23.5.1751, Horta (Matriz), Ilha do Faial e †8.4.1752, Rio Grande.
F.5 **Vicente Dias Gonçalves** *Porto Alegre, b. 10.8.1753, Viamão, ∞ 4.9.1773, Taquari, **Maria Inácia de Jesus**, b. 17.6.1756, Viamão, f.ª de Mateus Pereira e Catarina de Jesus, ambos dos Biscoitos, Ilha Terceira. C/d em Santo Amaro do Sul e Taquari.
F.6 **Manuel** *Rio Pardo, b. 19.3.1756, Rio Pardo.
F.7 **Maria Inácia do Espírito Santo** b. 11.6.1758, Triunfo e †2.9.1845, Santo Amaro do Sul, onde a ∞ 25.11.1778 **Manuel Machado de Borba** (v. este nome).
F.8 **Felícia Rosa de Jesus** b. 5.7.1761, Triunfo, †22.7.1851, Rio Pardo, onde ∞ 21.9.1785 **José Jacinto Pereira**, *1755, Rio Pardo, f.º de Antônio Jacinto Pereira e Mariana de São José. C/d em Rio Pardo.

SIMÃO TEIXEIRA *26.10.1699, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †27.8.1785, Porto Alegre, f.º de Antônio Teixeira de Oliveira ou Antônio Teixeira Lopes e Isabel Nunes. Simão ∞ 31.1.1724, Ribeira Seca, **MARIA PEREIRA DE AZEVEDO**, *1683, Urzelina, Ilha de São Jorge e †20.6.1788, Porto Alegre, f.ª de João Pereira e Domingas de Fraga. Pais de:

F.1 **Antônio Pereira de Azevedo** *10.5.1728, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge, ∞ **Maria de Azevedo**, *Ilha de São Jorge, f.ª de Antônio de Azevedo e Maria Pereira. Antônio Pereira e Maria são tidos como casal de El-Rei. Pais de:
N.1 **Manuel** b. 2.12.1753, Viamão, onde †5.12.1753.
N.2 **Antônio de Azevedo** b. 12.11.1754, Viamão, ∞ **Rosa Inácia** (v. Francisco Nunes da Costa, F.2). Pais de:
Bn.1 **João** b. 25.8.1775, Rio Pardo.
Bn.2 **José** *24.7.1777, Porto Alegre, onde †29.1.1779.
Bn.3 **Manuel** *8.12.1779, Porto Alegre.
Bn.4 **Alvino** b. 20.6.1782, Rio Pardo.
Bn.5 **Inocência Clara de Jesus** b. 8.9.1784, Rio Pardo, ∞ **Tomás Antônio Guerra**.
Bn.6 **Maria** b. 13.10.1786, Rio Pardo.
Bn.7 **Simplício** *15.10.1791, Rio Pardo.
N.3 **Pedro** b. 17.7.1757, Rio Pardo.
N.4 **Maria da Conceição de Jesus** ou **Maria de Azevedo** b. 10.1.1760, Rio Pardo e †13.5.1842, com inventário autuado em Porto Alegre. Em Rio Pardo em 1783 ∞ **Manuel Nunes da Costa** (v. Francisco Nunes da Costa, F.4).
N.5 **Teresa** b. 24.8.1762, Rio Pardo.
N.6 **Francisca Rita de Azevedo** *Rio Pardo, onde ∞ **Joaquim Rodrigues de Oliveira**, *1760, Rio Pardo, f.º de Manuel Nunes de Souza e Maria da Ascenção. C/d em Rio Pardo, Encruzilhada do Sul, Cachoeira do Sul, São Gabriel e Santa Maria.

N.7 **José Pereira de Azevedo** *pv. 1770, Rio Pardo, ∞ 4.11.1790, Porto Alegre, (1x) **Perpétua Maria de Jesus** (v. Francisco Nunes da Costa, F.7). José ∞ 4.2.1799, Porto Alegre, (2x) **Quitéria Joaquina** (v. Antônio José de Matos, F.3).

Houve do 1º casamento:

Bn.8 **Flora** *27.8.1791, Porto Alegre.

Bn.9 **Manuel** *26.4.1793, Porto Alegre.

Houve do 2º casamento:

Bn.10 **Desidério Antônio de Azevedo** *12.8.1801, Porto Alegre, onde a 26.111825 ∞ sua prima **Mariana Joaquina da Silva** (v. Antônio José de Matos, N.11).

Bn.11 **Maria Rosa** *8.4.1805, Porto Alegre, onde a 19.6.1826 ∞ **Antônio Fogaça de Almeida**.

Bn.12 **Aurélio Antônio de Azevedo** *8.1.1808, Porto Alegre, onde a 30.5.1831 ∞ sua prima **Ana Joaquina da Silva** (v. Antônio José de Matos, N.17).

F.2 **Isabel de Assunção** *28.4.1731, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †5.6.1788, Mostardas, ∞ **José Francisco de Moraes** ou **José Francisco da Rosa**, *Maldonado, Uruguai, f.º de Francisco Xavier Luís e Luísa da Conceição. C/d em Rio Grande e Maldonado, Uruguai (DOMINGUES, 1994, p. 78).

F.3 **Francisca da Trindade** *17.6.1734, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †9.9.1804, Porto Alegre, viúva de **Antônio dos Santos Maciel**, *pv. 1742, Calheta, Ilha de São Jorge e †7.7.1802, Porto Alegre, com 60 e tantos anos, f.º de Francisco Gonçalves de Borba e Maria de Lemos Maciel – pais também de Miguel dos Anjos Maciel (v. este nome).

F.4 **João Teixeira de Menezes** *13.11.1737, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge e †28.4.1794, Porto Alegre, com mais de 50 anos, muito pobre, ∞ (1x) **Bárbara da Conceição**, †26.4.1778, Estreito, sem filhos. João ∞ 20.10.1787, Porto Alegre, (2x) **Felícia de Santo Antônio** (v. José Antônio da Silveira, F.4). Pais de:

N.8 **Ana Maria da Conceição** ou **Ana Rosa das Dores** *3.1.1789, Porto Alegre, ∞ 12.5.1803, Porto Alegre, (1x) **Manuel José Fernandes**, *Anjos, Vieira do Minho, Braga, PT, f.º de José Fernandes e Esperança Pires. Ana ∞ (2x) **João Bento dos Santos.**

Houve do 1º casamento:

Bn.13 **Manuel** *30.8.1804, Porto Alegre.

Houve do 2º casamento:

Bn.14 **Serafim** *21.2.1817, Porto Alegre.

Bn.15 **José** *10.5.1820, Porto Alegre.

Bn.16 **João José dos Santos**

N.9 **Feliciano José Teixeira** *29.10.1790, Viamão, ∞ **Clara Maria**, *Viamão, f.ª de Francisco de Vargas e Maria Antônia. C/d em Rio Pardo.

N.10 **Silvério** *13.10.1792, Porto Alegre.

N.11 **João** *26.7.1794, Porto Alegre.

F.5 **Matias Pereira Teixeira** *21.2.1741, Ribeira Seca, Ilha de São Jorge, ∞ 16.2.1768, Rio Pardo, **Tomásia Maria de Jesus**, *17.8.1755, Rio Grande, f.ª de José Soares dos Santos e Clara Damásia. Pais de:

N.12 **Ana Joaquina** b. 20.5.1787, Rio Pardo, ∞ **Alberto Francisco Mendes**.

N.13 **Evaristo Soares Pereira** ou **Evaristo Soares da Silva** *Rio Pardo, onde a 3.9.1788 ∞ **Rosa Joaquina de Santana**, *Rio Pardo, f.ª de Antônio Francisco Mendes, de Cabo da Praia, Ilha Terceira, e Maria Santa de Jesus, da Ilha de São Jorge.

F.6 **Rosa Maria Teixeira** ou **Rosa Maria de Jesus** *15.11.1744, Urzelina, Ilha de São Jorge, ∞ 29.6.1761, Rio Grande, (1x) **Inácio Vieira de Magalhães**, soldado dragão, *Itaboraí/RJ e †12.1.1780, Rio Grande, f.º de Inácio Vieira de Magalhães e Rosa Maria de Oliveira. Rosa ∞ 19.11.1780, Rio Grande, (2x) **Inácio Teixeira de Sampaio**, *Rio Pardo, f.º de Luís da Silva Teixeira e Bernarda Rosa de Ramos.
Houve do 1º casamento:

N.14 **Maria** *24.4.1762, Rio Grande.

N.15 **Joana Genoveva** *Maldonado, Uruguai, ∞ 23.2.1789, Porto Alegre, (1x) **Justo dos Santos Maciel**, *Viamão, filho de pais incógnitos. Joana ∞ 23.7.1799, no Erval (registrado em Rio Grande), (2x) **Francisco Pinto Ramires**.

N.16 **Inácio Antônio de Magalhães** (possível) *Maldonado, Uruguai, ∞ 1800, Rio Grande, **Luísa Maria da Conceição**.

N.17 **José Vieira de Magalhães** *20.7.1773, Maldonado, Uruguai, ∞ 6.5.1796, Porto Alegre, **Ana Felícia do Nascimento** (v. Alexandre da Costa Luís, N.12).

N.18 **Brás Inácio** ou **Brás Vieira de Magalhães** *2.2.1776, Maldonado, Uruguai. Teve filhos em Rio Grande com **Matilde Joaquina do Prado** e, após, ∞ 1809, Arroio Grande, **Florinda de Medeiros**.

N.19 **Escolástica** *12.11.1778, Maldonado, Uruguai.

Houve do 2º casamento:

N.20 **Bernardo** *8.12.1782, Rio Grande.

N.21 **Manuel Teixeira de Sampaio** *28.4.1786, Rio Grande, ∞ **Maria Joaquina**.

TEODORO INÁCIO DA SILVEIRA *16.2.1754, Horta (Matriz), Ilha do Faial, f.º de Manuel Inácio da Silveira, da Ilha do Pico, e Josefa Clara Luísa, da Ilha do Faial, ∞ **ANA MARIA DE JESUS**, *Rio de Janeiro/RJ e †26.5.1803, Porto Alegre, com 42 anos, f.ª de Antônio Álvares, da cidade do Porto, PT, e Rosa Laureana, da Ilha Terceira. Pais de:

F.1 **Ana Maria de Jesus** *Rio de Janeiro/RJ, ∞ 1806, Porto Alegre, **Antônio Hilário da Cunha** (v. João da Cunha Pereira, N.21).
F.2 **Elísia Rosa da Conceição** b. 9.5.1786, Rio de Janeiro/RJ (São José) e †21.9.1818, Porto Alegre, onde a 7.1.1808, ∞ **Antônio da Cunha Viana** (v. este nome).
F.3 **Teodoro Inácio da Silveira** *2.3.1791, Porto Alegre, ∞ **Maria Felícia da Anunciação**, *19.12.1794, Gravataí, f.ª de João Ferreira de Lima, de São Paulo e Felícia Maria de Borba, de Rio Grande. Pais de:

N.1 **Júlio** *5.2.1820, Porto Alegre.

F.4 **Leonarda** *13.11.1792. Porto Alegre.
F.5 **José** *13.2.1794, Porto Alegre.
F.6 **Clementino** *14.11.1796, Porto Alegre.
F.7 **Justiniano** *30.10.1798, Porto Alegre.
F.8 **Maria** *17.9.1800, Porto Alegre, onde †27.4.1806.
F.9 **Eugênia** *12.5.1802, Porto Alegre, onde †12.5.1806.

TOMÁS FRANCISCO FLORES *Angra do Heroísmo (Sé), Ilha Terceira, f.º de Miguel Francisco Flores e Laureana Rosa, ∞ 28.2.1814, Porto Alegre, **FRANCISCA ROSA DA SILVA**, *23.7.1786, Cachoeira do Sul, f.ª do alferes João Pinheiro da Silva, da Colônia, Uruguai, e Francisca Rosa de Santana, de Magé/RJ. Tomás e Francisca não permaneceram em Porto Alegre e foram pais ao menos de quatro filhos, talvez nascidos em Rio Grande, dentre eles:

F.1 **Luís da Silva Flores**, doutor em medicina, *30.11.1817, Rio Grande, e †16.7.1880, Rio de Janeiro/RJ, ∞ **Maria da Glória Thompson**, *1824, Niterói/RJ, f.ª do major Ricardo Thompson e Isabel Carlota de Azevedo. Luís foi Irmão da Santa Casa de Porto Alegre, ingresso no ano de 1842, quando residente em Porto Alegre e vivia de seu emprego no hospital militar. De acordo com Sérgio da Costa Franco (FRANCO, 2000, p. 174), Luís da Silva Flores foi profundamente ligado à vida porto-alegrense, como médico humanitário, líder comunitário e prócer político. Registrou seu diploma de médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro perante a Câmara de Vereadores de Porto Alegre em 1844, ano em que foi eleito vereador pela primeira vez. Após, foi deputado provincial por diversas vezes e, após, deputado geral. Dá nome à rua Doutor Flores em Porto Alegre e o seu casal é o patriarca da conhecida família Thompson Flores, que conta com descendentes de destaque principalmente no cenário jurídico e político, como os filhos Carlos Thompson Flores, desembargador, e Tomaz Thompson Flores, coronel, deputado federal e dá nome à rua Tomaz Flores em Porto Alegre (FRANCO, 2000, p. 403), e o neto Carlos Thompson Flores, juiz de direito e ministro do Supremo Tribunal Federal, sem prejuízo de outros.

TOMÁS JOSÉ DA SILVEIRA *Ilha do Faial e †21.2.1791, Porto Alegre, com testamento, f.º de Manuel Silveira e Antônia Maria, ∞ **HELENA FRANCISCA DA CONCEIÇÃO**, em 1791 residente no Rio de Janeiro/RJ, irmã de Antônio José da Silveira. Tomás e Helena tiveram três filhos, 2 homens e 1 mulher, possivelmente moradores no Rio de Janeiro.

TOMÁS PEREIRA *Santo Amaro, Ilha do Pico, ∞ (1x) **BEATRIZ DE SERPA**. Tomás ∞ (2x) ∞ 19.2.1733, Santa Luzia, Ilha do Pico, **MARIA DE SÃO JOSÉ** ou **MARIA DE SÃO JOÃO**, *5.1.1705, Santa Luzia, f.ª de José Pereira Caldeira e Joana Ferreira. Nos batismos dos netos consta que Tomás e Maria eram casal de El-Rei, residente em Porto Alegre.
Houve do 1º casamento:

F.1 **Maria Inácia de São José** (talvez f.ª do 1º casamento de Tomás, pois o nome de sua mãe ora aparece como Maria de São José, ora Beatriz de Serpa) *Santa Maria Madalena, Ilha do Pico, ∞ **Manuel dos Santos Porto**, *Mafamude, Porto, PT, f.º de Domingos dos Santos e Maria Pinto. Pais de:

N.1 **Maria da Conceição** b. 15.1.1752, Rio Grande, ∞ **Francisco Machado de Oliveira** (v. este nome).

N.2 **Narciso** *Porto Alegre e b. 9.6.1757, Viamão.

N.3 **José Inácio dos Santos** *21.7.1761, Porto Alegre (registrado em Viamão), furriel e †28.7.1832, com inventário autuado em Porto Alegre, ∞ 27.11.1779, Porto Alegre, (1x) **Luísa Bernarda**, *São José/SC ou Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de Vicente Cardoso da Silva e Suzana Bernarda. José ∞ (2x) **Ana Inácia**, *10.2.1799, Florianópolis/SC (Lagoa da Conceição), f.ª de Miguel Álvares de Souza e Luísa Rosa da Conceição.

Houve do 1º casamento:

Bn.1 **Mariana Inácia da Silva** *20.1.1781, Porto Alegre, ∞ 1796, Gravataí, **Manuel Cardoso de Lima**.

Bn.2 **Antônio Inácio dos Santos** *6.12.1782, Porto Alegre e † solteiro.

Bn.3 **Vasco** *26.8.1782, Porto Alegre e † antes de seu pai.

Bn.4 **André Inácio dos Santos** *10.11.1786, Porto Alegre, ∞ **Luzia Margarida de Lima**.

Bn.5 **José Inácio dos Santos** b. 18.3.1789, Gravataí.

Bn.6 **Cláudia** *9.2.1793, Gravataí, onde ∞ 1807 **José Antônio de Oliveira**.

Bn.7 **Silvério Inácio dos Santos** *7.9.1794, Gravataí, ∞ **Claudina Rosa da Conceição**.

Houve do 2º casamento:

Bn.8 **João Inácio dos Santos**

Bn.9 **Lino Inácio dos Santos**

Bn.10 **Felicidade Inácia dos Santos ∞ Antônio Martins**.

Bn.11 **Antônio Inácio dos Santos**

Bn.12 **Maria Inácia dos Santos ∞ João Martins**.

Bn.13 **Luísa Inácia dos Santos**

Bn.14 **Rafaela Inácia dos Santos**

Bn.15 **Vicente Inácio dos Santos**

Bn.16 **Diogo Inácio dos Santos**

Bn.17 **Ana Inácia dos Santos**

Bn.18 **José Inácio dos Santos**

N.4 **Vicência Inácia Pereira** *Rio Grande, ∞ 4.10.1770, Triunfo, **Manuel Pereira de Araújo**, *Mogi das Cruzes/SP, f.º de Antônio de Araújo Pereira e Antônia Sardinha. Pais de:

Bn.19 **Inácia** b. 12.6.1774, Triunfo.

Bn.20 **Antônio** *19.10.1776, Porto Alegre.

Bn.21 **Josefa** b. 8.4.1778, Triunfo.

Houve do 2º casamento:

F.2 **Josefa** *1.5.1733, Santa Luzia, Ilha do Pico, onde †4.12.1735.

F.3 **Antônio Pereira de Brito** *30.8.1736, Santa Luzia, Ilha do Pico e †26.10.1821, Capela de Santana e sepultado em Porto Alegre. Em 1758 em Viamão ∞ (1x) **Juliana Dias da Silva**, *Parati/RJ, f.º de Francisco Dias Sales e Maria Nunes de Brito. Antônio ∞ 30.8.1801, Porto Alegre, (2x) **Clara Joaquina de Jesus** (v. Cosme Leal, Bn.2).

F.4 **Domingos Pereira** *8.5.1740, Santa Luzia, Ilha do Pico, ∞ 1761, Viamão, **Maria de São José**, *São Mateus, Ilha Terceira, f.ª de Manuel Cardoso e Josefa de Jesus. Domingos residia em Porto Alegre.

F.5 **Francisco** *7.10.1743, Santa Luzia, Ilha do Pico.

TOMÉ DA ROSA *11.6.1705, Santa Luzia, São Roque do Pico, Ilha do Pico, f.º de Tomé de Castro de Medeiros, de Flamengos, Ilha do Faial, e Joana da Rosa, de Santa Luzia, Ilha do Pico, onde ∞ 14.7.1683, n.p. Baltazar Castro de Medeiros e Luzia Gonçalves e n.m. Diogo Alves Ferreira e Bárbara Rosa. Tomé ∞ 4.1.1739, São Mateus, Ilha do Pico, **ÂNGELA MARIA DO ROSÁRIO**, *28.3.1719, São Mateus, Madalena, Ilha do Pico, f.ª de Manuel Pereira Pires e Maria do Rosário, e n.m. Sebastião Goulart e Páscoa Garcia. Tomé e Ângela são tidos casal de El-Rei e foram pais de:

F.1 **Rosa** *14.3.1740, São Mateus, Ilha do Pico.
F.2 **Francisco** *11.4.1749, São Mateus, Ilha do Pico, onde †17.1.1750.
F.3 **Maria** *23.1.1751, São Mateus, Ilha do Pico.
F.4 **José** *Porto Alegre e b. 21.1.1754, Viamão.
F.5 **Antônio** *20.11.1755, Rio Grande.

TOMÉ GARCIA *1733, Ilha do Pico e †22.6.1783, Porto Alegre, ∞ **VICÊNCIA ROSA**.

TOMÉ MACHADO OURIQUE *6.2.1726, Biscoitos, Ilha Terceira e †5.10.1771, Florianópolis/SC, onde foi vereador em 1765, f.º de Manuel Fernandes Ourique e Francisca da Conceição, ambos de Biscoitos, ali ∞ 16.2.1711, n.p. Tomé Fernandes Ourique e Maria de Melo e n.m. Manuel Rodrigues Couto Filho e Feliciana Machado. Tomé ∞ **MARIA DE JESUS**, *1736, Biscoitos, Ilha Terceira e †31.3.1816, Porto Alegre, f.ª de João Gonçalves Godinho e Maria Nunes, ∞ 4.2.1712, Biscoitos, n.p. João Gonçalves Godinho e Maria da Cruz e n.m. João Rodrigues Gato e Maria Nunes. Com a invasão espanhola em 1763 em Rio Grande, a família fugiu para Florianópolis/SC. Pais de:

F.1 **Joaquim José Machado Ourique** *23.12.1754, Rio Grande e †11.4.1825. A 18.11.1777, Florianópolis/SC (Desterro) ∞ (1x) **Ana Joaquina da Encarnação**, ali b. 18.8.1763 e †20.5.1786, Porto Alegre, f.ª de Manuel da Cunha e d. Antônia Paula de Jesus, ambos de Guadalupe, Ilha Graciosa. Joaquim ∞ 27.6.1794, Cachoeira do Sul (2x) d. **Maria Joaquina de Carvalho e Silva**, ali b. 27.9.1780, f.ª do capitão Manuel Carvalho da Silva, da cidade do Porto (São Nicolau), PT, e Faustina Correia Pires, de Viamão. C/d do 2º casamento em Cachoeira e Rio Pardo.
F.2 **Eugênia Rosa de Jesus** *16.2.1758, Rio Grande e †4.1.1793, Porto Alegre, ∞ 7.1.1774, Florianópolis/SC (Desterro) (1x) **Agostinho José Osório**, *Requião, Vila Nova de Famalicão, Braga, PT, f.º de Bernardo José Osório e Maria. Eugênia ∞ (2x) **Francisco José Cidade**, b. 26.2.1755, Florianópolis/SC (Desterro) e †18.3.1803, Porto Alegre, f.º de José da Costa Cidade, da cidade do Porto (N. Sra. da Vitória) e Joana Rosa de Bittencourt, de São Mateus, Ilha Terceira. Sem filhos.
F.3 **Rosa** *4.9.1760, Rio Grande.
F.4 **Maria Antônia de Jesus** *30.11.1762, Rio Grande e †24.4.1798, Porto Alegre, ∞ 3.8.1783, Florianópolis/SC (Desterro), o tenente-coronel **Manuel José de Leão**, *1759-1762, Laguna/SC e †18.5.1834, Porto Alegre, f.º do cirurgião-mor João José de Leão, de Manzanares, Espanha, e Maria do Rosário, do Topo, Ilha de São Jorge. Manuel José de

Leão foi grande negociante, charqueador e proprietário de muitas terras, inclusive da Fazenda Padre Eterno que deu lugar ao município de Sapiranga e arredores. Teve charqueadas, assim como seus quatro filhos, no que é hoje o município de Charqueadas. Foi um dos que auxiliou na instalação da Santa Casa de Porto Alegre.[6] Pais de:

N.1 **Manuel José de Leão** *5.2.1785, Laguna/SC e †26.3.1863, São Jerônimo. A 6.11.1815, Cachoeira do Sul, ∞ **Clara Fausta de Carvalho**, ali *22.4.1798 e †11.6.1876, Charqueadas, f.ª do tenente José Carvalho da Silva e Anacleta Maria de Santana. C/d em Charqueadas.

N.2 **Francisco José de Leão** (Chico Leão) *1.2.1787, Laguna/SC e †18.9.1839, Charqueadas/RS, assassinado na Revolução Farroupilha, ∞ **Rosaura Clara de Oliveira**, *Lapa/PR ou Sorocaba/SP e †7.7.1886, Charqueadas, f.ª de Francisco Rodrigues ou Inácio José de Carvalho e Maria Clara de Albuquerque. C/d em Charqueadas.

N.3 **José Manuel de Leão** (Juca Leão) *3.7.1788, Laguna/SC e †18.9.1839, Charqueadas, assassinado durante a Revolução Farroupilha. Foi coronel da Legião de Triunfo em 1831, charqueador e promotor público. José ∞ 24.6.1813, Porto Alegre, **Ana Joaquina da Silva**, ali *23.11.1794 e †19.1.1866, Charqueadas, f.ª de João Ferreira da Silva, do Rio de Janeiro/RJ, e Maria Isabel de Azevedo, da Colônia do Sacramento, Uruguai. José teve três filhos com **Mafalda Rita de Jesus**, *Porto Alegre, f.ª de Francisco Antônio Barbosa e Maria Josefa da Conceição. C/d dentre eles o Dr. Sebastião Afonso de Leão (Coruja Filho), médico e historiador, que dá nome a uma rua em Porto Alegre.

N.4 **Salvador José de Leão** *25.12.1789, Laguna/SC e †9.6.1829, Porto Alegre. A 24.5.1829, Triunfo, ∞ **Antônia Luísa de Lima**, *27.6.1805, Gravataí e †27.9.1853, Porto Alegre, f.ª de Francisco de Lima, de Curitiba/PR, e Francisca Maria Pedroso, de Gravataí. C/d em Charqueadas, dentre eles o filho João Antônio de Leão, tetravô de Diego de Leão Pufal.

F.5 **Manuel José Machado**, capitão, *pv. 1763-1764, Rio Grande e †9.7.1803, Rio Pardo, onde foi fazendeiro, proprietário da estância da Vitória e serviu no Regimento de Auxiliares, no posto de Capitão, ∞ 12.6.1778, Florianópolis/SC (Desterro) **Maria Antônia da Encarnação**, ali b. 18.8.1755 e †18.2.1821, Rio Pardo, f.ª de Manuel da Cunha e d. Antônia Paula de Jesus, ambos de Guadalupe, Ilha Graciosa, acima citados. C/d em Rio Pardo, Itaqui, Encruzilhada do Sul e Porto Alegre. Dos oito filhos, destacamos:

N.5 **José Antônio Machado Ourique**, tenente, *18.9.1796, Rio Pardo e †26.10.1853, Porto Alegre. Foi fazendeiro em Rio Pardo e integrou à Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre. A 9.10.1820, Porto Alegre, ∞ sua prima **Eugênia Rosa de Jesus** (v. Leandro José da Costa, F.5). Pais de:

Bn.1 **José Machado Ourique** *1.5.1822, Porto Alegre.

6 Para maiores informações, veja: PUFAL, Diego de Leão. *A família Leão e a Fazenda Padre Eterno: história e genealogia,* artigo publicado no *Raízes de Nova Hartz* (Véra Lucia Maciel Barroso, Roseli Jacinta Führ, Vania Inês Avila Priamo e Denize Groff, orgs.). Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012, v. II, E *A Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre: fontes para a genealogia e a família Leão*, artigo publicado em *Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre: histórias reveladas.* Centro Histórico-Cultural Santa Casa. Porto Alegre: Ed. da ISCMPA, 2009.

Bn.2 **João Batista Machado Ourique** *24.6.1823, Porto Alegre, onde a 28.8.1844, ∞ **Sofia Ângela de Andrade**, c/d em Porto Alegre.

F.6 **Damásia Machado Ourique** ou **Damásia Rosa de Jesus** b. 27.2.1766, Florianópolis/SC (Desterro), onde a 18.6.1781 ∞ o tenente **Leandro José da Costa** (v. este nome).

VALÉRIO JOSÉ DA COSTA MACHADO *Nordeste, Ilha de São Miguel e †9.8.1855, Porto Alegre, aos 73 anos, f.º de Antônio José Leite e Teresa Maria de Nazaré. A 31.5.1812, Porto Alegre, ∞ (1x) **GERALDA MARIA DE JESUS**, *3.12.1780, Porto Alegre, onde †16.2.1821, viúva de Joaquim Bruno Labruge (v. este nome), f.ª de Joaquim José Pinto, de Santos/SP, e Maria Jacinta de Jesus, de Rio Pardo. Valério a 17.12.1822, Porto Alegre, ∞ (2x) **VICÊNCIA ROSA DE JESUS**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de Antônio José da Rosa e Maria Verônica do Rosário. Filhos do 1º casamento de Valério:

F.1 **Cândida Maria de Nazaré**, *Porto Alegre, onde a 11.2.1832 ∞ seu primo em 3º **Manuel da Costa Ferreira** (v. João da Costa Ferreira, F.1).

F.2 **Feliciana** *17.6.1816, Porto Alegre.

VENTURA PIMENTEL ou **BOAVENTURA PIMENTEL** *2.7.1733, São Mateus, Ilha Graciosa e †10.2.1792, Porto Alegre, f.º de Manuel Mendonça Sodré e Antônia Pereira. Ventura ∞ **TERESA MARIA DO NASCIMENTO**, *21.12.1733, Castelo Branco, Ilha do Faial e †1.11.1813, Porto Alegre, f.ª de João Rodrigues de Freitas e Teresa Maria Garcia. Pais de:

F.1 **Inácia Maria Pimentel** b. 22.7.1754, Florianópolis/SC (Desterro), ∞ **Joaquim José Pereira**, *1743, Ilha do Faial e †25.5.1793, Porto Alegre, sem testamento, por ser pobre, f.º de Tomás Pereira e Maria da Conceição. Pais de:

N.1 **Eulália** *2.9.1771, Viamão.

N.2 **Feliciano José** *8.6.1776, Rio Grande, ∞ 16.9.1808, Triunfo, **Adriana Maria**, *liberta*.

N.3 **Antônio** b. 28.11.1782, Santo Amaro do Sul.

N.4 **Ana Joaquina** *3.10.1784, Porto Alegre, ∞ 21.2.1800, Rio Pardo, **Antônio José de Santa Ana**, soldado dragão, *Florianópolis/SC, f.º de Antônio José de Santa Ana e Teresa Joaquina de Jesus. C/d em Rio Pardo.

N.5 **Maria Joaquina** b. 26.7.1787, Triunfo, ∞ 26.6.1809, Porto Alegre, **José dos Santos Barbosa**, b. 26.3.1753, Florianópolis/SC (Desterro), f.º do soldado José dos Santos Barbosa e Eugênia de Figueiredo Maciel, ambos do Rio de Janeiro/RJ (Sé).

N.6 **José Joaquim Pereira** *27.2.1791, Porto Alegre, onde a 22.8.1810 ∞ **Joana Eufrásia de Oliveira** (v. Francisco Machado de Oliveira, N.3). Pais de:

Bn.1 **Peregrino** *10.12.1811, Porto Alegre.

Bn.2 **Teodora** *2.11.1813, Porto Alegre.

F.2 **Manuel Ventura** *Florianópolis/SC. Foi encontrado morto a 10.7.1809, com inventário autuado em Porto Alegre, sendo sua viúva residente no distrito do Caí, ∞ **Águeda Maria de Jesus**, *Rio Pardo, f.ª de Manuel Rodrigues e Francisca Rosa. Pais de:

N.7 **Tomás** *1.11.1803, Porto Alegre.

N.8 **Ana Clara da Conceição** *Triunfo, ∞ **Apolinário José de Borba Machado**. C/d em Triunfo.

N.9 **Cecília** *27.10.1799, Rio Grande e † antes de seu pai.

F.3 **Joaquim** *20.7.1757, Rio Grande.

F.4 **Antônio Ventura** ou **Antônio Boaventura** *29.5.1760, Rio Grande e †14.7.1807, Porto Alegre, onde a 20.8.1791 ∞ **Genoveva Inácia** (v. Manuel Gomes da Rocha, F.10). Pais de:

N.10 **Cândida Maria Inácia de Jesus** *2.11.1792, Porto Alegre, onde a 7.1.1809 ∞ (1x) **Diogo dos Reis** ou **Diogo Rey** ou **Orrey** ou **Ray**, *Irlanda e †1833, com inventário autuado em Porto Alegre, f.º de Thomas Rey e Maria Macdonald. Cândida ∞ (2x) **Tomás Luís Nunes.** Houve do 1º casamento:

Bn.3 **Felicidade** *13.12.1809, Porto Alegre e † antes de seu pai.

Bn.4 **Joaquim Diogo dos Reis** *13.8.1811, Porto Alegre, ∞ 29.6.1867, São Francisco de Paula, **Teresa Maria de Jesus**.

Bn.5 **Diogo Antônio dos Reis** *4.1.1813, Porto Alegre, ∞ **Floriana Nunes de Almeida** ou **Floriana Nunes Ferreira**, *São Francisco de Paula, onde deixaram descendência.

Bn.6 **Justina** *13.9.1814, Porto Alegre e † antes de seu pai.

Bn.7 **Francisco Diogo dos Reis** *22.11.1816, Porto Alegre, ∞ 26.11.1842, Gravataí, **Joana Maria da Conceição**.

Bn.8 **João Diogo Rei** *13.7.1818, Gravataí.

Bn.9 **Manuel** *7.5.1820, Porto Alegre e † antes de seu pai.

Bn.10 **Laufrido** *22.2.1827, Gravataí.

Bn.11 **Felicidade** *13.5.1829, Porto Alegre.

Bn.12 **Cândida** *19.10.1830, Gravataí.

Bn.13 **Porfírio Diogo dos Reis** *Gravataí, onde a 13.8.1851 ∞ **Antônia Maria de Jesus**.

Bn.14 **José Rei**

Bn.15 **Custódia**

Bn.16 **Maria**

N.11 **Joaquim** *24.7.1794, Porto Alegre.

N.12 **Tomásia Maria da Conceição** *18.9.1795, Porto Alegre, onde a 19.10.1822 ∞ **José Tomás de Almeida** (v. João de Souza Machado III, N.1).

N.13 **Ana** *18.12.1796, Porto Alegre.

F.5 **José Ventura** *7.3.1762, Rio Grande e †16.1.1842, Porto Alegre, onde a 25.11.1783 ∞ **Maria Inácia** (v. Manuel Gomes da Rocha, F.9). Pais de:

N.14 **Manuel** *3.10.1784, Porto Alegre, onde †21.10.1784.

N.15 **Isabel Maria da Conceição** *13.2.1787, Porto Alegre, onde a 20.2.1805 ∞ **José Bento**, *1777, Fornelos de Montes, Pontevedra, Espanha e †9.11.1812, Porto Alegre, f.º de Antônio Bolhozo ou Bajoia e Rosa Maria Gonçalves. Pais de:

Bn.17 **Maria** *30.1.1806, Porto Alegre.

Bn.18 **Maria Angélica** *15.6.1807, Porto Alegre, onde a 25.8.1821 ∞ **José Luís da Silva**.

Bn.19 **Cândida Maria Bento** *1.1.1813, Porto Alegre, onde ∞ 9.9.1827 **Manuel José dos Santos**.

N.16 **Ventura José da Rocha** *1.5.1790, Porto Alegre.

N.17 **Antônio Ventura** ou **Antônio Boaventura da Rocha** *12.4.1792, Porto Alegre, onde a 7.11.1812[7] ∞ **Maria Joaquina de Jesus** (v. Manuel Teixeira Afonso, N.3).
N.18 **José Ventura** ou **José Boaventura da Rocha** *15.12.1793, Porto Alegre e † antes de seu pai. Em Porto Alegre, a 17.8.1814, ∞ **Maria Rosa da Conceição** (v. Francisco Nunes da Costa, N.18). Pais de:
Bn.20 **Emília** *1813/1814, Porto Alegre, onde † 25.1.1816, com 3 anos.
Bn.21 **Constantino** *13.6.1815, Porto Alegre.
Bn.22 **Antônio** *3.4.1818, Porto Alegre, onde †11.1.1819.
Bn.23 **Emília** *17.2.1820, Porto Alegre.
Bn.24 **João** *1.9.1821, Porto Alegre, onde †28.12.1822.
Bn.25 **Joaquim José Ventura**
Bn.26 **Maria Batista Gomes**
N.19 **Ana** *10.11.1795, Porto Alegre.
N.20 **Joaquim** *27.9.1796, Porto Alegre.
N.21 **Rosa Maria Ventura** *27.5.1798, Porto Alegre, onde ∞ 7.6.1819, Porto Alegre, (1x) **Manuel da Luz**, *Paranaguá/PR, f.º de Antônio Gomes ou Antônio dos Santos e Josefa Maria, ambos de Paranaguá/PR. Rosa ∞ (2x) **Joaquim Antônio Machado**, *4.11.1792, Florianópolis/SC (Santo Antônio de Lisboa), f.º de Antônio de Souza Machado e Maria Josefa. Houve do **1º** casamento:
Houve do 1º casamento:
Bn.27 **Esmerilda** *7.3.1820, Porto Alegre.
Bn.28 **Maria** *12.9.1821, Porto Alegre.
Houve do 2º casamento:
Bn.29 **Isabel Maria Ventura**, b. 5.11.1833, com 7 meses, Porto Alegre, ∞ **Estácio Gonçalves do Saibro** (v. José Rodrigues Peixoto, Tn.7).
Bn.30 **José** *27.10.1835, Porto Alegre
N.22 **João Ventura da Rocha** b. 22.9.1800, Porto Alegre, ∞ **Laurinda Maria da Conceição**.
N.23 **Manuel Ventura da Rocha** *20.6.1802, Porto Alegre, onde ∞ **Maria Antônia da Conceição** (v. Antão Pereira Machado, Tn.4).
N.24 **Francisco Ventura** *8.3.1805, Porto Alegre, ∞ **Prudência**.
N.25 **Delfina Maria da Conceição** *23.11.1806, Porto Alegre, onde a 6.2.1828 ∞ (1x) **José Antônio de Sá** ou **José de Salles**, *Vila Flor, Nisa, Portalegre, PT, f.º de Antônio José de Sá e Maria Bernarda. Delfina ∞ 7.3.1843, Porto Alegre, (2x) **Carlos José da Silva**, *AL ou BA, f.º de Manuel José Porto ou Manuel José de Guimarães e Antônia Maria do Espírito Santo.
N.26 **Constância Maria** *20.12.1809, Porto Alegre, onde a 15.6.1829 ∞ **Domingos Machado da Silveira**, *São José do Norte, f.º de Manuel Machado da Silveira e Bernarda Rosa de Jesus.
N.27 **Emília** *2.6.1813, Porto Alegre.
F.6 **Esperança Maria de Jesus** b. 3.12.1769, Porto Alegre (registrado em Viamão), onde †14.5.1803. A 23.2.1786, Porto Alegre, ∞ **Servando da Motta Maltez** (v. Manuel de Oliveira, N.7).

7 Em seu casamento consta como filho de Antônio Boaventura e Maria Inácia. Acreditamos tenha sido equívoco do padre quanto ao nome do pai.

VICENTE CARDOSO SOARES *1741, Ilha Terceira e †7.6.1801, Porto Alegre, ∞ (1x) **ROSA INÁCIA**, *pv. 1702, Angra do Heroísmo, Ilha Terceira e †1.7.1792, com mais de 90 anos, Porto Alegre, ∞ 11.10.1792, Porto Alegre, (2x) **LUZIA TAVARES** *Cedros, Ilha do Faial e †31.12.1806, Porto Alegre, com 95 anos, *não fez testamento por muito pobre*. Luzia era viúva de Manuel de Medeiros (*10.11.1711, Cedros, Ilha do Faial e †25.3.1763, Rio Grande, f.º de Domingos Pereira de Medeiros e Catarina de Medeiros).

VICENTE FERREIRA DA COSTA *30.8.1749, Candelária, Ilha do Pico, f.º de Manuel Ferreira da Costa e Águeda da Rosa, ∞ 7.1.1772, Triunfo, **GERTRUDES MARIA DE JESUS**, *Florianópolis/SC (Desterro), f.ª de Francisco Martins e Francisca da Assunção. O casal teve 2 filhos em Porto Alegre e depois mudou-se para Gravataí, onde nasceram mais 3 filhos. Em Porto Alegre geraram:

F.1 **Inácia** *26.1.1776, Porto Alegre.
F.2 **Escolástica Maria de Jesus** *21.2.1778, Porto Alegre, ∞7.8.1800, Gravataí, **Manuel Antônio Coelho.**

Referências

AMARAL, Ivone Lêda do; JACCOTTET, Alda Maria de Moraes; MATTOS, Mario Barboza de (Org.). *Largueza histórica do Estreito*. Pelotas: UFPel, 2000.

ARAÚJO FABRÍCIO, José. Os Vargas*:* uma estirpe faialense no Rio Grande do Sul (2ª parte). *Revista do IHGRGS*. Porto Alegre: 1986, v. 124.

ARAÚJO FABRÍCIO, José de. A freguesia de N. S. Bom Jesus do Triunfo. *Revista do IHGRGS*, n. 105, 1947.

ARAÚJO FABRÍCIO, José. Inácio Francisco de Melo. *Revista do IHGRGS*. Porto Alegre: 1975, v. 121.

BENTO, Cláudio Moreira. *Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul* (1635 a 1870). Porto Alegre: A Nação, 1976.

BORGES FORTES, João. *Os casais açorianos:* presença lusa na formação do Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978.

BORGES FORTES, João. *Troncos seculares:* povoamento do Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998.

CARVALHO, E. d´Artagnan. *Repertório Sul Riograndense*. Porto Alegre: ed. do autor, do acervo do Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul.

CARVALHO, Mário Teixeira de. *Nobiliário Sul Riograndense*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

CORUJA, Antônio Álvares Pereira. *Antigualhas:* reminiscências de Porto Alegre. Organização e notas de Sérgio da Costa Franco. 2. ed. Porto Alegre: EU, 1996.

DOMINGUES, Moacyr. Antigas famílias patrulhenses. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel. (Org.). *Presença Açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST, 1993.

DOMINGUES, Moacyr. *Portugueses no Uruguai*. Porto Alegre: EST, 1994.

FERRAZ, João Machado. *Os primeiros gaúchos da América Portuguesa*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.

FIGUEIREDO, Osório Santana. *Uma Santa Casa feita de amor*. Santa Maria: Pallotti, 1998.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Gente e espaços de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Guia histórico de Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1988.

GHISLENE, Maria Helena Peña. *Açorianos no Rio Grande do Sul:* documentos interessantes. Porto Alegre: Caravela, 1991.

JACCOTTET, Alda Maria de Moraes; MINETTI, Raquel Dominguez de. *Diáspora açoriana na Vila de Rio Grande de São Pedro antes da invasão espanhola*. Pelotas: Ed. da autora, 2001.

KOLIVER, Isete Maria. *Taquara do Mundo Novo*. Porto Alegre: Pallotti, 1996.

MEIRELLES-LEITE, Daniel Teixeira; ROCHA, Roberto Martins da. *Os descendentes de Manoel Cardoso Beirão de Oliveira:* genealogia. Porto Alegre: EST, 2015.

MENDES, Antonio Ornelas; FORJAZ, Jorge. *Genealogias da Ilha Terceira*. Lisboa: DisLivro, 2007.

NEVES, Ilka. *Canguçu-RS:* primitivos moradores, primeiros bat*ismos*. Pelotas: UPFEL, 1998.

RHEINGANTZ, Carlos G. *Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande (1776-1976)*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, 1979, v. II.

RUBERT, Arlindo. *História da Igreja no Rio Grande do Sul: época colonial*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, vol. 1.

RUBERT, Arlindo. *História da Igreja no Rio Grande do Sul: época imperial (1822-1889)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, v. 2.

PUFAL, Diego de Leão. A família Oliveira Lima (descendentes do padre João de Oliveira Lima), em Santo Antônio da Patrulha. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel; LAUCK, Fernando Rocha. (Org.). *Raizinha IV*. Porto Alegre: Evangraf, 2020.

PUFAL, Diego de Leão. A Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre: os irmãos ingressos de 1851 a 1871 – nominata, curiosidades e algumas análises. In: *Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre*: Histórias Reveladas V. Porto Alegre: ISCMPA, 2017.

PUFAL, Diego de Leão. A Irmandade da Santa Casa de Porto Alegre: primórdios, curiosidades e 'homens bons'. *Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre:* Histórias Reveladas III. Porto Alegre: Evangraf; Ed. da ISCMPA, 2013.

SANTOS, Roni de Vasconcelos; VELLOSO, Viviane Wiedemann; PUFAL, Diego de Leão. Uma família cristã-nova em Santo Antônio da Patrulha: os Henriques de Carvalho. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel; LAUCK, Fernando Rocha. (Org.). *Santo Antônio da Patrulha:* Raizinha IV. Porto Alegre: Evangraf, 2020.

XAVIER, Paulo Jaures Pedroso. *Descendentes de famílias povoadoras de Santo Antônio da Patrulha em Cachoeira do Sul*. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel. (Org.). *Açorianos no Brasil:* História, Memória, Genealogia e Historiografia. Porto Alegre: EST, 2002.

WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; Instituto Cultural Português, 1979.

WIEDERSPAHN, Henrique Oscar. *Título Costa Torres*. Manuscrito genealógico organizado por Jorge Godofredo Felizardo, ordenado e ampliado pelo Tenente-Coronel Henrique O. Wiederspahn. São Paulo: ed. do autor, s/d. Tomo 1.

Acervos

ARQUIVO DA CÚRIA DE BAGÉ: registros paroquiais de batismos, casamentos e óbitos de São Gabriel.

ARQUIVO DA CÚRIA DE OSÓRIO: registros paroquiais de batismos, casamentos e óbitos de Santo Antônio da Patrulha e Osório.

ARQUIVO DA IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS (Igreja Mórmon), pelo site *familysearch.org*.

ARQUIVO HISTÓRICO DA CÚRIA METROPOLITANA de Porto Alegre (AHCMPA). Livros de batismos, casamentos e óbitos de Porto Alegre, Viamão, Encruzilhada do Sul, Rio Pardo, Triunfo, Santo Amaro do Sul, Capela de Santana, Taquari, Camaquã, Tapes, Guaíba, São Leopoldo, São Jerônimo, Gravataí; processos de habilitação de casamento; Arquivo do genealogista Jorge Godofredo Felizardo.

Arquivos pessoais de Diego de Leão Pufal, Ernani Raupp Manganelli, Gilson Justino da Rosa, Dr. Gustavo Py Gomes da Silveira (*In memoriam*), Hélder de Oliveira, João Simões Lopes Filho, Dr. Paulo Jaurés Xavier (*In memoriam*), Dr. Roni de Vasconcelos Santos (*In memoriam*), Sílvia Helena Faria (*In memoriam*) e Zélce D. Mousquer.

ARQUIVO HISTÓRICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (AHRS): Requerimentos do Fundo da Fazenda.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (APERS). Inventários, testamentos e livros de tabelionato de Porto Alegre.

CENTRO HISTÓRICO-CULTURAL DA SANTA CASA (CHC). Livros de entrada de irmãos, quadros.

DIREÇÃO REGIONAL DA CULTURA. CENTRO DE CONHECIMENTO DOS AÇORES. Registros paroquiais. Disponível em http://www.culturacores.azores.gov.pt/ig/Default.aspx

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (IHGRGS). Acervo do genealogista Moacyr Domingues e livro da Irmandade do Divino Espírito Santo de Porto Alegre.

UNIVERSIDADE DO MINHO. Grupo de História das Populações (CITCEM). Genealogias. Disponível em http://www.ghp.ics.uminho.pt/

UM NOBRE AÇORIANO E SUA DESCENDÊNCIA NO RIO GRANDE DO SUL: O 1º VISCONDE DE CASTRO

Miguel Antônio de Oliveira Duarte[1]

O médico e historiador Mário Teixeira de Carvalho (1906-1945), falecido precocemente por causa da tuberculose, nos legou o seu excepcional *Nobiliário Sul-Riograndense*[2]. Contava meu pai, que privou da amizade do autor, enquanto administrador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, onde o genealogista era Membro Efetivo, desde junho de 1937, que o historiador, desiludido com críticas negativas ao seu livro, queimou em uma fogueira diversos exemplares, o que justificaria a sua restrita circulação.

Sejam quais forem os pequenos enganos que ocorrem no livro, ainda assim é possível corrigi-los, quando se faz o estudo das famílias, não diminuindo de maneira alguma a grande contribuição deste linhagista à Genealogia Histórica do Rio Grande do Sul.

Seu livro, sempre que possível, traz retratos a bico de pena executados pelo artista João Faria Viana, baseados em fotografias e em pinturas a óleo que, fidedignas em sua maioria, são acrescidas com os brasões de armas.

No que diz respeito ao 2º Visconde de Castro, à sua ascendência e descendência, lhe é dedicado cinco páginas (61-65), além das ilustrações.

Diz o texto, com as pequenas correções necessárias que nos foram possíveis emendar e acrescentar:

1 Arquiteto e pesquisador. Autor dos livros: *Faça Chuva ou Faça Sol: fotógrafos em Porto Alegre (1849-1909)*, 2016; *Photographos no Rio Grande do Sul (1848-1948)*, 2021 e *Porto Alegre: Cartões Postais & Crônicas*, 2022. Ex-diretor do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (1991-1994) ex-secretário executivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1980-2009). Porto Alegre/Rio Grande do Sul-Brasil.

2 CARVALHO, Mário Teixeira de. *Nobiliário Sul-Riograndense*. Porto Alegre: Of. Graf. da Liv. do Globo. 1937.

1º Visconde de Castro

O 1° Visconde de Castro, que também se chamava João de Castro do Canto e Melo, era natural da ilha Terceira, onde nasceu, em 1740. Faleceu em São Paulo, em 1826. Era filho de João Batista do Canto e Melo, natural da ilha Terceira, Fidalgo Cavaleiro da Casa de S. M. REAL, e de sua esposa D. Isabel Ricketts, natural da ilha de Jamaica e filha de George Ricketts e de D. Sara White, naturais da Inglaterra. O 1° Visconde de Castro veio para São Paulo, em 1772, no posto de Alferes, passando logo após a Tenente do Regimento de Voluntários Reais. Militou com distinção na Campanha de Rio Grande, na qual conquistou o posto de Brigadeiro.

Figura 1 – 1° Visconde de Castro



Fonte: Dom Pedro I e a Marquesa de Santos, de Alberto Rangel.

Era Grande do Império, Fidalgo Cavaleiro da Casa de S. M. Fidelíssima, Gentilhomem da Imperial Câmara, Comendador da Real Ordem de Cristo e Comendador da Imperial Ordem de São Bento de Aviz. Era Monteiro-Mor[3] de S. M. REAL e Camarista de S. M. O IMPERADOR.

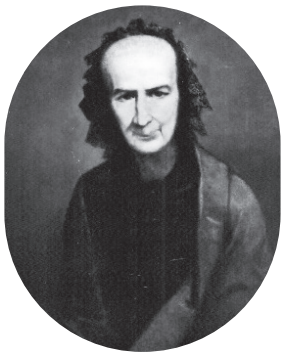
Foi agraciado com o título de Visconde de Castro, em 12 de outubro de 1825, sendo elevado a Visconde – com grandeza – da mesma denominação por Decreto Imperial de 12 de outubro de 1826.

> *Nesta Igreja Matriz da Vila de São Sebastião, e pia batismal dela batizei, e logo pus os Santos Óleos a Escolástica; filha de José Bonifácio Ribas natural da Cidade do Rio de Janeiro, e de sua mulher Ana Maria de Tolledo* natural da Vila de Paranaguá moradores nesta de São Sebastião; neta pela paterna de Carlos José Ribas, natural de Lisboa, e de sua mulher Engrácia Maria natural do Rio de Janeiro; e pela materna de Pedro Alves da Paz natural da Vila de Santos; e de sua mulher Escolástica de Toledo natural da Cidade de São Paulo; todos fregueses desta freguesia foram padrinhos o *Capitão Carlos José Ribas, e Ana Josefa mulher do Capitão Manuel Lopes e para constar fiz este assento no mesmo dia, mês e hora ut supra. = O Vigário Domingos da Costa Ribeiro.*

3 Oficial da Casa Real, que governa das coutadas [mata ou terras], e dirige as caçadas reais, e as pessoas a elas pertencentes. Cf. SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portugueza*. Lisboa: Tip. Lacérdina. 1813. Fac-similar. Rio de Janeiro: Of. da Lit. Fluminense. 1922.

1ª Viscondessa de Castro

Figura 2 – 1ª Viscondessa de Castro. Retrato de autoria não identificada (Brasil, século XIX)



Fonte: Acervo do Museu Histórico Nacional/IBRAM/ Ministério da Cultura.

O 1º Visconde de Castro casou com D. Escolástica Bonifácia de Toledo Ribas, natural de São Sebastião do Rio de Janeiro e filha de José Bonifácio Ribas, natural do Rio de Janeiro, e de D. Ana Maria de Toledo e Oliveira; neta paterna do Coronel Carlos José Ribas, natural de Lisboa, e de D. Engrácia Maria da Cruz Ferreira, natural do Rio de Janeiro. Pelo avô paterno, Coronel Carlos José Ribas; era bisneta de Miguel Ribas, natural de Lisboa, e filho de Guilherme Ribas, natural de Espanha, e de sua esposa D. Arcângela Maria de Sousa, natural do Rio de Janeiro. E, pela avó paterna, D. Engracia Maria da Cruz Ferreira, era bisneta de Ambrósio Ramos Ferreira, natural de Portugal, e de D. Joana Pereira de Faria, natural do Rio de Janeiro.

O avô materno, Pedro Alvares da Paz, era natural de Santos e filho de João Alvares Noites, natural de Braga, e de D. Catarina Pinto da Rocha, natural de Santos; neto paterno de Salvador Alvares Noites e de D. Isabel Gonçalves, naturais de Portugal, e neto materno de Antônio Nunes Paz e de D. Mariana da Rocha Lima, natural de Santos. O avô materno, Pedro Alvares da Paz, casou com D. Escolástica de Toledo, que era filha de Simão de Toledo Castelhanos, falecido em São Paulo em 1772, e de D. Catarina de Oliveira d'Horta, que era filha de Francisco de Oliveira Preto, da nobre família deste apelido, e de D. Isabel de Unhate.

Simão de Toledo Castelhanos era filho de João de Toledo Castelhanos, batizado, em 1642, e de sua primeira esposa D. Maria de Lara, filha de Lourenço Castanho Taques e de D. Maria de Lara. João de Toledo Castelhanos serviu, repetidas vezes, em São Paulo, em cargos de importância. Em 1680 foi Juiz de Órfãos e Juiz Ordinário, e era pessoa de grandes virtudes morais e foi o herdeiro do Morgado do Pico Redondo, na ilha Terceira.

Era ele filho de Dom Simão de Toledo Piza, natural de Angra, ilha Terceira, que casou, em São Paulo, em 1640, com D. Maria Pedroso, filha de Sebastião Fernandes Corrêa, 1º Provedor Proprietário e Contador da Fazenda Real da Capitania de São Vicente e São Paulo, e de D. Ana Ribeiro, que era filha de Sebastião de Freitas, natural de Silves, no Algarve, e filho de Manuel Pires, pessoa nobre – e de D. Maria Pedroso, filha de Antônio Rodrigues de Alvarenga e de D. Ana Ribeiro, filha de Estevão Ribeiro Baião Parente, natural de Beja, e de D. Madalena Fernandes Feijó Madureira, natural do Porto. Dom Simão de Toledo

Piza era filho de outro Dom Símio de Toledo Piza e neto paterno de Dom João de Toledo Piza, nascido na Vila de Tormes. Era ele legítimo descendente, sem quebra de bastardia, da ilustre Casa dos Duques de Alba de Tormes e dos Condes de Oropeja.

Tomou parte na Batalha Naval de Lepanto, em 1571, sob o comando de Dom João da Áustria, contra os turcos. No posto de Sargento-Mor, combateu, em 1583, na armada Comandada pelo Marquês de Santa Cruz, contra os partidários de Dom Antônio, Prior do Crato. Nesta batalha perdeu um olho, e, para ser tratado do ferimento, ficou em Angra, na ilha Terceira, onde casou com D. Gracia da Fonseca Rodovalho, filha de Vasco Fernandes Rodovalho.

Deste casal foi filho Dom Simão de Toledo Piza, pai do outro do mesmo nome, que veio para o Brasil e que casou, em São Paulo, com D. Maria de Lara, que era filha de Lourenço Castanho Taques, que foi Governador das Minas de Caeté e faleceu em 1677, e de D. Maria de Lara, filha de Dom Diogo de Lara, grande Fidalgo da Cidade de Zamora, em Castela, e de D. Madalena Fernandes de Moraes, que era filha de Pedro de Moraes Antas e de D. Leonor Pedroso, filha de Estevão Ribeiro Baião Parente, natural de Beja, Portugal, e de D. Madalena Fernandes Feijó Madureira, natural do Porto. Lourenço Castanho Taques era filho de Pedro Taques, que casou em São Paulo com D. Ana de Proença, – filha de Antônio de Proença, Moço da Câmara do Infante D. Luís, e de D. Maria Castanho – neto paterno de Francisco Taques Pompeu, natural de Brabante, dos Estados de Flandres, da nobilíssima família do seu apelido, que passou a Portugal, onde casou com D. Inês Rodrigues, natural de Setúbal, e neto materno de Antônio Rodrigues de Almeida, natural da Vila de Monte Mor o Novo, em Portugal, Cavaleiro Fidalgo da Casa de S. M. REAL, Dom João III, Capitão-Mor de Santo Amaro, e de sua esposa D. Maria Castanho, natural de Monte Mor o Novo.

Filhos do **1º Visconde de Castro** e **1ª Viscondessa de Castro**:
F1 – **João de Castro do Canto e Mello** (**2º Visconde de Castro**) – Ramo no RS
F2 – José de Castro do Canto e Mello
F3 – Pedro de Castro do Canto e Mello
F4 – Francisco de Castro do Canto e Mello
F5 – Ana Cândida
F6 – Domitila de Castro do Canto e Mello (Marquesa de Santos)
F7 – Maria Benedita de Castro do Canto e Mello (Baronesa de Sorocaba)

CASTRO (2º Visconde - com grandeza - de) João de Castro do Canto e Melo

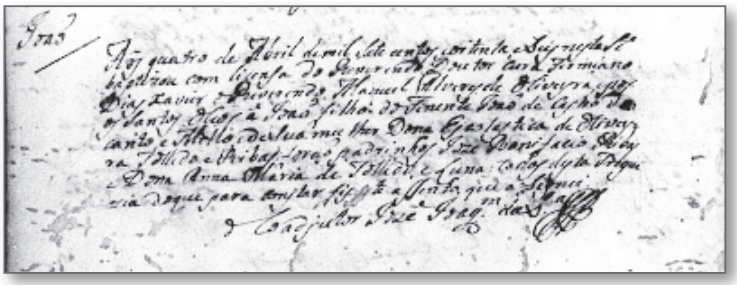
Figura 3 – 2º Visconde de Castro (detalhe). Óleo sobre tela (Autor desconhecido)



Fonte: Acervo do Museu Paulista da USP.

O 2º Visconde de Castro, Marechal de Campo João de Castro do Canto e Melo, nasceu em São Paulo, sendo batizado na Sé em 4 de abril de 1786. Faleceu em Porto Alegre, no dia 11 de setembro de 1853. Era filho do 1º Visconde de Castro, cuja genealogia veremos abaixo. Casou com D. Inocência Laura da Purificação Vieira de Azambuja, que foi a 2ª Viscondessa de Castro, filha de Manuel Vieira Rodrigues e de D. Patrícia Maria de Azambuja da Purificação; neta paterna de Domingos Rodrigues Vieira e de D. Custodia Vieira, naturais de Guimarães, em Portugal, e neta materna de Antônio Alves Guimarães, natural de Portugal, e de D. Mariana de Jesus, que era filha do Capitão Francisco José de Azambuja e de D. Rita Menezes, filha de Jerônimo Dorneles de Menezes e Vasconcelos, um dos primeiros povoadores do Rio Grande do Sul, e de D. Lucrécia Leme Barbosa, de nobre ascendência paulista.

Figura 4 – Assento de batismo de João de Castro do Canto e Melo (2º)



Fonte: Sé de São Paulo. Registro dos Mormons.

João

Aos quatro de abril de mil setecentos e oitenta e seis nesta Sé batizou com licença do Reverendo Doutor Cura Fermiano Dias Xavier o Reverendo Manuel Álvares de Oliveira, e pôs os Santos Óleos a João filho do Tenente João de Castro do Canto e Mello e de sua mulher Dona Escolástica de Oliveira Tolledo e Ribas: foram padrinhos José Bonifácio Ribas e Dona Anna Maria de Tolledo e Luna: todos desta Freguesia do que para constar fiz este assento que assinei.

(a) o Coadjutor José Joaquim da Silva

[Livro 6º da Sé de São Paulo, fl. 72v]

O 2º Visconde de Castro era irmão da Marquesa de Santos e da Baronesa de Sorocaba.

Sentou praça na Legião das Tropas Ligeiras de São Paulo, em 1º de setembro de 1791, com a idade de 5 anos. Foi reconhecido Cadete em 1º de junho de 1794. Fez a Campanha da Cisplatina e esteve presente aos combates de Alcorta e Laureles. Tenente-Coronel em 1824, jurou a Constituição do Novo Império.

Figura 5 – Brasão de Armas do 2º Visconde de Castro



Fonte: Nobiliário Sul-Rio-Grandense de Mário Teixeira de Carvalho.

Por Decreto Imperial, de 12 de outubro de 1827, foi agraciado com o título de Visconde de Castro. Passou a Brigadeiro em 1838, e depois se reformou no posto de Marechal de Campo. Era Grande do Império; Moço Fidalgo da Casa de S. M. I., por Alvará de 18 de janeiro de 1825; Dignitário da Imperial Ordem da Rosa; Comendador das Imperiais Ordens de Cristo e de Aviz, e Oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro. Tinha a Cruz de Ouro das Campanhas do Sul e as Medalhas da Campanha Cisplatina, de 1811-1812 e de 1815. Foram-lhe concedidas as mesmas armas do seu pai, que são: Escudo partido em pala – na primeira pala as armas dos Cantos, que são, em campo vermelho, um baluarte ou canto de muralha de prata, posto de quina; e, na segunda pala, as armas dos Castros, que são, em campo de prata, seis arruelas de azul postas em duas palas. Timbre: o canto de prata do escudo e sobre ele, na ponta, um pombo do mesmo metal. Elmo de prata aberto e guarnecido de ouro. Paquife do metal e cores das armas. Coroa: a de Conde.

Figura 6 – Registro de batismo de Inocência, futura 2ª. Viscondessa de Castro



Fonte: Igreja N. Srª Madre de Deus. Batismos, 18 jul 1788 (n. 27 jun 1788), fl. 149. Mormons,

Aos dezoito dias do mês de julho de mil setecentos e oitenta e oito anos, nesta Matriz de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre, batizei solenemente a Inocência, nascida aos vinte e sete dias do mês de junho do mesmo ano; filha legítima de Manuel Vieira Rodrigues, natural da

freguesia de São Salvador, comarca de Guimarães, e de Patrícia Maria, natural da freguesia do Triunfo, neta pela parte paterna de Domingos Rodrigues e da materna de Antônio Álvares Guimarães, natural da freguesia de São Lourenço (?)*, Bispado de Braga, e de Mariana de Jesus, natural de Viamão* [rasgado...] *Manuel Álvares Guimarães* [rasgado...]

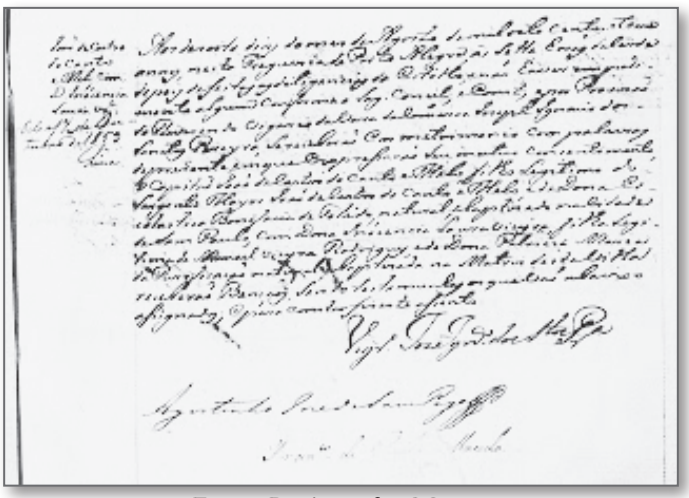
Pediu Certidão a 17 de outubro de 1853. (a) Lima

Aos dezoito dias do mês de agosto de mil oitocentos e treze anos, nesta Freguesia de Porto Alegre, às sete horas da tarde depois de feitas as diligências do Estilo, e não haver impedimento algum conforme o Sagrado Concílio [Tridentino]*; e Constituição* [do Bispado]*; e por Provisão do Reverendo Vigário da Vara da Comarca José Inácio dos Santos Pereira, se receberam em matrimônio com palavras de presente, em que expressaram seu mútuo consentimento, o Capitão João de Castro do Castro e Melo, filho do Sargento Maior* [Major] *João de Castro do Castro e Melo, e de Dona Escolástica Bonifácia de Toledo, natural, e batizado na Cidade de São Paulo, com Dona Inocência Laura Vieira, filha legítima de Manuel Vieira Rodrigues, e de Dona Patrícia Maria da Purificação, natural, e batizada na Matriz desta Vila* [Porto Alegre]*; receberam Bênçãos, sendo testemunhas os que vão abaixo assinados; e para constar fiz este assento.*

(a) *Vigário José Inácio dos Santos Pereira*
(a) *Agostinho José de Sampaio*
(a) *Francisco de Paula Macedo*

[Livro 2º de Casamentos – Madre de Deus – fl. 86]

Figura 7 – Casamento de João de Castro do Canto e Melo (2º Visconde de Castro), com D. Inocência Laura Vieira de Azambuja



Fonte: Registro dos Mormons.

Como vimos acima, o **2º Visconde de Castro** casou com D. Inocência Laura da Purificação Vieira de Azambuja, que foi a **2ª Viscondessa de Castro** e de quem ele teve a seguinte descendência:

Figura 8 – Miguel de Werna, em caricatura do seu próprio jornal



Fonte: Jornal O Século.

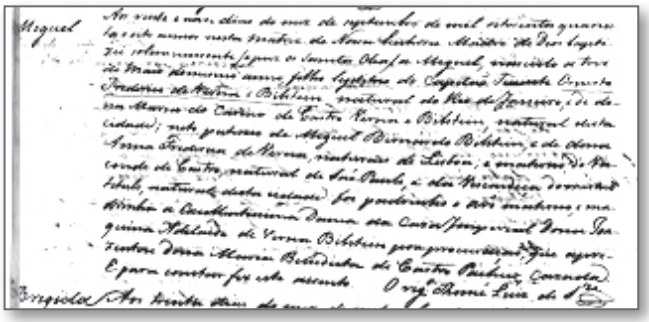
N1 D. Maria do Carmo do Canto e Melo, nascida em Porto Alegre/RS aos 27-8-1814. Casou com o Capitão-Tenente Ernesto Frederico de Werna e Bilstein, que foi Veador da Casa de S. M. I. Tiveram os filhos seguintes:

Bn1 Miguel de Castro de Werna e Bilstein. Cavaleiro Fidalgo da Casa de S. M. I. por Alvará de 5 de julho de 1855. Foi redator de "O Século", semanário critico que fez época nesta Capital. Faleceu no Rio de Janeiro, em 21 de julho de 1896. Foi casado com D. Maria Benedita de Ataide, de quem teve:

Tn 1 D. Miguelina de Castro de Werna e Bilstein, falecida no Rio de Janeiro, em 24 de abril de 1896. Casou com João da Mata Coelho, de quem teve os filhos seguintes:

Qn1 Dr. Ernesto de Werna da Mata Coelho que faleceu afogado, em Alegrete, quando procurava salvar a vida a uma senhora que havia caído ao rio. Nasceu em 1889.

Figura 9 – Assento de batismo de Miguel de Castro de Werna e Bilstein



Fonte: Registro dos Mormons.

Qn 2 D. Maria Elvira de Werna da Mata Coelho, nascida em 1894 e falecida em Porto Alegre em 21 de abril de 1981. Funcionária da Secretaria da Educação e Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Casou com Mathias Octávio de Oliveira Roxo, nascido no Rio de Janeiro a 30-9-1887, rábula em Vacaria/RS. Tiveram 7 filhos: ALBERTO; LOURDES MARIA, nascida em 1926, já falecida; Paulo de Tarso, n. em 1933, falecido em P. Alegre a 5-10-1998; Rita; João Batista Coelho Roxo, n. a 23-01-1931 em P. Alegre, já falecido; Emanuel Pedro Evangelista Coelho Roxo, n. em 1941. [Informação prestada por Eduardo Dias Roxo Nobre. Vide: João Roxo e seus descendentes, na internet].

Bn 2 João de Castro de Werna e Bilstein, Cavaleiro Fidalgo da Casa de S. M. I. por Alvará de 5 de julho de 1855.

Figura 10 – Ten. Cel. João de Castro do Canto e Melo



Fonte: Capa do jornal O Século, de Miguel de Werna, quando do seu falecimento.

N 2 Francisco, n. 27/8/1814 (gêmeo com Maria), filho legítimo do Capitão João de Castro Canto e Melo, n. cidade de São Paulo e d. Inocência Laura Vieira, n. Porto Alegre; neto paterno do sargento-mor João de Castro Canto e Melo, n. cidade de Angra e d. Escolástica Bonifácia de Toledo, n. cidade de São Paulo; neto materno de Manuel Vieira Rodrigues, n. cidade de Braga e d. Patrícia Maria da Purificação, n. Porto Alegre. Padrinhos Patrício Vieira Rodrigues por procuração do Sargento-mor João de Castro Canto e Melo e Patrícia Maria da Purificação. 4º Livro de Batismos. Porto Alegre (1809-1815).

N 3 Coronel João de Castro do Canto e Melo, Fidalgo Cavaleiro da Casa de S. M. I., Cavaleiro da Imperial Ordem de Cristo, Major da Guarda Nacional. Faleceu, nesta Capital, em 30 de maio de 1882. Foi casado com D. Joaquina Amália da Câmara, filha do Major e Sargento-Mor Patrício Corrêa da Câmara, Comendador da Imperial Ordem de Cristo (1-6 do título: 1º Visconde de Pelotas). O casal teve os filhos seguintes:

Bn 1 João de Castro do Canto e Melo, que faleceu solteiro. [24.8.1863 – com 5 anos]

Bn 2 D. Maria do Carmo do Canto e Melo, que casou em 11 de novembro de 1882, com o Dr. Eduardo Pereira de Campos, falecido em Porto Alegre, em 11 de maio de 1891, deixando um filho:

Tn 1 Capitão do Exército Nacional João de Castro Pereira de Campos, nascido em 1885. Casou com D. Santina Pereira de Campos. O casal não teve filhos.

Bn 3 Patrício Corrêa do Canto e Melo, que faleceu solteiro, em Porto Alegre, no dia 10 de setembro de 1883, contando vinte anos de idade (Freguesia de Nossa Senhora das Dores, L. de Óbitos nº 5, fls. 39)

Bn 4 D. Inocência Laura do Canto e Melo, nascida em 1870. Casou com o Escrivão do Foro Federal em Porto Alegre, Leonel Faro Marques Santiago, natural de Mogi-Mirim, São Paulo, e filho do Dr. Alexandrino Leonel Marques Santiago e de D. Luisa Faro. O casal teve os filhos:

Tn 1 Capitão do Exército Joaquim Marques Santiago, casado com D. Enilda Pinto, de quem teve:

Qn 1 Leonel Pinto Santiago

Tn 2 D. Elena Marques Santiago

Tn 3 Dr. Vicente Marques Santiago, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Porto Alegre, jornalista brilhante, casado com D. Antonia Guerra, de quem teve:

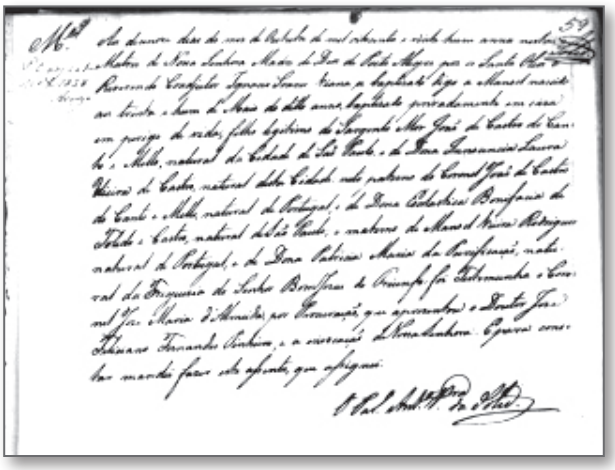
Qn 1 Roberto Guerra Santiago

Tn 4 D. Luisa Marques Santiago, solteira.

Tn 5 D. Laura Marques Santiago, solteira.

N 4 **Capitão Manuel de Castro do Canto e Melo**, nascido em 31.5.1821 e f. 21.11.1856. Foi Veador da Casa de S. M. I. Casou, em 17.10.1848, com D. Maria Cecília de Lima e Melo, n. 21.01.1833, filha de Antônio José Fernandes Lima[4] e de Hipólita Sofia de Lima, neta paterna de José Antônio Fernandes Lima e d. Joana Margarida de Lima; neta materna de João Hipólito de Lima (falecido) e d. Francisca Leonísia.

Figura 11 – Assento de Batismo de Manuel de Castro do Canto e Melo



Fonte: N. Sra. Madre de Deus, L. 6, fls. 59. Registro dos Mormons.

Registro da Carta de Liberdade da Escrava de nome Joaquina, passada por João de Castro do Canto e Mello, e Manuel de Castro do Canto [e] Mello, como abaixo se declara.

Nós abaixo assinados declaramos que somos senhores e possuidores d´uma escrava de nome Joaquina, a qual nos tocou em partilha por falecimento de nossa Mãe e Sra. Viscondessa de Castro, e por atenção a que fosse esta escrava a primeira que nossos Pais possuíssem e ter sido a encarregada de nossa criação [grifamos] *por isso lhe passamos a presente Carta de Liberdade para que possa gozar de todos os direitos* [fls. 165v] *que a Lei lhe faculta. Porto Alegre, 12 de abril de 1845.* João de Castro do Canto e Mello [2º Visconde de Castro], ***Manuel de Castro do Canto e Mello*** e como testemunhas – Caetano

4 No fichário do genealogista José de Araújo Fabrício [IHGRGS] consta que: T*inha terras na margem ocidental do Rio Guaíba.*

Xavier Pereira de Brito – Duarte Marques [selo] de Sampaio – José de Figueiredo Justo [?] Viegas. Estava impresso o *selo das Armas do Império com* nº 920 – 160 – Pagou cento e sessenta réis. Porto Alegre, 22 de abril de 1843. Ferreira - *aprovado. Nada mais se continha em dita Carte de Liberdade, que aqui bem e fielmente fiz registrar de própria, a qual me reporto. Leal e Valorosa Cidade de Porto Alegre, 22 de abril 1845 e eu Pedro Nolasco Pereira da Cunha, Tabelião, que subscrevi e assinei.*

(a) Pedro Nolasco Pereira da Cunha

[Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Livro 15, fls. 165 e 165v HD12, PASTA 110]

Tiveram os seguintes filhos:

Bn 1 D. Inês de Castro do Canto e Melo, casada com o Desembargador Dr. Antônio José Afonso Guimarães. Sem filhos.

Bn 2 D. Cecília de Castro do Canto e Melo.

Bn 3 D. Isolina de Castro do Canto e Melo que casou, em 15.5.1880, com o Coronel Henrique Severiano.[5] Filho do Major Germano Severiano da Silva e Ana Josefina de Almeida.

Tn 1 Germano, n. 16.3.1881 Porto Alegre

Tn 2 Henrique, n. 26.3.1885 Porto Alegre

Tn 3 Argentina, n. 5.3.1888 Porto Alegre, + 15.11.1891

Bn 4 Capitão do Exército **Horácio de Castro do Canto e Melo**, nascido em 7.4.1853 e falecido em 28.3.1894.[6] Casou em 26.8.1882, com D. Laurinda Inácia Duarte (n. 26.1.1862), irmã do Dr. Eduardo Duarte, Secretário Perpétuo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, filha de Thomaz Inácio Duarte e de D. Rita Maria Duarte.

Figura 12 – Horácio



Fonte: Acervo do autor.

5 *Outubro - 5- 1897 - Faleceu no Hospital de sangue de Canudos, em consequência de ferimento recebido em combate, o major Henrique Severiano da Silva. Nasceu em 1854 no Rio Grande do Sul. Em 1875 assentou praça voluntariamente. Foi promovido a alferes em 21 [sic-25] de março [sic-maio] de 1878; a tenente por estudos em 30 de dezembro de 1882; a capitão em 2 de outubro de 1889; a major por merecimento em 23 de julho de 1894. Foi um dos militares que se levantaram no Rio Grande do Sul contra o golpe de estado do marechal Deodoro dissolvendo o Congresso. Quando a [canhoneira] Marajó bombardeou Porto Alegre em julho de 1892, apresentou-se pronto para o serviço, apesar de estar com licença por doente, e prestou bons serviços, respondendo ao fogo da canhoneira. Serviu durante a revolução com o general João Teles, assistindo ao combate da Restinga (12 de abril de 1893). Em 11 de março de 1897, seguiu para a Bahia, como fiscal do 25º. Assumiu o comando do 5º. de infantaria em 5 de maio e o do 27º em 20 de junho. Tomou parte saliente nos combates de Angico e Favela.* [Almanaque do Rio Grande do Sul. 1900, p. 67-68].

6 A tradição oral familiar dizia que Horácio foi morto pelo degolador "maragato" Adão Latorre, em fins de novembro de 1893, depois do combate do Rio Negro, próximo a Bagé, hoje pertencente ao município de Ulha Negra. Tal informação não procede, conforme a abertura de seu inventário (foto). Esta informação é corroborada por João Francisco Pereira de Souza (a Hiena do Caty), que informa que foi morto (fuzilado) depois da Batalha de Sarandy (no Uruguai), em 1894.

Figura 13 – Horácio em Porto Alegre (1893) – carte cabinet, Revolução Federalista no RS (1893-1895)



Fonte: Acervo do autor.

Figura 14 – Laurinda Duarte



Fonte: Acervo do autor.

Figura 15 – Octacília aos 20 anos (1905), à época de seu casamento



Fonte: Acervo do autor.

O casal teve os filhos seguintes:

Tn 1 Célia de Castro Canto e Melo, n. 7.10.1884 (b. 21.01.1884. Rosário). Falecida menor.

Tn 2 Stela de Castro Canto e Melo, n. 15.11.1888 (b.24.06.1889. Rosário). Falecida menor.

Tn 3 D. **Otacília de Castro do Canto e Melo**, n. 13.04.1885 (b. 29.01.1887. Rosário), casada, só no civil em Belém Novo, em 20.01.1905, com Guilhermino Lopes Oliveira (n. 29.11.1880), filho de Manuel José Bento de Oliveira (português) e Ana Emília Lopes de Oliveira. Filhos:

Qn 1 Emílio de Oliveira (Bila), n. 6.10.1907, f., cc. Maria Maciel, n. 3.2.1913 (Torres), f. 22.8.1962, filha de Dionísio Maciel da Luz (Torres/RS) e Alexandra Maciel da Luz (Torres/RS). Filhos:

Pn 1 Emílio Aurélio Maciel de Oliveira, n. 24.9.1932 e f. 1°.9.2024, cc. Noris Aparecida da Silva, n. 12.10.1933, filha de João Lemos da Silva (POA 12.8.1901) e de Lyra Vargas (POA 2.6.1903). Filhos:

Hn 1 Wlamir Luiz Silva de Oliveira, n. 27.1.1959, f. 29.10.1979. Sem sucessão.

Hn 2 Ivano Silva de Oliveira, n. 21.12.1958, cc. Cláudia Lauremann, filha de Ubirajara Lauermann e de Cleonice Maria Roca. Filhos:

En 1 Bruna Lauermann de Oliveira, n. 16.4.1993
En 2 Gabriela Lauermann de Oliveira, n. 4.6.1997

Hn 3 Karene Silva de Oliveira, n. 31.8.1961. Sem sucessão.

Qn 1 Emílio Oliveira casou em segundas núpcias com Neusa, tendo:
Pn 2 Ana Emília, com sucessão.

Qn 2 Eurico de Oliveira (Lelé), n. 1.5.1910, f. cc. Eva Rostand de Oliveira (Ada), filha de Camila Rostand de Oliveira. Sem sucessão.

1. Maria José, 2. Antônio de Pádua, 3. Nize Aparecida, 4. Luiz Antônio, 5. Jane, 6. Mirza Maria, 7. Dori Gisela, 8. Miguel Antônio, 9. Thomaz Antônio, 10. Maria de Lourdes, 11. Maria Cecília, 12. Raquel, 13. Mariana, 14. Thomaz Carlos, 15. Rafael Henrique, 16. Luiz Gustavo, 17. Maria Elisa e 18. Daniel.



Fonte: Acervo do autor.

Qn 3 **Maria de Lourdes Oliveira Duarte** (24.08.1911/22.8.2011). Casada com Thomaz Carlos Duarte[7] (29.10.1909/24.07.1991), filho de Luiz Duarte (12.09.1876/16.4.1926) e de Marta Sampietro (09.02.1885/04.02.1961). Neto paterno de Thomaz Inácio Duarte e Rita Maria Duarte. Thomaz Inácio Duarte nasceu 1825 em Caacaty, Argentina e faleceu 28.01.1915. Era filho de Inácio Ocheda Rios e Tomásia Duarte, naturais de Corrientes/Argentina. Casou-se em 9.1.1858 com Rita Maria Duarte (28.2.1838/28.11.1928), filha de José Joaquim Duarte e Laurinda Antônia da Silva. Marta Sampietro Duarte era filha de Carlo Sampietro (n. 1845-Itália) e Maria Antonietta Père (n. 1855-França). Maria de Lourdes é heptaneta de Jerônimo de Ornellas Meneses e Vasconcellos, o primeiro proprietário e ocupante da sesmaria (1732), onde hoje se encontra o centro da cidade de Porto Alegre.
Pais de:

Pn 1 Mirza Maria Oliveira Duarte (21.04.1937), sem sucessão.

Pn 2 Nize Aparecida de Oliveira Duarte (5.06.1939/22.08.1997), sem sucessão.

Pn 3 Luiz Antônio Oliveira Duarte (11.09.1946) cc. Jane Ventura da Cunha (08.06.1949), filha de Selme Ferreira da Cunha (11.3.1926/7.5.2017) e de Nair Ventura (21.12.1928/16.4.2021). Têm os filhos:

Hn 1 Rafael Henrique Cunha Duarte (24.02.1975), cc. Mirela Iserhardt (22.7.1976), filha de Jorge Iserhardt e de Loiraci Rodrigues: pais de

En 1. Pedro Henrique (Florianópolis/SC 17.5.2005)

Hn 2 Luiz Gustavo Cunha Duarte (25.02.1978) cc Carolina Lamela Nogueira Verri (18.10.1978), filha de Vinícius Celaro Verri e de Lourdes Maria Lamela Nogueira. Pais de:

En 2. Maria Luiza (24.3.2012)

En 3. Thomaz (22.9.2018)

Hn 3 Mariana Cunha Duarte (21.05.1982)

Pn 4 Antônio de Pádua Oliveira Duarte (02.02.1953) cc. Maria José Ribeiro (09.04.1954), filha de Sinval Antônio Ribeiro e de Therezinha Vilaverde. Pais de:

Hn 1 Maria Elisa Ribeiro Duarte (11.09.1978) cc. Bruno Simeão, teve:

En 1 Martina (11.03.2011)

Hn 2 Maria Cecília Ribeiro Duarte (17.02.1981) cc. Denis Cotrina Escobedo (18.12.1974) (residem nos Estados Unidos), filho de Segundo Cotrina Mejía (28.7.1936) e de Graciela Escobedo Castro (15.11.1946). Pais de:

7 Vide a genealogia ampliada em *Raízes de Veranópolis*, obra organizada por Rovílio Costa. Porto Alegre: EST. 1998, p. 413-428, no artigo: *Da espada à pena: trajetória do primeiro professor de Nova Bassano:* Luiz Duarte. Autor Miguel Duarte.

En 1 Anthony (22.12.2009) (Geórgia/USA, nasc)

En 2 Maria Gabriela (25.12.2012)

Hn 3 Thomaz Antônio Ribeiro Duarte (21.02.1983) cc. Sara Silva Souza (31.5.1985), filha de Vanderlei Langoni de Souza (3.10.1954) e de Sônia Nunes da Silva (17.12.1958). Filho:

En 1 Henrique (8.12.2012)

Hn 4 Maria Tereza Ribeiro Duarte (14.05.1985) cc. Wataru Matsunaga (21.5.1984) (residem no Japão), filho de Reiji Matsunaga (5.6.1955) e Takako (28.2.1956). Pais de:

En 1 Carlos Mamoru (7.5.2013)

En 2 Pedro Makoto (30.1.2015)

En 3 Paulo Minoru (29.6.2018)

Pn 5 **Miguel Antônio de Oliveira Duarte** (14.11.1954) cc. Dori Gisela Berger (17.10.1956), filha de Waldo Alfredo Berger (14.12.1924/03.08.1985), filho de Alfons Berger e Hilda Nass, casado com Christina Annita Winkelmann (29.10.1927/08.12.2000), filha de Rudolfo Winkelmann (n.1898) e de Wilma Siegert (n.1907). Pais de:

Hn 1 Daniel Berger Duarte (22.01.1981), com Clarissa Menna Barreto Domingues, filha de Fausto Domingues e de Nádia Menna Barreto, teve:

En 1 Louise Menna Barreto Duarte (03.03.2009)

Com Keroleine da Silva (filha de Otávio Cassiano da Silva e de Cleusa Maria da Silva), tiveram:

En 2 Maria Helena Duarte (08.01.2023)

Hn 2 Raquel Berger Duarte (21.08.1982), com Juliano Matos (21.08.1982), filho de Euclides José Matos (16.0.1960), filho de Trajano Goulart Filho (05.02.1936) e de Noêmia Mardegan Goulart (01.08.1936), cc. Silvia Regina de Oliveira (06.05.1949), filha de Amado Gomes de Oliveira Junior (20.08.1917) e de Thereza Jesus de Oliveira (14.06.1923). Tiveram:

En 1 Leonel Duarte Matos (01.10.2014).

En 2 Pedro Duarte Matos (08.04.2025)

Qn 4 Eunice de Oliveira (Dinda), n. 13.11.1914 - f. 04.06.2011. Sem sucessão.

Qn 5 Érico Oliveira cc. Jaci (Fagundes?): tiveram

Pn 1 Edson cc Rosi. Filhos:

Hn 1 Marcelo

Hn 2 Márcia

Hn 3 Márcio

Hn 4.Ricardo

Pn 2 Elaine cc. Aderbal Schneider - filhos:

Hn 1 Aderlaine: 1 filho

Hn 2 Raquel: 3 filhos

Pn 3 Edgar Tadeu cc. 1ª vez com Zeli: 1 filho. Casado 2ª vez com Cléia.

Qn 6 Euclides Danúnzio de Oliveira (n. 9 out 1919) cc. Elvira Tozzi, filha de José e Anita. Filhos:

Pn 1 Ida Elizabeth (n. 14 fev 1951) (+). Sem sucessão.

Pn 2 Mauro (n. 5 mar 1953) cc Denise. Filhos:

Hn 1 Bárbara

Hn 2 Ismael

Qn 7 Edmar de Oliveira, n. 24.7.1923, f. 24 março 1978 cc. Alice Ribeiro. Sem sucessão. Perfilhou Luiz Carlos, sobrinho de Alice.

Qn 8 Eulália de Oliveira Kersting (Lia), n. 7.2.1927 e f. 7.11.2007, cc. Telmo Ávila Kersting, n. 7.9.1922 e f. 17.8.2007, filho de Filogônio Kersting (+ 1965) e de Augusta Ávila (+ 1924). Filhos:

Pn 1 Maria Letícia Oliveira Kersting, n. 26.8.1962.

Pn 2 André Cláudio Oliveira Kersting, n. 10.10.1967 cc. Adriane Ricacheski, filha de Waldo Ricacheski e de Serafina Fraga. Filhos:

Hn 1 Maria Augusta (01.10.2005)

Hn 2 Antônio Sérgio (10.7.2009)

Pn 3 Eduardo Henrique Oliveira Kersting, n. 29.10. 1968.

Pn 4 Ana Maria Oliveira Kersting, n. 20.2.1971 & André Malinoski (2.8.1973), filho de Arno Rubens Malinoski (18.4.1940-14.4.2021) e de Marisa Lourdes Foresta (26.4.1943). Sem sucessão.

Tn 4 Cecy de Castro do Canto e Melo (28.1.1893-15.4.1973). Casada com o viúvo Luiz Rodolfo Gaiewski (15.11.1889-14.6.1971) - casado em 1as. núpcias com Stanislava Matusiak, filho dos poloneses José Gaiewski e Maria. Sem sucessão.

N 5 D. Maria Benedita do Canto e Melo, nascida em 1823. Casou com o Marechal Augusto Frederico Pacheco, de quem teve os filhos:

Bn 1 José Narciso Pacheco

Bn 2 D. Maria Augusta Pacheco

N 6 D. Maria Leopoldina do Canto e Melo, nascida em 1825.

Acervos e fontes documentais

Barão de Vasconcelos - "Archivo Nobiliarchico Brasileiro", p. 118	Alberto Rangel – "Dom Pedro I e a Marquesa de Santos"
Silva Leme - "Genealogia Paulistana" - Vol. V, p. 496	Borges Fortes - "Troncos Seculares"
Aurélio Porto - "Processo dos Farrapos", Nº 31, p. 470	Biblioteca Nacional - Códice 1-6-2-3
Arquivo Eclesiástico do Arcebispado de Porto Alegre	Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul:
- Inventário: Viscondessa de Castro	Inventariante: Visconde de Castro
1º Cartório de Órfãos de Porto Alegre	Ano:1844 Nº do feito: 1473 - Maço: 72 - Estante: 2
- Inventário: Visconde de Castro	Inventariante: João de Castro do Canto e Melo
1º Cartório de Órfãos de Porto Alegre	Ano: 1853 – Nº do feito: 1726 - Maço: 83 - Estante: 2
- Inventário: Patrício Corrêa da Câmara	Inventariante: João de Castro do Canto e Meio
1º Cartório do Cível de Porto Alegre	Ano: 1865 – Nº do feito: 323 - Maço: 16 - Estante: 1
- Inventário: Patrício Corrêa da Câmara	Inventariante: João de Castro do Canto e Melo
Cartório da Provedoria de Porto Alegre	Ano: 1855 – Nº do feito: 1423 - Maço: 64 - Estante: 5
- Inventário: João de Castro do Canto e Melo	Inventariante: Joaquina Amália da Câmara Melo
3o. Cartório de Órfãos de Porto Alegre	Ano: 1882 – Nº do feito: 71 - Maço: 4 - Estante: 2
- Inventário: Joaquina Amália da Câmara Melo	Inventariante: Inocência Laura do Canto Melo
Cartório da Provedoria de Porto Alegre	Ano: 1899 – Nº do feito: 898 - Maço: 50 - Estante: 5
- Inventário: Miguel de Castro Werna e Bilstein	Inventariante: João da Mata Coelho
3º Cartório de Órfãos de Porto Alegre	Ano: 1896 – Nº do feito: 265 - Maço: 14 - Estante: 2
- Inventário: Dr. Eduardo Pereira de Campos	Inventariante: Maria do Carmo do Canto e Melo de Campos
1º Cartório de Órfãos de Porto Alegre	Ano: 1891 – Nº do feito: 2335 - Maço: 116 - Estante: 2
- Inventário: Miguelina de Werna Coelho	Inventariante: João da Mata Coelho
3º Cartório de Órfãos de Porto Alegre	Ano: 1896 – Nº do feito: 265 - Maço: 14 - Estante: 2

ANEXOS (Não fazem parte do Nobiliário Sul-Riograndense)

O Miguel Werna

Foi um dos homens mais belos que conheci. Vestiu-se sempre ao rigor da moda, roupa fina e justa ao corpo, como uma luva, gravatas vistosas, com enormes laços abertos sobre o peito.

Quando mocinho era um gosto vê-lo, com o seu fino chapéu armado e de espadim à cinta, acompanhando as procissões, com o seu fardão bordado de moço fidalgo.

E as meninas, vendo-o assim, naquele gosto, como uma tentação, olhavam para ele com olhos pecadores. E ia o Werna vaidoso e enamorado de si mesmo como o Narciso da velha lenda do paganismo.

Apesar de ser um homem inteligente, nunca tomou ao sério os seus estudos. Era aluno do Colégio Gomes, mas aluno honorário. Ia à escola quando queria, e o pai, que morria de amores pelo filho, não o contrariava em coisa alguma, e deixava o rapaz fazer o que lhe vinha à cabeça.

Já homem, o Werna lembrou-se de procurar uma ocupação, para ganhar a vida, e fundou então um jornal caricato - "O Século".

O "Século" só era publicado aos domingos, e deixou nome na imprensa da nossa terra, pela graça, pelo espírito e por muitas coisas, que dizia sem recato, cruas de mais. . .

Si ele implicava com um sujeito, não o deixava parar em ramo verde, dava-lhe sem piedade, até ficar bem sovado, com os ossos bem amassados.

Como monarquista que era, e ainda mais moço fidalgo, vivia ridicularizando os velhos republicanos, que o traziam atravessados na garganta, como uma espinha de bagre.

O dr. Ramiro Barcellos, já cansado das pilherias de mau gosto do Werna, salta na rinha para enfrentá-lo. Foi então um chuveiro de desaforos de parte a parte.

Nesta ocasião, quando a luta estava mais acesa entre os dois contendores, chegou aqui um bando de ciganos, conduzindo um belo urso branco.

Num passeio burlesco do carnaval, o Ramiro aluga o animal e o apresenta como o moço fidalgo, chapéu de copa alto e alegre gravata, com enorme laço, como usava então o Miguel Werna.

Quando veio a Republica, sem que ninguém esperasse por ela, o Miguel Werna, que tinha culpas no cartório e já via as barbas do vizinho a arderem, não quis ficar aqui. Resolveu, do dia para a noite, ir viver no Rio de Janeiro e lá se foi, com as suas gravatas e o fardão de moço fidalgo, com receio que o raio lhe caísse em casa.

E mal pisou o solo árido do exilo voluntario, começou a entristecer, como uma planta removida para terreno ingrato.

Queixava-se, então, do coração. Era com certeza a flor lilás da saudade, que já ali viçava e ia enraizando aos poucos.

Nas suas cismas, ao cair da tarde, via ao longe, bem longe, entre nevoas, com os olhos da imaginação, a terra em que nascera com todos os seus encantos, a torre esguia da capela do Menino Deus, apunhalando o azul do céu, a praça da Harmonia, naquele risonho recanto da cidade, à beira rio, com as suas belas árvores bem capadas, a cuja sombra, entre bons amigos, se deslizaram os dias mais felizes da sua vida.

E por mais esforços que fizesse para desviar o pensamento daqui, era tempo perdido: tudo lhe ia passando diante dos olhos como uma fita luminosa de cinema.

É que ele levara no olfato delicado o perfume da terra natal, que está onde bate o coração, co*mo se levasse consigo um vidro de cristal facetado, que, embora vazio, conserva sempre o sutil perfume que encerrava.*

[PORTO ALEGRE, Achylles. *Flôres entre ruínas*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas Wiedemann & Cia, 1920, p. 73-75]

****

João de Castro do Canto e Mello

Natural da ilha Terceira, fidalgo da casa real por seus ascendentes, filho de João Baptista do Canto de Castro e de D. Isabel Ricktts, natural da Jamaica. Veio para S. Paulo cm 1772 no posto de alferes, e passou a tenente para o regimento de voluntários reais. Militou com distinção na Capitania do Rio Grande, onde ganhou os postos até o de brigadeiro.

Foi gentil-homem da imperial câmara, primeiro visconde de Castro, comendador da ordem de Cristo, etc.

Casou em S. Paulo com D. Escolástica Bonifácia de Toledo Ribas, viscondessa do mesmo título, natural da vila de S. Sebastião, filha de José Bonifácio Ribas e de D. Ana Maria de Toledo Oliveira. Faleceu em S. Paulo a 22 de outubro de 1826, e deixou os seguintes filhos:

1 - João de Castro do Canto e Mello, segundo visconde de Castro, marechal-de-campo, casado com D. Inocência Laura Vieira de Azambuja, natural do Rio Grande do Sul. Faleceu na cidade de Porto Alegre a 11 de setembro de 1853.

2 - José de Castro do Canto e Mello, dignitário do Cruzeiro, brigadeiro, gentil-homem da imperial câmara e comendador de Aviz; foi casado com sua sobrinha D. Francisca Pinto Coelho de Mendonça e Castro, ambos falecidos.

3 - Pedro de Castro do Canto e Mello, faleceu solteiro, sendo capitão do exército.

4 - D. Maria Benedita de Castro do Canto e Mello, baronesa de Sorocaba, casada com Boaventura Delfim Pereira, primeiro barão do mesmo título, veador, natural de Portugal, falecido no Rio de Janeiro.

5 - D. Ana Cândida de Castro do Canto e Mello, casada com o coronel Carlos Maria de Oliva, veador, natural de Portugal, e falecidos ambos em S. Paulo, ele a 20 de julho de 1847 e ela alguns anos antes.

6 - D. Domitila de Castro do Canto e Mello, marquesa de Santos, casada a primeira vez com Felício Pinto Coelho da Cunha, natural de Minas Gerais, e segunda vez com o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, falecidos em S. Paulo há poucos anos.

7 - Francisco de Castro do Canto e Mello, gentil-homem da imperial câmara, major reformado do exército, casado a primeira vez com D. Francisca Leite Penteado e a segunda D. Lina Pereira de Castro, falecido em S. Paulo em 1869.

[MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. *Apontamentos Históricos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da Provincia de S. Paulo*. Rio de Janeiro: Tip. Universal de Eduardo & Henrique Laemmert. 1879, p. 22, v. 2]

****

O Escrivão do Filiamento passe o alvará do Foro de Moços Fidalgos da Casa Imperial a João de Castro do Canto e Mello, e a Manoel de Castro de Canto e Mello. Porto Alegre em 24 de Dezembro de 1845. Almeida Torres. Senhor. Diz o Visconde de Castro [2º Visconde] *que havendo o Augusto Pai de Vossa Majestade Imperial, de saudosa Memória, Feito a graça de Conceder ao suplicante o Foro de Moço Fidalgo de Sua Imperial casa, de cuja Graça já gozavam seu Pai, e os seus maiores, como prova com o documento incluso: e desejando transmitir a seus filhos João de Castro do Canto e Mello, e Manoel de Castro do Canto e Mello a mesma Graça: vem respeitosamente suplicar a Vossa Majestade Imperial que por efeito de Sua Alta Munificência Seja Servido Conceder-lhes o mesmo Foro de Moço Fidalgo, de que tem gozado seus antepassados. P. A. V. M. 1. que por Sua Incomparável Benignidade seja servido conceder ao suplicante graça que aspira E. R. M. Visconde de Castro. Manuscrito conservado no Archivo Publico Nacional do Rio de Janeiro.*

[RANGEL, ALBERTO. *D. Pedro I e a Marquesa de Sa*ntos. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916]

****

Antônio José Fernandes Lima - Capitão em 1827

[Arq. MD – Arquivo Moacyr Domingues - IHGRGS]
n. Porto Alegre 12.12.1794
Fal.
F. filho legítimo José Antônio Fernandes Lima e d. Joana Margarida de Lima
1° casou Porto Alegre 30/9/1818 (3C-7) (no oratório da fazenda do sargento-mor Manuel José Pires da Silveira Casado) com d. Ana Pires da Silveira
n. Porto Alegre
fal. Porto Alegre
F. filho legítimo do Sargento-mor Manuel José Pires da Silveira Casado e d. Rita de Melo Azeredo Coutinho
2° casou Porto Alegre 5/8/1827 (3C-162), com dispensa impedimento consanguinidade no 2° grau com Hipólita Sofia de Lima
F. filho legítimo de João Hipólito de Lima (falecido) e d. Francisca Leonísia

Antônio José Fernandes Lima (*), Cap. I, n° 704.

[Arq. JAF – Arquivo José de Araújo Fabrício - IHGRGS]
n. Porto Alegre em 1796
f° José Antonio Fernandes Lima e Joana Margarida de Lima
cc. Hipólita Sofia de Lima, n. Porto Alegre, fª João Hipólito de Lima e Faustina (ou Francisca) Leocádia?
F1 - Maria Cecília de Lima, n. 1833 Porto Alegre cc. Manuel de Castro Canto e Melo [no verso]
(*) Tinha terras na margem ocidental do Rio Guaíba.

D. Pedro I exigiu que a duquesa de Goiás recebesse a mesma educação dada a seus filhos D. Pedro de Alcântara, D. Maria da Glória, D. Januária, D. Francisca e D. Paula Mariana.

> Solicitou à imperatriz, D. Leopoldina, que recebesse a menina no Palácio São Cristóvão, mas a imperatriz se recusou, assim como as princesas D. Maria da Glória e D. Paula Mariana, que trataram

Figura 17 – Isabel Maria de Alcântara Brasileira. Duquesa de Goiás



Fonte: SAPO Saber, a Enciclopédia Portuguesa Livre. Internet.

de demonstrar o seu descontentamento. O imperador então enviou a duquesa e toda a família Castro, família de sua mãe, para a Fazenda de Santa Cruz, onde o tio da duquesa, o Barão de Sorocaba vivia por conta da coroa. Dela escreveu o imperador, quando a fez entregar ao avô materno:

"Declaro que houve uma filha de mulher nobre e limpa de sangue, a qual ordenei que se chamasse dona ***Isabel Maria de Alcântara Brasileira****, e a mandei criar em casa do Gentil Homem da minha Imperial Câmara* ***João de Castro Canto e Melo****. E para que isto a todo tempo conste, faço esta expressa declaração que será registrada nos livros da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, ficando o original em mão do mesmo Gentil Homem da Imperial Câmara para ser entregue à dita minha filha, com o seu título. Palácio do Rio de Janeiro, 24 de maio de 1826, 5.º da Independência e do Império."*

IV PARTE

VISIBILIDADES CULTURAIS AÇORIANAS EM PORTO ALEGRE



OS IMPÉRIOS DE PORTO ALEGRE

Günter Weimer[1]

Os açorianos se constituíram num forte contingente de povoadores do Rio Grande do Sul e em sua vinda trouxeram valores culturais que se firmaram no Estado. Um deles foi o da construção de impérios que eram capelas dedicadas à devoção do Espírito Santo. Curioso é o fato de que eles eram dedicados exclusivamente a esta devoção razão pela qual, em seu interior, havia a única representação da imagem do Espírito Santo, ao contrário do que acontecia nas capelas do mundo católico romano onde haviam imagens de diversos santos. Mais do que isso. As irmandades congregadas nestas capelas tinham uma administração popular e independente da grande organização eclesiástica centralizada na figura do Papa. Sua utilização quase exclusiva era destinada a local de oração dos membros da irmandade. A celebração de missas era esporádica.

Segundo a tradição, o primeiro império teria sido construído imediatamente depois da chegada dos primeiros imigrantes aos Açores em consequência de promessas realizadas durante a viagem quando os navios foram atingidos por uma forte tempestade que ameaçada a sobrevivência dos viajantes. A este respeito não existem evidências materiais. Está documentado que o culto passou a ser praticado a partir de 1492, portanto, durante o reinado de Dom Manuel o que, como se verá adiante, é muito significativo.

A organização da Igreja na Península Ibérica teve características profundamente influenciadas pelo islamismo. As cidades muçulmanas tradicionais se caracterizam por possuírem uma muralha externa com portões de entrada em número muito limitados. Internamente os bairros eram divididos e separados

1 Arquiteto pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS, em 1963. Especialista em Desenho Industrial pela Hochschule für Gestaltung de Ulm/Alemanha, em 1967. Mestre em História da Cultura pela PUCRS, em 1981. Doutor em Arquitetura pela FAU-USP, em 1991. Professor aposentado da FAU-UFRGS, da UNISINOS e da FA-PUCRS, ex-docente colaborador do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano (PROPUR) da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Autor de cerca de 40 livros de autoria exclusiva e colaborador em aproximadamente de 80 livros. E-mail gunterweimer@gmail.com

entre si por muralhas com portões de acesso que era fechado à noite, consequência da organização tribal do povo. As cidades possuíam uma mesquita central e no centro de cada bairro havia uma mesquita secundária.

Esta forma de organização urbana foi adotada na Península Ibérica. Ao contrário do que acontecia na Europa Central, onde cada burgo construía uma única catedral em seu centro urbano, na Península, era construída uma igreja, dita "matriz", no centro da cidade e cada bairro – definido como uma freguesia – se encarregada de construir uma igreja menor dedicada a um santo principal eleito pela maioria dos "fregueses".

Este mesmo modelo organizacional, como seria de esperar, também aconteceu nos Açores, mas apresentou características peculiares: em lugar uma única igreja em cada bairro, seu número se multiplicou e a freguesia passou a ser dividida em "vizinhanças" que se aglutinaram em torno de uma capela que passou a ser denominada de "império". Por serem construídos por um número bem mais limitado de "irmãos", suas dimensões físicas teriam de ser bem menores de uma igreja convencional, limitada em torno de 30 m^2 de área construída. Sob o aspecto da arquitetura, eram concebidos em escala doméstica. Isso implicava no surgimento de um avantajado número de templos: só na Ilha Terceira é constatada a existência de mais de 70 impérios. O relativo isolamento das ilhas entre si fez com que os aspectos dos impérios variavam muito de uma ilha para outra.

Estes templetes só raramente são utilizadas para a celebração de missas: basicamente elas se destinam a serem locais de oração. Trata-se, portanto, de uma utilização muito discreta limitada à congregação dos irmãos da vizinhança. Somente uma vez por ano sua utilização se abria ao público. Em cada Pentecostes é realizada uma festa em homenagem ao Espírito Santo. Os cerimoniais do evento são muito complexos e sua descrição extrapola os objetivos deste trabalho. Por isso, vamos nos limitar ao que interessa à questão do transplante e sua evolução no sul do Brasil. Comumente as festas paroquiais católicas são realizadas como objetivo de angariar fundo para a construção, reparos e melhorias das igrejas. No caso dos impérios, este não é o objetivo. A adesão à irmandade decorre da livre iniciativa e da aceitação consensual. Não há hierarquia entre os irmãos. Antes da festa, é sorteado um "mordomo" que fica encarregado de visitar seus confrades para angariar fundos para financiar a festa para a qual são convidados simpatizantes ou conhecidos com vínculos de amizade.

A festa começava com a celebração da missa para a qual é trazido um padre que era conduzido na forma de um "prisioneiro", entre quatro paus, paralelos e ortogonais entre si, desde sua moradia até o local da festa e, depois da missa, conduzido de volta a sua residência. Depois da missa são praticados diversos folguedos que continuam com uma refeição bancada pelos "irmãos" cujo con-

suma é isento de pagamento. Importante é assinalar que são preparados pratos específicos para a ocasião, com variações para cada ilha.

Chama a atenção que estes procedimentos ocorrem à margem da administração direta da Igreja e esta não tem se empenhado em coloca-los sob seu controle. É tradição da Igreja Católica conservar sob suas ordens diretas as divergências internas que foram se formando ao longo de sua história na forma de admiti-las em seu seio como ordens relativamente independentes entre si, mas sem se desvincular de uma autoridade central materializada na Cúria Romana e de seu Pontífice Supremo. No entanto, isso não aconteceu – e continua não acontecendo – nos Açores. Aí as relações entre a divindade e os crentes é direta e sem a intermediação do clero ou dos santos. Embora este culto tenha surgido na conturbada época das reformas protestantes com seu culto cristocêntrico, não há qualquer indício que estas concepções teológicas tenham chegado aos Açores. Tanto isto é verdade que o objeto do culto não é a figura do Cristo nem de algum santo, mas a do Espírito Santo. Além do mais, embora este culto continue a ser entendido como católico, dele está apartado em outro aspecto. Não consta que na oficialidade do culto católico haja um templo que tenha por orago Deus Pai ou Jesus Cristo; muito raros são os consagrados ao Espírito Santo. Possivelmente, estes tenham surgido em decorrência da evolução da devoção dos ilhéus. Enquanto os templos católicos venham sendo denominados com nome de santos, estes não encontram guarida nos impérios. Tanto isto é verdade que em seu interior não há imagens de santos além de uma representação do Divino Espírito Santo.

São várias as explicações que têm sido apresentadas para explicar esta originalidade da organização religiosa das ilhas do meio do Atlântico. Certamente, o fato de estarem situadas a meio caminho entre a Europa e a América do Norte, em clara situação de isolamento físico, tem sido um fator que conduziu a esta situação. Mas, também é certo, que não deve ter sido o único fator que conduziu a estas originalidades. Em verdade, são contraditórias as informações sobre a origem do culto e dos rituais pertinentes. Para uns, seu surgimento teria sido baseado nas ideias de um abade, da ordem dos cistercienses, de nome Joaquim de Fiore (± 1131-1202) que pregava o fim dos dias, com o advento da idade do Espírito Santo. Para outros, a introdução do culto teria sido obra da rainha santificada Isabel de Aragão (± 1270-1336) que foi a esposa do rei Dom Dinis. Estas concepções são discutíveis, pois só há confirmação efetiva da prática do culto nos fins do século XIV ou inícios do século XV. Isso corresponde ao reinado de Dom Manuel quando o antissemitismo chegou aos extremos e levou à conversão forçada dos judeus ao cristianismo na Espanha, na fuga em massa dos mesmos para Portugal acompanhado de uma debandada generalizada para outros contingentes das costas do Mediterrâneo.

A explicação que nos pareceu mais factível é a que está ligada à formação histórica das ilhas. Elas foram descobertas por volta de 1440 e durante 20 anos a corte portuguesa discutiu o que fazer com a descoberta. A questão era de ordem religiosa. À época admitia-se que a instituição de uma realeza num determinado território acontecia por graça divina. Acontece, porém, que as ilhas estavam desabitadas e havia o receio de que poder-se-ia despertar a ira divina se se invadisse uma terra desabitada sem o aval explícito da divindade.

A solução encontrada foi agir com precaução. Como já era corrente um antissemitismo baseado no fato de atribuir aos judeus a morte do único filho de Deus – o que significava a admissão indiscutível da condenação do povo hebreu no juízo final – decidiu-se pelo estabelecimento de israelitas nas ilhas para testar as reações divinas. Como não foram percebidas reações negativas depois desta ocupação, passou-se a admitir que a anexação das ilhas deveria ser uma ação concedida.

A conversão ao cristianismo imposta aos judeus, levou a um comportamento ambíguo dos mesmos. Em sua apresentação pública, passaram a se comportar como cristãos, mas entre si, continuaram fieis a sua fé mosaica. Esse comportamento explicaria a razão pela qual mantinham um discreto distanciamento da Igreja, explicitado na resiliência da presença de sacerdotes católicos para a celebração de missas, na ausência de figuras de imagens de santos no interior das capelas e na devoção do Espírito Santo que, segundo a tradição cristã, seria a forma mais espiritualizada da manifestação da Santa Trindade e que seria a concepção que mais se aproximava das concepções teológicas judaicas da divindade. Parece ser factível a subdivisão das freguesias em "vizinhanças" como forma de autodefesas na prática de cultos "suspeitos". O consumo de pratos especiais na grande festa de pentecostes remete diretamente a práticas festivas judaicas.

Aparentemente, a Igreja fez vista grossa para a prática de tais "cultos judaizantes" em distantes ilhas isoladas em meio ao oceano uma vez que seriam muito difíceis de se expandir para além de seus limitados territórios. Efetivamente, templos dedicados à devoção do Espirito Santo são raros no continente onde recebem o nome de "capela" e, por sinal, não de "império". Ao que nos consta, não apresentam o seu caráter iminentemente popular e, portanto, não constituem entidades à margem da organização eclesiástica.

Estas considerações se fazem necessárias, a meu juízo, para o entendimento da evolução pelo qual passaram os impérios que os açorianos construíram no sul do país. Desconhecemos a existência de um inventário dos mesmos em nossa terra, mas sabemos que não eram poucos. Contrariando a postura da Igreja muito ciosa de conservar tradições de caráter religioso, ao que nos consta, somente um único império ainda continua de pé em sua forma original: o da vila de Santo

Amaro, no município de General Câmara. Sua sobrevivência deve ser debitada ao fato de que não se materializou na forma de uma construção isolada, mas como um espaço dentro da casa paroquial. Depois de ter sido reduzido a ruínas, o de Triunfo foi reconstruído.

Seguidamente tenho me perguntado das razões deste descaso. É notória o desprezo que a Nação Brasileira trata sua história. Somente a partir das vésperas da II Guerra Mundial monumentos representativos de nossa história passaram a ser objeto de alguma preservação através de uma entidade que sempre tem lutado com enormes dificuldades financeiras e que vem sendo descaracterizada em seus objetivos primordiais. Ações de preservação vem sendo sistematicamente abortadas. Até mesmo com o aval de decisões judiciais. Somente prédios de caráter religioso têm conseguido algum êxito em sua preservação provavelmente mais por temor da vingança do orago que por consciência de seu valor histórico, documental ou artístico. Porém, nem este temor tem conseguido fazer com que os impérios rio-grandenses tenham conseguido sobreviver. E – diga-se de passagem – alguns com inegável valor artístico!

Assinale-se que durante a Guerra dos Farrapos, nas regiões das contendas, as igrejas foram sistematicamente vandalizadas conforme consta nos relatórios presidenciais apresentados ao Conselho de Representantes, que corresponde à atual Assembleia Legislativa. Algumas foram de tal modo agredidas que tiveram de ser demolidas para uma reconstrução posterior. Todavia, não há informações de que qualquer império tenha passado por tais agruras. Pode ser que isso foi devido à modéstia de sua apresentação, mas também pode ser isso tenha sido consequência de seu caráter popular com a qual que identificava o grosso da soldadesca.

A verdade é que, se os mesmos conseguiram sobreviver aos tempos de devastação dos conflitos políticos internos, não conseguiram ser mantidos em tempos de paz. Admitimos que estes desaparecimentos tenham sido objeto de uma política intencional **e** fundamentada na origem não totalmente cristã de sua existência: quando a notícia não é boa, mata-se o mensageiro. No caso da arquitetura, quando um prédio serviu para fins discutíveis, demole-se a construção.

Posto isso, temos o panorama em que se desenrolou a existência do Império do Divino Espírito Santo de Porto Alegre. Ele compartilhava com obra semelhante de Viamão de uma característica peculiar de ter sido construído ao lado de uma igreja matriz. Sua existência se projetou para além de sua presença física: construído numa esquina da rua principal denominada de Rua da Igreja devido à presença da Matriz de Nossa Senhora Madre de Deus, a ele se deve a denominação da rua transversa que até hoje ainda é denominada de Rua do Espírito Santo.

A historiografia de Porto Alegre tem dado muito destaque à contribuição dos açorianos na formação da cidade, dado, por vezes, a impressão de que ela teria sido uma cidade tipicamente açoriana, expressa tanto na toponímia como na denominação de prédios e outras construções. Estas são constatações que dificilmente encontram respaldo na documentação. Dito isso, não devemos cair no oposto em afirmar que a presença dos ilhéus tenha sido irrelevante. Senão, vejamos.

Com a forte emigração para o Brasil depois de descoberta das minas de metais e pedras preciosas nas Gerais, o governo português se viu em apuros com estas transmigrações dirigidas massivamente para o sudeste da colônia. Por isso, passou a desestimular tais migrações. Mas isso veio a dificultar a ocupação do território em regiões menos atrativas, mas de importância estratégica para a consolidação territorial da Colônia. Aproveitando uma situação complicada que se criou nas ilhas do Atlântico decorrente à concessão de terras a cortesãos privilegiados. Com isso, os antigos ocupantes das áreas concedidas foram forçados a se mudar para áreas fora dessas propriedades o que levou a uma contradição nem sempre fácil de entender. Por um lado, a densidade média populacional geral era relativamente baixa ao mesmo tempo em que havia locais superpovoados. A solução deste problema foi o incentivo a que os párias fossem aproveitados para a migração para terras conflituadas no Brasil. Por esta via foram trazidos a Santa Catarina com a promessa de serem realocados na região do Tape. Isso aconteceu ao tempo em que estava sendo organizando o Tratado de Madri, o que demonstra que os portugueses estavam certos de que o Tape viria a ser incorporado em seus domínios.

Com a inesperada morte do rei da Espanha e a ascensão de outro partido ao poder, o Tratado foi denunciado. Voltando-se precipitadamente à situação anterior, os açorianos que já se encontraram a caminho das terras prometidas, foram abandonados a meio caminho e se viram compelidos a se estabelecer provisoriamente nas margens dos cursos d'água pelos quais estavam se deslocando. Um desses contingentes se estabeleceu, em 1752, na base de um promontório da sesmaria que havia sido doada ao madeirense Jerônimo Dorneles Meneses e Vasconcelos e que viria a ser o sítio onde se desenvolveria a cidade de Porto Alegre. É sabido que o impasse entre as duas coroas só viria a ser resolvido vinte e quatro anos mais tarde, com a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso. Como não houve uma solução imediata para a fixação da fronteira entre os domínios das duas coroas, tratou-se de dar outra solução ao impasse. Em 1764 foi criada a capela curada de Taquari e no ano seguinte começaram a ser tomadas a providência para o reassentamento dos "invasores" da sesmaria de Jerônimo Dorneles na margem direita do Rio Taquari o que só viria a acontecer efetivamente em 1768, portanto, depois de uma espera de dezesseis anos.

É curioso que, apesar da alta religiosidade dos açorianos, a capela que construíram durante o aguardo de seu encaminhamento, teve por orago São José. Depois da venda da sesmaria para Inácio Francisco de Melo, o novo proprietário mandou construir, nos altos do promontório, uma ermida dedicada ao santo de sua devoção, a São Francisco das Chagas em torno da qual teria se organizado uma irmandade pioneira com o nome do santo.

Em doze de julho de 1772, quando o governador José Marcelino de Figueiredo, também conhecido como Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda, se encontrava no Rio de Janeiro onde deve ter feito um relato da situação em que se encontrava a Capitania que enfrentava sérios problema depois da tomada de Rio Grande pelas tropas castelhanas. Entre outras providências, nesta ocasião foi expedida uma ordem de parcelamento da sesmaria de Francisco Inácio de Melo, em sessenta "meias datas" para o assentamento de igual número de casais e da demarcação de uma praça onde seriam construídos os prédios administrativos do governo que haveria de ser transferido para o Porto de São Francisco.

Aqui convém assinalar que o "Porto de São Francisco" foi o novo nome dado ao antigo porto de Viamão, também denominado de porto do Dorneles. Tampouco é dito que os casais seriam de açorianos que, como foi visto, já haviam sido transferidos vários anos para Taquari. Isso, evidentemente, não quer dizer que todos os açorianos tenham sido realocados em Taquari. Provavelmente, isso venha a explicar as razões pelas quais não tenha sido construído um império até então.

A transferência da administração da Capitania para a atual cidade de Porto Alegre foi um processo muito complexo e prolongado. Devido à impetuosidade do governador, esta transferência ocorreu com diversos atos quixotescos e, pela primeira vez – ao que nos consta – foi construído um palácio governamental em forma de sobrado, em que o piso superior, dita "planta alta", foi destinada à moradia do governante e o piso térreo – a planta baixa – à administração pública. Talvez, por impaciência do governador, foi o único prédio oficial da cidade que foi construído com taipa de pilão, razão pela qual foi denominado de Palácio de Barro. Esta mesma impetuosidade fez com que o bispo Dom Antônio do Desterro, no Rio de Janeiro, alterasse o nome da irmandade de São Francisco das Chagas para a de Nossa Senhora da Madre de Deus da qual o governante era devoto e que havia sido sua madrinha de batismo. Este documento foi firmado em 18 de janeiro de 1773. Com isso a irmandade de São Francisco das Chagas foi incorporada na da Madre de Deus ou deixou de existir.

No mesmo ano foi formada uma nova irmandade que recebeu o nome de São Miguel e Almas. Em data não conhecida foi criada uma irmandade de negros com o nome de Nossa Senhora do Rosário cuja existência está documentada a partir de 1786. Por esta época também foi findada a irmandade de Nossa Se-

nhora das Dores. A vinda da família real portuguesa ao Rio de Janeiro serviu de alento para a nacionalidade. Tanto isso é verdade que as diversas irmandades passaram a se organizar para a construção de suas respectivas igrejas. A de N. S. das Dores começou a construir a sua em 1807. Dez anos mais tarde foi lançada a pedra fundamental da igreja de N. S. do Rosário. Cada uma tinha aspirações bastante audaciosas quanto às dimensões de seus templos tendo em vista o tamanho da população da cidade.

A irmandade do Divino Espírito Santo somente viria a ser fundada em sete de outubro de 1821 quando a cidade já estava por completar meio século de existência. Ao contrário da tradição açoriana, essa irmandade resolveu construir sua capela ao lado da Matriz de Nossa Senhora da Madre de Deus (Figura 1) que havia sido projetada pelo arquiteto José Joaquim Vieira que estava próximo ao governador e, provavelmente, desempenhava as funções de seu secretário pessoal.

Figura 1 – Aspecto da Praça da Matriz mostrando as proporções relativas da forma original da Capela em relação com a Matriz



Fonte: do autor.

Oficialmente, este templo foi denominado de Capela do Divino Espírito Santo e sua qualificação de "império" corria a boca pequena. Enquanto as igrejas das demais irmandades foram construídas em áreas de suas respectivas freguesias, a Capela do Divino foi erguida ao lado da matriz, na esquina da Rua da Igreja com a Ladeira (pedestre) do Espírito Santo. Estas características fazem levantar dúvidas sobre sua filiação à tradição açoriana tanto pelo fato de sua proximidade da matriz[2], como também por de sua qualificação como "capela" à semelhança do que aconteceu em Portugal continental, mas não nos explicitamente qualificados como "impérios" no interior da capitania.

2 Fato também verificado em Viamão, possivelmente, por imposição do governador.

Ao longo de sua existência, esta capela passou por várias reformas que vieram a mudar profundamente seu aspecto físico. Já em sua primeira versão ela apresentou uma característica incomum. Normalmente, as capelas são térreas. É relativamente comum que os impérios nos Açores apresentassem um piso elevado e podem ser complementados com um depósito para alfaias e objetos rituais. Porém, a capela de Porto Alegre tinha a originalidade de apresenta um segundo piso recuado da frontaria cujas finalidades prováveis eram servir de depósito. Enquanto nos Açores, os impérios apresentavam em sua fachada principal uma porta única ou uma porta central ladeada por duas janelas simétricas, a capela de Porto Alegre apresentava três portas de iguais dimensões. Sua linguagem arquitetônica se enquadra na de um classicismo simplificado cuja autoria de seu projeto é desconhecida, mas não seria surpreendente que fosse do arquiteto José Joaquim Vieira que se responsabilizou pelos demais prédios oficiais. Sob o aspecto da implantação urbana, ele tinha um acesso a partir de um longo passadiço elevado que se prolongava ao longo de todo o quarteirão defronte da Praça da Matriz (figura 2) formando um conjunto harmônico com a Matriz e os mais importantes prédios administrativos da Capitania: ao Palácio do Governo e a Assembleia de Representantes (Figura 2).

Figura 2 – A Capela do Divino Espírito Santo ocupava parte da rua que viria a ser aberta e se abria para um longo passadiço elevado que se estenderia até a Assembleia de Representantes, passando pela frente da Matriz e do Palácio do Governo, dito Palácio de Barro



Fonte: do autor.

Em sua segunda versão (Figura 3), ela recebeu profundas transformações que levam a supor que se trata de uma nova construção: o piso superior deixou de existir, na fachada principal as três portas de arco abatido foram substituídas por uma porta ogival, o frontão clássico foi substituído por um apontado, a fachada recebeu dois cunhais salientes encimadas por coruchéus (torrezinhas), o telhado recebeu uma "agulha" (outra torre sobre a cumeeira) e sobre a porta de entrada foi colocada uma rosáceas (janela redondas). Nesta versão o passadiço havia sido demolido fazendo com que o acesso de desse por uma escadaria.

Esta versão não demorou muito para ser novamente reformulada (Figura 4). O frontão triangular foi substituído por um ogival, duas pilastras que na versão anterior ombreavam a porta principal foram prolongadas e tanto os coruchéus como a agulha receberam um acabamento bem mais trabalhado.

Figura 3 – Numa primeira reforma, foi demolido o piso superior da Capela e a reforma da fachada foi feita em linguagem neogótica com o acréscimo de uma "agulha" (pequena torre sobre o telhado). Já nessa época, o passadiço foi demolido e o acesso à capela passou a ser realizado através de uma escada

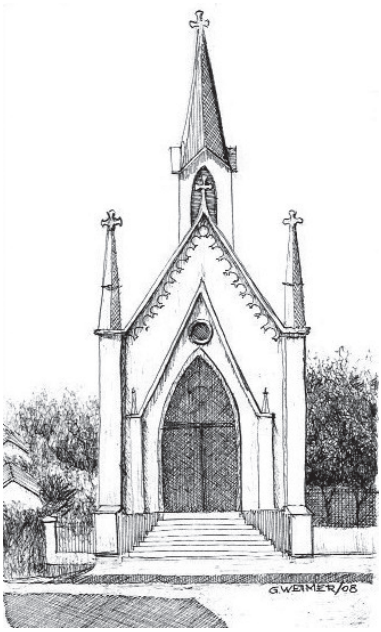
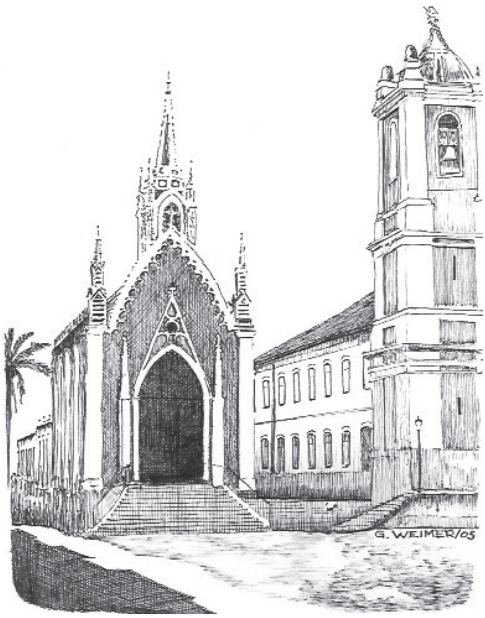


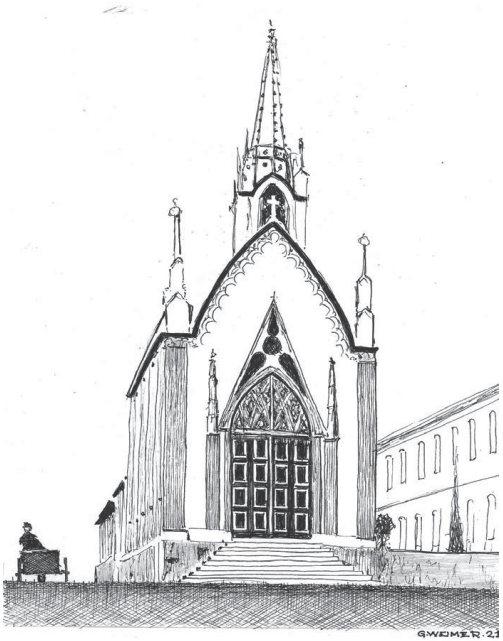
Figura 4 – Posteriormente, a Capela seria objeto de novas reformas com a substituição de um frontão triangular por outro, ogival, com mudanças no acabamento da "agulha" como dos coruchéus



Fonte: do autor

Todavia, esta não seria a derradeira versão da Capela. Antes de sua demolição definitiva, as três saliências apontadas superiores receberam novo acabamento da mesma forma como a porta de entrada e sua respectiva bandeira (Figura 5).

Figura 5 – A última versão da capela, com uma completa reforma da portada e respectiva bandeira



Fonte: do autor.

Antes da I Guerra Mundial, o Rio Grande do Sul viveu uma fase de euforia econômica. Os países centrais estavam se armando para o conflito. Neste ambiente os preços dos alimentos não perecíveis, especialmente em forma de grãos, adquiriram preços muito vantajosos no mercado internacional. Como grande produtor de arroz, as exportações do produto trouxeram muitas divisas para o Rio Grande do Sul. Isso afetou diretamente o ramo da construção civil. Aproveitando esta fase benfazeja, o governo do Estado promoveu um concurso internacional para a construção do novo Palácio do Governo. A Igreja Católica embarcou nesta euforia e promoveu, em seguida, um concurso para a construção de uma nova Catedral, pois se julgava que não ficava bem a permanência de uma igreja barroca ao lado de um exuberante palácio concebido nos mais atualizados conceitos de arquitetura monumental.

A decisão sobre a realização de um concurso para o projeto da catedral acabou por ser pouco protelado e ela foi efetivado em 1917, portanto, quando os conflitos já haviam começado. Disso resultaram fortes entraves para os inícios da construção. Entrementes surgiram dúvidas a respeito da exequibilidade do projeto vencedor. Por isso foi resolvido apelar para a Cúria de Roma que designou um arquiteto para a confecção de novos projetos que foram, sucessivamente, rejeitados até que fosse aprovado um projeto definitivo. Com isso foi passando o tempo e a demolição da velha matriz acorreu em 1929. Nesta ocasião também foi demolida a Capela do Divino para que seu terreno pudesse ser incorporado ao da construção da catedral.

Foi só então que passaram a ser tomadas as iniciativas para construção de uma nova Capela em terreno próximo à Igreja de Santa Terezinha, na Avenida José Bonifácio, nº 753. O projeto foi realizado pelos arquitetos Egon Weindoerfer e Agnello de Lucca da firma Azevedo Moura e Gertum e foi aprovado pelo processo nº 10701 de 1930. Sua construção se estendeu até 1935 quando foi inaugurada sem que a torre estivesse concluída. Essa só foi realizada em 1938 por Humberto Della Mea.

Figura 6 – A nova Igreja do Divino Espírito Santo, construída na Avenida José Bonifácio, 753, no bairro do Bom Fim. Projeto de Egon Weindoerfer e Agnelo de Lucca e construído pela firma Azevedo Moura e Gertum



Fonte: do autor.

Esta construção não seguiu os preceitos construtivos dos impérios. Ela foi concebida na forma de uma igreja, com uma capela-mor com o altar do Espírito Santo elevado em relação ao piso da nave, janelas com vitrais românicos, fachada com uma rosácea e uma portada de feições góticas, mas com arco pleno, tudo de acordo com a superposição de linguagens arquitetônicas de épocas diversas como estava na moda à época. Mas o principal é que ela foi concebida dentro de uma escala monumental, com dimensões bem mais avantajadas que as dos impérios açorianos. Sua administração e manutenção também passou para a Mitra Diocesana o que vale dizer que também perdeu suas vinculações diretas e independente com a vizinhança.

Conclusões

Durante um estágio realizado no Laboratório de Engenharia Civil de Lisboa que realizei nos fins da década de 1960, chamou-me a atenção a dificuldade que os portugueses têm em tratar da questão dos judeus e da conversão ao cristianismo. Vindo da Alemanha onde permanecera durante dois anos numa época em que o genocídio dos judeus pelo regime nazista ainda se constituía numa ferida aberta, tive a nítida impressão que era mais fácil falar da questão judaica naquele país do que em Portugal. Isso foi muito intrigante.

Depois de estudos e reflexões, cheguei à conclusão de que esta resiliência tinha profundas raízes históricas. Durante o Império Romano, a Lusitânia recebeu um considerável contingente de judeus que foram para aí deportados devido a suas sucessivas insurreições contra a domínio imperial em Israel. Portanto, a presença judaica em Portugal já tem quase dois mil anos. Também seria de esperar que a convivência das duas comunidades tivesse evoluído para relações de ampla tolerância.

Durante o multissecular domínio islâmico na Península Ibérica, a convivência entre maometanos judeus e cristãos foi relativamente tranquilo apesar da segregação ao qual estavam condenados os não maometanos. Ao longo do período das paulatinas retomadas do território português pelos cristãos, a comunidade judaica era discriminada por se acreditar que eles seriam condenados por ocasião do juízo final por terem crucificado o Cristo, mas, mesmo assim, a convivência ocorria sem maiores atritos.

Este equilíbrio se tornou mais instável ao tempo da expulsão dos dirigentes muçulmanos do território espanhol que se tornou conhecida como a tomada de Granada pelos Reis Católicos. Este rearranjo das forças dirigentes teve um alto custo e o temor pela reversão fez com que a realeza espanhola impusesse uma submissão à fé católica dos remanescentes não cristão em seu território.

Isso afetou diretamente o povo berbere (também denominado "mouro") que já apresentava altos graus de miscigenação, mas foi mais doloroso para os judeus que continuavam a se manter relativamente isolados em suas "judiarias". Como alternativa para a recusa a serem batizados foi a imposição de deixar o país à custa da retenção de seus bens materiais.

A este tempo era rei de Portugal Dom Manuel, dito, o Venturoso. Admite-se que, por esta época, a décima parte de seus súditos fossem judeus. Devido à relativa liberalidade existente em Portugal, a migração de judeus sefaradins para este país adquirisse dimensões verdadeiros deslocamentos de massa o que fez com que, rapidamente, um presumível quarto da população do país fosse adepta da fé mosaica.

O casamento de Dom Manuel com Maria de Aragão, filha dos reis católicos, foi aprovado mediante a imposição dos mesmos tratamentos repressivos executados na Espanha também o fossem em Portugal. Este casamento era altamente vantajoso para o rei foi acenava para a possibilidade de vir a se tornar herdeiro do trono espanhol. Em 1521 Dom Manuel aprovou uma revisão geral das ordenações Afonsinas que passaram a receber seu nome, através das quais não só obrigou os judeus a se batizar como também a que todos os funcionários públicos comprovassem que seus antepassados fossem "cristãos velhos", isto é, não tivessem sangue judeus ou de algum povo islâmico. Dada a multimilenar presença de judeus em Portugal, a miscigenação era batente e a precariedade dos registros existentes à época, a comprovação da "pureza de sangue" havia se tornado mais uma ficção do que uma realidade. Em verdade, este jogo de faz-de-conta se tornou uma arma para manipulações políticas que eram utilizadas conforme as conveniências momentâneas e passou a atormentar a população portuguesas até épocas recentes. E esta parece ser a explicação mais concreta para o estranho comportamento de silenciamento do judaísmo em Portugal.

Tendo em vista este passado de opressão, ficam claras as razões que levaram a um não enquadramento das práticas religiosas dos "vizinhos" dentro das normas da administração de Igreja Católica, da inexistência de figuras de santos em seu interior e da utilização quase exclusiva dos impérios para fins de orações. Dado a suspeitas bem fundamentadas de práticas de culto ditos cripto-cristão em seu interior, também é compreensível que a administração institucional da Igreja visse com simpatia a decadência dos impérios em nosso meio, no lado ocidental do Atlântico. Corroboram nesta hipótese o fato de que as "capelas" e não dos "impérios", nas capitais da Capitania (Viamão e Porto Alegre) fossem construídas ao lado das matrizes totalmente ao contrário da tradição açoriana, para que fosse facilitado o controle das práticas religiosas neles realizadas. Ademais, é surpreendente que na existência de aproximadamente um século a "capela"

do Divino possivelmente tenha passado por duas demolições e que se tornasse objeto de sucessivas transformações em seu aspecto físico. Tudo indica, que sua existência causava algum desconforto para a alta administração da Igreja. Por isso os impérios foram deixados ao abandono que acabou por decretar seus desaparecimentos.

Esta é minha opinião. Críticas são benvindas. A favor e contra.

Referências

AFONSO, A. Martins. *Curso de História da Civilização Portuguesa*. Porto: Ed. Porto, 1974.

AMARAL, Francisco Keil & cols. *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988, 3 v.

CALDAS, João Vieira & cols. *Arquitectura Popular dos Açores*. Açores: Ordem dos Arquitectos, 2007.

HERCULANO, Alexandre. *História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*. Lisboa: Pradense, 2011.

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira (Org.). *Arquitectura popular açoriano-brasileira*, Angra do Heroismo: SerSilito, 1996.

MESTRE, VICTOR. *Arquitectura popular da Madeira*. Lisboa: Argumentum, 2002.

ROCHE, Jean: *L'Administration de la Province du Rio Grande do Sul de 1829 a 1947*. Porto Alegre: Universidade do Rio Grande do Sul, 1961.

SARAIVA, José Hermano. *História de Portugal*. Toledo: Alfa, 1983, v. 1.

WEIMER, Günter: *Arquitetos e Construtores Rio-Grandenses na Colônia e no Império*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

OS AÇORIANOS EM PORTO ALEGRE: CULTURA MATERIAL E IMATERIAL

Luiz Fernando Rhoden[1]

Introdução

Este texto tem o objetivo de ressaltar alguns aspectos da cultura material e imaterial de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, que foram trazidos pelos imigrantes açorianos, a partir de 1752.

Trata-se de formas de expressão, modos de criar, fazer e viver e de edificações e espaços urbanos e rurais, que contribuíram, historicamente, para a economia e para a construção da identidade gaúcha. Muito dessa contribuição já foi reverenciada em monumentos, nomes de praças e ruas de Porto Alegre, mas nunca é demais salientar as raízes históricas desse patrimônio, que já têm duzentos e setenta anos.

Outras levas de imigrantes vieram posteriormente, de diferentes países e em maior número, mas o legado açoriano subsistiu e está aí, no cotidiano, sem que se perceba, integrado perfeitamente na diversificada cultura do Rio Grande do Sul.

O patrimônio imaterial dos açorianos

Para se falar no patrimônio imaterial dos açorianos, será preciso contar uma pequena história, que aconteceu no ano de 1992. Estava em Lisboa fazendo a pesquisa para o mestrado. Foram nove meses na capital portuguesa, onde, além de trabalhar bastante foram feitas muitas amizades. Um dia, um desses amigos convidou para uma festa de aniversário de um outro amigo dele, que aconteceria num bar da cidade.

Foi-se à festa desse amigo, que era açoriano, e depois de algum tempo, começaram a cantar várias canções. De repente, para homenagear o aniversariante,

1 Arquiteto, mestre em História Ibero-Americana, doutor em Arquitetura e pós-doutor em História. Porto Alegre/Rio Grande do Sul-Brasil.

cantaram uma canção típica dos Açores.

A surpresa foi grande, porque a canção era conhecida e não era um sucesso atual. Tratava-se do "pezinho", conhecido e cantado em boa parte do Rio Grande do Sul. Estava-se diante de um fenômeno que me fez compreender a importância do patrimônio imaterial, para a construção da identidade. Naquele momento estava me sentindo em casa, acalentado, lembrando saudosamente de Porto Alegre, assim como, creio, o amigo do meu amigo também estivesse se sentindo, lembrando de sua cidade açoriana.

Bela homenagem feita a ele e, por tabela, também a mim, embora nunca tenham sabido desse fato.

E porque eu estou narrando essa pequena história? O que tem isso a ver com o tema desse texto, sendo eu um arquiteto?

Quando me perguntam sobre o que posso falar sobre a presença açoriana na arquitetura de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, sempre digo que muito pouca coisa pode-se dizer sobre isso, porque os açorianos que para cá vieram eram muito pobres, geralmente agricultores, pedreiros, marceneiros, carpinteiros, que tiveram pouca ajuda oficial, inclusive na organização dos espaços urbanos das pequenas localidades que os receberam, embora as promessas reais tenham sido bem mais generosas.

Isso, porém, não quer dizer que os açorianos não deixaram suas marcas, apesar das fortes influências de alemães e italianos, que aqui chegaram bem mais tarde. Deixaram e foram muito fortes, mas elas estão nos falares, cantares, religiosidade, culinária, ou seja, a presença açoriana em Porto Alegre é muito mais imaterial, do que material. E, talvez, por isso mesmo, sejam tão importantes, embora sutis.

Costuma-se valorizar somente os prédios e outros vestígios materiais de uma cultura, esquecendo-se do pertencimento a um universo cultural mais abrangente, que cerca, abraça e envolve de maneira total, sem que se perceba sua presença.

Somente quando se está fora desse universo, em outro contexto cultural, percebe-se a importância desses signos culturais imateriais, para a identidade da qual se faz parte.

Aqui se tem lombas (ladeiras), aqui canta-se e dança-se o "pezinho"[2], aqui come-se doce de vinagres[3] (ambrosia), e bolo de ananás (bolo de abacaxi). Aqui

2 O "pezinho" é uma dança muito popular nos Açores, sendo cantado e dançado em todas as ilhas do arquipélago, de maneiras diferentes e com letras diferentes, de ilha para ilha. Foi trazido para o Rio Grande do Sul e é cantado e dançado aqui somente de uma maneira, nos CTGs. Informações repassadas pelo pequisador Regis Marques Gomes, da Casa dos Açores do Rio Grande do Sul.

3 A ambrosia é um doce muito antigo nos Açores. Chamava-se doce de vinagres porque para talhar

se faz a festa do Espírito Santo e existiram os seus impérios, aqui faz-se uma das maiores festas religiosas da cidade, a de Nossa Senhora dos Navegantes. Quem não lembra das visitas das bandeiras do Divino às casas da cidade, perto da festa de Pentecostes?

Sobre as festividades do Espírito Santo é interessante verificar que a tradição da visita da bandeira do Espírito Santo às casas e instituições hospitalares continuou e continua a ser feita.

Segundo dados do Relatório da Provedoria da Santa Casa, da década de 1940, quando dos preparativos para a festa do Divino em Porto Alegre, em torno do mês de maio, a bandeira em sua devoção era guardada na Santa Casa pelo provedor, pelos funcionários e pacientes. Depois da visita nas dependências da Instituição, a comitiva era recepcionada na Provedoria com petiscos que o Mordomo da Capela (diretor) organizava e as irmãs preparavam.

Diversos pesquisadores e viajantes mostraram como essa festa foi importante em Porto Alegre.

O naturalista Arsène Isabelle, passando por Porto Alegre, no início da década de 30 do século XIX, assim se referiu à festa do Espírito Santo:

> As festas do Espírito Santo (Pentecostes) celebram-se com pompa, como nos tempos do Concílio de Trento.
>
> As sacadas são guarnecidas de ricos tapetes de seda bordada com franjas de ouro; as confrarias azuis sucedem-se às vermelhas, estas às brancas, e esta às cinzas, etc. Cada uma leva relicários de santos, suntuosamente ornados, e, depois, durante três dias, vendem-se publicamente, ao lado da igreja, rosários, escapulários, galinhas assadas, pastéis, licores, etc. (ISABELLE, 1983, p. 64-65).

Nos inventários dos bens da irmandade do Espírito Santo, aparecem vários desses relicários de santos e ex-votos, como pagamento de promessa por uma graça alcançada.

Outro texto de Augusto Porto Alegre, citado por Dante de Laytano, na Enciclopédia Riograndense, dizia em 1909:

> As festividades de feição religiosa de diferentes formas tinham predileção especial: por isso é que foi sempre empolgante para o povo a celebração da festividade do Espírito Santo, que na capital tornava-se preocupação absorvente; sua realização data dos primeiros dias da exis-

o leite usava-se o vinagre, ao contrario do que se faz por aqui, onde o limão é utilizado para talhar o leite. Quase caiu no esquecimento entre os moradores atuais das ilhas, mas tem sido resgatado, como um doce típico. Informações repassadas pela pesquisadora Carla Marques Gomes, da Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul.

> tência de Porto Alegre e não somente alarma a população local como a dos subúrbios e lugares mais próximos. A movimentação que havia a propósito mostrava-se grande, servindo toda a azáfama do momento a um segundo divertimento; carretas de toldo de palha, carretilhas de coberta de madeira ou folha vinham gemendo por essas estradas todas que nos comunicam aos outros pontos, trazer à capital, em nuvens vermelhas de poeira, os foliões. Estes, em grupos, fixavam sua residência provisória na própria praça do Palácio, a fim de nada perderem da festança... Como acontece até agora, os atos da celebração da festa do Espírito Santo constituem permanente preocupação de todos, na impressão de dar-lhe desusado brilho; assim o tradicional encargo do festeiro, imperador chamado, fazia-se com uma seriedade inigualável. (LAYTANO, 1968, p. 63-64).

Em geral, as coisas sempre foram bastante misturadas: a fé e a tradição folclórica se fundem. Neste sentido, pode-se dizer que a festa do Divino, tanto nos Açores como nas demais regiões colonizadas por esses, consiste num conjunto de rituais oscilantes entre cerimônias religiosas e festejos profanos de comemoração do Espírito Santo, todos compreendidos como uma situação anual da prática de rituais católicos não eclesiais (folias) e ritos de Igreja (missas, novenas e procissões) e de trocas de bens e de serviços de produção de lazer (TEIXEIRA, 2013, p. 242).

Por outro lado, quem não se admira com a grandiosidade da procissão dos Navegantes, pelas águas do Guaíba, inicialmente, e mais recentemente, por terra?

Sobre a festa dos Navegantes, o padre Remi Maldaner, pároco e reitor do santuário de Nossa Senhora dos Navegantes, que nesse ano de 2022 completou 151 anos de realização, a devoção tem como origem a presença de antigos colonos açorianos na cidade. No século XIX, quatro casais encomendaram uma imagem de Nossa Senhora ao artista açoriano João de Affonseca Lapa. Em janeiro de 1871, após dois anos de trabalho na confecção da imagem, a mesma chegou a Porto Alegre e naquele ano foi realizada a primeira celebração de Navegantes.

Na época não havia uma igreja própria. Então, levaram para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, na Av. Independência. Nos anos seguintes, ela descia pela Rua da Conceição até o rio Guaíba e ia até o arraial do Menino Deus, via fluvial, porque lá era outro grande núcleo de moradores lusitanos.

Em 1875 foi lançada a pedra fundamental para o templo dedicado à Nossa Senhora dos Navegantes, no cruzamento da Rua Voluntários da Pátria com a Av. Sertório, onde hoje fica o santuário. A igreja construída em madeira, sofreu um incêndio em 1910, que destruiu tudo, inclusive a imagem de Nossa Senhora.

Três dos quatro casais voltaram aos Açores, em 1911, procurando o mesmo escultor para a realização de novo trabalho. A obra foi entregue em 1913, e, até hoje, é exibida no templo. No final da década de 1990, a imagem foi restaurada pelos técnicos da representação do IPHAN, no RS, quando foi criada uma redoma para sua melhor proteção e preservação.

A festa dos Navegantes evidencia um fato importante sobre a presença açoriana em Porto Alegre, pois quando ela iniciou, em 1871, já havia na cidade uma importante colônia de imigrantes alemães, chegados em 1824, que a historiografia sempre ressalta, por sua atuação no comércio e na industrialização do município e do Estado. Nesse contexto, a comunidade açoriana e portuguesa de Porto Alegre, sempre presente, mostrou sua força, se mobilizou e introduziu uma nova devoção na cidade, que se tornou, aos poucos, na maior festa religiosa da capital.

Esses fatos mostram que a poderosa presença imaterial açoriana está viva no cotidiano da cidade, mansa e indelevelmente.

Mas, deve-se falar, também, do legado material dos açorianos que para cá vieram.

O patrimônio material dos açorianos: os "impérios"

A primeira e mais antiga manifestação arquitetônica dos açorianos em Porto Alegre está ligada às suas tradições religiosas e às festas de Pentecostes ou do Espírito Santo. Delas, os artefatos arquitetônicos mais representativos foram os "impérios", ainda hoje existentes no arquipélago dos Açores.

Desses "impérios" se falará sob o ponto de vista histórico e de sua utilização no contexto dessas festas, em Porto Alegre, e das poucas referências arquitetônicas que se tem, através dos registros nos inventários da Irmandade do Espírito Santo e no livro de despesas da mesma Irmandade, além dos registros fotográficos, que chegaram até aqui.

> Há certo consenso em dizer que o culto do Divino, sob a forma de "Império", é uma expressão genuína do mundo lusitano, não havendo devoção similar no mundo cristão. Também que, principalmente nos Açores e no Brasil, este culto ainda guarda fidelidade às suas origens medievais [...]. (ROSSATTO. *Periódicos,* UFSM, 2005, p. 10).

A disseminação do culto do Espírito Santo, em Portugal, ocorreu na Idade Média, muito por obra da rainha portuguesa Santa Isabel e dos frades franciscanos. A devoção assenta-se na teoria do frade Joaquim de Fiore, de que após os reinados do Pai e do Filho, aproxima-se o império do Espírito Santo, caracterizado pela fraternidade dos povos.

Após mais de quinhentos anos e a decadência das festividades no Portugal continental, estas ainda subsistem nos Açores. Os estudiosos buscam explicações sobre a fidelidade dos açorianos ao Espírito Santo. Neste particular invocam a precariedade da vivencia em ilhas e a maior possibilidade de fugir ao controle da Igreja.

Nos Açores, a presença da Igreja no conjunto da festa é vista como importante, mas independente do apoio ou não do padre, a festa popular acontece da mesma forma (TEIXEIRA, 2013, p. 242-243).

Os "impérios" são pequenas construções de alvenaria, ou de madeira, onde se realizam parte das cerimônias das Festas do Espírito Santo e na qual, durante esse período, se expõem as insígnias (coroa do imperador, escolhido a cada ano, o cetro, as bandeiras, o espadim). Também ali se distribuem os pães na Festa do Divino e são servidas sopas no dia de Pentecostes.

Essa tradição foi trazida para o Brasil, e para o Rio Grande do Sul, pelos imigrantes açorianos que aqui chegaram em meados do século XVIII.

Os prédios dos "impérios", nos Açores, não têm uma tipologia definida, podendo variar de ilha para ilha. Na ilha Terceira alcançaram uma certa uniformidade tipológica, a partir do final do século XVIII. Assemelham-se a pequenas ermidas, com frontão triangular, encimado por uma coroa na qual pousa a pomba de asas abertas. As fachadas são de cores vivas (SIMÕES, 1987, p. 110).

Ainda nos Açores, em algumas freguesias esses "impérios" são construções efêmeras de madeira, muito populares, que produziram uma arquitetura vernácula, de grande impacto cultural.

Salienta-se que não se trata e não se tratava de uma capela, onde rezassem missas, mas de um pequeno altar ou oratório, onde se colocam as insígnias e de onde sai a procissão com o imperador, em direção à igreja, na festa de Pentecostes, ou do Espírito Santo, no sétimo domingo após a páscoa.

No Rio Grande do Sul existiram "impérios" em Taquari, Rio Pardo, Santo Amaro, Viamão, Triunfo, Gravataí, Santo Antônio da Patrulha, Cachoeira do Sul, Osório e Porto Alegre.

O único prédio original ainda íntegro é o de Triunfo, que se encontra na rua ao lado da Igreja matriz.

Em Santo Amaro, o prédio como "império" não mais existe. Ficava na rua ao lado da matriz, tendo sido descaracterizado, pois sua estrutura foi incorporada ao salão da igreja.

O de Gravataí, que ficava quase ao lado da igreja matriz de Nossa Senhora dos Anjos, foi construído antes de 1851 e demolido em 1922, para a construção do Ginásio Dom Feliciano (CRUZ, 2014, p. 40). As festas do Divino Espírito San-

to passaram, então, a se realizar dentro da matriz, inclusive com a coroação do imperador festeiro (CRUZ, 2014, p. 59).

Em Viamão, o "império" também se localizava ao lado da igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição e foi demolido há muitos anos, para a construção da casa paroquial.

A estreita ligação da festa e de seus festeiros imperadores com o clero local foi um diferencial importante em relação às festas dos Açores. Essa relação era visível, também, na localização dos 'impérios", quase sempre próximos ou ao lado da igreja matriz.

Em Porto Alegre, pelas pesquisas realizadas, sabe-se que houve três prédios que serviram de "impérios". Um primeiro construído em 1821, quando foi fundada a Irmandade do Espírito Santo. Esse prédio era descrito assim, no inventário da Irmandade daquele ano: "Hum império com paredes de tijolo, coberto de telhas, com vinte e três palmos de largo livres de paredes, e trinta e seis e meio de fundos, livres de paredes, com duas janelas e huma porta na frente" (Livro dos inventários da Irmandade, 1821, p. 1. Respeitada a grafia do documento).

Tratava-se, portanto, de uma pequena casa térrea, de planta retangular, com 5,26 m de largura e 8,23 m de comprimento (área de 43,29 m²), sem paredes internas, com duas janelas e uma porta na frente. No mesmo inventário não consta nada sobre a presença de um oratório ou altar no interior do "império". Era um prédio muito simples, do qual, infelizmente, não se tem maiores registros e os historiadores não o mencionam.

Em 1835, no livro de despesas da Irmandade, há quatro referências aos gastos realizados com a "*fatura do novo império*", sem maiores informações sobre como seria esse "império". Nesse mesmo ano, Porto Alegre foi invadida pelos farrapos, dando início à Guerra Civil Farroupilha, que durou 10 anos e praticamente paralisou as atividades construtivas no Rio Grande do Sul.

Em 1848, no livro de inventário da Irmandade, já aparece a seguinte referência *"huma casa de sobrado que serve de império"*. Nesse mesmo inventário há referencias a vários objetos de relíquias ou ex-votos, como "huma mão grande de prata; huma mão grande de pau; huma perninha de prata; hum pé de prata; huma orelha de prata". Consta também, pela primeira vez, uma referência à existência de um oratório dentro do prédio do "império".

Aqui cabe uma especulação, a ser comprovada: a existência de um oratório dentro do "império", em 1848, já seria uma evidência de que o mesmo teria sido elevado à capela? Não nos esqueçamos de que neste mesmo ano foi nomeado o primeiro bispo do Rio Grande do Sul, que iria tomar posse algum tempo depois, quando a matriz passou ao status de catedral. Apesar de não se ter encontrado

documentação sobre a elevação do "império" à capela, fica essa suspeita a ser verificada.

Em 1860, no mesmo livro de inventário da Irmandade, há a seguinte descrição: "Hum império com setenta palmos de fundo e vinte e quatro de frente, assobradado para os fundos e envidraçado".

Essa descrição corresponde ao segundo "império" de Porto Alegre e é o que aparece na foto, bastante conhecida, datada de 1864, em que o "império" está ao lado da matriz da capital.

Tratava-se da ampliação do primitivo "império", agora com 16,00 m de comprimento e 5,48 m de largura (área de 87,68 m2), um pavimento superior, na parte dos fundos e três portas na frente, como se vê na referida foto. Essa ampliação possivelmente é aquela referenciada no livro de inventário de 1835.

Esse prédio foi demolido por volta de 1880, para a construção do último deles, que é o mais conhecido, pelas fotos que o retrataram.

O terceiro "império" de Porto Alegre, cuja construção iniciou em 25 de março de 1882, segundo o livro de inventários da Irmandade, foi concluído em 1884 (SOUZA; MULLER, 2007, p. 68) e chamava a atenção por sua arquitetura. Era uma capela pequena, edificada no mesmo local do outro "império" ao lado da catedral (sede do bispado desde 1848), na esquina com a atual Rua do Espírito Santo, e tinha um altar no estilo gótico, como consta no mesmo livro.

Essa construção neogótica tinha uma única porta, com arco ogival, que abrangia quase toda a fachada do prédio, que media 6,6 m de largura por 15,4 m de profundidade (livro de Inventários da Irmandade), com uma área de 101,64 m^2. Era um pouco menor no comprimento e um pouco maior na largura que o "império" anterior. Seu acesso se dava por uma escadaria frontal e a fachada era encimada por dois pináculos laterais e um frontão sem base, culminando em arco ogival. Acima do frontão da capela, uma torre mais elevada, decorada, coroava o volume do prédio do "império".

Ao contrário de todos os demais "impérios" conhecidos nos Açores e no Rio Grande do Sul, o de Porto Alegre, de 1882, destoava completamente, pelo apuro formal, sendo sua arquitetura muito mais sofisticada que a dos demais.

Enfatiza-se que os "impérios" eram construções vernáculas e singelas, inclusive no Rio Grande do Sul. Essas características tinham a ver com a história do culto ao Espírito Santo, uma festa popular nos Açores, de onde veio a tradição para o nosso Estado.

Em todos os casos do Rio Grande do Sul, há uma diferença em relação aos "impérios" dos Açores: enquanto aqui houve apenas um "império" em cada uma dessas localidades citadas, nos Açores, havia e ainda há "impérios" em várias freguesias, na mesma cidade ou vila.

De todas as localidades que tiveram "impérios", somente a capital, Porto Alegre, tinha condições de ter mais de um "império", em função do tamanho de sua população.

Segundo Fabiano Santos, havia aqui um "império" muito simples, também na freguesia do Menino Deus (SANTOS, 2008, p. 4). Essa é a única referência encontrada sobre esse "império", que ainda está para ser melhor estudado.

Novamente questiona-se, após a construção do terceiro "império", em 1884, se esse prédio já servia como capela, ou seja, ali já se realizavam missas para a irmandade e a comunidade em geral, ou era um "império" tradicional, que só tinha um pequeno altar e a função era a de guardar as insígnias do imperador, nas festividades de Pentecostes.

Os viajantes que por aqui passaram citam a capela ou igreja do Espírito Santo após 1882, como foi o caso do médico veterinário português, Antônio Lopes Mendes, que dizia em uma de suas cartas, escrita em Porto Alegre, em 3 de abril 1883:

"A cidade compreende três paróquias: a da catedral, a de Nossa Senhora do Rosário e a das Dores; as igrejas dos Passos, a do Espírito Santo, a da Conceição, e a gótica capela do Menino Deus, ao sul da cidade". (NOAL FILHO; FRANCO, 2004, p. 196). .

Interessante esse relato, por tratar-se de um português, que não menciona um "império", mas uma igreja. Ele certamente conhecia a tradição açoriana das festas do Espírito Santo e mesmo assim não identificou o templo como um "império".

No final de maio de 1888, o escritor alemão Victor W. Esche descreveu Porto Alegre, assim:

> Vista da água, a cidade causa uma impressão extremamente vantajosa e singular, pois a crista do morro, sobre o qual se localiza Porto Alegre com suas casas de coloração clara, é ornamentada com as mais eminentes edificações da cidade. São elas: o palácio do presidente, a igreja principal – a Matriz (Nossa Senhora da Madre de Deus), o palácio episcopal, o teatro, a capela do Espírito Santo e o edifício do parlamento estadual (NOAL FILHO; FRANCO, 2004, p. 225).

Convém lembrar, que após a demolição do prédio neogótico, em 1929, para dar lugar à atual catedral, a Irmandade do Espírito Santo construiu uma capela, localizada na Rua José Bonifácio, ainda existente. Assim, a função original do "império" foi perdida ao longo do tempo, dando lugar a uma capela para os ofícios religiosos. As festas do Espírito Santo em Porto Alegre continuaram a se realizar, não mais com seus "impérios", mas nas capelas e matrizes da cidade.

Por último, sabe-se que há alguns anos houve uma tentativa de resgate da tradição dos "impérios" em algumas localidades. Cita-se, particularmente, Viamão, onde o pároco da igreja matriz tentou retomar essa tradição. O mesmo aconteceu em Gravataí e, de certa maneira, em Porto Alegre.

Esse fato, por si só, demonstra que os traços culturais legados dos açorianos, que aqui chegaram, continuam vivos nesse cadinho de cultura, que é o Rio Grande do Sul.

Moinhos e azenhas

É bastante conhecida a relação que os historiadores de Porto Alegre fazem entre a existência de moinhos de vento e de azenhas e a presença açoriana nos primórdios da cidade. A toponímia de dois de seus principais bairros, atestam, historicamente, a presença desses moinhos .

Cabe aqui um esclarecimento sobre esses moinhos. Enquanto os moinhos de vento eram movidos, obviamente, pelo vento através de suas pás cobertas com panos, as azenhas eram moinhos movidos à água, através de grandes rodas d'água. Também existiam as atafonas, que eram moinhos movidos à tração animal ou pela força dos escravos. Todos eram utilizados para a moagem de grãos de trigo ou outros cereais, para a produção de farinha.

Segundo o historiador Francisco Riopardense de Macedo,

> Porto Alegre, pelo nome de dois de seus grandes bairros, está ligada a estes velhos engenhos. As azenhas e os moinhos de vento foram ali usados no fim do século XVIII e começo do seguinte, para garantir, nas primeiras décadas da centúria passada (século XIX) , a maior produção de trigo do Brasil (MACEDO, 1973, p. 194).

O mesmo autor afirma ainda que,

> [...] havia dois moinhos de vento ao longo da estrada que ia para o passo d'areia e a Aldeia dos Anjos. Eles pertenciam a Antônio Martins Barbosa e foram demolidos pelos imperiais, durante a revolução farroupilha, em 1836. No ano seguinte, outro moinho foi construído, mais ou menos na área onde hoje está situada a Rua Ramiro Barcelos, entre a Avenida Independência e a Rua André Puente. (MACEDO, 1973, p. 76).

Em outro trabalho, de 2002, Riopardense de Macedo informava que, em documento datado de 10 de julho de 1772, enviado pelo Ministro Martinho de Mello e Castro ao Vice Rei do Brasil, Marquês do Lavradio,

> [...] promete a remessa de duas pedras de moinho e dois moleiros... No mesmo ano, em 20 de novembro, torna a se referir à excelência da farinha remetida e diz que o mesmo navio que levava sua correspondência levaria, também, construtor de moinhos Joseph da Silva Lumiar, com seu contrato e a relação dos materiais necessários à obra que igualmente seguiria" (MACEDO, 2002, p. 64).

Percebe-se, portanto, que o governo português estava enviando da metrópole, um construtor de moinhos ao Rio Grande de São Pedro, para que fosse ampliada a produção de farinha de trigo, por parte dos açorianos que aqui estavam.

A pesquisa realizada para esse trabalho constatou que a existência, no século XVIII, de moinhos de vento nos Açores e, particularmente na Ilha Terceira, é polêmica. Dois trabalhos recentes mostram como esse dado não é conclusivo. O primeiro é o livro de Luís Bettencourt, de 2008, que trata especificamente dos moinhos de vento nos Açores e diz:

> [...] todos os investigadores têm sido unânimes em aceitar o século XIX como período provável da construção dos mais antigos moinhos de vento dos Açores, pelo fato de existirem até então numerosos relatos acerca das atafonas (moinhos de tração animal) e das azenhas (moinhos de água), não acontecendo o mesmo em relação aos moinhos de vento. (BETTENCOURT, 2008, p. 10).

O segundo é a dissertação de mestrado de Cristina Mendonça Enes, e datada de 2020, que trata dos moinhos de água da Ilha Terceira. Nesse trabalho, a autora afirma: "A introdução dos mesmos na ilha deu-se logo no século XV, constando entre eles: as mós manuais,[4] as atafonas[5] e os moinhos de água, sendo este moinho o mais evoluído dos engenhos moageiros, dado que os moinhos de vento surgiram na ilha no século XVIII". (ENES, 2020, p. 79).

Por essas fontes, e levando em consideração o documento citado por Riopardense de Macedo, é bem provável que os moinhos de vento de Porto Alegre tenham sido construídos por um construtor português, vindo de Lisboa, em datas (parcelas de terra para cultivo) de açorianos, que viviam em Porto Alegre.

Infelizmente, não se conhece qualquer imagem original desses moinhos, para comprovarmos sua raiz açoriana, uma vez que eles eram diferentes daqueles existentes em Portugal continental.

O moinho de vento, tipo mediterrânico, grupo ao qual pertence a maioria dos moinhos de vento portugueses, tomou uma forma particular, distinta da do

4 As mós manuais podem também ser chamadas de mós de mão, mós de braço ou moinhos de mão.
5 A atafona, também chamada de moinho de sangue, é um moinho movido à mão ou por força animal. No Brasil é conhecido como tafona.

norte da Europa. De menor dimensão, são, geralmente, compostos por uma estrutura cilíndrica construída em pedra, com cúpula cônica de madeira (denominada capelo) e um número variável de velas de pano, cuja origem se pode associar ao velame das embarcações. Estes moinhos foram introduzidos em Portugal, ainda no século XVII.

Nos Açores há uma diversidade de moinhos de vento, introduzidos no século XIX, porém o mais comum é o denominado holandês existente nas ilhas de São Miguel, Santa Maria, Graciosa e, pontualmente, na Terceira. Estes moinhos definem-se essencialmente por um corpo tronco cônico fixo em alvenaria de pedra, de dois pisos, geralmente rebocado e caiado, onde se rasgam suas portas e janelas, coberto por uma cúpula giratória de madeira, acionada por um rabo exterior de três caibros, fixos a três barrotes salientes da armação do jogo, ou seja, da estrutura da base da cúpula. Essa, por sua vez, apresenta-se segundo duas configurações: oitavada piramidal e semi ovoide com bico. O velame parte de um mastro curto, e é sempre composto por quatro grades quadrangulares de réguas e travessas de madeira, nas quais eram aplicados os panos tendidos com a mesma forma (BETTENCOURT, 2008, p. 17-18).

Infelizmente, não se tem qualquer referência iconográfica para podermos tirar as dúvidas que ficam. As pesquisas feitas até aqui não confirmam a gênese açoriana dos moinhos de vento, que existiram em Porto Alegre, ainda no século XVIII, segundo alguns autores. O mais provável é que tenham sido moinhos de vento construídos por portugueses metropolitanos em propriedades de açorianos, para a produção da farinha de trigo.

Para a mesma produção, outro tipo de moinho existiu em Porto Alegre. Trata-se da azenha, movida à roda d'água e instalada na região próxima do arroio Dilúvio, no início do atual bairro da Azenha. Segundo Walter Spalding, a azenha pertencia a Francisco Antônio da Silveira – o Chico da Azenha, tendo ali se estabelecido por volta de 1753, onde plantava trigo (SPALDING, 1967, p. 206).

Os moinhos de água surgiram nos Açores, principalmente em Angra do Heroísmo, nos finais do século XV. Inicialmente foram construídos para levarem água potável às populações locais, e posteriormente serviram para moer o trigo. No final do século XVII já existiam 12 azenhas na região de Angra, que moíam trigo para fabricação de farinha (ENES, 2020, p. 70).

Portanto, quando os açorianos chegaram a Porto Alegre, na segunda metade do século XVIII, as azenhas já eram conhecidas nos Açores e puderam implantar também por aqui, como foi o caso citado.

As azenhas viriam a se tornar muito comuns no século XIX, com a chegada de correntes imigratórias de alemães e italianos. Porém, o que é interessante

no caso dos açorianos é que a azenha de Porto Alegre servia para a moagem do trigo, para fabricação da farinha, o que é sempre enfatizado pelos historiadores, como sendo o primeiro grande ciclo econômico da região.

Esses foram, no entendimento desse pesquisador, os principais bens materiais e imateriais que indicam, historicamente, a presença açoriana em Porto Alegre. Muitos desses aspectos aparecem também em outros municípios do Rio Grande do Sul, mostrando que a cultura açoriana ultrapassou o território da capital e está incorporado na cultura de nosso Estado.

Finalmente, cabe lembrar que Porto Alegre reverencia a chegada dos primeiros casais açorianos em dois marcos urbanos, próximos um do outro e não por acaso: a ponte dos açorianos e o monumento aos açorianos.

A ponte, conhecida como "dos açorianos" foi mandada construir pelo Duque de Caxias, em 1845, sobre o arroio que ali existia. Nesse local ficava o antigo Porto do Dorneles, onde desembarcaram os primeiros casais açorianos. Quando a praça foi construída, aproveitaram a ponte existente e foi feito um lago artificial (SPALDING, 1967, p. 201).

Próximo a esse local, em ponto visualmente privilegiado, foi colocado o monumento aos açorianos, um dos mais lindos monumentos de Porto Alegre, com seus 17 m de altura e 24 m de comprimento, de autoria do escultor Carlos Tenius.

Figura 1 – Ponte de pedra ou dos açorianos



Fonte: Foto do autor (maio de 2022).

Figura 2 – Monumento dos açorianos



Fonte: Foto do autor (maio de 2022).

Ambos marcos visuais da cidade (a praça com a ponte e o monumento) lembram o local da chegada dos casais açorianos a Porto Alegre, em 1752, e evidenciam que a cidade não esqueceu e não quer esquecer seu passado. Que assim continuemos a fazer!

Referências

BETTENCOURT, Luís. *Moinhos de Vento dos Açores*: novo papel na sociedade contemporânea. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2008.

CRUZ, Jairton Ortiz da. *A festa do Divino Espírito Santo em Gravataí/RS ao longo dos séculos XX-XXI*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

ENES, Cristina Mendonça. *Os moinhos de água da Ilha Terceira:* a influência do pão na arquitetura popular. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Beira Interior. Portugal. http://hdl.handle.net/10400.6/10575.

FERNANDES, José Manuel. *Angra do Heroísmo*. Lisboa: Presença, 1989.

LAYTANO, Dante de. Os açorianos. In: *Enciclopédia Riograndense:* Porto Alegre: Sulina, 1968, p. 41-72.

MACEDO, Francisco Riopardense de. *Porto Alegre:* história e vida da cidade. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1973.

MACEDO, Francisco Riopardense de. Moinhos de Vento no sul do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, n. 137, p. 63-68, 2002.

NOAL FILHO, Valter Antonio; FRANCO, Sérgio da Costa. *Os viajantes olham Porto Alegre (1754-1890).* Santa Maria: Anaterra, 2004.

ROSSATTO, Noeli Dutra. *Simbólica e mística do Divino*: remanescentes joaquimitas na cultura luso-brasileira. https://periodicos. UFSM.br.

SIMÕES, Manoel Breda. *Roteiro Lexical do culto e festas do Espírito Santo nos Açores*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987.

SOUZA, Célia Ferraz de; MULLER, Dória Maria. *Porto Alegre e sua evolução urbana.* Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

SPALDING, Walter. *Pequena História de Porto Alegre*. Porto Alegre: Sulina, 1967.

TEIXEIRA, Evilásio Francisco Borges. A devoção do Espírito Santo na cultura luso-açoriana. *Navegações,* Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 237-243, jul/dez. 2013

Fontes documentais

Livro de Inventários da Irmandade do Espírito Santo de Porto Alegre. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Livro de Receita e Despesa da Irmandade do Espírito Santo de Porto Alegre (1821-1890). Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

LEGADO CULTURAL DA CULINÁRIA AÇORIANA EM PORTO ALEGRE

Carla Marques Gomes[1]

O presente texto pretende fazer algumas reflexões por meio da História Oral sobre os caminhos que a gastronomia predominante em dois restaurantes mais antigos da cidade de Porto Alegre – povoado que recebeu muitos ilhéus dos Açores –, se interpassam com as raízes gastronômicas açorianas.

Os restaurantes são o Gambrinus e o Bar Naval, ambos situados no Mercado Público da capital do Rio Grande do Sul. Foram feitas três entrevistas com protagonistas da trajetória destes dois consagrados espaços do imaginário coletivo da gastronomia tradicional da cidade.

Os momentos das narrativas de lembranças, destes dois restaurantes, oportunizou a retomada de memórias sobre suas trajetórias, construindo assim novos sentidos e delineando um posicionamento com relação ao passado, dentro da temática abordada que era a da gastronomia oferecida nestes espaços, seus sabores, afetos e rituais, e sua interseção com as raízes da gastronomia açoriana. As três pessoas entrevistadas têm perfis variados, e se apresentam como sujeitos da elaboração deste texto. Através de anotações e observações apresento suas vozes e as falas aqui relatadas que revelarão a valorização e o reconhecimento destes depoimentos.

Entrevistado José Carlos Lopes Tavares

Natural de Hulha Negra, município do sul do estado Rio Grande do Sul, nasceu em 17 de abril de 1947. Trabalha há 40 anos no restaurante Gabrinus.

1 Natural da ilha Terceira, Açores – Portugal, formada em Matemática e Administração de Empresas e Técnica em Panificação e Confeitaria. Proprietária do Toque Açoriano, escritora do livro Rio Grande do Sul com Sabores Açorianos e Presidente da Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul, na gestão de 2018 a 2021. Gravataí/Rio Grande do Sul-Brasil.

O Gabrinus é considerado o restaurante mais antigo do estado e um dos mais tradicionais do Brasil. Foi fundado em 1889 por uma confraria de alemães que utilizavam o espaço para confraternizar e beber cerveja. Nos anos da década de 1960, uma família vinda de Portugal assumiu o controle do restaurante, e desde então o Gambrinus preserva suas origens, com sua gastronomia de influência portuguesa.

No cardápio predominam os pratos de frutos do mar, tais como filé de congro e linguado ao molho de camarão, além de filé de salmão com alcaparras e champignon. Bolinhos de bacalhau, filés de carne e pratos típicos regionais também são servidos neste espaço – bar e restaurante – que guarda as histórias de Porto Alegre.

Zezinho – a forma carinhosa como é conhecido o Sr. José Carlos Lopes Tavares – relata que na década de 1960, o estabelecimento era apenas um bar. Mas, após a compra, em 1964, pelos dois irmãos portugueses, Antônio Dias Melo, conhecido como "Antoninho", e João Dias Melo, ele iniciou suas atividades como garçom e recorda:

> Nesta época é que se começou a estruturar como restaurante, de uma forma pequena, porém muito acolhedora, atendendo mais famílias, pessoas que trabalhavam aqui pela volta, como bancários, corretores e outros profissionais. Eram oito mesas atendidas por dois garçons e o pessoal da cozinha. Os pratos mais especiais eram os de base de peixe, como o peixe rei frito e à doré, acompanhados com as batatas cozidas e salada mista, ou a moqueca de namorado ou de garoupa, peixes de carne firme, sendo que o segredo estava no tempero da casa. Até vinte anos atrás, um dos pratos com maior sucesso era um cozido que levava abóbora, batata doce, batata inglesa, cenoura, linguiça, peito de boi, coxão e carnes vermelhas firmes. Primeiro se trazia o caldo com pão, e depois era servido esses legumes com as carnes. E para acompanhar qualquer um desses pratos, um cálice de vinho branco ou tinto, conforme o gosto do freguês.

Ao ouvir este depoimento de uma culinária simples, mas muito saborosa, de combinações de ingredientes, aromas e sabores que contam a história e a cultura do povo de uma região, é inevitável remeter, por exemplo, ao cozido de Portugal, ao cozido dos Açores. Há quem refira que este prato nasceu devido à necessidade econômica das famílias portuguesas e açorianas. Segundo esta versão, no século XVII, alguém decidiu aproveitar as sobras das refeições e as carnes menos nobres, colocando-as numa panela a cozer para apurarem sabor. Geralmente, é servido numa travessa bem grande, deixando à vista a variedade de carnes, enchidos e legumes que lhe dão forma.

Em Portugal, o prato ficou alcunhado de "cozido à portuguesa", porque é, essencialmente, preparado com os produtos do país. Apesar deste fato, cada aldeia, vila ou cidade tem uma interpretação muito autoral da receita. Nas ilhas, mais precisamente nos Açores (ilha de São Miguel), o cozido é confeccionado dentro de uma panela, nas furnas de enxofre, na zona vulcânica. Este leva carne de vaca (chambão – proveniente da perna da vaca ou da vitela), carne de porco, frango, toucinho fumado e morcela e vários tipos de legumes. Os mais sensíveis a sabores e a cheiros intensos poderão não ser muito apreciadores desta versão, já que esta tem presente, em todos os ingredientes, um acentuado trago a enxofre, característica da zona vulcânica.

A receita até pode ter sido adaptada, mas, também é verdade, que foi bastante modificada pelos próprios portugueses. No caldo do cozido oferecido no restaurante Gambrinus, está bem presente o DNA das carnes e dos legumes. Por esse motivo, este prato se destaca nesta reflexão, pois ele viajou o oceano Atlântico e transcendeu as fronteiras gastronômicas.

Entrevistado Mauro Bernardo dos Santos

Natural de Lageado, ele nasceu em 16 de abril de 1956, e trabalhou 32 anos no Restaurante Naval, situado no Mercado Público de Porto Alegre.

O registro do Bar Naval, aberto pelo italiano Angelo Crivellaro, data de 1907, e tem mantido ao longo da sua história algumas características da época que o Mauro, nosso entrevistado abordou, que foi de 1979 a 2010, período que trabalhou como garçom e que era administrado, desde 1961, por dois irmãos portugueses – o Sr. Manuel Fernandes e o Sr. João Fernandes da Costa. Eles mantiveram, durante muito tempo, este centenário "bar", como era assim conhecido, com as suas características próprias e originais, como os seus pratos de peixe e frutos do mar com fortes referências da cozinha portuguesa e pela famosa rabada, e também pelo mocotó e feijoada de uma cozinha mais tradicional brasileira, muito apreciada pelos seus frequentadores.

Desde 2010, com a nova administração, seu cardápio é especializado mais em frutos do mar (comida mediterrânea) e comida portuguesa, se destacando na internet, com um dos cinco melhores restaurantes de cozinha portuguesa em Porto Alegre. Por outro lado, seu espaço físico mantém viva a história do restaurante, não meramente gastronômica, mas social, política e cultural, destacando como exemplo, a cadeira que foi usada pelo consagrado músico Lupicínio Rodrigues. É uma das muitas relíquias do restaurante, que até pouco tempo ainda era chamado de bar. Os quadrinhos – recordações dos seus 115 anos de movimento –, seguem nas paredes, mesmo depois da reforma da nova administração.

Mauro chega a apresentar o Naval como um ponto de encontro entre os músicos, pessoas culturais, artistas, políticos e formadores de opinião. Um ponto de encontro de personagens históricas de Porto Alegre, como destaca em sua entrevista:

> Era um bar restaurante que trabalhava com aperitivos, sendo que o prato chefe era o bolinho de bacalhau. Eu atendia com frequência o Lupicínio Rodrigues, na primeira mesa, que era de praxe. Ele chegava e nós já sabíamos o que ele queria. Éramos dois garçons: eu e meu colega. A esposa do patrão também trabalhava lá, junto com a cozinheira que preparava um peixe ensopado feito com bagre ou pintado que ficava temperado de um dia para outro. Deixava no vinho branco, e depois no outro dia pegava tomate, cebola, pimentão, alho, louro, pimenta vermelha moída, e cozinhava numa panela, aonde largava aquele suco maravilhoso. Acompanhava pirão com bastante temperinho verde, arroz, batata a vapor, salada mista, e era servido numa travessa. Era muito gostoso. Chego a salivar só de me lembrar.

Este relato, do passo a passo deste preparo, do carinho e afeto que temperavam esta comida tão simples, deste plano emocional trazido pelo entrevistado, transporta-nos para uma forma de cozinhar de matriz bem portuguesa, a chamada caldeirada. A caldeirada de peixe é um prato tradicional cheio de sabor, e que faz as delícias do paladar dos portugueses há gerações. Originalmente criado por pescadores, durante a faina, a caldeirada de peixe foi-se espalhando pelos lares portugueses, e ainda hoje se encontra entre os pratos mais reconhecidos e amados daquele país, inclusive nos Açores, aonde a diversidade e qualidade do peixe nos mares das ilhas permite confeccionar caldeiradas com diferentes sabores. Tradicionalmente, a caldeirada em Portugal, é um cozido, ou seja, uma preparação que não passa pelo refogado, cujos componentes básicos são diversas variedades de peixe, batata, cebola, tomate e pimentos. O tempero deste prato pode incluir apenas sal de cozinha e azeite, ou vários outros condimentos, como pimenta, colorau, salsa ou outros. A caldeirada pode ser mais ou menos líquida. Por vezes, ela é servida como uma sopa, e noutras regiões é frequente servi-la sobre fatias de pão ou com pedacinhos de pão torrado.

Desta forma e com esta explanação podemos dizer que ir ao Restaurante Naval é uma experiência histórica, não só por todas as experiências gustativas que o seu cardápio oportuniza, mas porque o local é histórico. Fica no centro histórico, em um prédio histórico e foi e é o ponto de encontro de personagens históricos de Porto Alegre. E qualquer outra experiência se tornará tão pequena para quem imagina os encontros que já devem ter acontecido em um lugar como o Naval. Já Felipe Costinha apresentava no caderno dos Destemperados – "Restaurante Naval: o prato principal é a história."

Entrevistada Solani Maria da Costa

Foi proprietária da Delicatece Cravo e Canela, é viúva do Sr. João Fernandes da Costa, ex-proprietário do Restaurante Naval.

Sula, como é tratada pelos amigos, trabalhou por 15 anos no então "Bar Naval", de 1980 a 1995, auxiliando o seu marido e o seu cunhado. Trabalhava no caixa, mas por diversas vezes "pilotava" a cozinha junto com a cozinheira. Foi Sula que trouxe ao Bar Naval, essa imigração do serviço de aperitivos e petiscos para o restaurante aonde seria ofertada uma comida, o que hoje é chamada de culinária afetiva, aquela comida que te desperta sentimentos bons, memórias de segurança e de afeto. Destaca que: "servíamos uma comida de verdade, aquela que nos traz aconchego. As pessoas sentavam, conversavam, comiam e se sentiam em casa. Muito trabalhei. Mas tínhamos prazer em servir bem".

Assim, a identidade da culinária servida no Naval, carregava essa conotação de comida caseira. No entanto, convém ressaltar que, naquela época, havia menos ainda registros das peculiaridades da cozinha regional portuguesa açoriana, na cidade de Porto Alegre. Isso favorecia a criação e adaptação de receitas ao gosto do cliente e aos produtos disponíveis no mercado. "Nós não servíamos somente bolinho de bacalhau, peixe frito, comida portuguesa. Servíamos mocotó, feijoada e dobradinha."

Neste sentido, o testemunho de Sula se revela um registro importante e representa um exemplo valioso de que os portugueses açorianos, ao chegarem ao Rio Grande do Sul, se depararam com um cenário totalmente diferente, no que se refere tanto aos ingredientes necessários ao preparo dos pratos, como ao público consumidor; estes ambientes se adequaram. As receitas e técnicas advindas do além-mar, na capital Porto Alegre, ganharam novas cores e dividiram espaço com as mais outras culturas existentes.

Considerações finais

Nos breves relatos trazidos nesse texto através das narrativas, é possível notar que as receitas, ao serem integradas à culinária brasileira, sofreram modificações. Porém existem semelhanças de ingredientes, de rituais e de afeto para o preparo dos pratos.

E como exemplo dessas possíveis modificações não poderia terminar o registro da pesquisa realizada, sem aproveitar a oportunidade para apresentar dois exemplos de sobremesas, tradicionais nos Açores, transmigradas para Porto Alegre e para o Rio Grande do Sul, que são – a ambrosia e o arroz doce ou tam-

bém denominado de arroz de leite –, que por essas mudanças resultaram novas texturas e novos sabores, que se fazem presentes nas mesas gaúchas.

A ambrosia, que foi a motivadora do livro "Rio Grande do Sul com Sabores Açorianos", é uma sobremesa muito popular e bem simples, feita com ovos, leite, açúcar, cravo, canela e limão. Cheia de pequenos granulados, no resultado final é repleta de emoções afetivas para quem a degusta. Porém, esta iguaria nos Açores é conhecida como "doce dos vinagres", exatamente porque o ingrediente utilizado para talhar o leite na sua elaboração é o vinagre, não o limão, como é bem tradicional na sua preparação no Rio Grande do Sul. Dica: os gruminhos se formam porque a receita não deverá ser mexida depois de adicionar os ovos, que irão coagular junto com o leite.

O arroz doce, ou arroz de leite, como é apresentado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, é uma iguaria muito presente na mesa da família açoriana, na família portuguesa, principalmente nas festas do Espirito Santo, onde se encerra o banquete da festa com esta delícia, como sobremesa. Seus ingredientes são idênticos nos Açores e no Rio Grande do Sul: arroz, leite, ovos (gemas), açúcar e limão que em fogo baixo vão passando por um processo de caramelização do açúcar com o leite e de cozimento do arroz e de incorporação das gemas. A casquinha do limão adicionada ao leite traz o ácido que irá acentuar e realçar o sabor doce deste preparo. Sua modificação está na textura final, sendo que no arquipélago se apresenta numa consistência mais incorporada, ao ponto de em algumas ilhas servirem à fatia na temperatura ambiente. Já no Rio Grande do Sul, o tradicional é mais cremoso e há quem ainda servia quente ou então gelado, opostos que agradam, e que polvilhados com canela ou não remetem à tão apreciada sobremesa açoriana.

Esta manifestação da cultura, preservada como tradição, muito presente na culinária familiar por meio da preparação de receitas típicas, que passam de geração em geração, é ainda pouco explorada no conhecimento e no entendimento de como tem acontecido o resgate e a preservação da cultura açoriana, no campo da gastronomia.

Assim sendo, espera-se que esta reflexão crítica seja capaz de despertar interesse na continuidade de uma estruturação de conceitos mais sólidos para o conhecimento das manifestações culturais açorianas no Rio Grande do Sul, mais especificamente, na culinária, a fim de contribuir para posteriores pesquisas científicas, ao indicar esta lacuna tão expressiva nesta respectiva área de conhecimento.

Nessa direção, registra-se o agradecimento aos entrevistados, por terem propiciado este estudo, de importância singular, pois no dia a dia a gastronomia é marca identitária dos povos.

Nesta pesquisa, reuniram-se representantes dos mais antigos restaurantes de Porto Alegre, que permitiram fazer conexões com a culinária açoriana, na chamada cidade conhecida, desde antanho, como o Porto dos Casais.

Fontes orais

Entrevista de José Carlos Lopes Carvalho concedida a Carla Marques Gomes em 17 de janeiro de 2022.

Entrevista de Mauro Bernardo dos Santos concedida a Carla Marques Gomes em 21 de fevereiro de 2022.

Entrevista de Solani Maria da Costa concedida a Carla Marques Gomes em 07 de março de 2022.

AÇORIANOS AO SUL: A CRIAÇÃO DE UM IMAGINÁRIO

Luiz Antonio de Assis Brasil[1]

1. Não cabe aqui, pelo tanto que se disserta, inclusive neste livro, historicizar a vinda dos açorianos para o Sul do Brasil. Suas razões históricas, o edital de D. João V, a travessia do longo oceano, as duras condições da viagem, a má repartição das terras, a fundação das primeiras cidades nesta Terra de Ninguém: sobre esses aspectos factuais, os estudiosos trabalham em profundidade, e decerto ainda retificarão alguns sucessos, descobrirão outros e irão interpretá-los à luz da ciência atual. Não me cabe, portanto, já que minha formação é outra, dedicar-me a ajudar a quem conhece suas atribuições e pratica com competência seus métodos.

2. Minha perspectiva é outra: a de quem, a partir de dados reconhecíveis como consolidados, pensa o fenômeno do povoamento açoriano a partir de sua inclusão no imaginário sul-rio-grandense [aqui denominado apenas como "gaúcho"], percorrendo um itinerário cultural e literário que começa na metade do século XIX e chega até nossos dias.

3. A polivalência semântica do vocábulo "imaginário" determina que se pratique uma escolha que terá seu quê de imprecisão, mas talvez útil ao que nos propomos. Assim, o imaginário, aqui, será entendido pelo repositório de conhecimentos e práticas identificadores de um povo, de uma região geográfica ou de um país. Poderá ser representada, além de outros itens, por narrativas, mitos consolidados ou personagens que se tornaram lendárias e carregam, igualmente, forte dose de afetividade. E aqui entra uma reflexão que será utilizada no que

1 Romancista e ensaísta. Doutor em Letras. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/Rio Grande do Sul-Brasil.

se escreve a seguir: certos itens do imaginário, talvez a sua maioria, serão um constructo intelectual, que encontram sua expressão nas obras científicas e artísticas, estas últimas mormente identificadas na literatura, na música, nas artes plásticas – enfim, peças em que há criação – e que agem com um papel que não apenas tenta representar, mas, nessa representação, inserem novos códigos de aproximação, de modo que, a partir de certo momento, já não se sabe o que é "real" e o que é simbólico.

Resume Pesavento (2005, p. 43): "O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social".

Assim, quando se trata do episódio açoriano, teremos de agir com muita largueza situacional, incluindo algumas ideias não-canônicas e, algumas, francamente acríticas.

4. No caso gaúcho, a criação do imaginário deu-se, como sempre acontece, pela via intelectual e, sem muito erro, podemos dizer, pela via erudita. No momento presente, esse arcabouço vem amplificado pelos meios de comunicação de massa, a que não são indiferentes os interesses econômicos, turísticos, etc. Tentaremos, a seguir, entender esse fenômeno em sua especificidade, mas, para tanto, precisamos retomar alguns índices da nossa formação histórica que são do conhecimento geral, e os repito apenas para manter certa linha de pensamento. Então: o território do sul do que chamamos hodiernamente de Brasil, durante um largo tempo, foi conhecido apenas como Terra de Ninguém, embora estivesse ocupada de modo muito rarefeito, é verdade, por escassas populações originárias e dispersas; nomeadamente, pelos índios charruas, de ricas práticas identitárias, mas que, naturalmente, circunscreviam-se às regiões onde se encontravam; difícil, portanto, pensar no desenvolvimento de um imaginário coletivo nesse período. Isso só veio a acontecer quando começaram a chegar os primeiros povoadores e colonizadores que traziam consigo referências consolidadas no domínio da cultura. Serão os "brasileiros" de mais ao norte e os povos platinos, que hoje constituem o Uruguai e a Argentina, pessoas que viviam sua dura vida e que, pela errância de sua necessária mobilidade territorial, não obtiveram a possibilidade de pensar em si mesmos e em cultura. Pode-se dizer, nesse sentido, que a formação de um pensamento abstrato criador surgiu apenas num período mais avançado do povoamento, quando surgiram algumas [poucas] instituições educacionais e eclodiram condições para o aparecimento de jornalistas, poetas e narradores, e aí temos obras primiciais surgidas pouco antes e logo após a Guerra Civil Farroupilha (1835-1845), esse evento catalizador de um pensamento.

Não podemos nos enganar, entretanto: esse pensamento era mais ligado às grandes vertentes doutrinárias, filosóficas e políticas internacionais do que dedicado a pensar numa espécie de imaginário gaúcho. Fora desse contexto, já havia um punhado de narradores e poetas, e coincidindo com a expansão da imprensa entre nós, começaram a criar jornais e editar livros que já discutiam nossa identidade gaúcha. Portanto, havia um caldo de cultura necessário para a fundação de agremiações letradas, e é incontornável trazer aqui, por sua persistência no tempo e fecunda atividade, o Partenon Literário, uma espécie de academia de letras fundada em 1868 e que chegou quase à República, verdadeira incubadora de ideias progressistas.

5. O Partenon Literário reunia a nata da intelectualidade gaúcha, na sua revista publicavam ensaios, poemas, peças teatrais, contos, fragmentos de romance e em suas reuniões discutiram os temas da atualidade internacional, mas também local. A cultura regional passou a existir como entidade a ser problematizada, e nesse caminho de tantos desvios, o Partenon passou a divulgar virtudes românticas – idealizadas, portanto – acerca do ser humano masculino do pampa, como detentor de qualidades positivas [ou assim se pensava], atribuindo-lhe atributos genéricos como honradez, valentia pessoal, lealdade, bravura. Tinham em que se inspirar; estava bem presente na cabeça dos acadêmicos o romance *A divina pastora*, do médico Caldre e Fião, publicado em 1847 e cujo tema é a Revolução Farroupilha, terminada dois anos antes.

Ali (CALDRE E FIÃO, 1992, p. 208) estão descritos os homens do campo:

> [...] a mocidade e o brilhantismo dos *monarcas das coxilhas.* [...] Os jovens respiravam o hálito da guerra e das cavaleirescas lidas do campo; suas roupas eram as originais da província, e seus adornos, a espada, a lança, o laço, as bolas e as pesadas esporas chilenas; suas faces eram rosadas e animadas da atividade da vida que lá se vive nos campos [...].

A personagem central é um desses guerreiros da Revolução que possuía todas as condições de ser elevado à condição de congregador de todos esses mitos positivos.

6. Foi o gaúcho uma figura que passou a existir não apenas num universo literário intelectual do Partenon, mas, com o tempo, expandiu-se a um modo de pensar compartilhado pelo público letrado e assim essa figura estilizada pela literatura ganhou foros de verdade. Foram abolidas todas as qualidades eventualmente negativas que descreviam o gaúcho como sendo um bandoleiro, um homem pronto a matar e ser morto. Assim foi criada, como um constructo inte-

lectual, a figura do gaúcho, e nesse ponto nunca é demais lembrar a afirmativa de Jorge Luis Borges acerca do pampa, lugar de habitação do gaúcho. Dizia o grande escritor argentino que o pampa era uma criação do intelectual urbano, e aqui colocamos o pampa como uma metonímia de tudo aquilo que cerca o gaúcho. Essa concepção arquitetada chega até nossos dias, preservada em organizações semioficiais que partilham o gosto e a prevalência das qualidades acima enumeradas. Entretanto, se pensarmos em obras canônicas da literatura do Rio Grande do Sul, veremos que essa mitologia foi sempre reforçada, sem que nada se contrapusesse até que surgisse a obra do psicanalista Cyro Martins, um primeiro exemplo de contestação dessa figura ideal do gaúcho do pampa, mostrando – e aqui estamos na década de 30 do século XX – a transformação acontecida nesse mito; o gaúcho, no dizer do próprio Cyro Martins, expulsado dos campos, vinha engrossar a coroa de misérias em torno dos grandes centros, passando fome, vendo as filhas restituírem-se, passando necessidades das mais variadas. Tudo isso foi representado na chamada *Trilogia do gaúcho a pé*, do mesmo Cyro. Então, se pensarmos nesse declínio da figura do gaúcho, não é difícil perceber o quanto criou-se um verdadeiro vácuo ontológico no imaginário do Rio Grande do Sul. Esse vazio, entretanto, veio, em meados do século XX, a ser preenchido por uma nova ideia, até então olvidada: a vinda dos povoadores açorianos. Aqui lembro de uma fala da personagem Flor, da comédia *La dicha por el desprecio*, de Lope de Vega: "Tornam-se novidades as coisas esquecidas". E os insulares estavam esquecidos, sim, jogados a um inexplicável limbo de 180 anos.

7. O povoamento açoriano, como já dito acima, é assunto bastante conhecido pelos historiadores e, diria eu, vem bem narrado neste livro e é razoavelmente sabido pela população em geral através das diversas mídias que, de tempos em tempos, tratam do assunto. Assim, retomo o que vinha dizendo: quebrando o limbo, surgiu, da década de 30 do século XX, uma obra de natureza ensaística, que foi o livro icônico *Casais*, de João Borges Fortes, em que, assumindo a voz do historiador, mas com verdadeiro instinto de narrador, procedeu ao inventário detalhado da vinda dos açorianos, acompanhado de um rico material genealógico. Desse instinto de narrador são prova vários momentos da obra, como quando, ao falar dos propósitos da coroa portuguesa na Terra de Ninguém, afirma: "Gente, gente e tempo, era indispensável para o preenchimento de tão grande tarefa" (BORGES FORTES, 1932, p. 13). Mas depois, num ímpeto nacionalista que prenunciava o Estado Novo de Getúlio Vargas, faz uma declaração de fé que hoje seria altamente contestada (BORGES FORTES, 1932, p. 15):

> Para o sul do Brasil a solução tinha aspecto diferente: não era bastante atirar naquelas terras os negros broncos dos resgates da África, que não poderiam realizar a obra transcendente de fixar uma civilização, sendo eles por sua própria natureza apenas instrumentos humanos de trabalho, incapazes de compreender o espírito civilizador de sua tarefa. A colonização exigida era aquela que se compenetrasse do importante destino que lhe ia caber, de prolongar a pátria lusitana nos desertos onde se ia instalar [...].

Digamos: esta obra de Borges Fortes, em que pesem esses pesares, foi um primeiro texto literário/ensaístico, mas de circulação geral, a propagar a existência do povoamento [ou colonização, como ele diz] insular aqui no Sul. É possível que outras obras, menores em ambição, tenham sido publicadas até aquele momento, mas é *Casais* que primeiro trouxe uma luz ao episódio e, ao mesmo tempo, colaborou para o embrião de um imaginário açoriano em nossa cultura. Transcorridos apenas 15 anos do livro de Borges Fortes, o escritor Erico Verissimo começou a publicar a sua trilogia *O tempo e o vento*, a obra fundadora da mentalidade gaúcha, verdadeiro painel de nossa História. No primeiro volume, "O Continente", aparece a primeira representação literária, com bastante fantasia, de um açoriano, que, entretanto, já não traz aquele componente épico de Borges Fortes, revelando-nos um imaginário mais doce, algo idealizado, mas perfeitamente humano; aí aparece uma espécie de metonímia dos açorianos, na figura do noivo da filha de Joca Rodrigues (VERÍSSIMO, 2013, p. 236):

> E no dia do grande acontecimento Santa Fé não falou noutra coisa.
>
> O noivo viera só. Era um moço baixo, quieto, de grossos bigodes negros e olhos mansos. Os pais tinham nascido na ilha dos Açores e possuíam nos arredores de Porto Alegre uma quinta onde cultivavam parreiras e hortaliças, faziam vinho, queijo e linguiça e criavam porcos e galinhas.
>
> A chegada do rapaz a Santa Fé causara alguma sensação. Qualquer forasteiro que chegasse, sempre era uma novidade que ocupava a atenção dos habitantes do povoado, onde a vida de ordinário se arrastava calma e igual. Mas aquele homem do litoral, que vestia e falava dum modo diferente das gentes do interior, de certo modo representava uma parte da Província, cujos habitantes não tinham ainda cortado completamente o cordão umbilical que os prendia a Portugal. Algumas famílias açorianas, cujos antepassados tinham chegado ao Continente de São Pedro, havia quase oitenta anos, mantinham ainda mais ou menos intatos os costumes das ilhas.
>
> O noivo da filha de Joca Rodrigues não sabia montar a cavalo com o garbo e o desembaraço dos homens do interior e da fronteira. E quando

> entrou no povoado, meio encurvado em cima dum petiço manco e cansado, seguido de dois escravos, um santa-fezense que estava parado à frente da venda do Nicolau, gritou, jovial: - Cuidado, baiano!
>
> E outro, mais adiante, vendo como o forasteiro se agarrava à cabeça do lombilho, não se conteve e exclamou: - Largue o Santo Antônio, moço!
>
> O recém-chegado sorriu. Tinha consciência de estar fazendo figura triste. Achava-se agora em meio de gente habituada a uma vida e a um tipo de trabalho que ele desconhecia quase por completo. Jamais manejara o laço ou as boleadeiras; não sabia domar potros nem parar rodeio. Meio encalistrado, distribuía cumprimentos amáveis para a direita e para a esquerda, como se quisesse comprar com essa afabilidade a tolerância daqueles gaúchos.
>
> Não levou, porém, muito tempo para se fazer estimado. Como a maioria dos ilhéus, era simples e alegre, duma alegria natural, sem fanfarronada nem barulho. Gostava de dançar, cantar, era econômico, firme nas suas opiniões e não se expunha a riscos em seus negócios.
>
> Apegado à terra, preferia - como a maioria dos homens de sua origem - uma vida sóbria e sedentária às guerras, correrias e aventuras. Era religioso, hospitaleiro e tinha um respeito supersticioso pela lei e pela autoridade.

A primeira obra literária brasileira tendo como fundo integral o povoamento açoriano no sul do Brasil foi publicada em Santa Catarina, e aqui evoco *Rocamaranha* e *Arca açoriana*: Rocamaranha II, de Almiro Caldeira, ambos do início da década de 60 do século anterior. Sem deixar de ser novela, portanto, obra de ficção, apresenta forte componente factual, explicável pelo caráter predecessor; depois dessa obra que considero relevante, no Rio Grande do Sul começaram a aparecer manifestações culturais que sublinhavam a quota açoriana no imaginário gaúcho, e como obra com intenção literária é publicada na década seguinte, em 1976, a novela *Um quarto de légua em quadro,* por acaso de minha autoria, que logo foi inserida nos currículos escolares do ensino elementar, nomeadamente no quarto ano, em que, nas aulas de História do Rio Grande do Sul, deveria ser tratado o povoamento luso no Estado, e eram escassos os matérias didáticos que tratavam do tema açoriano.

8. O que se observou, a contar de então, foi a luz sobre o limbo (ou "apagão") açoriano. As pessoas – salvo os historiadores, naturalmente – descobriram que o Rio Grande tinha um passado em que havia uma grande lacuna, um desconhecimento absoluto do que foi a saga açoriana. Os dois grandes fluxos migratórios

do século XIX, a saber, dos alemães e dos italianos, dos africanos e dos indígenas, já se haviam incorporado ao imaginário gaúcho, com valiosas obras artísticas, literárias, teatrais, teóricas e cinematográficas que os representavam e que merecem a atenção do público. Mas bem: a contar do período de que se trata, é que, quase de um momento para outro, uma legião de gaúchos de todas as geografias descobriu que descendia de açorianos e procurou saber mais e mais de suas origens. Cidades próximas de Porto Alegre, e a própria Porto Alegre, soube que foram fundadas pelos povoadores insulares, e passaram a saber de suas origens no Arquipélago, passando a receber apoio da Direção Regional das Comunidades, do governo regional dos Açores.

9. Essa [re]descoberta intelectual, que mais uma vez prova que o imaginário *é criado*, antes de ser *sentido*, veio a gerar numa sequência alvoroçada de um sem-número de representações da mais variada classe, com repercussões de natureza não apenas cultural, mas também econômica e turística. E coloco como um ponto catalizador dessa descoberta a criação do grandioso monumento aos açorianos, de Carlos Gustavo Tenius, que constitui hoje e desde a década de 1970, e, digo eu, mais bela representação internacional dos açorianos. Chegamos ao dia de hoje com um número sem fim de representações simbólicas da presença açoriana em nossa história e nossa cultura, e disso são prova nomes de prédios públicos como o Paço Municipal da capital, que foi batizado como Paço dos Açorianos, denominações de hotéis, nomes de ruas em Porto Alegre – até de uma ponte que, embora construída no século 19, passou a levar o nome de Ponte dos Açorianos. Fora de Porto Alegre temos várias referências, como a Casa dos Açores de Gravataí, a Rádio Açoriana, de Taquari, o Centro de Tradições Gaúchas, de Itajaí, em Santa Catarina. E, já em pleno século XXI, produziu-se um longa-metragem, quase uma superprodução, chamada de *Diários de um novo mundo*, com direção de Paulo Nascimento e atuação dos atores Edison Celulari e Daniela Escobar, uma adaptação da novela *Um quarto de légua em quadro.*

10. O que observamos, portanto, é que o imaginário gaúcho [sempre uma construção, reitero], foi acrescido, em meados do século XX, da vertente açoriana, o que favoreceu a composição de um tabuleiro de histórias que formam a cultura do Rio Grande do Sul, que, dessa forma, ampliou-se para uma multiplicidade de vetores que condizem com a desejada diversidade do mundo contemporâneo.

11. O gaúcho, assim, deixou de ser exclusiva representação do homem do campo de raiz platina, com seu rol de qualidades épicas – ou nem tanto –, pas-

sando a ser um ente composto, multicultural e com um ambicioso imaginário. Com essa evolução nos reconhecemos, sim, como gaúchos, mas com uma história que não começa no século XVIII, mas se emenda a todas as histórias de vários continentes, e se pensamos por exclusivo no legado açoriano, conecta-nos às Nove Ilhas, ao Renascimento, à Idade Média portuguesa, aos povos originários da Península Ibérica, ao Império Romano, e, enfim, conecta-nos com uma História que transcende o povoamento insular em nossas paragens meridionais, lançando-nos a uma corrente que nos liga, por excelência, àquilo que chamamos de Humanidade.

Referências

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Um quarto de légua em quadro.* Porto Alegre: Movimento, 1976.

CALDRE E FIÃO. *A divina pastora.* Porto Alegre: RBS, 1992.

FORTES, Borges. *Casais.* Porto Alegre: Edição do Centenário Farroupilha, 1932.

PESAVENTO, Sandra. *História & História Cultural.* Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento* – O Continente. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

A GERAÇÃO QUE ENSINOU OS GAÚCHOS A DANÇAR O PEZINHO

Carlos Tomé[1]

Sei de um ponto, algures, nesse imenso Atlântico, onde um colono açoriano se viu perdido de corpo e alma, chorou já com saudade das ilhas, desesperou de encontrar o Brasil do seu quarto de légua em quadro e amaldiçoou a sina de homem insignificante num povo sem fortuna, nem sorte.

Eu queria ir a esse pedacinho de mar para lançar uma hortênsia, dançar o "Pezinho" e tomar um mate. E, ao fazê-lo, queria que o colono pudesse ver esse meu gesto e o entendesse como sinal de alegria por ele estar ali, construindo o futuro de milhões de homens e mulheres, iniciando algo que fará dele um açoriano maior do que as ilhas onde nasceu.

E se descrente ele ainda ficasse, ao roncar da bomba eu oferecer-lhe-ia a cuia, reconfortá-lo-ia com o amargo quente do chimarrão. E talvez lhe dissesse, apontando o Sul escondido para lá do horizonte:

– Ali, há uma página da História onde inscreverás o teu nome. Trabalharás, construirás, lutarás, serás um rei no pampa quase tão imenso quanto este mar. Chamar-te-ão brasileiro, rio-grandense e gaúcho, sem jamais alguém esquecer que és açoriano. Louvar-te-ão, honrarão a tua memória, serão fiéis guardiães da tua herança. E irão cantar-te, amigo.

Sempre que vinha ao Rio Grande do Sul entregava-me ao pueril exercício de localizar esse ponto por mim imaginado num texto que escrevi há mais de uma década. À altitude de dez mil metros, a bordo de aviões da TAP, tudo o que os meus olhos viam era apenas mar, tornando possível qualquer escolha sobre onde colocar esse açoriano dividido entre os receios acerca do seu próprio futuro e um prenúncio de saudade da ilha natal. E sempre considerei injusto estar a caminho do sul do Brasil a quase mil quilómetros por hora, enquanto o tal

1 Jornalista e escritor. Ponta Delgada/São Miguel-Açores/Portugal.

açoriano se aquietava, em ansiedade, no bojo fedorento de um pequeno navio – quem sabe o "Jesus, Maria e José", ou o "Santa Ana e Senhor do Bonfim" – no meio de uma calmaria sufocante ou de uma tempestade medonha.

E sempre me comovia, sempre me deixava tomar por uma espécie de exaltação por partilhar com esse anónimo a mesma origem, por me orgulhar dele, por celebrar a sua coragem e por sentir ser meu dever de açoriano prestar-lhe a maior das homenagens ao meu alcance, enquanto jornalista: simplesmente, dar notícias dos seus feitos. Foi o que fiz nos últimos trinta e três anos.

Tudo começou em 1989. No Centro Regional dos Açores da Radiotelevisão Portuguesa, onde trabalhava, não hesitei quando me foi proposto realizar uma grande reportagem sobre os milhares de casais que decidiram partir para o Brasil em busca de um futuro melhor do que aquele que as ilhas lhes ofereciam.

Tive a felicidade de as pesquisas que desenvolvi me terem conduzido a *Um Quarto de Légua em Quadro*, de Luiz Antônio de Assis Brasil. Esse romance, o primeiro do premiadíssimo autor de mais de vinte livros, era também a primeira obra de ficção centrada nessa epopeia dos açorianos do século XVIII, nela descrita com detalhes suscetíveis de me ajudar na reportagem. E havia, pelo menos, um exemplar nos Açores! Tinha-o o historiador e genealogista Jorge Pamplona Forjaz, que, vim depois a saber pelo próprio, o guardava "a sete chaves" dado tratar-se de uma preciosidade. E era tanto o cuidado de Jorge Forjaz que, por vivermos em ilhas diferentes – eu em S. Miguel e ele na Terceira, "com muito mar entre nós" – se recusou a emprestar-me o livro. No entanto, cavalheirescamente, prometeu fotocopiá-lo, a expensas suas, e enviar o material por correio. O que fez em menos de uma semana. Estávamos a meados de janeiro. E a doze de fevereiro, havia um sol radioso, chegava eu a Porto Alegre. Recordo bem esse dia porque foi muito importante. Mudou a minha vida.

Vi que nunca mais seria o mesmo ao primeiro contato com a capital gaúcha e ao interiorizar a certeza de a grande cidade ter sido construída a partir dos paupérrimos casebres dos casais açorianos. Percebi que mudei ao percorrer cidades onde outros açorianos tinham chegado duzentos e cinquenta anos antes, deixando vestígios ainda hoje bem visíveis. A cada casa com as suas duas janelas, uma de cada lado da porta, em tudo semelhantes às que observo nos Açores, a cada janela com fecho em guilhotina, a cada cobertor de Mostardas, a cada rasto, bem presente, dos açorianos tão distantes no tempo e na lonjura, aumentava a minha convicção de estar a viver uma experiência que me exigia o melhor das minhas capacidades profissionais e o mais profundo sentido de açorianidade. Só assim estaria à altura desses açorianos, só assim poderia levar, de volta aos Açores, a notícia correta, justa, enxuta, da sua saga no Rio Grande do Sul.

Mas há o coração, há a emoção, há o sentido de pertença. E os propósitos do jornalista que era foram irremediavelmente ultrapassados pelos lugares e pelas circunstâncias. Primeiro, em Taquari; depois, em Triunfo; finalmente, em Porto Alegre. Três lugares onde pessoas, músicas, monumentos e ecos da História me tornaram mais apologista do que jornalista. Mas também mais açoriano.

Em Taquari, um rijo ancião, daqueles em que quase se pode ler o seu percurso de vida nas rugas do rosto, mantinha a funcionar uma atafona em tudo igual às dos Açores. Não via uma desde a meninice! Nem alguém me havia ainda dito, desde que chegara ao Rio Grande do Sul, ser descendente direto de açorianos. Ali, enquanto o velho gaúcho manobrava o mecanismo, ouvi-o dizer que herdara a atafona do seu pai, que a recebera do seu avô, em herança deixada pelo bisavô, e assim por diante, até, como ele disse com a maior das naturalidades, "um tetravô, que era açoriano". Os meus olhos ficaram rasos de lágrimas.

Outro golpe na minha prosápia de jornalista imune às emoções inopinadas da profissão ocorreu em Triunfo. Cheguei lá guiado por Santa Inèze da Rocha, presidente do Instituto Cultural Português em Porto Alegre, para gravar a atuação de um grupo folclórico. Grupo de jovens, muito jovens mesmo, a rondar os treze anos, e todos eles e elas envergando trajes que em nada, rigorosamente nada, se assemelhavam aos usados nos Açores. Profissionais, eu e os meus camaradas de equipa – o Manuel Cunha, na câmara, e o João França Mota, no som – escondemos a nossa dúvida. Que era legítima. Os rapazes até usavam botas com esporas, coisa nunca vista num grupo folclórico açoriano!

E eis que um deles grita "Atenção, gaiteiro! É o *Pezinho*"..., desencadeando algo de mágico que ainda hoje me provoca um arrepio. Dos instrumentos e das gargantas saíram sons familiares, comandando a multicentenária coreografia dos pés que quase se tocam, num bailar delicado tão caracteristicamente açoriano que tudo se tornou irreal. A cena desenrolou-se como se um vórtice do tempo a tivesse ido arrancar ao passado e ali a depusesse, incólume, vitoriosa sobre os estragos da distância e de todos os esquecimentos.

Naquele momento, em Triunfo, uma pequena cidade do Rio Grande do Sul, o estado mais meridional do Brasil, quem cantava e dançava o *Pezinho* era um grupo de jovens brasileiros nados e criados naquelas paragens, gaúchos de gema, dos Açores pouco ou nada sabendo. E a magia do momento só pode ser entendida, em todo o seu esplendor, se se relerem algumas páginas da História, se se tiver em conta que, após aquelas centenas de casais do século XVIII, nenhum outro movimento migratório levou açorianos para o Rio Grande do Sul.

O *Pezinho* resistira. Eu vi, e ouvi, fui testemunha da resistência de uma das manifestações culturais mais suscetíveis de se perder no tempo e na dispersão

por todo o Continente de São Pedro de uma comunidade que, sim, gostava de dançar o *Pezinho*, mas tinha outras prioridades. Desde logo, a da sua própria sobrevivência.

Senti, em Triunfo, ter ficado preso ao Rio Grande do Sul e ter, ao mesmo tempo, contraído uma dívida de gratidão. Soube, também, que a única forma de a saldar seria a de transformar aquele momento mágico em mais do que alguns minutos de televisão. Eu queria que, junto comigo, todos os açorianos sentissem dever algo muito importante aos homens e mulheres que tinham levado tão longe aquela música, aquela forma de dançar. Eu queria que os meus conterrâneos – que conheciam bem as correntes emigratórias para os Estados Unidos e para o Canadá, mas ignoravam esse enorme movimento de milhares de casais do século XVIII para o Brasil – os colocassem nas páginas da História dos Açores, os venerassem. A minha reportagem, decidi-o ali mesmo, iria intitular-se *A Geração Esquecida*.

Em Porto Alegre consolidei essa ideia. Com mais de um milhão de habitantes, a grande metrópole nada conservava do núcleo inicial da colonização açoriana. O camartelo, braço armado do progresso, fez ali o que tem feito pelo mundo fora, destruindo cegamente o que é velho e não tem já qualquer préstimo, mas também o que, sendo antigo e obsoleto, tem o mérito de manter desperta a memória coletiva.

Tem a Ponte de Pedra, cuja construção é posterior à chegada dos ilhéus chegados no século XVIII, mas que os porto-alegrenses designam de Ponte dos Açorianos em homenagem aos povoadores da cidade. Contrasta, pela sua arcaica simplicidade, com o moderno e imponente Monumento aos Açorianos, uma obra de grande beleza e de comovente tributo aos casais fundadores da metrópole gaúcha, não só por lembrar uma caravela composta por corpos humanos entrelaçados, mas também por lá estar escrito que "Jamais sonhariam aqueles casais açorianos que da semente que lançavam ao solo nasceria o esplendor desta cidade."

E resta o Paço dos Açorianos, que reservei como última referência por constituir um lugar de excelência para as minhas catarses de açoriano que por vezes maldiz dos limites do pequeno arquipélago onde nasceu e anseia por horizontes mais largos, por outras mundividências. Na Praça Montevideo, olho para o Paço e sinto-me acompanhado por gente dos casais também revigorada, no orgulho de ser açoriana, por essa reverência dos porto-alegrenses dos tempos modernos à sua memória, ao seu legado. Desvanecem-se, então, todas as dúvidas que por vezes me assaltam sobre a minha açorianidade. E sinto-me em paz.

Foi aqui, não por acaso, que concluí a minha reportagem em 1989, entrevistando Assis Brasil, o autor do livro que me motivou. Descendente dos açorianos do século XVIII – linhagem que declarou constituir, para ele, "uma honra e uma glória" –, quem melhor para fechar os trinta minutos de *A Geração Esquecida*?

A reportagem teve uma repercussão que ultrapassou todas as minhas expetativas. Exibida nos Açores e em Portugal continental, suscitou muita curiosidade à volta do tema. Por consequência, despertou apetites académicos no sentido de aprofundar estudos sobre a saga dos açorianos no sul do Brasil e, no que concerne às autoridades políticas, decisões no sentido de estreitar laços com o Rio Grande do Sul. Em suma, foi bem sucedida.

Nos trinta e três anos que entretanto decorreram mantive-me fiel à promessa que fiz. Sempre que tinha uma oportunidade, falava dos casais, da viagem temerária e perigosa que fizeram, das centenas de homens, mulheres e crianças que morreram, do desespero de muitos deles ao aperceberem-se das mentiras acerca dos prometidos quartos de légua em quadro, do falhanço da Coroa em disponibilizar-lhes alfaias agrícolas e, sobretudo, da miragem que era a garantia de uma vida próspera e pacífica. Encontraram, sim, dificuldades de toda a sorte e enfrentaram a guerra com os guaranis. Com muita coragem, arrojo e pertinácia, prevaleceram. Nas cidades ou na imensidão do pampa. Eram rijos, eram dos melhores açorianos.

Essa imagem – de gente que, como disse Camões, se foi "da lei da morte libertando" – consolidou-se nos Açores. Os nossos antepassados ganharam o lugar que lhes era devido. E não só nos manuais de História. Por proposta minha, a Câmara Municipal de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, a maior dos Açores, decidiu atribuir o nome de Rua Cidade de Porto Alegre a uma das novas ruas traçadas na capital micaelense. Também por proposta minha foi editado nos Açores *Um Quarto de Légua em Quadro*, e exibido, em Ponta Delgada, em estreia absoluta, o filme *Diário de um Novo Mundo*, filme baseado nessa obra.

Talvez por tudo isso – que sempre entendi ser apenas meu dever fazer –, a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul decidiu, em agosto de 2011, conferir-me a *Medalha da 53ª Legislatura*, e a Prefeitura de Porto Alegre achou por bem atribuir-me, no mesmo ano, o título honorífico de *Cidadão de Porto Alegre*. Mais duas razões para venerar os casais açorianos do século XVIII.

E é isso que continuo fazendo. Faço-o nas ilhas, onde procuro disseminar a ideia de que houve uma geração que merece um lugar destacado na História dos Açores, e faço-o aqui, nesta cidade que me adotou, comovendo-me ao olhar para o Paço e ao perceber que ele é uma de muitas expressões de homenagem e de gratidão do povo gaúcho aos açorianos. Um povo moldado num cadinho

onde entraram influências portuguesas, espanholas, italianas e alemãs, e que não pode, nem quer!, esconder que há nas suas veias gotas de sangue açoriano.

Quando trabalha e quando ri, canta, dança, o gaúcho é uma herança viva dos açorianos, que, num dia qualquer, esqueceram as desilusões, as canseiras e os perigos. E dançaram o *Pezinho*. E ensinaram os filhos a dançar...

Escrito frente ao Paço dos Açorianos, numa imaginária tarde amena.

A obra *Açorianos em Porto Alegre: História, Genealogia e Cultura* é, sem dúvida, um contributo muito relevante para uma leitura mais rigorosa da presença portuguesa/açoriana no sul do Brasil. Longe de se limitar a recuperar uma memória celebratória, a obra interroga essa presença através da história, da genealogia e da cultura, revelando percursos de povoamento, mobilidade e integração que permitem compreender de que modo homens e mulheres provenientes das nove ilhas dos Açores participaram na construção de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul.

O mérito desta coletânea de estudos está também em recolocar a experiência açoriana no quadro mais amplo da história portuguesa no Atlântico. Ao contrariar leituras simplificadoras e ao apoiar-se em novas fontes e investigação, a obra restitui densidade histórica ao fenómeno da diáspora açoriana e dá visibilidade a um legado que não pertence apenas à memória dos Açores, mas integra a própria formação histórica e cultural do Brasil meridional.

Susana Goulart Costa
Representante da República Portuguesa
para a Região Autónoma dos Açores

50 ANOS 1976-2026 AUTONOMIA AÇORES

600 anos descoberta dos Açores 1427 - 2027

GOVERNO DOS AÇORES

CAERGS Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul

CHC CENTRO HISTÓRICO CULTURAL SANTA CASA PORTO ALEGRE

ISBN 978-65-5699-515-1